Carlos Baptista Coelho

O CHRYSOSTOMO PORTUGUEZ

OU

O PADRE ANTONIO VIEIRA

DA COMPANHIA DE JESUS

N'UM ENSAIO DE ELOQUENCIA COMPILADO DOS SEUS SERMÕES

SEGUNDO OS PRINCIPIOS

DA ORATORIA SAGRADA

PELO PADRE ANTONIO HONORATI

Da mesma Companhia

Vereis as regras não sei se da arte ou do genio, que me guiaram por este novo caminho.

(VIEIRA, pref. do 1.º tom. dos *Serm.*)

QUARTO VOLUME

Sermões de circumstancias politicas e orações funebres e dois appendices

---

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª

68 — Praça de D. Pedro — 68

1880

O
CHRYSOSTOMO PORTUGUEZ

OU

O PADRE ANTONIO VIEIRA

DA COMPANHIA DE JESUS

N'UM ENSAIO DE ELOQUENCIA COMPILADO DE SEUS SERMÕES

SEGUNDO OS PRINCIPIOS

DA ORATORIA SAGRADA

PELO PADRE ANTONIO HONORATI

DA MESMA COMPANHIA

Verás as regras não sei se da arte ou do genio, que me guiaram por este novo caminho.
(VIEIRA, pref. do 1.° tom. dos *Serm.*)

QUARTO VOLUME

Sermões de circumstancias politicas e orações funebres e dois appendices

---

LISBOA
TYPOGRAPHIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
67, Praça de D. Pedro, 67
1881

A NAÇÃO PORTUGUEZA
MÃE GLORIOSISSIMA
DO PADRE ANTONIO VIEIRA
EMULO DE CHRYSOSTOMO
NA ELOQUENCIA
ESTE QUARTO VOLUME DOS SERMÕES
EM QUE O ORADOR LUSITANO
CELEBRA A RESTAURAÇÃO
FUNDA AS ESPERANÇAS
DECLARA OS DEVERES DA PATRIA
E CHORA A MORTE DE SEUS HEROES
EM TRIBUTO DE ADMIRAÇÃO
OFFERECE

O COMPILADOR

INTRODUCÇÃO

Primeiro que tudo cumpre-me agradecer os novos elogios do CHRYSOSTOMO PORTUGUEZ, devidos, depois da impressão do segundo e terceiro volume, á benignidade e cortezia dos distinctos litteratos, que os publicaram no *Commercio Portuguez*, 23 de março de 1879; *Ordem de Coimbra*, 7 de março de 1879 e 18 de fevereiro de 1880; *Civilisação* da Ilha de S. Miguel, 19 de julho de 1879; *Commercio do Minho*, 24 de fevereiro de 1880; *Nação*, 26 de fevereiro de 1880; *Progresso catholico*, 15 de março de 1880; *Conimbrecense*, 19 de março de 1880; e agradeço tambem quaesquer outros que não chegassem ao meu conhecimento.

Os sabios contemporaneos que vão dando as boas vindas ao CHRYSOSTOMO PORTUGUEZ, applaudindo o retorno da eloquencia vieirense e quasi rehabilitando-a com sua auctoridade, ao passo que abonam a minha compilação, me abrem o caminho para o fim que unicamente pretendo; que é, como disse nos outros prologos, acreditar o genero da homilia oratoria e promover o estudo das obras immorredouras do grande orador: por onde os louvores que se dão ao meu trabalho, sobre serem a mais larga recompensa que eu posso esperar dos homens, são tambem o auxilio mais poderoso que favorece o meu intento.

Sái hoje o volume, no qual (conforme adverti no segundo prologo) mais resplandece o genio creador de Vieira e a extensão dos seus conhecimentos, não só theologicos, historicos e litterarios, mas tambem politicos. Aqui teem os

estadistas o modo de concordar, os que o querem devéras, os interesses da patria e da religião. Verão como o grande Vieira póde ser não só christão catholico, mas fervoroso missionario e até jesuita, sem deixar de ser legitimo portuguez. Tanto é verdade que a profissão religiosa e o fervor da piedade não extinguem o amor da patria, mas o ajudam e o ennobrecem.

Tambem se avantaja o presente volume por uma propriedade que o torna mais accessivel que todos os outros ás mãos da mocidade: esta é pintar ao vivo grande variedade de scenas da historia nacional e encerrar na ordem e assumptos dos sermões um resumo dos acontecimentos que precederam e seguiram a restauração do reino.

Vai o volume dividido em duas partes, seguidas de dous appendices. Na primeira parte se conteem desenove sermões de circumstancias politicas: na segunda seis orações funebres. Guardei para o primeiro appendice outros sermões cujo estylo ou argumento não lhes deu logar nas series antecedentes nem o póde dar nas seguintes: para o segundo, os famosos discursos das *Cinco pedras de David*.

Declararei nas *Observações* que precedem os sermões dos dous appendices as particularidades que lhes dizem respeito: e não fallarei n'este prologo senão dos sermões da primeira e segunda parte; em cujos assumptos, por serem difficultosos de tractar como é conveniente á tribuna sagrada, julgo necessario declarar mais de proposito o methodo do grande orador portuguez e como póde ser imitado com proveito.

PRIMEIRA PARTE

Sermões de circumstancias politicas: isto é, deprecatorios pelo bom successo das armas de Portugal, eucharisticos por victorias, pareneticos nos perigos da patria, prognosticos de felicidades publicas e privadas, e finalmente genethliacos por nascimentos de principes, é toda a materia da primeira parte.

Declarar por extenso os preceitos de todos estes generos oratorios sería escrever antes um tractado de rhetorica que um prologo, cujo fim é fazer conhecer o livro que lhe dá o nome; e por isso não é tarefa d'este logar.

Accresce que o intento da compilação é apresentar aos portuguezes em materia de prégação um modelo em que considerem exemplificados os preceitos da arte sem o esforço da attenção que pedem as theorias abstractas; e para isso não se quer mais que analysar o modelo que se propõi, accrescentando alguma breve reflexão que ponha em relevo seu merecimento oratorio. Assim a um principiante de pintura se fariam attender as maravilhas artisticas de um quadro de Raphael; e assim iremos fazendo, ou antes o continuaremos a fazer, n'estes novos quadros oratorios do Raphael da eloquencia portugueza.

§ 1.º SERMÕES DEPRECATORIOS

São dous e foram prégados, um na Bahia em 1640, outro em Lisboa em 1645, o primeiro contra as armas de Hollanda, o segundo contra as de Castella. Ambos são eloquentissimos, ambos fundados na Escriptura com muita arte e nobreza, ambos respiram zelo ardentissimo do bem da patria, inspirado pelo mesmo zelo da religião; e se hou-

vera de decidir em qual dos dous se mostrou mais admiravel o genio de Vieira, eu diria que no segundo.

Um historiador francez (Padre Raynal) enlevado da maravilhosa eloquencia do primeiro, o chamou a oração mais vehemente e extraordinaria que se tem ouvido em pulpito christão. Talvez o erudito escriptor não tivesse conhecimento do segundo, o qual, sobre ter menos defeitos, não é inferior nas outras bellezas oratorias e revela mais genio no grande orador lusitano. Colhe-se do parallelo de um e outro.

No primeiro commenta o orador quasi todo o psalmo 43 *Deus auribus nostris etc.*, applicando-o á historia de Portugal e suas conquistas e principalmente á do Brazil; e insistindo na conclusão do mesmo psalmo, *Exurge quare obdormis Domine*, apresenta a Deus as razões por que todos confiam, que sua divina misericordia defenderá o Brazil das armas dos herejes hollandezes. Estas razões são:

1.° Que os successos prosperos dos herejes são occasião de escandalo aos mesmos herejes e aos gentios: porque os primeiros, se triumphassem as suas armas, diriam «que Deus está hollandez;» e os segundos, vendo protegidos com tantas victorias os inimigos da Egreja, prestariam fé ás suas heresias. Pois se Deus perdoou ao povo de Israel o castigo que merecia, para que d'este castigo não se occasionassem as blasphemias dos egypcios; como não perdoará ao povo christão, para que do seu castigo não se occasione tamanho escandalo?

2.° Quanto trabalharam e mereceram os portuguezes para conquistar aquellas provincias ao Evangelho! Logo foram elles enviados por sua divina Majestade como aposentadores dos herejes, para lhes lavrar as terras, edificar as cidades e depois entregal-as ás suas heresias?

3.° Que excessos não commetteriam esses demonios encarnados até nos templos, até contra o Sanctissimo Sacramento, se levassem a victoria! E isto é o que mais sente a piedade dos bahianos. Quantas almas se perderiam, se a

Bahia apostatasse! Póde haver argumento mais forte para o coração de um Senhor tão misericordioso, que a ruina das almas remidas com seu preciosissimo sangue?

4.º Emfim, se são grandes os peccados dos bahianos, infinitamente maior é a misericordia de Deus, em que confiam; e se o mesmo Deus se preza de manifestar a sua omnipotencia perdoando, como não haverão estes de espeperar soccorro de uma misericordia todo poderosa?

Esta argumentação, que é a parte mais sã do que vai no original, se é muito bella e pathetica, é tambem bastante obvia e não difficultosa de amplificar; porque todo o orador christão prégando em uma cidade sitiada por inimigos da fé, posto que não fallasse com a eloquencia de Vieira, teria com pouca differença os mesmos pensamentos.

Outras, porém, eram as circumstancias do segundo sermão; e por isso muito maior a difficuldade. Fallava elle contra as armas de Castella, isto é, contra o exercito de uma nação catholica a que elle devia o maior respeito, sobre tudo em quanto orador sagrado; e tractando-se de uma questão que não tinha nada que ver com a fé, fôra inconvenientissimo largar as redeas a invectivas contra o inimigo, e sobre os seus demeritos fundar a esperança da victoria. Aqui, pois, se manifestou todo o poder de genio do grande orador.

Aproveitando a occasião de prégar deante da rainha (pois o rei e toda a nobreza estava no campo de batalha) toma um trecho do livro de Judith no cap. 9; onde esta grande heroina faz oração a Deus para que livre a cidade de Betulia do exercito de Nabuchodonosor; e applica todas as palavras ao seu caso.

Com muita graça e dignidade põi a oração de Judith nos labios da rainha, para com a historia do triumpho d'aquella fundar as esperanças d'esta; e com ser muito animado do zelo do bem da patria, falla respeitosamente do inimigo e não dissimula os defeitos dos seus portuguezes. O seu fim é excitar o povo a unir-se com a rainha na

oração e emendar de véras a sua vida, se querem que Deus lhes assista n'aquella campanha. Por esta razão encarece primeiro que tudo o perigo; pois n'aquella guerra com a presença do rei e toda a nobreza estava empenhada a nação com todo o corpo e alma, e devia recuperar perante a Europa a boa opinião que alguns seus revezes tinham enfraquecido. Depois começa a despertar a confiança de que a oração da rainha será tão victoriosa como a de Judith; e por isso desfará tres difficuldades que se encontram para a victoria: ellas são: primeira, o menor numero contra o maior; segunda, a inferioridade da propria cavalleria; terceira, o inverno já entrado. Tudo confirma com exemplos tirados dos Livros sanctos; e com a inducção das proezas tão celebradas do valor portuguez faz esperar novas glorias n'aquella campanha.

Declara tres circumstancias que ha para esta esperança: a primeira é, pelejarem todos com corações amorosos e não com braços comprados; a segunda, estar em campo de batalha toda a nobreza e o mesmo rei; e por isso pelejar cada fidalgo com a memoria e brios dos seus antepassados e com o exemplo, que leva deante dos olhos, do proprio rei e restaurador do reino: a terceira e principal, marchar com o proprio exercito a justiça da causa. Confirma estes tres fundamentos da sua esperança com textos e exemplos da Escriptura, como é seu costume. Mas quando o grande orador acabára de alvoroçar todos os corações dos seus ouvintes com estas razões humanas, cái inesperadamente sobre elles com seu zelo apostolico; e lhes mostra que se não emendarem a propria vida, não ha fundar em razões humanas nem divinas a esperanca da victoria.

N'este poncto o orador se remonta á mais sublime altura da sua missão evangelica; e chega a declarar ao seu auditorio alto e bom som, que não emendando a propria vida ha para elle fundamento de temer e não de esperar. Mostra a Portugal que tem contra si em Castella um exercito de peccados; e a quem replicasse que tambem Castella tem outro

contra si em Portugal, treplica o orador que, quando muito, d'isto inferir-se-hia que se ambos teem peccados, ambos terão castigo: mas que ainda n'este caso mais deve temer Portugal, porque é mais ingrato. Logo emendar a vida é o unico meio de vencer; e fazendo desde já proposito de tal emenda e pondo-se todos na graça e debaixo da protecção do Senhor dos exercitos certissimamente que verão o cumprimento das promessas que elle fez a D. Affonso Henriques, fundador do reino, quando lhe disse que poria os olhos da sua misericordia na decima sexta geração attenuada: que é D. João IV o restaurador. Mas emfim reconhecendo o orador que não póde haver conversão sem auxilio da divina misericordia, péde-o em nome de todos a Nosso Senhor Sacramentado e acaba o sermão.

Que diz o leitor? Dó resumo de um e outro não infere que no segundo se mostra o genio de Vieira mais admiravel do que no primeiro? Pois vel-o-ha ainda mais claramente, se os cotejar como vão no original.

§ 2.° SERMÕES EUCHARISTICOS POR VICTORIAS

O fim d'esta prégação é dar graças a Deus e seus sanctos pelo beneficio da victoria de alguma batalha; e porque o primeiro dever do agradecimento é conhecer o beneficio, por isso não é fóra de proposito uma descripção viva e eloquente dos varios lances e perigos da peleja: na qual descripção não prohibe, antes pede a justiça que tambem ao valor militar caiba a sua parte. Mas attenda-se novamente o que notámos nos outros prologos, que vai grande differença de uma composição academica a um sermão. A primeira póde ir enfeitada de todas as flores de eloquencia sem ser fundada na Escriptura, a segunda, não; sendo que a tribuna sagrada não póde tractar argumentos de amor patrio, senão em quanto estes se prendem com a palavra de Deus, registrada nos Livros sanctos.

Quatro são os sermões de acção de graças que vão n'este quarto volume; um de Sancto Antonio, outro da Visitação da Senhora, o terceiro dos sanctos reis Magos, o quarto de Sancta Catharina.

Seus mesmos titulos declaram desde logo o estylo seguido; que é, enxertar a acção de graças nos louvores do sancto ou na explicação do mysterio. Mas para intender com mais clareza a arte com que o orador portuguez sabe variar em toda a occasião o methodo da homilia oratoria, de que nunca se afasta, é indispensavel dar a analyse comparativa de cada um dos mesmos sermões. A variedade alliviará o enfado da leitura.

No anno de 1630 alcançaram os habitantes da Bahia uma grande victoria dos hollandezes que a sitiavam. Prégou Vieira em acção de graças por esta victoria dous sermões, o primeiro no dia de Sancto Antonio e na egreja do mesmo sancto, contra a qual o inimigo tinha assentado os seus quarteis e baterias: o segundo no dia da Visitação da Senhora e na egreja da Misericordia, que era o hospital onde estavam recolhidos os soldados, feridos n'aquella guerra. No primeiro sermão espraia-se, como era natural, nos pormenores do combate para mostrar a protecção de Deus e de Sancto Antonio: no segundo toma occasião dos exemplos que nos deixou a Senhora no mysterio da Visitação, para provar que a Bahia era devedora d'aquella victoria mais á liberalidade de Deus e á fé dos sitiados, que ao valor dos seus guerreiros.

Quanto ao primeiro sermão o thema é tirado do 4.º livro dos Reis, cap. 19.º: *Protegam urbem hanc et salvabo eam propter me et propter David servum meum.* O exordio é solemnissimo com phraseado cheio de inspiração. O assumpto é mostrar nas palavras citadas historiada aquella victoria. Nada podia ser nem mais digno da tribuna sagrada, nem mais a proposito.

Prova o orador tão nobre assumpto, primeiramente de um modo geral, explicando o mesmo texto e applicando-o

á circumstancia; e depois descendo aos particulares do combate.

Na prova geral, observa que chamando-se a Bahia cidade do Sanctissimo Salvador e Bahia de todos os sanctos, pelo primeiro titulo pertencia a sua defeza ao Sanctissimo Salvador que lhe dá o nome, pelo segundo a Sancto Antonio, que por suas virtudes e dons celestiaes bem representa as jerarchias de todos os sanctos: por onde faz em resumo um lindissimo panegyrico do grande Taumaturgo de Lisboa.

Passando aos particulares do combate descobre uma relação que ha entre as palavras do thema e outras do capitulo 26 de Isaias: *Urbs fortitudinis nostrae Sion Salvator; ponetur in ea murus et antemurale.* No caso da Bahia o muro é o Sanctissimo Salvador, o antemural, ou as que hoje se chamam fortificações ou obras exteriores, é Sancto Antonio.

Quanto ao muro, o mesmo contexto do thema diz a maneira com que elle defendeu a cidade, e foi: primeiro, prohibir a entrada do inimigo: *Non ingredietur urbem hanc:* segundo, impedir-lhe que lançasse na mesma cidade as suas settas: *Nec mittet in eam sagittam:* terceiro, não lhe consentir que a pozesse de cerco: *Non circumdabit eam munitio.*

Quanto ao antemural, ha no mesmo contexto outra circumstancia que descreve em poucas palavras a sua defeza, dizendo, que obrigará o inimigo a tornar por onde veio; *Per viam qua venit, revertetur.* Compara o orador a Sancto Antonio com a Arca do Testamento, deante da qual se arredaram as aguas do Jordão; com Jacob que se mostrou forte, como diz a Escriptura, contra o mesmo Deus; com David que cortou uma nesga do manto de Saul; com Moysés que teve mão no braço de Deus para que não castigasse o seu povo; e para pintar mais ao vivo a fugida, indole e costumes dos hollandezes, torna a comparar o sancto com a Arca do Testamento no outro prodigio que esta obrou no templo de

Dagon, idolo que era meio homem e meio peixe e por isso a figura mais expressiva do povo de Hollanda. Outros textos de David veem muito a proposito para complemento d'esta pintura; e principalmente um de Isaias, pelo qual a fugida e vergonha do inimigo é assimilhada á de Sennacherib: similhança que dá occasião a uma chistosa anecdota que revela quão discreto e advertido era o general portuguez.

Concluida d'este modo toda a argumentação com que se provou que a victoria era devida á bondade de Deus e intercessão de Sancto Antonio, segue-se a obrigação de lhes agradecer um beneficio tão assignalado. Não deixa o orador de reconhecer a parte que teve na mesma victoria o valor dos capitães e soldados; mas diz que tendo elles merecido na defeza da Bahia tres coroas, uma civica, outra mural e a terceira castrense, todos, como os vinte e quatro anciãos do Apocalypse, as devem tirar da cabeça e lançal-as aos pés de sua divina Majestade; e pois a estes vinte e quatro anciãos se parecem particularmente os veteranos de Pernambuco, que debalde defenderam contra os hollandezes sete annos a sua Olinda, anima-os para que continuem confiando na protecção de Sancto Antonio; e assim como agora recuperaram a Bahia, assim recuperarão a querida cidade que fôra o alvo de tantos trabalhos.

Tal é a disposição oratoria do primeiro sermão; e tão maravilhosa a harmonia da parte historica com a de acção de graças e panegyrica.

Não menos admiravel é o segundo sermão, mas de fórma differentissima. O thema, tirado do evangelho da festa da Visitação, é *Unde hoc mihi*: palavras que o orador pôi nos labios da Bahia, referindo-as ao beneficio da victoria. A resposta a tal pergunta é o assumpto do sermão, que elle desempenha com uma argumentação muito simples, mas cheia de poesia.

1.° Faz que á Bahia admirada responda o valor militar, offendido de tal pergunta, como se podera ser duvidoso se

a victoria se devesse a elle, depois de ter obrado tão grandes proezas.

2.º Confuta esta pretensão, dizendo que Deus dá a victoria a quem é servido, conforme o declarou David á vista do jactancioso Goliat, e se viu na historia d'el-rei Amasias.

3.º Mostra que o mesmo Deus deu esta victoria mais á oração, que ás armas. Confirma-o com o exemplo de Moysés, que póde mais levantando os braços a Deus no monte, do que o seu collega Josué brandindo a espada no campo de batalha; e como no tempo da peleja toda a Bahia esteve em continua oração, não se deve affrontar o valor dos soldados (como não se affrontou o de Josué nem o de David) que se reconheça ter elle tido menos parte na victoria, que a oração da cidade. O poder da oração viu-se em Judas Machabeu: deixou de vencer, quando deixou de orar.

4.º Prégando na egreja do hospital da Misericordia com muita arte e engenho faz ver a parte que tambem tiveram na mesma victoria, primeiro os irmãos d'aquella casa, depois os pobres e doentes. Quanto aos irmãos, observa que sendo Christo victoriado, na sua solemne entrada em Jerusalem, com ramos de palma e de oliveira, a verdadeira imagem da victoria se deveria pintar não só em acto de empunhar a espada com a mão direita e a palma com a esquerda, mas tambem coroada de oliveira, que é o symbolo da misericordia. Quanto aos pobres e infermos, diz que defenderam a cidade com os ais dos seus padecimentos. Não ha cousa que mais commova o coração de Deus (canta David) que ouvir os gemidos dos pobres.

5.º Finalmente conclúi o sermão applicando o evangelho da Visitação ao facto da victoria: por onde sem afastar-se do assumpto, satisfaz ás obrigações da festa; e para fazer a Deus a devida acção de graças exhorta com S. Pedro Chrysologo a Bahia a imitar Judas Machabeu, dedicando aos pobres, infermos, orphãos e viuvas a parte principal dos despojos, com que merecerá outras victorias; e a ter deante dos olhos o exemplo da Virgem Senhora Nossa, de

quem diz Sancto Ambrosio, que vivendo n'esta vida mortal não fundava sua esperança nas riquezas caducas do mundo, senão na oração e intercessão dos pobres.

Tal é o theor do segundo sermão: e não ha quem não veja que comparado com o primeiro é tão differente na fórma, como identico no assumpto e egual na belleza.

Vamos ao terceiro, prégado na mesma cidade em dia de Reis de 1641, na festa que fez o marquez de Montalvão, vice-rei do Brazil, para dar graças a Deus pelas victorias e felizes successos dos primeiros seis mezes do seu governo. Temos já no mesmo assumpto uma terceira fórma que nada se parece com as duas precedentes.

Começa o orador notando que n'aquella egreja se pagavam em tal dia tres tributos: o primeiro pagavam-no os reis orientaes á Majestade do Divino Infante, humiliado no presepio: o segundo, os padres do collegio á saudosa memoria d'el-rei de Portugal D. Sebastião, seu fundador: o terceiro, o senhor marquez, vice-rei do Brazil, ao Senhor dos exercitos, protestando que a gloria das victorias que alcançara dos hollandezes se devia sómente a elle.

Declarado no exordio o primeiro e segundo tributo, toma o terceiro por assumpto do sermão, em cujo desenvolvimento vai naturalmente seguindo a ordem historica dos successos. Estes se reduzem a duas victorias: uma alcançada no Espirito-Sancto, outra no Rio-real.

Quanto á primeira, compara os seus successos ás duas espadas que S. Pedro apresentou a Christo Senhor Nosso na ultima ceia e á armadura que Saul offereceu a David antes do famoso desafio. A este proposito põi em relevo uma bizonharia dos herejes hollandezes, os quaes com movimentos tão abertamente estrategicos, fazendo conhecer os seus intentos, não se souberam mostrar por aquelles ladrões que eram. Mais avisado se mostrou Herodes, quando consultou os Magos ás escondidas, para depois surprender a Christo. Mas elles erraram por servir á Providencia de Deus que queria dar a victoria aos portuguezes.

Nota o orador que até aquelle tempo os fados do Brazil tinham sido como os de Sodoma e Gomorra e como hão de ser os do fim do mundo: muitos avisos e nenhuma prevenção. Não havia no successo do Espirito-Sancto mais de trezentos soldados portuguezes, dignos por esta victoria de comparar-se com os trezentos de Gedeão e com os Machabeus que marcharam contra Gorgias general d'el-rei Antiocho. No tal successo serviu-se Deus das armas dos herejes para os derrotar a elles mesmos. Assim o costuma fazer com seus inimigos. Notou-o S. Pedro Chrysologo a respeito dos reis Magos: as mesmas estrellas, que eram para elles objecto de superstição, os levaram ao presepio.

No tocante á victoria do Rio-real, alcançada, porque o inimigo se retirou, quando o exercito portuguez já não insistia na empreza, faz o orador comparação entre a fineza cavalheirosa de Joab para com o seu rei David e a do marquez vice-rei para com Deus: a qual foi desistir da empreza, quando estava certo da victoria, para deixar toda a gloria d'ella a sua divina Majestade. Observa com Sancto Ambrosio que não ha victoria verdadeira, senão quando os vencedores ficam todos salvos. Por isso quiz Deus que os Magos voltassem por outro caminho, evitando todo máu encontro com Herodes seu inimigo.

Em conclusão, ainda que o vice-rei e os soldados portuguezes concorressem tanto com sua prudencia e valor para os felizes successos da segunda parte do anno 40, que remediaram as desgraças da primeira; comtudo, á imitação dos soldados de Moysés, vencedores dos madianitas, querem que a gloria se dê toda a Deus em perfeito holocausto de agradecimentos: «penhorando, diz o orador, com tão liberal e piedoso desinteresse os favores da divina Bondade; para que a estes felizes principios respondessem fins felicissimos; e por estas primeiras victorias chegassem á ultima tão desejada.» Como remate do sermão funda esta esperança applicando á restauração do Brazil todo o evangelho da festa, para tractar d'elle mais de proposito segundo

o espirito da homilia oratoria; não obstante que no decurso do sermão tivesse já feito para a casa de Belem as suas excursões.

Resta a analyse do quarto sermão que vem a completar o quadro dos de acção de graças.

Estamos já em outro campo. Este quarto sermão tem mais de parenetico e encomiastico e menos de eucharistico, posto que tenha sido prégado entre as festas que se faziam em Lisboa por uma grande victoria.

O thema tem alguma extravagancia; porque se reduz á brevissima clausula *Ne forte*, tirada do evangelho das virgens. Ella porém não deixa de fazer sentido, posto que de um modo elliptico, nem se afasta do da Escriptura; e pois este sentido é o receio do futuro que tiveram as virgens sabias; quer o orador inculcar aos portuguezes, que não se desvaneçam da victoria, e que se acautelem do inimigo ainda mais que no passado. Este é o assumpto da parte parenetica do sermão, que é desenvolvido no modo seguinte.

Tomando o orador occasião da roda que foi instrumento do martyrio de Sancta Catharina, considera na mesma roda a da fortuna, e a compara com a roda do olleiro, cujo gyro viu Jeremias que fazia e desfazia reinos e imperios. Observa com Boecio que a fortuna adversa é mais util do que a prospera; pois nos engana menos. Explica as rodas do carro de Ezechiel; e depois com a queda do imperio dos chaldeus e com o incendio de Ludguno, destruida toda em uma noite, pinta ao vivo os repentes da fortuna, que destroem em um momento as maiores grandezas.

Exhorta os portuguezes a imitarem a Abrahão na prudencia com a qual, depois da victoria que alcançara dos quatro reis que tinham captivado a Lot seu sobrinho, temeu mais que d'antes. Confirma-o com as palavras que disse a Sesostris um dos quatro reis captivos que puxavam pelo seu carro, e com a pintura famosa de Polignoto, a qual representava um guerreiro coberto de seu escudo e no

meio de uma escada, mas em tal acção, que ninguem podia divisar, se subia ou descia.

Quanto á parte encomiastica, observa primeiramente que, como é prudencia nas cousas duvidosas e contingentes dizer *Ne forte*, assim dizel-o nas certas e infalliveis é a maior estulticia. D'este modo se abre o caminho a fallar da grande façanha que obrou Sancta Catharina, quando tomou sobre si a defeza da fé na côrte de Maximino. Compara esta portentosa ousadia com a de Jonathas, quando acompanhado só do seu pagem de lança foi accommetter de noite o campo dos philisteus; e com a de Caleb, quando de oitenta e nove annos se atreveu a expugnar o monte dos gigantes; e finalmente com a de Esther, quando se animou a interceder pelo seu povo ante o throno de Assuero.

Consequencia d'este seu grande accommettimento foi a conversão, primeiramente de cincoenta dos mais afamados philosophos do Oriente, façanha em que se póde ella comparar com S. Miguel: depois, da imperatriz, mulher de Maximino; e finalmente, de trezentos soldados romanos. Triumpha a sancta de tal modo, que a sua roda desarma sobre seus inimigos e espedaça o imperio romano. A Roma pagã cede o logar á Roma christã: e esta reina até hoje com Christo e seus martyres, e reinará para sempre.

No fim do sermão falla o orador da obrigação de dar graças a Deus, e mostra que o mesmo edicto de Maximino ensina quaes estas devem ser; pois elle mandava sob pena da vida, que se dessem graças aos deuses pelos beneficios com que tinham favorecido e prosperado o imperador. Grande seria o deslustre da piedade portugueza, se ella se mostrasse menos liberal e reconhecida ao verdadeiro Deus, do que foi um gentio, um Maximino, aos seus idolos.

Tal é a variedade da trama e urdidura d'estes tecidos oratorios, embora pertençam ao mesmo genero de eloquencia e tenham o mesmo fim. Em todos ha uso continuo de textos e imagens escripturaes, em todos se cinge o orador ao evangelho do dia; em todos tracta da festa e satisfaz

[illegible] Tão admiravel é e tão [illegible] a [illegible] do genio do nosso grande [illegible].

§ 3.º Sermões parenéticos em serviço da patria

São estes os sermões que mais entram em politica, ainda que são todos com a mesma proporção. O primeiro é o da Visitação da Senhora, prégado no hospital da Misericordia da Bahia, na occasião em que chegou áquella cidade o marquez de Montalvão, de quem se fallou no paragrapho precedente. Exceptuo o exordio e peroração em que se tracta do mysterio, o argumento de todo o corpo do sermão é inteiramente politico. Direi d'aqui a pouco o que se deve julgar de assumptos d'esta natureza.

Quanto ao merecimento oratorio d'este primeiro sermão, noto que elle é um dos mais notaveis de Vieira. Com uma eloquencia verdadeiramente demosthenica prova ao vice-rei, que o Brazil é um doente em perigo proximo da vida; e que o seu mal é falta de toda justiça, assim punitiva como distributiva; d'onde infére a necessidade de um prompto remedio. Com um largo trecho da segunda epistola de S. Paulo aos Corinthios faz a mais pathetica descripção do valor dos soldados portuguezes tão mal recompensado. Mostra que a raiz d'este mal é a cubiça dos ministros do governo, os quaes sobre serem ladrões cadimos, vão depois gastar na Europa o que furtam no Brazil. E porque este mal ameaçava a morte áquella desgraçada conquista, o vice rei devia o atalhar sem demora e energicamente, imitando o nosso divino Salvador assim no Sacramento da Eucharistia, onde nos dá tudo o que tomou da nossa natureza, como na visita que fez ao Baptista, sarando-o do peccado original sem alguma dilação.

O segundo sermão parenetiço em serviço da patria é o

de S. Roque, prégado na casa professa da Companhia de Lisboa no anno de 1642. Divide-se em duas partes; a primeira é panegyrica do sancto; a segunda é politica contra a pouca fidelidade dos portuguezes no pagamento dos tributos e a demasiada confiança que tinham no seu valor a respeito da guerra de Castella. Tendo mostrado na primeira parte com exemplos da vida de S. Roque e com analogias escripturaes a correspondencia maravilhosa de sua caridade com as nossas infermidades (adoecendo elle de peste para livrar d'este mal aos seus devotos) invoca a sua protecção contra as duas pestes moraes da segunda parte, as quaes são mais para temer, que as que gera a corrupção da athmosphera.

Declama contra a mesquinhez dos que não pagavam os subsidios da guerra promettidos nas côrtes precedentes; e depois de ter fundado as suas razões no evangelho da festa, no exemplo dos sanctos reis Magos, no de Christo, quando por meio de S. Pedro pagou o tributo a Cesar, e finalmente no castigo que o mesmo principe dos apostolos deu a Ananias e Zaphira, porque faltaram a este dever, conclúi que o acudir ás necessidades de seu senhor é um dever que o intendeu até o cão de S. Roque.

Passando á demasiada confiança, mostra que o desconfiar por cautela é prudencia e não cobardia. Assim desconfiaram Elias e S. Roque; e tal é documento que dá o evangelho da festa. Percebendo, porém, o orador que com todo este discurso desempenhava uma missão mais propria de um ministro de estado, que de um prégador, para tornar á altura do seu divino ministerio, vira improvisamente toda a argumentação contra aquelles que com seus peccados provocam a ira de Deus em damno da sua patria; e lançando novamente mão do evangelho observa com Tertulliano, que confiar em Deus offendendo-o é venerar um attributo com injuria de outros, é presumil-o tão misericordioso que possa ser menos bom. Applica a Portugal as ameaças que fez Deus a Tyro; e nota que os hebreus fo-

ram libertados por afflictos e castigados por ingratos, e que assim o serão os portuguezes, se não fizerem penitencia invocando a protecção de S. Roque.

Prégado este sermão tão cheio de amor da patria, não se passaram muitos dias, que se abriram novamente as côrtes; e em vespera d'esta abertura, voltando o orador á tribuna sagrada, ou fosse por seu zelo particular, ou por impulso que lhe vinha de mais alto, tornou a tractar o mesmo assumpto; e porque o sermão havia de ser em louvor de Sancto Antonio, considerou elle o Taumaturgo portuguez como procurador enviado do céu ás côrtes do dia seguinte. Tendo o evangelho *Vos estis sal terrae*, resume todo o arrazoado do Sancto em ordem ao bem e conservação da patria aos ponctos seguintes:

1.º Devemos ser como os apostolos não só pescadores, senão tambem sal e sal effectivo, melhorando os remedios da conservação do reino, que não foram acertados nas côrtes precedentes. Tal foi o estylo do Divino Mestre na prégação do seu evangelho.

2.º Estes remedios peccaram na violencia. Sejamos sal que conserva e mais tempéra: por isso fez Deus adormecer a Adão para lhe tirar a costella com que formou Eva; e esta foi a divina politica de Christo, quando mandou pescar o peixe que trazia na bocca a moeda do tributo, para com este não gravar os apostolos.

3.º Os tributos para serem suaves devem carregar sobre todos. Os apostolos não são chamados sal só de uma casa, ou familia, ou reino, mas de toda a terra. Por isso é chamado suave o jugo da lei de Christo.

4.º Paguem estes tributos os tres estados do reino, deixando cada um de ser por eleição o que é por natureza. O ecclesiastico deixe de ser o que é por immunidade e pague o tributo por liberalidade, como o pagou S. Pedro. Abiathar dá a David e seus soldados os pães de Proposição e o Divino Mestre louva esta acção do sacerdote. Os reis portuguezes, que foram tão liberaes para com a Egre-

ja, merecem esta correspondencia. Imite o estado ecclesiastico a el-rei Ezechias, que empregou os thesouros do Templo para defender a cidade de Jerusalem contra o exercito de Sennacherib.

5.º A nobreza isenta por privilegio pague o tributo para evitar o escandalo. Quanto mais que suas commendas são bens da coroa. Imite os rios que tornam ao mar. Conserve o rei a quem levantou ella mesma. Faça o que fez o Filho de Deus a respeito de Adão: elle o creou e elle mesmo, depois de caido, o levantou.

6.º O povo está obrigado a pagar os tributos; pois estes caem sobre os que menos podem. Comtudo não o exhorta o orador ao cumprimento d'este dever: antes lhe péde perdão. Merece este povo os louvores que o Esposo Divino dá aos passos da Esposa: pois os pés da monarchia são o povo.

7.º Finalmente recapitula o zeloso propugnador dos interesses da sua patria as propriedades do sal consideradas em todo o sermão; e as refere ao apostolado do seu sancto, para de algum modo satisfazer á obrigação de panegyrista antes de acabar o sermão.

Mas é conforme, dirá aqui o sizudo leitor, á divina missão de prégador evangelico entrar tão de proposito em assumptos de politica?

Perguntando-se varias vezes ao veneravel Frei Luiz de Granada, qual era o seu parecer na questão que em seu tempo se tractava pela morte do cardeal-rei D. Henrique, sobre o direito de successão á coroa de Portugal; se esta pertencia á senhora D. Catharina duqueza de Bragança, se ao senhor D. Antonio prior do Crato, ou a Philippe II de Castella, respondeu sempre: Eu não sou castelhano nem portuguez; sou frade de S. Domingos.—Discreta e apostolicamente dicto; porque se um ministro evangelico não fôr sobranceiro ás vicissitudes da politica e não attender *unicamente* ao ministerio da salvação das almas, não terá a independencia que é necessaria para o desempenho d'esta divina missão.

Porém não o intendeu sempre assim o nosso grande orador (confessemol-o, pois se está vendo nos seus sermões). Mas qual foi o pago que recebeu por estes serviços mais de ministro que de prégador? Muitas tribulações, muitas amarguras e muitos arrependimentos. Nem por isso o quero eu deixar sem desculpa. Nascera elle estadista; por onde não deve admirar que se deixasse levar por seu genio á politica um pouco mais do que convinha. Tambem não duvido que alguns dos taes assumptos lhe fossem encommendados pelo proprio D. João IV, a quem sabemos da historia quão perigoso era contradizer. Digo mais que o empenho de promover a restauração da sua patria elle o tomava não só como dever de portuguez, mas tambem como officio de prégador; pois estava persuadido que quanto prégava das futuras grandezas de Portugal e quanto fazia para que se realizassem, tinha fundamento remoto nas prophecias da Escriptura e proximo nas promessas que o mesmo Nosso Senhor Jesus Christo fez a el-rei D. Affonso Henriques, quando lhe disse: *Volo in te et in semine tuo imperium mihi stabilire ut deferatur nomen meum in exteras nationes.*

Como quer que seja, concluo que não póde ser imitado n'este poncto, senão em extrema necessidade e com a maior cautela, tendo deante dos olhos o que advertiu discretamente o religiosissimo Padre Bernardes (*Nos ultimos fins do homem*, livro 2.º, discurso 2.º) «que esta tal materia não é para todos os tempos, nem para todos os auditorios, nem para todos os prégadores.»

§ 4.º SERMÕES PROGNOSTICOS DE FELICIDADES PUBLICAS OU PRIVADAS

Um dos mais luminosos documentos da piedade e religião de outro tempo são os sermões d'este volume. Receios e esperanças, luctos e regosijos, interesses publicos e privados, tudo os nossos antigos levavam ao templo, reconhe-

cendo que Christo Senhor Nosso é principio e fim de todas as cousas e fonte de toda a felicidade. Outro, porém, é o estylo do tempo presente, outro o gosto, assim como outros os principios. O que então se levava aos templos, hoje se leva ás praças e aos theatros: os soccorros que então se pediam á graça de Deus, pedem-se hoje á prepotencia dos homens; e com uma especie de atheismo social tudo se dispõi como se Deus não existira ou não governára o mundo. Por isso é que apezar dos decantados progressos da sociedade moderna, nunca esteve ella tão persuadida da sua infelicidade, como em nossos dias: por signal que nunca houve entre gente baptizada tão grande numero de infelizes que se deixassem levar do desespero a tirar-se com suas mãos a vida, como no tempo presente. É que a seiva vital da sociedade vem do terreno da religião, em que a plantou o celestial Agricultor; e por isso, arrancada d'este vivifico terreno, é força que se seque, apodreça e se dissolva.

Analysando os sermões dos paragraphos precedentes temos visto de que modo a nação portugueza se inspirava nos seus magnificos templos para as gloriosas emprezas que a fizeram tão celebre na historia; e como fortalecia suas esperanças e despertava seus brios religiosos com a prégação do grande Vieira. O mesmo será provado pela analyse dos do presente paragrapho e do seguinte.

Os sermões prognosticos de felicidades são cinco. O primeiro é o de bons annos, prégado na capella real no anno de 1642. Os outros quatro são os do dia natalicio d'el-rei D. João IV, do principe D. Affonso, e da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, prégados na mesma capella nos annos de 1642, 43 e 68. Em todos, não deixando o orador de fallar no sancto ou mysterio da festa, explica o seu evangelho em relação ao intento de prognosticar felicidades; e o faz com estylo mais ou menos solemne, segundo as circumstancias do sermão.

Intitula o primeiro — Felicidades de Portugal, juizo dos annos que veem; — e segundo este duplicado assumpto vai

explicando e applicando o evangelho e mysterio da Circumcisão, primeiro ás felicidades de Portugal, isto é, á sua restauração; e depois aos prognosticos que n'ellas se fundam de sua futura grandeza: observando que assim como a promessa que Deus fez aos portuguezes por S. Frei Gil, religioso dominicano, se verificou na primeira parte que promette a restauração, assim se ha de verificar na segunda, que promette as glorias futuras. É a argumentação que faz S. Mattheus fallando do Divino Infante que foge para o Egypto. «Para se cumprir, diz elle, a prophecia: Do Egypto chamei o meu Filho.» Verificada a primeira parte, que fallava da fugida, não podia deixar de verificar-se a segunda, que fallava do retorno: pois funda-se uma e outra na mesma divina infallibilidade. Sendo este o primeiro sermão com que Vieira estreou a sua carreira oratoria em Portugal no maior alvoroço da sua restauração, não é para admirar que seja um dos mais pomposos no estylo e mais animados do zelo da patria independencia.

Menos solemne é o segundo e terceiro sermão, que elle prégou na festa de S. José, dia em que fazia annos D. João IV, que tanto o honrava de sua amizade: por isso lhe falla com toda a familiaridade de uma pessoa de casa.

No primeiro d'estes dous sermões faz sobresair a providencia de Deus em guardar a vida ao rei restaurador antes e depois da restauração, como a guardou S. José ao recemnascido Redemptor e Rei do mundo. No segundo falla principalmente das qualidades reaes do mesmo restaurador para d'ahi deduzir: que o Sancto Patriarcha o protegerá no futuro, como o protegeu no passado.

No sermão natalicio do principe D. Affonso faz, como elle diz, doutrina da occasião, ensinando como se devem conservar os beneficios de Deus a respeito da restauração. Já se vê que esta doutrina a deve tirar do evangelho da festa que se celebrava em honra de S. Roque: entra mais francamente em politica, e falla com o mesmo intento e li-

berdade que nos de Sancto Antonio e S. Roque, analysados no paragrapho superior.

Finalmente de muita importancia historica e litteraria é o que o orador preveniu, mas por doença não pôde prégar nos annos da rainha D. Maria Francisca de Saboya. Teve por fim, ainda que muito dissimulado, salvar perante a historia e a nação portugueza a honra da rainha, divorciada do rei D. Affonso e depois casada com o infante D. Pedro, e grangear-lhe o amor e obediencia do partido do rei deposto. A disposição oratoria de todo o discurso merece particular attenção.

Prégando o orador no dia de Pentecostes e tomando por thema *Spiritus Paraclitus ille vos docebit omnia*, declara desde o principio que o seu assumpto é dar graças e pedir graça: dar graças pelas felicidades do anno que corria, e pedir graça para os annos vindouros. Explica n'este proposito quaes são os dias longos e quaes os grandes, e porque Jacob chamou os seus annos pequenos e máus.

Fecha o exordio dizendo: Que o mesmo anno era anno de Deus consolador, *Spiritus paraclitus;* e anno de Deus mestre, *ille vos docebit omnia;* anno de Deus consolador, porque sarava as desconsolações de Portugal; anno de Deus mestre, porque ensinava os seus remedios. Com este assumpto fica o sermão naturalmente dividido em duas partes.

Quanto á primeira, tendo sido tres as grandes desconsolações de Portugal: a guerra, o casamento e o governo, faz ver o grande orador:

1.º Que a guerra acabou com a maior gloria do nome portuguez, porque tendo-se combatido com Castella, como Jacob com o anjo, não se pediu paz: só acceitou-se nas circumstancias mais favoraveis de tempo e logar e com o maior decoro da mesma paz: *Sedebit populus in pulchritudine pacis* (Isaias). O anjo pediu paz a Jacob, porque (disse) já vem apparecendo a aurora. A aurora da paz de Portugal foi a princeza de Saboya.

2.° Que o casamento concertado com acerto, mas conseguido com pouca ventura, se emendou enxertando-se no ramo fecundo o garfo generoso da arvore real de França, que se enxertára erradamente no ramo seco e esteril. Seguiu-se esta emenda á sentença da nullidade do matrimonio, para que não se podesse murmurar da sua validade com perigo de receber o castigo que deu o mesmo Deus a Maria, irmã de Moysés, por ella ter murmurado do casamento de seu irmão. O effeito mostrou o acerto da segunda enxertia.

3.° Que ao governo, tão lastimoso para os de dentro, como glorioso contra os de fóra, se acudiu supprindo-se suavemente a infermidade de um irmão com a capacidade do outro. Assim foi que Arão suppriu no governo do povo o impedimento de Moysés tartamudo, e Pharés tomou o logar de Zarão, mas não lhe tomou a purpura. D. Pedro, imitando a rainha, acceita o peso do governo, e emquanto estivesse vivo o irmão renuncia a corôa. Atéqui o anno de Deus consolador e as razões de dar graças.

Quanto á segunda parte do assumpto, que é pedir graça, sendo o agradecimento das mercês passadas memorial das futuras, tres são as principaes que ensina a pedir o Mestre divino (*Ille vos docebit omnia*) para conservar as felicidades presentes.

1.° Que os vassallos se unam no amor do principe, porfiando por suas conveniencias e não por assistirem a seu lado.

2.° Que o principe leve sempre deante dos olhos no modo de governar os exemplos de seu pae. Faz aqui o grande orador em poucas palavras o quadro mais encantador das virtudes governativas do restaurador da monarchia portugueza. É um dos trechos mais admiraveis que se podem apontar por modelo de estylo e eloquencia. No respeito a seu pae imite D. Pedro a humildade de Christo e não o orgulho de Roboão.

3.° Que tome a rainha por conselheira nas determina-

ções do governo; pois a esposa é conselheira natural do esposo, e não ha quem tenha tantas qualidades para suggerir-lhe o maior proveito seu e do governo. Valha o exemplo de Assuero a respeito de Aman valido, que o enganava, e de Esther rainha, que lhe descobriu o engano. Quão difficultoso é para um principe saber de quem se ha de fiar fóra da sua natural conselheira!

Remata e recapitula o orador este magnifico sermão com uma pathetica oração ao Espirito Sancto, conforme o seu costume; pois é raro que elle não acabe seus sermões de um modo muito practico, popular, emphatico e cheio de uncção apostolica.

§ 5.º SERMÕES GENETHLIACOS POR NASCIMENTOS DE NOVOS PRINCIPES

Finalmente o maior esforço da eloquencia do grande orador, são, julgo eu, os sermões d'este ultimo genero. Não ha argumento naturalmente mais infecundo, que louvar uma creança recem-nascida e fazer d'ella prognosticos de futura grandeza. Accresce que a principal fonte de argumentação n'estes sermões são as virtudes e glorias de seus paes. E se o orador tornar a elogiar outros filhos dos mesmos paes, em que aperto se achará! É o que succedeu ao grande orador portuguez. São cinco os seus sermões genethliacos e todos dos filhos d'el-rei D. Pedro II e da rainha D. Isabel, havendo apenas uma filha que não era da mesma mãe, senão da rainha D. Francisca. Mas o seu genio tira proveito das mais pequenas circumstancias de differença para fecundar a aridez de seu assumpto; e sái com cinco sermões unicos n'este genero; pois não sei quaes outros se possam comparar com elles ou na litteratura portugueza ou em qualquer outra extrangeira.

Tres obrigações tem a oração genethliaca: a primeira dar graças a Deus pelo bom successo do nascimento; a segunda dar os parabens aos paes do recem-nascido; a ter-

ceira prognosticar o seu destino nos designios da Providencia: tudo, porém, com estylo não academico, mas predicativo, isto é, com argumentos, figuras e analogias não só da razão natural, mas muito mais dos Livros sanctos.

O primeiro sermão do nosso orador foi prégado na manhã do dia de Reis pelo nascimento da princeza primogenita, fructo tão suspirado do casamento de D. Pedro com a dicta rainha D. Francisca de Saboya, que fôra esposa de el-rei D. Affonso. Nascera na madrugada do mesmo dia; e o orador, tomando por thema o principio do hymno ambrosiano *Te Deum laudamus*, imagina que estes louvores são cantados a dous coros pelos homens na terra e pelos anjos no céu; dos quaes coros, deixando a parte dos anjos, pondera só a dos homens, e sobre ella levanta o assumpto do sermão. Divide-o em tres ponctos: quem louva, quem se louva e porquê; e desenvolve cada um d'elles de tal maneira, que lhe serve de elo para o evangelho da Epiphania. O seu desenvolvimento é muito digno de attenção pela facilidade com que se póde imitar.

1.° Quem louva? Portugal como reino e como monarchia, dilatada nas quatro partes do mundo: Portugal em que se verificou mais que em qualquer outra nação a bençāo que Noé deu a Japhet, quando disse: Que este seu filho havia de dominar nas terras de Cam e habitar nas de Sem, seus irmãos; e por isso adorando o rei de Portugal ao Infante divino no presepio, representa mais nações que os tres reis Magos.

2.° Quem se louva? Deus em quanto Deus e em quanto Senhor; em quanto Deus, porque deu a Portugal o que elle só póde dar, existencia e reino. Só Deus póde dar filhos: assim o disse a Rachel Jacob seu marido. O maior favor que Deus possa fazer a um pae é dar-lhe successão: assim o suppoz Abrahão. Confirma-o a historia de Portugal. Tendo este a successão, não tem mais que pedir a Deus: assim o protesta David. Parallelo dos favores que Deus fez a este rei com os que fez ao principe D. Pedro. Por isso Portu-

gal e toda a monarchia louva a Deus em quanto Deus, reconhecendo o que lhe deve. E em quanto Senhor como o louva? Offerecendo-lhe, segundo a prophecia de Isaias, ouro e incenso. Os reis de Portugal, sendo senhores do commercio do Oriente, são successores dos Magos que hoje offereceram este tributo.

3.º Porque se louva? Porque o Eterno Padre, em quanto Pae, fez hoje pae ao principe de Portugal: em quanto Eterno, o começa a fazer eterno com o beneficio da successão.

O beneficio da paternidade pertence mais á pessoa do Eterno Padre que ás autras duas: texto expresso de S. Paulo. Que grande foi este beneficio no Principe de Portugal, ainda que teve primogenita e não primogenito! Digno de reparo é que no Velho Testamento os primogenitos foram na maior parte reprovados ou menos queridos de Deus. Parece que a primogenita de Portugal quiz franquear e deixar o passo livre ao venturoso irmão que embora vier, e dar cumprimento ao adagio — «Na casa de benção primeiro é a filha que o varão.» Faz aqui o orador uma lindissima ethopeia da princeza recemnascida e com o mais mimoso phraseado a compara á estrella dos Magos e prognostíca a a sua futura grandeza.

Isto fez o Eterno Padre em quanto Pae; e em quanto Eterno, perpetuando a successão do principe, fez que este como as linhas do relogio de Achaz, voltasse ao oriente da sua vida. Os homens que são paes, teem duas vidas: uma que acaba n'elles mesmos, outra que continúa em seus filhos. Por isso Moysés dá duas contas ás vidas dos patriarchas anti-diluvianos. A myrrha que os Magos offereceram ao divino Infante, diz S. Maximo que lh'a dedicaram como a Reparador da nossa mortalidade.

Finalmente comparando o orador o beneficio d'este nascimento com o da acclamação e o outro da paz, exhorta a côrte, nobreza e povo de Portugal a dar graças a Deus e cantar os seus louvores com o sol, lua, estrellas e toda a

natureza, offerecendo para isso os louvores e agradecimentos do sacrificio da Eucharistia.

Ha ordem de argumentação mais nobre na sua simplicidade, mais appropriada a um sermão genethliaco, feito em dia de reis e mais fundado na Escriptura? Obvia é a sua divisão: mas por isso mesmo nos ensina como se póde realçar com documentos escripturaes um assumpto ou divisão ordinaria.

O segundo sermão genethliaco é o do principe D. João primogenito do mesmo D. Pedro, mas no seu segundo matrimonio com a princeza allemã D. Isabel. O sermão precedente prégou-o o nosso Vieira na côrte em edade de sessenta e um annos; mas este e os outros que se seguem prégou-os todos na Bahia, sendo mais que octogenario e sobre os achaques da velhice, quasi destituido de todos os sentidos. É um encanto vêr em um corpo meio morto habitar um coràção tão delicadamente sensitivo e tão florida imaginação, que parece de um mancebo de poucos annos.

Para avaliar este sermão, prégado no nascimento do primogenito de D. Pedro, é necessario advertir que Vieira julgou ter recebido de Deus a missão de prégar a proxima fundação de um famoso quinto imperio, em que um rei portuguez havia de ser imperador de todo o mundo e vigario de Jesus Christo no temporal, como o Summo Pontifice o é e será sempre no espiritual. É verdade que distinguindo elle n'este quinto imperio a questão nacional da dogmatica, não dava a uma e outra o mesmo fundamento, nem o mesmo gráu de certeza; porque a dogmatica fundava-a nas prophecias do velho e novo Testamento e com razões dignas de toda a veneração, por estarem corroboradas com a auctoridade de muitos doctores e commentadores antigos e modernos; e a nacional não tinha outro appoio que o juramento d'el-rei D. Affonso Henriques, e as palavras de Sancto Egydio, vulgarmente S. Frei Gil, de quem fiz menção, conservadas no real convento de Sancta Cruz de Coimbra. Mas a missão para a qual elle julgava

que Deus o enviára, era precisamente esta que dizia respeito á sua nação. Por isso não sómente a cita de frequente nos seus sermões, mas a tracta de proposito no livro da *Historia do Futuro* e no discurso apologetico que offereceu secretamente á rainha D. Isabel, na morte d'este seu primogenito, que já voára ao céu, menino de um mez, quando o bom velho o suppunha vivo e prognosticava que seria o tal imperador do quinto imperio. Este discurso não vai na presente compilação por duas razões: a primeira, porque não tendo sido escripto para ser prégado é mais um opusculo do que um dos sermões, que são a esphera em que se encerra o *Chrysostomo Portuguez;* a segunda, porque a parte mais sã que se póde aproveitar em tal discurso, se encontra já repetida em varios sermões d'este e dos precedentes volumes. Só transcreverei a prophecia de S. Frei Gil, porque nos tempos que correm, póde ter algum interesse. Distinctos os seus vaticinios por numeros, desde o 11.° até o 17.° dizem d'esta maneira: *Lusitania sanguine orbata regio diu ingemiscet et multipliciter patietur; sed propitius tibi Deus, salus a longinquo veniet et insperate ab insperato redimeris.— Africa debellabitur.— Imperium Othomanum ruet.— Ecclesia martyribus coronabitur.— Byzantium subvertetur.—Domus Dei recuperabitur.—Omnia mutabuntur.*

Isto posto, julgou Vieira que o nascimento tão suspirado do primogenito de D. Pedro no segundo matrimonio era o desempenho fundamental das divinas promessas; e por isso possuido de um enthusiasmo que não parecia poder-se esperar dos seus oitenta annos, toma por thema as palavras *Respexit et vidit*, que são tiradas do juramento de D. Affonso Henriques, trocando no *Respiciet et videbit* o tempo futuro pelo passado, para indicar que já se cumpriu a promessa. Mostra como se verificou o prognostico que fizera na oração funebre das exequias da rainha D. Francisca (que é a ultima da segunda parte d'este volume); e tomando por assumpto provar que no principe recem-nascido os olhos da divina piedade cumpriram as

...

promessas de olhar e ver, desenvolve a confirmação com a ordem seguinte:

1.º Torna a fallar das mesmas promessas, que são o fundamento do sermão; e depois com as palavras de Anna, mãe de Samuel, mostra que em linguagem escriptural, ou divina, *olhar e ver* é dar filho varão. D'onde infere que o primogenito de suas majestades é o parto esperado e suspirado desde o principio da monarchia.

2.º Pondera com Isaias quantas difficuldades se devem vencer para que promessas muito antigas tenham o seu cumprimento. Reconhece a victoria que alcançaram as promessas feitas a Portugal, percorrendo a sua historia tão cheia de vicissitudes. Compara os successos que Jacob fadou a tribu de Judá, com os da familia de Bragança.

3.º Admira a divina Providencia, a qual nos trances perigosissimos da sujeição de Castella não desamparou a Portugal, e não obstante esta sujeição o levanta á antiga grandeza; e segundo a phrase de Isaias, dando coróa por cinzas, faz acclamar rei a D. João IV, encoberto nas cinzas de D. Sebastião e D. Henrique, mortos sem successão.

4.º Declara o modo com que a prole do rei restaurador se attenuou nos seus tres filhos D. Theodosio, D. Affonso e D. Pedro, morrendo os dous primeiros.

5.º Toca a parte que coube no nascimento do principe a S. Francisco Xavier, de quem a rainha era muito devota; e mostra como no mesmo sancto se viu o effeito das palavras que Christo disse ao fundador da monarchia: *Ut deferatur nomen meum in exteras gentes.* Com esta devoção da rainha ao apostolo das Indias conclúi o orador a parte eucharistica e panegyrica do sermão.

6.º Passando aos prognosticos, primeiro que tudo assenta nos vaticinios de Zacharias e Daniel, que ha de haver um quinto imperio, no qual Christo ha de reinar n'este mundo como rei espiritual e temporal, e que o temporal virá depois da queda do imperio othomano: opinião a que gravissimos auctores, não só da edade media, mas ainda

dos nossos dias e sobretudo os acontecimentos politicos que presenciamos vão dando maior fundamento. Diz com os mesmos auctores que este novo reino de Christo, reino de paz e felicidade, qual nunca se viu, ha de preceder a vinda do Anti-Christo; mas depois accrescenta de sua interpretação, que assim como Nosso Senhor Jesus Christo teve e terá sempre um Vigario no espiritual para este imperio de todo o mundo, assim terá então um vigario no temporal; e conferindo as palavras do juramento de D. Affonso Henriques com outras dos Livros sanctos, tira a conjectura de que o principe recem-nascido será o tal vigario ou imperador do quinto imperio.

Direis: se a conclusão do discurso, como já se disse, é fundada em um falso supposto, porque não se eliminou da compilação? Porque nas circumstancias em que Vieira fallava não era totalmente improvavel; e como não se tractava de verdade de fé, mas de uma simples conjectura para encarecer os louvores de um recem-nascido, posto que os conhecimentos posteriores da historia tiraram todo o fundamento a esta conjectura, não lhe tiraram o merecimento oratorio. Bem intende o leitor que uma cousa que temos como provavel, póde ser objectivamente falsa; e que entretanto não é digno de reprovação o juizo que por falta de evidencia se fundou na dicta probabilidade.

§ 6.° CONTINÚA O MESMO ARGUMENTO

Um dos melhores sermões genethliacos que sairam da penna de Vieira, foi o que prégou oito annos depois do precedente no nascimento de outro filho varão das mesmas majestades. Tomando por thema as palavras do psalmo 126: *Ecce hereditas Domini filii merces fructus ventris*, começa por admirar os filhos que Deus dá aos reis de Portugal e nega aos de Castella; e diz que a razão d'esta differença está, assim na promessa *Respiciam et videbo*, que o

mesmo Deus fez áquelle reino, e que não fez a este; como tambem no premio que dá ao zelo d'el-rei D. Pedro e á piedade da rainha D. Isabel. Passa depois ao assumpto, que é ponderar o que se encerra n'estas mercês, para concluir com a acção de graças que se deve a Deus por beneficio tão assignalado; e na prosopopeia das tres Graças, que em figura de donzellas formosas e risonhas se dão as mãos e fazem um circulo perfeito, acha o grande orador a mais linda divisão que se podia imaginar para sermão de tal genero. São estas, como é sabido, a Graça que faz as mercês, a Graça que as acceita, a Graça que as agradece.

Quanto á Graça que faz as mercês, observando o orador que o thema chama os filhos fructos do ventre, lembra o proverbio hebreu que diz: ter Deus reservado para si tres chaves; a da geração, a do sustento e a da resurreição; e pondera os perigos em que se achou a coroa de Portugal na duvida da primeira chave. Acode aos proverbios de Salomão e com felicissimo pensamento se serve da imagem dos tres caminhos que áquelle sabio se lhe afiguravam mais difficultosos: o da serpente sobre a pedra, o da náu no meio do mar e o da aguia pelo ar; e com esta imagem sensivel põi á vista dos ouvintes os caminhos que tomára a côrte de Portugal para assegurar a sua corôa: mas todos sem fructo, até que D. Pedro o ultimo filho de D. João IV foi eleito, qual outro David, a preferencia de todos os seus irmãos para receber a graça de uncção, e no seu novo casamento já coroado com quatro filhos lograr o suspirado intento.

Quanto á Graça, que recebe as mercês, pondera o orador as qualidades do beneficio recebido no nascimento do novo infante. Dar ao principe um irmão é confirmar-lhe a herança. Por ser unico o filho do senhor da vinha evangelica se atreveram tanto contra elle e o seu pae os cavadores da parabola. O não estar sobre uma só anchora é uma grande segurança; e um irmão ajudado por outro irmão é como uma cidade fabricada sobre um monte e cer-

cada de muros. Por isso foi preso em Allemanha e morto o infante D. Duarte, irmão d'el-rei D. João IV. O primogenito que está no céu tambem é anchora. Antes de se despedir da segunda Graça diz o orador seu parecer a respeito de uma voz que corria, de que um infante de Portugal havia de ser rei de uma outra nação.

De tudo isto se segue o dever da terceira Graça, que é agradecer as mercês. Cumpre-se este dever, antes de tudo conhecendo o beneficio, como se está fazendo. Que festas tão estrondosas! Os pastores de Belem não se mostraram nas suas mais agradecidos. Alem d'isso deve-se o beneficio referir a Deus como á propria fonte, imitando, diz Salomão, os rios que tornam ao mar; e assim como este tributo de agradecimento provoca sua divina liberalidade a que faça outros beneficios, assim a ingratidão a estereliza. É documento do Espirito Sancto em muitos logares da Escriptura. O agradecimento perpetúa as gerações. Noé foi mais agradecido que Adão e por isso mais abençoado na sua posteridade. Emfim o que succedeu aos filhos d'el-rei D. Manuel póde succeder aos de D. Pedro, se se faltar a este agradecimento. As palavras do thema, analysadas uma por uma, são desengano da nossa mortalidade.

Não ha sermão mais apropriado para servir de modelo pela sua ordem, elegancia, clareza e uncção evangelica, do que este e o ultimo do presente paragrapho, alem do primeiro do precedente que já notei.

O sermão que se segue sobre o mesmo nascimento, tomando um thema tão esteril como *Quartus frater*, é um padrão que mostra até onde chegou a fecundidade do genio do grande orador. Com uma bizarria de phraseado que está muito longe de revelar os seus oitenta e oito annos, dá principio ao exordio, ponderando a felicidade e alegria que encerra um tal nascimento; e porque o sermão havia de ser gratulatorio a S. Francisco Xavier, a cujo celestial patrocinio a rainha confessava dever este quarto filho, toma por assumpto provar: Qual é o agradecimento que se deve ao sancto.

Na confirmação observa antes de tudo que algumas mercês são devidas só ao Creador, e outras tambem ás creaturas. A razão é, porque nas primeiras se deixa Deus mover só da sua bondade e nas segundas, tambem pela intercessão dos sanctos. Assim é que Moysés intercedeu por seu povo a quem Deus queria destruir; e assim S. Francisco Xavier concorreu com a sua intercessão para o feliz nascimento do infante.

Torna o orador á Escriptura e abre um novo reparo. Os sanctos, diz, estão tão unidos com Deus que se revestem da sua omnipotencia e possuem ao mesmo Deus. Assim el-rei Ezechias o disse ao propheta Isaias; e o mesmo não se póde negar a S. Francisco Xavier. Logo no favor d'este nascimento as mesmas graças que se devem a Deus, devem-se tambem ao sancto; e as mesmas graças que se devem ao sancto, devem-se tambem a Deus.

Provado o dever do agradecimento, cinge-se o orador mais fielmente ao thema *Quartus frater*, para ponderar a qualidade do favor recebido. Com uma inducção muito inesperada, mas fundada na Escriptura, faz ver que os quartos partos costumam ser difficultosos. A razão d'este phenomeno a tira da analogia da fecundidade humana com a da Sanctissima Trindade; e porque o nascimento do quarto parto da rainha era pouco conforme ás leis ordinarias da natureza, por isso teve ella tanta necessidade de invocar, como fez, a intercessão do seu sancto. Confirma o orador o que diz, com varias circumstancias do mesmo parto, as quaes foram: primeira, não ser precedido de dores; segunda, ter a rainha presentido que havia de ser filho varão; terceira, dal-o á luz no dia 15 de março, celeberrimo no Velho Testamento por suas ceremonias prefigurativas da instituição da Eucharistia e da morte de Christo.

D'aqui passa o orador aos prognosticos das futuras grandezas de tão favorecido menino; e os tira do seu thema *Quartus frater*. Observa que Salomão e Judas, filho de Jacob, ambos eram quartos entre os seus irmãos. Observa

mais que no Levitico se mandava que as quartas novidades se offerecessem a Deus: d'onde infere que o recem-nascido ha de ser de um modo particular consagrado a Deus. Mas como? Revestindo-se do espirito de Xavier, como Eliseu se revestiu do de Elias. D'aqui se seguirá, que assim como um propheta levou ao cabo o que intentava outro, assim o novo infante acabará no Oriente a obra do apostolado de S. Francisco Xavier. O bezerro de ouro, que mugiu, como affirma Sancto Epiphanio, no nascimento de Elyseu, parece uma figura do bezerro da idolatria que berrou no Oriente, quando nasceu o novo infante. O zelo apostolico do infante D. Henrique é uma razão do prognostico e póde ser modelo de imitação.

Emfim n'este quarto fructo, sanctificado pela offerta que ambas as majestades fizeram a S. Francisco Xavier, repetir-se-hão as bençãos de Isaac. Concluem-se os prognosticos com uma palavra ao novo infante para quando a poder ouvir.

Tal é o theor d'este outro engenhoso sermão, tão fecundo no desenvolvimento, como esteril no thema.

Vamos ao ultimo d'esta primeira parte e tambem da vida do grande orador, que o dictou no nascimento de uma filha dos mesmos reis de Portugal. Nunca se encontraram nem se saudaram tão airosamente uma edade que começa e outra que acaba. Era Vieira quando prégou este sermão (se o prégou) quasi nonagenario, e por uma grande queda tinha perdido pouco menos que totalmente o uso da vista e do ouvido. Não se podia dar exemplo mais edificante do respeito e cortezia que nós devemos uns aos outros, que ver aquelle sancto velho com taes achaques da sua edade decrepita, sacrificar-se d'aquella maneira ao serviço da sociedade.

Tomando por thema a clausula do Genesis *Genuit filios et filias*, observa a relação que passa entre a primeira filha de suas majestades e as palavras citadas, e nota que é esta a primeira vez que na Escriptura se falla de filhas. D'ahi

deduz a opportunidade de tal nascimento, o qual é o assumpto de todo o sermão.

Para declarar esta opportunidade observa primeiramente com a mesma Escriptura, que o nascimento das filhas está muito longe de ser festejado, como o dos filhos. A casa de Jacob e a de Jephté dão a razão d'esta differença nas tragicas aventuras de suas filhas. Comtudo houve uma filha de Eva que restaurou a gloria de todas as outras. Por isso o nascimento da infanta é tão glorioso. Este nascimento na opportunidade do tempo imita o do Filho de Deus, pois ella veio quando era muito desejada; isto é, segundo a ordem das palavras do thema, depois dos filhos: *Genuit filios et filias.*

Observa em segundo logar que a conservação do reino não só pede filhos para ter successão a seu throno, se não tambem filhas para travar parentesco com os reis extrangeiros. Por isso assiste Deus a D. Pedro com filhos e filhas assim como assistiu a seu pae D. João. Todos sabem em que vieram a parar os descendentes de Seth só com filhos e os de Caim só com filhas. Quatro homens com quatro mulheres restauraram o genero humano e dous Affonsos e duas Catharinas a monarchia de Portugal. Pela mesma razão restituiu Deus a Job assim as filhas como os filhos. O casamento da infanta D. Catharina com o rei de Inglaterra ajudou a recuperar o direito da outra D. Catharina, duqueza de Bragança.

Alem d'isso o nascimento da infanta vem a ratificar a paz já concluida entre Castella e Portugal. Mostra-o o embaixador que representou no seu baptismo á majestade do rei de Castella como padrinho e a da imperatriz de Vienna como madrinha. Maravilhosa analogia que ha entre este embaixador e o do nascimento de Jesus Christo. O nascimento do Salvador o tractou um anjo, porque foram anjos os que no céu lhe fizeram guerra. De um modo analogo vai como embaixador extraordinario festejar o nascimento da infanta um do exercito castelhano, que fôra mais empenhado na guerra contra Portugal.

Mais. A infanta nasceu no dia de S. Mathias e devia nascer no primeiro da «novena da Graça» de S. Francisco Xavier. Não parece que um apostolo substituiu a outro apostolo, como um irmão a outro irmão, Seth a Abel? Por isso isso a infanta tomou o nome de Thereza Francisca. Sancta Thereza e S. Francisco Xavier, ambos filhos do espirito de Sancto Ignacio, farão para ella juncto do throno de Deus, o que fizeram Bersabée e Nathan juncto do de David; e como os dous Cherubins do Propiciatorio assistindo a seu berço saberão pedir o que lhe aproveita, isto é, não as grandezas do mundo, que não lhe faltam, mas unicamente as grandezas do céu.

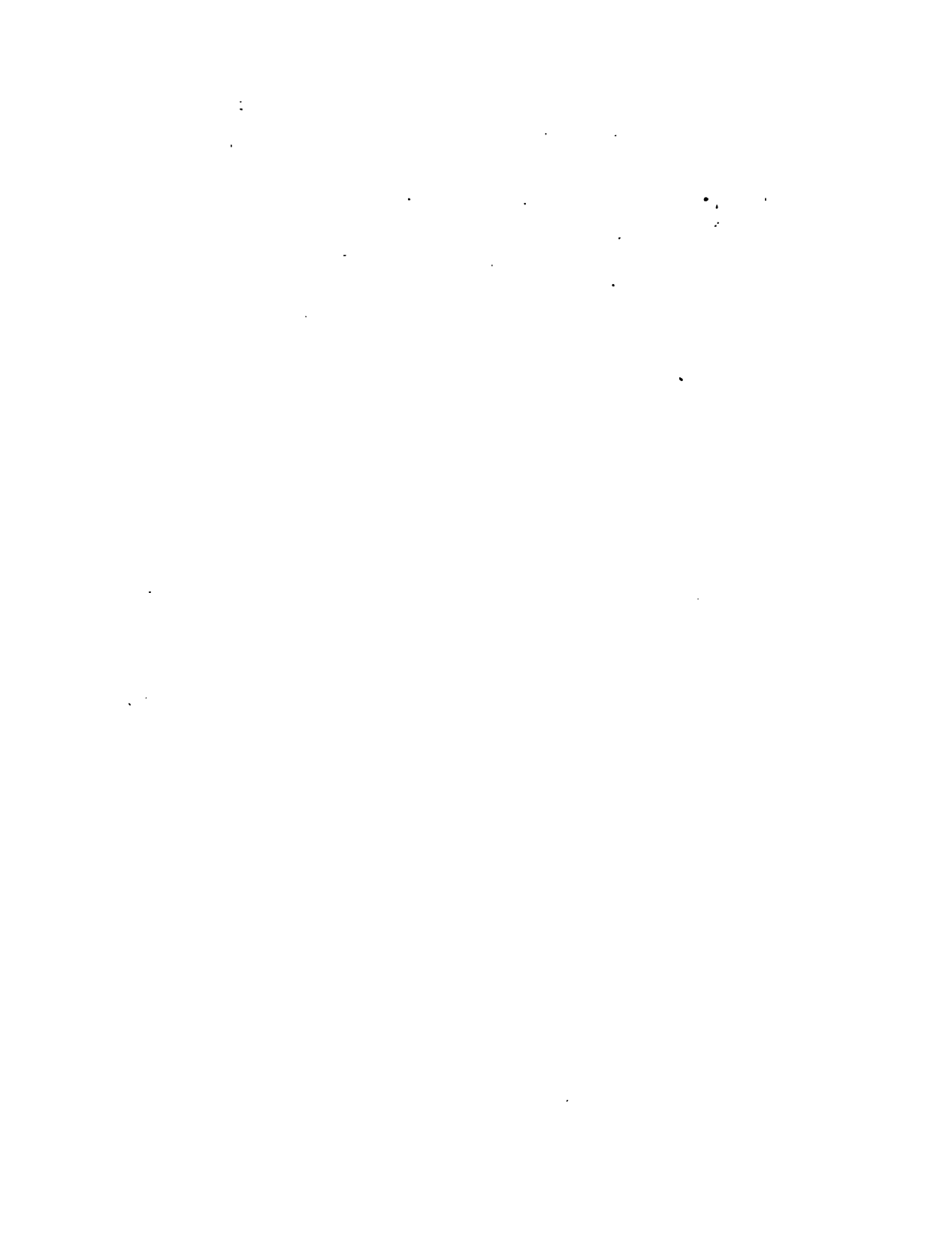
Tal é em resumo o mimoso sermão que fechou com chave verdadeiramente de ouro uma prégação que tinha durado mais que sessenta annos.

§ 7.° CONCLUSÃO DA PRIMEIRA PARTE

De todo o expendido em tão variadas analyses é facil deduzir o seguinte:

1.° Se a belleza, segundo os principios de Platão e Sancto Agostinho, é o resultado da unidade com a variedade, não se póde negar que bellissimos são estes sermões, onde a unidade e variedade é tanta, como acabamos de ponderar.

2.° Causas da unidade são, primeiramente o genero de eloquencia que é sempre o mesmo e o mais proprio da prégação; em segundo logar a disposição dos argumentos que sempre ferem o mesmo assumpto: vantagem que o estudo da theologia escholastica trouxe á prégação, tornando-a mais convincente e bellicosa.

3.° Quanto á variedade, é ella effeito do fallar a proposito das circumstancias de cada sermão e individuar o assumpto com as differenças que o distinguem de qualquer outro do mesmo argumento. Se os sermões dos volumes

SEGUNDA PARTE

Chegamos cançados ás orações funebres; e não andámos mais que a metade do caminho. Mas a importancia do argumento bem merece que nos animmeos a ir adeante.

Mui cultivada foi a eloquencia funebre entre os povos mais celebres da antiguidade, quaes foram os hebreus, egypcios, gregos e romanos.

Assim o testificam na Historia Sagrada o livro do Genesis, cap. 50, o segundo dos Reis, cap. 1, o segundo dos Paralipomenons, cap. 35; e na historia profana, Herodoto, Thucydides, Diodoro Siculo, Dio e Plutarcho[1].

Tambem nos sanctos Padres temos maravilhosos modelos d'este genero de eloquencia. Famosissimas são as orações funebres de S. Gregorio Nazianzeno o Theologo, Sancto Ambrosio e S. Jeronymo. E porque nas que prégou o nosso orador appella muitas vezes para estes exemplos e auctoridades, julgo opportuno, antes de chegarmos a fallar da sua eloquencia funebre, citar e ponderar algum exemplo da dos livros Sanctos e de cada um dos mesmos Padres, para mostrar o fundamento da vieirense.

[1] Herod. l. 2., Thucid. l. 2, Dio. l. 44. Plut. vita Publicolae.

§ 1.º ELOQUENCIA FUNEBRE DA ESCRIPTURA

O cantico que compoz David na morte de Saul e Jonathas como regra de lamentação para o povo judaico *(Ad docendos filios Juda)* e está registrado no segundo livro dos Reis, será tambem uma regra para o povo christão, que o guarda como cantico divinamente inspirado. Bem sei que entre a eloquencia poetica e a oratoria ha muita differença: mas esta se deve referir mais ao estylo que á materia; e por isso com toda a razão podemos dos pensamentos do cantico do rei-propheta inferir, não digo segundo a rhetorica de Aristoteles, mas segundo a unção do Espirito Sancto, qual ha de ser a eloquencia funebre do orador sagrado.

Aqui está a tal divina inspiração, ainda em poncto de esthetica obra tão primorosa, que é difficil, diz Calmet, achar melhor modelo em qualquer outro genero de litteratura.

«Considerae, Israel, quem são os que nos vossos montes morreram cobertos de feridas:

«Nos vossos mesmos montes foi cortada a flor dos vossos heroes. Pois como é que cairam os valerosos?

«Ah não deis esta noticia em Geth, não a deis nas praças de Ascalon, para que não succeda que se alegrem as filhas dos philistheus e triumphem com isso as filhas dos incircumcisos.

«Montes de Gelboé, já não cáia mais sobre vós orvalho nem chuva, nem se recolham dos vossos campos primicias para o altar; pois n'esses campos foi largado o escudo dos fortes, o escudo de Saul como se não tivera a sagrada uncção.

«E com tudo a setta de Jonathas nunca voltou para traz sem o sangue dos que matou, sem a gordura dos mais valentes; nem a espada de Saul tornou sem ferir para a sua bainha.

«Saul e Jonathas, ambos amaveis e cheios de majestade

em sua vida, ainda na morte não se apartaram: ambos mais ligeiros que as aguias, mais fortes que os leões.

«Filhas de Israel, chorae sobre Saul que vos vestia de escarlate entre as vossas delicias e que vos dava os ornamentos de ouro para os vossos adereços.

«Como é que no combate cairam os heroes? Como é, ó Israel, que Jonathas foi morto, nas vossas alturas?

«A vossa morte corta-me o coração, Jonathas meu, o mais gentil dos principes, digno de ser amado mais que uma esposa. Como uma terna mãe ama o seu unico filho, assim eu estremosamente vos amava.

«Como é que cairam os fortes e as suas armas guerreiras ficaram sem proveito?[1]»

Não é difficultoso da analyse d'este cantico deduzir os preceitos principaes da oratoria sagrada no genero de prégação de que fallamos.

A primeira cousa que prende a attenção do leitor, é seu estylo, acompanhado de tanta sublimidade de pensamentos.

1 2 Reg. c. I v. 18. Considera Israel pro his qui mortui sunt super excelsa tua vulnerati.

19. Inclyti Israel, super montes tuos interfecti sunt: quomodo ceciderunt fortes?

20. Nolite annuntiare in Geth, neque annuntietis in compitis Ascalonis; ne forte laetentur filiae Philisthiim, ne exultent filiae incircumcisorum;

21. Montes Gelboë, nec ros nec pluvia veniant super vos, neque sint agri primitiarum: quia ibi abjectus est clypeus fortium, clypeus Saul, quasi non esset unctus oleo.

22. A sanguine interfectorum, ab adipe fortium, sagitta Jonathae nunquam rediit retrorsum, et gladius Saul non est reversus inanis.

23. Saul et Jonathas amabiles et decori in vita sua, in morte quoque non sunt divisi: aquilis velociores, leonibus fortiores.

24. Filiae Israel super Saul flete qui vestiebat vos coccino in deliciis, qui praebebat ornamenta aurea cultui vestro.

25. Quomodo ceciderunt fortes in praelio? Jonathas in excelsis tuis occisus est?

26. Doleo super te, frater mi Jonatha, docore nimis et amabilis super amorem mulierum. Sicut mater unicum amat filium suum, ita ego te diligebam.

27. Quomodo ceciderunt robusti et perierunt arma bellica?

Tres são os officios principaes de uma oração funebre, diz Dionysio de Halicarnasso e o confirmam todos os mestres de eloquencia: lamentar e louvar o defuncto e consolar os superstes. O officio, porém, que mais a caracteriza é o de chorar, pois é este o que lhe dá o nome de eloquencia funebre. D'onde se colhe que todas as partes d'este genero oratorio devem ter uma côr geral, mais ou menos sensivel, de lamentação.

Por isso o cantico de David desde a primeira parte até á ultima, todo é lamentar a morte dos dous heroes; servindo-se dos seus louvores só para accrescentar a magoa, e repellindo todo o pensamento de consolação. É a linguagem da natureza: quem de véras está afflicto, só acha allivio no desafogo da dôr.

Não quero dizer que as orações funebres que se prégam nas exequias dos christãos, não devam admittir pensamentos de conforto. Bem sei que S. Paulo na primeira aos Thessalonicenses, c. 4, exhorta os fieis que não se afflijam na morte dos seus queridos, como fazem os gentios que não teem esperança, mas que se consolem com a fé da futura resurreição. Digo, porém, que estes mesmos pensamentos de conforto devem sempre ser acompanhados de dôr e nunca degenerar em pensamentos de alegria, que é o affecto mais inimigo de uma circumstancia de exequias.

A segunda cousa que n'elle observo é a unidade de seu assumpto e a ordem de todas as partes. Diz o nosso Vieira na oração funebre que prégou nas exequias do Infante D. Duarte que «em similhantes occasiões a desordem do discurso, o desconcerto das palavras, o desasseio das razões, é a harmonia da dôr». O dictado é verdadeiro; porém carece de explicação. Se com elle se intende que o affecto não falla por cadencias nem distincções logicas, enunciadas de antemão e depois declaradas ordenadamente, como faz o frio discurso do intendimento, não ha n'este sentido que dizer em contrario; porque o affecto accende a imaginação, e quando a imaginação está accesa não faz attender a tantas

miudezas de discurso. Porém se se quer dizer que na linguagem do affecto não ha unidade, como se este se deixasse arrebatar por outros objectos, differentes d'aquelle que primeiro o prendeu, não sabe o que é affecto quem isto affirma. Veja-se no cantico que vamos analysar como um coração magoado bate sempre no mesmo poncto.

Transido de dôr o rei David pela noticia da derrota do exercito de Israel e da morte desastrada de Saul e Jonathas que o mandavam, levanta a voz e convida o povo de Deus a considerar attentamente e lamentar comsigo a immensa desgraça que caíra sobre toda a nação: *Considera Israel*, etc. (18) Com estas palavras começa elle o cantico e assenta a sua proposição; que é declarar as razões que todos teem de chorar. Estas são:

1.ª Ter sido cortada nos montes de Gelboé a flôr de todo Israel: *Inclyti tui*, etc. (19)

2.ª O barbaro regosijo que por esta perda sentirão os seus inimigos: *Nolite annuntiare in Geth*, etc. (20)

3.ª A sagrada uncção que recebera Saul para governar e defender o povo de Deus. frustrada nos montes de Gelboé: *Montes Gelboe nec ros nec pluvia*, etc. (21)

4.ª A dedicação e valor com que Saul e Jonathas pelejaram por seu povo: *A sanguine interfectorum*, etc. (22)

5.ª As outras qualidades pessoaes que faziam aos dous heroes tão dignos de estimação; e sobretudo as de Jonathas, que nunca se quiz separar do lado de seu pae: *Saul et Jonathas amabiles*, etc. (23)

6.ª Para o sexo mais piedoso e mais amante de apparecer, a abundancia que havia no reinado de Saul para as isrealitas se poderem vestir d'escarlate e enfeitar com ornamentos de ouro: *Filiae Israel*, etc. (24)

7.ª A amizade particular que elle David tinha com Jonathas, tão digno do amor de todos: *Doleo super te*, etc. (26)

Por todas estas razões é que elle pergunta uma, duas e tres vezes: Como foi possivel que pessoas tão dignas morressem tão desastradamente? (19, 25, 27)

* * * *

Tal é o cantico de David. Podia haver no seu affecto maior ordem e unidade? Pois este é, a meu vêr, o caminho que ha de seguir uma oração funebre, com a simples differença, que, devendo ella ser mais extensa, não póde ser em todas as partes tão emphatica e deve desenvolver mais oratoriamente os argumentos.

As reflexões que nas orações funebres se accrescentam para instrucção e consolação dos vivos, são uteis, mas não essenciaes para este genero de eloquencia, cujo fim principal é despertar nos vivos sentimentos de dôr pela morte dos seus amados. Prégações d'esta natureza, se o uso o consentisse, poderiam chamar-se *Sermões de lagrimas* ou *de Soledade*, como se chamam os que se prégam, depois do enterro do Senhor, em sexta feira sancta.

Assentado este fundamento escriptural, vamos agora ao exemplo de S. Gregorio cuja eloquencia, por ser mais discursiva e por isso mais conforme á vieirense, merece particular attenção.

§ 2.º ELOQUENCIA FUNEBRE DE S. GREGORIO NAZIANZENO O THEOLOGO

Dou vertido em portuguez o exordio e a peroração da oração funebre que este grande doutor prégou na presença de seus paes, irmãos e amigos pela morte do seu irmão Cesario; e resumirei em poucas palavras o corpo da oração.

Diz o exordio:

«Talvez estejais imaginando, amigos, irmãos, paes (caros objectos e caros nomes) talvez, digo, estejais imaginando que subi a esta cadeira de verdade levado do desejo de offerecer áquelle que nos deixou o meu tributo de lagrimas e lamentos, ou de fazer um d'esses largos e elegantes sermões que são do gosto de muita gente; e assim uns estarieis preparados para me acompanhar na tristeza e no pranto,

lamentando na minha desventura as vossas (se alguma soffrestes) e tomando parte na dôr do amigo; outros desejarieis quasi por passatempo apascentar os ouvidos; como se da mesma calamidade devessemos tomar occasião de ostentar o nosso engenho, segundo o costume que seguimos quando entre as outras vaidades faziamos gala dos bens materiaes e de uma eloquencia falsa e mundana, porque ainda não levantaramos os olhos para a verdadeira que vem do céu e não referiamos todos os bens á sua fonte que é Deus.

Não é tal, afiançamol-o com toda a certeza, não é tal a nossa disposição: nem com pranto demasiado (que reprovamos nos outros) choraremos a pessoa que nos deixou, nem passaremos os limites da verdade e da conveniencia nos seus louvores; bem que não se pode fazer offerta mais agradavel e mais appropriada a um orador, que a de uma oração, e a quem gostava sobremaneira dos nossos sermões nada sería mais aceito, que ouvir dos nossos labios os seus louvores: no qual caso não sómente sería essa uma offerta, senão tambem a mais justa recompensa.

Comtudo, depois que tivermos satisfeito com as lagrimas e com a admiração á lei do costume, que não é contraria á philosophia christã (pois diz o Espirito Sancto que a memoria do justo é acompanhada de louvor e que sobre o defuncto devemos derramar lagrimas e dar principio ao lamento como quem soffreu uma grande desgraça; afastando-nos d'esta modo a divina Sabedoria do extremo da indolencia e do outro do demasiado sentimento): quando, emfim, tivermos cumprido com este dever, passaremos a mostrar a fragilidade da natureza humana, e lembrar-vos a dignidade da alma; e depois de ter dado a devida consolação aos que estão afflictos, concluiremos o nosso discurso com trocar a tristeza das cousas carnaes e caducas pela das espirituaes e eternas».

Aqui tem o leitor o esboço de tudo o que o grande Nazianzeno vai dizer para desempenho das tres obrigações da

oração funebre; e assim com muita singeleza conta a vida de seu irmão Cesario, aspergindo toda a narração com uma doce e devota melancholia; e depois entra a fallar da brevidade, vaidade e infinitas peripecias da vida, pelas quaes os que vivemos n'este mundo somos mais dignos de lastima e compaixão, do que os que passaram á vida immutavel e eterna. Afinal conclúi dizendo:

«Porque, logo, me animo tão pouco para estas esperanças da eternidade? Porque me deixo pegar a estes bens caducos? Esperarei pela voz do Archanjo, pela ultima trombeta, pela transformação do céu, pela mudança da terra, pela restauração de todo o mundo. Verei então o meu Cesario, já não peregrino, nem levado por outros e objecto de compaixão e de pranto, senão luminoso, levantado no ar e cheio de gloria, como vos tenho visto muitas vezes em sonho, ó mais querido e mais amante dos irmãos, ou seja por imaginarias representações que produziu o affecto ou por verdadeiras apparições. Mas, pondo fim ás lagrimas, entrarei em contas commigo e indagarei se trago occultamente alguma causa de afflicção; e assim farei uma boa revista da minha consciencia. Filhos dos homens (é a vós que agora dirijo a falla) até quando tereis pesado coração e grosseiro intendimento? Porque amais a vaidade e buscais a mentira, fazendo grande conta da vida presente e reputando que são uma larga edade os poucos dias que vivemos, ao passo que abhorreceis esta suave e desejavel separação, como se fôra uma grande desgaça? Não reconheceremos a nossa dignidade? Não daremos de mão a estes bens sensiveis, e não fitaremos os olhos nos intellectuaes? E se é forçoso entristecer-se por alguma cousa, não nos entristeceremos mais que tudo porque se espaça o nosso desterro? (Dil-o-hei com o divino David, que chama a vida presente arraial de trevas, logar de afflicção, atoleiro voraginoso). Em fim não choraremos, porque se dilata o tempo de vivermos encerrados nas sepulturas d'estes corpos que trazemos comnosco por toda a parte, e porque, feitos deuses, morremos como homens da morte

do peccado? Este é o temor que me atormenta, que de dia e de noite me acompanha e não me deixa ter paz: de uma parte a gloria, da outra o tribunal: a gloria que almejo até o poncto de poder dizer: A minha alma, ó Deus, cái em deliquio na expectação do vosso Salvador: o tribunal, que me causa horror e aversão; e que temo, não porque este corpo depois de ter desapparecido do mundo e ter sido entregue á corrupção, ha de perecer de todo: mas porque aquella nobre creatura de Deus (nobre se for virtuosa, vil se viciosa), aquella creatura de Deus, que é dotada de razão, e que está sujeita á lei, e anima-se com a esperança, ha de ser castigada com a sorte ignominosa dos animaes brutos e não se ha de achar depois da separação do corpo em melhor condição do que elles; como desejariam os máus e todos os que merecem o fogo da outra vida.

Praza a Deus que eu agora mortifique este corpo que vive sobre a terra! Praza a Deus que eu o espiritualize, seguindo o caminho estreito por que andam poucos e não o largo e frequentado por muitos! Por certo que grandes e admiraveis são os bens que nos estão preparados, e a nossa esperança se extende mais que o merecimento. Que é o homem, Senhor, para vós vos lembrardes d'elle? Que novo mysterio é este que a mim se refere? Sou pequeno e grande, vil e nobre, mortal e immortal, terreno e celeste; na primeira parte tenho communicação com o mundo, na segunda com Deus; na primeira com a carne, na segunda com o espirito.

É logo necessario que eu seja sepultado com Christo, que resuscite com Christo e que seja seu coherdeiro e filho de Deus, antes o mesmo Deus. Vêde aonde finalmente nos levou o discurso! Pouco falta que não dê graças á calamidade que me suggeriu estes documentos e me accendeu o desejo de deixar esta vida mortal. Eis o que significa aquelle grande mysterio: por isso Deus encarnou e tomou as nossas miserias: tudo foi para levantar a nossa carne, para salvar a sua imagem, para renovar o homem, e para que

nos façamos uma só cousa em Christo que se fez tudo para todos sem differença de homem e de mulher, de barbaro, de scytha, de escravo e de livre; distincções que fez a carne; e levemos estampada em nós mesmos a imagem de Deus, por quem e para quem fomos creados: esta é a fórma, este o signal que nos imprimiu para elle unicamente nos reconhecer.

E prouvera a Deus que fossemos o que é objecto da nossa esperança, segundo a sua grande liberalidade e amor para comnosco, pelo qual, pedindo-nos pequenos serviços, nos dá na vida presente e na futura grandes recompensas, se é que o amamos com sinceridade, soffrendo e aturando qualquer trabalho por termos posto n'elle o nosso coração e toda a nossa esperança; dando-lhe graças em todos os eventos *a dextris et a sinistris*, quero dizer, assim nos prosperos, como nos adversos; pois acabamos de ponderar que ainda as adversidades são muitas vezes armas de saude; e finalmente entregando-lhes as nossas almas e as dos nossos irmãos, os quaes indo comnosco o mesmo caminho, como mais promptos, chegaram primeiro ao descanso. Conformando-nos d'este modo com as disposições da Providencia, porei eu fim ao sermão e vós tambem ás lagrimas para visitarmos a vossa sepultura (triste e unico obsequio que de vós recebe Cesario); preparada bem opportunamente para os paes na sua velhice, e dada ao filho na flôr dos annos contra a ordem, não da Providencia, mas da natureza.

Ó Senhor e Creador de todas as cousas e d'esta creatura em particular, ó Deus, Pae e Governador dos vossos homens, ó Arbitro da vida e da morte, ó Guarda e Bemfeitor das nossas almas, vós que fazeis e transformais tudo a seu tempo com a vossa palavra artifice, como intendeis na profundidade da vossa sabedoria e providencia, por ora recebei Cesario que nos precedeu; e se o ultimo dos irmãos vem o primeiro, inteiramente nos conformamos com os vossos conselhos que são a regra de tudo.

Recebei-nos tambem a seu tempo os outros todos depois

de nos ter concedido os dias de vida que nos convierem; e recebei-nos preparados e não perturbados pelo vosso temor e fieis até ao fim; e não arrancados por força d'esta vida miseravel, que é tormento dos que amam o mundo e a carne, mas promptos para voarmos a essa bemaventurada e eterna vida que se acha em Jesus Christo Senhor nosso, a quem se deve gloria por todos os seculos dos seculos. Amen.»

Sinto muitissimo que não possa apresentar a elegancia do original grego, cuja versão daria cuidado á penna do proprio Vieira, quanto mais á minha. Em todo o caso, este é o seu sentido mais ou menos litteral, para o leitor formar uma idéa do mavioso estylo do grande Nazianzeno, figurado n'estas paginas, assim como com o carvão se figura o sol.

Se eu tivesse tempo e podesse citar o texto grego, como farei com os latinos dos paragraphos seguintes, não poucos seriam os ponctos de similhança que mostraria entre o estylo d'este grande doutor, mestre dos mestres, e o do orador portuguez. Mas fique este parallelo para a douta curiosidade dos sabios.

§ 3.° ELOQUENCIA FUNEBRE DE SANCTO AMBROSIO

O grande Bispo de Milão e mestre de Sancto Agostinho tinha, como David, um coração não menos affectuoso que forte; e sobre estes dotes moraes brilhava com uma eloquencia florida, poetica e tão arrebatadora, que confessa o mesmo Agostinho, foi a este encanto que deveu os primeiros passos da sua conversão. Mas d'onde vieram á eloquencia ambrosiana essas flores, essa poesia, esse encanto? Por certo não de outra fonte, senão do estudo dos Livros Sanctos e dos classicos da litteratura profana.

Proval-o-hei com um trecho da sua oração funebre pela morte desastrada de Valentiniano o moço; no qual trecho

se vê tão maravilhosamente harmonizada a harpa de David com a lyra de Virgilio, que não se sabe o que merece maior admiração, se a inspiração do poeta, se a uncção do doutor da Egreja. Depois de ter applicado ao joven imperador muitos textos dos capitulos 5.º, 6.º, 7.º, 8.º do livro dos Cantares, descrevendo-o no céu entre os anjos abraçado com seu irmão Graciano, morto elle tambem de morte violenta, n'este arrebatamento de poesia celestial exclama o sancto orador: «Ambos bemaventurados! Se as minhas orações tiverem algum valor, não passará dia que n'ellas não me lembre de vós, nem que vos deixe sem a honra que mereceis; não passará noite que vos não offereça alguma grinalda de minhas preces: visitar-vos-hei frequentemente fazendo-vos toda a sorte de oblação. Quem me prohibirá de pronunciar os nomes de pessoas tão rectas? Quem me vedará de fazer d'ellas menção nos sacrificios? Se me esquecer de vós, ó sancta Jerusalem (isto é, ó alma sancta, ó piedosa e pacifica irmandade), fique paralitico o meu braço: emmudeça a minha lingua, se não me lembrar de Jerusalem no principio da minha alegria. Mais facil é que eu me esqueça de mim, que de vós, Graciano e Valentiniano, meus queridos; e se alguma vez, se calarem os labios, fallará o affecto; e se me faltar a voz, não faltará o agradecimento que levo gravado no coração.

Como é que cairam os valorosos? Como é que cairam ambos juncto d'aquelles rios de Babylonia? Como é que a carreira da sua vida foi mais rapida que a corrente do Rhodano? Ó Graciano e Valentiniano, tão admiraveis aos meus olhos e tão queridos ao meu coração, quão limitados foram os dias da vossa vida! Como se avizinharam as vossas mortes! Como estão chegadas as sepulturas! Graciano, digo e Valentiniano, doce é parar na repetição dos vossos nomes e agradavel descançar na lembrança das vossas pessoas. Ó Graciano e Valentiniano, a juizo de todos flôr de gentileza e dignos de todo o amor. Assim como não vos podestes apartar na vida, assim não estais apartados na

morte. Não differiram no tumulo os que não differiam no affecto. Não separou a causa da morte os que unia a mesma piedade. Não se desegualaram por differença de virtudes os que se criavam na mesma religião: ambos mais simples que as pombas, mais ligeiros que as aguias, mais mansos que os cordeiros, mais inoffensivos que os novilhos. A setta de Graciano nunca voltou atraz; e a justiça de Valentiniano nunca foi sem effeito, e nunca ficou desacatada a sua auctoridade. Como é que sem combate cairam os poderosos?

Choro por vós, filho meu Graciano, delicias da minha alma. Muitissimas foram as demonstrações que me déstes de vosso amor filial. Vós me buscaveis nos perigos, vós nos ultimos momentos da vida chamaveis por mim; e o que mais vos affligia, era a dor que eu sentiria da vossa desgraça.

Choro tambem por vós, filho meu Valentiniano, gentilissimo objecto da minha admiração: o vosso amor descançava em mim com a ternura de um verdadeiro filho. Vós estaveis persuadido de que a minha assistencia vos salvaria de todo perigo; e não só me amaveis como filho, mas confiaveis que eu seria vosso salvador e libertador em qualquer contingencia da vida humana. Dizieis: Quando será que eu veja a meu pae? Que admiravel era essa vossa affeição para commigo! mas foi uma confiança sem fructo. Ai de mim, que é vã a esperança que se funda no homem! Mas era o Senhor que vós buscaveis no sacerdote. Ai de mim, porque d'antes não tive conhecimento do que querieis! Ai de mim, porque d'antes não me mandastes secretamente algum aviso! Ai de mim! Quaes filhos tenho perdido! Como é que cairam os valorosos e suas armas desejaveis ficaram sem proveito?

Senhor, se não é possivel querermos para outrem melhor sorte que para nós, depois da morte não me separeis d'aquelles que tanto amei na vida. Peço-vos, Senhor, que onde eu fôr, estejam elles tambem commigo: para que goze

da sua companhia no céu, pois não pude tractar com elles por mais tempo na terra. Supplico-vos, Deus de infinita bondade, que vos apresseis a livrar da morte e a resuscitar á vida immortal os amadissimos mancebos, para lhes compensardes com esse apressado livramento a morte immatura com que acabaram a carreira da vida presente. Amen[1].»

Tal é o estylo da eloquencia funebre do grande Bispo de Milão, o mais parecido, como se vê, com o de David. Egualmente affectuoso é o mais do sermão. Desde o principio até o fim todo é sentimento de dôr, digno do coração de Ambrosio, isto é, muito nobre e cheio de resignação ás disposições da Providencia, e de esperança na divina misericordia.

Que differença vai d'esta linguagem a outra que em similhantes occasiões costuma usar este seculo de apathia!

S. Paulo fallando dos sabios do paganismo, os quaes,

[1] Beati ambo, siquid meae orationes valebunt, nulla dies vos silentio praeteribit, nulla inhonoratos vos mea transibit oratio, nulla nox non donatos aliqua precum mearum contextione transcurret: omnibus vos oblationibus frequentabo. Quis prohibebit innoxios nominare? Quis vetabit commendationis prosecutione completi? *Si oblitus fuero te, Sancta Hierusalem;* hoc est, sancta anima, pia et pacifica germanitas, *obliviscatur me dextera mea: adhaereat lingua mea faucibus meis, si non meminero tui, si non meminero Hierusalem in principio laetitiae.* Ipse me citius quam vos obliviscar; et si unquam sermo tacebit, loquetur affectus; et si vox deficiet, non deficiet gratia, quae meis est infixa praecordiis.

Quomodo ceciderunt potentes? Quomodo uterque super illa Babylonis ceciderunt flumina? Quomodo rapidiora utriusque vitae fuere curricula, quam ipsius Rhodani sunt fluenta? O mihi Gratiane et Valentiniane, speciosi et carissimi, quam angusto vitam fine clausistis! Quam proxima vobis mortis fuere confinia! Quam sepulcra vicina! Gratiane, inquam et Valentiniane, in vestris nominibus adhaerere juvat, atque delectat in vestri commemoratiome reqniescere. O omnibus Gratiane et Valentiniane speciosi et carissimi! Inseparabiles in vita et in morte non estis separati. Non vos discrevit tumulus, quos non discernebat affectus. Non causa mortis separavit, quos pietas una jungebat. Non virtutum distantia dispares fecit, quos religio una fovebat: super columbas simpliciores, super aquilas leviores, super

posto que pelas obras da creação chegassem ao conhecimento do verdadeiro Deus, não lhe deram a gloria que lhe deviam, mas pelo contrario offenderam sua Divina Majestade, entregando-se aos vicios que mais degradam a dignidade humana, entre estes conta terem elles sido *sine affectione*, homens sem coração. Assim é: como a caridade de Jesus Christo, que é fonte de todo o amor, accende a sensibilidade do affecto, do mesmo modo a falta d'esta caridade a extingue. Sabido é que os sanctos foram geralmente tão sensiveis ás miserias alheias, como insensiveis ás suas; por isso fallaram uma linguagem tão affectuosa, segundo já vimos nos tres paragraphos precedentes e veremos nos seguintes.

§ 4.º ELOQUENCIA FUNEBRE DE S. JERONYMO

Deu S. Jeronymo aos elogios funebres, que escreveu em fórma de epistolas, o nome de epitaphios, não porque fossem uma especie de inscripções sepulcraes, que é o sen-

agnos clementiores, super vitulos innocentiores. Gratiati sagitta non est reversa retro, et Valentiniani justitia non fuit vacua nec inanis auctoritas. Quomodo sine pugna ceciderunt potentes?

Doleo in te, fili Gratiane, suavis mihi valde. Plurima dedisti tuae pietatis insignia. Tu me inter tua pericula requirebas; tu in tuis extremis me appellabas; meum de te plus dolebas dolorem. Doleo etiam in te, fili Valentiniani, speciosus mihi valde. Deciderat amor tuus in me, sicut amor pignoris. Tu per me putabas eripi te periculis; tu me non solum ut parentem diligebas, sed ut redemptorem tui et liberatorem sperabas. Tu dicebas: Putasne, videbo patrem meum? Speciosa de me voluntas tua, sed non efficax praesumptio. Hei mihi vana spes in homine! Sed tu in sacerdote Dominum requirebas. Hei mihi quod voluntatem tuam non ante cognovi! Hei mihi quod non clanculo ante misisti! Hei mihi qualia amisi pignora! *Quomodo ceciderunt potentes et perierunt arma concupiscenda?*

Domine, quia nemo habet quod alii plus deferat, quam quod sibi optat, non me ab illis post mortem separes, quos in hac vita carissimos sensi. *Domine, peto ut ubi ego fuero sint et illi mecum:* ut vel illic eorum perpetua societate fruar, quia hic uti eorum diuturniore conjunctione non potui. Te quaeso, summe Deus, ut carissimos juvenes matura resurrectione suscites et resuscites; ut immaturum hunc vitae istius cursum maturiore suscitatione compenses. Amen.

tido ordinario da palavra, pois são verdadeiros sermões; mas porque este é o nome com que o seu mestre S. Gregorio o Theologo intitulou as suas orações funebres. Para amostra de seu estylo apresento o exordio do epitaphio do presbytero Nepociano, morto em edade juvenil. Escreveu-o o sancto doutor para consolar um tio do defuncto; e começa do modo seguinte:

«Os grandes assumptos não são para fracos intendimentos, os quaes se se atrevem a fallar do que é superior ás suas forças, desfallecem; e ficam tanto mais opprimidos quanto maior é a importancia do argumento que não podem declarar. O meu, o teu, o nosso, Nepociano, antes o de Christo e porque de Christo por isso mais nosso, nos tem deixado velhos e feridos de saudades e acabados de dôr. Aquelle a quem julgavamos que sería nosso herdeiro, temol-o na sepultura. Para quem suará agora o nosso engenho? A quem desejarão agradar as nossas cartas? Onde está aquelle que animava os nossos estudos com a sua voz mais doce que o canto do cysne? Sempre que eu quero fallar, perco o animo, foge-me o lume dos olhos, balbucio como um menino. Qualquer cousa que eu diga, porque elle não me está ouvindo, parece-me que não fórma sentido. O mesmo ponteiro com que escrevo, como se sentira a sua morte, se cobre de ferrugem, assim como a cera entristecida se reveste de bolôr. Todas as vezes que me esforço a dizer alguma palavra e espargir sobre a sua sepultura as flôres d'este funebre elogio, os meus olhos se arrazam de lagrimas, e renovando-se a dôr, parece-me que assisto ao seu funeral. Houve antigamente costume, que os filhos celebrassem em publico os louvores dos paes defunctos na presença de seus cadaveres, e á maneira dos cantos funebres movessem a lagrimas e lamentos os animos dos ouvintes. Assim como para nós se mudou a ordem da natureza, assim perdeu ella os seus direitos na nossa desgraça. O que o mancebo devia prestar aos velhos, prestamol-o os velhos ao mancebo.

Logo que farei? Chorarei comtigo. Mas prohibe-o o apostolo quando aos defunctos dos christãos chama pessoas que dormem. E o Senhor diz no Evangelho: Não morreu a menina, mas está dormindo. Tambem Lazaro, como quem adormecera, foi despertado. Deverei, pois, alegrar-me e folgar, porque o nosso Nepociano nos foi tirado para ser preservado da malicia, sendo que Deus se agradára da sua alma? Mas contra a minha vontade e muito a meu pezar me correm as lagrimas pelas faces; e entre os documentos de suas virtudes e a esperança da resurreição, a credulidade do animo fica opprimida pelos affectos da saudade. Oh morte que apartas os irmãos e cruel e inexoravel separas os que uniu o amor! Com razão o Senhor levantou do deserto um vento abrazador, que seccou as tuas veias e assolou a tua fonte. É verdade que tragaste a Jonas, mas elle ficou vivo no teu mesmo ventre: levaste-o como morto, para que a tormenta do mundo abonançasse, e a nossa Ninive se salvasse pelo seu pregão. Aquelle propheta fugitivo, sim Aquelle mesmo te venceu e te degolou, Aquelle mesmo que deixou a sua casa, abriu mão da sua herança, entregou-se livremente aos seus perseguidores: Aquelle que no tempo passado te ameaçava rigoroso por bocca de Oseas, dizendo: Ó morte, eu serei a tua morte; ó inferno, eu serei a tua mordedura. Por sua morte tu morreste: por sua morte nós vivemos. Tragaste e foste tragada, e no mesmo tempo que te sollicitava o corpo que assumira e soffregamente te lançavas sobre a preza, o dente retorcido da sua morte te rasgou as entranhas.

«Graças vos tributamos, Christo salvador e creador nosso, porque a tão poderoso nosso adversario morrendo destes morte. Etc.[1]» E d'este modo prosegue até o fim, em parte

[1] Epistola ad Aeliodorum. Epitaphium Nepotiani.

Grandes materias ingenia parva non sustinent; et in ipso conatu, ultra vires ausa, succumbunt: quantoque maius fuerit quod dicendum est, tanto magis obruitur qui magnitudinem rerum verbis non potest explicare. Nepotianus meus, tuus, noster, imo Christi et quia Chris-

provando que não se deve temer a morte depois que foi morta por Nosso Senhor Jesus Christo; em parte contando a vida virtuosa de Nepociano pela qual o sancto levita mereceu ir viver com Christo entre os anjos e não assistir com os da sua nação á ruina do imperio romano pela invasão dos barbaros.

Muito digno de reparo é que o genio forte de Jeronymo se soubesse internecer até ás lagrimas na simples lembrança da morte do joven Nepociano. Mas elle era um grande sancto e por isso, como diziamos, não podia ser menos compassivo.

Entre o seu estylo, e os de S. Gregorio e Sancto Ambrosio acho esta differença, que no estylo de S. Jeronymo ha mais estudo e mais pompa de erudição; no de Sancto Ambrosio mais poesia e mais affecto, no de S. Gregorio mais elegancia e mais naturalidade: nas outras qualidades não póde haver maior uniformidade; todos se fundam do mesmo modo na Escriptura, todos recendem um perfume celestial, misturado com uma doce melancholia, todos finalmente, se remontam com allusões biblicas aos mais sublimes mysterios da fé e nem por isso deixam de ser accessi-

ti, idcirco plus noster, reliquit senes et desiderii sui jaculo vulneratos et intolerabili dolore confectos. Quem haeredem putavimus, funus tenemus. Cui jam meum sudabit ingenium? Cui litterulae placere gestient? Ubi est ille ergodioctes noster et cygneo canore vox dulcior? Semper animus meus tremit, caligant oculi, lingua balbutit. Quidquid dixero, quia ille non audit, mutum videtur. Stylus ipse quasi sentiens et cera subtristior vel rubigine vel situ obducitur. Quotiescumque nitor in verba prorumpere et super tumulum ejus epitaphii hujus flores spargere, toties lacrymis implentur oculi, et renovato dolore, totus in funere sum. Moris quondam fuit ut super cadavera parentum defunctorum in concione pro rostris laudes liberi dicerent; et instar lugubrium carminum ad fletus et gemitus audientum pectorum concitarent. Et rerum in nobis ordo mutatus est et in calamitatem nostram perdidit sua jura natura. Quod exhibere senibus juvenis debuit, hoc juveni exhibemus senes.

Quid igitur faciam? Jungam tecum lacrymas. Sed apostolus prohibet, christianorum mortuos dormientes vocans. Et Dominus in evangelio: *Non est*, inquit, *mortua puella sed dormit.* Lazarus quoque quia

veis ao intendimento de seus ouvintes. Tal é o estylo de todos estes Padres.

Mas é tempo de tornar ao nosso orador.

§ 5.º ELOQUENCIA FUNEBRE DO ORADOR PORTUGUEZ SUA ORAÇÃO PRINCIPAL

Dirá alguem que esta segunda parte do prologo merece mais que a primeira a censura de Horacio: *Orditur ab ovo.* Pois se ella deve dar conta da eloquencia funebre do *Chrysostomo Portuguez*, porque começou de tão longe? Porque o seu intento é defendel-a e inculcal-a; e para isso não ha meio mais accommodado, que comparal-a com a da Escriptura e doutores da Egreja. Vimos os caracteres da primeira parte do parallelo; vamos agora aos da segunda.

As orações funebres do nosso orador não são mais de seis, e só duas foram publicadas em sua vida, e por isso se acham acabadas e polidas com a ultima lima.

Além d'isso observo que entre as seis orações uma é a principal, a das exequias do principe D. Duarte, irmão de

dormierat, suscitatus est. Laeter et gaudeam quia *raptus est, ne malitia mentem ejus mutaret, quia placuerat Deo anima illius?* Sed invito et repugnanti per genas lacrimae fluunt, et inter praecepta virtutum, resurrectionisque spem credulam mentem desiderii frangit affectus. O mors, quae fratres dividis et amore sociatos crudelis et dura dissocias! Adduxit urentem ventum Dominus de deserto ascendentem, qui siccavit venas tuas et desolavit fontem tuum. Devorasti quidem Jonam, sed et in utero tuo vivus fuit; portasti quasi mortuum, ut tempestas mundi conquiesceret, et Ninive nostra illius praeconio salvaretur. Ille, ille te vicit, ille te jugulavit, fugitivus Propheta, qui reliquit domum suam, dimisit haeriditatem suam, dedit dilectam animam suam in manibus quaerentium eum. Qui per Oseam quondam tibi rigidus minabatur: *Ero mors tua, o mors: ero morsus tuus, inferne.* Illius morte tu mortua es: illius morte nos vivimus. Devorasti et devorata es: dumque assumpti corporis sollicitaris illecebra et avidis faucibus praedam petis, interiora tua adunco dente confossa sunt.

Gratias tibi, Christe Salvator, tua agimus creatura; quod tam potentem adversarium nostrum dum occideres, occidisti. Etc.

D. João IV. Como esta fosse a primeira que o grande orador prégou e nas melhores circumstancias de sua eloquencia, não admira que saisse mais esmerada que as outras cinco.

Fallecera o principe D. Duarte no castello de Milão, preso nos dominios do imperador por negociações de Castella, quando Portugal se declarou independente. O caso fôra escandalosissimo e um dos tantos que se devem áquella maldicta razão de estado, que á vista de qualquer crime não faz pé atrás; e se condemnou á morte o mesmo Filho de Deus, a qual outro innocente terá escrupulo de condemnar?

Portanto, ouvida em Portugal a triste nova da morte do principe no maior fervor dos brios da restauração, é facil de intender a mossa que faria nos corações de todos. Vieira, que então era o oraculo da côrte, ficou fóra de si; e indignado de tanta aleivosia prégou esta eloquentissima oração, a mais larga de quantas nos deixou, e tão vehemente, que em alguma parte (a qual vai aqui emendada) parece se esqueceu de quem era e onde prégava.

Quanto á analyse, começa o orador o mais pathetica e emphaticamente, lembrando os luctos particulares que tiveram n'aquelle anno todas as côrtes da Europa, ficando isempta só a portugueza, como se tivesse privilegio de immortalidade; mas adverte que emfim lhe veio com a morte do principe o desengano. Com este nobilissimo pensamento abre-se o caminho para o assumpto, que é comparar D. Duarte a José filho de Jacob.

Antes de lançar mão d'este parallelo, com outro pensamento não menos nobre e mais pathetico, observa que, sendo tres as obrigações da oração funebre, isto é, sentir a morte, louvar o defuncto e consolar os vivos, se não obstára o costume, fôra melhor satisfazer a todas estas obrigações trocando as palavras em lagrimas, pois estas são o mais vivo do sentimento, como distillado da dor; o mais encarecido dos louvores, como preço da estimação; o mais effectivo da consolação, como allivio da natureza.

Depois, entrando na confirmação do assumpto, porque

tomára por thema aquellas palavras do Genesis relativas á supposta morte de José e á soledade do seu irmão Benjamin: *Mortuus est frater ejus et ipse remansit solus*, pondo no logar de José ao principe D. Duarte e no de Benjamin, a el-rei D. João IV, seu irmão, pondera e applica as palavras citadas segundo as tres obrigações de que fallámos, deduzindo d'esta triplice ponderação e applicação tres generos de motivos que tem Portugal na morte do principe D. Duarte, primeiro para o chorar, segundo para o louvar, terceiro para consolar-se.

Adverte, porém, que na sua oração não se atreve a prometter nem ordem, nem discurso, nem concerto; o que elle diz, não porque a mesma oração não tenha todas estas qualidades (pois as tem em summo gráu); mas porque os motivos de chorar não ficam encerrados só no primeiro poncto; invadem os outros dous, como dominantes, segundo já adverti, n'este genero de eloquencia.

O desenvolvimento dos mesmos ponctos é o seguinte:

Para os motivos de pranto:

1.º Compara a morte de Valentiniano, chorada por Sancto Ambrosio, e a supposta morte de José, chorada por Jacob, com a do infante, chorada pelos portuguezes, e conclúi que estes teem maior motivo de affliçâo.

2.º Pondera, como maior circumstancia de mágoa, que a morte do infante foi devida á restauração, isto é á felicidade de Portugal: foi infeliz o infante, porque elles foram ditosos. N'isto tambem a sua desgraça guarda analogia com a de José, a qual lhe sobreveio, quando elle nos campos de Dothain procurava a prosperidade da casa de seu pae.

N'este lugar suspende o orador (ao menos por palavras) a consideração dos motivos de pranto, e passa aos de louvor, que formam quasi todo o corpo do sermão. Não se podia dar disposição oratoria mais acertada; pois estes motivos de louvor encarecem os de pranto e fundam os de consolação.

São elles tirados de tres fontes: primeira, as circum-

stancias da sua morte, *Mortuus est:* segunda, o amor que tinha ao irmão, *Frater ejus:* terceira, a soledade em que este ficou, *Et ipse remansit solus.*

No tocante aos da primeira fonte, considera as circumstancias da morte:

1.° Da parte do inimigo que a causou por meio da prisão em que foi violado o direito das gentes, a fé da hospitalidade e até a justiça de retribuição pelos serviços que o principe fizera ao imperador e por sua innocencia tão merecedora de respeito.

D'aqui deduz a grande estimação que Castella fazia do infante; pois ella não se teria exposto a perder d'este modo o credito deante da culta Europa, se não tivesse julgado a liberdade do infante ser necessaria á restauração de Portugal.

Com um texto de David e com os exemplos da inimizade com que o perseguiu Saul, nota que um inimigo que teme, ainda que seja rei, é o inimigo mais descarado e cruel. Assim o mostraram com suas obras os desapiedados irmãos de José, quando temeram a sua futura grandeza. Emfim, como David teve maior medo do talento de Achitophel, que dos exercitos de Absalão, assim Castella mais se temeu do talento do infante, que dos exercitos de Portugal.

2.° Da parte do mesmo infante que a soffreu. Observa o orador que ha na historia de José uma allegoria politica, a qual prova que não ha fiar-se em palavras de quem tenha o sceptro na mão; e que assim o intendeu David a respeito de Saul, mas não o infante, porque media os outros por si mesmo e a realeza de seu coração não lhe deixava imaginar a possibilidade de tanta baixeza. Confirma-o com a auctoridade de Sancto Ambrosio e com o exemplo de José, tão pouco suspeitoso da perfidia de seus irmãos: como, pelo contrario, grande foi o receio que estes tiveram na morte de seu pai, de que elle se quizesse vingar da affronta que lhe tinham feito. De maneira que, por ter o infante um coração tão leal, se fiou da palavra do impera-

dor e foi preso tão aleivosamente. Comtudo o mesmo Vieira desculpa esta palavra, dizendo «Se não houvera máus ministros ao lado dos principes, nunca a pureza da sua verdade, nem a fama de suas acções padecera eclypses.»

3.º Da parte da Providencia, a qual, postoque livrou a José da prisão, não livrou ao principe, que o não merecia menos por suas virtudes e sobretudo pela sua devoção ao Sanctissimo Sacramento e á Senhora, e por sua caridade aos pobres: quanto mais que estes seus merecimentos eram ajudados por tantas orações, sacrificios, votos, penitencias e outras obras meritorias de todo Portugal. Diz o orador que se a Providencia não se deixou mover por tudo isto, foi, porque quiz que os portuguezes confiassem só n'ella e não esperassem do valor do infante o que só ella havia de fazer para a conservação do reino. Esta explicação é confirmada com exemplos dos Livros sagrados, principalmente com a historia de Gedeão e com as promessas que Deus fez a D. Affonso Henriques.

4.º Pelo tempo que o infante aturou os padecimentos da prisão, morrendo ao cabo de nove annos. Faz o orador sobresair esta constancia, comparando-o de novo, porém em sentido contrario, com Achitophel, que se matou por não vir ás mãos de David, e com Elias que desejou a morte por não poder supportar a perseguição de Jezabel. O infante não só levou com paciencia os seus soffrimentos, se não tambem com saude, indicio de que tinha um coração superior a todas as vicissitudes da vida humana. N'esta superioridade de animo se mostrou elle mais admiravel que os mesmos José e David, os quaes entre as perseguições envelheceram antes de tempo. Que maravilhoso espectaculo aos olhos de Deus vêr um homem luctar com a má fortuna tão animosamente como o infante!

5.º Pelo perdão que deu, morrendo, aos seus inimigos, perdoando-lhes, á imitação de Christo, até o nome de inimigos; e accrescentando que nunca os tivera por taes. Realça o orador como devia e podia este rarissimo exem-

plo de caridade; e nota que d'elle não se acha na vida de José que um simples vislumbre: este foi, que o generoso filho de Jacob nunca chamou inimigos a seus irmãos. O Prototypo de tão heroico acto de caridade se viu no Calvario, quando o Filho de Deus morreu por nós como por amigos; e assim, conclúi o orador «no infante foi pouco morrer como christão, porque morreu como Christo: *Mortuus est.*»

Quanto ao amor que tinha ao irmão, *Frater ejus*, que é a segunda fonte de louvor, prova-se que foi o principe verdadeiro irmão para D. João IV, assim como José o era para Benjamin. Argumento são as palavras que disse na prisão ante seus inimigos, que se tivera cem mil vidas, as daria por el-rei seu irmão. Encarece o orador esta generosa protestação, mostrando:

1.° Que o infante na torre de Milão era verdadeiro muro de defeza para seu irmão, divertindo d'elle os tiros de Castella e recebendo-os no seu peito.

2.° Que de algum modo deu por seu irmão cem mil vidas: pois nos perigos e trabalhos da prisão estava morrendo por elle a cada momento. É o *Quotidie morior per vestram salutem* de S. Paulo.

3.° Que reconhece animosamente no irmão o titulo de rei deante de seus inimigos, como os Magos o reconheceram deante de Herodes em Christo Senhor Nosso.

4.° Que confundiu com seu exemplo a Jacob, Eliab, Salomão, Abimelec e os irmãos mais velhos de José, os quaes levaram tanto a mal a grandeza e gloria de seus proprios irmãos.

Finalmente, quanto á soledade de D. João IV, irmão do infante, *Et ipse remansit solus*, que é a terceira fonte de louvor, declara-se com os argumentos seguintes:

1.° Jacob na supposição da morte de José disse que Benjamin ficára só, não obstante que este tivesse outros dez irmãos, porque nenhum d'elles suppria a falta de José; e por isso uma tal falta lhe devia causar soledade. Quanto

mais a causaria a D. João IV a morte do infante, irmão unico e tal irmão!

2.° A majestade real se póde comparar á soberania que Adão tinha a respeito dos animaes; porque a realeza faz aos homens representantes de Deus e por isso deuses terrestres; e como a historia sagrada, fallando de Adão antes da creação de Eva, diz que elle não tinha na sua especie quem o podesse ajudar, assim o póde dizer um rei que não tem o auxilio de quem participe da sua realeza.

3.° Sendo dous irmãos um para o outro como uma cidade firme, segue-se que el-rei D. João IV ficou com a morte do irmão como uma cidade desmantelada: por onde tem aqui logar o que bradou Marcello nas ruas de Roma pela morte de Scipião Africano: *Concurrite, concurrite, cives: moenia urbis vestrae eversa sunt.*

4.° Grande era a felicidade do governo de Moysés porque era ajudado de Arão seu irmão. E se Moysés, postoque feito «Deus de Pharaó,» carecia d'este adjutorio, quanto mais el-rei D. João IV! Outro reparo. Pela morte de Arão os cananeus tomaram as armas contra Moysés, aproveitando-se da falta que lhe fazia o irmão. O mesmo ha de temer D. João IV da parte dos castelhanos depois da morte do infante.

Taes são os motivos, não menos de pranto que de louvor, derivados da fonte da soledade: *Et ipse remansit solus.*

Finalmente, chegando o orador á terceira parte, mostra que as mesmas palavras que deram os motivos de chorar e louvar o infante, os dão tambem para consolar-se, ainda que a perda é tão lastimosa. Est'outros motivos são:

1.° Que a sua morte foi para o infante o descanço de tantos trabalhos; por isso parece fôra mais acertado pôr os luctos com a nova da prisão e tiral-os com a de sua morte.

2.° Que esta morte foi como a perda de José. Se José se não perdera, não fôra protector da sua familia juncto do throno de Pharaó; e se o infante não morrera, não teriam

os portuguezes um novo protector na côrte do Rei do céu.

3.º Que o rei seu irmão terá n'elle um terceiro anjo da guarda que baixará do céu para o assistir, se fôr preciso, na guerra, como assistiram D. Affonso Henriques e D. Sancho I a D. Ioão I e ao principe D. Duarte na conquista de Ceuta; e como a casa de Jacob foi singularmente visitada por Deus depois da morte de José, assim o será a côrte de Portugal depois da morte do infante, para se cumprirem as promessas que Deus fez ao fundador do reino: *In ipsa attenuata ego respiciam et videbo.*

4.º Que o principe D. Theodosio, herdeiro das virtudes e dotes naturaes do tio, está já em edade de o substituir juncto de seu pae, e com sorte mais feliz.

5.º Que a prosperidade do reino de Portugal se funda em septe pessoas reaes e a de Castella só em tres...

N'este poncto tem o original uma interrupção de discurso, porque, estando todo em papeis soltos, se perdeu alguma parte. Parece, porém, que é muito pouco o perdido; pois a argumentação satisfaz abundantissimamente não só ao assumpto geral, senão tambem ao particular da ultima subdivisão. Seguindo, quanto foi possivel á minha fraqueza, as idéas do grande orador, enchi esta lacuna, como se póde ver na mesma oração, para não deixar mutilada uma obra tão primorosa. Assim o fizeram não poucas vezes esculptores modernos em estatuas mui famosas da arte antiga, achadas com alguma mutilação: suppriram aquellas faltas, para que não offendessem a vista dos que fossem capazes de admirar o primor da arte.

§ 6.º ORAÇÕES FUNEBRES SECUNDARIAS PRÉGADAS EM PORTUGAL

Dou ás outras cinco orações funebres a qualificação de secundarias, porque, qual por uma razão qual por outra, se afastam n'este genero de eloquencia da perfeição primeira.

Mostral-o-hei com a analyse de cada uma. E em primeiro logar se apresenta a que o orador prégou nas exequias do D. Maria de Athaide, filha dos condes de Atouguia, dama de palacio, mui celebre pela sua formosura e discrição; em cuja morte Antonio Barbosa Bacellar fez o soneto seguinte:

Venceu a morte, ó Fabio, a formosura:
Amarillis a bella é cinza fria:
Procura Amor mostrar que o não sabia;
E esconde o caso n'esta pedra dura.

Occultar n'este marmore procura
Esta da morte ou gloria ou tyrannia.
Se quer a formosura idolatria
Não se saiba o que esconde a sepultura.

Se não fôr este tumulo ás edades
Mysterio occulto e venerado medo,
Acabou-se o respeito ás divindades.

Mas que importa que o cale este penedo
Se ha de ser sempre altar de saudades
E hão de estragar os votos o segredo?

O thema da oração é *Maria optimam partem elegit*, pois a joven fidalga morreu na oitava da Assumpção. Applica-lhe o orador o que se disse em sentido litteral de Sancta Maria Magdalena e mystico de Nossa Senhora: e moraliza no exordio sobre a maior esperança de salvação que ha por quem morre em alguma festa de Maria Sanctissima, maximamente na da Assumpção; e d'este modo assenta a proposição, que Maria de Athaide morrendo escolheu a melhor parte.

Brilhantissima é a fórma com que desenvolve o assumpto. Tornando ao evangelho do dia e achando n'elle Martha que se queixa do divino Mestre com aquellas palavras *Domine non est tibi curae, etc.?* introduz tres queixosas da divina Providencia a respeito da morte de Maria de Athaide,

e são a edade, a gentileza, a discrição. Expõi primeiro estas queixas e depois lhes responde.

Queixa-se a edade e seguindo os exemplos de David, Jacob e Job, mostra a semrazão da morte em matar os vivos tão cedo e não fazer differença nos annos de cada um. Encarece esta sua queixa notando, que tendo sido vista na Escriptura a morte já a pé, já a cavallo, e já voando, não anda, nem corre, nem voa para todos do mesmo modo; mas anda para uns, corre para outros, e para outros vôa; e tendo sido figurada em uma vara comprida e farpada, como aquella com que se alcançam os fructos maduros, agora, tão contraria a si mesma, não só deixa os maduros e colhe os verdes, mas chega com a sua tyrannia a deixar os fructos e colher as flores.

Queixa-se a gentileza com as lagrimas de Rachel, porque sendo ella mais moça que a sua irmã Lia, ha de ser a primeira na morte, quando não foi a primeira no casamento. Grande prepotencia que a morte tambem exercita nas outras creaturas: pois é regra geral que as maiores bellezas d'este mundo duram pouco.

Queixa-se finalmente a discrição, porque a morte se mostra inimiga do intendimento, como se viu em Achitophel; e não só extranha com David que morram junctamente os nescios e intendidos, mas ainda deplora «que a morte apressada seja attributo do intendimento e a vida larga attributo da ignorancia.»

Taes são as queixas. Responde o orador á primeira: que a morte eternizou a edade e segundo a phrase de Job multiplicou os seus dias como os da Phenix. Declara-o mostrando que só os dias da eternidade são nossos, porque só d'elles podemos dispor; e que Maria morrendo ante tempo pagou a Deus o amor que lhe tinha ab eterno. O amor de Deus se extende por duas eternidades, uma a *parte ante*, outra a *parte post*. O amor da eternidade *a parte post* pagal-o-ha Maria na eternidade que viverá no céu: o amor da eternidade *a parte ante*, o pagou com os annos, que se-

gundo as leis da natureza ainda lhe restavam para viver na terra e que sacrificou ao agrado de sua Divina Majestade.

Responde á segunda, que a morte melhorou a gentileza com a celeste formosura do espirito; tão grande, que vendo-a S. João em um anjo se lançou por terra para adoral-a. E verdadeiramente que é propriedade da sepultura dar principio a formosuras permanentes. Comparou Deus a descendencia de Adão a pó e a estrellas «para ensinar, diz Philo, que o caminho de se fazerem estrellas era desfazerem-se em pó.» Alem d'isso, a vida presente é mais inimiga da formosura do que a morte. «A formosura morta sustenta se na memoria do que foi; a formosura mudada affronta-se no testimunho do que é... e trazer o epitaphio no rosto, ou tel-o na sepultura, vai muito a dizer.» Por isso não quiz Deus que o povo de Israel visse como a morte mudara o rosto de Moysés, que fôra tão luminoso.

Responde á terceira, que a morte canonizou a discrição a qual consiste em saber morrer. *Non in exordio, sed in fine mutatur homo*, disse Sancto' Ambrosio; e se viu na parabola das dez virgens. Ainda que esta morte foi caso, tornou-se eleição por virtude da conformidade com a vontade de Deus. Nota-se que esta eleição é mais perfeita que qualquer outra, porque, quem elege, faz a sua vontade, quem se conforma, faz sua a vontade de Deus.

Remata o orador a confutação das tres queixas virando-as contra outras edades, outras gentilezas, outras discrições, umas por cegas, outras por enganadas e outras por mal intendidas; e assim acaba o sermão.

Excellentemente: mas onde está o pathetico do precedente? N'este segundo falla só o intendimento; no primeiro o intendimento e o affecto, e por isso falta ao presente discurso o mais essencial da eloquencia funebre, que é a linguagem da dor. D'esta falta dá conta o mesmo auctor, dizendo «Os que leram a S. Jeronymo, ou na consolação de Juliano sobre a morte de Faustina, ou no epita-

phio de Paula a Eustochio, ou nas memorias funebres de Marcella e de Fabiola, sei que hão de culpar o humilde do estylo, o encolhido do encarecimento, o tibio ou o timido dos affectos, com que fallo n'este caso. Mas como n'aquelles (postoque não maiores) era outra a pessoa que fallava e em outra lingua e a outros ouvidos, obriga-me a mim a discrição a que remetta ao silencio o internecido d'estas queixas, para que ouçamos o ponderoso das suas.» Eis, logo a razão por que o orador se afastou tanto da natureza de uma oração funebre. Temeu, e mui prudentemente, que poderia causar escandalo a ouvidos portuguezes e julgar-se insoffrivel profanidade que se chorasse em uma tribuna sagrada a formosura eclipsada de uma joven fidalga. Bôa é a desculpa; mas nem por isso esta oração funebre deixa de ser inferior á precedente.

No sermão das exequias do conde de Unhão, D. Fernão Telles de Menezes, prégado em Santarem no anno de 1651 não havia este perigo e parece que o orador havia de largar as redeas aos affectos do sentimento, porque o conde tivera uma piedade e religião superior a qualquer elogio e fôra seu padrinho de baptismo: mas houve aqui outro estorvo. Este sermão não foi prégado nas primeiras exequias, senão nas do septuagesimo dia, quando o sentimento da morte que se ha de chorar não póde ser tão vivo; por isso tambem aqui deixou elle fallar mais o intendimento que o coração. Adverte-o desde o principio do exordio dizendo «Baste o chorado já, baste o sentido: contente-se a natureza com septenta dias de dor... Celebramos hoje as memorias de Fernão Telles de Menezes, cujo nome é o maior elogio: por isso o refiro desacompanhado de todos. Memorias, disse, e não memorias funebres, porque não hei de prégar de morto, senão de vivo. Sermão de honras me encommendaram; e não seriam honras, senão injurias da virtude e da razão buscar ao vivo entre os mortos.» Tomando logo o orador desde o principio esta salva, já se intende que não vai prégar uma ora-

ção funebre senão um panegyrico, postoque em occasião de exequias; e assim espertará affectos de admiração, e não de dôr. Por certo que os heroicos exemplos de virtude que refere de toda a vida do conde e que o fazem digno da gloria dos maiores sanctos, não são muito proprios para excitar sentimentos de tristeza: quanto mais que elle morreu velho e já maduro para o céu.

N'este discurso mais panegyrico que funeral compara-o o orador a Henoch, e os ponctos de comparação são os seguintes:

1.° *Vixit Henoch septuaginta quinque annis:* tantos annos viveu o conde; verdadeiramente que os seus annos foram todos de vida. Declara o orador que «morrer de muitos annos e viver muitos annos não é a mesma cousa: porque ordinariamente os homens morrem de muitos e vivem poucos. As nossas acções são os nossos dias: em quanto obramos racionalmente vivemos, o demais tempo duramos.» Confirma-o com a auctoridade de Seneca e muito mais de Isaias. O conde viveu todos os annos de que morreu «porque todos viveu medidos com a razão e lei de Christo e seguindo a regra de S. Paulo *sobrie et juste et pie vivamus: sobrie*, comendo só para viver: *juste*, fazendo as obras de misericordia como devia, e julgando aos pobres por seus credores; *pie*, emulando na oração os mais rigidos anachoretas, pois «nenhum dia houve que descesse a sua oração de oito a dez horas; muitos que passou de quatorze.» Nota que a comparação da edade do conde com a de Henoch não é impropria, por ter este vivido, além dos sessenta e cinco annos, muitos outros. Bem que o conde viveu só sessenta e cinco, suppriu com a perfeição das obras (com que se mede a vida) o que faltou a seu numero.

2.° *Et genuit Mathusalam.* Repara o orador na successão de Henoch e infere que «a virtude dos progenitores é a segurança da successão e a perpetuidade das casas... Esta ventura se póde prometter a casa de Unhão nos me-

recimentos de seu primeiro conde: foi como Henoch sua vida: será como Mathusalem sua successão:» as virtudes de David não deram sómente o titulo de rei, senão tambem a perpetuidade á descendencia de Abrahão. Assim o fizeram as virtudes do conde, principalmente o grande zelo com que procurou o culto divino, reparando muitas egrejas nas suas commendas e logares de que era senhor, outras ordenando-as e provendo-as, e algumas levantando-as e edificando-as desde seus fundamentos. «A quem tão sollicito era em editicar casas a Deus, como lhe póde faltar Deus em estabelecer a sua?» N'este logar refere o orador um caso verdadeiramente milagroso de assistencia divina que o conde experimentou em uma viagem.

3.º *Et ambulavit Henoch cum Deo.* O andar com o mundo explica o que é o andar com Deus de um e outro Henoch. Falla-se n'este proposito da castidade exemplarissima do conde, a qual é o maior tropheu da casa de Unhão, digno de se comparar com o da castidade de Judith. Falla-se tambem da sua devoção ao Sacramento, e principalmente de um notabilissimo exemplo de desaggravo, que elle deixou para edificação da posteridade, quando por um roubo sacrilego das sagradas Especies, tendo elle a edade de vinte e septe annos se obrigou «a não comer desde a sexta feira até o domingo, passando dous dias naturaes, sexta e sabbado, sem mantimento algum em todas as semanas; e assim o guardou pelo resto da vida, que foram trinta e oito annos.» Muito e com muita razão encarece o orador este desaggravo, comparando a devoção do conde com a de David; o seu zelo com o que terá Henoch, quando voltar no fim do mundo a prégar a penitencia; e finalmente a sua dedicação em satisfazer á divina Justiça por peccados alheios com a do Filho de Deus feito homem.

4.º *Et genuit filios et filias, ambulavitque cum Deo.* Com S. João Chrysostomo e o cardeal Caetano repara n'esta repetição do Texto sagrado, a qual não é sem mysterio. Henoch andou com Deus antes e depois de ter filhos

e filhas: porque não se conformou com o que fazem ordinariamente os homens, os quaes com a mudança de estado mudam tambem os costumes. O theor da vida de um e outro Henoch foi sempre o mesmo; e a sua vida segundo a phrase de Seneca, foi sempre da mesma côr. «Homens ha que se lhe cotejarmos a mocidade com a velhice parecem duas ametades de vidas differentes. Saul na mocidade innocente e na velhice vicioso. Manassés na mocidade peccador e na velhice justo.» O conde foi sempre o mesmo: desde menino até velho sempre foi admiravel por suas virtudes, e por isso pôde dizer com as palavras de David que Deus foi muitas vezes seu salvador: *Deus noster, Deus salvos faciendi et protector salvationum Christi sui:* não *salvationis* senão *salvationum*, porque salvou a sua innocencia em todas as edades da vida.

5.° *Et non apparuit.* N'este poncto toca o orador a questão do logar onde está escondido Henoch, depois que desappareceu dos olhos dos homens e como se salvou no tempo do diluvio; e para correspondencia do parallelo falla da vida retirada do conde. Vivia longe da côrte, ainda que D. João IV o estimava tanto que chorou a sua morte. Assim mostrou Christo com lagrimas quanto amava a Lazaro.

6.° *Quia tulit eum Deus.* Este ultimo poncto é o que tem no original mais lacunas, as quaes porém não impedem o fio da argumentação. Observa n'elle o orador que um e outro Henoch, postoque por differente modo, souberam morrer ao mundo antes de morrer ao corpo; e com esta advertencia remata o seu discurso, exhortando os ouvintes á imitação, e dizendo que aprendam a fazer desde logo por eleição o que hão de fazer por necessidade em artigo de morte. Uma brevissima anacephaleose das explicações de todas as clausulas applicando-as aos mesmos ouvintes é a corôa do discurso mais panegyrico que funeral prégado nas exequias do Conde de Unhão; e por isso elle tambem se afasta da perfeição da primeira oração funebre.

§ 7.º ORAÇÕES FUNEBRES SECUNDARIAS PRÉGADAS NO BRASIL

A primeira é a das exequias do principe D. Theodosio o *animae dimidium meae* do padre Vieira: a qual oração elle prégou na nossa egreja do collegio de S. Luiz no Maranhão. Excepto o exordio, está toda em aponctamentos, ainda que bastante particularizados.

Lá vai a ordem de todo o discurso.

O thema. *Dominus dedit, Dominus abstulit, sicut Domino placuit ita factum est.*

O exordio. Razões que tem o povo do Maranhão de chorar a morte do principe, mais que o de Portugal; e razões que teem os religiosos da Companhia, sobretudo n'aquellas missões. Por isso se fazem aquelles officios anniversarios, os quaes, porém, são tão pobres como se os mandára a a mesma humildade do infante.

Assumpto. Seguir as clausulas do thema como fundamento do que se ha de dizer e não como exemplo do que se ha de declarar.

Confirmação. 1.º O principe não morreu moço, como se cuida, senão muito bem logrado. Prova-o abundantemente o orador percorrendo os maravilhosos exemplos da sua vida, os quaes desde menino o mostram velho por sisudez. Explica a este proposito dous textos biblicos que se referem a Christo, provando que era homem perfeito desde a infancia. O principe foi sempre um exemplar de piedade, amor ás letras, pureza de costumes, bom juizo, desprezo de toda a vaidade e regalo; e se excedeu em algum affecto, foi no demasiado amor de saber. No mais dominou tanto os seus appetites, que nem deixou logar para algum da sua côrte o tentar em materia de pureza. Não fazia caso do dinheiro, e como Deus dá a sua graça e não outros bens a quem mais ama, assim o fazia o principe D. Theodosio.

2.º Deus o levou quando estava urdindo a teia das maiores impresas assim nas letras, como nas armas: isto é mu-

rar Lisboa, fortificar o reino, commentar a Escriptura, escrever uma historia universal, e um tractado de cosmographia, converter a gentilidade, etc. «Quão de principe foram estes intentos»!

3.° Grande caso que Deus consentisse a morte de um tal principe! Quanto se pediu por elle! Mas elle morreu porque o Senhor o amava muito e foi a respeito da sua alma *Deus zelotes*. «Nenhuma cousa sente mais Deus que amarmos mais a outrem que a elle.» Prova-o o orador com a historia do sacrificio de Abrahão.

4.° Com ser a morte do principe tanto para sentir, comtudo, conclúi o orador que se deve por ella dar graças a Deus, porque D. Theodosio por seu muito saber e bondade difficultosamente sería tão grande nas qualidades de rei como o era nas de principe.

Este ultimo pensamento, que bem intendido não é tão extravagante como parece á primeira vista, mostra que não tinha o orador tão grandes saudades do principe D. Theodosio como do infante D. Duarte; e assim por mais de um motivo não temos n'esta oração funebre as qualidades da outra.

Tambem a seguinte oração, prégada no mesmo Maranhão nas exequias de D. João IV, não prima tanto no pathetico, quanto se podia esperar das intimas relações de affecto que houve entre aquelle monarcha e o orador, e dos perigos em que a sua morte prematura deixou o reino e a monarchia.

Tomando por thema as duas clausulas do psalmo 88: *Inveni David servum meum, oleo sancto meo unxi eum, manus enim mea auxiliabitur ei et brachium meum confortabit eum*, compara elle o monarcha a David e adverte desde o principio que vai fazer um panegyrico e não um sermão funebre; e assim desenvolve o texto e o assumpto, applicando á vida de D. João as palavras que historialmente se referem á vida de David.

1.° A*chei*. Foi D. João um rei buscado e achado por Deus. Mostra-o a historia da familia de Bragança, tão simi-

lhante á geração dos machabeus, e confirma-o a eleição que se fez de D. João d'entre seus irmãos, comparada com a de David.

2.° *David.* O poncto principal em que D. João se compara com David é o seu desafio com o gigante de Hespanha. «Os pequenos, se pelejam contra os grandes, ainda quando vençam, ficam debaixo.» Assim Eleazaro, irmão de Judas Machabeu, metteu a espada pelo peito do elephante e ficou sepultado debaixo de seu triumpho. Comtudo não foi assim de um e outro David. Nunca houve maior fortuna que na victoria que um e outro alcançaram de seus adversarios.

3.° *Meu servo.* «O em que David principalmente se mostrou servo de Deus, foi na dureza da fé, destruindo idolos; na reverencia e ordem do sacerdocio, na musica e ceremonias ecclesiasticas, no serviço e decoro do culto divino e em elle deante da divina Majestade se esquecer totalmente da sua. Em todas estas circumstancias de religião e piedade foi admiravel o zelo do senhor rei D. João», Prova-o partidamente o orador, notando sobretudo a sua obediencia ao romano pontifice, a escrupulosidade com que observava os preceitos da Egreja e a sua devoção ao Sanctissimo Sacramento. «De quinta feira maior até a manhã da Resurreição, de dia e de noite estava sempre acompanhando o Senhor e não se assentava senão no chão».

4.° *Ungi-o com o meu sancto oleo.* Primeiro faz o orador distincção entre o oleo sancto com que se ungiu D. João á similhança de David e o oleo peccador com que se ungem outros reis. Acceitou elle a dignidade real como por força e só para servir a seu povo. Em segundo logar pondera que o ungido foi elle e não algum seu valido. D. João IV não era do numero dos reis que reinam e não governam.

5.° *A minha mão o ajudará e o meu braço o esforçará.* Viu-se desde o dia da acclamação. «Defronte da egreja de Sancto Antonio, despregou a mão e extendeu o braço a imagem de Christo crucificado.» Portugal e todas as con-

quistas logo o reconhecem por seu rei; e elle, assistido do braço de Deus, vive nas trepidações da restauração com o maior socego. Não teve tanta paz o proprio David, quando se viu perseguido por Saul.

Atéqui o original, tendo-se perdido o resto do sermão. Comtudo a sua parte encomiastica se póde dar por concluida: pois as clausulas do thema estão explicadas todas e applicadas ao seu assumpto. Para concluir o inteiro discurso, seguindo como costumo o fio das ideas do orador, accrescento que o mesmo braço de Deus assistiu a D. João na morte, na qual tambem se mostrou similhante a David pela piedade com que morreu e pelas lembranças que deixou aos filhos e vassallos. Acabo excitando a confiança dos portuguezes na sabedoria da rainha regente, que tanta parte tivera na restauração, e fazendo esperar as felicidades promettidas ao fundador do reino; as quaes (diz Vieira nos prolegomenos da historia do futuro, cujas palavras cito na conclusão) «os que as creem terão vida para as verem; os que as não creem, morrerão para que as não vejam».

Em fim a ultima oração funebre que temos do grande orador é a prégada nas exequias da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya; e porque foi publicada pelo mesmo auctor é a segunda que nos chegou inteira e sem lacunas. O thema é tirado do cap. 20 dos numeros: *Mortua est ibi Maria et sepulta in eodem loco. Cumque indigeret aqua populus, cumque elevasset Moyses manus, percutiens virga bis silicem, egressae sunt aquae largissimae.*

Compara o orador a morte da rainha D. Maria Francisca com a de Maria irmã de Moysés e os dous golpes que deu Moysés á penha, aos outros dous que recebeu el-rei D. Pedro pela morte do irmão D. Affonso e da esposa D. Maria, ambos motivos de consolação: por isso o discurso vai dividido em duas partes, uma funebre para chorar, outra alegre para consolar-se.

Quanto á primeira parte conta antes de tudo e defende com o exemplo de Abrahão e David o pranto que derramou

el-rei D. Pedro pela morte da rainha; e depois, fundado no sentimento de seu confessor, louva a defuncta com as qualificações de sanctissima e prudentissima. A prova e desenvolvimento d'este louvor é toda a materia da parte funebre do sermão.

Prevê o orador as duvidas que lhe podiam propôr os ouvintes quanto á qualificação de sanctissima; e responde que é proprio da virtude ficar occulta em vida e mostrar-se depois da morte. A alma do virtuoso na vida presente é como o *Sancta Sanctorum* do Templo, em que só podia entrar o summo sacerdote. Além d'isso a virtude da rainha prova-se com factos positivos e muito sabidos, principalmente com o seu testamento, tão notavel por sua religião e caridade, e com a constancia e egualdade de animo com que se portou, quando viu desfeito o casamento da princeza sua filha com o principe de Saboya.

Menos havia que duvidar quanto á qualificação de prudentissima: pois a rainha teve para a virtude da prudencia duas escholas, uma natural, e foi a companhia, tracto e e communicação d'el-rei seu esposo: outra sobrenatural a que frequentava David; isto é, estudar pelos mandamentos divinos. Assim ella foi a Abigail, a Esther, a Bersabé, a Abisays e a Michol de D. Pedro e foi para o seu reino como a lua na noite; e porque faz tanta falta, por isso é merecedora das lagrimas dos seus vassallos.

Concluida d'este modo a parte funebre do sermão, passa o orador á alegre e por isso impropria d'aquella occasião: a qual, como já declarei, se admitte em sermão de exequias razões de consolação, não as admitte de alegria. E qual maior alegria podia haver para os portuguezes, que mostrar-lhes que só com a morte da rainha se podiam livrar do perigo de serem governados por um rei extrangeiro?

Se o orador se contentara com apresentar por motivo de consolação só o primeiro, onde falla da princeza filha da rainha, em cujos dotes encantadores a mãe continuava a viver como se não morrera, este motivo ainda condiz com a tris-

teza de uma ceremonia funebre. Mas declarar tão de proposito, como o leitor póde ver n'esta segunda parte do sermão, as vantagens sociaes que havia na morte da rainha por ser o unico meio com que se podesse dar a Portugal a successão de principes naturaes, isso foi encontrar direitamente a natureza da oração funebre e destruir o seu effeito.

Fique logo assentado que o modelo mais perfeito que temos da eloquencia funebre do grande orador é a oração prégada nas exequias do infante D. Duarte. Do cuidado que elle teve em aperfeiçoal-a escreve o padre André de Barros que a publicou, as palavras seguintes:

«Fez-nos admiração o que n'este manuscripto achámos. Duas vezes repizou o rarissimo auctor o sermão d'estas exequias: na primeira composição são tantas as interlinhas, as emendas e os reclamos ás margens, que só quem a ordenou, ou urdiu, poderia desembaraçar-se de tal labyrintho. Não contente, pois, aquelle vasto intendimento com a primeira producção, como rio que rompe e não cabe no alveo por onde corre, pegou na penna, e em folhas soltas escreveu um sermão, compondo-o de novo e valendo-se do antigo; mas com penna tão veloz, que este não já rio, mas mar, necessitava de um Délio nadador para se vadear. Ajustámos emfim, como nos foi possivel, este saudoso discurso, todo fogo e todo luz: uma e outra cousa forte e viva demonstração do amor á patria e a nossos soberanos e naturaes principes.»

E fallando da outra oração prégada nas exequias de D. João IV, diz: «Damos esta funebre oração com o mesmo sentimento que as outras, nem acabadas nem com a ultima lima do seu auctor polidas... Não tem mais que a primeira parte este discurso e ainda esta em partes defectuosa.» E na do conde de Unhão accrescenta: «Com grande trabalho pudemos extrahir do seu primeiro original esta dignissima oração: o miudo dos caracteres, o apagado das letras e o delido do papel, se em alguma escriptura neces-

sita de paciencia, foi n'esta. O que se vir interrupto ou quebrado, servirá aqui não só de demonstração do que não se podia divisar, senão tambem de expressiva interjeição da nossa dôr, sentindo perder de qualquer obra do padre Antonio Vieira uma só letra.»

Tudo isto é mais uma prova da preferencia que merece a oração que proponho por modelo.

Accresce que a mesma oração tem ainda a vantagem de tornar o methodo do grande orador mais natural e mais conforme ao dos Padres.

O methodo vieirense nas orações funebres é, como temos visto, buscar na Escriptura algum heroe com que possa comparar o sujeito de seu elogio; e d'este modo para o infante D. Duarte achou José filho de Jacob; para D. Maria de Athaide, Maria Magdalena; para o conde de Unhão, Henoch; para D. Theodosio, Job; para D. João IV, David: e finalmente para a rainha D. Maria Francisca, Maria irmã de Moysés. Pelo contrario os doutores citados procedem com maior simplicidade: contam a vida do defuncto, illustrando-a com documentos biblicos e reflexões moraes sem tomar o impenho de taes parallelos, e com tanto que satisfaçam ás tres obrigações da eloquencia funebre, estão contentes.

Por certo que se a arte do methodo vieirense não fôr dissimulada, como na oração das exequias do infante D. Duarte, esfria o affecto; por isso os imitadores do *Chrysostomo portuguez* devem ter sempre a mira n'aquelle modelo, attendendo sobre tudo áquella côr geral de tristeza que o caracteriza desde o principio até o fim e o faz mais similhante aos modelos propostos no cantico de David e nas orações dos tres doutores.

CONCLUSÃO

Finalizando a analyse de todos os sermões da primeira e segunda parte d'este volume, que forma com os tres precedentes a flôr mais escolhida da eloquencia vieirense, ao passo que invejo á nação portugueza tão rico thesouro de doutrina e linguagem para todos os generos de oratoria sagrada, confesso que não sei intender, como é que, sendo cada povo tão cioso das suas glorias, que não póde soffrer ver-lhes preferidas as das outras nações, haja comtudo portuguezes que se gloriam d'este nome e que em materia de prégação deixam as fontes nacionaes e se acodem ás extrangeiras.

Digo isto, porque sei que correm ainda por esse mundo alguns preconceitos que preferem ao *Chrysostomo portuguez* os oradores francezes. Mas qual a razão d'esta preferencia? Que é o que se reprova nos sermões que proponho aos portuguezes por modelos de eloquencia nacional? A linguagem, não; porque é de um dos primeiros classicos da nação. O discurso, não; pois estas mesmas synopses mostram como é bem intendido. A doutrina, não; por que é a mais orthodoxa, a mais profunda e a mais copiosa. O methodo oratorio, não; porque além de ser o mais proprio do pulpito, é

o que mais responde á necessidade da epocha. As alterações que introduziu a compilação, parece que nem isso póde ser; porque os taes portuguezes não são amigos dos sermões originaes. Qual é, logo, torno a perguntar, o motivo por que elles ao Chrysostomo da sua nação preferem os oradores francezes?

Confesso a segunda vez que o não sei intender; a não ser que se diga que ainda na eloquencia ha a sua moda, e que não ha moda que se receba, se não vier de Paris!

PRIMEIRA PARTE

SERMÕES DE CIRCUMSTANCIAS POLITICAS

SERMÃO DE SANCTO ANTONIO *

PRÉGADO NA EGREJA E DIA DO MESMO SANCTO HAVENDO OS HOLLANDEZES LEVANTADO O SITIO POSTO Á BAHIA, ASSENTANDO OS SEUS QUARTEIS E BATERIAS EM FRENTE DA MESMA EGREJA

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—O sermão é ao mesmo tempo encomiastico, gratulatorio e eucharistico, maravilhosamente disposto em todas suas partes e modelo primorosissimo para sermões de tal genero. Foi prégado antes da restauração de Portugal e mostra-se n'elle o orador bastante intendido até da arte militar. Nos sermões d'esta primeira parte seguirei a ordem chronologica.

Protegam urbem hanc et salvabo eam propter me et propter David servum meum.

4 Reg 19.

O logar do sitio convertido em logar de triumpho, historiado com as palavras do thema.

Este é o logar, onde por espaço de quarenta dias e noites, como diluvio, sustentou a Bahia, posta em armas, aquella furiosa tormenta de trovões, relampagos e raios marciaes, com que a presumida hostilidade do inimigo, assim como tem dominado em grande parte os membros d'este vastissimo estado, assim se atreveu a vir combater e quiz tambem conquistar a cabeça. E n'este mesmo logar (bemdicta seja a Bondade e Providencia divina) trocados os receios em alegria, as armas em galas e a guerra em triumpho, vemos juncta outra vez a mesma Bahia, para render a Deus as devidas graças pela honrada e tão importante victoria, com que desenganado o mesmo inimigo occultou de noite a fugida; e de dia o vimos sair tão humilhado e desairoso, por onde tinha entrado tão orgulhoso e soberbo. Similhantes sitios e victorias e outras muito menores que as similhantes, se costumam logo estampar na Europa para se fazerem publicas a todo o mundo. E posto que nós na America carecemos d'estas trombetas da fama, com que a mandar estampada aos olhos de sua majestade, que Deus guarde, e alegrar com ella a Portugal, a Hespanha e a toda a monarchia; nas palavras que propuz (que são do livro quarto dos Reis, capitulo dezenove) me parece temos uma estampa tão propria d'esta nossa historia, que em todas suas principaes circumstancias re-

presentadas ao vivo, nem faltarão aos auxilios do céu as devidas graças, nem á cooperação e valor da terra os merecidos louvores. O que direi eu, ou repetirei, será sómente ponderando o que todos vimos. E para que nos não falte a assistencia da «Senhora» a quem o primeiro templo que levantou Portugal na Bahia foi com nome da Victoria, dando vivas á mesma Senhora, digamos: *Ave Maria.*

Estas palavras quadram mais á Bahia que a Jerusalem.

II. *Protegam urbem hanc et salvabo eam propter me et propter David servum meum.* Tomarei debaixo de minha protecção esta cidade (diz Deus) para a salvar; e esta mercê lhe farei por amor de mim e por amor de David meu servo. Falla o Texto á letra do sitio que com poderoso exercito veiu pôr sobre Jerusalem Sennaccherib, rei dos assyrios. E posto que as mesmas palavras e a promessa d'ellas se verificam propriamente em um e outro caso, não ha duvida que tem muito maior propriedade e energia no nosso. *Protegam urbem hanc et salvabo eam:* reparemos bem n'esta ultima palavra, em que consiste a promessa e effeito da protecção divina «para a cidade da Bahia». Tomarei, diz Deus, debaixo de minha protecção esta cidade para a salvar. Podera dizer, para a conservar, para a sustentar, para a defender, para lhe dar victoria de seus inimigos; e porque não diz senão para a salvar nomeadamente: *Et salvabo eam?* Porque a Bahia é cidade do Salvador; e ainda que o conserval-a, defendel-a e dar-lhe victoria, era effeito da mesma protecção, não era conforme o nome da cidade e do seu protector. O effeito, a obra e a acção propria do Salvador é salvar; pois por isso «dizia eu que as palavras do texto tem muito maior propriedade e energia no nosso caso.»

Invoca-se Deus como salvador quando se pede salvação á cidade do Sanctissimo Salvador.

1 *Paral.* 16

A Deus, além dos nomes communs de Deus e Senhor, umas vezes invocamos como misericordioso, outras como justo, outras como todo-poderoso, ou com algum dos outros attributos e titulos de sua majestade e grandeza, de que estão cheias todas as Escripturas. Mas quando o havemos de invocar para que nos salve, o modo que prescreve e ensina a mesma Escriptura é, que digamos nomeadamente a Deus: Salvae-nos, Salvador nosso. Assim o manda e dispõi no primeiro livro do Paralipomeno: *Dicite: Salva nos, Deus, salvator noster;* e porque? Porque o salvar é effeito proprio de Salvador; e com o nome de Salvador não só inclinamos e empenhamos, mas obrigamos a Deus a que nos salve; porque não seria Salvador, se não salvasse. Este, pois, foi o titulo com que Christo na occasião presente salvou a Bahia. Ella é cidade do Salvador e elle salvou a sua cidade. D'onde se segue que mais a salvou como sua, que como nossa, e mais a salvou para si, que para nós. Não é con-

sideração minha, senão clausula expressa do mesmo Senhor no nosso thema: *Protegam urbem hanc* (notae agora) *et salvabo eam propter me*. Tomarei debaixo de minha protecção esta cidade para a salvar por amor de mim.

Texto notavel do Psalmo 97.

É admiravel a este proposito o texto de David no psalmo 97: *Cantate Domino canticum novum, quia mirabilia fecit: salvavit sibi dextera ejus et brachium sanctum ejus*. Assim como nas grandes victorias se costuma celebrar o valor dos capitães e soldados com letras ou cantigas novas, assim exhorta David, que se componham e entoem novos canticos ao Senhor pela admiravel victoria com que o seu poderoso braço salvou para si: *Salvavit sibi*. Se salvou para si, signal é que o que salvou era cousa sua; e como a Bahia é cidade do Salvador, bem se segue que salvando-a a salvou para si, porque salvou a sua cidade. É verdade que nós tambem fomos salvos n'ella; pelo que devemos infinitas graças ao mesmo Salvador: mas elle, como dizia, não nos salvou a nós tanto por amor de nós, quanto por amor de si. Nós salvos por amor da cidade, porque somos membros da cidade; mas a cidade salva pelo Salvador, porque é sua e por amor de si: *Propter me*.

Jerusalem salvada por amor de David.

III. Ainda nos resta por declarar a ultima clausula do thema, tão breve como a passada, mas não menos admiravel, nem menos propria do nosso caso: *Salvabo eam propter me et propter David servum meum*. Salvarei esta cidade, diz o Salvador, por amor de mim e por amor de David meu servo. Que bom Senhor é Deus! Buscae lá outro que sendo toda a victoria sua queira partir a gloria d'ella entre si e um seu servo! Mas por que razão tendo Deus tantos outros servos e tão grandes, assim passados como presentes; esta parte de gloria a attribúi só a David? No caso do sitio de Jerusalem a razão é manifesta; porque na mesma cidade de Jerusalem havia um monte o mais forte e inexpugnavel de todos, que era o monte Sion, o qual se chamava cidade de David; e assim como Deus salvou a Jerusalem por amor de si, pelo que tinha de cidade sua, assim a salvou tambem por amor de David, pelo que tinha de cidade de David: *Propter me et propter David Servum meum*.

E a Bahia por amor de Sancto Antonio.

O monte Sion da Bahia não ha duvida que é este monte em que estamos; posto que ao principio tão mal fortificado, depois tão forte e inexpugnavel, como as baterias e assaltos do inimigo tanto á sua custa experimentaram. E que o David d'esta Sion seja Sancto Antonio que n'elle assentou o solar da sua casa, com pouca differença de côres «e de figura o estamos vendo n'aquelle altar; onde o Senhor, que se lhe poz entre os braços em forma de menino, lhe vai repetindo como a David»: Que tem

achado um homem conforme ao seu coração. D'este segundo David, pois, disse Deus no nosso caso: *Protegam urbem hanc et salvabo eam propter me et propter David servum meum.*

N'esta defeza representou Sancto Antonio as jerarchias de todos os sanctos.

E se me perguntardes de que modo se repartia a gloria da Bahia entre o Senhor e o servo, entre o Salvador e Sancto Antonio, digo que na mesma Bahia temos a razão da similhança e tão similhante que não póde ser mais natural, nem mais propria. A cidade da Bahia é cidade do Salvador e Bahia de Todos os Sanctos; e assim como em quanto cidade do Salvador pertence a defensa da cidade ao Salvador; assim em quanto Bahia de Todos os Sanctos pertencia a defensa da Bahia a Sancto Antonio. E porque? Mais admiravel é ainda o porquê que a mesma resposta. Porque Sancto Antonio «pelos merecimentos de sua sanctidade devia representar n'esta defensiva as jerarchias de todos os sanctos.» Ora vêde.

Porque pertence a cada uma d'ellas.

Todos os sanctos do céu se dividem em seis jerarchias: patriarchas, prophetas, apostolos, martyres, confessores, virgens; e em todas estas jerarchias tem eminente logar Sancto Antonio. Primeiramente é patriarcha, sendo filho de S. Francisco, porque muitos dos filhos do mesmo Sancto o tomaram a elle por pae e se chamam religiosos de Sancto Antonio, quaes são os de toda esta provincia. Assim se chamaram filhos de Israel os descendentes de Abrahão, tomando o nome e reconhecendo por seu immediato patriarcha a Jacob não só filho, mas neto do primeiro e universal pae de todos. Foi Sancto Antonio propheta, como consta de tantas cousas futuras que anteviu e predisse, não só pertencentes a esta vida, senão tambem á eterna, revelando-lhe Deus até os segredos occultissimos da predestinação das almas. Nem se confirma pouco a verdade d'este espirito prophetico com a necessaria supposição de Deus o haver arrancado da terra onde nascera; porque *Nemo propheta in patria sua.* Foi apostolo e apostolo de duas provincias tão dilatadas como Italia e França, não só prégando n'ellas, depois de christãs, a fé do evangelho e confirmando-a com infinitos e portentosos milagres; mas confutando e convencendo os erros, allumiando a cegueira e quebrantando o orgulho, a dureza e contumacia dos herejes, por onde foi chamado martello das heresias: *Perpetuus haereticorum malleus.* Foi martyr, porque foi buscar o martyrio á Africa; e posto que não derramou o sangue, tão martyr foi, como se o derramara; porque se Deus disse a Abrahão Que não perdoara a vida a seu filho, pela vontade e deliberação que tivera de o sacrificar: *Non pepercisti unigenito filio tuo propter me:* não menos suspendeu Deus o braço e espada de Abrahão para que não executasse o golpe, do que

Luc. 4

teve mão nos alfanges e cimitarras dos turcos para que na garganta e peito aberto de Antonio não empregassem a sua furia. Que fosse confessor não ha mister prova. Mas a de ser perpetuamente virgem é tão milagrosa e sem egual, que sendo necessarias a S. Bento as espinhas e a S. Francisco os lagos enregelados para se livrarem das tentações proprias, a tunica que vestia Antonio, só por tocar ou ser tocada na carne virginal d'aquelle corpo mais que angelico, bastava para que d'ella fugissem todas as tentações contrarias á pureza; e aos peccadores mais forte e obstinadamente tentados, não só apagasse o fogo infernal, mas gerasse perpetua castidade. E como Sancto Antonio em todas as jerarchias dos sanctos, com os patriarchas é patriarcha, com os prophetas, propheta, com os apostolos, apostolo, com os martyres, martyr, com os confessores, confessor e com as virgens, virgem; pertencendo a todos os sanctos a defensa da Bahia de Todos os Sanctos, e tendo Deus promettido que a gloria d'esta victoriosa protecção não a havia de repartir com todos seus servos, nem com muitos, senão com um só: *Propter me et propter David servum meum*, «com muita razão escolheu a Sancto Antonio pelos merecimentos da sua sanctidade para representar as jerarchias de todos os sanctos.»

Militavam est jerarchias e Sancto Anto como as estr las no exerci de Barac e como a espa de Gedeão. *Ps.* 149

Quando Barac, capitão do povo de Deus alcançou aquella famosa victoria contra Sisara, general dos exercitos d'el-rei Jabin, diz o Texto sagrado que as estrellas do céu, conservando-se todas na sua ordem, pelejaram contra Sisara: *Stellae manentes in ordine et cursu suo adversus Sisaram pugnaverunt*. E do mesmo modo concedo eu e confesso que todos os sanctos do céu, sem se moverem do logar nem da ordem cada um da sua jerarchia, defenderam a nossa cidade e acodiram á protecção em que ella os tinha empenhado com o nome de Bahia de Todos os Sanctos. Assim o supponho com o real propheta, o qual parece que não só tinha prophetizado, senão pintado a nossa victoria. Falla David de todos os sanctos do céu dentro do mesmo céu; e diz que na bocca tinham os louvores de Deus e nas mãos as espadas desembainhadas para com ellas se vingarem de seus inimigos e rendidos e maniatados os renderem debaixo dos pés. Que os sanctos do céu se empreguem todos em louvores de Deus, essa é a ditosa occupação d'aquella patria bemaventurada. Mas que junctamente estejam com as espadas desembainhadas nas mãos para pelejarem e vencerem seus inimigos; que espadas são ou podem ser estas? No caso presente as mesmas com que os nossos soldados pelejaram e venceram. A espada com que Jedeão pelejou e venceu chamava-se *Gladius Domini et Gedeonis:* a espada de Deus e de Gedeão; e porque?

Porque no mesmo tempo era meneada por duas mãos; visivelmente pela mão de Gedeão e invisivelmente pela mão de Deus. Do mesmo modo no nosso caso. As armas com que vencemos o inimigo visivelmente eram meneadas pelas mãos dos nossos soldados na terra e invisivelmente pelas mãos de todos os sanctos no céu. E porque estas mãos invisiveis de todos, os sanctos eram as que principalmente nos deram a victoria, por isso, conclúi excellentemente o propheta, que a gloria da mesma victoria é de todos os Sanctos: *Gloria haec est omnibus sanctis eius.* Bem supponho eu logo e devemos suppor todos que todos os sanctos do céu defenderam a nossa ou a sua Bahia de Todos os Sanctos. Mas como Deus «queria que fossem representados por um só sancto para com elle repartir a gloria d'esta protecção, escolheu a» Sancto Antonio pela eminencia com que este sancto contém em si as jerarchias e dignidades de todos.

Applica-se o texto descendo ao particular, muro e antemural de Jerusalem e da Bahia. O muro d'esta cidade foi o Salvador.

IV. Temos visto em commum a defensa e victoria da nossa cidade da Bahia repartida entre o Salvador, como cidade do Salvador, e entre Sancto Antonio, como Bahia de Todos os Sanctos. Desçamos agora ao particular e alegremos os ouvidos, com que ouçam com certeza e segurança o que os olhos testimunharam não sem duvida e receio. O texto do nosso thema tresladado ao cap. 19.° do 4.° livro dos Reis, foi tirado da cap. 39 de Isaias, o qual como historiador escreveu o successo do sitio de Jerusalem e como propheta «parece que» pintou n'elle o da Bahia. E para que não faltasse tambem ao officio de commentador e interprete, no cap. 26.° cantando a victoria «de Jerusalem na qual vemos figurada a da cidade do Salvador» diz que para sua segurança e fortaleza se porá n'ella o muro e o antemural: *Urbs fortitudinis nostrae Sion Salvator, ponetur in ea murus et antemurale.* Em phrase da milicia antiga o muro significa a fortificação mais estreita e do recinto da cidade e o antemural as que hoje se chamam fortificações ou obras exteriores, que a defendem no largo. Assim que propriamente no nosso caso, o muro da cidade da Bahia foi o Salvador e o antemural Sancto Antonio. Ouçamos agora com esta mesma divisão, quão seguramente nos defendeu dos inimigos o muro e quão fortemente os resistiu e rebateu o antemural.

Este defende-a em tres modos: 1.° não deixando entrar o inimigo; ao qual diz como ao mar: *Atequi chegarás*

Em tres cousas consistiu a segurança que Deus prometteu a Jerusalem na invasão do exercito inimigo: primeira, que elle não entraria na cidade: *Non ingredietur urbem hanc*: segunda que não lançaria dentro n'ella as suas settas: *Nec mittet in eam sagittam*: terceira, que a não poria de cerco: *Nec circumdabit eam munitio;* e tudo se cumpriu com maravilhosas circumstancias no nosso caso. Primeiramente não entrou o inimigo na

nossa cidade, antes esteve tão longe de entrar e nós tão seguros de que entrasse, que em todos os quarenta dias do combate, assim de dia, como de noite, sempre estivemos com as portas abertas. N'isto mostrou bem a cidade do Salvador, que o seu Salvador e defensor era Deus; porque só Deus póde impedir e cerrar as entradas com portas abertas. Uma das cousas notaveis que lemos no livro de Job, é que Deus cerrou as portas ao mar, para que não entrasse pela terra: *Quis conclusit ostiis mare?* E accrescenta o mesmo Deus, que essas portas do mar as tem muito bem ferrolhadas e muito bem trancadas: *Circumdedi illud terminis meis, et posui vectem et ostia.* Agora pergunto: O mar não está aberto por todas as partes? Entre o mar e a terra ha alguma cousa que lhe impida o entrar e passar adeante? Todos vemos que não. Que portas são logo estas e que ferrolhos, com que estão cerradas e tão seguras? O mesmo Deus o diz: *Et dixi: Usque huc venies et non procedes amplius:* Eu disse ao mar: Atéqui chegarás e não passarás d'aqui; e esta minha palavra são as portas com que estando aberto o mar em todas as praias do mundo o tenho fechado e ferrolhado a elle, e a terra tão segura, que por mais bravo que a ameace não póde dar um passo adeante: *Non procedes amplius.* Sabeis, senhores, quem deu tanta segurança á nossa cidade, que combattida do inimigo sempre estivesse com as portas abertas de dia e de noite? Foi unicamente aquella poderosa palavra do Salvador, posto que a nós occulta: Não ha de entrar n'esta cidade; e com este seguro da divina protecção estavam estas portas abertas, tão forte e tão inexpugnavelmente cerradas, que não houve antigamente arietes, nem ha modernamente petardos, ou outros instrumentos e machinas bellicas, que podessem abrir na sua mesma abertura a menor brecha.

Job. 38

A segunda promessa de Deus foi: *Nec mittet in eam sagittam:* que o inimigo não lançaria dentro na cidade as suas settas. Este genero de guerra tem muito mais difficultoso reparo; porque voando as settas por cima dos muros, caem pela parte do céu sobre os que estão dentro. No mesmo livro de Job, pouco antes allegado, faz menção a Escriptura sagrada de guerra chovida: *Pluet super illum bellum suum.* E que guerra chovida é esta? É aquella, cujos tiros veem pela parte do céu. D'estes tiros disse David: *Pluet super peccatores laqueos;* e taes foram os tiros e as balas que choveram sobre a nossa cidade, depois que o inimigo assentou as suas baterias. As balas que se atiravam ás nossas trincheiras por linha tendente e a poncto fixo, ordinariamente ficavam enterradas nas mesmas trincheiras: mas as que se lançavam contra a cidade, como iam por eleva-

2.º Baldado effeito de suas armas *Ps. 10* *Job. 20*

ção, voavam por cima dos muros e caíam como chuva do céu, sem nenhum reparo humano; mas com milagrosos effeitos da protecção divina: *Qui habitat in adjutorio altissimi, in protectione Dei caeli commorabitur.* Aquelles, diz David, a quem defende o Altissimo, morarão seguros debaixo da protecção do Deus do céu. Notae a palavra *commorabitur*, que significa morar junctos, e falla particularmente dos moradores da cidade. Os tiros da artilheria inimiga que se contaram, foram mais de mil e seiscentos; e chovendo a maior parte d'elles sobre a cidade, que faziam? Uns caíam saltando e rodavam furiosamente pelas ruas e praças: outros rompiam as paredes, outros destroncavam os telhados, despedindo outras tantas balas, quantas eram as pedras e as telhas; e foi cousa verdadeiramente milagrosa, que a nenhuma pessoa matassem, nem ferissem, nem ainda tocassem dentro da cidade; sendo que chegaram a levar ou despir a algumas ainda as roupas mais interiores, mas sem nodoa, nem signal nos corpos. E para maior excesso da maravilha, quando as balas que choviam por elevação na cidade nenhum damno fizeram nos moradores, é certo que as nossas culebrinas, qne tambem jogavam por elevação desde as portas da Sé, caindo no valle onde o inimigo tinha assentado o seu arraial, mataram muitos dos herejes. Não deixarei de continuar aqui o texto que referi de David, em que só falla nos tiros que chovem do céu; e declarando-os, como se descrevesse os da polvora, diz que é uma tempestade de fogo e enxofre dada a beber em um copo: *Ignis et sulphur et spiritus procellarum, pars calicis eorum.* Note-se muito o *Calicis eorum.* Estes eram os brindes que o flamengo fazia á cidade. Mas ella lhe respondia muito á portugueza; porque recebendo tão pouco damno da chuva das suas balas, como se fosse de agua, a nossa o executava n'elles tão verdadeiro como de fogo e ferro. Elles brindavam á nossa saude, e nós á sua morte.

3.° Impedindo o cerco total da cidade. Erro militar que commetteram os hollandezes.

A terceira clausula da promessa divina, foi que o inimigo não poria de cerco a cidade: *Nec circumdabit eam munitio;* e assim o vimos cumprido. Se o inimigo queria render a cidade por assedio; porque a não cingiu e cerrou por fóra com as linhas da circumvallação? Porque ao menos não intentou fortificar-se nas tres eminencias que a dominam, mas se reduziu todo a um quartel? Aqui se vê a providencia do nosso divino Defensor; e como começou a defender e segurar a Bahia dentro em Pernambuco. O primeiro logar em que o inimigo se perdeu, foi a cidade que elle chamou de seu nome Mauricia; e a primeira acção foi o seu proprio conselho. Póde haver maior erro militar, que impossibilitar primeiro a victoria, e depois em-

prehender a guerra? Pois isto é o que fez o general hollandez, mais como obediente ás disposições do nosso soberano Defensor, que como capitão, nem soldado. Determina conquistar a Bahia e resolve de arrancar primeiro de Cerigipe d'El-Rei as reliquias do exercito pernambucano que alli estavam allojadas, e constavam de mil e duzentos soldados, endurecidos em tantos trabalhos e campanhas, que eram os ossos da guerra; e por seu valor e experiencia merecedores de ser venerados como reliquias. Se Deus não cerrava os olhos a este conselho, veriam os menos cegos no seu mesmo leão belgico com as septe settas junctas todas em uma mão, quão poderosas são as forças unidas para resistir. E se as suas mesmas provincias, para resistir ao mais poderoso monarcha, tomaram o nome de Provincias Unidas, tambem as nossas milicias unidas resistiriam mais facilmente á sua «que» se deixasse em paz a umas e pelejasse com as outras separadas e divididas. Mas não é cousa nova em Deus, quando quer desbaratar os effeitos, corromper os conselhos. Arrancando, pois, de Cerigipe aquelle famoso troço de soldados e cabos, a quem a fortuna adversa na sua roda tinha lavrado como fortissimos diamantes e incorporados com os do nosso presidio, menos exercitados, mas não menos valorosos, alentada com esta segunda e nova alma a Bahia, logo ficou mais certa da victoria que receiosa da guerra. Tal foi o estado em que o inimigo achou a nossa cidade; e por isso conforme á promessa divina, se não atreveu a lhe pôr cerco: *Nec circumdabit eam munitio*: mas ensinado no seu proprio erro, reconhecendo o risco a que se expunha se dividisse as forças, tractou de as conservar unidas.

Abundanci[a] com que De[us] sustentou a B[a]hia n'este tempo de m[eio] cerco. *Ps* 120

Mas como poderá a nossa cidade dar as devidas graças a seu Salvador pela abundancia com que a sustentou e conservou n'este meio cerco, o que não podera ser se fosse cerrado? David, como tão cortado dos trabalhos e apertos da guerra, o que pedia a Deus e exhortava a todos lhe pedissem, é que désse paz á cidade de Jerusalem, para que n'ella e suas fortalezas houvesse abundancia do necessario. E a razão d'estas instancias tão repetidas de paz e mais paz, era pela experiencia do que padeceram na guerra, sitiadas dos inimigos a mesma cidade de Jerusalem e outras cidades de Israel; em que chegaram os homens a se sustentar dos couros das arcas e das solas dos çapatos e de outras cousas que não teem nome, ainda mais indecentes: obrigando a furia da fome até ás mesmas mães a que comessem seus proprios filhos. E nós estivemos tão fóra de pedir a Deus paz, para que nos não faltasse a abundancia do sustento, que em todo o tempo da guerra não só se sustentaram

os que nos «defendiam» de carne sempre fresca, nem só abundava a cidade de todos os bastimentos naturaes da terra, ainda os mais hortenses e verdes; mas sem figura alguma de encarecimento, posto que sobre todas as da admiração, um só termo me occorre de se poder declarar a verdade da abundancia que lográmos; e qual é? É dizendo que quanto se acha em Lisboa, desde S. Paulo até á confeitaria e ribeira, assim do reino, como de fóra d'elle, tudo se via aberto e exposto em cada uma das vendas da Bahia; sendo tantas e sem a guerra lhes alterar os preços. Não só tão abundante e superabundantemente proveu o Salvador a sua cidade, mas com tantas prevenções de mimo e regalo, que, quando Hollanda lhe fazia a guerra, toda a Europa a servisse á meza.

O antemural Sancto Antonio que obrigou o inimigo a retirar-se.

V. Atéqui temos visto a parte da victoria e defensa da cidade que tocou ao Senhor, que foi o muro. Agora veremos o que tocou ao servo, que foi o antemural. N'esta passagem, porém, do muro ao antemural, a mesma que dos muros a dentro parecia paz, d'elles a fóra mudou tanto de semblante e trajo, que a catadura, como verdadeiramente de guerra, era cheia de fereza e de horror e as roupas não inteiras, mas rasgadas, tintas todas em sangue. O nosso Texto só refere ou promette em summa o successo; e diz que o inimigo desenganado da empreza, tornará por onde veio: *Per viam, qua venit, revertetur.* Isto é o que nós agora mais socegadamente havemos de ver. E não só veremos o visto, senão tambem o invisivel; porque se verá manifestamente a fortissima resistencia do nosso antemural; e quão a poncto pelejou sempre por nós e comnosco o nosso segundo defensor Sancto Antonio.

Como fizeram.

Eram as horas do meio dia, quando o inimigo com todo seu poder appareceu em marcha no monte fronteiro a este, não havendo n'elle outra prevenção de defensa mais que os vestigios de uma trincheira rota; e quando se presumia que passando adeante n'aquelle mesmo dia se sentenciasse o pleito em uma bem confusa batalha (porque ainda não estava posta em ordem a confusão) subitamente vimos que as bandeiras que vinham tendidas, nem se avançavam, nem faziam alto; mas voltando a passo no mesmo logar desciam e se escondiam para o valle onde assentaram o seu arraial. Agora pergunto: Porque não continuou a marcha o inimigo? Se depois que teve as forças mais cançadas e diminuidas nos acommetteu com tanta resolução, agora que as traz frescas e inteiras, porque nos não acommette? Se depois que estivemos fortificados, investiu denodadamente as nossas trincheiras e as pretendeu levar á escala e render-nos dentro n'ellas; agora que nos acha descobertos e sem

defensa, porque em vez de avançar se retira? Ántes de responder a esta pergunta quero fazer outra, não minha, senão de David.

Foi Sancto A- tonio contr- elles o que fo no Jordão a Arca do Testa- mento.

Quando os filhos de Israel chegaram ás ribeiras do Jordão, o rio, que levava sua costumada corrente não só parou, mas voltou atraz. Admiraram-se todos de tão desusado prodigio; e David que quiz examinar a causa, perguntou ao mesmo rio: *Quid est tibi, mare, quod fugisti, et tu, Jordanis, quia conversus es retrorsum?* Que a parte inferior do rio corra ao mar, isto é natureza: mas que a superior, que se vem precipitando com todo o peso das aguas páre e torne atraz? Se pára, quem teve mão? E se torna atraz, quem lhe tirou pelas redeas? O mesmo propheta responde: *A facie Domini mota est serra, a facie Dei Jacob.* Na vanguarda do exercito dos israelitas marchava a Arca do Testamento; e tanto que o rio deu de rosto com a Arca do Deus de Jacob, esta subita vista lhe infundiu tal respeito e tal temor, que não só parou a corrente, mas voltou atraz: *Jordanis, conversus es retrorsum.* Tem respondido David á sua pergunta e tambem á minha. Sancto Antonio por auctoridade e canonização do Supremo Oraculo da Egreja é a arca do Testamento. Assim lhe chamou o Summo Pontifice, reconhecendo pela voz de sua mais que humana eloquencia os profundissimos mysterios da divindade que n'aquella grande alma estavam encerrados: *Tantamque sui admirationem commovit, ut cum summus Pontifex aliquando concionantem audiens arcam testamenti appellarit.* Pois assim como o impeto do Jordão, tanto que avistou a Arca do Testamento, parou e tornou atraz com a sua corrente, assim o orgulho do exercito inimigo, tanto que do monte opposto descobriu o de Sancto Antonio, não só foi obrigado d'esta vista a fazer alto, mas a voltar a marcha que fazia. É verdade que elle não conheceu, nem podia conhecer a força occulta que o detinha; mas tambem o Jordão a não conheceu, nem podia conhecer; e comtudo é certo que elle o deteve.

Fez ainda ma- Mostrou-se como Jacob forte contra Deus.

Mais fez na tarde d'este meio dia Sancto Antonio. Fataes foram as horas que ella durou; e chegariam até á ultima fatalidade, se não houvera mão occulta que invisivelmente a impedisse. Defendiam a marinha nas raizes do monte opposto o forte do Rosario e o reducto da Agua dos meninos: mas dominados do sitio superior que pela parte da terra tinha occupado o inimigo, como incapazes de toda a defensa, rebentada a artilharia que foi possivel, lhe ficaram logo sujeitos. Cortados do mesmo modo os dous fortes de Monserrate e S. Bartholomeu, com egual pressa se renderam, sem preceder ao menos a ce-

remonia militar da resistencia, que ainda nas praças condemnadas pede a cortezia da guerra. E quem não cuidaria á vista d'este desamparo, que o açoite do Brazil, que tinhamos á vista era meneado pelo braço da divina justiça, a qual n'estes primeiros golpes descarregados sobre as costas da Bahia, sem movimento seu, mais que a dôr, lhe ameaçava a total e breve ruina? Mas não era menos digno de admiração, que no mesmo tempo em que as praças fortes artilhadas e presidiadas espontaneamente se entregavam; só a trincheirinha de Sancto Antonio, arruinada, aberta e quasi rasa com a terra, mostrasse espiritos de resistencia! Pozemos em uma das suas aberturas uma unica peça assentada sobre a terra nua e desigual, sem esplanada ou outro pavimento fixo em que podesse correr; e posto que ao disparar se enterravam as rodas, com este só tiro, que podia parecer reclamo aos contrarios, para que a mandassem render, não só se mostrou o nosso defensor tão forte contra elles, senão tambem contra Deus. (São termos de que usou o mesmo Deus dizendo a Jacob: *Si contra Deum fortis fuisti: quanto magis contra homines prævalebis?* Se fostes forte contra Deus, quanto mais facilmente prevalecerás contra os homens?) Na facilidade com que as outras fortalezas se entregaram ao inimigo mostrou Deus quão facilmente lhe podia tambem entregar as demais e castigar toda a Bahia: na resolução com que a trincheirinha arruinada de Sancto Antonio se oppoz tão fortemente á resistencia, nos assegurou que só o mesmo Sancto era poderoso para ter mão no braço de sua justiça para não nos castigar. Em uma e outra cousa falo pela bocca da Escriptura.

A nesga da vestidura que David corta a Saul, e outra nesga cortada pelos hollandezes á Bahia.

Marchava Saul com um exercito de dez mil homens em demanda de David: retirou-se acaso a uma cova: e quiz sua fortuna que n'ella estava escondido o mesmo David, que tão capaz era. Eia, David, lhe dizem os companheiros: este é o dia em que Deus tem promettido de vos entregar nas mãos vosso inimigo para que vos vingueis dos aggravos que vos tem feito. Levantou-se David; e que vos parece que faria? Contentou-se sómente com cortar uma nesga da capa de Saul; e para que? Para n'aquelle retalho cortado tanto a seu salvo lhe mostrar quão facilmente lhe podera tirar a vida e acabar com elle de uma vez. Porque se entregaram, senhores, essas outras fortalezas? Porque se viram cortadas do inimigo. E contentou-se Deus de cortar á Bahia essa nesga de terra (que em forma triangular propriamente é nesga), para que entendessemos, que assim como entregou uma parte ao hollandez, sem lhe custar duas onças de polvora; com a mesma facilidade lhe podera entregar tudo.

Porém Sancto Antonio a defende tendo mão, como Moysés, no braço de Deus para que a não castigue. *Ps.* 105 *Vide Calmet.* *Exod.* 32 *Gen.* 32

Mas se o não executou assim Deus, foi porque Sancto Antonio que nas ruinas da sua trincheira resistia visivelmente, de si para com o mesmo Deus lhe fez tão forte e poderosa resistencia, que lhe teve mão no braço, para que não castigasse, como ameaçava e podia; antes em logar do castigo nos désse a victoria. Vai outra Escriptura. Quiz Deus não castigar, mas destruir cabalmente o povo que se chamava seu; e como por parte do mesmo povo se oppozesse Moysés a esta resolução, refere o caso o real propheta, e são estas as suas palavras: *Dixit ut disperderet eos, si non Moyses electus ejus stetisset in confractione.* Decretou Deus e disse que os havia de destruir e acabar a todos; e assim havia de ser sem duvida, se Moysés, seu grande valido lhe não resistisse; e onde? Nas ruinas do muro desbaratado e roto. Pode haver propriedade mais propria? Pois ainda foi mais propria no nosso caso, que no de Moysés. Porque no de Moysés é metaphora e no nosso foi pura e mera realidade. Bem vimos os vestigios da pobre trinceira velha, aberta, desfeita, arruinada e rota. Mas como era de Sancto Antonio, d'alli resistiu o nosso defensor, não digo ao inimigo, senão a Deus: que se não fôra meneado por Deus, não era nada o poder do inimigo. De Moysés diz o Texto que lhe dizia: *Dimitte me ut irascatur furor meus:* Moysés, deixa-me castigar. E se Moysés que estava prostrado aos pés de Deus tanto o apertava com as suas resistencias; que faria o nosso Sancto que o tem nos braços? O certo é que lhe diria como Jacob: *Non dimittam te, nisi benedixeris mihi;* e a benção que alcançou, sendo tão forte contra Deus, foi, que muito melhor prevaleceria contra os homens, como mostrou o effeito.

Victoria dos sitiados e fuga dos hollandezes.

VI. Em quanto o inimigo trabalhava nas suas baterias, crescia tanto a nossa trincheira, quanto n'elle o ciume de a vêr crescer. Determinado de ganhar o posto, a investiu de repente com mais de mil clavinas acompanhadas da escuridade da noite, sempre traidora ao valor que se funda na honra, menos constante onde não é vista. Assim se experimentou na confusão das primeiras cargas. Mas acudindo os de maiores obrigações ao reparo, retirados logo os combatentes, amanheceram com a luz extendidos na campanha, os que não poderam retirar comsigo. Não podia soffrer a nossa bizarra infanteria, nem os cabos menores e maiores d'ella, que fossemos reos onde desejavam ser actores. Todos clamavam que investissimos o inimigo nos seus quarteis, onde foi necessaria ao governo das nossas armas toda a paciencia e prudencia de Fabio Maximo: *Cujus non dimicare vincere fuit*; como d'elle diz Valerio tambem Maximo. Obedecendo comtudo ao desejo e voz commum, se decretou de pu-

blico o assalto para a madrugada da Ascensão: mas de secreto se tocou uma arma falsa, com que fazendo-se intender que os nossos intentos eram descobertos ao inimigo, se desistiu felizmente d'elles. Havia de ser o mesmo inimigo o aggressor, para que no successo da sua perda total reconhecessemos o perigo da nossa. Chegou emfim a noite decretoria e fatal de 18 de Maio, em que acommetteram a requestada trincheira tres mil hollandezes ajuramentados de, ou ganhar ou morrer; dos quaes muitos cumpriram a segunda parte do juramento, mas nenhum a primeira. E posto que depois foram soccorridos com todo o grosso do exercito, sendo já na campanha batalha o que na trincheira era assalto; e durando a porfia do combate tres horas inteiras, foi o successo tão desegual, que elles sem escrupulo de perjuros, em boa consciencia se retiraram vencidos; e nós concedendo-lhes que levassem os seus mortos a sepultar em muitas carroçadas, celebrámos com salvas e repiques a memoravel victoria. Os mesmos hollandezes confessaram, segundo o seu modo de contar, que entre mortos e feridos perderam n'aquella noite vinte e oito centos. Vêde se foi memoravel.

Fez n'elle Sancto Antonio como a Arca do Testamento no templo de Dagon, no qual [illegible] appropriadamente representados todos os hollandezes

Mas eu tambem vejo que estais esperando ouvir a parte que n'ella teve Sancto Antonio em um e outro assalto. Sou contente; e não vos ha de faltar a Escriptura Sagrada com toda a propriedade do caso. Levada a Arca do Testamento á cidade de Azoto, pozeram-na os philisteus no templo junto ao seu idolo Dagon, para que parecesse tropheu e despojo do mesmo idolo. Feito isto de dia, o que a Arca fez de noite foi, que amanheceu o idolo prostrado por terra deante d'ella. Admirados e sentidos, mas não desenganados da vaidade do seu erro os philisteus, tornaram a restituir o idolo ao seu logar: porem sobrevindo a noite, se na passada lhe tinha succedido mal, muito peior lhe succedeu na seguinte: porque com a luz da manhã não só appareceu o Dagon prostrado por terra, mas com a cabeça e as mãos cortadas e lançadas á porta do templo. De maneira que a Arca e o Dagon tiveram dous combates em duas noites differentes; e em ambas a Arca ficou vencedora; e na segunda com muito maior e total victoria. Vamos agora á significação d'estes dous combates. A Arca do Testamento já sabemos que é Sancto Antonio: o Dagon que era? Entre todas as [illegible] do mundo [illegible] mais representada [illegible] Azoto [illegible] Dagon, como diz S. Jeronymo e os outros interpretes, era de meio homem e meio peixe; e tal é a terra de Hollanda por situação [illegible] modo de viver: taes são os seus habitadores. Toda a terra é retalhada do mar com

que junctamente vem a ser mar e terra; e os homens, a quem podemos chamar marinhos e terrestres, tanto vivem em um elemento como no outro. As suas ruas por uma parte se andam e por outras se navegam; e tanto apparecem sobre os telhados os mastros e as bandeiras, como entre os mastros e as bandeiras, as torres. Sendo tão esteril a terra, que sómente produz feno, as arvores dos seus navios seccas e sem raizes a fazem abundante de todos os fructos do mundo. Em muitas partes toma o navio porto á porta de seu dono, amarrando-se a ella; e d'este modo vem a casa a ser anchora do navio, e o navio ametade da casa, de que egualmente usam. Aos animaes que vivem no mar e na terra chamaram os gregos amphibios; e quem poderá negar que tão amphibio era o Dagon como os hollandezes; e tão compostos de peixe e homem os hollandezes como o Dagon? Estes Dagões pois e estes amphibios são os que como homens nos queriam tomar a cidade e como peixes a bahia, cuidando que levando a trincheira, ganhavam ambas. Mas não advertiram os cegos que a trincheira era de Sancto Antonio; e que assim como elles são os Dagões, Sancto Antonio é a Arca do Testamento. Na primeira noite e ao primeiro combate ficaram prostrados por terra; e na segunda não só prostrados, mas degolados e com ambas as mãos cortadas e tão desfeitas «como as de Dagon, de» que dizem e tresladam os septenta interpretes, que cada mão ficou espedaçada em cem partes: *Ambo vestigia manus eius erant ablata per partes centum.* Vêde se tiveram razão de contar os seus feridos e mortos aos centos.

Na mesma victoria quadra a sancto Antonio o nome de David. Os hollandezes parecem-se com as abelhas. Ps. 117

Oh como estou vendo o nosso Sancto lembrar-se da porfiada e estrondosa bateria d'aquella segunda noite; e como Deus n'esta occasião lhe deu o nome de David, gloriar-se da victoria e triumphar dizendo com elle: Cercaram-me como abelhas, arderam como fogo em espinhos; mas em nome do Senhor vinguei-me d'elle: *Circumdederut me sicut apes; exarserunt sicut ignis in spinis; et in nomine Domini quia ultus sum in eos.* Bem mostram as comparações serem de uma eloquencia tão allegorica sempre e erudita, como a que lemos em todos os escriptos de Sancto Antonio. Mas porque chama aos inimigos na investida e combate da sua trincheira abelhas e diz que arderam como fogo nos espinhos? Não se podera mais vivamente declarar o que vimos e ouvimos. Podera chamar abelhas aos hollandezes pela arte e bom governo, que se lhes não pode negar, da sua republica; e abelhas n'esta facção pelo appetite que cá os trouxe do nosso mel: mas chama-lhes abelhas, que lhes falta ser pequenas para serem colericas pelo impeto raivoso e furia com que accommetteram; e mais particularmente, porque é proprio

da abelha em picando cair morta: *Ponuntque in vulnere vitam.* Assim lhes succedeu aos que investiram a cortina e travezes que a nossa trincheira já tinha: porque quantos a picaram com os instrumentos que para isso traziam, todos cairam e ficaram sepultados no mesmo fosso.

E com o fogo ateado em um espinheiro.

Tambem vieram armados de infinita munição de granadas e outros artificios de fogo, que disparados incessantemente entre a tempestade das cargas, allumiavam a noite, atroavam o ar e choviam raios sobre os que dentro e no alto da fortificação a defendiam, presumindo os escaladores que com estes apparatos de horror sacudiriam d'ella os nossos, e franqueariam os difficultosos passos por onde insistiam em subir e a pretendiam ganhar. Mas a toda esta representação de relampagos e trovões chama o nosso defensor com maior energia fogo que arde nos espinhos; porque do fogo que se ateia em similhante materia, como bem commenta Lorino, é maior o estrondo e o ruido, do que são os effeitos. Tão fóra estiveram aquelles modos artificiaes de enfraquecer ou quebrantar a constancia e resistencia dos nossos, que as granadas que caiam accesas e inteiras, rechaçadas intrepidamente, tornavam outra vez para d'onde vieram; e as que rebentavam entre elles rara ou nenhuma feria mortalmente. Emfim, conclúi o occulto protector do seu terreno, que em nome do Senhor se vingou d'elles. Não diz que venceu, senão que se vingou; porque a victoria responde á guerra e a vingança á injuria. E porque os herejes lh'a faziam grande, atrevendo-se aos que pelejavam á sombra da sua casa, como a descomedidos profanadores d'aquelle sagrado, não os tracta como vencedor, mas como vingativo; e não com o decoro de vencidos, mas com a affronta de sacrilegos e castigados.

A fugida dos hollandezes foi similhante á do idolo Dagon e do general Sennacherib. *Ps.* 149

VII. Não debalde depois da noite do segundo combate da Arca amanheceram as mãos de Dagon não só cortadas, mas postas á porta do templo para significar, como diz Hugo Victorino, que aquella victoria não só fôra a segunda, senão a ultima; e que elle desenganado não havia de tractar já de pelejar, senão de sair e de se ir embora. Tanto como isto, depois d'aquella fatal e felicissima noite, se mudaram em ambos os arraiaes as idéas da guerra; a qual no general inimigo e nos nossos se fazia já só com o pensamento: o do inimigo posto na retirada, e o dos nossos, em que se não podesse retirar. Como contra as suas duas baterias tinhamos em frente outras duas e a terceira pelo lado esquerdo, que lhe desquartinava todos os quarteis, só restava a quarta pela retaguarda. E me constou então (d'onde podia constar com certeza) que levantada esta occultamente entre o bosque da eminencia opposta, na manhã em

que, cortadas as arvores, apparecesse, tendo-se lançado na campanha de noite dous mil infantes e batendo-se ao mesmo tempo de todas as quatro partes o arraial inimigo, se lhe mandaria recado por um trombeta para que se entregasse; pois já não tinha defensa nem retirada. Este era o galhardo pensamento dos nossos generaes, em que o inimigo de sitiador ficaria sitiado; e nós, com roda de fortuna poucas vezes vista, de sitiados sitiadores. Anticipou-se, porém, o medo ao valor; a cautela ao perigo e a fuga secreta do inimigo á publica declaração do nosso designio, de que quasi estou queixoso de Sancto Antonio. No texto que acima referimos do poder de todos os Sanctos, os quaes n'esta defensiva representou a pessoa de Sancto Antonio, se affirma com termos bizarros que elles, quando pelejam não só atam as mãos aos inimigos com algemas, senão tambem os pés com grilhões: *Ad alligandos reges eorum in compedibus et nobiles eorum in manicis ferreis* Pois se o nosso victorioso defensor lançou as algemas ao inimigo; porque o não poz tambem em grilhões? Se lhe atou as mãos, para que não podesse mais pelejar; porque lhe náo atou tambem os pés, para que não podesse fugir? A razão verdadeira e que não admitte outra é a que já referimos do mesmo texto: o qual resumindo todo o successo d'esta protecção do céu, diz que o inimigo tornaria pelo mesmo caminho por onde veio: *Per viam qua venit, revertetur*. Assim se cumpriu na fugida de Sennacherib rei e general do exercito com que viera sitiar a cidade de Jerusalem. E se curiosamente quizermos inquirir a razão d'esta mesma razão, acharemos que a que Deus teve, não foi outra, senão querer em castigo d'aquelle atrevimento, que Sennacherib não só ficasse vencido, mas tornasse a apparecer deante dos seus affrontado. A prova é evidente. Porque em uma noite matou um anjo cento e oitenta e cinco mil soldados do exercito de Sennacherib. Pois se matou a tantos, porque o não matou tambem a elle? Porque o morrer na guerra póde ser e commumente é honra; mas o fugir sempre é affronta. Pois para que o soberbo infiel leve da cidade de Deus o merecido castigo de seu atrevimento, escape com a vida, mas fugindo. Por isso não quiz Deus que acommettessemos o inimigo nos seus quarteis, como tanto desejavam os soldados; nem que acabassemos de o sitiar n'elles, como tinham determinado os generaes: mas que vencido do temor e convencido da propria desesperação, sem nova violencia fugisse e com uma fugida tão precipitada e torpe, deixando artilharia, munições, armas, bastimentos e até o pão cozendo-se nos fornos e nos ranchos a comida dos soldados ao fogo, para que os negros da Bahia tivessem com que banquetear a victoria. Mais ainda:

que nas fortalezas rendídas estando á beira-mar e dominados dos seus navios, nem das armas levassem um arcabuz, nem da artilheria um bota-fogo; e ficassem tão inteiras em tudo como as acharam! Mas tambem este milagre em corsarios corria pelas obrigações de Sancto Antonio, como tão ponctual recuperador do perdido.

Outra coincidencia da historia do mesmo general comparada com os hollandezes. Anecdota. *Esai.* 37

Em fim o inimigo nos deixou tudo o nosso e parte do seu. Mas não deixarei de advertir na historia do nosso Texto uma grande differença d'aquella fugida a esta. Antes de Sennacherib applicar o seu exercito ao sitio de Jerusalem, ordenou Deus lhe chegassem novas, que Tharaca rei da Ethiopia vinha sobre elle com todo o poder, em soccorro da mesma cidade. E posto que a mortandade executada pelo anjo tinha sido de tantos mil, a esta nova attribúi o mesmo Deus a sua fugida. Tambem cá o nosso sitiador nos quiz conquistar com novas. Como nunca faltam humores melancholicos e amigos de as darem más, em um navio de Lisboa, que no tempo do sitio tomaram os hollandezes se acharam algumas cartas (poucas) em que se dizia, que lá se fallava em armada: mas que cá não esperassemos por ella: porque os muitos empenhos em que se achava Hespanha, não permittiam que se diminuisse das forças maritimas. Estas cartas, cotadas á margem, remetteu por um trombeta o general hollandez aos nossos com outra sua em que dizia, lh'as enviava, para que tivessem intendido que não podiam ser soccorridos. Julgava que esta bala era a que maior brecha podia abrir nos corações dos cercados; e por isso se teve em segredo. Mas a resposta foi tão desassustada, como discreta: porque depois de satisfazerem, tambem por escripto, a outros pretextos da embaixada, acabava assim—E quanto ás cartas de Lisboa que vossa senhoria nos enviou, respondemos ás que cá vieram com as que lá ficaram. — Assim era; porque todas as outras certificavam que vinha armada, como effectivamente veio. Mas ou a nova fosse falsa, ou verdadeira, nem o inimigo aguardou a que viesse o soccorro, nem nós o houvemos mister; para que tambem por esta circumstancia a sua fugida fosse menos desculpavel e a nossa victoria mais luzida. Embarcado, finalmente, levou as anchoras na segunda noite, que tambem lhe foi favoravel, porque lhe faltou o vento; para que a olhos de todos, conforme o nosso Texto se visse voltar por onde veio. Pelas nove e dez horas do dia saiu pela Bahia fóra a armada, triste, desembandeirada e muda; e se com a sua e nossa artilheria a despediu a cidade do Salvador com tres salvas, n'ellas publicámos ao ceu, ao mar e á terra quão gloriosamente desempenhou o mesmo Salvador com a mesma cidade a sua palavra: *Protegam urbem hanc et salvabo eam.*

Coroas civicas, muraes e castrenses que mereceu o valor portuguez.

VIII. Esta é, cidade, milicia e povo da Bahia; a victoria de que Deus nos fez mercê, tão gloriosa como sua, e de que todos lhe vimos render as graças, tão obrigados como nossa. Dous amores concorreram da parte de Deus para ella: *propter me et propter servum meum;* por amor de mim e por amor de meu servo. E se n'este dobrado amor devemos dobrada correspondencia, seja a primeira em lhe confessar o todo da gloria que é sua; e a segunda, em lhe attribuir tambem a parte que póde parecer nossa. Se a Bahia fôra Roma, todos os nossos valorosissimos capitães e soldados haviam de apparecer hoje n'este monte, como no do Capitolio, coroados com tres coroas, civicas, muraes e castrenses. Civicas, porque não só defenderam um cidadão, mas uma tão numerosa e populosa cidade: muraes, porque sendo tão fracas as fachinas da nossa trincheira para a sustentar e fortalecer, fizeram dos proprios peitos muros; e castrenses, porque não só desejaram tantas vezes investir o inimigo nos seus proprios arraiaes, mas o obrigaram a que elle espontaneamente nol-os rendesse. Mas a corôa com que todas estas se coroam é a da fé (que a elle faltava) offerecendo-as todos como verdadeiros catholicos e lançando-as aos mesmos triumphantes pés do Salvador e do Sancto que o tem em seus braços.

E que offerece a Deus seguindo o exemplo dos 24 anciãos do Apocalypse. C. 4

Viu S. João no Apocalypse a Deus sobre um throno de grande majestade; e que vinte e quatro anciãos, os quaes em roda lhe faziam côrte, todos coroados, prostrando-se de joelhos adoravam profundissimamente ao supremo Senhor e tirando as coroas da cabeça as lançavam aos pés do seu throno: *Adorabant Viventem iu saecula saeculorum et mittebant coronas suas ante thronum.* Sancto Ambrosio, S. Bernardo, Ruperto e os outros expositores perguntam, que corôas eram estas e porque as tiravam da cabeça e as lançavam aos pés do throno de Deus? E todos respondem uniformemente, que as corôas eram as das victorias que n'este mundo tinham alcançado; e que todos as tiravam das proprias cabeças e as lançavam deante do throno de Deus para as attribuir a seu verdadeiro auctor, reconhecendo que mais eram de Deus que suas. Christo nosso Salvador é o verdadeiro Deus dos exercitos e das victorias; e o seu throno «como lá vemos» é Sancto Antonio que tão de assento o tem nos braços; e deante d'este Deus e d'este throno vem lançar as corôas que mereceram na presente victoria os famosos «heroes» da nossa milicia; mais gloriosas quando as põem aos pés de Deus, que quando Deus lh'as poz na cabeça. E chamase Deus n'esta occasião *Viventem in saecula saeculorum;* porque as victorias temporaes, tão sujeitas á variedade do fortuna, só postas aos seus pés podem ser eternas.

Com os quaes se parecem principalmente os veteranos de Pernambuco. Esperem elles tambem do sancto a restauração da sua Olinda.

Bem acabava aqui o sermão, se me não faltara a ultima clausula, que o nosso agradecimento não deve passar em silencio. Os que lançaram as corôas aos pés do throno de Deus, eram os anciãos, em que mais particularmente são significados os veteranos, cabos e soldados da milicia pernambucana, cujas valorosas acções n'esta guerra assim como as admiraram os olhos dos presentes, assim serão perpetuas nas linguas da fama, e nas letras e estampas dos annos as lerá immortalmente a memoria dos vindouros. No meio, porém, d'esta mesma alegria universal não posso deixar de considerar n'elles algum remorso de dor. Á vista dos bens alheios cresce o sentimento dos males proprios. E taes podem ser as memorias dos desterrados de Pernambuco (como as lembranças de Sião sobre os rios de Babylonia) vendo a Bahia defendida e a sua patria, pela qual trabalharam muito mais, em poder do mesmo inimigo. Assim o permittiu e ordenou Deus; mas, como podemos esperar de sua providencia e bondade, para maior gloria e consolação de todos. Serviu Jacob por «amor de» Rachel, septe annos, e ao cabo d'elles em vez de lhe darem Rachel, achou-se com Lia. Queixou-se d'esta differença, tão sentido como o pedia a razão e o amor, e respondeu-lhe Labão: Filho, o que fiz não é porque te não queira dar a Rachel, mas porque te quiz tambem dar a Lia; e esta primeiro, porque é a irmã mais velha. O mesmo digo eu agora. Serviram os filhos de Pernambuco pela sua formosa Rachel, pela sua Olinda outros septe annos, ao cabo dos quaes não só a não recuperaram, mas a perderam de todo. Argumento grande de seu valor, que houvessem mister os hollandezes septe annos para conquistar Pernambuco, quando bastaram outros septe aos mouros para conquistar Hespanha. Mas se ao cabo de tantos trabalhos e serviços não concedeu Deus aos pernambucanos a sua Rachel, não foi por lh'a negar, senão por lhe querer dar tambem a Lia. Quiz-lhe dar primeiro a Bahia como irmã mais velha e cabeça do estado. E depois de levarem esta gloria, de que ella sempre lhes deve ser agradecida, então lhes cumprirá seus tão justos desejos; e com dobrado e universal triumpho os metterá de posse da sua amada patria, como digna de ser amada. Assim o confiamos da bondade de Deus e o esperamos da poderosa intercessão do nosso David, não menos interessado n'aquella perda, nem menos milagrosa a sua virtude para recuperar a Bahia que Pernambuco.

Conclusão.

Lembrae-vos, glorioso Sancto dos muitos templos e altares, em que ereis venerado e servido n'aquellas cidades, n'aquellas villas e em qualquer povoação por pequena que fosse; e que nos campos e montes onde não havia casa, só vós a tinheis.

Lembrae-vos dos empenhos e grandiosas festas com que era celebrado o vosso dia, e sobretudo da devoção e confiança com que a vós recorriam todos em suas perdas particulares e do promptissimo favor e remedio com que acudieis a todos. O mesmo sois, e não menos poderoso para o muito que para o pouco. Apertae com esse Senhor que tendes nos braços, e apertae-o de maneira, que assim como nos concedeu esta victoria, nos conceda a ultima e total de nossos inimigos. E nós como tão faltos de merecimento, a reconheceremos sempre como sua e como vossa: como sua, dada por amor de si; e como vossa, alcançada por amor de vós: *Propter me et propter David servum meum.*

(Ed. ant. tom 6.° pag. 93, ed. mod. tom. 8.° pag. 295.)

SERMÃO DA VISITAÇÃO DE NOSSA SENHORA A SANCTA ISABEL **

PRÉGADO NA MISERICORDIA DA BAHIA
EM ACÇÃO DE GRAÇAS PELA VICTORIA DA MESMA CIDADE SITIADA
E DEFENDIDA NO ANNO DE 1630

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR : — Tracta o orador da mesma victoria que no sermão precedente, mas a fórma é differentissima.

Et unde hoc mihi.
2. Luc. 1.

O agradecimento humano nos grandes favores ha de imitar á sanctissima Virgem e a sancta Isabel.

Festejar as mercês do céu, reconhecel-as como recebidas da mão de Deus e dar-lhes infinitas graças por ellas, é a primeira obrigação da fé, é a primeira confissão do agradecimento e são os primeiros impulsos da alegria christã e bem ordenada. Assim o cantou hoje a Virgem Maria, já mãe de Deus, entrando em casa de Zacharias e visitando a Sancta Isabel. Reconhecida a Senhora á dignidade infinita do mysterio ineffavel que a mesma Isabel por celeste revelação tambem reconhecia e celebrava, que fez e disse? Louvou e magnificou a Deus, alegrou-se no interior do seu espirito com demonstrações similhantes ás do Baptista no ventre da mãe; e declarou e confessou que as grandezas que já começavam a sair á luz, nascidas do que dentro em si trazia, eram obra do braço todo poderoso do Senhor, e seu sancto nome. Isto é o que nas grandes mercês do céu deve festejar e reconhecer a fé e agradecimento humano: mas não basta. E que mais é necessario? É necessario que voltando os homens os olhos para a terra, os ponham em si com verdadeiro conhecimento da propria indignidade; e (porque a providencia divina sempre requer disposição ou cooperação de suas creaturas para repartir com ellas os thesouros de suas misericordias) que considerem todos e se pergunte cada um a si mesmo e diga com Sancta Isabel: *Et unde hoc mihi?* E donde a mim tão extraor-

dinaria mercê? Assim o fez tambem a mesma Virgem Maria no meio dos mesmos louvores, com que magnificou a Deus e com que se via magnificada, olhando para si mesma (como diz) e não achando nem reconhecendo em si outro motivo, outra razão, ou outro porquê das mesmas grandezas, senão o da sua humildade: *Quia respexit humilitatem ancillae suae.* Quer dizer: Vós ó Isabel, cheia de Espirito sancto me apregoais por mãe de Deus: vós me chamais bemdicta entre todas as mulheres, e vós me canonizais por bemaventurada n'esta vida, porque no resto d'ella se comprirão em mim todas as promessas do anjo, e eu não acho, nem vejo em mim, senão o que só viu o mesmo Senhor, pondo os olhos na sua menor escrava: *Quia respexit humilitatem ancillae suae.*

O mysterio da Visitação ensina á Bahia a quem deve a sua victoria.

Até qui a famosa historia da Visitação da Mãe de Deus, na qual, como em parabola, fallei atégora de nós e comnosco, posto que o não parecesse. Duas cousas ponderei n'ella. A primeira e que naturalmente move a todo o homem é festejar os seus bens; e, se é homem christão e com fé, louvar a Deus por elles e dar-lhes as devidas graças. A segunda, não parar n'este exterior da felicidade humana, como se fôra fortuna ou caso; mas fazer reflexão sobre si mesmo e considerar se acha em si algum fundamento de boas obras, pelo qual Deus se inclinasse ou se deixasse obrigar a lh'a conceder. Já cuido que me tenho explicado. Muitos dias ha que esta nossa cidade festeja a illustre victoria com que Deus lhe fez mercê de se defender tão gloriosamente do poder do inimigo commum, com que se viu sitiada. E não ha na mesma cidade templo, em que com universal concurso e applauso da piedade christã e portugueza se não tenham rendido as devidas graças ao Soberano Auctor da liberdade que gozamos. Eu hoje n'esta materia tão batida já a podera passar em silencio e emmudecer com Zacharias; mas escolhi antes (porque a Deus não o cançam os agradecimentos) fallar com Isabel. Das suas palavras escolhi por thema sómente as da admiração com que se pergunta a si mesma: *Unde hoc mihi?* Não fallarei em meu nome, mas a Bahia será a que se admire da victoria, a que tão pouco costumados estavamos, e que se pergunte a si mesma: D'onde lhe veio esta ventura tão extraordinaria e tão nova? A Bahia perguntará *o d'onde:* eu responderei; e desde logo o que só posso dizer é, que para descobrir e achar o *d'onde* não será necessario ir buscal-o á campanha, porque o acharemos «na cidade e mais que tudo» dentro n'esta mesma casa, como se fôra a de Zacharias. Lá e cá temos derramando graças a fonte da graça. *Ave-Maria.*

A causa principal d'esta victoria não foi o valor militar.

II. *Et unde hoc mihi?* Esta mercê, este favor, este beneficio

do céu tão grande: esta felicidade, de que estive tão duvidosa e agora estou tão segura; esta victoria tão honrada e tão festejada e de que tão desacostumado está o Brazil, ha tantos annos, d'onde a mim? Assim pergunta fallando comsigo a Bahia, e admirada da sua propria fortuna busca dentro em si a causa d'ella. Mas vejo que d'esta mesma pergunta, que sempre suppõi duvida, se dá ou se póde dar por muito offendido o valor dos nossos soldados e por egualmente aggravada a reputação das nossas armas. *Unde*, d'onde? E quem é tão cego que o não visse nos relampagos do fogo? Quem tão surdo que o não ouvisse nos trovões da artilharia? Quem tão seguro e sem receio que o não temesse em mil e seiscentos raios contados, que as baterias furiosas do inimigo choveram sobre a Bahia em quarenta dias e quarenta noites de sitio? Em outros tantos dias e noites se formou o diluvio universal que alagou o mundo; e assim como então diz o Texto sagrado que não só da parte combatente se abriram as cataractas do céu, mas tambem da parte combatida se romperam as fontes do abysmo; assim n'esta inundação de fogo, se foi apertada e pertinaz a força dos combates, não foi menor, antes mais forte e poderosa, a das resistencias, de que emfim se confessou por vencida a soberba e presumpção dos mesmos combatentes; quando a sua não retirada, mas manifesta fugida, debaixo da capa da noite, mal lhe cobriu as espaldas. A artilheria deixada e carregada nas plataformas, sem retirar o inimigo uma peça: o pão cozendo-se nos fornos, as olhas dos soldados ao fogo, as tendas, as barracas, as armas, a polvora, tudo desamparado. sem ordem no principio da desesperação, não só temerosa, mas attonita: sobre tudo o silencio das caixas e das trombetas, com que tão confiados se tinham aquartellado, mudo e insensivel ás nossas sentinellas: isto assim juncto é como por partes o que se está respondendo á pergunta da Bahia. *Unde*, d'onde? Da prudencia dos nossos illustrissimos generaes e da bem aconselhada dissimulação (mal intendida do vulgo) com que deixaram marchar sem opposição o inimigo até o logar onde estava antevista a sua ruina. *Unde*, d'onde? Da bizarra resolução dos nossos mestres de campo, posto que de tres nações differentes, unidos em tomar o governo das armas em que só o imperio e obediencia d'elles entre os dous generaes esteve duvidoso. *Unde*, d'onde? Do valor dos nossos famosissimos capitães e soldados, que antes de haver trincheiras, elles o foram, peito descoberto, e depois de as haver, dentro com as proprias granadas e bombas do inimigo e fóra com a espada na mão semearam a campanha de tantos corpos mortos, para cuja sepultura pediram tregoas; se-

menteira de que elles logo colheram o desengano, e nós pouco depois o fructo da victoria. Assim responde a nossa triumphante milicia á pergunta da Bahia.

Dá Deus a [vic]toria a quem é servido. Ps. 33 Palavras de [Da]vid a Goliat. 1 Reg. 17

Mas com licença «d'estes valorosos defensores da nossa patria» não posso deixar de dizer que a sua resposta não «satisfaz como deve» á fé e piedade christã. Que diz a fé? Que Deus é o Senhor dos exercitos, e que dá e tira a victoria a quem é servido, por meio das armas sim, mas sem dependencia d'ellas. Salvou-se a cidade do Salvador do perigo em que se viu tão apertada; mas não foi o numeroso de seus presidios, nem o valoroso dos seus soldados o que a salvou; porque na guerra e nas batalhas nem aos reis os salva o poder dos seus exercitos, nem aos gigantes os salva as desmedidas forças dos seus braços: *Non salvatur rex per multam virtutem et non salvabitur in multitudine virtutis suae.* Ouçam os soldados uma e outra cousa da bocca de um tambem soldado e soldado que foi rei e soldado que venceu gigantes: *Non enim in arcu meo sperabo et gladius meus non salvabit me.* Eu, diz David, nunca puz, nem porei a esperança da victoria no meu arco, nem confiarei que me salvará das mãos de meus inimigos a minha espada. No arco intendem-se as armas de longe; na espada as de perto. Em umas e outras parece que experimentou o mesmo David o contrario do que diz; no desafio do gigante, de longe com o tiro da funda lhe metteu a pedra na testa, e de perto com a espada do mesmo inimigo já prostrado lhe cortou a cabeça. Pois se David venceu o gigante com o tiro da funda e com o talho da espada; como diz que não ha de pôr a sua esperança nem nas armas de longe, nem nas de perto? Porque uma cousa é vencer por meio das armas, outra é pôr a esperança n'ellas. Pôr a esperança nas armas é presumpção e vaidade gentilica: pol-a só em Deus, que é o Senhor das victorias, é fé e piedade christã. Assim succedeu no mesmo caso; e o disse o mesmo David respondendo ás arrogancias do gigante: *Tu venis ad me in gladio et hasta et clypeo: ego autem venio ad te in nomine Domini exercituum.* Tu, ó gigante, vens contra mim coberto de ferro, com a espada cingida, com a lança em uma mão e o escudo na outra; eu venho contra ti desarmado; mas em nome de Deus dos exercitos. E que se seguirá d'esta batalha tão desegual? Seguir-se-ha que Deus com todas essas armas te entregará nas minhas mãos; e eu, como me vês, desarmado te cortarei a cabeça: e conhecerá todo esse immenso theatro dos dous grandes exercitos postos á vista, que para Deus dar a victoria a uns e pôr em fugida a outros, não ha mister, nem faz caso de armas, porque é Senhor da guerra:

Et noverit universa ecclesia haec, quia non in gladio et hasta salvat Dominus; ipsius enim est bellum.

Por isso não nos desvaneça a fortuna das nossas almas.

Não sei se teve David pensamento particular em chamar a multidão dos que o viam e ouviam, nomeadamente Egreja: porque a fé d'aquella doutrina nem pertencia ao gentio, quaes eram os philisteus, nem a reconhece o hereje, quaes são os de Hollanda (e foram os que lá e cá desenganados da sua fraqueza fugiram); mas só é proprio dos filhos da verdadeira Egreja, quaes somos nós os catholicos. E para que esta fé e este conhecimento? Para que esta fortuna das nossas almas, posto que victoriosas, nos não desvaneça; antes temamos as nossas mesmas victorias, se ingratos e infieis a Deus as attribuirmos ás nossas armas e ao nosso valor. Detraz da carroça dos triumphadores romanos era costume ouvir-se um pregão que dizia: *Memento te esse mortalem:* lembra-te, ó triumphador, que és mortal. E eu n'este poncto quero publicar outro pregão aos mesmos capitães e soldados: pregão não decretado no capitolio de Roma, mas no consistorio das «tres Pessoas divinas» e não para nos diminuir a alegria do presente triumpho; mas para que a moderemos com a razão e a seguremos com o temor.

Historio d'el-rei Amasias. 2 *Paralip.* 25

Annunciou o propheta Amós a el-rei Amasias que do seu exercito que constava de quatrocentos mil homens licenciasse e despedisse cem mil, porque eram de gente que estava fóra da graça de Deus (notem as consciencias militares quanto importa estarem em graça de Deus); e como Amasias reparasse n'esta diminuição do seu exercito e no soldo de cem talentos de prata com que já os tinha pago, respondeu o propheta e declarou ao rei da parte de Deus um segredo que nem elle então intendia, professando a verdadeira fé, nem hoje acabam de o intender os que a professam. Ouvi o segredo e o pregão; Porque has de saber ó rei, que se imaginares que os felizes successos da guerra e as victorias consistem no numero e fortaleza dos exercitos, pelo mesmo caso e por esta só imaginação fará Deus que sejas vencido dos teus inimigos; para que intenda e se desengane o mundo, que dar a victoria a uns, ainda que sejam poucos e fracos, e pôr em fugida a outros, ainda que muitos e fortes, não é consequencia das armas e do valor, mas regalia propria do Senhor dos exercitos: *Quod si putas in robore exercitus bella consistere, superari te faciet Deus ab hostibus: Dei quippe est adiuvare et in fugam convertere.* «E se é tal o ensino da nossa fé, se é Deus só o que dá e tira a victoria a quem é servido, como, logo, não se concluirá que não foi o esforço da sciencia militar dos nossos defensores a causa principal e adequada da presente felicidade da Bahia, senão a divina protecção?

Esta victoria deve-se principalmente á oração. A de Moysés.

III. A esta primeira resposta, que a fé e piedade christã nos dicta a todos, se segue a segunda não menos razoavel e mais practica, que nos revela, porque nos fez Deus tão assignalado favor. Se a divina Providencia pediu n'esta victoria a cooperação das suas creaturas, saibam todos, que como n'ella teve não pouca parte com as armas nas mãos o valor dos soldados; assim e muito maior a teve com mãos desarmadas a oração dos cidadãos.» Desarmadas estavam as mãos de Moysés, quando orava no monte e o exercito de Josué pelejava na campanha. E foi maravilha então notada de todos e cuja memoria quiz Deus ficasse estampada não em laminas de bronze ou diamante, mas nos caracteres immortaes dos seus Livros. que quando Moysés levantava as mãos ao céu vencia Josué, e quando ellas, como de braços cançados já com a velhice, descaiam um pouco, prevalecia o inimigo. Moysés no monte, Josué no campo raso ambos assestavam as suas baterias contra o exercito de Amalec: mas as machinas militares e a pontaria dos tiros eram muito diversas. Josué batia o inimigo com ferro e fogo, Moysés com as mãos desarmadas: Josué ferindo, Moysés orando: e a victoria estava tão dependente da oração de um e tão pouco sujeita ás armas do outro, que estas sem o soccorro da oração eram vencidas e só pela força e perseverança da oração vencedoras.

A da Bahia.

Lembremo-nos agora de nós. Quem visse interiormente a Bahia n'aquelles quarenta dias e quarenta noites em que esteve sitiada, mais a julgaria na continua oração por uma Thebaida de anachoretas, que por um povo e communidade civil divertida em outros tantos officios e exercicios. Nos conventos religiosos, nas egrejas publicas, nas casas e familias particulares, todos oravam. Os paes, os filhos e quantos podiam menear as armas assistiam com Josué na campanha: as mães, as filhas e todo o outro sexo ou edade imbelle, orando continuamente pelas vidas d'aquelles que por instantes temiam lhes entrassem pelas portas ou mal feridos ou mortos. O estrondo das baterias inimigas e nossas, espertando com a evidencia e temor do perigo os animos, não lhes permittia quietação nem socego; e então a Bahia, como propriamente Bahia de todos os Sanctos, invocando a intercessão e auxilio de todos, não por intervallos, como Moysés, mas perpetuamente e sem cessar, batia o inimigo com as armas da oração.

A de David. *Ps.* 19

Esta bateria das mãos desarmadas, mas levantadas ao céu, foi mais verdadeiramente a que nos deu a victoria. E porque a proposta, como de quem não professa as armas, não pareça suspeitosa aos professores d'ellas, ouçamos o testemunho de um soldado; e seja o mesmo que já ouvimos na resposta passada,

David. Este grande soldado, como capitão general das armas catholicas d'aquelle tempo, em um psalmo que compoz estando para saír em campanha, apontando para os esquadrões do exercito contrario que já tinha á vista, disse assim: *Hi in curribus et hi in equis; nos autem in nomine Dei nostri invocabimus.* A milicia de nossos inimigos e a nossa, ó companheiros, segue mui differentes maximas: elles poem todo o seu poder e toda a sua confiança na multidão da sua cavallaria e nas machinas de seus carros; porém nós que temos outra fé e outra experiencia, posto que com as armas nas mãos, não pômos a confiança n'ellas; mas todo o nervo da nossa guerra consiste em outros instrumentos bellicos, muito mais fortes, que são as orações e as preces com que invocamos a Deus. E cuja será a victoria em tanta differença de uns a outros combatentes? Eu vol-o direi antes da batalha tanto ao certo, como se já tivera succedido; e não só como propheta, mas como capitão: *Ipsi obligati sunt et ceciderunt: nos autem surreximus et erecti sumus* Elles com as suas armas, estando levantados, cairam vencidos; nos com as nossas orações, estando caidos, levantamo-nos vencedores. Tudo isto é o que succedeu na nossa victoria. Com a sua poderosa armada naval nos sitiou por mar o inimigo: e «seus soldados» posto que tão exercitados n'esta cavallaria nadante, tendo entrado tão soberbos e inchados como as suas velas e tão levantados com os successos da passada fortuna como as suas bandeiras no tope, sendo ainda mais altos os seus pensamentos, cairam; e nós, posto que verdadeiramente caidos com a adversidade dos mesmos successos, se nos levantámos vencedores e triumphantes é porque a força da oração e não a das armas n'este levantar e cair trocou as «sortes da guerra»: *Ipsi obligati sunt et ceciderunt; nos autem surreximus et erecti sumus.*

Auctoridade de Philo hebreu proseguindo a mesma metaphora.

N'aquella famosa batalha dos troyanos contra os latinos, diz o principe dos poetas, que em quanto a victoria esteve duvidosa, Jupiter sustentava na mão duas balanças eguaes; até que uma caiu vencida e outra se levantou vencedora. E Philo hebreu, proseguindo a mesma metaphora, não fabulosa e poeticamente, mas fundado na verdade da Historia sagrada, diz que as armas de Josué, como postas em balança, sem a oração de Moysés caiam e com a oração de Moysés se levantavam: de sorte que a victoria estava posta na balança da oração, já descendo, já subindo, não conforme Josué mais ou menos fortemente meneava as armas; mas segundo as mãos de Moysés ou orando remissamente desfalleciam, ou instantemente levantadas ao céu, como se os seus dedos fossem azas, voavam. D'aqui se segue que se a justiça com as balanças em uma mão e a espada na outra, houver de julgar a nossa

victoria a quem mais verdadeiramente se deve, não ha de ser a espada dos que, como Josué, pelejavam na campanha, senão as mãos levantadas dos que no mesmo tempo, como Moysés, oravam no monte.

As victorias de Judas Machabeu devidas á oração.

E para que os nossos capitães se não offendam d'esta proposição e desafiem quem a quizer sustentar; lembrem-se que no antigo povo de Deus, em que houve Josué, Samsão, Gedeão e David, o mais afamado capitão de todos foi Judas Machabeo; e lembrem-se tambem que entre as mais celebradas e fataes espadas nenhuma houve egual á do mesmo Machabeo, a qual descida do céu e dourada nos resplendores liquidos das estrellas lhe entregou a alma do propheta Jeremias. Mas quaes foram os tropheus e triumphos d'este «heroe» com tão prodigiosa espada? É certo e é de fé que foram tantas as suas victorias, quantas as batalhas, como se trouxesse a soldo a fortuna debaixo das suas bandeiras. Com tudo, depois de tantas vezes vencedor o famoso Machabeo e de ter conquistado o glorioso nome de invicto entre todas as nações do mundo, finalmente na batalha contra Bacchides, tendo triumphado de outros muitos maiores exercitos, foi vencido e morto. E porque? Porque este valorosissimo capitão, ou conquistando, ou defendendo, ou sitiando, ou sendo sitiado, ou guerreando em campanha aberta, sempre ás forças do braço e da espada ajunctava os da oração: e só n'esta ultima e infeliz batalha (como em muitos logares nota o Alapide) não se lê na Escriptura que orasse. Tão fortes e invenciveis são as armas acompanhadas da oração e tão fracas e sujeitas a ser vencidas, se as não assiste este divino e todo poderoso soccorro. Assim que se a Bahia ainda duvida e pergunta: D'onde lhe veio a felicidade da victoria com que se vê segura e triumphante, *Unde hoc mihi?* Saiba que mais a deve ás mãos levantadas, que ás mãos armadas: mais aos que batiam o céu, que aos que combatiam o inimigo; mais aos que por ella oravam, que aos que pelejavam por ella.

A victoria da Bahia. Foi tambem devida á casa da misericordia 1.º quanto aos irmãos.

IV. Temos respondido á Bahia com duas resoluções ambas certas; e me detive tanto na prova de ambas, porque ainda estamos em tempo de as haver mister. O inimigo ainda que fraco nunca se ha de desprezar, quanto mais poderoso! E se é poderoso e affrontado, então se deve temer e esperar com maior cautela. Desenganados, pois, no primeiro discurso, que as victorias se não devem attribuir só ao valor dos soldados e força das armas, e persuadidos no segundo, que antes se deve dar esta gloria a efficacia e soccorro das orações, com que a nossa defensa de dia e de noite, publica e privadamente foi assistida, agora quero eu declarar outro pensamento; e peço que antes de ouvi-

dos os fundamentos d'elle m'o não extranhem ou condemnem.

Os militam debaixo da bandeira da Misericordia.

Respondendo, pois, terceira vez á pergunta da Bahia: *Unde hoc mihi?* Digo que o d'onde lhe veio a victoria que celebra é «tambem» d'esta casa da misericordia em que estamos e dos soldados que militam debaixo da sua bandeira. Os que militam debaixo da bandeira da Misericordia por diverso modo, ou são os irmãos que exercitam as obras da mesma misericordia com os pobres ou infermos, ou são os mesmos pobres e infermos que elles sustentam, remedeam e curam; e posto que estes pareçam incapazes de pelejar, a uns e outros se deve egualmente a gloriosa defensa da nossa metropoli.

Prova-se com o psalmo 40.

Beatus qui intelligit super egenum et pauperem. Ditoso e bemaventurado (diz o propheta rei) todo aquelle que intende e se occupa em servir e remediar os pobres. Não é este o fim e intuito da sancta irmandade da Misericordia, como se foram as palavras trasladadas do seu proprio compromisso? Sim. E porque diz o propheta que são ditosos e bemaventurados todos os que se exercitam e occupam em obra tão pia? Segue-se o porquê: *In die mala liberabit eum Dominus*: porque no dia máu, isto é, nas occasiões de aperto e perigo os livrará Deus; e se o perigo e aperto fôr de guerra em que se virem accomettidos, sitiados ou assaltados, Deus não permittirá que sejam entregues ao poder dos inimigos: *Non tradet eum in animam inimicorum eius.* Note-se a palavra *In animam*. O animo com que vinha o inimigo era de que a Bahia se lhe entregasse (offerecimento que tantas vezes nos fez pelos seus trombetas); e por consequencia se lhe rendesse o resto do Brazil. Mas Deus lhe tirou esse animo e lh'o desmaiou de tal maneira, como mostrou o successo. Assim como uma cidadella muito forte defende toda a cidade, assim esta casa da Misericordia (por isso não acaso senão com grande providencia levantada e collocada no coração da Bahia) não só guardou e defendeu a todos os da mesma casa, que são os que n'ella exercitam as obras da misericordia, senão a todos os mais, «porque todos concorrem para serviço e remedio dos pobres.» *Beatus qui intelligit super egenum et pauperem; in die mala liberabit eum Dominus, et non tradet eum in animam inimicorum ejus.*

O triumpho de Christo rei pacifico acompanhado com ramos de oliveira.

Entrou Christo Redemptor nosso triumphando em Jerusalem e os que acompanhavam e seguiam o triumpho com acclamações e applausos cortavam ramos das arvores, diz o evangelista, e estes ramos, como declarou o uso e tradição da Egreja e refere o antiquissimo Clemente Alexandrino, eram de oliveira e palma. Os ramos da palma «como todos vêem» muito bem di-

ziam com o triumpho; porém a oliveira que antes significa paz que guerra, misericordia e piedade e não violencia nem rigor, porque se ajuncta n'este triumpho com a palma? Por isso mesmo: porque a palma significa a victoria, a oliveira significa a misericordia; e nos triumphos de Christo e dos christãos os ramos da palma andam tão unidos e como enxertados nos da oliveira, que da oliveira dependem as palmas e da misericordia as victorias. «Por isso fallando Drogo Hostiense a todos os christãos, dizia:» Se quereis victorias soldados de Christo, não vos digo que imiteis os Samsões, nem os Gedeões dos Hebreus; senão a simplicidade dos meninos de Jerusalem. «Só» lançando aos pés de Christo ramos de oliveira, que são as obras de misericordia; «levantareis as palmas victoriosas como signal de triumpho.»

Como deve personificar-se a victoria de um exercito christão. A practica da misericordia anda unida com a coroa da victoria.

Ja verieis a imagem da victoria armada e com a espada em uma mão e a palma na outra: eu quizera emendar esta imagem, porque mais parece gentilica, que christã. Acceito a palma em uma mão, e porque se não queixem os soldados, tambem a espada na outra: mas ainda lhe falta a esta pintura a principal insignia da victoria. E qual é? A corôa de oliveira. Digo que ha de ter uma corôa tecida de ramos de oliveira, e de oliveira signaladamente; porque a oliveira é symbolo da misericordia e das obras d'ella. Ouvi um grande texto. David era tão piedoso e compassivo como valente: virtudes que sempre andam junctas, assim como a crueldade é propria dos covardes e fracos. E fallando aquelle grande capitão com a sua alma (com a qual os que seguem as armas costumam ter pouca conversação) diz-lhe assim: Louva, alma minha, a Deus, e não te esqueças das grandes mercês, que tens recebido de sua liberal e poderosa mão. Lembra-te que elle é, que te tem perdoado os teus peccados, elle o que na guerra te livrou tantas vezes a vida, e elle o que te coroou nas victorias com a misericordia e suas obras: *Qui coronat te in misericordia et miserationibus.* (Ps. 102) E cuja foi esta misericordia que coroou a David victorioso? Foi a misericordia de Deus que por sua misericordia o coroou, ou foi a misericordia de David, o qual n'ella deu a materia a Deus para o coroar? Responde Didimo, antigo padre grego, exquisita e finamente, que a misericordia e obras de misericordia de David foram a materia de que Deus lhe teceu a corôa com que o coroou. De sorte que a materia de que foi formada e tecida por Deus a corôa de David victorioso, foi a misericordia e obras de misericordia do mesmo David. E como a misericordia das divinas e humanas letras é symbolizada na oliveira, de oliveira ha de ser a corôa que na imagem ou estatua da victoria emen-

dada se lhe ha de accrescentar á palma. «Tal a parte que tiveram na victoria da Bahia os irmãos da Misericordia.»

E qual foi a que tiveram os pobres que militam debaixo da mesma bandeira para defensa da cidade? Aqui entra o que elegantemente diz S. João Chrysostomo: *Custodes murorum sunt et hic castra pauperum et bellum in quo pro te pauperes pugnant.* Tambem os pobres teem os seus arraiaes e outro genero de guerra no qual pelejam por nós e nos defendem. Quem quizer vêr estes arraiaes e a ordem, repartição e architectura militar d'elles, entre por essas infermarias; «e verá como é que» homens infermos, feridos, estropeados e alguns d'elles sem mãos e sem braços, «foram a maior defensa da cidade.» No psalmo decimo e undecimo diz o texto sagrado repetidamente, que os olhos de Deus estão olhando para o pobre: *Oculi ejus in pauperem respiciunt* e nomeando-se dez vezes os pobres n'estes mesmos psalmos, nota Genebrardo, que em todos estes logares é com tal palavra na lingua hebraica, que junctamente quer dizer pobre e quer dizer exercito. «Como se o Espirito Sancto nos quizesse ensinar» que se os nossos olhos em cada um d'aquelles soldados, que se retiravam da campanha por mal feridos, estavam vendo um pobre homem, fraco, desfalecido, estropeado; os olhos de Deus o estavam vendo não só forte, valente, são e inteiro, senão multiplicado em muitos: «de sorte que» cada um na campanha entre os soldados era um só homem, no hospital entre os pobres era um exercito. Isto viam os olhos de Deus; e nos ouvidos do mesmo Deus succedia outra não menor maravilha. Os ais d'esse mesmo soldado desvaido de sangue e quasi desmaiado e os gemidos das curas, cujas dores são muito maiores que as das feridas, estes ais e estes gemidos chegavam aos ouvidos divinos; e como se fossem caixas ou trombetas que tocassem arma ao mesmo Deus: Agora, disse o Omnipotente, me levantarei eu e me porei em campo a soccorrer-vos: *Propter miseriam inopum et gemitum pauperum nunc exsurgam, dicit Dominus.* Note-se muito aquelle *nunc*, agora, agora e não antes: não quando os nossos soldados sairam a impedir o passo ao inimigo que tão arrogante marchava em demanda da cidade: não quando as nossas baterias começaram a responder furiosamente ás suas: não quando a nossa mosquetaria chovia sobre elles balas: não quando as suas mesmas alcanzias rechaçadas como péllas lhe tornavam a rebentar na cara; mas quando os ais e os gemidos dos lastimosos feridos chegavam aos ouvidos de Deus. Agora, agora, disse Deus me levantarei: *Nunc exsurgam, dicit Dominus.* E que havia de succeder levantando-se Deus? Levantou-se Deus, levantou-se o sitio, levan-

2.º Quanto a pobres de q modo os d. Misericord defenderam cidade.
Ps. 1
Ibid. 12

tou-se o inimigo, lá vai fugindo. A nossa artilheria alegre despediu-se das suas popas com tres salvas; mudos e tristes, sem trombeta, nem bandeira.

Os soldados feridos, duas vezes defensores da cidade.

«Vêdes esse hospital ou essas casas fortes da caridade cheias ou alastradas de pobres, todos, ou infermos ou feridos e uns sem pés e outros sem braços e alguns sem olhos?» Ouvis os seus gemidos? «Eis ahi os melhores defensores da nossa patria: dobradamente defensores, porque rechassaram ao inimigo com suas armas no campo de batalha e o acabaram de derrotar com seus padecimentos na casa da Misericordia.» Succedeu na Bahia uma troca e metamorphose admiravel: os mesmos soldados que por feridos e mal feridos foram trazidos em hombros ou braços alheios da campanha a esta casa de Misericordia, nem por isso deixaram de pelejar, antes depois o fizeram não só com maior valor e maiores forças, se não tambem em muito maior numero. «Os nossos olhos não podiam ver esta maravilha, mas viram-na os olhos de Deus:» *Oculi eius in pauperem respiciunt: propter miseriam inopum et gemitum pauperum nunc exsurgam dicit Dominus.*

O Evangelho applicado á victoria.

V. Parece-me que tenho bastantemente provado o meu pensamento sem sair d'esta casa e «d'esta cidade.» Agora sigamos a Virgem Senhora nossa até á casa de Zacharias e «ás montanhas da Judéa»; e dentro do mysterio da Visitação veremos todos o que atégora temos ouvido.

Vai a Virgem Maria dar graças pelo beneficio da Incarnação em casa de Zacharias. Sap. 18

Exurgens Maria abiit in montana cum festinatione et intravit in domum Zachariae. Concluida a embaixada do anjo, partiu-se elle de Nazareth, onde se tinha obrado o altissimo mysterio da Incarnação do Filho de Deus; e a Virgem já Mãe do mesmo Filho não se deteve na mesma cidade um momento, mas logo a toda diligencia partiu para as montanhas onde Zacharias tinha a sua casa. O que lá fez e disse a Senhora, sem fallar outra palavra, foi o seu famoso cantico do *Magnificat*, o qual se divide em duas partes. A primeira contém a acção de graças tão devota e tão humilde da mesma Virgem por tão soberana mercê: a segunda canta as victorias do braço de Deus, então incarnado, contra os soberbos e poderosos do mundo. É o que do mesmo dia e do mesmo logar se refere nos livros da Sabedoria: *Omnipotens sermo tuus, de coelo a regalibus sedibus, durus debellator in mediam exterminii terram prosilivit.*

Porque é casa de oração e casa de misericordia.

Mas se todo este mysterio se obrou na cidade da Nazareth, a celebridade d'elle porque se não fez na mesma cidade e o *Te Deum* e as festas se foram cantar ás montanhas? Nem é menos digno de notar que esta mudança de logares não a fez só a Virgem Maria, senão tambem o mesmo Espirito Sancto. Em Na-

zareth: *Spiritus Sanctus superveniet in te;* nas montanhas: *Repleta est Spiritu Sancta Elisabeth.* Que razão houve logo (que não podia ser sem novos e grandes motivos) para que a primeira parte do cantico da Senhora que foi a acção de graças, e a segunda que foram as victorias de seu Filho se não cantasse em Nazareth onde tinha a sua mesma, senão nas montanhas e em casa de Zacharias? A razão ou razões manifestas foram duas: uma da parte do logar, outra da parte da Senhora; da parte do logar, porque n'aquella casa e n'aquellas montanhas todos oravam; o que não acontecia em Nazareth. Orava Isabel: *Et unde hoc mihi ut veniat Mater Domini mei ad me?* Orava Zacharias: *Benedictus Dominus Deus Israel quia visitavit et fecit redemptionem plebis suae.* Oravam os parentes e vizinhos: *Et posuerunt omnes in corde suo dicentes: Quis putas puer este erit? Etenim manus Domini erat cum illo.* E só onde ha o espirito de oração se poderá dar graças a Deus e cantar as suas victorias. Da parte da Senhora foi «porque em casa de Zacharias exercitou ella as primeiras obras de misericordia e em Nazareth não havia materia para isso.» Ora vêde: as obras de misericordia dividem-se em dous generos: obras de misericordia espirituaes e obras de mi sericordia corporaes. Ouvindo a Senhora da bocca do anjo, que sua parenta Isabel n'aquella sua velhice tinha concebido um filho «partiu logo para a casa d'ella;» e ao filho que era o Baptista livrou e sanctificou do peccado original, que foi obra de misericordia espiritual; e a mãe assistiu-a nas molestias da «gravidez» as quaes n'aquella edade são maiores, que foi obra de misericerdia corporal. (Por isso tendo dicto o anjo que já estava no sexto mez, a assistencia da Senhora foi dos tres mezes que faltavam para o parto). E como na casa de Zacharias se exercitaram as obras de misericordia, o que se não podia na de Nazareth, por isso n'aquella casa de misericordia se fez a acção de graças, como nós fazemos n'esta; e n'aquella casa de misericordia se cantavam as victorias do braço de Deus, como nós cantamos n'esta a nossa victoria, confessando que foi sua. «Por certo que em nenhum logar se canta melhor a misericordia de Deus: *Et misericordia ejus a progenie in progeniem*, que na casa da Misericordia.»

A Virgem e esposa dos Cantares c. 6 7 em defesa da Bahia.

Em fim para que a Bahia saiba com toda a certeza d'onde lhe veio a victoria que festeja e de que dá graças a Deus «ouça como os anjos celebram a Virgem Senhora da Victoria na sua viagem para as montanhas da Galiléa.» *Quae est ista quae progreditur quasi aurora consurgens:* Quem é esta que vai caminhando como a aurora que se levanta? Como aurora, dizem: porque a aurora é a mãe do sol; e tanto que

Virgem teve concebido «ao Sol de justiça, se levantou» e partiu para as montanhas: *Exsurgens Maria abiit in montana*, para allumiar o Baptista. «O mesmo fez ella na Bahia. O effeito e fim da nossa victoria consistiu propriissimamente no terror com que o medo e confusão poz em fugida o inimigo, de noite, em silencio, precipitadamente e desamparando tudo; «e como a luz da aurora pôi em fugida as trevas da noite, assim esta Aurora divina afugentou aos inimigos do seu nome.» D'este primeiro effeito se seguiu o segundo e a segunda admiração dos anjos, já depois da victoria; vendo elles e ouvindo o que nós estamos ouvindo e vendo; «pois está escripto no livro dos Cantares» *Quid videbis in Sunamite nisi choros castrorum:* que vereis em Sunamite (que é a mesma Virgem) senão os arraiaes da sua milicia convertida em coros? Um coro «nas montanhas da Judéa» devoto e pio; outro «n'esta egreja» festivo e triumphante: um coro cujas vozes sobem ao céu, outro que alegra a terra: um coro que canta a acção de graças a Deus o outro que canta e celebra a sua e a nossa victoria.

Duas palavras de conclusão. Na repartição dos despojos imite a Bahia a Judas Machabeu. S. Pedro Chrysologo. 2 *Mach.* 8

VI. Satisfeita a duvida e respondida a pergunta da Bahia: *Unde hoc mihi;* agora quero eu fallar tambem a ella e dizer-lhe duas palavras. Mas quaes serão estas? Digo, Bahia, que assim como te mostras tão agradecida a Deus pela tua ou sua victoria, não sejas nem deves ser ingrata áquelles a quem principalmente a deves. Não pretendo fraudar os nossos capitães e soldados, mas assegurar-lhes pelo meio que direi as outras victorias que ainda havemos mister para debellar inteiramente a potencia e orgulho de nossos inimigos. Na memoravel batalha de Judas Machabeu contra Nicanor, posto em fugida, depois de mortos muitos, do exercito inimigo, a primeira cousa que fizeram os vencedores foi dar graças a Deus pela victoria, e logo, recolhidos os despojos, a parte tambem primeira d'elles dedicaram aos pobres infermos, orphãos e viuvas; e depois d'estas primicias tão piamente empregadas repartiram o demais entre si: *Debilibus, orphanis, et viduis diviserunt spolia et residua ipsi cum suis habuere.* Agora saibamos que politica militar foi a d'estes soldados, tão pouco usada nos exercitos ainda christãos e catholicos. O que succede muitas vezes é, que depois da victoria, sobre a repartição dos despojos se deem batalhas entre si os mesmos soldados vencedores. Que motivo tiveram logo os Machabeus para trocarem esta cubiça natural em uma tão piedosa liberalidade, e cederem do seu direito applicando não só parte dos seus despojos, senão a primeira aos pobres e infermos? Nas palavras notaveis com que deram as graças a Deus declararam a sua tenção, dizendo que elle os livrou, *Misericor-*

diae initium stillans in eos. Applicaram de commum consentimento aquella obra de misericordia aos pobres e infermos, para que a misericordia que Deus tinha usado com elles, dando-lhes uma tão insigne victoria, fosse principio das que esperavam de sua misericordiosa e poderosa mão. Isto quer dizer aquelle *Misericordiae initium.* E isto mesmo é o que eu digo á Bahia, não só em quanto composta da parte politica e civil, senão tambem da militar: que a primeira parte dos despojos da nossa victoria seja dos pobres infermos e feridos d'este hospital e dos que a mesma guerra, pela morte dos paes ou maridos fez orphãos e viuvas. Se os soldados que quotidianamente estão pelejando por vós e defendendo os vossos muros, são os pobres, diz S. Pedro Chrysologo, entre as pagas de uns e outros soldados, as dos pobres devem ser as primeiras, como fez o grande Machabeu; porque nos livros ou nas matriculas de Deus os pobres são as primeiras planas. As palavras do Sancto são mais que de ouro: *Prima stipendia pauperis tractantur in coelo, erogatio pauperis prima divinis inscribitur in diurnis.*

Funde Bahia esperança, como fazia a Virgem, na oração dos pobres.

Supposto, pois, senhores, que esta precedencia teem no céu os pobres e as obras de misericordia, razão é que a tenham tambem na terra. Não ponhais os olhos n'estes soldados estropeados, muitos d'elles sem mãos e sem braços, para desconfiar dos seus soccorros; mas applicae os ouvidos, como dizia, aos seus ais e aos seus gemidos, que são os que mais penetram o céu e movem a misericordia divina, e por ella a sua omnipotencia para nos ajudar. N'esta efficacissima intercessão, n'esta, mais que em nenhuma outra, devemos pôr a nossa esperança para que seja segura. Assim nol-o ensina a mesma Virgem Senhora, nossa mestra com o seu exemplo, e protectora com o seu amparo d'esta sua casa. Diz Sancto Ambrosio fallando d'ella «que quando vivia n'esta vida mortal não punha a sua esperança nas riquezas caducas d'este mundo» mas na oração e intercessão dos pobres: *Non in incerto divitiarum, sed in prece pauperis spem reponens*, para que ninguem duvide que a esta casa de Misericordia e aos pobres d'ella devemos a victoria passada, e que no seu remedio e nas suas orações devemos segurar as futuras. A mesma Mãe de misericordia e o mesmo Pae das misericordias se dignem de nol-o conceder assim, n'esta vida com muita graça, penhor da gloria, etc.

(Ed. ant., tom. 7.º, pag. 423, ed. mod. tom. 3, pag. 112.)

SERMÃO PELO BOM SUCCESSO
DAS
ARMAS DE PORTUGAL CONTRA AS DE HOLLANDA

PRÉGADO NA EGREJA DE NOSSA SENHORA D'AJUDA DA CIDADE DA BAHIA, NO ANNO DE 1640

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—É um dos sermões de maior eloquencia, inspiração e originalidade. Deve-se notar principalmente a sua disposição oratoria, toda em forma de colloquio. Sendo prégado deante do Senhor exposto, esta disposição é mais natural do que á primeira vista póde parecer.

Exurge, quare obdormis, Domine? Exurge et ne repellas in finem. Quare faciem tuam avertis, oblivisceris inopiae nostrae et tribulationis nostrae? Exurge, Domine, adjuva nos et redime nos propter nomen tuum.
Ps. 43.

O psalmo 43 e as desgraças do Brazil no anno de 1640.

Com estas palavras piedosamente resolutas, mais protestando que orando, dá fim o Propheta Rei ao psalmo quarenta e tres: psalmo que desde o principio até o fim não parece senão cortado para os tempos e occasião presente. O doutor maximo S. Jeronymo, e depois d'elle os outros expositores, dizem que se intende á letra de qualquer reino ou provincia catholica, destruida e assolada por inimigos da fé. Mas entre todos os reinos do mundo a nenhum quadra melhor que ao nosso reino de Portugal; e entre todas as provincias de Portugal a nenhuma vem mais ao justo que á miseravel provincia do Brazil. Vamos lendo todo o psalmo e em todas as clausulas d'elle veremos retratadas as da nossa fortuna: o que fomos e o que somos.

Applica-se a primeira parte do psalmo.

Deus auribus nostris audivimus Patres nostri annuntiaverunt nobis opus quod operatus es in diebus eorum et in diebus antiquis. Ouvimos, começa o Propheta, a nossos paes, lemos nas nossas historias, ainda os mais velhos viram em parte com seus olhos as obras maravilhosas, as proezas, as victorias, as conquistas que por meio dos portuguezes obrou em tempos passados vossa omnipotencia, Senhor: *Manus tua gentes disperdidit et plantasti eos: afflixisti populos et expulisti eos:* Vossa mão foi a que venceu e sujeitou tantas nações barbaras bellicosas e

indomitas e as despojou do dominio de suas proprias terras para n'ellas os plantar, como plantou, com tão bem fundadas raizes, e para n'ellas os dilatar, como dilatou e extendeu, em todas as partes do mundo, na Africa, na Asia, na America. *Nec enim in gladio suo possederunt terram, et brachium eorum non salvavit eos; sed dextera tua et brachium tuum et illuminatio vultus tui, quoniam complacuisti eis.* Porque não foi a força de seu braço nem a de sua espada a que lhes sujeitou as terras que passuiram e as gentes e reis que avassallaram, se não a virtude de vossa dextra omnipotente, e a luz e o premio supremo de vosso beneplacito, com que n'elles vos agradastes e d'elles vos servistes. Até aqui a relação ou memoria das felicidades passadas, com que passa o Propheta aos tempos e desgraças presentes.

Applica-se a segunda.

Nunc autem repulisti et et confudisti nos: et non egredieris Deus in virtutibus nostris. Porem agora, Senhor, vemos tudo isto tão trocado, que já parece que nos deixastes de todo e nos lançastes de vós, porque já não ides deante das nossas bandeiras, nem capitaneais, como dantes, os nossos exercitos: *Avertisti nos retrorsum post inimicos nostros et qui oderunt nos, diripiebant sibi:* Os que tão acostomados eramos a vencer e triumphar não por fracos, mas por castigados, fazeis que voltemos as costas a nossos inimigos (que como são açoute de vossa justiça, justo é que lhe demos as costas); e perdidos os que antigamente foram despojos do nosso valor, são agora roubo da sua cubiça. *Dedisti nos tanquam oves escarum et in gentibus dispersisti nos*: Os velhos, as mulheres, os meninos que não tem forças, nem armas com que se defender, morrem como ovelhas innocentes ás mãos da crueldade heretica, e os que podem escapar á morte, desterrando-se a terras extranhas perdem a casa e a patria. *Posuisti nos opprobrium vicinis nostris, subsannationem et derisum his, qui sunt in circuitu nostro*: Não fóra tanto para sentir, se perdidas fazendas e vidas, se salvára ao menos a honra; mas tambem esta a passos contados se vai perdendo; e aquelle nome portuguez, tão celebrado nos annaes da fama, já o hereje insolente com as victorias o affronta, e o gentio de que estamos cercados, e que tanto o venerava e temia, já o despreza.

Passa Deus o reino de Portugal a quem é servido, porque é seu.

Com tanta propriedade como isto descreve David n'este psalmo nossas desgraças, contrapondo o que somos ao que fomos em quanto Deus queria; para que na experiencia presente cresça a dôr por opposição com a memoria do passado. Occorre aqui ao pensamento o que não é licito sair á lingua; e não falta quem discorra tacitamente, que a causa d'esta differença tão no-

tavel foi a mudança da monarchia. Não havia de ser assim (dizem) se vivera um D. Manuel, um D. João o terceiro, ou a fatalidade de um Sebastião não sepultara com elle os portuguezes. Mas o mesmo propheta no mesmo psalmo nos dá o desengano d'esta falsa imaginação: *Tu es ipse, rex meus et Deus meus, qui mandas salutes Jacob.* O reino de Portugal, como o mesmo Deus nos declarou na sua fundação, é reino seu e não nosso: *Volo enim in te et in semine tuo imperium mihi stabilire;* e como Deus é o rei e este rei é o que manda e governa; elle que não se muda é o que causa estas differenças e não os reis que se mudaram. Á vista, pois, d'esta verdade certa e sem engano, esteve um pouco suspenso o nosso propheta na consideração de tantas calamidades, até que para remedio d'ellas o mesmo Deus que o alumiava lhe inspirou um conselho altissimo nas palavras que tomei por tema. *Exurge quare abdormis Domine? Exurge et ne repellas in finem. Quare faciem tuam avertis, oblivisceris inopiae nostrae et tribulationis nostrae? Exurge, Domine, adjuva nos et redime nos propter nomen tuum.*

Applica-se a conclusão do psalmo.

Não préga David ao povo, não o exhorta ou reprehende, não faz contra elle invectivas, posto que bem merecidas; mas todo arrebatado de um novo e extraordinario espirito, se volta não só a Deus, mas piedosamente atrevido contra elle, assim como Martha disse a Christo: *Domine non est tibi curae*, assim extranha David reverentemente a Deus, e quasi o accusa de descuidado. Queixa-se das desattenções de sua misericordia e providencia: que isso é considerar a Deus dormindo. Repete-lhe que accorde e que não deixe chegar os damnos ao fim, permissão indigna da sua piedade: *Exurge et ne repellas in finem.* Pede-lhe a razão, por que aparta de nós os olhos e nos volta o rosto: *Quare faciem tuam avertis?* e porque se esquece da nossa miseria e não faz caso de nossos trabalhos: *Oblivisceris inopiae nostrae et tribulationis nostrae?* E não só pede de qualquer modo esta razão do que Deus faz e permitte, senão que insta a que lh'a dê, uma e outra vez: *Quare abdormis? Quare obliviscaris?* Finalmente depois d'estas perguntas protesta deante do tribunal da justiça e piedade divina que Deus nos ha de acudir, ajudar e libertar logo: *Exurge Domine, adjuva nos et redime nos.* E para mais obrigar ao mesmo Senhor, não protesta por nosso bem e remedio, senão por parte da sua honra e gloria: *Propter nomen tuum.*

Opportunidade do sermão.

Esta é, Todo poderoso e Todo misericordioso Deus, esta é a traça de que usou para render vossa piedade, quem tanto se conformava com vosso coração. E d'esta usarei eu tambem ho-

je; pois o estado em que nos vemos, mais é o mesmo, que similhante. Não hei de prégar hoje ao pôvo, não hei de fallar com os homens; mais alto hão de subir as minhas palavras ou as minhas vozes: ao vosso peito divino se ha de dirigir o meu sermão. É este o ultimo dos quinze dias continuos em que todas as egrejas d'esta metropoli a esse mesmo throno de vossa patente Majestade teem representado estas deprecações; e pois o dia é ultimo, justo será que n'elle se accuda tambem ao ultimo e unico remedio. O que venho a pedir ou protestar, Senhor, é que nos ajudeis e nos liberteis: *Adjuva nos et redime nos*. Mui conformes são estas petições ambas ao logar e ao tempo. No tempo que tão opprimidos e tão captivos estamos que devemos pedir com maior necessidade, senão que nos liberteis? E na casa da Senhora d'Ajuda que devemos esperar com maior confiança, senão que nos ajudeis? «Vêde», Senhor, que a causa é mais vossa que nossa; e como venho a requerer por parte de vossa honra e gloria e pelo credito de vosso nome, *propter nomen tuum*, razão é que peça «a titulo não só de misericordia senão tambem de» justiça. Sobre este presupposto vos hei de arguir, vos hei de argumentar; e confio tanto da vossa razão e da vossa benignidade, que tambem vos hei de convencer. Se chegar a me queixar de vós e accusar as dilações de vossa justiça ou as desattenções de vossa misericordia, *Quare obdormis, quare oblivisceris;* não será esta vez a primeira em que soffrestes similhantes excessos a quem advoga por vossa causa. Dar-me-ha a vossa mesma graça as razões com que vos hei de arguir, a efficacia com que vos hei de apertar e todas as armas com que vos hei de render; e se para isto não bastam os merecimentos da causa, supprirão os da Virgem Sanctissima, em cuja ajuda principalmente confio. *Ave Maria*.

Querer argumentar com Deus é arrojada temeridade. *Rom. 9*

Exurge quare obdormis, Domine? Querer argumentar com Deus e convencel-o com razões, não só difficultoso assumpto parece, mas empreza declaradamente impossivel sobre arrojada temeridade. *O homo tu quis es, qui respondeas Deo? Nunquid dicit figmentum ei qui se finxit: Quid me fecisti sic?* Homem atrevido, diz S. Paulo, homem temerario, quem és tu para que te ponhas a altercar com Deus? Por ventura o barro que está na roda e entre as mãos do official, põi-se ás razões com elle, e diz-lhe: Porque me fazes assim? Pois se tu és barro, homem mortal, se te formaram as mãos de Deus da materia vil da terra; como dizes ao mesmo Deus: *Quare, quare?* Como te atreves a argumentar com a Sabedoria divina? Como pedes razão á sua Providencia do que te faz ou deixa de fazer? *Quare obdormis, quare faciem tuam avertis?* Venera suas permissões,

reverencia e adora seus occultos juizos, encolhe os hombros com humildade a seus decretos soberanos, e farás o que te ensina a fé e o que deve a creatura. Assim o fazemos, assim o confessamos e assim o protestamos deante de vossa Majestade infinita, immenso Deus, incomprehensivel Bondade: *Justus es Domine et rectum judicium tuum.* Por mais que nós não saibamos intender vossas obras, por mais que não possamos alcançar vossos conselhos, sempre sois justo, sempre sois sancto, sempre sois infinita bondade; e ainda nos maiores rigores da vossa justiça, nunca chegais com a severidade do castigo aonde nossas culpas merecem

Ps. 118

Se as razões e argumentos da nossa causa os houveramos de fundar em merecimentos proprios, temeridade fôra grande, antes impiedade manifesta, querer-vos arguir. Mas nós, Senhor, como protestava o vosso Propheta Daniel: *Neque enim in justificationibus nostris prosternimus preces ante faciem tuam*; *sed in miserationibus tuis multis*: Os requerimentos e razões que humildemente presentamos ante vosso divino conspecto, as appellações ou embargos que interpômos á execução e continuação dos castigos que padecemos, de nenhum modo os fundamos na presumpção da nossa justiça, mas todos na multidão de vossas misericordias: *In miserationibus tuis*. Argumentamos, sim, mas de vós para vós: appellamos, mas de Deus para Deus: de Deus justo para Deus misericordioso. E como do peito, Senhor, vos estão saindo todas as settas, mal podem offender vossa bondade. Mas, porque a dôr, quando é grande, sempre arrasta o affecto, e o acerto das palavras é descredito da mesma dôr; se o justo sentimento dos males presentes passam os limites sagrados de quem falla deante de Deus e com Deus. perdoae-me, Senhor, como perdoastes a outros que em similhantes occasiões, guiados por vosso mesmo espirito, oraram e exoraram vossa piedade.

Mas não quando se argumenta de Deus para Deus. *Dan. 9*

III. Quando o povo de Israel no deserto commetteu aquelle gravissimo peccado de idolatria, adorando o ouro das suas joias na imagem bruta de um bezerro, revelou Deus o caso a Moysés que com elle estava, e accrescentou irado e resoluto, que d'aquella vez havia de acabar para sempre com uma gente tão ingrata e que a todos havia de assolar e consumir, sem que ficasse rasto de tal geração: *Dimitte me ut irascatur furor meus contra eos et deleam eos.* Não lhe soffreu, porém, o coração ao bom Moysés ouvir fallar em destruição e assoloção do seu povo: pôi-se em campo, oppôi-se á ira divina; e começa a arrazoar assim: *Cur Domine irascitur furor tuus contra populum tuum?* E bem, Senhor, por que razão se indigna tanto a vossa ira con-

Exemplo de Moysés. *Exod. 32*

tra o vosso povo? Por que razão, Moysés? E ainda vós quereis mais justificada razão a Deus? Acaba de vos dizer que está o povo idolatrando; que está adorando um animal bruto; que está negando a divindade ao mesmo Deus e dando-a a uma estatua muda que acabaram de fazer suas mãos e attribuindo-lhe a ella a liberdade e triumpho com que os livrou do captiveiro do Egypto; e sobre tudo isto ainda perguntais a Deus, por que razão se agasta? Sim e com muito prudente zelo: porque, ainda que da parte do povo havia muito grandes razões de ser costigado, da parte de Deus era maior a razão que havia de o não castigar: *Ne quaeso* (dá a razão Moysés) *ne quaeso dicant Aegyptii: Callide eduxit eos ut interficeret in montibus et deleret e terra:* Olhae Senhor, que porão macula os egypcios em vosso ser, e quanto menos em vossa verdade e bondade. Dirão que cautelosamente e á falsa fé nos trouxestes a este deserto, para aqui nos tirardes a vida a todos e nos sepultardes. E com esta opinião divulgada e assentada entre elles, qual será o abatimento de vosso sancto nome, que tão respeitado e exaltado deixastes no mesmo Egypto com tantas e tão prodigiosas maravilhas do vosso poder? Convem, logo, para conservar o credito dissimular o castigo; e não dar com elle occasião aquelles gentios. e aos outros em cujas terras estamos, ao *que dirão*. D'esta maneira arrazoou Moysés em favor do povo; e ficou tão convencido Deus da força d'este argumento, que no mesmo poncto revogou a sentença, e, conforme o texto hebreu, não só se arrependeu da execução, senão ainda do pensamento: *Et poenituit Dominum mali, quod cogitaverat facere populo suo*: e arrependeu-se o Senhor do pensamento e da imaginação que tivera de castigar o seu povo.

Os successos prosperos dos herejes são occasião de escandalo para elles.

Muita razão tenho eu, logo, Deus meu, de confiar na vossa bondade; pois sois o mesmo que ereis; e não menos amigo agora, que nos tempos passados, do vosso nome. Moysés disse-vos, *Ne quaeso dicant*: olhae, Senhor. que dirão: eu digo e devo dizer: Olhae, Senhor, que já dizem. Já dizem os hereges insolentes com os successos prosperos que vós lhe dais ou permittis: já dizem, que porque a sua, que elles chamam religião, é a verdeira, por isso Deus os ajuda e vencem; e porque a nossa é errada e falsa, por isso nos desfavorece e somos vencidos. Assim o dizem, assim o prégam, e ainda mal, porque não faltará quem a creia. Pois é possivel, Senhor, que hão de ser vossas permissões argumentos contra a fé? É possivel que se hão de occasionar dos nossos castigos blasphemias contra vosso nome? Que diga o hereje (o que treme de o pronunciar a lingua), que diga o hereje que Deus está hollandez? Oh não

permittais tal, Deus meu, não permittais tal por quem sois. Não o digo por nós que pouco ia em que nos castigasseis: não o digo pelo Brazil, que pouco ia em que o destruisseis: por vós o digo e pela honra de vosso sanctissimo nome, que tão impudentemente se vê blasphemado: *Propter nomen tuum*. Já que o perfido calvinista dos successos que só lhe merecem nossos peccados faz argumento da religião e se jacta insolente e blasphemo de ser a sua verdadeira, veja elle na roda d'essa mesma fortuna que o desvanace, de que parte está a verdade. Os ventos e tempestades que descompõem e derrotam as nossas armadas, derrotem e desbaratem as suas: as doenças e pestes que diminuem e enfraquecem os nossos exercitos, escalem as suas muralhas e despovôem os seus presidios: os conselhos que quando vós quereis castigar se corrompem, em nós sejam alumiados e n'elles enfatuados e confusos. Mude a victoria as insignias, desafrontem-se as cruzes catholicas, triumphem as vossas chagas nas nossas bandeiras; e conheça humilhada e desenganada a perfidia, que só a fé romana que professamos é fé, e só ella a verdadeira e a vossa.

E para os gentios.

Mas ainda ha mais quem diga: *Ne quaeso dicant aegyptii*. Olhae, Senhor, que vivemos entre os gentios; uns que o são, outros que o foram hontem; e estes que dirão? Que dirá o tapuya barbaro sem o conhecimento de Deus? Que dirá o indio inconstante, a quem falta a pia affeição da nossa fé? Que dirá o ethiope boçal, que apenas foi molhado com a agua do baptismo sem mais doutrina? Não ha duvida que todos estes, como não teem capacidade para sondar o profundo de vossos juizos, beberão o erro pelos olhos. Dirão pelos effeitos, que vêem que a nossa fé é falsa e a dos hollandezes é verdadeira; e crerão que são mais christãos sendo como elles. A seita do hereje torpe e brutal concorda mais com a brutalidade do barbaro: a largueza e soltura da vida, que foi a origem e o fomento da heresia, casa-se mais com os costumes depravados e corrupção do gentilismo. E que pagão haverá que se converta á fé que lhe prégamos, ou que novo christão já convertido que se não perverta; intendendo e persuadindo-se uns e outros que no hereje é premiada a sua lei, e no catholico se castiga a nossa? Pois se estes são os effeitos, postoque não pretendidos, de vosso rigor e castigo, justamente começado em nós, por que razão se atêa e passa com tanto damno aos que não são cumplices nas nossas culpas: *Cur irascitur furor tuus?* Porque continúa sem estes reparos o que vós mesmo chamastes furor; e porque não acabais já de embainhar a espada da vossa ira? Se tão gravemente offendido do povo hebreu por um *Que dirão* dos egypcios

lhe perdoastes; o que dizem os herejes, e o que dirão os gentios, não será bastante motivo para que vossa rigorosa mão suspenda o castigo e perdôe tambem os nossos peccados, pois ainda que grandes, são menores? Os hebreus adoraram o idolo, faltaram á fé, deixaram o culto do verdadeiro Deus, chamaram deus e deuses a um bezerro; e nós por mercê de vossa bondade infinita tão longe estamos e estivemos sempre de menor defeito ou escrupulo n'esta parte, que muitos deixaram a patria, a casa, a fazenda, e ainda a mulher e os filhos; e passam em summa miseria desterrados, só por não viver nem communicar com homens que se se separaram da vossa Egreja. Pois, Senhor meu, e Deus meu, se por vosso amor e por vossa fé, ainda sem perigo de a perder ou arriscar fazem taes finezas os portuguezes: *Quare oblivisceris inopiae nostrae et tribulationis nostrae*; porque vos esqueceis de tão religiosas miserias, de tão catholicas tribulações? Como é possivel que se ponha Vossa Majestade ainda contra estes fidelissimos servos e favoreça a parte dos infieis, dos excommungados, dos impios?

A queixa de Job e a nossa. *Job.* 10

Oh como nos podemos queixar n'este passo como se queixava lastimado Job, quando despojado dos sabeos e caldeos se viu como nós nos vemos no extremo da oppressão e miseria: *Numquid bonum tibi videtur, si calumnieris me et opprimas me opus manuum tuarum et consilium impiorum adjuves?* Parece-vos bem, Senhor; parece-vos bem isto, que a mim, que sou vosso servo me opprimais e afflijais: e aos impios, aos inimigos vossos os favoreçais e ajudeis? Parece-vos bem que sejam elles os prosperados e assistidos de vossa providencia, e nós os deixados de vossa mão; nós os esquecidos de vossa memoria, nós o exemplo de vossos rigores, nós o despojo de vossa ira? Tão pouco é desterrarmo-nos por vós e deixar tudo? Tão pouco é padecer trabalhos, pobrezas e os desprezos que ellas trazem comsigo por vosso amor? Já a fé não tem merecimento? Já a piedade não tem valor? Já a perseverança não vos agrada? Pois se ha tanta differença ontre nós, e aquelles perfidos; porque os ajudais a elles e nos desfavoreceis a nós: *Nunquid bonum tibi videtur*: a vós que sois a mesma bondade, parece-vos bem isto?

Quanto trabalharam e quanto mereceram os portuguezes nas suas conquistas. *Job.* 7 *Exod.* 32

IV. Considerae, Deus meu, e perdoae-me se fallo inconsideradamente; considerae a quem tirais as terras do Brazil e a quem as dais. Tirais estas terras aos portuguezes a quem no principio as déstes: tirais estas terras áquelles mesmos portuguezes a quem escolhestes entre todas as nações do mundo para conquistadores da vossa fé e a quem déstes por armas, como insignia e divisa singular, vossas proprias chagas. E será

bem, Supremo Senhor e Governador do universo, que ás sagradas quinas de Portugal, e ás armas e chagas de Christo, succedam as hereticas listas de Hollanda, rebeldes a seu rei e a Deus? Será bem que estas se vejam tremular ao vento victoriosas, e aquellas abatidas, arrastadas e ignominiosamente rendidas? *Et quid facies magno nomini tuo?* E que fareis, como dizia Josué, ou que será feito de vosso glorioso nome em casos de tanta affronta? Tirais tambem o Brazil aos portuguezes, que assim estas terras vastissimas, como as remotissimas do Oriente, as conquistaram á custa de tantas vidas e tanto sangue, mais para dilatar vosso nome e vossa fé (que esse era o zelo d'aquelles christianissimos reis), que por amplificar e extender seu imperio. Assim fostes servido que entrassemos n'estes novos mundos tão honrada e tão gloriosamente, e assim permittis que saiamos agora (quem tal imaginaria de vossa bondade) com tanta affronta e ignominia! Oh como receio que não falte quem diga o que diziam os egypcios: *Callide eduxit eos ut interficeret et deleret e terra*. Que a larga mão com que nos déstes tantos dominios e reinos não foram mercês de vossa liberalidade, senão cautela e dissimulação de vossa ira, para aqui fóra e longe de nossa patria nos matardes, nos destruirdes, nos acabardes de todo. Se esta havia de ser a paga e o fructo de nossos trabalhos, para que foi o trabalhar, para que foi o servir, para que foi o derramar tanto e tão illustre sangue n'estas conquistas? Para que abrimos os mares nunca d'antes navegados? Para que descobrimos as regiões e os climas não conhecidos? Para que contrastamos os ventos e as tempestades com tanto arrojo, que apenas ha baixio no Oceano que não esteja infamado com miserabilissimos naufragios de portuguezes? E depois de tantos perigos, depois de tantas desgraças, depois de tantas e tão lastimosas mortes, ou nas praias desertas sem sepultura, ou sepultados nas entranhas dos alarves, das feras, dos peixes, que as terras que assim ganhámos as hajamos de perder assim! Oh quanto melhor nos fôra nunca conseguir nem intentar taes emprezas! Se este havia de ser o fim de nossas navegações, se estas fortunas nos esperavam nas terras conquistadas, prouvéra a vossa Divina Majestade que nunca saíramos de Portugal, nem fiaramos nossas vidas ás ondas e aos ventos, nem conheceramos ou pozeramos os pés em terras extranhas. Ganhal-as para as não lograr, desgraça foi e não ventura: possuil-as para as perder, castigo foi de vossa ira, Senhor, e não mercê, nem favor de vossa liberalidade. Se determinaveis dar estas mesmas terras aos piratas de Hollanda; porque lh'as não déstes em quanto eram agrestes e incultas senão agora? Tantos serviços vos tem feito esta

gente pervertida e apostata, que nos mandastes primeiro cá por seus aposentadores, para lhe lavrarmos as terras, para lhe edificarmos as cidades e depois de cultivadas e enriquecidas lh'as entregardes? Assim se hão de lograr os herejes e inimigos da fé, dos trabalhos portuguezes e dos suores catholicos?

Excessos que commetteria a a crueldade dos herejes se se apoderasse do Brazil.

V. Mas pois vós, Senhor, o quereis e ordenais assim, fazei o que fordes servido. Entregae aos hollandezes o Brazil, entregae-lhe as Indias, entregae-lhe as Hespanhas (que não são menos perigosas as consequencias do Brazil perdido); ponde em suas mãos o mundo; e a nós os portuguezes e hespanhoes, deixae-nos, repudiae-nos, desfazei-nos, acabae-nos. «Mas reparae no que ha de succeder.» Entrarão pelas cidades conquistadas com furia de vencedores os herejes; não perdoarão a estado, a sexo, nem a edade: com os fios dos mesmos alfanges medirão a todos: chorarão as mulheres, vendo que se não guarda decoro á sua modestia: chorarão os velhos, vendo que se não guarda respeito ás suas cãs: chorarão os nobres, vendo que se não guarda cortezia á sua qualidade: chorarão os religiosos e veneraveis sacerdotes, vendo que até as corôas sagradas os não defendem: chorarão finalmente todos e entre todos mais lastimosamente os innocentes; porque nem a esses perdoará (como em outras occasiões não perdoou) a deshumanidade heretica. Sei eu Senhor que só por amor dos innocentes, dissestes vós alguma hora, que não era bem castigar a Ninive. Mas não sei que tempos, nem que desgraça é esta nossa, que até a mesma innocencia vos não abranda. Pois tambem a vós, Senhor, vos ha de alcançar parte do castigo (que é o que mais sente a piedade christã): tambem a vós ha de chegar. Entrarão os herejes n'esta egreja e nas outras: arrebatarão essa custodia, em que agora estais adorado dos anjos: tomarão os calices e vasos sagrados e applical-os-hão a suas nefandas embriaguezes: derribarão dos altares os vultos e estatuas dos sanctos, deformal-os-hão a cutiladas e metel-as-hão no fogo, e não perdoarão as mãos furiosas e sacrilegas nem as imagens tremendas de Christo crucificado, nem as da Virgem Maria. Em fim, Senhor, despojados assim os templos e derribados os altares acabar-se-ha no Brazil a christandade catholica; acabar-se-ha o culto divino: nascerá herva nas egrejas, como nos campos: não haverá quem entre n'ellas. Passará um dia de Natal, e não haverá memoria de vosso nascimento: passará a Quaresma e a Semana sancta e não se celebrarão os mysterios de vossa Paixão. Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias que choravam as de Jerusalem destruida: *Viae Sion lugent eo quod non sint qui veniant ad solemnitatem*. Ver-se-hão ermas e solitarias e que as não pi-

sa a devoção dos fieis, como costumava em similhantes dias. Não haverá missas, nem altares, nem sacerdotes que as digam: morrerão os catholicos sem confissão, nem sacramentos: prégar-se-hão heresias n'estes mesmos pulpitos; e em logar de S. Jeronymo e Sancto Agostinho, ouvir-se-hão e allegar-se-hão n'elles os infames nomes de Calvino e Luthero; beberão a falsa doutrina os innocentes que ficarem reliquias de portuguezes: e chegaremos a estado que, se perguntarem aos filhos e netos dos que aqui estão: Menino de que seita sois? Um responderá: Eu sou calvinista: outro, Eu sou lutherano. Pois isto se ha de soffrer, Deus meu? Quando quizestes entregar as vossas ovelhas a S. Pedro examinastel-o tres vezes se vos amava; e agora as entregais d'esta maneira não a pastores, senão a lobos? Aos herejes o vosso rebanho? Aos herejes as almas? Como tenho dicto e nomeei almas, não vos quero dizer mais. Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer, e que não haveis de ter coração para ver taes victimas e taes estragos! E se assim é (que assim o estão promettendo vossas entranhas piedosissimas), ponde em nós os olhos de vossa piedade, misericordioso Deus, ide á mão á vossa irritada justiça, quebre vosso amor as settas de vossa ira e não permittais tantos damnos e tão irreparaveis. Isto é o que vos pedem tantas vezes prostradas deante de vosso divino acatamento estas almas tão fielmente catholicas em nome seu e de todas as d'este estado. E não vos fazem esta humilde deprecação pelas perdas temporaes de que cedem, e as podeis executar n'elles por outras vias; mas pela perda espiritual eterna de tantas almas, pelas injurias de vossos templos e altares, pela exterminação do sacrosancto sacrificio de vosso corpo e sangue e pela ausencia insoffrivel, pela ausencia e saudades d'esse Sanctissimo Sacramento que não sabemos quanto tempo teremos presente, «se logo não acudirdes a nossa defeza.»

Grandes são nossos pecc[ados]; mas [é] muito maio[r] a divina mis[eri]cordia cuj[a] gloria é per[doar].

VI. Chegado a este poncto de que não sei, nem se póde passar, parece-me que nos está dizendo vossa divina e humana bondade, Senhor, que o fizereis assim facilmente e vos deixarieis persuadir e convencer d'estas nossas razões, senão que está chamando por outra parte vossa divina justiça; e como sois egualmente justo e misericordioso, que não podeis deixar de castigar, sendo os peccados do Brazil tantos e tão grandes. Confesso, Deus meu, que assim é e todos confessamos que somos grandissimos peccadores. «Mas a vossa misericordia, Senhor, sobrepuja immensamente a nossa malicia e onde é maior a iniquidade arrependida, maior é a manifestação da vossa infinita bondade. Por isso» a maior força dos meus argumentos não

consistiu em outro fundamento atégora que no credito, na honra e na gloria de vosso sanctissimo nome: *Exurge Domine adjuva nos propter nomen tuum*. Oh motivo digno só do peito de Deus! Por amor da honra e gloria de Deus, a qual quanto mais e maiores são os peccados que nos perdoa «no arrependimento», tanto maior é e mais engrandece e exalta seu sanctissimo nome. E se é assim, Senhor, sem lisonja nem encarecimento; se é assim, misericordioso Deus, que em perdoar peccados se augmenta a vossa gloria, que é o fim das vossas acções, não digais que nos não perdoais, porque são muitos e grandes os nossos peccados; «pois» perdoando-nos e tendo piedade de nós é que haveis de ostentar a soberania da vossa majestade e não castigando-nos, em que «aos olhos da nossa ignorancia» mais se abate o vosso poder do que se acredita. Vêde-o n'este ultimo castigo em que contra toda a esperança do mundo e do tempo fizestes que se derrotasse a nossa armada, a maior que nunca passou a Equinocial. «Que grande foi em ouvir esta noticia a alegria dos herejes e o escandalo dos catholicos! Mas oh como admiraremos o poder da vossa misericordia se não obstante os nossos grandes peccados tiverdes mão no braço da vossa justiça! Assim nol-o ensina a Sancta Egreja nossa mãe e mestra quando diz para vos mover á compaixão de nossa miseria:» *Deus qui omnipotentiam tuam, parcendo maxime et miserendo manifestas*. O em que se manifesta a majestade, a grandeza e a gloria de vossa infinita omnipotencia é em perdoar e usar de misericordia: «pois» em castigar venceis-nos a nós, que somos creaturas fracas: mas em perdoar venceis-vos a vós mesmo, que sois todo poderoso e infinito. Só esta victoria é digna de vós, porque só vossa justiça póde pelejar com armas eguaes contra vossa misericordia; e sendo infinito o vencido, infinita fica a gloria do vencedor. Perdoae, pois benignissimo Senhor, por esta grande gloria vossa, perdoae por esta gloria immensa do vosso sanctissimo nome: *Propter nomen tuum*.

Bastem os castigos que já tivemos.

E se acaso ainda reclama vossa Divina Justiça, por certo não já misericordioso, senão justissimo Deus, que tambem a mesma justiça se podera dar por satisfeita com os rigores e castigos de tantos annos. Não sois vós aquelle justo juiz de quem canta o vosso propheta: *Deus judex justus, fortis et patiens; nunquid irascitur per singulos dies?* Pois se a vossa ira, ainda como de justo juiz, não é de todos os dias, nem de muitos; porque se não dará satisfeita com rigores de tantos e tantos annos? Sei eu, Legislador supremo, que nos casos de ira, posto que justificada, nos manda vossa sanctissima lei que

não passe de um dia e que antes de se pôr o sol tenhamos perdoado: *Sol non occidat super iracundiam vestram.* Pois se da fraqueza humana e tão sensitiva espera tal moderação nos aggravos vossa mesma lei e lhe manda que perdoe e se aplaque em termo tão breve e tão preciso, vós que sois Deus infinito e tendes um coração tão dilatado como vossa mesma immensidade e em materia de perdão vos propondes aos homens por exemplo; como é possivel que os rigores de vossa ira se não abrandem em tantos annos; e que se ponha e torne a nascer o sol tantas vezes, vendo sempre desembainhada e correndo sangue a espada da vossa vingança?

Sêde, ó Jesu nosso Salvad

Finalmente, benignissimo Jesus, seja o epilogo e conclusão de todas as nossas razões o vosso mesmo nome *Propter nomen tuum.* Se sois Jesus, que quer dizer Salvador, sêde Jesus e Salvador nosso. Perdoae-nos, Senhor, «pelo sangue que derramastes em tomar o nome de Salvador e em consummar a obra da salvação» perdoae-nos pelos merecimentos da Virgem Sanctissima: perdoae-nos por seus rogos ou perdoae-nos por seus imperios: que, se como creatura vos pede por nós perdão, como mãe vos póde mandar e vos manda que nos perdoeis. Perdoae-nos em fim para que a vosso exemplo perdoemos «como» desde esta hora perdoamos a todos pela confiança que temos no vosso perdão. *Amen.*

(Ed. ant. tom. 3.° pag. 467, ed. mod. tom. 1.° pag. 5.)

SERMÃO DA VISITAÇÃO DE NOSSA SENHORA *

PRÉGADO NO HOSPITAL DA MISERICORDIA DA BAHIA,
NA OCCASIÃO
EM QUE CHEGOU ÁQUELLA CIDADE O MARQUEZ DE MONTALVÃO
VICE-REI DO BRAZIL

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Fóra do exordio e da peroração, em que o orador se cinge ao evangelho segundo o seu estylo, no corpo do sermão entra desembaraçadamente em politica mais como estadista, que como prégador. Pediam-no as circumstancias do Brazil; e Vieira mostrou-se n'esta sua verdadeira philippica não inferior a Tullio e Demosthenes.

Ut facta est vox salutationis tuae in auribus meis exultavit in gaudio infans in utero meo.
S. Luc. 1.

O Sol de just que traz a saude nas az

Viu o propheta Malachias em espirito aquella felicissima jornada que havia de fazer do céu á terra o Redemptor e Restaurador do mundo; e dando as boas novas a todos os homens, como a infermos pelo peccado de Adão, diz assim: *Orietur vobis sol justitiae et sanitas in pennis ejus*. Alegra-te, infermo genero humano, alegra-te e começa a esperar melhor de teus males, porque virá o Sol de justiça e te trará a saude nas azas.

É Christo le vado com pressa por s mãe a sanct ficar o Baptista.

Cumprida temos hoje esta tão esperada prophecia; e cumprida, se eu me não engano, em dous sentidos. Tanto que o Sol de justiça, Christo, se vestiu da nuvem branca de nossa humanidade, tanto que tomou carne o Filho de Deus nas entranhas purissimas da Virgem Maria, como elle era a intelligencia soberana que movia aquelle céu animado; no mesmo poncto, diz o Evangelista S. Lucas, que se partiu a Senhora para as montanhas de Judéa: *Exurgens abiit in montana*; e accrescenta *cum festinatione* com passos mui aprassados, porque nem á delicadeza da Donzella se lhe fizeram asperas as montanhas, nem á grandeza da Mãe de Deus lhe pareceram desauctorizadas as pressas. Que errado que anda o mundo e mais o nosso, em julgar e introduzir que os passos vagarosos sejam os mais auctorizados! Se por vagares se perde o mundo todo, como póde consistir a auctoridade d'elle nos mesmos meios de sua per-

dição? Na fabrica d'este universo que vemos, creou Deus o sol e a lua ao quarto dia e não ao primeiro, diz S. Severiano; porque, como ainda então não havia creaturas que influir, nem emispherio que allumiar, estiveram-se os planetas ociosos e parados em grave descredito de seus resplandores: que a quem Deus fez para sol, não o fez para estar quieto. Foram formadas aquellas duas tochas do céu para com alternado imperio governarem o dia e a noite; e como nasceram para todos, andam sem descançar em perpetua roda; que é gloriosa pensão do bem universal correr e nunca estar parado. Por isso Christo hoje, assim como o sol material, tanto que recebeu a investidura dos raios, no mesmo instante partiu de carreira e começou a fazer velocissimamente seu curso; assim o divino Sol de justiça tanto que se vestiu de nossa humanidade nas entranhas da Virgem Mãe, no mesmo poncto arrebatou aquella celestial esphera e a levou ás montanhas com tanta pressa, com tão arrebatado curso, que para o explicar Malachias houve de fingir «um sol com azas» *Orietur vobis sol justitiae et sanitas in pennis ejus*. Sol com azas? Quem «viu nunca esse portento?» E comtudo assim foi; e accrescenta com muita propriedade o propheta que levará o sol nas azas a saude; porque a dar saude e não a outro fim parte hoje o Redemptor com tanta pressa.

Estava a casa de Zacharias n'esta occasião (para que fallemos com phrase de hospital) feita uma infermaria de diversos males. O velho Zacharias havia seis mezes que emmudecera: Sancta Isabel, sobre os da velhice, padecia os achaques de pejada, e, mais mortal que todos, o menino Baptista jazia infermo de peccado original, reliquias d'aquelle antigo veneno que dentro em uma maçã prohibida deu a serpente a nossos primeiros paes. Se por uma maçã, tomada contra vontade de seu dono se perdeu o mundo todo, que muito que se perca tanta parte d'elle em tempo que se toma tanto? Emfim, chegou a Senhora, que nunca tarda a quem a ha mister; e aos primeiros abraços que deu a Sancta Isabel, ás primeiras palavras de cortezia com que a saudou, ouviu-as o menino infermo e logo ficou são: *Ut facta est vox salutationis tuae in auribus meis exultavit in gaudio infans in utero meo*. Oh como quizera que intenderam d'aqui as pessoas soberanas que com abraços e com boas palavras podem dar vida! Se muitas vezes pela impossibilidade dos tempos é força que estejam as mãos fechadas; porque não estarão os braços abertos? E que avareza póde ser mais cruel, que negar a vida a um homem, quem lh'a póde dar com palavras? Tão alentado, tão alegre ficou o menino Baptista com as da soberana Princeza, que a saltos de prazer começou a inquie-

tar o silencio das entranhas maternas e quasi a sair de si com alegria: *Exultavit infans in gaudio*. Montanheza cortezia parece receber a saltos uma majestade tão soberana: mas accommodou-se o menino á estreiteza do logar; e não fez pouco, porque fez o que póde.

Em circumstancias similhantes é recebido na Bahia o marquez de Montalvão.

Este foi o principal effeito que causou a entrada de Christo em casa de Zacharias; e similhante a este é, excellentissimo Senhor, o estado em que se acha a Bahia, hoje alentada com a boa vinda e alegre com a tão desejada presença de vossa excellencia. Selemnizou-a esta cidade com menos alegrias sumptuosas, com menos festas publicas do que costuma. Mas bem desculpa Sancta Isabel a falta d'estes applausos exteriores; que o prazer de S. João todo foi por dentro e a alegria verdadeira toda é de entranhas. Como levantaria arcos triumphaes a cabeça de uma provincia vencida, assolada, queimada por tantas vezes e de tantas maneiras consumida? Prudente se portou em suas alegrias esta cidade, por não desmentir seu estado: accommodou-se com S. João a estreiteza do tempo e reservou os triumphos para o dia das victorias que espera. Quanto mais, senhor, que nunca ninguem entrou por arcos triumphaes mais gloriosos, que quem foi recebido nos corações de todos.

Elle tambem traz a saude nas azas.

Alegra-se, pois, o infermo Brazil (e será o segundo sentido das palavras) porque vê tambem cumprida em si aquella prophecia que havia de vir um sol de justiça a restaural-o, que traria a saude nas azas. Que maior alegria para um infermo afflicto, que luz e saude? A nenhum lhe importa mais uma e outra, que ao Brazil; porque não sei qual o tem posto sempre em maior perigo; se a infermidade se as trevas: as trevas cederam ao Sol; a infermidade obedecerá á saude; e como todo este bem nos vem com as azas, certa será a melhoria. Curará a diligencia o que damnou a remissão; e recuperará a pressa o que os vagares perderam.

Acha elle o Brazil não só infermo mas morto como Lazaro para ser resuscitado.

Muitas occasiões ha tido o Brazil de se restaurar, muitas vezes tivemos o remedio quasi entre as mãos; mas nunca o alcançámos; porque chegámos sempre um dia depois. Como havia de aproveitar a occasião a quem a tomou pela calva sempre? E como estamos tão lastimados das tardanças, o primeiro bom annuncio que temos, senhor, é sabermos que nos vem a saude nas azas; e que voando mais que correndo partiu vossa excellencia a restaurar este estado, sem reparar nos novos inconvenientes que da ultima fortuna sobrevieram; nem em quão descaido está o Brazil das forças e do poder, com que vossa excellencia acceitou a restauração d'elle. Aconteceu-lhe a vossa excellencia com o Brazil, o que a Christo com Lazaro. Chama-

ram-no para curar um infermo; e quando chegou, foi-lhe necessario resuscitar um morto. Morto está o Brazil e ainda mal, porque tão morto e sepultado: fumeando estão ainda e cobertas de suas cinzas essas campanhas. É verdade que nunca se viu esta provincia tão auctorizada como agora: mas podem-lhe servir os titulos de epitaphios: que pois a vemos levantada a vice-reino entre as mortalhas, bem se pode dizer por ella tambem: Que depois de ser morta foi rainha. Mas assim como S. João á voz da Senhora, assim como Lazaro á voz de Christo, assim resuscitará tambem o Brazil á voz e ao imperio de vossa excellencia: podendo dizer victorioso dentro em pouco tempo o que disse Paulo Fabio orando no senado: Restaurei a Macedonia, reduzindo-a á sujeição do imperio romano e acabei felizmente em poucos dias aquella guerra que tinham governado quatro consules antes de mim, entregando-a sempre cada um a seu successor em peior estado. Quatro generaes teem governado a guerra do Brazil depois de occupado Pernambuco. Grande conjectura de ser a infermidade mortal mudarmos tantas vezes a cabeceira! Todos foram capitães famosos, todos se portaram com grande valor e prudencia militar: mas é desgraça levar o leme no tempo da tempestade; e quando o castigo é do céu, como o hão de resistir braços humanos? Passou-se a fortuna a Hollanda, nós a retirar, nós a descair, nós a perder; de sorte que de quatro generaes valorosos, nenhum governou a guerra, que a não entregasse a seu successor em peior estado do que a recebera. Mas assim como a restauração da Macedonia estava reservada para o grande Fabio, assim espera a sua o Brazil do valerosissimo braço de vossa excellencia, tantas vezes armado e tantas victorioso contra os inimigos da fé.

Causas e remedio da sua infermidade.

Para que se logrem melhor os felizes auspicios d'esta tão desejada saude, representarei eu hoje a vossa excellencia n'este sermão o estado do nosso infermo Brazil, as causas da sua infermidade, e, do modo que souber, o remedio d'ella. E porque nos não saiamos do evangelho (ainda que os casos grandes escusam qualquer divertimento) irão as infermidades do Brazil retratadas na doença de S. João, a quem a Virgem Maria hoje foi visitar e dar saude. Todos sabem que esta saude foi de graça. Peçamol-a ao divino Espirito pela intercessão da mesma Senhora. *Ave Maria.*

O Brazil é um infermo que não póde fallar.

II. *Ut facta est vox salutationis tuae in auribus meis, exultavit in gaudio infans.* Comecemos por esta ultima palavra. *Infans*, infante quer dizer a que não falla. N'este estado estava o menino Baptista, quando a Senhora o visitou, e n'este esteve o Brazil muitos annos, que foi, a meu ver, a maior occasião de

seus males. Como o doente não póde fallar, toda a outra conjectura difficulta muito a medicina. Por isso Christo nenhum infermo curou com mais difficuldade e em nenhum milagre gastou mais tempo, que em curar um endemoninhado mudo. O peior accidente que teve em sua infermidade, foi o tolher-se-lhe a falla: muitas vezes se quiz queixar justamente, muitas vezes quiz pedir o remedio de seus males, mas sempre lhe afogou as palavras na garganta ou o respeito ou a violencia; e se alguma vez chegou algum gemido aos ouvidos de quem o devera remediar, chegaram tambem as vozes do poder, e venceram os clamores da razão. Por esta causa serei eu hoje o interprete de nosso infermo, já que a mim me coube em sorte: que tambem S. João não fallou por si, senão por bocca de Sancta Isabel. Na primeira informação da infermidade consiste o acerto do remedio; e assim procurarei que seja muito verdadeira e muito desinteressada: fallaremos, já que nos é licito, para que se não diga do Brazil o que se disse da cidade de Amidas, que a perdeu o silencio. E como a causa é geral, fallarei, tambem geralmente: que não é razão nem condição nossa que se procure o bem universal com offensas particulares.

Sua infermidade é uma falta da devida justiça.

III. A infermidade do Brazil, senhor, é como a do menino Baptista, peccado original. S. Thomás e os theologos definem o peccado original com aquellas palavras tomadas de Sancto Anselmo: *Privatio justitiae debitae;* que o peccado original é uma privação, uma falta da devida justiça. Bem sei de que justiça fallam os theologos, e o sentido em que intendem as palavras; mas a nós que só buscamos a similhança, servem-nos assim como soam. É pois a doença do Brazil *falta da devida justiça,* assim da justiça punitiva que castiga máus, como da justiça distributiva que premia bons. Premio e castigo são os polos em que se revolve e sustenta a conservação de qualquer monarchia: e porque ambos estes faltaram sempre ao Brazil, por isso se arruinou e caiu. Sem justiça não ha reino, nem provincia, nem cidade, nem ainda companhia de ladrões que possa conservar-se. Assim o prova Sancto Agostinho com auctoridade de Scipião Africano; e o ensinam conformemente Tullio, Aristoteles, Platão, e todos os que escreveram de republica. Em quanto os romanos guardaram egualdade, ainda que n'elles não era verdadeira virtude, floreceu seu imperio e foram senhores do mundo; porém tanto que a inteireza da justiça se foi corrompendo pouco a pouco, ao mesmo passo enfraqueceram as forças, desmaiaram os brios e vieram a pagar tributos os que os receberam de todas as gentes. Isto estão clamando todos os reinos com suas mudanças, todos os impe-

rios com suas ruinas, o dos persas, o dos gregos, o dos assyrios. Mas para que é cançar-me eu com repetir exemplos se temos auctoridades de fé? *Regnum de gente in gentem transfertur propter injustitias*, diz o Espirito sancto no capitulo decimo do Ecclesiastico: Que a causa por que os reinos e as monarchias se não conservam debaixo do mesmo senhor, a causa por que andam passando inconstantemente de umas nações a outras, como vemos, é por injustiças. As injustiças da terra são as que abrem a porta á justiça do céu. E como as nações extranhas são a vara da ira divina: *Assur virga furoris mei*, com ellas nos priva da patria; que é mui antiga razão de estado da providencia de Deus, quando se não guarda justiça na sua vinha, dál-a a outros lavradores: *Vineam suam locabit aliis agricolis*. Pois se por injustiças se perdem os estados do mundo, se por injustiças os entrega Deus a nações estrangeiras; como poderiamos nós conservar o nosso, ou como o poderemos restaurar depois de perdido, senão fazendo justiça? O contrario seria resistir a Deus e porfiar contra a mesma fé.

Falta da justiça punitiva.

Sem justiça se começou esta guerra, sem justiça se continuou, e por falta de justiça chegou ao miseravel estado em que a vemos. Houve roubos, houve homicidios, houve desobediencias, houve outros delictos, muitos e enormes, que não sei se chegaram a tocar na religião: mas nunca houve castigo, nunca houve um rigor que fizesse exemplo. Muitos bandos se lançaram muito justos, muitas ordens se deram muito acertadas; mas, como disse Aristoteles, as leis não são boas, porque bem se mandam, senão porque bem se guardam. Que importa que fossem justos os bandos, se não se guardavam mais que se se mandara o que se prohibia? Que importa que fossem acertadas as ordens, se nunca foi castigado quem as quebrou, e póde ser que nem reprehendido? Baste por todo encarecimento n'esta materia que em onze annos de guerra continua e infeliz, onde houve tantas rotas, tantas retiradas, tantas praças perdidas, nunca vimos um capitão, nem ainda um soldado que com a vida o pagasse. Oh aprendamos, aprendamos se quer, dos nossos inimigos, que n'esta ultima fortuna tão grande que tiveram, quando com um poder tão desigual nos derrotaram a maior armada que passou a linha; a dous capitães sabemos que degollaram no Recife; e a outros inhabilitaram com supplicios menos honrosos, só porque andaram remissos em acudir á sua obrigação. Pois se o inimigo, quando ganha, dá morte de barato, se quando consegue o intento, se quando se vê victorioso, sabe cortar cabeças; nós que sempre perdemos, e nem sempre por falta de poder, porque não atalharemos a novas perdas com

castigo exemplar de quem fôr a causa? Porque ha de ser consequencia na guerra do Brazil, se me renderem passarei a Hespanha e despachar-me-hei? Ha resolução mais indigna de hespanhoes? Ha razão mais indigna de catholicos?

Falsa razão de estado é não castigar os culpados.

Toda esta falta de castigo, toda esta remissão de culpas nasceu de uma razão de estado que ca se practicou quasi sempre: que se não hão de matar os homens em tempo que os havemos tanto mister: que não é bem que se perca em uma hora um soldado, que se não fez senão em muitos annos; que justiçar um homem, porque matou outro, é curar uma chaga com outra chaga, e que se não remedeiam bem as perdas accrescentado-as: que a primeira maxima do governo é saber permittir, e que se ha de dissimular um damno por não o evitar com outro maior: como se não fôra maior damno a destruição de toda a republica, que a morte de um particular: como se não fôra grande expediente resgatar com uma vida as vidas de todos. Ah triste e miseravel Brazil, que, porque esta razão de estado se practicou em ti, por isso és triste e miseravel! Não é miseravel a republica onde ha delictos, senão onde falta o castigo d'elles: que os reinos e os imperios não os arruinam os peccados por commettidos, senão por dissimulados. Dissimular com os máus é mandar-lhes que o sejam, disse Seneca, e mais era gentio: *Qui non vetat peccare, cum possit, jubet*, A conquistar provincias caminhava Moysés, general dos israelitas, e não duvidou degollar de uma vez vinte e quatro mil homens, como se lê na Escriptura; porque intendia, como experimentado capitão, que mais lhe importava no seu exercito a observancia da justiça, que o numero dos soldados. Quem pelejou nunca no mundo com numero mais desegual que Judas Machabeu? E com tudo nem os exercitos de Apollonio, nem os ardis de Seron, nem os elephantes de Antiocho, o poderam jámais vencer; antes elle saiu sempre carregado de despojos e de victorias: porque? Porque primeiro tirava a espada contra os seus e depois contra os inimigos. Pelejava com poucos soldados e mais vencia; porque poucos com justiça é grande exercito. Alagou Deus o mundo com o diluvio universal, e para restauração d'elle não guardou mais que Nóe com tres filhos seus em uma arca. Pois, Senhor, parece que poderamos replicar, quereis restaurar o mundo, quereil-o restituir a seu antigo estado; e para uma facção tão grande não guardais mais que quatro homens em um navio? Sim: que depois de um castigo tão exemplar, quatro homens e um só navio bastam para restaurar o mundo inteiro. Vêde se nos sobejaram sempre soldados para restaurar o Brazil, se nos não faltara a justiça.

Falta de justiça distributiva.

IV. E não só é necessaria ao nosso infermo esta justiça punitiva que castiga malfeitores, senão a outra parte da justiça distributiva que premia liberalmente aos benemeritos. Assim como a medicina, diz Philo Hebreu, não só attende a purgar os humores nocivos, senão a alimentar o sujeito debilitado; assim a um exercito ou republica não lhe basta aquella parte da justiça que com rigor de castigo a alimpa dos vicios, como de perniciosos humores, senão que é tambem necessaria a outra parte que com premios proporcionados ao merecimento esforce, sustente, e anime a esperança dos homens. Por isso os romanos, tão intendidos na paz e na guerra, inventaram para os soldados as corôas civicas e muraes, as ovações, os triumphos e outros premios militares, porque, como o amor da vida é tão natural, quem se atreverá a arriscal-a intrepidamente, se não alentado com a esperança do premio? Quando David quiz sair a pelejar com o gigante, perguntou primeiro: *Quid dabitur viro qui percusserit philistaeum hunc?* Que se ha de dar ao homem que matar este philisteu? Já n'aquelle tempo se não arriscava a vida, senão por seu justo preço; já então não havia no mundo quem quizesse ser valente de graça. Necessario é, logo, que haja premios para que haja soldados; e que aos premios se entre pela porta do merecimento: deem-se ao sangue derramado e não ao herdado sómente: deem-se ao valor e não á valia: que depois que no mundo se introduziu venderem-se as honras militares, converteu-se a milicia em latrocinio; e vão os soldados á guerra a tirar dinheiro com que comprar e não a obrar façanhas com que requerer. Se se guardar esta egualdade, entrará em esperanças o mosqueteiro e soldado de fortuna, que tambem para elle se fizeram os grandes postos, se os merecer; e animados com este pensamento os de que hoje se não faz caso, serão leões e farão maravilhas; que muitas vezes debaixo da espada ferrugenta está escondido o valor; como talvez debaixo dos talins bordados anda doirada a covardia. Assim que é necessario que haja Saúes liberaes para que se levantem Davids animosos; e muito mais necessario que os premios se deem a quem disparar a funda e derribar o gigante, e não a quem ficar olhando desd'os arraiaes. Nenhuns serviços paga sua majestade hoje com mais liberal mão, que os do Brazil; e com tudo a guerra enfraquece, e a reputação das armas cada vez em peior estado: porque acontece nos despachos o de que ordinariamente se queixa o mundo, que os valorosos levam as feridas e os venturosos os premios. Na philosophia bem ordenada, primeiro é a potencia e o acto, depois o habito: cá se olharmos para o peito dos homens acharemos («seja-me permittido o equivoco em serviço da historia»)

muitos habitos e mui pensionados, onde nunca houve acto nem ainda potencia. D'esta desegualdade se segue que o effeito dos premios militares vem a ser contrario a si mesmo; porque em vez de com elles se animarem os soldados, antes se desanimam e desalentam. Como se animará o soldado a buscar a honra por meio das bombardas e dos mosquetes, se vê em um peito o sangue das ballas e n'outro a purpura das cruzes? Como se alentará a padecer os trabalhos e perigos de uma campanha, se vê premiado a Jacob que ficou em casa e sem premio Esaú que correu os montes? Se ás pelles de Jacob se dá o morgado e ás settas de Esaú se nega a benção, quem haverá que trabalhe? Quem haverá que se arrisque? Quem haverá que peleje? Não ha duvida que á vista de similhantes mercês dirão os valorosos que vão errados; terão contrição do que deveram ter complacencia: arrepender-se-hão de seus brios: condemnarão suas passadas finezas; e se chegarem a pelejar valentemente será por desesperação; que não ha cousa que assim desespere os benemeritos, como vêr os indignos premiados.

Por esta fal[ta] muitas vez[es] os mais ind[i]gnos são os mais premia[dos]

Mas muitas graças sejam dadas a Deus que para remedio d'este grande mal não só temos justiça na terra, senão justiça de sol, como diz Malachias: *Orietur vobis sol justitiae.* Sol para allumiar, para conhecer, para distinguir: justiça para premiar com egualdade. Por isso eu lá dizia, que não sei qual lhe fez sempre maior mal ao Brazil, se a infermidade, se as trevas. Muitas vezes prevaleceu o engano contra a verdade n'esta guerra; muitas vezes luziu o que não era ouro; e foi tão injusta a fama, que trocou o nome ás cousas e ás pessoas; e soaram pelo mundo erradamente. O maior escandalo que tenho contra a natureza é um, que cada hora experimentamos na artilheria. Por que razão há de fazer tanto estrondo uma peça que perde o pelouro, como outra que empregou o tiro? Ha maior injustiça, ha maior deformidade da natureza? A peça que acertou, sôe muito embora e atrôe o mundo, estremeça a terra com seu estampido: mas a peça que errou, a peça que não fez nada, a peça que não fez mais que empobrecer os armazens d'El-Rei sem proveito; porque ha de soar, porque ha de ser ouvida? Ainda tenho advertido mais n'esta materia. Quando aqui estivemos sitiados no anno de trinta e oito, tirava o inimigo muitas balas ao baluarte de Sancto Antonio: os pelouros que acertavam, ficavam enterrados na trincheira, os qne erravam, voavam por cima e vinham rompendo os ares com grande ruido; e os quo andavam por estas ruas, aqui se abaixava um, acolá se abaixava outro, e muita gente lhes fazia cortezias demasiadas. De sorte que o pelouro que errou, esse fazia os estrondos, a esse se faziam as

reverencias; e o outro que acertou, o outro que fez a sua obrigação, esse ficava enterrado. Ah quantos exemplos d'estes se acharam na guerra do Brazil! Quantos foram mais venturosos com seus erros, que outros com seus acertos! Algum que sempre errou, que nunca fez cousa boa, nomeado, applaudido, premiado; e o que acertou, o que trabalhou, o que subiu a trincheira, o que derramou o sangue, enterrado, esquecido, posto a um canto. Importa, pois, que não roube a negociação o que se deve ao merecimento; que se desenterrem os talentos escondidos que sepultou a fortuna ou a semrazão: que não haja benemerito, que não seja bem afortunado; que se córte a lingua á fama, se fôr injusta; que se qualifiquem papeis; que se examinem certidões, que nem todas são verdadeiras. Se foram verdadeiras todas as certidões dos soldados do Brazil, se aquellas rumas de façanhas em papel foram conformes aos originaes, que mais queriamos nós? Já não houvera Hollanda, nem França, nem Turquia: todo o mundo fôra nosso.

Merecimentos dos soldados do Brazil analogos aos de S. Paulo.
2 Cor. 11

V. E não pretendo dizer com isto que não merecem os soldados d'esta guerra; porque antes tenho para mim, como é opinião de todos, que não ha soldados no mundo, nem que mais valentes sejam, nem que mais sirvam, nem que mais trabalhem, nem que mais mereçam. Já outra vez tive esse pensamento e agora me torno a confirmar mais n'elle, que para se despacharem os soldados do Brazil, principalmente os que andam em campanha, não teem necessidade de mais certidão, que tomar um trecho da segunda epistola de S. Paulo aos corinthios, firmado e jurado por seus generaes, que bem o poderão fazer sem nenhum escrupulo; sendo esses soldados tão bons christãos. Faz alli o apostolo no capitulo onze uma ladainha mui cumprida dos seus serviços e trabalhos e diz assim: *In laboribus plurimis, in carceribus abundantius, in plagis supra modum, in mortibus frequenter etc.* Demol-o por lido e vamos applicando. *In laboribus plurimis;* que soldados padecem no mundo maiores trabalhos que os do Brazil? *In carceribus abundantius:* tambem muitas vezes são prisioneiros e nas prisões nenhuns mais cruelmente tractados que elles. *In plagis supra modum:* quantas sejam as feridas que recebem e quão continuas, bem o dizem esses hospitaes, bem o dizem essas campanhas, e tambem os peitos vivos o podem dizer, que apenas se achará algum que não ande feito um crivo. *In mortibus frequenter:* frequentemente mortos; porque não ha guerra no mundo, onde se morra tão frequentemente, como na do Brazil, de dia e de noite, no inverno e no verão, na trincheira e na campanha, nas nossas terras e nas do inimigo; e agora n'esta jornada ultima e milagrosa, onde se não deu quartel, o mesmo

foi ser ferido, que morto, deixando os amigos aos amigos e os irmãos aos irmãos por mais não poderem, ficando os miseraveis feridos n'esses matos, n'essas estradas, sem cura, sem remedio, sem companhia, para serem mortos a sangue frio e cruelmente despedaçados dos alfanges hollandezes, pelo rei, pela patria, pela honra, pela religião, pela fé. Oh valerosos soldados! que de bôa vontade me detivera agora comvosco prégando vossas gloriosas exequias: mas vou depressa seguindo os que vos deixam: perdoae-me. *In itineribus saepe*: quem andou nunca, nem ainda correu com a imaginação os caminhos que fazem estes soldados? D'aqui a Pernambuco, d'aqui a Paraiba, d'aqui a Rio-grande e mais abaixo por sertões de trezentas e quatrocentas legoas, levando sempre as munições ás costas, e os mantimentos nos ferros dos chuços e nas boccas dos arcabuzes. *Periculis fluminum*: atravessando rios tantos e tão caudaiosos sem barca, sem ponte mais que os braços e a industria para os passar. *Periculis latronun*: saindo-lhes os ladrões a cada passo. *Periculis in genere*: sendo hespanhoes a quem os hollandezes teem mortal odio. *Periculis in gentibus*: arriscados a mil emboscadas do gentio rebelde. *Periculis in civitate*: com perigos na cidade, como o que tiveram n'esta, quando a preço de tantas vidas a defenderam valorosamente. *Periculis in solitudine*: com perigos no deserto, porque são vastissimos os despovoados que passam, sem gente e muitas vezes sem rasto de féra, nem de animal, mais que céu e terra. *Periculis in mari*: com perigos no mar, que ainda que até agora os não havia, bem se sabe quão grandes foram os que se padeceram na armada e ainda não se sabe tudo. *Periculis in falsis fratribus*: com perigos de falsos irmãos; porque nem com os nossos portuguezes estão seguros na campanha, que o temor da morte os obriga a descobrir muitas vezes o que não deviam. *In frigore et nuditate*: nús, despidos, descalços, ao sol, ao frio, á chuva, ás inclemencias dos ares d'este clima, que são os mais agudos que se sabem. *In fame et siti et jejuniis multis*: jejuando e padecendo as mais extraordinarias fomes e sedes que nunca supportaram corpos mortaes, sustentando a triste e animosa vida com as hervas do campo, com as raizes das arvores, com os bichos do mato, com as fructas agrestes e venenosas, e tendo-se por mui regalados se chegavam a alcançar para comer meia libra de carne de cavallo. Ha mais invencivel paciencia? Ha mais dura e pertinaz constancia? Se isso sabeis, hollandezes, em que fundais vossas esperanças, como não desistis da impreza, como não desmaiais, como não vos ides? Tendo os soldados de Julio Cesar sitiado a cidade de Dyrrachio, chegaram a comer não sei

que pão feito de hervas, mas pão emfim; o qual, como o visse Pompeo que era o capitão sitiado, primeiramente disse que elle pelejava com féras e não com homens, e logo mandou que aquelle pão não apparecesse; porque se o vissem seus soldados, sem duvida desmaiariam e não se atreveriam a resistir a gente de tanta constancia e pertinacia: *Ne visa patientia et pertinacia hostis, animi suorum frangerentur*, diz Suetonio. Bem digo eu logo, hollandezes; se vêdes o pão com que se sustentam nossos soldados, de cujo veneno morreram em uma noite mais de vinte, se vêdes esta paciencia, esta constancia, esta pertinacia, como se vos não quebram os animos, como não desistis da impreza? Mas agora o fareis, agora o veremos com o favor divino; que já é chegado o tempo.

Estes soldados são valentes e esforçados mais que todos os soldados do mundo.

Por tudo isto dizia S. Paulo: *Plus omnibus laboravi*, que trabalhou mais que todos os apostolos: pela mesma razão digo eu dos soldados do Brazil que trabalharam e trabalham mais que todos os soldados do mundo; e se mais que todos trabalham, bem merecem ser premiados mais que todos. Mas ó fortuna sempre invejosa aos varões fortes! Bem experimentam nossos soldados, que se ajunctam poucas vezes valor e fortuna; porque assim como são valentes mais que todos, assim são mais que todos desgraçados. Não ha infanteria no mundo nem mais mal paga, nem mais mal assistida. É possivel que hão de andar descalços e despidos uns corpos tão ricos de valor! Descalços e despidos os soldados do rei das Hespanhas, do mais poderoso monarcha do mundo! Bem sabemos a quanta estreiteza está reduzida a fazenda real no tempo presente: mas quando El-Rei n'este estado não tiver outra cousa, a camisa (como dizem) havia de tirar para vestir taes soldados; e mais quando elles são tão valentes e tão briosos que andando tão rotos e tão despidos, que poderam ter esquecido o vestir, nem por isso se esquecem do «seu dever.» É certo, senhor, para que digamos e confessemos tudo, não haveria muito de que nos espantar, quando assim o fizeram. Quando Deus perguntou a Adão, porque se escondera no bosque do paraiso, respondeu elle: *Timui eo quod nudus essem et abscondi me*. Senhor, olhei para mim, vi-me despido, temi e me escondi. O mesmo poderam fazer os soldados d'esta guerra: temerem e esconderem-se na occasião; e quando lhes perguntassem porque? Responder: *Timui eo quod nudus essem et abscondi me*: Escondime em um mato, temi a morte, não quiz pelejar com os hollandezes, porque quando olho para mim, vejo-me despido, e não quero dar o sangue, por quem me não dá de vestir. Isto poderam dizer os nossos soldados, como filhos de Adão; mas como filhos e descendentes

d'aquelles portuguezes famosos, pelejam, trabalham, cançam, morrem; e quando olham para si, como andam dispidos, veem-se a si e fazem como quem são. Ha maior fineza? Ha maior constancia? Ha maior fidelidade? Portuguezes em fim. Lá Jacob um dia que se viu mui favorecido de Deus, saiu com um voto e disse desta maneira: *Si dederit mihi panem ad vescendum et vestimentum ad induendum erit mihi Dominus in Deum*: se Deus me der pão para comer e roupa para vestir, eu faço voto a sua divina Majestade de o servir como a meu Senhor. Vós passais pelo descanço da condição, pela valentia da promessa? Pois este era aquelle valente Jacob a quem se lançavam escadas do céu á terra, a quem o mesmo Deus vigiava o somno. Para que conheça Hespanha, para que conheça nosso grande monarcha, quanto mais deve aos fidelissimos soldados d'esta guerra; pois com as obras e com o sangue prometteram sempre a vozes que haviam de servir a seu rei e morrer por elle, ainda que nunca lhes désse de comer nem de vestir.

Quanto se deve esperar d'elles se forem tractados como merecem.

E se sem vestir e sem comer obraram até aqui tão valorosamente, agora que a caridosa providencia do marquez vice-rei, que Deus guarde, de nenhuma cousa mais tractou que de trazer com que vestir e sustentar essa infanteria que não farão? Que não farão agradecidos, se tanto fizeram descontentes? Que não merecerão trabalhando os que tanto trabalharam sem merecer? Não ha duvida que alentados os bons, que serão os mais, com o premio; e refreados os maus, que serão os menos com o castigo, entre as resistencias do temor e os impulsos da esperança, tornando o Brazil em si e debaixo das azas de uma e outra justiça recobrarão a perfeita saude que tanto lhes desejamos.

Raiz da infermidade do Brazil a cubiça dos seus ministros.

VI. Mas como a experiencia ensina que para a saude ser segura e firme não basta sobresarar a infermidade, senão se arrancam as raizes, e se cortam as causas d'ella; é necessario vermos ultimamente, quaes são e quaes foram as causas d'esta infermidade do Brazil. A causa da infermidade do Brazil bem examinada é a mesma que a do peccado original. Poz Deus no paraiso terreal a nosso pae Adão mandando-lhe que o guardasse e trabalhasse: *Ut operaretur et custodiret:* e elle parecendo-lhe melhor o guardar que o trabalhar, lançou mão á arvore vedada, tomou o pomo que não era seu e perdeu a justiça em que vivia, para si e para o genero humano. Esta foi a origem do peccado original; e esta é a causa original das doenças do Brazil; tomar o alheio, cubiças, interesses, ganhos e conveniencias particulares, por onde a justiça se não guarda e o estado se perde. Perde-se o Brazil, senhor, (digamol-o em uma pala-

vra) porque alguns ministros de sua majestade não veem cá buscar nosso bem, veem cá buscar nossos bens. Assim como dissemos que se perdeu o mundo, porque Adão fez só ametade do que Deus lhe mandou, em sentido averso, guardar sim, trabalhar não: assim podemos dizer que se perde tambem o Brazil, porque alguns dos seus ministros não fazem mais que ametade do que El-Rei lhes manda. El-Rei manda-os tomar Pernambuco e elles contentam-se com o tomar. Se um só homem que tomou, perdeu o mundo, tantos homem a tomar como não hão de perder um estado? Este tomar o alheio ou seja o do rei ou o dos povos, é a origem da doença: e as varias artes e modos e instrumentos de tomar, são os symptomas, que, sendo de sua natureza mui perigosa, a fazem por momentos mais mortal. E senão, pergunto, para que as causas dos symptomas se conheçam melhor. Toma n'esta terra o ministro da justiça? Sim, toma. Toma o ministro da fazenda? Sim, toma. Toma o ministro da republica? Sim, toma. Toma o ministro do estado? Sim, toma. E como tantos symptomas lhe sobrevem ao pobre infermo e todos acommettem á cabeça e ao coração, que são as partes mais vitaes, e todos são attractivos e contractivos do dinheiro, que é o nervo dos exercitos e das republicas, fica tomado o corpo e tolhido de pés e mãos sem haver mão esquerda que castigue, nem mão direita que premie; e faltando a justiça punitiva para expellir os humores nocivos e a distributiva para alentar e alimentar o sujeito, sangrando-o por outra parte os tributos em todas as veias, milagre é que não tenha expirado.

Excessos d'esta cubiça.

Como se havia de restaurar o Brazil (não fallo de hontem nem de hoje, que a infermidade é muito antiga, ainda mal), como se havia de restaurar o Brazil se ia o capitão levantar uma companhia pelos logares de fóra e por lhe não fugirem os soldados, trazia-os na algibeira? E como após este ia logo outro do mesmo humor, que os trazia egualmente arrecadados, houve pobre homem n'estes arredores que sem sair da Bahia, como se quatro vezes fôra a Argel, quatro vezes se resgatou com o seu dinheiro! Como se havia de restaurar o Brazil, se os mantimentos se abarcavam com mão d'El-Rei, e talvez os vendiam seus ministros ou os ministros de seus ministros (que não ha Adão que não tenha a sua Eva) pondo os preços ás cousas a cubiça de quem vendia e a necessidade de quem comprava? Como se havia de restaurar o Brazil, se os navios que sustentam o commercio e enriquecem a terra, haviam de comprar o descarregar e o dar querena e o carregar e o partir e não sei se tambem os ventos? Como se havia de restaurar o Brazil, se o capitão de infanteria para comer as praças aos solda-

dos, os absolvia das guardas e das outras obrigações militares, envilecendo-se em officios mechanicos os animos que hão de ser nobres e generosos? Como se havia de restaurar o Brazil, se o capitão de mar e terra fazia cruel guerra ao seu navio, vendendo os mantimentos, as munições, as enxarcias, as velas, as entenas, e se não vendeu o casco do galeão, foi porque não achou quem lh'o comprasse? E como mais ou menos por nossos peccados sempre houve no Brazil alguns ministros d'estas qualidades, que importava que os generaes illustrissimos fossem tão puros como o sol e tão incorruptiveis como os orbes celestes? Digo isto, porque o vulgo é monstro de muitas cabeças, que não se governa por verdade e se atreve a pôr a boca no mesmo céu sem perdoar nem guardar decoro ainda ao maior planeta. O certo é que muitas cousas se dizem que não são; e ha successores de Pilatos no mundo que por se lavarem as mãos a si, lançam as culpas á cabeça. Que haviam as cabeças de executar meneando-se com taes mãos e obrando com taes instrumentos? Desfazia-se o povo em tributos e mais tributos, em imposições e mais imposições, em donativos e mais donativos, em esmolas e mais esmolas (que até á humildade d'este nome se sujeitava a necessidade, ou se abatia a cubiça); e ao cabo nada aproveitava, nada luzia, nada apparecia. Porque? Porque o dinheiro não passava das mãos por onde passava. Muito deu em seu tempo Pernambuco: muito deu e dá hoje a Bahia e nada se logra; porque o que se tira do Brazil, o Brazil o dá, Portugal o leva.

O que se furta no Brazil gasta-se na Europa.

VII. Com terem tão pouco do céu os ministros que isto fazem temol-os retratados nas nuvens. Apparece uma nuvem no meio d'aquella bahia; lança uma manga ao mar; vai sorvendo por occulto segredo da natureza grande quantidade de agua; e depois que está bem cheia, depois que está bem carregada, dá-lhe o vento e vai chover d'aqui a trinta, d'aqui a cincoenta leguas. Pois nuvem ingrata, nuvem injusta, se na Bahia tomaste essa agua, se na Bahia te encheste, porque não choves tambem na Bahia? Se a tiraste de nós, porque a não despendes comnosco? Se a roubaste aos nossos mares, porque não a restituis a nossos campos? Taes como isto são muitas vezes os ministros que veem ao Brazil; e é fortuna geral das partes ultramarinas. Partem de Portugal estas nuvens, passam as calmas da linha, onde se diz que tambem refervem as consciencias; e em chegando, *verbi gratia*, a esta Bahia, não fazem mais que chupar acquirir, ajunctar, encher-se (por meios occultos, mas sabidos); e no cabo de tres ou quatro annos em vez de fertilizarem a nossa terra com a agua que era nossa, abrem as azas ao vento

e vão chover a Lisboa, esperdiçar a Madrid. E o mal mais para sentir de todos é, que a agua que por lá chovem e esperdiçam as nuvens, não é tirada da abundancia do mar, como n'outro tempo, se não das lagrimas do miseravel e dos suores do pobre; que não sei como atura já tanto a constancia e fidelidade d'estes vassallos. Muitos trances d'estes tens padecido, desgraçado Brazil, muitos te desfizeram para se fazerem, muitos edificaram palacios com os pedaços de tuas ruinas, muitos comem o seu pão ou o pão não seu, com o suor do teu rosto: elles ricos, tu pobre: elles salvos, tu em perigo: elles por ti vivendo em prosperidade, tu por elles a risco de expirar. Mas agora alegra-te, anima-te, torna em ti e dá graças a Deus, que já por mercê sua estamos em tempo, que se concorrermos com o nosso suor, ha de ser para a nossa saude.

Deve-se applicar o remedio com animo resoluto.

Pelo que, senhor, vós que governais a republica, não attenteis só para a fraqueza do infermo, que bem vemos quão pouca substancia tem e quão debilitado está, mas olhae muito para o bem da saude e para a importancia do remedio. O doente que quer sarar levado do amor da vida, nada põi por deante, em nada repara; por asperos que sejam os padecimentos a todos fecha os olhos. Bem sei que se hão de ouvir ais, bem sei que se hão de ouvir gemidos e muito justos; mas compadecei e cortae (como seja com a egualdade e moderação devida); que ser n'esta parte cruel é a maior piedade. Anime-se pois, a fidelidade e liberalidade d'este nobre povo a soccorrer e ajudar n'esta causa tão justa e tão sua, estando mais certo e seguro que se der o suor, se der o sangue, não ha de ser para que outros vivam e triumphem, senão para que nós vivamos e triumphemos de nossos inimigos. Tudo o que der a Bahia para a Bahia ha de ser; tudo o que se tirar do Brazil com o Brazil se ha de gastar.

Como deve ser imitado o Senhor que na Eucharistia sujeita e restaura o mundo.

VIII. E porque sei de certo que assim o havemos de vêr, como digo, quero acabar este sermão com uma prophecia alegre, fundada na mesma verdade; e é que d'esta vez se ha de restaurar o Brazil. Dêem-me licença para que pondere um logar, que hoje tudo foram palavras; mas foi necessario dizer muito: outro dia prégaremos pensamentos. *Sacramento eucharistiae totus mundus subjugatus est*, diz Sancto Eligio na homilia onze; e é auctoridade mui recebida de toda a Egreja, que com o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia sujeitou Christo e restaurou o mundo. Na cruz alcançou a primeira victoria; mas o Sacramento de seu corpo e sangue foi restaurando e restituindo a seu imperio quanto o demonio lhe tinha tyrannizado. Ora examinemos e saibamos, porque mais com o Sacramento da

Eucharistia que com outro mysterio? Christo nascido, Christo morto, Christo resuscitado não podera restaurar o mundo? Pois porque mais Christo Sacramentado? Porque se tomou por instrumento d'esta restauração o mysterio Sagrado da Eucharistia? Lavremos um diamante com outro diamante; e expliquemos um Sancto com outro Sancto. S. Thomás fallando do Santissimo Sacramento do Altar, nota uma cousa muito digna de ponderação; e é que n'este soberano mysterio, quanto Christo recebeu de nós, tudo despende comnosco: *Et hoc insuper quod de nostro assumpsit, totum nobis contulit ad salutem.* Que recebeu Christo de nós na Incarnação? Recebeu a carne e recebeu o sangue. E que nos dá Christo na Eucharistia? Dá-nos essa mesma carne na hostia, dá-nos esse mesmo sangue no calix. E este soberano Principe é tão justo e tão desinteressado, que quanto recebe de nós, tudo despende comnosco; e quanto toma dos homens, tudo gasta com os homens para sua sustentacão e proveito. Logo com muito fundamento ao mysterio em que exercita esta grande acção, mais que a nenhum outro se deve e attribúi a restauração do mundo: que em se despendendo com os homens tudo o que se recebe dos homens; em se gastando em beneficio do povo, o que do povo se tira (como d'aqui por deante se ha de fazer), logo a restauração está certa e a victoria segura.

O marquez deu logo na sua chegada indicio de que vinha a restaurar o Brazil.

Tenho provado a minha prophecia? Pois ainda a confirmo com outra razão; e vai por conta dos infermos d'este hospital, os quaes me pediram désse as graças ao senhor marquez da piedade tão christã e zelo verdadeiramente de pae dos soldados, com que a primeira acção que sua excellencia fez em saltando em terra foi mandar chamar o prevedor e irmãos d'esta sancta casa; e sendo informado do aperto em que estavam os doentes, e as miserias que padeciam, ordenar que fizesse novo hospital e que com toda a caridade e liberalidade se acudisse á saude e regalo d'estes pobres infermos. D'esta acção infiro eu e confirmo que é chegada a restauração do Brazil, e vêde se o provo. Mandou S. João Baptista uma embaixada a Christo por dous discipulos de sua eschola em que dizia assim: Sois vós, Senhor, o qne haveis de vir restaurar-nos, ou havemos de esperar ainda por outro? Não poderam perguntar mais a proposito, se nós dictaramos a pergunta. Nenhuma cousa lhes respondeu Christo de palavra: manda buscar pela terra os cegos, os surdos, os mancos, os leprosos, emfim quantos infermos se poderam achar; e depois de os curar a todos, virou-se então para os embaixadores e disse: Ide, dizei a João o que ouvistes e vistes. Pois, Senhor, com licença vossa, esta resposta parece

que não diz com a pergunta. Perguntam-vos Se sois o Messias esperado; perguntam-vos Se sois vós o que haveis de restaurar o mundo, e «em» resposta pondes-vos a curar infermos? Sim, com muita razão, diz S. Cyrillo: poz-se Christo a curar infermos deante dos embaixadores do Baptista, para que d'esta acção que lhe viam fazer, cressem e inferissem por boa razão que elle era o Restaurador do mundo por quem perguntavam. Este senhor tracta de curar infermos: logo elle é que ha de restaurar o mundo: porque não ha conjunctura mais verdadeira, nem consequencia mais formal de ser restaurador, que ter grande cuidado nos infermos e tractar d'estas obras de misericordia.

Exemplo que Christo lhe deu visitando o Baptista.

E senão diga-nos o nosso evangelho, qual foi a primeira acção que fez no mundo o Redemptor e Restaurador d'elle? A primeira acção que Christo fez em pondo o pé em terra, foi partir-se para as montanhas de Judéa a curar, como dissemos, um menino infermo. Não é phrase minha, senão do cardeal Toledo, que fecha e confirma todo este discurso: *Mira Christi et matris visitatio attulit Joanni peccati medicinam.* Esta visita de Christo e sua Mãe sanctissima foi como visita de medico soberano que curou a infermidade do S. João e lhe trouxe a medicina do peccado. Tão proprio é de quem ha de restaurar mundos, consagrar a primeira acção á cura e ao remedio dos infermos. Mas como não são menos de Deus os fins que os principios e nas prophecias e prognosticos humanos nos ensina a fé a dizer *Deus sobre tudo;* peçamos á Divina Majestade seja servido prosperar-nos estas tão bem fundadas esperanças, e ouvir os suspiros e gemidos já cançados d'este infermo e afflicto Brazil. E para que mais efficazmente alcancemos o desejado despacho d'esta tão justa petição, tomemos por valedora a Virgem Mãe do mesmo Deus, por quem hoje se começou a dispensar a primeira graça, para que nos alcance esta, offerecendo-lhe tres Ave-Marias.

(Ed. ant. tom. 6.° pag. 385, ed. mod. tom. 10.° pag. 303.)

SERMÃO DE DIA DE REIS *

PRÉGADO NO COLLEGIO DA BAHIA NA FESTA
QUE FEZ O MARQUEZ DE MONTALVÃO EM ACÇÃO DE GRAÇAS
PELAS VICTORIAS E FELIZES SUCCESSOS
DOS PRIMEIROS SEIS MEZES DO SEU GOVERNO, NO ANNO DE 1641

Observação do compilador:— O sermão é um dos melhores do grande orador. Admira-se sobretudo uma linguagem muito nobre, harmoniosa, facil e elegante. Á disposição das partes rhetoricas não lhe falta unidade, ainda que ingenhosamente dissimulada.

Procidentes adoraverunt eum et apertis thesauris suis obtulerunt ei munera aurum thus et myrrham.
S. Matth. 2.

O sentido mystico do tres dons do Magos.

Tres dons se offerecem hoje, excellentissimo senhor, tres dons se offerecem hoje e tres tributos se pagam n'esta egreja. O primeiro tributo pagam os reis orientaes a Christo nascido, prostradas as coroas e os thesouros á Majestade humilde de seu presepio. Offerecem ouro, incenso e myrrha: tres dons, como diz S. Gregorio, com tres mysterios. O ouro a Christo como a Rei; o incenso como a Deus; e a myrrha como a Mortal. Oh que offerta tão de reis e tão para rei! Para um rei se conservar seguro entre os principios gloriosos da majestade, quando considerar que é Deus nos poderes, lembre-se que é mortal na condição. Se entre os fumos do incenso se gloriar desvanecido o ouro da corôa, oh como se comporá humilhado entre as amarguras do myrrha! Assim dispensou Deus que andassem unidos no mesmo sceptro, para humilhar as grandezas humanas, dous extremos tão contrarios; attributos de deidade e accidentes de mortal. Muito funesto vai este exordio para dia tão de festa; mas nem a materia que se segue ajuda muito a melhorar de alegria.

Tributo que offerece o Collegio da Bahia á saudosa memoria d'el-rei D. Sebastião.

O segundo tributo offerece este collegio á gloriosa e sempre saudosa memoria d'el-rei de Portugal D. Sebastião, seu fundador, que com catholica piedade e real magnificencia nos dotou, assim este da Bahia, como outros septe collegios no Brazil e

n'outras provincias. Em reconhecida lembrança d'esta mercê, além dos sacrificios e outros suffragios espirituaes, segundo o louvavel costume de nossa Companhia, offerece hoje este real collegio um cirio com as armas de Portugal ao senhor marquez vice-rei em nome de sua majestade Philippe IV, que com o sangue e com a corôa herdou junctamente d'aquelle piedosissimo rei o affecto e particular devoção á nossa Companhia. Herdou, disse, e conforme a theologia de S. Paulo, quem diz herança suppõi verdadeira morte, que como fim de uma vida tão suspirada, não é muito que não seja bem crida. Mas por mais que o natural amor queira alentar as esperanças, o mesmo genero da offerta parece que nos desengana e reprehende os desejos; porque um cirio apagado que offerecemos, mais é ceremonia, de defuncto que reconhecimento de vivo. Viva pois o sancto e piedoso rei (que já é passado o anno de 40) viva e reine eternamente com Deus; e sustente-nos desde o céu com suas orações o reino que com seu demasiado valor nos perdeu na terra.

Assumpto do sermão.

O terceiro dom ou tributo que hoje se offerece n'esta egreja nos ha de gastar todo o discurso do sermão. Para vermos qual é e quão devido, peçamos a graça: *Ave Maria.*

A solemnidade d'esta festa dedica o vice-rei os louvores e graças que deve a Deus.

II. Dedicou a solemnidade d'este dia o piedoso zelo do senhor marquez vice-rei, que Deus guarde, aos louvores e graças tão devidas, que pelos felizes successos d'estes primeiros seis mezes de seu governo nos está merecendo o céu já mais brando, já mais benigno a nossos trabalhos. E assim como os thesouros orientaes que os reis offereceram á divina e humana majestade de Christo foi uma agradecida restituição (diz Sancto Agostinho) dos bens que de sua liberal mão tinham recebido; assim vem hoje sua excellencia restituir aos altares do mesmo Senhor as obrigações, com que se vê penhorado de sua divina Misericordia; e offerece em tributo de agradecimento o que recebeu e recebemos todos na mercê de tantas victorias.

Na sua pessoa põe a America aos pés do Menino Deus.

Já hoje não tem que envejar a nossa America ás outras tres partes do mundo, que tão conhecidas vantagens lhes fizeram nas soberanas glorias d'este dia. Diz a Glossa n'este logar, que os tres reis que hoje offereceram tributos em Belem ao Menino Deus significaram as nações gentilicas que das tres partes do mundo haviam de vir adorar e reconhecer a Christo; um rei significa a Africa, outro a Asia, outro a Europa. Pois a America porque não foi tambem offerecer? Faltavam-lhe balsamos em suas arvores, ambares em suas praias, ouro finissimo em suas minas e sobre tudo liberalidade em seus moradores? Pois, porque não mandou tambem tributos ao presepio de Christo? Alguem diria que por sua natural ingratidão: mas eu digo que

por honra e por auctoridade. Como cada uma das outras partes do mundo mandou um rei por embaixador e a America não tinha rei que mandar—que nem fé, nem lei, nem rei havia n'estas partes—não quiz ir com as mais companheiras a Belém por não apparecer lá com menos auctoridade. Porém hoje que a nossa America se vê tão subida de poncto e de posto, vem adorar o Rei nascido com as demais, tão agradecida, como confiada; porque entre as purpuras reaes que as outras partes do mundo arrastam ao presepio de Christo, deita ella tambem um bastão com vezes de sceptro e de corôa. Oh que grande actoridade de nossa fé! Oh que grande gloria de Deus e de sua Egreja! Assim como as bandeiras catholicas nunca estão mais levantadas, que quando se abatem humildes á presença de Christo sacramentado e se deixam pizar gloriosamente dos pés do sacerdote que o leva nas mãos; assim os bastões e insignias militares nunca se vêem com mais honra e auctoridade, que quando, lançadas aos pés de Christo, Supremo Senhor dos exercitos, protestam os generaes e os capitães victoriosos que a Deus e não a elles se devem as victorias, a Deus e não a elles as graças, a Deus e não a elles as glorias.

Só a Deus [...] deve a glori[a] das ultima[s] victorias [...] successo do [Es]pirito Sanct[o]

E na verdade, senhores, ainda que todos os successos prosperos da guerra se devem attribuir a Deus, como a primeira causa; na occasião e occasiões presentes particularmente são devidas á divina Bondade as graças que lhe vimos dar: porque de tal maneira vencemos sempre, que assim como só Deus parece que meneou as armas, assim só a Deus se devem as glorias. Este assumpto e a primeira prova d'elle me deu o senhor marquez, quando se serviu de me encommendar este sermão: porque dizendo; como era bem que dessemos graças a Deus por estas victorias que nos dera, accrescentou sua excellencia estas palavras: Quando chegou o nosso soccorro ao Espiritosancto, já o inimigo era retirado, para mostrar Deus que não tem necessidade de nós e que a victoria foi toda sua. Assim é, senhor excellentissimo, assim é: mas nem por isso se perdeu a diligencia do soccorro, nem o merecimento e gloria de o haver mandado.

Manda Chri[sto] aos apostolo[s] que estejan[...] apercebidos [de] armas, e depois mand[a] embainhar [a] espada de S. Pedro.

Poucas horas antes da Paixão encommendou Christo aos apostolos que estivessem apercebidos de armas; e que, quem não tivesse espada, vendesse a tunica para a comprar. Chegou a occasião do Horto, investiram a Christo os quinhentos soldados do esquadrão de Judas: disse o Senhor: *Ego sum*, Eu sou; e com estas duas palavras cairam todos. Aproveitou-se S. Pedro da occasião; mette mão á espada, avança-se ao inimigo, começa a cortar orelhas: diz-lhe o Senhor: Tá Pedro: embai-

nhae a espada: *Mitte gladium tuum in vaginam*. Pois como assim? Replíca Sancto Ambrosio: *Qui ferire prohibet cur emere gladium jubet?* Se Christo havia de mandar embainhar as espadas para que mandou aos apostolos que fizessem tão extraordinaria diligencia por ellas? E se com duas palavras podia e havia de lançar por terra aos inimigos, para que tanta prevenção de armas? A razão foi, diz S. João Chrysostomo, para que intendamos que fazer Deus o que pode, não tira o merecimento aos homens de fazer o que devem. É verdade que Christo levou a gloria de vencer e derribar aos inimigos; mas os apostolos ficaram com a honra de prevenir armas para a defensa. Antes essa mesma diligencia dos apostolos subiu muito de poncto a gloria de Christo; porque nunca são mais gloriosas as victorias divinas, que quando sobejam os soccorros humanos.

Não deixa empregar as duas espadas de defeza que havia no Horto. Applica-se esta providencia aos successos da guerra.

Quando Christo disse aos apostolos quo buscassem armas, responderam elles: Senhor, aqui temos duas espadas. Duas espadas! diz Christo; pois estas bastam. Que dissera n'este passo um grande soldado ou capitão, d'estes de valentia em discurso? Que era evidente temeridade querer-se defender com duas espadas contra um esquadrão de quinhentos homens armados, e que ainda que estavam á sombra de Christo, que Deus sempre se põi da parte dos mais mosqueteiros. Algum dia mostrarei como esta proposição é heretica. Entretanto baste-nos saber que sendo as espadas duas, uma só se desembainhou; a outra ficou na bainha e os inimigos por terra. Pois, Senhor, se o poder dos Apostolos era tão pouco, porque o não deixastes empenhar todo? Se eram só duas espadas, porque as não deixastes desembainhar ambas? Porque toma Deus em poncto de honra, ou em poncto de gloria, que sobeje a metade do poder humano, quando os homens cuidam que nem todo basta. E vós cuidais que não bastam duas espadas onde eu estou? Pois nem estas duas quero que pelejem ambas: uma ha de ficar na bainha e os inimigos prostrados. Assim o advertiu o Veneravel Beda; e é o que succedeu no nosso caso. Pediram os do Espirito-sancto que os soccorressemos com armas e munições: partiu um grande soccorro no mesmo dia; e comtudo duvidavam os prudentes que se poderia defender aquella praça a tão desegual poder; e na opinião de muitos já estava tomada. Ah! sim, diz Deus; pois dê-se a batalha no Espirito-sancto antes de chegar o soccorro da Bahia; e de duas espadas que podiam assistir á defeza, peleje só a de dentro e fique a de fóra embainhada; para que os mesmos desmaios da prudencia humana confessem que se deve a gloria ao braço divino.

David escusa-se de acceitar as armas de Saul. Mysterio d'esta escusa. Chrysostomo.

É verdade que não chegar o nosso soccorro teve razão natu-

ral: mas debaixo d'essa havia outra superior e divina que foi, mostrar Deus que era a victoria sua. Quando el-rei Saul deu as suas armas a David para que fosse pelejar com o gigante, bem sabeis que não as quiz levar ao desafio o alentado pastor; e julgou melhor entrar n'aquella batalha vestido de uma samarra pastoril. A razão natural d'esta resolução foi a que deu o mesmo David: Que não tinha uso d'aquellas armas; e assim que se não achava bem com ellas. Porém debaixo d'esta razão natural havia outra divina e mysteriosa, diz S. Chrysostomo: para que a portentosa victoria se referisse conhecidamente á virtude de Deus e não ás armas de Saul. O mesmo digo n'este caso. Verdade é que não chegar o soccorro das nossas armas e munições foi por vir o aviso tarde: mas debaixo d'esta razão natural e humana havia outra superior e divina, para que a victoria se não attribuisse ao soccorro das armas d'El-Rei, senão á virtude e mercê de Deus.

Bisonharia dos hollandezes, que Deus dispoz para dar victoria aos portuguezes.

E não foi só esta razão a que canonizou esta victoria por victoria e mercê de Deus, senão outras muitas e mui conhecidas. Primeiramente terem os nossos tão antecedente aviso de que vinha o inimigo e por via dos mesmos hollandezes, que foi senão mercê de Deus particularissima? Não ha cousa mais ordinaria no Testamento Novo, que comparar-se a morte ao ladrão. A razão da similhança dá o mesmo Christo no Evangelho: porque, assim como a primeira treta do ladrão é dar de subito e assaltar de repente, quando os homens estão mais descuidados; assim a morte nos assaltêa e rouba a vida sem sabermos o dia, nem a hora. O mesmo pensamento temos no Evangelho d'este dia. Repara S. Pedro Chrysologo em chamar Herodes os Magos e se informar d'elles em segredo. Porque não perguntou o que queria ás claras? Porque se não informou dos Magos ao descoberto? Sabeis porque tracta o negocio em segredo, diz advirtidamente o Chrysologo, e porque não quer que se lhes saibam os designios? Porque era ladrão Herodes; e como tal queria dar em Belem de subito e roubar a Christo de repente. Pois se isto fazem os ladrões, se esta é a primeira lei da rapina, rebeldes hollandezes, como desdissestes tanto de quem sois n'esta acção tão vossa? Quereis roubar, quereis saquear, quereis tomar aquella praça e mandais aviso adeante? Patachos á barra, lanchas á terra que nos avise que ides? Não ha que responder aqui, senão com as mãos levantadas dando graças a Deus dizer com Chrysostomo: Não se regulam as mercês de Deus pelas leis ou condições da guerra. Erraram os hollandezes as ordens da milicia; mas acertaram a ordem de Deus: não souberam dispôr a guerra, porque Deus dispunha a victoria:

fizeram uma bisonharia tão grande, porque Deus nos queria dar um soccorro tão glorioso. Foi grande mercê de Deus esta? Pois ainda não está ponderado o fino d'ella.

Maior providencia em fazer que estes se aproveitassem dos restos do inimigo. Os fados do Brazil são como os de Sodoma e do fim do mundo.

III. Não esteve o favor de Deus em nos mandar o aviso. Sabeis em que esteve? Em nós nos darmos por avisados. Ouvime, que é doutrina mui importante esta. Os fados do Brazil, não sei se por clima da terra, se por castigo do céu, são como os fados de Sodoma; ainda mal, porque tanto lavra o fogo em toda a parte. Depois que os anjos notificaram a Loth a sentença que Deus tinha fulminado contra aquella infame cidade, avisou o sancto varão aos vizinhos d'ella que fugissem ou se armassem de penitencia; porque havia de ser destruida e abrazada. Lançaram a cousa á zombaria aquelles alindados: continuaram a curar e pentear as gadelhas: emfim choveu o fogo do céu e ficaram todos sepultados em suas cinzas. Eis aqui, nem mais nem menos, o fado ou desenfado do nosso Brazil: sempre avisados mas nunca prevenidos. Lançae os olhos por todas as praças que temos perdido desde o anno de 624 até ao presente; e nenhuma achareis a que não precedessem avisos e muitos avisos. Antes de se tomar a Bahia, duas barcas de pescar com cartas d'El-Rei, que pela novidade da embarcação fizeram o caso mais mysterioso e o aviso mais notorio. Um mez antes a mesma capitania da armada hollandeza sobre o morro, que nos manda avisar pelos prisioneiros de Angola; e nós com a praça aberta, sem fortificação, sem trincheira, como se nos prepararamos para entregar a cidade e não para a defender; e assim foi! Pernamco da mesma maneira. Tantas cartas d'El-Rei antecedentes, tantas noticias de Hollanda que haviam de vir e nomeadamente que haviam de entrar por tal parte. Depois de partida a armada, avisos de Portugal, avisos de Cabo Verde, que já vinham, que já chegavam; e nós a cortar canas, a moer engenhos, como se fôra nova de alguma grande frota que vinha a carregar de assucares; e assim o mesmo foi desembarcar que serem senhores da terra. D'esta maneira se perdeu Pernambuco, d'esta maneira se perdeu a Bahia; e todas as outras praças menores por este caminho as perdemos, nunca acomettidos de subito, nunca tomados de repente. Perdeu-se o Brazil, como se ha de perder e acabar o mundo. Falla S. Pedro do dia de Juizo e diz assim na segunda epistola: Virá o dia do Senhor como um ladrão subita e repentinamente. Subita e repentinamente? Como póde isto ser? Reparae no que dizeis, ó Principe dos Apostolos. Não diz Christo no seu Evangelho que precederão ao dia de juizo tantos signaes temerosos, tantos avisos manifestos? Pois como é possivel que sobre tantos avisos haja de vir de repente? Sabeis

omo? diz Sancto Agostinho; porque ainda que ha de haver muitos avisos, haverá muito poucos que lhes dêm credito. Verão os homens ensanguentados o sol e a lua; verão turvar-se os elementos, tremer a terra, bramir o mar, cair as estrellas e todas as creaturas desordenadas ameaçar a verdadeira ruina; e no meio d'estes temores haverá corações tão desenfadados, que affirmarão que não são aquelles signaes do dia do juizo; e comparando edades com edades e prophecias com prophecias, persuadirão credulamente ao mundo que ainda se não acaba. D'esta maneira viverão muitos n'aquelles ultimos dias mui contentes e descuidados; senão quando soará a trombeta do juizo e serão levados os miseraveis de repente ao tribunal de Christo; de repente sobre tantos avisos. Tal aconteceu sempre no Brazil. Nenhuma nova houve nunca tão certa, que não tivessemos uma esperança para que appellar; nenhum aviso houve nunca tão qualificado, que não tivessemos um discurso com que o desfazer: Que está acabada a Companhia de Hollanda: Que França não nos pode hoje assistir: Que Dinamarca tem guerras apregoadas: Que baixa com grande exercito o imperador: Que os tem mui apertados o Cardeal Infante: Que não ha hollandezes em Amsterdam que queiram vir ao Brasil: finalmente Que estão perdidos, que estão acabados, que estão consumidos. E quando nos não precatamos, ouvimos soar as trombetas hollandezas por esses oiteiros: acham-nos descuidados e desapercebidos, tomam-nos as nossas terras e deixam-nos os nossos discursos. É isto assim, senhores? Ainda mal. Sendo pois este o natural descuido nosso, sendo este o clima ou os peccados do Brazil; que se emendassem tanto suas influencias n'esta occasião e se persuadissem aquelles moradores a crêr os avisos, a prevenir a defeza! Este é sem duvida o fino da mercê de Deus; este é o milagre, por que devemos dar graças como cousa rara, como cousa superior á nossa natureza.

Os 300 soldados de Gedeão e os 300 portuguezes que pelejaram n'esta occasião. *Jud.* 7

Mas com a defeza se provenir e com trabalharem os homens o que poderam na prevenção, era tão fraco o numero dos nossos e tão escasso e limitado o poder, que ainda lhe ficou a Deus muito que supprir e muito em que fundar e segurar as suas glorias. Sabida é a historia de Gedeão, que de tantos mil homens que podia pôr em campo contra o poderoso exercito dos madianitas, só com trezentos quiz Deus que entrasse na batalha. A qualquer mediana experiencia fará muita duvida isto de trezentos homens. Não é a primeira maxima do governo militar não dividir as forças, nem repartir o exercito? Pois se Gedeão podia pelejar com tanto maior poder, para que quiz e ordenou Deus que pelejasse com forças tão desiguaes ás do ini-

migo? O mesmo texto dá a razão; e diz que foi: *Ne glorietur contra Deum Israel et dicat: meis viribus liberatus sum.* Se os israelitas pelejaram com o numero de soldados que levavam, attribuiriam a victoria ao numero de seu exercito, dariam as graças as suas mãos e as glorias a seu valor. Pois que faz Deus? Manda que não vão á batalha mais que trezentos homens (que foi ponctualmente o numero de portuguezes que n'esta occasião se achavam); para que sendo o numero dos vencedores tão inferior ao do inimigo, não se podesse levantar a vaidade e ingratidão humana com a gloria só devida á Omnipotencia divina. E na verdade, senhores, se bem se considera o fraco numero e desigual poder da gente, com que alcançámos esta victoria, que dos trezentos portuguezes que havia repartidos por tantas partes, só os trinta eram soldados pagos e esses com pouco exercicio; que ingratidão haverá tão rebelde que dê a victoria ás forças humanas e a roube ao braço divino?

Deus segurou a sua gloria na fraqueza e desegualdade das armas dos portuguezes.

IV. E se Deus segurou bem sua gloria contra nossa ingratidão no numero dos soldados, não a tem menos segura por certo na fraqueza e desegualdade das armas. Porque entrando os nossos na batalha com tão poucas armas de fogo, como sabemos, e muitos com as espadas e capas com que passeavam na praça, que intendimento ou que experiencia humana havia de presumir que poderiam sair vencedores de tanto numero de hollandezes, soldados velhos, costumados a vencer e tão bem providos de armas? Mas como o invisivel braço de Deus governava a guerra e nos impossiveis da nossa fraqueza queria justificar os meritos de sua gloria; antes de se cerrarem as quatro horas continuas d'aquella desegual batalha, estavam tão trocadas as mãos, que já os alfanges hollandezes pelejavam da nossa parte; e as clavinas que elles carregaram contra nós, nós as descarregavamos n'elles venturosamente. Ora pelejae, pelejae, poucos mas venturosos portuguezes, pelejae e vencei animosamente, que ainda Deus é por nós. Não peçais soccorro de armas á Bahia, não peçais ao Rio de Janeiro; que um e outro ha de chegar tarde: pedi soccorro ao céu, pedi as armas a Deus: que é sua divina Providencia tão cuidadosamente prevenida para comvosco, que nos mesmos armazens do Recife vos está fazendo provisão de armas; e nos mesmos navios hollandezes vol-as manda juntamente com elles, para que cheguem a tempo á milagrosa defeza. Quem dissera aos hollandezes, quando estavam alimpando os alfanges e preparando as clavinas para esta facção, quem lhes dissera que preveniam os instrumentos de sua ruina; e que com aquellas clavinas haviam de ser mortos, com aquelles alfanges degolados?! Mas essas são as glorias de Deus,

essas as traças de sua Sabedoria, essas as valentias de sua omnipotencia, que dos mesmos inimigos se serve e de suas mesmas armas se ajuda para dar as victorias contra elles a quem é servido.

Comparam-se com os machabeus.

Parece-me que vejo aqui retratado o successo dos filhos de Israel, quando venceram aquelle grande exercito dos syros que capitaneava Gorgias, general d'el-rei Antiocho. Diz a Escriptura que eram os israelitas poucos e esses desarmados. Mas accommettendo com grande resolução os esquadrões inimigos, de tal maneira os ajudou Deus, que lhes fizeram voltar as costas descompostamente; e a todos os da retaguarda passaram á espada. Passaram á espada? Como assim? Não diz a Escriptura immediatamente antes que estavam os israelitas desarmados e que não tinham espadas? Pois como poderam matar e passar á espada toda a retaguarda dos inimigos? A razão litteral é muito facil. Porque como Deus ajudava tanto aos hebreus, ainda que começaram a guerra desarmados, acabaram-na muito bem providos de armas, tomando-as aos primeiros que caiam e convertendo-as contra os ultimos que se retiravam; e d'esta maneira poderam passar á espada as derradeiras tropas dos desordenados esquadrões dos syros: matando e degolando com suas proprias armas os que tão confusamente fugiam, que para guardar e conservar as vidas davam os mesmos instrumentos com que lh'as tirassem. E porque não faltasse ao caso nem esta circumstancia; os que governavam aquella guerra eram dous filhos do grande Matathias, um chamado Simão, outro chamado Judas; aos quaes de entre todos seus irmãos escolhera o sancto velho para o governo do povo e lh'o deixara em testamento. Pois assim como os filhos de Israel debaixo do valor e prudencia de um Simão e de um Judas com as proprias armas de seus inimigos os mataram e venceram animosamente; assim os nossos portuguezes n'esta occasião debaixo do patrocinio dos gloriosos apostolos S. Simão e Judas, em cujo dia succedeu a batalha, a pelejaram tão alentada e a venceram tão gloriosamente, que entrando n'ella mal armados, sairam ricos de mui luzidas armas, provadas e ensanguentadas primeiro no heretico sangue de seus donos. Esta sim que é façanha divina: esta sim que é victoria de Deus.

Serve-se Deus para vencer das armas proprias dos inimigos. Assim o fez na estrella dos Magos.

Perguntam os doutores no nosso evangelho: Por que razão mandou Deus aos reis Magos uma estrella? Assim como mandou um anjo aos pastores não podera tambem mandar um anjo aos reis? Pois porque não mandou senão uma estrella? Judiciosamente S. Pedro Chrysologo: Trouxe Christo os Magos a seus pés por meio de uma estrella, para que a mesma que fô-

ra materia de seus erros, se trocasse em instrumento de sua conversão: que é victoria mui digna da virtude de Deus vencer ao inimigo com suas proprias armas. As armas com que os Magos pelejavam contra Deus eram as estrellas, adorando-as e fazendo-as adorar á cega gentilidade. Pois, para que a victoria fosse mui propria da omnipotencia divina, venham os Magos aos pés de Christo por meio de uma estrella; e as mesmas armas luzentes com que impugnavam e offendiam a Deus, sirvam de os sujeitar e render e de os prostrar por terra a seu imperio: *Procidentes adoraverunt eum.*

O successo do Rio-real e o cerco de uma cidade dos ammonitas.

V. Esta foi a victoria do Espirito-sancto uma das mais notaveis que hão tido no Brazil as armas catholicas e de grande importancia por suas consequencias. Mas tempo é já que nos façamos n'outra volta; que do Sul passemos ao Norte, e ponderemos o successo do Rio-real, que realmente foi felicissimo e não menos de Deus que o passado. O que aqui se ponderou muito foi retirar-se o inimigo, quando já o nosso exercito não insistia na empreza: o mesmo pondero eu e digo que vir-se antes o nosso exercito foi servir a prudencia humana aos intentos da Providencia divina; para que largando o inimigo o posto, quando já a violencia das nossas armas o não obrigava, só a Deus se devesse a victoria, só a elle se dessem as graças. Mas se bem considerarmos os motivos por que o inimigo desalojou, mais alguma cousa deve a gloria divina aos primeiros da nossa resolução. Tendo sitiado Joab uma cidade de ammonitas, mais parecida no sitio á força do Rio-real, «pois estava por uma e por outra parte cercada e defendida de um rio»; quando já a violencia do cerco a tinha reduzido a se entregar, mandou Joab este recado a el-rei David: Está quasi rendida a cidade do Rio: pelo que venha e acabe-a de render; para que a vossa majestade e não a mim se attribua a victoria.—Grandemente encarecem os sanctos esta acção de Joab; e na verdade, se foi limpa de lisonja e de interesse, muito tem de fineza; e tal considero eu a resolução do nosso exercito. E se não pergunto: Porque se retirou o inimigo do Rio-real? Porque largou o posto? Não foi pela valente e bem afortunada victoria que tivemos nos campos, onde lhe degolamos trezentos soldados velhos, os melhores campanistas que tinham? Não foi por verem totalmente frustrados os intentos com que vieram, de senhorear os gados e de os comboyar a Pernambuco? Não foi por intenderem o grande poder e maior resolução com que os iamos buscar, rompendo por tantas difficuldades? Não foi pelos continuos assaltos com que os tinhamos fechados dentro na sua força, mais como em sepultura de mortos, que como em car-

cere de vivos? E sobre tudo isto não havia bastantes noticias, ou quando menos, evidentes discursos que o inimigo não podia sustentar o posto e que o havia de desamparar forçosamente? Pois, porque deixámos a assistencia da guerra? Porque não esperamos pelo fim da victoria? Deixadas as razões que houve humanas, eu digo que foram primores, foram cortezias, como as de Joab. Fizemos («dae-me licença que assim o diga») fizemos cumprimento a Deus d'aquella victoria que tinhamos quasi ganhada, para que á sua Divina Majestade e não a nós se désse o gloria. E foi Deus tão benigno senhor, que não se dedignou de a aceitar. Nós apertámos o inimigo, nós dispuzemos a victoria, como Joab; Deus veio a colher as glorias, a tomar para si a honra, como David.

Verdadeira victoria é aquella em que os vencedores ficam todos salvos.

Mas como as cousas que se dão a Deus, sempre nos ficam em casa muito melhoradas, assim ficámos n'esta occasião com o mais feliz e venturoso successo que podera presumir a esperança, nem ainda inventar o desejo. Pergunto, senhores, que é o que pretendiamos n'esta jornada? Desalojar o inimigo d'aquella força, franquear a nossa campanha, impedir o retiro dos gados, matar muitos hollandezes e destruil-os? Pois tudo isto se conseguiu e tudo sem perdermos dous homens: que é a maior e mais illustre victoria que se podia alcançar. Sabeis qual é a verdadeira e inteira gloria? Diz Sancto Ambrosio: É aquella em que de tal maneira se vence o inimigo, que ficam todos salvos os vencedores: *Haec est vera et incruenta victoria, ubi sic adversarius vincitur ut de vincentibus nemo laedatur*. Com muita razão chama o sancto padre verdadeira e inteira victoria aquella em que os vencedores ficam todos salvos; porque o exercito que perdeu alguns soldados na batalha, ainda que vencesse o inimigo, não se póde chamar verdadeira e inteiramente vencedor; porque em tantas partes ficou vencido, quantos foram os soldados mortos que deixou no campo. Taes costumam ser ordinariamente as guerras humanas; porque não ha pelejar sem morrer, nem vencer sem derramar sangue. Mas a Providencia divina, que governava nossas armas n'esta occasião, soube concordar a felicidade do successo com a conservação das vidas e a honra da victoria com a desistencia da batalha: que como bem disse o outro a el-rei Philippe III,—Nó es hazaña menos señalada, vencer batallas sin sacar la espada—É verdade que nossas armas em muitos assaltos e occasiões antecedentes luziram mui bem seu valor: mas a ultima e total retirada do inimigo, que foi a corôa d'aquelle feliz successo, de graça nol-a deu Deus sem se disparar um arcabuz, nem se desembainhar uma espada por pura mercê e singular gloria sua. Por singu-

lar gloria de Deus, digo; porque a victoria de que Deus mais se gloria em similhantes casos arriscados é saber conseguir o intento com evitar o perigo. No nosso evangelho o temos.

Por isso Deus quiz que os magos voltassem por outro caminho.

Depois que os Magos adoraram a Christo, tornaram para suas terras avisados por um anjo: mas diz o texto que tornaram por outro caminho do que vieram. Repara S. João Chrysostomo no modo d'esta jornada e argúi que não parecia conveniente á reputação e auctoridade de Christo. Se os Magos quando ainda eram gentios vieram rompendo as terras da Judéa e entraram em Jerusalem; como agora que são soldados do verdadeiro Deus, divertem a jornada por outro caminho? Isto de não ir a Herodes, isto de não vêr o rosto do inimigo, parece que encontrava a opinião do novo Rei que adoravam; porque os ignorantes de sua divindade podiam entrar em escrupulos de sua potencia. Comtudo mandou Deus dizer aos Magos que voltassem por outro caminho e não tornassem a Herodes; porque se preza muito Deus de ganhar sem risco, de vencer sem batalha, de triumphar sem sangue. Irem os Magos a Jerusalem era empreza humanamente arriscada: porque ou haviam de descobrir que acharam a Christo ou não: se o descobriam, morria Christo á mão de Herodes; se o não descobriam, morriam os mesmos Magos. Pois que remedio? O remedio foi mandal-os Deus avisar por um anjo que voltassem para sua terra, mas que tornassem por outro caminho; e d'esta maneira se conseguiu o intento e se evitou o perigo. Sábia victoria, façanha digna da Divindade! diz Chrysostomo: que não consiste só a gentileza das victorias de Deus em vir ás mãos com o inimigo, senão em conseguir o intento que se pretende, tanto com mais gloria, quanto com menos risco.

Mas graças devemos imitar os soldados de Moyses vencedores dos madianitas.

VI. Este foi o venturoso successo do Rio-real, que quando o conseguiramos com perda de muitos soldados, razão tinhamos de dar muitas graças. Mas a divina Bondade quiz que fosse ainda da sua parte mais merecida e da nossa mais alegre esta acção de graças: pois lançado fóra o inimigo e desempedida a campanha nos vemos com os nossos valorosos capitães e soldados todos vivos, todos salvos, todos guardados para maiores emprezas. Quando os soldados de Moyses voltaram vencedores dos madianitas, vieram offerecer os despojos a Deus; e a principal razão que deram do seu agradecimento foi esta: Fizemos rezenha da infantaria com que entrámos na batalha; e todos achamos salvos depois da victoria: pelo que vimos offerecer a Deus estes agradecidos despojos. Isto fizeram os victoriosos capitães e soldados de Moyses; e o mesmo devem fazer os capitães e soldados do nosso felicissimo general e toda esta

nobre cidade em occasião tão similhante, offerecendo a Deus entre o ouro e incenso dos reis orientaes o agradavel e religioso tributo d'esta acção de graças.

O principio e o fim do anno 40.

Sejamos agradecidos, christãos, sejamos agradecidos a Deus, não sejamos ingratos. Consideremos o estado em que estamos e o em que haviamos de estar, se Deus nos não fizera estas mercês. Se o inimigo se conservara no Rio-real, se occupara a capitania do Espirito-sancto, se proseguira os intentos do Camaná, quaes haviamos de estar? Que havia de ser de nós? Cercados pelo Norte e pelo Sul, os gados e os mantimentos impedidos, a campanha infestada com assaltos e despovoada com receios, não havia senão cruzar as mãos e entregar ao inimigo. Pois que comparação tem este miseravel estado com o felicissimo que gozamos? Comparemos bem os fins do anno de 40 tão pouco parecidos com seus lastimosos principios, que esta parece uma das monstruosidades das fataes esperanças d'este anno. Em janeiro a armada derrotada, tantos mil homens, tantos gastos, tantos apparatos da guerra perdidos. Em abril a armada hollandeza na Bahia com grandes intentos, mas com maiores temores nossos: não nos esqueçamos, que bem nos vimos os rostos. Em maio saqueado e destruido o Reconcavo: tantas casas, tantas fazendas, tantos engenhos abrazados. Em junho o Rio-real accupado pelo inimigo; os campos e os gados quasi senhoreados e as esperanças de os recuperar não quasi, senão de todo, perdidas. Porém de vinte de junho por deante assim como o sol n'aquelle dia deu volta sobre o tropico do cancro, assim virou tambem a folha nossa fortuna e começaram dentro do circulo do mesmo anno a responder felicidades a infortunios. Em agosto vencido o inimigo nos compos com aquella tão afortunada victoria, onde com morte de um só soldado nosso, de mais de trezentos hollandezes apenas escaparam septe. Em septembro recuperado o Rio-real e desalojado o inimigo á força de nossas armas e do desengano de seus designios. Em outubro (que cada mez parece que tomou á sua conta um bom successo e este muitos) em outubro os intentos do hollandez no Camanú reprimidos; os temores do gentio nos ilheus, socegados e sobre tudo a gloriosa victoria do Espirito-sancto, mais alcançada com o poder de sua graça, que com as forças da natureza. Em novembro o incendio das canas e assolação dos engenhos de Pernambuco; terrivel guerra e a que mais desespera ao inimigo. Em dezembro embaixadores do mesmo n'este porto a pedir tregoas, a offerecer partidos, a reconhecer a superioridade de nossas armas, de que pouco antes tanto zombavam. Pois d'onde imaginais que nos veio esta felicidade? Quem

trocou as mãos á fortuna? Quem fez esta tão grande mudança? Nós hontem tremendo dos hollandezes, elles hoje a tremer de nós. Nós hontem a receiar que nos fizessem guerra, elles hoje a pedir-nos pazes. Os nossos engenhos hontem queimados e os seus em pé; os seus hoje em pó e em cinza e os nossos reedificados e moendo todos. D'onde tanta felicidade? D'onde tão notavel mudança?

Muito trabalharam o Vice-rei e os soldados portuguezes: comtudo querem que a gloria se dê toda a Deus.

VII. Bem vejo que me podeis dizer, que responde o fructo ao trabalho e que teem grande parte n'estes bons successos os cuidados e industrias, as diligencias e execuções humanas. Tantos soccorros ao Rio-real de gente, de munições, de bastimentos por mar e por terra: soccorros ao Morro e suas villas: soccorros á capitania do Espirito-sancto. Para divertir o inimigo tropas e mais tropas á campanha: portuguezes por mar: negros e indios por terra. Para intentos do Reconcavo e para outros grandes usos do serviço d'El-Rei e allivio dos moradores, tantas embarcações de remo, maiores e menores, barcos, fragatas e galés. Para maiores designios os navios de alto bordo apparelhados. Para sitio as fortificações renovadas e emendadas, novos fossos, novos baluartes. Prevenções para artilharia, prevenções para bastimentos, prevenções para futura armada. E como em todo o tempo e logar obram as mãos no mar e na terra, nas nossas terras e nas do inimigo, no presente e para o futuro, não é muito que colhamos ás mãos cheias os fructos de tão diligentes cuidados; e que se logre felizmente em nossas execuções o acerto com que se ordenam e a industria com que se obram. Bem o vejo, assim como o vêem todos; e confesso que o que se tem trabalhado em seis mezes, parece obra de muitos annos. Mas justo é que eu me conforme e todos nos conformemos com o desinteressado animo e zelo verdadeiramente christão de sua excellencia; e que apartando os olhos de todo o concurso e cooperação humana, só a Deus reconheçamos por unico e total auctor d'estas felicidades; e entre os ricos thesouros dos reis orientaes lhe offereçamos a pobreza de nossos affectos em humilde acção de graças, em reconhecida confissão de suas divinas misericordias.

Mais louvaveis do que David que offereceu ao templo só a espada.

Bem poderamos, seguindo a justiça de Christo, dar o de Deus a Deus e o de Cesar a Cesar. Mas o de Deus e o de Cesar tudo quer o mesmo Cesar que se dê a Deus; que sem Deus não ha Cesares nem Alexandres. Quando David venceu ao gigante Golias, a espada com que lhe cortou a cabeça dedicou-a ao templo; e a funda com que disparou a pedra pendurou-a em sua casa. A razão d'esta repartição foi, porque como o braço de Deus e o braço de David concorreram para vencer e derribar o gi-

gante, justo era que entre Deus e David se repartissem os despojos e tropheos da victoria, e que a David ficasse a funda e a Deus se dedicasse a espada. Esta justa repartição podera tambem fazer o nosso victorioso David na occasião presente: offerecer a espada a Deus n'esta egreja e a funda pendural-a gloriosamente em seu palacio: dedicar a Deus na espada as execuções de perto e attribuir-se a si na funda as assistencias de longe. Mas funda e espada, assistencias e execuções, tudo dá, tudo offerece a Deus em perfeito holocausto de agradecimento; penhorando com tão liberal e piedoso desinteresse os favores da divina Bondade: para que a estes felizes principios respondam fins felicissimos e por estas primeiras victorias cheguemos á ultima tão desejada.

Esperanças da restauração do Brazil.

VIII. E na verdade, senhores, (dae-me attenção por caridade que vol-a espero merecer) e na verdade que se dos successos presentes quizermos fazer conjectura para os futuros, que nunca eu vi mais fundadas as esperanças da desejada restauração do Brazil. Vamos ao evangelho; e já que o não explicámos no principio, explical-o-hemos agora todo a este intento.

A vinda do vice-rei ao Brazil e a de Christo ao mundo.

Cum natus esset Jesus em Bethlehem Juda in diebus Herodis. Pondera S. Pedro de Ravenna, porque veio Christo ao mundo *in diebus Herodis regis*, nos dias em que debaixo do imperio de Herodes estava o reino hebreu mais tyrannizado que nunca, e assim o espiritual como o temporal d'elle mais perdido; e dá o sancto Padre esta razão: Sabeis porque veio n'estes dias e n'estes tempos calamitosos o nosso divino Restaurador? *Expulsurus tyrannum, vindicaturus patriam, instauraturus orbem, libertatem redditurus adventat*: porque ha de lançar fóra o inimigo, porque ha de vingar as injurias da patria, porque ha de restaurar o mundo, porque ha de restituir a liberdade aos que ha tanto tempo a teem perdido.

A perturbação de Herodes e a dos hollandezes

N'este tempo veio Christo ao mundo; e n'este mesmo tempo o vieram buscar os Magos perguntando em Judéa ou acclamando, como dizem os sanctos, o nome do Rei nascido; e que aconteceu? *Turbatus est Herodes et omnis Jerosolyma cum illo:* turbou-se Herodes e toda Jerusalem com elle: que como o povo é espelho do rei, não é muito que, mudando o rei as côres, as perdessem tambem os vassallos e que a perturbações reaes respondessem desmaios populares. Mas porque se perturba Herodes? Saibamos. Turba-se e perturba-se, diz S. João Chrysostomo, porque como era rei extrangeiro, de geração idumeu, injusto e tyrannico possuidor do sceptro de Judéa; tanto que ouviu fallar na vida do novo rei, persuadiu-se que o reino havia de tornar a seu legitimo senhor; e elle havia de ser desposşuido e lançado fóra.

Ah! Herodes hollandez! Ah Jerusalem pernambucana! Como te vejo turbada e perturbada! Que côres são essas tão inconstantes que se te vão e se te veem ao rosto? Já cholerica ameaçando guerra, já medrosa offerecendo pazes; já resistindo na campanha, já desesperando da defeza; já accomettendo as nossas praças, já promettendo-as antes de serem suas; já do Norte, já do Sul; já pelo mar, já por terra; intentando tudo e não acabando nada; começando e não proseguindo! Que perturbações são estas! Sem duvida turba-se Herodes, porque vê que é chegado o Messias que ha de restituir a Israel. Turba-se a garça livre; porque reconhece com instincto natural o falcão que a ha de levar nas unhas. Turbam-se as aguas da piscina, porque é chegado o anjo que ha de sarar ao paralytico. E senão pergunto eu: Qual foi o motivo d'esta perturbação de Herodes? O motivo principal, como bem nota o mesmo S. João Chrysostomo, foi o vêr Herodes que tão poucos homens e nem todos elles brancos (que um dos Magos era negro, como diz a tradição) vêr, pois, que tão poucos brancos e negros, vinham tantas legoas de caminho marchando confiadamente por suas terras e acclamando o nome de um novo Rei sem temor de seus exercitos: isto fazia turbar e perturbar a Herodes, isto fazia temer e tremer toda Jerusalem. Pois se esta resolução dos Magos perturba a Herodes, quanto maiores motivos ou não menos que eguaes tem o hollandez rebelde de se perturbar, vendo as nossas tropas de quatro portuguezes e quatro negros marcharem tantas legoas de difficultosissimos caminhos, sem camellos nem elephantes que lhes levem as bagagens; e andarem livre e intrepidamente em suas campanhas talando e abrazando tudo, a pezar de seus presidios, e acclamando o inviso nome do monarcha das Hespanhas e de seu novo general? Oh como temerão os rebeldes de medir a espada e de vir ás mãos de perto com o valoroso Samsão que por meio de tão fraco, se industrioso poder, lhe abraza suas ricas searas! Se Christo no presepio e entre palhas faz tremer a Herodes e a Jerusalem, que seria, diz Chrysologo, se viesse com poder e acompanhado de numeroso exercito? Se com palhas se faz tanta guerra ao inimigo (que quatro palhas são as que queimaram as ricas searas e doces minas do Brazil n'aquella campanha) que será quando as palhas se troquem em lanças e a guerra se faça não a lume de palhas, senão a fogo de canhões?

O tracto secreto de Herodes com os Magos não imitado para bem e imitado para mal.

IX. Estes venturosos prognosticos são os que perturbam ao hollandez, similhantes ás perturbações e receios de Herodes: o qual para saber o que rezavam as Escripturas em caso de tanta importancia, mandou chamar os escribas e principes dos sa-

cerdotes: que cada um sabe o que estudou. Tempo e logar sei eu em que talvez para duvidas ecclesiasticas se mandaram consultar capitães e para negocios militares se pediu conselho aos bispos: por isso o mundo vai como vai. Resolveu o cabido dos sacerdotes e escribas que segundo prophecia expressa de Michéas havia Christo de nascer em Belém. E Herodes, que já lhe traçava a morte antes de lhe averiguar o nascimento, fechou-se em secreto com os Magos para colher as noticias necessarias a seu designio. Por este tracto, como aqui nota um auctor chegou a intentar que os Magos fossem espias contra o mesmo principe que acclamavam: Ide, disse Herodes aos magos, ide, sabei, informae-vos; e como tiverdes noticias tornae e avisar-me-heis. É verdade que os Magos não o fizeram assim. Mas nem todos teem tanta fé, nem tanta fidelidade; e finalmente intenda cada um no que lhe toca.

A estrella dos Magos e as outros reis

Com este despacho do rei sairam da cidade de Jerusalém os Magos; e tanto que estiveram fóra appareceu-lhes logo a estrella que se lhes tinha escondido. Notae commigo por caridade, que em quanto os reis andaram pela campanha, tiveram estrellas, tanto que se metteram na cidade, logo desappareceu; e em quanto estiveram na côrte nunca mais a viram. Cuidarem os reis que hão de ter estrella, que hão de conservar em felicidade seus reinos estando nas côrtes e não saindo nunca d'ellas?! Não o intenderam assim os felicissimos reis de Portugal: não o intendeu assim o famosissimo imperador Carlos V: nem o intende assim o invictissimo monarcha Philippe IV o grande. Em muita suspensão tem posto a Hespanha o levantamento de Catalunha. Mas como sua majestade (Deus o guarde) sái á campanha, a estrella escondida apparecerá e grandes esperanças podemos ter de mui feliz successo. Do Brazil sei eu dizer ao menos que a causa de se esconder a estrella aos portuguezes, aquella estrella que com tanta gloria de Deus e de Portugal viram no Oriente nossos antepassados, a causa de se nos esconder muitas vezes esta estrella no Brazil, é porque nos mettemos nas cidades, como fizeram os Magos em Jerusalem. Era dictame mui antigo e mui ordinario que El-Rei mandava defender esta ou aquella praça; e interpretavam-se essas ordens tão estreitamente, como se a Bahia não fôra mais que das portas de S. Bento até ás do Carmo; e aqui dentro nos estavamos. A verdadeira guerra defensiva é aquella que offende ao competidor dentro em suas terras; e nunca as cidades estão mais seguras ao perto, que quando o inimigo se divide e se entretem ao longe. Sabeis, senhores, porque temos já occasiões de dar graças, tendo tantas até agora de lagrimas? Sabeis d'onde nos

veem estas principiadas felicidades? É porque não esperámos a estrella dentro de Jerusalem, senão porque a imos buscar á campanha. Porque marcharam terços e exercito no Rio-real: porque se mandou infantaria ao Morro e ás outras ilhas; porque partiram repetidamente tropas e mais tropas á campanha de Pernambuco: por isso tornou a apparecer e se nos mostrou já a estrella que ha tantos dias tinha desapparecido: *Et ecce stella quam viderant in oriente antecedebat eos.*

A alegria dos Magos e a dos portuguezes em apparecer-lhes novamente a sua estrella.

Vendo outra vez a estrella, diz o texto sagrado que festejaram com grande encarecimento os Magos: *Gavisi sunt gaudio magno valde:* alegraram-se com gosto grande. Não vos gabo a collocação das palavras. Mas esse mesmo desconcerto foi ordenado com divina rhetorica: que quem se soube alegrar concertadamente não lhe saltava o coração de véras. Festejaram os Magos a estrella extraordinariamente; e com estas alegres demonstrações nos canonizaram as festas publicas com que hoje em universal applauso se solemnizam estes felizes successos: que ainda que não chegámos á desejada Belém, ainda que não restaurámos Pernambuco, bastante occasião é de alegria vêr recuperada a estrella em cujo seguimento havemos de chegar.

Adoração dos Magos e embaixada dos hollandezes.

Seguindo a sua chegaram finalmente os reis ao presepio: e adoraram ao Menino Deus em muito mais levantado throno que o que deixou no céu: porque estava nos braços da Virgem: offereceram a seus pés os presentes que traziam: *Obtulerunt ei munera.* Pois que novidade é esta? repara Sancto Agostinho. Por ventura não nasceram e viveram em Judéa outros reis nos tempos passados? Pois porque os não vieram adorar e reconhecer com presentes os extrangeiros, senão a este novo Rei, não tendo elle poderoso exercito, como os demais, a cujo terror e assombro se humilhassem? A razão verdadeira é tão clara, que não tem necessidade de expositor; e foi, diz Sancto Agostinho, porque nenhum dos outros reis, senão este, era o Messias; e só elle havia de encher as esperanças de Israel e n'ellas as de todo o mundo. Em prophecia d'estas futuras glorias vieram adorar a Christo com tributos e presentes os embaixadores da gentilidade (que assim chama David aos Magos): *Venient legati ex Egypto.* E que outras consequencias posso eu fazer senão estas mesmas, quando vejo no meio d'aquella bahia o que em nenhum outro tempo vimos, nau hollandeza com embaixadores e com presentes? Sem duvida que estes presentes significam os futuros que elles temem e nós esperamos. Conjecturam os fins pelos principios; e porque experimentaram o que é, temem o que ha de ser: vimos a sua estrella e por isso o vimos a adorar. Viram e experimentaram os rebeldes em to-

das as occasiões proximas que sempre levaram a peior das nossas armas, ou no Norte ou no Sul, ou no mar ou na terra, ou nos seus paizes ou nos nossos. E o reconhecimento d'esta estrella os traz humildes a tributar adorações e offerecer concertos; parecendo-lhes que o que a nós é estrella feliz, a elles é cometa temeroso e sanguinolento, que sobre tanto sangue derramado lhes ameaça a derradeira ruina.

O desinteresse é o melhor prognostico da restauração do Brazil. Isaias. c. 1

X. Finalmente diz o Texto que os Magos offereceram thesouros, mas não diz se foram acceitados ou não. A opinião commum dos Doutores é que sim: comtudo outros duvidam e com algum fundamento: de maneira que é certo e de fé que os thesouros se offereceram; mas ficou em opinião e em duvida se se aceitaram ou não. Este para mim é o mais verdadeiro prognostico da nossa restauração. Senhor de quem se diz que lhe offereceram e não se diz que acceitou, elle restaurará o mundo. E se não pergunto: Porque se perde o mundo todo e porque se perdeu o Brazil? Ouvi ao propheta Isaias que em cabeça de Jerusalem parece que está fallando comnosco no capitulo primeiro: *Terra vestra deserta, civitates vestrae succensae igni; regionem vestram coram vobis alieni devorant.* Menos ha de oito mezes que tudo isto vimos com nossos olhos. Olhae, portuguezes do Brazil, diz Deus, olhae para vossas terras desertas e despovoadas: olhae para vossas cidades abrazadas e consumidas a fogo: olhae para vossos campos e ricas lavouras que as andam desfructando os extrangeiros e logrando a vosso pezar os grossos interesses d'ellas; e o peior é que ainda a espada de minha vingança não está satisfeita, ainda o castigo ha de ir por deante: *Et desolabitur sicut in vastitate hostili.* Pois, Senhor, o Brazil não é uma parte, e não a menor, de Portugal, reino tão catholico, tão pio, tão religioso? Não se vos offerecem a este fim tantas orações, tantos jejuns, tantas penitencias, tantos sacrificios? Pois estas obras de culto divino e de piedade christã, como vos não abrandam? Vêde o que responde o Senhor: *Incensum abominatio est mihi, neomeniam et sabbathum et festivitates alias non feram: Kalendas vestras et solemnitates vestras odivit anima mea:* abomino vossas orações, não quero vossos sacrificios, abhorrecem-me vossas festas e solemnidades, o culto divino com que me adorais não o posso vêr, enfastia-me; e por mais que bradeis ao céu, não vos hei de ouvir: *Et cum multiplicaveritis orationem, non exaudiam.* (Vai a causa de todos estes males). *Manus enim vestrae sangnine plenae sunt.* Porque as vossas mãos estão cheias de sangue. Cheias do sangue do povo, cheias do sangue do orphão, cheias do sangue do pobre e miseravel, que está cada dia mendigando com

o suor de seu rosto. Eis aqui porque se perdeu o Brazil; eis aqui porque se perdeu o mundo e porque os castigos do céu vão por deante. Pois tem este mal algum remedio? Sim: muito facil: *Lavamini, mundi estote et venite et arguite me, dicit Dominus.* Lavae as mãos, haja limpeza de mãos, diz Deus; e se eu não levantar mão do castigo, se eu vos não ajudar e favorecer em tudo, se eu vos não der victorias contra vossos inimigos; vinde, argui-me, dizei que sou injusto; que eu vos dou licença. E bem o vemos. Sabeis porque nos dá Deus as victorias ás mãos lavadas? Assim o foram todas as que n'estes dias tivemos: porque matando sempre tantos centos de hollandezes, da nossa parte entre todos apenas se contam quatro ou cinco mortos; sabeis porque é isto? Eu vol-o direi em uma palavra: dá-nos Deus as victorias ás mãos lavadas; porque se lavaram as mãos. Porque ha limpeza de mãos, porque se não tingem as mãos no sangue do povo, por isso as vemos ensanguentadas gloriosamente no sangue dos inimigos, por isso tudo luz, por isso tudo cresce, por isso tudo vai por deante; e como por falta d'isto se perdeu o Brazil, assim por isto se ha de recuperar, que é o que só resta no evangelho: *Reversi sunt in regionem suam.*

Deve-se voltar a Pernambuco, á imitação dos Magos, por outro caminho.

Tornaram os Magos para as suas terras; e da mesma maneira torneremos nós finalmente para as nossas; porque se foi oraculo da tornada voltar por outro caminho, bem differente caminho leva a restauração do Brazil, do caminho ou descaminho por onde se perdeu. Não ha muitos mezes que mostrei, se me não engano, que por falta de justiça nos falta hoje a primeira e maior parte d'este estado; *Regnum de gente in gentem transfertur propter injustitias;* (Eccli. 10) e como pela misericordia do céu temos tanta justiça na terra, castigando-se os criminosos, premiando-se os benemeritos, reprimindo-se as violencias dos grandes, acodindo-se aos gemidos dos pequenos; não ha duvida que se pelas portas da injustiça saimos e fomos lançados da nossa região, pelas portas da justiça tornaremos e seremos restituidos a ella. Mas como nas causas publicas e communs não bastam as influencias da cabeça, se discorda a cooperação dos membros; lembremo-nos todos, christãos, do que a todos diz n'este passo Sancto Eusebio Emisseno: *Revertamur et nos per aliam viam in regionem nostram; quia per illam qua exivimus redire non possumus.* Tornemos por outro caminho á nossa região, ao nosso desejado Pernambuco; porque não podemos tornar por aquelle por onde saimos. Se saimos pelo caminho das soberbas, dos homicidios, dos odios, dos adulterios e dos outros peccados, rogue-

mos a Deus que nos deixe tornar pelo caminho da virtude, pelo caminho da penitencia, pelo caminho do arrependimento, pelo caminho da graça penhor da gloria: *Quam mihi et vobis, etc.*

(Ed. ant. tom. 15.°, pag. 1, ed. mod. tom. 7.°, pag. 355.)

SERMÃO DOS BONS ANNOS *

PRÉGADO EM LISBOA NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1642

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Foi esta a primeira vez que Vieira prégou na capella real e fez pasmar a sua patria com os prodigios de sua eloquencia Ao sermão se lhe deve dar desconto segundo as opiniões que corriam em Portugal na epocha da restauração.

Postquam consummati sunt dies octo ut circumcideretur Puer, vocatum est nomen ejus Jesus: quod vocatum est ab Angelo, priusquam in utero conciperetur.

S. Luc. 2.

Quão difficultoso é dar bons annos.

Em um mundo tão avarento de bens, onde apenas se encontra com um bom dia, ter obrigação de dar bons annos, difficultoso empenho! Deus que é auctor de todos os bens, os dê a vossas reaes majestades felicissimos, mui altos e mui poderosos reis e senhores nossos, com a vida, com a prosperidade, com a conservação e augmento de estados, que as esperanças do mundo publicam, que o bem da fé catholica deseja, que a monarchia de Portugal ha mister e que eu hoje quizera prometter e ainda assegurar. Em um mundo, digo, tão avarento de bens, onde apenas se encontra com um bom dia, ter obrigação de dar bons annos, difficultoso empenho! E na minha opinião cresce ainda mais essa difficuldade, porque isto de dar bons annos intendo-o de differente maneira do que commummente se practica no mundo. Os bons annos não os dá quem os deseja, senão quem os assegura. A quantos se desejaram n'esta vida, a quantos se deram os bons annos, que os não lograram bons, senão mui infelizes? Segue-se logo, propria e rigorosamente fallando, que não dá os bons annos quem só os deseja, senão quem os faz seguros. Esta é a difficuldade a que me vejo empenhado hoje, que o tempo faz ainda maior.

Sobretudo em tempo de guerras e de felicidades.

Em todo o tempo é difficultosa cousa segurar annos felizes; mas muito mais em tempo de guerras e em tempo de felicida-

des. Se o dia dos bens é vespera dos males; se para merecer uma desgraça, basta ter sido ditoso; quem fará confiança em glorias presentes para esperar prosperidades futuras? Se a campanha é uma meza de jogo, onde se ganha e se perde; se as bandeiras victoriosas mais firmes seguem o vento contrario que as menea; quem se prometterá firmeza na guerra que derriba muralhas de marmore? E como a guerra e a felicidade são dous accidentes tão varios, como a fortuna é arbitra do mundo tão inconstante, como poderei eu seguramente prometter bons annos a Portugal em tempo que o vejo por uma parte com armas nas mãos, por outra as mãos cheias de felicidades?

O mesmo evangelho parece que promette ameaças mais que esperanças.

Se appello para o evangelho tambem parece que promette ameaças mais que esperanças; porque «vemos n'elle o divino Infante que começa o novo anno derramando o sangue da circumcisão por signal que um dia o derramará todo no Calvario. E com prognosticos tão sanguinosos como prometter annos de prosperidade?»

Comtudo o assumpto do sermão será. *Felicidades de Portugal, juizo dos annos que veem.* Funda-se no evangelho. S. Cyrillo.

Ora com isto se representar assim, com o evangelho e o tempo parecer que nos promettem poucas esperanças de felizes annos; do mesmo tempo e do mesmo evangelho hei de tirar hoje a prova e segurança d'elle. Será pois a materia e empreza do sermão esta: *Felicidades de Portugal, juizo dos annos que veem.* Digo dos annos e não do anno; porque quem tem obrigação de dar bons annos, não satisfaz com um só, senão com muitos. Funda-me o pensamento o mesmo evangelho, que parece o desfavorecia: porque toda a materia e sentido d'elle é um prognostico de felicidades futuras. Toda a materia do brevissimo evangelho que hoje canta a Egreja vem a ser a circumcisão de Christo e o nome sanctissimo de Jesus. D'estes dous mysterios se compoz «por assim dizer» uma constellação benignissima, figura de todo o bem e remedio do mundo, que o Senhor havia de obrar nos seus maiores annos. S. Cyrillo: *Vocatum est nomen ejus Jesus quod interpretatur Salvator: adventus enim fuit ad totius mundi salutem, quam sua circumcisione praefiguravit:* Grande palavra! *Praefiguravit.* De sorte que circumcidar-se Christo e chamar-se Jesus no dia de hoje foi levantar figura aos successos dos annos seguintes, á salvação, e felicidades futuras de todo o genero humano: *Totius mundi salutem, quam sua circumcisione praefiguravit.* O céu quando se põi de vermelho que prognostica? O mesmo Christo o disse: que não é menos que sua esta mathematica: *Serenum erit, rubicundum est enim coelum.* Quando o céu se veste de vermelho prognostica serenidade. E como aquelle céu animado, como aquelle rei celestial se veste hoje da purpura de seu sangue,

serenidades e felicidades grandes nos prognostica que nas acções do tempo e nas palavras do evangelho iremos discorrendo por partes. «Dae-me attenção.»

O nome de Jesus annun ciado pelo an para que nã se julgue inve tado por homens.

II. *Postquam consummati sunt dies cito ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus; quod vocatum est ab Angelo priusquam in utero conciperetur.* Comecemos por estas ultimas palavras. Diz S. Lucas que passados os oito dias, termo da circumcisão, lhe pozeram a Christo por nome Jesus; e nota, antes manda notar, o evangelista, que este nome foi annunciado pelo anjo, antes que o Senhor fosse concebido: *Quod vocatum est ab Angelo priusquam in utero conciperetur.* Dá razão d'esta advertencia a glossa interlineal; e diz, que foi para que não parecesse este glorioso nome machinado por intervento dos homens, senão mandado, como era, pela vontade de Deus. Entrou Christo no mundo a reduzil-o com o nome de Salvador e Libertador; que isso quer dizer Jesus. Pois para que esta appellidada liberdade não a possa julgar alguem por invenção e obra humana, seja prophetizada e revelada primeiro por um ministro da Providencia divina: *Quod vocatum est ab Angelo, priusquam in utero conciperetur.*

Por isso foi annunciada tanto tempo a tes a restaur ção de Portug O desejo e a difficuldade f zem as cous pouco crivei como acontec a Sara, a S Pedro e ao Israelitas ca ptivos em Babylonia.

Não quero referir prophecias do bem que gozamos, porque as supponho mui prégadas n'este logar e mui sabidas de todos; reparar sim e ponderar o intento d'ellas quizera. Digo que ordenou Deus que fosse a liberdade de Portugal com os venturosos successos d'ella tanto tempo antes e por tão repetidos oraculos prophetizada, para que, quando vissemos estas maravilhas humanas, intendessemos que eram disposições e obras divinas; e para que nos allumiasse e confirmasse a fé, onde a mesma admiração nos embaraçasse. (Fallo de fé menos rigorosa, quanta cabe em materias não difinidas, posto que de grande certeza.) Por duas razões se persuadem mal os homens a crer algumas cousas: ou por muito difficultosas, ou por muito desejadas: o desejo e a difficuldade fazem as cousas pouco criveis. Era Sara de edade de noventa annos sobre esteril: promette-lhe um anjo que Deus lhe daria fructo de benção; e diz a Escriptura que se riu e zombou muito d'isso Sara; e ainda depois de ter um filho, chamou-lhe Isaac, que quer dizer riso. Estava S. Pedro em poder do rei Herodes preso e com apertada guarda: appareceu-lhe outro anjo, que lhe quebrou as cadeias e o livrou; e diz o Texto sagrado que cuidava que era aquillo um sonho e illusão. Pois Pedro, pois Sara, que incredulidade é esta? Vê-se Sara com um filho nos braços e chama-lhe riso? Vê-se Pedro com as cadeias fóra das mãos e chama-lhe sonho? Assim havia de ser: porque ambas eram cousas muito

difficultosas e muito desejadas. Desejava Sara um filho, como a successão; desejava Pedro a liberdade, como a mesma liberdade e bem da Egreja: a successão de Sara estava em poder de noventa annos: a liberdade de Pedro estava em poder de Herodes e de seus soldados; e como a difficuldade era tão grande e o desejo egual á difficuldade, ainda que viam com seus olhos e tinham nas mãos o que desejavam, a Sara parecia-lhe cousa de riso, a Pedro parecia-lhe cousa de sonho. Que Sara esteril haja de ter um filho? Que a prosapia real portugueza esterilizada e attenuada na decima sexta geração haja de ter descendente que lhe succeda? Que Sara depois de noventa annos! que a coróa de Portugal depois de sessenta! o que não teve quando estava na flôr de sua edade, o que não teve quando estava com todas as suas forças, o viesse alcançar depois de envelhecida e quebrantada? Muito desejavamos, muito suspiravamos por este bem: mas quanto maior era o desejo, tanto mais parecia cousa de riso. Que Pedro em poder d'el-rei Herodes, que Portugal em poder não de um, senão de muitos reis que o dominavam, lhe houvesse de escapar das mãos tão facilmente! Que Pedro cercado de guardas, que Portugal presidiado de infanteria em tantos castellos, em tantas fortalezas, sem se arrancar uma espada, sem se disparar um arcabuz, conseguisse em uma hora sua liberdade! Era impreza esta tão difficultosa, representava-se tão impossivel ao discurso humano, que lhe parecia sonho e illusão. Assim lhes aconteceu aos filhos de Israel, quando se viram livres do captiveiro de Babylonia, que incredulos de admirados tinham a verdade por imaginação e cuidavam que estavam sonhando o que viam com os olhos abertos: *In convertendo Dominus captivitatem Sion facti sumus* (lê o hebreu) *sicut somniantes*. E como os successos de nossa restauração eram materias de tão difficultoso credito, que ainda depois de vistos parecem sonho e quasi se não acabam de crer, ordenou Deus que fossem tanto tempo antes com tão singulares circumstancias e com o nome do mesmo libertador prophetizadas; para que a certeza das prophecias desfizesse os escrupulos da experiencia; para que sendo objecto de fé, não parecesse illusão dos sentidos; para que revelando-as tantos ministros de Deus, se visse que não eram inventos dos homens: *Quod vocatum est ab Angelo, priusquam in utero conciperetur.*

Ps. 75

III. Temos considerado «a ultima parte do evangelho; vamos agora á primeira». *Postquam consummati sunt dies octo ut circumcideretur Puer* O que aqui pondera e sente muito a piedaded os sanctos, principalmente S. Bernardo, é que nascido de oito dias, sujeitasse o Senhor aquelle corpozinho tenro ao duro

A circumcisão de Christo foi muito cedo para a dôr mas não para o remedio. Queixa dos discipulos de Emmaús.

golpe da circumcisão. Tão depressa? Aos oito dias já derramando sangue? D'esta pressa se espantam os doutores; «e não ha duvida que foi muito cedo para a dôr. Porem seja-me permittido observar, que se foi muito cedo para a dôr, não foi muito cedo para o remedio». Que venha Christo a remir e que espere dias? E que espere horas? E que espere instantes? Quem cuida que é pouco tempo oito dias, mal sabe que é esperar pela redempção. Quando Christo se encontrou com os discipulos de Emmaús iam elles contando a historia de seu Mestre e a causa que os levava peregrinos por este mundo; e disseram estas notaveis palavras: Nós esperavamos que este nosso Mestre havia de remir o povo de Israel; e no cabo de tudo isto vêmos agora que já se vão passando tres dias depois da sua morte. Tres dias? Pois que muito é isso? Que espaço de tempo são tres dias para uns homens desmaiarem? Para uns homens entristecerem? Para uns homens se desesperarem tanto? Não se desesperavam, porque eram tres dias, senão porque eram tres dias de esperar pela redempção. Esperavam aquelles discipulos que o Senhor havia de remir a Israel; e para quem está captivo, para quem espera pela redempção, tres dias é muito tempo: já se vão passando tres dias, dizem, como se foram passadas tres eternidades. E se tres dias é muito tempo para quem espera pela redempção, quanto mais tempo seriam os oito dias, que se dilatou a circumcisão de Christo, pois esperava o mundo n'elles que começasse o Senhor a derramar o sangue e dar o preço com que nos remiu? Bem o intendeu assim o evangelista, porque havendo de contar estes oito dias, veja-se o apparato de palavras com que o faz: *Postquam consummati sunt*, depois que foram consummados, parece que armava a dizer oito seculos ou oito mil annos segundo a grandeza vagarosa e ponderação das palavras; e no cabo disse *dies octo*, oito dias: que como eram dias de esperar redempção, ainda que não foram mais que oito, pareciam uma duração mui comprida e que não acabavam de chegar, segundo tardavam: *Postquam consummati sunt dies octo ut circumcideretur puer*. E se oito dias de esperar pela redempção e ainda tres dias é tanto tempo; quanto seria ou quanto pareceria não tres dias nem oito dias, não tres annos nem oito annos, senão sessenta annos inteiros? Não me paro a o ponderar, porque em dia de festa não dizem bem memorias de tristezas; ainda que os males passados parte vem a ser de alegria. O que digo é, que nos devemos alegrar com todo o coração e dar immortaes graças a Deus, pois vemos tão felizmente logradas nossas esperanças. Nem nos peze de ter esperado tão longamente;

porque se ha de recompensar a dilação da esperança com a perpetuidade da posse.

Porque se dilataram tanto tempo a redempção do mundo e a restauração de Portugal.

Perguntam os theologos com Sancto Thomás na terceira parte, porque se dilatou tanto tempo o mysterio da Incarnação? Porque não desceu o Verbo Eterno a remir o mundo, senão depois de tantos annos? Varias razões dão os doutores: a de Sancto Agostinho é muito propria do que queremos dizer a respeito da nossa restauração: *Diu fuit expectandus, semper tenendus.* Quiz o Verbo Eterno que esperassem os homens e suspirassem tantos seculos por sua vinda: porque era bem que fosse muito tempo esperado um bem que havia de ser sempre possuido. Haviam os homens de gozar para sempre a presença de Christo, havia o Verbo de ser homem perpetuamente; *Quod semel assumpsit, nunquam dimisit*: o que uma vez tomou, nunca mais o largou. Seja, pois, este bem por muito tempo esperado; pois ha de ser por todo o tempo possuido, e mereça com as dilações da esperança a perpetuidade da posse: *Diu fuit expectandus, semper tenendus.*

Prophecia de S. Frei Gil.

Não necessita de accomodação o logar, de firmeza sim, pelas dependencias que tem do futuro; mas um espirito prophetico e portuguez nos fiará a conjectura d'esta tão gostosa verdade. São Frei Gil. religioso da sagrada ordem de S. Domingos, n'aquellas suas tão celebradas prophecias diz d'esta maneira: *Lusitania sanguine orbata regio diu ingemiscet: sed propitius tibi Deus; et insperate ab insperato redimeris.* A Lusitania, o reino de Portugal, morrendo seu ultimo rei sem filho herdeiro gemerá e suspirará por muito tempo. Mas Deus lembrar-se-ha de vós, ó patria minha, e sereis remida não esperadamente por um rei não esperado. E depois de assim remido, depois de assim libertado Portugal, que lhe succederá? *Africa debellabitur: imperium ottomanum ruet: domus Dei recuperabitur: aetas aurea reviviscet; pax ubique erit: felices qui viderint.* Será vencida e consquistada a Africa; diz o Sancto: o imperio ottomano cairá sujeito e rendido a seus pés: a casa Sancta de Jerusalem será finalmente recuperada: e por corôa de tão gloriosas victorias resuscitará a edade dourada: haverá paz universal no mundo. Ditosos e bemaventurados os que isto virem! Até aqui S. Frei Gil prophetizando. De sorte que assim como antes da redempção houve suspirar e gemer, assim depois da redempção haverá possuir e gozar; e assim como os suspiros e gemidos duraram por tantos annos, assim as felicidades e os bens permanecerão sem termo e sem limite. O muito quer Deus que não custe pouco; e era justo que a tanta gloria precedesse tanta esperança, e que, quem havia de gozar sempre, suspirasse mui-

to: *Lusitania diu ingemiscet. Diu fuit expectandus semper tenendus.*

E já que vai de esperanças, não deixemos passar sem ponderação aquellas palavras mysteriosas que disse S. Frei Gil: *Insperate ab insperato redimeris.* De proposito reparei n'ellas para refutar com suas proprias armas alguma reliquia, que dizem que ainda ha, da seita ou desesperação dos que esperavam por el-rei D. Sebastião de gloriosa e lamentavel memoria. Diz a prophecia que seria remido Portugal não esperadamente por um rei não esperado. Segue-se logo evidentemente, que não podia el-rei D. Sebastião ser o libertador de Portugal; porque era tão esperado vulgarmente, como sabemos todos. Assim que os mesmos sequazes d'esta opinião com seu esperar destruiam sua esperança: porque quanto o faziam mais esperado, tanto confirmavam mais que não era elle o promettido.

Exclui-se n'ella claramente o retorno de D. Sebastião.

Mas ainda que concedamos que os portuguezes não souberam esperar, não lhe neguemos que souberam amar; e com muita ventura: que talvez buscando a um rei morto se vem a encontrar com um vivo. Morto buscava a Magdalena a Christo na sepultura; e a perseverança e o amor com que insistiu em o buscar morto foi a causa de que o Senhor lhe enxugasse as lagrimas e se lhe mostrasse vivo. Grande exemplar temos entre mãos. Assim como a Magdalena cega de amor chorava ás portas da sepultura de Christo, assim a «nação portugueza» sempre amante de seus reis, insistia ao sepulchro d'el-rei D. Sebastião, chorando e suspirando por elle. E assim como a Magdalena no mesmo tempo tinha Christo presente e vivo e o via com seus olhos e lhe fallava e não o conhecia, porque estava encoberto e disfarçado; assim «a nossa nação» tinha presente e vivo a el-rei nosso senhor e o via e lhe fallava e não o conhecia, não só porque estava, senão porque era o encoberto. Mas emfim se descobriu o Senhor á Magdalena; mostrando que elle era por quem chorava, e aquella o reconheceu e se lançou a seus pés. Nem mais nem menos «a nossa patria» depois de seu ultimo rei. Buscava-o por esse mundo, perguntava por elle, não sabia onde estava, chorava, suspirava, gemia, «até que o rei vivo e verdadeiro, chegado o tempo opportuno, se manifestou e ella o reconheceu.» Então sim e não antes; então sim e não depois; porque aquelle e não outro era o tempo opportuno e determinado de dar principio á nossa redempção.

Chora a nação portugueza á sepultura de seu ultimo rei, como a Magdalena á de Christo.

Recebeu Christo o golpe da circumcisão e deu principio á redempção do mundo, não antes nem depois senão ponctualmente aos oito dias. Pois porque não antes, ou porque não depois? Não se circumcidára ao dia septimo? Não se circumcidára ao

Circumcida-se Christo aos oito dias e não antes nem depois.

dia nono? Porque não antes nem depois, senão ao oitavo? A razão foi, porque as cousas que faz Deus e as que se hão de fazer bem feitas, não se fazem antes nem depois, senão a seu tempo. O tempo assignalado nas Escripturas para a circumcisão era o dia oitavo, como se lê no Genesis e no Levitico: *Die octavo circumcidetur infantulus.* E por isso se circumcidou Christo sem se anticipar, nem dilatar, aos oito dias: porque como o Senhor remiu o genero humano por obediencia aos decretos divinos, o tempo que estava assignalado na lei para a circumcisão era o que estava predestinado para dar principio á redempção do mundo.

Lev. 12

Da mesma maneira á restauração de Portugal se deu principio ponctualmente no anno 40.

Da mesma maneira se deu principio á redempção e restauração de Portugal em taes dias e em tal anno, no celebradissimo de 40; porque esse era o tempo opportuno e decretado por Deus; e não antes nem depois, como os homens quizeram. Quizeram os homens que fosse antes, quando succedeu o levantamento de Evora; quizeram os homens que fosse depois; quando assentaram que o dia da acclamação fosse o 1.° de janeiro, hoje faz um anno: mas a Providencia divina ordenou que o primeiro intento se não conseguisse e que o segundo se anticipasse; porque ponctualmente se désse principio á restauração de Portugal a seu tempo: *Postquam consummati sunt dies octo.*

Os duques de Bragança escondidos em todo este tempo como Christo no Egypto.

Luc. 1
Matt 2
1 Mach. 15

D'aqui fica facilmente respondida uma não mal fundada admiração, com que parece podiamos reparar os portuguezes em que os serenissimos duques de Bragança vivessem retirados todos estes annos sem acudirem á liberdade do reino, como legitimos herdeiros que eram d'elle. Respondido está: declaro mais a resposta. Christo Redemptor nosso ainda em quanto homem, como provam muitos doutores, era legitimo herdeiro da corôa de Israel: *Dabit illi Dominus Deus sedem David Patris ejus; et regnabit.* Tinha tyrannizado este reino Herodes, homem extrangeiro, a quem por este e por muitos titulos não pertencia; e como, sobre ter usurpado o reino, elle quizesse tirar a vida a Christo, diz o Texto que o Senhor se lhe não oppoz, antes se retirou para o Egypto: *Secessit in Aegyptum.* Notavel acção! Não sois vós, Senhor, o verdadeiro rei de Israel, como legitimo herdeiro seu, que ainda que não empunhais o sceptro, rei sois e rei nascestes, e assim o confessam as nações e reis extrangeiros: *Ubi est qui natus est Rex Judeorum?* Pois como vos retirais agora, como vos não oppondes á tyrannia de Herodes, como ides viver ao Egypto e tantos annos? Não vêdes o que padecem tantos innocentes? Não ouvis que já chegam ao céu as vozes da lastimada Rachel que chora seus filhos: *Vox in Rama*

audita est ploratus et ululatus multus, Rachel plorans filios suos? Pois se a vós, como a rei natural, incumbe a restauração do reino, como vos retirais da empreza? Nem me alleguem em contrario os poucos dias que tinha o Senhor de vida, ou edade depois dos oito da circumcisão. Porque na mesma circumcisão e na mesma retirada do Egypto tinha e lhe sobejava tudo o que era necessario para livrar do captiveiro os que n'elle tinham a esperança da liberdade. Ou Christo os havia de remir com o sangue proprio, ou com o alheio: se com o proprio, bastava uma só gota do sangue da circumcisão, para remir não só o reino de Israel, senão todo o mundo: se com o sangue alheio, o mesmo anjo que disse a S. José: *Fuge in Aegyptum* podia fazer a Herodes e a todos os seus presidios e soldados o que o outro anjo fez aos exercitos d'el-rei Sennacherib, matando em uma noite oitenta e cinco mil dos que sitiavam a mesma Jerusalem. Pois se isto era não só possivel, mas facil ao legitimo e verdadeiro Rei de Israel, porque o não executou então? Porque não era ainda chegado o tempo, diz excellentemente S. Pedro Chrysologo: *Cedens tempori, non Herodi.* Tinha decretado e disposto que o tempo da redempção fosse d'alli a trinta e tres annos; e se a Providencia divina que tudo póde, espera pelas disposições e circumstancias do tempo: quanto mais a providencia humana, a qual o não sería se com toda a attenção e vigilancia as não observasse, aguardando pelas mais convenientes e opportunas que Deus e o mesmo tempo lhe offerecesse? Assim que podiam responder aquelles principes como ligitimos e naturaes senhorios e herdeiros da corôa de seus avós, o que em similhante caso disseram os famosos Machabeus, assim antes como depois de restituidos ao seu patrimonio; *Neque alienam terram sumpsimus, neque aliena detinemus, sed haereditatem patrum nostrorum quae injuste ab aliquo tempore ab inimicis nostris possessa est: nos vero tempus habentes vindicamos haereditatem patrum nostrorum.*

Circumcidavam-se os me ninos aos oit dias para que remedio da alma não fos perigoso ao corpo. Analogi da restaurac de Portugal.

E foi de tanta importancia esperar pela opportunidade do tempo, que por esta dilação se veio a lograr aquellla primeira maxima de toda a razão de estado, assim da Providencia divina como da providencia humana, que é saber concordar estes dous extremos, conseguir o intento e evitar o perigo. Já perguntámos: Que razão teve Christo para receber a circumcisão ao oitavo dia conforme a lei? Agora pergunto: Que razão teve a lei para mandar que a circumcisão se fizesse ao oitavo dia? A circumcisão n'aquelle tempo era o remedio do peccado original, como hoje é o baptismo, bem que com differente perfeição. Pois se na circumcisão consistia o remedio do peccado original e a li-

berdade das almas captivas pelo peccado; porque não mandava Deus que se circumcidassem os meninos logo quando nasciam, ou ao terceiro ou ao quarto dia, senão ao oitavo? A razão litteral foi, diz o Abulense, porque quiz applicar o remedio de maneira que se evitasse o perigo. Quando os meninos nascem, em todos aquelles primeiros septe dias correm grande perigo da vida; porque são dias criticos e arriscados, como dizem Aristoteles e Galeno. Pois ainda que o remedio dos recemnascidos e sua espiritual liberdade consistia na circumcisão, não se circumcidem, diz a lei, senão ao oitavo dia, passados os septe: que esta é a excellente razão de estado da Providencia de Deus, saber dilatar o remedio para escusar o perigo; dilate-se o remedio da circumcisão até o oitavo dia, para que se evite o perigo da vida, que ha do primeiro ao septimo. Se Portugal «tentara recuperar a sua liberdade» em quanto Castella estava victoriosa, ou, quando menos, em quanto estava pacifica; segundo o miseravel estado em que nos tinham posto, era a empreza mui arriscada, eram os dias criticos e perigosos. Mas como a Providencia divina cuidava tão particularmente de nosso bem, por isso ordenou que se dilatasse nossa restauração tanto tempo; e que se esperasse a occasião opportuna do anno de quarenta, em que Castella estava tão embaraçada com inimigos, tão apertada com guerras de dentro e de fóra; para que na diversão de suas impossibilidades se lograsse mais segura a nossa resolução. Dilatou-se o remedio, mas segurou-se o perigo.

Toma o mesmo Deus na circumcisão o nome de Salvador 1.º para mostrar que não havia de salvar os homens folgando. Imita-o o restaurador de Portugal.

VI. *Ut circumcideretur Puer vocatum est nomen ejus Jesus*: tanto que se circumcidou o Menino, logo se chamou Salvador. Mas com que consequencia? pergunta S. Bernardo. Que parentesco tem o nome com a acção? Que combinação tem o salvar com o circumcidar-se? Tres razões acho nos sanctos: duas repito, uma só pondero. S. Bernardo e Eusebio Emisseno dizem que foi a circumcisão de Christo uma estreita e mui reformada privação de todo o superfluo. Vinha Christo como Rei e Redemptor do mundo a remil-o e restaural-o; e a primeira cousa que fez, como a mais necessaria e importante foi estreitar-se em sua Pessoa, cercear demasias, cortar superfluidades, e fazer uma pragmatica geral com seu exemplo. Muitas graças sejam dadas a Deus que para confirmação ou imitação d'esta razão de estado divina, não temos necessidade de cançar a memoria, senão de abrir os olhos: não de revolver escripturas antigas, senão de venerar e amar exemplos presentes. Assim obra, quem assim reina; assim sabe libertar, quem assim sabe estreitar: *Ut circumcideretur Puer; vocatum est nomen ejus Jesus.*

A segunda razão é de Sancto Epiphanio; e diz que o Redemptor quiz confirmar d'esta maneira e honrar a circumcisão pelo que antes da sua vinda tinha servido. Muito bem advertido; porque assim foi na verdade. Decretou Deus que á circumcisão se lhe confirmassem suas antigas honras, havendo respeito ao bem que tinha servido para a salvação do povo eleito. Tinha servido a circumcisão no tempo passado e na lei velha; pois honre-se no tempo presente e premie-se na lei nova: que não é bem que a felicidade geral venha a ser infortunio dos que serviram. Que a circumcisão, que tinha tantos annos de serviço; que a circumcisão, que tinha derramado tanto sangue, houvesse de ser desgraçada, porque o mundo foi venturoso; não estava isto posto em razão. Pois baixe um decreto que lhe confirme effectivamente todas as honras passadas: que é bem que a lei da graça premie não só os serviços seus, senão os da lei antiga, para mostrar n'isso mesmo que é lei da graça. Oh que grande politica esta, assim humana como divina! El-rei Assuero mandava ler as historias e chronicas do reino para fazer mercês aos que em tempo de seus antecessores tinham servido. El rei Salomão sustentava da sua propria meza aos filhos de Berzellai por serviços feitos em tempo e á pessoa de David; e o Rei dos reis, Christo Redemptor nosso, quando no monte Thabor desembargou suas glorias (que tambem póde ser expediente estarem embargadas por algum tempo), partiu-as a tres que serviam e a dous que tinham servido; a S. Pedro, a S. João e a Sanct'Iago, porque actualmente serviam; e a Moysés e a Elias, um vivo e outro defuncto, porque tinham servido nos tempos passados. Assim recebe Christo e auctoriza hoje a circumcisão conforme as honras do tempo antigo, não porque se quizesse servir d'ella, que já estava mui envelhecida, senão pelo bem que d'antes tinha servido.

2.º Para honrar a lei antiga. N'isto tambem deve ser imitado. Exemplos escripturaes.

A terceira e ultima razão é de Sancto Ambrosio, de Sancto Agostinho, de S. João Chrysostomo, de Sancto Thomás e ainda de S. Paulo, ou quando menos, fundada em sua doutrina; e é esta (allego tantos doutores pela difficuldade da razão). Recebeu Christo a circumcisão, porque como auctor da lei nova queria tirar do mundo a circumcisão. Extranha sentença! Pois porque Christo queria tirar do mundo a circumcisão, por isso recebe e executa em si a mesma circumcisão? Antes parece que para a tirar do mundo havia de entrar condemnando-a, desterrando-a, prohibindo-a sob graves penas e não a admittindo por nenhum caso. Pouco sabe das razões verdadeiras de estado quem assim discorre. Circumcida-se Christo para tirar do mundo a circumcisão; porque quem entra a introduzir uma lei nova, não

3.º Para abolir pouco a pouco a circumcisão. Impaciencia do zelo portuguez.

póde tirar de repente os abusos da velha. Ha de permittir com dissimulação para tirar com suavidade: ha de deixar crescer o trigo com a sizania, para arrancar a sizania, quando não faça mal ás raizes do trigo. Todo o zelo é mal soffrido; mas o zelo portuguez mais impaciente que todos. A qualquer reliquia dos males passados, a qualquer sombra das desegualdades antigas, já tomamos o céu com as mãos, porque não está tudo mudado, porque não está emendado tudo. Assim se muda um reino? Assim se emenda uma monarchia? Tantos intendimentos assim se endereitam? Tantas vontades tão differentes assim se temperam? Rei era Christo e Rei redemptor; e nenhuma cousa trazia mais deante dos olhos, que extinguir os usos da lei velha e renovar e introduzir os preceitos da nova; e com ter sabedoria infinita e braços omnipotentes, no cabo de trinta e tres annos de reino, muitas cousas deixou como as achara, para que seu successor S. Pedro as emendasse. Já Christo não estava vivo, quando se rasgou o véu do templo, figura da lei antiga. E que cousa se podia representar mais facil, que romper um tafetá em trinta e tres annos? Pouco e pouco se fazem as cousas grandes: não ha melhor arbitrio para as concluir com brevidade, que não as querer acabar de repente.

Exemplo que o mesmo Christo nos deu na ultima ceia.

Instituiu Christo Redemptor nosso o Sacramento da Eucharistia; e instituiu-o na mesma meza, em que estava o cordeiro legal. Pois, Senhor meu, que combinação é esta ou que companhia? O cordeiro com o Sacramento? As ceremonias da lei velha com os mysterios da nova na mesma meza? Sim: que assim era necessario. Queria Christo introduzir o Sacramento e lançar fóra o cordeiro da lei; e para isso permittiu que o cordeiro estivesse embora na mesma meza com o Sacramento; que d'esta maneira se desterram com suavidade as sombras das leis velhas e se vão introduzindo e conciliando os resplandores das novas. Estejam agora junctos o Sacramento e o cordeiro, que amanhã irá fóra o cordeiro e ficará só o Sacramento. Com este vagar faz Deus as cousas e assim quer que as façam os que estão em seu logar (quando ellas o soffrem); e tenha mais paciencia e zelo, não seja tão estreito de coração. Mais dóe aos reis, que aos vassallos dissimular com algumas cousas: mas por força se hão de fazer assim, para se não fazerem com imprudencia. Muito lhe doeu a Christo, gotas de sangue lhe custou, contemporizar com a circumcisão: mas foi necessario dissimular com a dôr para remediar com o successo. Não é o mesmo permittir que approvar: antes o que se permitte, já se suppõi condemnado. A benevolencia e dissimulação, como são affectos da mesma côr,, equivocam-se facilmente nas apparencias; e

quantas vezes se choram ruinas os que se envejaram favores! Vem a ser razão de estado no principe o que é industria no lavrador: que as espigas que ha de cortar, essas abraça primeiro. Assim abraçou Christo a circumcisão, porque a queria cortar e arrancar do mundo. Mostrando na suavidade d'esta razão e nas outras cousas, por que se circumcidou, quão bem se proporcionava com os meios o nome que lhe pozeram de Salvador.

Toma o divino Infante o nome de Salvador e não o de rei por ser cousa mais piedosa. Tertulliano. *Luc.* 2 *Joan.* 15

Mas porque se chamou Salvador? Porque não tomou outro nome? Que o não tomasse de algum attributo da sua divindade, bem está; pois vinha a ser homem. Mas, ainda em quanto homem, tinha Christo a maior dignidade da terra, que era a de rei. Pois já que havia de tomar o nome do officio e não da pessoa, porque não se chamou Rei, porque se chamou Salvador? A razão deu Tertulliano: *Gratius illi erat pietatis nomen quam majestatis*. Deixou Christo o nome de rei e tomou o de Salvador, porque estimava mais o nome de piedade que o titulo de majestade. O nome de Rei era nome majestoso, o nome de Salvador era nome piedoso: o nome de Rei dizia imperar, e nome de Salvador dizia libertar; e fazendo o Senhor a eleição pela estimação, tomou o de nosso remedio, deixou o de sua grandeza. Por isso os anjos na embaixada que deram aos pastores, pozeram primeiro o nome de Salvador e depois o nome de Ungido: *Quia natus est vobis hodie Salvator, qui est Christus Dominus*. E por isso no titulo da cruz se chamou o Senhor: Jesus Rei e não Rei Jesus: *Jesus nazarenus Rex judeorum*; para mostrar no principio e no fim da vida, que estimava mais o officio de nossa redempção, que a grandeza de sua majestade.

Como o imitou o rei D. João IV

Se os corações poderam discorrer sensivelmente na restauração de Portugal, quanto melhor fallaram n'este passo, do que os podera copiar a lingua. Isto que Tertulliano disse pelo «divino» Libertador do genero humano, poderamos nós com acção de graças «dizer proporcionadamente pelo valoroso» libertador de Portugal: o qual n'esta felicissima e verdadeiramente real acção mostrou bem quanto mais estimava o nome da piedade, que o titulo da majestade; pois convidado tantas vezes para a grandeza, rejeitou generosamente o sceptro; e agora chamado para o remedio aceitou animosamente a corôa: *Gratius illi erat pietatis nomen, quam majestatis*. Rei não por ambição de reinar, senão por compaixão de libertar; rei verdadeiramente imitador do Rei dos reis, que sobre os titulos de sua grandeza estimou mais o nome de libertador e salvador: *Vocatum est nomen ejus Jesus*.

seguintes e muitas lhe tenho eu prognosticado n'este sermão; porque como as mesmas prophecias que prometteram o que vemos cumprido, promettem ainda outros maiores augmentos a este reino ou a este imperio como ellas dizem, o mesmo foi referir o desempenho felicissimo das prophecias passadas que prognosticar, antes segurar com firmeza o cumprimento infallivel das que estão por vir. Se as nossas prophecias na parte difficultosa foram prophecias, na parte mais facil que resta porque o não serão?

Como se vereficaram no Divino Infante as prophecias do anjo; e como se hão de verificar as que fallam de Portugal.

Septe cousas prophetizou o anjo embaixador á Virgem: que conceberia: que «daria á luz» um filho: que lhe poria por nome Jesus: que sería grande: que se chamaria Filho de Deus: que Deus lhe daria o throno de David, seu pae: que reinaria na casa de Jacob para sempre, e que seu reino não teria fim. E d'estas septe prophecias, vendo cumprida Sancta Isabel só a primeira, pelos effeitos d'ella julgou que se haviam de cumprir todas as mais: *Quoniam perficientur ea quae dicta sunt tibi a Domino.* O mesmo discurso fiz eu e o devemos fazer todos os portuguezes, se não quizermos ser herejes da boa razão e de uma fé mais que humana: dando todos o parabem a Portugal e chamando-lhe mil vezes feliz: *Quoniam perficientur ea quae dicta sunt tibi a Domino.* Porque como se começaram a cumprir as prophecias em sua restauração, assim as levará Deus por deante e lhes dará o cumprimento gloriosissimo que ellas promettem. Até agora era necessaria pia affeição para dar fé ás nossas prophecias; mas hoje basta o discurso e boa razão: porque os effeitos presentes das passadas são nova prophecia dos futuros: bem assim como (para que até aqui não nos falte o evangelho) a imposição do nome de Jesus, que hoje chamaram a Christo, foi cumprimento do que estava prophetizado e prophecia do que estava por cumprir. Foi cumprimento do que estava prophetizado; porque prophetizado estava que se chamaria Jesus o Filho da Virgem: *Paries Filium et vocabis nomen ejus Jesum.* Foi prophecia do que estava por cumprir: porque o nome de Jesus, que quer dizer Salvador, era prophecia que havia de salvar Christo e remir o genero humano: *Vocabitur nomen ejus Jesus: ipse enim salvum faciet populum suum a peccatis eorum.*

A mão de Deus que assistiu a João Baptista no seu nascimento.

VIII. Nos beneficios passa o mesmo. Muitos logares podera trazer: um só digo, que pela propriedade do nome tem privilegio de se preferir a todos. Nasceu S. João Baptista e assentaram comsigo os vizinhos d'aquellas montanhas que havia de ser o menino pessoa notavel e que esperavam grandes venturas em seus maiores annos: *Posuerunt in corde suo dicentes:*

Quis putas puer iste erit? Pois d'onde o tiraram estes homens? Que fundamento tiveram para se resolverem tão assentadamente nas grandezas de João e em seus augmentos? O fundamento que os moveu, elles mesmos o disseram ou o evangelista por elles: *Quis putas puer iste erit? Etenim manus Domini erat cum illo.* Viam os milagres, viam as maravilhas, viam as mercês extraordinarias que Deus com mão tão liberal fazia a João logo em seus principios; e das experiencias do que era, inferiam evidencias do que havia de ser: porque aquelles beneficios de Deus presentes eram prognosticos das felicidades futuras: *Etenim manus Domini erat cum illo:* na disposição d'estas primeiras liberalidades, como em caracteres expressos, estavam lendo a successão das futuras; e das grandezas maravilhosas que já eram, julgavam as que, correndo os annos, haviam de ser.

E a que assistiu e ha de assistir a D. João IV

Ora grande sympathia tem a mão de Deus com o nome de João. Bem o mostrou o Senhor na feliz acclamação de sua majestade, que Deus nos guarde muitos annos: pois aos echos do nome de João despregou da cruz o braço o mesmo Christo, assegurando-nos que assim como a mão de Deus estivera com o primeiro João de Judéa, assim estava e havia de estar sempre com o quarto de Portugal: *Etenim manus Domini erat cum illo.* Bem experimentamos esta assistencia nos succesos que referi e em todos os felicissimos do anno passado: que em todas as cousas que sua majestade poz a mão, poz tambem a divina a sua. E se estes e similhantes effeitos foram bastantes prognosticos para uns montanhezes rusticos; assás claro foi o modo de prognosticar que segui fallando entre cortezãos tão intendidos. Nem aqui tambem nos faltou o evangelho: porque se nos confirmou a primeira razão com o mysterio do nome de Jesus, agora nos prova a segunda com o da circumcisão, da qual dizem communmente os doutores que aquelle pouco sangue que o Senhor derramou hoje no presepio, foi signal e como penhor de haver de derramar todo na cruz: que, como Deus é liberal com omnipotencia e bom sem arrependimento, o mesmo é fazer um beneficio menor que penhorar-se a outros maiores. E se estes beneficios que da divina mão temos recebido se podem chamar menores, os maiores quão grandes serão?

As felicidades que veem de Deus não são inconstantes como as que [illegible]

Nem nos desconfiem estas esperanças os temores que propuzemos ao principio da variedade dos successos da guerra, da inconstancia das felicidades do mundo: porque só as felicidades que veem por mão dos homens, são inconstantes: mas as que veem por mão de Deus, são firmes, são permanentes. Quando Josué á entrada da terra de Promissão venceu aquellas

primeiras e milagrosas batalhas, mostrando os inimigos mortos aos soldados, lhes disse o que eu tambem digo a todos as portuguezes: *Confortamini et estote robusti: sic enim faciet Dominus cunctis hostibus vestris adversum quos dimicatis.* Grande animo, valentes soldados, grande confiança valorosos portuguezes: que assim como vencestes felizmente estes inimigos assim haveis de vencer todos os demais: que, como são victorias dadas por Deus, este pouco sangue que derramastes em fé de seu poderoso braço é prognostico do muito que haveis de derramar vencedores, não digo sangue de catholicos; que espero em Deus que se hão de desapaixonar muito cedo nossos competidores e que em vosso valor e em seu desengano hão de estudar a verdade da nossa justiça; mas sangue de herejes na Europa, sangue do mouros na Africa, sangue de gentios na Asia e na America: vencendo e sujeitando todas as partes do mundo a um só imperio para todas em uma corôa as metter gloriosamente debaixo dos pés do successor de S. Pedro. Assim o contam as prophecias, assim o promettem as esperanças, assim o confirmam estes felizes principios, que a divina Bondade se sirva de prosperar até os fins felicissimos que desejamos; que são os com que remata um sermão d'este dia S. Bernardo, cujas palavras tantas vezes teem sido prophecias a Portugal: *Multiplicabitur sane ejus imperium, ut merito Salvator dicatur pro multitudine etiam salvandorum et pacis non erit finis.*

Tres petições do Padre-nosso em logar das tres Ave-Marias do costume.

Para que nossas orações comecem a obrigar a Deus, não peço tres Ave-Marias, senão tres petições do Padre-nosso: *Sanctificetur nomen tuum: Adveniat regnum tuum: Fiat voluntas tua:* Sanctificado e glorificado seja, Senhor, vosso nome: porque ao nome Sanctissimo de Jesus, como a primeiro principal Libertador reconhecemos dever a liberdade que gozamos. *Adveniat regnum tuum*: Venha a nós Senhor o vosso reino: «o celestial primeiro e depois o terreno que esperamos e que, sendo de Portugal, ha de ser vosso»: assim nos fizestes mercé de o dizer a seu primeiro fundador el-rei D. Affonso Henriques: *Volo in te et in semine tuo imperium mihi stabilire.* E por isso mesmo *Adveniat*, venha: porque, como ha de ser Portugal um tão grande imperio, posto que tem já vindo todo o reino queera, ainda o reino que ha de ser, não tem vindo todo. E para que nossas más correspondencias não desmereçam tanto bem: *Fiat voluntas tua*: Fazei, Senhor, que façamos inteiramente vossa sancta vontade: porque assim como nos prognosticos humanos para advertir sua contingencia se diz: Deus sobre tudo: assim eu n'este divino, para assegurar sua certeza, diga tambem: Deus sobre tudo. Porque se sobre tudo amarmos a Deus cumprindo per-

feitamente sua vontade, sem duvida se inclinará o Senhor a ouvir e satisfazer os affectos da nossa, perpetuando a successão de nossas felicidades na perseverança da sua graça: *Quam mihi et vobis, etc.*

Ed. ant. tom. 11.º pag. 399, ed. mod. tom. 10.º pag. 5.)

PRIMEIRO SERMÃO DE S. JOSÉ **

DIA EM QUE FEZ ANNOS EL-REI D. JOÃO IV
PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1642

Observação do compilador.—O sermão é um esforço ingenhoso e erudito para concordar o evangelho e a festa de S. José com o dia em que fez annos o Restaurador de Portugal.

Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph.
S. Matth. 1.

Questão foi muito duvidada entre os antigos, qual dia d'esta vida era mais feliz; se o primeiro, se o ultimo; se o dia do nascimento, se o da morte. D'aqui veio, que seguindo varias gentes varias opiniões, umas se alegravam nos nascimentos, outras os celebravam com lagrimas; umas se entristeciam nas mortes, outras as solemnizavam com festas. Chegou finalmente a duvida ao tribúnal d'el-rei Salomão; o qual inclinando-se á parte que parecia menos provavel, resolveu que melhor é o dia da morte, que o dia do nascimento: *Melior est dies mortis die nativitatis.*

O dia da m[illegible] é mais feli[illegible] que o do na[illegible]mento. Sal[illegible]mão. *Eccli.* 7

Com isto estar resoluto e definido assim na Escriptura, hoje parece que temos a mesma questão ou concordada, ou resuscitada; porque estamos por mercê de Deus em um dia tão glorioso por uma morte, tão feliz por um nascimento, que bem se póde competir dentro em si ou a vencer feliz suas glorias, ou a vencer glorioso suas felicidades. Consagrou-se este dia ás glorias do céu com a morte do maior Sancto que n'elle reina, o divino Esposo da Virgem Maria, S. José; e consagrou-se outra vez o mesmo dia ás felicidades de Portugal com o nascimento felicissimo do mais desejado rei e mais benemerito, el-rei nosso senhor D. João o quarto, para que sobre os trinta e oito que hoje conta continue por muitos e mui compridos an-

A morte de José é o mell[illegible] auspicio d[illegible] nascimento D. João I[illegible]

nos as prosperidades que goza. Morre hoje S. José e nasce sua majestade. Que ventura tão reciproca. Nem S. José morrendo podia deixar no mundo melhor substituto. nem sua majestade nascendo podia entrar no mundo com melhor «auspicio. Vêde se o provo.»

S. João substituido a S. José no cuidado de servir á Senhora. S. Cypriano

II. Estando Christo Redemptor nosso na cruz, olhou para S. João o discipulo amado e encarregou-lhe que tivesse cuidado de servir e acompanhar a sua sanctissima Mãe. Reparam alguns sanctos em não dar o Senhor este cargo a outro apostolo, senão a S. João; porque, ainda que em S. João concorriam todas as qualidades, em algumas era egualado e em alguma excedido; e para mordomo da Rainha dos anjos todos o excediam no attributo da ancianidade. Pois se era mais moço e havia outros amados e mais parentes, porque não escolheu Christo a outro discipulo, senão a S. João, para este officio? A razão foi porque o officio de acompanhar e servir á Senhora era o officio de S. José em quanto viveu, e para substituir em ausencias de José quem havia de ser senão João, não só amado como os outros apostolos, mas o amado: *Discipulus quem diligebat Jesus?* Não é menos que de S. Cypriano o pensamento: *Ut non jam Joseph oneretur tanti ministerii praepositura sed Joannes.* Morrera José: vagara no mundo aquelle grande logar; e para substituir em sua morte, para succeder em sua ausencia, ninguem havia no mundo que estivesse a caber, senão quem? João o amado de Deus. João o amado de Deus substitúi a José: *Non jam Joseph sed Joannes.*

Esta substituição foi para S João um segundo nascimento. S. Pedro Damião. *Ioan.* 19

E isto quando? No dia de seu nascimento? Parece que não póde ser, porque nem o real, nem o nascimento podem competir a S. João aqui. Ora tudo foi. Quando Christo deu a S. João o cuidado de servir á Senhora as palavras que disse foram estas: Mulher eis-ahi teu filho. João eis-ahi tua mãe. *Mulier ecce Filius tuus: deinde dicit discipulo: Ecce mater tua.* Mãe e filho de que maneira? Mãe tinha S. João; mas era Maria Salomé: filho era, mas do Zebedeu. Pois se estes eram seus paes, como se chama João filho da Senhora e a Senhora mãe de João? É porque João tornou a nascer n'esta hora e nasceu só da Virgem por força das palavras de Christo. Auctores houve e entre elles expressamente S. Pedro Damião, que disseram, que assim como as palavras *Hoc est corpus meum*, dictas uma vez por Christo, tiveram forças para converter o pão em corpo do mesmo Christo; assim as palavras, *Mulier ecce Filius tuus*, tiveram força para fazer a S. João e o converterem de filho do Zebedeu em filho de Maria.

Por este nascimento ficou S. João herdeiro do reino

«Mas não havemos mister esta explicação para reconhecer

que» S. João teve dous nascimentos: um nascimento natural com que nasceu filho do Zebedeu: outro nascimento sobrenatural com que nasceu filho da Mãe de Deus. Pelo primeiro nascimento nasceu nas praias de Tiberiades; pelo segundo nascimento nasceu ao pé da cruz. Pelo primeiro nascimento nasceu de geração humilde; pelo segundo nascimento nasceu da mais illustre e real prosapia que havia no mundo, filho de uma Senhora herdeira de um rei morto á mão de seus inimigos: *Jesus Nazarenus Rex Judeorum*. Assim nasceu S. João segunda vez e assim foi necessario que nascesse para succeder no logar de S. José como succedeu; porque só se póde substituir a morte de José com que? Com o nascimento real de um João o amado de Deus: *Discipulum quem diligebat: Mulier ecce Filius tuus. Non jam Joseph sed Joannes.* [1]

um Rei morto á mão dos seus inimigos.

III. Só vejo que me podem reparar os curiosos em fallar no dia de S. José por termos de morte; sendo que mais devia com um e outro intento chamar-lhe nascimento; porque assim chama a Egreja ás mortes dos Sanctos: *Natalitia sanctorum*. Se eu não fôra mais amigo da verdade, que da propriedade, assim o fizera; mas as mortes dos outros sanctos podem-se chamar nascimentos; a morte de S. José, não. As mortes de outros sanctos podem-se chamar nascimentos; porque quando morreram á vida temporal, nasceram á vida eterna; quando «deixaram este valle de lagrimas, foram viver eternamente com Jesus e Maria no céu.» Não assim S. José. «Jesus e Maria ainda viviam n'este mundo quando S. José morreu; e como não estivesse ainda aberta a porta do céu, quem póde dizer nem imaginar quanto elle sentiria deixar aquelles dous abjectos de seu amor e de sua felicidade para descer ao limbo?» Ao limbo S. José n'este dia? Valha-me Deus «que doloroso transe para elle e» que duvidoso horoscopo «para nós!» Não sei eu como poderei provar o que entrei dizendo que não se podia nascer com melhor auspicio. «Comtudo, se é verdade que José, filho de Jacob, foi figura de José, esposo de Maria, ainda digo que ter sido o nascimento do nosso rei no dia da morte de S. José foi prognostico de felicidades.»

A morte de S. José mui dolorosa para elle mas prognostica de felicidades para Portugal.

Estava o patriarcha José em Egypto: morreu, e diz o texto sagrado que depois de sua morte cresceram muito os israelitas em numero e poder: *Quo mortuo creverunt filii Israel, quasi germinantes multiplicati sunt; ac roborati nimis impleverunt*

Tal foi a morte de José filho de Jacob.

[1] Note-se a delicadeza d'este parallelo entre S. João e D. João IV successor de D. Sebastião. O author não o declara abertamente; mas o deixa intender quanto basta. *O compilador.*

terram. Que os filhos de Israel crescessem pelos merecimentos de José, não me admira: antes assim havia de ser; que isso quer dizer José, augmento e crescimento: *Joseph accrescens*. O que me admira é que crescessem «tanto» os israelitas depois d'elle morto: *Quo mortuo*. Se José quer dizer crescimento e os filhos de Israel cresceram por sua influencia; porque guardaram o crescer «tanto para depois da sua morte?» Delicadamente o tirou Hugo Cardeal do mesmo texto. Diz o texto que *Creverunt quasi germinantes;* cresceram os filhos de Israel assim como crescem as plantas. Bem dicto, diz Hugo: *Uno grano emortuo, multa creverunt:* cresceram os filhos de Israel como as plantas; porque assim como as plantas para nascerem e crescerem, é necessario que a virtude de que nascem, se enterre primeiro debaixo da terra, assim para que a virtude de José influisse augmentos nos filhos de Israel, foi necessario que elle morresse e se enterrasse primeiro. *Quo mortuo creverunt*. «Pode-se dar figura mais consoladora dos augmentos e felicidades que lograria outro povo eleito na morte de outro José quanto mais sancto tanto mais valioso juncto do throno do Omnipotente? Fique logo assentado que unir-se o dia do nascimento de João o amado com o dia da morte de S. José é prognostico de felicidade.»

Os desposorios de Maria com José precedem a conceição do Salvador para occultal-o a seus inimigos. *Os.* 18 *Isaic.* 7

IV. E porque os dias, como diz David, tambem se fallam e se intendem uns com os outros: *Dies diei eructat verbum*, com razão perguntará o dia do nascimento de sua majestade ao dia «da morte de S. José: Quaes serão estas felicidades» ou influencias que póde e deve esperar de tão divino planeta. A resposta é tão certa e sem duvida, como tudo o que dizem os evangelistas. Vamos ao nosso evangelho que é de S. Mattheus no capitulo primeiro; e ouçamos com admiravel propriedade o que diz, como se fallara d'este dia e do nosso caso: *Cum esset desponsata mater Jesu, Maria, Joseph:* estava, diz, a Mãe de Jesus, Maria, desposada com José. Onde se deve advertir que a palavra desposada não significa promessa reciproca de vodas futuras, senão verdadeiro e actual matrimonio por contracto e palavras de presente, como consta do mesmo texto: *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam*: mas a cortezia do evangelista não disse *casada* senão *desposada*, como termo mais decente e decoroso. O que supposto, era a Senhora Mãe de Deus, porque tinha concebido o Verbo Eterno; mas antes de Mãe primeiro desposada, porque? Como era e havia de ser sempre Virgem, tanto importava ser primeiro desposada, como depois. Por que razão logo ordenou a Providencia Divina, que não concebesse ao Filho de Deus, senão depois de desposada?

A razão principal é porque convinha e era necessario que a conceição e o parto da mesma Virgem estivesse encoberto: *Ut virginis partus celaretur:* assim o dizem S. Jeronymo, S. Basilio, S. João Damasceno, Sancto Ambrosio, S. Bernardo e é commum dos Sanctos Padres. Constava da Sagrada Escriptura pelo oraculo e testemunho do propheta Isaias que o Messias e Rei promettido para Redemptor do mundo havia de nascer de uma Virgem: *Ecce Virgo concipiet et pariet Filium;* e porque este Rei não só na terra, senão no mesmo inferno havia de ter muitos emulos e inimigos, esta era a importancia e necessidade por que convinha e tinha ordenado a Divina Providencia que estivesse encoberto a todos; como com effeito se encobriu no desposorio ou matrimonio da Virgem sanctissima com S. José, parecendo que não tinha mais mysterio a conceição e nascimento d'aquelle Filho, que o commum e ordinario dos outros homens.

S. José é guarda do Rei nascido. Ruperto. È tambem guarda do rei de Portugal.

Que similhança tem agora ou que propriedade em S. José a Providencia de Deus n'este mysterio com o nascimento de sua majestade, que Deus guarde, no dia do mesmo Sancto? Disse-o Ruperto com umas palavras, que se lhe pediramos as fizesse de encommenda, não vieram mais nascidas ao intento: *Ut esset sponsus custosque Beatae Virginis ac nati ex ea Regis.* Desposa-se José com Maria e nomeadamente com Maria Mãe de Jesus; porque o fim d'estes desposorios foi ser José Esposo da Virgem e guarda do rei nascido: *Custos nati Regis.* Oh grande excellencia! Oh grande gloria! Oh dignidade superior a todos os sanctos a de José! Que os fóros da mesma Omnipotencia nasçam debaixo do seu amparo, e que não tendo Christo anjo da guarda, porque é Deus, tenha por custodio um homem que é José: *Custos nati Regis!* Grande gloria de José, e grande graça tambem do nosso rei e reino! que o amasse Deus e cuidasse de seu remedio com tão especial providencia, que o patrocinio que deu em seu nascimento ao Rei que havia de restaurar o mundo, esse mesmo patrocinio désse em seu nascimento ao rei que havia de restaurar Portugal! Um e outro nasceu debaixo da mesma protecção, um, e outro nasceu debaixo da tutela e amparo de S. José: *Joseph custos nati regis.*

Encobrindo-o a seus inimigos *Isai.* 45 *Luc.* 1 *Matth.* 2

Sendo, pois, estes dous reis nascidos ambos encobertos, o primeiro, como diz a prophecia de Isaias: *Vere tu es Deus absconditus, Deus Israel salvator;* o segundo promettido pela prophecia e tradicção de Sancto Isidoro a Hespanha não com outro nome ou antonomasia, senão com a do encoberto; vejamos quão particularmente encobriu a um e outro o que a um e outro deu Deus por guarda, o cuidado e vigilancia de S. José. A

Christo encobriu-o, como esposo de Maria, nove mezes e treze dias, desde sua conceição até depois de seu nascimento, em que o descobriu a estrella no oriente aos Magos, e os Magos em seguimento d'ella a toda a Judéa. E como o encobriu? *Spiritus Sanctus superveniet in te et virtus Altissimi obumbrabit tibi.* A Virgem Nossa Senhora tinha dous Esposos, um divino e outro humano. O Esposo divino era o Espirito Sancto, o humano S. José. Do primeiro Esposo era obra o Filho concebido, como disse o anjo á mesma Virgem: *Spiritus Sanctus superveniet in te:* accrescentando: *Et virtus Altissimi obumbrabit tibi;* que a virtude do Altissimo lhe faria sombra. E que sombra foi esta; ou quem foi esta sombra? Foi sem duvida «o mesmo primeiro esposo; mas o foi de modo que não excluiu» o segundo, a cuja sombra esteve a Virgem depois de desposada; «e elle» com a sombra e nome de Pae, encobriu o que verdadeiramente não era seu Filho. Assim ficou o Rei, redemptor que havia de ser do mundo, encoberto desde a sua incarnação nove mezes até o nascimento; e treze dias até que a estrella e os Magos e Deus por elles o descobriu ao mundo: *Ubi est qui natus est Rex judaeorum?*

E encobrindo-o por mais tempo e a mais reis.

Mas se S. José guardou encoberto a Christo nove mezes e treze dias; que comparação tem este tempo que não chega a um anno com mais de trinta e seis annos inteiros em que teve encoberto ao rei de Portugal, desde o dia de seu nascimento até o felicissimo de sua restituição? Vejo que me respondem, que S. José não só encobriu a Christo n'aquelle primeiro anno não acabado, mas em outros cujos numero certo não se sabe. Sabendo pelo anjo que Herodes entre os innocentes de Bethlem queria tirar a vida a Christo fugiu de Judéa para o Egypto; e depois da morte do mesmo Herodes sabendo tambem por aviso do céu que reinava em Judéa Archelau, seu filho, retirou-se para Galiléa. «Sim: mas todo este tempo está ainda muito longe de egualar os trinta e seis annos que esteve encoberto o rei de Portugal. Alem d'isso» para encobrir o primeiro Rei nascido, tomou por meio tiral-o deante dos olhos dos dous reis seus inimigos e escondel-o em terras extranhas. Porém para encobrir o segundo rei não só no seu nascimento, nem na sua infancia, puericia ou adolescencia, senão na edade de varão perfeito em tantos annos, a traça com que o encobriu a outros dous reis que não menos lhe podiam tirar a vida e a corôa, qual seria? Verdadeiramente milagrosa e digna da omnipotencia divina: dentro na mesma Hespanha, dentro no mesmo Portugal e adeante dos olhos dos mesmos reis escondeu e encobriu de maneira ao encoberto, que vendo-o o não viam, nem

viram. Desde o principio em que se fizeram senhores de Portugal aquelles reis extranhos, Philippe II tinha deante dos olhos a senhora D. Catharina; Philippe III ao duque D. Theodosio; Philippe IV a sua majestade que finalmente lhe tirou da cabeça a corôa e vendo-os não conheciam o que n'elles deviam receiar e temer. «Podia haver uma providencia mais milagrosa?» Assim desempenhou o grande Sancto a obrigação que tinha de encobrir e provar o nome de encoberto do novo rei, nascido no seu dia.

E encobrindo ao amor dos mesmos portuguezes.

Mas ainda lhe falta ou nos falta uma maior consideração e vigilancia d'este seu empenho. O odio, a emulação, a cautela, o receio de perder o ganhado em Portugal que tinham os reis extranhos, a grandeza do poder e a doçura do possuir, podia lisongear e adormecer todo este cuidado; mas da nossa parte e em nós os portuguezes, alem da dôr do perdido, estava com os olhos abertos ao remedio o amor, o desejo e a necessidade. O amor ainda que cego para vêr, é lynce para adivinhar: o desejo é um affecto sempre ardente e inquieto, que não sabe socegar um momento: sobre tudo a necessidade da redempção, da liberdade e de rei natural era a que mais apertava os cordeis a este tormento e tinha com a soga na garganta todos estes affectos. E como podia ser, que sendo elles tão vigilantes, e tendo sempre o direito da corôa e a pessoa do rei a quem pertencia deante dos olhos, de tal sorte a encobrisse S. José que a ninguem viesse ao pensamento ser elle o que o havia de recuperar? Mas em encobrir o nosso encoberto n'este grande perigo de o declararem as evidencias ou conjecturas de algum d'estes affectos, mostrou o Sancto quão alta e delicadamente observou as obrigações do officio de o guardar: *Custos nati regis*, equivocando milagrosamente um rei com outro rei e encobrindo um vivo com outro morto.

Esperando estes ao rei D. Sebastião não davam fé do rei D. João

Perdeu-se ou morreu na batalha de Africa el-rei D. Sebastião; e poderam tanto as saudades de um rei que se tinha perdido a si e a nós, que sem se divertirem aonde deviam, deram em esperar d'elle e por sua vida e vinda, a nossa redempção; e este foi o altissimo conselho com que S. José debaixo das cinzas do rei passado e morto, conservou e teve encoberto o rei futuro e vivo. Não vemos conservar vivo o fogo debaixo das cinzas que o encobrem? Pois assim conservou S. José a vida d'el-rei que Deus guarde, debaixo das cinzas d'el-rei D. Sebastião defuncto. Estava Portugal triste, estava desconsolado, estava captivo e lhe promettia S. José a corôa perdida debaixo das cinzas do rei morto reputado por vivo, conservando vivo e encoberto aquelle que verdadeiramente havia de restituir aos

... e captivos a corôa perdida. De maneira ... verdade debaixo do engano, a esperança de- ... speração, a vida debaixo da morte e a corôa de- ... aos principes extranhos, que todo isto tinham ... nos dava cuidado o remedio: e os vassallos ami- ... que o tinham pouco menos quasi por fé, com ... providencia, enganada a sua dôr, o seu amor, o seu ... a sua necessidade, se consolavam e animavam da fal- ... lecida esperança; até que a verdadeira debaixo d'ella ... encoberta, ao tempo destinado pelo céu, lhe trouxe a felicida- ... e que hoje logramos.

V. Certo que ponderar cabalmente esta felicidade será causa de não faltar nunca Portugal ao eterno agradecimento a S. José. Que uma vida (não sejamos ingratos por não saber o que devemos a Deus) que uma vida em que estavam fundadas as consequencias que hoje se logram, apezar da emulação de dous reis, debaixo da sua mesma jurisdição se conservasse! Que nasça a decima sexta geração de Portugal tão esperada e que sendo decima sexta por tres vias nem o amor dos naturaes, nem os ciumes dos extranhos em trinta e septe annos o descobrissel Vivo apezar de tantas advertencias politicas, encoberto apezar de tantas evidencias manifestas! Grandes milagres de Providencia Divina; e este segundo, a meu ver, ainda maior. E senão pergunto: Qual foi a razão por que ordenou Deus que o libertador que havia de ser de Portugal se conhecesse tantos annos antes no mundo não pelo nome de libertador, senão pelo nome de encoberto? A razão foi, porque maior milagre da Providencia era conserval-o encoberto que fazel-o libertador. Fazel-o libertador foi deliberarem-se os homens a uma cousa muito util; conserval-o encoberto, foi cegarem-se os homens a uma cousa muito manifesta; e maior milagre é encobrir evidencias ao intendimento, que persuadir conveniencias á vontade. O que todos ponderam, o que todos admiram, o de que todos fazem maior caso, é, que se unissem e concordassem as vontades de todo um reino para fazer o que fizeram. Muito parece; mas bem considerado não foi muito: porque que muito que as vontades dos homens se persuadissem a uma cousa tão util e tão honrosa, como ter reino, ter rei, ter liberdade, viver sem captiveiro e sem oppressão? Porém que o auctor felicissimo de todo este bem nascesse e vivesse entre nós tão retratado pelos oraculos divinos e ainda nomeado pelo proprio nome, e o tivesse Deus encoberto sem que o amor, nem a emulação, que são os dous affectos mais lynces o descobrissem! Que o vissem os olhos e que guardasse segredo o intendimento! Que sus-

pirassem os desejos, e que não bastassem as maiores advertencias! Dissimulado á evidencias e encoberto a olhos vistos! Este é o maior milagre, esta a maior maravilha; mas agora exercitada e muitos seculos antes já ensaiada; por quem? Pelo auctor da mesma protecção, S. José.

O rei D. João, o rei Joaquim. Isidoro de Isolanis.

Conta o texto sagrado no quarto livro dos reis, capitulo onze, que em uma occasião quizeram tirar a vida tyrannicamente os herdeiros do sangue real de Israel ao menino Joás; porém que Josabá o livrou do perigo e o creou escondidamente: *Abscondit eum, ut non interficeretur*: até que passados alguns annos os nobres do povo se uniram e todos com as armas nas mãos entraram no paço real; e impedindo as guardas em um sabbado, acclamaram por «seu legitimo» rei a Joás e o metteram de posse do reino que lhe pertencia, lançando do paço a Athalia, uma senhora que então governava. D'esta maneira refere o texto este caso; e bem se vê que é tão proprio do que succedeu em Portugal que se ao nome de Joás se mudara «uma letra» se podera trasladar este capitulo e escrever-se em nossas chronicas. Bem está; mas quem fez isto? A quem se deve esta façanha? Quem ha de levar a gloria d'esta maravilha? Quem? S. José. Diz Isidoro de Isolanis que Josabá, a cuja industria deveu sua vida e restituição Joás, foi figura de S. José, Esposo da Virgem: *Joseph profecto in Josaba praefiguratus est, quae Joas infantem clam nutrivit et aluit ac regem Israel tandem constituit*. Hei de construir as palavras ao pé da letra para maior gloria de S. José e maior evidencia do nosso caso. *Joseph profecto in Josaba praefiguratus est*, verdadeiramente S. José foi figurado e representado em Josabá: *Quae Joas infantem clam nutrivit et aluit*, que guardou ao infante Joás vivo e encoberto: *Ac regem Israel tandem constituit;* e finalmente o fez rei de Israel, mettendo-o de posse do reino que lhe tocava. E não é isto mesmo o que fez S. José com o rei e reino de Portugal? Nem o caso póde ser mais proprio; nem eu quero dizer mais n'esta materia.

A benção lançada ao patriarcha José cumprida de bradamente em S. José. *Deut.* 33. *Exod.* 32.

Estas são as obrigações, em que S. José tem empenhado a vossa majestade, senhor, e as consequencias d'ellas são, que assim como S. José não só foi salvador do Salvador, senão tambem do mundo; assim não foi só salvador do nosso libertador, senão tambem do reino libertado. Espero em Deus que o hei de provar litteralmente. *Benedictio illius qui apparuit in rubo veniat super caput Joseph:* a benção d'aquelle que appareceu na sarça desça sobre José. Esta benção foi lançada ao patriarcha José, e diz o Pelusiota e outros que se cumpriu em S. José, Esposo da Virgem. E qual foi a benção d'aquelle que appare-

ceu na sarça a Moysés? Elle mesmo o disse: *Vidi afflictionem populi mei; descendi ut liberem eum:* vi a afflicção do meu povo debaixo do poder de um rei extranho; e desci do céu a libertal-o. Pois se a benção do que appareceu a Moysés na sarça, é ser libertador e esta benção se cumpriu em José, Esposo da Virgem, «quando salvou ao Menino Jesus do poder de Herodes; quem negará que se cumprisse outra vez no mesmo José, quando com a sua protecção restaurou Portugal? assim é.» Viu o Sancto as afflicções d'este povo verdadeiramente seu, e desceu do céu a libertal-o, guardando com particular providencia a vida do nosso felicissimo libertador, como fez á de Christo, segundo a protecção que tomou em um e outro nascimento: *Custos nati regis;* que foi o fim com que se desposou com a Virgem: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph.*

Deve Portugal tomar a S. José por protector. Palavras de Pharaó. Gen. 41.

VI. Tenho acabado o sermão: de todo elle quizera tirar sómente uma cousa: queira o Senhor que seja tão bem recebida nos animos de todos, como é a todos necessaria e importantissima. O que concluo de todo este discurso é que deve o reino de Portugal tomar solemnemente a S. José por particular advogado e protector de sua conservação e augmentos. A razão que tenho para isto é a mais efficaz que póde ser: querer Deus que seja assim; nem nós devemos querer outra cousa. Sonhou el-rei Pharaó que haviam de vir a seu reino aquelles quatorze annos de varia fortuna; e dizendo-lhe que importaria prevenir-se de algum varão de grande prudencia que superintendesse á conservação e remedio do reino contentou o conselho ao rei; e voltando-se para José disse: *Nunquid sapientiorem et consimilem tui invenire potero?* Por ventura, José, posso eu achar algum que seja mais sabio, mais prudente e em cujas mãos e conselho esteja mais segura minha monarchia? O sceptro e a corôa ponho debaixo do vosso patrocinio; mandae, ordenae, despendei, não como vassallo, mas como pae. O mesmo digo no nosso caso.

S. José declarado protector de toda a Egreja. Prophecia de Isidoro de Isolanis. Levar n'esta devoção a dianteira grande honra para Portugal.

Isidoro de Isolanis, já acima allegado, auctor que ha muitos annos escreveu, admirando-se muito de que em seu tempo não fosse celebrado na Egreja o glorioso S. José conclúi assim: *Suscitabit Dominus sanctum Joseph ad honorem nominis sui caput et patronum peculiarem imperii militantis Ecclesiae:* esteja embora esquecido por agora S. José; e não seja sua memoria tão celebrada, como merece; que Deus levantará este grande Sancto a seu tempo para que seja particular padroeiro do imperio da egreja militante. Diz logo o douto e devoto auctor que S. José será a seu tempo reconhecido por pretector universal da Egreja. Mas antes que chegue este tempo tão ditoso,

porque não levaremos a deanteira aos outros fieis reconhecendo-o por protector particular do nosso reino? O tempo em que se começou a celebrar S. José «com maior devoção» foi ponctualmente depois da perda d'elrei D. Sebastião de triste memoria e antes da felicissima restituição á corôa de el-rei D. João nosso senhor; para que posto entre a ruina do reino e o remedio, compadecido da ruina a remediasse. Pois se Deus levanta no mundo a S. José quando quer levantar a sua majestade por «nosso rei e senhor» que resta senão que effectivamente se conclua de nossa parte, que é, o constituir e reconhecer com publica solemnidade a S. José por protector particular do reino de Portugal e sua conservação, dizendo a este José o que os egypcios disseram ao outro: *Salus nostra in manu tua est, respiciat nos tantum Dominus noster; et laeti serviemus regi*? «assim o espero e assim seja».

(Ed. ant. tom. 13.º, pag. 362, ed. mod. tom. 11.º, pag. 76.º)

SEGUNDO SERMÃO DO ESPOSO DA MÃE DE DEUS S. JOSÉ * *

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO DIA DOS ANNOS D'EL-REI D. JOÃO IV

Observação do compilador.—Tendo sido prégado tres annos depois da epocha da independencia, dá preceitos mui ajustados com a politica d'aquelle tempo.

Joseph, fili David, noli timere.
S. Matth. 1.

Sonho de Jo[sé] filho de Jac[ob] e sua interp[re]tação.

Sonhou José, o que depois foi vice-rei do Egypto, que o sol, a lua e as estrellas, abatendo do céu á terra a majestade luminosa de seus resplandores, humildemente prostrados o adoravam. Quiz interpretar este sonho seu pae; e disse que elle, Jacob, era o sol, Rachel, sua esposa, a lua, seus filhos desde Ruben a Benjamin, as estrellas; e que viria tempo a José, em que Deus o levantaria a tão soberana fortuna, que seu mesmo pae, sua mãe e seus irmãos com o joelho em terra o adorassem.

O Esposo d[e] Maria mai[s] adorado que filho de Jac[ob].

Os doutores commummente teem esta interpretação do sonho por verdadeira: mas o certo é que um José foi o que sonhou e «dous Josés foram os sonhados.» O José que sonhou, foi José o filho de Jacob: «os dous Josés sonhados foram o mesmo filho de Jacob e mais ainda o Esposo de Maria. E noto que este segundo teve no sonho prophetico o primeiro logar: porquanto a José filho de Jacob» ainda que digamos que em seu pae o adorou o sol e em seus irmãos as estrellas, é certo que em Rachel, sua mãe, lhe faltou a adoração da lua: porque quando Jacob e seus filhos adoraram a José no Egypto, já era morta Rachel e ficava sepultada em Belem. «Mas não houve esta falta em José o Esposo de Maria; e por isso na sua adoração» se compriram cabalmente todas as partes do sonho. Ado-

rou-o o sol: porque a titulo de sujeição filial lhe guardou reverencia e acatamento o mesmo Sol de justiça, Christo: *Et erat subditus illis.* Adorou-o a lua; porque a titulo de verdadeira esposa lhe deveu obediencia e amor aquella Senhora que é, como a lua, formosa: *Pulchra ut luna.* Adoraram-no as estrellas; porque a titulo ou reputação de pae de seu Mestre o respeitaram com grande veneração os apostolos, aquelles de quem diz o Espirito Sancto: *Fulgebunt quasi stellae in perpetuas aeternitates.* E quando só a Virgem Maria adorassé a José seu esposo, n'esta só adoração se cumpria todo o sonho inteiramente; porque n'ella o adorava o sol, n'ella a lua, n'ella as estrellas. O sol: *Mulier amicta sole.* A lua: *Luna sub pedibus ejus.* As estrellas: *Et in capite ejus corona stellarum duodecim.*

Luc. 2. — Cant. 6. — Apoc. 12.

Que influiu d'este soberano planeta a Portugal e seu restaurador.

Este é S. José, senhor; e este o soberano planeta que predominou n'este formoso dia; dia em que com o felicissimo nascimento de vossa majestade nasceu outra vez aos portuguezes a esperança, ao reino a liberdade e Portugal a si mesmo. Sendo, pois, tão superior a estrella d'este dia, sendo tão divino o planeta d'este nascimento, quaes serão ou quaes seriam suas influencias? Ora eu para satisfazer a todas as obrigações d'esta solemnidade e para que com devoto agradecimento conheçamos os portuguezes o muito que devemos ao divino Esposo da Virgem, pretendo mostrar hoje com alguma evidencia, que a liberdade a que este reino se restituiu e todos os bens que com elle gozamos, são e foram influencias de S. José. Tudo o que havia mister e tudo o que podia desejar, influiu n'este dia a Portugal este soberano planeta. Tudo o que Portugal havia mister e tudo o que podia desejar era ser reino e ter rei: porque, ainda que na realidade uma e outra cousa tinhamos, nem o reino sem rei era reino, nem o rei sem reino era rei. Pois que fez n'este seu dia S. José? Para que o rei tivesse reino, influiu ao reino restituição de liberdade; e para que o reino tivesse rei, influiu ao rei qualidades e perfeições reaes. Esta será a materia. Para fundamento e prova de toda ella não quero mais que ametade das palavras do thema: *Joseph, fili de David.* Todas as palavras do evangelho serão provas d'estas duas; e estas duas palavras serão resposta de todas as duvidas do evangelho.

S. José consolado pelo anjo com o nome do filho de David.

II. *Joseph, fili David, noli timere.* Estando cuidadoso e afflicto S. José entre as perplexidades do mysterio da Incarnação, cujos effeitos via e cujas causas ignorava, diz o nosso evangelista, que lhe appareceu um anjo em sonhos, o qual lhe disse assim: *Joseph, fili David, noli timere.* José, filho de David, não

temas. Depois póde ser que pondere o *Não temas;* agora reparo só no *Filho de David.* Filho de David José a estas horas!... Com que fundamento? Se a soberania d'aquella prosapia estava já tão envelhecida ou tão emvilecida em José, que o sceptro real de David pela injuria e inconstancia dos tempos tinha já degenerado em suas mãos a instrumentos mechanicos. como lhe chama filho de David o anjo? Chame-lhe o que é; não lhe chame o que foi: que isso já não lembra.

Porque foi chamado com este nome? Resposta de S. Pedro Chrysologo.

S. Pedro Chrysologo respondeu a esta duvida com umas palavras, que sendo escriptas em Italia, ha oitocentos annos, parece que se escreveram em Portugal de tres a esta parte: *Videtis, fratres, in persona genus vocari. videtis in uno totam prosapiam nuncupari: videtis in Joseph seriem Davidici stemmatis jam citari. Trigesima octava generatione natus quomodo David filius dicitur, nisi quia gentis aperitur arcanum, fides promissionis impletur:* largas, mas divinas palavras! Chamou o anjo a S. José filho de David, sendo a trigesima oitava geração d'aquelle rei (diz Chrysologo), para que se lembrasse o sancto das prophecias antigas; e intendesse que o reino de Israel tyrannizado pelos romanos, em seus ditosos tempos se restituia a legitimo successor conforme o juramento feito a el-rei David, primeiro fundador d'aquella corôa: *Juravit Dominus David veritatem et non frustrabitur eum: de fructu ventris tui ponam super sedem tuam.*

Ps. 131

A descendencia de David e a de D. Affonso Henriques.

D'onde é bem que notemos as palavras do juramento, nas quaes diz Deus a David que o fructo do seu ventre se assentaria no throno real de Judá. Se Deus fallara com alguma rainha parece que estava dicto com propriedade: O fructo do teu ventre se tornará a assentar no throno real. Mas fallando com David? Sim, porque, como diz Sancto Ireneu, Tertulliano e Sancto Agostinho quiz Deus significar que quando o reino se restituisse, havia de ser preferindo a prole feminina á masculina, como verdadeiramente aconteceu: porque ainda que José e Maria eram filhos de David, Christo, que foi o rei promettido, era filho de David por Maria e não por José.[1] O caso é tão similhante ao do nosso reino que não necessita de accommodação. De maneira que temos a restauração de um reino tyrannizado, restituido, depois de muitas gerações, a seu ligitimo senhor; preferindo na successão a parte feminina á masculina e tudo conforme as prophecias antigas e juramento do primeiro fundador do reino. Ha propriedade mais propria? Pois estas foram

[1] Allude o orador a D. João IV descendente d'el-rei D. Affonso Henriques por D. Catharina e não por Philippe II. *Nota do Compilador.*

as primeiras influencias do nosso grande planeta — para que o que hoje nascia tivesse reino, influir ao reino restituição de liberdade. — E ninguem me diga que se não prova que foram isto influencias suas: porque os planetas quando dominam, influem conforme suas qualidades, e sendo este o dia e estas as qualidades de S. José, não se póde negar que foram estas suas influencias.

Só n'esta occasião chamou o anjo a S. José com nome de Filho de David; e porque? Segunda influencia do nosso planeta.

III. Esta é a primeira razão do *Fili David*. Para a segunda difficulto as mesmas palavras com diversa ponderação. Este anjo que aqui appareceu a S. José, tornou-lhe a apparecer outras tres vezes. Appareceu-lhe em Belem, quando lhe notificou que se desterrasse para o Egypto: appareceu-lhe em Egypto, quando o avisou da morte de Herodes: appareceu-lhe no caminho da Judéa, quando o assegurou que podia ir viver a Nazareth. e de todas estas vezes nenhuma lemos que lhe chamasse filho de David. Pois se este titulo de filho de David o não dá o anjo em nenhuma outra occasião a S. José; n'este caso de sua preplexidade, porque lhe chama José filho de David: *Joseph, Fili David, noli timere*? Varias razões dão os sanctos: eu darei tambem a minha, porque a quero provar. Chamou o anjo a S. José n'esta occasião filho de David; porque se houve o Sancto n'esta tão difficultosa acção com tanta realeza de animo, que bem mostrava que ainda que a fortuna lhe tirava a corôa da cabeça, tinha muito de rei no coração. Chamou-lhe filho de rei, porque viu que se portara muito como rei. Esta foi a segunda influencia que diziamos do nosso planeta José n'este dia — para que o reino tivesse rei, influir ao rei qualidades e perfeições reaes. — Bem conheço que parece cousa difficultosa na acção de uns ciumes formar a idéa de um principe perfeito. Mas o discurso me desempenhará; e não nos ha de desajudar o evangelho. Vamos com elle:

Por ser S. José justo, diz o Texto, não quiz accusar a Virgem: como assim? S. Jeronymo.

IV. *Joseph cum esset vir justus et nollet eam traducere, voluit occulte dimiterre eam*. Diz o evangelista que vendo S. José os indicios tão manifestos da conceição de sua Esposa, como fosse varão justo e a não quizesse entregar á justiça para que a castiguasse conforme a lei... Aqui reparo antes de ir mais por deante. Uma grande implicação parece que tem este texto. Que quer dizer que a não quiz entregar á justiça porque era justo? Se dissera que a não quiz entregar á justiça porque era piedoso, então parece que estava mais propriamente advertido. Perdoar, não accusar, são actos de piedade, não são actos de justiça. Pois porque troca o evangelista os termos; e em logar de chamar a José piedoso, lhe chama justo? «Responde o doutor maximo S. Jeronymo que o titulo de justo com que o

evangelista S. Mattheus honra n'este logar S. José, não significa uma virtude particular, mas a collecção de todas as virtudes: *Joseph vocari justum propter omnium virtutum perfectam possessionem.* Discretamente advertido. Mas se n'elle resplendeciam todas as virtudes; pergunto: Por que razão o Espirito Santo fez particular menção da segunda das virtudes moraes que é a justiça?» Porque como S. José tinha tanto de rei, *Joseph, fili David,* tinha obrigação de justiça a ser piedoso; e quem tem obrigação de justiça a ser piedoso, quando é piedoso é justo. A piedade que nos outros homens é piedade, no principe é justiça.

O bom ladrão invoca a piedade do Salvador para quando estiver no seu reino, porque é dever da realeza usar piedade.

Quiz o bom Ladrão que usasse Christo com elle de piedade e disse assim: *Domine memento mei, cum veneris in regnum tuum:* Senhor, lembrae-vos de mim, depois que chegardes ao vosso reino. Depois que chegardes! E antes porque não? A quem tanto padecia, não lhe estava melhor o soccorro antes mais cedo, que mais tarde? Sim estava. Pois porque não diz: Lembrae-vos, Senhor, de mim agora, senão depois de chegardes a vosso reino? A razão foi, diz S. Chrysostomo, porque a lembrança e piedade que o ladrão pedia, antes de Christo «entrar, como elle julgava, na posse de seu reino», era favor que lhe podia fazer; depois de «ter entrado na mesma posse», era justiça que lhe não podia negar. Foi tão astuto requerente o ladrão que sendo a sua petição de misericordia, quiz que fosse o seu despacho de justiça. E como os reis teem obrigação de justiça a ser piedosos; por isso disse: Lembrae-vos, Senhor de mim não antes, senão depois de virdes ao vosso reino: porque a mesma piedade que antes «d'esta vinda» era piedade, depois «da vinda» era justiça. É verdade que a miseria que o ladrão padecia era presente: mas como a misericordia que esperava antes de Christo reinar era voluntaria e depois de reinar devida; por isso regulou sabiamente o seu requerimento, não pelo tempo em que experimentou em si a necessidade, senão para o tempo em que considerava em Christo a obrigação: *Cum veneris in regnum tuum.* Não peço piedade agora, senão para depois que estiverdes no vosso reino: porque, ainda que eu a não mereça agora por ser culpado, vós m'a devereis depois por serdes rei «e estardes no vosso reino.» E Christo que já na cruz era rei e Christo que já na cruz estava no seu reino, que é o que fez? *Hodie mecum eris in paradiso.* Pedes-me piedade a titulo de rei: pois já t'a dou, porque já t'a devo: Rei sou e «já estou no meu reino» E se a piedade nos reis é divida, se a piedade nos reis é justiça, que muito que se chame justo, quando foi piedoso, quem tinha tanto de rei como José: *Joseph fili Da-*

... justo, porque perdoando a offensa que ... devia a quem era. O perdão de sua ... de seu pae: *Joseph, fili David.* ... *traducere, voluit dimittere eam:* não a quiz ... quiz deixal-a e ir-se. A segunda cousa em ... mostrou ser filho de David foi aquelle *nollet* e ... quiz deixal-a e a não quiz entregar. Quiz e não ... tendes de rei, divino José! Em nenhuma con... mais o ser de rei, que em ter querer e ter não ... liberdade da vontade humana, como dizem os philo... consiste em uma indifferença que se chama Quero, ou ... Tal ha de ser a vontade real: livre e não sujeita. ... principe não ha de ter a sua vontade sujeita a outrem; nem ... estar sujeito á sua vontade. Se tem a sua vontade sujei... outrem, não é rei dos seus: se está sujeito á sua vontade, ... é rei de si. Pois para reinar sobre si e sobre os seus ha ... ter a vontade em uma indifferença tão livre e tão senhora, que seja seu o querer e seu o não querer: *Nollet, Voluit.*

E porque razão importa tanto que o principe não seja sujeito á vontade alheia? Por duas razões: uma da parte do rei, outra da parte do reino: da parte do rei, porque não é rei, é subdito: da parte do reino, porque não é reino, é confusão. Comecemos por este segundo.

Quando o Sol parou ás vozes de Josué aconteceram no mundo todas aquellas consequencias que parando o movimento celeste consideram os philosophos. As plantas por todo aquelle tempo não cresceram: as qualidades dos elementos e dos mixtos não se alteraram: a geração e corrupção com que se conserva o mundo, cessou: as artes e os exercicios humanos de um e outro hemispherio estiveram suspensos: os antipodas não trabalhavam, porque lhes faltava a luz: os de cima cançados de tão comprido dia deixavam o trabalho: estes pasmados de verem o sol que se não movia, aquelles tambem pasmados de esperarem pelo sol que não chegava, cuidavam que se acabara para elles a luz, imaginavam que se acabava o mundo. Tudo eram lagrimas, tudo assombros, tudo horrores, tudo confusões. Que é isto? Quem desordenou a compostura do universo? Quem descompoz a harmonia da natureza? D'onde tanta desordem? D'onde tanta confusão ao mundo? Sabeis d'onde? «Da causa que já aponctamos: o sol ha de ser regra da vontade humana e não a vontade humana regra do sol. Assim o notou o psalmista: *Ortus est sol et exibit homo ad opus suum et ad operationem suam usque ad vesperum;* e onde se descompoz esta ordem tudo havia de ser confusão.» Em um mundo onde o subdito manda e

... haria ... toda ... no ... de Josué por ter ... a ... humana regra do sol.

o Senhor obedece: em um mundo onde manda o creado que havia de obedecer e obedece o senhor que havia de mandar; que muito que haja confusões, que haja desordens, que haja descomposturas? Que muito que nada cresça, que nada se obre: que muito que os de cima triumphem e os debaixo chorem e que nascendo o sol para todos, os de cima levem todas as luzes e os debaixo todas as trevas?

Os mesmos desconcertos renovam-se nos reinos.

Com grandes exemplos d'estes se tem infamado o mundo em todas as edades; e sem pedirmos aos seculos passados as memorias de Galba, nem de Tiberio, os nossos olhos são boas testimunhas. Nós o vimos e nós o vemos. Pergunto: Portuguezes, vós que vistes o que padecestes e vós que vedes o que gozais; d'onde veio tanta differença em tão poucos annos? A differença não a pondero, porque a veem os olhos; a causa por que a veem é só o que pergunto. Sabeis porque? Porque então tinhamos um rei sujeito a uma vontade alheia; hoje temos um rei senhor das vontades alheias e mais da sua: então tinhamos um rei captivo, hoje temos um rei livre: então tinhamos um rei obediente; hoje temos um rei obedecido: então tinhamos um rei senhoreado; hoje temos um rei senhor. Esta é a differença.

Rei sujeito á vontade alheia não é rei. Por isso Pilatos injuriou mais a Christo do que os phariseus.

Rei senhor digo (e é a segunda razão): porque o rei sujeito á vontade alheia não é senhor. É rei subdito; é rei não rei. Quando Christo foi levado á presença de Pilatos perguntou elle aos ministros d'aquella justiça: Que quereis que faça do Rei dos judeus? Responderam os escribas e phariseus: Queremos que o crucifiqueis. E que fez Pilatos? *Tradidit voluntati eorum:* entregou-o a vontade d'elles. Pergunto agora: Quem fez maior injuria a Christo em quanto Rei dos judeus; os escribas e phariseus na sua petição, ou Pilatos na sua permissão? Os escribas em o pedirem para a cruz; ou Pilatos em o entregar á sua vontade? Todos os doutores commummente condemnam «n'esta parte» mais a Pilatos; e com muita razão. Muito maior injuria fez Pilatos a Christo com sua permissão, do que os phariseus em sua petição. Porque os phariseus no que pediam mostravam «ainda que sem querer» que Christo era verdadeiro rei; e Pilatos no que permettia, «posto que muito a seu pezar,» mostrava que Christo não era rei verdadeiro. Os phariseus mostravam que era rei verdadeiro; porque pediam a Christo para a cruz; e não ha maior prova de ser verdadeiro rei que chegar a dar o sangue e a vida por seus vassallos. E Pilatos no que permittia, mostrava que não era rei verdadeiro; porque entregou a Christo á vontade dos seus; e não ha melhor prova de não ser verdadeiro rei, que ser rei entregue á vontade alheia: *Tradidit eum voluntati eorum.* E senão vejamos o

que se seguiu. Tanto que Pilatos entregou a Christo á vontade d'elles, immediatamente o vestiram de uma purpura de farça; deram-lhe um sceptro de canna; pozeram-lhe uma corôa de espinhos e faziam-lhe grandes adorações zombando: *Illudebant ei dicentes*: *Ave rex judaeorum.* De maneira que antes de Christo estar sujeito á vontade alheia, ainda «na bocca de Pilatos» era verdadeiro rei: *Quid vultis faciam regi judaeorum?* Mas tanto que o entregou a vontade alheia, logo foi «deante d'aquelles a cuja vontade o entregara» rei de farça e zombaria. Rei entregue á vontade de outrem terá purpura, terá sceptro, terá corôa, terá adorações: mas a purpura não é «honra» o sceptro é canna, a corôa espinhos, as adorações zombarias. E como é tão grande qualidade de rei ter a vontade sua e não sujeita; por isso o anjo chamou a José filho d'el-rei David, quando o viu tão isento senhor de sua vontade que era seu o querer e não querer: *Cum nollet eam traducere, voluit dimittere eam,*

S. José depois de resoluto torna a considerar; e assim se ha de fazer em materias de grande importancia.

VI. *Haec autem eo cogitante.* Resoluto S. José a deixar a sua esposa, diz o Texto que andava o Sancto considerando. Esta consideração me dá muito que reparar. Não estava já o Sancto deliberado e resoluto? Sim, estava: que isso quer dizer aquelle *Voluit*, deliberação de vontade. Pois se a vontade estava deliberada e resoluta, que é o que considerava José? Considerar antes de resolver, isso fazem ou devem fazer todos: mas depois de resolver considerar ainda? Sim: porque as materias de grande importancia (qual esta era) hão-se de considerar antes e mais depois. Antes de resolver ha-se de considerar o caso; depois de resolver ha-se de considerar a resolução. Esta differença acho entre a philosophia natural e a moral e politica; que a philosophia natural pede um conhecimento antes da deliberação: *Nihil volitum quin praecognitum;* a philosophia moral e politica pede um conhecimento antes e outro depois: um conhecimento antes que guie a vontade a tomar a resolução; e outro conhecimento depois, que examine a resolução depois de tomada. Assim o fez S. José. conheceu e considerou primeiro e logo resolveu: *Voluit*; e depois de resoluto e deliberado tornou ainda a considerar: *Haec autem eo cogitante.*

O passeiar de Deus no paraiso terreal antes de castigar a Adão teve este sentido.

Peccou Adão; escondeu-se, e antes de Deus lhe notificar a sentença de desterro diz o Texto que andava o Senhor passeando e fallando comsigo no paraiso: *Audivit vocem Dei deambulantis.* As vozes e os passeios tudo era improprio em Deus; porque o fallar comsigo encontrava o attributo da sua sabedoria e o passear de uma parte para a outra encontrava o attributo da sua immensidade e immutabilidade. Pois que o obriga a Deus «a apparecer n'esta forma tão alheia da sua natureza»?

Se vinha castigar Adão porque o não castiga? Se vinha desterral-o do paraiso, porque o não desterra? Porque? Porque era materia grande e «segundo o nosso modo de intender», quil-a Deus considerar primeiro. Por isso passeava só, como pensativo; por isso fallava comsigo, como irresoluto. Procedeu Deus em desfazer o homem, como havia procedido em o fazer: quando o fez, fel-o com conselho: *Faciamus hominem*; quando o desfez, desfel-o com consideração: *Audivit vocem Dei deambulantis.* Passear Deus de uma para outra parte parecia descredito de sua immutabilidade, mas não era senão honra. «Quiz mostrar sensivelmente á nossa fraca intelligencia que» no caso de Adão por uma e outra parte havia razões que o movessem. As razões que havia para castigar o levavam; as razões que havia para perdoar o traziam. Que me desobedecesse Adão! Hei de castigal-o: esta razão o levava. Que haja de lançar do paraiso um homem que ainda agora puz n'elle! Não o hei de castigar: esta razão o trazia. Fazer um homem de nada, foi credito de minha bondade: desfazel-o por pouco mais de nada, por uma maçã, parece demasiado rigor de minha justiça: ora perdoe-lhe. Voltava Deus ao passeio. Mas que um homem levantado de nada se atrevesse contra quem o creou! é grande soberba; e que um homem por pouco mais de nada, por uma maçã, arrastasse tantos respeitos! é grande ingratidão. Tornava a voltar Deus e ir por deante. De maneira que assim andava o supremo Rei como fluctuando de uma razão para outra; considerando antes de resolver e depois de resolver tornando a considerar. Bem assim como S. José n'este caso. Uma vez considerado resoluto e outra vez sobre resoluto considerado: *Haec autem eo cogitante.*

Quão difficultoso foi para o sancto o não arrojar-se em materia de ciumes.

Se fôra n'outra materia não me espantara muito: mas em materia de ciumes, em materia em que lhe não ia menos que honra e amor, que não se arrojasse José, que não se precipitasse! Grande capacidade de animo. O ciume guiava a José, o amor guiava o ciume; e sendo cego o ciume e cego o amor, não foram bastantes dous affectos cegos e tão cegos para que a prudencia de S. José se precipitasse. Disse affectos cegos e tão cegos: porque os ciumes de S. José eram fundados nas evidencias do que via; e não ha mais perigosas cegueiras, que as que teem da sua parte os olhos. Dous olhos e dous cegos guiavam a S. José n'este caso: oh que occasião para um precipicio! E que elle se tivesse tão firme nos estribos de sua prudencia, que nem a vista lhe deslumbrasse a cegueira, nem a cegueira lhe escurecesse a vista para que se arrojasse! grande valor. Mas era José filho de David; e quem tinha tanto de rei, como havia de ser arrojado? Nem por impeto proprio, nem por impulso

alheio. S. José o foi tão pouco n'esta occasião, que o achou o anjo temeroso, quando o podera achar temerario: *Joseph, fili David noli timere.* Oh que glorioso não *temas!* Que desçam anjos a socegar temores em occasião que deveram descer a resistir temeridades! Mas assim obra quem assim considera; e assim considera quem é filho de David: *Haec autem eo cogitante.*

Guardou tambem o maior segredo. Um segredo importa ás vezes um imperio.

VII. Já reparamos no *cogitante:* reparemos agora no *eo:* Com ser uma palavra de só duas letras tem muito que reparar. Diz o evangelista que as considerações que José fazia sobre este caso, elle as descorria comsigo: *Eo*, elle. Muito pondera Eutimio que as não communicasse com outrem; e tem razão. Porque o cuidado e afflicção de S. José havia mister allivio e remedio: o allivio estava na communicação, o remedio no conselho: pois porque se não aconselha S. José em um caso tão duvidoso; porque o não communica com outrem? Porque em materias grandes, como era esta, muita vezes importa mais o segredo que «o conselho»; e negocio em que importava tanto o segredo, não fôra S. Jose filho de David se o communicara com outrem. Materias em que póde ser perigosa a falta do segredo, não ha de sair do peito do principe nem para o maior valido, nem para o maior confidente, nem para o maior amigo. Não importa menos um segredo que um imperio.

Que significa o rasgar-se o véu do templo na morte de Christo? S. Leão Papa. Os reinos sustentam-se mais do mysterioso que do verdadeiro.

Tanto que Christo expirou, rasgou-se o veu do templo, em signal de que tambem a synagoga expirava e se acabava a monarchia ebrea. Assim o dizem communmente os doutores: mas eu replico. O signal sempre ha de ter proporção com o que significa e muita se é natural. Pois que proporção tinha rasgar-se o veu do templo com se haver de acabar o imperio da synagoga? Grande proporção, diz S. Leão Papa: *Sacrum illud mysticumque secretum, quod solus summus pontifex jussus fuerat intrare, reseratum est.* Aquelle véu do templo era a cortina que cobria a Sancta Sanctorum, onde estavam escondidos os segredos e mysterios d'aquella lei, vedados a todos e só ao summo sacerdote permittidos; e por isso tinha grande porporção rasgar-se o véu do templo, para significar que acabava a synagoga: porque não ha mais proprio signal de se acabar um imperio, uma monarchia, que romperem-se as cortinas dos seus mysterios e rasgarem-se os véus de seus segredos. Os reinos e as monarchias sustentam-se mais do mysterioso que do verdadeiro; e se se manifestam seus mysterios, mal os defendem as suas verdades. A opinião é a vida dos imperios; o segredo é a alma da opinião. A prevenção sabida ameaça a uma só parte; secreta, ameaça a todos. Os intentos ignorados suspendem

a attenção do inimigo: manifestos são a guia mais segura de seus acertos. Reino cujas resoluções primeiro forem publicas que executadas, oh que perigosa conjectura tem de sua conservação!

Por isso David disse a Chusai que passasse á confidencia de Absalão. A ruina de Samsão.

Que bem intendia esta politica el-rei David. Levantou-se Absalão com o reino; começou a fazer grandes levas de gente, grandes exercitos contra David; e David que faria contra Absalão? Chamou Chusai, um grande seu conselheiro; disse-lhe que se passasse á confidencia de Absalão; e que como fosse admittido aos conselhos, lhe revelasse por vias occultas tudo o que lá passasse. Isto fez David e não fez mais. Pois, David, se veem contra vós tão numerosos exercitos de Absalão, porque não fazeis tambem exercito? E já que vos descuidais d'estas prevenções a que fim mandais lá Chusai? Que ha de fazer um homem contra Absalão? Obrou David como soldado tão experimentado e como rei tão politico. Querendo-se oppor ao poder de Absalão tractou sobre tudo de lhe metter um confidente seu no conselho; porque intendeu que maior guerra fazia a Absalão com um homem que lhe rompesse os seus segredos, que com muitos mil homens que lhe rompessem os seus exercitos. Um exercito roto póde-se refazer; mas um segredo roto não se póde remediar. Um exercito roto póde-se refazer com soldados; um segredo roto não se póde soldar com exercitos. Qualquer grande poder, sem segredo é fraqueza, com segredo é grande poder. Em quanto Samsão encobria o segredo dos seus cabellos, destruia exercitos inteiros: como descobriu o segredo a Dalila, cortaram-lhe os cabellos os philisteus; e poderam atar aquellas valentes mãos de quem tantas vezes foram vencidos. Oh que grande exemplo do poder do segredo! De maneira que septe cabellos com segredo faziam tremer exercitos armados; e esse mesmo poder que fazia tremer exercitos armados sem segredo, bastou um golpe de uma thesoura para o desbaratar. Por isso David contra Absalão tractou de lhe conquistar os segredos e não de lhe render os exercitos. E se tanta estimação fazia de um segredo David, porque era rei; que muito que fizesse tanta estimação do segredo José, porque era filho de David?

O anjo apparece a S. José em sonho respeitando o seu segredo.

D'onde se verá a razão por que o anjo lhe appareceu em sonhos: *Angelus Domini apparuit in somnis*. E porque não accordado, senão dormindo? Por acudir ao remedio sem violar o segredo, «que S. José guardava no fundo do coração», disse advertidamente S. João Chrysostomo: «O que se revela em sonho fica por sua natureza occulto, porque não póde ser ouvido nem espiado por outrem, como o que se revela a quem está accordado». Tanto respeito guardou o anjo a um segredo.

Outro reparo do dormir de S. José comparado com o descanço que devem ter os reis.

«Mas n'este dormir de S. José ha ainda outro reparo.» No

meio dos maiores cuidados ter magnanimidade de coração para dar algum allivio aos sentidos, tambem é parte de rei. Descançar para cançar mais, antes é ambição de trabalho, que desejo de descanço. Quando as potencias da alma estão tão fatigadas, justo é que se dê algum allivio aos sentidos do corpo. Os moderados passatempos «alem de serem» privilegios das majestades, gages do poder supremo, divertimentos licita e honestamente soberanos, são qualidades de rei e parte de reinar. Para digerir o negocio é necessario desafogar o animo. Parte é logo do cuidado do reino o divertir-se, quando o recrear os sentidos vem a ser habilitar as potencias. Não quero outra prova mais que a do nosso evangelho. Dous estados teve S. José n'este seu caso; um de cuidadoso, quando imaginava, outro de divertido quando dormia. Pergunto: E quando resolveu S. José o negocio que tanta pena lhe dava? Quando? Quando se divertiu um pouco d'elle. Quando cuidadoso imaginava, tudo eram duvidas, tudo escrupulos, tudo perplexidades. Quando se divertiu um pouco dormindo, serenaram-se as tempestades do animo e desfez a verdade a confusão que o trazia perplexo. De maneira que o demasiado cuidado lhe embaraçou a resolução e o moderado descanço lhe resolveu o cuidado. Quando deu a recreação aos sentidos, então achou a solução aos negocios: *Ecce angelus Domini apparuit in somnis.* «É verdade que foi o anjo do Senhor que o consolou: mas consolou-o quando» no meio dos maiores cuidados o viu tomar algum descanço: *Haec autem eo cogitante, ecce angelus Domini apparuit in somnis ei dicens: Joseph, fili David noli timere.*

O respeito e modestia do rei impede declarar as qualidades reaes que lhe influiu o nosso planeta. Plinio a Trajano.

VIII. Temos acabado a segunda influencia do nosso planeta, que foi, para que o reino tivesse rei, influir ao rei qualidades e perfeições reaes. Na applicação d'ellas se me offerecia agora larga materia a um agradavel discurso, se prégara em outro logar. Mas aconteceu-me hoje o que a Plinio com a majestade de Trajano, que a presença de tão moderado principe lhe impedia a maior parte da sua oração, quasi offendendo com o silencio suas virtudes por não offender com o discurso sua modestia: *Orationem meam ad modestiam principis moderationemque submittam; nec minus considerabo quid aures ejus pati possint, quam quod virtutibus debeatur.* E assim para que os louvores sejam só de S. José e para que se não falte da nossa parte ao reconhecimento agradecido das grandes obrigações que lhe devemos, saibamos que não só foram influencias d'este benigno planeta as qualidades do nascimento, senão a conservação da vida, que sua majestade logre por compridissimos annos, para que contemos muitos dias d'estes.

Os reis Magos salvados pela protecção de S. José como protector natural dos reis. Assim salvou elle o nosso.

Nenhum rei teve mais arriscada a vida e com ella o reino, que aquelles tres reis que no nascimento de Christo o adoraram; porque estavam debaixo da jurisdição de Herodes e sujeitos ás temeridades de sua tyrannia. Comtudo, Deus os levou por taes caminhos que elles conservaram as vidas e se restituiram a seus reinos. Mas por que merecimentos? Ouvi umas palavras de S. Jeronymo de poucos até hoje bem intendidas: *Responsum accipiunt non per angelum sed per ipsum Dominum, ut meritorum Joseph privilegium demonstraretur.* Ensinou-lhes Deus immediatamente o caminho por onde se haviam de restituir salvos a seus reinos, porque se vissem os privilegios de S. José: *Ut Joseph privilegium demonstraretur.* Salvarem-se os reis apezar do tyranno, privilegio dos reis parece, porque elles o gozaram. Pois como diz S. Jeronymo que não foi senão previlegio de S. José? Como S. José era do real sangue de David, ainda por força natural do sangue estão vinculados seus merecimentos ao patrocinio das pessoas reaes: que quando Deus guarda os reis, fal-os pelos privilegios de S. José. Dos reis foi o beneficio, mas de S. José o privilegio: *Ut Joseph privilegium demonstraretur.* Assim que conservar sua majestade a vida apezar do oppositor (que lhe não quero dar outro nome) dentro em suas proprias terras e restituir-se a seu reino por caminhos tão outros do que se podia esperar; fortunas são de sua majestade, mas foram privilegios de S. José: *Ut Joseph privilegium demonstraretur.* A S. José devemos a vida e os annos do rei que nos deu em seu dia.

D. João na edade mais propria para governar. Debaixo do patrocinio de S. José, foi figurado por Pharaó.

Mas quero por fim que advirtamos, que ainda que nos deu o rei e os annos, «não menos» lhe devemos pelos annos, que pelo rei: porque nos deu um rei de tal edade e em tal mediania de annos, qual o haviamos mister: um rei que tivesse vivido os annos que bastassem para a experiencia e que lhe faltassem por viver os annos que são necessarios para a conservação. Annos maduros para o conselho, efficazes para a execução, robustos para o trabalho, fortes e animosos para a guerra, em fim annos que se hão de continuar com muitos e felicissimos: que debaixo do patrocinio de S. José não ha annos infelizes, ainda que os prometteu o tempo. Pharaó sonhou com septe annos de fartura e septe de fome: poz-se debaixo do patrocinio de José; e todos os quatorze annos foram de fartura. De maneira que na previsão do rei havia annos felizes e infelizes: mas na protecção de José os felizes e os infelizes todos foram ditosos. Assim serão os annos que esperamos (por mais que o mundo padeça calamidades) felizes todos por favor de S.

José: felizes na vida de suas majestades e altezas: felizes em gloriosas victorias de nossas armas: felizes na conservação e perpetuidade do nosso reino: felizes em fim, na reforma dos costumes e augmento das virtudes christãs por meio da graça. *Quam mihi et vobis etc.*

(Ed. ant., tom. 7.º, pag. 495, ed. mod. tom. 8, pag. 168.)

SERMÃO DE S. ROQUE *

PRÉGADO NA CASA PROFESSA DA COMPANHIA DE LISBOA
NO ANNO DE 1642
NA FESTA QUE FEZ ANTONIO TELLES DA SILVA

Observação do compidador. — **O sermão é dividido em duas partes, uma panegyrica, outra politica. Dir-se-hia esta segunda menos propria da alta missão de um ministro evangelico, se não servisse para realçar maravilhosamente uma eloquentissima peroração apostolica, que é a parte mais util e mais nobre de todo o sermão.**

Ut cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei.
S. Luc. 1.

Como é qu[e] Deus bate á portas da no[ssa] alma, e com lhe abrimos. [S.] Gregorio.

Verdadeiramente, que se alguma hora préguei sobre thema forçado; se alguma hora não tive liberdade de eleição sobre as palavras do evangelho, foi na occasião presente. Nem eu pudera tomar outro thema, que o que propuz, nem poderei seguir n'elle outra exposição, que a que logo direi, de S. Gregorio. O fim e intento de todo o evangelho é querer Christo seus servos vigilantes e preparados para quando lhes bater á porta. Isso veem a dizer em summa as nossas palavras: *Ut cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei.* Se perguntarmos aos doutores: Quando e de que maneira bate Deus ás portas de nossas almas, responde S. Gregorio Papa no sentido mais litteral que todos seguem: *Pulsat cum per aegritudinis molestias esse mortem vicinam designat:* que nos bate Deus ás portas d'alma por meio das infermidades do corpo. Se perguntarmos mais: Quando e de que maneira abrimos com ponctualidade a Deus; responde o mesmo sancto doutor e com elle muitos outros: *Cui confestim aperimus, si hunc cum amore suscipimus:* que abrimos a Deus com ponctualidade, quando o recebemos com amor. De sorte que o bater e o abrir das portas de nossa alma consiste em bater Deus por infermidade e em abrirmos nós por caridade: *Pulsat per aegritudinis molestias: aperimus, si cum amore suscipimus.*

Correspondencia maravilhosa que teve a caridade de S. Roque com suas infermidades.

Bem disse eu logo, que nem podera tomar na occasião presente outro thema, nem seguir n'elle outra exposição. Celebramos hoje as gloriosas memorias do illustrissimo confessor de Christo. S. Roque, cujas portas formosissimas d'alma se estão vendo tão batidas e tão abertas, que duvido qual mais quizesse fazer n'ellas a Providencia divina, se theatro de sua paciencia ao céu, se exemplar de sua caridade á terra. Encontraram-se ás portas d'aquella alma no mesmo tempo duas mãos, por fóra a de Deus batendo, por dentro a de Roque abrindo; e ainda que o amor não se conquista com golpes, quão rigoroso insistia Deus no bater, tão amoroso se mostrava Roque no abrir: Deus batia por infermidades: Roque abria por caridade. Supposta esta conformidade facil do evangelho, parece que se encaminhará o nosso discurso a S. Roque pela correspondencia maravilhosa que teve sua caridade com suas infermidades. E ainda que eu estava mais para pedir ao Sancto remedio das proprias, que para ponderar finezas das suas, diremos em quanto podermos com o favor da divina graça. *Ave Maria.*

S. Roque foi servo vigilante em acudir ao bater de Deus ás portas proprias e alheias. Cant. 5

II. *Ut cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei.* Supposto que nos bate Deus ás portas d'alma por meio das infermidades do corpo, uma cousa mui singular acho no glorioso sujeito de nossa oração; e é, que foi tão vigilante servo S. Roque em acudir ao bater de Deus, que não só acudiu ponctualmente, quando lhe batia ás portas proprias, senão tambem quando batia ás alheias. Lá bateu uma vez o Esposo ás portas da alma sancta; e com ser sancta acudiu tão pouco diligente, que quando chegou a abrir, já o Esposo, cançado de esperar, se tinha partido: *Surrexi ut aperirem dilecto meo: at ipse declinaverat atque transierat.* Verdadeiramente que se a Esposa dos Cantares não representara as almas de toda a Egreja, creio que deixara Deus a alma sancta e se desposara com a alma de Roque. A alma sancta talvez acode a Deus, quando lhe bate ás portas proprias: Roque, ou lhe bate Deus ás proprias ou ás alheias, sempre acode diligente. E se me perguntam: Quando aconteceu isto a S. Roque; quando acudiu com esta ponctualidade a um e outro bater de Deus? Digo que sempre em duas occasiões: ou quando lhe batia Deus ás portas proprias por meio das infermidades suas: ou quando batia ás portas alheias por meio das infermidades dos proximos: andando tão fervorosa em um e outro abrir sua caridade, que das infermidades alheias adoecia e com as infermidades proprias curava; das infermidades alheias tirava doença para si, das infermidades proprias tirava saude para nós. Não é modo de encarecer, senão verdade lisa. Quando S. Roque saiu de França para Italia o

exercicio e instituto de vida que tomou foi servir aos infermos nos hospitaes, d'onde (posto que curou muitos milagrosamente) saiu com uma grave infermidade, que lhe deu larga materia de paciencia. Voltando á patria e chegando-se-lhe o fim ditoso de sua peregrinação, permittiu o Senhor que fosse ferido de peste, de que morreu em breves dias: mas depois de morto, foi achado com uma taboa nas mãos, escripta por ministerio de anjos, na qual promettia que todos os infermos de peste que se encommendassem em sua intercessão, sarariam d'aquelle mal. Assim que, das infemidades alheias tirava doença para si; e das infermidades proprias tirava remedio para nós. Quando serve aos infermos, toma por premio a doença; quando morre da infermidade deixa em testamento a saude. Até aqui ponctualidade de acudir a Deus: até aqui ingenhoso artificio e artificioso extremo de caridade: adoecer com as infermidades alheias e curar com as infermidades proprias. «Segue-se um grande exemplo que imitou S. Roque em um e outro extremo de caridade»!

Imita n'isto S. Paulo. 2 Cor. 11 Joan. 17

III. Vai contando S. Paulo o muito que tinha padecido em serviço dos proximos e diz assim aos corinthios: *Quis infirmatur et ego non infirmor?* Que homem ha que adoeça, que não inferme eu tambem com elle? Notavel dizer! Parece que a caridade é um bem contagioso que se pega a todos os males; ou todos os males são contagiosos em respeito da caridade, que se pegam a quem a tem: *Quis infirmatur et ego non infirmor?* Mas como póde ser (vamos á razão) como póde ser, que adoecesse S. Paulo das infermidades alheias; e que sentindo cada um as suas, Paulo padecesse as de todos? Lá os outros infermavam e cá Paulo adoecia? Como póde isto ser? Na caridade do Apostolo temos a solução da duvida. Como a caridade essencialmente é união perfeitissima; de tal maneira une os proximos entre si, que se eu tenho caridade, cada proximo é outro eu: *Ut unum sint, sicut nos unum sumus;* e como por estes laços sobrenaturaes os homens se unem entre si e se idenficam reciprocamente, d'aqui vem que póde, antes deve cada um adoecer das infermidades do outro; porque necessariamente hão de ser os accidentes communs, onde o sujeito é o mesmo. Por isso S. Paulo (e o mesmo digo de S. Roque) adoecia das infermidades alheias; e sentindo cada um as suas, elle padecia as de todos: tudo por beneficio de sua caridade. Adoecia das infermidades alheias; porque a união reciproca do amor as fazia proprias; e sentindo cada um o seu mal, elle padecia o de todos: porque sendo um só por natureza, era todos por caridade. *Quemadmodum si universa orbis ecclesia esset, sic in unoquoque membro discruciabatur:* diz do Apostolo S. João Chry-

sostomo. Adoecia em todos por sentimento, porque vivia em todos por amor: *Quis infirmatur et ego non infirmor?*

E com S. Paulo suppre ao que falta a Deus por não poder padecer.

D'onde a mim me parece, podemos dizer por uma certa analogia, que o que lhe faltou a Deus, em quanto causa primeira, por perfeição de sua simplicidade, suppriu S. Paulo e S. Roque por perfeição de sua caridade. Deus nosso Senhor (como ensinam os theologos) é primeira causa activa; porque por sua immensidade e omnipotencia obra com todos os que obram, concorrendo junctamente com elles; e não é primeira causa passiva, porque por sua simplicidade e immutabilidade não póde padecer em si, nem receber accidentes extranhos. De maneira que obra Deus com todos os que obram; mas não padece com os que padecem. Pois esta generalidade e extensão que tem Deus, em quanto causa primeira, por perfeição de sua simplicidade, esta suppriu S. Roque com S. Paulo por perfeição de sua caridade. Deus como primeira causa activa, obra com todos os que obram; Roque, á imitação de Apostolo como primeira causa passiva, padece com todos os que padecem; e assim como é brazão da Omnipotencia divina que ninguem póde obrar sem Deus; assim é brazão da caridade de Roque «não menos que do Apostolo» que ninguem póde padecer sem elle: *Quis infirmatur et ego non infirmor?*

Como é imitado n'esta sua caridade pelos Padres da Companhia em S. Roque.

IV. Este sois, divino Roque, este ao mundo todo por beneficio, e estes são os religiosos d'esta casa por imitação: que pouco fôra recebel-os debaixo de vosso patrocinio, se lhes não communicáreis junctamente as gloriosas participações de vosso fervoroso espirito. Verdadeiramente que quando considero (seja-me licito ao menos pelos privilegios de extranho dizer o que venero e o que admiro); quando considero a verdade com que póde dizer a casa de S. Roque: *Quis infirmatur et ego non infirmor?* Que infermidades, que males, que trabalhos ha em Lisboa, que a caridade d'esta casa não participe? Nos hospitaes, nos carceres, nas afflicções e sentimentos particulares, quem os padece n'este grande povo, que não reparta sua paciencia com a caridade dos religiosos d'esta casa? Que infermo, que os não tenha á cabeceira? Que preso, que os não ache á grade? Que condemnado, que os não leve comsigo ao logar do supplicio? Finalmente, que necessidade espiritual ou temporal, que não venha buscar aqui ou o remedio, ou o allivio, ou a companhia? Quando tudo isto considero, me persuado que deve esta graça a Companhia ao glorioso padroeiro d'esta casa; e que a gozam os religiosos d'ella mais por padres de S. Roque, que por filhos de Sancto Ignacio. Não são estes fervores de caridade privilegios da filiação, são proveitos da moradia: no instituto são

obrigações da vida que professamos; no exercicio são influencias da casa em que vivemos.

O espirito de S. Roque e o de Sancto Ignacio.

Nem cuido que se poderá aggravar meu padre Sancto Ignacio de eu o considerar assim; porque estas graças ou estas glorias todas tornam a demandar a fonte d'onde manaram; e S. Roque tambem foi «em algum modo» filho de Sancto Ignacio. Não digo isto por querer imitar a devoção com que algumas religiões perfilharam os sanctos alheios; porque estes piedosos latrocinios só se podem dissimular (posto que não encobrir) na confusão das antiguidades; e a nossa religião é tão pouco antiga, que mais se conhece de vista, que de memoria. O que digo e o que intendo, é, que S. Roque foi professo da Companhia em espirito e filho de Sancto Ignacio em prophecia. A fórma de vida que por morte de seus paes tomou S. Roque foi esta: renuncia seus estados, que era senhor de Montpellier; reparte com os pobres suas riquezas; parte a Italia, e alli, como dissemos, applica-se a servir aos infermos, tractando do remedio de seus males, como se foram proprios. Pois, glorioso Roque, francez divino, que impeto de espirito é este vosso? Que trocados de vida são estes tão contrapostos? Aqui renunciais os bens proprios, alli tomais á vossa conta os males alheios? Sim; que isto é ser professo da Companhia. O instituto da Companhia professa consiste em renunciar os bens proprios; porque nenhuma casa professa da Companhia póde ter propriedade alguma, nem ainda para o culto divino, de que é tão zelosa: e consiste em fazer proprios os males alheios; porque esse é o voto e obrigação dos professos, acudir aos males communs e dos proximos, como se foram proprios e particulares. Este é o instituto da Companhia professa; e esta a vida que professou S. Roque seguindo as pizadas dos apostolos e imitando em prophecia o espirito do nosso fundador. Mas seja ambora como a devoção de cada um o quizer considerar, o certo é, que de S. Roque mais immediatamente se deriva aos religiosos d'esta casa aquelle fervoroso espirito de caridade, com que, depois de alienarem de si todos os bens proprios, se apropriam tão intimamente dos males dos proximos, que poderam bem dizer, se o não calara sua modestia, com o Apostolo: *Quis infirmatur et ego non infirmor?*

O zelo de S. Roque, o de David (ps 118) e dos nossos Padres.

O zelo de Roque de tal maneira o entranhava nos males dos proximos, que não só adoecia na alma por sentimento compassivo, se não que chegou a adoecer no corpo, como vimos, por infermidade verdadeira. «Grande excesso de zelo! mas este é, padres, o exemplar da vossa caridade». Dizia de si o propheta rei: *Tabescere me fecit zelus meus*: o meu zelo, a minha caridade,

me faz andar pallido, andar infermo, andar tisico, andar mirrado. Pois como, se o zelo caritativo é uma virtude que está na alma, como adoecia de zelo David e se entisicava no corpo? Glossa aqui a Interlineal. A razão d'este excesso é, porque os affectos de nossa alma, se são extremamente intensos, ateam-se pela visinhança ao corpo, chegando o corpo a padecer por infermidade o que a alma padece por sentimento. O calor naturalmente dilata; e como a caridade é um affecto ardente chega talvez a dilatar-se tanto, que não cabendo na estreiteza onde nasceu, ou rebenta o coração e morrestes; ou se communica ao corpo e infermastes. Tal foi a caridade de Roque «e tal muitas vezes é a dos religiosos d'esta casa» para que se veja quão vigilante servo se mostrou Roque em abrir a Deus quando lhe batia ás portas alheias por meio das infermidades dos proximos, «e quão fielmente é aqui imitado» : *Ut cum venerit et pulsaverit confestim aperiant ei.*

Em imitação de Jesus Christo cura S. Roque as infermidades dos outros com as suas. Isaias c. 53 commentado por S. Mattheus c. 8

V. E amor que era tão argos em acudir a Deus quando batia ás portas de outros, já se vê quão vigilante sería em abrir quando lhe batia ás suas. Andou tão ingenhosa tambem aqui a caridade de S. Roque, que se lá em emulação de S. Paulo soube adoecer com as infermidades alheias, cá em imitação de Christo soube curar com as infermidades proprias. Fazer das infermidades proprias medicina é privilegio soberano, que só em Christo Senhor nosso se acha, de quem diz o propheta Isaias: *Livore ejus sanati sumus*: que suas infermidades ou dores, foram nossa saude. Com menos facilidade, mas com mais galanteria o disse o evangelista S. Mattheus; e é um dos textos de sua historia, que reconhecem os interpretes por mais difficultoso. Sarou Christo em Capharnaú grande multidão de doentes de diversas infermidades; e referindo S. Mattheus este milagre diz assim: *Omnes male habentes curavit; ut adimpleretur quod dictum est per Isaiam prophetam dicentem: Ipse infirmitates nostras accepit et aegrotationes nostras portavit.* Curou Christo todos os infermos que lhe apresentavam, diz S. Mattheus; e aqui se cumpriu o que disse o propheta Isaias: Que tomaria Christo em si nossas penas e padeceria nossas infermidades. Notavel allegar de prophecias por certo! Se Christo estava curando infermos e a prophecia diz que havia de padecer nossas infermidades; como se cumpriu n'este caso a prophecia? Padecer infermidades e curar infermos é a mesma cousa? Em Christo sim: a mesma cousa é em Christo padecer infermidades que curar infermos; porque a paciencia das suas dôres foi o remedio e medicina das nossas: *Livore ejus sanati sumus.* Por isso o evangalista quando viu a Christo milagrosamente medico, logo o considerou infallivelmente infermo; porque aquel-

les effeitos de curar, eram certezas de adoecer: onde a infermidade era medicina, não podia ter saude quem a dava: *Et defuit sanitas, ne nobis deesset;* disse com propriedade o Oleastro.

Morre ferido de peste sem remedio, para que tivessem remedio os feridos de peste.

Tal o grande imitador da caridade de Christo, S. Roque; que do soffrimento de suas infermidades fez merecimento de nossa saude; e morreu ferido de peste sem remedio, para que tivessem remedio os feridos de peste. Quem visse estar morrendo do mal de peste a Roque e o tivesse visto curar milagrosamente a tantos do mesmo mal, parece que podera dizer ao Sancto por admiração o que no Calvario disseram a Christo por affronta: Póde salvar aos outros e a si não se póde salvar? Pois se sarou de peste a tantos; porque se não cura tambem a si? Sabeis porque? Não curou S. Roque a si, porque quiz que sarassemos nós: *Et defuit sanitas, ne nobis deesset.* Offereceu a Deus sua infermidade por nossa saude, sua vida por nossa morte: adoeceu para que sarassemos, morreu para que vivessemos; e ainda que tinha virtude milagrosa para curar de peste, não quiz empregar esta graça em sua vida, para poder testar d'ella na morte. Assim o dizem as taboas de seu testamento. Ha mais fino amor dos proximos? Ha mais perfeita, ha mais divina caridade que esta? Julgo-a por tão divina, que não foram menos que demonstrações de divindade em Christo, os que foram effeitos de caridade em Roque.

As chagas de S. Roque prova da sua caridade e as de Christo prova da sua divindade. Sancto Agostinho. Joan. 20

Estava S. Thomé incredulo da Resurreição com os outros discipulos: entra Christo com as portas fechadas: abre as das mãos e do lado: chega Thomé, e apenas tinha visto ou tocado as chagas, quando cái aos pés do Senhor, dizendo: *Dominus meus et Deus meus:* reconheço, Senhor, que sois meu Senhor e creio que sois meu Deus. Mais crê Thomé do que duvidava; porque só duvidava de um homem resuscitado e reconhece-o mais por Deus verdadeiro. Pois, discipulo incredulo, atégora não crieis tão obstinado, como já crédes tão resoluto? E se nunca reconhecestes em vosso Mestre mais que a humanidade, como o confessais por Deus tão subitamente? Que é o que vistes n'elle? Que é o que descobristes de novo? Vi (diz Thomé) que deixou este Senhor as mãos e o lado aberto para render minha incredulidade; e quem não fecha as suas chagas para ter com que curar as minhas, é mais que homem, é Deus: *Dominus meus et Deus meus. Novo genere vestigia vulnerum divinitati perhiberent testimonium*: exclama Sancto Agostinho: cousa nova e prodigiosa que chagas de um corpo humano sejam testimunho de natureza divina. Mas que menos se póde arguir que divindade, em quem deixa abertas as proprias chagas para

ter com que curar as alheias? *Voluit exhibere in illa carne cicatrices vulnerum, ut vulnera sanaret incredulitatis*, diz o mesmo Sancto Agostinho. Estes, pois, que foram argumentos de divindade em Christo, foram effeitos de caridade em Roque; o qual podendo sarar do mal de que estava ferido não quiz fechar as suas chagas para ter com que curar as nossas; e renunciando com maior milagre os milagrosos privilegios de sua virtude, quiz morrer indefenso ás mãos da peste, para que a peste morresse ás suas mãos. Assim abria Roque por caridade, quando assim batia Deus por infermidades: *Pulsat per aegritudinis molestias: aperimus si cum amore suscipimus.*

O valimento de S. Roque contra a peste é premio da sua morte.

VI. A mãos de Roque morreu e morre a peste ou reconhecendo a virtude ou obedecendo á violencia de sua intercessão. Onde eu noto, quão bem se corresponde aqui o premio e o merecimento; porque este segundo curar foi premio d'aquelle primeiro adoecer. Sobre o *Praecinget se*: *Et sint lumbi vestri praecincti* do evangelho, notou com agudeza S. Pedro Chrysologo, que paga Deus na mesma moeda os serviços que lhe fazem os homens. Cingi-vos para me servir a mim, diz Christo; que eu me cingirei (quem se não assombra?) para vos servir a vós. E como a liberalidadê de Deus é tão ponctual nas correspondencias; com que mais egualdade se havia de premiar um bem contagioso, que com dominar males contagiosos? Lá dissemos no principio que a caridade de S. Roque em emulacão de S. Paulo era um bem contagioso que se pegava aos males; pois em satisfação de uma virtude que é bem contagioso, dê-se a S. Roque virtude de curar males contagiosos. Alguma cousa d'isto temos em «Sancto Estevão».

Saulo convertido em Paulo pelo toque das roupas de Sancto Estevão. S. Bernardo. Tal é o contagio da caridade de S. Roque.

Qual cuidais que foi o principio da conversão de S. Paulo? Altamente o penetrou o juizo de Bernardo. Entre os que apedrejavam a Sancto Eotevão andava tambem S. Paulo antes de convertido; o qual foi tão venturoso que lhe coube á sua conta guardar os vestidos do martyr: *Deposuerunt vestimenta sua secus pedes adolescentis qui vocabatur Saulus.* E que se seguiu d'ahi? Seguiu-se, diz S. Bernardo, que pelo toque d'aquellas roupas começou Deus a lhe tocar na alma; e dos vestidos de Estevão, a quem o apedrajava se lhe pegou a mesma fé por que Estevão morria: *Deponuntur vestimenta martyrum ad pedes persecutoris, qui ad tactum sacrarum vestium fuerat convertendus.* Com particular providencia do céu se entregaram ao perseguidor os vestidos do martyr; para que tocando-os se lhe pegasse a fé, e viesse a seguir, como veio, a lei que perseguia. Assim se converte Saulo em Paulo: «porque» se bastam os vestidos de um infermo para se pegarem os achaques do cor-

po, tambem bastam os vestidos de um sancto para se pegarem os affectos da alma. Pois assim como Deus concedeu a Sancto Estevão que fosse bem contagiosa sua virtude; assim concedeu a S. Roque que sarasse dos males contagiosos sua intercessão. Foi a caridade de S. Roque um bem tão contagioso que se lhe pegavam os males e doenças de todos? Pois seja digno premio d'esta virtude, que todos os males se rendam a seu imperio e que não haja contagio nem peste no mundo onde chegar a intercessão e o nome de Roque.

VII. Estes são os merecidos prodigios de vossa caridade, glorioso e poderoso Sancto; e pois como divino advogado da peste exercitais tão obedecido dominio sobre todos os males contagiosos, uma petição vos quero fazer que será a materia d'esta segunda parte. Fio que não vos seja menos agradavel que a primeira; porque os animos desejosos de fazer bem mais os lisonjeia quem lhes pede, que quem os louva. A petição que faço e a mercê que vos peço, divino Roque, é que livreis o nosso reino de duas pestes mui perigosas, que não sei se vão já corrompendo o saudaval clima de seus ares, «posto que sejam de genero mui differentes da de que morrestes». São consequencias da guerra estas tão certas como damnosas. Alguns haverá que seguindo a resolução de David, desejariam antes remedio para a guerra que para «as pestes de que fallo»: mas eu pela mesma razão temo mais os rebates de «taes pestes» que os rebates da guerra.

Invoca-se contra duas pestes do reino de Portugal, posto que de outro genero.

Poz Deus a David em sua eleição, que de dous ou tres males que lhe ameaçava escolhesse livremente o que mais quizesse; e com ser tão grande soldado David, quiz antes peste que guerra. A razão deu o mesmo rei, como aponcta o Texto: *Quia melius est ut incidam in manus Domini quam in manus hominum.* Porque a guerra estava nas mãos dos homens e a peste nas mãos de Deus, sempre são menores os males que se dispensam pela mão de Deus, que os que se executam pela mão dos homens. Por esta razão temeu mais David a guerra que a peste; «mas porque aquella peste era mui differente das nossas», pela mesma razão as temo eu mais que a guerra: porque se lá a guerra estava nas mãos dos homens e a peste nas mãos de Deus; cá a guerra está nas mãos de Deus e «as pestes» nas mãos dos homens. A guerra está nas mãos de Deus, porque Deus a tomou á sua conta e nos dá tão milagrosos successos, como cada dia vemos; e «as pestes» estão nas mãos dos homens; porque os homens são os que encontram (não fallo das intenções senão dos effeitos) ou ao menos desajudam o bem da patria.

Teme David mais a peste que a guerra e eu o contrario. 2 *Reg.* 27

Ora eu me puz a considerar como chamaria a estas duas pes-

Estas pestes são: pouca fidelidade e muita confiança. Prova da pouca fidelidade.

tes que digo, de Portugal; e por lhe não fazer as definições compridas, defini-as assim: pouca fidelidade e muita confiança. Muito confiados e pouco confidentes são em Portugal os feridos da peste, de que Deus nos livre. Mau é que tenhamos occasião de dizer isto entre portuguezes; mas peior fôra se se não extranhara. Cuido que o mostrarei de maneira, que ao menos, se não persuadir o remedio, hei de justificar a queixa. Que esteja apestado de pouca fidelidade Portugal, o povo o diz commummente e cuida que o prova: mas ainda que a auctoridade do povo é tão grande, que ella só bastou para canonizar a S. Roque, julgue Deus os corações de cada um; que eu só das mãos quero fazer juizo. Argumento assim: É certo que nas côrtes passadas se prometteram subsidios para a guerra, quantos fossem necessarios á conservação do reino. Tambem é certo que se intentaram donativos, que se multiplicaram tributos, que se introduziram decimas, que se accrescentou á moeda o cunho e o preço; e comtudo vemos que é necessario repetir côrtes para arbitrar novos modos de tirar dinheiro effectivo; porque cada um guarda o seu, e ha mui poucos que paguem o que lhe toca. Os muito poderosos por privilegio, os pouco poderosos por impossibilidade; cada um tracta de lançar a carga aos hombros do outro; e talvez cái no chão, porque não ha quem a sustente. Isto é assim? Ainda mal. Bem digo eu logo que ha pouca fidelidade em Portugal. Fidelidade tão apertada de mãos não é fidelidade.

Quer Christo as tochas accesas nas mãos; e porque? A fé mostra-se nas mãos.

Diz Christo no nosso evangelho: *Lucernae ardentes in manibus vestris*: que tenhamos tochas accesas nas mãos. Supposto que o lume d'estas tochas significa o lume da fé, porque diz Christo que o tenhamos nas mãos: *In manibus vestris?* Os actos da fé no intendimento se produzem, no intendimento se recebem. Pois se a fé está no intendimento, como a põi Christo agora nas mãos? Uma razão mui verdadeira é, porque a fé practica que Christo aqui ensinava, «isto é a fidelidade», não consiste tanto em verdades do intendimento, quanto em liberalidade das mãos. Não é mais fiel quem melhor discorre, senão quem concorre melhor. Por isso nos representa Christo a fé em figuras de tochas; porque a tocha se está accesa, gasta-se; e se não se gasta, está apagada. Oh quantas tochas que poderam luzir gloriosas, se vêem n'esta occasião apagadas miseravelmente! *Lucernae ardentes in manibus vestris.* Portuguezes; se a fé é tão ardente como deve ser, veja-se luzir nas mãos. Apertarem-se as mãos é signal de frieza e que não arde fogo no coração.

Assim o mostraram os magos. *Matt 2*

Amavam muito os Magos e criam verdadeiramente n'aquelle Rei que acclamaram em Jerusalem; e como sabios vêde a pro-

testação que fizeram de sua fé: *Procidentes adoraveruut eum et apertis thesauris suis obtulerunt aurum, thus et myrrham*: prostrados por terra adoraram e abrindo seus thesouros offereceram. S. Leão Papa: *Quod cordibus credunt, muneribus protestantur*. Na liberalidade com que davam, protestavam a verdade que criam; e porque ahi costuma estar o coração onde está o thesouro, fizeram os seus thesouros interpretes de seus corações. Se vissemos que entravam os Magos no presepio, e que vendo n'aquelle estado a seu Rei lhe não faziam serviço de suas riquezas; que diriamos? Diriamos com muita razão que não criam n'elle verdadeiramente; e que aquellas cortezias foram enganosas e aquellas adorações fingidas. Adorar e não offerecer, quando o principe está em necessidade; dobrar os joelhos e não abrir os thesouros, não é vicio de avareza, é crime de infidelidade. Fé e liberalidade são virtudes synonimas; e quem está duvidoso no dar, não está firme no crer. O que os Magos offereceram a Christo foi ouro, incenso e myrrha; e dizem todos os padres e com elles conformemente a Egreja, que no ouro confessaram que era rei, no incenso que era Deus, na myrrha que era homem: *Auro regem, thure Deum, myrrha mortalem*. Oh grande confirmação do que dizemos! De sorte que interpretam os Magos a fé pela liberalidade e para confessarem tres artigos, offereceram tres donativos.

Pela mesma razão manda Christo a S. Pedro que pague o tributo por si e por elle. Porque o não mandou a Judas?

Pois se a fé se explica pela liberalidade, se o dar é synonimo de crer, se a obediencia dos reis se protesta com ouro nas mãos «e se esta protestação é a verdadeira fidelidade»; como não temerei eu que ha rebates de peste ou suspeitas de pouca fidelidade em Portugal, quando a liberalidade se perverteu em cubiça; e em logar de se pagarem tributos, póde ser que se multipliquem latrocinios? É bom genero de fidelidade esta? Eu o direi. Perguntaram os ministros reaes a S. Pedro, se havia seu Mestre de pagar o tributo a Cesar; e responderam que sim. Mandou Christo a Pedro que fosse pescar; que na bocca do primeiro peixe se acharia a moeda que se pedia: *Et da eis pro me et pro te:* e pagae, Pedro, por mim e por vós. Notae: Christo era Senhor do mundo; S. Pedro era principe da Egreja; e comtudo diz o Senhor: Pagae por mim e por vós: porque os tributos dos reis, principalmente em tempo de necessidades grandes tambem os grandes e senhores é bem que os paguem. Nos bens e males communs ninguem é privilegiado; sintam todos o mal que toca a todos. Mas não era isto o que eu queria ponderar. O em que muito reparo é em mandar a providencia de Christo que S. Pedro pagasse o tributo. Pagar o tributo parece que tocava em razão d'officio ao apostolo que tinha o dinheiro. Pois

se Judas era o thesoureiro ou procurador; se Judas era o que tinha a bolsa do collegio apostolico; porque não manda Christo pagar o tributo a Judas? Direi o porquê. Porque quem tinha animo para vender a seu Senhor, não tinha sitio para pagar o tributo. Não pagou o tributo Judas; porque os Judas não pagam tributo. Veja-se agora se ha suspeitas de pouca fidelidade, se ha feridos de infedilidade em Portugal.

Castigo que o mesmo S. Pedro deu a Ananias por ter defraudado o que devia. Sancto Ambrosio.

Glorioso Sancto, esta é a primeira peste de que vos peço nos livreis este reino; e se não fôra por temor de alguma irregularidade, não sei se vos pediria tambem que a curasseis como a curou S. Pedro. Defraudou Ananias a parte do preço que devia pôr todo aos pés dos apostolos, como agora fazem alguns que pagam a decima, mas decimada. Manda-o vir deante de si S. Pedro; julga o crime summariamente; notifica-lhe a sentença em tres palavras; e foram tão rigorosas e executivas, que no mesmo poncto com assombro e tremor dos circumstantes caiu morto aos pés Ananias. Tanto rigor em um discipulo de Christo, na piedade de um apostolo, nas entranhas de um S. Pedro, por uma culpa ao parecer não pesada? Sim, diz Sancto Ambrosio e dá a razão: *Tanta erat infectus avaritiae pestitentia, ut sanctus eum Petrus non tam emendare voluerit quam damnare.* Deu sentença de morte repentina S. Pedro a Ananias, por defraudador sómente do preço promettido; porque, como estava inficionado com a peste da avareza e podia inficionar e apestar a outros, teve por melhor tirar-lhe a vida, que esperar-lhe com perigos a emenda. Com este rigoroso remedio se curou só alguma infidelidade em Portugal; exemplo que é bem ande nas memorias sempre vivo. Mas aos fielmente portuguezes bastevos os do glorioso S. Roque, para que assim como elle deu estado, riquezas e quanto possuia pela patria do céu, dêmos nós tambem com apostada resolução quanto temos pela defensa da nossa. Ainda ha commendas, ainda ha rendas, ainda ha joias, ainda ha coches, ainda ha galas e regalos e em quanto houver sangue nas veias haverá muito que dar. Dê-se tudo pela patria que n'ella fica, assim como deu S. Roque tudo para n'ella o achar.

Acudir ás necessidades de seu senhor ensina-o até o cão de S. Roque.

E se o exemplo de S. Roque por alto nos desmaia, e ha olhos fracos que cegam com tanta luz, abaixemos um pouco a vista; e veremos retratada aos pés do Sancto uma acção irracional, mas generosa, que, quanto mais falta de uso de razão, extranha e reprehende mais justamente as semrazões da infidelidade humana. Todos os auctores antigos fizeram ao cão symbolo da fidelidade; e quando esta nobreza não fôra tão antiga n'aquelle animal, o de S. Roque podera ganhar este titulo para

toda a sua especie. Estava S. Roque no campo, deitado ao pé de uma arvore, pobre, desconhecido, solitario, infermo; e no meio d'este desamparo tinha um cão, que levando todos os dias um pão na bocca, sem comer d'elle bocado, o sustentava. Isto sim, que é ser leal; isto sim, que é ser exemplo da verdadeira fidelidade: chegar a tirar o pão da bocca para sustentar com elle a seu senhor. Lastima é, que carecesse tal generosidade de uso de razão; quando vemos tantas almas racionaes tão mal empregadas em sujeitos de menos honrados procedimentos.

Quão perigos para os port guezes a pe da muita co fiança.

VIII. A segunda peste (muito me detive na passada, será esta a peste pequena); a segunda peste define-se: Muita confiança; e d'este mal está inficionada muita gente, que se chamam os demasiadamente confiados. Explico-me. Ha cidades em Portugal, que, sem estarem tão longe de Castella, como Roma de Carthago, nem as dividir um mar, senão um pequeno rio e a algumas uma linha mathematica: tão confiadas estão de si mesmas, que, por mais que são mandadas fortificar, não se fortificam; havendo (á maneira dos spartanos), que onde estão os peitos dos seus cidadãos, não são necessarias muralhas. Ha homens em Portugal, que, sem terem gastado os annos nas escholas de Flandres, nem campeado nas fronteiras de Africa, por mais que os mandam ter armas e exercital-as, teem por affronta ou por ociocidade este exercicio; como se fôra contra os fóros da nobreza prevenir a defensa da patria; ou poderam sem exercitar as armas, entrar n'aquelle numero ordenado de gente, que, por constar de homens exercitados, se chama exercito. É boa confiança esta com o inimigo á porta? É mui demasiada e mui errada confiança. Desconfiar por temor é covardia: mas desconfiar por cautela é prudencia. Não quero desconfiança que faça desmaiar; desconfiança que faça prevenir, sim. E este segundo modo de desconfiar é mui necessario, principalmente aos portuguezes, cujo demasiado valor os fez algumas vezes tão confiados que o vieram a sentir mal prevenidos. A moderada desconfiança não é achaque, senão esmalte da valentia. O valente dizem que ha de ser desconfiado: ao menos um soldado francez sei eu e na milicia de sua profissão soldado de fama, o qual sempre foi valente ao desconfiado, S. Roque.

S. Roque e fugir da pat e voltar par ella obra se pre como de confiado, e imita a Elia 3 Reg. 19

O que pondero é, que deixou S. Roque uma vez a patria e depois se tornou para ella. Que deixasse a patria, quem queria seguir a Christo, com seguro dictame obrava: que no remanso perigoso da patria, principalmente os poderosos como S. Roque, mais occasião tem de offender que de servir a Deus. Pois se deixa a patria e foge d'ella; porque a torna a buscar?

Em uma e outra resolução obrou como desconfiado S. Roque. A primeira vez fugiu da patria, porque desconfiou de sua virtude: a segunda vez tornou para a patria, porque desconfiou de sua fugida. Como se fizera este discurso o Sancto entre valente e desconfiado comsigo: Eu se fico na patria, as occasiões são muitas: se me falta a virtude para as resistir, fico vencido. Pois que remedio? Não ha outro senão fugir: alto, deixemos a patria. E depois de a ter deixado, como se tornára sobre si: Fugir, diz S. Roque, é covardia: não querer vir ás mãos com o inimigo é pouco valor. Pouco valor em um soldado de Christo? Não ha de ser assim: animo, voltemos outra vez para a patria; e assim o fez. Elias retratado. Foge Elias de Jezabel que lhe queria tirar a vida: chega ao deserto e começa a chamar e desafiar a morte: *Petivit animae suae ut moreretur*. Tudo succedeu no mesmo dia, para ser mais achada a repugnancia. Se teme o propheta a morte, como a chama? E se foge d'ella na cidade, como no deserto a desafia? São desconfianças de um bem intendido valor. Na cidade fugiu da morte, porque desconfiou de sua fortaleza: no deserto desafiou a morte, porque desconfiou de sua fugida. O meio em que consiste a fortaleza é entre o temor e a ousadia: temeu e ousou Elias sempre desconfiado, para em uma e outra acção se mostrar valente. Tão longe está de valente o timido como o temerario; e se em alguma parte está mais perigosa a conservação, é na presumpção de segura. Nem aqui nos faltará o evangelho.

Por isso os servos do evangelho estavam com olhos abertos e portas fechadas

Quer Christo que estejamos em véla bem assim como fazem os servos diligentes que esperam por seu Senhor: *Ut cum venerit et pulsaverit*. Aqui reparo. Para quando vier e bater... Bater? Logo fechadas hão de estar as portas? Pois se fazem tantas diligencias por pressa e mais pressa; se hão de estar as roupas na cinta; se hão de estar as tochas nas mãos e essas já accesas; porque não estarão tambem as portas abertas? Porque ensinava Christo a seus discipulos a ser vigilantes; e não bastam para a segura vigilancia olhos abertos com portas abertas, senão olhos abertos com portas fechadas; para que quando vierem de fóra achem em que bater primeiro. E se não bastam olhos abertos com portas abertas; que seria portas abertas com olhos fechados? O que importa é moderar a confiança com a cautela e segurar o valor com a vigilancia: vigiar, armar, fortificar, exercitar e trabalhar; que ainda que se tem trabalhado tanto, a empreza foi muito grande e é necessario mais.

Porém o maior perigo dos portuguezes está nos seus peccados.

IX. E o que mais necessario é que tudo (atégora como a por-

tuguezes; agora como a christãos) é, que as negligencias de dentro não desanimem e descomponham as diligencias de fóra. Quem me déra n'este passo as forças e o espirito que não tenho! É possivel que quando estamos recebendo enchentes de beneficios da divina misericordia, não façamos senão provocar com peccados a divina justiça? Que quando deveramos andar humildes e agradecidos a tantas mercês, armemos os favores do céu contra o mesmo céu e façamos guerra a Deus com seus beneficios? Que ainda se guarde pouca justiça? Que ainda se tracte pouca verdade? Que agora reinem mais as invejas? Que agora estejam mais em seu poncto as ambições? Que agora, porque Deus está por nós, nos ponhamos nós contra elle? É boa confiança esta? Grandes motivos nos tem dado Deus de grande confiança: mas antes nos quer menos confiados de suas misericordias, que pouco attentos a nossas obrigações.

O *Estote parati*, conclusão do evangelho, commentado por Tertulliano.

Estote parati (diz Christo por conclusão do Evangelho); *quia qua hora non putatis Filius hominis veniet*: estae preparados e prevenidos; porque na hora em que menos o imaginais, vos pedirão conta da vida. Muito é difficultar Christo o remedio a quem o póde ter em «qualquer» instante. Se «o mesmo instante da morte» basta (que tal é a bondade de Deus) para um arrependimento final; como nos atemoriza o Senhor com «a incerteza de sua vinda»? Parece que é estreitar os limites e diminuir a opinião gloriosa de sua misericordia infinita. Assim parece, não ha duvida: mas quer Deus antes menos reputada sua misericordia, que demasiadamente confiada nossa esperança. Confiar em Deus offendendo-o, é venerar um tributo com injuria de outro; e presumil-o tão misericordioso, que possa ser menos bom: *Absit ut ita interpretetur, quasi ex redundantia clementiae coelestis libidinem faciat humanae temeritatis*: Deus nos livre (diz Tertulliano) de sermos tão maus interpretes de sua bondade, que nos sirva de tentação a liberalidade divina e façamos costas a nossas temeridades com os exemplos continuos de suas misericordias.

Se Castella é castigada por seus peccados, porque o não será Portugal? Argumento de Nahum contra a cidade de Tyro c. 3.

Miseria é e cegueira de intendimento grande, que nos traga desvanecidos e descuidados o que nos devera fazer humildes e temerosos. Porque Castella se vai precipitando a tão conhecida ruina nos damos nós por seguros? Oh miseria! Porque Castella se vê em estado, que já não póde resistir a seus inimigos, nos imaginamos vencedores dos nossos? Oh cegueira! Alegra-nos vãmente o que nos devera confundir: anima-nos o que nos devera assombrar; e enche-nos de confiança o que nos devera encher de temor. Não fallo do temor que faz timidos, senão do temor que faz timoratos, não do temor que faz temerosos dos

homens, senão do temor que faz tementes a Deus. Pergunto senhores: Porque está Deus irado contra Castella e a castiga tão rigorosamente? Não ha duvida que por seus peccados, por suas maldades, por suas injustiças, por suas incontinencias: boas testimunhas somos, como cumplices um tempo dos mesmos delictos. Pergunto mais: O Deus de Castella é o mesmo que o de Portugal, ou outro? Esta pergunta não tem resposta. Pois se o Deus é o mesmo e em Castella castiga peccados; como ha de premiar peccados em Portugal? Se Castella tem a ruina em seus vicios; como havemos nós de ter a segurança nos nossos? Oh que bem apertou a força d'esta razão o propheta Nahum fallando com a cidade de Tyro! *Nunquid melior es Alexandria populorum, quae habitat in fluminibus?* Por ventura, ó Tyro, sois vós melhor que a grande cidade de Alexandria, cabeça de tantas provincias? Por ventura, ó Portugal, sois vós maior e mais populoso que Hespanha, todo de quem ereis parte? *Et tamen ipsa abiit in transmigrationem.* E comtudo Alexandria, ó Tyro, foi destruida; e comtudo Hespanha, Portugal, vai-se acabando. Pois se a monarchia famosa das Hespanhas, se aquella que pouco ha dominava facilmente o mundo, assim castiga e anniquila Deus por seus peccados; se lhe não val a Hespanha seu dilatado imperio, se não se sustenta nos estribos da sua grandeza; se de suas proprias entranhas brotam as labaredas com que se vai consumindo este Etna; se tantos exercitos espalhados pelo mundo a não defendem; se tantas frotas e tantos milhões a não soccorrem; se tantas orações (que é mais) e tanto culto divino; se tantas penitencias e sacrificios não bastam a ter mão no braço irado do divina justiça; se tanto provocam a Deus os peccados de Hespanha; porque não teme Portugal os seus? Porque os não teme e não chora?

Os hebreus libertados por afflictos e castigados por ingratos.

Não nos fiemos indiscretamente em milagres e favores do céu; porque em grandes misericordias ensaia Deus grandes castigos; e todo este bem perderemos, se formos ingratos. Com grandes milagres e prodigios livrou Deus ao povo de Israel do captiveiro de Pharaó em que estavam; e comtudo de tantos mil que sairam do Egypto, porque peccaram depois de tão grande mercê, só dous entraram na terra de Promissão. Libertou-os Deus por afflictos e depois castigou-os por ingratos. Fique-nos esta advertencia, christãos; consideremos bem esta verdade.; obremos pelos dictames d'este desengano, para que saibamos o que principalmente devemes temer e sobre que bases podemos fundar segura a firmeza de nossas confianças. Agradar e servir a Deus; e logo confiar animosamente.

Qual protecção se espera de S. Roque como francez e como portuguez.

E para que sejam efficazes estes remedios, Roque divino, de-

baixo de vossa protecção e favor esperamos os effeitos de virtude. Francez e portuguez sois, glorioso Sancto; e em um e outro titulo estão bem fundadas nossas esperanças. Quem melhor nos soccorrerá que um francez, quando as florentes lizes de França com tão irmanáda correspondencia assistem ao lado das quinas portuguezas? E quem mais natural portuguez e mais verdadeiro, que aquelle que nasceu com o habito de Christo sobre o peito esquerdo, publicando que era cavalleiro francez por geração, mas portuguez por nascimento? Todo o reino de Portugal vos encommendo, divino Roque; pois tão duplicadas são as razões com que confia em vosso favor. Encommendo-vos esta casa, que tão auctorizada está com vosso patrocinio e tão rica e tão sanctificada com o thesouro de vossas preciosas reliquias. Encommendo-vos (mas não vos encommendo; que não é necessario) a vossa real e illustrissima irmandade; em que vos serviam os reis e vos serve a melhor nobreza; e particularmente, como tão particular n'elle, vos encommendo, glorioso Sancto, a quem hoje com tão lembrada prevenção e com anticipada liberalidade celebra vossa festa ausente. A pessoa, a causa, os beneficios pedem que tenhais boas ausencias; como quem as sabe ter tão ponctuaes; e ainda que em distancia tanta, lá chega tambem a jurisdicção milagrosa de vossos poderes; que a hostilidade de nossos mal conhecidos amigos, que ainda alli não cessa, peste foi d'aquelle estado e peste do mundo. D'este mal tão pernicioso nos ajudae a livrar, poderoso Sancto, aquella tão dilatada provincia, a mais rica, a mais preciosa joia d'esta corôa; para que ou no descanço da verdadeira paz, ou na superioridade de victoriosa guerra, luza a conhecida prudencia e valor de quem vos serve, e governe-o sempre e em toda a parte o efficaz patrocinio de vossa sagrada intercessão, pela qual esperamos tambem, mediante a graça, o premio da gloria: *Quam mihi*, etc.

(Ed. ant. tom. 14.° pag. 49, ed. mod. tom. 9.° pag. 169.)

SERMÃO DE SANCTO ANTONIO **

PRÉGADO NA FESTA QUE SE FEZ AO SANCTO
NA EGREJA DAS CHAGAS DE LISBOA AOS 14 DE SEPTEMBRO DE 1642
TENDO-SE PUBLICADO AS CÔRTES PARA O DIA SEGUINTE

Observação do compilador.—O sermão é mais politico que panegyrico. Escusado é dizer de que modo e com quanta arte o orador funda sempre no evangelho seus documentos politicos para que não desdigam da tribuna sagrada e concordem com o genero oratorio que professa. Com tudo se demanda muita cautela e discreção para não desacreditar o ministerio apostolico tractando argumentos mais de estadistas que de prégadores.

Vos estis sal terrae.
S. Matth. 5.

A festa de Sancto Antonio celebrada a 14 septembro porque o Sancto vem ás côrtes como procurador do céu

Á arca do testamento (que assim lhe chamou Gregorio IX), ao martello das heresias (que este nome lhe deu o mundo), ao defensor da fé, ao lume da Egreja, á maravilha da Italia, á honra de Hespanha, á gloria de Portugal, ao melhor filho de Lisboa, ao cherubim mais eminente da religião seraphica, celebramos festa hoje. Necessario foi que o advertissemos; pois o dia o não suppõi; antes parece que diz outra cousa. Celebramos festa hoje, como dizia, ao nosso portuguez Sancto Antonio; e se havemos de reparar em circumstancias de tempo, não é a menor difficuldade da festa o celebrar-se hoje. Hoje? Em quatorze de septembro Sancto Antonio? Se celebrámos universalmente suas sagradas memorias em treze de junho, como torna agora em quatorze de septembro? Intendo que não vem Sancto Antonio hoje por hoje, senão por ámanhã. Estavam publicadas as côrtes do reino para quinze de septembro: vem Sancto Antonio aos quatorze, porque vem ás côrtes. Como ha dias que o céu está pela corôa de Portugal, manda tambem seu procurador o céu ás côrtes do Reino. Na egreja de Sancto Antonio se costumam cá fazer as eleições dos procuradores de côrtes e tambem no céu se fez a eleição na pessoa de Sancto Antonio.

Tem elle as qualidades de bom procurador que são: fiel como portuguez e estadista como italiano.

E foi a eleição do céu com toda a propriedade; porque ainda humanamente fallando, e pondo Sancto Antonio de parte o ha-

bito e o cordão, parece que concorrem n'elle com eminencia as partes e qualidades necessarias para este officio publico. As qualidades que constituem um perfeito procurador de côrtes são duas: ser fiel e ser estadista. E quem se podia presumir mais fiel e ainda mais estadista que Sancto Antonio? Fiel como portuguez, Sancto Antonio de Lisboa: estadista como italiano, Sancto Antonio de Padua. Deu-lhe a fidelidade a terra propria; a razão de estado as extranhas. Isto de razão de estado com ser tão necessaria aos reinos, nunca se deu muito no nosso (culpa de seu demasiado valor); e os portuguezes que a usam e practicam com perfeição, mais a devem á experiencia das terras alheias, que ás influencias da propria. E como Sancto Antonio andou tantas e tão politicas em sua vida, Hespanha, França, Italia; ainda n'esta parte ficava mui acertada a eleição de sua pessoa; quanto mais crescendo sobre estes talentos os outros maiores de seu zelo, de sua sabedoria, de sua sanctidade.

Por isso dirá francamente o seu parecer a respeito da conservação do reino.

Supposto isto, nenhuma parte lhe falta a Sancto Antonio, antes todas estão n'elle em sua perfeição para o officio que lhe consideramos de procurador do céu nas nossas côrtes. Como tal dirá o Sancto hoje o seu parecer a respeito da conservação do reino; e esta será a materia do sermão. Sancto Antonio é o que ha de prégar e não eu. Mas como eu sou o que hei de fallar; para que o discurso pareça de Sancto Antonio, cujo é, e não meu, muita graça me é necessaria. *Ave Maria.*

Resume-se o seu arrazoado nas palavras do thema.

II. *Vos estis sal terrae*: já Sancto Antonio tem dicto o seu parecer. N'estas quatro palavras breves, n'estas seis syllabas compendiosas, se resume todo o arrazoado de Sancto Antonio em ordem ao bem e conservação do reino. E ninguem me diga que disse estas palavras Christo a Sancto Antonio e não Sancto Antonio a nós: porque como a rhetorica dos do outro mundo são os exemplos; e o que obraram em vida é o que nos dizem depois da morte «para que sejamos o que elles foram»; dizer Christo a Sancto Antonio o que elle foi, é dizer-nos Sancto Antonio o que devemos ser. *Vos estis sal terrae*: intendamos bem estas quatro palavras; que estas bem intendidas nos bastam.

O sal diz conservação. Devemos ser como os apostolos não só pescadores senão tambem sal.

O primeiro fundamento que toma para o seu discurso Sancto Antonio é suppôr que devemos e havemos do tractar de nossa conservação. Isso quer dizer conforme a exposição de todos os doutores: *Vos estis sal torrae*: vós sois sal da terra. Quem diz sal, diz conservação; e a que Christo encommendava no original d'estas palavras, tem grandes circumstancias da nossa. Muito tenho reparado, em que primeiro chamou Christo aos apostolos pescadores e ao depois chamou-lhes sal: *Faciam vo*

fieri piscatores hominum. Vos estis sal terrae. Se pescadores, porque sal junctamente? Porque importa pouco o ter tomado, se se não conservar o que se tomou. Chamar-lhes pescadores foi encommendar-lhes a pescaria; chamar-lhes sal, foi encarregar-lhes a conservação. Sois pescadores, apostolos meus; porque quero que vades pescar por esse mar do mundo. Mas advirto-vos que sois tambem sal; porque quero que pesqueis, não para comer, senão para conservar. Senhores meus; já fomos pescadores; ser agora sal é o que resta. Fomos pescadores astutos: fomos pescadores venturosos: aproveitámo-nos da agua envolta; lançamos as redes a tempo; e «fizemos» o mais formoso lanço que se fez nunca, não digo nas ribeiras do Tejo; mas em quanto rodeiam as praias do oceano. Pescou Portugal o seu reino; pescou Portugal a sua corôa. Advirta agora Portugal que não a pescou para a comer; senão para a conservar. Foi pescador; seja sal. Mas isto não se discorre, suppõi-se.

E sal effectivo melhorando os remedios. Assim o fez o mesmo Christo. Asterio.

Porém: *Si sal evanuerit, in quo salietur?* Se o sal não fôr effectivo; se os meios que se tomarem para a conservação sairem vãos e inefficazes, que remedio? Esta é a razão de se repetirem; e esta é a maior difficuldade d'estas segundas côrtes. As primeiras côrtes foram de boas vontades; estas segundas de bons intendimentos. Nas primeiras tractou-se de remediar o reino; n'estas tracta-se de remediar os remedios. Difficultosa empreza, mas importantissima. Quando os remedios não teem bastante efficacia para curar a infermidade, é necessario curar os remedios, para que os remedios curem ao infermo. Assim o fez o mesmo Christo Deus e Senhor nosso sem dispendio da sua sabedoria, nem erro de sua providencia. Não se póde acertar tudo da primeira vez. Trabalhava Christo para sarar e converter o seu povo com os remedios ordinarios da doutrina e prégação evangelica; e vendo que se não seguia a desejada saude que fez? Tractou de remedios, para que os remedios remediassem os infermos. Em proprios termos o disse Sancto Asterio fallando da resurreição da filha de Jairo: *Ut vidit judaeos ad sermones obsurdescere, factis ipsos instituit, ac medicinam accommodat.* Vendo Christo que estava a infermidade rebelde e os ouvintes surdos a seus sermões, ajunctou ás palavras obras, ajunctou á doutrina milagres; e tomou por arbitrio melhorar os remedios, para que os remedios melhorassem os infermos: *Ac medicinae medicinam accommodat.* Applicou umas medicinas a outras medicinas, para que os que eram remedios fracos, fossem valentes remedios. Este é o fim de se repetirem côrtes em Portugal. Arbitraram-se nas passadas varios modos de tributos, para remedio e conservação do reino: mas como estes tributos não foram effectivos, como es-

tes remedios sairam inefficazes, importa agora remediar os remedios.

Em que peccam os remedios? Na violencia.

III. Mas perguntar-me-ha alguem, ou perguntara eu a Sancto Antonio: Que remedio teremos nós para remediar os remedios? Muito facil, diz Sancto Antonio: *Vos estis sal terrae.* Para se curar uma infermidade, vê-se em que pecca a infermidade; para se curarem os remedios, veja-sa em que peccaram os remedios. Os remedios como diz a queixa publica, peccaram na violencia, muitos arbitrios mas violentos muito. Pois modere-se a violencia com o suavidade; ficarão os remedios remediados. Foram inefficazes os tributos por violentos; sejam suaves, e serão effectivos.

O sal conserva e mais tempéra. Hilario.

Vos estis sal terrae: duas propriedades tem o sal, diz aqui Sancto Hilario; conserva e mais tempéra; é o antidoto da corrupção e lisonja do gosto, é o preservativo dos preservativos e o sabor dos sabores: *Sal incorruptionem corporibus quibus fuerit aspersus impertit, et ad omnem sensum conditi saporis aptissimus est.* Taes como isto devem ser os remedios com que se hão de conservar as republicas. Conservativos sim, mas desabridos não. Obrar a conservação e saborear, ou ao menos não offender o gosto, é o primor dos remedios. Não tem bons effeitos o sal, quando aquillo que se salga fica sentido. De tal maneira se ha de conseguir a conservação, que se escuse quanto for possivel o sentimento.

Por isso fez Deus adormecer a Adão para lhe tirar a costa com que formou Eva. Oleastro, Theodorico.

Tirou Deus uma costa a Adão para a fabrica de Eva: mas como a tirou? *Immisit Deus soporem in Adam;* diz o Texto sagrado: fez Deus adormecer a Adão; e assim dormindo lhe tirou a costa. Pois por que razão dormindo e não accordado? Disse-o advertidamente o nosso portuguez Oleastro; e é o pensamento tão tirado da costa de Adão, como das entranhas dos portuguezes: *Ostendit quam difficile sit ab homine auferre, quod etiam in ejus cedit utilitatem: quam ob rem opus est ab eo surripere, quod ipse concedere negligit.* A costa de que devia de formar Eva, tirou-a Deus a Adão dormindo e não accordado, para mostrar quão difficultosamente se tira aos homens e com quanta suavidade se deve tirar ainda o que é para seu proveito. Da creação e fabrica de Eva dependia não menos que a conservação e propagação do genero humano: mas repugnam tanto os homens a deixar arrancar de si aquillo que se lhes tem convertido em carne e sangue, ainda que seja para bem de sua casa e de seus filhos, que por isso traçou Deus tirar a costa a Adão, não accordado, senão dormindo: adormeceu-lhe os sentidos para lhe escusar o sentimento. Com tanta suavidade como isto se ha de tirar aos homens o que é necessario para a sua

conservação. Se é necessario para a conservação da patria, tire-se a carne, tire-se o sangue, tirem-se os ossos, que assim é razão que seja: mas tire-se com tal modo, com tal industria, com tal suavidade, que os homens não o sintam, nem quasi o vejam. Deus tirou a costa a Adão; mas elle não o viu, nem o sentiu; e se o soube, foi por «via de» revelação. Assim aconteceu aos bem governados vassallos do imperador Theodorico, dos quaes por grande gloria sua dizia elle: Eu sei que ha tributos, porque vejo as minhas rendas accrescentadas: vós não sabeis se os ha, porque não sentis as vossas diminuidas. Razão é que por todas as vias se acuda á conservação: mas como somos compostos de carne e sangue, obre de tal maneira o racional, que tenha sempre respeito ao sensitivo. Tão asperos podem ser os remedios, que seja menos feia a morte que a saude. Que me importa a mim sarar do remedio, se hei de morrer do tormento?

Doutrina [da] moderação [de] Christo n[o que] deixou mand[ado] do pescar [o] peixe com moeda na b[occa] para a pagar [o] tributo a Ce[sar].

Divina doutrina nos deixou Christo d'esta moderação na sujeita materia dos tributos. Mandou Christo a S. Pedro que pagasse o tributo a Cesar, e disse-lhe que fosse pescar e que na bocca do primeiro peixe acharia uma moeda de prata com que pagasse. Duas ponderações démos a este logar o dia passado: hoje lhe daremos septe a differentes intentos. Se Deus não faz milagres sem necessidade; porque o fez Christo n'esta occasião, sendo ao parecer superfluo? Podéra o Senhor dizer a Pedro que fosse pescar e que do preço do que pescasse, pagaria o tributo. Pois porque dispõi que se pague o tributo não do preço, senão da moeda que se achar na bocca do peixe? Quiz o Senhor que pagasse S. Pedro o tributo e mais que lhe ficasse em casa o fructo de seu trabalho: que este é o suave modo de pagar tributos. Pague Pedro o tributo sim; mas seja com tal suavidade e com tão pouco dispendio seu, que satisfazendo ás obrigações de tributario, não perca os interesses de pescador. Coma o seu peixe, como d'antes comia; e mais pague o tributo que d'antes não pagava. Por isso tira a moeda não do preço, senão da bocca do peixe: *Aperto ore ejus, invenies staterem.* Notae. Da bocca do peixe se tirou o dinheiro do tributo: *Aperto ore*; porque é bem que para o tributo se tire da bocca. Mas esta differença ha entre os tributos suaves e os violentos, que os suaves tiram-se da bocca do peixe; os violentos da bocca do pescador. Hão se de tirar os tributos com tal traça, com tal industria, com tal invenção, que pareça o dinheiro achado e não pedido, dado por mercê da ventura e não tirado á força da violencia. Assim o fez Deus com Adão: assim o fez Christo com S. Pedro; e para que não diga alguem que são milagres a nós

impossiveis, assim o fez Theodorico com seus vassallos. A boa industria é supplemento da omnipotencia e o que faz Deus por todo poderoso, fazem os homens por muito industriosos.

Os tributos para serem suaves devem carregar sobre todos. Os apostolos são chamados sal não de uma casa, familia etc. mas de toda a terra.

IV. Sim. Mas que industria poderá haver para que os tributos se não sintam; para que sejam suaves e faceis de levar? Que industria? *Vos estis sal terrae.* Não se mette Sancto Antonio a discursar arbitrios particulares; que seria cousa larga e menos propria d'este logar, posto que não difficultosa: um só meio aponcta o Sancto n'estas palavras, que trascende universalmente por todos os que se arbitrarem; com que qualquer tributo, se fôr justo será mais justo; e se facil, muito mais facil e suave: *Vos estis sal terrae.* Nota aqui S. João Chrysostomo a generalidade com que fallou Christo aos discipulos. Não lhes chamou sal de uma casa ou de uma familia, ou de uma cidade ou de uma nação, senão sal de todo o mundo, sem exceptuar a ninguem: *Vos estis sal terrae, non pro una gente, sed pro universo mundo:* commenta o sancto padre. Queremos, senhores, que o sal, qualquer que fôr, não seja desabrido? Queremos que os meios de conservação pareçam suaves? Não sejam os remedios, particulares, sejam universaes: não carreguem os tributos sómente sobre uns, carreguem sobre todos. Não se tracte de salgar só um genero de gente: reparta-se e alcance o sal a terra: *Vos estis sal terrae.*

Qual a razão por que o jugo da lei de Christo é suave, sendo tão pesado. Clemente Alexandrino. *Matth.* 11 *Ibid.* 5

Convida Christo aos homens para a acceitação e observancia de sua lei e diz assim: *Venite ad me omnes qui laboratis et onerati estis; et ego reficiam vos*: vinde a mim todos, que tão cançados e molestados vos traz o mundo; e eu vos alliviarei: *Tollite jugum meum super vos et invenietis requiem animabus vestris*: tomae o meu jugo sobre vós e achareis descanço para a vida. *Jugum enim meum suave est et onus meum leve*: porque o jugo de minha lei é suave e o peso de meus preceitos é leve. Ora se tomarmos bem o peso á lei de Christo, havemos de achar que tem alguns preceitos pesados e segundo a natureza assás violentos. Haver de amar aos inimigos: confessar um homem suas fraquezas a outro homem: bastar um pensamento para offender gravemente a Deus e ir ao inferno: estes e outros similhantes preceitos não ha duvida que são pesados e difficultosos; e por taes os estimou o mesmo Senhor, quando lhes chamou cruz nossa: *Tollat crucem suam et sequatur me.* Pois se os preceitos da lei de Christo, ao menos alguns, são cruz pesada; como lhes chama o Senhor jugo suave e carga leve? Antes de o Senhor lhes chamar assim, já tinha dicto a causa: *Venite ad me omnes.* A lei de Christo é uma lei que se extende a todos com egualdade e que obriga a todos sem privilegio, ao grande e ao pequeno, ao al-

to e ao baixo, ao rico e ao pobre; a todos mede pela mesma medida. E como a lei é commum sem excepção de pessoas, e egual sem differença de preceito, modera-se tanto o pesado no commum e o violento no egual, que, ainda que a lei seja rigorosa, é jugo suave; ainda que tenha preceitos difficultosos, é carga leve: *Jugum meum suave est et onus meum leve.* É verdade que é jugo, é verdade que é peso, nem Christo o nega: mas como é jugo que a todos eguala, o exemplo o faz suave; como é peso que sobre todos carrega, a companhia o faz leve. Clemente Alexandrino: *Non praetergredienda est aequalitas, quae versatur in distributionibus honorando justitiam: propterea Dominus: Tollite, inquit, jugum meum super vos, quia benignum et leve est.* O maior jugo de um reino, a mais pesada carga de uma republica são os immoderados tributos. Se queremos que sejam leves, se queremos que sejam suaves, repartam-se por todos. Não ha tributo mais pesado que o da morte; e comtudo todos o pagam, e ninguem se queixa; porque é tributo de todos. Se uns homens morreram e outros não; quem levara em paciencia esta rigorosa pensão da mortalidade? Mas a mesma razão que a extende, a facilita; e porque não ha privilegiados, não ha queixosos. Imitem as resoluções politicas o governo natural do Creador: *Qui solem suum oriri facit super bonos et malos, et pluit super justos et injustos.* Se amanhece o sol, a todos aquenta; e se chove o céu, a todos molha. Se toda a luz caira a uma parte e toda a tempestade a outra, quem o soffrera? Mas não sei que injusta condição é a d'este elemento grosseiro em que vivemos; que as mesmas egualdades do céu em chegando á terra, logo se desegualam. Chove o céu com aquella egualdade distributiva que vemos: mas em a agua chegando á terra, os montes ficam enxutos e os valles afogando-se: os montes escoam o peso da agua de si, e toda a força da corrente desce a alagar os valles; e queira Deus que não seja theatro de recreação para os que estão olhando do alto, ver nadar as cabanas dos pastores sobre os diluvios de suas ruinas. Ora guardemo-nos de algum diluvio universal: que quando Deus eguala desegualdades até os mais altos montes ficam debaixo da agua. O que importa é que os montes se egualem com os valles; pois os montes são a quem principalmente ameaçam os raios; e reparta-se por todos o peso, para que fique leve a todos. Os mesmos animaes de carga se lh'a deitam toda a uma parte, caem com ella; e a muitos navios metteu nas mãos dos piratas a carga, não por muita, mas por descompassada. Se se repartir o peso com egualdade de justiça, todos o levarão com egualdade de animo: porque ninguem toma pesadamente o pe-

so que se lhe distribuiu com egualdade: *Nullus enim gravanter obtulit, quod cum aequitate persolvitur:* disse o politico Cassiodoro.

Os tres estados deixam de ser o que são por natureza para serem o que devem ser por obrigação. Tal é a emphase do *Vos estis sal*: *Ego sum vox.* (Joan. 1)

V. Boa doutrina estava esta, se não fôra difficultosa, e, ao que parece, impracticavel. Bem era que nos egualaramos todos: mas como se podem egualar extremos que teem a essencia na mesma desegualdade? Quem compõi os tres estados do reino é a desegualdade das pessoas. Pois como se hão de egualar os tres estados, se são estados porque deseguaes? Como? Já se sabe que ha de ser: *Vos estis sal terrae.* O que aqui pondero é que não diz Christo aos apostolos: Vós sois similhantes ao sal: senão: Vós sois sal: *Vos estis.* Não é necessaria philosophia para saber que um individuo não póde ter duas essencias. Pois se os apostolos eram homens; se eram individuos da natureza humana; como lhes diz Christo que são sal? Alta doutrina de estado. Quiz-nos ensinar Christo Senhor nosso, que pelas conveniencias do bem commum se hão de transformar os homens; e que hão de deixar de ser o que são por natureza para serem o que devem ser por obrigação. Por isso tendo Christo constituido aos apostolos ministros da redempção e conservadores do mundo, não os considera sal por similhança, se não sal «em» realidade: *Vos estis sal*: porque o officio se ha de transformar em natureza, a obrigação ha se de converter em essencia; e devem os homens deixar de ser o que são, para chegarem a ser o que devem. Assim o fazia o Baptista; que, perguntado quem era, respondeu: Eu sou uma voz: *Ego sum vox*: calou o nome da pessoa, e disse o nome do officio; porque cada um é o que deve ser; e senão, não é o que deve. Se os tres estados do reino, attendendo ás suas preeminencias, são deseguaes; attendam a nossas conveniencias e não o sejam. Deixem de ser o que são, para serem o que é necessario; e eguale a necessidade os que desegualou a fortuna. A mesma formação do sal nos põi em practica esta doutrina. «Porque da maneira que a materia ou a natureza do sal é de varios» elementos naturaes que deixam de ser o que eram, para se converterem em uma especie conservadora das cousas; assim estes tres elementos politicos hão de deixar de ser o que são, para se reduzirem unidos a um estado que mais convenha á conservação do reino. O estado ecclesiastico deixe de ser o que é por immunidade; e anime-se a assistir com o que não deve. O estado da nobreza deixe de ser o que é por privilegios; e alente-se a concorrer com o que não usa. O estado do povo deixe de ser o que é por possibilidade; e esforce-se a contribuir com o que póde; e d'esta maneira deixando cada um de ser o que foi, alcançarão todos junctos a ser o que devem.

VI. Amplifiquemos este poncto como tão essencial; e fallemos particularmente com cada um dos tres estados. Primeiramente o estado ecclesiastico deixe de ser o que é por immunidade; e seja o que convem á necessidade commum. Serem isentas de pagar tributos as pessoas e bens ecclesiasticos, o direito humano o dispõi assim; e alguns querem que tambem o direito divino. No nosso passo o temos. Indo propôr S. Pedro a Christo, que os ministros reaes lhe pediam o tributo, respondeu o Senhor que fosse pescar, como dissemos, e que na bocca do primeiro peixe acharia o didracma ou moeda. Difficulto. Supposto que o tributo se havia de pagar do dinheiro milagroso e não do preço do peixe, para que vai pescar S. Pedro? Não era mais barato dizer-lhe Christo, que mettesse a mão na algibeira e que ahi acharia com que pagar? Para Christo tão facil era uma cousa como outra; para S. Pedro mais facil esta segunda. Pois porque lhe manda que vá ao mar, que pesque, e que do dinheiro que achar por esta industria pague o tributo? A razão foi, porque quiz Christo contemporizar com o tributo de Cesar e mais conservar em seu poncto a immunidade ecclesiastica. Pague Pedro (como se dissera Christo), mas pague como pescador, não pague como apostolo: pague como official do povo e não como ministro da Egreja. Deixe Pedro por «titulo de» representação de ser o que é, e torne a ser o que foi; deixe de ser ecclesiastico e torne a ser pescador; e então pague por obrigação do officio o que não deve pagar por privilegio da dignidade. *Ita Christus tributum solvere voluit ut nec publicanos offenderet nec suum proderet priviligium*, diz o doutissimo Maldonado de sentença de Chrysostomo e de Euthymio. A razão é: *Dum non ex suo, sed ex invento solveret*: porque pagou do dinheiro achado e não do seu.

1.º O estado ecclesiastico deixe de ser que é por immunidade. Pague Pedro como pescador, não como apostolo mas pagou. Maldonado, Chrysostomo Euthymio.

Mas a mim mais facil me parece distinguir na mesma pessoa differentes representações, que admittir receber e dar sem consideração de dominio. O pensamento é o mesmo: escolha cada um das razões a que mais lhe contentar. E como a materia era de tanta importancia; ainda por outra clausula a confirmou e ratificou o Senhor; para que este exemplo lhe não prejudicasse: *Da eis pro me et te*: dae, Pedro, por mim e por vós. *Da;* aqui reparo. Quando lhe vieram perguntar a Christo, se era licito pagar o tributo a Cesar, respondeu o Senhor: *Reddite quae sunt Caesaris, Caesari, et quae sunt Dei, Deo.* Pagae o de Cesar a Cesar e o de Deus a Deus. Pergunta Theophylacto: Porque diz Christo Pagae e não diz Dae: *Quare Reddite et non Date?* A mesma questão faço eu aqui: *Da eis pro me et te.* Porque diz Dae e não diz Pagae? Se lá diz Christo Pagae

Noto eu com Texto que não pagou mas deu. Theophylact. *Matth.* 17. *Ibid.* 22

e não Dae; porque cá diz o mesmo Christo Dae e não Pagae? A razão é, porque lá fallava Christo com os seculares, cá fallava com os ecclesiasticos; e quando uns e outros concorrem para os tributos, os seculares pagam, os ecclesiasticos dão. Os seculares pagam; porque dão o que devem: os ecclesiasticos dão; porque pagam o que não devem. Por isso Christo usou da clausula *Da* com grande providencia; para que este acto contrario á immunidade ecclesiastica não cedesse em prejuizo d'ella; declarando que o tributo que um e outro estado paga promiscuamente, nos seculares é justiça, nos ecclesiasticos é liberalidade: nos seculares é divida, nos ecclesiasticos é dadiva: *Da, Reddite.*

Pede-se aos ecclesiasticos não justiça mas liberalidade.

Tanta é a immunidade das pessoas e bens ecclesiasticos: mas estamos em tempo em que é necessario cederem de sua immunidade para soccorrerem a nossa necessidade. Não digo que *paguem* os ecclesiasticos; mas digo que *dêem*: liberalidade peço e não justiça; ainda que a occasião presente é tão forçosa, que justiça vem a ser a liberalidade. Com nenhum doutor allegarei n'esta materia, que não seja ou summo pontifice, ou cardeal, ou bispo: para que com o desinteresse em causa propria se qualifique ainda mais a auctoridade maior.

Imitem a liberalidade de Abiatar para com David. *Lev.* 24 *Luc. c.* 6

Quando el-rei de Israel, Saul, tractava de tirar a vida a David, rei tambem de Israel (que havia n'aquelle tempo dous, que se intitulavam reis do mesmo reino; um rei, injusto, e outro, sancto; um rei, escolhido por Deus, outro, reprovado por elle) n'este tempo, que parece «o nosso», foi ter David com o sacerdote Achimelech ou Abiatar; e com licença sua tomou do altar os pães da proposição: e repartiu-os a seus soldados. Acção foi esta que tem contra si um texto expresso no capitulo vinte e quatro do Livitico, d'esta maneira: *Eruntque (panes propositionis) Aaron et filiorum ejus, ut comedant eos in loco sancto: quia sanctum sanctorum est de sacrificiis Domini jure perpetuo.* Quer dizer, que os pães da proposição seriam perpetuamente de Arão e seus descendentes; e que os comeriam os sacerdotes e não outrem, por ser pão sancto e consagrado a Deus. Esta é a verdadeira intelligencia do texto, conforme a glossa da fé no capitulo sexto de S. Lucas. Pois se os pães da proposição eram proprios dos sacerdotes e nenhum homem secular podia comer d'elles licitamente; como os deu a David um sacerdote tão zeloso como Achimelech; e como os tomou para seus soldados um rei tão sancto como David?

Pois o mesmo Christo a louvou. *Marc. c.* 6

Não temos melhor interprete ao logar que o summo pontifice Christo, auctor e expositor de sua mesma lei. Approvou Christo esta acção de David no capitulo segundo de S. Marcos;

e diz assim: Nunca lestes o que fez David quando teve necessidade; como entrou no templo de Deus, como tomou os pães que não era licito comer senão aos sacerdotes, e os deu a seus soldados? *Nunquam ligistis, quid fecerit David, quando necessitatem habuit? Quo modo introivit domum Dei et panes propositionis manducavit, quos non licebat manducare nisi sacerdotibus et dedit eis qui cum eo erant?* De maneira que a total razão, porque approva Christo entrar David no templo e tomar o pão dos sacerdotes, é porque o fez o rei, quando teve necessidade: *Quando necessitatem habuit*; porque quando estão em necessidade os reis é bem que os ecclesiasticos os soccorram, e que tirem os sacerdotes o pão da bocca para o sustentarem a elle e a seus soldados. Assim declara Christo que precede o direito natural ao positivo; e que póde ser licito pelas circumstancias do tempo o que pelas leis e canones é prohibido.

Merecem esta correspondencia os reis portuguezes tão liberaes para com a Egreja. Imite-se o rei Ezechias. (4 *Reg.* 18). Caetano, Theodoreto.

E verdadeiramente que quando a nenhum rei deveram os ecclesiasticos esta correspondencia, os reis de Portugal a mereciam; porque, se attentamente se lerem as nossas chronicas, apenas se achará templo ou mosteiro em todo Portugal, que os reis portuguezes com seu piedoso zelo ou não fundassem totalmente, ou não dotassem de grossas rendas, ou não enriquecessem com preciosissimas dadivas. Impossivel cousa fôra determe em materia tão larga e inutil e tão sabida. Concorram, pois, as egrejas a soccorrer a seus fundadores, a sustentar a quem as enriqueceu e a offerecer parte de suas rendas ás mãos de cuja realeza receberam todas: mais é isto justiça, que liberalidade; mais é obrigação, que benevolencia; mais é restituição que dadiva. Tirou el-rei Ezechias do templo, para se soccorrer em uma guerra, os thesouros sagrados e as mesmas laminas de ouro com que estavam chapeadas as portas; e justificam muito esta resolução assim o Texto, como os doutores, por tres razões: de necessidade em respeito do reino; de conveniencia em respeito do templo; de obrigação em respeito do rei. «Foi» razão de necessidade em respeito do reino (diz o cardeal Caetano); porque quando o reino tinha chegado a termos, que se não podia conservar, nem defender de outra maneira, justo era que em falta dos thesouros profanos substituissem os sagrados; e que se empenhassem e vendessem as joias da egreja para remir a liberdade publica: *Omni exceptione maius est exemplum hoc Ezechiae, ut pro redemptione vexationis ab infidelibus liceat, exhaustis publicis thesauris, ex Ecclesiae dotalibus subvenire publicae libertati christianorum.* «Foi» razão de conveniencia em respeito do templo (diz o bispo Theodoreto); porque mais convinha ao templo conservar-se pobre, que

não se conservar; e é certo que na perda ou defensa da cidade consistia junctamente a sua: porque fazendo-se senhor da cidade Sennacherib, tambem arderia com a cidade o templo: *Quando non sufficiebant thesauri regis, mos erat in hujusmodi necessitatibus sacros etiam thesauros consumere: necessitas autem effecit ut etiam conflaret portas aeneas; ne si bello superior fuisset Sennacherib et urbem et templum incenderet.* Finalmente «foi» razão de obrigação em respeito do mesmo rei: porque, como nota o Texto, as laminas de ouro que Ezechias arrancou das portas do templo, elle mesmo as tinha dado: *Confregit Ezechias valvas templi et laminas auri quas ipse affixerat;* e era justa correspondencia, que em tal occasião as portas se despissem de suas joias e restituissem generosamente o seu ouro a um rei, que com tanta liberalidade as enriquecera. Os templos são armazens das necessidades; e os reis que offerecem votos, depositam soccorros.

O que significa a espada de Goliat restituida a David.

Quando David se viu no deserto desarmado e perseguido nenhum soccorro achou, senão a espada do gigante, que consagrara a Deus no templo; que as dadivas que dedicaram aos templos os reis victoriosos, bem é que as restituam os templos aos reis necessitados. Isto é o que deve fazer o estado ecclesiastico de Portugal; e em primeiro logar os primeiros d'elle: que por isso pagou o tributo não outro dos apostolos, senão S. Pedro.

2.º A nobreza isenta por privilegio de pagar tributo, Tertulliano. Confirma-o o mesmo Christo no caso allegado. Tanero. Contudo paguem-os para evitar o escandalo.

VII. O estado da nobreza é isento por seus privilegios de pagar tributos: *Capita stipendio censa ignobiliora;* disse lá Tertulliano: d'onde Jeremias fallando de Jerusalem contrapoz o tributo á nobreza; e exaggerou a Jerusalem senhora para a lamentar tributaria: *Princeps provinciarum facta est sub tributo.* No passo que nos fez o gasto temos tambem isto. Quando os ministros de Cesar pediram o tributo a S. Pedro, perguntou-lhe Christo: Que vos parece Pedro n'este caso: os reis da terra de quem recebem tributo, dos filhos ou dos extranhos? Dos extranhos, respondeu S. Pedro. *Ergo liberi sunt filii:* logo isentos sômos nós de pagar tributos, diz Christo; eu porque sou Filho do Rei dos reis; e vós porque sois domesticos e creados de minha casa: que os que tem fôro ou filiação na casa real isentos e privilegiados são de pagar tributos: *Hoc exemplum probat,* diz o doutissimo Tanero, *etiam familiares ipsius Christi a tributo liberos esse; cum et in humana politia non tantum filius ipsius regis, sed etiam familia ejus a tributis libera esse soleat.* Isto resolveu Christo *de jure.* Mas *de facto* que resolveu? *Ut autem non scandalizemus eos, vade et da eis pro me et te.* Resolveu que sem embargo de serem privilegiados, pagassem

o tributo; porque seria materia de escandalo, que, quando pagavam todos, não pagassem elles. Pois se nos casos communs lhe parece bem a Christo que pagem tributos os nobres a quem isentam as leis; quanto mais em um caso tão extraordinario e maior que póde acontecer em um reino, em que se arrisca a conservação do mesmo reino, do mesmo rei e da mesma nobreza?

Quanto mai quo suas con mendas sã bens da corc Imite os rio que tornam a mar. *Eccli.* 1

Por duas razões principalmente me parece que corre grande obrigação á nobreza de Portugal de concorrerem com muita liberalidade para os subsidios e contribuições do reino. A primeira razão é, porque as commendas e rendas da corôa, os fidalgos d'este reino são os que as logram e lograram sempre; e é justo que os que se sustentam dos bens da corôa, não faltem á mesma corôa com seus proprios bens: *Quae de manu tua accepimus, dedimus tibi.* Não ha tributo mais bem pago no mundo que o que pagam os rios ao mar. Continuamente estão pagando este tributo, ou em desatados christaes ou em prata successiva, como dizem os cultos; e vemos que para não faltarem a esta divida se desentranham as fontes e se despenham as aguas. Pois quem deu tanta ponctualidade a um elemento bruto? Porque se despendem com tanto primor umas aguas irracionaes? Porque? Porque é justo que tornem ao mar aguas que do mar sairam. Não é o pensamento de quem cuidais, senão de Salomão: *Ad locum unde exeunt, flumina revertuntur:* tornão os rios perpetuamente ao mar (e em tempos tempestuosos com mais pressa e muito tributo); porque, mais ou menos grossas, do mar recebem todas as suas correntes. Que injustiça fôra da natureza e que escandalo do universo, se crescendo caudelosos os rios e fazendo-se alguns navegaveis com a liberalidade do mar, reprezaram avarentos suas aguas e lhe negaram o devido tributo? Tal seria se a nobreza faltasse á corôa com o ouro que d'ella recebe.

E tornam coı agua doce.

E é muito de advertir aqui uma lição que a terra nos dá, se já não fôr reprehensão, com seu exemplo. A agua que recebe a terra é salgada, a que torna ao mar é doce. O que recebe em ondas amargosas, restitúi-o em doces tributos. Assim havia de ser, senhores; mas não sei se acontece pelo contrario. A todos é cousa muito doce o receber: mas tanto que se falla em dar, grandes amarguras! Pois consideremos a razão; e parecer-nos-ha imitavel o exemplo. A razão, por que as agoas amargosas do mar se convertem em tributos doces é, porque a terra por onde passam recebe o sal em si: *Vos estis sal terrae.* Portuguezes entranhe-se na terra o sal; intenda-se que o que se dá é o sal e conservação da terra; e logo serão os tributos doces, ainda que pareçam amargosas as aguas.

Alem d'isso, se a nobreza levantou o rei deve conserval-o. É o que fez o Filho de Deus a respeito de Adão.

A segunda razão por que a nobreza de Portugal deve servir com sua fazenda a el-rei nosso senhor, que Deus guarde, mais que nenhuma outra nobreza a outro rei, é, porque ella o fez. Já que a fidalguia de Portugal saiu com a gloria de levantar o rei, não deve querer que a leve outrem de o conservar e sustentar no reino. Fazer e não conservar, é insufficiencia de causas segundas, inferiores: os effeitos das causas primeiras dependem d'ellas *in fieri et conservari*. É verdade que muitas vezes tem maiores difficuldades o conservar que o fazer: mas quem se gloria da feitura, não deve recusar o peso da conservação. Peccou Adão, decretou o Eterno Padre que não havia de acceitar menor satisfação que o sangue de seu unigenito Filho. Notificou-se este decreto ao Verbo (digamol-o assim); e que vos parece que responderia? Eu o fiz, eu o sustentarei: *Ego feci, ego feram*; diz por Isaias. A razão com que o Filho de Deus se animou á conservação tão difficultosa e tão penosa de Adão, foi com se lembrar que elle o fizera. Para se persuadir a ser Redemptor, lembrou-se que fôra Creador; e para conservar a Adão com todo o sangue, lembrou-se que o fizera com uma palavra. Nobreza de Portugal, já fizestes ao rei; conserval-o agora é o que resta, ainda que custe: *Ego feci, ego feram*. Muito foi fazer um rei com uma palavra: mas conserval-o com todo o sangue das veias, será a corôa de tão grande façanha. Sangue e vidas é o que eu peço: que a tão illustres e generosos animos, petição fôra injuriosa fallar em fazenda.

3.º O povo está obrigado a pagar. O peixe no caso allegado dizem que se chamava *Faber*. Plinio.

VIII. Resta que obrigação absoluta de pagar tributos só o terceiro estado a tenha. E assim o diz o nosso passo; que, como atégora nos acompanhou, ainda aqui nos não falta. Da bocca do peixe tirou S. Pedro a moeda para o tributo. Mas perguntará algum curioso: Que peixe era este, ou como se chamava? Poucos dias ha que eu me não atrevera a satisfazer á duvida: mas fui-a achar decidida em um auctor extrangeiro de nossa Companhia, chamado Adamus Conthzem: póde ser que seja mais conhecido dos politicos, que dos escripturarios: mas em uma e outra cousa é muito douto. Diz este auctor fallando do nosso peixe: *Piscis est apud Plinium qui Faber dicitur; et Piscis Sancti Petri christianis*: Que é este um peixe a que hoje os christãos chamam Peixe de S. Pedro; e Plinio na sua historia natural lhe chama *Faber*.

Sobre os que menos podem, caem os tributos.

Notavel cousa! *Faber* quer dizer o official. De sorte que ainda no mar, quando se ha de pagar um tributo, não o pagam os outros peizes, senão o peixe official. Não pagou o tributo um peixe fidalgo, senão um peixe official. Não o pagou um peixe que se chamasse rei ou delphim, ou outro nome menor de

nobreza, senão um peixe que se chamava official: *Faber*. Sobre os officiaes, sobre os que menos podem, cáem de ordinario os tributos, não sei se por lei, se por infelicidade; e melhor é não saber porque.

Não se exhorta o povo, pede-se-lhe perdão.

Seguia-se agora segundo a ordem que levamos, exhortar o povo aos tributos; mas não commetterei eu tão grande crime. Pedir perdão aos que chamei povo, isso sim. Em Lisboa não ha povo. Em Lisboa não ha mais que dous estados—ecclesiasticos e nobreza—Vassallos que com tanta liberalidade despendem o que teem, e ainda o que não teem, por seu rei, não são povo.

Louvores que dá o Esposo divino aos passos da Esposa. (Cant. 7) Os pés da monarchia são o povo.

Vai louvando o Esposo divino as perfeições da Egreja em figura da Esposa; e admirando o ar, garbo e bizarria com que punha os pés no chão, chama-lhe filha de principe: *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis, filia principis!* Não ha duvida que no corpo politico de qualquer monarchia, os pés como a parte inferior, significam o povo. Pois se o Esposo louva o povo da monarchia da Egreja; com que pensamento ou com que energia lhe chama n'este louvor filha de principe? A versão hebrea o declarou ajustadamente. Onde a vulgata diz, Filha de principe, tem a raiz hebrea filha do povo que offerece voluntaria e liberalmente; e povo que offerece com vontade e liberalidade, não é povo, é principe. Bem dizia eu logo que em Lisboa não ha tres estados, senão dous—ecclesiastico e nobreza.—E se quizermos dizer que ha tres; não são ecclesiastico nobreza e povo, senão, ecclesiastico nobreza e principes. E a principes quem os ha de exhortar em materia de liberalidade?

Em fim ninguem repare em dar com generoso animo o que se pedir.

Só digo por conclusão e em nome da patria o encareço muito a todos, que ninguem repare em dar com generoso animo tudo o que se pedir (que não será mais do necessario) ainda que para isso se desfaça a fazenda, a casa, o estado e as mesmas pessoas; porque se pelo outro caminho deixarem de ser o que são, por este tornarão a ser o que eram. *Vos estis sal terrae.* A agua deixando de ser agua, faz-se sal e o sal desfazendo-se do que é, torna a ser agua. N'este circulo perfeito consiste a nossa conservação e restauração. Deixem todos de ser o que eram para fazerem o que devem; desfaçam-se todos como devem, tornarão a ser o que eram. Este é em summa o espirito das nossas quatro palavras: *Vos estis sal terrae.*

Cinco propriedades já consideradas no sal e recapituladas nos louvores de Sancto Antonio.

IX. Temos acabado o sermão. E Sancto Antonio? Parece que nos esquecemos d'elle; mas nunca fallámos de outra cousa. Tudo o que dissemos n'este discurso foram louvores de Sancto Antonio, posto que desconhecidos, por irem com o nome mudado. Chamámos-lhe propriedade do sal, e eram virtudes do

Sancto. E senão arribemos brevemente sobre ellas e vamol-as discorrendo. Se a primeira propriedade do sal é preservar da corrupção; que espirito apostolico houve que mais trabalhasse por conservar incorrupta a fé catholica com a verdade de sua doutrina, com a pureza de seus escriptos, com a efficacia de seus exemplos e com a maravilha perpetua de seus prodigiosos milagres? Se a segunda propriedade do sal é sobre preservativo não ser desabrido; que sancto mais affavel, que sancto mais benigno, que sancto mais familiar, que sancto, emfim, que tenha uns braços tão amorosos, que por se ver n'elles Deus, desceu do céu á terra, não para luctar como Jacob, mas para se regalar docemente? Se a terceira propriedade do sal apostolico era não ser de uma senão de toda a terra: quem no mundo mais sal da terra que Sancto Antonio? De Lisboa deixando a patria para Coimbra; de Portugal, com desejo do martyrio, para Marrocos; da arribação de Marrocos para Hespanha; de Hespanha para Italia; de Italia para França; de França para Veneza: de Veneza outra vez a França, outra a Italia, com repetidas jornadas: com os pés andou a Europa e com os despojos a Africa; e se não levou os raios de sua doutrina a mais partes do mundo, foi porque ainda as não tinham descoberto os portuguezes. Se a quarta propriedade do sal foi ser sujeito das transformações de «varios elementos para outro estado», em que sancto se viram tantas metamorphoses como em Sancto Antonio, transformando-se do que era para ser o que mais convinha? De Fernando se mudou em Antonio; de secular em ecclesiastico, de clerigo em religioso, e ainda de um habito em outro habito para maior gloria de Deus tudo, sendo o primeiro em quem foi credito a mudança e a inconstancia virtude. Finalmente, se a ultima propriedade do sal é conseguir o seu fim desfazendo-se; quem mais bizarra e animosamente que Sancto Antonio se tyrannizou a si mesmo, desfazendo-se com penitencias, com jejuns, com asperezas, com estudos, com cilicios, com trabalhos padecidos constante e fervorosamente por Deus; até que em trinta e seis annos de edade, sendo robusto por natureza, deixou de ser temporalmente ao corpo para ser por toda a eternidade com alma aonde vive e viverá sem fim?

Assistencia sua nas côrtes de Lisboa.

«Isto foi Sancto Antonio como sal da terra: e como procurador do céu nas nossas côrtes. Qual será pois o effeito da sua assistencia? Qual o merece a nossa devoção e o anceia a conservação do reino. Tem elle dicto por minha bocca o seu parecer: agora apoial-o-ha com seu valimento juncto d'aquelle mesmo Senhor que tem nos braços.» Só fará escrupulo n'esta materia o genio tão conhecido de Sancto Antonio; segundo o qual parece que era

mais conveniente sua assistencia em côrtes que se fizessem em Castella, que estas que celebramos em Portugal. Os intentos de Castella são recuperar o perdido; os intentos de Portugal, são conservar o recuperado. E como deparar cousas perdidas é o genio e a graça particular de Sancto Antonio; a Castella parece que convinha a assistencia de seu patrocinio; que a nós por agora não. Quem nos ajude a conservar o ganhado, é o que havemos mister.

O que prova celebre milag que elle fez p servando d morte a seu p assim como Christo prese vou á sua m

Ora, Senhores, ainda não conhecemos bem a Sancto Antonio? Sancto Antonio para os extranhos é recuperador do perdido, para os seus é conservador do que se póde perder. Caminhava o pae de Sancto Antonio a degollar (assim o dizem muitas historias, inda que alguma falle menos nobremente); e chegando já ás portas da sé e ás suas, eis que appareceu o Sancto milagrosamente; fez parar os ministros da justiça, resuscita o morto, declara-se a innocencia do condemnado, e fica livre. Pergunto: Porque não esperou Sancto Antonio que morresse seu pae e depois de morto lhe restituiu a vida? Não é menos fundada a duvida que no exemplo de Christo Senhor nosso, de quem diz o texto de S. João, que avisado da infermidade de Lazaro, de proposito se deteve e o deixou morrer, para depois o resuscitar: *Distulit sanare ut posset resuscitare:* ponderou o Chrysologo, que lhe dilatou a saude, porque lhe quiz resuscitar a vida. Pois se é mais gloriosa acção e mais de Christo resuscitar uma vida, que impedir uma morte; porque o não fez assim Sancto Antonio? Não fôra maior milagre, não fôra mais bizarra maravilha acabar o verdugo de passar o cutello pela garganta do pae e no mesmo poncto apparecer sobre o theatro o filho, ajunctar a cabeça ao tronco, levantar-se o morto vivo, pasmarem todos e não crerem o que viam, ficando só da ferida um fio subtilmente vermelho para fiador do milagre? Pois porque o não fez Sancto Antonio assim? Se tinha virtude milagrosa para resuscitar; se resuscitou ali um morto; se resuscitou outros muitos em diversas occasiões; porque não esperou um pouco para resuscitar tambem a seu pae? Porque? Porque era seu pae. Aos extranhos resuscitou-os depois de perderem a vida; a seu pae defendeu-lhe a vida, para que não chegasse a perdel-a: aos extranhos remedeia; mas ao seu sangue preserva. Christo Senhor nosso foi redemptor universal do genero humano, mas com differença grande. A todos os homens geralmente livrou-os da morte do peccado, depois de incorrerem n'elle; mas a sua Mãe perservou-a, para que não incorresse: aos outros deu-lhes a mão depois de cairem; a sua Mãe teve a mão para que não caisse: dos outros foi Redemptor

por «via de» resgate; de sua Mãe por «via de» preservação. Assim tambem Sancto Antonio: aos extranhos resuscitou-os depois de mortos; a seu pae conservou-lhe a vida para que não morresse: que essa differença faz o divino portuguez dos seus aos extranhos. Para com os extranhos é recuperador das cousas perdidas; para com os seus é tambem preservador de que se não percam. Por isso «como por todas as outras razões que discorremos atégora», com bem occasionada propriedade se compara hoje no evangelho ao sal: *Vos estis sal terrae.*

(Ed. ant. tom. 11.°, pag. 138, ed. mod. tom. 9.°, pag. 129.)

SERMÃO DE S. ROQUE

PANEGYRICO E APOLOGETICO NO ANNIVERSARIO DO NASCIMENTO DO PRINCIPE D. AFFONSO

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1644, CELEBRANDO-SE N'ESTE DIA A FESTA DE S. ROQUE

Observação do compilldor.—O sermão é inteiramente politico, fundado porém no evangelho. Falla muito pouco de S. Roque e ainda que o estylo e as ponderações, accomodadas a seu tempo, em geral são nobres, algumas vezes se abatem de maneira que desdiriam summamente a quem não tivesse a auctoridade que tinha o grande orador deante de D. João IV.

Sint lumbi vestri praecincti et lucernae ardentes in manibus vestris.
S. Luc. 12.

O anniversario do nascimento de D. Affonso e a festa de S. Roque.

Fóra de seu dia S. Roque! E não em outro dia senão hoje! (Mui altos e poderosos reis e senhores nossos). Torno a admirar-me. Fóra de seu dia S. Roque! E não em outro dia senão hoje! Grandes suspeitas me dá este Sancto que vem ajudar-nos a celebrar a nossa festa, mais que desejoso de celebrarmos a sua. Um anno faz n'este dia e n'esta hora, pouco menos que em comprimento da expectação, em desassombro do temor, em satisfação do desejo, em alvoroço dos corações, em applausos de Lisboa, em gloria de Portugal e em alegria de todos, amanheceu á luz commum e nasceu ao mundo o sexto planeta do nosso hemispherio, a quarta estrella dos nossos dous soes, o primeiro fructo da geração attenuada, restituida, o desempenho prophetizado dos olhos de Deus, a união dos dous primeiros Affonsos de Portugal e Bragança, o perfeitissimo retrato dos soberanos originaes, que nol-o deram; emfim o nosso bello infante D. Affonso que Deus nos crie, que Deus nos guarde, e que Deus nos faça o quarto, como hoje é o ultimo.

Faz-se doutrina da occasião. Como se devem conservar os beneficios de Deus.

Não sou de fazer mysterios dos acasos; mas folgo de fazer doutrina da occasião. E já que S. Roque veio cair n'este dia tão particular, em que Deus desempenhou suas promessas e lançou novas raizes a seus beneficios, quizera eu que S. Roque hoje nos ensinára a os conservar. A este intento procurarei en-

caminhar este sermão. O evangelho nos dará documentos, o sancto nos dará exemplos: queira Deus que não resistam aos ouvidos os corações.

Manda-se no evangelho que as tochas estejam todas accesas, para se segurarem as luzes.

II. *Sint lumbi vestri praecincti et lucernae ardentes in manibus vestris.* Manda Christo a seus discipulos que estejam com as roupas tomadas no cinto e com tochas accesas nas mãos; bem assim como os criados vigilantes, que esperam por seu senhor no dia das vodas. Este exemplo me faz difficultosa esta doutrina. Se o Esposo ha de vir e não vem ainda; para que hão de estar todas as tochas accesas? Que esteja accesa uma para que com ella se accendam as outras, parece-me muito bem; mas accesas todas: *Lucernae ardentes in manibus vestris?* O que Christo Senhor nosso pretendia, como se vê de todo o evangelho, era vigilancia e luz: para a vigilancia bastava um creado, para a lúz bastava uma tocha. Provo com o exemplo da milicia: porque nos olhos de uma sentinella vigia todo o exercito e na braza de um morrão estão accesas todas as armas. Pois se parece que bastava uma só tocha; para que manda Christo accender tantas? Manda Christo accender muitas tochas, porque quer segurar as luzes. Uma só basta para accender; mas uma só luz não basta para segurar; por isso manda Christo que estejam muitas tochas accesas para em cada uma deixar o remedio e em todas junctas assegurar o perigo. Luz que se póde apagar com um assopro, não está segura sem fiador. Pois multipliquem-se as luzes, diz Christo, para que umas sejam fiadoras das outras. Na primeira luz nos deu o remedio; nas outras luzes nos tirou o cuidado.

Por isso multiplica Deus as luzes da successão dos reis de Portugal.

Porque cuidamos, portuguezes, que se acabaram as luzes de Portugal? Que causa cuidamos que houve para padecermos aquella noite eterna de sessenta annos tão compridos? A causa foi, porque, como Deus queria eclipsar as glorias de Portugal, permittiu que ficasse a luz pendente de uma só tocha: um rei D. Sebastião, outro rei D. Henrique, ambos sem successão, ambos sem herdeiros. Porém hoje, quando Deus foi servido de nos restaurar e restituir, engrossa a linha da geração attenuada com dobrados successores; assegura o lume das tochas com multiplicadas luzes, para que assim como se interrompeu o sceptro de Portugal por dous reis sem successor, se perpetue em durações eternas por um rei já com dous successores. Dous successores temos e quatro herdeiros. Ditoso dia e ditoso nascimento, em que se cerrou e aperfeiçoou este bem estreado numero.

Pela mesma razão fundou-se a lei velha em dous irmãos e a lei nova em quatro. S. Chrysostomo.

Notou S. João Chrysostomo, que a lei escripta foi fundada em dous irmãos e a lei da graça em quatro. Os dous irmãos

em que se fundou a lei escripta foi Moysés e Arão: os quatro irmãos, em que se fundou a lei da graça, foi S. Pedro, Sancto André, S. João e Sanct-Iago. Pois saibamos porque fundou Deus a lei escripta em dous e a lei da graça em quatro. Que se fundasse uma e outra em irmandade, com grande providencia está feito; porque os fundamentos da união, são os mais solidos alicerces do edificio espiritual ou politico. Mas porque a primeira lei em dous irmãos e segunda em quatro? A razão foi, porque quiz Deus lançar os fundamentos a cada lei conforme a duração que lhe determinava dar. A lei escripta, que finalmente se havia de acabar, fundou-a em dous irmãos: a lei da graça, que havia de ser eterna e durar sem fim, fundou-a em quatro. Imperio fundado em dous irmãos dura muito, mas poderá ter fim: porém imperio fundado em quatro irmãos assentado sobre quatro columnas, allumiado com quatro tochas, será perpetuo, será perduravel, egualará a duração com o mundo, medirá os annos com a eternidade.

Portugal fundado em duas irmandades

Mas noto eu nas palavras de S. João Chrysostomo que aos fundamentos da lei perpetua da graça não lhes chamou quatro irmãos senão duas irmandades. Taes são os fundamentos do nosso reino. Está firmissimo Portugal não só porque está fundado em dous irmãos, senão em duas irmandades: uma irmandade masculina do nosso principe e do nosso infante: outra irmandade feminina das nossas infantas, que Deus nos guarde. De maneira que não só consiste a nossa firmeza na multiplicação do numero, senão na repartição do sexo: não só em serem quatro irmãos, senão em serem duas irmandades, uma de irmãos, outra de irmãs.

Recebe de Deus a benção dada a Anna, mãe de Samuel.

Triste e desconsolada Anna por se ver esteril e muito mais desconsolada e triste por se ver affrontada de Fenenna, mulheres ambas do principe Helcana e fecunda Fenenna e mãe de muitos filhos, diz a historia sagrada que foi ao templo e com muitas lagrimas fez oração e voto a Deus d'esta maneira: Se pozerdes, Senhor, os olhos na minha afflicção e dôr e derdes á vossa serva um filho varão, eu prometto de o dedicar a este templo para que n'elle vos sirva todos os dias de sua vida. Assim orou Anna e foi ouvida de Deus muito mais que assim; porque depois de lhe dar por filho o propheta Samuel lhe deu mais outros «tres» filhos e duas filhas: *Visitavit ergo Dominus Annam et concepit et peperit tres filios et duas filias*. Não admiro n'este famoso caso a liberalidade de Deus, que sempre é mais largo em dar, do que nós em pedir. É porém muito digno de reparo que dando «seis» filhos a Anna quando lhe pediu um só e esse varão, não fossem só varões e filhos os que lhe deu

de mais, senão filhos e filhas, como nós particularmente notavamos na presente successão dos novos principes. De sorte que não consiste a nossa firmeza só na multiplicação do numero, senão tambem na repartição do sexo; e porque? Porque os reinos e os imperios conservam-se e sustentam-se em duas raizes: das portas a dentro da successão dos reis naturaes; das portas a fóra com a confederação dos reis extrangeiros. E por isso acabou Deus de dar em tal dia como hoje, tantos filhos como filhas: os filhos para que não faltassem reis ao reino proprio, e as filhas, para que possamos dar rainhas aos extranhos. O mesmo S. Chrysostomo que notou as duas irmandades dos apostolos, nos filhos que depois de Samuel accrescentou a Anna nota ser uma irmandade de filhos e outra de filhas, dizendo que n'essa segunda lhe déra Deus para ultima satisfação do gosto e do desejo, todo o lucro e augmento que da successão dos filhos póde ter uma venturosa familia.

O dia do nascimento de D. Affonso é mais alegre que o da acclamação. O nascimento de Isaac explicado por S. Basilio de Seleucia.

Vêde agora se está bem fundado Portugal n'estas duas irmandades. Vêde se está bem seguro n'estas quatro luzes e se se deve festejar muito este dia em que nos amanheceu a quarta. Quero-me apaixonar por este dia. Digo que o dia de hoje é o mais alegre que nunca teve Portugal: mais ainda que o dia felicissimo da acclamação. Razão. Porque então deu-nos Deus o reino, hoje mostrou elle nol-o déra; então cumpriram-se as prophecias: hoje provou-se que foi verdadeiro o cumprimento d'ellas. Quando ao patriarcha Abrahão lhe nasceu Isaac de sua mulher Sara, diz S. Basilio de Seleucia, que foi gemeo este parto. Gemeo? Pois como assim? Leiam-se as Escripturas e achar-se-ha que d'este parto de Sara não nasceu mais que Isaac. Pois se só Isaac nasceu, como foi parto gemeo? Foi gemeo, diz S. Basilio; porque d'este parto de Sara esteril, se bem se nota, nasceram dous filhos: nasceu Isaac e mais nasceu a fé das promessas que Deus tinha feito a Abrahão: *Sara sterilis in partu suo fidem divinae promissionis peperit*. Tinha Deus promettido a Abrahão que lhe daria um filho e que em sua geração seria remido o mundo: e como Isaac foi este filho promettido, por isso veio a ser e poder se chamar gemeo o parto de Isaac: porque nasceu d'elle junctamente o filho das esperanças e mais a fé das promessas. O mesmo passa no nascimento do nosso infante D. Affonso. Nasceu hoje á geração real portugueza esterelizada o primeiro filho: e nasceu junctamente com elle a fé das promessas divinas feitas ao primeiro rei. Estava esteril, pelos peccados de Portugal, a geração de seus reis, como outra Sara. Mas como Deus tinha promettido que n'essa geração esterelizada e attenuada poria seus olhos; quando a geração real

portugueza outra vez se vê fecunda, não ha duvida que com o primeiro fructo d'esta fecundidade nos nasceu junctamente a fé d'aquellas promessas: *In partu suo fidem peperit.* N'este nascimento acabou o signal do castigo: com este nascimento nasceu a fé do remedio. Porque assim como foi signal evidente de Deus querer acabar Portugal, fazer a geração real esteril; assim é confirmação evidente de Deus querer estabelecer Portugal fazer a geração real fecunda.

O que Deus disse a D. Affonso e o que disse Anna a Deus.

E senão pergunto: Qual foi o termo com que Deus declarou que restauraria Portugal? O termo foi: *Ego respiciam et videbo:* Eu olharei e verei. Pois no dia de hoje e n'este felicissimo nascimento se cumpriu o *Respiciam et videbo;* e por que razão? Porque dar Deus a uma geração esteril um filho varão é o olhar e o ver de Deus. Texto expresso e continuado, quando Anna, como vimos e ainda não ponderamos disse: Se olhardes, Senhor e virdes a afflicção de vossa serva e lhe derdes um filho varão... *Si respiciens videris afflictionem famulae tuae, dederisque servae tuae sexum virilem.* De maneira que dar Deus um filho varão a uma geração esteril é o olhar e o ver de Deus. A decima sexta geração real portugueza estava, como Anna, esteril: *Asque ad decimam sextam generationem in qua attenuabitur proles.* Tinha-nos promettido Deus que n'essa mesma geração attenuada olharia e veria: *In ipsa sic attenuata ego respiciam et videbo.* E quando olhou e viu? Olhou e viu, quando deu a essa geração esteril um filho varão: *Si respiciens videris, dederisque sexum virilem. Ego respiciam et videbo.*

Alegria de Portugal por ver n'este nascimento verificada a divina promessa. (*Isai.* 54) Os seus infantes nascem e os de Castella morrem.

Que resta logo, senão darmos hoje infinitas graças a Deus e infinitos parabens a Portugal, dizendo com o propheta Isaias: *Lauda sterilis quae non paris: decanta laudem et hinni quae non pariebas.* Dá graças a Deus, Lusitania, alegra-te e triumpha; pois sendo n'estes annos passados tão esteril de principes, hoje te vês tão fecunda! E se queres alegrar-te com mais admiração, olha para a vizinhança: *Quoniam filii desertae magis quam ejus quae habet virum*: porque a que era esteril, se vê fecunda e a que era fecunda esteril. Cousa é muito digna de reparar, que tendo Castella ha poucos annos dous infantes varões, hoje não tem nenhum; e não tendo Portugal ha poucos annos nenhum infante, hoje se vê com dous. Parece que Castella enterrava os seus infantes, para que os nossos nascessem: porque se bem advertirmos, acharemos que nas mesmas terras onde ella enterrou os seus infantes nos nasceram a nós os nossos. Enterrou Castella um infante em Allemanha o infante Fernando; e nasceu-lhe a Portugal outro infante em Allemanha o senhor Dom Duarte que Deus guarde e livre, que nasceu in-

fante no dia felicissimo da acclamação. Enterrou Castella outro infante em Hespanha o infante Carlos; e nasceu-lhe a Portugal outro infante em Hespanha o senhor infante D. Affonso que nasceu já filho de rei no dia felicissimo de hoje faz um anno. Que é isto? É que quando Deus quer ecclipsar, como vimos em nós, vai apagando as tochas; e como quer que resplandeça outra vez em Portugal, vai-nos dando as luzes ás mãos cheias: *Et lucernae ardentes in manibus vestris.*

Devem-se as luzes accesas sustentar apertando-se.

III. Mas supposto que Deus nos deu tantas luzes e supposto que as pôz nas nossas mãos, que havemos de fazer para sustentar estas luzes? Luzes accesas gastam e consomem: pois que remedio para as sustentar e para as conservar? O remedio como tão importante e necessario já está prevenido e declarado nas palavras antecedentes do evangelho: *Sint lumbi vestri praecincti.* Cingi-vos, apertae-vos, estreitae-vos. E que consequencia tem apertar os cintos para luzirem as tochas? Muito grande: porque para luzir é necessario arder; para arder é necessario gastar; para gastar é necessario cingir-se, apertar-se, estreitar-se. Cingi-vos primeiro; podereis luzir depois.

Erro das virgens nescias e acerto de S. Roque.

Muitas vezes tenho buscado em que consistiu a loucura das virgens nescias: porque á primeira vista eu não vejo mais milagres nas prudentes. Se as prudentes ornaram as alampadas, tambem as nescias as ornaram: se as prudentes sairam a receber o Esposo, tambem as nescias sairam: se as nescias adormeceram, tambem as prudentes não vigiaram: *Dormitaverunt omnes et dormierunt.* Pois em que esteve a loucura tão canonizada? Esteve em que as nescias «alem de ter por descuido» menos cabedal d'azeite que as companheiras, não souberam poupar com a industria o que as outras gastavam na abundancia. Quizeram luzir quando haviam de poupar e vieram a mendigar quando haviam de luzir: *Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostrae extinguuntur.* Apagaram-se-lhes as luzes; porque «sobre o descuido do azeite» não souberam estreitar os cintos. Que bem emendou esta ignorancia das virgens nescias, a prudencia e a providencia de S. Roque! Contentou-se com satisfazer á necessidade e não ao appetite; á natureza e não á vaidade: por isso póde resplandecer em obras de caridade tão excellentes e servir ao Rei do céu com tanta liberalidade e grandeza, quanto eu agora quizera, mas não tenho tempo para ponderar.

Os que agora pretendem alargar os cintos em logar de estreital-os. 3 Reg. 12

Só não posso deixar de dizer e de extranhar muito que se alarguem agora os cintos, quando era tempo de os estreitar; e que os tragam e queiram trazer muito largos os mesmos que n'outro tempo os traziam assás estreitos. No outro tempo tão

estreitos e tão delgados, como todos sabem; e agora tão largos e não sei se tão inchados, que em nenhuma parte cabem, nem ha quem caiba com elles. Cabe-lhes, porém, e vem-lhes muito ao justo a phrase do soberbo Jeroboam; Que são hoje mais grossos pelo dedo meminho, do que eram antigamente pela cintura: *Minimus digitus meus grossior est dorso patris mei*. Levam hoje mais roda em um anel, do que levavam antigamente no cinto. E o peior é que no cabo queixosos e mal contentes. Ora medi, medi os cintos; e vereis quanto mais largos andais agora, do que andaveis no outro tempo. Antigamente (se vos lembra) cabieis nos vossos sapatos; e hoje não cabeis em um coche e mais outro coche. E sobre tanta differença queixas ainda? Extranho isto; mas não me espanto: que quando anda prodigioso o céu, vêem-se similhantes maravilhas na terra.

S. Paulo a Damasco e Elias no Jordão

Ia S. Paulo caminhando para Damasco: desce do céu um raio de luz, que o derribou do cavallo e o deitou em terra. Estava Elias no Jordão; desce do céu um coche de quatro cavallos, que o levou por esses ares. Eis-aqui o que acontece na terra, quando anda prodigioso o céu. A uns apea, a outros levanta. Paulo que andava a cavallo, ficou a pé; Elias que andava a pé, ficou em coche. Comtudo a mim me parace muito bem que Elias tenha coche; porque vejo a capa de Elias nos hombros de Eliseu. Que ande em coche Elias zeloso que cobre a Eliseu com a sua capa, é muito justo. Mas que ande em coche Elias zelote, que cobre o coche com a capa de Eliseu, não é bom zelo este. Zeloso, que não sabe dar a capa, não tem bom zelo. Pois desenganemo-nos: que quem quizer sustentar as tochas nas mãos, não ha de ter a capa nos hombros. Por isso Christo nos manda ser similhantes aos creados, cujo estylo e obrigação é largar a capa para tomar a tocha.

As capas da Entronização de Jehú.

Estava Jehú em uma conversação de fidalgos: veiu subitamente um propheta ungil-o «em» rei; e que fizeram os circumstantes? No mesmo poncto, diz o Texto que tiram todos as capas dos hombros, fizeram d'ellas um throno, assentaram n'elle a Jehú e disseram: Viva el-rei: *Regnavit Jehu*. Então vive o rei, quando se lhe faz o throno das capas dos maiores vassallos.

E as deitadas aos pés de Christo entrando em Jerusalem.

Entrou Christo em Jerusalem triumphando: começaram todos a acclamal-o por «Senhor» e Rei de Israel; e que fizeram os que estavam pelas ruas? No mesmo poncto, diz o Evangelho, que tiraram tambem as capas e as lançavam por terra, para que o Senhor passasse por cima. Então triumpha o rei quando tem postas a seus pés as capas dos seus vassallos: por-

que ao Senhor natural, ao rei verdadeiro ha se lhe de dar a capa «com tanto amor, que a veja posta a seus pés». Oh como fica airoso quem o faz!

Apertou os vassallos as tunicas como as aperta o rei.

Mas advirto-vos de caminho, que se derdes capa, dae-a dada; porque alguns dão a capa no exterior e por debaixo da capa tornarão a tomal-a. Capas dadas são as que estabelecem o throno ao rei: capas dadas e tornadas a tomar, não. Quereis poder dar as capas? Sabei apertar as tunicas. Porque não fará o vassallo pelo rei o que o rei faz pelo vassallo? Notae a correspondencia do evangelho entre o creado e o senhor. Diz o senhor aos creados que se cinjam e tomem as tochas nas mãos: *Sint lumbi vestri praecincti, et lucernae ardentes in manibus vestris*. E logo abaixo diz, que o senhor se cingirá tambem e porá os creados á meza: *Praecinget se et faciet illos discumbere*. Pois se o rei se cinge e se estreita para sustentar a meza dos creados; porque se não cingirão e estreitarão os creados para sustentar as tochas do senhor? Não vemos a moderação verdadeiramente de pae da patria, com que el-rei, que Deus guarde, estreita os gastos de sua real pessoa e casa? Não vemos a liberalidade verdadeiramente real, com que a rainha nossa senhora se priva de suas rendas e as applica aos exercitos e fronteiras? Pois se assim se estreita a grandeza dos reis; porque não apprenderá a se estreitar a vaidade dos vassallos? Façamos como libertados, pois elles fazem como libertadores.

Imita elle como verdadeiro libertador o fogo da sarça de Moysés. *Exod.* 3

Ora ouvi-me uma ponderação, em que vereis que n'este mesmo estreitar-se mostra ser sua majestade o nosso verdadeiro libertador. Quando estavam captivos os filhos de Israel no Egypto, desceu Deus em figura de fogo, assentou-se em uma sarça e a sarça ardia e não se queimava. Pois se o fogo é um elemento tão activo, tão consumidor, tão voraz; porque não queimava a sarça? Portava-se assim o fogo não pelo que era, senão pelo a que vinha. Vinha Deus n'aquelle fogo a libertar os filhos de Israel, como elle mesmo disse: *Descendi ut liberem eum;* e o fogo libertador sustenta-se de si mesmo, não gasta. Fogo em que Deus vem abrazar, como o do sacrificio de Abel, consome: mas fogo em que Deus vem a libertar, como o da sarça de Moysés, não gasta, sustenta-se de si mesmo. Bem o vemos no nosso libertador, que se sustenta do seu que era e não do nosso; sendo que o seu e o nosso tudo é seu. E para que mais estimemos e agradeçamos esta moderação, notemos que os reis da terra são como o rei dos elementos, o fogo. Todos os outros elementos, temol-os em casa sem nos fazerem gasto: a terra a agua e o ar não nos gastam nada: o fogo ninguem o teve em sua casa, senão custando-lhe. Assim são os

reis da terra. E se não bastam os exemplos passados dos que tão abrazado deixaram Portugal, leia-se na Escriptura o que Deus disse por Samuel ao povo, quando teimaram em pedir rei. E que sendo esta a qualidade e condição de um e outro fogo, que não tome para si nada o milagroso que vemos! Que não toque em uma folha da sarça! Que se sustente de si mesmo! É sem duvida, porque está Deus n'aquelle fogo e porque está n'elle como libertador: *Descendi ut liberem eum.*

E por isso se o conquistad[...] prophetizad[...]

E não só como libertador, senão como restaurador e conquistador; que assim o pede a nossa necessidade e promettem as nossas prophecias. E porque? Pela mesma razão que temos dicto. Porque principe que quanto pede aos vassallos, nada toma para si, tudo dispende com elles, será restaurador e conquistador do mundo. «Não ha poder que mais subjugue os corações humanos do que um amor desinteressado. Quem recusará obedecer a quem nos manda procurar o nosso bem? Por isso» principe que gasta com seus vassallos tudo o que recebe d'elles não lhe compete menos conquista que a do mundo, menos monarchia que a do universo. Assim o promettem as nossas prophecias[1] e o confessam as nossas esperanças, fundadas no exemplo de tal rei e na liberalidade de taes vassallos, para grande augmento da fé, para grande gloria da Egreja, para grande honra da nação portugueza; e ainda para grande opulencia dos bens da fortuna, com maior abundancia dos bens da graça.

É porém nec[...] sario um re[...] medio poder[...] de conservaç[...]

IV. Bem acabava aqui o sermão, e certamente aqui acabou a parte panegyrica d'elle. Mas porque o dia e a festa propriamente é de S. Roque, o sancto e o que resta do evangelho, tomarão e satisfarão por sua conta a parte apologetica. Não declaro a materia da questão; porque é vulgar, sabida e practicada de todos n'esta côrte como segunda e mui necessaria parte da mesma panegyrica, em que fallámos, suppondo só o util e glorioso d'ella, sem reparar no duvidoso e perigoso da sua conservação. Baste por unico fundamento na supposição e circumstancia do tempo presente, que em todo o passado Castella e Portugal junctos não poderam prevalescer, assim no mar como na terra contra Hollanda; e como poderá agora Portugal só permanecer e conservar-se contra Hollanda e contra Castella? Em defensa do zelo que isto duvida e teme, se deterá um

[1] Allude se ás prophecias de Bandarra tão cridas na epocha da restauração não só por Vieira senão tambem por outros varões de grande auctoridade. Por esta razão não podia o eloquentissimo orador dizer cousa que mais facilmente calasse nos animos de seus reaes ouvintes. *O Compilador.*

pouco a nossa apologia contra os juizes portuguezes (se é que verdadeiramente o são) tão confiados e bizarros, que impugnam com o descredito os que suppõem a necessidade e representam o remedio.

Quem ama, teme; e quem teme, ama.

Os remedios, dizem, suppoem perigos, os perigos causam temores, os temores arguem desconfianças; e animos desconfiados nem são bens nem são animos. Ora o nosso evangelho quando menos não discorre assim. Dos mesmos principios tira mais honradas consequencias. Todo o evangelho que hoje nos propõi a Egreja está fundado em temores e em esperanças; porque, como tracta da salvação que é incerta, a esperança anima, o temor acautela. E se quem ama, teme; porque não ha de imaginar perigos? E se quem teme, ama; porque não ha de sollicitar remedios? Quem extranhar este zelo perto está de condemnar a Christo.

Por isso o evangelho desperta tantos temores.

Leia-se o nosso evangelho, e em todo elle não se achará outra cousa senão perigos e mais perigos, remedios e mais remedios. Virá o ladrão: poderá roubar a casa: buscar-nos-ha na hora em que estivermos mais descuidados: eis-ahi os perigos. Por outra parte roupas na cinta, tochas accesas, portas fechadas, olhos abertos; eis-ahi os remedios. Pois, Senhor, estes são os dous pólos da vossa doutrina e do vosso cuidado? Não imaginais n'outra cousa senão em perigos? Não fallais n'outra cousa senão em remedios? Sim, sim. O mais verdadeiro e fiel amigo que ha nem póde haver no mundo é Christo, e o fiel e verdadeiro amigo em materias que não importam menos que a salvação, não sabe imaginar senão em perigos, não sabe fallar senão em remedios. Este é o zelo de Christo; e porque não será este o zelo christão?

Quem ama muito, até perigos impossiveis teme e n'isto mostra o seu amor.

Mas vejo, que me diz ou que me dirá alguem que ha perigos que são impossiveis e ha remedios que são perigosos. Perigos impossiveis não se hão de temer: remedios perigosos não se hão de acceitar. Admitto no perigo o impossivel, admitto no remedio o perigo; e respondo comtudo. Quem ama muito até perigos impossiveis teme. O perigo será impossivel, mas o amor muito verdadeiro. E quem chegou o temer impossiveis, chegou a amar quanto é possivel. Ha-se o amor no temer, como no desejar; e assim como não ha maior signal de amor que impossiveis desejados, assim não ha maior signal de temor que impossiveis temidos.

Tambem a razão nos exhorta a temer impossiveis para a segurança.

Porém dir-me-hão que os impossiveis será amor temel-os; mas não razão temerem-se. Temel-os-ha o amor, que é um cego: mas não os temerá a razão que tem olhos abertos. Tambem a razão. Os perigos que são impossiveis para o effeito, hão-

se de imaginar possiveis para a cautela. Quem teme os perigos possiveis, estará acautelado: mas quem teme os impossiveis, está seguro. O melhor meio de conservar a segurança é temel-a. De maneira que receiar perigos impossiveis é amor; e acautelar-se de perigos impossiveis é providencia: que nem o receio é descredito do amor, nem a cautela é descredito do poder.

S. Roque perseguido como espia por zelo da patria. Cuidavam os francezes que vinha o perigo d'onde vinha o remedio.

Tenho satisfeito aos perigos impossiveis: respondo agora aos remedios perigosos. Depois de S. Roque haver peregrinado por Italia recolheu-se outra vez a França e entrando em Montpellier patria sua, como entre França e Italia havia n'aquelle tempo guerras, prenderam-no por espia. Por espia S. Roque? Não faltará n'este caso quem chame á patria de S. Roque desgraçada, ou quando menos, desagradecida. Mas eu chamo-lhe ditosa e bemaventurada. Bemaventurada a terra onde os que padecem e os que fazem padecer, todos são zelosos! S. Roque zeloso; porque o zelo da patria o trouxe a ella: os francezes tambem zelosos; porque o zelo da patria os fez «posto que por engano» maltractar a S. Roque. Terem todos o mesmo intendimento não é obrigação: mas terem todos o mesmo zelo, ainda que em pareceres encontrados, é grande ventura. Presumo, certo da virtude de S. Roque, que só por conhecer o bom zelo de seus naturaes, levaria com muito bom animo a sua desauctoridade. Mas se S. Roque era o remedio unico da sua patria e os francezes eram tão zelosos d'ella; porque o perseguem, porque o accusam, porque o condemnam? Isto é zelo de patria? Sim: o zelo não tem mais obrigação que de ser bem intencionado. Póde ser muito bom e póde enganar-se. Os francezes cuidavam uma cousa e era outra: cuidavam que em S. Roque lhes vinha o perigo; e em S. Roque vinha-lhes o remedio. Quantas vezes succede isto no mundo?

Assim aconteceu aos apostolos quando cuidaram que Christo era um phantasma. *Marc.* 6

Andavam os apostolos na barquinha de S. Pedro luctando com as ondas: parte de terra Christo a soccorrel-os; e elles começaram a tremer cuidando que era phantasma: *At illi putaverunt phantasma esse.* Phantasma? Pois como assim? Não era Christo que os ia soccorrer? Não era Christo que os ia remediar? Não era Christo que os ia livrar do perigo? Pois como lhes pareceu que era phantasma? Porque assim como ha phantasmas que parecem remedios; assim ha remedios que parecem phantasmas. Cousa notavel, que o mesmo que lhes mettia medo como perigo, os livrou da tempestade como remedio. Visto ao longe entre as trevas parecia phantasma; mettido dentro na barca era Jesus Christo. Mas é muito de reparar o tempo e a circumstancia em que Christo effectivamente soccorreu aos apostolos. Partiu Christo de terra; e ainda que os aposto-

los andavam luctando com a tempestade, passou o Senhor de largo. Quando elles viram que passava, cuidaram que era phantasma: tanto que cuidaram que era phantasma, então voltou o Senhor a remedial-os. Pois porque os não remediou Christo quando elles temiam e lidavam só com a tempestade, senão depois que chegaram a temer o mesmo Christo, cuidando que era phantasma? Porque Christo sempre acode nos maiores perigos; e o maior perigo não é quando se teme o perigo, é quando se teme o remedio. Quando os apostolos temiam a tempestade, temiam o perigo: quando temeram a Christo, temeram o remedio; e como Christo costuma acudir sempre nos maiores perigos, por isso não acudiu quando temiam o perigo, senão quando temeram o remedio. Não digo que não haja remedios perigosos; mas só mostro que alguns o podem parecer que o não sejam, como o de Christo e o de S. Roque. Quando S. Roque veio a Montpellier prenderam-no; quando morreu os mesmos que o prenderam o canonizaram.

Teme-se em Portugal sem razão o remedio das duas companhias mercantis, tão admiradas na Europa, e que imitam o exemplo de S. Roque.

V. O remedio temido ou chamado perigoso são duas companhias mercantis. Oriental uma e outra Occidental cujas frotas poderosamente armadas tragam seguras contra Hollanda as drogas da india e do Brazil: e Portugal com as mesmas drogas tenha todos os annos os cabedaes necessarios para sustentar a guerra interior de Castella que não póde deixar de durar alguns. Este é o remedio por todas as suas circumstancias não só approvado, mas admirado das nações mais politicas da Europa: excepta sómente a portugueza, na qual a experiencia de serem mal reputados na fé alguns de seus commerciantes, não a união das pessoas, mas a mistura do dinheiro menos christão com o catholico, faz suspeitoso todo o mesmo remedio e por isso perigoso. Mas tornemos ao defensor d'este perigo. Herdou S. Roque por morte de seus paes um grande estado e muitas riquezas: e quando os outros desejam larga vida e muitos annos para as lograr, elle as repartiu aos pobres. Oh que grande politica do céu esta! Fazer do perigo remedio e vencer ao inimigo com suas proprias armas! As armas com que o mundo faz maior guerra aos homens, são as riquezas. Pois que fez S. Roque ás suas? Tirou estas armas da mão do mundo, converteu-as outra vez contra elle e d'esta maneira o venceu e metteu debaixo dos pés. Tirar as armas ao inimigo e convertel-as contra elle e fazer de um mal dous bens: um bem, porque se diminúi o poder contrario; outro bem, porque se accrescenta o poder proprio. E de um mal fazer dous bens é mal? Não é melhor que essas riquezas sirvam a S. Roque contra o mundo, que servirem ao mundo contra S. Roque? Ao menos assim o

intendeu el-rei David, um varão tão sancto, tão amigo de Deus, feito emfim pelos moldes de seu coração.

Quando Joab tomou a cidade de Rabba, achou-se alli entre os despojos um idolo famoso chamado Melchon, cujo ouro tomou el-rei David, e mandou que lhe fundissem d'elle e lhe levassem uma coroa. Pois pergunto: Um rei tão rico e tão poderoso como David não tinha outro ouro de que mandar lavrar a sua coroa, senão o ouro de Melchon? Sim tinha muito. Pois que pensamento teve em querer que do ouro do idolo se lhe fizesse a coroa? Um rei tão catholico, como David, ha de fazer a coroa de sua cabeça do ouro dos idolos? Sim; antes por isso mesmo: porque não póde haver mais gloriosa industria em um rei, que saber passar á sua coroa o mesmo ouro que enriquece os idolos. Esse ouro está servindo á infidelidade; pois quero eu que sirva á minha coroa, diz el-rei David. Qual é melhor, que o ouro sirva a David contra o idolo, ou que sirva ao idolo contra David? Se esse ouro posto da parte da infedilidade está conquistando os reinos de David e propagando n'elles a heresia; porque não passará David esse ouro á sua coroa para ajudar a restaurar seus reinos e dilatar a verdadeira fé? Servir a fé com as armas da infidelidade oh que politica tão christã! Alcançar a fé, as victorias e pagar a infidelidade os soldos, oh que christandade tão politica!

O ouro do idolo Melchon na coroa de David e o dos judeus nas duas companhias para conservação de Portugal.

Não houve no mundo dinheiro mais sacrilego que aquelles trinta dinheiros, por que Judas vendeu a Christo. E que se fez d'esse dinheiro? Duas cousas notaveis. A primeira foi que d'aquelle dinheiro se comprou um campo para sepultura de peregrinos. Assim o diz o evangelista e assim o tinha Deus mandado pelo propheta. Houve no mundo maior impiedade que vender a Christo? Nem a pode haver. Ha no mundo maior piedade que sepultar peregrinos? Não ha maior. Pois eis aqui o que faz Deus quando obra maravilhas: que o dinheiro que foi instrumento da maior impiedade, passe a servir as obras da maior piedade. Serviu esse dinheiro sacrilegamente á venda de Christo? Pois sirva piedosamente á sepultura dos peregrinos. Esta foi a primeira cousa que se fez dos trinta dinheiros. A segunda foi, que mandou Christo a el-rei D. Affonso Henriques, que d'esses trinta dinheiros e mais das suas cinco chagas se formassem as armas de Portugal: *Ex pretio quo ego genus humanum emi et ex pretio quo a judaeis emptus sum insigne tuum compones:* comporeis o escudo das vossas armas do preço com que eu comprei o genero humano, que são as minhas cinco chagas; e do preço com que os judeus me compraram a mim, que são os trinta dinheiros de Judas. Ha cousa mais sacrilega

Os trinta dinheiros com que se vendeu Christo e se comprou a sepultura dos peregrinos e as cinco chagas do mesmo Christo nas armas de Portugal.

que os trinta dinheiros de Judas? Ha cousa mais sagrada que as cinco chagas de Christo? E comtudo manda Deus ao primeiro rei portuguez que componha as armas de Portugal das chagas de Christo e mais do dinheiro de Judas, para que intendamos que o dinheiro de Judas christãmente applicado nem descompõi as chagas de Christo, nem descompõi as armas de Portugal. Antes, compostas junctamente de um e outro preço, podem tremular victoriosas nossas bandeiras na conquista e restauração da fé, como sempre fizeram em ambos os mundos. E se Deus compoz assim as armas de Portugal, se Deus não achou inconveniente n'esta união; que muito é que o imaginasse assim um homem? Ora perdoae-lhe, quando menos que tem bom fiador o pensamento.

S. Roque sustentado por um cão e os cães da infidelidade.

Mais. Estava S. Roque doente ao pé de uma arvore e diz a historia, que vinha alli um cão piedoso, o qual lhe trazia todos os dias um pão da meza do seu senhor, com que o sustentava. Lembra-me que aos que carecem da verdadeira fé chama Christo Senhor nosso cães: *Non est bonum sumere panem filiorum et mittere canibus*. E com o mesmo nome de cães affronta justamente a nossa terra os convencidos do mesmo crime da infidelidade, não pelo nascimento da nação, nem pelo exercicio do commercio, em que não ha culpa. Isto posto, pois, e levando o cão na bocca o pão de que se sustentava S. Roque, pergunto: E é máu tirar o pão da bocca do cão para sustentar o Sancto? Ora eu não reparo em S. Roque comer o pão da bocca do cão, que pareceria asqueroso: mas reparo em que o cão lh'o levasse. «Pois porque lh'o leva um cão e não algum dos homens que outras vezes lhe davam esmola?» Porque aquelles a quem sustenta a Providencia Divina quer Deus que o sirvam os homens e quer o sirvam os cães. A quem Deus sustenta com sua mão quer que sirvam todas as creaturas: que o sirvam os irracionaes e que o sirvam os homens.

Elias sustentado por um corvo e não por um anjo.

Estava Elias em um deserto, quando foi a perseguição de Jezabel; e veio um anjo que lhe deu pão, com que se sustentou quarenta dias. Estava outra vez Elias em outro deserto quando foi a fome do tempo de Achaz; e vinha todos os dias um corvo que lhe trazia tambem de comer. Pois, valha-me vossa providencia, Senhor; que mudança é esta? Já se acabaram as jerarchias do céu? Já se variou o ministerio dos anjos? Pois se uma vez sustentais a Elias com anjos, porque outra vez sustentais a Elias com corvos? Porque Deus quando sustenta os seus mimosos, quer que os sirvam todas suas creaturas. Sirvam uma vez a Elias os anjos, sirvam outra vez a Elias os corvos. Sustentar Deus a Elias por meio dos corvos nem

era contra a Providencia de Deus, nem contra a santidade de Elias. Tão Deus era Deus, quando sustentava a Elias por ministerio de corvos, como quando o sustentava por ministerio de anjos; e tão sancto era Elias quando recebia o pão das mãos dos anjos, como quando tomava o pão das unhas dos corvos. E a razão d'isto qual é? A razão é; porque a bondade das obras está nos fins não está nos instrumentos. As obras de Deus todas são boas, os instrumentos de que se serve podem ser bons e maus.

Job e Nabuchodonosor servos de Deus por diverso modo.

A Job chama-lhe Deus na Escriptura servo seu: *Numquid considerasti servum meum Job;* e a Nabuchodonosor chama-lhe Deus tambem seu servo: *Nabuchodonosor quia servivit mihi.* Todo o mundo sabe quão differentes eram os procedimentos d'estes dous homens. Job muito sancto, muito justo, muito piedoso; Nabuchodonosor muito máu, muito cruel, muito idolatra. Pois se isto é assim; como se chama servo de Deus Nabuchodonosor? Que se chame servo de Deus Job, está muito bem; era sancto: mas que se chame servo de Deus Nabuchodonosor que era tão máu homem? Tambem. Porque entre os servos de Deus ha esta differença: uns são servos de Deus, porque servem a Deus; outros são servos de Deus, porque Deus se serve d'elles. Os que são servos de Deus, porque servem a Deus, necessariamente hão de ser bons: os que são servos de Deus, porque Deus se serve d'elles, bem podem ser maus. Eis-aqui a differença com que Job e Nabuchodonosor, sendo tão dissimilhantes na vida, ambos eram servos de Deus nas obras. Job como sancto era servo de Deus, porque servia a Deus. Nabuchodonosor como máu era servo de Deus, porque Deus se servia d'elle. Bons e maus todos podem servir a Deus. Os bons sirvam a Deus: os máus sirva-se Deus d'elles, assim aconteceu a S. Roque no pão com que se sustentava. Servia-o o homem em que havia piedade e servia-o o cão que era incapaz de virtude. Um servia-o por discurso outro servia-o por instincto: mas ambos serviam.

Conclusão.

«E assim digo eu em conclusão que para a defeza e conservação do nosso reino nos hão de servir nas duas companhias mercantis homens e cães se por vãs apprehensões não temermos lançar mão do remedio que foi proposto.»

NOTA. Muito tinha que dizer ainda n'esta materia: mas porque ella se estampa tantos annos depois de se haver prégado, em que se pode confirmar com os mesmos effeitos, basta por prova ser o arbitrio ou remedio que no principio se duvidava como perigoso, disposto e ordenado e por ventura inspirado pela Providencia divina. É consequencia evidente. Porque não se executando todo este remedio senão só ametade, nem se formando

a companhia Oriental (de que depois houve tantos arrependimentos) senão a Occidental unicamente, foram sufficientes os soccorros que as suas frotas trouxeram ao reino não só para sustentar a guerra interior, sempre com maior poder e maiores augmentos; mas para restaurar ametade do mesmo Brazil. Com guerra de vinte e quatro annos estava occupada e perdida, e já estampada nos mappas com nome de nova Hollanda, esta ametade do que possuiamos na America. E que bastou para recuperar tanta terra, tantos mares e tantos portos, tão invencivelmente fortificados, como suppunha não só a experiencia commum, mas a resistencia de tantos e tão grandes generaes; não se atrevendo a acceitar uma tal empreza? Aqui se viu o milagre da Providencia. Appareceu a frota mercantil do Brazil defronte do Recife, a que por sua fortaleza poderamos chamar a Rochella da America; e á ostentação somente do numero de seus vasos, sem morte de um homem, se renderam desesepte fortes reaes, guarnecidos de sobeja infanteria, abastecidos de munições de bocca para dous annos e de guerra para muitos; e em espaço de tres dias se recuperou o que se não podia caminhar pacificamente em muitos mezes e se tinha ganhado a palmos em vinte e quatro annos. Ao principio não creu tal milagre o mundo: mas estes foram os fins marvilhosos d'aquella unica companhia mercantil, que havendo mais de quarenta annos que cessou a causa por que foi instituida, é tão util, importante e necessaria, que ainda se conserva e conservará por muitos. Assim se desfizeram os escrupulos em applausos, as duvidas em demonstrações, os impossiveis em milagres, e o imaginado perigo em acções de graças a Deus, dadas na côrte, em todo o reino, e repetidas todos os annos n'aquellas conquistas; triumphando os altissimos conselhos da Providencia, sabedoria e omnipotencia não só dos vãos temores, interesses e pretextos, mas do mesmo bom, verdadeiro e fiel zelo humano, para ultima exaltação e gloria da bondade divina.

(Ed. ant. tom. 12.º pag. 22, ed. mod. tom. 11.º pag. 136.)

SERMÃO *

PELO BOM SUCCESSO DE NOSSAS ARMAS CONTRA CASTELLA

PRÈGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1645

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—É primorosissimo e mais, julgo eu, que o prégado no Brazil póde servir de modelo para sermões de tal genero

---

Erige brachium tuum sicut ab initio, et allide virtutem eorum virtute tua; cadat virtus eorum in iracundia tua. Non enim in multitudine est virtus tua, Domine, neque in equorum viribus voluntas tua est. Deus coelorum, creator aquarum et Dominus totius creaturae, exaudi me miseram deprecantem et de tua misericordia praesumentem. Memento, Domine, testamenti tui.

JUDITH. 9

A oração de Judith nos labios da rainha de Portugal.

Divina e humana Majestade, Rei dos reis, Senhor dos exercitos, posto em campo o de Nabucodonosor, á vista da cidade de Betulia com estas palavras fez oração a vossa divina misericordia a famosa Judith de Israel, tão famosa pelo excesso de seu valor, como pelo extremo de sua sanctidade; e com as mesmas ora tambem na occasião presente, prostrada a real corôa aos pés de vossa Divina Majestade, a soberana Judith de Portugal, se não menos valorosa nem menos pia, mais poderosa hoje para obrigar a vossa infinita clemencia. A Judith de Israel orava como pessoa particular, ainda que pelo bem commum: a Judith de Portugal ora como rainha e senhora nossa pelo bem e conservação de seus vassallos, cuja oração como publica sempre teve mais logar na acceitação de vosso acatamento divino. A Judith de Israel allegava exemplos antigos, quando a virtude de vosso braço omnipotente assistiu aos hebreus contra os egypcios; a Judith de Portugal allega o exemplo que vimos com nossos olhos no primeiro dia da restauração d'este reino. E assim diz com mais propriedade que a outra Judith:

Erige brachium tuum sicut ab initio. Levantae, Senhor, vosso poderoso braço como no principio; e confundi o poder que temos contra nós, com a virtude da vossa despregada mão. Os outros affectos da oração de Judith são todos aquelles que nas circumstancias do caso presente podem alentar nossa esperança e obrigar vossa misericordia. Para que eu saiba ponderar e acerte a os persuadir como convem, d'esse throno do divinissimo Sacramento, que é a fonte de todas as graças, sêde servido, Senhor, de alentar a tibieza de minhas palavras com aquella efficacia de espirito e dispôr os corações dos que me ouvem, com aquelle conhecimento da verdade, que pede a importancia de causa tão grande e tão vossa.

Quão grande é o empenho da empreza.

II. Grande causa, Senhora, é a que pôi hoje a vossa majestade aos pés de Christo; grande causa, portuguezes, é a que nos chama hoje a este logar; tão grande que ainda é maior do que parece. O que n'esta materia vêem os olhos é muito; o que discorre o intendimento é tudo. É tão grande o empenho d'esta empreza que não sei como declarar o que intendo d'ella. Deus nos dê o successo que esperamos; porque vejo n'esta jornada empenhado todo o reino em corpo e em alma. Já acertei a o dizer: explicar-me-hei agora.

O reino está empenhado na guerra com todo o corpo.

Primeiramente está empenhado o reino com todo o corpo; porque não só se abalou a cabeça, não só temos em campanha a el-rei, que Deus guarde, que basta para pôr o mundo em grande expectação, como a nós em grande cuidado; mas para ser total o empenho seguirão o exemplo e a cabeça por união natural todos os membros da monarchia, os grandes, os titulos, a nobreza, a casa real, a côrte, os requerentes, os lettrados, as universidades inteiras, as pessoas particulares de todas as cidades e villas, os auxiliares das comarcas, os presidios das provincias, emfim, tudo de maneira que havemos de considerar que temos em campanha, não um exercito de Portugal, senão Portugal em um exercito. De tal sorte é esta causa commum, que toca a todos em particular e do mais particular de cada um. Lá vão os paes, lá os filhos, lá os maridos, lá as casas, lá os herdeiros, lá os corações, lá o remedio de todos. Os que cá ficamos estamos fóra do exercito para o trabalho, mas marchamos com os demais para o perigo.

E com toda a alma, que é a boa opinião.

Menos fôra estar empenhado o corpo do reino, se não levára tambem n'esta occasião empenhada comsigo a alma, que no juizo dos que adeantam os olhos no futuro importa mais que tudo. A alma dos reinos, principalmente em seus principios é a opinião. Esta vai hoje buscar a Castella o nosso exercito. Difficultosa empreza! em que não imos só conquistar as forças

um reino e muitos reinos, senão os juizos do mundo. Este poncto é o que nos deve pôr em maior cuidado, que a mesma guerra. A mais perigosa consequencia da guerra e a que mais se deve receiar nas batalhas é a opinião. Na perda de uma batalha arrisca-se um exercito; na perda da opinião arrisca-se um reino. Salomão, o rei mais sabio dizia que melhor era o bom nome que o oleo com que se ungiam os reis: *Melius est bonum nomen quam oleum unctionis, quo ungebantur capita regum*; porque a unção póde dar reinos, a opinião póde tiral-os. E senão vêde a quanto mais nos empenha a reputação do reino, do que nos empenhou a restituição do rei. Para acclamar o rei bastou a resolução de poucos homens; para reputar o reino ajunctamos o exercito de tantos mil. Para o primeiro bastaram poucos corações e poucas vozes; para o segundo são necessarios tantos braços e tantas vidas. Oh que grande peso de consequencias se abala hoje com o nosso exercito! O respeito dos inimigos, a inclinação dos neutraes, a firmeza dos alliados, tudo isto está hoje tremulando nas nossas bandeiras. A batalha será nos campos de Badajoz: o successo está suspendendo os olhos e as attenções de todo o mundo. Roma, Hollanda, Castella, França, todos estão á mira com a mesma attenção, posto que com intentos diversos. Roma, se ha de receber; Hollanda, se ha de quebrar; Castella, se ha de disistir; e até a França, em cujo amor e firmeza não póde haver duvida, está suspensa com os sobresaltos de amiga e interessada; que ainda que não façam mudança no coração, causam alteração no cuidado. A dieta de Allemanha não é a que menos observa este successo para fundar os respeitos de suas resoluções, que por mais que o nosso direito seja tão evidente e a nossa causa tão justa, os reinos não os pesa a justiça na balança, mede-os na espada.

Eccli. 7 ex vers. cald.

Esta opinião tão importante é a que vai buscar o nosso exercito; e para que d'este logar da verdade a confessemos, não só a vai buscar, senão tambem a reparal-a, pelo succedido na proxima campanha. Bem sei e tenho ouvido a subtileza dos discursos com que os nossos politicos querem negar á mesma campanha o nome de victoriosa, como se as «decisões da espada» se fundaram em discursos ou arrazoados. Custar-lhe (dizem) uma ponte de Portugal um exercito, antes é desengano que esperança. Cortar o passo aos rios, antes é desconfiar da defensa que aspirar á conquista. Fazer-se a guerra ás pedras e não aos homens, antes foi acção do receio que de poder. Se nos quiz entreprender uma aldêa, as armas de que ficou semeado o terreno provam a pressa com que se recolheram; e o sangue e corpos mortos, o valor com que resistimos. Rende-

Deve-se esta boa opinião recuperar, não obstante as lisonjas dos nossos politicos:

ram-nos uma atalaia em que vigiavam dez soldados: mas entre os seus houve quem disse, que antes quizera ser bizarramente vencido, que com tanta desegualdade vencedor. Oito mil homens eram os que sitiaram tão poucos; e depois de não admittirem embaixadores, depois de se não renderem a baterias, depois de rebaterem duplicados assaltos, tendo-lhes levado um caso grande parte de tão pequeno numero, primeiro desprezaram a morte querendo ser voados, do que consentirem a vida acceitando partidos. Em fim as armas aggressoras, sem opposição offensiva, campearam livremente; e nem por isso nos deixaram com grandes damnos, ou se recolheram com grandes vantagens,

Em que perigo se acha a boa opinião de Portugal.

Mas as materias da opinião são muito delicadas; e a consciencia da honra não admitte escrupulos. É certo que o seu exercito entrou sem resistencia e se recolheu sem opposição; e basta que entrasse e saisse para que nos não deixasse a casa airosa. As batalhas são desafios grandes; e ter aguardado no posto nunca deixa acreditado a quem não saiu. Destruir e edificar são dous grandes argumentos do poder. Por estes termos explicou Deus o poder que dava ao propheta Jeremias: *Ut destruas et dissipes et aedifices et plantes.* Vêde se terão occasião para blasonar que entraram em Portugal victoriosos os que deixam um forte demolido e outro edificado. Um arco triumphal edificou Saul pela victoria de Amelec. E quantos arcos levantarão as trombetas da sua fama por dous que nos quebraram de uma ponte? Que escreverão, que publicarão pelo mundo? Se de duas aldêas que nos entraram, fizeram suas gazetas duas grandes cidades, muito havemos mister para nos livrar de suas pennas, posto que nos desembaracemos de suas mãos. Esta é a injustiça da fama, que tanto desacredita com o presumido, como o offende com o verdadeiro. Doze bandeiras acharam em um carro comboiado de lavradores, que levaram e teem em seu poder; e posto que não foram tomadas em guerra, quem ha de distinguir n'ellas o que é tafetá, do que é insignia? Quem ha de provar ao mundo que foram roubo e não victoria? São hoje estas bandeiras de Portugal como a capa de José nas mãos da Egypcia. Alli estava a fraqueza da parte de quem mostrava a capa e o valor da parte de quem a perdera. Mas José soffria os desares da opinião, e a Egypcia lograva os applausos da fama que não merecia; porque quem póde mostrar em sua mão os despojos, sempre tem por si a presumpção da victoria; e mais quando não podemos negar aos olhos do mundo a grande desegualdade dos compassos, com que a geometria mede nos mappas as suas e as nossas fronteiras.

Jerem. 1

III. E como os empenhos da occasião presente são tão grandes, com muita razão tracta hoje a piedade da rainha nossa senhora de segurar o successo com Deus e render o céu com orações, em quanto o nosso exercito defende a terra com as armas. A el-rei David lhe aconselharam os seus que não saisse á campanha em certa occasião de guerra, persuadidos (como diz Lirano) que mais os podia ajudar ausente com as orações, que presente com as armas: *Plus enim poterat adjuvare existentes in praelio suis orationibus absens, quam viribus praesens.* Assim o fez David; mas não o fez assim el-rei que Deus guarde. Dividiu-se entre as orações e as armas; porque se está ausente na campanha, tambem o temos presente na melhor e mais prezada parte de si mesmo. Lá como Josué assistindo ao governo dos exercitos, cá como Moysés levantando as mãos a Deus. De el-rei D. Affonso V lemos que quando entrou por Castella tinha comsigo nos arraiaes a rainha D. Joanna e o principe D. João; e o successo foi, que ficando vencido o troço do exercito que governava el-rei, o que pertencia á rainha e ao principe ficou victorioso. O que eu espero na occasião presente é que se não ha de dividir a fortuna, mas que se ha de unir a victoria. Serão vencedoras as armas de Barac; mas attribuir-se-ha o triumpho ás orações de Debora: *Hac vice victoria non reputabitur tibi, quia in manu mulieris tradetur Sisara.*

Auxilio da oração para vencer. *Jud.* 4

E para que se conheca a prudencia da nossa valorosa e sancta Judith n'esta sua oração, vejamos nas palavras que propuz como acode a todas as circumstancias que hoje nos podem inquietar o cuidado. Tres difficuldades se nos podem representar n'esta empreza. A primeira aquella razão geral de pelejar Portugal contra Castella, o menor poder contra o maior: a segunda ser este superior na sua cavallaria, que na campanha faz mui desegual o partido: a terceira ser inverno, em que as chuvas e inundações dos rios podem atalhar o passo e impedir as operações do exercito. A todas estas difficuldades está satisfazendo Judith nas palavras da sua oração, fallando com Deus, como se fallára comnosco.

Tres difficuldades d'esta empreza.

IV. É verdade que sái a pelejar o menor poder contra o maior; mas a isso responde Judith: *Non enim in multitudine est virtus tua, Domine:* que as victorias de Deus não dependem da multidão, nem do numero dos soldados. É practica mui ordinaria entre os politicos, que sempre Deus se pôi da parte dos mais mosqueteiros. Esta proposição nasceu nas guerras de Flandres e não é muito que seja heretica. Dias ha que a desejo tomar entre mãos para a confutar: agora o farei brevemente. Dizer que Deus ordinariamente se pôi da parte dos mais, não só

1.ª O menor poder contra o maior. É contra a fé dizer que Deus ajuda sempre o mais forte.

é ignorancia das historias humanas, mas heresia formal contra as Escripturas sagradas. Quem isto diz é hereje. Vão os textos. No primeiro livro dos Reis, cap. 14, diz assim a Escriptura: *Non est Domino difficile salvare vel in multis, vel in paucis.* No segundo livro do Paralipomenon, cap. 14: *Domine, non est apud te ulla distantia, utrum in paucis auxilieris an in pluribus.* No primeiro livro dos Machabeus, cap. 3: *Facile est concludi multos in manus paucorum, nec est differentia in conspectu Dei coeli liberare in multis et in paucis.* Todos estes textos querem dizer conformemente que Deus para dar as victorias não attenta para o numero dos soldados; e que com tanta facilidade faz vencedores aos poucos como aos muitos. Assim que, dizer e intender o contrario é erro, é impiedade, é heresia. E para que esta verdade lance firmes raizes em nossos corações e nos resolvamos de uma vez, que póde Portugal prevalecer e vencer, ainda que sejamos menos em numero, vamos aos exemplos.

Exemplos da Escriptura que contesta esta heresia.

El-rei Roboão poz em campo contra o reino de Judá oitenta mil homens: saiu-lhe ao encontro el-rei Abias só com quarenta mil. E quem venceu? Sendo o exercito do reino de Judá ametade menor, inclinou Deus para a parte dos menos, e ficou Abias com a victoria. Contra Achab rei de Israel, veio Benadad rei de Syria, a quem acompanhavam outros trinta e dous reis; e eram tantos os soldados em seus exercitos, que disse soberbo Benadad: Que em toda a Samaria não havia um punhado de terra para cada um. Não tinha el-rei Achab na sua côrte mais que septe mil duzentos e trinta e dous homens; e com estes, confiado em Deus, saiu fóra dos muros; e ensinou a Benadad que havia bastante terra em Samaria para sepulturas de seus exercitos. Mas ainda n'estas victorias se contavam os soldados por milhares: vamos a menor numero. Só com quatrocentos soldados venceu David o exercito victorioso dos amalecitas, não ficando vivos mais que quatrocentos, que fugindo escaparam. Só com trezentos e dezoito homens de sua casa venceu Abrahão em batalha a cinco reis; e só com trezentos e esses desarmados desbaratou Gedeão os exercitos orientaes dos madianitas, que não cabiam nos campos. Ha maior desegualdade? Pois ainda aqui os vencedores se contam a centenas: vamos a unidades. Armaram os philistens contra el-rei Saul tão poderoso exercito, que só os carros (em que n'aquelle tempo se pelejava) eram trinta mil; e a gente de pé tanta em numero, que, diz a Escriptura, egualava as areias do mar. Que poder vos parece que sería bastante para vencer tal exercito? Accometteu-o uma noite o principe Jonathas, acompanhado só do

seu pagem da lança; e porque Deus os ajudava, bastaram só dous homens para metter em confusão e pôr em fugida a tantos mil. Chama a Escriptura a isto não milagre, senão quasi milagre: *Accidit quasi miraculum a Deo:* porque é Deus tão acostumado a se pôr da parte dos menos, que ainda em similhantes maravilhas não excede as leis ordinarias de sua Providencia. Ainda não disse tudo. Menos é que dous homens um homem; menos é que um homem uma mulher; e um só David com uma funda venceu o exercito dos philisteus; e uma só Jael com um cravo desbaratou o poder de Jabin. E como Deus e não o numero dos soldados é o que dá as victorias, bem póde Portugal, posto que menor, fiado no braço de Deus, sair a campo, não só com parte do poder contrario, senão com todo. Acontecer-nos-ha nos campos da Estremadura o que nos de Ourique com os mouros e nos de Aljobarrota com os mesmos castelhanos: que vencer com numero egual nem é victoria de Deus, nem de portuguezes: *Non enim in multitudine est virtus tua Domine.*

2.ª O numero superior da cavallaria de Castella. A isso acode a oração de Judith. *Ps.* 146

A segunda consideração que podia difficultar esta empreza, era o numero superior da cavalleria, em que somos excedidos. Mas a isso acode tambem Judith na sua oração, dizendo: *Neque in equitibus voluntas tua:* a vossa vontade, Senhor, com que dais a victoria a quem sois servido, não está posta em cavallos nem em cavalleiros. Isto mesmo tinha dicto David muito tempo antes, como experimentado; e o que é mais para a nossa confiança, o mesmo tinha promettido como propheta para os tempos vindoiros: *Non in fortitudine equi voluntatem habebit; neque in tibiis viri beneplacitum erit ei.* A maior fortaleza da cavalleria consiste em cavallos fortes e em homens fortes a cavallo: *In fortitudine equi, in tibiis viri.* Mas como Deus é o Senhor dos exercitos e dá a victoria a quem quer, e quer que só a elle se attribuam; pelo mesmo caso não pôi ou porá jámais nem a sua vontade na fortaleza dos cavallos, nem o seu beneplacito na dos cavalleiros.

Caso da mesma Judith. A esposa dos Cantares comparada á cavallaria de Pharaó. *Cant.* 5

E para que não vamos mais longe, na mesma cavalleria do exercito de Holofernes e no mesmo caso de Judith temos a prova. A cavalleria do exercito de Holofernes que sitiava os muros de Betulia constava de vinte e dous mil cavallos: *Equitum viginti dua millia,* diz o Texto sagrado. E com que venceu Deus toda esta cavalleria? Com mais e melhores tropas? Com mais e melhores cabos? Com mais e melhores soldados, mais bem montados e armados? Não: com uma só mulher a pé. E já póde ser que esse foi o mysterio e a energia com que notou o mesmo Texto, que os pés de Judith foram os que renderam a

Holofernes: *Sandalia ejus rapuerunt oculos ejus:* querendo mostrar Deus que para vencer muitos milhares de homens a cavallo basta uma só mulher e essa a pé. Esta é a cavalleria e estas são as cavallerias de Deus. Agora intendo eu um logar dos Cantares que não sei se o intendem todos: *Equitatui meo in curribus Pharaonis assimilavi te, amica mea*: sabeis com que vos pareceis, amiga minha? diz Deus, pareceis-vos com a minha cavalleria. Pois com a sua cavalleria compara Deus uma mulher? Sim; «e bem se viu a razão no caso de Judith». Porque para desfazer vinte e dous mil cavallos, como os que estavam sobre Betulia, parece que era necessario grande numero de cavalleria; e o que havia de obrar toda essa cavalleria obrou só Judith em uma só sortida que fez a pé, porque era amiga de Deus: *Equitatui meo assimilavi te, amica mea.*

Qual foi esta cavallaria. *Vide Corn. a Lap. in Cant.*

Mas é muito mais difficultoso n'este passo que não falla Deus de qualquer cavalleria sua, senão da cavalleria com que desbaratou o exercito d'el-rei Pharaó no mar Vermelho: *Equitatui meo in curribus Pharaonis*: «assim o notam o veneravel Beda, S. Bernardo e outros padres». Deus quando venceu a Pharaó não pelejou com cavalleria; porque o seu povo vinha fugitivo do captiveiro, todos a pé, ninguem a cavallo. Pois se não havia cavallos da parte do povo por quem Deus pelejou e venceu; que cavalleria é esta sua, *equitatui meo?* Responde Ruperto abbade (e é a razão litteral) que a cavalleria de Deus n'esta victoria foi a vara de Moysés: porque com ella abriu o caminho ao povo pelo mar Vermelho, e com ella se suspenderam as ondas que sepultaram a Pharaó e seus carros. Pois uma vara é a cavalleria de Deus? Sim, uma vara. Porque dependem tão pouco as victorias de Deus da mais ou menos cavalleria dos exercitos, que uma vara, que podera servir, quando muito, para açoitar um cavallo, bastou para romper e desbaratar toda a cavalleria do Egypto. Façamos por ter a Deus por nós; e seja embora o poder que temos contra nós superior na sua cavalleria. Quem tem por si o braço de Deus, não lhe são necessarios para vencer muitos cavallos, nem um só cavallo. Com uma queixada de um animal, que não chegava a ser cavallo, *in mandibula asini*, venceu Samsão exercitos inteiros; porque tinha por sua parte a cavalleria de Deus, que é a sua vontade.

3.ª O inverno tão entrado. Tambem a esta difficuldade acode a oração de Judith.

A terceira difficuldade é o inverno tão entrado. Mas que bem acode a esta difficuldade na sua oração a nossa Judith! *Domine Deus coeli, creator aquarum*: Senhor Deus do céu creador das aguas. Parece que só para esta occasião foram feitas estas palavras. Porque chama Judith a Deus creador das aguas; e não se lembra dos outros elementos? Porque lhe não chama crea-

dor da terra, creador do ar? A razão é, porque os inimigos tinham quebrado os aqueductos de Betulia, os canaes por onde se communicavam as fontes á cidade, para que os sitiados se entregassem obrigados da sede. E como os inimigos queriam fazer a guerra com a agua, por isso particularmente allegava Judith a Deus ser creador e Senhor d'este elemento: *Domine Deus coeli creator aquarum.* Com o mesmo elemento, posto que por differente traça nos querem hoje fazer a guerra as disposições contrarias bem conhecidas. Esperam pelas inundações do Guadiana para sitiar as nossas praças; e teem quebrado a ponte para impedir o passo aos nossos soccorros. Mas se Deus é o senhor e creador das aguas; que importa que com ellas nos determine fazer a guerra, quem por grande que seja o seu imperio o não tem sobre as nuvens? Que importa que espere contra nós pelos diluvios de Noé, se Portugal tem as chaves de Elias para fechar ou abrir as fontes do céu? Bem se vê em todos estes mezes, e bem se viu o anno passado no intentado sitio de Elvas: pois precedendo antes e seguindo-se depois um verão extraordinario de muitos dias, só nos oito em que o exercito sitiador aturou a campanha, foram taes as lanças de agoa que continuamente estava chovendo o céu, que elle mais que a nossa artilheria o fez retirar com tanta perda de gente e reputação, como vimos.

Parece que Deus deu a Portugal as chaves dos armazens da neve e chuva. *Job.* 38

A Job perguntou Deus uma hora se tinha entrado nos armazens da neve e chuva que elle tem reservada para o tempo da guerra: *Numquid ingressus es thesauros nivis et grandinis, quos servavi mihi in tempus pugnae et in diem belli?* As chaves d'estes armazens parece que as tem dado a Portugal; pois tanto se serve d'estas armas em suas victorias. Os reis de Portugal são senhores do mar oceano, direito contra o qual se teem composto tantas apologias nas nações extrangeiras. E assim servir o elemento da agua aos nossos reis, não é maravilha, senão obrigação. Bem se tem visto e experimentado na occasião presente; em que o mar tanto a seu tempo nos veio trazer os tributos para esta guerra. Aquella chuva tão rara no dia da coroação d'el-rei, que a muitos pareceu prodigiosa, foi offerecer-se desde então o elemento da agua a militar debaixo de nossas bandeiras. Assim serve o elemento da agua aos reis dados por Deus; e assim ha de servir n'esta occasião. Já nos serviu no mar; ha-nos de servir no rio; ha-nos de servir nas nuvens; ha-nos de servir na terra: que ainda que o tempo promette chuvas e inundações, Deus é senhor dos ceus e creador das aguas: ***Dominus coeli, creator aquarum.***

Comtudo só podemos confiar com Judith na misericordia de Deus

V. E como o fim da presente empreza, sempre difficultoso

è contingente em qualquer poder humano, só na virtude do braço divino póde estar seguro, por isso a nossa Judith, tão pia como prudentemente na sua oração, não fazendo conta das forças humanas, pôi toda a sua confiança na misericordia divina: *Exaudi me miseram deprecantem et de tua misericordia praesumentem.*

Razões que tinha Judith e que tem Portugal para não temer. *Exod.* 17

Mas ou estas palavras as intendamos de Judith, quanto á letra, ou de nós, quanto á accomodação; parece que entre o rendido da piedade involvem o pusillanime da desconfiança. A cidade de Betulia estava prevenida de fortificações, provida de bastimentos e apparelhada á defensa. Pois porque se chora tanto Judith, e não duvída de representar a Deus o seu estado com o nome infimo de miseria: *Exaudi me miseram deprecantem?* Em nós serão ainda mais de estranhar estes termos; porque verdadeiramente n'este caso, fallando do céu abaixo, temos as maiores razões que póde haver para estar muito confiados e esperar uma grande victoria. E se não descorrei um pouco commigo antes que responda. Primeiramente, que exercito entrou nunca em campanha com a confiança mais bem fundada no valor de seus soldados e muito mais na qualidade d'elles, que o nosso? A Josué disse Moysés que escolhesse, e não que ajunctasse exercito: *Elige viros et egressus pugna contra Amalec.* O numero faz multidão; o valor e o exercicio faz exercito. Assim que, posto que sejam tantos mil, não havemos de estimar os nossos soldados por quantos, senão por quaes são. São aquelles exercitados soldados que, tendo dilatado a patria em suas conquistas, hão de mostrar agora quanto mais é pelejar n'ella e por ella. São aquelles valorosos portuguezes, que dos mesmos hombros em que tomaram o reino, ha cinco annos que que sustentam as armas, tendo já tanto a guerra por exercicio como a victoria por costume. São aquelles (para deixar exemplos maiores) que, sitiados por um exercito, sessenta em Sancto Aleixo, primeiro renderam todos a vida que a praça; e acomettidos por outro exercito, oitenta em Jurumenha, defenderam a dez assaltos a praça e mais as vidas. Para que intendam os exercitos de Castella, ainda que foram romanos (o que nós não podemos negar nem ao seu valor, nem á sua sciencia militar, nem ao seu grande poder, nem ao nosso mesmo respeito com que tudo isto reconhecemos) para que intendam, digo, que a menor aldeia de Portugal, quando se rende é Numancia, e quando se defende, Cartago. Ao passar do rio Pado contra Annibal, para metter em confiança Scipião aos seus, lembrou-lhes que os soldados com que iam pelejar eram aquelles que tantas vezes tinham vencido e de quem já tinham por premio da guer-

ra Sicilia e Sardenha; d'aqui inferiu o famoso capitão: *Erit igitur in hoc certamine is vobis illisque animus qui victoribus et victis esse debet.* A mesma confiança póde levar por consequencia o nosso exercito. Vão pelejar os portuguezes com aquelles que muitas vezes, em tempos passados e algumas já nos presentes, teem vencido e de quem possuem «como» refens da victoria duas praças fortes, conquistadas e conservadas em suas proprias terras. Finalmente, os nossos soldados são todos portuguezes; os contrarios de nações diversas; e vai muito de pelejar com corações amorosos a resistir com braços comprados. A David disse Saul que lhe daria a desejada posse de Michol, a quem tanto amava, se lhe trouxesse cem cabeças de philisteus. Entrou na batalha e como pelejava com amor, trouxe duzentas. Que portuguez haverá que não seja David, se para cada um a patria é a sua Michol? N'elles se cumprirá o que disse Platão, que se se formasse um exercito de namorados seria invencivel.

Tit Liv. Dec. III

Esta só consideração bastava para segurar a nossa confiança de todo receio. Mas que direi da nobreza e tanta nobreza de que se compõi e illustra o nosso exercito? Quando David se offereceu para sair a desafio com o gigante, perguntou el-rei Saul a Abner, de que geração era aquelle moço: *Ex qua stirpe descendit hic adolescens?* E que importava a geração para o desafio? Importava muito, porque cada um obra como quem é; e para Saul julgar se sairia vencedor, quiz-se informar se era honrado. Já David tinha dicto a Saul que partira ursos e desqueixara leões; e sobre tudo isto pergunta-lhe ainda o rei pela geração; porque era melhor fiador da victoria o sangue nobre que tinha, que o sangue bruto que derramava. Os homens de inferior condição, ainda que sejam valorosos, pelejam sós: o nobre sempre peleja acompanhado; porque peleja com elle a lembrança de seus maiores; que é a melhor companhia. Em Ascanio pelejava Eneas e Heitor; em Pyrrho pelejava Achilles e Peleo; nos Decios, nos Fabios, nos Scipiões pelejavam os famosos primogenitores de seus appellidos; e com tão animosos lados quem não ha de ser valente? A S. José disse o anjo, quando o viu temeroso, que se lembrasse que era filho de David: *Joseph fili David, noli timere.* Como ha de ter medo no coração, quem tem a David nas vêas? Até Christo quando houve de tirar a capa para entrar na batalha, diz o Texto que se lembrou de Quem era filho: *Sciens quia a Deo exivit, ponit vestimenta sua.* E como Christo entrou na campanha com estas considerações, ainda que o amor da vida lhe fez seus protestos no Horto, emfim pelejou, derramou o sangue, morreu; mas morren-

Sobretudo por estar em campo toda a nobreza.

1 Reg. 17

Matth. 1

Joan. 13

do trimphou da morte. Grandes premissas de confiança tem logo Portugal n'esta occasião; pois tem toda a sua nobreza empenhada na gloria d'esta empreza. Com os ossos do grande Affonso de Albuquerque dizia el-rei D. João III que tinha segura a India. E se estava segura a India com os ossos mortos de um capitão, quão seguro estará Portugal com o sangue vivo de tantos? Todos os que morreram nas conquistas de Portugal, vivem hoje no sangue dos que assistem á defensa d'elle.

ntes o mesmo rei.

Accrescenta immensamente esta esperança, como razão de maior e mais alta esphera, a presença e assistencia de sua majestade que Deus guarde, que para dar calor e alento a suas armas, as quiz governar de mais perto. Quando o exercito de el-rei David houve de dar batalha ao de Absalão, diz o Texto que se deixou o rei ficar na côrte; e que não saiu á campanha, como costumava. Pois David, que era tão bellicoso e não perdia occasião de guerra, porque não quiz esta vez dispôr a batalha, e que o exercito se governasse por suas ordens? Divinamente Sancto Ambrosio: *David metuebat vincere.* David n'esta batalha tinha medo de sair com a victoria, por isso não saiu. Notae. Esta batalha era contra Absalão filho do mesmo David; e como os paes sentem mais as perdas dos filhos, que as suas proprias, ainda que David mandava dar a batalha como rei, temia que Absalão ficasse vencido, como pae. E porque David antes temia que desejava a victoria, por isso n'esta occasião se deixou ficar na côrte, e não quiz sair á campanha. Ficar o rei na côrte é diligencia para ser vencido; sair o rei á campanha é certeza de haver de ser vencedor. E como temos a el-rei na campanha e não na côrte, bem nos podemos prometter a victoria. Temos tudo o que os israelitas desejavam, quando pediram rei a Deus: *Egredietur ante nos et pugnabit bella nostra pro nobis.* Grave caso é que tendo aquelles homens a Deus, que os governava na paz e na guerra, se não dessem por contentes; e que sobre isto instassem ainda e pedissem um rei que saisse com elles ás batalhas. Mas o motivo que tiveram, foi porque ainda que conheciam que Deus é o Senhor das victorias, parecia-lhes que humanamente d'esta maneira as seguravam melhor. Ter a Deus no céu e o rei no campo é ter a primeira causa e mais as segundas.

E mais ainda a justiça da ...usa. A morte ... Abel: refle-...lo de S. Basi-...o de Seleucia. Rom. 5

Sobretudo vai comnosco a marcha no nosso exercito a justiça da nossa causa. Não sei se tendes reparado que o primeiro homem que morreu n'este mundo foi Abel. A morte é de fé que entrou no mundo em castigo do peccado: *Per peccatum mors,* diz S. Paulo. Supposto isto, parece que o primeiro morto havia de ser o primeiro peccador e não o primeiro innocen-

te. Pois se Abel era o primeiro innocente e Adão o primeiro peccador; porque não quiz Deus que fosse o primeiro morto Adão senão Abel? A razão foi, diz S. Basilio de Seleucia, porque na injustiça com que a morte se introduziu no mundo, traçava Deus a victoria com que a havia de lançar d'elle. O fim para que Deus veio ao mundo foi vencer a morte. Se a morte se introduzira por Adão, fazia guerra justa aos homens: pois por isso dispoz Deus que a morte começasse tyrannicamente pela innocencia de Abel, para que sendo da parte da morte injusta a guerra, ficasse da parte de Christo segura a victoria. Tão certa é a victoria na justiça da causa, que o mesmo Deus parece que não podia vencer a morte, se ella nos fizera guerra justa. Oh que seguro temos n'esta parte o bom successo de nossas armas! Não ha guerra mais justa, que a que hoje fazemos; justa pelo legitimo direito do reino; justa pela satisfação dos damnos passados; justa pela defensa natural e anticipada prevenção do futuro; e mais justa ainda na presente occasião por sermos provocados. Como poderá logo faltar a victoria a tantas razões de justiça? Assim o assegurava S. Bernardo aos cavalleiros templarios; e assim o podemos nós assegurar aos de Christo, Sanct-Iago e Aviz e ao gran' mestre de todos.

Porém só se póde confiar na misericordia divina.

VI. Pois se Portugal (torne agora a nossa duvida) se Portugal n'esta occasião tem tantas e tão bem fundadas razões para confiar, no poder do exercito, no valor dos soldados, na nobreza e obrigações dos que a seguem, na assistencia do rei e na justiça da causa; como se representa a nossa Judith deante de Deus com tantas desconfianças humanas, como as que podera ter no caso do maior desamparo e da maior misericordia: *Exaudi me miseram deprecantem et de tua misericordia praesumentem?* Oh que prudente oração! Atégora vos fallei, senhores, como a portuguezes, agora e d'aqui por deante, como a christãos. Em todas as razões que tenho dicto, tiradas pela maior parte da vossa bocca, posto que as tenhais por verdadeiras, nenhum fundamento havemos de fazer, senão confiar sómente da misericordia de Deus, *de tua misericordia praesumentem;* porque esses apparatos, esses exercitos, essas forças humanas sem a misericordia divina tudo é miseria: *Exaudi me miseram deprecantem.*

Assim o fazia David. S. Chrysostomo. Ps. 7

David, aquelle rei que de ambas as fortunas da guerra deixou ao mundo os maiores exemplos estava em uma occasião de dar batalha com exercito superior em tudo ao de seus inimigos e prostrado deante de Deus fez esta oração: *Domine, Deus meus, in te speravi; salvum fac ex omnibus persequentibus me et libera me: nequando rapiat ut leo animam meam, dum non*

est qui redimat, neque qui salvum faciat. Deus meu e Senhor meu (diz David) só em vós espero: defendei-me e livrae-me de meus inimigos; para que me não espedacem e tirem a vida como leões: pois vêdes que não tenho quem me ajude nem me defenda. Repara muito S. Chrysostomo n'esta ultima clausula da oração de David; e contra ella e contra elle replica assim: *Collegit exercitum et multos secum habuit: quo modo ergo non est qui redimat, neque qui salvum faciat?* Se David tinha feito as maiores levas de gente: se David tinha comsigo o mais florente e poderoso exercito: se David (que isso só bastara) se tinha a si mesmo, o seu valor, a sua experiencia, a sua espada; como diz, que não tem quem o ajude nem o defenda? Bem diz David, responde Chrysostomo: *Quoniam ne universum quidem orbem terrarum auxilii loco habet, nisi opem divinam fuerit assequutus.* Sabia David como sancto e como soldado, que ainda que tivesse comsigo conjuradas e unidas todas as forças do mundo, se não tivesse a Deus de sua parte, nada lhe podiam valer: por isso cercado de guardas e de batalhões e no meio do mais poderoso exercito diz e protesta a Deus com muita razão que não tem quem o livre e defenda: *Dum non est qui redimat, neque qui salvum faciat.* Assim intendia David as materias da guerra; e assim as devemos nós intender, se queremos ter bom successo.

Como se póde alcançar esta misericordia.

De tua misericordia praesumentem. Ponhamos toda a nossa confiança na misericordia divina e façamo-nos dignos d'ella, se queremos sair com victoria. Humilhemo-nos deante de Deus: reconheçamos que de sua omnipotente mão depende todo nosso remedio: reverenciemos com temor seus occultos juizos: lembremo-nos de quantos reinos e monarchias se perderam em um dia e em uma batalha: pesemos bem quão offendida temos a infinita bondade, depois de tantas mercês: consideremos e considere cada um quanto está provocando sua divina Justiça o desconcerto de nossas vidas; e procuremos todos com verdadeiro arrependimento e firme proposito da emenda applacar e pôr da nossa parte o céu. Se assim o não fizermos (o dia é de fallar com toda a clareza) se assim o não fizermos, temamos e tremamos, que nos poderá castigar a ira divina justissimamente e dar-nos um muito infeliz successo. Não nos fiemos em exercitos, nem em valor, nem em experiencia, nem em victorias passadas, nem ainda na justiça da causa; e o que é mais, nem nos favores do céu e milagres da nossa restauração: porque, quanto maior é de nossa parte o empenho, tanto mais geral póde ser a desgraça; e quanto mais conhecidas são as mercês do céu, tanto será mais justificado o castigo.

Se os nosso peccados de merecem a v ctoria, não h fundar sua e perança en razões humar nem divinas Exemplos d Escriptura.

Maior exercito era que o nosso o dos filhos de Israel, que constava de seiscentos mil soldados; e porque offenderam a Deus com as madianitas, foram vencidos de poucos homens. Mais valoroso e mais experimentado capitão, sem fazer aggravo aos nossos, era David, que elles; e pelo adulterio de Bethsabé e homicidio de Urias, permittiu Deus que fugisse de um rapaz com umas gadelhas louras. As mais prodigiosas victorias com que nenhum homem assombrou o mundo, foram as que Samsão tinha alcançado dos philisteus; e depois andava moendo em uma atafona; preso e arrancados os olhos, porque se deixou prender e cegar do amor de Dalila. Ninguem fez nunca guerra tão justa como Josué, quando entrou pela terra de promissão: porque as escripturas de que constava ser sua, eram as mesmas Escripturas sagradas; e por um soldado se atrever aos despojos de Jericó, que estavam consagrados a Deus, foi vencido o exercito nos muros de Hay. Nenhuma liberdade foi confirmada com mais evidentes milagres, nem continuada com maiores favores do céu, que a dos filhos de Israel, quando sairam do captiveiro de Pharaó; e porque foram ingratos a estes beneficios divinos, só dous homens, de tantos mil, entraram na terra de Promissão. Eis aqui como não ha razões humanas, nem ainda divinas, em que possamos fundar seguramente a esperança de uma victoria, se nossos peccados a desmerecerem. Muitas prendas temos de Deus para esperar um grande successo, mas muito mais causas temos em nós para temer um grande castigo.

Se Portugal n se emendar, tema como Adão e como povo de Israe

Confiamo-nos em que a restauração do nosso reino é obra de Deus; e que Deus que o fez, o ha de conservar; e eu assim o creio e o espero: mas Deus é o mesmo agora que foi desde o principio do mundo. Quizera que me respondera Portugal a dous exemplos. Tambem Deus tinha posto a Adão no paraiso; e porque foi desobediente o lançou d'elle em tres horas. Tambem Deus tinha libertado o povo do captiveiro do Egypto; e porque foi ingrato o sepultou todo em um deserto. Pois se Deus é este e nós não somos melhores; que vã esperança é a nossa? Nós não nos mudamos e queremos que se mude Deus? Cuidamos que ha de dispensar Deus comnosco no attributo de sua justiça? Cuidamos que para nós e por nós ha de mudar as leis de sua providencia? Dizei-me (que não quero perguntar a outrem); qual foi a razão da parte de Deus e qual a causa da parte nossa, por que nos tirou o mesmo Deus o rei e a liberdade; e nos teve captivos sessenta annos? Todos dizemos e confessamos, que pelos peccados de Portugal. Pois se Portugal se tem emendado tão pouco, como vemos; se os peccados são hoje os

mesmos e póde ser que maiores que d'antes; como queremos que nos favoreça hoje Deus pelas mesmas culpas por que hontem nos castigava? Cuidamos que a Justiça divina não tem mais que um castigo? Septe vezes libertou Deus o povo de Israel no tempo dos juizes; e septe vezes o tornou a captivar; porque septe vezes reincidiram em seus peccados.

Exercitos de peccados que Portugal tem em Castella contra si. *Ps.* 99

Ah Portugal, que te não temo de Castella senão de ti mesmo! Todos nos cançamos em guardar Portugal dos castelhanos; e deveramo-nos cançar mais em o guardar de nós. Guardemos o nosso reino de nós: que nós somos os que lhe fazemos a maior guerra. Por um peccado perdeu Adão o paraiso; por um peccado perderam os anjos o céu: por um peccado perdeu Saul o reino: por um peccado perdeu Absalão o exercito: e nós cuidamos que com tantos peccados temos a conservação segura? Entramos por Castella com confiança de grandes victorias; e não sabemos quão grandes exercitos e quão poderosos lá estão prevenidos e armados contra nós. El-rei poz um exercito em Portugal contra Castella; e cada um de nós tem posto um exercito em Castella contra Portugal. E que exercitos são estes? Os peccados de todos e os de cada um. Não são isto conceitos nem encarecimentos, senão verdades de fé; e se Deus nos abrira os olhos, nós veriamos os montes cobertos d'estes exercitos, como os viu Giezy, onde os não imaginava. *Circumdederunt me mala, quorum non est numerus: comprehenderunt me iniquitates meae et non potui ut viderem*: eu, diz o rei penitente, estava cercado de innumeraveis exercitos que eram os peccados meus e de meus vassallos; mas tão cego que os não via. Estes são os exercitos que temos contra nós em Castella: os peccados de cada um de nós, os peccados de toda Lisboa, os peccados de todo Portugal.

Tambem Castella tem os seus contra si em Portugal. Por isso será castigada uma nação pela outra, como succedeu aos reinos de Israel e Judá.

Mas vejo que me dizeis, que se da parte de Castella estão contra nós os peccados de Portugal, tambem da parte de Portugal estão contra elles os peccados de Castella. A razão e paridade é muito egual: mas comtudo não me consola. Se da parte de Castella, como da parte de Portugal ha peccados; tambem da parte de Portugal como da parte de Castella haverá castigos. Antigamente estavam unidos os reinos de Israel e de Judá debaixo do mesmo rei, como nós o estavamos: dividiu-se do reino de Judá o de Israel, como nós tambem fizemos, seguindo as partes de Roboão. E que se seguiu d'ahi? Seguiu-se que um e outro começaram a ter guerras entre si; e como em ambos os reinos havia peccados, castigava-os Deus a ambos, não com exercitos extrangeiros, senão a um com o outro. A Judá castigava-o com Israel; e a Israel castigava-o com Judá. Isto é o

que eu receio: que como em Castella e Portugal ha peccados, queira Deus castigar a Castella com Portugal e a Portugal com Castella. E nós estamos tão confiados, que não sendo o que era Judith, esperamos de Deus o que ella pedia? Notae. Judith para si e para os seus pedia misericordia: *De tua misericordia praesumentem;* e para os inimigos pedia ira: *Cadat virtus eorum in iracundia tua;* e a sua petição era muito justa; porque os inimigos eram grandes peccadores, e os de Betulia estavam muito arrependidos. Porém que Portugal, tendo tantos peccados como Castella, para Castella peça a ira e para si a misericordia, é querer que Deus seja injusto. Se Deus está castigando peccados em Castella, queremos que premie peccados em Portugal? Se ambos temos peccados, ambos teremos castigos.

Mais deve temer Portugal porque é mais ingrato. *Hebr.* 6

E accrescento eu que mais deve temer Portugal dos seus peccados, do que Castella dos seus; e porque? Porque os peccados de Castella são peccados de gente castigada; e os peccados de Portugal, de gente desagradecida; e estes provocam muito mais a ira divina. Tantas ingratidões sobre tantos beneficios! Tantos esquecimentos de Deus sobre tantas mercês de Deus! Deus quebrando as leis da natureza e fazendo milagres por nós e nós faltando a todas as leis da razão, commettendo tantas offensas contra Deus! Não conhece a Deus quem o não teme em tal estado. Que importa que Christo despregasse o braço, se nós lh'o tornamos a pregar com nossos peccados: *Iterum crucifigentes Filium Dei?*

Emendar a vida é o unico meio de vencer. Prova da Escriptura.

VII. Este é, Senhores, sem affectação e com a sinceridade devida a este logar, o perigo em que estamos. Se o queremos remediar, como devemos querer todos, o remedio é um só; mas que está em nossa mão. E que remedio é este? Emendar a vida, arrepender e chorar muito de coração nossos peccados. Se matarmos estes inimigos, logo venceremos os outros. Cessem as paixões maldictas da carne, que tantos exercitos tem perdido: cessem os odios, cessem as invejas, cessem as guerras intestinas da emulação: amemo-nos como proximos com uma charidade muito verdadeira e muito christã. Ajudemos as armas dos nossos soldados com as da penitencia, do jejum, da oração, da esmola. Suas majestades e o reino façam algum voto a Deus á imitação dos santos reis antigos, que por este meio propiciaram a Misericordia divina. Sobre tudo façamos pazes com o mesmo Deus e ponhamo-nos todos em sua graça e firmissimos propositos de o não offender mais. E se assim com resolução o fizermos, eu prometto d'aqui em seu nome que nos ha de dar a victoria e feliz successo que desejamos. Não é este empenho meu, senão da mesma verdade e palavra divina, que

não póde faltar; e assim o tem promettido no capitulo 26 do Levitico: *Si in praeceptis meis ambulaveritis et mandata mea custodieritis, persequemini inimicos vestros et corruent coram vobis:* Se fizerdes a minha vontade (diz Deus) e guardardes os meus preceitos, vencereis a vossos inimigos e cairão vencidos a vossos pés. E se o não fizermos assim? Ouvi agora e tremei: *Quod si non audieritis me et non feceritis omnia mandata mea, ponam faciem meam contra vos: corruetis coram hostibus vestris, et subjiciemini his qui oderunt vos:* e se não me obedecerdes, nem guadardes minha lei, sereis vencidos de vossos inimigos e ficareis sujeitos e captivos d'aquelles que tanto odio vos teem. Todas estas palavras são de fé: vêde se podem faltar, tanto pela parte da promessa, como do ameaço Pelo que, fieis portuguezes, se o amor da patria, se o amor do rei, se o amor das prendas que todos tendes n'aquelle exercito; os irmãos, os paes, os filhos; se estes e os outros parentescos ainda mais estreitos, vos merecem alguma cousa, não sejamos tão crueis contra elles e contra nós mesmos, que com os nossos peccados estorvemos as misericordias divinas. Em nossas mãos está a victoria; pois em nossa liberdade está o não offender a Deus. Amemos a Deus ao menos por amor de nós, e tomemos por devoção todos, para que Deus nos dê victoria, não o offender mortalmente jámais; e muito particularmente em quanto andar o nosso exercito em campanha. Quem ha tão imprudente, que offenda aquelle de quem depende, e no mesmo tempo em que mais depende? Pois se n'esta occasião dependemos tanto de Deus; porque nos atrevemos a offendel-o? Se fazemos pazes com Hollanda para nos defender de Castella; porque não faremos pazes com Deus para que o tenhamos por nós na mesma guerra? Façamos estas pazes, que não teem as difficuldades das outras e estão na nossa mão. Ponhamo-nos todos na graça e debaixo da protecção d'este unico Senhor dos exercitos; e nenhum haja de nós, que n'esta hora com todo o coração e toda a alma, não capitule esta paz e amizade perpetua com um proposito muito firme e irrevogavel de nunca mais offender a Deus e sempre o amar e servir.

Recorre-se finalmente a Deus lembrando-lhe a promessa que fez a D. Affonso Henriques.

Mas porque não é segura confiança a que se pôi em corações humanos, ainda que se funde nos interesses de sua propria conservação; quero, Senhor, tornar-me só a vós como Judith e esperar só em vossa infinita misericordia e obrigal-a com vossas mesmas palavras, que são as ultimas da sua e nossa oração: *Memento, Domine, testamenti tui*: lembrae-vos, Senhor, do vosso testamento, lembrae-vos de vossas promessas. Hoje faz quatrocentos e cincoenta e dous annos que acabou a vida mortal el-

rei D. Affonso Henriques, fundador do reino de Portugal; e hoje faz cinco annos (sem se advertir em tal concurso de tempo) que foi recebido n'esta côrte e começou a reinar el-rei D. João o quarto, restaurador do mesmo reino. Dia é este, Senhor, muito para vos trazer á memoria as promessas que então fizestes ao primeiro rei; e n'elle ao ultimo que tambem agora é o primeiro. Promettestes a el-rei D. Affonso (como elle testimunhou e jurou no seu testamento) que depois de attenuada sua descendencia porieis os olhos de vossa misericordia na decima sexta geração sua: *Usque ad decimam sextam generationem, in qua attenuabitur proles, et in ipsa sic attenuata ego respiciam et videbo.* Sendo, pois, o rei, por quem nos restaurastes a mesma geração decima sexta; tempo é, Senhor, de pordes n'ella e em nós os olhos de vossa divina misericordia, senão por nossos merecimentos, pelos muitos e grandes d'aquelle sancto rei, que tanto vos, soube servir então e obrigar para o futuro. Ponde os olhos, Senhor dos exercitos no nosso exercito; e lembrae-vos que todo é d'aquelles portuguezes que no mesmo testamento escolhestes para conquistadores de vossa fé e para debaixo de suas armas levarem vosso sanctissimo nome ás gentes tão remotas e extranhas que antes de nós o não conheciam: *Ut portent nomen meum in exteras nationes.*

E invocando o Sanctissimo Sacramento.

Este é, Senhor, o vosso testamento e testamento é tambem vosso, que assim lhe chamastes, esse divinissimo Sacramento em que estais presente. Sobre o testamento de vossa palavra, lembrae-vos tambem do testamento de vosso amor: *Memento Domine testamenti tui;* e mereça-nos esta lembrança, quando em tudo o mais nos falte o merecimento, o muito que esta cidade e este reino entre todos os do mundo e em todas as partes d'elle se assignala na veneração e culto d'esse soberano Mysterio. Em virtude d'esse sagrado Pão, sendo visto descer do céu, foi tão forte a espada de Gedeão que venceu os exercitos sem numero dos madianitas. E este mesmo foi o exemplo com que animastes o primeiro rei, na mesma hora em que vos mostrastes descoberto a seus olhos e lhe mandastes tomar a corôa, cuja perda e restituição logo então lhe annunciastes. Os soldados e capitães que a defendem, todos vão armados com esse divino Escudo que levam dentro no peito, d'elle só esperam a fortaleza e o valor; e a elle só promettem referir a victoria. Vossos são e vosso o reino por que pelejam. E pois o rei que está em campanha é o mesmo descendente de quem dissestes: *Volo in te et in semine tuo imperium mihi stabilire;*

para estabelecimento e conservação d'este reino até que chegue a grandeza que lhe promette o nome de imperio vosso, lembrae-vos Senhor de vossas promessas: *Memeno Domini testamenti tui.*

(Ed. ant. tom. 9, pag. 460, ed. mod. tom. 1.º, pag. 309.)

SERMÃO DE SANCTA CATHARINA

VIRGEM E MARTYR **

EM OCCASIÃO QUE SE FESTEJAVA EM LISBOA UMA GRANDE VICTORIA

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Á primeira vista causa extranheza que, sendo este um sermão de parabens, o orador entre logo com uma larga parenese sobre a volubilidade da fortuna. Mas foi com sabio conselho de boa politica e piedade christã; para que os portuguezes, confiando demasiadamente no seu valor e desvanecendo-se pela victoria, não deixassem de acautelar-se de um inimigo tão poderoso como era Castella; e para que referissem totalmente a Deus tão grande favor, e assim não desmerecessem outras victorias.

Ne forte.
S. MATTH. 25.

Explicação da clausula *Ne forte*.

Breve clausula para thema; porém grande para sermão. E que quer dizer *Ne forte?* Quer dizer: Para que não por algum engano: Para que não por alguma violencia: Para que não por algum descuido proprio, ou diligencia e industria alheia. É o *Ne forte* um adverbio sempre vigilante, mas indeciso: é uma suspensão do que é: é uma duvida do que será: é um cuidado sollicito do que póde ser. É um receio temeroso do futuro, não esquecido do passado, nem divertido do presente; e n'este circulo de todos os tempos acautelado para todos. Deriva-se a palavra *Ne forte* d'aquella que o mundo chama fortuna; é uma força tão poderosa e tão forte, que desarma a mesma fortuna de todos os seus poderes; porque a quem sempre estiver cuidadoso do que ella póde fazer ou desfazer, nunca lhe acontecerá que diga — Não cuidei — que é a primeira maxima da prudencia.

Como a intenderam as dez virgens do evangelho.

De prudentes e nescias se compõi toda a historia do nosso evangelho, gloriosa para umas e tragica para outras. As prudentes foram as aventurosas, porque disseram: *Ne forte*: as nescias as sem ventura, porque o não souberam dizer. As prudentes com as alampadas accesas entraram ás vodas: as nescias ás escuras e com ellas apagadas, ficaram de fóra. Cuidaram as nescias que se lhes não apagariam as alampadas, cui-

para estab[illegible] [illegible]idas das companheiras, cuidaram que a gr[illegible] [illegible] tarde, se lhes abririam as portas; e de-v[illegible] [illegible] acharam que não tinham cuidado «pru-[illegible] porque não cuidaram quando e como convinha, [illegible] dizer a tempo: *Ne forte*. Tres vezes o disseram [illegible] na consideração, na prevenção e na resolução. [illegible] prudentes: na consideração, considerando que por falta do sustento natural do oleo se podia apagar o fogo e morrer a luz das alampadas. Na prevenção, porque se preveniram de o levar nas redomas para d'ellas o supprir quando faltasse. Na resolução, porque faltando ás companheiras, resolutamente lhes responderam, que não as podiam soccorrer; porque podia não bastar para todas: *Ne forte non sufficiat nobis et vobis.*

Como a intendeu Sancta Catharina.

Ó virgem fortissima e prudentissima Catharina; que bem retratada vos vejo nas cinco prudentes do evangelho! Offereceu o imperador Maximino a Catharina tudo o que podia dar n'este mundo a fortuna, que eram as vodas e corôa imperial. Mas porque a virgem prudentissima ainda com prudencia humana considerou n'esta grande offerta não o que era, senão o que podia ser; desprezou a corôa da terra, sujeita á roda da fortuna e segurou a que hoje goza no céu, que a mesma fortuna não póde dar nem tirar: *Ne forte*. Este será o argumento do meu discurso, tão proprio do tempo presente, como das graças que devemos dar a Deus pelas fortunas do mesmo tempo. Mas como para acertar a dar estas graças é necessario que o mesmo Deus nos assista com a sua; peçamol-a primeiro por intercessão da Cheia de graça. *Ave Maria.*

A palma, a espada, a roda insignias da sua imagem, e symbolos da nossa victoria.

II. *Ne forte*. Todos os titulos que nos obrigam a dar graças a Deus pelos triumphos do tempo presente, me parece que estou vendo copiados e divididos nas gloriosas insignias d'aquella sagrada imagem. Está adornada a imagem de Sancta Catharina com os tres intrumentos ou tropheos de sua victoria—Uma palma, uma espada, uma roda—Os oradores evangelicos que entre salvas, repiques e luminarias celebraram atégora a felicidade de nossas armas na campanha d'este anno, uns tomaram por assumpto a palma, outros a espada: na palma fazendo panegyricos á victoria; na espada ao valor dos capitães e soldados. E porque nenhum atégora fallou na roda, ella será o meu assumpto. As palmas que teem as raizes na terra, todas se podem seccar ou murchar: só são perpetuamente verdes aquellas que viu S. João no Apocalypse: *Et palmae in manibus eorum.* As espadas tambem teem os seus revezes na terra, ainda que sejam descidas do céu. Do céu trouxe a alma do propheta Jeremias a espada que metteu na mão a Judas Machabeu: mas

Apoc. 7

depois de tantas victorias em fim póde dizer com David aquelle valorosissimo capitão: *Gladius meus non salvabit me:* porque na tragica batalha contra Bachides e Alcimo não defendeu ao grande Machabeu a sua espada e com ella na mão caiu morto. Tudo isto são avisos ás palmas, rebates ás espadas e desenganos a todo o vencedor, que no meio dos maiores triumphos podem temer a roda. Esta roda, pois, como prometti será o meu argumento o qual sobre os eixos d'ella se revolverá em dous discursos, quanto fôr possivel, breves.

Ps. 43

III. *Ne forte.* Variamente pintaram os antigos a que elles chamaram Fortuna. Uns lhe pozeram na mão o mundo, outros uma cornucopia, outros um leme; uns a formaram de ouro, outros de vidro e todos a fizeram cega, todos com figura de mulher, todos com azas nos pés e os pés sobre uma roda. Em muitas cousas erraram como gentios; em outras acertaram como experimentados e prudentes. Erraram no nome de Fortuna, que significa caso ou fado: erraram na cegueira dos olhos: erraram nas insignias e poderes das mãos: porque o governo do munda, significado no leme e a distribuição de todas as cousas, significada na cornucopia, pertence sómente á Providencia divina, a qual não cegamente ou com os olhos tapados; mas com a perspicacia de sua sabedoria e com a balança de sua justiça na mão é a que reparte a cada um e a todos, o que para os fins da mesma Providencia com altissimo conselho tem ordenado e disposto. Acertaram, porém, os mesmos gentios na figura que lhe deram de mulher, pela inconstancia; nas azas dos pés, pela velocidade com que se muda; e sobre tudo em lh'os pôrem sobre uma roda: porque nem no prospero, nem no adverso e muito menos no prospero teve jámais firmeza. Dos que a fizeram de ouro «e foram os romanos, não fallo; porque já se vê que este ouro foi invenção da sua cubiça»: os que a fingiram de vidro pela fragilidade, fingiram e encareceram pouco; porque ainda que a formassem de bronze, nunca lhe podiam segurar a inconstancia da roda [1]. Mandou Deus nosso Senhor ao

A fortuna variamente pintada pelos antigos. A sua roda e a do olleiro. Jerem. 18

[1] Em uma das fabricas particulares e famosas do templo diz o Texto sagrado que fez Salomão dez bases de bronze quadradas e eguaes por todas as partes. Diz mais (o que se o não dissera não se imaginára) que estas dez bases as assentara cada uma sobre rodas; accrescentando para maior clareza que as rodas eram propriamente como as das carroças com seus eixos raios e tudo o mais fundido tambem do mesmo bronze. Toda esta miudeza foi necessario que se explicasse, para que se intendesse a obra; da qual se não fôra o auctor Salomão quem haveria que ao menos não extranhasse tal modo de architectura? As bases são o fundamento e firmeza de toda a fabrica: a figura quadrada entre todos as figuras a mais

propheta Jeremias que fosse á officina de um olleiro; e que depois de vêr o que aquelle homem fazia, lhe declararia o por que lá o mandava. Foi o prepheta e diz que achou o oleiro trabalhando sobre a sua roda: *Et ecce ipse faciebat opus super rotam.* E notando então com particular advertencia o que fazia viu que ao principio estava formando um vaso muito polido, o qual, como se lhe descompozesse e desmanchasse entre as mãos, desfel-o, e, como irado contra elle, tornou a amassar e pôr na roda o mesmo barro, e fez outro vaso muito differente, como lhe veio á phantasia. Aqui fallou então Deus ao propheta e lhe disse d'esta maneira: Assim como o olleiro tem nas suas mãos o barro e d'elle faz uns vasos e desfaz outros: assim tenho eu nas minhas mãos o mundo e posso desfazer uns reinos e fazer outros ao meu arbitrio. E se elle com a ponta de um pé dá estas voltas á sua roda, julga tu, se o poderei fazer eu. Vai a Jerusalem, conta-lhe o que viste e dize-lhe que o primeiro vaso tão polido que o olleiro fazia, é o reino de Israel, tão estimado e favorecido da minha providencia; o qual com a sua rebeldia se me descompõi entre as mãos; e que ainda estou apparelhado para lhe perdoar e arrepender do que tenho determinado: mas que se elle se não quizer emendar, darei volta á roda e do mesmo barro farei outro vaso. Jerusalem passará para Babylonia; e o reino que aqui é d'el-rei Joaquim com liberdade, lá será de Nabuchodenosor com perpetuo captiveiro. E assim foi.

Melhor e mais util é ao homem a fortuna adversa que a prospera. Boecio.

Oh que facilmente se engana o juizo humano nas apprehensões de qualquer successo prospero! Por isso disse sabia e prudentissimamente o grande senador romano Severino Boecio, que melhor e mais util é ao homem a fortuna adversa, que a

firme; o bronze entre todos os metaes o mais forte. Pelo contrario as rodas com eixos e todos os outros instrumentos de se moverem são entre todas as cousas a menos constante, a menos estavel, a menos firme. Pois porque assenta a sabedoria de Salomão toda a firmeza e fortaleza de suas bases sobre rodas? Assentadas as bases sobre rodas, ficam sendo as rodas bases das bases. E isto que não faria não digo eu Vitruvio, senão o architecto mais imperito; que o fizesse Salomão? Sim, e com tanta arte como mysterio. Aquella obra era o chamado mar Eneo, fabricado antes de espelhos e para espelho dos que n'elle se fossem vêr e compor. Quiz pois («pelo que parece») o mais sabio de todos os homens que na mesma traça, disposição e ordem da fabrica vissem e reconhecessem todos, que não ha nem póde haver n'este mundo cousa alguma tão solida, tão forte, tão firme, nem ainda tão sancta (qual aquella era), que, como se estivera fundada sobre rodas, não esteja sempre sujeita ás voltas, declinações e mudanças de qualquer impulso, impressão ou movimento contrario. Tudo o que se diz da fortuna e seus poderes é fingido e falso; só uma cousa ha n'ella certa e verdadeira, que é a roda.

prospera: *Plus reor hominibus adversam quam prosperam prodesse fortunam.* E dá a razão: porque a prospera mente e a adversa desengana: *Illa fallit, haec instruit.* Quem se não quizer enganar com as lisonjas da fortuna prospera, olhe para a roda. N'ella e do mesmo barro faz Deus reinos e desfaz reinos; desfaz Jerusalens e accrescenta Babylonias; captiva os livres e restitúi a liberdade aos captivos. Assim o fez a benignidade divina, dando outra volta á roda e restituindo os captivos de Babylonia á liberdade de que poucos já se não lembravam, no fim de septenta annos: caso bem parecido ao nosso.

As rodas do carro de Ezéchiel.

IV. Lá depois de septenta annos; cá depois de sessenta, uns e outros prophetizados: mas nem por isso cuide alguem, que para todas estas voltas da roda são necessarios tantos espaços ou tantos vagares do tempo, As rodas do carro de Ezechiel em que Deus se lhe mostrou governando todo este mundo eram cada uma composta de duas: uma roda atravessada e outra cruzada com ella pelo meio. Isto quer dizer: *Rota in medio rotae.* E que rodas eram e são estas? Uma é a roda da fortuna, outra a roda do tempo. Mas de tal maneira unidas e travadas entre si e tão independentes uma do curso da outra que para a roda da fortuna dar uma volta inteira, não é necessario que a dê tambem inteira o tempo. As voltas da roda do tempo são as mesmas que as do Sol. O sol dá uma volta maior cada anno e uma menor cada dia. Porém para a fortuna dar uma volta inteira aos maiores imperios, não são necessarios annos nem dias.

Em uma noite passou aos persas o imperio dos assyrios. *Dan.* 5

O maior imperio e monarchia que tinha havido no mundo, era a dos assyrios e chaldeus. E quantas horas houve mister a roda dá fortuna para derribar esta e levantar sobre ella outra maior? Diga-o a Escriptura sagrada por bocca de Daniel que se achou presente: *Eadem nocte interfectus est Balthassar rex chaldaeus et Darius Medus successit in regnum.* Na mesma noite fatal em que o rei com mil magnates da sua monarchia, convidados para um solemne banquete estavam brindando aos seus deuses, foi morto (diz Daniel) Balthassar rei chaldeu e lhe succedeu no imperio Dario Medo. De sorte que tanto mais depressa deu volta a roda da fortuna que a roda do tempo, que não tendo o tempo em ausencia do sol andado um dia natural, nem meio dia; a fortuna, morto Balthassar, e succedendo-lhe na corôa Dario, já tinha posto por terra a monarchia dos assyrios e chaldeus e levantado até ás nuvens a dos persas e medos. Caiu a monarchia, mas não caiu a côrte: porque ficaram em pé os famosos muros de Babylonia com seus jardins cultivados no ar, por isso chamados hortos pensiles; onde, porém, até as flores

...ervindo
propheta Jeremias que fosse á officina de ... e alguem
pois de vêr o que aquelle homem faz... ás corôas
que lá o mandava. Foi o prepheta e... imperio da
balhando sobre a sua roda: *Et e*... ...tra cousa não
rotam. E notando então com pa... ...ambem n'estas
viu que ao principio estava fe...
qual, como se lhe descompo... ...noitecendo cidade,
desfel-o, e, como irado c... ...s famosos edificios
roda o mesmo barro, ...e illustrar uma cida-
lhe veio á phantasia. ... ; e aconteceu na bella
disse d'esta maneir... ...se podera temer. Quem
o barro e d'elle f... ...strava por maravilha na
nas minhas mã... ... A todos os que a fortuna
outros ao m... ...u que temessem o que haviam de
estas volta... ...cousa grande deixou de dar o tempo al-
Jerusaler... ...propria ruina. Só n'esta entre a cidade ma-
so tão ...a não houve mais que uma noite. Ainda acabou
mad... ...pressa do que eu o escrevo—Atéqui a narração e pon-
be... ...do grande philosopho. E como para as maiores voltas
...danças da roda da fortuna não são necessarios annos nem
...inteiros, e da ametade de um dia sobejam ainda horas e
...as as mais occultas á vista; que segurança póde haver tão
confiada, que entre os abraços mais lisonjeiros da felicidade não
tema os seus revezes? E que reino ou republica, que rei ou
capitão prudente, que entre os maiores triumphos lhe não es-
teja sempre batendo ás portas do coração aquella voz duvidosa:
Ne forte?

V. Não é minha tenção com este discurso querer que a mui-
to nobre cidade de Lisboa entristeça a sua alegria, nem ponha
silencio aos seus applausos: porque sería ser ingrata ao céu e
negar os publicos pregões da fama aos que com o seu esforço
e sangue tão honradamente lh'os mereceram. O que só desejo
é que toda esta monarchia de Portugal se não deixe tanto in-
char do vento da fortuna, que se fie d'ella e a creia. Ouvi de-
baixo de um paradoxo o mais sizudo juizo da prudencia mili-

[1] *Tot pulcherrima opera quae singula illustrare urbes singulas possent, una nox stravit. Et in tanta pace, quantum ne bello quidem timeri potest accidit. Quis credat? Lugdunum quod ostendebatur in Gallia, quaeritur. Omnibus fortuna, quos publice afflixit, quod passuri erant, timere permisit. Nulla res magna non aliquod habuit ruinae suae spatium. In hac una nox interfuit inter urbem maximam et nullam. Denique diutius illam periisse quam periit, narro.* É lastima haver de affrontar com a traducção de qualquer outra lingua a elegancia d'estas palavras.

Como na guerra não ha cousa mais para estimar que ven- ssim não ha outra mais para temer que a mesma victoria. o sabio capitão se vir mais victorioso e triumphante a da fortuna, então é que mais se deve temer da vol- s rodas.

Abrahão de quatro reis; que tinham vencido outros o captivo com parte d'elles a Loth seu sobrinho, famosa esta interpreza tres circumstancias nota- arte dos reis vencidos, outra da parte de Abra- a terceira da parte de Deus, que n'este acon- areceu e fallou. Notavel da parte dos reis ven- uella mesma noite em que contentes e di- dando á sua victoria, deu sobre elles Abra- a não chegaram a lograr quatro horas inteiras, tão pouco espaço de tempo para dar volta a roda e victoriosos e triumphantes se verem vencidos. Notavel da parte de Abrahão vencedor, porque voltando triumphante com parabens e applausos de Melchisedech, rei de Salem, nenhuma demonstração fez de festejar o seu proprio triumpho. Não havia então salvas de artilheria, nem repiques, nem luminarias; mas conforme o uso d'aquelle tempo, podera levantar tropheos que eram arvores, desgalhados os ramos e penduradas d'elles as armas e despojos dos inimigos, que Abrahão desprezou generosamente. Notavel em fim da parte de Deus; porque n'aquella mesma occasião lhe appareceu o Senhor dos exercitos e lhe disse estas notaveis palavras: *Noli timere, Abraham, ego protector tuus:* ou como se lê no texto original: *Ego scutum tuum:* não temas, Abrahão; que eu sou o teu protector e o teu escudo. Aqui é o meu reparo; e primeiro que tudo n'aquelle *Noli timere*: não temas. Não é este Abrahão aquelle mesmo que pouco ha tão animoso e destemido, com resolução quasi temeraria se atreveu a acometter quatro reis victoriosos e triumphantes só com trezentos e dezoito homens de sua casa? Não é aquelle mesmo que com tanta arte, disposição e ordem militar soube repartir os seus e de tal modo e a tal tempo investiu os inimigos, que, sem logar de se defenderem, os poz a todos em fugida? Pois se antes não temeu a batalha, sendo tão arriscada; como agora teme, depois de a vencer e tão venturosamente? D'antes podia temer os inimigos por muitos e victoriosos: mas agora depois de desbaratados e vencidos a quem teme ou de quem se teme? «Eu o direi».

Assim a ten Abrahão vi rioso de quatro rei

Considerava Abrahão que elle era um e os reis que vencera quatro; e na comparação de um a muitos, que coração haverá tão agigantado, que com os pés na campanha não tema? O gi-

Razões porq a temeu.

gante Golias coberto de ferro e maior na sua soberba, que na sua estatura, nunca se atreveu em quarenta dias a desafiar mais que um: *Ad singulare certamen*. De Hercules, cujas forças e façanhas é mais certo que foram fabulosas do que verdadeiras, é comtudo verdadeiro o proverbio que: *Nec Hercules contra duos*. E posto que as de Judas Machabeu, canonizadas na Escriptura sagrada, não admittem duvida, tambem a não ha de que na ultima batalha, que teve quasi vencida, acabou sem remedio, nem resistencia, não vencido do valor mas opprimido da multidão. Considerava mais Abrahão que o poder menor competindo com o grandemente maior, ainda quando vence, sempre fica desegual; e é tal a differença n'esta desproporção defensiva, que o maior, ainda perdendo muitas batalhas, facilmente se conserva na sua mesma grandeza; e o menor tendo necessidade de muitas victorias para se conservar, bastará perder só uma para se perder. Finalmente, temia Abrahão a sua victoria: porque não olhava para ella só, senão junctamente para a dos mesmos inimigos a quem vencera. E se elles (dizia comsigo) não lograram a sua victoria quatro horas inteiras; que segurança posso eu ter de me sustentar sempre na minha? Por ventura pregou ella algum cravo na roda da fortuna, para que não dê aquellas voltas que continuamente está dando o mundo sem jámais parar?

Os quatro reis de Abrahão e os outros quatro de Sesostris.

Oh como podera o mesmo Abrahão confirmar este seu temor, depois da victoria dos quatro reis, com o exemplo de outros quatro do Egypto, onde já no tempo de Abrahão se começavam a coroar os homens! Sesostris, rei do Egypto, depois de vencer outros quatro reis vizinhos, se desvaneceu a tanta soberba, que em logar de outros tantos cavallos, mandou que os quatro reis vencidos tirassem pela sua carroça. Em um dia, porém, de grande celebridade, advertiu que um dos reis vencidos de tal maneira caminhava ao compasso dos outros, que o rosto e os olhos sempre os levava voltados e postos no rodar da mesma carroça. E como Sesostris lhe perguntasse com que pensamento o fazia, respondeu: Levo sempre postos os olhos n'esta roda; porque vejo n'ella, que assim como esta parte que agora está em baixo, esteve já em cima; assim a que está em cima com meia volta só torna a estar em baixo. Intendeu o mysterio o rei victorioso e soberbo; e mandou logo tirar do jugo aos vencidos. As victorias proprias, vistas sem os olhos na roda ensoberbecem; com os olhos n'ella, humilham. Com os olhos na roda aos vencidos causam esperança e aos vence-

dores temor. Por isso Abrahão temia a sua victoria; e todos os grandes capitães temeram sempre as suas [1].

O escudo pintado por Polygnoto e o da Providencia

Este foi o juizo de Abrahão em temer a sua victoria; e o meu no nosso caso qual será? Porque não me persuado a temer, nem quero persuadir temores; e por outra parte quizera prometter segurança ás nossas victorias, sujeitas todas aos revezes da roda da fortuna; só «acho esta segurança em um escudo». Escreve Plinio que em Roma no Portico de Pompeu se via com admiração a pintura de um soldado sem mais armas que um escudo, obra de Polignoto, famoso n'aquella arte; e o que n'ella se admirava era estar pintado o soldado em tal acção no meio de uma escada, que ningem podia divisar se subia e descia. Toda a escada, senhores meus, ainda que em differente figura é tambem roda; porque pelos mesmos degraus se póde subir ou descer. No meio d'esta escada vejo aos nossos soldados armados tambem de escudo á defensiva, qual é a nossa guerra; e posto que na presente victoria parece que estão em acção de subir; como egualmente é sem questão que podem descer, n'esta duvida ou contingencia não lhes posso affirmar cousa certa. È verdade que estou vendo muitos arcos triumphaes levantados: mas estes, ainda que não tiveram as bases na terra, não podem segurar firmeza ao que significam. Nas iris, ou arcos celestes, não só observaram os mathematicos, mas experimentam os rusticos, que quando o sol sobe, os arcos descem; e quando o sol desce, os arcos sobem. E se

[1] Ouvi isto mesmo admiravelmente discursado por Seneca o poeta e com a mesma propriedade representado por el rei Agamenon, rei e general do exercito grego, depois de abrazada Troya: *Stat avidus ira victor et lentum Ilium metitur oculis.* Olhava para Troya vencida o vencedor Agamenon; e porque a não podia vêr toda de uma vez, lentamente e pouco a pouco ia medindo com os olhos sua grandeza. A primeira cousa que deve fazer o prudente vencedor é tomar as medidas ao paiz vencido. E que se seguirá d'aqui? O que acconteceu a Agamenon: *Victamque quamvis videat, haud credit sibi potuisse vinci;* e ainda que Agamenon estava vendo vencida a Troya, não acabava de crer, nem de se persuadir a si mesmo, que elle a tivesse vencido. Não se podia louvar mais, nem encarecer melhor a grandeza da victoria. Na opinião invencivel, aos olhos vencida. E passando da terra á corôa, da metropole ao rei e de Troya a Priamo, a conclusão do juizo de Agamenon foi esta: *Tu me superbum, Priame, tu timidum facis:* tu, o Priamo, me fazes soberbo e tu me fazes timido. Quando vejo que venci um tão grande rei como Priamo, monarcha e senhor de toda a Asia: veem me pensomentos de soberba. Mas quando no mesmo Priamo me vejo a mim, como em espelho e quando considero e reconheço que assim como eu o venci a elle, outro me póde vencer a mim; e dando volta á fortuna, como hoje me vejo vencedor, ámanhã me posso vêr vencido, todos os ardores da soberba se me convertem em frios de tremor: *Tu me superbum, Priame, tu timidum facis.*

nas voltas que dá o sol ao mundo se vê esta differença n'aquelles espelhos; se quando os arcos se abatem, é signal que sobe o sol ao Zenith e quando os arcos crescem e se levantam é signal que o mesmo principe dos planetas desce ao occaso; que juizo se póde formar do apparente d'estes triumphaes meteoros para segurar o augmento das monarchias, ou sua declinação? A que hoje parece que sobe, ámanhã póde descer; e a que hoje desce ámanhã póde subir; e só no escudo que embraça o braço de Deus se póde segurar o prudente temor para que não diga: *Ne forte.*

Sancta Catharina mestra com a sua roda.

VI. Temos satisfeito n'este primeiro discurso ao evangelho, ao thema, ao tempo e caso presente e ao *Ne forte* das virgens prudentes. Agora vejamos como a virgem prudentissima, que nos deu a roda, com o exemplo e successos gloriosos das suas victorias nos ensina o que devemos desprezar, temer, ou assegurar em todas as voltas que á da fortuna e á do proprio alvedrio póde dar o mundo.

Quando se deve dizer *Ne forte* e quando não. *Gen.* 3

Primeiramente, assim como é prudencia nas cousas duvidosas e contingentes dizer *Ne forte;* assim nas certas e que não podem ter duvida, dizer *Ne forte* é a maior imprudencia. A mais imprudente mulher (tambem virgem) que houve no mundo, foi a destruidora d'elle, Eva. E porque? Porque sobre a verdade mais certa e a certeza mais infallivel, da qual se não podia duvidar, disse: *Ne forte.* Tinha Deus notificado a Adão e n'elle a Eva que no dia em que comessem da arvore vedada, ficariam sujeitos á morte. E sendo as palavras expressas do preceito: *In quocumque die comederis ex eo, morte morieris;* Eva respondendo á pergunta do demonio e referindo o mesmo preceito accrescentou-lhe um *Ne forte*: *Praecepit nobis Deus, ne comederemus et ne tangeremus illud, ne forte moriamur.* E que se seguiu d'este *Ne forte* da virgem nescia do paraiso? Seguiu-se o erro que emendou o *Ne forte* das virgens prudentes do evangelho. O *Ne forte* da nescia poz duvida onde não podia haver duvida: o *Ne forte* das prudentes não admittiu duvida, onde podia haver muitas.

No *Ne forte* das virgens prudentes podia haver muitas duvidas.

Podiam duvidar, sendo companheiras como eram, se sería contra as leis da verdadeira e fiel companhia não ser commum de todas o que era particular de algumas. Podiam duvidar sendo amigas, se era obrigação em tal aperto offerecerem-lhes ellas o oleo, ainda que o não pedissem, quanto mais não lh'o negar, tendo-o pedido. Podiam duvidar, se nas circumstancias de um caso tão preciso, era licito descomporem o acompanhamento e desfazerem o apparato das vodas, para o qual foram escolhidas em tal numero e para tantas pa-

relhas. Podiam duvidar se sentiriam, como era razão, o desar d'aquella falta o esposo e esposa, que eram os senhores a quem serviam e de cujo agrado e favor dependia o seu bem e toda a sua esperança. Podiam duvidar, em fim, se era contra o primor, contra a cortezia, contra a nobreza, contra o credito e reputação e contra todos os outros respeitos e ponctos de honra, que tão escrupulosamente observam nas acções publicas os que as fazem nos olhos do mundo e sujeitas aos seus juizos. Pois se em dar ou não dar aquelle soccorro havia tantas duvidas; como se resolveram as prudentes a o negar, principalmente sendo muito pouco o que haviam de dispender, sabendo que o Esposo já vinha: *Ecce sponsus venit?*

Porém quiz ram segurar porque se tr ctava da sa vação. *Matth.* 16

A razão d'este tão bem fundado reparo é muito mal practicada nas côrtes: e por isso necessario que a nossa com quem fallo, a ouça. O que importava á prevenção das virgens prudentes e o que dependia de ella bastar ou não bastar para todas, não era menos infallivelmente que o entrar ás vodas ou não entrar; o ganhar o céu ou perdel-o; o salvar, ou não salvar; e em materia de salvação não se ha de admittir duvida, nem contingencia, por menor ou minima que seja. Todos os ponctos do primor, do credito, da reputação e honra humana, em chegando a este poncto, são nada. Todas as obrigações e finezas da amizade e do amor, ainda que seja o que mais cega, que é o dos paes para com os filhos, a qualquer sombra d'este perigo se devem converter em odio. Este só respeito ha de vencer todos os outros respeitos; esta só dependencia todas as dependencias; este só interesse todos os interesses. Cuide o mundo, murmure a vaidade, diga a fama o que quizer: arrisque-se em fim tudo o que se póde arriscar; perca-se tudo o que se póde perder, com tanto que se não arrisque ou ponha em duvida a salvação. Tão sizudo como isto foi o *Ne forte* das virgens prudentes. Mas por isso mesmo não só parece deshumano, senão contrario a toda a razão e proximidade. Se tanto reparo e tanto exemplo fazeis n'este poncto por ser da salvação; porque não reparais na de vossas companheiras? Não vêdes que seguindo o vosso conselho, vão arriscadas a se lhes fecharem as portas do céu e o perderem e se perderem para sempre? Assim o viam como sabias e o sentiam como amigas. Mas esta é a obrigação precisa e indispensavel e este o privilegio soberanissimo da salvação propria. Se a duvida ou risco da minha salvação em qualquer caso se encontra com a alheia, seja a alheia de quem fôr e de quantos fôr; sou obrigado a tractar tão unicamente da minha salvação que me salve eu, ainda que se perca todo o mundo. Não é menos divino este tremendo do-

cumento, que da bocca da mesma Verdade: ***Quid prodest homini si mundum universum lucretur, animae vero suae detrimentum patiatur***? Que lhe aproveita ao homem, diz o Salvador dos homens, salvar elle ou que por seu meio se salvem todas as almas do mundo, se elle perder a sua? Aqui não ha senão dar um poncto na bocca. E este foi o fecho com que as prudentes acabaram de concluir, não a desculpa, senão a obrigação que tiveram de não acudir á salvação das companheiras; pois era com duvida e risco da propria: *Ne forte non sufficiat nobis et vobis*.

Por isso entraram ás vodas e as companheificaram fóra.

Em confirmação d'esta notavel verdade que é bem saibam todos, para que nos fiemos das diligencias proprias e não de dependencias alheias; seguiu-se o alegre e triste fim da historia do evangelho. As prudentes entraram ás vodas, as portas do céu tornaram a se fechar; e posto que as nescias vieram e bateram, ficaram de fóra. Cuidava eu que as virgens prudentes vendo-se já dentro no céu sem duvida nem perigo da salvação propria, ao menos se lembrassem de interceder pelas companheiras: mas este foi o segundo e novo desengano; para que cada um se fie só de si. Lá vão chorando as tristes e miseraveis nescias, que nem na terra tiveram remedio nem no céu o acharam: «porque, a quem não se lhe dá de sua alma em quanto é tempo, não haverá depois intercessão de sanctos que lhe possa valer.

Comtudo onde não ha perigo da alma Sancta Catharina nos mostra como podemos trocar o *Ne forte* timido por *Si forte* animoso.

VII. Comtudo onde não ha perigo da alma será sempre grande heroismo desprezar á imitação de Catharina todos os perigos do corpo para ensinar aos que erram o caminho da salvação, por aquella esperança de Jeremias: *Si forte audiant et convertantur*: se por ventura recebam a verdade e se convertam. *Si forte* disse aqui Catharina com o propheta e não com as virgens *Ne forte*:» e é bem que reparemos muito na differença d'estes dous adverbios; porque em tão pequena mudança de lettras teem a significação totalmente contraria. O *Ne forte* é adverbio seguro e frio: o *Si forte* animoso e ardente: o *Ne forte* fecha as portas ao temor; o *Si forte* abre-as á esperança: o *Ne forte* é freio para a cautela; o *Si forte* é espora para a ousadia: o *Ne forte* diz: Não te arrisques; o *Si forte* diz: Aventura-te: finalmente o *Ne forte* tem por effeito evitar o mal que suspeita; e o *Si forte* tem por objecto emprehender e conseguir o bem a que aspira. Mas este bem não ha de ser qualquer bem ordinario e vulgar, senão grande, senão arduo, senão heroico; e que tenha mais graus de difficultoso que de possivel. Para prova do *Ne forte* basta o das virgens do evangelho, que deixamos tão debatido. Para declaração e exemplo do

Si forte temos dous famosos no Testamento velho e tão medonhos como atrevidos.

Assim o troc Jonathas co o seu pagem lança.
1 *Reg.* 14

Tendo os philisteus com innumeravel exercito posto em tal aperto os filhos de Israel, que para guarnecerem a vida se escondiam pelas covas e grutas dos montes, veio ao pensamento de Jonathas, filho d'el-rei Saul, que se elle rompesse as sentinellas na hora mais secreta do somno, o desaccordo do mesmo somno e a escuridade da noite, podia pôr os inimigos em tal confusão, que sentindo-se ferir e matar, sem saber por quem, elles mesmos voltassem as armas uns contra os outros e se desbaratassem e fugissem. Assim o imaginou aquelle principe; assim o executou e assim succedeu; sendo os auctores d'esta prodigiosa façanha o mesmo Jonathas e o seu pagem da lança sómente. Mas com que motivo racional em caso tão difficultoso? Sem outro motivo ou impulso mais que a ousadia de um animoso *Si forte*. Assim o disse o mesmo Jonathas, quando accommetteu a empreza, deixando-a toda a Deus e á ventura: *Veni, transeamus ad stationem incircumcisorum horum; si forte faciat Dominus pro nobis.*

E Caleb en trando na ter de Promissão

O segundo exemplo ainda foi maior, se póde ser: porque não teve parte n'elle o soccorro da noite. Quando Josué repartia as conquistas da terra de Promissão, pediu-lhe seu antigo companheiro Caleb um sitio chamado o Monte dos Gigantes em que elles se mantinham inexpugnavelmente fortificados. Mas se os homens de ordinaria estatura em comparação dos gigantes são pygmeus e os muros que defendiam as suas cidades, eram tão agigantados como elles; com que confiança Caleb, que já contava oitenta e cinco annos de edade se atreve a tão desegual e difficultosa conquista? Com a mesma confiança e impulsos de intrepido e valoroso *Si forte: Si forte sit Dominus mecum et potuero delere eos.*

Exemplo de Sancta Catharina compa. a com o de Esther.

Tal era o *Si forte* de que estava armada a nossa valorosissima aventureira para assaltar outro monte mais alto e conquistar outras muralhas mais impenetraveis e abrir as portas do céu «a muitas almas a quem ella capitaneou para a verdadeira terra de Promissão.» Eram pela maior parte idolatras os que habitavam a grande cidade de Alexandria, patria da nossa Sancta. onde então residia o imperador Maximino, o maior inimigo de Christo e o mais cruel tyranno e perseguidor dos christãos. Estava alli Catharina cheia de fé entre infieis, estava cheia de sabedoria entre ignorantes, estava cheia de luz entre cegos, estava cheia de piedade entre tyrannos. E que fariam dentro d'aquelle generoso coração e como rebentando n'elle todas estas heroicas virtudes e cada uma d'ellas? A fé o incitava a conver-

cumento, que da bocca da mesma Verda ... norancia, a luz a
ni si mundum universum lucretur, an ... e amansar a tyran-
tum patiatur? Que lhe aproveita ao ... perdição de tantas al-
homens, salvar elle ou que por ... sentar a occasião.» Lan-
almas do mundo, se elle perder ... subditos do seu imperio,
um poncto na bocca. E este ... deuses immortaes o favore-
acabaram de concluir, não ... cio publico, sob pena da vi-
tiveram de não acudir á ... assim o não obedecessem. A
com duvida e risco da ... va os exquisitos tormentos com
vobis. ... vel, se fazia muito mais formidavel.

Por isso entraram ás vodas e as companheiras ficaram fóra.

Em confirmaçã ... metida entre dous extremos os mais
todos, para que ... eza e ainda á mesma graça. De uma parte
dependencias ... o inferno: de uma parte a morte temporal pro-
ria do evan ... a eterna alheia: de uma parte a perdição, da ou-
do céu to ... de tantas almas. Mas, áquelle sublime espirito
bateram ... necessarios muitos discursos para a mais heroica de-
tes v ... A morte, diz Catharina, é certa, a salvação duvidosa:
var ... morte é minha, a salvação é dos proximos: aventure-se,
... Catharina a conseguir a salvação alheia e perca embora
... contado a vida propria. Em toda a Escriptura sagrada ha só
... deliberação que tenha alguma similhança com esta. Tinha
passado el-rei Assuero um decreto, por industria e vingança de
seu grande privado Aman, para que em certo dia assignalado
nas cento e vinte e septe provincias sujeitas a seu imperio mor-
ressem todos os hebreus que n'ellas se achavam. Teve esta no-
ticia Esther que tambem era hebrea: resolve-se a procurar a
salvação de seu povo: porém querendo fallar ao rei soube que
havia outro novo e segundo decreto seu, em que prohibia que
nenhum homem nem mulher podesse entrar á sua presença sob
pena de perder no mesmo instante a vida. Tudo eram traças
do mesmo Aman, para que a execução da morte universal dos
hebreus se não podesse revogar. E aqui temos a Esther metti-
da entre duas pontas de um fatal dilemma por ambas as par-
tes mortal. Se não entra ao rei, executa-se o primeiro decreto
e morre o povo: se se atreve a entrar, executa-se o segundo e
morre Esther. Que faria, pois, a generosa heroina, vendo-se ex-
pressamente comprehendida nas palavras do decreto? Execute-
se embora, diz, a morte em mim, com tanto que n'este mesmo
risco me aventure eu a conseguir a salvação do meu povo. Isto
disse a famosa resolução de Esther; e n'isto parece que se
egualou o seu *Si forte* com o *Si forte* de Catharina. Mas não
consinto eu tal egualdade: nem foi assim; porque? Porque no
mesmo decreto se accrescentava esta condição: Excepto sómen-
te o caso em que o rei extenda o sceptro de ouro sobre quem

Com ... não ... da ... C ... r

trar em signal de clemencia. De sorte que o *Si forte* de Es-
' tinha por si a condicional do rei: o *Si forte* de Catharina
contra si a condição do tyranno: aquelle tinha por si a
cia, este a crueldade inexoravel: aquelle o sceptro de
te não o sceptro, senão a espada, não ouro, senão fer-
vezes tinto no sangue christão e insaciavel d'elle. Em
a o bando era absoluto e sem excepção; a morte
duvida; os tormentos exquisitos e eguaes a sevi-
de do tyranno; e a tudo isto se offereceu uma
que ainda não tinha edade para se chamar mulher;
a esperança incerta, duvidosa e sómente possivel da sal-
.ação alheia, á ventura e contingencias de se poder e não po-
der conseguir: *Si forte.*

Consequenci do seu accoi mettimento

VIII. Mas porque é mais facil o desejar que o fazer, e menos difficil o resolver que o executar; passemos do pensamento ás mãos e vejamos como a nossa conquistadora do céu e das almas entra e se empenha bizarra nas suas aventuras. O primeiro tiro que fez, foi á cabeça. Presenta-se ao imperador, armada da sua eloquencia e acompanhada só de si mesma. Extranha-lhe a publicidade do bando, o terror das ameaças, o sacrilegio dos sacrificios, a falsidade dos deuses com nome de immortaes, sendo páus e pedras; e sobre este exordio passou á doutrina da verdadeira fé. Pasma Maximino de tal audacia e atrevimento na fraqueza d'aquelle sexo e edade, e cumprindo-se no impio idolatra a discreta maldição de David; Que sejam similhantes aos idolos os que os adoram: elle ficou mais idolo que idolatra. Os idolos teem olhos e não vêem; elle ficou cego: os idolos teem ouvidos e não ouvem; elle ficou surdo: os idolos teem lingua e não fallam; elle ficou mudo: cego á luz, surdo á voz, mudo á força da razão a que não podia resistir, nem queria ceder.

Convence i converte cii coenta philo phos.

Não ha cabeças mais duras de penetrar e converter que as coroadas: e se o rei ou tyranno por dentro é máu e vicioso e por fóra hypocrita e devoto, estas apparencias de religião, com que se justificam, os indurece e obstina mais. Taes hão de ser as artes do Anti-Christo na falsa introducção da sua divindade; e taes eram em Maximino sem artificio o zelo e veneração da que cria nos seus deuses e negava e blasphemava em Christo. Com tão pouca esperança de vencer, começou a primeira aventura de Catharina: o que ella não extranhou: porque na empreza do seu heroico *Si forte* sempre levou os olhos postos nas duas faces da contingencia, uma alegre, outra adversa; uma vencedora, outra não. Comtudo, depois que o imperador fallou e ouviu, se não alcançou d'elle a inteira victoria, conseguiu par-

te d'ella. E qual foi? (Porqué nem o mesmo imperador o intendeu). Foi que se o não fez catholico da nossa fé, fel-o hereje da sua. Alcançou d'elle modesta e sabiamente a Sancta, que entre ella e seus philosophos se disputasse publicamente a questão da verdadeira ou falsa divindade dos deuses. E aqui fraqueou a astucia do imperador e se viu a subtileza de Catharina: porque o que se pôi em questão e disputa egualmente, se pôi em duvida; e quem duvida da sua fé, qualquer que seja, já é hereje d'ella. Appareceram, emfim, os philosophos em uma sala, que era o theatro da famosa disputa, não menos em numero que cincoenta; e tão varios cada um nos trajos e no mesmo aspecto, como nas seitas. Não se viam alli armas, posto que todas as universidades tinham destinados áquella campanha os seus Achilles. Affrontaram-se elles de haver de contender em lettras com uma mulher: não desmaiando, porém, ella de vencer a tantos homens de tanta fama e tanta presumpção, que todos se estimavam «invenciveis.» Assim tinha cada um por invulneravel a sua seita e inexpugnavel ás outras. Para abbreviar, pois, o conflicto e não ter suspensa a espectação dos circumstantes todos se comprometteram na sabedoria de um, o mais velho e veneravel, de mais celebrada opinião. Fallou este e com egual arrogancia e eloquencia ostentou por largo espaço quanto sabía. Mas Catharina, sem desprezar a pompa das palavras, nem temer o estrondo dos argumentos, com modestas e vivas razões desfez e desbaratou tudo com tal evidencia, que o philosopho compromissario do duello, attonito e pasmado, se rendeu; e convencido se lançou a seus pés. Os demais, já convencidos n'elle, com o mesmo assombro do que ouviram e ignoravam, não só conheceram inteiramente a verdade; mas não podendo reprimir com o silencio os impulsos d'ella, sem pejo do imperador presente e de toda a Alexandria e com affronta de todas as escholas da Grecia, confessaram publicamente a falsidade dos deuses e a unica divindade do Crucificado Jesus Christo.

Compara-se a Sancta com S. Miguel. 1 Cor. 9 Isai. 14 Apoc. 12

Esta publica confissão foi o maior triumpho da victoria de Catharina: maior contra Democritos e Diogenes sem espada, que se fôra contra Scipiões armados. As batalhas mais invenciveis são as do intendimento: porque onde as feridas não tiram sangue, nem a fraqueza se vê pela côr, nenhum sabio se confessa vencido. Diz S. Paulo que a sciencia incha: *Scientia inflat;* e não só é difficil sem graça muito singular sciencia sem inchação; mas sempre a inchação é maior que a sciencia. A maior sciencia e o maior intendimento que Deus creou entre homens e anjos foi o de Lucifer; mas ainda foi maior a sua in-

chação e soberba: *Similis ero Altissimo*. Contra esta rebellião se deu no céu aquella grande batalha de intendimentos: *Factum est praelium magnum in coelo*. Saiu vencedor Miguel, ficou vencido Lucifer: mas de que modo vencido? Com tal inchação e soberba do seu saber e tão namorado do mesmo intendimento que o cegou, que antes quiz cair do céu, que descer-se da sua opinião. Ha mais de seis mil annos que arde no inferno Lucifer e ha de arder por toda a eternidade, só por não admittir um instante em que confesse que errou. Á vista d'esta desventura do céu, triumphe mais, ó Catharina, o *Si forte* das vossas aventuras. Maiores circumstancias teve esta victoria vossa, que a do capitão general de Deus na batalha do empyreo. A sua partiu-se entre o céu e o inferno; a vossa inteiramente toda foi do céu. Na sua ficaram só no céu duas partes das tres jerarchias, que foram as vencedoras; e a terceira vencida foi precipitada no inferno: na vossa só foram cincoenta os que vieram á batalha e todos cincoenta pisaram o inferno e voaram ao céu, cujas portas vós lhes abristes e nenhum ficou de fóra. Mais ainda. Quando no céu á voz de Miguel—*Quis sicut Deus?*—se partiram os dous exercitos, um victorioso, outro caido, houve anjos e archanjos, houve principados e potestades, houve cherubins e seraphins, houve em fim em todos os nove coros dos espiritos celestiaes, muitos que seguiram a seita de Lucifer. Porém á voz de Catharina (que tambem foi contra os falsos deuses—*Quis ut Deus?* quem como o Deus verdadeiro?—sendo tantas e tão varias as seitas dos philosophos, como elles mesmos, nenhum houve (fineza não vista no céu) que deixasse a propria. Antes se viu n'aquella uniforme conversão ou divino metamorphose uma singular maravilha ao entrar e ao sair do mesmo theatro. E foi que ao entrar, uns philosophos eram platonicos, outros peripateticos, outros academicos, outros cinicos, outros estoicos, outros pythagoricos, outros epicureos, outros gnosticos e os demais; e ao sair, pelo nome da nova eschola e da nova mestra todos eram e se podiam chamar catharinos. Tão «valoroso» e de um só rosto foi n'esta segunda aventura, sem duvida nem excepção, o seu glorioso: *Si forte*.

Na sua prizão converte a mesma imperatriz.

IX. Affrontado Maximino pelo seu descredito e muito mais pela injuria e ignominia dos seus deuses conhecidos por falsos; para se vingar da fraqueza dos philosophos e do valor da que os vencera, resolveu barbaramente matar a todos, mas não com a mesma morte: os philosophos á espada, Catharina á fome. Mandou-a metter ou sepultar em um carcere subterraneo escuro e medonho, com comminação e pena capital ás guardas, que

ninguem lhe désse de comer. Tudo isto era accrescentar trombetas á fama e novos applausos á gloria de Catharina: «porque» desejando a mesma imperatriz conhecer e ver com seus olhos antes que morresse uma mulher de tão sublimes espiritos, delibera-se a ir em pessoa e descer secretamente ao mesmo carcere. Mas reparae, senhora, no que fazeis; porque descer a essa masmorra não póde ser sem o mesmo perigo que «encontraram os philosophos que se avistaram com Catharina. Assim foi; e e isto mesmo a movia a graça divina por intercessão da Sancta». Desceu a imperatriz ao carcere, imaginando que veria a Catharina pallida e macilenta, secca e consumida; porém a Sancta estava tão viva e tão a mesma nas forças, no vigor, na cór e na formosura, como quando alli entrara. Affeiçoada com este milagre e ouvindo a celestial eloquencia de Catharina «ficou ella tão persuadida da verdade da religião christã e tão horrorizada dos erros do paganismo» que já não era gentia nem imperatriz, senão christã e escrava de Christo. Por isso teve resolução e constancia para d'alli se ir presentar a Maximino. declarando-lhe que era christã e exhortando-o a que o fosse tambem. Oh como se podera então gloriar Catharina no seu carcere, que, se d'antes lhe não pôde conquistar toda a alma ao imperador, agora lhe tinha conquistado ametade! Mas elle, porque todo o amor que devia a esta natural ametade, como esposa, era muito menor que o odio que tinha a Christo; como máu marido a privou do thalamo, como máu imperador da corôa, e como pessimo e cruelissimo tyranno, da vida. Morreu a imperatriz, trocou a sua corôa pela de martyr, e abrindo-se-lhe de par em par, como a tão grande princeza, as portas do céu «foi dar graças a Deus pae das misericordias, que se mostra em seus sanctos tão maravilhoso». Esta foi a terceira aventura do animosissimo *Si forte* o qual eu considero tão admirado como triumphante, reconhecendo por ventura maior a victoria que a mesma sua esperança.

Converte tambem 200 soldados romanos Difficuldade d'esta empreza.

X. Se a fome da salvação das almas não fôra insaciavel em Catharina, já ella se dera por satisfeita com ter ganhado para Christo tantas, tão illustres e tão alheias de sua fé. Mas como tivesse cercado o seu carcere um corpo da guarda de duzentos soldados romanos, governados por Porphyrio, capitão do imperador, as muitas almas d'este grande corpo lhe excitaram e animaram o fervoroso espirito a que tambem imprehendesse sua salvação. Eu confesso que lhe não aconselhara tão duvidosa empreza; porque não podesse acontecer que a natural inconstancia do *Si forte*, nunca segura, pozesse a ultima clausula a proezas tão illustres com algum fim menos glorioso. Muito mais

difficultoso é haver de vencer soldados, que ter convencido philosophos. Os soldados não se vencem com argumentos de palavras, senão com syllogismos de ferro. Para os mais subtis de intendimento o capacete lhes defende a cabeça; e para os mais brandos de vontade a malha e o arnez lhes endurecem o peito. Toda a força que tem o philosopho consiste em a razão; e toda a razão do soldado consiste na força. Só á maior força, só á maior violencia, só ao maior poder, se abatem as bandeiras e rendem as armas. Alma e salvação são as duas cousas mais precisas; e por isso as que causam maior medo de se perderem: mas para quem tem piedade de uma e fé da outra; e do soldado diz o proverbio: *Nulla fides pietasque viris qui castra sequuntur.* «Pelo menos assim o podia suppor Catharina». Comtudo nenhuma d'estas considerações foram parte para que desistisse do seu pensamento, maior que todas ellas. S. Paulo dizia que as suas prisões, ainda que o atavam a elle, não atavam n'elle a palavra: *Laboro usque ad vincula; sed verbum Dei non est alligatum.* Assim tambem Catharina. Ella estava presa: mas a palavra de Deus n'ella tão livre, tão efficaz e tão poderosa, que a todos os soldados que guardavam a sua prisão fez seus prisioneiros. O menos que elles fariam era pôr a Sancta em sua liberdade: mas ella queria-lhes abrir a elles as portas do céu, e não que elles lhe abrissem a do carcere. Todos se salvaram, todos renunciaram o imperador da terra, todos se fizeram christãos: maravilha que só póde encarecer, ponderando que eram soldados o soldados romanos. Todos os soldados que concorreram na paixão de Christo eram da milicia romana, que presidiavam a Judéa; e que fizeram? No Horto os soldados e cabo da escolta de Judas prenderam a Christo e atado o levaram a Annás. No Pretorio os soldados da guarda de Pilatos convocaram contra Christo toda a esquadra. No palacio de Herodes os soldados do seu exercito e o mesmo rei o desprezaram e affrontaram. Remettido outra vez a Pilatos, os soldados lhe teceram a corôa de espinhos, lhe vestiram a purpura de escarneo e pozeram o sceptro de cana na mão, como aquelles que se prezam de ter na sua as purpuras, os sceptros e corôas dos reis. No Calvario os soldados crucificaram a Christo: os soldados o blasphemavam com os principes dos sacerdotes: os soldados lhe repartiram os vestidos e jogaram a tunica, como gente que para ter que jogar, despira a Christo, e os seus altares. Finalmente depois de morto Christo o que se atreveu sobre toda a deshumanidade a lhe romper o peito com a lançada, tambem foi um dos soldados.

Os soldados romanos considerados na paixão do Salvador e na prizão da Sancta.

Isto foi o que obraram contra Christo em Jerusalem a impie-

dade e perfidia dos soldados romanos; e d'esta infamia os desaffrontaram a elles e a si os soldados tambem romanos em Alexandria. Em Jerusalem o crucificaram, em Alexandria o adoraram: em Jerusalem negaram a Christo, em Alexandria o confessaram: em Jerusalem lhe derramaram o sangue, em Alexandria derramaram o seu por elle; em Jerusalem lhe tiraram a vida e em Alexandria lhe sacrificaram não uma senão duzentas vidas. O maior dia que houve no mundo foi o da paixão e morte de Christo; e no dia em que manava das suas veias e corria por cinco fontes a salvação, de toda a milicia romana «não sabemos certamente que se convertesse, senão» só o centurio que disse: *Vere Filius Dei erat iste.* Era capitão de uma companhia de cem soldados: que isso quer dizer Centurio: mas de cem soldados «só elle é certo» que se converteu em tal dia. E honrou o mesmo Christo tão admiravelmente e quasi incrivelmente a morte de Catharina, que no dia em que ella morreu não só se converteu por seu meio Prophyrio, capitão de duas centurias; mas sendo duzentos os seus soldados «nos diz a historia» que todos receberam concordemente a doutrina da nossa fé; todos com o mesmo valor se sujeitaram ao martyrio, sem vacillar nos tormentos; todos deixaram escripto com o proprio sangue o testimunho infallivel da sua victoria; todos, em fim, sem faltar um só, se salvaram.

A Sancta no tormento da da roda a qual desarma sobre seus inimigos.

XI. Esta foi a famosa historia, parte natural e humana, parte sobrenatural e divina, que sobre o *Ne forte* do evangelho nos motivou a roda de Sancta Catharina. Só nos resta saber qual foi a mesma roda e que volta deu. Attonito e raivoso Maximino das victorias de Catharina, para se vingar e as vingar n'ella, determinou inventar um novo genero de martyrio e tormento, em que excedesse os de Nero e Diocleciano e os de todos os tyrannos seus successores. Mandou, pois, fabricar a machina de uma roda, armada por toda a circumferencia de dentes ou pontas de ferro agudas, em forma de navalhas, as quaes, movendo-se no mesmo tempo, executassem em qualquer volta o que os braços de muitos algozes não podiam. As primeiras voltas feririam com innumeraveis golpes o corpo da Sancta: as que se seguissem, depois que não houvesse n'ella parte sã, feririam as feridas, como falla S. Cypriano; e as ultimas, quando não restassem já mais os ossos, os cortariam e desfariam de sorte, que de todo aquelle formoso composto, mais de alabastro que de carne, nem ficasse a similhança. Oh cegueira humana, grande em todos os homens e nos tyrannos e perseguidores dos bons, maior e mais rematada; pois não tem olhos para ver que onde machinam a ruina alheia fabricam a sua! Antigamente ha-

via uma invenção ou artificio de arcos cujas settas depois de despedidas, como se tivessem uso de razão, as suas pennas voltavam com dobrada força as pontas e feriam a quem as atirava. [1] Eu não intendo a arte com que isto podia ser; posto que nas historias ecclesiasticas se leiam muitos milagres similhantes. Mas tenho para mim que é justa providencia do governo divino, que as traições e maldades sejam traidoras a seus proprios auctores; e voltando retrogradamente vão buscar a cabeça que as machinou e lhe dêm a devida paga. Todos sabemos que a machina da roda de Sancta Catharina com impulso superior e movimento contrario desarmou sobre seus inimigos. E se, quando a Sancta estava posta em uma roda, Maximino tivesse olhos para ver que estava em outra, póde ser que se não atrevesse á Sancta. Estava Catharina na roda do seu tyranno, que era o imperador: estava o imperador na roda da sua tyranna, que era a fortuna; e quando cuidou que a da Sancta lhe espedaçasse o corpo, a sua lhe espedaçou o imperio.

O imperador na roda da fortuna e o seu imperio despedaçado.

XII. É esta uma observação, que me admiro não fizessem aqui os historiadores na combinação dos tempos. Eu a farei (para que acabemos com a roda da fortuna. como começámos); e é, que no mesmo anno foi martyrizada Sancta Catharina, no mesmo entrou a imperar Maximino, e no mesmo anno começou a fatal declinação e ruina do imperio romano. Imperando Galerio Maximiano em Roma e conhecendo por muitas experiencias que uma monarchia tão vasta não podia ser bem governada por um só homem (o que já tinha antevisto o mesmo Julio Cesar seu fundador, quando lhe difinia certos limites); determinou dividil-a em duas partes e duas cabeças, como com effeito a dividiu em dous imperadores e dous imperios: um chamado occidental, de que continuou a ser cabeça Roma; outro chamado oriental, de que começou a ser cabeça Constantinopla; e foram os dous novos imperadores do occidente Severo e do oriente Maximino, ambos tyrannos; mas com os nomes trocados; porque Maximino não só foi severo, senão o extremo da severidade e da sevicie.

D'aqui veem as duas cabeças da aguia imperial.

Por esta occasião a aguia, insignia das bandeiras romanas, que até então tinha uma só cabeça, começou a apparecer com duas, como hoje a vemos; posto que é mais facil copiar o pintado, que restaurar o verdadeiro. E como a divisão em todas as communidades de homens e de corôas é indicio fatal de de-

[1] Assim o suppõi David, chamando a este instrumento Arco pravo: *Conversi sunt in arcum pravum.* (Ps. 77) E assim contesta com elle Oseas, chamando-lhe Arco doloso: *Facti sunt quasi arcus dolosus.* (cap. 7.)

dade e perfidia dos sold[illegible] imperio e aguia romana a di-
affrontaram a elles e [illegible] o propheta Daniel o tinha mos-
xandria. Em Jer[illegible] das duas cabeças da aguia, senão
ram: em Jer[illegible]
fessaram: e[illegible] odonosor formada das quatro monar-
dria derr[illegible] successivamente haviam de florescer no
vida e er[illegible] ouro significava o imperio dos assyrios, o
vidas. C[illegible] imperio dos persas; o ventre de bronze o im-
te de [illegible] e o resto de ferro até os pés o imperio dos
ria r[illegible] porque bastou que tocasse os mesmos pés uma pe-
sal[illegible] do monte sem mãos, para que caisse toda a es-
q[illegible] mesmo imperio romano, e as outras monarchias que
[illegible] successão se continuavam, ficassem convertidas em
[illegible] porque n'aquelles dous pés, divididos entre si e cada pé
[illegible] em cinco dedos, e cada dedo dividido em ferro e bar-
[illegible] o seu ultimo complemento a divisão do imperio roma-
no. E assim como nas duas cabeças da aguia em que começou
a divisão do mesmo imperio, começou a sua declinação; assim
na divisão dos dous pés da estatua em que teve o ultimo com-
plemento a sua divisão, teve tambem o ultimo fim a sua ruina.
De sorte (reduzindo a conclusão aos termos da nossa metapho-
ra) que a roda da fortuna do imperio romano, na divisão das
duas cabeças da aguia começou a voltar, e na divisão dos dous
pés da estatua acabou a volta «e n'ella a sua grandeza». [1]

Acabaram-se as guerras e victorias romanas, não só fechados, mas quebrados para sempre os ferrolhos da porta de Jano.

[1] Agora havemos de ouvir Plutarcho, famoso philosopho grego, que não é dos que convenceu Catharina, porque floresceu muito antes: mas eu o quero convencer a elle, digno de se ouvir n'este caso. Excitando Plutarcho e disputando uma questão sobre a fortuna do imperio romano, diz assim: A fortuna depois de deixar os persas e assyrios, depois de voar levemente pela Macedonia e rejeitar Alexandre e os que no Egypto lhe succederam, depois de andar pela Syria levantando e desfazendo reinos e se deter, já prospera, já adversa com os cartagineses; passando finalmente ao Tibre chegou ao capitolio romano; e alli arrancou dos hombros as azas maiores e descalçou dos pés as menores: alli se despojou e desarmou do globo ou da roda variavel e inconstante; isto é, em Roma, fez o seu perpetuo assento para n'ella perseverar e morar sempre firme e sem mudança—Isto é o que disse Plutarcho; e isto o que criam os imperadores romanos, os quaes sobre esta fé fundaram de ouro uma estatua da sua fortuna e a collocaram no mesmo aposento onde elles dormiam; como que podessem dormir seguros; pois a fortuna lhes guardava o somno; e quando algum imperador morria, passava e era levada a mesma estatua ao successor; mostrando a vaidade e superstição dos que chegavam a alcançar a corôa romana, que podiam testar a fortuna, como de patrimonio hereditario e proprio. Estava isto escripto nos seus annaes, como oraculo dos

Acabaram-se os capitolios: acabaram-se os consulados: acabaram-se as dictaduras: acabaram-se para os generaes as ovações e os triumphos: acabaram-se para os capitães famosos as estatuas e inscripções: acabaram-se para os soldados as corôas civicas, muraes e rostradas: acabaram-se, em fim, com o imperio os mesmos imperadores; e só vivem e reinam, ao revez da roda da fortuna, os que elles quizeram acabar. Acabou Nero; e vivem e reinam Pedro e Paulo. Acabou Trajano; e vive e reina Clemente. Acabou Marco Aurelio; e vive e reina Polycarpo. Acabou Vespasiano; e vive e reina Apollinar. Acabou Valeriano; e vive e reina Lourenço. Acabou, em fim, Maximino; e vive e reina Catharina; elle e os outros imperadores, porque se fiaram falsamente do imperio sem fim: *Imperium sine fine dedi*; e ella com os seus e com os outros martyres, porque reinam e hão de reinar por toda a eternidade com Christo no rei-

deuses: isto celebravam os seus poetas, os bucolicos com frautas pastoris á sombra das faias: os heroicos com trombetas marciaes em assombro das outras nações; e assim o cantou com elegante mentira o maior de todos quando disse: *His ego nec metas rerum nec tempora pono. Imperium sine fine dedi.*

Agora podera eu perguntar aos imperadores romanos ou dormindo ou accordados, onde está aquella sua fortuna de ouro? Foi volta da mesma fortuna verdadeiramente lastimosa. Quando Alarico sitiou a Roma, viram-se os romanos tão apertados, que houveram de remir a dinheiro o levantar o sitio; e então entre o ouro e prata das outras estatuas de seus deuses, foi tambem batido em moeda o ouro da sua fortuna. Assim dormiam seguros os que se fiavam da fé de uma traidora e da vigilancia de uma cega. Mas eu só quero confundir e envergonhar a Plutarcho com as palavras da sua mesma lisonja. Diz que depoz a fortuna ao pé do Capitolio a roda. E quantas vezes a tornou a tomar e lhe deu taes voltas na Italia e dentro da mesma Roma, que metteu a que era cabeça do mundo debaixo dos pés de Atlila e Totila, inundada de godos e hunos, de suevos e alanos e de tantos outros barbaros? Diz do mesmo modo que tambem depoz alli a fortuna as azas. E quantas vezes as tornou a tomar e voou ás Germanias, ás Gallias e ás Hespanhas, que Roma imaginava pacificamente sujeitas com os presidios das suas legiões, contra as quaes, porém, se levantaram então aquellas mesmas nações, como tão altivas e bellicosas, não só restituindo-se cada uma ao que era seu; mas cortando ás aguias romanas as unhas com que lh'o tinham roubado? Diz mais, que em Roma fez a fortuna o seu assento para n'ella morar perpetuamente. E se no interior da mesma Roma recorrermos ás cousas de maior duração, quaes são os marmores; quantos annos e quantos seculos ha, que dos mesmos marmores levantados em obeliscos e arcos triumphaes se vêem só as miseraveis ruinas ou meio sepultadas já, ou cobertas de hera? Finalmente aquelle imperio sem fim a que a fortuna não poz metas ou limites alguns, nem á grandeza nem ao tempo; diga-nos a mesma fortuna onde está e onde o tem escondido? Busque-se em todo o mundo o imperio romano e não se achará d'elle mais que o nome.

no que verdadeiramente não ha de ter fim: *Cujus regni non erit finis.*

O mesmo tyranno Maximino nos ensina as graças que devemos a Deus pela victoria.

XIII. Bem acabava aqui o sermão; se nos não faltara uma circumstancia tão essencial de todo o assumpto, como é a acção de graças. Não posso deixar de dizer sobre este poncto uma palavra; e será só uma, para emenda da brevidade mal observada, que prometti ao principio. Mas qual parte, ou qual pessoa da nossa historia nos dará este documento? Para maior exemplo do agradecimento e maior horror da ingratidão, não quero que seja Sancta Catharina, nem os philosophos ou soldados convertidos, nem a mesma imperatriz, senão de quem menos se podia esperar, o imperador Maximino. Já vimos como o primeiro motivo d'està gloriosa tragedia foi o bando e edicto de Maximino, em que, sob pena da vida, mandou que todos os subditos do seu imperio, pelos beneficios com que os deuses o tinham favorecido e prosperado, lhes viessem dar graças e offerecer sacrificios. E que diremos de tal edicto? Em quanto impio, cruel e sacrilego, foi tyranno, gentio, barbaro e idolatra. Mas em quanto reconhecido a uma mão superior e divina, de quem confessava haver recebido os beneficios, foi de homem racional, prudente e religioso, posto que enganado.

Sendo o nosso maior perigo a ingratidão imitemos os israelitas nas praias do mar Vermelho e não no deserto. *Exod.* 32 *Job.* 31 *S. Bern. epist.* 107

E seria bem que na occasião da victoria presente se contentasse a nossa fé com as demonstrações e applausos exteriores, sem dar muito de coração as devidas graças áquella Soberana Majestade. que, sendo Senhor de todas as cousas, tomou por nome particular o de Senhor dos exercitos? Oh quanto importa em similhantes casos o sermos agradecidos a Deus e quanto se póde arriscar, se lhe formos ingratos! Quando os filhos de Israel de outra parte do mar Vermelho nos despojos do exercito de Pharaó que o mesmo mar lançara á ribeira, reconheceram a sua victoria e a segurança da sua liberdade, o que fez Moysés com todos os homens, e Maria, irmã do mesmo Moysés, com todas as mulheres, foi, repartidos em dous coros, cantar publicamente a Deus os louvores de tamanha victoria, e dar-lhe as devidas graças e glorias, como unico auctor d'ella. Ditosos elles, se assim perseveraram agradecidos! Mas indignos e inimigos da sua propria felicidade (porque pouco depois trocaram o verdadeiro agradecimento na mais impia, mais barbara e mais cega ingratidão), do mesmo ouro, de que tinham despojado o Egypto, fundiram o idolo fatal do bezerro; e esquecidos do que pouco antes tinham visto e confessado, com novas festas e musicas roubaram outra vez a Deus as graças e louvores que lhe tinham dado, atrevendo-se a dizer e apregoar sem nenhum pejo: Estes são os deuses que te deram a victoria e

te libertaram do poder dos egypcios: *Hi sunt dii tui qui te eduxerunt de terra Aegypti*. E quantos hoje em Portugal (para que nos espantemos mais de nós) estão dando as graças d'esta victoria cada um ao seu idolo? Uns á sua sciencia militar, outros á sua disposição, outros ao seu conselho, outros ao seu valor, outros aos seus soccorros; e confirmando todos isto com certidões, que, ainda que por uma parte não sejam falsas, por outras são blasphemas. Pois não é verdadeira blasphemia tirar a Deus o que é de Deus? Dizia Job que pelas mercês recebidas de Deus não se beijava a mão a si mesmo: *Si osculatus sum manum meam*. E quem beija as suas mãos, posto que tivessem muita parte na victoria, saiba que as mãos assim beijadas perdem, quando menos, o fructo d'ella, como o perderam os filhos de Israel. Depois d'aquella victoria podiam chegar em poucos dias á terra de promissão; e porque a não attribuiram a Deus, cuja era, de seiscentos mil que sairam do Egypto, só dous, que foram Josué e Caleb, conseguiram o fim da jornada; e todos os outros em espaço de quarenta annos ficaram sepultados no deserto. Se formos agradecidos a Deus por esta victoria nos dará outras victorias e por esta graça outras graças. E se pelo contrario formos ingratos não só perderemos a mercê recebida; mas ella, como diz S. Bernardo, nos perderá a nós: *Studete potius gloriam vestram referre ad illum a quo est, si non vultis eam perdere, aut certi perdi ab ea.*

(Ed. ant., tom. 11.°, pag. 1, ed. mod. tom. 9, pag. 265.)

SERMÃO HISTORICO E PANEGYRICO

NOS ANNOS DA RAINHA D. MARIA FRANCISCA ISABEL DE SABOYA

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Para intender, explicar e ainda desculpar algumas paginas d'esta douta e eloquente, oração que é do anno de 1668, é necessario ter deante dos olhos as graves desordens do reinado de D. Affonso VI, ás quaes no mesmo anno se achara remedio com o divorcio da rainha.

Paraclitus autem Spiritus Sanctus quem mittet Pater in nomine meo ille vos docebit omnia.
S. JOAN. 14.

Dar graças e pedir graças é o assumpto do sermão.

Dar graças e pedir graças (muito altos e muito poderos principes e senhores nossos), dar graças e pedir graça é o assumpto grande d'este dia. Dar graças pelo anno presente, pedir graça para os annos futuros. Por isso a solemnidade e o evangelho nos levam ao Auctor de toda a graça o Espirito Sancto: *Spiritus Paraclitus ille vos docebit omnia.*

Quaes os dias longos e quaes os grandes.

Assumpto grande chamei ao d'este dia, (deixada por agora a segunda parte d'elle), não só porque n'este dia com tão devidas demonstrações de alegria festejamos os felizes annos da rainha serenissima (que Deus guarde por muitos); senão porque n'este dia se cerra venturosamente aquelle grande anno, tão grande que nem Portugal o teve egual, nem o mundo «desde muito» o viu maior. Os annos e os dias do mundo fal-os o curso do sol: os annos e os dias dos reinos, fazem-nos as acções dos principes. O sol póde fazer dias longos: dias grandes só os fazem e podem fazer as acções. Este dia em que se contam vinte e dous de Junho, dizem os mathematicos que é o maior dia do anno. O mais longo deveram dizer e não o maior. O mais longo para o mundo e o maior para Portugal. O mais longo para o mundo, porque o accrescenta hoje o sol com a multiplicacão de poucos minutos: o maior para Portugal, porque o engrandece hoje sua majestade com a memoria

de seus felizes annos, que para serem mais felizes são poucos. Assim que não o sol, senão as acções e os successos são os que fazem os dias grandes.

Quaes os annos pequenos, como os chama o patriarcha Jacob.

Nos annos (que se compoem dos dias) passa o mesmo. Perguntou el-rei Pharaó a Jacob quantos annos tinha; e respondeu sabiamente o velho: *Dies peregrinationis meae centum et triginta annorum sunt, parvi et mali.* Os dias de minha peregrinação, senhor, são cento e trinta annos, pequenos e máus. Não sei se reparais no dizer de Jacob. Não disse que os annos eram poucos e máus; senão, pequenos e máus. Annos máus não é cousa nova em vida tão cheia de miserias como a nossa: mas annos pequenos, parece que não póde ser, porque todos os annos são eguaes. Todos se compoem dos mesmos mezes, todos se contam pelos mesmos dias, todos se medem pelas mesmas horas. Como diz, logo, ou como suppõi Jacob, que ha annos grandes e pequenos: *Parvi et mali?* A segunda palavra é a explicação da primeira. Se os annos são máus, são annos pequenos; se os annos são bons, são annos grandes. Se os annos são máus e os successos adversos e infelizes, são annos pequenos e minguados, como os nossos antigos chamavam as horas menos ditosas; se os annos são bons e os successos prosperos e felizes, são annos grandes, annos accrescentados, annos maiores que os outros annos, como este grande anno e felicissimo que hoje celebramos. Quem quizer ver quão grande foi este anno, olhe para as acções grandes que n'elles se obraram, olhe para os successos grandes que n'elle se viram. Leiam-se os annaes de Portugal e de todos os reinos do mundo: e em muitos centos de annos se não acharão divididas tantas cousas grandes e notaveis como n'este grande anno se viram junctas.

Anno de Deus consolador e mestre para consolação e instrucção de Portugal.

Esta é a grandeza do anno e esta a grandeza da materia. O fundamento que nos dá o evangelho para dar graças a Deus e fallar d'ella são as palavras tambem grandes que propuz no thema: *Paraclitus autem Spiritus Sanctus quem mittet Pater in nomine meo, ille vos docebit omnia.* O Espirito consolador que mandará o Padre em meu nome, diz Christo, esse vos ensinará tudo. De maneira que para conhecimento e agradecimento das grandes mercês que Deus fez n'este grande anno, se nos propõi hoje o Espirito Sancto com nome de Consolador e com officio de Mestre. Com nome de Consolador: *Spiritus Paraclitus:* com officio de Mestre: *Ille vos docebit omnia.* O nome pertence ao attributo de sua bondade, o officio ao attributo de sua sabedoria; e ambos ao proveito e remedio nosso. Mas por que razão n'este anno Consolador; e porque razão n'este anno Mestre? Será porque teve o Espirito Sancto muito que conso-

lar e muito que ensinar n'este anno? Assim foi, assim o vimos, assim o veremos. Supposta, pois, esta verdade dos tempos e esta melhoria e indifferença dos annos, reduzindo todo o assumpto a um elogio breve do anno presente, sera o titulo do sermão este: Anno de Deus Consolador e anno de Deus Mestre: anno de Deus consolador, porque n'este anno sarou Deus nossas desconsolações: anno de Deus Mestre, porque n'este anno ensinou Deus os remedios. É sem glossa nem commento o que está dizendo a letra do mesmo Texto: *Spiritus Paraclitus, ille vos docebit omnia.*

Como se deve ouvir este sermão.

Agora peço attenção e a espero hoje com a benevolencia que se deve ao applauso do dia, com a expectação que merece a extranheza do anno e com a inteireza e indifferença de animos que requer a supposição da materia, a força do assumpto e a obrigação do orador. Nos outros sermões elegemos, n'este seguimos.

A guerra, o casamento, o governo, tres grandes desconsolações remediadas.

II. As desconsolações geraes que padecia Portugal o anno passado e ainda na entrada do presente, se attentamente as consideramos, todas se reduzem a tres: a guerra, o casamento, o governo. Na guerra estava o povo afflicto, no casamento estava a successão desesperada, no governo estava a soberania abatida; e em todas junctas? O reino perigoso e vacillante. Ora vejamos como Deus n'este grande anno, em quanto consolador nos sarou as tres desconsolações: *Spiritus Paraclitus;* e em quanto Mestre nos ensinou para todos tres os remedios, *Ille vos docebit omnia.* Assim como o evangelho nos deu o assumpto em commum, assim dos dará tambem os discursos em particular.

1.ª A da guerra qual a sua natureza.

Começando pela desconsolação da guerra e guerra de tantos annos, tão universal, tão interior, tão continua; oh que temerosa desconsolação! É a guerra aquelle monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas; e quanto mais come e consome, tanto menos se farta. É a guerra aquella tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as villas, os castellos, as cidades; e talvez em um momento sorve os reinos e monarchias inteiras. É a guerra aquella calamidade composta de todas as calamidades, em que não ha mal algum, que, ou se não padeça, ou se não tema; nem bem que seja proprio e seguro. O pae não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem seguro o seu suor, o nobre não tem segura a honra, o ecclesiastico não tem segura a immunidade, o religioso não tem segura a sua cella; e até Deus nos templos e nos sacrarios não está seguro. Esta era a primeira e mais viva desconsolação que padecia Portugal no principio d'este mesmo anno.

Faz com que Deus nos console. Sancto Agostinho. *In Joan.* 14 *tract.* 77

Mas que bem nol-a consolou Deus com a felicidade da paz, de que nos fez mercê! Assim o diz o Texto do evangelho: *Pacem relinquo vobis, pacem meam do vobis, non quomodo mundus dat, ego do vobis.* Deixo-vos a paz, diz Christo; mas não vol-a dou como a dá o mundo. O que reparo n'estas palavras é, que parece nos dá Christo a mesma cousa duas vezes; e que de uma mercê faz dous beneficios, ou de um beneficio duas dadivas. Na primeira clausula dá-nos a paz: *Pacem relinquo vobis:* na segunda clausula torna-nos a dar a paz: *Pacem meam do vobis.* Pois se a paz é a mesma; porque nol-a dá duas vezes? Nem é a mesma, nem nol-a dá duas vezes, disse e notou agudamente Sancto Agostinho. Na primeira clausula dá-nos a paz: na segunda clausula dá-nos a paz sua: o ser a paz sua, ou não ser, é grande differença de paz. A paz não sua é a paz que dá e póde dar o mundo: a paz sua é a paz que só dá e póde dar Deus; e esta é a paz que Christo promette no Evangelho e a que nos deu n'este feliz anno: *Non quomodo mundus dat, ego do vobis.* E senão, vejamos se foi paz sua por todas as circumstancias d'ella.

A lucta de Jacob com o anjo (*Gen.* 32) figura da lucta de Portugal com a Hespanha Só Deus lhe podia dar a victoria.

A mais propria figura da nossa guerra e da nossa paz, foi, a meu ver, a lucta de Jacob com o anjo; e a primeira propriedade da historia é a desproporção e deseguualdade dos combatentes. De uma parte Jacob de tão limitada estatura: da outra parte o anjo de tão desmedida esphera. A esphera do menor anjo é sem proporção maior que a estatura do maior homem; e tal é no mappa do mundo o nosso Portugal, comparado com o resto de toda a Hespanha. E que sendo Portugal o Jacob, que sendo Portugal tão pequeno, nem ficasse vencido do poder, nem opprimido da grandeza de um contrario tão enormemente maior! Só Deus o podia fazer. Viu Eleazaro aquelle portentoso elephante dos assyrios que trazia sobre si um castello armado; atreve-se mais que ousadamente a acommettel-o, crava-lhe pelo peito com ambas as mãos o montante: mas que succedeu? Caiu morta sobre elle o machina do vastissimo bruto; e ficou Eleazaro opprimido de sua mesma victoria e sepultado (como diz Sancto Ambrosio) no seu mesmo triumpho. Tal é a fortuna e o fim dos pequenos, quando se atrevem sem proporção aos excessivamente maiores. Os pequenos, ainda quando vencem, ficam debaixo: os grandes, ainda quando são vencidos, caem de cima. Quem é o elephante que traz sobre si o castello armado, senão Hespanha com os castellos de suas armas? Atreveu-se Portugal mais que animosamente á desegual empreza: mas como Deus pelejava por elle e n'elle, não ficou victorioso e morto como Eleazaro, senão vencedor e vivo como Jacob.

Como foi que este a conseguiu.

O genero da peleja do anjo com Jacob foi lucta: *Ecce vir luctabatur cum eo*. Tambem foi lucta a guerra de Hespanha com Portugal. Não é certo que Hespanha abraçava e abarcava por todas as partes a Portugal, desde Guadiana ao Minho, desde Ayamonte a Tuy? Mas sendo Hespanha a que nos abraçava a nós, nós eramos os que a apertavamos a ella. Catalunha estava cercada de Hespanha por uma parte; mas tinha outra parte aberta e livre para receber, como recebia, os grandes soccorros da França. Hollanda estava cercada de Flandres por uma parte; mas por outra e muitas outras, estava tambem livre e aberta para os soccorros da mesma França, de Allemanha, de Inglaterra, do mundo. E qual foi o fim d'estas duas guerras? Catalunha, porque estava tão perto, não pôde prevalecer; e Hollanda, se prevaleceu, foi porque estava tão longe.

A victoria de Portugal e a espada com que David cortou a cabeça ao gigante. *Vide Bas. Sel. orat.* 15

Eis aqui a vantagem gloriosa de Portugal sobre todos. Prevaleceu Portugal, prevaleceu Hollanda: mas Hollanda de longe, nós de perto. Sái a desafio David com o gigante, mette a pedra na funda; dá uma volta ao redor da cabeça; em fim dispara, fere, derriba: põi-se de dous saltos sobre o gigante, e cortando-lhe com sua propria espada a cabeça, entra triumphando por Jerusalem e pendura no templo a victoriosa espada. Aqui a minha duvida. Já que David pendura no templo a espada; porque não pendura a funda? Se a espada cortou a cabeça ao gigante, a funda derrubou ao gigante pela cabeça. Pois, porque não fez tropheu da funda, como fez tropheu da espada? Porque a funda tirou e venceu de longe, a espada cortou e venceu de perto. Hollanda e Portugal foram o David: Hespanha era o gigante. Mas a victoria de Hollanda foi a da funda; a victoria de Portugal foi a da espada. Entre Hespanha e Hollanda havia trezentas leguas de mar e terra; entre Hespanha e Portugal uma só linha mathemathica. Esconda-se logo a funda e metta-se outra vez no surrão e pendure-se no templo a espada.

Gloria de Portugal em não pedir a paz e só acceital-a. *Luc.* 14

Apertado de Jacob, o anjo resolve de lhe pedir pazes: *Dimitte me:* Jacob, deixa-me. Infinitas graças vos sejam dadas, Senhor. No principio da guerra só queriamos que Hespanha nos deixasse: no fim da guerra, pede-nos Hespanha que a deixemos: *Dimitte me*. Mas que responde Jacob ao anjo? *Non dimittam te, nisi benedixeris mihi:* que o não ha de deixar, se lhe não conceder quanto quizer. Basta, que o maior pede pazes e que o menor põi as condições? Quem podera fazer este trocado senão Deus? O mesmo Deus o diga. Na parabola *Si quis rex iturus committere bellum adversus alium regem*, introduz Christo dous reis postos em armas, um menos poderoso, outro com mais

poder; um que se acha com dez mil soldados, outro com vinte mil. Pergunto: E para estes dous reis virem a condições de paz, qual d'elles é o que deve pedir, como e quando? O menos poderoso (diz Christo), é o que ha de mandar embaixada; o menos poderoso é o que ha de rogar e pedir a paz; o menos poderoso é o que ha de acceitar os partidos e se ha de contentar com os que lhe concederam; e isto não depois, senão antes de virem ás mãos. Não podemos negar que para cada cidade de Portugal tem Hespanha um reino. E que Hespanha fosse a que mandou embaixador? Que Hespanha fosse a que propoz e pediu a paz? E que Portugal pelo contrario seja o que difficultou as condições! Que Portugal seja o que pleiteou as egualdades! Que Portugal seja o que dizia o *não* e mais o *senão*: *Non dimittam, nisi benedixeris mihi!* E tudo isto com magestade e soberania reciproca e com reconhecimento de rei a rei: *Si quis rex adversus alium regem!*

Ainda fez mais Deus, para que nos não faltasse a preferencia e melhoria do logar: *Et benedixit ei in eodem loco.* Concedeu o anjo e veio em todas as condições que quiz Jacob: mas aonde? *In eodem loco,* no mesmo logar de Jacob; no mesmo logar onde Jacob estava antes da lucta. Um dos escrupulos mais pleiteados entre os principes para os tractados de paz, é a circumstancia e eleição do logar. Assim como nos desafios se parte o sol, assim em similhantes congressos se partem as terras, os mares, os rios. Na ultima paz de França com Hespanha, que se chamou dos Pyreneos, o logar em que se ajunctaram os primeiros ministros de ambas as corôas, foi no meio do rio Vidasso, que é a raia ou a baliza sempre inquieta com que a natureza dividiu a Hespanha da França. Até a nossa suspensão de armas em Lapella se ajustou, de exercito a exercito, em uma ilhota do Minho. Mas para as pazes de Portugal nem se partiu a corrente do Guadiana, nem se mediu a ponte do Daya. A Lisboa se vieram tractar as pazes, em Lisboa se capitularam, em Lisboa se firmaram e a Lisboa se trouxeram ratificadas. Entrevieram no tractado tres corôas, as quaes parece esteve retractando e pondo em seus logares o Ecclesiastico em tres arvores jeroglyphicas maravilhosamente. Note-se a ordem e os nomes, que são muito para notar: *Quasi palma exaltata sum in Cades, quasi plantatio rosae in Jericho: quasi oliva speciosa in campis.* De uma parte estava a palma, da outra a oliveira e no meio de ambas a rosa. Quem é a palma senão Portugal carregado de victorias? Quem é a oliveira senão a Hespanha, requerendo decorosamente a paz com seus exercitos em campo? E quem é a rosa, fazendo medeação no meio de uma e ou-

tra, senão Inglaterra, que tem a rosa por armas? Mas em que logar vimos nós estas reaes e mysteriosas arvores? Por ventura divididas cada uma no seu torreno, a oliveira nos campos, a rosa em Jericó, a palma em Cades? Não por certo. Todas vimos junctas em Lisboa, todas dentro na nossa côrte, todas no mesmo logar: *In eodem loco.*

E concluindo-se com tanta brevidade. *Annal. Spondani. in append ad ann. 1645*

Só restava a circumstancia do tempo. Mas parece que a nossa paz não se fez em tempo, signal que foi paz de Deus e não do mundo. Que de tempos costuma gastar o mundo, não digo no ajunctamento de qualquer poncto de uma paz, mas só em registrar e compor as ceremonias d'ella! Tractados preliminares lhe chamam os politicos: mas quantos degráus se hão de subir e descer, quantas guardas se hão de romper e conquistar, antes de chegar ás portas da paz, para que se fechem as de Jano? E depois de acceitas com tanto exame de clausulas as plenipotencias; depois de assentadas com tantos ciumes de auctoridade as junctas; depois de aberto o passo ás que chamam conferencias e se haviam de chamar differenças; que tempos e que eternidades são necessarias para compor os intrincados e porfiados combates que alli se levantam de novo? Cada proposta é um pleito, cada duvida uma dilação, cada conveniencia uma discordia, cada razão uma difficuldade, cada interesse um impossivel, cada praça uma conquista, cada capitulo e cada clausula d'elle, uma batalha e mil batalhas: em cada palmo de terra encalha a paz, em cada gota de mar se affoga, em cada atomo de ar se suspende e pára. Os avisos e as postas a correr e cruzar os reinos e a paz muitos annos sem dar um passo. A famosa dieta ou congresso universal de Munster na Westphalia, que vimos em nossos dias, em espaço de septe annos que durou, veio a sair com meia paz. Fez Hespanha paz com Hollanda e Suecia, ficou em guerra com França e Portugal. Vêde que bem se equivocou o *pacem meam* com a meia paz, e quanto vai de tempo a tempo. Aquella em tantos annos; a nossa em tão poucos momentos: aquella tão esperada sem se concluir; a nossa concluida, quando se não esperava: aquella tão dilatada, a nossa tão subita.

Esta Paz similhante á que os anjos annunciaram aos pastores. *Luc. 2*

Esta circumstancia de subita foi a excellencia particular que S. Lucas ponderou na paz de Christo: *Et subito facta est cum angelo multitudo militiae coelestis laudantium Deum et dicentium: Gloria in altissimis Deo et in terra pax hominibus.* Até áquelle poncto estavam a terra e o céu em uma tão porfiada e inveterada guerra, bem descuidados os homens, que tivesse nem podesse ter fim; quando subitamente ouviram cantar e publicar as pazes. E nota o evangelista (cousa muito digna de se no-

tar) que os embaixadores da paz foram os mesmos ministros da guerra: *Multitudo militiae coelestis*. Oh paz de Portugal, paz verdadeiramente de Christo! Quem foi o embaixador de nossa paz, senão um ministro e tantas vezes grande, da mesma guerra[1]? A fortuna da guerra o trouxe a Portugal; e a da paz o fez embaixador d'ella. Não deu tempo a brevidade da paz a multiplicar nem variar ministros, para que a paz de Portugal fosse tão subita como a de Christo e tão subita como a de Jacob. Andavam Jacob e o anjo no maior fervor e aperto da lucta; e para a guerra subitamente se converter em paz, não foi necessario mais que mudar as tenções: era lucta, ficaram abraços. Com aquelles grandes braços com que Hespanha nos cercava contraria, com esses mesmos em um momento nos abraçou amiga. Aos doze de fevereiro annoitecemos como em tempo d'el-rei D. Affonso: aos treze amanhecemos como em tempo d'el-rei D. Sebastião. Na tarde de hontem ainda apertavamos os punhos; na manhã de hoje já tinhamos dado as mãos.

A formosura da paz argumento da sua segurança. *Isai.* 32

Feita a paz, não pediu caução Jacob, nem fiança d'ella, porque o decoro da mesma paz, era melhor fiador da sua firmeza. N'aquella paz do seculo dourado (paz verdadeiramente de Deus) dizem os prophetas, que o leão deporia a ferocidade e a serpente o veneno; que se quebrariam os arcos e settas, que se queimariam os escudos e lanças; que as espadas se converteriam em arados e foices; e que não haveria mais exercito, nem ainda temor ou receio de armas. E d'onde tanta confiança entre homens? Na fé? Na palavra? Na mesma paz? Não: senão no decoro d'ella. É ponderação de só Isaias, como propheto tão politico e tão versado na razão das côrtes: *Sedebit populus meus in pulchritudine pacis*. Não diz que viveriam os homens tão confiados e descançados na paz, senão na formosura da paz: porque só então é a paz segura e firme, quando para todas as partes é formosa. Já o leão de Hespanha depoz a ferocidade; já a serpente de Portugal depoz o veneno: já vemos o ferro em todos os campos fronteiros, com alegria da terra, convertido em arado: já houve praça e praças em que os instrumentos da guerra se accenderam em luminarias das pazes; e não são estes effeitos da paz, senão da paz formosa: *In pulchritudine pacis:* porque formosa para Hespanha e formosa para Portugal; formosa para Jacob, formosa para o anjo. Jacob e o anjo ambos sairam da lucta com maior e melhor nome: Jacob com nome de Israel e o anjo com nome de Deus: *Israel erit nomen tuum; quia contra Deum fortis fuisti*. Jacob acredi-

[1] Marquez de Liche etc. Plenipotenciario de Hespanha.

tou a fortaleza: o anjo manifestou a divindade. Até n'aquellas que acima pareciam desegualdades ficou tão gentil-homem o anjo como Jacob. Jacob fez honra de não pedir a paz, porque era valente desconfiado: o anjo não fez pundonor de ser requerente d'ella, porque tinha mais seguros os estribos da confiança. Jacob não a pediu por timbre de seu valor; concedeu-a não pedida o anjo por confiança de sua grandeza. Da parte de Jacob não ha que receiar; porque a sua guerra foi defensiva: da parte do anjo tambem não ha que temer; porque despiu o phantastico e ficou no incorruptivel. Segura está logo e firme para sempre a paz; porque está reciproca e decorosamente ratificado debaixo das firmas de sua formosura: *In pulchritudine pacis*.

A princeza de Saboia foi a aurora d'esta paz.

Mas a cujos auspicios deve Portugal esta felicidade? Qual foi a iris celestial que de lá nos trouxe esta paz? Não o digo eu, senão o mesmo Texto: *Dimitte me, jam enim ascendit aurora*. Paz, paz (diz o anjo a Jacob); porque já vem apparecendo a aurora. Pois, porque amanhece e apparece a aurora e vem arraiando com sua luz a terra, essa é a razão por que ha de cessar a peleja? São mysterios do céu. Appareceu a bellissima aurora nos nossos horizontes, coroada de resplandores e lirios, e no mesmo poncto começou a se mover em seu seguimento a paz.[1] É verdade que da primeira vez errou a paz o tempo e o caminho; errou o tempo, porque havendo de vir n'este anno, vinha no passado: errou o caminho; porque havendo de vir a Lisboa foi a Salvaterra. Não era tamanha felicidade, nem para aquelle tempo, nem para aquelle logar, nem para aquella companhia, nem para a primeira vez.

Similhante á pomba de Noé.

Duas vezes saiu a pomba da arca de Noé: do primeiro vôo, não estava ainda bastantemente desaffogada a terra; e não achando onde firmar os pés, voltou sem novas da paz. Do segundo vôo estava já socegada a tormenta e desaguado o diluvio: descobre a oliveira, toma o ramo no bico, e alegrou com a vista d'elle as reliquias do passado mundo e os principios do futuro. O mesmo aconteceu á felicissima pomba da nossa arca (phenix havia de ser, se Noé previra o que representava): ella foi a que nos trouxe o ramo da oliveira; ella foi a que nos trouxe a paz, e não do primeiro vôo, senão do segundo. O primeiro vôo foi de França a Portugal: o segundo vôo foi do paço á Esperança; e onde senão a Esperança se havia de colher o ramo verde da «paz»? Assim nos pacificou a pomba da terra; e

[1] Primeira proposta de paz no anno de 1667 estando el-rei D. Affonso em Salvaterra.

assim nos consolou e nos ensinou a conseguir a paz a Pomba do céu: *Spiritus Paraclitus ille vos docebit omnia.*

2.ª Desconsolação a do casamento. Era o mais acertado.

III. A segunda descônsolação que padeciamos no principio d'este memoravel anno era a do casamento real, desejado com tanta razão, duvidado com tanto fundamento, concertado com tanto acerto; mas conseguido, finalmente, com tão pouca ventura. O acerto da eleição e as conveniencias d'ella intenderam já antigamente bem duas grandes cabeças do mundo, o Papa Pio V e el-rei Philippe II: o papa procurando com todas as instancias, o rei impedindo com todas as forças a liança e união de Portugal com França no casamento d'el-rei D. Sebastião com Margarithia de Valois filha de Henrique II e irmã de Carlos IX. Mas deixada esta consideração e o profundo de suas consequencias aos politicos; para o fim da real successão, que se pretendia, bastava só a razão (e não sei se a experiencia) da mesma agricultura natural.

Razão natural tirada do modo de enxertar.

A enxertia mais propria, mais certa e mais segura é, quando o garfo e a raiz são da mesma planta. Assim o ensinou physicamente, não Plinio ou Dioscorides, senão o apostolo S. Paulo escrevendo aos romanos: *Si tu ex naturali excisus es oleastro et contra naturam insertus es in bonam olivam; quanto magis ii qui secundum naturam inserentur suae olivae?* Se o ramo de oleastro, como vós, enxertado na oliveira dá fructo; quanto mais abundante e copioso fructo dará o ramo da mesma oliveira, se fôr enxertado n'ella? E dá a razão o apostolo. Porque o enxerto do oleastro em oliveira é contra natureza: o enxerto de oliveira em oliveira é natural. O de oleastro em oliveira é contra natureza; porque o garfo é de uma planta e a raiz de outra: o de oliveira em oliveira é natural; porque o garfo e a raiz são da mesma planta. Esta mesma agricultura de S. Paulo é a do nosso caso. A raiz do tronco real dos reis portuguezes foi o conde D. Henrique, pae do primeiro rei D. Affonso, segundo neto de Roberto e terceiro de Hugo Capeto, rei de França. Logo não podia haver eleição mais acertada, nem enxertia mais propria e natural, que ir buscar outra vez o garfo mais generoso da arvore real de França; para que o garfo e a raiz fossem do mesmo tronco. Este foi o acerto da eleição: mas o erro e o engano esteve em que se uniu o garfo ao ramo secco e esteril, quando se havia de unir ao ramo verde e fecundo.

Porém o enxerto se fizera no ramo secco.

Oh que desgraça e que desconsolação tão grande para um reino posto no ultimo fio! E tanto maior desconsolação, quanto mais ignorada: tanto maior desgraça, quanto mais applaudida. Quem estivera olhando do mais alto d'esses montes no dia do famosissimo triumpho (o mais solemnizado que viu Portu-

gal nem Europa) com que os nossos reis n'aquella memoravel entrada foram recebidos; e chorando então sobre Lisboa, como Christo sobre Jerusalem, lhe dissera: Abre os olhos, ó cega e mal triumphante cidade: vê o que solemnizas, vê o que festejas, vê o que applaudes. Solemnizas o que cuidas que é verdade e é illusão: festejas o que esperas que ha de ser successão e é engano: applaudes o que chamas matrimonio e é nullidade. Adoras esse carro do sol, imaginando que ha de tornar a nascer; e não vês que o seu occaso não tem oriente. Como é certo que se n'aquelle dia intenderamos o que depois se conheceu, as galas se haviam de trocar em luctos, os epithalamios em lagrimas, os arcos e as pyramides em mausoleus e sepulchros: pois as mesmas vodas que colebravamos dos reis presentes, eram exequias dos futuros. Vendo o principe Absalão que não tinha filhos, diz o texto sagrado, que levantou um arco triumphal no valle chamado de El-rei, para perpetuar sua memoria nas pedras, já que não podia na successão. Taes foram os arcos e os tropheus d'aquelle famosissimo e falso triumpho: tal foi então a nossa enganada e enganosa alegria; e tão verdadeiramente era a nossa dor e tão bem fundada a nossa desconsolação.

Remedio d'esta desconsolação.

Mas Deus que n'este grande anno havia de ser o Consolador das tristezas e o Mestre das difficuldades, vêde que facilmente dispoz e compoz tudo em duas notaveis acções. E quaes foram? A primeira que sua majestade obrigada da consciencia, saisse do paço, para desenganar ao reino do seu perigo [1]: a segunda, que obrigada do amor do mesmo reino, tornasse outra vez para o paço para lhe dar o remedio. De maneira que n'este ir e vir esteve o reparo de tudo. A vida dos reinos é a successão dos reis: se esta falta, morrem os reinos: se esta se recupera, resuscitam. E esta é a differença em que no principio e no fim d'este grande anno vimos e vemos a Portugal: no principio do anno, morto pela esterilidade, no fim do anno, resuscitado pela successão.

A successão remedio da morte desde a sentença que foi dada a Eva. Gen. 3

Sentenciou Deus a Adão e sentenciou a Eva. A pena da sentença de Adão foi a esterilidade e a morte: *Maledicta terra in opere tuo. In pulverem reverteris.* A pena da sentença de Eva foi o parto «doloroso» dos filhos e a sujeição do matrimonio: *In dolore paries filios, sub potestate viri eris.* Pois se a causa era a mesma, porque foram as sentenças tão diversas? Porque quiz Deus revogar o rigor da primeira sentença na misericordia da segunda e restaurar ao genero humano por parte da mu-

[1] Retiro da rainha para o convento da Esperança.

lher, o que lhe tinha tirado por parte do homem. Na sentença de Adão pronunciou-se expressamente a morte: *In pulverem reverteris:* na sentença de Eva declarou-se tambem expressa a successão: *Paries filios;* e não ha duvida que pela promessa da successão se restituiu outra vez ao genero humano o que se lhe tinha tirado pela sentença da morte: porque o mesmo homem, que pela sujeição da morte ficara mortal, pelo beneficio da successão ficou outra vez immortalizado: de maneira, que a successão promettida a Eva foi revogação da morte fulminada contra Adão: porque a successão é uma segunda vida ou uma anticipada resurreição, com que os paes se immortalizam nos filhos: «é commento» de S. João Chrysostomo. E por isso Adão (que foi o primeiro auctor d'este reparo), sendo elle verdadeiramente pae dos mortos, chamou sem lisonja a Eva mãe dos viventes: *Vocavit Adam nomen uxoris suae Heva, eo quod mater esset cunctorum viventium.* Quem dissera que na primeira tragedia do mundo havia de estar retratada a historia d'este anno em Portugal! Na primeira sentença por parte do homem, Portugal condemnado a morte: *In pulverem reverteris:* na segunda por parte da mulher, Portugal com successão restituido á immortalidade: *Paries filios.*

Dispensa do matrimonio da rainha.

E para que se veja qual foi a mão superior que obrou toda esta mudança, reparemos na maior circumstancia d'ella. Revoltas as duas sentenças em uma sentença; que succedeu? Publicou-se a sentença hontem, chegou o breve da dispensa hoje, celebrou-se o matrimonio ámanhã.[1] Os repentes do Espirito Sancto estão accreditados desde o primeiro dia que veio sobre a Egreja: *Factus est repente de coelo sonus.* Ha tal repente como este? Hontem a sentença, hoje o breve, ámanhã o casamento?! Assim o fez Deus para provar que era obra sua. Uma opinião dizia, que era necessaria dispensa do pontifice: outra opinião dizia, que não era necessaria; e Deus mandou o breve tanto a poncto, porque não só quiz casar as pessoas, senão tambem as opiniões. Poderem casar as pessoas sem o breve era opinião: poderem casar as opiniões sem o breve era impossivel: por isso mandou Deus o breve.

O casamento de S. Pedro e o de Moysés.

Casou Moysés com Sephora princeza de Madian; e concorria no matrimonio aquelle impedimento que depois se chamou: *Cultus disparitas*: porque Sephora era de differente nação e religião. Murmuraram do casamento Arão e Maria: mas acodiu logo Deus a desfazer esta opinião, em Arão com satisfação secreta, em Maria, não só com satisfação, senão ainda com mor-

[1] Sentença da nullidade do matrimonio.

tificação publica. É certo, comtudo, que o matrimonio era licito e valido, como suppoem expositores e padres: porque o impedimento allegado não era de direito natural; e ainda então não havia direito positivo que o prohibisse, como consta da historia e chronologia sagrada. Pois, porque não dissimula Deus com a murmuração de Arão e Maria; e porque os não deixa ficar embora ou no seu erro ou na sua opinião, supposta a validade do matrimonio? Porque Moysés e Sephora eram os principes supremos do povo de Deus; e no casamento de pessoas tão altas e soberanas, que hão de ser a regra e exemplar do mundo, não só quer Deus que haja validade no matrimonio; mas nem permitte que haja contrariedade nas opiniões: quer que seja licito sem escrupulo: quer que seja valido sem disputa: quer que seja recebido de todos sem contradicção. Cesse logo a diversidade de pareceres, diz o supremo Dispensador, e assim como se deram as mãos os contrahentes, deem-se tambem as mãos as opiniões. Assim o fez Deus em um e outro matrimonio: mas com grande vantagem de providencia no nosso. Porque nas vodas dos principes de Israel primeiro se casaram as pessoas e depois socegou Deus as opiniões: nas vodas dos nossos principes: primeiro concordou Deus as opiniões e depois se receberam as pessoas.

O seu casamento confirmado pelo effeito
Ps. 19

Deus, como diz David, confirma os conselhos com os effeitos: *Tribuat tibi secundum cor tuum, et omne consilium tuum confirmet*. O conselho de Portugal foi que á experiencia provada do ramo esteril succedesse a esperança do fecundo; e que á infelicidade das primeiras vodas se seguisse o remedio das segundas. E o effeito maravilhoso foi que tanto que as segundas vodas foram celebradas, logo amanheceu á nossa desconsolação o fructo desejado e pretendido d'ellas. Assim declarou Deus o seu beneplacito; assim confirmou com o effeito a nova eleição. Cuidam os que mal o consideram que o fructo da successão é effeito só dos poderes da natureza, e não é senão graça e benção do Auctor d'ella. E esta foi a benção que Deus tão promptamente lançou sobre os nossos principes, declarando-nos por este modo de approvação, que confirmava e ratificava desde o céu o que se tinha obrado na terra e em tantas terras. Em Roma se preveniu, em França se expediu;[1] em Portugal se concluiu e no céu se confirmou; assistindo o Espirito divino em tantas partes e provendo com tão vigilante opportunidade em tudo, que bem se estava intendendo e experimentando, que em Portugal dispunha a nossa consolação como Consolador: e

[1] Pelo eminentissimo cardeal de Vandoma legado a latere.

em Roma e França dava as suas lições como Mestre: *Spiritus Paraclitus ille vos docebit omnia.*

3.ª Desconsolação a do governo. Compara-se aos animaes do carro de Ezechiel.

IV. A terceira e ultima desconsolação que padecia Portugal era o governo. A infermidade não é culpa; e os effeitos da infermidade são dôr, não devem ser escandalo. E porque sei com quanto decoro e reverencia se deve fallar n'essa mesma dôr (já que é forçoso trazel-a á memoria), será a voz do nosso sentimento uma pintura totalmente muda. Viu o propheta Ezechiel quatro corpos enigmaticos e geroglyphicos, que tiravam pelo carro da gloria de Deus; e em cada um, ou qualquer d'elles (porque todos eram similhantes) se me representa o governo de Portugal n'aquelle tempo. Lá tiravam pelo carro da gloria de Deus, cá tiravam tambem pelo carro das glorias de Portugal: porque não se póde negar que no mesmo tempo vimos o reino carregado de fortunas e palmas; sendo tão lastimoso o governo para os de dentro nas leis, quanto era glorioso contra os de fóra nas armas. *Intus domestica vitia, virtutes forinsecus emicantes;* disse de similhantes tempos Osorio. Formava-se aquelle corpo enigmatico, como o nosso politico, não de uma só figura, senão de muitas. Tinha uma parte de humano; porque tinha rosto de homem: tinha duas partes de intendido; porque tinha rosto de homem e rosto de aguia: tinha tres partes de rei; porque tinha rosto de homem, rosto de aguia e rosto de leão; de leão rei dos animaes, de aguia rei das aves, de homem rei de tudo: finalmente tinha quatro partes de chimera; porque aos tres rostos de leão, de aguia, de homem, se ajunctava com a mesma desproporção o quarto de touro. D'estes quatro elementos se compunha aquelle mixto e por estes quatro signos (uns proprios do seu zodiaco, outros extranhos) se passeava n'aquelle tempo o sol, já apparecendo resplandecente, já desapparecendo eclipsado: tendo o imperio dividido entre si, a luz com as trevas, a razão com o appetite, a justiça com a violencia; ou, para fallar mais ao certo, a saude com a infermidade. A parte sã era de homem e de aguia: a parte inferma era de leão e de touro; e quanto se intentava nas deliberações da parte sã, tanto se desfazia nas perturbações da inferma. O que dispunha a benignidade do homem, descompunha a fereza do leão: o que levantava a generosidade da aguia, abatia a braveza do touro. Visto pela parte sã, provocava adoração e amor; visto pela parte inferma, provocava dôr e commiseração; e como o juizo verdadeiramente estava partido, não podia o governo estar inteiro.

Como a Moysés tartamudo suppriu Adão, assim D. Pedro a D. Affonso inferno.

A esta desconsolação tão lastimosa e tão universal acudiu Deus, como ás demais, supprindo suavemente a infermidade e

defeito de um irmão com a perfeição e capacidade do outro. Eleito Moysés por Deus para senhor e libertador do povo, escusava-se que não podia fallar a Pharaó; porque era tartamudo. E que fez Deus n'este caso? Sendo tão facil á sua omnipotencia sarar a Moysés e tirar-lhe aquelle impedimento, não quiz senão suppril-o por meio de seu irmão: *Aaron frater tuus erit propheta tuus*: Arão vosso irmão será vosso interprete, e fallará em vosso nome. De maneira que Arão tinha a voz e Moysés tinha a vara, e tudo o que mandava ou dizia Arão, não era em seu nome, senão no de seu irmão. Assim, nem mais nem menos, o fez Deus comnosco. Posto que ultimamente se mudou a voz, não houve mudança na vara. Na voz mudou-se o nome; na vara não se alterou o dominio; «porque» uma pessoa é a que domina, e outra a que governa: a que domina, a primeira; a que governa, a segunda: a primeira invisivel, que se não vê nem ouve; a segunda visivel, que a vemos e ouvimos. Mas n'isto mesmo que ouvimos a segunda que vemos, reverenciamos como em sua imagem a primeira que não vemos: porque da segunda (por ella mais não querer) é só o ministerio e da primeira o dominio: da segunda é só o exercicio e da primeira o imperio.

Os dous irmã assimilham-s a Pharés e Zarão.

Pharés e Zarão eram irmãos herdeiros do sceptro real de Judá; e posto que a Zarão competia naturalmente a prerogativa do nascimento, vêde como repartiram entre si o mesmo sceptro sem offensa da irmandade. Zarão, que era o primeiro, retirou-se e escondeu-se com a purpura, cedendo do logar; Pharés, que era o segundo, succedeu-lhe sómente no logar; mas sem purpura. E para que se admire prodigiosamemte o espirito sobrehumano d'esta lição, não é necessaria mais prova que a mesma ponderação do que é. Que quizesse ser segunda pessoa, quem podera ser a primeira![1] Que quizesse ser Arão com o ministerio da voz, quem podera ser Moysés com o imperio da vara! Que quizesse ser Pharés com a substituição do logar, quem podera ser Zarão com a auctoridade da porpura! Que chamado á corôa uma vez a titulo da inhabilidade, outra vez a titulo da renuncia, terceira vez a titulo da eleição de todos os estados do reino, a resistisse com tão invencivel constancia e nunca quizesse dar ouvidos a uma voz tão doce e a uma palavra tão encantadora!

Exemplar d D. Pedro foi rainha.

Mas que havia de fazer o espelho, senão retratar-se pelo seu exemplar? O primeiro exemplar d'esta tão valente e generosa

[1] Acceita o principe a administração do reino e não quer acceitar a corôa.

acção foi a rainha, nossa senhora. Estava de posse da corôa de Portugal; estava reconhecida e adorada «com titulo de» rainha: e vendo a ruina occulta e irreparavel do reino, que fez? Resolveu-se a deixar e perder a corôa; para que a mesma corôa senão perdesse. Á vista, pois, de uma resolução de tão extranho valor e generosidade, que havia de fazer o mais valoroso e mais bizarro principe, senão mostrar maior coração que a mesma corôa e rejeital-a tambem? Retrataram-se reciprocamente ambas as almas; porque Deus de ambas queria fazer uma.

ceita elle os cargos e não honra. Apologo da oliveira, a vide e da figueira. *Jud.* 9

Só se póde pôr em questão, com bem curiosa porfia, qual dos dous galhardos espiritos fez maior acção n'este caso; se a rainha em deixar a corôa lograda, se o principe em a engeitar offerecida: se um em largar a posse; se outro em recusar a offerta. Fique a questão por agora indecisa: eu só digo que ainda não está ponderado o mais fino do caso. Que sua alteza não quizesse acceitar a corôa, seja embora triumpho da ambição, seja gloria da modestia, seja fineza da irmandade. O que admira e pasma é que acceitasse o trabalho da administração, não admittindo a auctoridade da corôa. Lá no apologo ou parabola da Joatham a oliveira, a vide e a figueira não acceitaram a corôa ou reinado das arvores que toda a republica d'ellas lhes offerecia; e a razão com que se escusaram foi, porque não queriam deixar o seu descanço, nem as suas commodidades; *Nunquid deseram dulcedinem meam fructusque suavissimos ut inter caetera ligna promovear?* Fallaram como quem carecia de espiritos racionaes e se moviam pelos impulsos insensiveis do vegetativo. Não haviam de responder assim, se foram homens nem ainda se foram animaes. Diga-o entre as feras o leão e entre as aves a aguia. Pasme logo no nosso caso e admire-se de si mesma a natureza. Pasme de ver o vivente tão insensivel, pasme de vêr o sensitivo tão racional e pasme de vêr o mesmo racional tão sobrehumano. Não acceitar a corôa não se acha no racional nem no sensitivo; mas não acceitar a corôa e acceitar o peso e encargos d'ella, nem no insensivel se acha. A corôa tem duas propriedades oppostas; o peso e o resplandor: a obrigação e a majestade. E que um principe d'aquelles annos sujeite o hombro ao peso e á obrigação e não queira accommodar a cabeça ao resplandor e á majestade! Que diremos em um caso tão novo? Digo com a mesma novidade que só o nosso principe entre todos os do mundo soube «dar á corôa o seu destino». A corôa fel-a Deus para o peso e para o trabalho; os homens abusando d'ella fizeram-na para o resplandor e para a majestade. O principe Deus poz as insignias reaes ao hombro: *Cujus principatus super humerum ejus*. Assim o havia

de fazer tambem um principe de Deus. Não rei com corôa na cabeça; senão principe com as insignias reaes ao hombro. E quem podia infundir uma lição tão alta e de tão superior madureza em um pensamento generoso de tão verdes annos, senão aquelle Espirito e Virtude do Altissimo, que assim o ensinou a elle para assim nos consolar a nós: *Spiritus Paraclitus ille vos docebit omnia?*

O melhor modo de pedir graça é agradecer.

V. Temos dado as graças (ou mostrado a materia d'ellas) pelo anno presente. Restava agora, como promettemos no principio, pedir graça para os annos futuros: mas o cumprimento da primeira promessa foi tambem satisfação da segunda. O melhor modo de pedir é agradecer. Assim como o ingrato só pela ingratidão perde o beneficio passado, assim o agradecido só pelo agradecimento sollicita e alcança o futuro. Christo para nos ensinar a pedir dava graças; e Deus dá uma graça por outra. Pelas graças que lhe damos, dá-nos as graças que lhe pedimos. Mas não espera Deus n'estes casos nova petição, porque (como bem disse Theodoto bispo no concilio Ephesino) o mesmo agradecer para com Deus é pedir; e o agradecimento das mercês ou graças passadas é o memorial das futuras.

Tres graças para os annos que começam.

A graça que eu determinava pedir para os annos que de hoje em deante começam, é que fossem tambem annos de Deus Consolador, conservando-nos as felicidades presentes; de Deus Mestre ensinando-nos para as difficuldades futuras: *Spiritus Paraclitus ille vos docebit omnia.* E para que a harmonia d'esta segunda parte correspondesse com a mesma proporção á primeira; assim como dei graças por tres cousas, assim tractava de pedir graças para outras tres: uma por parte dos vassallos, duas por conta dos principes. Mas porque o tempo falta; antes já me reprehende, aponctarei só as graças que queria pedir e as palavras com que o evangelho nos formava as petições.

1.ª A união dos vassallos no amor do principe.

VI. A graça primeira que peço ou queria pedir ao Espirito Sancto por parte dos vassallos é que o amor com que amamos aos nossos principes, tenha effeito de amor. O primeiro e primario effeito do amor é a união. Este effeito unitivo é, Consolador divino, a graça que eu vos peço para uns vassallos que tanto amam a seus principes: que assim como «os une» o amor, assim faça de muitos pareceres um só parecer, de muitos juizos um só juizo, de muitas vontades uma só vontade e sobretudo e em tudo de muitos interesses um só interesse. E que interesse ha de ser este? A conveniencia do principe. O amor que tem outro interesse mais que a conveniencia do principe, não é amor do principe. Fazer competencia de quem mais o ha de assistir, e

cuidar que mais o ama quem mais o assiste, é ceguera, não digo de enganoso, mas de enganado amor. Não quem mais logra a presença do principe, senão quem mais estima sua conveniencia, é o que mais ou o que só o ama. Estavam tristes os apostolos pela partida de Christo e disse-lhes o Senhor (é o nosso evangelho): *Si diligeretis me, gauderetis utique, quia vado ad Patrem:* se me amáreis verdadeiramente, discipulos e companheiros meus, é certo que havieis de estar não tristes, senão muito alegres n'esta minha partida. Pois, Senhor meu, a tristeza pela ausencia não é amor? Em outras occasiões sim; n'este caso não. O partir-me e ausentar-me da terra é grande conveniencia minha; porque vou tomar inteira posse do meu reino e assentar-me no throno de minha gloria á dextra do Padre; e quem ama mais a minha presença, que a minha conveniencia, não me ama fina e fielmente. Todos amam á porfia a presença e assistencia do principe: não sei se porfiamos tanto por suas conveniencias. Se é amor, não cheguem a ser ciumes.

Não pela assistencia, senão pela união dos interesses.

Desengane-se, cortezãos, o vosso cuidado que não consiste o amor e a graça do principe em vos morardes com elle, senão em elle morar em vós «unindo-vos no mesmo interesse.» Senhores, já que o nosso amor é racional, queiramos o possivel. Assistir todos ao principe, morar todos com o principe, não póde ser: amar o principe a todos e «unirem-se com o interesse do principe os interesses de todos», isto é o que póde ser e isto é o que é. Contentemo-nos com este modo de amor, contentemo-nos com este modo de graça (ainda que seja menos visivel) e estaremos contentes todos. Estimar a graça pelo visivel e querer que todos vejam que sois bem visto, e ostentação, não é amor. O amor tem a satisfação no coração proprio e não nos olhos alheios. O preço da graça está no agrado dos olhos soberanos e não na admiração dos vulgares. Desmerece ser bem visto, quem quer a graça para ser olhado. Por isso Deus fez invisivel a sua. A lição é muito alta e muito fina; mas estas são as que ensina o Espirito Sancto: *Ille vos docebit omnia.*

2.° O principe imite a seu pae.

VII. A graça que queria pedir ao mesmo divino Espirito por parte do principe, que Deus nos guarde, não é graça nova, senão antiga e sua. Dous espelhos tem sua alteza em que se vêr, um defuncto, outro vivo: ambos sepultados. Desde mui tenros annos tomou o sempre grande principe por timbre e impreza de suas acções retratal-as todas pelas de seu glorioso pae, o nosso invictissimo libertador, el-rei D. João IV de immortal memoria. A continuação e exercicio d'este tão nobre pensamento é a graça que só peço e n'ella muitas. O ultimo filho, o fi-

lho mais amado, o Bemjamim d'el-rei D. João, foi o seu infante
Pedro. E porque sua alteza com nenhuma outra demonstra-
póde pagar melhor este amor, quer imitar seus exemplos.
ltimas palavras do nosso evangelho são o memorial ex-
d'esta resolução: *Ut sciatis quia diligo Patrem*. Para que
quanto amo a meu Pae e Senhor «(diz sua alteza)»
o corpo e alma da minha impreza: o corpo é um
berto das acções d'el-rei D. João; a alma é esta letra:
mandatum dedit mihi Pater, sic facio.

Qualidades admiraveis d'el-rei D. João o IV

«Assim é:» n'este livro, n'este exemplar, n'este espelho, Senhor, estudará, imitará e verá vossa alteza, como tem deliberado, todas as acções generosas, todos os attributos reaes e todas as virtudes heroicas de um principe christão perfeito. Para com Deus a religião, a piedade, o zelo: para comsigo, a temperança, a modestia, a sobriedade: para com os subditos, a prudencia, a justiça, a clemencia: para com os extranhos a vigilancia, a fortaleza, a verdade. Verá vossa alteza um valorosissimo rei, cercado sempre dos maiores perigos, mas n'elles acautelado egualmente e confiado: na confiança com recato, na cautela sem temor, no perigo com magnanimidade. Moderado, mas a moderação com decencia: affavel, mas a affabilidade com respeito: liberal, mas a liberalidade com medida. A majestade sem affectação, o senhorio sem fasto, o mando sem dependencia. Verá vossa alteza um coração alto, talhado para grandiosas imprezas; mas circumspecto e prudente: prudente, porque aconselhado; e bem aconselhado, porque com os melhores. Pacifico por inclinação, bellicoso por necessidade, victorioso contra seus inimigos sempre; porque sempre referiu a Deus as victorias. Bem afortunado em tudo, mas nunca altivo; porque sendo tão grande a sua fortuna, era maior o seu peito. Observantissimo em recatar os segredos proprios; fidelissimo em guardar os alheios; e em saber penetrar os extranhos vigilantissimo. Cuidava de noite o que havia de executar de dia; e porque media os pensamentos com o poder, sempre as suas idéas chegavam a ser obras. Incançavel no trabalho, posto que com suas horas e intervallos de allivio: mas o trabalho como tarefa da obrigação; o allivio como respiração do trabalho. Sabia reinar, porque sabia dissimular. Prezava-se só da justiça; affectava o nome de justiceiro e era justo. Para os criminosos severo; para os pleiteantes egual; para os ministros senhor, para os vassallos pae, para todos rei.

Não imitar a Roboão e imitar a Christo. 3 Reg. 12

Este é o exemplar que vossa alteza, senhor, tem proposto a suas acções, para que ellas sejam tão singulares, como elle glorioso. E se vossa alteza acaso apartar os olhos d'este pri-

meiro espelho, seja só para os pôr no segundo. Perdeu-se lastimosamente el-rei Roboão e do reino inteiro das doze tribus que tinha herdado, apenas deixou duas a seus descendentes. Mas porque? Só porque não quiz seguir os conselhos e conselheiros de seu pae, sendo seu pae Salomão. É verdade que se comparou no seu pensamento com elle: mas não para o imitar ou se lhe fazer egual, senão para cuidar vãmente que era maior: *Minimus digitus meus grossior est dorso patris mei*. Oh que differente lição nos deu hoje no evangelho Christo! *Quia Pater major me est*. Meu Pae, diz Christo, é maior que eu. Christo comparado com o Pae, em quanto homem é menor, em quanto Deus é egual; e comtudo Sancto Athanasio, S. Gregorio Nazianzeno, Sancto Hilario, S. Cyrillo, S. João Chrysostomo, Leoncio, Theophylacto, Euthimio e outros grandes padres querem que fallasse Christo n'este texto quanto a divindade. Pois se Christo quanto á divindade é egual ao Pae; como diz, ou como póde dizer que o Pae é maior? Porque é Pae. O respeito não encontra a verdade; nem a cortezia a fé. O Filho é imagem do Pae: o Pae é exemplar do Filho; e a esta prioridade original chamou o Filho maioria; porque é maioria entre os homens, ainda que em Deus seja egualdade. Esta egualdade verdadeira e esta maioria respeitosa entre pae e filho é a graça em que todos desejamos confirmado o nosso grande principe. Que o pae na estimação do filho lhe seja sempre maior; e que o filho na experiencia dos vassallos lhe seja sempre egual. Que retrate n'aquelle espelho as suas reaes acções; que imite n'aquelle exemplar as virtudes heroicas; que estude n'aquelle livro aberto as lições que só a sabedoria do divino Espirito lhe póde ensinar: *Ille vos docebit omnia*.

3.ª Auctoridade na rainha para aconselhar a seu marido. União do mandar e suggerir para bem governar.

VIII. A terceira e ultima graça que eu finalmente quizera pedir por parte da rainha nossa senhora, é que, pois o mesmo divino Espirito dotou a sua majestade de tantos e tão excellentes graças, nos dê graça para que saibamos aproveitar d'ellas. Assim se aproveitava Abrahão dos conselhos de Sara: assim Nabal da prudencia de Abigail: assim David da industria de Michol; e assim el-rei Assuero do valor e sabedoria da rainha Esther. Para esta ultima petição reservei «aquell'outras» palavras do evangelho: *Et suggeret vobis omnia, quaecunque dixero vobis*. Nas clausulas d'esta sentença distingue Christo dous officios, um seu, outro do Espirito Sancto. O primeiro é mandar, o segundo é suggerir. Ninguem póde mandar só, se houver de mandar como convem. Ao lado do officio de mandar, deve andar sempre o officio de suggerir ou como companheiro, ou como instrumento inseparavel. A obrigação e exercicio d'este segun-

do e tão importante officio é o que significa a mesma palavra suggerir: que vem a ser, lembrar, advertir, inspirar, aconselhar, conferir, persuadir. espertar, instar. Os talentos que para o mesmo officio se requerem são maiores e mais relevantes: grande intendimento, grande comprehensão, grande juizo, grande conselho, grande zelo, grande fidelidade, grande vigilancia, grande cuidado, grande valor. As disposições e os meios com que se exercita, ainda são de mais altas e mais interiores prerogativas: summa communicação, summa confiança, intima amizade, intima familiaridade, intimo amor e não só perfeita união, senão ainda unidade. De sorte que os dous sujeitos, em concorrerem estes dous officios, de tal maneira hão de ser dous, que verdadeiramente sejam um; de tal maneira hão de ser diversos, que verdadeiramente sejam o mesmo. Ha-se de multiplicar n'elles o numero, mas não se ha de dividir a unidade. É o que temos no mesmo exemplo divino do evangelho. O Filho a quem pertence o officio de mandar e o Espirito Sancto a quem pertence o officio de suggerir, quantos são? Considerados quanto ás pessoas são dous; considerados quanto á essencia são um: considerados quanto ás pessoas são diversos: considerados quanto á essencia são o mesmo. E tal ha de ser necessariamente quem tiver o officio de suggerir, em respeito de quem tem o de mandar.

A mulher natural conselheira do marido. Cypriano. Gen. 2. Cypr. de bono pudicitiae

Mas dir-me-ha alguem, que isto só o póde haver nas Pessoas divinas; mas não em sujeitos humanos. Sim, póde. Tambem ha sujeitos humanos que «de um modo analogo» sendo diversos são o mesmo; e sendo dous são um só. E que sujeitos são estes? Os dous de que fallo sem os nomear: o esposo e a esposa. O mesmo Deus que os formou o disse: *Erunt duo in carne una*. Notavel foi a ordem e artificio com que o supremo Auctor da natureza se houve na creação dos dous primeiros homens. No principio creou um só: logo de um formou dous: ultimamente de dous tornou a fazer um. No principio creou um só, que foi Adão: *Formavit Deus hominem*: logo de um formou dous; porque de Adão fez o homem e a mulher: *Masculum et foeminam fecit eos*: ultimamente dé dous tornou a fazer um: porque o homem e a mulher unidos pelo matrimonio ficam sendo uma cousa: *Erunt duo in carne una*. É advertencia tudo de S. Cypriano: *Duo, inquit, erunt in carne una, ut in unum redeat quod unum fuerat*. E como o esposo e a esposa pela virtude natural d'aquelle vinculo divino, sendo dous, são propriamente o mesmo, só o esposo e a esposa (junctamente) podem exercer os dous officios de mandar e de suggerir, e só a esposa (divisamente) o de suggerir sem o de mandar.

Teem elles naturalmente os mesmos interesses.

Perguntar-se-me-ha, porém, e com muito fundamento: Por que razão é necessaria esta mutua união e identidade; e que os dous que exercitam os officios de mandar e suggerir sejam a mesma cousa? Digo que é necessario serem ambos a mesma cousa: porque só os que são a mesma cousa teem o mesmo fim e os mesmos interesses. Onde ha differenças de pessoas, ha differença e distincção de bens: onde ha differença e distincção de bens, ha tambem differentes fins e differentes interesses; e estes são os que perturbam a luz e corrompem a pureza dos verdadeiros conselhos. Necessario é logo, que o que tem officio de suggerir, seja a mesma cousa com quem tem o officio de mandar; para que tendo os mesmos intereresses e o mesmo fim, nem haja outro fim que lhe divirta o intendimento, nem outro interesse que lhe suborne a vontade. Mas esta vontade sem suborno e este intendimeuto sem diversão só a póde achar o principe seguramente na esposa e não no vassallo. O fim e o interesse do principe é o commum, o fim e o interesse do vassallo é o particular; e sendo os fins e os interesses do principe e do vassallo tão diversos, só o do principe e da esposa é o mesmo. Possivel é, senhor, haver vassallo tão fiel, tão amigo e tão generoso, que o fim do principe seja o seu fim e os interesses do principe os seus interesses. Mas isto que no vassallo é contingente, na esposa é necessario; isto que no vassallo é sempre duvidoso, na esposa é sempre certo; isto que no vassallo é sobrenatural, na esposa é natureza. Porque entre o principe e o vassallo ha differença de pessoa a pessoa e distincção de bens a bens: entre a esposa e o esposo não ha distincção de bens a bens, nem de pessoa a pessoa. Aonde não ha differença de mim a ti, nem de meu a teu, logo se acerta o caminho.

O copeiro de Pharaó e Aman valido de Assuero.

Mais. Depois de acertados verdadeiramente os caminhos e conhecidos com toda a conveniencia os meios que se hão de suggerir, ainda é necessaria a confiança, a communicação, a auctoridade, e talvez uma resolução, valor e constancia grande para se haverem de suggerir. E tudo isto não podem concorrer no vassallo por maior e mais qualificado que seja, nem se póde achar n'elle, como convem, senão só na esposa. Pediu José ao copeiro mór de Pharaó, quizesse suggerir ao rei a sua innocencia e a sua miseria: mas o copeiro, sendo tão obrigado a José, não suggeriu. Todos o accusam de ingrato e esquecido: eu não creio que foi só falta de memoria, nem de agradecimento, senão de confiança e de poder. Isto de suggerir a Pharaó, requer maior confiança e maior auctoridade, que a de ministrar de joelhos uma copa dourada. Aman, que era aquelle

grande valido, o primeiro ministraço d'el-rei Assuero, é verdade que tinha a confiança e as entradas para suggerir: mas a roda de sua fortuna no dia d'estas mesmas entradas e a tragedia da sua mal acabada privança, antes deixou o exemplo de temores, que de ambições ao officio. Entrou a suggerir, e saiu a morrer.

Quanto melhor succedida foi a confiança de Esther.

Notemos, porém, no mesmo caso a differença com que suggeriu Esther rainha e esposa. Tinha alcançado Aman por odio de Mardocheu israelita um decreto universal d'el-rei Assuero para que todos os d'aquella nação em qualquer parte de sua monarchia que fossem achados, sem excepção de sexo, nem de edade morressem á espada. O decreto estava firmado com o anel e sello real; as provisões estavam passadas em diversas linguas a todas as cento e dezesepte provincias que Assuero dominava: só se esperava com irremediavel tristeza o dia da tremenda execução: porque em toda a parte se havia de executar em um dia. Oh valha-me Deus! Em tanto aperto, em tanta desesperação, não haveria quem valesse á innocencia, quem appellasse da injustiça, quem allumiasse a cegueira do rei, quem se oppuzesse á ira e privança do privado, quem provasse sua tyrannia, quem descobrisse seus enganos? Antes estavam tão fechadas as portas a toda a luz e remedio, que sobre a crueldade do primeiro decreto se tinha publicado outro mais cruel, que ninguem podesse fallar ao rei, nem entrar á sua presença, com pena da vida. No meio, porém, de todo este apparato de horrores e por meio de todos elles, sem reparar na severidade dos reis assyrios, nem no estylo inexoravel das suas comminações, entra comtudo animosamente Esther e apparece deante de Assuero. Propõi-lhe o odio e vingança de Aman e as soberbas causas d'ellas; e reduzido sem resistencia o rei pela manifesta informação e conhecimento da causa, revoga-se o decreto, annullam-se as provisões, suspende-se a execução, muda-se a sentença, depõi-se do officio e auctoridade Aman, tira-se-lhe no mesmo dia a vida, a fazenda, a honra, de que era tão indigno; justifica-se o rei, dá-se satisfação á monarchia, emenda-se para com Deus a consciencia, restaura-se para com o mundo a fama. Está bem feito tudo isto? Ninguem o póde negar. Mas quem se atreveria a suggerir a um rei potentissimo, severissimo e deliberado, uma informação (posto que justa) tão contraria á majestade de seus decretos; e (o que é mais) á vontade, á paixão e aos interresses do seu grande valido, mais respeitado em toda a monarchia e mais temido que o mesmo rei, se não fosse unicamente Esther, pela auctoridade de rainha e pela confiança de esposa? Quantas vezes será importante e ne-

cessario em um reino sanear a ruim informação, dar novos olhos á sentença injusta, accudir ao decreto pernicioso, atalhar a ruina publica ou particular, depôr o ministro grande e pôr em grandes logares ao que não é ministro; moderar a ira do rei, ter mão na sua constancia, desenganar-lhe o affecto (que tantas vezes se cega), impugnar-lhe o parecer e ainda contrariar-lhe descobertamente a vontade? E quem ha que tenha a confiança e auctoridade, nem possa ter o valor e resolução necessaria para suggerir as razões de tudo isto opportuna e efficazmente, senão Esther? Quem, senão unicamente aquelle espirito que é ametade da alma do mesmo principe, cuja conservação, cujo augmento, cujo interesse, fama, corôa e gloria não só é commum de ambos, senão a mesma?

A rainha e a mulher valorosa dos Proverbios c. 31.

Oh ditoso principe e tres e quatro vezes bemaventurado (que assim lhe chama á bocca cheia o Espirito Sancto) aquelle que, não por testemunho incerto da opinião ou informação suspeitosa da lisonja; senão por experiencias presentes e tão provadas, logra a felicidade de tal companhia! Elle foi sem duvida aquelle venturoso (não nomeado) de quem perguntava Salomão: *Mulierem fortem quis inveniet?* Quem será o venturoso a quem cairá em sorte a mulher valorosa? *Confidit in ea cor viri sui et spoliis non indigebit:* porá n'ella o esposo toda a confiança do seu coração; e o que conseguirá por meio d'esta confiança é que lhe sobejarão despojos. Parece que não promettiam tanta consequencia as premissas: mas tanto importa fiar de quem só se não póde desconfiar. Os despojos que o Texto promette por effeito d'esta confiança, ou podem ser da guerra, ou tambem da paz: se são da paz, não terá necessidade de despojos, porque terá victoria. Victoria contra os inimigos de fóra e paz com os inimigos e com os amigos de dentro, que ás vezes são mais bellicosos. Estes são os despojos que promette o divino Oraculo ao esposo da mulher valorosa, se pozer n'ella a confiança do seu coração, valendo muito mais o seguro que lhe dá a confiança, que a promessa que lhe faz dos despojos.

Difficultoso é a um principe saber de quem se ha de fiar, fóra da sua mulher.

Não ha poncto mais difficultoso a um principe que saber de quem se ha de fiar. Se se fia de todos, perde-se de contado: se se não fia de ninguem, tambem vai perdido: se se fia de quem não deve fiar-se, já se perdeu: se se não fia de quem se deve fiar, ultima perdição. Pois que remedio n'esta perplexidade? Que seguro em tantas ondas, ou syrtes de desconfianças? Fiar-se de quem o Espirito Sancto diz que se fie: *Confidit in ea cor viri sui*: o esposo fie-se da esposa. E não bastará, ou não será melhor fiar-se só de si? Não será esta a mais certa e segura confiança? Não. Fiar-se só de si e aconselhar-se

só comsigo, tem o perigo do amor proprio: fiar-se só de outro e aconselhar-se só com outro, tem o risco do interesse alheio. Haja, logo, um tribunal supremo e um conselho intimo e secreto, que compondo-se de dous, seja junctamente um, e formando-se de diversos, seja junctamente o mesmo; para que n'esta reciproca differença se segurem os perigos da primeira desconfiança e n'esta reciproca identidade os riscos da segunda. O perigo da desconfiança de si, segura-se na differença; porque sou eu e mais outro: o risco da desconfiança de outro, segura-se na identidade; porque esse outro sou eu. Eu, como eu, posso cegar-me: pois seja eu junctamente outro para que me guie. Outro como outro, póde desencaminhar-me: pois esse outro seja junctamente eu, para que me não engane. E sobre estes seguros de tão intima e indubitavel confiança, diz o rei mais sabio de todos os homens, que o coração do esposo se fie da esposa: *Confidit in ea cor viri sui.* Se o principe se fia do vassallo, fia-se um coração de outro coração: se o esposo se fia da esposa, fia-se um coração não do outro, senão de si mesmo. E de quem mais seguramente se deve fiar uma ametade do coração, que da outra ametade tambem sua? Sua sem ser só, porque é outra: outra sem ser alheia, porque é sua; e sua sem ser diversa, porque é a mesma. *Fecit Deus ut sit homo, unus duo, duo unus, alter ipse*: disse com resumida elegancia S. Pedro Chrysologo. Para o conselho são dous: para o segredo são um: para o desinteresse são outro: para o amor são o mesmo: e para a confiança são tudo: *Confidit in ea cor viri sui.* Assim o ensinou o Espirito Sancto por bocca de Salomão ha tantos annos, e assim peço eu por ultima felicidade dos annos que vem, se sirva de nol-o ensinar o mesmo Espirito: *Spiritus Paraclitus ille vos docebit omnia.*

Conclusão.

IX. Espirito consolador e Mestre Divino, infinitas graças vos damos e vos sejam eternamente dadas pelo que nos consolou vossa bondade e pelo que nos ensinou a vossa sabedoria n'este anno: anno tão trabalhoso, e arriscado nos principios e tão venturoso em seus progressos até o fim. Com a paz, verdadeiramente vossa, nos consolastes o temor e afflicção da guerra: com a esperança tão prompta da real descendencia, nos consolastes a antiga desconfiança da successão: com o governo presente de principe soberano, juslo e por si mesmo, nos consolastes as desattenções e sujeições do passado. Por estas graças que vos damos e por estes mesmos beneficios tão singulares de vós recebidos, nos concedei, Senhor, as que para os annos futuros com egual confiança na vossa divina bondade e sabedoria humildemente vos pedimos. É hoje o dia que entre todos

os do anno se levanta vulgarmente com o nome de maior, por chegar n'elle o sol a seu auge e encher o mais dilatado gyro de sua carreira. Ámanhã começam outra vez a descrescer os dias, com pregão de publico desengano a todas as cousas do mundo (ainda ás que estão acima das sublunares), que nenhuma é tão firme, que não se mude; nenhuma tão levantada, que não se abata; nenhuma tão grande, que não diminua e torne a atraz pelos mesmos passos de seu augmento. Não seja assim em nossas fortunas, soberano e omnipotente Auctor da natureza: que assim como a creastes, a podeis emendar e fazer constante. Conservae, Senhor, perpetuamente vossos dons e prorogae sem mudança nem fim, por todos os annos futuros, as felicidades de que tão liberalmente nos fizestes mercê no presente. Não as percamos depois de logradas, para que não resuscitem com dobrada magoa em nós aquellas mesmas desconsolações, de que tão efficaz e cumpridamente e com tão esquisitos remedios nos livrastes. Uni nos vassallos o amor do principe: confirmae no principe a imitação do pae: prosperae na esposa a continuação dos felicissimos annos, competindo n'ella a felicidade com o numero e o numero com os herdeiros de seus soberanos dotes, para que sejam dignissimos da mesma corôa: sobretudo ensinae-nos a todos a passar de tal maneira os annos breves e incertos d'esta vida, que saibamos por meio d'ella conseguir as consolações dos annos eternos: pois para ser eternamente nosso Consolador vos dignastes ser temporalmente nosso Mestre: *Spiritus Paraclitus ille vos docebit omnia.*

(Ed. ant. tom. 14.º pag. 5, ed. mod. tom. 8.º pag. 192)

SERMÃO GRATULATORIO E PANEGYRICO **

PRÉGADO NA MANHÃ DE DIA DE REIS SENDO PRESENTE COM TODA A CORTE O PRINCIPE NOSSO SENHOR NO «TE DEUM LAUDAMUS» QUE SE CANTOU NA CAPELLA REAL EM ACÇÃO DE GRAÇAS PELO FELICISSIMO NASCIMENTO DA PRINCEZA PRIMOGENITA DE QUE DEUS FEZ MERCÊ A ESTES REINOS NA MADRUGADA DO MESMO DIA DO ANNO DE 1669.

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—N'esta celebre oração gratulatoria, que seria quasi improvisada, temos o mais claro argumento da prodigiosa eloquencia do grande orador.

Te Deus laudamus, te Dominum confitemur: te aeternum Patrem omnis terra veneratur.

Os louvores divinos cantados no céu e na terra pelo nascimento da princeza.

A dous coros de louvores divinos, muito alto e muito poderoso principe e n'este dia felicissimo senhor nosso, a dous coros de louvores divinos, divididos em alternadas vozes, mas concordes em reciproca harmonia, cantam hoje a Deus este hymno de acção de graças no céu os anjos e na terra os homens. A parte que toca ao côro dos homens é o verso que propuz: a que pertence ao côro dos anjos é a que se continúa no verso que se segue: *Tibi omnes angeli, tibi caeli et universae potestates.* Este côro celestial e angelico que nós não podemos ouvir nem acompanhar ficará (pois Deus assim o quiz) para os nossos gloriosissimos reis D. João e D. Luiza, que estão no céu; cuja gloria accidental considero eu hoje mui crescida no felicissimo nascimento da primogenita de seus netos, novas e segundas primicias de sua real descendencia. Sendo certos (como piamente devemos crêr) que lá, desde esse throno de maior majestade onde reinam, estão n'esta mesma hora lançando mil bençãos sobre a recem-nascida infanta, melhores e mais efficazes que as de Jacob sobre o primogenito de seus netos, o venturoso Ephraim. No céu ainda não tenho averiguado se se consentem saudades; mas assim como a sepultura é a terra do esquecimento, assim o céu é a patria da memoria e das lembranças. A morte ainda que esfria o sangue, não acaba os paren-

tescos; nem a differença da vida faz mudança nas obrigações do amor. Os paes tambem na outra vida são paes; e como a morte não tem jurisdição nas almas, lá amam os paes e de lá «abençoam» a seus filhos, lá se gozam de seus bens, lá se alegram com suas felicidades.

Saudades dos reis fallecidos.

Renovam-se mais em similhantes occasiões as saudades e memorias dos nossos bons reis; e dizemos com sentimento: Oh se viveram ainda hoje (como poderam ser vivos)! Que gloria seria a sua em tão formoso dia, vendo as felicidades do filho e neta, do reino e vassallos que tanto amaram! Mas o engano piedoso d'esta nossa consideração mais necessita de fé que de allivio. Demos o parabem a nossos reis, não lhe tenhamos lastima. De lá estão vendo melhor o que nós vemos; de lá estão gozando melhor o que nós gozamos; e lá estão louvando o dando graças a Deus entre o côro do céu muito melhor e mais altamente de que nós o saberemos fazer n'este nosso da terra.

O que se canta na terra.

O verso que pertence a este côro é o que propuz: *Te Deum laudamus, te Dominum confitemur, te aeternum Patrem omnis terra veneratur*. As palavras são muito communs para dia tão particular, e para assumpto tão subido muito vulgares. Mas se o artifice não estivera tão esquecido do exercicio e da arte, sobre alicerces toscos bem se póde levantar alto e lustroso edificio. Sobre a pedra fundamental d'elle, que é *Te Deum laudamus* determino perguntar ou ponderar tres cousas. Quem louva, a quem louva e por quem louva. Quem louva somos nós e toda a terra. A quem louva é Deus nosso Senhor. O porque louva é porque o Eterno Pae em quanto Pae fez hoje pae o nosso principe e em quanto Eterno «lhe perpetuou a vida com o beneficio da successão».

Como concorda com o evangelho.

O concurso do evangelho e do mysterio em dia tão singular nada desdizem da presente acção de graças, antes a ajudam e acompanham. O evangelho diz que offereceram os reis ao rei nascido ouro, incenso e myrrha; e o mysterio foi que no incenso reconheceram a Christo como Deus, no ouro como Senhor, na myrrha como Mortal, diz S. Gregorio papa. Se offerecem adorações de incenso como a Deus, *Te Deum laudamus*. Se offerecem tributos de ouro como a Senhor, *Te Dominum confitemur*. Se offerecem myrrha de mortalidade como a Mortal ao que é immortal e eterno, *Te aeternum Patrem omnis terra veneratur*. Vamos ao que promettemos.

1.º Louva a Deus Portugal reino e monarchia.

II. Começando pela primeira pergunta, Quem louva? Digo ou torno a dizer, que louvamos nós e toda a terra. E toda a terra? Parece que esta voz vem fóra de nosso côro. Que louvemos nós, muita razão é: mas toda a terra porque? Que obri-

gação tem toda a terra á primogenita de Portugal para vir dar graças a Deus pelo seu nascimento? Se Portugal não conhece esta obrigação, não se conhece. Portugal é reino e monarchia. Portugal, quanto ao reino, é uma parte da terra na Europa: mas Portugal, quanto á monarchia, é um todo composto de «varias» partes da Europa, da Asia, da Africa e da America. Fazer esta demonstracão com os compassos geometricos em um mappa ou esphera do mundo é muito facil. Mas eu hei-a de fazer nas Escripturas sagradas; porque parece difficultoso e para que saibamos os portuguezes quantas obrigações devemos a Deus e quão antigas.

A benção de Noé a Japhet,

Desafogado o mundo das aguas do diluvio, erma e despovoada toda a terra, dividiu-a toda Noé em tres partes e repartiu-as entre os tres filhos, que com elle se salvaram na arca: uma parte deu a Sem, que era o primogenito, outra a Cham que era o segundo e a terceira a Japhet que era o ultimo. Grande é na ordem da Providencia a ventura dos filhos ultimos: tem Deus por brazão e honra de sua justiça fazer dos primeiros ultimos e de sua grandeza fazer dos ultimos primeiros[1]. Assim succedeu a Japhet. Lançou-lhe a benção seu pae Noé e disse d'esta maneira: Filho meu Japhet, Deus te dê a ventura conforme o nome. O teu nome Japhet quer dizer *Dilatação;* e tal será a tua benção: porque Deus te dilatará tão extendidamente por toda a terra, que não só lograrás a parte que coube na tua repartição, se não tambem a de teus irmãos. Dominarás as terras de Cham e habitarás as de Sem: *Dilatet Deus Japhet et habitet in tabernaculis Sem: sit servus eius Chanaam.*

Os portuguezes lograram esta benção Tubal o primeiro portuguez.

Bem está: mas sobre quem caiu esta benção de Noé? Quem logrou esta promessa feita a Japhet? E em quem se cumpriu a grandeza de toda esta profecia? Cumpriu-se «não se póde negar em muitos povos europeus descendentes de Japhet; mas nos portuguezes ainda mais»: porque são e foram (sem controversia) aquelles que por meio de suas prodigiosas navigações e conquistas, com o astrolabio em uma mão e a espada na outra «mais» se extenderam e dilataram por todas as quatro partes do immenso globo da terra. Portuguezes na Europa, portuguezes na Asia, portuguezes na Africa, portuguezes na America e em todas estas quatro partes do mundo com portos, com fortalezas, com cidades, com provincias, com reinos e com tantas nações tributarias. Houve algum filho de Noé, houve alguma nação outra nas edades, por bellicosa e numerosa que fosse e celebrada nas trombetas da fama, «tanto» que se dilatasse e exten-

[1] Principe D. Pedro filho ultimo d'el-rei D. João.

dese por todas as quatro partes da terra? Nenhuma: nem os assyrios, nem os persas, nem os gregos, nem os romanos. «É opinião de graves auctores que» o primeiro portuguez que houve no mundo foi Tubal; «e que» sua memoria se conserva ainda hoje não longe da foz do nosso Tejo na povoação primeira que fundou com nome de *Coetus Tubal;* e com pouca corrupção Setubal. Este Tubal, este primeiro portuguez (como se lê no cap. 10 do *Genesis*) foi filho quinto de Japhet (que tambem é boa fortuna[1] dos filhos quintos): *Filii Japhet Gomes et Magog et Madai et Javan et Tubal.* «Segundo esta opinião que eu sigo, o dilatar-se e extender-se da nação portugueza por todo o mundo era benção, era herança, era morgado, era patrimonio só devido aos seus filhos», por legitima successão de paes e avós; derivado seu direito de Noé a Japhet, de Japhet a Tubal, de Tubal a nós que somos seus descendentes e successores. «Provo». Os patriarchas antigos, como eram allumiados com espiritos de prophecia, punham a seus filhos taes nomes que n'elles significavam a boa ou má fortuna sua e de seus descendentes. Assim o fez Adão nos nomes de Caim e Abel: assim Jacob nos nomes de Ephraim e Manassés. Seguindo este estylo Japhet, houve de pôr nome áquelle seu filho quinto e chamou-lhe Tubal. Mas que quer dizer Tubal? Prodigioso caso! Tubal, como dizem todos os interpretes d'aquella primeira lingua (que era a hebraica) quer dizer Homem de todo o mundo: Homem de todo o orbe: homem de toda a redondeza da terra. Pois de todo o mundo, de todo o orbe, de toda a redondeza da terra um homem? Sim: porque este homem era o primeiro fundador de Portugal, era o primeiro portuguez; era o primeiro pae dos portuguezes: aquelles homens notaveis que não haviam de ser habitadores de uma só terra, de um só reino, de uma só provincia, como os outros homens; senão de todo o mundo, de todo o orbe, de todas as quatro partes da terra. E como toda a terra é, «d'este modo», synonimo de Portugal, e os portuguezes são parte dominadores, parte habitadores de toda a terra; por isso no dia felicissimo em que o principe e a côrte de Portugal em nome e representação de toda a monarchia vem louvar e agradecer a Deus solemnemente o feliz nascimento da sua primogenita, razão é e obrigação que á mesma acção de graças venha e concorra tambem toda a terra. Vimos nós, vimos todos os portuguezes louvar a Deus, *laudamus?* Pois venha tambem comnosco toda a terra veneral-o: *Omnis terra veneratur.*

O rei de Portugal adorando a Christo, toma o logar de todos os tres reis Magos.

No nascimento de Christo, quando o vieram adorar hoje os reis

[1] O mesmo principe D. Pedro era filho quinto.

do oriente, cada um dos reis representava uma parte do mundo. O mundo conhecido n'aquelle tempo constava só de tres partes; porque ainda os portuguezes lhe não tinham accrescentado e descoberto a quarta. Esse é o mysterio, porque os reis foram sómente tres. O primeiro sceptro representava a soberania da Asia, a segunda purpura a potencia da Africa, a terceira corôa a majestade da Europa: *Tres Magi tres partes mundi significant: Asiam, Africam, Europam:* disse o veneravel Beda, S. Thomás e Ruperto. De maneira que no nascimento de Christo quando o mundo o vem adorar, um rei não representa senão uma parte do mundo. Mas no nascimento da nossa primogenita, quando Portugal vem adorar ao mesmo Christo, um só principe representa todas as quatro partes. Mais tem hoje Christo a seus pés em um só sceptro, do que teve n'aquelle dia em tres corôas. Se n'esta madrugada houvesse de despachar Portugal correios de luz a levar a feliz nova por toda a monarchia, não havia de ir uma só estrella, senão quatro estrellas: uma estrella para o oriente á Asia, outra estrella para o occidente á America; outra estrella para o septentrião á Europa: outra estrella para o meio-dia á Africa. Oh que formosas estrellas! Oh que alegres e festejadas novas para aquelles fidelissimos vassallos, tão amantes do seu reino e do seu rei, espalhados por toda a terra! Mas pois as estrellas não vão, nem elles podem vir tão depressa, vem em nome de todos elles e como cabeça de todos o nosso monarcha, em presença com toda a sua côrte, para que todos louvemos a Deus, *laudamus;* e em representação com toda a terra (em que tanta parte é sua) para que toda o venere: *Omnis terra veneratur.*

2.° Deus é louvado como Deus e como Senhor.

III. Temos satisfeito á primeira pergunta e já sabemos quem louva. Segue-se a segunda: A quem louva? Digo que louva Portugal e louva toda a terra a Deus, em quanto Deus e a Deus em quanto Senhor; porque, dando n'este dia successão aos nossos principes, Deus lhes dá o que só elle póde dar, existencia e reino.

Rachel afflicta e a nossa princeza consolada. Gen. 30 Tob. 9

Carecia Rachel de filhos; e era esta dôr para ella a maior de todas as dôres, «como verdadeiramente é para os que no casamento dizem com o filho de Tobias: *Filii sanctorum sumus et non possumus ita conjungi sicut gentes quae ignorant Deum. Et nunc, Domine, tu scis quia non luxuriae causa accipio sororem meam conjugem, sed sola posteritatis dilectione, in qua benedicetur nomen tuum in saecula saeculorum.* Para estes que lembrados de serem filhos de sanctos nada mais desejam no laço matrimonial que dar filhos a Deus, a dôr de não os ter é a maior de todas as dôres.» Todos os prophetas nas suas commi-

nações, quando querem encarecer muito uma grande dôr, chamam-lhe dôr como dôr de parto. Mas posto que a dôr do parto seja tão encarecida nas sagradas Lettras, «a dôr de não ter filhos é ainda maior». A dôr do parto é dôr da mãe; a dôr de não ter filhos é dôr da mãe e mais do pae ou dos que o desejam ser e não o são. A dôr do parto é dôr de uma hora; a dôr de não ter filhos é dôr de toda a vida; antes na mesma morte é maior dôr, porque hão de deixar por força os bens e não teem a quem os deixem. A dôr do parto, como ponderou Christo, é dôr que se converte em alegria; a dôr de não ter filhos é dôr «naturalmente» sem consolação, sem allivio, sem remedio. Finalmente a dôr do parto é dôr com que póde a vida: a dôr de não ter filhos é dôr que mata. Estes são os termos por onde Rachel explicou a sua dôr: *Da mihi liberos, alioquia moriar:* Jacob, dae-me filhos, se não, hei de morrer. E que responderia Jacob? *Num pro Deo ego sum?* Rachel, sou eu por ventura Deus? Discreta resposta! De maneira que Rachel diz a Jacob que lhe dê filhos; e Jacob responde a Rachel que não é Deus. Como se dissera Jacob: Dizeis-me que vos dê filhos, porque desejais ser mãe; «e bem intendo a vossa dôr, como vós podeis intender a minha. Porém que hei de fazer? Só Deus póde dar filhos, porque elle só é Deus; só Deus os dá a quem é servido, porque só elle como Senhor dá e tira a existencia segundo o seu agrado». Para ter filhos não basta só Jacob e Rachel; é necessario Jacob, Rachel e mais Deus. É verdade que Deus não dá filhos sem Jacob e Rachel: que por isso instituiu o vinculo sagrado do matrimonio. Mas tambem é verdade que Jacob e Rachel sem Deus não podem ter filhos; porque reservou Deus só para si esse poder. E quando Deus concede hoje á nossa princeza «o que tanto desejava a antiga Rachel», razão e obrigação temos de lhe render infinitas graças: de o louvar como Deus, *Te Deum laudamus*, de o confessar como Senhor, *te Dominum confitemur.*

A infanta recem-nascida é a maior mercê que Deus fez a Portugal. Exemplo de Abrahão. *Gen. 15*

Grandes mercês de sua liberalidade, grandes e maravilhosos favores de seu poder tinha Deus feito aos nossos principes e ao nosso reino até este dia: mas é tanto maior mercê e tanto mais relevante favor o que hoje nos fez na successão que lhes deu, que em comparação d'este soberano beneficio, em todas estas mercês sem esta muito pouco lhes tinha dado. Vêde-o em Abrahão. Appareceu-lhe Deus satisfeito do bem que o servia, e disse-lhe: Eu desde este dia te tomo debaixo de minha protecção e sabe que te hei de fazer grandes mercês. Mercês a mim? Respondeu Abrahão: Deus e Senhor meu, que tendes vós que me dar a mim, se eu não tenho filhos? *Domine Deus, quid da-*

bis mihi? Ego vadam absque liberis. Quando Deus fez aquella promessa a Abrahão, Abrahão não tinha filhos, nem esperanças de os ter, porque Sara era de noventa annos e elle ainda mais velho; e por isso diz resolutamente a Deus que não tem que lhe dar: porque tudo o que Deus dá ou póde dar n'esta vida, se não deu filhos, é como se o não dera; e porque? Porque o que se me dá a mim para outrem, não se me dá a mim, mas áquelle que o ha de lograr. Deus dera a Abrahão grandes riquezas, dera-lhe prodigiosas victorias, dera-lhe honra, deralhe fama e sobre tudo dera-lhe a terra de promissão e a corôa de Israel, que era uma monarchia de doze reinos: mas tudo isto é como se o não dera, diz Abrahão, não dando-lhe filhos.

Confirma-se com a historia de Portugal.

Eis aqui, Portugal, porque eu digo que se Deus nos não dera successão, por mais mercês que nos tenha feito, muito pouco nos tinha dado. Seja prova d'esta pura verdade a memoria dos tempos passados. Tirou-nos Deus o reino por tantos annos, tirou-nos o imperio, a soberania, a liberdade; o imperio trocou-se em sujeição, a soberania em vassallagem, a liberdade em captiveiro. E quando nos tirou Deus isto? Quando nos deu um rei sem successão. Se o rei n'aquella infeliz batalha tivera successor, perdera-se o rei, mas não se perdera o reino. Mas porque Deus por nossos peccados queria tirar ao rei e ao reino tudo o que lhe tinha dado, por isso lha não deu successão. Não podera agora succeder o mesmo? Não podera ser um irmão como outro irmão? Sim, podera. E n'esse caso em todas as mercês que Deus nos fez e em todas as felicidades que nos deu, muito pouco tinha dado; e poderamos dizer com Abrahão: *Domine Deus, quid dabis mihi? Ego vadam absque liberis.*

Tendo a successão já não ha mais que pedir a Deus.

Alegremos o discurso, que parece ia sendo triste para dia tão de festa. Vêde o que digo agora. Assim como Deus, se não dera successão, não tinha que nos dar, assim hoje que nos tem dado successão, já não temos que lhe pedir. O maior auge que se póde imaginar de fortuna é chegar um rei e um reino a taes circumstancias de felicidade, que não tenha mais que pedir a Deus; e tal é o poncto altissimo em que hoje se vê Portugal e seu principe. O fiador d'este segundo pensamento é tão abonado como o do primeiro.

David agradecido pelas mercês que Deus lhe tinha feito. 2 *Reg.* 7

Mandou Deus recontar a David por bocca do propheta Nathan as mercês que lhe tinha feito e notificar-lhe tambem as que de novo lhe determinava fazer e todas se reduziam a estas tres: a primeira que sendo filho ultimo da casa de seus paes o pozera no throno real de Israel, de que tinha privado a elrei Saul, e o confirmaria n'elle: a segunda, que assim como lhe tinha dado maravilhosas victorias, lhe daria tambem paz uni-

versal com todos seus inimigos: a terceira, que lhe daria filho herdeiro, que succedesse em sua casa para que o mesmo sceptro se perpetuasse por longos annos na sua descendencia. Ouvida David esta tão prodigiosa relação, como principe tão pio e religioso que era, fez o que faz hoje o nosso principe. Vai-se á capella real (porque n'aquelle tempo, como notou Abulense estava a arca do testamento em palacio, em um logar separado e consagrado a Deus): prostra-se deante do divino propiciatorio; e depois de confessar com humilde reconhecimento as mercês que da mão de Deus tinha recebido, chegando á do filho successor disse assim: Como se foram poucas nos olhos de vossa divina liberalidade as mercês tantas e tão grandes que me tendes feito, Senhor, ainda sobre todas ellas fostes servido de me dar successor e herdeiro, em que minha casa se conserve e perpetue: porque esta é a unica consolação d'aquella dura lei da mortalidade com que os filhos de Adão nascemos: *Sed et hoc parum visum est in conspectu tuo, nisi loquereris etiam de domo servi tui in longinquum: ista est enim lex Adam, Domine Deus*. Ouvi agora a consequencia e conclusão de David. Depois d'esta ultima mercê que me fizestes, Senhor, já David não tem que vos pedir: *Quid ergo addere poterit adhuc David ut loquatur ad te?* Notavel dizer de um homem rei e sancto! Já não tem que pedir o servo ao omnipotente Senhor? Já não tem que pedir a creatura ao infinito Deus? N'esta vida, não; diz David. Não falla dos bens da graça, como sancto; falla dos bens da fortuna, como rei; e d'estes achou David, que já não tinha que pedir. Tal era o summo da felicidade humana em que aquelle grão rei se reconhecia, depois de se vêr com successão sobre tantas outras mercês do céu.

Elle tambem reconhecia que tendo a successão já não tinha que pedir a Deus.

Antes d'esta ultima felicidade em todas as outras suas, sempre David tinha alguma cousa que pedir a Deus. E senão vamos subindo um pouco pelos degráus da sua fortuna, que são os mesmos da nossa. Antes de David ser rei, ainda que era o ultimo filho da casa de seus paes, animado do sangue real que lhe pulsava nas veias, podia pedir a Deus que lhe désse o reino. Depois de David estar sublimado ao throno real, adorado, obedecido e confirmado n'elle, vendo-se cercado por todas as partes de tantos e tão poderosos inimigos, podia pedir a Deus que o livrasse do tumulto das armas e oppressões da guerra; e lhe désse paz e descanço. Depois de David possuir o reino quieto e pacifico e se vêr reconhecido e respeitado de todos seus inimigos, podia ainda pedir a Deus que lhe désse successão, para que o reino e essas mesmas felecidades se perpetuassem em sua casa e na posteridade de seus descendentes. Mas

depois de Deus lhe conceder esta ultima graça e lhe dar successor á corôa para depois de seus dias; vendo-se David com reino, com paz e com successão, parou o desejo, fez alto a fortuna e resolveu David com ella e comsigo que não tinha n'esta vida que pedir a Deus: *Quid addere poterit adhuc David ut loquatur ad te.*

Applica-se ao Principe D. Pedro.

Não fazia conta de applicar o caso por ser tão similhante: mas quero que me intendam todos; porque não haja alguma ingratidão que possa ter escusa com Deus, nem com os homens. O principe D. Pedro, nosso senhor (que Deus guarde como David em tudo) era o ultimo filho da real casa de seus paes. O primeiro degráu da sua fortuna foi pôr-lhe Deus na mão o sceptro de Portugal e assental-o no throno real, não depois da morte, senão em vida do rei. Quando sua alteza tomou as redeas do governo, estava o reino opprimido e carregado de tributos, as provincias e as campanhas fervendo em armas; os vassallos dentro e fóra, no mar e na terra, padecendo os trabalhos e oppressões das guerras. Aqui subiu sua fortuna o segundo degráu. Vem uma paz e outra paz não buscadas, senão trazidas a Portugal: cessam as armas levantam-se os tributos (como tambem os tirou David), respira o reino, descançam os povos, colhem-se as novidades e fructos da terra em tanta abundancia, recolhem-se os commercios e riquezas do mar em tantas frotas, em tantos thesouros. Tens mais que desejar? Tens mais que pedir a Deus, reino de Portugal? Ainda tinhamos que pedir; porque nos faltava a ultima e maior felicidade de todas, que era a successão. Tinha-nos dado a paz: mas paz sem successão é despojo. Bem o experimentámos e bem lamentavelmente no caso d'el-rei D. Sebastião. Tinhamos n'aquelle tempo reino, tinhamos n'aquelle tempo paz. Mas a paz para ser maior guerra, foi guerra de poucos dias; e o reino para ser maior despojo, foi despojo de sessenta annos. A paz foi guerra de poucos dias, porque em poucos dias nos vimos sujeitos sem resistencia. O reino foi despojo de sessenta annos; porque sessenta annos estivemos captivos, sem liberdade e sem honra. No mesmo perigo, na mesma contingencia, no mesmo receio estavamos até este dia, posto que tão assistidos de felicidades. A successão real, ainda que enthronizada, estava no ultimo fio: o baixel, ainda que tremulando victoriosas bandeiras, estava sobre uma só amarra. Faltava-nos segundo fiador para a vida, faltava-nos segunda anchora para a segurança; e tudo isto nos nasceu hoje. Já temos a successão em duas vidas; já temos o galeão sobre duas amarras. Esta foi a altissima mercê que hoje nos fez o céu: este o ultimo auge a que hoje vemos subida nos-

sa fortuna, por uma parte, tão necessaria, por outra, tão excessiva, que nem Deus sem ella (em sentença de Abrahão) tinha que nos dar; nem nós com ella (em sentença de David) temos que pedir.

Os dons dos Magos symbolizam a presente acção de graças.

A este Deus tão bom e poderoso vimos louvar como Deus; e a este Senhor tão liberal vimos confessar como Senhor; e veem tambem comnosco os reis do oriente ou nós com elles. Canta a Egreja n'este dia como os reis haviam de offerecer a Christo seus dons; e accrescentando á harpa de David duas vezes suas, como se a lettra fôra composta para o nosso côro, diz assim: *Reges Arabum et Saba dona Domino Deo adducent.* Virão os reis do Oriente e offerecerão seus dons a Christo como a Deus e como a Senhor. E que dons são ou haviam de ser estes? Isaias, commentando a David, diz que haviam de ser ouro e incenso: o ouro em tributo como a Senhor e o incenso em adorações como a Deus: *Omnes de Saba venient aurum et thus deferentes.* Os successores d'estes mesmos reis do oriente que hoje vieram ao presepio de Christo e os senhores do commercio d'estas mesmas drogas ricas que lhe offereceram da Arabia, da Persia, da India, são os reis de Portugal. E pois herdamos as suas corôas, bem é que paguemos tambem a Deus os seus tributos. Assim o fazemos e muito melhor. Estes offereceram incenso e nós o cheiro, elles offereceram ouro e nós o preço. O mais precioso d'aquelle ouro e o mais cheiroso d'aquelle incenso eram os louvores que junctamente davam a Deus, como accrescenta o mesmo propheta: *Aurum et thus deferentes et laudem Domino annunciantes.* Assim que em louvores lhe offerecemos o incenso como a Deus e em louvores lhe tributamos o ouro como a Senhor; e assim o ouro como o incenso trazidos tambem de Sabá. De Sabá quer dizer: *Da Converção.* E que é o que acabamos de vêr em todo este discurso, senão uma conversão admiravel de todas as cousas em Portugal? O captiveiro convertido em liberdade: a vassallagem convertida em reino: a guerra convertida em paz: e sobre tudo a esterilidade convertida em successão. Este é, pois, o poderosissimo Senhor, reparador de tantas ruinas a quem vimos louvar como Deus, *Te Deum laudamus.* Este o liberalissimo Deus, Auctor de tantas felicidades a quem vimos confessar como Senhor, *Te Dominum confitemur.*

3.º Louva Portugal a Deus porque é fonte de toda a paternidade.

IV. Temos ponderado quem louva e a quem louva. Resta a ultima consideração: porque louva. Este *porque* já está respondido em commum; mas não está dicto nem ponderado em particular. Digo que louvamos em particular a Deus; porque o Eterno Padre, em quanto Pae, fez hoje pae ao nosso principe e

em quanto Eterno, o começa hoje a o fazer eterno «com o beneficio da successão»: *Te aeternum Patrem.*

O beneficio da paternidade pertence mais a Pessoa do Eterno Padre.

Mas por que razão (começando pela primeira parte d'este poncto), por que razão pertence mais este beneficio á Pessoa do Eterno Padre, que a do Filho ou do Espirito Sancto? Eu o direi. Entre as tres Pessoas da Sanctissima Trindade o Espirito Sancto é Pessoa infecunda, não gera, nem produz: por isso não ha quarta pessoa. O Filho é Pessoa fecunda, produz mas não gera: por isso o Espirito Sancto é produzido e não gerado. Só o Padre por propriedade particular e nacional sua tem fecundidade para produzir gerando; por isso só a Pessoa do Padre tem Filho. E porque só a Pessoa do Padre póde gerar e ter Filho, essa é a razão, por que o beneficio da geração, da successão e dos filhos pertence por attribuição particular e propriissima só a Pessoa do Eterno Padre. Texto expresso de S. Paulo: *Hujus rei causa flecto genua mea ad Patrem, ex quo omnis paternitas in coelis et in terra nominatur.* Por esta causa diz S. Paulo (como se fallara por nós e comnosco n'este dia) por esta causa me prostro de joelhos deante do Padre; porque d'elle procede toda a paternidade assim no céu como na terra. De maneira que não ha paternidade, nem ser de pae ou no céu ou na terra que não seja derivado do Eterno Padre. No céu; porque o Eterno Padre se faz Pae a si mesmo e tem Filho Deus; na terra porque o Eterno Padre faz ao homem pae e lhes dá filhos homens: *Paternitas in coelo est generatio Filii; paternitas in terra est generatio hominum: quae omnis a Dei Paternitate manat: omnes enim ab eo habent vim generandi ut sint et nominentur patres*: disse, commentando a S. Paulo, o doutor maximo S. Jeronymo. Assim que ao Eterno Padre deve hoje o nosso principe o ser pae.

Que grande foi este beneficio no principe de Portugal.

Mas porque este beneficio e graça, que nos outros paes é commum, na soberania de tal pae tivesse tambem prerogativas soberanas, que fez o Eterno Padre? Fez que não só lhe devesse o nosso principe a fecundidade da successão, senão tambem (quanto cabe na proporção do creado ao increado) a similhança da fecundidade. Uma das grandes differenças que ha entre a fecundidade divina e a fecundidade humana e entre uma e outra geração é esta: A fecundidade humana ordinariamente obra com dilação de tempo e com tanta dilação muitas vezes, que ainda quando ha geração e filhos vem depois de muitos annos. Não assim a fecundidade divina: no mesmo poncto em que a primeira Pessoa da Trindade *ab aeterno* é constituida Pessoa, logo junctamente é Pae; logo junctamente tem Filho sem demora, nem precedencia de tempo, só com prioridade de origem. «Não

póde ser assim na fecundidade humana: mas ainda que por necessidade da natureza obra com dilação de tempo, por beneficio da providencia se lhe podem tirar os vagares; e esta foi a mercê que Deus fez aos nossos principes: logo logo os consolou a elles e a toda a monarchia com o fructo de seu enlace.» E porque tão promptamente? Por ventura para nos livrar das suspensões da duvida, dos receios da incerteza, dos cuidados da esperança e ainda de outros pensamentos? Essa só razão bastava: mas não foi só por essa, senão que quiz o Eterno Padre que a fecundidade dos nossos principes fosse similhante, quanto podia ser, a sua fecundidade; e a geracão da nossa primogenita mui parecida á do seu Unigenito: o seu Unigenito gerado sem prioridade de tempo: a nossa primoginata gerada sem dilações de tempo.

Ainda que tivesse primogenita e não primogenito.

Mas poderá replicar a curiosidade (por não dizer a ingratidão) de algum ouvinte máu de contentar; que para esta graça ser inteira e propria do Eterno Padre havia de ser primogenito o de que nos fez mercê e não primogenita. Agradeço o reparo pela resposta: ouvi o que a muitos parecerá novidade.

Na Escriptura foram os primogenitos reprovados ou menos queridos de Deus. A menina recemnascida e a esposa dos Cantares c. 7.

Cousa é vulgar na historia sagrada e advertida commummente dos Padres, que os primogenitos, se são filhos, pela maior parte saem mordidos ou abocanhados da fortuna e tocados de seu veneno trazem comsigo não sei que dezar ou azar da natureza. Por isso geralmente lemos d'elles que foram reprovados ou menos queridos de Deus, que é o maior azar de todos. O primogenito de Adão, Caim, desgraçado. O primogenito de Abrahão, Ismael, desgraçado. O primogenito de Isaac, Esaú, desgraçado. O primogenito de David, Ammon, desgraçado. O primogenito de Job, não lhe sabemos o nome mais do que pela desgraça; a qual foi tanta que de um golpe em sua casa acabou elle, a casa e todos seus irmãos. E como este é fado tão commum dos primogenitos e parece que nasce com elles ou segue-os a desgraça; digo eu que para desfazer este azar e tirar este tropeço á má fortuna sái hoje deante com particular providencia a nossa primogenita, franqueando e deixando o passo livre ao venturoso irmão que embora vier; para que sendo o segundo no logar seja sem estorvo o primeiro na felicidade. *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis, filia principis:* disse d'aquella grande primogenita o Esposo dos Cantares. E porque formosos seus passos e signaladamente *in calceamentis*? Porque os soube adeantar para quebrar a cabeça e pizar o veneno da serpente. Com tão bom pé e com tão airosos passos entra hoje no theatro do mundo a nossa galharda princeza calcando, pizando, mettendo debaixo do pé toda a má fortuna e

quebrando ao irmão que ha de nascer o azar de primogenito: *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis filia principis!*

A estrella dos Magos e a primogenita de Portugal.

Mas para que busco eu satisfações á nossa primogenita, se ella traz comsigo a satisfação? Tanto que os magos viram a estrella no oriente, logo como sabios vieram adorar o rei nascidos: porque o nascimento da estrella era signal certo do nascimento do rei. Quando a estrella appareceu no oriente ainda o rei não era nascido, nem concebido ainda: mas do nascimento da estrella que já nascera, inferiram com evidencia o nascimento do Rei que havia de nascer. Nasceu a estrella? Pois após ella nascerá logo o rei: é majestade do sol trazer deante o luzeiro. S. Chrysostomo e Sancto Agostinho fundados no texto: *A bimatu et infra secundum tempus quod exquisierat a magis*, dizem que nasceu a estrella dous annos antes. Quanto ao nosso caso não é necessario tamanho intervallo. Hoje vemos a estrella n'este nosso oriente; d'aqui a um anno «(assim o está ella promettendo)» viremos adorar ao rei nascido. Galante cousa é por certo que quizessemos nós que o sol nascesse primeiro que a aurora e o fructo primeiro que a flôr. Hoje amanheceu em purpuras a aurora; após ella virá o sol. Hoje desabotoou em mantilhas a bellissima flôr; após ella se seguirá o fructo; que o fructo costuma vir pegado no pé da flôr. Virá o segundo e felicissimo parto após o primeiro; antes digo que no primeiro já tem começado a vir; porque a flôr é parto incoado do fructo. Deixem nossos desejos fazer a Deus; que elle sabe melhor fazer do que nós sabemos desejar. Lá diz o adagio dos nossos maiores: Na casa de benção, primeiro é a filha que o varão. Filha era do infante D. Duarte e não filho a serenissima senhora Dona Catharina; e n'esta filha sustentou Deus a esperança e depositou o remedio de Portugal. Em quanto não vier o primogenito, já temos herdeira; como o primogenito lhe tomar a vanguarda, batalhará a Europa sobre quem a ha de levar por Senhora. É estrella d'este dia, que andarão após ella não só um rei senão muitos. E quanta razão terão todas as corôas do mundo de a pretender para rainha; pois é princeza de tantas «prendas», como já hoje começamos a vêr! Muito benigna, muito discreta, muito vigilante, muito liberal e sobre tudo muito favorecida do céu. Tão benigna e de tão real condição que em nove mezes que esteve tão de portas a dentro com a rainha nossa senhora, nunca lhe deu a menor molestia. Tão discreta e de tão alta eleição que escolheu o melhor e maior dia do anno e mais sem ninguem lh'o ensinar; porque nunca houve em Portugal exemplo similhante. Tão vigilante e diligente, que sendo hoje dia feriado madrugou ás duas horas depois da meia noite

e espertou toda a casa. Tão liberal e grandiosa que para fazer a maior mercê aos vassallos, sem esperar memoriaes, lhes deu de reis a si mesma. Finalmente tão favorecida do céu e da mesma Mãe de Deus, que fazendo a rainha, que Deus guarde, aquella tão devota novena pela felicidade de seu nascimento; porque o ultimo dia foi dedicado á Senhora da Estrella, nos deu esta estrella por senhora: *Vidimus stellam ejus*. Esta é a primogenita que hoje nasceu a Portugal: esta é a princeza que hoje nasceu para o mundo: tão digna do páe a quem se deu, como do Pae que a deu: *Te aeternum Patrem*.

A successão perpetúa a familia. O relogio d'el-rei Achaz.

Isto fez o Eterno Padre em quanto Pae; e em quanto Eterno que fez? Fez que o nosso principe comece tambem hoje a ser eterno por beneficio da successão. Os paes homens, ainda que sejam principes, todos são mortaes; mas por meio da vida dos filhos se immortalizam e por meio da posteridade da successão se fazem eternos. Antes de os filhos nascerem, vai a vida do pae caminhando para o occaso; mas no dia em que nasce algum filho, torna a vida do pae a nascer e pôr-se no oriente. Prometteu Deus a el-rei Ezechias que lhe accrescentaria os annos da vida; pediu Ezechias signal; e o signal foi este: Que o sol voltasse ao oriente e que a sombra subisse dez linhas no relogio d'el-rei Achaz. A duração da nossa vida mede-se pelo curso do sol. Pois se o curso do sol é a medida da vida humana e Deus queria accrescentar a vida do rei; parece que o sol havia de caminhar adeante e não tornar atraz; parece que havia de caminhar ao occaso e não voltar ao oriente. Este é o mysterio e estremada pintura do que vou dizendo. O modo natural com que Deus accrescenta os annos aos homens é unindo a vida dos filhos á vida dos paes e renascendo outra vez os paes no nascimento dos filhos; e por isso a vida dos paes, que seguindo o curso do sol vai caminhando ao occaso, pelo milagre natural do nascimento dos filhos torna de repente atraz e se põi outra vez no oriente. A traça d'aquelle relogio de el-rei Achaz era uma escada fabricada com tal artificio que a sombra do sol em cada hora ia descendo um degráu. Essa escada ou a sombra d'ella é a nossa vida; de degráu em degráu vai descendo sempre e caminhando para o occaso. Mas a vida dos paes no nascimento dos filhos torna outra vez a subir a escada e a se repôr de novo no primeiro degráu. Tal é com natural maravilha o estado em que n'este venturoso dia se acha a vida, que Deus guarde, do nosso felicissimo principe. Hontem á tarde ia pondo sua alteza os pés nos degráus vinte e um da vida; hoje com o nascimento da bellissima successora, está outra vez reposto no primeiro degráu d'ella para começar a viver de novo.

Hontem ia subindo o nosso sol para o zenith dos annos com passo lento; hoje com o nascimento da nova aurora, desfazendo subitamente as linhas, que tão felizmente tinham andado, amanhece segunda vez renascido em novo e reciproco oriente. Demos logo o parabem n'esta duplicada felicidade a nosso augustissimo monarcha, não só do nascimento da sua primogenita, senão tambem do seu nascimento; pois hoje nasce outra vez n'ella e com ella; hoje dá novo principio á vida com sua vida; e hoje começa a contar aquelles felizes e continuados annos que por meio de sua real successão hão de ser eternos.

O modo com que Moysés contou os annos dos patriarchas.

Conta Moysés no livro do Genesis os annos das vidas dos antigos patriarchas; e é muito digno de ponderação o estylo de contar que segue; porque faz duas contas: uma dos annos que tinham, quando lhes nasceu o primogenito, e outra dos annos que tinham quando morreram. Ponhamos o exemplo de Seth, filho de Adão. Viveu Seth, diz Moysés, cento e cinco annos e gerou Enós (esta é a primeira conta); e viveu Seth novecentos e dez annos e morreu (esta é a segunda). Pois se para ficarem em memoria e sabermos os annos que viveram os patriarchas, bastava só esta segunda conta; porque fez Moysés tambem a primeira? Porque faz uma conta dos annos em que morreram e outra dos annos em que lhes nasceram os filhos? Porque os homens que são paes, teem duas vidas: uma vida que acaba, outra vida que continúa. A vida que acaba, conta-se do dia da morte do pae; a vida que continúa, conta-se do dia do nascimento do filho. Porque no dia do nascimento do filho a vida do filho ata-se com a vida do pae; e d'estas duas vidas assim atadas (atando-se tambem entre si as que lhe succedem) de muitas vidas que não são perpetuas, se vem a fazer uma vida perpetuada. S. Paulo chamou judiciosamente a morte desatadura da vida: *Tempus resolutionis meae.* A morte é desatadura da vida; e o nascimento é atadura das vidas; porque na morte do pae desata-se uma vida; no nascimento do filho atam-se duas. Ata-se a vida do filho com a vida do pae; e d'estas atadas uma na outra, seguindo-se vidas a vidas e annos a annos, os annos do pae que em si mesmos eram mortaes e finitos na successão dos filhos se fazem immortaes e eternos. Este é o attributo d'aquella eternidade que o eterno Padre por meio da real successão começa a communicar hoje ao nosso renascente principe; para que, assim como em quanto Páe o fez páe, assim em quanto Eterno o faça eterno: *Te aeternum Patrem.*

2 *Tim.* 4

A myrrha significa o mortal immortalizado.

A myrrha que é o ultimo obsequio que hoje offereceram os reis a Christo, não significa simplesmente o mortal, senão o mortal immortalizado; porque a morte mata os corpos; e a

myrrha depois de mortos, preservando-os da corrupção os faz immortaes. Este foi o pensamento, diz S. Maximo, com que os Magos sabiamente dedicaram a Christo a myrrha, como a reparador da sua e nossa mortalidade, professando o mysterio no tributo: *In myrrha, qua exanima solent corpora conservari, praefiguratur carnis nostrae reparatio.* Mas se a mortalidade se repara d'este modo pela myrrha, muito melhor se repara pela successão. Porque a myrrha immortaliza o mortal depois da morte; e a successão immortaliza e eterniza o mortal com novas e continuadas vidas. Razão é logo que no dia em que teve principio esta felicidade, nós todos e toda a terra comnosco demos immortaes e eternas graças ao eterno Padre pela immortalidade e eternidade do nosso principe; pois com os primeiros penhores da felicissima successão, assim como em quanto Pae o fez pae, assim em quanto Eterno o começa a fazer eterno: *Te aeternum Patrem omnis terra veneratur.* Acabou-se o verso do nosso côro; e eu tenho acabado.

Recapitulação dos motivos de dar graças a Deus. Ps. 148, 67, 65.

V. Estas são em breve summa, Côrte, Nobreza e Povo venturosissimo de Portugal, as mercês e felicidades, por que n'este illustrissimo e real congresso nos ajunctamos todos em solemne acção de graças, a louvar e glorificar ao supremo auctor de todos os bens n'este ditosissimo e tão desejado dia, corôa de todos os que temos visto, tendo visto tantos e tão grandes. Tres dias notavelmente grandes teve Portugal n'este seculo tão cheio de novidades, em annos a que todos quasi fomos presentes. O primeiro foi o dia da acclamação; o segundo o dia das pazes; e terceiro este dia, sobre todos feliz, do nascimento da nossa primogenita. No dia da acclamação deu-nos Deus o reino duvidoso; no dia das pazes deu-nos o reino seguro; no dia de hoje dá-nos o reino perpetuado. No primeiro dia deu-nos o reino de nossos paes; no segundo dia deu-nos o reino para nós; n'este terceiro dá-nos o reino para nossos descendentes. Os passados já não podem gozar este bem, porque foram: os futuros ainda o não podem gozar, porque não são: nós somos só os que o gosamos; porque fomos tão venturosos que vivemos n'esta era. Não sejamos ingratos a um Deus tão bom, que sem merecimentos nossos, antes sobre tantas offensas, nos faz tão singulares favores. Já que nos junctamos a o louvar, louvemol-o muito do coração e louvemol-o todos. Assim como o sol e a lua louvam a Deus: *Laudate eum sol et luna*; louvem a Deus hoje os nossos soberanos planetas e reconheçam o fructo da successão como benignidade das influencias divinas. Assim como as estrellas louvam a Deus: *Laudate omnes stellae;* louve a Deus o bellissimo luzeiro que hoje amanheceu nos nossos horizontes, escla-

recendo e allumiando com a mesma luz a que sái, este seu e nosso hemispherio. Assim como os reinos louvam a Deus: *Regna terrae cantate Deo;* louve a Deus o reino de Portugal; pois entre todos os do mundo se vê d'elle tão amado, tão favorecido, tão sublimado. Assim como toda a terra louva a Deus: *Omnis terra adoret te et psallat tibi*; louvem a Deus todas as partes da terra de nossa monarchia e lembrem-se (pois se não podem esquecer) dos trabalhos, das perdas, das opposições, das ruinas que padeceram por falta de successão.

O Sacrificio da Sancta Missa suppre os defeitos dos nossos agradecimentos *Ps. 49*

Mas porque todos os louvores humanos são limitados e as mercês que nos fazeis, Senhor, são infinitas, louvae-vos vós mesmo a vós, infinito Deus; e acceitae em acção de graças tambem infinitas o infinito merecimento d'esse sacrificio sacrosancto, que hoje vos offerecemos; pois o instituistes para supprir os defeitos de nossos agradecimentos com nome de sacrificio de louvor: *Sacrificium laudis honorificabit me.* N'esse sacrificio de louvor vos louvamos em quanto creaturas vossas como a nosso Deus: *Te Deum laudamus;* n'esse sacrificio de louvor vos confessamos em quanto servos vossos, como a nosso Senhor: *Te Dominum confitemur:* n'esse sacrificio de louvor vos reverenciamos em quanto filhos vossos e vos reverenciaremos eternamente como a nosso Pae: *Te aeternum Patrem omnis terra veneratur.*

(Ed. ant. tom. 12.°, pag. 170, ed. mod. tom. 11.°, pag. 323.)

SERMÃO DE ACÇÃO DE GRAÇAS * *

PELO NASCIMENTO DO PRINCIPE D. JOÃO PRIMOGENITO DE SUAS MAJESTADES QUE DEUS GUARDE PRÉGADO NA EGREJA CATHEDRAL DA CIDADE DA BAHIA EM 16 DE DEZEMBRO DO ANNO DE 1688.

Observação do compilador. — Attenda o leitor que não são estes sermões dogmaticos nem moraes, que peçam provas demonstrativas, senão gratulatorios e panegyricos, que se contentam com as de simples probabilidade, com tanto que sejam para edificação.

Respexit et vidit.

Finalmente desempenhou Deus as promessas que fez ao reino de Portugal.

A vossos olhos (todo poderoso e todo misericordioso Senhor) a vossos olhos, posto que debaixo d'essa cortina encobertos aos nossos; a vossos olhos vem hoje esta grande e nobilissima parte de Portugal render as devidas graças pelo fidelissimo desempenho de vossas promessas. Promettestes que havieis de olhar e vêr: *Ipse respiciet et videbit;* e já temos nova certa de que olhastes e vistes: *Respexit et vidit.*

O sepulchro de Rachel (1. *Reg.* 10) e o mausoleu da rainha D. Francisca.

Quatro annos e mais se contam hoje, em que prégando eu as exequias da rainha, que está no céu, fiz dous discursos muito encontrados: um de dôr, outro de consolação; um de sentimento, outro de allivio; um triste, outro alegre; um com os olhos no passado, outro com as esperanças no futuro. Aquelles dous varões que o propheta Samuel deu por signal a el-rei Saul, antes de o ser, que acharia juncto ao sepulcro de Rachel: *Invenies duos viros juxta sepulcrum Rachel;* um d'elles significava o pezar, outro o desengano: porque estes são os dous affectos, que só acompanham depois da morte os que mais seguiu o amor e o applauso na vida. Assim eu, posto que com differente pensamento, tambem puz duas estatuas racionaes aos lados da sepultura da nossa defuncta Rachel. De uma parte a estatua da dôr triste e coberta de lucto, que representava e chorava a perda passada: da outra parte a estatua da consolação contente e

vestida de gala, que da mesma tristeza e da mesma morte presente tirava e prognosticava a felicidade futura. Lembra-me que levantando os olhos para o tumulo e mausoleo real, Agora tomara eu (disse), porque assim ha de ser, que em todo este grande theatro se mudasse e voltasse a scena. Que os luctos trocassem as côres; que as caveiras se revestissem de vida; que os cyprestes se reproduzissem em palmas: que os epitaphios se convertessem em panegyricos; e que as luzes mortaes e funestas d'aquella pyramide se accendessem em luminarias de alegria, de parabens, de acção de graças.

Verifica-se o prognostico que fez o orador na oração funebre da mesma rainha.

E não é isto o que toda a Bahia fez tão estrondosamente allumiada n'estas tres noites? E não é isto o que agora fazemos todos, vindo dar graças a Deus n'este venturoso dia? Assim é. Corramos, pois, as cortinas aos segredos da Providencia divina e vejamos nós agora o que só viam então os olhos de sua misericordia postos nos nossos reis. Levou-nos Deus uma rainha, para nos poder dar outra: levou-nos a serenissima de Saboya, para nos poder dar a augustissima de Austria: levou-nos a esteril, para nos poder dar a fecunda: levou-nos a que depois de tantos annos de esperança e desengano nos obrigou a ir buscar fóra da patria a sujeição e vassallagem de principe extrangeiro, para nos poder trazer de mais longe a que dentro do primeiro anno nos restituiu a baronia dos reis naturaes; e que hoje tem alegrado a Portugal em todas as partes do mundo com a nova do felicissimo parto, que n'esta cabeça da America festejamos, agradecidos eternamente á fidelissima piedade dos olhos divinos, que finalmente (como tinha promettido) olhou e viu: *Respexit et vidit.*

Qual havia de ser a prole attenuada a quem Deus prometteu as suas misericordias.

II. Para intelligencia d'estas duas palavras, vamos ao texto d'ellas, que é o juramento d'el-rei D. Affonso Henriques, e tambem será o fundamento de quanto dissermos. No mesmo dia em que Christo Redemptor nosso desde o throno de sua cruz creou o reino de Portugal com aquella mesma voz com que creou o mundo, annunciou ao rei em quem fundava o reino, duas cousas notaveis: a primeira, revelando-lhe uma desgraça futura; a segunda, promettendo-lhe o remedio d'ella, muito maior que a mesma desgraça. A desgraça revelada foi, que na sua decima sexta geração se attenuaria a prole: *Usque ad decimam sextam generationem, in qua attenuabitur proles:* o remedio e felicidade promettida foi ou é, que n'essa mesma prole attenuada elle olharia e veria: *Et in ipsa attenuata ipse respiciet et videbit.* Vejamos agora quem foi a decima sexta geração d'el-rei D. Affonso I e quem foi ou é a prole attenuada da mesma geração decima sexta. A decima sexta geração d'el-rei D.

Affonso o primeiro ninguem duvida que foi el-rei D. João o quarto de eterna memoria; e a prole attenuada d'el-rei D. João o quarto tambem se não póde duvidar que é el-rei D. Pedro nosso Senhor, que Deus guarde: porque depois do fallecimento de seus irmãos n'elle ficou a decima sexta geração em um só filho e por um só fio. Segue-se logo com evidencia, que na pessoa d'el-rei D. Pedro se cumpriu a attenuação da prole e que á mesma pessoa d'el-rei D. Pedro prometteu Deus o olhar e vêr de seus olhos: *Et in ipsa attenuata ipse respiciet et videbit.*

Havia Deus de olhar n'ella como olhou em Anna mãe de Samuel. 1 *Reg.*

Isto supposto com tanta evidencia, resta só saber, que significa e em que consiste o olhar e vêr de Deus, principalmente quando se falla de gerações e falta o supplemento d'ellas, como no nosso caso. Já respondi a esta questão e a declarei no sermão allegado, quando empenhei esta mesma palavra de Deus; e agora é necessario que o repita, quando ella se desempenha. O olhar e vêr de Deus, em linguagem do mesmo Deus e phrase da Escriptura sagrada, é fazer Deus mercê de dar successão a quem é servido, e não outra, senão de filho varão. Torne tambem a prova, porque é a unica. Anna mulher de Elcana principe do tribu real e levitico, vivia muito desconsolado por se vêr esteril e sem filho e mais á vista de uma companheira e emula sua, que tinha muitos e por isso a desprezava. Com esta dôr que sempre a trazia triste, se foi Anna ao templo e orou a Deus d'esta maneira: *Si respiciens videris afflictionem famulae tuae, dederisque servae tuae sexum virilem, dabo eum Domino omnibus diebus vitae ejus:* se vós, Senhor, olhando virdes a esterilidade de vossa serva e me derdes um filho varão, eu faço voto de o dedicar a vosso serviço por todos os dias de sua vida. Notae agora o que pediu Anna e o que disse a Deus. O que pediu foi um filho varão, *sexum virilem*: o que disse a Deus foi: Se olhando virdes minha esterilidade: *Si respiciens videris afflictionem famulae tuae.* E porque propoz o que pedia e o que esperava de Deus com tão differente linguagem, como é se me derdes filho varão e se olhardes e virdes? Porque o olhar e vêr de Deus é dar filho varão. Assim foi. Olhou Deus e viu a afflicção de Anna; e logo, sendo esteril, teve um filho varão e tal filho, qual foi Samuel, que sendo um, valia por muitos: *Donec sterilis peperit plurimos.*

Nascimento do principe do Brazil.

E que se segue de toda esta demonstracção? Segue-se que o nosso bellissimo infante, nosso em quanto primogenito de Portugal e mais nosso em quanto principe do Brazil, cujo felicissimo nascimento hoje celebramos, elle e unicamente elle é o inteiro desempenho dos olhos de Deus; elle o esperado e suspirado parto do seu olhar e vêr; elle o revelado e promettido ao

primeiro rei; e elle o glorioso e fatal reparador da sua descendencia. A fé d'esta estupenda conclusão é evidente. Porque se o effeito do olhar e vêr de Deus é dar filho varão; tendo Deus promettido áquelle rei, que na prole attenuada de sua decima sexta geração olharia e veria, e sendo a prole attenuada da mesma geração decima sexta manifesta e evidentemente el-rei D. Pedro, nosso Senhor; com a mesma evidencia se convence que o filho varão de que Deus fez mercê este anno a el-rei D. Pedro o segundo, é o que tantos annos e seculos antes revelou e prometteu o mesmo Deus a el-rei D. Affonso o primeiro.

Prophetizado na fundação da monarchia.

Caso sobre toda a admiração admiravel, que em tão remotas distancias com o nascimento do reino se ajunctasse o nascimento d'este soberano menino! Caso sobre toda a admiração admiravel, que quando Christo em Pessoa desde sua cruz lançava a primeira pedra n'este novo edificio, como elle mesmo disse: *Ut initia regni tui super firmam petram stabilirem;* junctamente com a pedra fundamental se não lançasse outra estampa ou outra memoria, senão a d'este futuro principe! Caso outra vez sobre toda a admiração admiravel, que havendo n'esta posteridade de D. Affonso tantos reis, tantos principes, tantos infantes famosos, passando todos os outros em silencio, só d'este unicamente fizessem menção as promessas divinas! Se Christo revelasse áquelle primeiro rei que viria tempo em que um descendente seu, qual foi o felicissimo rei D. Manuel, accrescentando a Portugal tantas partes da Africa, da Asia e da America, de reino o levantaria á monarchia; este amplificador d'ella em todas as partes do mundo, digno objecto podia parecer de similhante revelação divina. Mas tudo isto calou Deus e só lhe revelou e prometteu este ultimo parto de seus olhos; para que vejamos no meio de tantas razões de admiração, quão grandes esperanças deve conceber Portugal d'este prodigioso e fatal nascimento e quantas graças devemos dar a Deus por em nosso tempo e n'esta edade nos fazer uma tão inestimavel mercê, que em tantos annos e seculos, nossos antepassados só podiam ler e esperar, mas não alcançaram nem viram.

Antiguidade das divinas promessas. Como a pondera Isaias, c. 25.

III. Dando graças a Deus o propheta Isaias; e ensinando-nos o que muito devemos ponderar em similhantes casos ao nosso, diz assim: Vós, Senhor, verdadeiramente sois meu Deus: hei-vos de exaltar, hei-vos de louvar, hei-vos de dar muitas graças, porque obrastes grandes maravilhas. E que maravilhas? Fazendo que as vossas promessas, sendo tão antigas, fossem fieis e se cumprissem: *Cogitationes antiquas fideles;* e este seu dicto fecha o propheta com uma clausula extraordinaria, accrescen-

tando *Amen*. Como se dissera: Assim o prometteste e dissestes tanto tempo antes; e assim o vemos agora. De maneira que a circumstancia que Isaias tanto pondera e encarece nas promessas antigas de Deus é que a sua antiguidade não diminuisse nem enfraquecesse a sua verdade, *Antiquas et fideles*. Mas esta circumstancia ou advertencia tão ponderada e encarecida nem parece digna de ponderação, nem de encarecimento, nem ainda de reparo. A verdade infallivel das promessas de Deus nenhuma dependencia tem do tempo. Tanto importa que sejam antigas, como modernas; porque nem a brevidade lhes assegura a firmeza, nem a dilação lh'a póde fazer duvidosa. Na ultima noite de sua vida prometteu Christo a S. Pedro que o havia de negar tres vezes; e na mesma noite o negou. No principio do mundo prometteu Deus á serpente que uma mulher lhe havia de quebrar a cabeça; e d'ahi a quatro mil annos lh'a quebrou a Bemdicta entre todas as mulheres. Pois se para a inteireza inviolavel da palavra divina tanto importa a brevidade de quatro horas, como a dilacção de quatro mil annos; como pondera tanto o maior dos prophetas maiores, que a palavra de Deus nas suas promessas antigas seja fiel e não falte ao cumprimento d'ellas; e que assim como elle antiga e antiquissimamente pronunciou as promessas, assim os effeitos depois lhe responderam com Amens?

Estas promessas venceram as difficuldades do tempo.

A razão natural e verdadeiramente admiravel d'esta circumstancia, que o não parece, é, porque nos tempos, nos annos e muito mais nos muitos seculos, como a variedade e mudança das cousas humanas são tantas como as voltas da roda da fortuna que nunca pára; é força que contra a firmeza e estabilidade dos successos futuros occorram muitos estorvos, muitas difficuldades, muitos embaraços e grandissimas implicações. E quantas vezes Deus desvia esses encontros, desimpede estes impedimentos, estorva esses estorvos, facilita essas difficuldades, desembaraça esses embaraços e desarma e desfaz essas implicações, tantas são as maravilhas que a providencia, sabedoria e omnipotencia divina obra para manter a verdade de suas promessas contra a mesma antiguidade d'ellas: *Quoniam fecisti mirabilia, cogitationes antiquae fideles*.

Declara-se com a historia de Portugal.

E senão, vamos ao nosso caso, e vejamos quanta foi a antiguidade da promessa divina desde que prometteu pôr os olhos na decima sexta geração dos nossos reis, até que os poz: *Posuit in te et in semine tuo post te oculos misericordiae suae usque ad decimam sextam generationem*. O dia em que Christo appareceu a el-rei D. Affonso Henriques e fundou o reino de Portugal foi aos vinte e quatro de julho de mil cento e trinta e no-

ve; e o dia em que a decima sexta geração restaurou o mesmo reino foi ao primeiro de dezembro de mil seiscentos e quarenta: de sorte que entre o fundador e o restaurador, entre el-rei D. Affonso o primeiro e el-rei D. João o quarto, entre o tronco da arvore dos reis portuguezes e a decima sexta geração do mesmo tronco, passaram ponctualmente quinhentos annos inteiros. E n'esta cumpridissima antiguidade de quinhentos annos qual seria o labyrintho de impedimentos e difficuldades, que os olhos divinos vigilantissimamente previam e maravilhosamente venceram e desfizeram, para que o fio da decima sexta geração se não rompesse, ou quebrado se tornasse a atar na mesma successão continuada? Só quem não tem lido e comprehendido as nossas historias, não pasmara n'este caso. Ponho um exemplo.

E particularmente com a d'el-rei D. Fernando.

Por morte d'el-rei Fernando, aquelle, como bem disse o nosso Homero—que todo o reino poz em grande aperto—viu-se a successão e corôa do primeiro Affonso em um dos maiores perigos e apertos que se podem imaginar. O legitimo herdeiro, filho d'el-rei D. Pedro, preso em Castella: o rei, que o queria ser por força, poderosamente armado: o governo nas mãos de uma mulher e sobre mulher, offendida: os grandes divididos em parcialidades: as cidades duvidosas: as fortalezas, muitas entregues: a segunda nobreza seguindo a primeira, e só o povo favoravel, mas povo. N'este estado, porém, ou n'esta confusão temerosa, em que tudo ameaçava a ultima e total ruina, que fariam os olhos de Deus sempre vigilantes sobre Portugal? Assim como Samsão para derribar o templo dos philisteus abraçou duas columnas, assim Deus levantou outras duas, para que o edificio que elle fundara, se sustentasse e não caisse. Estas columnas foram o mestre de Aviz D. João o primeiro e o condestavel D. Nuno Alvares; os quaes em tantas e tão deseguaes batalhas e com tantas e tão vantajosas victorias defenderam gloriosamente a patria e tiveram mão na corôa. Mas não parou aqui a perspicacia d'aquelles olhos, que não só vêem, como nós, o presente, e sempre se adeantam aos futuros. Para fazer immortaes na vida aquelles mesmos dous heroes, que já se tinham feito immortaes na fama, casa Deus um filho do rei com uma filha do condestavel e funda n'elles a real casa e ducado de Bragança, lançando n'esta segunda fundação, segundo, e dobrados alicerces ao reino seu e nosso, e para que? Para que no caso que faltassem os reis, os podessem supprir e substituir os duques.

O reino prophetizado a Judá e o prophetizado a el-rei D. Affonso Henriques.

Ora vêde como n'esta providencia mostrou Deus outra vez e confirmou ser elle o fundador do reino de Portugal. Um só rei-

no temos de fé que fundou Deus n'este mundo, que foi o reino de Judá, ao povo que o mesmo Deus n'aquelle tempo chamava seu. Ouçamos agora o que diz por bocca de Jacob o Texto sagrado fallando ou fadando os successos futuros d'este reino: *Non auferetur sceptrum de Juda et dux de femore ejus, donec veniat qui mittendus est.* Note-se muito a palavra *sceptrum* e a palavra *dux.* A palavra *sceptrum* significava os reis, a palavra *dux* significava os duques; e diz, que não faltariam os reis e os duques da mesma descendencia de Judá: *Sceptrum de Juda: dux de femore ejus*: em fé e prophecia certa de que os duques haviam de substituir os reis em falta d'elles. Assim foi ponctualmente, porque depois da transmigração de Babylonia ao ultimo dos reis que foi Joachim, succederam os duques, de que foi o primeiro Zorobadel e depois d'elle os demais até os Machabeos. Nos mesmos Machabeos tem a real casa de Bragança uma admiravel confirmação e demonstração do que digo. Vendo alguns da mesma nação, mas não da mesma familia as grandes victorias dos Machabeus, emulos da mesma gloria, formaram um pé de exercito, e sairam contra os inimigos, que n'aquella occasião eram os Jamniamitas. Mas ao primeiro encontro, mortos dous mil que ficaram no campo, os demais o desampararam, fugindo com as mãos na cabeça. E porque foi este successo tão diverso dos que lograram os Machabeos? Dá a razão a Escriptura com um documento muito notavel: *Quia non erat de semine virorum illorum, per quos salus facta est in Israel:* porque não eram do sangue e descendencia d'aquelles varões que Deus reservou para a salvação de Israel. De sorte que assim como o general não mette todo o poder em batalha, mas deixa sempre em reserva os que nos exercitos romanos se chamavam triarios, isto é, os mais escolhidos e valerosos soldados, para accudir e soccorrer onde a necessidade o pedir; assim Deus, quando quer conservar um reino, divide o sangue real d'elle como em duas linhas, para que na falta de uma se defenda e sustente na outra. E esta segunda, não de qualquer geração indifferentemente, posto que da mesma nação; mas escolhida e de sujeitos signalados e heroicos, em que fique depositado e como vivo, o valor de seus ascendentes. Isto é o que fez Deus na real casa de Bragança, fundada nos dous famosissimos heroes D. João o primeiro e D. Nuno Alvares, deixando n'ella reservado um como seminario, *de semine virorum illorum,* para que na falta dos reis, fossem os restauradores do reino, como verdadeiramente o foram no anno de quarenta; em que o mesmo que entre os duques era D. João o segundo, foi entre os reis D. João o quarto.

Portugal em sujeição de Castella guarda as mesmas promessas.

IV. Mas não debalde ponderava tanto Isaias nas mesmas promessas divinas a circumstancia da antiguidade: porque na comprida carreira dos muitos annos se encontram taes tropeços e precipicios, que não só caem n'elles os estados mais firmes, mas derribam e levam comsigo as mesmas columnas em que se haviam de sustentar. Este é o segundo e maior perigo em que não só esteve arriscada a decima sexta geração, mas quasi de todo perdida. Morreu el-rei D. Sebastião, com licença dos sebastianistas, e sem licença sua, morreu tambem el-rei D. Henrique, ambos sem successão. Aqui succedia natural e legitimamente a casa de Bragança no direito da Senhora D. Catharina: mas como onde ha força, se perde o direito, aos reis faltou-lhes a vida, aos duques, que lhes haviam de succeder, faltou-lhes o poder: lá vai o reino a Castella. E que direi eu agora, Senhor, aos vossos olhos? Não são elles os promettidos e não sois vós o que promettestes que os havieis de pôr no reino do primeiro Affonso até a decima sexta geração: *Usque ad decimam sextam generationem?* E onde está esta geração? Nos reis não, que morreram: nos duques não, que estão opprimidos e avassallados; e n'elles mais difficultosa a esperança, do que nos mesmos reis: porque se nos reis está morta, nos duques está sepultada. Que diremos logo aos vossos olhos, ou que nos podem elles dizer? Eu o direi.

Dá Deus corôas por cinzas *Isai.* 61

Uma das finezas, ou galanterias de que se preza a liberalidade divina, é dar corôas por cinzas. Lá disse por bocca de Isaias: *Ut darem eis coronam pro cinere.* Assim o fez com el-rei D. João a quem pelas cinzas de dous reis que morreram sem successão, deu a successão da corôa. Os dous ultimos reis que morreram sem successão, já dissemos que foram primeiro el-rei D. Sebastião e depois el-rei D. Henrique; e ambos concorreram com as suas cinzas um para o nascimento, outro para a vida do novo rei. D. Henrique concorreu com as cinzas para o nascimento d'el-rei D. João; porque das cinzas de D. Henrique como «ultimo rei», nasceu D. João resuscitado; e D. Sebastião concorreu com as suas cinzas para a vida do mesmo rei; porque debaixo das cinzas d'el-rei D. Sebastião morto, se conservou D. João vivo.

Assim o fez com D. João o IV.

Notae uma admiravel subtileza da providencia e previdencia dos olhos divinos para conservar viva a decima sexta geração, em que os tinha postos. Sempre os portuguezes esperaram por um rei que os havia de restaurar. Em que esteve o acerto da sua esperança? Em errarem o esperado. Se esperaram acertadamente por el-rei D. João, elle e nós eramos perdidos: porque os ciumes e temor d'esta esperança, quando o não tiras-

sem do mundo, o haviam de tirar de Portugal. E que fez a Providencia divina para o conservar a elle e n'elle a nós? Fez que os portuguezes dêssem em esperar por el-rei D. Sebastião: para que? Para que a esperança do rei morto, em que não havia que temer, conservasse sem perigo a successão do vivo. Assim se continuou este milagre pelo espaço não menos que de trinta e seis annos, cegando Deus tanto os que deviam temer: porque desde o anno de seiscentos e quatro, em que el-rei D. João nasceu, até o anno de seiscentos e quarenta em que nos restaurou, debaixo das cinzas do falsamente esperado se conservou a vida do verdadeiramente promettido. Não se conserva a braza encoberta e viva debaixo das cinzas que a cobrem e escondem? Pois assim se conservou a decima sexta geração de D. Affonso, debaixo das cinzas de D. Sebastião, sem ninguem esperar nem imaginar tal cousa. Chegou o anno de quarenta; assoprou Deus as cinzas; e appareceu a braza viva: viva para resuscitar o reino e os vassallos; e braza para executar nos contrarios ou contradictores o que nós vimos e elles sentiram.

Attenua-se a sua prole.

V. Segura já a decima sexta geração e a promessa d'ella, resta só a da prole e prole attenuada. Aqui teem os olhos divinos mais que desfazer, do que fazer: porque a prole d'el-rei D. João o quarto não foi attenuada, senão multiplicada. Diz Salomão que o fio ou cordão de tres ramos difficultosamente se rompe: *Funiculus triplex difficile rumpitur;* e tal foi a prole d'el-rei D. João, multiplicada ou triplicada em tres filhos: em D. Theodosio, em D. Affonso, em D. Pedro. D'estes tres havia de desfazer a Providencia divina dous d'elles, para que ficasse a prole attenuada em um só. E se Deus consultasse ao reino sobre quaes haviam de ser os dous que desfizesse, eram cada um dos tres tão digno de que nós lhe desejassemos muito larga vida, que o mesmo reino havia de pedir a Deus nol-os conservasse todos.

1.º Na morte de D. Theodosio, principe de raras prendas.

O primeiro era o principe D. Theodosio, aquella grande alma na qual a perfeição das tres potencias nem dava nem admittia vantagem: a memoria felicissima, o intendimento agudissimo, a vontade humanissima: excellente em todas as graças da natureza e egual em todos os dotes da graça: tão sancto como sabio e tão universal em todas as sciencias, que em edade de quatorze annos disputava com tal comprehensão em todas, que tendo-as adquirido sem mestre, admirava os mestres d'ellas. Na lição e eleição dos livros com tal estudo se applicava aos sagrados, que nem por isso desestimava os humanos: sempre trazia comsigo da parte direita a Biblia e da esquerda Homero. Amenissimo nas virtudes de homem, severo e gravissimo nas

de principe. Parece que creou Deus aquelle prodigio só para o mostrar ao mundo e logo o recolher. Acabou na flôr da edade e n'aquella flôr se seccaram as esperanças de Portugal e as invejas da Europa. Era conforme o seu nome dado por Deus, que isso quer dizer Theodosio; Deus o deu, Deus o levou: *Dominus dedit, Dominus abstulit.*

2.º Nas vicissitudes de D. Affonso victorioso mas meio-rei.

Aqui ficou a prole da decima sexta geração já começada a se attenuar, mas ainda em dous fios. O segundo, foi o infante D. Affonso, depois rei, o sexto d'este nome. Raro principe se achará nos annaes da fortuna, que em toda a sua vida a experimentasse tão varia «e a visse servir tão constantemente á gloria da sua nação». Em seu tempo se armaram com todo o poder as maiores forças contrarias: em seu tempo se guerrearam nas nossas campanhas as maiores batalhas; e em seu tempo sem excepção triumphou sempre Portugal com as maiores victorias. Era manco de um pé, era aleijado de um braço e n'aquella parte da cabeça padecia o mesmo defeito: porque a força do mal, de que escapou quasi milagrosamente, como diziam os medicos, o partio pelo meio: mas assim partido pelo meio, o vimos sempre victorioso: que parece quiz mostrar Deus a todas as nações, que bastava metade de um rei de Portugal para resistir e vencer a maior monarchia do mundo. Morreu em fim o felicissimo «meio rei» Affonso, acompanhando no mesmo dia e na mesma hora o seu enterro e a sua fortuna, por terra o seu povo com lagrimas, por mar as suas frotas sem bandeiras[1].

3.º No primeiro casamento de D. Pedro, do qual só teve uma filha.

Assim cortou a Providencia divina aquellas duas vidas, para que em um só e unico filho ficasse attenuada a prole, em que Deus tinha promettido de olhar e vêr: *Et in ipsa attenuata ipse respiciet et videbit.* Assim ficou el-rei D. Pedro, nosso senhor, desde o dia em que passou d'esta vida el-rei D. Affonso. Mas sendo elle a prole attenuada, tão longe esteve Deus então de olhar e vêr, que antes parece que cerrou totalmente os olhos. O olhar e vêr de Deus, como vimos, consistia em dar á prole attenuada filho varão; e n'aquelle estado posto que a prole já estivesse attenuada «e el-rei se achasse com uma filha», nem Deus lhe deu filho varão, nem da mulher o podia ter. E porque da mulher não podia ter filho e da filha podia ter neto, este foi o desengano e o engano com que a prudencia humana, sem attender á fé da promessa divina, tractou de que o filho que a rainha não podia dar ao reino, ao menos lh'o désse o seu appellido; e assim o fomos buscar a Saboya. Contractado o casamento com um tão grande principe, posto que extrangeiro,

[1] Quando foi a enterrar a Belem entrava a frota no Brazil.

fez-se em Lisboa, onde eu me achava, uma solemnissima procissão em acção de graças; e como ao entrar do Rocio tropeçasse o cavallo de S. Jorge e caisse o Sancto, caso nunca até então succedido, lembra-me que ouvi dizer a um sujeito bem conhecido na côrte[1]: Só S. Jorge caiu no que isto é: aquella procissão, não é procissão, é um enterramento mal conhecido em que Portugal com festas e danças vai sepultar a baronia dos seus reis naturaes: mas não havia Deus de permittir tal cousa; porque tinha promettido o contrario. E quando a armada partiu para Saboya, tão alcatroada de ouro por fóra e tão carregada de diamantes e joias por dentro, disse o mesmo auctor: Posto que a nossa armada sái tão rica pela barra de Lisboa; ainda ha de tornar mais rica. E perguntado porque? Porque não ha de trazer o que vai buscar. Assim conhece os futuros, quem penetra as prophecias e se fia nas promessas de Deus. Que disse Deus? Que na prole attenuada da decima sexta geração d'el-rei D. Affonso o primeiro elle olharia e veria. E quem foi a decima sexta geração de D. Affonso o primeiro? El-rei D. João o quarto. E quem é a prole d'el-rei D. João o quarto? El-rei D. Pedro, nosso senhor. Logo ainda que a infanta, que Deus guarde, tivesse filho e el-rei de sua filha tivesse neto varão, de nenhum modo se cumpria n'elle a promessa divina. Porque? Porque el-rei é geração decima septima, a senhora infanta é geração decima oitava e a prole attenuada a quem Deus prometteu dar filho varão, não havia de ser prole da geração decima oitava, nem da geração decima septima, senão da geração decima sexta: *Usque ad decimam sextam generationem in qua attenuabitur proles; et in ipsa attenuata ipsa respiciet et videbit.*

Desfaz Deus o primeiro casamento com a morte para fazer outro mais fecundo.

Que remedio, logo, para que os olhos divinos podessem olhar e vêr? O que eu ha tantos annos ponderei e deante d'estas mesmas testimunhas prometti a Portugal. O remedio era que o matrimonio de que a prole attenuada não podia ter filho o desfizesse a morte; para que, tirando aquelle impedimento, podesse a mesma prole attenuada contrair segundas e mais felizes vodas. E assim foi: com a rainha que Deus tem, levou a morte a esterilidade ao tumulo; com a rainha que Deus nos deu e elle guarde muitos annos, introduziu o mesmo Deus a fecundidade do thalamo; e no mesmo poncto se abriram os olhos divinos, que parece estavam cerrados; porque dentro do mesmo anno a prole attenuada que estava em um só fio, se viu fortalecida com outro fio ou com outro fiador. E este filho varão,

[1] Este sujeito foi o proprio Vieira.

com cujo felicissimo nascimento nos alegramos, é o fructo, é o effeito e é o desempenho promettido do olhar e vêr de Deus: *Ipse respexit et vidit.*

S. Francisco Xavier protector do principe recem-nascido.

VI E porque não é justo que n'esta grande mercê de que damos graças a Deus nos esqueçamos de S. Francisco Xavier, ouça tambem a Bahia a grande parte que n'ella teve o seu sancto Padroeiro. El-rei D. João o terceiro foi o que chamou de Roma a S. Francisco Xavier antes de o conhecer; e depois de conhecidas em Lisboa suas admiraveis virtudes, o mesmo rei foi o que não só encommendou a seu zelo a conversão das gentilidades da India, senão tambem a reforma dos portuguezes e ainda as mesmas fortalezas e conquistas e quanto a sua corôa dominava no Oriente. Que muito, logo, que um sancto de tão nobre condicção agradecesse as obrigações que devia a D. João o terceiro em D. João o quarto, decima sexta geração e pae da prole attenuada? Mas vamos ao nosso texto. Quando Christo appareceu a el-rei D Affonso, diz elle no seu juramento, que a primeira cousa que viu, antes de vêr ao mesmo Senhor, foi um raio de luz que deante d'elle vinha e saia da parte do oriente: *Vidi subito a parte dextra orientem versus micantem radium.* E quem é o raio da luz do oriente senão Xavier? Este raio foi o que vinha deante de Christo, como seu precursor, quando o mesmo Senhor em Pessoa veio annunciar ao primeiro rei as felicidades de sua descendencia.

No seu apostolado cumpriu-se parte da prophecia feita a D. Affonso o primeiro.

Mais diz o mesmo texto e o mesmo Christo n'elle em duas partes. Na primeira que elle, como fundador dos reinos, fundava o de Portugal, para que o seu nome fosse levado a nações e gentes extranhas: *Ut deferatur nomen meum in exteras gentes.* Na segunda, que para uma grande messe que havia de colher em terras muito remotas, tinha escolhido por seus segadores os portuguezes: *Elegi vos in messores meos in terris longinquis.* De maneira que na primeira revelação fallou Christo dos pregadores; e na segundo dos segadores: os segadores vão armados de ferro, os pregadores só levam por armas o nome de Deus e a sua palavra; e estes são os dous instrumentos com que os reis de Portugal conquistaram o oriente para Deus e para si: para Deus com a pregação do Evangelho: para si com as armas de seus soldados e capitães: entre os quaes o mais insigne de todos nossos conquistadores foi o mesmo Xavier em ambas as milicias: na do céu com a pregação, convertendo tantos reis, tantos reinos, tantas nações de gentios: na da terra com a oração, tendo tanta parte, como lemos em sua vida, nas mais difficultosas batalhas e famosas victorias dos portuguezes. Este foi o presagio com que Xavier nasceu no

mesmo anno em que Vasco da Gama se partiu a descobrir a India: este foi o mysterio com que sonhava que trazia aos hombros um indio agigantado, cujo peso o fazia suar e gemer: esta foi a evidencia com que Deus revelou á soror Magdalena de Jasso sua irmã, quando elle estudava em Paris, que havia de ser um apostolo da India. Mas isto mesmo já muitos seculos antes estava revelado: porque assim como em S. Paulo se cumpriram as palavras de Christo dictas a Ananias: *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus;* assim em Xavier se cumpriram as palavras do mesmo Christo dictas a el-rei D. Affonso: *Ut deferatur nomen meum in exteras gentes.*

Protege Portugal na acclamação de D. João o IV.

«Sendo, pois, S. Francisco Xavier tão portuguez por amor ainda que navarro por nascimento, não admira que nos proteja com tanto affecto, como se vê nos dous fructos mais preciosos, que tivemos atégora: da sua protecção, o primeiro, o reino para o avô; o segundo, o nascimento para o neto.» El-rei D. João o IV, avô do nosso novo principe, quando foi acclamado e quando reconhecido rei? Acclamado em Lisboa na vespera de S. Francisco Xavier e reconhecido em Villa Viçosa á missa de S. Francisco Xavier, a que assistiam os duques, quando lá chegou pela posta Pedro de Mendonça, que em nome do rei beijou a mão de joelhos ao duque já rei, fallando-lhe por majestade; e com a mesma ceremonia, como se presentasse á duqueza, que diria aquella grande princeza, como tão pia e tão discreta? O que disse foram estas palavras: Muitas graças sejam dadas a S. Francisco Xavier: que comecei a ouvir a sua missa duqueza com excellencia e acabal-a-hei rainha com majestade. N'esta forma concorreu Xavier na sua vespera e no seu dia para o reino do avô. E para o nascimento do neto de que modo?

O nascimento do principe, promettido como o do Baptista e obtido com a oração. *Mal.* 3

Sabida cousa é, ainda tão longe de Lisboa como nós estamos, que a rainha que Deus guarde, nossa senhora, todas as sextas feiras ia a S. Roque pedir a S. Francisco Xavier este tão desejado filho; e depois que reconheceu tel-o alcançado por sua intercessão, não desistiu em continuar a pedir ao mesmo Sancto, lhe felicitasse o parto. Mas se este mesmo filho e não outro era o que mais de quinhentos annos antes estava promettido por Deus, não parece que estas orações eram superfluas; e ainda encontradas com a fé da mesma promessa? Não: eram muito necessarias e muito bem intendidas. Porque? Porque quando Deus promette sem lhe pedirem, para conceder o mesmo que prometteu quer que lhe peçam de novo; e se o promettido é filho, que lh'o peçam os mesmos paes. Notae agora [illegible] circumstancias em uma só prova. Tambem [illegible] e

tantos annos ponctualmente, que Deus tinha promettido o nascimento do Baptista pelo propheta Malachias: *Ecce ego mitto angelum meum qui praeparabit viam ante te.* Não é o expositor d'este texto menos que o mesmo Christo. Depois de todo este tempo, fazendo sacrificios e orando Zacharias no templo, appareceu-lhe o anjo, o qual lhe disse que Deus tinha ouvido sua oração e que Isabel sua mulher lhe «daria» um filho: *Exaudita est oratio tua; et uxor tua Elisabeth pariet tibi filium.* Vêde outra vez, se póde haver retrato do nosso caso mais parecido. A promessa do filho feita quinhentos e tantos annos antes: o filho promettido concedido nomeadamente pelas orações do pae; e a mãe do filho não outra ou de outro nome, senão Isabel. Pois, se o filho estava promettido tantos annos e tantos seculos antes; porque não diz o anjo a Zacharias que cumprira Deus a sua promessa, senão que ouvira a sua oração? Porque os filhos que Deus promette aos paes, quando lh'os não pediram, nem podiam pedir, não lh'os concede effectivamente depois, senão por meio das orações com que então lh'os pedem. Assim foi em um e outro caso, em um e outro filho, em um e outro nascimento; e assim o tive eu por duas cartas em que de bocca do seu confessor, reconhecendo-se sua majestade já mãe, promettia que ao filho (que não duvidava ser filho) havia de pôr por sobrenome Xavier; porque S. Francisco Xavier lh'o dera.

O milagre que fez o Xavier a um indio na costa de Comorim, fazia esperar o nascimento de um filho varão á rainha.

Na costa de Comorim pediu um indio a S. Francisco Xavier que lhe désse um filho. Passados não muitos dias reconheceu a mulher que o Sancto tinha ouvido a oração do marido; mas com effeito ainda duvidoso e occulto. Em fim saiu a seu tempo o parto á luz; e o que nasceu era uma menina. Desconsolado o pae levou a creaturinha á egreja: pol-a sobre o altar do Sancto dizendo: Aqui vos trago, Sancto meu, o que me déstes; mas não é isto o que vos pedi: já que é filha, seja vossa; se me derdes um filho então o terei por meu. Considero n'este passo ao grande obrador dos milagres, como o official a quem engeitam a obra. E que faria Xavier? Resolveu-se o indio a não crear a menina como filha; mas a mandal-a sustentar como engeitada: senão quando indo a tiral-a outra vez do altar, viu subitamente que se tinha transformado em menino! Correm todos os que estavam na egreja a ser testimunhas do milagre: dão em gritos as graças e louvores ao Sancto; e não o parabem ao indio: que se o indio tinha sido pae da menina o Sancto o foi do menino. Razão tenho eu logo para dizer, que se o felicissimo parto que celebramos, por ser dos olhos de Deus, não houvera de ser filho, senão filha, bastava que fosse alcançado por intercessão de S. Francisco Xavier para ser filho:

«pois elle sabe acudir com tanta ponctualidade ás supplicas dos seus devotos. De sorte que podendo nós esperar filho varão por duas razões, a promessa de Deus e a protecção do Sancto, por ambas o alcançamos». *Ipse respexit et vidit.*

Prognostico-o principe recem-nascido ha de ser imperador de um novo imperio.

VII. Até aqui tenho fallado sobre o que temos por novas do nosso principe, de quem nem o nome sabemos. Mas se não lhe sabemos o nome da pessoa, eu lhe darei o nome da dignidade levantando agora figura ao seu nascimento. Digo que este principe fatal, tantos seculos antes prophetizado e em nossos dias nascido, não só ha de ser rei, senão imperador. Dirá alguem que rei pela geração real de seu pae e imperador pelo sangue imperial de sua mãe. Mas não são estas as casas dos planetas em que se funda a minha figura. Digo que «seu» imperio não será o de Allemanha, nem outro algum dos que até agora adquiriu o valor ou repartiu a fortuna: mas um imperio novo, maior que todos os passados, não de uma só nação ou parte do mundo, mas universal e de todo elle.

Um quinto imperio mostrado a Zacharias.

Mostrou Deus a Zacharias quatro carroças pelas quaes tiravam outros tantos cavallos, todos diversos nas côres e que corriam para partes tambem diversas. Os da primeira carroça eram castanhos, os da segunda pombos, os da terceira murzellos, os da quarta remendados. Estas quatro carroças significavam os quatro imperios que successivamente precederam «á vinda do Salvador,» symbolizando nas rodas sua perpetua revolução e inconstancia, e nos cavallos, não serem governados de homens e pela razão, mas sem uso d'elles levados e arrebatados por brutos. Tal era a brutal ambição e soberba dos que as dominavam cada um segundo a idéa das proprias paixões que tambem se retratavam na diversidade das côres. A primeira carroça era o imperio dos assyrios, a segunda o dos persas, a terceira o dos gregos, a quarta o dos romanos. «Pois, Senhor, não ha de haver outro imperio mais que esses quatro, que mereça á honra dos vossos oraculos? Haverá, diz Deus; e por isso» declarou ao propheta ou mandou que o representasse na forma seguinte: Tomarás, Zacharias, ouro e prata; e d'estes dous reis dos metaes farás duas corôas, as quaes porás na cabeça de Jesus, filho de Josedec. Jesus filho de Josedech era figura de Jesus Christo, Senhor e Redemptor nosso, Filho do Eterno Padre; e as duas corôas figuravam tambem os dous poderes soberanos, que competem ao mesmo Senhor, como Filho de tal Pae. A de ouro e mais preciosa, o poder espiritual com que é pontifice summo e universal da Egreja: a de prata e de segundo e menor preço, o poder temporal, com que é imperador supremo e universal do mundo.

N'elle reinará Jesus Christo, como rei espiritual e temporal.

Até aqui não ha controversia nem duvida entre os expositores sagrados. Nas palavras que se seguem e muito notaveis, só parece que a póde haver: *Et sedebit* (diz Deus) *et dominabitur super solio suo et erit sacerdos super solio suo et consilium pacis erit super illos duos*: assentar-se-ha e dominará sobre o seu solio e o sacerdote tambem se assentará sobre o seu, e haverá grande paz e concordia entre estes dous. De maneira que, diz Deus ao propheta, que ha de haver grande união e concordia. Pois se Jesus filho de Josedech era um só, como, sendo um se ha de assentar em dous solios e depois de se assentar em dous solios, elles tambem hão de ser dous: *Et consilium pacis erit inter illos duos?* Não se podera dizer, nem mais admiravelmente, nem com maior propriedade. Assim como Christo, sendo um só, tem duas corôas, assim ha de vir tempo em que tenha dous vigarios que o representem na terra: um coroado com a corôa de ouro, que é o poder e jurisdição espiritual, outro coroado com a corôa de prata, que é o poder e jurisdição temporal. O coroado com a corôa espiritual é o Summo Pontifice, que tem o poder e jurisdição universal sobre toda a Egreja; e o coroado com a corôa temporal ha de ser o novo imperador, que terá o poder e jurisdição universal sobre todo o mundo. Este é o sentido mais proprio e litteral d'este grande texto. E quanto ao imperio temporal e universal do mundo, que póde parecer novidade, tenho mais de trinta auctores que fallam expressamente d'elle; uns antigos, outros modernos[1]: uns por conhecido espirito de prophecia, outros por intelligencia das sagradas Escripturas, outros por discurso historial e politico. Por signal, que boa parte dos mesmos auctores poem a cabeça d'este imperio em Portugal, signalando os logares ou metropoles dos dous solios e dizendo, que assim como o solio e throno pontifical está em Roma, assim o solio e throno imperial ha de estar em Lisboa.

O reino temporal virá depois da queda do imperio Ottomano. As quatro feras da prophecia de Daniel

E se alguem me fizer a pergunta que os discipulos fizeram a Christo: *Dic nobis quando haec erunt?* Eu não direi com certeza o anno; mas não deixarei de dizer outra circumstancia certa e infallivel d'onde o tempo se póde conhecer claramente. E que circumstancia é esta? Que quando Deus extinguir o imperio dos turcos, que tão precipitadamente vai caminhando á sua ruina e que tantas terras domina nas tres partes do mundo, então ha de levantar este imperio universal que domine em to-

[1] Esta opinião não tem nada que vêr com a questão moderna do dominio temporal do summo pontifice, podendo muito bem combinar-se um tal dominio com a hypothese d'este imperador. *O Compilador*.

das as quatro. Ouvi um texto tão antigo como o propheta Daniel, e a intelligencia d'elle, que sei de certo não a ouvistes. Torna Deus a revelar terceira vez os quatro imperios do mundo para declarar mais o quinto e ultimo; e mostrou a Daniel não já quatro carroças, senão quatro bestas feras. A primeira era similhante a uma leôa com azas de aguia; e esta significava o imperio dos assyrios. A segunda era similhante a um urso com tres ordens de dentes; e esta significava o imperio dos persas. A terceira era similhante ao leopardo com quatro azas de ave e quatro cabeças; e esta significava o imperio dos gregos. A quarta era tão extraordinaria e tão terrivel, que não se lhe achou similhante entre todas as feras; e só diz d'ella o propheta que tinha os dentes de ferro e muito grandes, com que tudo comia, e o que lhe subejava pizava com os pés; e na testa tinha dez pontas; e esta era o imperio dos romanos. Pelas pontas, que são as armas dos animaes feros e bravos, se significam as forças e potencia romana e pelo numero de dez, que é universal, se intende a multidão dos reinos e provincias. em que a mesma potencia armada e defendida das suas legiões estava dividida na Europa, na Africa e na Asia.

A ponta pequena da quarta fera.

Diz depois o propheta, que do meio d'estas dez pontas se levantou uma muito pequena; a qual cresceu a tanto poder e se fez tão forte, que arrancou tres das outras e as sujeitou e ajuntou ao seu dominio; e que assim poderoso e soberbo se atreveu a pronunciar injurias e blasphemias contra Deus; e que perseguiu e fez grandes estragos nos que professavam a sua fé e que entrou em pensamento de dar novas leis e novos tempos ao mundo. Tudo isto se refere no mesmo capitulo de David (que é o septimo) com grande pompa de palavras, que eu por brevidade resumi a estas poucas. O que supposto, é grave questão entre os expositores, quem seja ou haja de ser este tyranno que o propheta chama *Ponta muito pequena*. Os expositores antigos (excepto Sancto Agostinho, que em parte o duvida) todos concordam, que havia de ser o Anti-Christo. Mas depois que veio ao mundo Mafoma e a sua seita, que os antigos padres não conheceram, porque teve seu principio seiscentos annos depois da vinda de Christo; e muito menos conheceram o imperio ottomano, que o teve no anno de mil e trezentos; o mais commum sentimento de gravissimos e eruditissimos interpretes é que aquella *Ponta muito pequena* significa a Mafoma e a sua infame seita. Ella, como todos sabem, começou de baixissimos e vilissimos principios: ella na Africa, na Asia e na Europa conquistou e dominou tres partes tão consideraveis do que pertencia ao imperio romano: ella pronuncia e ensina tantos erros e blas-

...elle reinará ...sus Christo, ...mo rei espiritual e temporal.

Até aqui não ... res sagrad... parece ... *super*... *cis er*... solio ... gra... De... P... ...Christo: ella tem perseguido ... que professam a sua lei, que é to- ... finalmente trazendo por empreza na ... bandeiras, *Donec totum impleat orbem*, pre- ... todo o mundo ha de mudar n'elle as ... as leis extinguindo todas as outras e intro- ... só a mahometana; e os tempos, porque me- ... as outras nações pelo curso do sol, só elles os contam pelo numero das luas. ... primeira parte da visão de Daniel; e os auctores ... tanta propriedade a intendem de Mafoma e do impe- rio Ottomano são Vatablo, Clitoveo, João Aennio, Fevardencio, Gatipratense, Heytor Pinto, Hylararato, Salazar Benedictino e muitos outros [1]. Aos quaes e sobre todos elles se ajuncta a mes- narração do Texto maravilhosamente proporcionado com a experiencia das cousas; que é o melhor interprete das prophecias. A segunda parte é ainda mais admiravel. Diz o propheta que viu formar no céu um tribunal de juizo em que presidia o Eterno Padre, cercado de infinita multidão de ministros que o assistiam. O throno em que estava assentado era de fogo e da bocca lhe saía um rio arrebatado tambem de fogo. Vieram e abriram-se os livros, leram-se as culpas e a *ponta muito pequena* que era Mafoma e o imperio ottomano e a parte mais poderosa que restava do romano, pelo que d'elle tinha usurpado, em pena de suas blasphemias e por todas as outras maldades que tinha commettido, foi condemnado a que morresse queimado; e que elle e toda sua potencia se extinguisse para sempre. Assim o diz o Texto da visão; e o anjo que fallava com Daniel, explicando a mesma visão, declarou o mesmo. Sentenciado assim Mafoma e executada a sentença e extincto para sempre o imperio ottomano, ainda se não acabou o juizo. E que se seguiu? Diz o propheta que no mesmo poncto appareceu deante do supremo Juiz o Filho do Homem; e que o Eterno Padre lhe deu o supremo poder, a suprema honra e o supremo reino do mundo, com tal soberania, que em todas as nações e todas as linguas e gentes do universo lhe obedeçam e o sirvam. E porque este reino ha de ser todo christão e christianissimo, declarou tambem o anjo com maior expressão ainda da grandeza do novo imperio: *Regnum autem et potestas et magnitudo regni, quod est subter omne coelum, detur populo sanctorum Altissimi.* De maneira que o tempo que Deus tem destinado para

[1] E ultimamente Rohorbacher nos livros 2 e 26, da historia ecclesiastica.—*O Compilador.*

levantar o imperio universal do mundo e o signal certo por onde se póde conhecer este segredo da sua providencia, é quando se acabar e extinguir o imperio do turco e a potencia mahometana.

O cantico da mãe de Samuel a este respeito.

Resta agora saber que principe é ou será este; e posto que parece cousa difficultosa e ainda impossivel de averiguar, a mesma Anna que nos deu a materia a todo o discurso nos dará tambem a clausula d'elle. Em acção de graças pelo nascimento de Samuel compoz Anna, sua mãe, um cantico a Deus, o qual contém duas partes, uma gratulatoria, outra prophetica e no fim da prophetica conclúi assim: O Senhor julgará os fins da terra e dará o imperio ao seu rei. *Dominus judicabit fines terrae, et dabit imperium regi suo.* Alguns auctores cuidaram que fallava aqui Anna do juizo final: mas assim n'este logar, como em outros é pouca intelligencia das Escripturas. Todas as vezes que Deus muda reinos e imperios e o quer manifestar, representa-se na Escriptura fazendo juizo. Assim o viu o propheta Micheas, quando Deus quiz tirar a vida e o reino a el-rei Acab; e assim o viu o propheta Daniel no nosso proprio caso, como acabamos de ponderar, quando condemnou a fogo a *Ponta muito pequena* e deu o imperio universal ao quasi Filho do homem. *Quasi Filius hominis* «diz o propheta, isto é», áquelle que será o segundo vigario de Christo, pelo dominio universal que terá sobre todo o mundo». Prophetizando, pois, isto mesmo Anna mais de quinhentos annos antes de Daniel, diz que fará Deus um juizo em que julgará todo o mundo; e que então dará o imperio ao seu rei.

O principe recem-nascido imperador do quinto imperio.

E quem é o seu rei? «Ao certo dil-o-ha o tempo, porém se eu consulto o meu coração, responde-me francamente» que é o rei de Portugal. «Vai a razão:» Todos os reis são de Deus, mas os outros reis são de Deus feitos pelos homens: o rei de Portugal é de Deus e feito por Deus; e por isso mais propriamente seu. E como Deus depois de dizer que elle é o edificador dos reinos e dos imperios: *Aedificator regnorum et imperiorum sum*, fez rei ao primeiro rei de Portugal e então lhe prometteu que n'elle e na sua descendencia havia de estabelecer o seu imperio: *Volo in te et in semine tuo imperium mihi stabilire*; segue-se que o rei seu, a quem diz Anna que havia de dar o imperio, *Dabit imperium regi suo*, é o rei de Portugal. Mas qual rei de Portugal? Digo que é, e não póde ser outro senão é o que agora nasceu. Porque? Porque além d'essa promessa universal, fez Deus outra particular ao mesmo rei, em que lhe prometteu, que na prole da sua decima sexta geração attenuada poria os olhos de sua misericordia, olhando

e vendo; e como o effeito do olhar e vêr de Deus é dar filho varão, e o filho varão da prole attenuada é evidentemente o principe que agora nasceu; com a mesma evidencia se conclúi ser elle o desempenho da palavra de Deus; e o rei seu, a quem ha de dar o imperio: *Dabit imperium regi suo.*

Com tanto que o peçamos com as nossas supplicas.

VIII. Mas como o mesmo Deus posto que não póde faltar á sua divina palavra, quer que nós lhe peçamos o mesmo que nos tem promettido; acabemos esta acção de graças com a petição que já antigamente lhe fez David, como tão interessado no mesmo imperio: *Da imperium tuum puero tuo: et salvum fac filium ancillae tuae*: Dae, Senhor, o vosso imperio ao vosso menino (vosso e de vossos olhos); e guardae o filho da vossa serva. Filho de vossa serva, diz com grande propriedade e particular energia: porque a rainha nossa senhora, como tão grande serva de Deus é a que com suas orações alcançou o mesmo filho, para el-rei, para si, para nós e para o mesmo Deus: porque no seu imperio, que é o de Christo, ficará sublimada a potencia do mesmo Christo. Atégora consistiu o seu imperio universal só na extensão do dominio; e então o será cabalmente na inteira sujeição e obediencia dos subditos. Este é o perfeito, perpetuo e firme estabelecimento de seu imperio: *Volo in te et in semine tuo imperium mihi stabilire.*

(Ed. ant. tom. 13.º pag. 57, ed. mod. tom. 12.º pag. 36.)

SERMÃO DE ACÇÃO DE GRAÇAS *

PELO FELICISSIMO NASCIMENTO DO NOVO INFANTE
DE QUE A MAJESTADE DIVINA FEZ MERCÊ ÁS DE PORTUGAL
EM 15 DE MARÇO DE 1695

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—**Este sermão, ainda que o orador o dictasse nos achaques da edade de 88 annos, é um dos mais perfeitos e brilhantes.**

Ecce haereditas Domini, filii, merces fructus ventris.
Ps. 126.

Os favores que Deus faz a uns e não faz a outros. *Ps.* 147, *Gen* 4 *Ps.* 77 *Hebr.* 2

Quando as mercês e favores da providencia e benignidade divina são tão singulares, que os favorecidos se avantajam com grande excesso aos que o não são; para que as mesmas mercês se recebam com a estimação que merecem, quer a mesma providencia que nós consideremos n'ellas não só a quem as faz Deus, senão tambem a quem as não faz. Todo o psalmo 147 gasta o propheta rei em referir copiosamente os favores e privilegios particulares com que Deus ennobreceu o povo que n'aquelle tempo se chamava seu; e a clausula com que poz o sello á narração d'estas mercês foi dizer que as não fez taes a alguma outra nação. Abel e Caim, ambos offereceram sacricio ao Creador; e a maioria e excesso do agrado com que os olhos divinos acceitaram o de Abel, consistiu na exclusiva de um *Não*, com que os não poz no de Caim. Assim elegeu a divina Majestade em Israel o tribu real de Judá e a excellencia e soberania d'esta eleição, com que ficou mais acreditada e maior? Com outro *Não* do mesmo Deus, que não elegeu a tribu de Ephraim, posto que comprehendia dez tribus. Finalmente S. Paulo, querendo encarecer e subir de poncto a maior obra do amor e omnipotencia divina, que foi a incarnação do Verbo, diz que não resplandeceu só em Deus se fazer homem; mas, sendo nove os coros dos anjos, em não se fazer anjo. Assim pesou a

balança; e assim avaliou o juizo de S. Paulo o que fez Deus a uns, pelo que não fez a outros: o que fez e concedeu aos filhos de Abrahão, pelo que não fez e negou ás jerarchias do céu.

Os filhos que Deus dá aos reis de Portugal e não aos de Castella.

Mas aonde caminha este meu discurso? E aonde o leva a verdade d'esta altissima providencia? Debaixo d'ella caminhava o meu pensamento em direitura a Lisboa, para me achar presente ás festas reaes da nossa côrte, pelo felicissimo nascimento do novo principe, que Deus nos deu e Deus nos guarde; e como talvez succede aos navios que partem de cá, não sei que vento me derrotou a outro porto de Hespanha. Achei-me logo na côrte de Madrid; a qual com muito verdadeiro coração desejava eu tambem ver divertida nos regozijos, que lá chamam, de similhante felicidade á nossa. Mas lastimado de ver o seu silencio e orphandade, comecei a dizer dentro em mim: É possivel que a Portugal dá Deus tão multiplicados filhos, e ao resto de Hespanha na união de tantos reinos, nem um só filho? Assim é, Bahia: assim é, Lisboa: assim é, Portugal: para que no espelho d'esta differença e em uma monarchia tão grande e tão vizinha, considerando o que Deus nos faz a nós e não faz a ella; considerando o que a nós nos sobeja e a ella falta; considerando o que Deus tão liberalmente nos concede e o mesmo Deus por seus occultos juizos lhe nega; conheçamos na mercê presente, sobre as passadas, quão devedores somos á providencia e benignidade divina.

A razão da differença vai indicada no thema: é a promessa que Deus fez a Portugal.

Ainda se não aquieta a minha admiração e a minha confusão junctas. De todos esses reinos, tão fieis e catholicos, não estão continuamente subindo ao céu tantas orações e sacrificios? Todos elles não teem no mesmo céu tantos sanctos, tantos advogados e intercessores? Qual é logo a causa d'esta differença ou preferencia tão notavel, tão sensivel e por suas consequencias tão dura? No meio d'esta suspensão abri o livro dos oraculos de David e nas palavras que propuz, me mostrou elle com o dedo, não só uma, mas duas causas, ambas fundamentaes e certas de tão admiraveis effeitos: *Ecce haereditas Domini, filii, merces fructus ventris*. *Ecce*: eis aqui, Portugal, de que fallamos. E este reino não é a herdade do Senhor, *haereditas Domini?* Sim. E a herança d'essa herdade não é dos reis portuguezes? Tambem. Pois essa é a causa de Deus a confirmar e estabelecer com tantos filhos herdeiros: *Ecce haereditas Domini, filii*. Mais. Não disse Deus que na decima sexta geração do reino de Portugal, attenuada, poria n'elle os olhos de sua misericordia e olharia e veria: *Respiciam et videbo?* E eu não demonstrei na occasião passada com o texto de Anna, mãe de

Samuel, que o olhar e ver de Deus é dar filho e filho varão: *Si respiciens videris, dederisque servae tuae sexum virilem?* Pois estas são as vistas de Deus repetidas. Olhou Deus, e viu a primeira vez e deu-nos o primeiro principe: olhou e viu a segunda, e deu-nos o segundo: tornou a olhar e ver, e deu-nos o terceiro: e agora olha, e viu finalmente e deu-nos o quarto. E esta é a primeira causa dos filhos.

E é a paga dos merecimentos do rei e da rainha.

A segunda está tambem apontada com o dedo nas palavras seguintes: *Merces fructus ventris:* que o fructo da fecundidade o dá Deus por premio e paga do merecimento dos mesmos paes. Assim o intendem litteralmente todos os expositores. De sorte que a fecundidade dos filhos da parte de Deus é a promessa hereditaria, com que Deus se obrigou aos reis de Portugal; a qual pertence tanto aos passados, como aos futuros; e a mesma fecundidade da parte dos reis é o premio e a paga dos merecimentos, com que os mesmos servem e obrigam a Deus: a qual só pertence aos presentes. Torno a dizer, só aos presentes, e não é lisonja. Porque? Porque de quantos pozeram a corôa de Portugal sobre a cabeça não houve um par a quem tão propriamente pertencesse esta paga, como as duas majestades do rei e da rainha, que a Providencia divina n'esta era uniu e nos deu por senhores. Ouçamos a Deus quando nos deu a corôa.

Zelo apostolico d'elrei D. Pedro II.

Disse Deus que fundava o seu imperio em Portugal, por ser singular na fé e na piedade: *Fide purum, pietate dilectum.* E em que par ou parelha dos nossos reis se viram tão concordes em gráu sublime a fé e a piedade, como a fé no segundo Pedro e a piedade sa segunda Isabel? Quanto ao zelo da fé d'elrei, que Deus guarde, diga-o o anno presente no mar e na terra: no mar, nau para Guiné, com um principe baptizado em Lisboa, a conquistar novos reinos para a Egreja na Africa: nau para a China a unir á mesma Egreja já aberta o maior imperio da Asia: nau para o Maranhão e immenso rio das Amazonas, a converter a maior gentilidade da America: e todas estas naus não guarnecidas de soldados a dominar novas terras; mas cheias e carregadas de mestres e missionarios apostolicos para escalar o céu e o povoar de almas. E quando todos estes lenhos cortados das raizes da Cruz vão sulcando as ondas, já na terra em varios noviciados e seminarios ficam plantados e crescendo outros discipulos que succedam áquelles mestres, todos sustentados a grandes despezas do mesmo rei, abertos os seus thesouros e sem limites nos erarios reaes. «Assim» este Pedro imita «no zelo da propagação da fé» o primeiro Pedro a quem Christo disse: *Pasce oves meas.* Jacob e Labão dividiam e mar-

cavam as ovelhas pelas côres. E as ovelhas do nosso Pedro sem distincção ou excepção de côr são de todas aquellas côres, quantas pintaram os raios do sol no mappa universal do genero humano. E quando este zelosissimo e apostolico rei se emprega todo e emprega tudo em accrescentar filhos e mais filhos á Egreja; como podia Deus faltar em lhe dar filhos?

Piedade da rainha D. Isabel, sancta e não esteril, como o eram as sanctas mulheres do Velho Testamento.

Da fé do rei, passemos á piedade da rainha. É admiravel prerogativa n'este singular composto de corpo e alma, tanta piedade e sanctidade, juncta com tanta fecundidade. Sára foi sancta, mas esteril Sára. Isabel foi sancta; mas esteril Isabel. Anna da lei antiga, sancta; mas esteril Anna; e a Anna percursora da lei da graça, mais que todas sancta, mas egualmente esteril. Em todos estes exemplos, porém, como a esterilidade estava juncta com a sanctidade, não podia a mesma sanctidade deixar de fazer a esterilidade fecunda. Assim foi em todas. Sára primeiro esteril; mas, como era sancta, depois tão fecunda, que deu a Abrahão, Isaac, e n'elle a maior descendencia. Isabel primeiro esteril; mas depois, como era sancta, tão fecunda, que deu a Zacharias o maior dos nascidos. Anna, a da lei antiga, esteril; mas como sancta, tão fecunda que deu a Elcana, Samuel e tantos outros irmãos. Anna finalmente, nas vesperas da lei da graça, sanctissima e egualmente esteril: mas quanto mais sancta que todas, assim excedeu tanto a todas em fecundidade, que deu a Deus não menos que aquella Mãe, de quem o mesmo Deus se fez filho. Sendo, pois, o rei tão singular no zelo da fé e a rainha na devoção e piedade, já Deus em premio e paga d'estes reaes e divinos obsequios lhe devia e tinha promettido não um só filho, senão a successão de muitos: *Ecce haereditas Domini, filii, merces fructus ventris.*

O que se encerra n'estas mercês.

A esta proposta do thema, mais larga do que eu quizera, segue se fallar comnosco e ponderar o que n'estas mercês se encerra, para darmos a Deus as devidas graças. E porque nós não podemos «agradecer» sem Deus nos dar a sua graça, peçamol-a por intercessão d'aquella Senhora que é mãe do mesmo Deus e da mesma graça. *Ave Maria.*

As tres graças fingidas por Homero.

II. *Ecce haereditas Domini, filii, merces fructus ventris.* Platão e antes d'elle Homero, ou consideraram ou fingiram que no mundo racional devia haver tres graças. Elles e outros gregos e depois os romanos as pintavam em figura de outras e tantas donzellas formosas e risonhas, as quaes, dando-se as mãos, faziam um circulo perfeito. O officio da primeira graça era fazer ou dar as mercês: o da segunda, acceital-as: o da terceira, agradecel-as. Este mesmo numero e ordem determino seguir no que disser: «porque entre as graças que são filhas do céu,

ha a mesma relação que entre as graças que são filhas da terra».

1.ª Graça. Quem deu os filhos?

Começando pela primeira graça, á qual «quer seja do céu, quer da terra», dissemos que pertence fazer as mercês e distribuil-as; na presente materia do nascimento dos filhos, em que estamos, pergunto a quem os devemos? O nosso thema chama aos filhos *fructus ventris;* e quem póde negar «ao ventre» serem estes fructos seus? Assim é: são os filhos fructos do ventre; mas não só do «ventre» senão do ventre e de Deus e muito mais «de Deus que do ventre».

Proverbio dos hebreus.

Os hebreus antigos tinham um proverbio muito discreto: diziam que Deus reservava para si tres chaves: a da geração, a do sustento, a da resurreição: a da geração no ventre, a do sustento na chuva, a da resurreição na sepultura. Porque ainda que Deus costuma resuscitar poucas vezes, tanto depende do seu poder e de sua vontade o nascer como o resuscitar. Este conhecimento geral, que é doutrina commum para todo o mundo, se repassarmos com a memoria o que os olhos viram e já não vêem no espaço de tantos annos, acharemos que foi um desengano ou pregão da Providencia divina aos portuguezes; para que? Para que o esquecimento das desconfianças passadas e a alegria das glorias presentes não degenerem, como se póde temer, em ingratidão.

Perigos em que esteve a succession da corôa de Portugal.

Lembrem-se os que viviam então, e saibam os que não eram nascidos, quão duvidosa e vacillante esteve a succession da nossa corôa; e quão desesperadas e quasi mortas as esperanças que hoje festejamos tão copiosamente resuscitadas. Já vimos que o reino de Portugal é a herdade de Deus. As herdades dos homens, para produzirem e darem fructo esperam contingentemente que as regue a chuva do céu. Porém a herdade de Deus, diz o propheta, tem tal dominio e imperio sobre a mesma chuva, que usa e se serve d'ella todas as vezes que a ha mister o arbitrio da sua vontade: *Pluviam voluntariam segregabis Deus haereditati tuae.* Mas esta mesma herdade, emquanto nossa para os fructos da succession, esteve em todo aquelle tempo tão secca e esteril, como se Deus se tivera esquecido de que era sua.

Como se luctou contra elles.

Assim trabalhavam para subir e chegar ao céu as nossas orações, os nossos suspiros e a nossa necessidade, debalde. Que meios não elegemos e emprehendemos, que logo se não desvanecessem? Que caminhos não accommettemos e abrimos, que logo se não fechassem? Pela terra, pelo mar e pelo ar os buscamos; e todos esses elementos se armaram contra nós, como se a terra se convertesse em pedra, o mar em regelo, o ar em tempestade.

... ar achára tres *cou-*
cavam as ovelhas pelas côres. E as ov... *...nt difficilia mihi.* De-
distincção ou excepção de côr são de... ...tas, continuou dizendo,
pintaram os raios do sol no mapp... ...s que caminhos são, ou
E quando este zelosissimo e ... dos homens, difficultosos?
emprega tudo em accrescen... ...minho da serpente sobre a
como podia Deus faltar em ... *navis in medio maris:* o ca-
Da fé do rei, passemos ... cuja esteira confundem e apa-
rogativa n'este singular *...in caelo:* o caminho da aguia no
dade e sanctidade, jun... ...elmente; e elle invisivelmente se
mas esteril Sára. Is... ...aes foram os caminhos que intentámos
lei antiga, sancta: ...cessão do nosso reino. Primeiro aponcta-
lei da graça, m... ...ram e depois direi o que poucos sabem.
Em todos este... ...ram, por onde começamos foram as vodas de
juncta com a ...so, elle felicissimo e ellas pouco felizes. Este foi
de fazer a ... terra, como o da serpente, mais rasteiro e arras-
meiro est... á majestade e soberania da corôa portugueza era
deu a A... *...este* se seguia o do mar na armada de Saboya tão
meiro ... que para lhe dourar até os costados, fundiu o Tejo
deu ... suas areias. Mas já eu disse n'aquella occasião, que
es... voltou mais rica do que partira: porque não trouxe o
r... buscar. Atéqui o que todos viram. O que muitos não
... é o caminho da aguia no ar, de que eu fallarei, não só
...mo testemunha de vista, mas como quem lhe seguia os pas-
sos.

...dade da rai-
...a D. Isabel,
...ancta e não
...teril, como o
...ram as san-
...as mulheres
do Velho
Testamento.

Pelos annos de cincoenta, como el-rei Philippe IV não tivesse mais que uma unica herdeira, a princeza Maria Thereza de Austria, intenderam os juizos mais sisudos, antevendo as consequencias que hoje dão tanto cuidado, que devia casar dentro de Hespanha. E diziam livremente os que de nenhum modo queriam que casasse fóra: *Porque no tendremos un rey con unos vigotes negros?* Aos echos d'estas vozes, ajudadas de outras intelligencias secretas, intentou el-rei que está no céu, sollicitar o casamento para o principe D. Theodosio; e a este fim, debaixo de outros pretextos, me enviou a Roma com as instrucções e poderes necessarios, para que lá introduzisse e promovesse esta practica. Era embaixador na curia o duque del Infantado, e assistente de Hespanha na Companhia o padre Pedro Gonçalez de Mendoça, seu tio, bom e domestico interprete. O prologo d'esta negociação, sem o parecer, fazendo-me neutral, ou interessado (como verdadeiramente era) por ambas as partes, foi lamentar-me de religioso a religioso, do muito sangue hespanhol e catholico que se estava derramando nas nossas fronteiras, triumphando e fazendo-se mais poderosos os herejes com

'a diversão. E doia-me junctamente de que as campanhas
drес, pouco antes pacificadas, se haviam de passar a Hes-
que aquella guerra seria tanto mais perigosa, quanto
ortas a dentro. Sobre esta primeira pedra do temor
lado, em outra conversação do mesmo assistente,
avam dous grandes sujeitos tambem castelhanos
elasques e Monte Mayor (os quaes já eram da
), vindo á practica o casamento da princeza em Hes-
sse eu: se as cousas estiveram no estado, pouca du-
odia haver na eleição do esposo. O sangue real da casa
Bragança é o mais unido á mesma princeza: porque ella e o
duque de Barcellos são netos dos mesmos avós; e elle sobre-
tudo, pelas virtudes e qualidades pessoaes, merecedor do maior
imperio, como reconhecido e celebrado no mundo pelo principe
mais perfeito de toda a Europa. Todos assentiram com applauso
a uma e outra preferencia do sangue e da pessoa, como ambas
sem controversia. E eu então, concedida esta evidente premissa,
tirei da bainha o meu argumento e lhe apertei os punhos com
todas as forças, dizendo assim: Pois se o primogenito de Bra-
gança só como duque de Barcellos e filho de seu pae, é o mais
digno de toda a Hespanha, para que a princeza lhe dê a mão;
quanto mais no estado presente, trazendo comsigo por dote a
Portugal e tudo o que Portugal possue em a metade do mundo?
Dizer que tudo isto se ha de reconquistar, é pensamento fundado
só no desejo: porque tendo mostrado os portuguezes que elles
por si sós se podem defender, é certo que os emulos de Hes-
panha os hão de assistir e ajudar, como fizeram a Hollanda, in-
vencivelmente. Mas quando a contraria apprehensão tivesse al-
guma probabilidade; quanto sangue se havia de derramar, quan-
tos thesouros se haviam de despender, quantos annos se ha-
viam de esperar os fins d'essa contingencia? Não é melhor e
mais seguro conselho, assim como tudo se perdeu em um dia,
recuperar tudo em um dia sem golpe de espada? Por ventura
foi mais decente a paz com os hollandezes, dando-lhes o domi-
nio de septe provincias, do que será a paz com os portugue-
zes, não lhes dando cousa alguma, mas recebendo de contado
quanto possuem dentro e fóra do reino? Onde se deve muito
notar que o que é Portugal só dentro em si, são partes e mem-
bros da mesma Hespanha com que ella e a monarchia se tor-
nará a repor na sua total inteireza. Finalmente com esta reunião
e Portugal restituido, ficará Hespanha em muito mais poderoso
e florente estado, que quando o tinha sujeito. Porque ella agora o
tem cingido e sitiado com os seus exercitos; e elle se defende com
os seus em um cerco de cento e cincoenta legoas, com soldados tão

valentes, com capitães tão experimentados, com cabos tão famosos de uma e outra parte; e todas estas armas junctas, as suas e as nossas, no mesmo dia serão suas; e Hespanha ficará tão estabelecida, tão forte e tão formidavel, que seja o amparo dos amigos, a reverencia dos neutraes e o terror de todos os seus inimigos.

Como ficaram baldadas.

Atéqui ouviam mudos os circumstantes, olhando uns para os outros. E murmurando se a verdade d'estas razões até chegarem ás melhores cabeças da facção hespanhola, eram geralmente approvadas; e com muito particular empenho no voto do cardeal de Lugo, em tudo eminentissimo. Mas como a questão se havia de decidir não no juizo do Capitolio romano, senão em outro muito distante, onde a dôr e a ferida estava ainda fresca e o progresso das nossas armas não tinha amadurecido as verduras do pundonor, que depois humanou a experiencia e a necessidade; não foi acceita a proposta. Assim ficou no ar a aguia e no ar a negociação: mas os que então lhe negaram os ouvidos, depois torceram as orelhas.

Condição das mesmas era que a capital de toda a Hespanha fosse Lisboa.

Agora me consintam os portuguezes que lhes tire uma espinha da garganta. Porque vejo que estão notando a el-rei, de que quizesse n'este acto desfazer o que tinha feito e tornar a unir o que tinha desunido. Mas é porque até agora calei uma clausula do projecto, sem a qual eu tambem não havia de acceitar a commissão. A clausula é, que no tal caso a cabeça da monarchia havia de ser Lisboa; e d'este modo se conseguia para o nosso partido a segurança e para o governo da monarchia a emenda.

Foi sempre julgado um erro que a côrte estivesse em Madrid.

O erro que tem causado muitos em Hespanha, como ponderam os melhores politicos, é estar a côrte em Madrid. Por isso el-rei Phillippe o segundo, quando veiu e viu Lisboa, logo a sua prudencia determinou e prometteu passar a côrte para ella. E a esse fim se começou a edificar aquella parte que chamam o Forte. Tendo Hespanha tanta parte dos seus dominios no mar mediterraneo, tanta no mar septentrional e tantas e tão vastas em todo o mar oceano, havia de ter a côrte onde as ondas lhe batessem nos muros; e dependendo todo o manejo da monarchia da navegação de frotas e armadas, e dos ventos que se mudam por instantes; que politica póde haver mais alheia da razão, que tel-a cem legoas pela terra dentro, onde os navios só se vêem pintados e o mar só na agua, pouca e doce, que o inverno impresta ao Manzanares? Mas assim haviam de preceder todas estas violencias da razão e da natureza, para que mais maravilhosamente se lograssem os fructos da graça. Vejamol-o, não com outros nomes, senão os proprios de ambas,

«passando de Hespanha á Palestina e da nossa historia á da casa de Jessé.»

A eleição de David entre os seus irmãos commentada por S. Basilio de Seleucia.

Annunciou Deus ao propheta Samuel que entre os filhos de Jessé tinha escolhido um rei que muito o havia de servir, e não lhe revelando qual era, mandou que o fosse ungir. Para esta uncção encheu o propheta uma redoma de oleo sagrado, conforme a ceremonia e rito da lei antiga, e na casa de Jessé fez vir deante de si um por um os filhos, segundo a ordem das suas edades. Veio em primeiro logar Eliab, mancebo bizarro; inclinou-lhe o propheta sobre a cabeça a redoma: mas o oleo não correu. Aqui havemos de ouvir o commento de S. Basilio de Seleucia, que é singular: Inclinando «(diz elle)» Samuel a redoma, o oleo sendo liquido e pesado não correu para baixo, contra o movimento da natureza, porque a graça o detinha e suspendia para cima. E a causa d'esta suspensão era por não ser Eliab o rei escolbido por Deus; nem ser decente que o oleo sagrado concorresse com o erro do propheta, que não sabia nem acertava qual fosse. Excluido com este milagre o primogenito, veio o segundo filho Abinadab, e tambem o oleo não quiz correr sobre a cabeça d'este. Veio o terceiro chamado Samma; e n'elle e nos demais continuou o mesmo prodigio. Chegou finalmente David, que era o ultimo filho; e á primeira inclinação do propheta correu o oleo da uncção; e se derramou todo sobre a sua cabeça, atè se esgotar a redoma.

Tal foi a de D. Pedro II.

Esta foi a famosa historia; na qual quem haverá que não esteja vendo a nossa, obrando a mão de Deus invisivelmente o que succedeu a Samuel? Quiz el-rei D. João segurar a successão e união da coroa ao casamento do seu primogenito D. Theodosio, como em Eliab; mas não correu o oleo sobre D Theodosio. Quiz o reino segural-a no casamento d'el-rei D. Affonso, como em Abinadab: mas não correu o oleo sobre D. Affonso. Tomou-se por ultimo remedio o casamento de Saboya, como em Samma; mas não correu o oleo sobre aquelle principe. Assim se fecharam todos os caminhos que intentámos pelo ar com a aguia voando, pela terra com a serpente arrastando, pelo mar com a nau navegando: mas na terra, no mar e no ar suspendeu a graça o oleo, fechou a redoma e os caminhos, porque eram cerrados. Desde o anno de cincoenta até o de oitenta e septe se verificou em nós a praga ou a lamentação de David: *Errare fecit eos in invio et non in via:* porque tão longamente andámos errando, como os filhos de Israel, pelo deserto, sem acertar com a terra de Promissão, onde Deus tinha depositado a nossa felicidade. Nós a buscavamos lá em Castella, em França e em Italia; e ella estava escondida em Allemanha. Uniu-se,

emfim, Allemanha com Portugal; e em el-rei D. Pedro o ultimo filho de el-rei D. João, como David de Jessé, derramou Deus e a graça o oleo da uncção que haviamos mister. com tanta abundancia e tantas vezes, como já estamos contando e celebrando a quarta.

2.ª Graça. Qualidades do beneficio recebido no infante recem-nascido. Confirma elle a herança. Analogia biblica. 1 Reg. 2

III. Depois da primeira graça, que faz as mercês e reparte os beneficios, segue-se a segunda, que tem por officio recebel-os. Diz Aristoteles, que tudo o que se recebe, se recebe ao modo de quem o recebe. E ha modos de receber, que diminuem e apoucam o mesmo que recebem: isto é receber com as mãos abertas e com os olhos fechados. No caso em que estamos não se ha de dizer que nasceu a Portugal um infante e aos seus reis um filho e ao seu principe um irmão: pois como? Ha se de fazer tão particular menção do numero, como da pessoa. Na pessoa é um: mas no numero, sobre os que por mercê de Deus logramos, para suas majestades é o filho terceiro e para sua alteza o irmão segundo. E dar Deus um irmão ao principe de Portugal é confirmar-lhe a herança mais em duas vidas: porque os irmãos são fiadores da sua. Anna mãe de Samuel pediu a Deus um filho, e Deus lhe deu tres. Pois tres, quando pede um? Sim: não só foi excesso de liberalidade no dar, senão o seguro do que dava. O primeiro filho foi o despacho da petição: o segundo e o terceiro foi a confirmação da mercê em outras tantas vidas. A mesma vida humana, a sua fragilidade e inconstancia, é a razão e necessidade d'estes remedios. Cousa maravilhosa é, que o morgado de Abrahão se continúasse sem quebra até Christo, correndo n'este intervallo dous mil e trezentos annos. Não morriam estes homens? Morriam: mas como cada um tinha outro que lhe succedesse, sendo os herdeiros mortaes, fizeram immortal a herança. Sem estes refens da immortalidade, se o herdeiro é um só, tão arriscada tem a herança como a vida.

Por ser unico o filho do senhor da vinha se atreveram tanto os cavadores da parabola. Math. 21

Na parabola da vinha, indo os creados do senhor d'ella receber os fructos, rebellaram-se contra elles os cavadores, ferindo e matando. Então o pae de familias tomou por expediente mandar lá seu proprio filho, intendendo que lhe teriam differente respeito. Mas o uso da enxada assim como caleja as mãos, endurece tambem as testas. Foi tão contrario o discurso d'aquella villania rebellada, que disseram assim: *Hic est haeres; venite occidamus eum; et habebimus haereditatem.* De maneira que, quando o filho é unico e um só, e não tem quem lhe succeda, nem á pessoa se lhe guarda respeito, nem falta quem se lhe atreva á propria vida; e uns e outros querem para si a herdade. Por isso o nosso Texto fallando d'esta mesma her-

dade, de que aos nossos reis pertence a herança, não só lhe promette filho, senão filhos: *Ecce haereditas Domini, filii.* E para que intenda a segunda graça, como recebedora o muito que n'esta ultima mercê de Deus tem recebido, considere que crescendo os filhos, cresce com elles a segurança.

Consolava Seneca a um aňojado pela morte de um amigo (que é o maior parentesco) e dizia-lhe assim discretamente: Se o amigo que perdestes é um dos que tinheis, consolae a perda do que vos faltou, com os que ficaram. Mas se elle era não só um, senão unico, não choreis só a vossa perda, senão a vossa culpa. Porque estaveis vós sobre uma só anchora? Quando as cousas só dependem do proprio alvedrio, estar sobre uma só anchora não só é desgraça, mas culpa: porém, quando dependem só da mão de Deus, «o não estar sobre uma só anchora» é providencia muito para estimar e agradecer da mesma graça divina. Em quanto Deus depois de nos levar o primeiro, nos deu o segundo principe, estavamos sobre uma só anchora; mas depois que lhe succederam tão felizmente um e outro infante, já estamos sobre tres. Na antiga Lusitania reinou antigamente um principe chamado Gerion, o qual tinha dous irmãos do mesmo nome, tão unidos todos tres entre si, que deram occasião á fabula de viverem em uma só alma que informava tres corpos. Diziam mais, que esta união os fazia tão fortes que chegando a Hespanha o domador de todos os monstros do mundo, não deram menos trabalho a Hercules as tres cabeças d'estes tres irmãos, que as septe da famosa hydra.

O não estar sobre uma só anchora é grande segurança. O antigo Gerion da Lusitania.

Mas deixada esta fabula, em que parece prophetizou ou pintou a passada Lusitania a fortuna que ella e nós haviamos de gozar presente; para que o nosso principe estime quanto deve o nascimento do novo irmão e quanto importa ou póde importar a seu tempo um tal companheiro e fiador, não só para o reparo da vida, senão para a conservação do estado, ouçamos um famoso Oraculo da Sabedoria divina: *Frater qui adjuvatur a fratre, quasi civitas firma.* Os septenta interpretes, ainda mais expressamente: *Frater a fratre adjutus, quasi urbs, munita et excelsa:* um irmão ajudado de outro irmão (diz o Espirito Sancto) são como uma cidade no sitio levantada por natureza e nos muros bem fortificada pela arte. Uma cidade sem fortificação por qualquer parte póde ser invadida e entrada. Mas os muros que mais fortemente a cercam e a defendem, não são os que se fabricam de marmores ligados, senão de corações unidos. Perguntados os espartanos, porque não muravam as suas cidades; respondiam: Sim, muramos; e os nossos muros (apontando para os peitos) são estes. E se este valor lhes infundia

O que são um irmão ajudado de outro irmão. *Prov.* 18

o serem moradores da mesma cidade, quanto mais se fossem filhos do mesmo pae e da mesma mãe, ajudado cada par um do outro: *Frater a fratre.*

Por isso foi morto em Allemanha o infante D. Duarte. Quintiliano.

Assim o intenderam tão politica como militarmente os que especularam o modo compendioso e facil com que acudir á restauração de Portugal e ao desfazer e affogar nas mesmas faxas do seu nascimento. Estava milititando em Allemanha o infante D. Duarte, e antes de se tocar caixa contra os que chamavam rebellados, despacham-se correios secretos com ordens, aonde se não podiam mandar, de que o infante seja logo preso. E porque ou para que? Para que um irmão se não ajustasse com o outro irmão, e divididos, se não podessem ajudar, nem defender e conservar a impresa começada. Não se temeram tanto de toda a união do reino, como de que chegassem os dous irmãos a ser *Frater qui adjuvatur a fratre.* Intenderam que preso o infante com os muros do castello de Milão tinham posto em cerco a Portugal; e que o novo rei desacompanhado de seu irmão, com todas as forças do reino, se não podia defender. Mas quando elles com uma divisão os quizeram segurar, elles com outra divisão se souberam unir. Dizia discretamente Quintiliano em uma declamação, que a irmandade é uma alma dividida pelo meio: *Quid est aliud fraternitas, quam divisus spiritus?* E que fazia a alma dos dous irmãos assim partida em duas ametades? A ametade livre do rei estava presa em Milão com a do infante; e a ametade presa do infante estava livre em Portugal com a do rei. Tão livre, que succedendo no mesmo tempo a suspirar a falta de Cartagena e necessidade de Potossi por cavadores ethiopes, houve arbitrios em Madrid que o infante se trocasse por Angola e a sua liberdade por muitos captiveiros. Mas como esta noticia chegasse aos ouvidos do real prisioneiro, teve elle industria para minar os muros do castello e por debaixo da terra escrever uma carta que de Veneza veio a Haya, côrte de Hollanda (onde eu a li) e da Haya passou a Lisboa E que continha aquella carta? Dizer e protestar a sua majestade o generoso infante, que nem um torrão de terra conquistada com o sangue dos portuguezes se désse pela sua liberdade, nem pela sua vida. Assim estava desde a sua prisão defendendo as terras da Africa e avaliando em tanto preço as gotas do sangue dos portuguezes, duzentos annos antes derramado n'ellas! Que seria, se chegassemos a o vêr na testa dos nossos exercitos e nas nossas restituidas campanhas, ganhas tambem com o sangue não só dos soldados, senão dos reis seus avós, nas veias do irmão e nas suas o mesmo?

Sem lograr este desejo acabou aquelle heroíco principe a vida; e aos dous irmãos que a distancia dos logares não pôde separar, separou finalmente a morte. Na ausencia de tão fiel companhia parece que se cumpriu então ficar el-rei verdadeiramente só. Assim o ponderei nas suas exequias, em que tomei por thema: *Mortus est frater ejus et ipse remansit solus.* Disse estas palavras Jacob, fallando dos dous irmãos José e Benjamin, filhos seus e de Rachel. Mas assim como era falso ser morto José que no mesmo tempo vivia e governava o Egypto, assim se não verificou em el-rei, como em Benjamin o ficar só sem elle: porque? Porque voou de Milão ao ceu o glorioso infante, não esquecido de quem era; e d'aquelle mais alto castello ajudou fortemente a seu irmão. Na batalha de Barac diz a Escriptura sagrada que se pelejava da terra e junctamente do ceu; sendo as estrellas de lá um bem ordenado exercito. Assim succedeu d'ali por deante. Metteu a justiça da causa o bastão na mão ao bellicoso infante; e governando as estrellas, elle infundia n'ellas os seus espiritos e ellas os influiam tão efficazmente nos portuguezes que pelejavam na terra, que no mesmo tempo restauraram na Africa Angola e na America Pernambuco; e, em Portugal, já restaurado o defendiam gloriosamente com maior e mais certo desengano das armas offensivas.

Com a sua morte ficou o irmão sozinho na apparencia mas não na realidade. *Gen.* 42

Jud. 5

Á vista d'este exemplo de irmandade me arrependo muito do que pouco ha disse, que Portugal se sustenta hoje sobre tres anchoras: sendo certo que são quatro e a mais segura no céu, enchendo este perfeito numero o principe primogenito, que o mesmo céu nos deu e arrebatou tão brevemente. Grande prognostico de perpetuidade não só para a esperança, senão para a fé! Fundou Deus n'este mundo duas republicas: a primeira em uma só nação, que foi a Synagoga: a segunda em todas as nações, que é a Egreja; e o fundamento sobre que assentou ambas, foi a irmandade. A Synagoga sobre Moysés e Arão, irmãos: a Egreja sobre Pedro e André, irmãos, e sobre João e Jacob, tambem irmãos. E por que razão a Synagoga em uma irmandade e a Egreja em duas? A Synagoga em dous irmãos e a Egreja em quatro? Porque a Synagoga havia de durar muito, a Egreja sempre; e a perpetuidade d'este *sempre* nos promette a firmeza de uma baze sobre o numero quadrado, o qual se aperfeiçoou e encheu no nascimento felicissimo do ultimo infante que celebramos.

O primogenito que está no céu tambem é anchora de segurança. Irmandades em que se fundaram a Synagoga e a Egreja.

Já eu aqui me despedira da segunda graça; mas sei que anda na bocca das gentes e tambem na estampa dos livros, que, quando reinar um rei de certo nome, lhe ha de succeder na coroa um infante de Portugal. Portugal é tão pouco ambicioso e

Os infantes de Portugal são destinados para serem filhos e não só affilhados das majestades de Hespanha e da Gran-Bretanha. Rachel e os meninos de Belem.

está tão cheio de si, que se contenta com o seu. Fiquem estes contos para as fadas, que os cantem ao nosso infante, quando lhe embalarem o berço e animarem o somno. A verdade maravilhosa é (para que não sejamos ingratos a Deus), que ha poucos annos tinhamos a successão por um fio, por falta de um principe; e agora os podemos repartir e dar reis a muitos reinos. Eu, porém, o que só quizera entretanto, é que os nossos deram n'elles ás duas majestades de suas augustissimas irmãs, não só afilhados, mas filhos. Na morte dos innocentes de Belem allega o evangelista S. Matheus o texto do propheta em que Rachel chorava os seus filhos, sendo certo que os meninos de Belem não eram os filhos de Rachel, senão de Lia sua irmã. Mas por isso mesmo lhes chama filhos seus, porque os filhos dos irmãos tambem são filhos proprios. Assim póde dar el-rei nosso senhor á majestade da senhora rainha da Gran-Bretanha, sua irmã, não só um afilhado, senão um filho. E a rainha nossa senhora á majestade da senhora rainha de Castella, tambem irmã sua, outro. E por este modo ambas as venturosas majestades sem as dores que não padeceram, lograrão em logar de dor, com summa alegria o fructo d'esta gloriosa fecundidade de Portugal e sua: *Filii, fructus ventris.*

3.ª Graça. Agradecer as mercês.

IV. Somos chegados, finalmente, á terceira e ultima graça, á qual pertence agradecer as mercês e beneficios recebidos; mas o nosso agradecimento se anticipou de maneira a esta terceira graça, que as nossas se teem já muito desempenhado, ou começado a desempenhar na segunda.

O primeiro dever do agradecimento é conhecer o beneficio. S. Bernardo. Já cumprimos com este dever.

Já tinha dicto elegantemente Seneca e o disse depois com maior elegancia S. Bernardo, que a primeira parte do agradecimento e as primicias que mais agradam e satisfazem a quem faz o beneficio é o gosto, a alegria e a estimação com que o mesmo beneficio se abraça, acceita e recebe. As palavras do sancto são estas: *Danti rependi quidquam gratius ab accipiente non potest, quam si gratum habuerit quod gratis accepit.* Isto é o que fizeram já as nossas publicas e naturaes demonstrações n'aquelle sollicito e cuidadoso repente com que na Bahia se ouviu a nova do felicissimo parto, em que a divina liberalidade tinha accrescentado á prosapia real mais um penhor de firmeza no repetido nascimento do novo infante. Os applausos dos grandes e pequenos, os parabens que todos se davam, as alviçaras com que se premiaram as primeiras noticias, o cuidado e receio interior de que se despiram os corações, e as galas de que se vestiram por fóra, as luminarias, os repiques, as salvas das fortalezas e artilheria, com que até as pedras e os bronzes, ou sentiam ou mostravam a alegria; emfim as festas

geraes decretadas para maior apparato ecredito do mesmo contentamento: tudo isto e o mais que se não póde explicar, juncto, foram um descomposto tumulto e uma concertada harmonia dos corações, com que o agradecimento, saindo fóra de si pelas portas de todos os sentidos, com todos se encontrava e manifestava em todos.

Mostrámos na festa d'este nascimento maior fineza que os pastores de Belem.

Mas isto aonde e quando? A circumstancia do logar e do tempo acredita muito este novo modo de gratificar. Deu o anjo a nova do nascimento do Salvador aos pastores; e elles que fizeram? Foram a Belem, viram o que tinham ouvido; e então, tornando para o seu gado, vinham cantando louvores e dando graças a Deus: *Reversi sunt pastores glorificantes et laudantes Deum*. Se nós poderamos tambem ir a Belem, quero dizer á nossa côrte, e ser testemunha da sua alegria, não lhe daria vantagem a nossa, como nem ao que ella obrou nos pastores. Mas nota n'elles o evangelista duas propriedades, que em nós são grandes differenças. A primeira que elles estavam na mesma região: a segunda, que receberam a nova do nascimento no mesmo dia. Porém que nós, estando n'outra região tão distante e recebendo a nova tanto tempo depois, nem por isso glorifiquemos e louvemos menos a Deus? Ninguem diga que a terra do Brasil é ingrata. O agradecimento é filho do amor; e o amor ordinariamente o tempo o esfria e a distancia o apaga. Porém o nosso agradecimento, como filho de amor mais nobre, qual deve ser o dos reis e da patria, nem o tempo, com tantos mares em meio, bastou a lhe esfriar o contentamento, nem as distancias tão remontadas, para não ver e festejar as causas d'elle quanto merecem.

Alem d'isso devemos referir este beneficio a Deus como á propria fonte. Salomão e S. Thomáz. Eccl 1

Assim, sem sair da segunda graça, nem entrar na terceira a quem pertence o agradecer, só com o agrado e estimação da mercê recebida temos já pago e respondido aos echos só da boa nova, com o melhor e mais sincero tributo de agradecimento. E para que este passe finalmente á terceira graça, resta só que as nossas graças com humilde e fiel reconhecimento ao primeiro e sobrenatural principio d'onde nasceram, se refiram todas a Deus. Elle é aquelle perfeito circulo que as tres graças, como diziamos, fazem, dando-se as mãos entre si: querendo significar, que todas nascem da primeira e todas tornam a ella. Nascem d'ella, porque d'ella as recebe a segunda; e tornam a ella, porque a ella as refere e agradece a terceira. Todos os rios, quantos regam o mundo, ou mais ou menos caudalosos, ou mais ou menos distantes, sempre estão correndo ao mar; sendo que n'elle se afogam e perdem o nome. E porque correm todos ao mar? Porque todos naturalmente tornam e vão

buscar o principio d'onde nasceram: *Ad locum unde exeunt flumina revertuntur*: Diz Salomão. E qual é a theologia, que n'esta natural philosophia encerra e está sempre ensinando a natureza de dia e de noite? Sancto Thomás: *Redeunt flumina, idest beneficia, per gratitudinem ad suum principium unde exierunt, puta; ad datorem Deum:* os rios, diz o doutor angelico, são os beneficios divinos, os quaes vão buscar o seu principio, que é Deus; e aonde sairam por origem, tornam por agradecimento. Aqui temos o circulo das tres graças em uma só agua e a mesma. Sái a agua do mar; penetra por baixo da terra até ás fontes: das fontes rebenta aos rios; e nos rios correndo torna a buscar o mar. A primeira carreira é secreta e não se vê d'onde sái; e assim são os beneficios divinos: a segunda é manifesta e publica; e assim devem ser e são as graças que damos a Deus.

Este agradecimento provoca a divina liberalidade para outros beneficios. *Eccl. 1* *Joan. 6*

E tem algum interesse este tributo de agradecimento, que os rios vão pagar ao mar? Sim e muito grande. É de graças, mas não de graça. O mesmo Salomão o disse: *Revertuntur ut iterum fluant:* tornam os rios agradecidos ao mar, para tornar a correr. E que nos quer Deus ensinar n'este mesmo espelho? Diga-o o mesmo commentador, como tão excellente interprete dos segredos divinos: *Ut iterum fluant; quia gratitudo de datis provocat liberalitatem Dei ad nova danda.* Correm os rios para tornar a correr; porque é tão grato a Deus o nosso agradecimento dos seus beneficios, que provoca sua divina liberalidade a que nos dê outros de novo. De maneira que as mercês de Deus antes do agradecimento são dadivas; depois do agradecimento são dividas: antes do agradecimento nós somos devedores a Deus das mercês que nos faz; depois do agradecimento, as mesmas graças que damos a Deus fazem a Deus devedor nosso e devedor de novas mercês; porque fica obrigada a sua liberalidade a nol-as fazer de novo, multiplicando-as. D'aqui se intenderá o mysterio com que Christo Senhor nosso no banquete do deserto trocou a ordem das graças: *Accepit panes; et cum gratias egisset distribuit discumbentibus*: tomou o Senhor os pães nas mãos; e dando primeiro as graças a Deus, então os distribuiu aos convidados. Parece que as graças se haviam de dar depois de comer e não antes. Mas assim convinha e importava que fosse. Os pães eram cinco e cinco mil os que haviam de comer d'elles; e para multiplicarem tanto, era necessario que precedessem as graças; e que o mesmo agradecimento os augmentasse. Tão fecunda é a gratidão nos beneficios divinos!

A ingratidão póde esterilizar a fecundidade da rainha.

E supposto que todo o nosso discurso é fundado em uma

fecundidade, que com razão chamamos prodigiosa; razão terá tambem de perguntar, ou «a curiosidade, ou o receio d'alguem,» se póde ou poderá haver alguma acção ou ommissão da nossa parte, que faça esteril a beneficencia divina? Respondo que sim; e é consequencia do que acabamos de dizer. Porque assim como a gratidão tem efficacia para fecundar a mesma beneficencia em Deus, assim a teve egualmente a ingratidão para a esterilizar.

Texto notavel de David. *Ps.* 34

Até esta notavel advertencia não passou por alto a David: *Retribuebant mihi mala pro bonis: sterilitatem animae meae.* Eu (diz David), semeei beneficios e colhi ingratidões; esterilidade da minha alma. A primeira parte d'esta sentença não tem difficuldade: mas a segunda muito grande. Semear beneficios e colher ingratidões é monstruosidade da agricultura, que cada dia experimentam os que semeiam ou plantam em tão má terra como a de Adão e seus filhos. Até Deus disse da sua vinha: *Expectavi ut faceret uvas et fecit labruscas.* Porém que ponha David esta esterilidade em si: *Sterilitatem animae meae!* Esta é a maravilha. Se pozera a esterilidade nas almas e más almas dos ingratos, bem estava; mas na sua que fazia os beneficios? Muito notavel cousa é, mas certa. E porque? Porque o ingrato não só esteriliza os beneficios, senão tambem o bemfeitor: esteriza os beneficios; porque os paga com ingratidões; e esteriliza o bemfeitor; porque vendo o bemfeitor que se pagam com ingratidões os seus beneficios, cessa e não os quer continuar. Isto que David diz de si, é o que faz Deus. Antes propria e verdadeiramente de Deus é o que disse o propheta e não de si. Estas palavras são do psalmo 34, o qual todo é de fé que falla de Christo. E da sua alma disse o mesmo Christo: *Sterilitatem animae meae*: porque o ingrato (commenta Hugo cardeal), quanto é da sua parte faz esteril a alma do mesmo Christo: *Animam Christi, quantum est in se, sterilem facit.* Note-se o *quantum est in se:* porque a alma de Christo ainda n'este caso não é esteril, mas é esterilizada: da sua parte não é esteril; porque sempre está prompta para fazer bem: mas é esterilizada; porque a nossa ingratidão a esteriliza: *Sterilem facit.*

O agradecimento perpetúa as gerações. Noé mais agradecido que Adão e por isso mais abençoado. *Gen.* 8

N'este admiravel exemplo nos ensina a terceira e ultima graça como devemos conservar ou podemos perder, como devemos augmentar ou podemos esterilizar a mesma fecundidade que celebramos. E porque não pareça caso singular, saibamos que assim o tem Deus estabelecido por lei universal desde o principio do mundo Toda a successão e gerações do genero humano, primeiro creado e depois reformado, fundou Deus sobre dous grandes homens, Adão, quando o creou e depois se per-

deu, e Noé quando depois de perdido o restaurou. [illegible] porque a primeira parte das gerações do genero humano fundada em Adão, acabou com o diluvio universal; e a segunda fundada em Noé ficou livre da possibilidade d'este castigo? Lêde a Escriptura»: Noé tanto que desembarcou da arca com todos os animaes, a primeira cousa que fez foi levantar altar a Deus e sacrificar-lhe as victimas que já trazia separadas e sem parte lha em acção da graça por todos. Este agradecimento premiou Deus com a perpetua conservação de seus descendentes e a promessa de não haver mais diluvio, confirmada com o arco que ordinariamente vemos nas nuvens, quando começam os primeiros orvalhos da chuva «Mas de Adão não se lê o mesmo [illegible] de agradecimento; e como não foi tão agradecido, assim não teve o premio de tão grande promessa.» De sorte que [illegible] vens deixou Deus a conservação e seguro de todos os filhos de Noé, como arco triumphal do agradecimento e n'elle pôz inscripção: *Nequaquam ultra maledicam terrae propter homines*. Não houve jámais, nem póde haver tal triumpho, como o d'aquella inscripção em um arco levantado entre o céu e a terra; porque n'elle triumphou e está sempre triumphando o agradecimento, de quem? Não só da omnipotencia, senão tambem do alvedrio divino. Da omnipotencia, porque não póde Deus fazer o contrario; e do alvedrio; porque nem o póde querer ainda que tenha grandes razões para isso.

O que succedeu aos filhos d'el-rei D. Manuel póde succeder aos de D. Pedro II por castigo de ingratidão.

Em summa que os thesouros da beneficencia divina teem duas chaves, uma de ouro, que as abre, outra de ferro que as fecha. A de ouro que os abre é o agradecimento que os alcança, augmenta e conserva: a de ferro, que os fecha é a ingratidão, que depois de recebidos os corrompe, destroe e perde. Não quizera agora fazer reflexão sobre nós: mas é obrigação de todo este discurso. Estas mercês de que damos as graças á divina misericordia, já sabemos como as havemos de conservar. Mas temamos tambem como se podem perder. Faz horror á imaginação e treme de o pronunciar a lingua. No primeiro principe que Deus nos concedeu e tão brevemente levou para si, nos antecipou o exemplo do que elle não permitta e póde succeder a todos os que nos teem dado e póde dar, ainda que sejam muitos mais. Justo Lypsio, com advertencia singular, entre todos os reinos e reis do mudo pôz deante dos olhos de todos, como tremendo exemplo de desengano o reino de Portugal e o mais feliz de todos os reis el-rei D. Manoel. Refere os seus tres casamentos e o grande numero de filhos e netos, com que deixou fundada (diz) e estabelecida a successão da corôa, que não só entrada, mas nem resquicio algum havia por

onde outra familia podesse aspirar a ella; e com tudo conclúi assim: Tinha el-rei D. Manuel vinte e dous herdeiros, os quaes precediam a el-rei Philippe II de Castella e o excluiam da successão: mas elle emfim succedeu; porque todos os vinte e dous morreram antes; e n'elle vivo ficou toda a Hespanha debaixo de uma só cabeça.

As palavras do thema são desengano da mortalidade humana.

Ecce haereditas Domini, filii; merces, fructus, ventris. Dentro n'estas mesmas palavras nos estão dando vozes o desengano do que é a mortalidade humana, posto que fecunda: *Ecce:* eis aqui Portugal em ti o maior exemplo. *Haereditas*: esta a herdade que se recuperou, porque se perdeu. *Domini:* este o mesmo Senhor que a tornou a dar, porque a tinha tirado. *Filii:* estes são os filhos do mesmo tronco, que sendo septe vezes mais do que hoje temos a não poderam conservar. Mas bom animo: porque a conservação está na nossa mão, se a quizermos merecer. Á nossa gratidão no presente, á nossa memoria do passado e ás nossas vidas e obras para o futuro, tem Deus promettido por premio os fructos da mesma fecundidade: *Merces fructus ventris.*

(Ed. ant. tom. 11.º pag. 481; ed. mod. tom. 10.º pag. 329).

SERMÃO GRATULATORIO A S. FRANCISCO XAVIER

PELO NASCIMENTO DO QUARTO FILHO VARÃO, QUE A DEVOÇÃO DA RAINHA NOSSA SENHORA CONFESSA DEVER A SEU CELESTIAL PATROCINIO

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR. — N'estes sermões genethliacos, mais que em qualquer outro genero de eloquencia, vê-se a prodigiosa fecundidade do ingenho de Vieira; porque, não podendo um recemnascido ter feito cousa alguma digna de louvor, e devendo-se fundar o sermão em simples conjecturas do futuro, o grande orador achou ampla materia e propria de cada um. É este o segundo que pregou sobre o mesmo recemnascido; e tomando um thema tão arido, como «Quartus frater,» veja-se que pensamentos tão novos, bellos e instructivos o seu genio fez brotar em toda a parte.

Quartus frater.
ROM. 16.

Felicidade e alegria que se encerra nas palavras do thema.

Estreito mappa para tão universal alegria! Pequeno thema para tão grande felicidade! Feliz e alegre a monarchia de Portugal com o nascimento do quarto infante! Felizes e alegres suas majestades com o novo augmento do quarto filho! Felizes e alegres suas altezas com a nova companhia do quarto irmão! *Quartus frater.* Toda esta significação se encerra n'estas poucas palavras. E significa mais alguma outra felicidade e alegria (ou dentro, ou fóra d'este mundo) o mesmo numero ou sobrenome de quarto? Sim: porque os numeros são os sobrenomes dos reis; e el-rei D. João o IV de gloriosa e immortal memoria, que está no céu, já tinha o nome D. João em um neto, o principe nosso senhor; e agora com o novo nascimento do quarto infante já lhe inteirou vivamente em ambos o nome e sobrenome de D. João o IV.

Porque no primeiro sermão não se fallou em S. Francisco Xavier, a quem se deve o novo infante, falla-se n'este.

Agora fallando com os leitores do primeiro sermão de acção de graças pelo mesmo nascimento do principe, cuja celebridade n'este repito, duvido se me haverão perdoado passar n'elle em perpetuo silencio e não fazer menção alguma do intercessor que nos alcançou este quarto. No sermão de acção de graças pelo felicissimo nascimento do novo e quarto infante nem uma só palavra fallei em S. Francisco Xavier. Em S. Francisco Xavier, torno a dizer, aquelle grande oraculo e patrono

singular da rainha nossa senhora, á cuja poderosissima intercessão attribúi sua majestade todas as suas e nossas felicidades; e muito particularmente na successão, d'antes suspirada, e agora tão multiplicada de principes naturaes. Pois se n'este (que não quero chamar ultimo, senão quarto principe) com prodigiosa fecundidade de todos successivamente varões, devemos novas e maiores graças; como ao sermão proprio d'ellas e discorrendo por todas, em nenhuma achei logar em que pôr a Xavier? Não foi descuido ou desattenção minha, senão grandeza sua. Uma personagem tão grande não cabe em partes. Por isso me resolvi a fazer novo sermão, que fosse todo seu; e é este.

Qual o agradecimento que se deve ao sancto.

É certo que talvez «não» se deve «menor» agradecimento á diligencia de quem sollicita, intercede e alcança as mercês, que á liberalidade, posto que soberana, de quem os faz. Logo dizemos nós no nosso caso que as graças da presente mercê alcançada de Deus por S. Francisco Xavier «não» se devem «menos» ao mesmo Xavier que a Deus? A resposta d'esta duvida demanda tanto fundo, que me não atrevo a embarcar n'ella sem pedir primeiro a graça: *Ave Maria.*

Ha dous generos de mercês.

II. Ha beneficios de Deus em que todas as graças se devem a Deus e nada aos homens; e ha beneficios tambem divinos, em que parece que as graças «não» se devem «menos» aos homens que a Deus. Vamos por partes.

No primeiro as graças são devidas só a Deus. *Isai.* 48

Os beneficios do primeiro genero são aquelles que Deus faz por amor de si mesmo, como refere por bocca de Isaias: *Propter me faciam.* E então faz Deus estes beneficios por amor de si mesmo, diz S. Dionysio Areopagita, quando elle é o auctor e elle o motivo sem haver outrem fóra de si, que o mova ou provoque a isso. Tal foi o beneficio da creação do mundo, antes do qual não havia homem, nem anjo que lhe podesse pedir ou mover a que o creasse. Assim que todas as graças devidas a Deus por tão grande e universal beneficio, são pura e meramente suas, sem haver, nem poder haver quem tivesse parte n'ellas.

No segundo são devidas tambem aos homens. Força das orações de Moysés. *Ps.* 105

Os beneficios do segundo genero são aquelles que Deus faz por intercessão e rogos de outrem, principalmente quando o mesmo Deus está deliberado e empenhada sua providencia ou justiça a fazer e executar o contrario. Pelo peccado da adoração do bezerro no deserto, provocado Deus da rebellião e idolatria d'aquelle ingrato povo, tão poucos dias depois de o ter libertado do captiveiro do Egypto com tantos prodigios, deliberou a sua justiça, a sua ira e o seu furor, como diz o Texto, de o extinguir totalmente e sepultar no mesmo deserto. Em fim lhe perdoou Deus pelas orações e instancias de Moysés; e

dependeu tanto d'estas orações e da força d'ellas a conservação do povo, diz David, que tendo Deus já aberta a brecha nas muralhas para a assolação de todos, se a fortissima resistencia de Moysés se não oppozera na mesma brecha a defensa, sem duvida seria todo assolado e destruido: *Et dixit ut disperderet eos, si non Moyses electus ejus stetisset in confractione in conspectu ejus*. E no preciso d'estas circumstancias parece que as graças d'esta absolvição «são egualmente devidas» aos fortissimos embargos do advogado, e á sentença revogada do Juiz, tão justa e tão justificada na causa, que, se não fôra por elles, sem duvida e sem remedio se havia de executar: *Si non Moyses stetisset in confractione*. Note-se muito aquelle *Si non*. De maneira que se Moysés não resistisse tão fortemente a Deus sem duvida havia de Deus destruir o povo. Logo as graças de tamanho beneficio «não» se devem «menos» á resistencia de Moysés «que» á desistencia de Deus: «porque, ainda que Deus fonte de todos os bens ha de ser o objecto adequado de todos nossos louvores e agradecimentos; não podemos deixar de reconhecer no mesmo tempo o que devemos áquelle canal por onde nos communica os seus bens.» Já n'esta consequencia forçosa e não forçada, segundo a affirmação humana, ninguem estranhará dizer-se que as presentes graças (como se inferia) sejam devidas a Xavier «não menos» que a Deus; «porque» a devoção da rainha nossa senhora e o applauso de todo o reino reconhece recebida do poderoso patrocinio do Sancto por autonomasia seu a mercê «tão singular do» nascimento do quarto irmão novamente accrescentado aos nossos principes. «Assim, me parece, o apregoava o povo de Lisboa» nos nove dias da novena de S. Francisco Xavier e nos dez dias das suas sextas feiras apontando com o dedo sua majestade que com tão constante e confiada devoção e fé (indo contra o parecer dos medicos nas mesmas vesperas do parto) mereceu ao seu sancto o felicissimo nascimento de tão estimada prenda. Mas não é este ainda o fundo da resposta a que eu disse no principio me temia arriscar. Qual é, pois, ou póde ser, sobre toda a novidade do que tenho dicto? É que não só obrou Xavier na mercê que nos fez com os poderes de Deus como de Deus, senão com os poderes e com o mesmo Deus tudo como seu: «porque assim como Deus communica aos sanctos seu mesmo nome; *Faciam te Deum Pharaonis*; assim lhes dá direito aos agradecimentos das graças que faz por sua intercessão: *Mirabilis Deus in sanctis suis:* achando-se como identificados Deus com elles e elles com Deus na mesma participação de poderes e louvores.»

Quão apertadamente se une Deus com os sanctos. Isai. 37 Ps. 72

Vamos á Escriptura e abramos n'ella um novo e grande reparo. Sitiado em Jerusalem el-rei Ezechias por um exercito dos assyrios poderosissimo, recebeu uma embaixada do rei, que era Sennacherib, na qual lhe persuadia ou mandava, que se entregasse, offerecendo condições não só indecentes á majestade real, mas blasphemias contra a divina. E como o estado ou aperto da cidade era alheio de toda a esperança de a poder defender, mandou Ezechias nas mesmas condições por escripto ao propheta Isaias com um recado, no qual lhe rogava muito orasse por elle ao seu Deus: *Si quomodo audiat Dominus Deus tuus*. Esta palavra *Deus tuus*, Deus vosso, a qual duas vezes se repete no mesmo recado, é muito emphatica; porque Ezechias não era gentio, senão fiel e muito pio; e adorava o mesmo Deus verdadeiro de Isaias, a quem tambem ficava fazendo orações. Pois se o Deus do propheta e o Deus do rei era o mesmo. porque não diz Ezechias: Orae a Deus, ou, Orae ao nosso Deus, senão ao Deus vosso, *Deus tuus?* Porque Deus, ainda que o mesmo, por muito differente modo era Deus do propheta, que Deus do rei. Do rei era seu Deus, do propheta era Deus seu. E que differença ha de Deus seu a seu Deus? Muito grande. Sancto Agostinho dizia: *O Deus! utinam possem dicere meus!* Ó Deus! e que ditoso seria eu, se ao nome de Deus podesse accrescentar o possessivo *meu!* Meu Deus quer dizer que Deus me possue a mim: Deus meu quer dizer que eu o possuo a elle Meu Deus quer dizer que Deus me tem sujeito a seu mandar: Deus meu quer dizer que eu o tenho sujeito a meu querer. Quem isto póde dizer verdadeiramente possue tão inteiramente a Deus, que póde usar d'elle como de cousa sua. Por isso o rei chamou ao Deus de Isaias, Deus seu: e por isso Isaias (em admiravel prova de Deus ser seu) sem fazer oração a Deus respondeu de repente aos embaixadores do rei que seria vencedor e o modo com que o seria: *Venerunt servi regis ad Isaiam; et dixit ad eos Isaias*. Entre a embaixada do rei e a resposta do propheta não houve meio: como que elle usasse da vontade e omnipotencia de Deus sem a consultar, como sua. Deus é Deus de todos os homens; mas nem todos os homens são os seus, senão aquelles que muito intimamente ama e estima. Taes eram os apostolos, dos quaes disse o evangelista: *Cum dilexisset suos*. Do mesmo modo todos os homens são de Deus: mas Deus não é seu de todos, senão d'aquelles que subidos ao supremo gráu do amor e da união são já possuidores n'esta vida do mesmo Deus.

E porque Xavier estava tão unido com Deus, fazia prodigios em seu nome e merecia o mesmo agradecimento.

Tal era Xavier, como elle mesmo confessava nos seus soliloquios com Deus: *Quid mihi est in coelo; et a te quid volui su-*

per terram? Por ventura, Deus meu, ou na terra, ou no céu, quero eu ou tenho outra cousa senão a vós? *Pars mea Deus in aeternum:* todos os meus bens sois vós, nem possuo ou tenho de meu outra cousa. Por esta alienação de tudo o mais possuia Xavier a Deus e tudo o que é de Deus como sujeito a elle e propriamente seu. Por isso mandava os mares e os ventos: por isso resuscitava os mortos: por isso lhe eram presentes os futuros: por isso parava o sol e os orbes celestes. E porque Xavier em todas as mercês maravilhosas que de sua mão recebe o mundo não só obrava como intercessor, senão como possuidor de tudo o que é de Deus e do mesmo Deus mais seu que tudo; não ha duvida que na gratificação da mercê presente «não se deve menor agradecimento ao sancto, que a Deus: primeiro, porque Deus quiz que o seu beneficio dependesse da intercessão de Xavier: segundo, porque Xavier por união de caridade é como identificado com Deus.»

Quão devido á sua intercessão é o quarto infante.

III. Já sabemos, como devemos gratificar a S. Francisco Xavier a mercê presente. Mas para que saibamos quão devidas lhe são todas as graças pelo nascimento do novo infante, é necessario que comecemos (o que por ventura se não considera) desde o nascimento do terceiro até chegar ao quarto: *Quartus frater.*

Difficuldade dos quartos partos fundada na Escriptura.

Segundo os termos ou intervallos da Providencia divina é cousa notavel e notada da historia sagrada, ou pararem os partos no terceiro filho, ou degenerarem depois d'elles as gerações, ou ser muito difficultosa a passagem para chegar ao quarto. N'aquella arca em que Deus, affogado no diluvio o mundo, guardou para a conservação e combinação d'elle a propagação do genero humano, não houve mais que tres filhos Sem, Cam e Japhet. Na fecundidade de Anna, com quem Deus se mostrou tão liberal, posto que milagrosa, que diz o Texto sagrado? Visitou Deus a Anna e concebeu e «deu á luz» tres filhos e duas filhas. De maneira que os filhos varões foram somente tres; e o sexo masculino que ella tinha pedido logo parou ao terceiro parto e degenerou ao feminino. E posto que a Providencia divina vigia sobre os reinos e reis com maior cuidado; não deixa de se observar n'elles esta mesma regra. De Judas aquelle primeiro rei em que se continuou a serie dos que precederam a David e depois d'elle até Christo, diz o Texto sagrado, que lhe nasceram de sua mulher tres filhos, e nota que nascido o terceiro parou n'ella a fecundidade e não passou ao quarto.

A razão fundamental está no mysterio da SS. Trindade. Aristoteles e Sancto Thomas

E se quizermos inquerir curiosamente a razão fundamental d'este limite posto por Deus á fecundidade do numero ou parto terceiro, posto que não sempre observado senão em casos

maiores, acharemos que a causa mais connatural de tão notavel providencia não está menos radicada que na essencia do supremo Exemplar e efficiente de todas as cousas creadas, Deus em quanto Trino. Diz Aristoteles e com elle Sancto Thomás, que o modo de obrar segue naturalmente o modo de ser. E qual é o modo de ser da virtude divina em si mesma, ou como fallam os theologos *ad intra?* A primeira Pessoa, que é o Padre, é fecunda e gera o Filho: a segunda, que é o Filho, é tambem fecunda e junctamente com o Padre produz o Espirito Sancto: mas no Espirito Sancto que é a terceira pára e cessa de tal sorte a divina fecundidade, posto que immensa, que não póde gerar nem produzir outra que seja a quarta. D'aqui se infere, que se a providencia e omnipotencia divina, obrando fóra de si e *ad extra* conservasse no modo de obrar a proporção do modo de ser, toda a natureza creada ficaria totalmente esteril no parto terceiro, sem jámais passar ao quarto. Mas como á propagação do mundo era necessaria esta passagem; para que n'ella désse a necessidade alguma satisfação á natureza ou lhe pagasse algum tributo, talvez entre um e outro extremo não só extende a mesma providencia os intervallos do tempo, mas os carrega de taes trabalhos e perigos que só por mercê de Deus quasi milagrosa se póde escapar do meio d'elles e depois do terceiro parto chegar ao quarto.

Japhet teve mais de tres filhos, mas depois de ter fluctuado na arca. Exemplo analogo da rainha.

Dos tres filhos de Noé que dissemos o terceiro era Japhet, de quem nós descendemos. E como Deus os tinha guardados na arca e debaixo de chave para a propagação do genero humano, seguro estava nos segredos da sua providencia, que lhe havia de succeder «não só o terceiro filho, senão» o quarto e os demais. Mas de que modo e quando? Por meio dos trabalhos perigos e horrores do diluvio, depois de fluctuar muitos mezes mettido vivo e como morto n'aquelle ataude escuro, batido por todas as partes das montanhas das ondas; sem leme, sem farol, sem piloto, até que por mercê do céu chegou a salvamento e tomou porto em terra. E quem á vista d'este espelho se não lembra ainda agora com horror do que padeceu a saude da rainha nossa senhora, quasi naufragante no largo intervallo do terceiro ao quarto parto na nova qualidade do mal, no rigor e frequencia dos symptomas, no descaimento das forças, no lento e habituado do calor, de cuja especie só se duvidava; e sobre tudo na desconfiança sempre mal declarada dos medicos, aonde o perigo ameaça as supremas cabeças? O amor, depois da perda, vê-se na dor, antes d'ella no receio. E tal era a tristeza e desconsolação de todo o reino no receio d'aquella adorada e arriscada vida, em cuja respiração se sustentava a de todos. Do

reino passavam estes lastimosos echos ás mais remotas partes da monarchia, onde muito antes tinha levado ou trazido a fama das virtudes pessoaes, reaes e heroicas, com que estes vassallos se gloriavam de o ser de tão soberana senhora. E assim como na tempestade da arca se aguardavam com suspenção as novas que trazia o corvo ou a pomba; assim suspensos nós entre temor e esperança, em apparecendo ao longe navio de Portugal, subidos ás torres mais altas com os instrumentos que accrescentam a vista, palpitando entretanto os corações, vigiavamos se trazia bandeira e de que côr: o temor receiando que fosse da côr do corvo, para se cobrir de lucto e de tristeza; e a esperança confiando em Deus que fosse a da pomba, com o raminho verde da oliveira, para se vestir de gala e alegria. Só a fé que sua majestade tinha no seu sancto nunca vacillou e sempre esteve constante. É verdade que elle por algum tempo parece que se ausentou e escondeu: mas, emfim a perseverança da mesma fé o descobriu e achou tão propicio, como se alegre e rizonho lhe respondera com aquellas palavras divinas e por isso suas: *Qui me invenerit, inveniet vitam et hauriet salutem a Domino.* Duas cousas lhe trouxe o seu sancto, quando infermo só parece que necessitava de uma, que era a saude: mas na saude que lhe trouxe para si, lhe trouxe tambem a vida para o novo filho. A saude facil e a vida difficil; e tão difficil como atégora ponderamos havendo de ser esse filho o quarto: *Quartus frater.*

IV. Assim o provou o successo em cujas circumstancias mostrou bem Xavier que elle era o que obrava, mas com os poderes não só de Deus, mas do Deus seu. E começando pela do felicissimo parto, foi cousa notavel que primeiro se soube publicamente que era nascido o novo principe, do que precedesse noticia alguma de que estava para nascer e se offerecessem a Deus as orações tão necessarias n'aquella hora; signal manifesto de entrar alli o concurso dos poderes divinos. Conta ou revela Isaias, como quem nos segredos de Deus é o maior propheta dos maiores, que fallando uma vez o mesmo Deus comsigo disse d'esta maneira: *Nunquid ego qui alios parere facio, ipse non pariam?* Basta, que sendo eu o Auctor da fecundidade e que faço sair á luz todos os que nascem, não terei tambem um parto que seja propriamente meu? Ora não ha de ser assim. Primeira ou ultimamente o nascido do meu parto será um filho varão e o parto tão apressado, tão facil e tão feliz, que se diga d'elle: *Antequam parturiret, peperit: antequam veniret partus ejus, peperit masculum.* A nossa lingua não tem palavra que responda ao parturir; e em dia tão festivo permitta-se-me

As circumstancias do parto provam a mesma intercessão. Foi elle apressado e não precedido de dôres.
Isai. 66

ludere in verbis; e dizer que parturir é rir no parto. Tal é o parto da aurora, mãe do sol, o qual nasce alegrando o mundo e ella o pare rindo. E tal foi o do nosso bello infante ao rir não só de uma, mas de duas auroras; uma no céu, outra na terra, se não quizermos accrescentar a terceira do oriente, festejando as maravilhas do seu apostolo.

Assim é que Eva foi tirada do lado de Adão.

Não podia elle obrar senão como Deus, pois exercitava os seus poderes. Só o mundo mistura o riso com a dor. As mercês de Deus são puras e alheias de toda a tristeza; e mais em caso tão alegre como o de nascer. Nasceu Eva de Adão e por tal modo que parecia inevitavel a dor, havendo elle de soffrer que se lhe arrancasse uma costa do lado. Mas como a mão de Deus era a que obrava aquelle parto (que assim lhe chama Sancto Agostinho) foi com tal tento e recato, que primeiro adormeceu a Adão com um somno tão profundo, que nem por sonhos podesse sentir dor. Assim obra Deus parecendo-se comsigo e assim Xavier parecendo-se com Deus: «pois tirava ao parto que attribuimos a seus poderes o tempo das dores para o dar todo ao riso e alegria: *Antequam parturiret, peperit: antequam veniret partus ejus, peperit masculum.*»

Antes do parto presentiu a rainha que teria filho varão.

Houve no nascimento do nosso infante outro privilegio; e foi que, as mães antes do parto não sabem se ha de ser filho ou filha; e a rainha nossa senhora por instincto ou inspiração do seu sancto soube certamente que havia de ser varão. Assim consta que o declarou sua majestade á serenissima rainha da Gran-Bretanha, affirmando que lhe havia de dar afilhado e não afilhada. E para mim não foi menor prova d'esta mesma presciencia o voto ou devoto proposito, com que sua majestade determinou que, tanto que o que trazia em suas entranhas, se podesse pôr em pé, o havia de vestir de habito de S. Francisco Xavier. E d'aqui se infere que suppunha a rainha nossa senhora que havia de ser filho e não filha? Sim. Porque se o habito houvesse de ser de Sancto Agostinho, S. Bernardo, S. Domingos ou S. Francisco, bem o podia vestir filha, como o vestem as filhas d'estes sanctos patriarchas, mas havendo de ser de Xavier e da Companhia não o havia de vestir senão de filho.

O mesmo parto foi obtido na madrugada do dia 15 de março, celeberrimo no Velho Testamento. *Gen. 1* *Luc. 1*

Outra circumstancia d'este prodigioso nascimento foi ser no dia quinze de março e na madrugada d'elle. Este dia, como consta do capitulo vinte e tres do Levitico, era o da mais solemne festa, assim pela memoria e agradecimento da liberdade particular do captiveiro do Egypto, como pela significação da universal e futura do captiveiro do genero humano. O primeiro mez que se chamava *Nisan* responde ao nosso março; e os

dias naturaes n'aquelle tempo começavam ao pôr do sol no principio da noite e acabavam ao pôr do sol outra vez no fim do dia; como Deus os tinha instituido no primeiro dia da creação: *Factum est vespere et mane dies unus*. D'aqui se segue que o nosso infante nascendo pela madrugada, nasceu quasi ao meio dia d'aquelle dia. E segundo as duas figuras, de Cordeiro paschoal e pão asmo, saiu á luz d'este mundo entre os dous maiores prodigios e mysterios da Divindade Humanada, que foram a Instituição do Sanctissimo Sacramento e a Morte de Christo na cruz. Porque o primeiro foi instituido á segunda hora da noite, que foi a da Ceia; e o segundo succedeu, conforme o nosso modo de contar ás tres da tarde do dia, que foi a da Morte. Que figura nos parece agora que fará n'este mundo um principe que entrou n'elle acompanhado de um e outro lado d'aquellas mesmas insignias, com que no mesmo mez e no mesmo dia se representou o mesmo Christo ao mundo antes de vir a elle nos dous maiores tropheus da sua omnipotencia, o seu Sacramento e a sua Cruz? Tremo de considerar na materia; porque em qualquer applicação d'ella quasi periga a reverencia de tão soberanos mysterios. Se no nascimento do Baptista diziam comsigo os montanhezes: *Quis putas puer iste erit? Etenim manus Domini erat cum illo;* que diremos nós do nascimento d'este prodigioso menino, assistido não só com a mão do Senhor, senão com o mesmo Senhor duas vezes todo?

Prognosticos proprios do quarto irmão.

V. Mas não quero prognosticar mais grandezas que as que cabem no meu thema, posto que tão pequeno, *Quartus frater*. Tomando pois o peso e a medida ao logar e ao numero em que a mesma Providencia collocou o novo infante na ordem successiva dos seus irmãos; vejamos do mesmo logar e do mesmo numero o que se póde e se deve conjecturar com fundamento.

Salomão e Judas quartos entre os seus.

O que mais estimam os principes em si e o que mais estima e celebra n'elles o mundo, para cujo governo nasceram, é serem sabios na paz e valerosos na guerra. E d'estas virtudes tão excellentes e verdadeiramente reaes, nos offerece a historia sagrada dous famosos exemplos no mesmo nascimento de filhos e no mesmo numero de quartos. Salomão foi rei pacifico e o mais sabio de todos os homens; e o mesmo Salomão filho de David e quarto filho. Judas tronco do tribu real foi elle e o mesmo tribu o mais valeroso e bellicoso de todos, e o mesmo Judas filho de Jacob e filho quarto. Mas porque estas eminencias, posto que tão altas, se não levantam da terra, de nenhum modo se podem egualar ao que eu conjecturo e espero do nosso quarto principe; e do muito mais que S. Francisco

Xavier nos promette n'elle. Já não me fundo em exemplos das sagradas Letras, senão em lei expressa do mesmo Deus.

As quartas novidades mandam-se no Levitico offerecer a Deus. *Lev.* 19

No capitulo 19.º do Levitico mandava Deus que os fructos da primeira, segunda e terceira novidade das arvores, se não tocassem, e que todos no quarto anno e na quarta novidade se offerecessem e sacrificassem a elle. A razão natural era, porque só na quarta novidade estão os fructos perfeitos e sazonados e por isso dignos de se offerecerem e sacrificarem ao Creador. E se Deus queria que se observàsse esta lei na geração das arvores, quanto com maior direito na «geração dos homens?» Estava, «ainda mal, a geração» portugueza no tronco real, não só esteril, mas quasi secca; e quando pelo peregrino enxerto, tão venturoso como augusto, depois do primeiro, segundo e terceiro fructo, se vê enriquecida do quarto; como póde deixar este de se consagrar todo a Deus? Ninguem cuide que prognostico ás faxas do novo infante a purpura ecclesiastica: antes me lembro e lembrados devemos estar, que juncta esta purpura com a real da nossa nação, lhe foi causa da sua mais lamentavel fatalidade. O que eu quero dizer, é que as virtudes do nosso novo principe serão tão christamente reaes e tão regiamente christãs, que não contente com a observancia dos preceitos da lei de Christo, remontando-se o seu espirito aos apices altissimos dos conselhos evangelicos, não só será um real e sublime exemplo da perfeição religiosa, mas consummadamente sancto.

O espirito de Elias sobre Eliseu e o de Xavier sobre o novo infante.

Estes foram os impulsos inspirados por S. Francisco Xavier, com que desde as entranhas maternas, á similhança do grande Precursor, o determinou sua majestade vestir não da purpura em que eu fallava; mas do habito do mesmo apostolo; para que com elle recebesse o mesmo aspirito e seja um Xavier segundo. Agora peço attenção. Pediu Eliseu a seu mestre Elias que n'elle se dobrasse o seu espirito, não porque pedisse ou desejasse que o espirito de Elias fosse dobradamente maior n'elle Eliseu; mas para que multiplicado o mesmo espirito, sendo singular em cada um, fosse dobrado em ambos. Respondeu Elias que pedia uma cousa muito difficultosa: mas emfim lh'a concedeu; e o modo d'este trespasso ou multiplicação do mesmo espirito foi lançar Elias o seu habito sobre Eliseu; como mais expressamente declaram os septenta interpretes: *Et tulit melotem Eliae, quae ceciderat super eum.* E como o poder e vontade de Xavier está sempre certa para ouvir as orações e sanctos desejos da rainha nossa senhora, e nenhum podesse ser mais sancto que desejar ao filho o seu espirito; assim como Elias infundiu e dobrou o seu em Eliseu por meio dos seus vestidos; assim com similhante benção do céu, quando

a seu tempo o bellissimo infante por conselho e inspiração do mesmo Xavier se lhe presentar vestido da roupeta e barretinho, que lhe viram nascendo, não ha duvida que o sancto (pagando tambem n'isso a sua mãe) o enfeitará por dentro de todas as joias e graças do seu apostolico espirito.

Eliseu leva ao cabo o que intentou Elias; e o novo infante o que intentou Xavier *Coloss.* 1

Mas não pára aqui e só n'esta similhança o meu pensamento; antes o que n'elle parece difficultoso se confirma efficazmente pelo successo e escriptura seguinte. Assim como disse S. Paulo: *Adimpleo ea quae desunt passionum Christi in carne mea;* assim diz o Ecclesiastico no cap. 48 que as cousas que o espirito e zelo de Elias tinha intentado e não pôde conseguir e executar, porque foi arrebatado ao céu, essas acabou depois e tiveram seu complemento em Eliseu: *Elias quidem in turbine tectus est et in Eliseo completus est spiritus ejus.* Isto posto, saibamos agora que intentou o zelo e espirito de Xavier e não pôde levar ao cabo; porque o céu o arrebatou como a Elias. É cousa certa e manifesta que Xavier acabou a vida na ilha de Sancham ás portas da China, onde elle queria entrar, por ser a fonte das idolatrias do oriente; e não pôde. Oh segredos da Providencia divina! Entre a conceição e o nascimento do nosso infante chegam as novas a Portugal de que as portas da China, fechadas a Xavier, se abriram de par em par á publica prégação do evangelho. E quem poderá negar que o concurso de taes e tão remotas circumstancias de tempo a tempo e de pessoa a pessoa seja um prodigioso argumento de que este menino, sendo herdeiro do espirito de Xavier, como de seu habito, será em maior edade o Eliseu, que dê glorioso fim e complemento áquella grande empreza, intentada e não conseguida pelo seu amado Elias: *In Eliseo completus est spiritus ejus?*

O bezerro de ouro que mugiu no nascimento de Eliseu e o bezerro da idolatria que berrou no do infante.

Ainda não está posta a corôa a esta famosa figura, que quasi se póde chamar prophetica. Affirma Sancto Epiphanio, que no dia em que nasceu Eliseu um dos bezerros de ouro que fabricou Jeroboão mugiu lamentavelmente; e foi o mugido tão forte, como se fosse um trovão, que se ouviu em toda Jerusalem. Para intelligencia d'este prodigio, devem suppor os que o não sabem, que Jeroboão, creado de Roboão, rei dos doze tribus, se levantou com a maior parte d'elles e com o titulo tambem de rei fez a sua côrte em Sichem; e para que os novos subditos, vindo a Jerusalem, onde estava o templo do verdadeiro Deus, se não unissem outra vez a seu legitimo senhor, fundiu dous bezerros de ouro como o do deserto, os quaes por seu mandado todos adoravam. E um d'estes bezerros é o que mugiu no nascimento de Eliseu; como adivinhando e doendo-se lasti-

mosamente de que aquelle menino então nascido, havia de ser o destruidor de toda a idolatria. Mas se os idolos de ouro e os bezerros eram dous; porque mugiu um só? Porque ao outro já a espada de Elias lhe tinha cortado a cabeça e as vozes do seu zelo o tinham emmudecido; e o segundo que elle ainda não podera vencer, ficava para o triumpho de Eliseu. Póde haver caso mais proprio da nossa conjectura? Chamámos a Xavier Elias; e ao infante nascido (a quem ainda não sabemos o nome) demos-lhe o de Eliseu; está declarado o mysterio de ser um só bezerro o que mugiu. O outro ou a outra ametade da idolatria da Asia, já Xavier a tinha derribado, emmudecido e convertido á confissão da verdadeira fé. A da China que é o outro bezerro já meio rendido, como é de tantos milhões de gente, guarda a sua ultima victoria para o nosso infante, não mugindo tristemente no seu nascimento, mas berrando e chamando por elle como desejoso e faminto.

Foi o zelo do infante D. Henrique que abriu o caminho para este prognostico.

VI. E se a alguem lhe parecer demasiada esta minha esperança, e que, tendo tanto de admiravel, ainda tem mais de difficultosa; é porque não tem lido as nossas chronicas ou se esquece d'ellas. Esta navegação, estas viagens, este caminho maritimo para a India, China e toda a Asia havia-o antigamente? Não: nem rasto ou pensamento humano de tal caminho: antes os mais doutos e sabios intendimentos o tinham por impossivel. Quem foi pois o que intentou e conseguiu esta tão notavel e nunca imaginada empreza? É certo que o infante D. Henrique, filho d'el-rei D. João o primeiro de Portugal e irmão d'el-rei D. Duarte. Desterrou-se da côrte na flor da edade este heroico principe; foi-se viver entre o ruido das ondas nas praias mais remotas do reino; e d'alli por meio dos seus fortissimos argonautas, rompendo mares, vencendo promontorios, descobrindo novas terras, novos céus e novos climas, com immensos trabalhos e horrendos perigos e com egual constancia de quarenta annos, emfim mostrou ao mundo o que o mesmo mundo não conhecia de si; e não possibilitou somente, mas facilitou aquelle natural impossivel. Era governador da ordem militar de Christo, instituida por el-rei seu pae contra os infieis; e a estes fez novas guerras; era insigne cosmographo e mathematico; e a esta sciencia accrescentou a practica do que só tinha escuras opiniões, ou não tinha chegado a ter suspeitas: era sobretudo varão de elevado espirito, vida sancta, e pureza, como dizem as historias, virginal; e ao passo que ia descobrindo novas gentes barbaras e idolatras, o zelo ardentissimo de as converter á fé lhe ministrava novos espiritos e Deus, a quem tanto servia e agradava, maiores impulsos para prose-

guir a empreza. E se a Providencia divina fiou e encarregou os principios d'esta celestial conquista a um infante de Portugal; os fins d'ella já tão facilitados, porque os não fiará a outro? Se um terceiro filho d'el-rei D. João o primeiro, foi o que lançou a primeira pedra no edificio já tão levantado da egreja oriental; o filho quarto d'el-rei D. Pedro o segundo, do mesmo sangue real e de paes tão zelosos da propagação da fé e piedade christã; porque não será aquelle para quem Deus tenha guardado o fechar as abobadas do mesmo edificio e levantar n'ellas em remate o tropheu do Crucificado com as cinco triumphantes divisas que o mesmo Senhor e da mesma cruz nos mandou pintar nas nossas bandeiras?

Este quarto fructo ha de ser sanctificado pela offerta de seus paes.

VII. Este é o quarto irmão dos nossos principes, *Quartus frater*; e este o quarto fructo da arvore real que Deus mandava lhe fosse consagrado nas outras arvores: *Omnis fructus quarto anno sanctificabitur Domino*. A palavra *sanctificabitur* não declara quem ha de consagrar e offerecer a Deus este quarto fructo: mas bem se intende que deve ser o senhor do fructo e da arvore: acto em que grandemente resplandecem, não só a real urbanidade, senão a sciencia e sempre bem accordada attenção da rainha nossa senhora. Escrevem as cartas, que quando sua majestade quiz offerecer e consagrar a Deus o seu quarto fructo no habito de S. Francisco Xavier, pediu a el-rei que Deus guarde, o seu consentimento: obsequio não só devido, mas em prudente theologia necessario, pelo dominio maior que o pae tem sobre o filho, ainda que seja alcançado por orações da mãe. O direito paterno precede ao materno; e no concurso de ambos, quando é filho o que se sacrifica, consiste a perfeição do offerecimento.

A offerta de Abrahão e a de suas majestades.

D'aqui se infere quão grato seria á divina acceitação o devoto e religioso offerecimento de suas majestades no quarto fructo da mãe e no quarto filho de ambos. Pelo offerecimento de Abrahão, sendo só seu, (porque Abrahão não se atraveu a pedir o consenso de Sara) lhe prometteu Deus o augmento de sua casa, que foi o maior do mundo, a perpetuidade de sua descendencia, a victoria de todos seus inimigos e sobretudo a benção de todas as gentes, que propriamente se cumpriu e vai cumprindo na fé e conhecimento do verdadeiro Deus em todas as gentilidades. E assim como já prognosticámos com tanto fundamento a fé e conversão que resta das orientaes aos felicissimos auspicios do novo infante; assim podemos confiar que pelo sacrificio e offerecimento que d'elle tem feito a Deus a piedade e voto de seus gloriosos paes, na real casa e prosapia de suas majestades se verifiquem todas as outras feitas á de Abrahão.

Uma palavra ao novo infante para quando a poder ouvir.

E para eu dizer uma palavra, posto que não ouvido á prodigiosa infancia do mesmo principe; se a mesma palavra fôr tão venturosa, que sua alteza a seu tempo a leia, o que só lhe protesto, é, quando se vir vestido do habito e revestido do espirito de Xavier, todas as suas acções sejam referidas a elle e não a si. Confiado Eliseu na virtude do vestido que tinha recebido de Elias, quiz que o Jordão se lhe abrisse, para que elle como o mesmo Elias, o passasse a pé enxuto. Mas o rio não obedeceu. E que fez então Eliseu quasi desconfiado? Exclamou com alta voz: Onde está o Deus de Elias? E tanto que o Jordão ouviu o nome de Elias, logo se dividiu. Invoque, pois, o discipulo ao mestre, o filho espiritual ao pae, o pequeno Xavier, ao grande: que como Deus que lhe deu os poderes, é seu; assim quer que o mesmo principe e todos lhe peçam favores, e depois lhe dêem não menos que á sua divina Majestade» todas as graças.

(Ed. ant. tom. 11.° pag. 512, ed. mod. tom. 10.° pag. 281.)

SERMÃO DO FELICISSIMO NASCIMENTO DA SERENISSIMA INFANTA THERESA FRANCISCA JOSEPHA.

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Este sermão, ornado de imagens lindas e delicadas, como o pedia o seu mimoso assumpto, dictou o o auctor na edade de 89 annos, tendo levado uma grande queda e perdido quasi totalmente o uso da vista e ouvido: é, comtudo, um dos mais perfeitos e exhala uma fragancia como de primavera. Foi elle o canto do cysne; porque o auctor depois de alguns mezes morreu.

Genuit filios et filias.
GEN. 5.

A primeira filha da rainha e a primeira vez que na Escriptura se falla de filhas.

Esta é a vez primeira que em toda a Escriptura sagrada se lê o nome de filha. E este nome, accrescentado á gloriosa descendencia dos nossos augustissimos monarchas no felicissimo e desejado nascimento da nova e serenissima infanta Theresa Francisca Josepha, é a votiva solemnidade de acção de graças, em que as vem render ao soberano Auctor do ser e da vida com tão universal, luzido e festivo concurso toda a côrte ecclesiastica e politica da nossa metropole. Falla o texto que propuz, do pae e geração de todos os homens, e diz que depois de Adão gerar a Seth gerou filhos e filhas. Breve narração para tão grande assumpto! N'esta brevidade, porém, temos reduzida a compendio toda a historia do nosso caso, do nosso tempo e dos nossos principes. Seth quer dizer o substituido; porque quando nasceu disse Eva: Agora me substituiu Deus n'este filho o meu Abel, que me roubou a morte. Pois se este filho era substituto de Abel; porque lhe chamastes Seth? Se Deus vos substituiu n'elle o filho; tambem vós haveis de substituir n'elle o nome, e chamar-lhe Abel. Assim o fez alta e discretamente aquelle real e soberano juizo, que em tudo emenda os erros de Eva. Chamava-se João o primeiro primogenito que me levou a morte: pois chame-se tambem João o segundo primogenito, que muitos annos viva.

Esta filha vem depois dos filhos segundo a ordem das palavras do thema.

É nosso principe Seth; mas com o nome emendado e substituido. Depois de Seth não parou alli a geração. Continúa o Texto, dizendo, que nasceu ao mesmo pae não só um filho, mas filhos: *Genuit filios*. Assim se seguiu uma após outra a successão dos nossos dous bellissimos infantes; que já n'aquella edade temos com eleição de estado: o infante D. Francisco no habito de cavalleiro de Malta gran-prior do Crato: o infante D. Antonio com a roupeta e barrete da Companhia de Jesus. Atéqui os filhos; *Genuit filios*. E agora que falta, ou que faltava? Faltava para coroa d'este formosissimo corpo uma filha mas não faltou. Pedia-a o desejo, promettia-a a esperança e finalmente a trouxe e deu o céu: *Et filias*.

Opportunidade do seu nascimento.

Esta é substancia do thema, tão breve que não contém mais que duas palavras. A materia ainda é mais breve: porque se reduz toda a um poncto, que é o do nascer. Mas a pessoa que nasce é tão grande que para o discurso não sair do poncto e do thema necessito de muita graça: *Ave Maria*.

O dos filhos é mais festejado que o das filhas. *Jerem. 20* *Isaic. 36* *Apoc. 12*

II. *Genuit filios et filias*. Não ha cousa n'este mundo mais alegre para os paes que os nascimentos dos filhos, se são filhos: Este é o caracter da alegria. Jeremias: *Natus est tibi puer masculus et quasi gaudio lactificavit eum*. Isaias: *Antequam veniret partus ejus, peperit masculum*. S. João no Apocalypse: *Peperit filium masculum qui regnaturus erat super omnes gentes*. Até os anjos, se o nascimento é de filho, varão, folgam de o annunciar e ganhar as alviçaras. Assim annunciaram a Sara o nascimento de Isaac: assim a Manue o nascimento de Samsão: assim a Zacharias o nascimento do maior dos nascidos. Mas se o nascimento é de filha, os oraculos não respondem, os prophetas emmudecem e até as Escripturas não fallam. Em summa, que no conceito geral do mundo, não está bem avaliado o nascimento da filha; e parece que com razão. Fallo confiadamente; porque bem sabem os ouvintes, que é artificio nosso affeiar a difficuldade para fazer mais formosa a solução.

A filha de Jacob e a de Jepte dão a razão d'esta differença.

A familia mais abençoada de Deus com toda a mão da sua omnipotencia aberta, abençoada em Abrahão, abençoada em Jacob, foi a d'esse grande homem, que luctando com o mesmo Deus saiu vencedor na lucta. Teve Jacob doze filhos e uma só filha; e sendo tão egual ou sem egual a fortuna dos filhos, que todos doze foram patriarchas de outros tantos e numerosos tribus, bastou a filha, sendo uma só e sem culpa, para cobrir de lucto as cãs do pae, para tingir de sangue as mãos dos irmãos; e para pôr a risco de se perder e perecer em um só dia toda a familia, sem ficar d'ella mais que a triste memoria. Ainda foi mais lastimoso o caso de Jepte. Tinha só uma filha unica;

e sendo ella tão obediente a seu pae, que voluntariamente se lhe offereceu ao seu sacrificio, foi elle tão pouco ditoso em lograr esta immortal façanha da filha, que com suas proprias mãos, «como parece» e sem remedio lhe tirou a vida.

E poderá haver exemplos em contrario que desfaçam estes? Basta um, não só para desfazer e anniquillar esses; mas quantos são possiveis. Não tinha bem acabado de nascer o mundo, quando (quem tal imaginara) estava já perdido e destruido. E d'esta tão subita, tão universal e tão immensa ruina foi por ventura causa alguma filha? Não: antes é caso notavel, posto que não notado que a causadora de tantos males não fosse filha. E podia não ser filha? Sim: porque Eva não teve pae nem mãe. E foi tal a má fortuna d'esta não filha, que bastou ella só para destruir o mundo. Pelo contrario Joaquim e Anna tiveram uma filha, a qual entrou no mesmo mundo dotada de tanta graça, que ella por ser filha e a titulo de filha o restaurou. Não é pensamento meu, senão de toda a Egreja: *Benedicta, filia, tu á Domino quia per te fructum vitae communicavimus*. Cantava a Egreja os louvores da Mãe de Deus e celebrando entre todos a gloria de restauradora do mundo «diz que esta gloria se deve» attribuir á bençâo de filha «de Eva; porque se não fosse filha da mesma mãe do genero humano não podia cooperar com o Auctor da vida para a nossa salvação.»

Comtudo o genero humano, arruinado por Eva que não era filha, foi restaurado por Maria porque o era.

Outro exemplo da mesma Senhora. Prophetiza-lhe seu pae David que será rainha: *Astitit regina a dextris tuis:* prophetiza-lhe que sairá da sua patria e da casa de seu pae: *Obliviscere populum tuum et domum patris tui:* prophetiza-lhe e declara-lhe que o Esposo é o adorado de todo o mundo: *Concupiscet rex decorem tuum: quoniam ipse est Dominus Deus tuus et adorabunt eum*; e tudo isto debaixo de que nome? *Audi filia:* «debaixo do nome de sua filha: porque só como sua filha mereceu o titulo de rainha e esposa do mesmo Deus. Por isso accrescenta» *Et vide et inclina aurem tuam:* palavras em que se encerra o merecimento dos mais elevados e sublimes espiritos, que no heroico de uma filha se podem admirar. A tal filha e tão filha «mandou o pae» que ouvisse e se inclinasse as vodas pretendidas não menos que do mesmo Deus «para dar á luz o Salvador do mundo.» Busquem agora os paes em algum filho similhante fineza.

Prophecia de David no ps. 44.

III. Limpa assim do engano do vulgo e franqueada a estrada ao nosso thema, vejamos quão sabiamente o interpreta nas circumstancias do seu felicissimo nascimento a nova e suspirada filha, que só faltava á casa real para ultima inveja do mundo e satisfação tambem ultima de toda a monarchia: *Genuit filios et filias.*

Interpreta-se o thema para o nosso caso.

Este nascimento na opportunidade do tempo imita o do Filho de Deus. *Gal. 4, Agg. 2*

A primeira cousa que observo n'estas palavras é que primeiro pôi os filhos e depois as filhas. E esta mesma foi a disposição e ordem que guardou a natureza ou a graça no successivo nascimento dos principes. Primeiro os filhos e os irmãos, depois a irmã e a filha. Se sua alteza que Deus nos deu e elle nos guarde, tivera em seu arbitrio a opportunidade de nascer, não o podéra fazer com maior discrição, nem mais a tempo. Só o Senhor dos tempos póde tomar as medidas a estas conjuncturas ou a quem elle tractar como a seu proprio Filho. Nasceu o Filho de Deus n'este mundo e diz S. Paulo que appareceu n'elle, quando chegou a opportunidade do tempo: *At ubi venit plenitudo temporis*. E qual foi a opportunidade do tempo? Tardar o mesmo tempo, crescerem na tardança os desejos e nascer o Filho desejado e desejado de todos: *Veniet desideratus cunctis gentibus*. Se a nossa infanta nascera quando o nosso principe, não havia de ser applaudido o seu nascimento. Se quando nasceu o infante D. Francisco; ainda havia de ter a alegria sua mistura de receio. Mas depois de estabelecida e confirmada com tantos fiadores a successão, veio desejada dos paes, veio desejada dos irmãos, desejada do reino e tambem recebida applaudida e festejada de todos, como de todos desejada. Veio tanto a tempo, que não podia tardar mais, nem apressar-se menos. Já a natureza tinha copiado a el-rei, que Deus guarde, em tres retratos; e não era razão que faltasse á rainha nossa senhora o seu dentro do mesmo quadro. Nos tres via-se e revia-se o pae: a mãe tambem se revia; mas não se podia ver, porque faltava n'elles aquella tão singular e prezada differença «da formosura» que só a mesma natureza poz nas mães e as mães só podem retratar nas filhas. Quando Estacio disse: *Multum de patre decoris plus de matre feras*, nem soube adular como cortezão, nem desejar como discreto. No homem a gentileza que passa a ser formosura, é deformidade: por isso nos filhos se ha de ver a gentileza dos paes e nas filhas a formosura das mães. E para retratar a proporção e harmonia d'esta imagem, que em seu original foi divina e na copia em que estamos é mais que humana, como tanta jurisdição tenha n'ella o tempo, não podia vir mais a tempo, nem mais em seu logar a discretissima menina. Finalmente a razão do mesmo tempo e do mesmo logar que elegeu para vir, se eu me não engano, toda consiste n'esta disjunctiva. Veio depois e deixou entrar d'antes os tres irmãos ou reverente como menor, para lhe fazer cortezia ou respeitosa como dama, para que lhe fizessem côrte: já dous o podem sustentar assim com a espada. E para estas cavallarias domesti-

cas do gosto dos paes, não bastam só os filhos, se faltarem as filhas: *Filios et filias.*

IV. Passando ao solido das considerações de estado, para satisfação do gosto e amor paterno e materno, tanto importava que o felicissimo nascimento que celebramos fosse de filho como de filha: porque nos olhos do amor «o sexo não faz differença.» Mas para a conservação e augmento da casa real e da coroa é necessaria a inseparavel união de ambos os sexos, como o pede e demonstra o thema: não só filhos sem filhas, nem só filhas sem filhos, mas filhos e filhas na mesma geração: *Genuit filios et filias.*

A conservação dos reinos pede filhos e filhas.

A este previlegio da natureza, ou n'esta graça do Auctor de ambas se correspondem maravilhosamente as duas gerações successivas: a do senhor rei D. João o quarto, que Deus tem, de gloriosa memoria, e a d'el-rei nosso senhor D. Pedro II, que o mesmo Deus nos guarde por muitos annos. A geração d'el-rei D. João multiplicada em filhos e filhas, a geração d'el-rei D. Pedro atégora fecunda só de filhos; e já por esta nova mercê de Deus fecunda de filhos e filha. E para que vejamos quanto devemos ao mesmo Deus por esta filha e seu felicissimo nascimento, ouçamos com assombro, quão perigosa é a conservação dos reinos e do mundo, onde falta a união d'esses dous sexos.

Providencia de Deus a respeito de D. João IV e D. Pedro II.

Desd'o principio do mundo, como largamente descreve Sancto Agostinho nos livros *de Civitate Dei*, dividia-se todo o genero humano em duas gerações: pela via e descendencia de Seth uma, outra pela de Caim. Os de Seth chamavam-se propriamente filhos de Deus; e os de Caim com a mesma propriedade filhos dos homens; e pelos mesmos nomes os distingue o Texto sagrado, quando diz: *Videntes filii Dei filias hominum.* Continuaram muitos annos havendo de ambas as partes filhos e filhas; até que finalmente prevalecendo a malicia contra a natureza, na geração dos filhos de Deus só nasciam filhos e na geração dos filhos dos homens só filhas; de que dão a causa ainda natural varios auctores. Mas em que vieram a parar estas duas fataes gerações, uma só com filhos, outra só com filhas? Por ventura na perdição de algum reino? É nada. Na perdição de muitos reinos? É pouco. Na perdição de toda a Europa, de toda a Africa ou de toda a Asia? Não basta. O que se seguiu d'esta differença (fosse natural ou castigo) foi a perdição, destruição e assolação universal de todo o mundo affogado e sepultado na inundação do diluvio.

Em que vieram a parar os filhos de Deus só com filhos e as filhas dos homens só com filhas. *Vide Corn. h. l.*

E teve toda esta universal ruina e perdição algum remedio? Maior maravilha. Reduzidas ambas as gerações a uma só ge-

Quatro homens e quatro mulheres restauram o genero humano: dous Affonsos e duas Catharinas, o reino de Portugal.

ração, a de Noé, «quatro homens e quatro mulheres» mettidos em uma arca e nadando por cima do diluvio, tiraram do fundo d'elle e salvaram o mundo. Desembarquemos nós agora, não nos montes da Armenia, senão nas ribeiras do Tejo e em Portugal restaurado depois de perdido, e saibamos quem o restaurou. «Mas quem é que o ignora? Os restauradores do reino de Portugal foram dous homens e duas mulheres; dous Affonsos e duas Catharinas.» É observação acreditada entre os historiadores, que quando na roda da fortuna fecham os reinos o circulo da sua duração, costumam muitas vezes acabar debaixo do mesmo nome que lhe deu principio. Assim começou o imperio de Constantino em um Constantino e acabou em outro Constantino; e assim dizem tambem os nossos chronistas, começou o reino de Portugal em um Henrique o conde e acabou em outro Henrique o cardeal. Mas enganam-se duas vezes: a primeira, que o reino de Portugal não começou no conde D. Henrique, senão em seu filho D. Affonso o primeiro; a segunda, que a fortuna «ou melhor» a providencia que Deus tem do nosso reino, é, não que elle acabe a roda da sua duração debaixo do nome que o começou, senão que, se acaso se perdeu, debaixo do mesmo nome se restaure. Assim se fechou a roda da sua fundação e restauração debaixo do mesmo nome de Affonso, el-rei D. Affonso o primeiro que o fundou e o invicto rei D. Affonso VI que o repoz outra vez e restituiu á sua inteira e pacifica liberdade: «e assim concorreram para esta restauração duas Catharinas, a serenissima duqueza de Bragança com o direito e a serenissima infanta sua irmã com a tutela.» Mas este poncto requer maior prefação.

Porque restituiu Deus a Job não só os filhos, mas tambem as filhas?

V. Retribuiu Deus a seu antigo e felicissimo estado aquelle famoso rei dos idumeos, exemplo de ambas as fortunas, Job; e diz o Texto sagrado que entre os outros bens, ou sobre todos elles, lhe foram tambem restituidos os filhos e as filhas. Mas para a conservação e firmeza das felicidades antigas que Job tinha experimentado tão inconstantes, parece que era mais conveniente serem todos filhos varões, que cingissem a espada e embraçassem o escudo. Pois porque lhe dá Deus a Job n'esta universal restituição tambem filhas? Origenes que ordinariamente é allegorico, n'este caso quiz ser politico e fallou sabiamente: *Ob hoc et filios et filias dedit illi Deus, sic enim desiderant omnium mentes.* Deu Deus ao rei Job filhos e filhas, diz Origenes; porque assim o desejam todos os principes bem intendidos. E porque outra vez o intendem assim? Vai a razão de um barrete de theologo, qual a não dera mais cabal o texto dos politicos, Tacito: *Sic enim et filias dant foras et filii intus*

accipiunt uxores; *et per hoc et extrinsecus habent cognationem et intrinseaus haereditatem*. Os reinos e os imperios conservam-se e sustentam-se em duas raizes: das portas a dentro com a successão dos reis naturaes: das portas a fóra com a confederação dos reis extrangeiros. Pois por isso dá Deus áquelle rei tão favorido seu filhos e mais filhas: os filhos para que não faltassem reis ao proprio reino; e as filhas para que podesse dar rainhas aos reinos extranhos: os filhos, para que por meio da successão se conservasse o dominio dos vassallos; e as filhas, para que por meio dos casamentos se conservasse a amizade dos alliados. Como nenhum reino se póde conservar sem reis amigos e sem reis herdeiros, nos filhos lhe deu os herdeiros e nas filhas lhe deu os amigos.

A infanta D. Catharina casada com o re de Inglaterra para defeza de Portugal.

Assim deu Portugal ao serenissimo Carlos rei da Gran-Bretanha a serenissima infanta D. Catharina, alem de outros grandes motivos, para que com a união d'estas reaes vodas, Portugal, posto então em campanha na terra e no mar, e o poderoso e bellicoso reino e nação ingleza, se dessem tambem as mãos, como deram forte e felizmente nas ultimas batalhas; e com a mediação de embaixadores tambem inglezes, assim na victoria como na paz, tivesse tanta parte el-rei Affonso, como a rainha Catharina; e se n'este caso, com nova consonancia e harmonia das cousas, das pessoas e dos mesmos nomes, se n'esse caso, digo, um Affonso recuperou o direito de outro Affonso, tambem uma Catharina recuperou o de outra Catharina.

Anecdota. *Joan.* 14.

Quando el-rei D. Philippe n'aquella catastrophe universal da nossa monarchia veio a Portugal tomar posse d'ella e unil-a á sua, ouvindo sermão na egreja da Companhia de Jesus de Evora em dia de S. Philippe e Sanct-Iago, o prégador tomou o thema do evangelho; e sem que a presença da majestade lhe impedisse a confiança, como se fallasse com o rei por seu proprio nome, disse: *Philippe qui videt me, videt et Patrem meum:* Philippe, quem me vê a mim, vê a meu Pae. As palavras eram de Christo; mas a allusão feria o direito de representação que estava vivo, mas violentado na serenissima pessoa da senhora D. Catharina (nome fatal e propicio a nosso remedio) duqueza então de Bragança. Philippe, como varão (estando ambos no mesmo gráu) dizia que preferia a Chatharina como mulher; e Catharina, posto que mulher, como filha do infante D. Duarte, dizia que preferia a Philippe. E assim era: porque sendo D. Duarte e a imperatriz D. Isabel irmãos, Philippe, posto que varão, representava a imperatriz que era mulher; e Catharina, posto que mulher, representava ao infante que era varão. Na tra-

gicomedia d'estas duas representações prevaleceu então a de Philippe, porque pleiteou armada: mas quando chegou o tempo decretado por Deus, levantando-se desarmada a razão, sentenciaram as armas por Catharina. Por isso aconteceu que assim como na restauração do reino concorreram dous Affonsos, o primeiro com o direito como fundador e o sexto com a posse como successor, assim concorreram tambem duas Catharinas: Catharina duqueza de Bragança sustentando o direito; e Catharina rainha da Gran-Bretanha introduzindo a posse. Tal foi um dos filhos e tal uma das filhas do mesmo pae: *Genuit filios et filias.*

Paz de Castella com Portugal e nascimento da infanta.

VI. Mas quem dissera então o que hoje vemos, ou que viu Lisboa no grande dia da Incarnação d'este feliz anno? Todas aquellas guerras convertidas em paz, todas aquellas demandas desfeitas em amizade e concordia, e todo aquelle sangue herdado dos mesmos avós e derramado na mesma patria, vivo outra vez e restituido ás suas veias naturaes. Estas são as felicidades que trouxe comsigo o felicissimo nascimento da nossa recemnascida infanta, por isso tão festejado. Era a primeira hora da tarde na vigilia de S. Mathias, quando deram signal as torres, como sentinellas mais vizinhas ao ceu, do felicissimo parto. Os repiques quebravam os bronzes, as salvas com os trovões de artilheria, as trombetas, caixas e atabales, os vivas e applausos publicos, tudo eram baterias de alvoroço e gosto, que os ouvidos davam aos corações. As lagrimas de alegria competiam com os vivas da aurora; os parabens com as alleluias; as galas com a primavera; as luminarias com as estrellas; e quando el-rei, que Deus guarde, pelo nascimento d'esta filha fez que ardessem em palacio mil e seiscentas tochas, bem mostrou D. Pedro II, que não só era herdeiro da coroa, senão tambem do amor do primeiro.

Seus padrinhos representados com o mesmo embaixador.

Isto fazia Lisboa: mas que fazia em Lisboa Madrid e Vienna de Austria? Em ambas estas grandes côrtes as duas supremas cabeças da aguia imperial e austriaca, a cesarea e a catholica, festejavam por fé e de longe o mesmo nascimento. A catholica em el-rei Carlos II, cuja vida Deus guarde por muitos e felizes annos, como padrinho; e a cesarea na imperatriz Leonor Magdalena, que os mesmos annos logre tão excelsa dignidade, como madrinha. D'estas duas majestades, pela via materna mais proxima como de irmãs e pela paterna mais remota, como de primos, é real e imperial sobrinha a nossa tão bem nascida infanta. Mas o amor, o agrado, a estimação e os soberanos applausos com que, depois de regenerada pela sagrada fonte do baptismo, uma e outra majestade acceitaram e receberam o novo

e sobrenatural parentesco, contraido com sua alteza; quem os poderá exprimir? E porque a expressão d'estes affectos se não podia comprehender de longe; ao perto e para os olhos do mundo a commetteram toda á representação de seus embaixadores, ou, fallando mais ao certo, á exellentissima pessoa do magnifico marquez de Castel dos Rios, embaixador extraordinario, unico e duplicado de ambas as majestades.

Analogia de seu nascimento com o de Christo. *Luc.* 1

Antes que passe adeante, o concurso do dia e do mysterio me não permittem deixar em silencio o admiravel conselho d'esta duplicada eleição. O embaixador que no dia da Incarnação trouxe a embaixada do céu a Nazareth, diz o evangelista S. Lucas, que foi enviado por Deus: *Missus est angelus Gabriel a Deo.* Mas como em Deus ha Deus Padre, Deus Filho e Deus Espirito Sancto; em que Pessoa d'estas fallou o anjo que foi embaixador? Fallou na Pessoa do Pae: *Virtus Altissimi obumbrabit tibi;* e fallou na Pessoa do Espirito Sancto: *Spiritus Sanctus superveniet in te.* Ao meu poncto agora; e vejamos como as deidades da terra imitaram n'este caso a do ceu. Assim como a majestade do Padre e majestade do Espirito Sancto uniram e duplicaram as suas embaixadas em um só embaixador, que isso quer dizer *Angelus,* assim as duas majestades de Hespanha e Allemanha uniram e duplicaram as suas em um só embaixador e o mesmo, com extraordinaria auctoridade e poderes de ambas. E para maior energia e elegancia da similhança, vejam-se os motivos do céu e da terra. O motivo da embaixada do ceu foi para annunciar o nascimento do Filho; e o motivo da embaixada da terra, prevenir, assistir e festejar o nascimento da filha.

Palavras dictas no seu baptismo.

VII. Nas demonstrações de magnificencia, grandeza, riqueza e real ostentação de duplicados e multiplicados triumphos, que poderam competir com os romanos, não só desempenhou a magnificencia do duplicado embaixador a commissão de suas majestades, mas excedeu a expectação das nossas. Isto é o que cá trouxeram os echos da fama. Mas ainda que ella toda seja ouvidos e linguas; o que eu considero é, o que ella nem lá póde ouvir nem cá dizer. Na principal funcção da embaixada, quando o excellentissimo substituto dos padrinhos extendeu a mão para acceitar em seu nome a filha, ou afilhada, o que em phrase castelhana se chama *sacar da pila*; então dando-lhe o parabem do novo e sobrenatural estado a póde saudar com as palavras do anjo e dizer com toda a verdade: *Ave gratia plena.* E a real menina assim cheia de graça, se podesse responder e fallar que diria? Não ha duvida que daria muitas graças ao marquez embaixador pela liberalidade e grandeza, com que desde o

dia de seu nascimento até aquelle, com tão extraordinarias demonstrações tinha assistido e festejado sua vinda á luz do mundo; e muito particularmente pelo affecto alheio de toda a extranheza e tão portuguez sem o ser, com que tudo tinha obrado. Até aqui diria o agradecimento natural, que nasce com o animos reaes antes do uso de toda outra razão.

Outra analogia de ambos os nascimentos. *Hebr.* 2.

Mas eu serei o interprete ou commentador do seu silencio, sem me sair do dia, nem do mysterio. Elegeu Deus para a embaixada do altissimo mysterio da Incarnação ao anjo Gabriel; e do mesmo nome Gabriel parece se argúi que devera não ser anjo. Gabriel, como declarou o concilio ephesino, significa *Deus homo*. Pois se Deus se vinha fazer homem e não anjo, homem e não anjo parece que devia ser o embaixador. Podia trazer a embaixada Adão; pois elle deu o motivo a Deus se fazer homem. Podia vir por embaixador Abrahão ou David; pois elles eram os paes de quem vinham a ser filho. Podia ser com maior energia que todos o propheta Isaias; e abrindo o seu livro, mostrar á Senhora o famoso oraculo: *Ecce Virgo concipiet et pariet Filium et vocabitur nomen ejus Emmanuel;* e annunciar á mesma Virgem, que ella era a venturosa alli prophetizada. Pois se tantas conveniencias havia para ser o embaixador não anjo, senão homem; porque foi anjo? Porque era embaixador do mysterio da Incarnação. O mysterio da Incarnação era muito suspeitoso no céu: porque revelado por Deus a Lucifer que se havia de fazer homem e não anjo (o que depois ponderou S. Paulo: *Nusquam angelos apprehendit, sed semen Abrahae apprehendit*) esta desconfiança e como desprezo foi a occasião das batalhas do céu e de se perderem tantos principes de todas as hierarchias e de estarem ainda vagas tantas cadeiras. Pois para que conste ao mundo que já todas essas occasiões de desgosto e discordia se acabaram, e qualquer outra memoria ou suspeita de menos sincero e verdadeiro amor estão totalmente mortas nos corações e sepultadas no esquecimento, venha por embaixador um anjo das hierarchias e mais empenhado n'ellas; o qual celebre, festeje e assista e efficazmente concorra para o mesmo mysterio da união de Deus com os homens, que causou a desunião dos anjos com Deus. De maneira que o maior realce da embaixada da Incarnação foi não ter o embaixador carne nem sangue. Se fôra homem obrava sem louvor, como interessado; e sem merecimento, como devido: mas sendo anjo e de extranha natureza, o não ser homem lhe acreditava a verdade, e o obrar como se o fôra, lhe qualificava a fineza.

Nasce a infanta no dia de S. Mathias e devia nascer no primeiro dia da novena da Graça de S. Francisco Xavier.

VIII. Isto é o que quiz dizer ao seu vice-padrinho e madrinha o agradecido silencio da nossa discretissima menina, saindo

da matricula da graça e ficando a sua rubricada nos gloriosos nomes que dissemos. Quando estes excedem o numero de dous, o primeiro e o segundo distinguem e determinam a pessoa; e esta precedencia tem ao terceiro nome (que deixo e venero) o de Thereza e Francisca, e como um é de sancto outro de sancta, elles nos tornam por outro modo a lembrar o *Genuit filios et filias*. Ia sem duvida o nascimento da nossa infanta fazendo-se com terra aos 3 de março, primeiro da novena do seu sancto Xavier: mas porque é graça e particular providencia o que notou Isaias, *antequam parturiret, peperit*; antecipando-se o felicissimo parto (outra novena ponctualmente), saiu á luz na vigilia, como dissemos, de S. Mathias, substituindo um apostolo a outro apostolo, como um irmão a outro, Seth a Abel. Mas supposto que nasceu debaixo do predominio e influencia de uma das doze estrellas, de que se coroa a Egreja: *In capite eius corona stellarum duodecim*, que são os doze apostolos; qual sería a providencia, por que havendo de ser apostolo, não foi dos da primeira eleição senão da segunda? Os apostolos da primeira eleição são os que Christo Senhor nosso elegeu por sua propria pessoa, como aos doze na terra e a S. Paulo descendo do céu: os da segunda eleição são os que elege o summo pontifice e a Egreja; e assim foi S. Mathias eleito por S. Pedro e pela egreja de Jerusalem; e por similhante modo S. Francisco Xavier, nomeado pelo summo pontifice apostolo do Oriente e antes d'isso pela egreja de Lisboa absolutamente apostolo; d'onde se derivou o mesmo nome ganhado por elle a todos os filhos de Sancto Ignacio, chamados em Portugal apostolos. «E porque S. Francisco Xavier foi apostolo da segunda eleição como S. Mathias, por isso foi substituido por este.»

Dão-lhe seus nomes S. Francisco Xavier e Sancta Theresa, filhas do espirito de Sancto Ignacio.

E posto que fallei em Sancto Ignacio poderei eu de caminho applicar ao nosso sancto Patriarcha o *Genuit filios et filias* do nosso thema? Parece que não: porque Sancto Ignacio só instituiu religião de religiosos e não de religiosas. Mas é necessario distinguir. Uma cousa é o instituto, outra o espirito: no instituto não tem Sancto Ignacio filhas, senão filhos somente: no espirito tem filhos e filhas: *Genuit filios et filias*. Por signal que nos dous nomes da nossa duas vezes bem fadada infanta se uniram não acaso, senão com especial providencia o primogenito dos filhos em S. Francisco Xavier e a primogenita das filhas na sancta madre Theresa. O primeiro não é necessario que eu o prove: o segundo repete muitas vezes em seus admiraveis livros a sancta madre. E é esta filiação e irmandade de espirito tão publica no mundo, que chamando em Castella

por equivocação aos padres da Companhia *theatinos*, aos religiosos de Sancta Theresa pela differença da côr do habito chamam *theatinos brancos*.

Estes dous sanctos alcançar-lhe-hão todo o bem. *Matth.* 18.

VIIII. Renascida, pois, sua alteza como Theresa e como Francisca, que lhe posso eu prognosticar ou desejar mais que uma felicidade em que estejam junctas todas? Posso mais? Não. E póde haver uma felicidade a que estejam resumidas todas as felicidades? Sim: se fôr um privilegio de Deus, assignado em branco, de conceder tudo o que lhe pedirem. E este privilegio trouxe a nossa infanta da pia debaixo dos nomes de Theresa Francisca, por serem dous e conformes e sanctos. No capitulo dezoito de S. Mattheus promette Christo Senhor nosso que seu Padre dará tudo o que lhe pedirem debaixo de tres condições: primeira, que quem pedir não ha de ser uma só pessoa, senão duas: segunda, que hão de ser conformes e não differentes no que pedirem: terceira, que hão de ser sanctas. Vai o texto: *Si duo ex vobis consenserint super terram, de omni re quamcunque petierint, fiet illis a Patre meo qui in coelis est.* Que haja de conceder Deus por este privilegio tudo o que lhe pedirem, as mesmas palavras o dizem sem excepção alguma: *De omni re quamcunque petierint, fiet illis.* Que não haja de ser uma só pessoa a que pedir, senão duas: *Si duo.* Que hão de ser concordes entre si na mesma petição: *Consenserint.* E onde está que hão de ser sanctos? No *ex vobis. Si duo ex vobis consenserint.* Fallava Christo com os apostolos e disse: Se dous de vós (excluindo do privilegio os que não fossem d'elles). Expressamente Euthimio: *Non simpliciter dixit: Si duo consenserint: sed, duo ex vobis: hoc est, similes vobis virtutem colentes.* E se hão de ser duas pessoas e concordes e do mesmo espirito e esse apostolico; onde se podiam estas achar e ajunctar, senão em Sancta Theresa de Jesus e em S. Francisco Xavier tambem de Jesus?

Interceder-lhe-hão por ella como Bersabée e Nathan por Salomão. 3 *Reg.* 1

Mas como Theresa e Xavier são dous tão grandes validos de Deus, que cada um sem o outro póde alcançar o que quizer, parece-me que os vejo ambos em grandes comprimentos não sobre qual ha de levar a gloria do despacho, senão sobre qual a ha de renunciar e dar toda um ao outro mais gloriosamente. Se buscarmos, porém, na Escriptura sagrada uma figura d'este caso, creio que a acharemos em Bersabée e Nathan. Tendo-se levantado Adonias, filho de David, mais velho que Salomão, com o reino; que remedio teria Bersabée, que era sua mãe, e o propheta Nathan, para que David nomeasse a coroa em Salomão? As palavras que o propheta disse á Bersabée, foram estas: *Ingredere ad regem David; et adhuc ibi te loquente, ego veniam*

post te et complebo sermones tuos: entrae, senhora, a el-rei, propondo-lhe o vosso requerimento; e eu entrarei após vós; e conformando as minhas palavras e razões com as vossas, conseguiremos sem duvida o que pedimos. E assim foi. De sorte que nem Bersabée sem Nathan, nem Nathan sem Bersabée, senão Bersabée e Nathan junctos, conseguiram o que pretendiam. E quem é Bersabée mãe, senão Theresa a Sancta Madre? E quem é o propheta Nathan, senão Francisco Xavier tão grande propheta? Se Theresa e Xavier conformes fizerem a mesma petição, ainda que seja necessario não só fazer, senão desfazer reis e reinos, ao que ambos pedirem ha de pôr Deus o *fiat: In quancunque re, fiet.*

E pedirão o que mais lhe aproveite. Os dous cherubins do Propiciatorio.

E não só tem sua alteza em Sancta Theresa e S. Francisco Xavier quem lhe alcança de Deus o que pedirem, senão quem saiba eleger o que hão de pedir. Este é um laço em que caem as juizos; e com que atam as mãos á liberalidade de Deus, para que lhe não conceda o que pedem. Até a S. João e a Sanct-Iago, sendo tão validos seus, negou Christo o que pediram; porque não souberam o que pediam: *Nescitis quid petatis.* O bom despacho das petições em Deus não consiste só em pedir, senão em saber pedir. No famoso templo de Jerusalem dentro das cortinas do Sancto Sanctorum era o logar do Oraculo divino chamado Propiciatorio. A um e outro lado d'elle estavam dous cherubins com as azas extendidas para deante e olhando um para o outro tinham os rostos voltados para o mesmo Propiciatorio. E que significava a mysteriosa architectura d'este antigo Sacrario? O Propiciatorio era o throno onde a Majestade divina despachava as petições de graça, respondendo, ou, mais propria e decentemente annuindo ás supplicas dos que oravam, concedendo propicio o que pediam. Os dous cherubins de um e outro lado eram os sanctos validos de Deus, que pedem não para si, senão para os que teem debaixo da sua protecção: que por isso tinham as azas extendidas e olhavam para si e para Deus; porque em tudo o que pediam, se conformavam com o divino beneplacito. Mas porque não eram seraphins ou outros espiritos angelicos da suprema hierarchia, senão cherubins? Porque os cherubins entre todos são os mais eminentes na sabedoria; e o acerto de conseguir de Deus propicio o que se pede, não está no pedir, senão na sciencia de saber pedir. Da difficuldade d'esta eleição e da contingencia d'este acerto alliviam a innocencia da nossa infanta S. Francisco Xavier e Sancta Theresa, tomando á sua conta o pedir e o que hão de pedir para sua alteza. Mas como isto é o que faziam os cherubins para o que tinham debaixo da protecção das suas azas, parece que des-

por equivocação a[illegible] [illegible]nça, competir só o nome de giosos de San[illegible] [illegible] Sancta Theresa pela differença do mam *theatir* [illegible] até aqui nos acompanhe o *Genuit*

Estes dous sanctos alcançar-lhe-hão todo o bem. *Matth.* 18.

VIIII. P[illegible] [illegible]resa filha e Xavier filho do espirito de Francisca [illegible] [illegible]aber o que nem todos sabem, que dos uma feli[illegible] [illegible] propiciatorio, um tinha rosto de *mulher* e E póde [illegible] [illegible]m. *Cherubim sexu fuisse distinctos, unum* felicid[illegible] [illegible] *feminam;* dizem Rabbi Salomão e Arrias Mabran[illegible] [illegible]os interpretes do Testamento Velho. tror [illegible] *logo* nas faxas e mantilhas reaes a nossa grande Fr [illegible] *deixe*-se embalar sem cuidado do que ha de pedir d[illegible] [illegible] *porque* isso pertence aos dous vigilantes cherubins, [illegible] *nomes* que recebeu, com a graça baptismal, tomaram [illegible] *por* sua conta, como se fossem outros anjos da guarda, [illegible] *protecção* e tutela. Mas eu não vejo o que S. Francisco [illegible] nem Sancta Theresa hajam de pedir n'este mundo para [illegible] veio a elle dotada de quanto o mesmo mundo póde dar. [illegible] nasceu a infanta Theresa Francisca? Nasceu filha d'el-rei [illegible] Pedro II de Portugal, e da rainha Maria Sophia Isabella nos[illegible] senhores. Nasceu neta d'el-rei D. João o IV e do serenissimo [illegible]rincipe Philippe Wilhelmo, eleitor palatino, ambos de immortal [illegible]emoria. Nasceu sobrinha da senhora rainha de Inglaterra, da senhora rainha de Castella, da senhora rainha de Polonia, e da senhora imperatriz de Allemanha. Nasceu irmã dos principes D. João, D. Francisco, D. Antonio, galhardissimo ternario, em que vivem e crescem as tres graças desfarçadas em trajo varonil. E finalmente, com digna clausula de tal catalogo, nasceu ultima descendente da serenissima e real casa de Bragança, de que descendem todos os principes soberanos e potentados da christandade.

Outra anecdota. Logo alcançar-lhe-hão os seus sanctos as grandezas do céu.

Quando el-rei Philippe III veio a Portugal, offereceu ao duque D. Theodosio de Bragança que pedisse o que quizesse; e elle respondeu: Os reis nossos avós deixaram tão dotada a casa de Bragança, que não tem que pedir. O mesmo digo eu d'esta sua venturosa bisneta. S. Francisco Xavier e Sancta Theresa não teem que lhe desejar, nem pedir n'este mundo; e assim só lhe poderão pedir as felicidades do outro. A maior felicidade ou fortuna d'este mundo, como elle lhe chama, é reinar: mas reinar n'este mundo e não reinar no outro é a maior infelicidade e a maior desgraça. Pedirão, pois, e alcançarão de Deus com toda a dobrada força do seu patrocinio, que depois de lograr sua alteza n'este mundo por muitos e felizes annos tudo o que com elle acaba, trocando uma coroa por outra, logre no céu com grandes augmentos de gloria o que ha de durar por toda a eternidade. Amen.

(Ed. ant. tom. 11.º *in fine;* ed. mod. tom. 10.º pag. 179.)

SEGUNDA PARTE

ORAÇÕES FUNEBRES

SERMÃO DAS EXEQUIAS DO SERENISSIMO INFANTE DE PORTUGAL DOM DUARTE DE DOLOROSA MEMORIA, MORTO NO CASTELLO DE MILÃO

Observação do compilador.—Eis aqui um modelo de outro genero de sermões, no qual o nosso orador não se mostra menos admiravel que nos outros. Note-se a distribuição das suas partes. Tendo os sermões funebres tres obrigações, que são sentir a morte, louvar o defuncto e consolar os vivos; e d'estas obrigações sendo a principal a segunda, é com muita arte e sabedoria que o orador desempenha mais resumidamente a primeira, com maior extensão a segunda, e a modo de remate a terceira.

Frater ejus mortuus est et ipse remansit solus.
Gen. 42,

Lucto de todas as côrtes da Europa e finalmente da de Portugal.

Emfim, reino de Portugal, que tambem os nossos principes são mortaes! Emfim, côrte de Lisboa, prelados, religiões, titulos, nobreza, povo, que tambem para nós se fizeram os luctos! E ninguem se espante de eu fallar com esta singularidade dos nossos principes, do nosso reino e da nossa côrte; porque era um engano este, a que quasi nos tinha persuadido a morte; mas emfim desenganou-nos. Se lançarmos os olhos por todos os reis do mundo, no espaço d'estes novo annos, depois que vimos resuscitados os nossos, acharemos que tendo dado tão repetidos exemplos de mortalidade todos os outros principes, só os nossos pareciam immortaes. Vimos n'este tempo em França a morte de Luiz XIII, em Inglaterra a infelicissima d'el-rei Carlos, em Dinamarca a de Sigismundo, em Polonia a de Ladislau IV e antes d'elle a da rainha Cecilia Renata e o primogenito Sigismundo; em Allemanha a da Imperatriz Maria de Austria e dentro em tres annos a de outra imperatriz Maria; em Castella a da rainha Dona Isabel de Bourbon, a do infante D. Fernando e a do principe Balthasar. E no meio de tantas mortes reaes, de que se viu quasi em continuados luctos toda Europa, só a casa de Portugal, sendo a mais dilatada em numero de principes que todas as outras, passava isenta o curso dos annos, sem pagar este tributo; como se ti-

vera a vida de juro e gozara privilegios de immortalidade. Mas oh morte cruel! Quem se fiará da dissimulada lisonja de teus enganos! Nove annos esteve duvidando a morte, e armando junctamente o arco para despedir a setta com maior força e a empregar com maior golpe. Trophéu são d'esta façanha as columnas, os arcos, as luzes d'essa pyramide triste, que levantou a dôr, o amor, e a obrigação do nosso monarcha, que muitos annos viva, á morte, á ausencia, á memoria do serenissimo infante D. Duarte, irmão muito prezado seu e gloria defuncta nossa: principe digno de mais larga vida e de melhor fortuna; cujo nome será sempre aos portuguezes amavel, a lembrança lastimosa, eterna a saudade.

O infante D. Duarte similhante a José filho de Jacob.

Para fallar n'este lastimoso caso sobre o fundamento da Escriptura, que se costuma, lancei os olhos por toda a Historia Sagrada e sendo tão abundante de exemplares grandes, ou os busquemos nas virtudes ou nas desgraças, nenhum achei em toda ella «tão appropriado como o» de José o sabio, o generoso, o adorado principe e bom irmão; José o perseguido, o vendido, o desterrado, o encarcerado, o morto: *mortuus est frater ejus et ipse remansit solus.*

As tres obrigações da oração funebre, se não obstava o costume, podera-se satisfazer trocando as palavras em lagrimas.

As obrigações d'esta acção, seguindo os exemplos dos padres da Egreja e ainda dos oradores mais antigos que elles, são tres: sentir a morte, louvar o defuncto, consolar os vivos. D'esta maneira occupamos toda a alma n'esta ultima saudade dos que amamos. Os affectos de sentimento pertencem á vontade; a narração dos louvores á memoria, e os motivos da consolação que sempre são difficultosos de achar em quem devéras padece, correm por conta do intendimento. Para satisfazer a todas estas obrigações viera eu de boa vontade em um partido, que era trocar as palavras em lagrimas; e que em logar de eu dizer e vós ouvirdes, choraramos todos. Se as obrigações d'este dia são sentir, louvar e consolar; melhor fizeram tudo isto as lagrimas que as vozes. As lagrimas são o mais vivo do sentimento, porque são o distillado da dor; são o mais encarecido dos louvores, porque são o preço da estimação; são o mais effectivo da consolação, porque são o allivio da natureza. Ordenou a natureza que as lagrimas, assim como são effeito, fossem junctamente allivio da mesma dor, para que se podesse conservar o mundo; se assim não fôra uma só morte como esta nos levara a todos. D'este conselho de chorar e calar usaram aquelles amigos de Job na sua calamidade: mas pois o costume ha de prevalecer á razão, e é forçoso o dizer onde fôra mais facil o chorar, em seguimento d'estas tres obrigações, consideraremos tres vezes as palavras que propuz, nas quaes não

me atrevo a prometter nem ordem, nem discurso, nem concerto; porque em similhantes occasiões a desordem do discurso, o desconcerto das palavras, o dessaseio das razões é a harmonia da dor.

A morte de Valentiniano chorada por Sancto Ambrosio, e a do infante pelos portuguezes.

II. Abrindo o passo á nossa dor, desofoguemos os affectos do nosso sentimento: mas por onde lhe daremos principio? N'esta suspensão se achou o grande padre sancto Ambrosio, prégando as honras do imperador Valentiniano; e depois de duvidar por onde começaria a chorar: *Quid primum defleamus;* começou assim: *Conversi sunt dies nobis votorum nostrorum in lacrymas; siquidem Valentinianus noster, sed non talis qualis sperabatur, advenit.* Bem mostram estas palavras serem escriptas em Milão; pois tão medidas veem com as circumstancias da nossa dor. Para estes mesmos dias em que estamos, esperava a nossa imaginação, que, concluidos os trabalhos da paz geral na dieta de Munster, teriamos livre em Portugal o nosso desejado infante: mas *conversi sunt dies nobis votorum nostrorum in lacrymas:* os dias que imaginavamos nos haviam de amanhecer os mais alegres, esses mesmos nos anoiteceram os mais tristes: *Siquidem Valentinianus* (digamos nós *Eduardus noster*) *sed non talis qualis sperabatur advenit.* Quantas vezes imaginavamos despovoar-se Lisboa e corrermos todos a essas praias de Belem a receber o nosso captivo, ou o nosso libertado infante com o mais alegre e com o mais formoso triumpho, que já mais se viu em Portugal! E que differente concurso é este que estão vendo os nossos olhos! Ajunctamo-nos tambem hoje: mas para chorar sua morte, para lamentar suas exequias. Certo, senhor, que não era este o recebimento que apparelhava a vossa alteza, o nosso desejo e o nosso amor! Mas trocaram-se as nossas esperanças em lagrimas, os nossos alvoroços em tristezas, as nossas imaginações de festas em luctos, os nossos arcos triumphaes em tumulos e os panegyricos que já começavamos a estudar, em epitaphios. Esperavamos com Jacob a vinda do do nosso suspirado José; e entrou pelas portas, não José, mas a sua tunica despedaçada — a nova cruel da sua morte, escripta com o sangue da sua innocencia.—Oh que contrarios effeitos tiveram nossas enganadas esperanças! *Non qualis sperabatur advenit.* A consideração d'esta ultima palavra *advenit* faz ainda mais rigorosa a nossa dor, que a que Sancto Ambrosio, ponderada nos seus milanezes: elles, quando esperavam vivo a Valentiniano entrou-lhes pelas portas morto: nós esperavamos o nosso infante vivo, e nem morto o temos!...

Assim como Jacob na supposta morte de José, não teem elles a consolação de ver o corpo morto do infante.

Esta foi uma circumstancia que muito ponderou Jacob e muito o lastimou na perda do seu José: *Fera pessima comedit*

eum: bestia devoravit Joseph. Oh filho meu, dizia Jacob, que uma fera cruel vos comeu, uma fera vos tragou! Foram tão feras para comnosco as feras que nos mataram o nosso José, que não só lhe tiraram a vida, mas nem o corpo para nossa consolação nos deixaram!... Não quizeram que lhe levantassemos a alliviada dor de um sepulcro, senão a dobrada desconsolação de um cenotaphio!... Não termos a quem amavamos nem ainda na sepultura!... Vermos a sepultura e carecermos do sepultado é o rigor mais lastimoso de todos.

A causa da sua dor é ainda mais lastimosa, porque o não lograram vivo. S. Bernardo, Santo Ambrozio.

Assim o considerava e o sentia Jacob; mas a causa da nossa dor ainda é maior que a sua. Jacob carecia de José morto; mas lograra-o vivo por muitos annos; nós pelo contrario ao nosso infante nem o temos morto nem o logrâmos vivo. Oh que genero de dor tão inconsolavel! S. Bernardo na morte de seu irmão Gerardo, e antes de S. Bernardo Sancto Ambrosio na morte de seu irmão Satyro, buscando estes grandes intendimentos remedio á dor, dizem que nos havemos de consolar na falta do bem que perdemos com a memoria do tempo em que o logrâmos. Se esta é a consolação, bem nos podemos despedir de nos consolar: o bem que no melhor tempo perdemos em nenhum tempo o logrâmos!... Diz Boecio, que o mais infeliz genero de infelicidade é o ter sido feliz: *Infelicissimum genus est infortunii fuisse felicem*. Foi tão avara comnosco a nossa fortuna, que nem nos concedeu a desgraça o ter sido felizes. Toda a ordem que costuma guardar nas mesmas infelicidades, trocou a fortuna comnosco: nas felicidades que se mallogram, ao esperar segue-se o perder. Em nós não foi assim: perdemos antes de possuir; e ajunctando um extremo com outro extremo, passámos da esperança á perda e do desejo á saudade: hontem esperavamos; hoje choramos... A ultima cousa que se perde nas calamidades é a esperança; e essa foi a primeira que nós perdemos; porque não tivemos outra.

E porque a sua felicidade foi a causa da morte do infante.

Mas sobre todas as circumstancias a que mais nos deve magoar, é, que da mesma perda que choramos, se bem a considerarmos, nós fomos a causa. Assim foi, senhor, assim foi; que se Portugal se não vira coroado, nunca tão cedo vos chorara morto; porque nós fomos ditosos, fostes vós infeliz: esta a consideração que mais vivamente nos magôa... Se buscarmos aos trabalhos de José a ultima disposição que tiveram, acharemos que foi a prosperidade da casa de seu pae. O recado que José levava, quando o prenderam e venderam os irmãos era este: *Vide, si cuncta prospera sunt*: vede se vai tudo prospero. De sorte que o desejo que Jacob teve da prosperidade de sua casa foi a occasião, sem o pretender, por que e elle e mais a casa

perderam a José. Na nossa prosperidade perdeu o infante a sua!... da nossa bonança se levantou a sua tormenta!... elle morreu, porque nós resuscitámos!... Quebrou o reino venturosamente as prisões do nosso captiveiro; e sem sabermos «senhor» o que faziamos, as cadeias que tirámos das nossas mãos passámol-as ás vossas. Assim achou a fortuna com que nos fazer ingrata a liberdade!... «Ha perda, ha desgraça como esta, tão digna do nosso pranto?!...»

Louvores do infante.

III. Já é tempo que se suspendam um pouco as lagrimas; e que apartando-as da consideração da nossa perda, as detenhamos na admiração da mesma causa d'ellas. Impossivel assumpto fôra querer eu reduzir a este discurso as muitas virtudes verdadeiramente reaes, em que este grande principe, assim na paz, como na guerra foi admiravel. Fique esta materia inteira para quem escrever ao mundo os exemplos da sua vida; que eu, seguindo as palavras que propuz, não quero para admiração e suspensão nossa mais que os da sua morte: *Mortuus est.*

Tres considerações acerca da sua morte.

Esta morte de sua alteza ou a podémos considerar da parte do sujeito, ou da parte da causa, ou da parte da providencia. Da parte do sujeito, considerando-a no infante que a padeceu; da parte da causa, considerando-a no inimigo que a executou; da parte da providencia, considerando-a em Deus que a permittiu. Em todas estas considerações se descobrem admiravelmente as grandezas d'este principe em tudo admiravel e em tudo grande.

1.ª Qual a causa d'ella. Historia da prisão do Infante.

Comecemos pelo testimunho dos inimigos, que é sempre o menos perfeito e o mais qualificado. Quereis saber, portuguezes (já que não vos foi licito vêl-o) quereis saber quão grande principe era o vosso infante? Vêde os empenhos, vêde os extremos que fez Castella para que vós o não lograsseis. Notavel politica foi a de Castella no caso da restituição de sua majestade. Chegam as novas a Madrid; faz-se conselho sobre Portugal; e que resultou? Que logo logo se despachem postas a Allemanha, que se prenda D. Duarte de Bragança a todo o custar. As difficuldades que tinha a prisão de um principe livre, em uma côrte livre, o direito das gentes, a fé da hospitalidade, os beneficios passados com nome de serviços, para serem ainda mais relevantes; a innocencia do caso, provada com o tempo, com a distancia e muito mais com a presença da pessoa; o escandalo da fama aos mesmos interessados injuriosa; todos estes respeitos, divinos e humanos, que se atravessavam deante, a todos se haviam de fechar os olhos, todos se haviam de vencer; e todos se arrastaram e venceram á força de diligencias, á força de instancias, á força de negociações publicas e secretas; e á força da maior das forças, que em se-

culo tão corrupto é a do dinheiro. Vendido e preso o infante, em nenhum logar o davam por seguro as cautelas dos que o guardavam. Do quartel de Lupen o passaram a Ratisbona, de Ratisbona a Passaw, de Passaw outra vez a Ratisbona; de Ratisbona outra vez a Passaw, de Passaw a Gratz, de Gratz finalmente a Milão. Em todos estes caminhos ia o infante cercado de grandes tropas de soldados; e no ultimo para maior segurança, atado a cadeias: tão esquecidos estavam de quem era; ou antes tão lembrados do que era. No fortissimo castello de Milão o metteram na casa mais forte, com guardas dobradas e mudadas, com sentinellas sempre á vista, com rondas sobre rondas que vigiassem, com interdicto perpetuo de não vêr, de não ouvir, de não fallar, de não escrever.

Qual foi n'ella o conselho de Castella.

Agora quizera eu perguntar a Castella, que conselho foi o seu em uma prisão tão cheia de tantos excessos? Se Portugal está todo levantado (como então se dizia), se não ha cidade, nem villa, nem logar, nem casa que não reconheça ao nosso rei; se em todas as fortalezas do reino presidiadas por Castella não ha uma só ameia por sua parte, que importa que Portugal tenha mais um homem? E ainda que importara muito, muito mais importava o credito da mesma monarchia. Por um homem ha de fazer tantos extremos, por um homem ha de chegar a tractos tão indecorosos uma monarchia como a de Hespanha? Aqui vereis quão grande homem era o infante D. Duarte: mas vamos primeiro a José que nos servem muito a suas circumstancias para o vermos.

O muito caso que os irmãos de José fizeram d'elle e dos seus sonhos.

Uma das cousas que muito se admira em José é o muito caso que seus irmãos fizeram d'elle e dos seus sonhos. Os irmãos não eram onze e todos homens? José não era um e o menor de todos? Pois que importa que José sonhasse ou não sonhasse, para se fazerem tantos castellos sobre elle; para uns dizerem que morra, outros que seja vendido, e, finalmente, para concordarem todos, em que não torne mais a casa de seu pae? Por ventura temiam que viesse a ser verdade o que José sonhara? O que elles temiam, elles o disseram: *Ecce somniator venit:* não se temiam dos sonhos, mas temiam-se do sonhador. O que José sonhara, foi que no dia da seifa as paveas de seus irmãos caiam aos pés da sua; e ainda que os irmãos eram onze e José o irmão menor, viam n'elle tal saber, tal prudencia, tal generosidade, tal valor, emfim uns espiritos tão grandes e tão superiores á fortuna em que estava, que para tudo o que significasse o sonho havia n'elle capacidade que o faria melhor accordado, do que o sonhara dormindo. De maneira que o conhecimento e conceito grande que tinham de José era o que fa-

zia a tantos temer a um só: elle sonhava com os irmãos e os irmãos sonhavam-n'o a elle. E como não ha affecto mais cruel que o temor, este temor mal aconselhado foi, esquecidos de todos os respeitos, o que o vendeu, e que o prendeu, e o quiz matar e publicar por morto: *Mortuus est.*

O mesmo fez Castella do Infante.

Ah perseguido José nosso! Que o muito que conheceram em vós e de vós vossos emulos (sangue tambem vosso) foi o que a tanto preço e desprezo vos vendeu e comprou a liberdade; e o que a tão apertadas e dilatadas prisões vos martyrizou e tirou a vida. Conhecia Castella melhor que nós quanto havia que temer no peito, na cabeça e nô braço do infante; e este conhecimento e este temor foram as culpas que se provaram contra sua innocencia e as que o condemnaram. Não me atrevera eu a o affirmar (posto que sempre o intendesse assim) se a mesma Castella o não confessara e publicara ao mundo em um manifesto que novamente mandou imprimir e cedo andará nas mãos de todos. Refere-se alli uma consulta dos deputados que se deram á causa de sua alteza; e concordando todos em que se lhe não devia dar liberdade, ainda em caso em que estivesse innocente, dizem estas palavras: *El miedo es justo, el rezelo prudente, el remedio necessario.* Ha tal encarecer de temor! Assim o confessam publicamente; e era tal a pessoa do infante, que não teem por menos credito o confessal-o. Mas vêde como lhe mudava as cores o medo! Parecia-lhe justiça, *El miedo es justo,* parecia lhe prudencia, *El rezelo prudente;* parecia-lhe necessidade, *El remedio necessario:* uma côr era de justiça, outra côr era de prudencia, outra côr era de necessidade; e tudo era medo. Oh cega razão de estado, cega e muito cega, quando te guia a ambição: mas muito mais cega, quando te precipita o temor! De sorte que ter em prisões o innocente era justiça! temer mais a um homem que a Deus era prudencia! comprar uma liberdade por um thesouro era necessidade! e todos estes precipicios fazia saltar o temor que tinham tantos homens a um homem!

Pedido de David a respeito do temor do inimigo, explicado por Hugo Cardeal.

Dizia David a Deus: *A timore inimici eripe animam meam:* Senhor, livrae a minha vida do temor do meu inimigo. Estas palavras podem ter dous sentidos e ambos os explica Hugo Cardeal: ou pedir David a Deus que o livre do temor que elle tinha a seus inimigos; ou pedir que o livre do temor que seus inimigos lhe tinham a elle. Este segundo sentido é mais conforme ao que soam as palavras: porque o temor que eu tenho a meu inimigo, é temor meu; e o temor que meu inimigo me tem a mim, é temor seu: *A timore inimici.* Mas como póde ser que peça David a Deus que o livre do temor de seu inimigo?

Que o livre do seu poder, que o livre do seu valor, que o livre das suas traições, que o livre do seu odio, sim: mas que o livre do seu medo, que o livre do seu temor? Com muito maior razão: porque não ha mais cruel inimigo, que o inimigo com medo. O inimigo sem medo, muitas vezes é piedoso; o inimigo com medo é inimigo sem piedade: o inimigo sem medo satisfaz-se muitas vezes sem chegar á vida; o inimigo com medo só com a morte se dá por seguro. A razão e a experiencia é, porque o inimigo sem medo tracta da sua satisfação; o inimigo com medo tracta da sua segurança e odio. Assim lhe aconteceu ao nosso infante; que não socegou o medo dos seus inimigos, até que passou do carcere á sepultura: *Mortuus est.*

Este temor foi glorioso para o Infante como para David o de Saul, para Samsão o dos philistheus.

Oh que cruel foi este temor! Mas que glorioso para sua alteza! Muito glorioso fez David a victoria de Goliat: mas muito mais glorioso o medo de Saul. Muito gloriosas foram para Samsão as victorias dos philisteus: mas muito mais glorioso o temor que os mesmos philisteus lhe tiveram. Que David, sendo um só homem, peregrino, fóra da sua patria, como então era, désse tanto cuidado a Saul; e que sendo um rei tão grande e tão poderoso, armasse tantos soldados e fizesse tão extraordinarias diligencias para o prender! Grande argumento de quão grande pessoa era David. Mais o honrou Saul com a sua prisão, que não chegou a fazer, que com a inveja que lhe tinha. E que Samsão, sendo tambem um homem só e desarmado, mettesse em tanto temor e perturbação a todo o senado e republica dos philisteus, e que os philisteus, sendo os que tanto dominavam n'aquelle tempo, multiplicassem guardas, cercassem cidades, armassem exercitos, buscassem tantos outros meios, ainda indecentes, para o prender! Grande prova de quão grande sujeito era Sansão. Mais o honraram os philisteus com o seu temor, do que o honrara o leão que elle desqueixara e não temera. Muito glorioso fez a David e a Samsão o temor de seus inimigos; e se a gloria se ha de medir pelo temor, maiores circumstancias ainda de temor se acham na prisão de sua alteza, que nas de Samsão e David.

E com maiores circumstancias que para um e outro.

Saul fez tantas diligencias por prender a David, mas sempre por meio das armas: soldados a sua casa, soldados a Ceila, soldados a Engaddi, soldados a Ziph, soldados a toda a parte onde sabía que estava: mas ainda que tanto o procurou prender, nunca tractou de o comprar: preso, sim, mas não vendido: não; que não se abatia a tanto o temor de Saul. Para prender o infante não só se armaram soldados, mas armou-se o interesse, armou-se a infidelidade, armou-se a traição, e não houve tracto feio e cruel, que se não armasse: tanto era o te-

mor que obrigava a tanto! A prisão e entrega de Samsão é verdade que foi compra com o preço que se deu a Dalila: mas depois de os philisteus o terem em suas mãos, contentaram-se com lhe tirar a vista: a lingua e os ouvidos deixaram-lh'os livres; e ainda que nos cabellos tinha toda a fortaleza, tambem lhe deixaram crescer os cabellos. Ao infante depois de preso tiraram-lhe o vêr, tiraram-lhe o ouvir, tiraram-lhe o fallar; e se os cabellos significam os pensamentos, até os pensamentos lhe prenderam; porque tambem os instrumentos de communicar, que era o escrever, lhe tiraram: tanto era o temor que obrigava a tanto!

Ainda que seja com aggravo nosso, não hei de deixar de dizer onde chegava este temor. N'aquelle conselho que já referi, em que se resolveu a prisão de sua alteza, houve voto (e grande voto) que se acceitasse aos catalães a sujeição que offereciam e que o exercito de Catalunha, assim inteiro como estava, se passasse a Portugal, antes que tivesse tempo de mais prevencões. Respondeu-se a este voto, que Portugal não dava cuidado; que estava seguro. De maneira que Portugal em Portugal não dava cuidado; e o infante em Allemanha dava-lhe tanto cuidado! Por certo que esta pouca estimação de Portugal não sei em que a fundava Castella. Se os exemplos de valor portuguez estiveram só além do cabo da Boa Esperança, não fôra muito que Castella os não visse por distantes; e se estiveram só nos tempos d'el-rei D. João o primeiro e do conde D. Nuno Alvares, não é muito os esquecesse por antigos. Mas sabia Castella pelos mesmos correios que lhe levavam a nova, que para lhe tirarem o nome em uma hora e o reino em oito dias, bastaram só quarenta portuguezes: quanto mais que pelas reliquias d'elles que lá tinha, podia julgar quaes eram os que cá ficavam. Todos os postos grandes que tem Castella, occuparam portuguezes n'estes nove annos; a armada, as galés, a frota, a embaixada de Roma, e a de Allemanha, as armas de Flandres e as de Catalunha, tudo n'estes nove annos esteve a cargo dos poucos portuguezes que em Castella se acharam. Pois se Portugal é um reino tanto para dar cuidado; como o tinha Castella por tão seguro, e todo o seu cuidado punha na prisão do infante?

Excesso de estimação que Castella fazia do Infante.

Para que nos não admire este pensamento de Castella e d'elle infiramos melhor quem o infante era, ouçamos o que fez um tão grande soldado e tão grande politico como David em similhante caso. Acclamou-se Absalão em Hebron, e foi acclamado e recebido em todas as cidades do reino, sem ficar uma só. Chegou a nova a David pelo primeiro aviso, dizendo, que todo o reino com todo o coração seguia a Absalão por seu rei: *Ve-*

Temia o seu conselho como David e de Achitophel. 2 *Reg.* 15

nit nuntius ad David dicens: Toto corde universus Israel sequitur Absalon. Chegou d'ahi a poucas horas segundo aviso e accrescentou, que tambem Achitophel seguia as partes de Absalão: *Nuntiatum est autem David quod et Achitophel esset cum Absalon.* Tanto que David ouviu dizer que Achitophel seguia as partes de Absalão, no mesmo poncto levantou as mãos ao céu e fez oração a Deus pedindo que o livrasse do conselho de Achitophel: *Dixitque David: Infatua, quaeso, Domine consilium Achitophel.* Notavel o orar e não orar de David! Quando lhe dizem que está levantado em rei Absalão, e que todo o reino unido em um coração o segue, não ora David a Deus; nem pede que o livre do rei, nem do reino; e tanto que lhe dizem, que tambem Achitophel tomou a voz de Absalão, então ora, então pede a Deus que o livre d'elle e do seu conselho! Sim: porque era homem Achitophel de tanta cabeça, de tanta auctoridade, de tanta industria, de tanto talento, que em ordem á recuperação do reino contrapesava mais aquelle homem só que todo o reino juncto. O reino, ainda que unido, sem Achitophel parecia-lhe a David que o poderia restaurar; mas unido e Achitophel com elle, julgava-o por irrestauravel. Este é o conceito que de Achitophel fazia David, este o que do Infante D. Duarte fazia Castella em seus conselhos.

Portugal sem o Infante é pouco respeitado por Castella.

Se nós chegaramos a ver aquelle grande irmão «d'el-rei nosso senhor» fóra da prisão, Castella nos respeitara mais. O respeitar menos Castella a Portugal é pelo grande conceito que tem de si; e respeitar e temer tanto ao infante, é pelo grande conceito que tinha d'elle. Não podemos negar que na largueza das terras e no numero da gente, excede Castella muito a Portugal. Media-se pois Castella com Portugal sem o infante, e olhando para a sua grandeza dava a Portugal por seguro: tornava-se a medir outra vez com Portugal juncto com o infante; e olhando para o talento do infante dava a Portugal por perdido: por isso lhe dava menos cuidado Portugal, e o infante lhe dava tanto cuidado e tantos cuidados. Se os emulos de José o sonhavam; mais sonhava Castella ao infante. Aquelle desvelo com que dormindo e accordado o velavam, que era senão sonhal-o? Cuidavam que n'elle nos tinham presos tambem a nós; cuidavam que com os muros de Milão, estavam sitiando a Portugal; cuidavam que Portugal sem o infante era seu e com o infante, nosso. Eu não sei que maior elogio se póde dizer do infante, que este temor de Castella. Não digo mais. Se contarmos os reinos sujeitos a Castella acharemos que são tantos como ha cidades em Portugal; e estando tão desiguaes as balanças, inten-

deu Castella que para se trocar a desigualdade bastava que se pozesse da parte de Portugal a espada do seu infante.

A funda de David em maior estimação do que as armas de Goliat. 2 Reg. 18

Não faz fim a Escriptura de encarecer o peso das armas do gigante Goliat; e comtudo é certo que não pesavam tanto da parte dos philisteus as armas do gigante, quando da parte de Israel a funda de David. Os vassallos de David avaliavam a sua pessoa em dez mil homens: *Tu unus pro decem millibus computaris*. Em quantos mil avaliava Castella o nosso infante; pois se persuadiu que com elle não podia vencer-nos? Nenhum principe alcançou jámais tão grande victoria de tão poderoso inimigo. Não venceu o infante a Castella na campanha, venceu-a em seu proprio conceito; tirou-lhe por despojos o que nenhum vencedor tirou jámais ao vencido — a esperança de poder ser vencedora.—Só uma cousa havia em Castella maior que o infante, que era o seu temor; e por isso esse só o póde matar: *Mortuus est.*

2.º Qual o concurso do Infante para a sua prisão. Fiou-se no seguro da palavra imperial.

IV. Mas passando da causa ao sujeito e considerando esta morte da parte do senhor infante, não é menos de ponderar e de admirar que tambem concorresse para ella sua alteza. Quando chegaram á corte da Allemanha as primeiras noticias da restauração de Portugal, teve tempo sua alteza para logo passar-se a terras de outra jurisdicção e não se passou logo. Estando já para se partir, teve recado do imperador em que o chamava; e foi, podendo não ir: n'esta detença, posto que breve, se lhe embargou a liberdade, a que depois se seguiu declaradamente a prisão. Dava a razão sua alteza depois do successo, que se fiava no seguro da palavra imperial que tinha, de que em terras do imperio não consentiria fazer-se-lhe violencia. Mas dizem os politicos que nem sua alteza havia de crer tal palavra, nem se havia de fiar de tal seguro.

Allegoria politica que se acha na historia de José para provar que não ha fiar-se em palavra de quem tem o sceptro na mão Santo Agostinho.

Na historia de José se vê retratada esta politica em uma bem notavel allegoria d'ella. Estando Jacob para morrer no Egypto, chamou a seu filho José, que n'aquelle tempo era logar tenente d'el-rei Pharaó; e tomando-lhe da mão a insignia real ou sceptro que n'ella trazia, pediu-lhe que lhe promettesse e jurasse de fazer levar seus ossos á terra de promissão, á sepultura de seus avós; e depois que assim o prometteu e jurou José, encostado Jacob sobre o sceptro, que lhe tirara da mão, adorou a Deus e deu-lhe graças. Este é o sentido em que explica Sancto Agostinho aquelle texto difficultoso dos Septenta: *Adoravit Israel super cacumen virgae ejus. Quid est* (diz o grande doutor) *adoravit super cacumen virgae ejus, idest Joseph? An forte Jacob tulerat ab eo virgam, quando ei jurabat idem filius; et dum eam tenet post verba jurantis, nondum illa reddita, mox ado-*

ravit Deum? De maneira que, quando José houve de prometter e jurar, tirou-lhe Jacob da mão o sceptro; e não lh'o deu, senão depois de promettido e jurado. Oh que grande pintura da falsa politica dos principes, que hoje mais que nunca se usa no mundo! Para que José prometta e jure o que lhe pede Jacob seu pae, tira-lhe primeiro da mão o sceptro que trazia n'ella; porque as promessas e ainda os juramentos que se fazem com o sceptro na mão por mais que sejam juradas em grandes obrigações, nem costumam levar verdade, nem teem firmeza.

Assim o intendeu David a respeito de Saul, mas não o Infante, porque avaliava os outros por si mesmo. 1 *Reg.* 24

Que bem intendeu esta grande lição David. No dia em que David perdoou a vida a Saul, avistando-se ambos, conheceu Saul o grande beneficio que d'elle tinha recebido; chamou-lhe filho, chorou com elle, disse-lhe que sabía de certo que havia de reinar, reconciliou-se e capitulou com elle debaixo de juramento, que não extinguiria sua casa; e acabados estes concertos, diz o Texto que *Ascendit David ad tutiora loca*: que fugiu David de Saul e que buscou logares ainda mais seguros para se pôr em salvo. Pois, David, quando Saul vos deve a vida e o conhece; quando chega a chorar um rei; quando vos chama filho; quando faz concertos jurados comvosco, então fugis mais depressa, então temeis e vos receiais mais e vos pondes outra vez em cobro? Sim: porque em materias de reis e reinos não ha que fiar em lagrimas, nem em palavras, nem em promessas, nem em seguros, nem em juramentos. Um só seguro teem as palavras dos reis, em quem se teme, que é desapparecer a toda a pressa e pôr-se em seguro, como fez David; e assim dizem os politicos, que o devera fazer o infante de Portugal: mas não o fez, porque era o infante de Portugal D. Duarte. A verdade do seu tracto, a generosidade do seu animo, a realeza do seu coração, a honra dos seus pensamentos o entregaram a seus inimigos. Não fôra o infante quem era, se não crera a palavra que lhe deram e se presumira antes, ou lhe entrara no pensamento o que aconteceu depois. Os pensamentos são os primogenitos da alma; sempre se parecem á origem d'onde nasceram; assim como ninguem é o que cuida de si, assim é certo que cada um é o que cuida dos outros. Ha uns pensamentos que nascem pelo que entra pelos sentidos; e ha outros que nascem do que se considera com o discurso: os que são filhos dos sentidos, parecem-se com os objectos; os que são filhos do discurso parecem-se com o sujeito. Cada um costuma discorrer como costuma obrar; e o que cuida o que os outro hão de fazer, é o que elle fizera: as obras e as imaginações dos homens não teem mais differença que serem umas por dentro, outras por fóra; as obras são imaginações por fóra, e as imaginações são obras

por dentro, e se são menos as obras que as imaginações, não é pela differença senão pela difficuldade. Se o infante discorrera com o coração dos que lhe faltaram á fé, elle antevira que lhe haviam de faltar: mas discorrendo com o seu coração, como podia tal presumir, e muito menos crer?

Auctoridade Sancto Ambrosio.

Acuda pelo seu prisioneiro o grande arcebispo de Milão: *Quis hoc reprehendat in sanctis, qui alios de suo affectu aestimant? Et quia ipsis amica est veritas, mentiri neminem putant: fallere quid sit. ignorant; libenter credunt, quod ipsi sunt; nec possunt suspectum habere quod non sunt.* Quem reprehenderá aos bons (diz Sancto Ambrosio); porque avaliam aos outros por si mesmos? Como não sabem, senão fallar verdade, cuidam que lhes não hão de mentir; e como n'elles não tem logar o engano, não creem o que são e não podem suspeitar o que não são. Queriam os politicos que o infante não cresse o que lhe disseram e que suspeitasse o que lhe não disseram: o que sua alteza creu foi natural; o que queriam que suspeitasse era impossivel. O que creu foi natural, porque creu o que elle era e o que elle fizera: *Libenter credunt quod ipsi sunt*: o que queriam que suspeitasse era impossivel; porque havia de suspeitar o que era impossivel que elle fosse e era impossivel que elle fizesse: *Nec possunt suspectum habere quod non sunt.* Como havia de suspeitar infidelidade um animo tão sincero? Como havia de imaginar engano um coração tão verdadeiro? Como havia de receiar mudanças um peito tão constante? Como havia de presumir vileza uma condição tão generosa? Como havia de imaginar interesses um espirito tão magnanimo? Como havia de cuidar e de intender e de crer senão realezas um animo, um espirito, um coração tão real? Fôra não ser o infante quem era, se tal crera. se tal presumira, se tal imaginara. Cada um imagina como os seus pensamentos; e seriam pensamentos muito alheios do infante, os que taes imaginassem. E já que os politicos allegam com as historias de José e de David, com os mesmos lhes quero responder.

Pela mesma razão foi José confiadamente em busca de seus irmãos *Gen.* 37

Mandou Jacob a José com um recado a seus irmãos. Foi; e não os achando onde cuidava, diz o Texto que o encaminhou um homem andando errado pelo campo: *Invenit eum vir errantem.* Assim encaminhado por este homem, que muitos querem que fosse anjo, chegou; e esta foi a occasião com que o prenderam e venderam. José sabía que lhe tinham grande odio seus irmãos e lh'o mostravam nas palavras: *Oderant eum, nec poterant ei quidquam pacifice loqui.* Sabía tambem que os tinha accusado gravemente deante do pae: *Accusavit fratres suos crimine pessimo.* Sabía mais que o sonho que lhes contara fôra,

... interpretado: *Nunquid rex noster* ... *tuae?* Pois se José tinha tantas ra- ... da sua parte e da de seus irmãos para ... fôra da casa do pae lhe fizessem algum ... foi, comtudo, ao recado de Jacob? Porque ... que o queriam matar, porque não anteviu que o ... e que o venderiam como succedeu. Tinha José uma ... vista tão superior que penetrava os futuros: e não ... imaginou que o poderiam prender, que o poderiam ... seus irmãos? Não; que similhantes imaginações não en- ... intendimento tão nobre e tão generoso como o de José: das estrellas do céu e das palhas do campo adivinhava os futuros: mas taes futuros como esses, que envolvem uma maldade e uma crueldade tão grande, não cabem no intendimento de José, nem entram em tão honrado pensamento como o seu. Por isso foi ao recado de Jocob; e insistiu em ir; e o ir não foi erro, senão acerto. Quando tomou por outro caminho (como queriam os politicos que o infante tomasse, então é que ia errado a juizo dos homens e dos anjos: *Invenit eum vir errantem.* Se José crera ou imaginara a traição que depois lhe fizeram os irmãos, não fôra José, fôra como elles; e senão diga-o a experiencia.

E pelo mesmo os seus irmãos, depois da morte do pae, desconfiaram d'elle.

Tanto que morreu Jacob no Egypto, sendo passados mais de trinta annos, entraram em pensamento os irmãos que José se queria vingar da injuria que lhe tinham feito; e não se atrevendo a apparecer deante d'elle, mandaram-lhe um memorial em nome do pae defuncto, em que elle e elles lhe pediam, que se não quizesse lembrar d'aquelle seu erro. Ora notae a grande differença de animos entre José e seus irmãos. Estes na mesma hora em que acaba de espirar o pae, em que não ha irmão tanto de fera que deixe de estar internecido e humano; e depois de passados tantos annos, em que o tempo digere os maiores aggravos; e depois de ouvirem da sua bocca a José que todo aquelle caso fôra ordenado por Deus, para remedio da casa de seu pae e exaltação sua; e depois de os abraçar e chorar com elles e os pôr á sua meza e os apresentar a Pharaó e os honrar e enriquecer e se prezar muito de os ter por irmãos; sobre todos estes argumentos de verdade, amizade e irmandade, ainda lhes entrou no pensamento, que José se quereria vingar d'elles, e não se atreveram a apparecer em sua presença; e José pelo contrario sobre tantos motivos de odio, de inveja, de vingança, nem temeu ir-se entregar aos irmãos em um despovoado, nem lhe passou pela imaginação, nem por sonhos que elles lhe fariam o que lhe fizeram. E d'onde nasceu esta diffe-

rença de pensamentos? Das causas, não, porque eram totalmente contrarias. Pois se não nasceu das causas, d'onde nasceu? Nasceu dos sujeitos e dos animos de cada um: que cada um, como é, assim imagina. José, que tinha animo nobre, leal, generoso, imaginava lealdade, boa irmandade, e boas correspondencias; os irmãos, que eram rusticos, desleaes, vingativos, traidores, imaginavam traições, imaginavam viganças, imaginavam deslealdades, imaginavam vilezas. E sendo isto assim verdade, que os pensamentos são espelhos dos corações; em um coração tão leal, tão generoso, qual era o do infante, como se haviam de representar tão baixos pensamentos? Estes pensamentos ou se haviam de conformar com os objectos ou com os sujeitos: os objectos era um monarcha, uma palavra dada, a fé e hospitalidade publica e muitos beneficios recebidos: o sujeito era o infante D. Duarte. Pois de taes objectos e por tal sujeito, como se podiam formar pensamentos que não fossem de verdade, de generosidade, de fé, de firmeza, e de confiança, que foram os que entregaram ao infante?

Intendeu-o David, depois da experiencia das traições de Saul.

Mas vamos a David. David é verdade que se não fiou das palavras de Saul: mas quando se não fiou? Depois de averiguado e declarado o odio e tenção de Saul; e depois de ter repetidamente experimentado, que não valiam com elle nenhuns beneficios, nem tinham fé nem firmeza suas promessas. Antes de todas estas experiencias e anatomias do coração de Saul, vêde o que d'elle e de sua palavra real presumia o mesmo David. É caso notavel. Desde o dia da victoria do gigante e em que as donzellas de Jerusalem cantaram aquella letra fatal, logo David conheceu nos olhos de Saul o odio e inveja mortal que no seu coração ardia. Tinha-lhe promettido sua filha Merob, e a seu despeito deu-a a Adriel: em todas occasiões de guerra perigosa o mandava para que lá morresse: deu-lhe a filha segunda, Michol, com condição que a havia de dotar com cem cabeças de philisteus, para que uma d'ellas fosse a sua: descobertamente o mandou cercar e prender a sua casa, com ordem que fosse morto n'ella, como sem duvida fôra, se uma industria da mesma Michol o não livrara: sobretudo, duas vezes em differentes dias lhe atirou a David com a lança que tinha na mão, dentro em seu proprio paço; e por ser ainda maior a ira que o cegava, o não pregou junctamente com a parede. Podia haver maiores e mais multiplicadas demonstrações de odio? Podia haver mais qualificadas razões para um vassallo que tinha tanto que perder na vida, que não tractasse sómente de a pôr em salvo e se não fiasse mais de um rei tão declaradamente inimigo? Pois lêde o capitulo 15 do segundo livro dos Reis; e

achareis que sobre tantas experiencias e demonstrações estava disposto David a se tornar a fiar de Saul sobre uma só palavra sua que elle dissesse a Jonathas. Eu me ausentarei, diz David a Jonathas: se el-rei á meza perguntar por mim, dizei-lhe que fui sacrificar a Belem; e se responder: Bem está; eu me dou por satisfeito: *Si dixerit: Bene: pax erit servo tuo.* De sorte que era o coração de David tão generoso e o conceito que fazia de uma palavra real, tão grande, que depois de tantos desenganos e experiencias, estava ainda persuadido a se fiar de Saul; e que bastava um *Bene est* da bocca de um rei, para lhe não poder vir mal nenhum da sua mão: diga o rei: *Bene est*, e não quero outro salvo conducto que esta palavra. Eis aqui quão naturalmente creem o bem e quão difficultosamente se persuadem a presumir o mal, corações como o de David, que são feitos á medida do coração de Deus.

Não podia o Infante presumir que se violaria com tanta baixeza o direito da hospitalidade.

David no seu caso e o infante no seu, ambos imaginaram o que cada um d'elles fizera; e se ambos se enganaram no successo, não foi erro do intendimento, senão generosidade do coração. David em presumir que Saul obraria como rei, fez sua obrigação; e se Saul faltou á sua, porque ha de ser culpa, senão louvor de David? E quando na credulidade e confiança de David coubera alguma ou culpa ou demasia, na do infante nenhuma se podia considerar: porque a palavra do principe em que se fiou, pela grandeza, pela fé, pela religião, pela amizade, pelas obrigações, pelos exemplos dos maiores, emfim, por tudo, promettia firmeza, segurança e a confiança que d'elle se fez.

Como a respeitou a Carlos V

Razão e muitas razões tinha sua alteza para receiar que procurasse a fera pessima comer a José: mas muito maior razão e razões tinha para crer que quando o quizesse comer o leão, sairia ao defender a aguia. Do grande imperador Carlos V se conta que, fazendo o ninho uma andorinha na tenda onde estava alojado, havendo de marchar para outra parte, mandou que se não desfizesse a tenda, até que a andorinha a não deixasse: tão sagrado lhe pareceu áquelle imperador o direito da hospitalidade, que até com uma avezinha de tão inferiores respeitos quiz que se guardasse! Sendo, pois, o sagrado das azas imperiaes tão sagrado, como havia de presumir nem imaginar e muito menos crêr, que devido por tantos titulos e ainda promettido, lhe faltasse? Para tal crer, para tal presumir, para tal imaginar, havia de obrar com outro intendimento menos verdadeiro e com outro coração menos generoso e não com o seu.

A prisão do Infante parecida com a de Christo.

Christo foi preso sem culpa e sobre muitos beneficios e debaixo de falsa paz e atado como malfeitor e vendido e desamparado dos que lhe tinham promettido fidelidade; e todas es-

tas circumstancias (quanto a comparação o soffre) concorreram na prisão do infante. «Mas a venda de Christo» executou-a Judas; a promessa quebrou-a Pedro. E se estes defeitos se não acharam senão divididos em dous pescadores; como os havia de presumir o infante junctos em um principe? Mas o certo é (para que diga o que creio) que em tudo foi parecida uma prisão a outra: a prisão de Christo não foi mandada pelo imperador de Roma, senão executada por seus ministros, mandados por outros principes. Se não houvera máus ministros ao lado dos principes, nunca a pureza de sua verdade, nem a fama de suas acções padeceram ecclipses. Mas o verdadeiramente eclipsado foi o nosso sol; que como sol correu por seus proprios passos ao seu occaso. Vendeu-o a cobiça, mas primeiro o vendeu a generosidade do seu animo; entregou-o o engano, mas primeiro o entregou a verdade do seu coração; prendeu-o a vileza e matou-o a crueldade; mas primeiro o prendeu e matou a nobreza da magnanimidade real de seus pensamentos. Dous conceitos concorreram á morte de sua alteza, ambos para elle mui gloriosos; porque ambos mostraram quem era: o conceito que Castella tinha do infante, com que tanto o temeu; e o conceito que o infante teve dos que o entregaram, com que os não soube temer: morreu por muito temido, e morreu porque não soube temer: o temor alheio e o seu destemor o mataram: *Mortuus est.*

V. Estas foram as causas que houve da parte de Castella e da parte do infante. N'ella para concorrer e n'elle para não divertir sua morte: mas da parte da Providencia, que é a causa sobre todas as causas, que causa ou que motivo havia para não acudir, como costuma, pela innocencia e deixar morrer n'um carcere um principe tão digno de vida? De José diz a Escriptura: *In vinculis non dereliquit eum:* que o não deixou Deus nas prisões; porque, ainda que esteve preso dous annos, o tirou d'ellas com tanta gloria. Pois se assim costuma Deus tractar a innocencia, se assim costuma acudir pela justiça, como n'este caso trocou Deus o estylo ordinario de sua providencia, e não só negou á liberdade do infante os meios divinos, mas ainda lhe estorvou, como de proposito, todos os humanos? Se houve successo no mundo, que mereça nome de fatalidade, foi sem duvida o da prisão e morte do infante D. Duarte.

3.º Qual o designio da Providencia na prisão e morte do Infante. *Sap.* 10

Dirá por ventura alguem, fundado na mesma historia de José, que a demasiada diligencia que se poz nos meios humanos, foi a que estorvou o effeito d'elles; porque assim lhe succedeu a José com a confiança que poz na valia do copeiro de Pharaó. Não nego que as diligencias summas humanas foram todas as

Pozera elle, como José, grande diligencia nos meios humanos: mas muito maior nos divinos. Sua devoção ao Sacramento e a Senhora. Suas esmolas.

que costuma o grande amor, quando se ajuncta com o grande poder: mas é certo que os meios e diligencias divinas se applicaram dobradamente: porque se batia o castello por fóra e mais por dentro; pela nossa parte e mais pela do infante. Era o infante mui devoto d'aquelle altissimo sacramento em que Christo se deixou preso com os homens nas cadeias do seu amor; e se mostrava bem esta devoção nas offertas verdadeiramente de principe, com que enriquecia seus altares. Não era menor a sua liberalidade, nem o seu affecto com a Mãe do mesmo Senhor e Senhora nossa Virgem Maria: todos os dias lhe offerecia particular sacrificio de orações com grande piedade; e signaladamente se lhe tinha feito tributario na sua casa do Guadalupe, tão celebrada nos despojos de prisões e cadeias rotas, que em testimunho de liberdades restituidas pendem de suas paredes. Offereceu este tributo sua alteza, quando estava livre em Hespanha, para que se veja que foi affecto e não necessidade. A esmola tão acreditada em romper carceres e livrar captivos, foi sempre a maior inclinação d'este principe. Em quanto esteve na côrte do duque seu pae, tomava á sua conta o despacho das petições dos pobres; e n'elle folgava muito de empregar toda a sua valia, que era muita, porque era elle o José do seu Jacob. Este mesmo amparo acharam sempre em sua alteza os pobres em todas as suas peregrinações: nas côrtes e nas campanhas e ainda na prisão não tinha para elles as mãos atadas, posto que menos cheias do que quizera, e podia; mas tambem para esta largueza lh'as estreitaram as prisões. Estes eram os instrumentos com que o infante por dentro batia e minava as muralhas do castello de Milão, e com que não cessava de limar os duros ferros do seu carcere, que de nada se deixaram penetrar. Por fóra não se póde facilmente dizer as orações, os sacrificios, as penitencias, as esmolas, os votos, que por ordem de suas majestades e por affecto sempre de todo o reino, e mui particularmente nas communidades de todos os religiosos e religiosas, continuamente se offereciam ao céu. Pois se tantas e tão efficazes intercessões, se tantas e tão poderosas valias se empenharam tanto com Deus e perseveraram tantos tempos deante de sua divina piedade, que nos libertasse e désse o nosso infante; porque nos negou sempre Deus a sua liberdade; e por ultimo desengano, como para se livrar de nossas importunações, lhe tirou a vida? Ponderação é esta digna de todo o reparo; e se é licito entrar nos secretos dos juizos de Deus e de umas acções suas julgar outras, eu intendo que o estorvar Deus tantas diligencias humanas e não se render sua piedade a tantas divinas foi «porque não quiz

dessemos ao valor do infante a gloria das nossas armas, que é só devida a sua divina protecção».

Supponho das Escripturas que o nome de que muito se preza Deus, é de cioso: *Deus tuus fortis zelotes*. Como Deus se sujeitou, não é muito que fizesse ostentação até dos vocabulos que parece não cabiam em tamanha Majestade, senão com menos decencia. A materia principal dos ciumes de Deus é a sua gloria, que elle quer que seja sempre toda e só sua: *Gloriam meam alteri non dabo;* e como a maior gloria ou a mais gloriosa que ha no mundo é a gloria das armas e das batalhas, porque n'ellas se mede o poder dos principes e se ganham ou defendem os reinos e as cidades, n'esta gloria particular das armas e das victorias é que são mais delicados e mais vivos os ciumes de Deus. Por esta causa, sendo Deus senhor de todas as cousas, tomou por titulo particular o de Senhor dos exercitos: *Dominus exercituum*: para que intendessem os homens que elle é o que dá as victorias e o que as tira. Por esta causa talvez desbaratava poderosos exercitos por meio de uma mulher, como Judith, como Debora, como Jael; para que os capitães famosos de Israel se não levantassem com a gloria de terem vencido. Por esta causa promettia os successos prosperos ou adversos antes da batalha, como a Moysés, a Samuel, a Micheas e a todos os prophetas que os annunciavam aos reis, para que se conhecesse claramente que eram as victorias suas, pois tão seguramente dispunha os futuros d'ellas. Por esta causa ensinava outras vezes o modo, o tempo e o logar, em que se haviam de dar as batalhas, como a Josué na primeira conquista da terra de Promissão e a David na segunda derrota que deu aos philisteus, para mostrar que a que se chama erradamente fortuna da guerra, é sómente a sua vontade; e que as que nas batalhas parecem acasos, são acenos de seu poder e ordens secretas da sua providencia. Finalmente, permittia muitas vezes que grandes exercitos saissem vencidos, e poucos homens e mal disciplinados fossem vencedores, como na guerra de Abrahão contra os cinco reis amorreos, na de Judas Machabeu contra os exercitos de Seron, na de Acab contra Benadad rei de Syria e trinta e dous reis que o acompanhavam; para que ninguem se atrevesse a attribuir a si a gloria da victoria senão a Deus, cuja era. Este foi sempre o pensamento de Deus, como notam os sanctos em todos estes logares e antes da famosa victoria de Gedeão o declarou assim o mesmo Senhor por termos notaveis.

Porque Deus é cioso da sua gloria e sobretudo da das armas e batalhas. *Exod.* 20 *Isai.* 48 4 *Reg.* 3

Estava Gedeão com trinta e dous mil homens em campo para sair á defensa contra o exercito dos mandianitas e amalecitas, que com exercito innumeravel vinham devastando sem resisten-

Exemplo notavel do livro Gedeão.

cia todas as terras do povo de Israel; e diz-lhe Deus a Gedeão: *Multus tecum est populus, nec tradetur Madian in manus ejus:* Capitão, tendes muita gente comvosco, e assim não podereis vencer. Diminuiu Gedeão o exercito e ficaram só dez mil: Ainda são muitos, diz Deus. Diminuiu mais até que ficaram só trezentos. Com esses lhe disse Deus que venceria e com esses venceu. Notaveis consequencias de Deus! Porque Gedeão tem muitos soldados, não ha de vencer; e para que vença um exercito innumeravel, ha de desfazer o seu e ficar com tão pouco! Sim, diz Deus; e deu a razão: *Ne glorietur Israel et dicat: Meis viribus liberatus sum:* porque havendo-se de libertar Israel como pede se liberte dos mandianitas, não cuide que deve a sua liberdade ás suas armas e tome para si a gloria que é só minha.

Tirou Deus o Infante para que se confiasse só na sua divina Providencia.

Taes extremos como todos estes faz o Senhor dos exercitos, quando se pica de ciumes de sua gloria; «e por isso digo eu que nos tirou o infante». Imaginou a Hespanha que na prisão do infante D. Duarte atava as mãos a Portugal e lhe tirava a cabeça com que haviam de ser governados na guerra e que com os muros de Milão tinha sitiado a Portugal. Morreu emfim ou foi morto o infante; e nem por isso desmaiou o reino, antes se armou de novo a justiça de sua causa com a sentença d'aquella innocencia e se indureceram e fortificaram mais os peitos com o horror e fealdade d'aquelle exemplo. «Não é esta a prova mais clara de que Deus quiz defender por si só a independencia de Portugal porque é o seu reino: *Volo in te et semine tuo imperium mihi stabilire?* Ah se a Hespanha intendesse esta verdade!» Não duvido, nem alguem póde duvidar da fé, religião e piedade hespanhola, que se o seu catholico principe e seus maiores conselhos se acabassem de persuadir que «é Deus que nos defende e que quer a nossa conservação», obedeceriam com summa reverencia aos divinos decretos; abateriam a Deus ainda que tremulassem victoriosas suas catholicas bandeiras; tocariam a recolher seus capitães e exercitos; e confessariam na mais levantada fortuna a desegualdade de sua maior potencia contra os acenos da divina.

Morreu o Infante tão tarde pelas mesmas causas porque Christo morreu tão cedo. *Matth.* 26

VI. Tão gloriosas foram para o infante D. Duarte as causas que concorreram em sua morte; e não o é menos para commigo a circumstancia do tempo, se bem se repara n'ella. Morreu sua alteza ao cabo de nove annos de prisão e tal prisão; e é caso admiravel que um principe do seu juizo e dos seus pensamentos, durasse tanto n'ella e morresse tão tarde. Pilatos admirava-se de que morresse tão cedo Christo; e eu pelas mesmas causas por que Christo morreu tão cedo, me admiro de que

morresse o infante tão tarde. Ao lado de Christo estavam outros dous crucificados que morreram mais tarde; mas em Christo havia tres grandes causas para morrer, como morreu, mais cedo: a affronta n'elle era maior; era maior o seu intendimento; e além da cruz que os outros padeciam tinha demais a coroa de espinhos. Que cuidamos era para o infante a coroa de sua majestade, estando elle n'aquelle estado, senão uma perpetua coroa de espinhos, que continuamente lhe estava atormentando o pensamento com tudo o que em resolução tão grande e tão arriscada se podia imaginar e temer? Tambem a sua cruz por sua era differente. Crucificado estava Christo e crucificados os ladrões: mas nos ladrões não havia mais que a pena da cruz; em Christo a pena da cruz e a affronta da Pessoa. Não debalde ponderou o Senhor tanto esta circumstancia na sua prisão: *Tanquam ad latronem existis comprehendere me.* Quando o infante passava preso pelos povos da Valtilina, tocavam-se os sinos a martello, como é uso n'aquellas partes, nas prisões dos ladrões e malfeitores. E que tudo isso pesado em balança tão fiel, como era o juizo do infante, lhe não pasmasse o valor e lhe não affogasse a alma e lhe não tirasse muito brevemente a vida! Oh exemplo de fortaleza e de constancia admiravel!

O infante tinha o juizo de Achitophel, mas este não tinha o coração do Infante.

Aquelle grande homem que dissemos Achitophel, cujo juizo no conceito de David pesava mais que todo o reino, vendo que Absalão não tomava seus conselhos, retirou-se a sua casa, dispoz as cousas d'ella e matou-se com suas proprias mãos. Viu Achitophel que uma vez que Absalão não tomava os verdadeiros conselhos, não podia conservar-se. Viu que não conservando-se elle e todos os mais haviam de vir outra vez ás mãos de David; e considerando com aquelle grande juizo que cousa era ver-se um homem preso e affrontado em mãos de seus inimigos, preveniu a affronta com a morte e não se atreveu a esperar a vida. Grande caso, que mate a um homem seu proprio intendimento e que morra de se não atrever a viver! Mas é que tinha Achitophel grande intendimento e não tão grande coração. Se Achitophel tivera o coração do infante D. Duarte de Portugal, elle não abafara na consideração de se vêr injuriosamente preso nas mãos de seus inimigos: elle se não matara por não chegar áquelle ingrato genero de vida, nem morrera n'elle, antes vivera e vivera muitos annos, como viveu o infante.

Tinha elle tambem nas adversidades mais valor que Elias.

Mais costumado era á má vida e mais profissão fazia de não temer a morte Elias; mas vede o que lhe aconteceu em caso menor que o de sua alteza. Quiz Jezabel prender a Elias: foge Elias por esses desertos, que eram as partes de que elle era mais practico; e assentando-se á sombra de uma arvore come-

çou a chamar pela morte e a pedir a Deus que o tirasse de tal vida. Nota a Escriptura que quando Elias isto disse e pediu, não havia que um dia que andava fugindo da prisão e perseguição de Jezabel. Pois se não havia mais que um dia que Elias padecia esta perseguição, como se não atrevia Elias a viver mais? Aqui vereis quanto fez sua alteza em viver na sua prisão tantos annos. Elias era um anachoreta e quiz morrer por não supportar esta vida um só dia: Achitophel era um principe e matou-se por não chegar a esta vida um só instante. E que aturasse a viver esta vida quem era tão grande principe para o aggravo e não era anachoreta para o soffrimento! Oh coração verdadeiramente forte! Oh heroe verdadeiramente grande! Oh valor! Oh constancia mais que humana!

Admirou-se Pilatos de que Christo morresse tão cedo e não se admira o orador de que o Infante morresse tão tarde; e porque?

Admirou-se Pilatos de que Christo morresse tão cedo: mas de que se admirou, sendo os tormentos de Christo tanto para apoucar a vida e apressar a morte? A razão mais litteral de todas é a que deu judiciosamente Eutimio: Admirou-se Pilatos de que Christo morresse tão depressa; porque como tinha ouvido d'elle tantas maravilhas, esperava que como um homem divino e maior que os outros homens, morresse mais tarde. Assim o esperava Pilatos, e assim havia de ser, se a dilação da morte de Christo se medira com o seu coração e não com a sua obediencia. Esta é a razão por que eu me admirava e já me deixo de admirar, de que morresse tão tarde: comparando-o com os outros homens admirava-me, comparando-o comsigo mesmo não me admiro: porque um homem a quem Deus fez tanto maior que os outros homens, que se havia de esperar de seu valor e constancia nos trabalhos, senão que morresse muito tarde? Como homem era divida natural que morresse: mas como homem que excedia aos outros homens, era obrigação de seu valor que morresse tarde.

As prisões gastaram a José mas não ao Infante.

VII. Curto é o exemplo de José n'esta circumstancia; porque os annos do seu carcere foram só dous; mas n'esses dous annos, com ser tão grande homem José, vejo-o penetrado da dureza da prisão, que sem duvida, se durassem mais tempo as cadeias, não lhe poderia durar tambem a vida, porque os ferros gastavam mais a José, do que o tempo gastava os ferros. Quando os irmãos depois das felicidades de José o viram outra vez no Egypto, nenhum d'elles o conheceu nem da primeira nem da segunda vez; sendo que José os conheceu logo a todos. Pois se o tempo da ausencia era o mesmo, como estavam os irmãos parecidos ao que sempre foram e José tão outro que ninguem o conhecia? «Não ignoro a parte que podia ter n'esta mudança o desenvolvimento da adolescencia. Mas quanto maior havia de

ser a que se devia as suas prisões! E por isso estas teriam sido as traças que» tanto o penetraram, tanto o gastaram, tanto lhe adeantaram a edade, tanto lhe dobraram e inclinaram a estatura, tanto lhe descompozeram a harmonia de todas as feições do rosto; tanto lhe quebraram os brios de todo o corpo; e ainda a viveza da mesma voz, que nem pelo fallar, nem pelo andar, nem por outro signal da presença o conheceram, nem ainda suspeitaram os mesmos que de toda a vida se crearam com elle. Os irmãos que não tiveram mudança na liberdade da vida, posto que rustica, em tudo eram parecidos a si mesmos, por que não é o trabalho, senão os trabalhos os que em pouco tempo mudam muito. Mas José que tinha sido vendido e captivo de dous senhores e amansado em seus ossos a dureza de tão estreitas prisões, estava tão mudado, tão outro e ainda tão entrado da mesma edade, como se o numero dos seus annos egualara o de seus trabalhos. Oh valoroso e fortissimo principe, quem pozera agora o vosso retrato juncto a este de José! Dizem os que assistiram nos ultimos dias a sua alteza, que aquella sua gentileza verdadeiramente real, que tão bizarro e tão formoso principe o fazia aos olhos dos homens, estava então, esteve e se conservou sempre no mesmo vigor e na mesma frescura com que entrara n'aquelle castello; e que se havia alguma differença no infante era estar um pouco mais avultado de corpo, por lhe faltar o exercicio da campanha. Tão pouco o gastavam as prisões, que nem parece passavam por elle os annos.

David com menos trabalhos envelhece nas perseguições e o Infante não. Ps. 6

Alguns menos que os de sua alteza tinha David no tempo das suas perseguições; e quando ao passar de algum ribeiro d'aquellas montanhas por onde andava escondido, olhava para si e se media comsigo, não se conhecia de velho ou de envelhecido: *Inveteravi inter omnes inimicos meos:* envelheci entre todos os meus inimigos. David sem chegar a quarenta annos envelhece por se ver entre seus inimigos; e o infante D. Duarte passado de quarenta annos e estando mais entre seus inimigos que David, não envelhece. David andava de cova em cova, de brenha em brenha, de montanha em montanha, mas andava: a torre em que estava sua alteza, tinha poucos mais pés que uma sepultura. David andava entre seus inimigos; mas entre esses inimigos e David havia talvez muitas leguas de distancia: sua alteza estava tanto entre seus inimigos, que nunca lhe saiam da vista: David ainda que andava entre todos seus inimigos, seus inimigos não eram todos; porque, quando menos, Jonathas, filho do mesmo rei Saul que o perseguia, amava a David como a sua alma e como a tal o defendia e avisava de tudo: sua alteza estava entre seus inimigos e eram seus inimigos todos; porque

nenhum tinha que fizesse as partes da sua innocencia, nem de quem podesse fazer a menor confiança. David trazia comsigo quinhentos companheiros, todos eguaes na desgraça e na fortuna; e tinha com quem consolar ou quando menos com quem chorar seus trabalhos, que é grande a sympathia de um triste com outro triste: sua alteza nem esse desconsolado allivio tinha para suas tristezas: em si as consumia todas, porque só as communicava comsigo. Finalmente David dizia por encarecimento, que n'este tempo sempre trazia a sua vida nas suas mãos; e sua alteza não trazia a sua vida nas suas mãos; porque a tinha sempre nas de seus inimigos; e por isso não lhe podia chamar sua, como David, nem ainda vida, porque o não era. De sorte que os trabalhos que padecia David entre seus inimigos com serem tanto menores trabalhos e tanto mais alliviados que os do infante, podiam mais que a força e vigor dos annos e faziam velho a David (a David que entre os tres fortes de Israel era o fortissimo); mas a fortaleza do animo do infante era tão superior a toda a fortuna, que sendo os seus trabalhos tanto maiores que os de David e desacompanhados de todo o allivio, e sendo os seus annos tambem maiores; os annos parece que estavam parados e a edade parece que não corria; porque no meio de tantas tempestades e tão furiosas, conservava sempre a mesma primavera. Nove primaveras e nove outonos se contaram sobre o infante (que assim falla a Escriptura, quando mede os trabalhos com os annos); nove mezes se mudou o tempo e a mesma natureza, em quanto o infante esteve na sua prisão; e só n'elle se não viu mudança nem na parte superior do animo nem na inferior e mortal. Gastava o tempo os ferros do carcere; mas nem os ferros nem o carcere gastavam o infante. Dentro n'aquelle castello que o tinha preso não só parece que desafiava as mesmas pedras e bronzes d'elle, mas que os vencia: nas pedras e bronzes d'aquelle castello viam-se rastos do tempo, no infante não se viam. Oh desafio estupendo! Oh batalha inaudita! Oh espectaculo verdadeiramente digno dos olhos de Deus!

Quão agradavel seria a Deus ver o Infante luctar com a sua fortuna. *Seneca lib de Provid.*

Mas ainda n'aquelle estreito theatro havia outro maior desafio e mais digno de seus olhos: que era, não do infante com as pedras e com os bronzes, mas do infante com a sua fortuna. Pinta Seneca a ideia de um varão forte e constante, ou, por melhor dizer, pinta Seneca ao infante D. Duarte na edade de um varão forte e constante e conclúi assim: *Ecce spectaculum dignum ad quod respiciat intentus operi suo Deus: ecce par dignum, vir fortis cum mala fortuna compositus:* este é o espectaculo digno de que Deus detenha n'elle os olhos, como no

maior de suas obras; esta é a parelha digna da vista de Deus; um varão forte posto em campo com a sua fortuna e composto n'ella. Um homem luctando com uma fera era o espectaculo dos Cesares no amphitheatro de Roma: um homem luctando com a má fortuna é o espectaculo de Deus no amphitheatro do mundo. Esta foi a ultima representação do infante no terceiro acto da sua vida; este foi o theatro de suas maiores batalhas e de sua maior victoria. As victorias de Hercules para se chamarem com nome maior, chamam-se trabalhos, não se chamam victorias. Cantem outros o que o infante D. Duarte venceu em Allemanha, que eu tenho por maiores victorias o que padeceu em Milão. N'esta guerra os fossos eram mais altos, os muros mais fortes, os inimigos mais poderosos, as neves mais frias, o ferro mais duro e mais agudo e até o fogo mais vivo e mais ardente. Com razão chama Seneca a este genero de batalha theatro ou espectaculo digno de Deus; porque só Deus que vê os homens por dentro, póde vêr o que passa n'elle. Quem poderá dignagnamente comprehender o que passou na alma do infante, luctando n'aquella prisão e andando sempre a braços com a sua fortuna? Mas sempre forte, sempre constante, sempre com o mesmo coração e com o mesmo rosto; não mudando as côres com as da fortuna, senão fazendo a fortuna da sua côr: *Adversarum impetus rerum viri fortis non vertit animum: manet in statu; et quidquid evenit, in suum colorem trahit.* O infante fazia a fortuna da sua côr: que muito que ella lhe não mudasse as côres em tantos annos, nem lhe murchasse a gentileza, nem lhe adeantasse a velhice, nem lhe apressasse a morte! Morreu, alfim, porque era mortal; e ou fosse ás mãos da fortuna, ou da natureza, ou da malicia, ou de todas junctas, sempre é grande maravilha que morresse tão tarde. Nem da malicia se podia esperar tanta piedade, nem da natureza tanto vigor, nem contra a fortuna tanta resistencia: nunca tão resistida e tão vencida se viu a má fortuna. «Comtudo» o que não pôde em nove annos a fortuna, pôde em um momento a morte: *Mortuus est.*

VIII. Morreu sua alteza como quem não temia a morte nem amava a vida; e para acabar imitando aquelle Senhor que tantas imitações lhe concedera de sua paixão e de sua paciencia, protestou antes de morrer e declarou deante dos presentes, que elle perdoava aos auctores e executores de tudo o que tinha padecido; e que lhes não perdoava como a inimigos, porque não os tinha nem tivera nunca por taes. Oh principe verdadeiramente christão e digno de que seus proprios inimigos lhe desejassem mais larga vida! O poncto mais alto da caridade christã é o amor dos inimigos; e o infante ainda o subiu mais

Morrendo perdoa a seus inimigos até o nome de inimigos.

de poncto: não só perdoou a seus inimigos o aggravo, mas tambem o nome: perdoou a seus inimigos e não lhes quiz chamar inimigos.

E assim imita o Salvador que disse na cruz: Pae, perdoae-lhes.

Pregado Christo na cruz, orou a seu Eterno Pae, dizendo: *Pater dimitte illis:* Pae meu, perdoae-lhes: Perdoae-lhes? A quem? A quem havia de perdoar o Padre e por quem orava Christo? É certo que orava Christo e pedia perdão por seus inimigos, para nos dar exemplo na morte, da doutrina que prégara na vida. Pois se Christo orava por seus inimigos, porque não diz: Perdoae a meus inimigos; senão, Perdoae-lhes? Porque quiz Christo perdoar a seus inimigos não só os aggravos, senão tambem o nome. Era justo que quando Christo dava exemplo de perdoar aos inimigos, o désse no poncto mais alto e mais subido da caridade; e a verdadeira e perfeita caridade não só perdoa os aggravos, senão tambem o nome de inimigos. Perdoar os aggravos e não perdoar o nome é dar só a metade do perdão: só quem perdoa o aggravo e mais o nome, perdoa inteiramente. E se bem se considera, mais é perdoar o nome que o aggravo; porque no aggravo perdoa-se a acção, e no nome de inimigo perdoa-se o odio. Assim perdoou Christo a seus inimigos na hora em que mais subida esteve sua caridade; e assim imitou a Christo o infante no perdão que deu dos seus, mostrando-se tão singular nas virtudes de christão, como era excellente nas de principe.

Rarissimo exemplo de perdão. Parallelo negativo que se acha em José.

Chamo singularidade a esta acção, porque difficultosamente se achará similhante exemplo de perdoar a inimigos. Ficou esta alta lição reservada para a cadeira da Cruz e a imitação d'ella para o calvario de Milão. Só em José como figura de Christo e hoje do infante, se acha, posto que negativamente, este parallelo. Se lermos toda a historia de José, acharemos que nunca chamou inimigos a seus irmãos, sendo elles tão inimigos seus no affecto, nas obras e nas palavras e ainda nos mesmos nomes com que o nomeavam: *Ecce somniator venit:* lá vem o sonhador. Notam os interpretes que nem irmão nem ainda José lhe chamaram. Pois se os irmãos assim tractavam a José, se eram tão inimigos seus, que até o nome de irmão e até o de José lhe negavam; porque lhe não dá José em tantas occasiões o nome que tanto mereciam; porque lhes não chama inimigos? Porque esta é a differença que ha entre o amar e o abhorrecer: o odio tira os nomes do amor e o amor cala os nomes do odio: elles tiraram ao irmão o nome de irmão, porque o abhorreciam e era nome de amor: elle tirava aos inimigos o nome de inimigos, porque os amava e era nome de odio. Tão inteiro como isto e tão plenario foi o perdão que um e outro José deu

aos que o venderam e o captivaram: não só lhes perdoou os aggravos, mas tambem o nome de inimigos.

Accrescenta o Infante que nunca os tivera por taes. N'isto tambem imita o divino Prototypo.

Porém se advertirmos bem nas palavras do christianissimo infante, havemos de achar que ainda dizem e confessam mais: Não só não chamou inimigos aos que obras de tão inimigos lhe tinham feito; mas diz que nunca os tivera por taes. Este poncto é muito diverso e que quasi parece impossivel. Não chamar inimigos aos inimigos, está no imperio da vontade e na obediencia da lingua; mas não ter os inimigos por inimigos parece que está fóra da jurisdicção do intendimento. Serem inimigos e conhecel-os por inimigos e não os ter por inimigos? Sim: a tanto chega a fineza da philosophia christã. Na virtude da caridade christã, tomada em toda a largueza de sua perfeição, ha tres gráus: amar os amigos como a amigos, amar os inimigos como inimigos, amar os inimigos como a amigos. Este é o gráu altissimo de caridade que nos deixou por ultimo exemplo de sua vida o infante. Não amou os inimigos como inimigos: amou os inimigos como a amigos e por isso os tinha por taes. Como deu Christo a vida por seus inimigos? Deu por ventura Christo a vida por seus inimigos como por inimigos? Não por certo, senão como par amigos. Vede-o em Judas: *Amice ad quid venisti?* O maior inimigo de Christo era Judas; e a este maior de todos seus inimigos não tractou nem morreu Christo por elle como por inimigo, senão como por amigo: *Amice.* Esta foi a lição que Christo guardou para a sua morte, para acabar no poncto donde se não podia subir mais: na vida ensinou a amar os inimigos como inimigos: na morte ensinou a amar os inimigos como amigos. Com esta mesma lição na bocca expirou o religiosissimo infante D. Duarte, não só guardando a lei de Christo, mas passando além dos preceitos e imitando-o nos maiores exemplos. De outros principes seja morrer como verdadeiros christãos: no infante D. Duarte foi pouco morrer como christão, porque morreu como Christo: *Mortuus est.*

Quão raro é um bom irmão; e como o fosse o Infante. Suas palavras.

IX. *Frater ejus* Se tão grande nos tem parecido o infante nas considerações de morto, eu fico que não nos pareça menor nas de irmão: *Frater ejus.* Ficou a natureza tão desacreditada nos primeiros dous irmãos que houve no mundo e ainda tão viciada, que vem hoje a ser como raro e quasi sobre a natureza, merecer o nome de bom irmão. José chama-se irmão de Benjamin sómente e dos outros dez não se chama irmão, porque eram meios irmãos no sangue, e nas obras nem meios irmãos eram. Mas meios irmãos ou irmãos de meias alguns se acham no mundo ainda que poucos: irmão inteiro e verdadeiro irmão que no amor e nas obras encha a significação d'este grande

nome, foi tão raro nas edades antigas, que em toda a historia sagrada não ha um exemplo de irmão perfeito: na de nossos tempos, com admiração dos vindouros, haverá o do irmão de el-rei de Portugal. Acho-me n'este poncto com grande cabedal de eloquencia; porque tenho para todo elle palavras do serenissimo infante, dignas de immortal memoria. N'aquelle processo que referi, jura uma das principaes testimunhas, que sua alteza se queixara muito por lhe haverem tirado o seu confessor; e que lhe ouvira dizer e repetir duas vezes, que se estivera em Barberia, fôra muito melhor tractado, como o duque seu pae e senhor o havia sido. O que agora se segue hei de repetir pelas mesmas palavras da testimunha, que é um tenente do castello: *Pero que estos trabajos y outros mayores, tenian consuelo la causa porque los padecia, que era per el rei su hermano, por su casa y por su patria; y que si tuviera cien mil vidas, las perdiera de buena gana por tal causa; y que si nó teniamos otras armas com que hazer guerra al rei su hermano, lo dava por bien empleado.* Atéqui o testimunho, pelo qual e por outros do mesmo processo é declarado n'elle o infante por digno de morte. Quem me dera agora saber ponderar dignamente todas aquellas palavras, que, ponderadas como suas e como dictas dentro em um castello e a seus proprios inimigos, provam admiravelmente quão irmão e quão verdadeiro irmão era sua alteza de sua majestade! *Frater ejus.*

Soffre por amor de seu irmão todos os trabalhos; e se offerece a soffrer mil vezes a morte.

Primeiramente, começando pelas ultimas, bem conhecia o infante que todos os rigores que n'elle se executavam, eram guerra que Castella fazia a el-rei seu irmão e dava por bem empregado que descarregassem n'elle todos os tiros. Com verdade dizia eu logo que era muro de sua majestade o infante: mas agora vejo que era muro de diamante, em que o fino egualá o forte. O muro e o soldado defendem-se reciprocamente: o muro defende o soldado e o soldado defende o muro. Aqui não era assim; tudo era fineza, porque não havia correspondencia. Sua majestade com as suas armas não podia defender o infante; e o infante tinha por bem empregado, que se empregasse n'elle todas as de Castella, e sem ser defendido, sem muro. N'aquella batalha dos montes de Gelboé, diz a historia sagrada que todos deixavam de atirar ao exercito para atirar a Saul que era mais alto que todos de hombro para cima. Esta sua eminencia é a que chamava contra elle as settas de todos. Porque a eminencia do infante era tão avultada e tão conhecida; e porque Castella intendera que só d'aquella eminencia lhe podia resistir Portugal, por isso empregava n'ella todos os tiros; e era sua alteza tão bom irmão, que, porque assim os divertia de nós e de sua

majestade, os dava por bem empregados. Eram os trabalhos que sua alteza padecia na prisão, tão grandes como temos ponderado; e ainda tinha feito o animo a outros maiores; signal certo, como tambem discorriamos, que padecia o infante os que padecia e tambem os que imaginava: os que padecia eram os grandes; os que imaginava os maiores. Em trabalhos tão sem remedio e em prisão tão fechada, parece que não ficava porta por onde podesse entrar a consolação: mas entrou, porque entrou com o mesmo infante que a levava comsigo: tinha a consolação na causa e a causa levava na alma. Oh principe verdadeiramente principe, verdadeiramente irmão e verdaideramente portuguez! Muito vos deve, senhor, el-rei vosso irmão, que é o nome de que tanto se gloria vossa alteza: muito vos deve todo o reino de Portugal pela vossa morte; muito mais pela causa; e sendo tanto o que padecestes por ella, muito mais vos devemos pela vossa consolação que pelos vossos trabalhos. Por el-rei seu irmão, por sua causa e por sua patria, diz o grande infante que padecia: a patria, a casa e o rei irmão parecem tres causas e não era mais que uma só; porque no irmão tinha a causa e no rei a patria: assim que tudo padecia sua alteza como irmão: *Frater ejus.*

E de algum modo a soffreu mil vezes. 1 Cor. 15

Por esta causa tão generosa e tão unicamente presada, diz sua alteza, que daria de boa vontade cem mil vidas, se as tivera; e com ser este termo tão encarecido, ainda sua alteza fez mais do que disse: disse que daria cem mil vidas, se as tivera, e deu-as «com a multiplicidade dos perigos e receios de morrer» sem as ter «no effeito». Uma só vida tinha sua alteza: mas essa deu-a por aquella sua amada causa mais de cem mil vezes. *Periclitamur omni hora: quotidie morior per vestram gloriam fratres:* meus irmãos, diz S. Paulo, todos os dias morro por vossa gloria; e não morro uma só vez cada dia, senão todas as horas; porque taes são os perigos em que a minha vida se vê cada hora. S. Paulo que isto dizia, teve annos de preso e depois annos de livre, e nos de livre estava, quando escreveu aos corinthios. Com quanta razão podia logo affirmar o mesmo de si o infante, que depois que uma vez caiu nas mãos de seus inimigos, nunca mais se viu livre d'ellas. Podia-o dizer com a mesma e ainda com maior razão; e se fallasse com suas majestades, podia-o dizer com as mesmas e não com melhores palavras: *Quotidie morior per vestram gloriam, fratres*: todos os dias dou a vida por vossa gloria, irmãos: porque vós subistes á gloria do throno e da coroa, padeço eu a morte todos os dias: *Quotidie morior:* mas não a padeço uma só vez cada dia, senão todas as horas, porque os perigos e receios são de cada hora:

Periclitamur omni hora. E se sua alteza n'aquelle seu continuo e incruento sacrificio deu tantas vezes a vida, bem digo eu que fez mais do que disse; porque disse que se tivera cem mil vidas as dera, e deu-as «de algum modo» sem as ter: não tinha o infante mais que uma vida, mas essa deu-a em nove annos todos os dias e todas as horas «com os continuos perigos e receios de perdel-a». Contae as horas que o infante esteve na sua prizão e achareis que foram muito perto de cem mil horas. Cem mil vidas deu logo, como desejava, quem dava a vida em todas as horas; e mais de cem mil vidas deu, porque não a dava uma só vez em cada hora, senão em todos os momentos d'ella.

Reconheceu animosamente ao irmão com o nome de rei como os Magos reconheceram a Christo. *Matth.* 2

X. E porque a este glorioso genero de martyrio não faltasse a confissão e protestação do nome por que sua alteza dava a vida e tantas vidas, duas vezes diz a testimunha que o repetiu —*Por el-rei su hermano. Al rey su hermano*—Bem podera sua alteza accomodar-se á fortuna do tempo e calar o nome do rei; e a politica vulgar parece que o aconselhava assim n'aquellas circumstancias: mas a verdadeira fé não tem duas linguagens. Houve-se sua alteza no respeito da fé real e humana com os primores da divina; e ainda parece que mais escrupulosamente. A fé divina tambem no silencio se guarda; raro é o caso em que seja necessario crer e confessar: crer e não negar, basta. Não assim o valorosissimo infante: desconfiou do silencio; e teve por caso de menos fidelidade não apregoar a vozes o que tinham no coração. Arriscada linguagem era dizer dentro das terras d'el-rei Herodes: *Ubi est qui natus est rex judaeorum?* Comtudo assim o disseram a publicas vozes os tres reis do oriente: porque a verdade e generosidade de corações reaes não sabe calar o nome do Rei verdadeiro, ainda que seja a pesar d'outro rei e com risco da propria vida. Perdoe-me a resolução valorosa dos que em Lisboa acclamaram a sua majestade: que só do infante D. Duarte se póde dizer de véras que o acclamou. No Cenaculo todos os discipulos confessaram a Christo e offereceram as vidas: no Horto á vista dos soldados e da prisão todos calaram. O confessar o nome de Deus de Israel em Jerusalem, todos os que teem profissão de fieis o fazem: confessal-o no lago dos leões é acção só de Daniel. Bem conhecia sua alteza que cada lettra do nome de el-rei seu irmão que pronunciava, era um novo voto que escrevia contra sua vida: mas como havia de reparar em dar uma vida, quem desejava ter cem mil para as dar todas por aquella causa? Oh raro irmão? Oh rara e inaudita irmandade! Com razão se disse d'este rei e d'este irmão: Não se sabe a irmandade, porque tal irmandade não se sabe.

Que máus irmãos foram. Jacob, Elias, Salomão, Abimelech.

E senão discorramos por todos os irmãos da Escriptura em materia de vida e de coroa; e vejamos se ha algum que pela coroa de seu irmão expozesse, como sua alteza, a vida. O morgado de Isaac era a coroa não só do primeiro, senão do segundo David, que Deus tinha promettido a Abrahão seu pae; e levava tão pouco gosto Jacob de que esta coroa viesse á casa de seu irmão Esaú, que ainda antes de nascer lh'a procurou tirar por força, e depois lh'a tirou por engano. Ungiu Samuel por mandado de Deus a David em rei de Israel deante de seus irmãos; e Eliab que era o maior d'elles levou tão mal esta fortuna de David, que depois de o affrontar de palavra, o quiz tirar da guerra outra vez para as ovelhas, e lhe estorvou quanto pôde a victoria do gigante, que foi o primeiro degrau por onde David subiu á coroa. Adonias era irmão maior de Salomão; e Salomão, sendo irmão e menor, estimou tão pouco, ou sentiu tanto o ver a Adonias herdeiro da coroa de seu pae, que estando já quasi coroado, lh'a procurou por sua mãe tirar da cabeça; e depois lhe tirou a mesma cabeça, só porque a quizera pôr n'ella: longe estava de dar a vida pela coroa de seu irmão, quem primeiro lhe tirou a coroa e depois a vida. De sorte que, irmãos maiores como Eliab e menores como Salomão e eguaes como Jacob, nenhum houve que estimasse ver a coroa na cabeça de seus irmãos; mas nem ainda que o soffresse; e tão fóra estiveram de dar a vida por elles, que talvez lh'a tiraram. O maior caso de todos é o de Abimelech. Tinha Abimelech septenta irmãos, filhos do mesmo pae Jeroboal, os quaes todos lhe estavam deante para a herança; e porque nenhum d'elles tivesse a coroa de Israel, os matou a todos: por não soffrer a coroa na cabeça de um irmão, tira um irmão septenta vidas a septenta irmãos. Comparae agora estes irmãos e esta irmandade com aquelle raro irmão que só por ver a coroa na cabeça de seu irmão e só por nomear a seu irmão rei, não só dera de boa vontade uma vida, mas cem mil vidas.

E os irmãos mais velhos, de José. *Gen.* 37

Não fiquem de fóra os irmãos de José. José não sonhou que havia de ser rei, como verdadeiramente o não foi: os irmãos foram os que, interpretando o sonho, suspeitaram que a significação d'elle era, que José havia de ser rei: *Nunquid rex noster eris?* Mas que effeitos causou este bom agoiro dos irmãos de José? Deram-se por ventura os parabens a si e a seu pae e a elle? Tão longe estiveram de estimarem a fortuna de seu irmão; tão longe estiveram de o ajudarem n'ella; tão longe estiveram de elles serem os que o acclamassem em rei, que, só porque não chegasse a esta coroa sonhada e suspeitada, o prenderam, o venderam e lhe quizeram tirar a vida. Um só irmão

houve que não concorreu para esta resolução, posto que não teve outra em contrario, que foi Benjamin; e posto que foi mais omissão que virtude, elle só se chama irmão de José: *Frater ejus.*

O Infante espelho de todos os irmãos.

Oh irmãos de José, oh Salomão, oh Abimelech! Vós que esquecidos das leis do natural amor, fostes invejosos das glorias de vossos irmãos e tão crueis com elles, vinde vêr vossos indignos corações e vossas obras á luz d'este clarissimo espelho de verdadeira irmandade; e tirae eterna confusão e affronta de que podesse tão pouco com vossa ambição e inveja, não a lealdade, não a honra, não a razão, senão o sangue, senão a mesma natureza! E vós, Benjamin, e os que na bocca da fama tendes o nome de verdadeiros irmãos, vinde tambem a este novo exemplar de irmandade perfeita; e aqui notareis e apprendereis os defeitos que em vós não reprehendeu a antiguidade: aqui vereis quão livre de toda a inveja é o amor, quão delgado o fio da honra, quão escrupulosa a fidelidade e quão puros os respeitos do sangue, quão sagrado o nome do rei e quão menos para estimar que qualquer d'estas obrigações a vida e cem mil vidas.

Pela morte do seu José ficou o rei só, como Benjamin.

XI. *Et ipse remansit solus.* Ficou sua majestade só, porque perdeu um irmão unico; e ficou só, porque perdeu um irmão, que, ainda que tivera muitos outros, sempre com a sua falta ficaria muito só. Notavel caso é o de nosso texto: *Et ipse remansit solus.* Falla-se aqui de José em respeito de Benjamin; e Benjamin n'aquelle tempo tinha dez irmãos vivos. Pois se tinha dez irmãos, como diz Jacob que com a morte de José ficava só? Porque era tal irmão José, que ainda onde havia dez irmãos, fazia falta: ainda onde havia dez irmãos, causava soledade: a presença dos outros irmãos com serem dez, se José faltava, não bastava para fazer companhia: a ausencia de José, com ser só, ainda que estivessem presentes todos os outros irmãos, bastava para causar soledade. Não teve tantos irmãos sua majestade em que fazer a comparação: mas era tal irmão sua alteza, que sempre elle entre todos fôra o José. Assim José era um irmão entre dez; e assim como o amor de Benjamin estava repartido, tambem a perda teve partes. Sua alteza era um irmão unico; e como o amor de sua majestade não tinha onde se dividir, nem a perda teve que deixar. Benjamin ficou só, mas só impropriamente: porque lhe ficaram dez irmãos com que acompanhar a soledade. A morte de sua alteza não deixou a sua majestade outro irmão com que acompanhar, nem consolar a soledade do que perdera e assim ficou verdadeiramente só: *Et ipse remansit solus.*

Compara-se a majestade real com Adão quando não tinha a companhia de Eva.

Verdadeiramente ficou sua majestade só e não porque lhe fal-

tem muitos e prudentes conselheiros; não porque lhe faltem muitos e valorosos soldados; não porque lhe faltem muitos e mui experimentados capitães; não porque lhe faltem muitos e mui leaes vassallos; mas ficou só, porque lhe faltou um irmão egual e similhante a si mesmo em tudo; que é só quem póde fazer companhia na soledade. Investido Adão no senhorio universal do mundo estava assistido e servido de todos os viventes; os quaes, em quanto durou aquelle estado intendiam ou percebiam seus mandatos e os escutavam promptamente. Tinha Adão n'esta primeira republica por seu modo tudo quanto hoje podem ter os grandes principes: tinha valentes e esforçados, porque tinha leões e tigres: tinha prudentes e astutos, porque tinha serpentes e elephantes: tinha agudos e perspicaces, porque tinha aguias e linces; tinha fieis e zelosos até dar o sangue, porque tinha os pellicanos: tinha uns que lhe fallavam, outros que lhe cantavam, outros que o divertiam: tinha outros de outras propriedades maiores, se lhes não quizermos chamar virtudes: uns insignes na lealdade, outros na providencia, outros na pureza, outros na astucia, outros na piedade, outros na vigilancia, outros no continuo e incançavel trabalho e todos em sujeição e obediencia. Todos estes vassallos ou criados, que assim lhes chama Tertulliano, tinha Adão n'aquelle seu primeiro estado; e estando sempre servido e assistido e obedecido de todos, diz a Escriptura que estava só: *Non est bonum hominem esse solum*. Que não seja bom estar só, isto mesmo é o que estamos lamentando. Mas que Adão n'aquelle tempo em que estava servido e assistido e obedecido de todos os viventes do mundo, estivesse só? Sim: a mesma Escriptura deu a razão: *Adae vero non inveniebatur adjutor similis sibi*. Entre todos os viventes dos tres elementos, nenhum se achava que fosse similhante a Adão para o ajudar; porque todos eram de differente especie; e os que não são similhantes, os que são de differente especie, ainda que sejam muitos e de boas partes, fazem numero, não fazem companhia. Adão estava só porque não tinha quem o ajudasse; estava só porque não tinha quem o acompanhasse. Tinha muitos que o servissem, sim; mas uma cousa é servir, outra ajudar: só quem é similhante, ajuda; os que não são similhantes, servem. Tinha muitos que o assistissem, sim: mas uma cousa é assistir, outra acompanhar: os que são de differente especie, assistem: só quem é da mesma especie acompanha. De maneira que Adão porque não tinha um similhante a si e da mesma especie, porque não tinha um que fosse como elle, estando tão assistido, estava só sem quem o acompanhasse.

Os reis em quanto teem são deuses.

Poderá parecer dura a applicação d'este passo, mas a quem não tiver intendido «o que propriamente é a realeza». No nascer e no morrer são os reis da mesma especie e da mesma natureza que os outros homens: mas n'aquelle espaço ou curto ou largo da vida, em que teem o sceptro nas mãos, são ainda mais que de differente especie. Não é dicto este meu, formado na ambição dos principes, nem inventado na adulação dos vassallos, senão pronunciado pela mesma Verdade divina, menos da qual eu o não allegara para prova de materia tão grande: *Ego dixi dii estis et filii excelsi omnes: vos autem sicut homines moriemini:* Vós, ó reis, na morte sois como os homens; antes da morte não sois homens, sois deuses; e para que ninguem duvide d'esta verdade de fé, eu sou o que o digo. Assim que na propriedade de morrer são similhantes os reis e os homens: «na dignidade da realeza» differem como homens e Deus, que é a maior de todas as differenças; e como entre os reis e os vassallos, quaesquer que sejam, ha tanta differença; bem se deixa vêr, quão só deixou a morte de sua alteza ao nosso monarcha, posto que tão servido e tão assistido de tantos: servido de muito grandes e fieis vassallos; mas só e sem quem o ajude; porque morreu quem era seu similhante que só o podera ajudar: assistido de muito grandes e fieis ministros; mas só e sem quem o acompanhe, porque morreu quem era da sua especie ou jerarchia, que só o podera acompanhar: *Et ipse remansit solus.*

Dous irmãos são como uma cidade forte. Infere-se o que ha de ser a soledade do rei.

XII. Ficou só sua majestade sem quem o ajude e sem quem o acompanhe: mas esta segunda soledade tem o reparo que tinha a de José, se bem em differentes e maiores gráus de sangue: a primeira não tem nenhum reparo; porque para ajudar a sua majestade era sua alteza singular e seu similhante. Por mais que um rei pretenda ou affecte ser elle só o Atlante que sustente o peso da monarchia, assim como o mesmo Atlante se houve de ajudar dos hombros de Hercules, é força que tenha o rei juncto a si quem o ajude e quem o descance e em quem descance. Em supposição, pois, «d'esta necessidade, quem o ajudará tão felizmente como um irmão segundo?» *Frater qui adjuvatur a fratre, quasi urbs munita:* diz Salomão nos proverbios: um irmão ajudado de outro irmão é uma cidade murada. A differença que faz uma cidade murada ou sem muros, é a que ha de um irmão com outro irmão ou sem elle. Uma cidade murada é a defensa dos naturaes, é o respeito dos extranhos, é o terror dos inimigos. A mesma cidade sem muros, nem aos naturaes dá segurança, nem dos extranhos se faz respeitar, nem dos inimigos temer. Tal é, diz o Espirito Sancto, um irmão com

outro irmão ou sem elle: irmão com irmão é cidade murada: irmão sem irmão é cidade sem muros. Ah, Senhor, que vemos por terra os fortes muros em que a coroa de vossa majestade havia de ter a mais firme e a mais segura defensa!

As palavras de Marcello na morte de Scipião dirigidas aos portuguezes na do Infante.

Quando a Marcello lhe chegaram as noticias da morte de Scipião africano, saiu de casa exclamando: *Concurrite, concurrite, cives: moenia urbis vestrae eversa sunt:* acudi, acudi, romanos; que cairam os muros de Roma. Que direi eu com tanta occasião? Chorae, chorae, portuguezes, que cairam os muros de Portugal; cairam os muros da nossa patria, como os muros de Jericó: cercaram os israelitas a cidade de Jericó e sem baterem nem applicarem instrumentos militares aos muros, ao septimo dia cairam por si mesmos. Oh muro fortissimo de Portugal, hoje lamentavel ruina! Não vimos applicar instrumentos de violencia á vossa vida; mas dentro em septe dias caistes por terra. Aquella foi a primeira victoria que os Israelitas alcançaram da terra de Promissão; e esta é a primeira victoria que os castelhanos tantas vezes vencidos alcançaram de Portugal: não entraram nem entrarão nunca no reino; mas já nos arrazaram os muros. Caso é muito de notar, que n'estes mesmos nove annos em que tantos rigores se executaram no infante, empenhasse Castella tanta arte e tanto poder contra Portugal e contra a pessoa de sua majestade, e que sempre se frustrassem os seus intentos: mas é que estava Portugal murado por fóra (e tão por fóra) e todos os golpes de Castella descarregaram nos muros. Cá se tiravam as balas e em Milão se empregavam os tiros. Ainda assim distante, assim cercado, assim sitiado e atalayado de sentinellas era o nosso infante o nosso muro; e se quando este irmão parece que não ajudava, nem podia ajudar ao irmão, era muro tão firme seu e lhe rebatia e recebia em si os golpes; que sería se chegasse a o assistir de mais perto? E que bem defendida teria sua majestade a coroa sobre a cabeça, se tivesse um tal muro deante do peito! *Frater qui adjuvatur a fratre, quasi urbs munita.*

Felicidade do governo de Moysés em companhia de Arão, seu irmão.

Ajudava-se Moysés de seu irmão Arão; e era tão irmão e tão conforme o mesmo governo, que a vara de Moysés, que era o sceptro, umas vezes se chama vara de Moysés e outras vara de Arão. Libertaram ambos o povo de Israel e conservaram a felicidade da impresa em tempos tão trabalhosos e difficultosos, como os quarenta annos do deserto; e fallando d'esta acção a Escriptura diz assim: Guiaste, Senhor o vosso povo, como um rebanho de ovelhas pela mão de Moysés e Arão. Notae aqui duas cousas: a primeira que se chamem ovelhas os doze tribus de Israel no tempo d'este governo. O tribu de Judá chama-se

na mesma Escriptura leão; o de Ruben, serpente; o de Nephtali, lobo; e assim estes tres como todos os doze constavam de seis centos mil homens de armas, bellicosos e vencedores; e comtudo, diz o Texto, que foram governados, como um rebanho de ovelhas pela mão de Moysés e Arão; porque quando dous irmãos se ajudam, quando dous irmãos se dão a mão, ninguem ha que se atreva, ninguem ha que se não sujeite: nem a serpente levanta o colo, nem o leão encrespa a juba, nem o lobo mostra o dente: o lobo, a serpente e o leão todos são ovelhas. A outra cousa é que a mão de Moysés e Arão não se chamam duas, senão uma mão: *In manu Moysi et Aaron.* Porque a mão do rei e a mão da pessoa de quem o rei se ajuda, ha de ser uma mão indivisivel, uma só e a mesma: só na subordinação ha de haver differença. Ha de ser mão de Moysés e Arão; e não mão de Arão e Moysés: Moysés primeiro, Arão segundo; mas uma só mão a de ambos; e tanta mão não é bem que a tenha o creado: só o irmão póde ter tanta mão: *Frater qui adjuvatur a fratre, quasi urbs munita.*

Moysés, posto que feito Deus de Pharaó, carece de um adjutorio: quanto mais o rei.
Exod. 7

«Mais». Elegeu Deus a Moysés por cabeça e restaurador do povo de Israel e deu-lhe por adjuncto a seu irmão Arão. O que eu agora reparo e me parece digno de grande ponderação é o titulo e o sceptro que Deus deu a este libertador. O titulo que Deus deu a Moysés não foi de rei, senão de Deus de Pharaó: *Constitui te Deum Pharaonis:* o sceptro que lhe deu, foi aquella vara maravilhosa em que delegou Deus as vezes de seu infinito poder. Pois se a Moysés (vêde se infiro bem) se a um principe que tem por titulo a divindade e por sceptro a omnipotencia, pôi Deus ao lado um irmão para que o ajude, quando o faz restaurador de um povo; que grande falta fará um irmão e tal irmão, como o infante D. Duarte, a um rei cujo titulo, ainda que dado por Deus, é humano, e cujo sceptro, ainda que confirmado com tantos milagres, não é o omnipotente? Não ha duvida que com a falta de tal irmão ficará muito mais alentada a emulação dos nossos inimigos, e muito mais animadas suas armas e suas esperanças.

Falta que fez a Moysés a morte do seu irmão; e a maior que ha de fazer ao rei a do Infante.

Assim lhe aconteceu a Moysés com a morte de seu irmão. Chega finalmente Moysés ao monte Or, morre alli Arão; e tendo noticia el-rei Arad, que os filhos de Israel se avizinhavam ás terras de Canaan, tomou logo as armas para lhes impedir o passo. Pois d'onde nasceu este animo aos cananeos; d'onde concebeu esta ousadia el-rei Arad? Deu a razão Lyrano, como tão douto nas tradições dos hebreos. Chegou a el-rei Arad a nova de que era morto Arão; e esta noticia da morte de Arão resuscitou os animos dos cananeos, e foi a que accrescentou a ousadia ao rei Arad, para que respeitasse menos o poder de

Moysés e intentasse o que até alli se não atrevera. Tão depressa e em materia tão importante experimentou Moysés quanto tinha em seu irmão Arão, quanto perdera na sua morte e quanta falta lhe fazia seu nome e sua presença. Mas quem era Arão? Era por ventura o general do exercito de Moysés? Era algum soldado de grande fama e experiencia? Não: era um homem ecclesiastico que vestia umas roupas largas e nunca tomava a espada na mão. Oh grande argumento da nossa perda! Se a morte de Arão, se a morte de um irmão que só podia ajudar a seu irmão com o conselho, fez tanta falta a Moysés, ainda no respeito de suas armas para com o extrangeiros: que differente peso e preço será o da perda de irmão de tanto valor, de tanto juizo, de tanta auctoridade, de tanta experiencia e sobre tudo de tanta opinião, que é a que mais que as armas, defende e conserva as monarchias? Tanto nos levou a morte em tirar a sua majestade um tal irmão; e tantas razões nos deixou de sentirmos a nossa e muito mais a sua soledade: *Et ipse remansit solus.*

Comtudo ha para os vivos tres consolações. 1.ª Esta morte foi para o Infante descanço de tantos trabalhos.

XIII. Resta o terceiro e ultimo poncto que é a consolação dos vivos; e dividindo-a conforme os tres respeitos com que ponderámos a dôr, digo que nem da parte do infante nos deve desconsolar a morte, nem da parte d'el-rei a soledade, nem da nossa parte a perda; porque a morte foi descanço, a perda interesse, a soledade ha de ser companhia. Foi a morte para sua alteza descanço; e que bem figurado o temos no caso de José! José faziam-lhe as exequias e choravam-no em Palestina; e ao mesmo tempo estava elle reinando no Egypto com a maior grandeza e gloria a que subiu jámais a felicidade humana. O affecto com que se choravam as lagrimas, era verdadeiro; mas a causa por que se choravam, era falsa, porque se chorava como morto o que era vivo e como infeliz o que era ditoso. Para nos consolarmos no descanço de sua alteza, não é necessario recorrer ao que goza, basta considerar o que deixou de padecer. Como vivia sua alteza? Desterrado da patria e preso. A ausencia é meia morte, o carcere é meia sepultura; e nove annos havia que sua alteza estava meio morto e sepultado. Se d'esta começada morte, se d'esta começada sepultura houvera esperanças que havia de resuscitar, razão tinhamos de desconsolar-nos. Mas sendo certo, como mostrou a experiencia, que o animo de nossos inimigos era ou tirar-lhe a vida ou perpetuar-lhe a morte, allivio foi seu e o deve ser nosso, que acabasse de morrer, para que acabasse de penar. É tanto isto assim, que me parece tiveram sido mais bem considerados os nossos luctos, se os pozeramos com a nova da prisão e os tiraramos com a do sua morte. Quando principiou a prisão de sua alteza, então devia-

mos sentir o seu trabalho; agora que o acabou a morte devemo-nos consolar com o seu descanço. Sentil-o então era sentir mais a sua pena; sentil-o agora parece que é sentir mais a nossa perda.

2.° É para nós motivo de obter seu patrocinio.

Mas ainda que seja assim, n'essa mesma perda temos egual razão de nos consolar; porque se foi grande para o sentimento, foi necessaria para o remedio: perdendo a sua assistencia ganhamos o seu patrocinio. Em Milão, como estava ausente e preso, não nos podia acudir: no céu, como está livre e poderoso, póde-nos patrocinar. Jacob chorava muito a imaginada morte de José; e n'esta perda, que tinha pela maior de sua casa, consistiu o remedio e conservação d'ella: tão admiraveis são as traças da Providencia divina!

Caso analogo da familia de Jacob na perda de José.

N'aquella calamidade em que todos pereciam, perecera tambem a casa de Jacob, se não tivera a José no Egypto, que foi o seu remedio e o seu sustento. De maneira que foi necessario que a casa de Jacob perdesse a José, para que ella se não perdesse. O mesmo digo n'este nosso caso. A calamidade não póde faltar: mas ter ao nosso infante no céu é ter a José no Egypto: a perda foi grande: mas era necessaria esta perda para nossa conservação: até agora podia estar duvidosa, de hoje por deante eu a tenho por segura. Permittir Deus a morte do nosso infante grande argumento é de querer conservar Portugal, «porque» acceitou aquelle sacrificio em satisfação dos nossos peccados. Assim o considerou Sancto Ambrosio na morte de Valentiniano, comparando-a n'esta parte com a de Christo: *Occidit pro omnibus quos diligebat, pro quo amici sui parum putabant, si omnes perirent.* Morreu por todos Aquelle por quem todos dariam a vida. Esta foi a razão por que era bem tocasse a todos a dor, pois a todos havia de abranger o remedio. Onde estavam todos os corações, alli quiz que se fizesse o sacrificio: elle foi o morto e todos nós os sacrificados. Vêde se temos com que consolar a perda.

3.° Será para o rei o cumprimento da promessa que Deus fez a D. Affonso Henriques.

E sua majestade com que ha de consolar a soledade: *Et ipse remansit solus?* Ha de consolar a soledade com a companhia: com a companhia que ha de ter do céu e com a companhia que lhe ficou na terra. Foi tão grande homem José, que pôde testar de Deus: *Post mortem meam Deus visitabit vos.* Irmãos meus, não vos desconsoleis com minha morte; porque quando eu me ausentar de vós, Deus virá estar comvosco. Ditosa soledade que se substitúi com tal companhia! Só a companhia de Deus podia substituir a soledade do nosso José: não o digo só por accomodação, mas prometto que ha de ser assim, porque assim o tem Deus promettido: *Et in ipsa attenuata ego respiciam et*

videbo. Prometteu Deus a el-rei D. Affonso Henriques, que quando a sua decima sexta geração estivesse attenuada, elle poria n'ella os olhos de sua misericordia. Ainda isto se não intendeu até agora. A decima sexta geração eram os filhos do serenissimo duque D. Theodosio [1] a linha d'esta geração era composta de tres fios, sua majestade, que Deus guarde, o senhor infante e o senhor D. Alexandre. Morreu o senhor D. Alexandre, quebrou-se um fio; morreu o senhor infante, quebrou-se outro fio. Já temos a linha da geração só por um fio; e esse segundo as leis da natureza o mais delgado, que é o fio mais velho; «logo» é chegado o tempo de Deus abrir os olhos de sua misericordia: *Post mortem meam Deus visitabit vos*. E notem os doutos que segundo phrase da Escriptura o mesmo é *Visitare* que *Respicere et videre*. Disse Anna a Deus. *Si respiciens videris afflictionem famulae tuae*. Ouviu-a Deus e diz o Texto: *Visitavit Dominus Annam. Post mortem meam Deus visitabit vos. Ego respiciam et videbo.*

Assistirá, se for preciso, o infante a seu irmão como os dous primeiros reis assistiram a D. João I e ao principe. D. Duarte. Será o seu terceiro anjo da guarda S. Gregorio Nysseno.

E não só Deus ha de acompanhar a sua majestade d'aqui por deante com mais particular assistencia; mas o mesmo infante D. Duarte, se a necessidade o pedir, ha de descer do céu a assistir ao lado d'el-rei seu irmão: que assim o costumam fazer os principes portuguezes, ainda depois de mortos. No dia em que os portuguezes tomaram Ceuta, appareceram no côro de Sancta Cruz de Coimbra el-rei D. Affonso Henriques e el-rei D. Sancho I, que alimpando as espadas, se íam recolhendo para as suas sepulturas; e declararam que vinham de acompanhar a el-rei D. João o I e ao principe D. Duarte na conquista d'aquella cidade. Diz S. Gregorio Nysseno que o anjo da guarda faz officio de irmão. A Judas Machabeu acompanhava-o nas batalhas armado o seu anjo, como se fôra seu irmão: a sua majestade ha-o de acompanhar armado nas batalhas seu irmão, como se fôra seu anjo. Atégora tinha sua majestade dous anjos da guarda: d'aqui por deante ha de ter tres: um em quanto homem, outro em quanto rei, outro em quanto irmão. Diga embora Jacob de Benjamin: *Et ipse remansit solus:* que sua majestade, ainda que visivelmente sinta os affectos da soledade, invisivelmente ha de experimentar os effeitos da companhia.

Documento ao principe D. Theodosio. *Virgilius.*

Esta é a companhia do céu: a da terra é a que sua majestade tem ao lado, do principe, que Deus guarde muitos annos. Parece que dilatou o infante a sua morte até o ver n'aquella

[1] *Nota do Compilador*. Lembrar-se-ha o leitor que o nosso Vieira em varios sermões da parte primeira d'este volume dá a dicta promessa outras explicações.

edade: como se dissera: Já agora não sou necessario. Só em um tão grande sobrinho se podia substituir tão grande tio; e o logar de um tal Heitor só o podia encher um tal Ascanio. Parece-me que o estou ouvindo desde aquelle tumulo dizer a sua alteza: *Disce, puer, virtutem ex me verumque laborem, Fortunam ex aliis.*

Entretanto o reino de Portugal se funda em septe pessoas reaes; o de Castella em cinco.

Duas cousas pretendeu Castella: a primeira por meio da traição que vimos, que sua majestade não ficasse: a segunda, por meio da morte de sua alteza, que ao menos ficasse só: *Et ipse remansit solus.* Mas succedeu-lhe tanto pelo contrario, que Castella é a que deve lamentar a sua soledade. Hoje faz nove annos havia em Castella cinco pessoas reaes, em Portugal outras cinco: hoje em Castella ha duas e em Portugal septe. Oh que grande argumento da estabilidade de Portugal. «Estas são, pois as nossas consolações: assim assistirá elle invisivelmente ao lado de seu irmão e o consolará em tão lastimosa soledade; e assim patrocinará mais efficazmente juncto ao throno de Deus a causa de Portugal. De sorte que o mesmo valor, prudencia, lealdade, constancia, caridade heroica, zelo da patria, amor fraternal e todos os outros dotes naturaes e virtudes christãs que ornavam o infante e faziam tão inconsolavel a sua ausencia em quanto nos deixou, consolam agora os nossos corações em quanto lhe mereceram o paraiso, e nos ganharam um novo protector.

A gloria de José no Egypto para prover á sua casa; e a gloria do Infante no céu para proteger o seu reino.

Tornemos ás lagrimas que Jacob derramou na perda de seu filho José; e fechemos o parallelo e o sermão. Quão inconsolavel não foi aquelle pranto! Ai de mim, dizia o afflicto velho, vendo a tunica ensanguentada do filho, ai de mim, que uma fera cruel me despedaçou e comeu o meu José! Amado filho, como posso eu viver sem ti? Venha, venha logo a morte: pois ella só me póde reunir ao teu espirito: *Noluit consolationem accipere; sed ait: Descendam ad filium meum lugens in infernum.* Assim chorava Jacob, não sabendo que tão fora estava de ter perdido o seu José, que antes ganhara n'elle para o tempo da calamidade o mais poderoso protector; e o ganhara, o que é mais, pelo mesmo caminho por que o julgava perdido. Palavras expressas do proprio José, quando se deu a conhecer aos irmãos e estes de amedrontados lhe cairam aos pés: *Nolite pavere, neque vobis durum esse videatur, quod vendidistis me in his regionibus: pro salute enim vestra misit me Deus ante vos in Ægyptum.* Com as mesmas palavras, parece-me, nos está consolando o infante D. Duarte: Dae-vos paz, portuguezes, não choreis tão apaixonadamente a minha morte; pois foi necessario para a prosperidade do reino que eu vos

precedesse para este logar de gloria e tomasse a sua protecção: *Pro salute enim vestra misit me Deus ante vos in Ægyptum.*

Conclusão.

Taes são os remedios que nos deu a Providencia para a ferida que abriu em nossos corações a morte de sua alteza. Se por uma parte é digna esta morte de lagrimas inconsolaveis, por outra não é infecunda de consolações por ella ter procurado os maiores interesses d'aquella grande alma e de todo Portugal».

Emfim, serenissimo infante D. Duarte, no céu estais já. Acabaram-se as nossas esperanças e lograram-se, senhor, as vossas. Muito sentimos, principe grande, que Deus vos não fizesse para nós; mas consolamo-nos com que vos fez para si. Já se acabou o desterro, gozae a patria; já se acabaram os trabalhos, gozae a coroa. Oh quanto gozareis «no céu o premio das vossas virtudes e sobretudo o da heroica resignação e paciencia com que soffrestes tão aleivosa traição. Por isso, se houvera de seguir o natural impulso de meu coração, eu vos pedira, principe de Portugal, que mostrasseis d'esse throno de gloria o vosso novo poder; e se Castella temeu tanto ter contra si um infante vivo, imprecara eu que tivesse agora contra si um innocente morto. Mas o generoso perdão que déstes em vida aos oppressores da vossa innocencia e dignidade, mas o meu ministerio que é todo de paz e misericordia, mas os antigos vinculos de sangue e de amizade que uniram as duas nações, mas o espirito de caridade christã que deve animar todos os adoradores da mesma cruz e todos os que participam da mesma meza eucharistica, todos estes motivos estão altamente reclamando contra qualquer affecto que não concorde com o vosso coração tão conforme com o coração de Christo. Intendo o que pede o sacrificio do vosso sangue, unido com o sangue do Divino Cordeiro que falla melhor que o sangue de Abel: pede reconciliação, pede paz. E paz seja, infante D. Duarte: mas não outra senão a que reclamam a honra e a razão; a paz digo que se funda no devido reconhecimento dos direitos da nossa independencia. Em conclusão o unico allivio das nossas saudades é a esperança de que para felicidade e gloria de Portugal, baixareis quanto antes do céu ao lado do vosso irmão, como anjo annunciador de paz».

(Ed. ant. tom. 15.º pag. 164, ed. mod. tom. 6.º pag. 61.)

Nota do Compillador. Traslado n'este logar a ingenhosa interpretação de um texto que causava algum estorvo no corpo do sermão — *Majorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis.* «Diz o divino Mestre» que a maior caridade é dar a vida pelos amigos. A intelligencia d'esta proposição de Christo tem grande difficuldade. Por-

que primeiramente os sanctos todos concordam em que o amor dos inimigos é o mais alto, o mais sublime, o mais heroico, o mais divino acto de caridade. Assim o diz Sancto Agostinho, S. João Chrysostomo, S. Gregorio papa e communmente todos os padres entre os quaes S. Bernardo, depois de repetir a sentença: *Majorem dilectionem nemo habet ut animam suam ponat quis pro amicis suis*, accrescenta fallando com o mesmo Senhor: *Tu majorem habuisti, Domine, ponens eam pro inimicis*. Dizeis, Senhor, que a maior caridade é morrer pelos amigos; e a vossa foi ainda maior; porque morrestes pelos inimigos. Os theologos que examinam os actos das virtudes com todo o rigor, teem n'este poncto duas opiniões: mas os fundamentos dos que seguem que é maior caridade amar o inimigo, são muito mais fortes, muito mais solidos, muito mais evidentes e teem por sua parte a auctoridade de Sancto Thomás. Finalmente o mesmo Christo fez tanta differença entre o amor dos amigos e dos inimigos, quanto vai de ser filho de Deus a não o ser: *Ut sitis filii Patris vestri*: quanta vai de ser christão a ser gentio: *Si enim diligitis eos qui vos diligunt, nonne et ethnici hoc faciunt?* Pois se o amor dos inimigos é o maior e mais heroico acto de caridade; como se ha de intender a sentença divina de Christo, em que dá esta mesma maioria ao amor dos amigos? Digo que de um e outro amor se ha de intender; porque a um e outro compete, não em differentes actos, senão no mesmo. Ha um acto supremo de caridade, que é amor de amigos e amor de inimigos junctamente; e como este acto é o supremo e o maior de todos, n'elle se ajunctam as duas verdades que parecem encontradas, de ser maior o amor dos amigos e maior o dos inimigos. E que acto é este em que se ajunctam estes dous extremos? É o acto de caridade em que se amam os inimigos não como inimigos, senão como amigos. Este acto em quanto ama os inimigos é amor de inimigos; e em quanto os ama como amigos, é amor de amigo e em ajunctar estes dous extremos consiste o sublime e o realçado d'este supremo acto de caridade: *Majorem dilectionem nemo habet*. O primeiro e menor acto de caridade é amar os amigos, como amigos; o segundo e mais alto é amar os inimigos como inimigos, o terceiro e altissimo é amar os inimigos como amigos; e este acto é a caridade, estes são os amigos de que Christo fallava: *Ut animam ponat quis pro amicis suis*. E senão vamos á prova. Christo n'aquellas palavras falla de si mesmo e da sua caridade, a qual o obrigou a dar a vida até por seus inimigos; e como deu Christo a vida por seus inimigos? Como por amigos. Expressamente o intendeu assim S. Gregorio Magno: *Mori pro inimicis Dominus venerat et tamen positurum se animam pro amicis dicebat*. Veio Christo morrer por seus inimigos e diz que havia de morrer por seus amigos, porque tudo eram. Da parte do odio com que perseguiam a Christo eram inimigos: da parte do amor com que Christo os amava eram amigos; e o affecto com que os tinha por amigos, sendo inimigos, é o acto de caridade a que Christo chama o maior de todos: *Majorem hac dilectionem nemo habet ut animam suam ponat quis pro amicis suis*.

SERMÃO NAS EXEQUIAS DE D. MARIA DE ATHAIDE, FILHA DOS CONDES DE ATOUGUIA, DAMA DE PALACIO *

PRÉGADO NO CONVENTO DE S. FRANCISCO, DE XABREGAS
NO ANNO DE 1649

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR. — A belleza do assumpto e do estylo d'esta lindissima oração funebre parece retratar ao vivo o sujeito de que falla; ainda que brilha mais por elegancia que por affecto.

Maria optimam partem elegit.
S. Luc. 10.

Estas palavras que são de Christo por S. Lucas cantava solemnemente a Egreja em vinte e dous de agosto, que foi o dia entre tantos funestos d'este anno, a cuja memoria, a cujo sentimento e a cujo allivio se dedica o religioso e o humano d'esta piedosa acção. O mesmo dia que nos levou o assumpto nos deixou o thema: *Maria optimam partem elegit.*

O dia do fallecimento e o dia do thema.

Era a oitava gloriosa da Assumpção da Mãe de Deus: feliz dia para deixar a terra, formoso dia para entrar no céu. O dia da morte chama-se nas Escripturas temerosamente dia do Senhor: *Veniet dies Domini ut fur.* Ditosa alma a quem caíu o dia do Senhor no dia da Senhora. Concorrer um dia tão temeroso com um dia tão privilegiado, grande argomento foi de felicidade! É opinião de doutores piedosa e bem recebida, que em todos os dias consagrados a alguma festa da Senhora, estão mais franqueadas as portas do céu. Mas que este privilegio seja concedido á maior festa de todas, que é a da Assumpção gloriosa, não tem só a probabilidade de opinião, mas é cousa certa. Affirma-o S. Pedro Damião e o confirma com graves exemplos. Até n'esta circumstancia soube Maria escolher a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.*

A oitava da assumpção feliz dia para deixar a terra. 2 *Petr.* 5

Principes houve que decretando sentenças capitaes deram a escolher o genero de morte. Se Deus quando decretou a morte,

Cada um, se podesse, escolheria este dia. *Ps.* 131 *Cant.* 3

… tudo o mundo se guardara para morrer
… desejar mais fausto para acommetter a
… outra vida, que em seguimento dos passos
… Senhora, que para guiar é estrella, para subir é es-
cada, para entrar é porta? Estrella da manhã, Escada de Ja-
cob, Porta do céu lhe chama a Egreja.

Quando os filhos de Israel caminhavam do Egypto para a terra de Promissão, a ordem com que marchavam era esta: ia deante a arca do testamento em distancia de dous mil passos: seguia-se logo o corpo de todo o exercito, repartido e ordenado em esquadrões: por fim (que este é o logar que lhe dão os expositores) eram levados em tumulo portatil os ossos de José. Este caminho dos israelitas (que quer dizer os que veem a Deus) era figura da jornada que fazem as almas do Egypto d'este mundo para a terra de Promissão da gloria. Mas em nenhuma occasião com tanta propriedade como n'esta. Foi deante a verdadeira arca do testamento, a Virgem Maria no dia da sua triumphante Assumpção; que em tal dia nomeadamente lhe chamou arca do testamento David: *Surge Domine in requiem tuam, tu et arca sanctificationis tuae.* Seguia-se logo em proporcionada distancia, quanto vai do dia á oitava, o exercito da alma. Uma alma armada com todos os sacramentos da Egreja, assistida dos anjos, acompanhada de boas obras, seguida de tantos suffragios e sacrificios, que outra cousa é, senão um exercito ordenado e terrivel? Assim lhe chamam não sem admiração aquelles espiritos, sentinellas do céu, que desde suas ameias estão vendo subir uma alma: *Quae est ista quae ascendit terribilis ut castrorum acies ordinata?* Por fim de tudo (que tal é o fim de tudo) remata-se hoje esta pompa gloriosa e invisivel no que só vêm e no que só podem vêr nossos olhos em umas cinzas e um tumulo. Tambem aquelle tumulo e aquellas cinzas vão caminhando, mas com passo tão vagaroso, com movimento tão tardo, que não chega ao céu onde já descança a alma, senão no dia da resurreição universal. Cedo as perderemos de vista para nunca mais. Agora são só presentes a nossos olhos para nova commiseração, para ultimo desengano, para perpetuo exemplo. Á mesma Senhora, que já tem dado a gloria ao bemaventurado assumpto de nossa oração, peçamos nos queira tambem dar a graça que havemos mister para fallar d'elle: *Ave Maria.*

…ueixa de …ha a res- …da irmã …laria.

II. *Maria optimam partem elegit.* Deu occasião a esta sentença de Christo uma queixa piedosa, mas tão atrevida, que chegou a lhe tocar ao Senhor não menos que no attributo de sua providencia: *Domine non est tibi curae?* Senhor não tendes cuidado? Casos succedem no mundo, que parece se descuida Deus

do governo d'elle; e se alguns são á nossa admiração maiores motivos, são os da vida e da morte. Esta admiração introduziu no juizo dos homens o erro de fados e de fortuna, que se bem entre nós perderam a divindade, ainda conservam os nomes. Se repararmos com attenção quem vive n'este mundo e quem morre, é necessaria muita fé para crer que ha Providencia. Todo o motivo d'esta queixa de Martha, foi vêr que a deixara Maria e que estava com Deus. Tal é o motivo que temos presente, mas com maiores circumstancias de dôr (não sei se diga de semrazão); e assim havemos de ouvir mais queixas.

Outras queixosas a respeito de outra Maria.

Emfim Maria está com Deus: desatou-se dos cuidados e das obrigações do mundo; rompeu os laços da humanidade, deixou em soledade o sangue, o amor e a mesma vida. Contra este não esperado apartamento temos tres quixosas a modo de Martha e não queixosas de Maria, porque o executa, senão de Deus porque o permitte: *Domine non est tibi curae*? E que queixosas são estas? A primeira é a edade, a segunda a gentileza, a terceira a discrição. Pararam todas como Martha, e que conformemente se queixam! Corpo, alma e união é toda a fabrica do composto humano. Por parte da união queixa-se a edade cortada: por parte da alma queixa-se a discrição emmudecida: por parte do corpo queixa-se a gentileza ecclipsada. Chora a edade o golpe, chora a discrição o silencio, chora a gentileza o ecclipse, porque não lhe valeram contra a morte, nem a edade o mais florente, nem a gentileza o mais florido, nem a discrição o mais florido. Vamos ouvindo estas queixosas; depois responderemos a ellas.

1.ª A edade fundando-se na Escriptura. *Ps.* 38 *Gen.* 47

III. Primeiramente queixa-se a edade contra a morte; e que justificada se queixa! David pasmava de vêr quão estreitamente lhe medira Deus a vida: *Ecce mensurabiles posuisti dies meos;* e viveu oitenta annos David. Jacob chamava seus dias poucos e máus: *Dies peregrinationis meae parvi et mali;* e viveu cento e quarenta e septe annos Jacob. Job assombrava-se da brevidade com que se via caminhar á sepultura: *Dies mei breviabuntur; et solum mihi superest sepulcrum;* e viveu duzentos e septenta annos Job. Pois se a Job, se ao espelho da paciencia, sendo tão largos seus dias lhe parecem breves: se a David, se á columna da fortaleza lhe parecem mal medidos: se a Jacob, se ao exemplo da constancia lhe parecem poucos e máus; que razão não terá para queixar-se uma edade tanto mais curtamente medida, tanto mais brevemente contada, tanto mais apoucada nos dias, tanto mais em flôr cortada? Se se queixam os oitenta, se se queixam os cento e quarenta, se se queixam os duzentos e septenta annos, como se não hão de queixar vinte

e quatro? Oh morte cruel, que enganados vivem comtigo os que dizem que és egual com todos.

A morte não faz differença de edades.

Tem-se acreditado a morte com o vulgo de muito egual, pelo despeito com que piza egualmente os palacios dos reis e as cabanas dos pastores: *Aequo pulsat pede pauperum tabernas regumque turres*. Que os palacios dos reis por mais cercados que estejam de guardas, não possam resistir as execuções da morte, bem o experimentou esta vida. Justo era que áquellas portas que tão cerradas costumam estar ás verdades, lhe deixasse ao menos a natureza aberto este postigo aos desenganos. Mas n'esta mesma egualdade commette grandes desegualdades a morte. É egual, porque não faz excepção de pessoas; é desegual porque não faz differença de edades, nem de merecimentos. Matar a todos sem perdoar a ninguem, egualdade é: mas tirar a vida a uns tão tarde e a outros tão cedo, deixar aos que são embaraço do mundo, e levar os que eram o ornato d'elle, que desegualdade maior? Todos se queixam da pressa com que corre a vida; eu não me queixo senão da desegualdade com que caminha a morte. Notae.

A morte anda ora a pé, ora a cavallo, ora voando. Habac. 3 Apoc. 6

Appareceu uma vez a morte ao propheta Habacuc; e viu que ia andando no triumpho de Christo: *Ante faciem ejus ibit mors*. Appareceu outra vez a morte a S. João no Apocalypse; e viu que vinha pizando sobre um cavallo: *Et ecce equus; et qui sedebat super eum nomen illi mors*. «E antes d'este tempo apparecendo outra vez» a morte ao propheta Zacharias viu uma fouce com azas: *Vidi et ecce falx volans*. De maneira que temos morte a pé, morte a cavallo e morte com azas. A vida sempre caminha no mesmo passo; porque segue o curso do tempo: a morte nenhuma ordem guarda no caminhar, nem ainda no ser. Umas vezes é uma anatomia de ossos que anda: outras um cavalleiro que corre: outras uma fouce que vôa. Para estes vem andando, para aquelles correndo, para os outros voando. Se a morte ou para todos andara, ou para todos correra, ou para todos voara, era egual a morte. Mas andar para uns, para outros correr e para mim voar? Oh morte, quem te cortara as azas! Mas bem é que bata as azas, para que nos abatamos as rodas. Pinta-se a morte com uma fouce segadora na mão direita e um relogio com azas na mão esquerda. Se alguma hora foi assim a morte, troque-se d'aqui por deante a pintura, que já não é assim: *Ecce falx volans*. Tirou a morte as azas do relogio da mão esquerda; e passou-as á fouce da mão direita: porque é mais apressada a fouce da morte em cortar, que o relogio da vida em correr. Ainda quando a morte não vôa, corre mais que a vida. Aquelle cavallo em que S. João viu a morte, diz o Texto

na versão de Tertuliano que era verde: *Et equus viridis*. Quem viu já mais cavallo verde? Mas era cavallo da morte. Veste-se este animal indomito da cor dos annos que corta; arrea-se das esperanças que piza, pinta-se das primaveras que atropela. Todos os annos estão sujeitos á morte; mas nenhuns mais que os que pareciam mais seguros, os verdes.

Visão do propheta Amós c. 8 *Cant.* 2

Mostrou Deus uma visão ao propheta Amós (que era homem do campo); e perguntou-lhe que via. Respondeu o propheta: Senhor o que vejo é uma vara comprida e farpada com que os rusticos alcançamos a fructa e a colhemos das arvores. Pois essa vara que vês, diz Deus. é a morte. Todo esse mappa do mundo é um pomar: as arvores umas altas outras baixas são as diversas gerações e familias; os fructos uns mais maduros, outros menos, são os homens: a vara que alcança os ramos mais levantados é a morte: colhe uns e deixa outros. Ah Senhor! que essa é a morte como havia de ser e não como é. Quem entra a colher em um pomar, passa pelos pomos verdes e colhe os maduros: mas a morte não faz assim: vêmos que deixa os maduros e colhe os verdes. E já se colhera só os fructos verdes, colhera fructos: mas a queixa minha é que deixa de colher os fructos e colhe as flôres: *Flores apparuerunt in terra nostra*, appareceram as flores na nossa terra; não lhes aguardou mais tempo a morte: appareceram, desappareceram. Álerta, flôres, que a primavera da vida é o outono da morte. A fouce segadora qne traz na mão, instrumento é do agosto e não do abril: mas arma-se assim com ardilosa impropriedade a morte; ameaça ás espigas, para que se desacautelem as flôres. Ha tal crueldade! Ha tal engano! Não me queixo do golpe senão do tempo; *Flores apparuerunt*. Que haja tempo de florecer e tempo de cortar, é natureza: mas que o tempo de florecer e o de cortar seja o mesmo?! Que a edade mais florida seja a mais mortal?! Que a vida mais digna de viver seja a mais sujeita á morte?!

2.º A gentileza Pranto de Rachel.

IV. A estas queixas tão justificadas da edade se seguem as da gentileza, não menos lastimosa e mais para lastimar. Por isso lá Jeremias no pranto de Belem, as lagrimas que houveram de ser de Lia, trasladou-as aos olhos de Rachel; não porque houvessem de ser mais sentidamente choradas, mas porque haviam de ser mais lastimosamente ouvidas. Queixa-se a gentileza contra a morte, por conceder a tanto luzimento tão breves dias, a tanta representação tão pouco theatro. E pois as queixas da bocca de Rachel são melhor ouvidas, seja Rachel a primeira allegoria d'estas queixas. Muito tenho reparado em quão desegualmente se houveram com Rachel quem lhe deu o

ser e quem lh'o tirou, Labão e a morte. Pediu Jacob a Labão o premio dos primeiros septe annos que servira: e deu-lhe Labão a Lia em logar de Rachel, allegando que Lia era a filha primeira e que havia de preceder. Teve paciencia Jacob; serviu outros septe annos; e em uma jornada que depois fez de Bethel a Belem, morreu Rachel e ficou sepultada no caminho; e Lia depois d'este successo viveu ainda muitos annos. Não sei se notais a desegualdade. De maneira que Labão, quando houve de dar casa a uma das filhas, reparou na prerogativa dos annos e precedeu Lia; e a morte, quando houve de dar sepultura a uma das irmãs, não reparou nos privilegios da edade e precedeu Rachel. Pois se se ha de dar primeiro casa a Lia que a Rachel, porque tem mais annos Lia; porque se ha de dar primeiro sepultura a Rachel que a Lia, se tem menos annos Rachel? É possivel que para a casa ha de Rachel ser a ultima e para a sepultura a primeira? Sim, que isso é ser Rachel. Nas leis de Labão tem precedencia para a casa a maior edade; nas leis da morte tem precedencia para a sepultura a maior belleza.

As maiores bellezas d'este mundo duram pouco. Christo no Thabôr.

Desde a terra até o céu está estabelecida esta lei. Na terra a rosa rainha das flores, é ephemera de um dia. Toda aquella pompa branca, toda aquella ambição encarnada de que se veste, pela manhã são mantilhas, ao meio dia galas, á noite mortalhas. No céu a lua, rainha das estrellas, quem a viu cheia, retrato da formosura, que logo a não visse minguante depois da mudança? Quando resplandece com toda a roda, então se ecclipsa: quando faz opposições ao sol, então a encobre a terra. Ajuncte-se a formosura da terra com a do céu e na união de ambas veremos o mesmo exemplo. Transfigurou-se Christo no Thabôr: appareceram logo no mesmo monte com o Senhor Moysés e Elias: *Et loquebantur de excessu quem completurus erat in Hierusalem.* Ha tal practica em tal occasião? Uma vez que a formosura de Christo quiz fazer ostentação de suas galas, que logo os prophetas lhe hajam de cortar os luctos? Sim, e muito a seu tempo: porque a mesma formosura que viam era prophecia da morte em que fallavam. Formosura tão grande não podia permanecer muito n'esta vida; «e só se mostrava de passagem para dar alguma idéa da formosura do céu. Ó formosura ecclipsada» que larga materia de afinar a queixa offereceis n'este passo á minha oração, se eu tivera não digo já a eloquencia, mas a confiança de um Jeronymo.

Estylo de S. Jeronymo n'este mesmo assumpto.

Os que leram a S. Jeronymo ou na consolação de Juliano sobre a morte de Faustina, ou no epitaphio de Paula a Eustochio ou nas memorias funebres de Marcella e de Fabiola, sei que hão

de culpar o humilde do estylo, o encolhido do encarecimento, o tibio ou o timido dos affectos com que fallo n'este caso. Mas como n'aquelles, postoque não maiores, era outra a pessoa que fallava e em outra lingua e a outros ouvidos; obriga-me a mim a disçrição a que remetta ao silencio o enternecido d'estas queixas para que ouçamos o ponderoso das suas.

3.ª A discriç[ão] Intender mui[to] e viver muit[o] é cousa rara n'este mund[o] principalment[e] nas côrtes. Exemplo de Achitophel.

V. Queixa-se finalmente a discrição (que sempre a discrição é a ultima em queixar-se); e tomára eu que ella tivera melhor interprete para declarar com quanto fundamento se queixa. O maior inimigo da vida «corporal» que vos parece que será? O maior inimigo «de tal vida» é o intendimento. Se buscarmos a primeira imagem da morte, na arvore da sciencia poz Deus o fructo da mortalidade; por onde os homens quizeram ser mais intendidos, por alli começaram a ser mortaes. Intender muito e viver muito «n'este mundo», ou no intendimento é engano ou na vida milagre. A razão d'isto a meu juizo deve ser, porque cada um sente como intende. Quem intende muito, não póde sentir pouco, e quem sente muito não póde viver muito. O homem é vivente, sensitivo e racional: o racional apura o sensitivo; e o sensitivo apurado destroe o vivente. Mas como os homens egualmente amam a vida e se prezam do intendimento, d'aqui vem que se persuadem difficultosamente a esta triste philosophia. E senão diga-o aquelle intendimento grande, do qual se temia mais David que dos exercitos de Absalão. O Maior intendimento de todo o reino de Israel n'aquelle tempo era Achitophel. E de que lhe aproveitou a Achitophel o seu intendimento? De se matar com suas proprias mãos por não querer seguir Absalão a verdade de seus conselhos. De sorte que é tal a opposição que teem entre si a vida e o intendimenro (principalmente nas côrtes) que ou haveis de deixar o intendimento ou haveis de deixar a vida.

Gravidade d'esta queix[a] *Ps.* 48

Ameaçando David os poderosos com o inevitavel da morte, diz que os nescios e os intendidos todos haviam de morrer junctamente: *Cum viderit sapientes morientes simul, insipiens et stultus peribunt.* Se assim fôra ainda era desegualdade: mas que a morte apressada seja attributo do intendimento e a vida larga attributo da ignorancia? Não lhe bastava aos nescios serem infinitos no numero, senão tambem eternos na duração? Que no paraiso dê fructos de morte a arvore da sciencia; e que no mundo a ignorancia seja arvore da vida? Que dentro de nós seja infermidade mortal o intendimento e que fóra de nós seja delicto mortal o uso de razão? E que estas injustiças da morte sejam disposições da Providencia: *Domine non est tibi curae?* Mas acudamos já pela providencia divina; e responda-

mos ás nossas tres queixosas. A todas satisfaz Christo com a mesma resposta: *Maria optimam partem elegit.*

Responde-se ás tres queixosas.

V. Não se queixe a edade por cortada, nem a discrição por emmudecida, nem a gentileza por ecclipsada: que para todas escolheu Maria a melhor parte. É verdade que morreu, mas por meio da morte eternizou a edade, melhorou a gentileza, canonizou a discrição. Vêde se teem razão de estarem queixosas ou agradecidas.

1.º A morte eternizou a edade. Porque Job se compara á Phenix.

Primeiramente eternizou a edade, porque cortal-a foi artificio de a eternizar. Dizia Job: *In nidulo meo moriar et sicut phoenix multiplicabo dies meos.* Morrerei e multiplicarei meus dias. Notavel modo de fallar? Parece que havia de dizer Job: Morrerei e acabarei meus dias: mas morrerei e multiplicarei meus dias? Como póde ser isso? O mesmo Job disse como: *Sicut phoenix.* Repara, diz Job, que eu não fallo como homem, fallo como phenix. O homem diz: Morrerei e acabarei meus dias; porque com a morte acaba. A phenix pelo contrario diz; Morrerei e multiplicarei meus dias: porque na phenix o cortar a vida é artificio de multiplicar a edade. Cale-se, logo, a edade queixosa, que não merece queixas quem morre phenix. Entre todas as mortes só uma ha no mundo que não seja digna de sentimento; é a da phenix («fallo como Job segundo a opinião vulgar»). Se a phenix morrera para acabar, fôra a sua morte mais lastimosa e mais digna de sentimento que todas, porque é unica. Mas como a phenix morre para renascer, como a phenix diminúi a vida para multiplicar a edade, não é digna de lagrimas a sua morte, senão de applausos.

Só os dias da vida futura são nossos.

Mas contra estes applausos póde replicar alguem, que a nossa phenix, se bem se considera, não multiplicou os dias; porque perder os dias em uma parte para os lograr em outra, é mudal-os, não é multiplical-os. Que bem acudiu a esta replica o mesmo Job com a differença dos dias: *Multiplicabo dies meos.* Os dias d'esta vida não são dias nossos. Se foram nossos, tiveramol-os em nosso poder e estivera em nossa mão lograi-os. Mas estão em poder de tantos tyrannos, quantas são as miserias da vida: só os dias da eternidade são dias nossos; porque ninguem nol-os póde tirar. Bem diz, logo, Job que este modo de morrer é artificio de multiplicar: porque perder os dias que são alheios para multiplicar os dias que são meus, é verdadeiramente accrescentar os dias: *Multiplicabo dies meos.*

Quem morre antes do tempo accrescenta os dias da eternidade e paga melhor o amor divino.

Sendo, porém, estes dias, de eternidade, parece com nova instancia, que de nenhum modo se podiam multiplicar; porque a eternidade não admitte multiplicação nem augmento. Mas esse foi o impossivel que venceu o ingenho da nossa phenix: cortar

o passo á vida para accrescentar espaços á eternidade. A eternidade de Deus não póde crescer; porque é eternidade sem principio e sem fim. A eternidade dos homens póde crescer, porque, ainda que não tem fim, tem principio. Não póde crescer *á parte post*, da parte d'além: mas póde crescer *a parte ante*, da parte d'aquem; e assim quanto se corta á vida, tanto se accrescenta á eternidade. Maria accrescentou a eternidade pela parte d'aquem: cortou pela vida para accrescentar a eternidade. Só d'esta maneira podia pagar a Deus. O amor de Deus para comnosco, fallando n'este sentido, tem duas eternidades: deu-lhe uma, mas essa accrescentada: accrescentou á eternidade toda a parte que tirou á vida: *Optimam partem elegit.*

2.° A morte melhorou a gentileza com a celeste formusura do espirito

VII. Tambem a gentileza não tem razão nas suas queixas. O morrer não foi perder, foi melhorar a formosura. Oh se a cegueira do mundo tivera olhos para vêr esta verdade: que menos idolatradas foram suas apparencias! Appareceu um anjo a S. João no Apocalypse; e com ser aguia S. João, cegaram-no tanto os raios d'aquella formosura, que se lançou por terra para o adorar. Com a formosura de um espirito nenhuma comparação tem a maior formosura do corpo. Virá tempo e será depois da resurreição universal, quando a natureza humana restituida á sua natureza poderá gozar junctamente ambas estas formosuras; e supposto que antes de chegar áquelle termo não se póde gozar mais que uma só, despir-se da formosura do corpo por se revestir da formosura da alma, foi escolher de duas partes a melhor: *Optimam partem elegit.*

A sepultura mãe de formaturas mais permanentes.

Oh que admiraveis transformações de formosura faz invisivelmente a morte debaixo da terra! Fallando Deus a Abrahão na gloriosa descendencia de seus filhos, umas vezes comparou-os a pó e outras a estrellas, para ensinar (diz Philo) que o caminho de se fazerem estrellas era desfazerem-se em pó. Que cuidais que é uma sepultura, senão uma officina de estrellas? Ainda a mesma natureza produz maiores quilates de formosura em baixo que em cima da terra. As flores, formosura breve, criam-se na superficie; as pedras preciosas, formosura permanente, no centro. Julgue agora a enganada gentileza se foi injuriosa a Rachel a sepultura, ou se soube escolher Maria a melhor parte. Enterrou-se a flor para se congelar em diamante, desfez-se em cinzas para se formar em estrellas.

A vida prejente mais inimiga da foumosura do que a morte.

Este engano apparente a que os homens chamam formosura, ainda tem mais inimigos que a vida com ser tão fragil. A vida tem contra si a morte: a formosura ainda antes da morte tem contra si a mesma vida: *Forma bonum fragile est, quantumque accedit ad annos Fit minor.* Os primeiros tyrannos da formosura

são os annos e a sua primeira morte é o tempo. Debaixo do imperio da morte acaba, debaixo da tyrannia do tempo muda-se; e se alguem perguntara á formosura: Qual lhe está melhor, se a morte ou a mudança; não ha duvida que havia de responder: Antes morta que mudada. A formosura morta sustenta-se na memoria do que foi; a formosura mudada affronta-se no testemunho do que é. A victoria que da formosura alcança o tempo, é um triumpho publico; todos o vêem; e trazer o epitaphio no rosto ou tel-o na sepultura, vai muito a dizer.

Por isso Deus não quiz que o povo de de Israel visse o cadaver de Moysés.

Parece esta razão demasiadamente humana; mas Deus a fez divina. Morre Moysés, sepulta-o Deus com suas proprias mãos, e ninguem soube até hoje onde está a sua sepultura: *Et non cognovit homo sepulcrum eius*. Pois porque não quiz Deus que tivessem os homens noticia da sepultura de Moysés? A razão não é menos que de Sancto Agostinho: *Ne faciem quae radiaverat suppressam videret:* porque aquelle rosto em que se tinham visto tantos resplandores, não se visse mudado. De maneira que occultou Deus o sepulcro de Moysés, não porque os homens o não vissem morto, mas porque não vissem a sua formosura mudada. Morta sim, mudada não, ninguem o ha de ver. Assim tracta Deus a formosura a que quer fazer o maior favor, e tão certo é o juizo do mesmo Deus, que lhe está melhor á formosura a morte que a mudança. Chegada pois a gentileza humana áquelle termo preciso de sua perfeição em que o parar é vedado, o crescer impossivel e o diminuir forçoso, fazer treguas com a morte por não se sujeitar á tyrania do tempo, se não foi eleger a melhor parte, foi ao menos acceitar o melhor partido: *Maria optimam partem elegit.*

3.º A morte canonizou a discrição. O homem só se póde louvar na morte.

VIII. Finalmente a discrição não tem razão de queixar-se; porque se a morte a emmudeceu, a morte a canonizou. A discrição verdadeira não consiste em saber dizer, consiste em saber morrer. Até a morte ninguem se póde chamar com certeza nescio ou discreto. O ultimo acerto ou o ultimo erro é o que dá nome ao juizo de toda a vida. Por isso Deus no principio do mundo, approvando todas as creaturas, só ao homem não approvou, porque a approvação do homem está sempre dependendo do fim. *Non in exordio, sed in fine laudatur homo,* disse Sancto Ambrosio. Não se póde seguramente louvar o homem nem quando começa, nem quando é, senão quando acaba de ser. Em quanto não chegou o dia ultimo estava em opiniões a prudencia das dez virgens: assentou-se a morte na suprema cadeira; definiu quaes eram as nescias e quaes eram as prudentes. Em nenhuma cousa se vê tanto o acerto da eleição, como n'aquillo que acertado uma vez não póde ter mudança, ou errado uma vez não

póde ter emenda. É a eleição de que depende tudo, e uma parte que encerra em si o todo e por isso a melhor parte: *Optimam partem elegit.*

Ainda que esta morte foi caso, tornou-se eleição ppr conformidade á vontade de Deus. *Ps.* 118

Para prova d'esta ultima verdade quero acudir a um escrupulo com que vejo que me estão ouvindo desde o principio ainda os ouvintes de menos delicada consciencia. A morte de que fallamos, foi caso, não foi eleição: logo impropriamente parece lhe applicamos as palavras: *Maria optimam partem elegit.* Como póde ser eleição o que é caso? Ponhamos a questão em termos mais christãos. O que vulgarmente chamamos caso é Providencia: Providencia nenhuma outra cousa é que aquella disposicão ordenada dos decretos divinos. Como póde logo ser eleição nossa o que é disposição de Deus? Respondo que por virtude da conformidade. Todas as vezes que nos conformamos com as ordens de Deus fazemos que a eleição que é sua, seja tambem nossa. N'este sentido dizia David: *Mandata tua elegi.* Senhor, eu elegi os vossos preceitos. David obedecendo conformava-se com a vontade de Deus e por virtude da conformidade, a que era eleição de Deus, era tambem eleição de David. Tal foi a eleição n'este caso: foi a eleição de Deus e foi eleição de Maria: em Deus foi eleição por providencia: em Maria foi eleição por conformidade; e em ambas foi eleição do melhor: em Deus, porque escolheu para si a Maria, em Maria porque se foi para Deus: *Optimam partem elegit.*

Esta eleição é mais perfeita que qualquer outra.

Só poderá cuidar alguem que eleger por conformidade será algum imperfeito modo de eleicão. Digo e acabo, que mais perfeito modo de eleição é eleger por conformidade, que eleger por deliberação, porque quando elegemos por deliberação queremos pela vontade propria, quando elegemos por conformidade, queremos pela vontade divina. Quando eu elejo, faço a minha vontade; quando me conformo, faço minha a vontade de Deus. E não póde haver mais perfeito acto que aquelle em que Deus e eu queremos pela mesma vontade. Não ha acção mais parecida ás de Christo. As acções de Christo eram divinas e humanas pela união das naturezas; esta acção é humana e divina pela transformação das vontades. Oh que generoso conformar! Oh que discreto morrer! Pareceu caso e foi eleição: pareceu força e foi vontade; e se alguma cousa teve de repugnante ou de violento, foi para dar circumstancia ao merito, e essencia ao sacrificio. Mude logo a discricão a linguagem; e dê graças á morte em vez de queixas: pois só na morte ficou qualificada e consumada a discrição; quando n'aquelle poncto em que acaba tudo e de que depende tudo, entre o voluntario e preciso soube escolher Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.*

As tres queixas valem mais contra as nossas vidas, que contra a morte de que se tracta.

IX. Tenho acabado, e satisfeito, se me não engano, ás nossas tres queixosas. Mas se ellas tiveram tempo para se queixar de novo e eu forças para dizer e vós paciencia para ouvir, é certo que as queixas que se fizeram tanto sem razão contra esta morte, se haviam de converter todas e com muita razão contra nossas vidas. Ó edades cegas! ó gentilezas enganadas! ó discrições mal intendidas! Vive a edade, como se não houvera morte: vive a gentileza como se não passara o tempo: vive a discrição, como se não temêra o juizo. Oh acabemos já algum dia de ser cegos. Ponhamos deante dos olhos estas imagens funestas, retratos de nós mesmos, que não sem particular providencia nos mette Deus em casa tão repetidamente. Apenas ha casa illustre em Portugal que se não visse coberta de luctos este anno, e ainda não é acabado! Já que os parentes morrem para si e para Deus, morram tambem para nós. Deixem-nos por herdeiros de seus desenganos. Consideremos que foram o que somos: que havemos de ser o que são: que alli vai a parar tudo; e que tudo o que alli não aproveita, é nada. Se nos dá confianças a edade, reparemos quão fragil é e quão sujeita ao menor accidente. Se a gentileza nos engana, desengane-nos uma caveira, que é o que só tem de duravel a maior formosura. Se a discrição finalmente nos desvanece, saibamos ser discretos, que é saber salvar-nos. Já que tanta vida se tem dado ao mundo e á vaidade, demos sequer a Deus essa ultima parte que nos resta, que sempre será a melhor; e d'esta maneira ficaremos escolhendo com Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.*

(Ed. ant. tom. 4.º pag. 459, ed. mod. tom. 3.º pag. 66.)

Nota do Compilador. As queixas da discrição encarece-as o grande orador com um exemplo chistoso e outras reflexões, as quaes, posto que verdadeiras, pareceram-me abater o estylo e por seu tom de gracejo menos proprias de uma oração funebre. Julgue-o o leitor — Já demos (diz elle) a razão d'isto em quanto natureza; demol-a agora em quanto sem razão. Seja por um exemplo. Entraram pelo Horto os soldados que vinham prender a Christo: mette mão á espada S. Pedro: investe a Malcho, e fere-o. Sempre reparei muito n'esta investida e n'este golpe. Se Pedro quer defender o seu Mestre, avance aos esquadrões armados, invista e mate-se com elles: mas a Malcho? A Malcho que não trazia na mão mais que uma lanterna com que allumiava? Eis ahi como tracta o mundo as luzes. Em apparecendo a luz todos os golpes a ella. Em vez de arremeter aos que traziam as armas, arremete ao que trazia a luz, porque de nenhuma cousa se dão os homens por mais offendidos, que da luz alheia. Se vierdes com exercitos armados *Cum gladiis et fustibus*, ter-vos-hão, quando muito, por inimigo; mas não vos farão mal. Porém se vos coube em sorte a lanterna,

se Deus vos deu uma pouca de luz (ainda que não seja para luzir, senão para allumiar) fostes mofino: apparelhae a cabeça, que ha vir S. Pedro sobre vós. Grande miseria! Que nos offendam mais as luzes que as lanças, e que queiramos antes ser feridos que allumiados! Grande miseria, outra vez! Que nos mostremos valentes contra uma luz desarmada e que em vez de tractarmos de resistir a quem se arma, só nos armemos contra quem allumia! Oh desgraçadas luzes em tempo que tanto reinam as trevas!

Mas no meio d'esta desgraça tão grande acho eu á luz duas razões muito maiores com que se consolar. Os golpes que se atiraram á luz, foram reprehendidos por Christo e foram atirados por Pedro. Por Pedro que antes d'esta acção tinha dormido tres vezes e depois d'ella negou outras tres. Sabeis, luzes, quem vos persegue? Quem dórme antes e quem ha de negar depois: quem antes falta ao cuidado e depois ha de faltar á fé. Cantará o gallo; e ver-se-ha certa a prophecia de Christo. De tudo o dicto se colhe, que quando vemos faltar ante tempo as luzes, ou porque morrem, ou porque se matam, não temos materia de espanto; posto que a tenhamos grande de queixas: de espanto não, porque este é mundo; de queixa sim, porque o governa Deus: *Domine, non est tibi curae?* É possivel, Senhor, que tendes providencia e que hão de viver as trevas e morrer as luzes? O nescio sepultado nas trevas da ignorancia ha de ter pazes com a morte; e o intendido allumiado com as luzes da razão ha de andar em guerra com a vida?—Allude, como se vê, o nosso orador ás circumstancias politicas de seu tempo.

Além d'isso ás tres queixas propostas accrescenta em outro logar um reparo, o qual, sobre ser desnecessario para o assumpto, lança, a meu ver, uma grande suspeita de que a fallecida não fosse amada da sua mãe; e por isso julguei tambem que por honra de ambas se havia de calar.

Temos ouvido (diz) contra as semrazões da morte as tres queixosas, que no principio lhe oppuzemos. Mas vejo reparar a todos, que entre estas queixas, sendo tão naturaes, se não ouçam as do maior affecto da natureza, as do amor materno. Digno é de reparo este silencio; mas mais digna de admiração e memoria a causa d'elle. Não se ouvem, nem se ouviram n'esta occasião as queixas do amor materno, porque se portou nas mais apertadas circumstancias d'ella tão fino que pareceu cruel; tão generoso que não pareceu amor. Faltou ás dividas da natureza, por não faltar ás obrigações do officio; e assistiu com tanta ponctualidade onde servia, que pareceu que abhorrecia onde amava. Oh raro exemplo de servir a principes! Servir aos principes como Deus quer ser servido, não se póde chegar a mais. Diz Christo no evangelho: Os paes que não abhorrecem a seus filhos, não me podem servir a mim. É tão encarecida esta doutrina, que tem necessidade de explicação. Não quer dizer Christo absolutamente que os paes abhorreçam aos filhos; porque os documentos divinos não encontram os preceitos naturaes: mas quer dizer, que quando se encontrar o amor dos filhos com o serviço de Deus, de tal maneira se ha de acudir ao serviço de Deus, como se se abhorreceram os filhos. Este é o mais alto poncto a que Deus subiu a fineza com que deseja ser servido. E tal foi n'este caso a com que vimos servidos os nossos principes. Chegou com a obra no servir, onde Deus chegou com o desejo em querer ser servido. Oh espirito generoso e na maior desgraça feliz! Não sei se diga que podera estimar a occasião pela fineza. O certo é que se póde pôr em duvida se foi mais digna de enveja pelo que obrou, ou de lastima pelo que perdeu. Não se lê mais em similhantes casos, nem das Livias e das Rutilias, nem das Paulas e das Melanias, que tanto honraram com seu valor uma e outra Roma, a gentilica e a christã. Mas se as matronas ro-

manas tiraram ás portuguezas o serem as primeiras, grande gloria é da nossa nação, que tirem as portuguezas ás romanas o serem singulares.

Oh como se havia de perder n'este caso o juizo de Salomão se n'elle dera sentença! Na demanda das duas mães sobre os dous filhos, morto e vivo, julgou Salomão que a que mais amava era verdadeira mãe; e acertou. N'esta controversia tambem havia de julgar que o mais amado era o verdadeiro filho; mas enganara-se; porque sendo um o assistido e outro o deixado, o deixado era o filho e o assistido não. Salvo se dissermos, que ambos eram verdadeiros filhos; mas mais filho (e por isso mais amado) aquelle a quem se dá o ensino, que aquelle a quem se dera o ser. Lembra-me que pedindo um filho a Christo licença para ir enterrar a seu pae, o Senhor lh'a negou, porque estava em seu serviço. Grande moralidade acho na desproporção d'estes dous casos. No primeiro pede um filho licença ao rei para assistir á sepultura de seu pae; e nega-lhe o rei: no segundo offerece licença o rei á mãe para assistir á morte de sua filha (e tal filha); e não a aceita a mãe: mas tudo bem merecido. No primeiro caso a imperfeição com que a licença se pedia, mereceu o rigor de se negar; no segundo caso a benignidade com que a licença se offereceu, mereceu a fineza de se não admittir. Oh que grande usura é nos principes a benignidade! Sejam os principes liberaes do que não custa nada, e serão os vassallos agradecidos no que talvez dá muito. Emfim viram-se aqui emendadas as queixas de Martha. Lá antepunha-se a soledade ao ministerio, aqui antepôi-se o ministerio á soledade: *Reliquit me solam ministrare.*— Talvez se achasse o orador na necessidade de fazer este reparo, para dar alguma explicação a um facto que não se podia dissimular pela sua publicidade.

SERMÃO DAS EXEQUIAS DO CONDE DE UNHÃO D. FERNANDO TELLES DE MENEZES **

PRÉGADO NA VILLA DE SANTAREM NO ANNO DE 1651

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR:—Este sermão é menos pathetico e menos emphatico que os precedentes. A razão da differença é não sómente a qualidade do assumpto, mas tambem a circumstancia de não ser prégado nas primeiras exequias, senão nas do septuagesimo dia, quando o sentimento da morte de quem se faz a oração funebre não póde ser tão vivo.

Henoch vixit sexaginta quinque annis et genuit Mathusalam; et ambulavit Henoch cum Deo et genuit filios et filias: ambulavitque cum Deo et non apparuit, quia tulit eum Deus.

O sermão não vem a renovar os luctos vem a reformal-os. *Gen.* 50

Tarde venho á consolação (dizia em similhante caso S. Jeronymo); e depois que o tempo e a razão tem já curado as feridas, temo que será renovar a dôr trazel-a do silencio á memoria. Para entrar n'este logar com o mesmo receio, tinha eu as mesmas causas: mas venho muito livre d'elle: não vem a minha oração a renovar dores, nem a acompanhar a impropriedade d'estes luctos, vem a emendal-os. Baste o chorado já, baste o sentido: contente-se a natureza com septenta dias de dôr; que nem á morte de Jacob deram mais as lagrimas do Egypto, choradas sem fé da immortalidade: *Flevit eum Ægyptus septuaginta diebus.*

Prégar-se-ha não de morto senão de vivo.

Justo é que se falle da morte em similhantes casos, sim; mas quando se préga da morte d'aquelles que nos não deixaram outro exemplo, nem outro desengano que o de morrerem. Celebramos hoje as memorias de Fernão Telles de Menezes, cujo nome é o maior elogio: por isso o refiro desacompanhado de todos. Memorias disse e não memorias funebres; porque não hei de prégar de morto senão de vivo. Sermão de honras me encommendaram; e não seriam honras, senão injurias da virtude e da razão, buscar ao vivo entre os mortos: *Quid quaeritis viventem cum mortuis?*

Foi o conde de Unhão um prodigio de todas as virtudes.

Tempos havia que a milagrosa Santarem faltava ao mundo

com prodigios: deu em nossos dias este milagre de virtude, milagre de exemplo, milagre de religião, milagre de sanctidade, para que vissem os homens (já que parece que o não crêem) que a nobreza não é privilegio, senão maior obrigação ás leis de Deus; que o vicio não está nas riquezas, senão no abuso d'ellas; que se póde ajunctar o regalo com a penitencia, a côrte com o retiro, a familia com o socego, o poder com o não querer, e que não é impossivel estar a «gentileza sem desenvolturas», a grandeza sem inchação e o céu com a terra junctamente. Este é o milagre que temos presente; e não o contradizem nem aquelles epitaphios, nem aquella sepultura: que tambem sobre os milagres tem jurisdicção a morte. Annos foram que n'este mesmo logar se abria milagrosamente o Tejo, como o Jordão, para dar passo ao sepulchro de sancta Iria; e já hoje correm suas aguas como corriam antes: até os milagres acabam! Mas o milagre «da sanctidade do conde de Unhão» foi que acabou sem morrer.

Compara-se com Henoch.

Para poder fallar d'elle com alguma propriedade, busquei parallelo: mas nem o achei no mundo, nem em nossos tempos. Como se havia de achar parallelo nem no mundo, nem em nossos tempos para quem não foi d'este tempo, nem d'este mundo? Um vivo que nunca morreu, um vivo trasladado, um homem do outro mundo, um Henoch no paraiso, será o fundamento da minha oração. De todos os outros homens d'aquelle tempo diz a Escriptura *Mortuus est:* só a Henoch poz por epitaphio: *Vixit*. Sessenta cinco annos viveu Henoch e outros tantos «o conde de Unhão, a quem podemos chamar o nosso Henoch. Mas como referir e ponderar os exemplos da sua vida?» Em seguimento das palavras que propuz, irei dizendo o pouco que couber em tanta limitação de tempo: o demais perguntal-o-hão os vossos ouvidos aos vossos olhos. Para as memorias de quem tanto de coração a serviu, não pode a Mãe de Deus negar-nos a muita graça que havemos mister. Digamos a *Ave-Maria*.

Viveu elle todos os seus 65 annos, e de que modo.

II. *Henoch vixit sexaginta quinque annis.* A primeira maravilha que considero no nosso Henoch é que, morrendo de sessenta e cinco annos, viveu sessenta e cinco annos. Que morresse de sessenta e cinco annos, outros alcançaram maiores edades: mas que morresse de sessenta e cinco annos e vivesse sessenta e cinco annos! Bem sei que extranhais a novidade do reparo: mas não tem que extranhar. Morrer de muitos annos e viver muitos annos, não é a mesma cousa. Ordinariamente os homens morrem de muitos annos e vivem poucos. Porque? Porque nem todos os annos que se passam, se vivem: uma cousa é contar os annos, outra vivel-os: uma cousa é viver,

outra durar. Tambem os cadaveres debaixo da terra, tambem os ossos nas sepulturas acompanham os cursos dos tempos e ninguem dirá que vivem. As nossas acções são os nossos dias; por ellas se contam os annos, por ellas se mede a vida: em quanto obramos racionalmente vivemos: o demais tempo duramos.

Uma cousa é viver, outra deter-se na vida. Seneca.

Não é esta philosophia tão nova que a não alcançasse até um gentio, Seneca. Fallava elle de um que morrera de oitenta annos e dizia assim: *Quid illum octoginta anni juvant per inertiam exacti? Non vixit iste, sed in vita moratus est:* Que lhe aproveitam oitenta annos passados em ocio? Este, diz Seneca, não viveu, deteve-se na vida. Se uma náu fosse á India em seis mezes e outra ao Cabo da Esperança em vinte e quatro, qual dirieis que navegou mais? Não ha duvida que a primeira: aquella navegou, esta deteve-se. O mesmo passa nas vidas. Mais vivem uns em poucos annos, que outros em muitos: uns vivem, outros deteem-se: todo o tempo que não obramos racionalmente correm os annos e pára a vida.

Morrer meninos de cem annos. Isaias. Os septe annos que Nabuchodonosor viveu como bruto.

No cap. 65 traz Isaias uma prophecia notavel: *Puer centum annorum morietur*. Sabei o que ha de acontecer? (diz Isaias). Hão de morrer meninos de cem annos. Morrer de cem annos e meninos, escura prophecia. Se meninos, como hão de morrer de cem annos; e se morrem de cem annos, como são meninos? Porque morrer de cem annos e ser de menos annos, não é a mesma cousa. Os annos medem-se pela duração, a edade computa-se pela vida. Bem podem logo morrer de cem annos e ser meninos: porque cada um não é dos annos que dura, é dos annos que vive. Nabuchodonosor condemnou-o Deus a passar nos campos de Babylonia, como bruto entre as feras, e assim andou septe annos. Agora pergunto: E se a Nabuchodonosor se lhe houvessem de contar ponctualmente os annos da vida, não se lhe haviam de diminuir estes septe? Claro está que sim: porque os annos de bruto não pertencem á vida de homem. Ah, senhores! se se houver de fazer este computo em cada um de nós, se se houverem de abater e descontar do tempo de nossas vidas todos aquelles dias que passamos conforme o appetite e não conforme a razão, como é certo que na hora da morte havemos de achar as contas muito deseguaes: os annos de que morremos, muitos; os dias que vivemos, poucos.

O conde viveu sempre como homem.

Não assim o nosso Henoch: morreu de sessenta e cinco annos e viveu sessenta e cinco annos. Todos os annos de que morreu, viveu; porque todos viveu medidos com a razão e com a lei de Christo: todos os dias de sua vida foram de vida sua, porque lh'os não roubaram os appetites. Foi moço, foi varão,

foi velho: mas nem lhe levaram os annos de moço os galanteios, nem os de varão as ambições, nem os de velho os descuidos. Em moço viveu como quem se não fiava da vida; em varão, como quem a queria aproveitar; em velho, como quem a acabava; e por isso toda a sua vida viveu; por isso viveu sessenta e cinco annos.

A vida humana composta de tres vidas: o *sobrie, juste et pie vivamus* de S. Paulo a Tito c. 2.

A vida humana naturalmente considerada compõi-se de tres vidas: a vida vegetativa com que nos alimentamos, a vida sensitiva com que sentimos, a vida racional com que intendemos. A estas tres vidas naturaes correspondem no espiritual outras tres, as quaes se conservam em tres virtudes «sobre-maneira encommendadas em ambos os Testamentos; e são» jejum, esmola, oração. O jejum responde á vida vegetativa, porque com elle nos alimentamos «no espirito»: a esmola responde á vida sensitiva porque com ella nos compadecemos «dos proximos»; a oração responde á vida racional; porque com ella tractamos com Deus. Estas são as vidas que tão altamente nos ensinou S. Paulo n'aquelles tres adverbios: *Sobrie et juste et pie vivamus*. Com a primeira vivemos para nós, *sobrie;* e isso por meio do jejum, mortificando-nos: com a segunda vivemos para os proximos *juste;* e isso por meio da esmola, soccorrendo-os: com a terceira vivemos para Deus *pie;* e isso por meio da oração, venerando-o. Todas estas viveu o nosso Henoch em toda a sua vida.

Jejum do conde.

Sobrie. O jejum do conde era tão extremado, que mais se pode dizer que vivia do que jejuava, que do que comia. O outro philosopho disse arrogantemente de si: Eu como para viver, não vivo para comer. Do nosso Henoch ainda o podemos dizer melhor: o philosopho comia para viver; elle comia para não morrer. Só por estes termos se póde explicar o extremo da sua abstinencia. Deixou-nos n'esta materia um dos exemplos maiores que se veneram no mundo; e porque o guardo para depois, não o quero ostentar agora.

Suas esmolas.

Juste. Quão estreito foi no sustento de sua pessoa, tão largo era em acudir aos dos pobres. D'esta virtude são menos publicos os exemplos: mas assim havia de ser para serem esmolas. Sustentar a vida e tirar a honra, não é esmola, é injuria. Eram muitas as pessoas particulares a quem o conde sustentava a vida com suas esmolas e a honra com lh'as fazer secretamente. Fazia as obras de misericordia com justiça, *juste*. Reparo é este em que não repara, antes frequentemente tropeça a caridade ou liberalidade dos grandes: dão aos pobres e não pagam os creados: dão o que não devem e não pagam o que devem. O conde nenhuma cousa devia: a ninguem retardou nunca a

paga, antes costumava dizer, que não sabia como havia quem podesse ir á cama sobre dever o alheio. Tão sujeita e tão medida com as leis da justiça era a caridade do nosso Henoch! Mas nem por ser tão justa era menos liberal: pagava o que devia e dava como se devesse. Os pobres eram seus acredores: aos outros pedem, a elle executavam. Mas assim havia de ser, onde á misericordia «se reconheciam os foros ou direitos da» justiça.

Maravilhoso espirito de oração.

Pie. Sendo tao grande os exemplos que o conde nos deixou de todas as virtudes christãs, o da sua oração foi o maior de todos. Ainda nos Egyptos e nas Thebaidas se acha difficultosamente memorias de oração tão continuada. Levantava-se o conde cedo, verão e inverno: punha-se logo em oração, que só se interrompia ou se accrescentava com a missa; e assim estava orando até que lhe davam recado para comer. Da mesa tornava para o oratorio, onde continuava toda a tarde; e as primeiras horas da noite: não saía senão obrigado da cortezia a tomar alguma visita, o que era poucas vezes: porque os validos de Deus são menos importunados que os dos principes. Depois da ceia voltava para a oração, da qual ordinariamente se não recolhia menos da meia noite e muitas vezes depois. Todo este tempo gastava este Henoch orando, sem mais variedade que passar da oração mental á vocal: a postura do corpo sempre de joelhos, a almofada uma cortiça. Tão simples, tão penitente, tão alheio de todo o fausto era a devoção d'este illustre anachoreta. Só no altar se mostrava sua grande riqueza; porque era um thesouro: mas que muito, se n'elle tinha o coração!

Pode-se dizer sem metaphora que orava sempre.

Uma das notaveis advertencias que Christo deu a seus discipulos foi: que é necessario orar sempre: *Oportet semper orare.* Para este preceito ou conselho ser de alguma maneira practicavel, são infinitas as interpretações que lhe dão os expositores: só o conde soube interpretar este texto, e elle mostrou ao mundo que não era impossivel o guardar-se assim como sôa. Sem metaphora e sem nenhum encarecimento se póde dizer que sempre orava: nenhum dia houve que descesse a sua oração de oito a dez horas, muitos que passou de quatorze. De um Hilarião e de um Macario fôra admiravel exemplo este; que será em um conde de Unhão, casado, rico, illustre e com muita parte da vida moço e com os cuidados de tão grande casa! Apprendam aqui os que tomam por escusa de se darem menos a Deus, as attenções da casa e do estado: nenhum governou a sua melhor que o conde; e sobravam-lhe tantas horas para Deus. Que grandes são os dias que se gastam bem! Tão vivos como isto gastou todos os seus o nosso Henoch:

vêde se posso dizer com verdade que os viveu todos: *Vixit Henoch sexaginta quinque annis.*

Os mais annos que viveu Henoch não descompõi este parallelo.

Só me podem arguir os mais escrupulosamente doutos, que esta similhança da edade d'este Henoch, ainda que vem tão medida e tão ponctual n'esta parte, no demais não guarda proporção: porque Henoch, como diz o mesmo Texto, viveu na terra não só aquelles sessenta e cinco annos, mas outros muitos. Facilmente podera socegar o escrupulo com os privilegios das similhanças, que não teem obrigação de ser em tudo correspondidas e eguaes: mas esta que parece desegualdade e differença, foi a maior propriedade e a maior energia da nossa similhança.

Os sessenta e cinco do conde egualaram todos os de Henoch.

Não viveu o conde mais que sessenta e cinco annos: mas nos sessenta e cinco egualou todos os annos de Henoch; e porque? Porque cada dia da vida do conde, não foi um só dia, foram muitos. Os dias que se occupam, como o conde os occupava em louvar a Deus, não são dias que se compoem de horas; são dias que se compoem de «annos». O tempo deante de Deus corre d'outro modo «porque não se medem pelo curso do sol, medem-se pelos merecimentos da alma.

Em pouco tempo se póde viver muito. Sap. 4

Consummatus in brevi explevit tempora multa: diz o Espirito Sancto no livro da sabedoria fallando do justo que morreu de morte immatura: Em pouco tempo acabou elle a carreira de muitos annos. Mas se o tempo era pouco, *Consummatus in brevi;* como os annos podiam ser muitos, *Explevit tempora multa?* Porque assim como ha meninos de cem annos; assim ha velhos de pouca edade. Temos notado que a vida humana naturalmente considerada se compõi de tres vidas: a vegetativa, a sensitiva e a racional. Ora vêde: estas tres vidas se acham entre si em tal relação, que as duas primeiras, com que nascemos, crescemos, envelhecemos e morremos, mede-as este sol material com o seu gyro annuo e diurno; mas a terceira não tem outra medida que a do eterno Sol de justiça: por isso o seu curso raras vezes acompanha o das primeiras, mas ora se adeanta, ora se atraza, segundo se deixa levar com maior ou menor intensidade e numero de actos de amor pela attracção de seu Sol e mais ou menos se chega, por assim dizer, á roda da sua eternidade. É o caso do nosso conde» e assim não é muito que nos seus sessenta e cinco annos egualasse estes e todos os de Henoch: *Henoch vixit sexaginta quinque annis.*

Henoch pae de Mathusalem e o primeiro conde da casa de Unhão.

III. *Et genuit Mathusalam.* Uma cousa teve singular Henoch entre todos os homens, e foi que aos sessenta e cinco annos de sua edade lhe deu Deus um successor que foi Mathusalém, no qual se perpetuou sua casa por tão comprida successão de annos, que nem antes nem depois d'elle houve quem chegasse

a tantos. Este é o premio com que Deus paga, ainda n'este mundo, aos grandes d'elle: que a virtude dos progenitores seja a segurança da successão e a perpetuidade das casas. Por isso vêmos tantas ou cortadas no meio da sua duração, ou abortadas em seu nascimento e primeiro caídas que levantadas. As casas podem-nas fazer os reis; a successão só a póde dar Deus e dá-a só a quem é servido; e serve-se de a dar aos que o servem. Esta grande ventura se póde prometter desde hoje á sua illustrissima casa de Unhão nos merecimentos do seu primeiro conde: foi como Henoch sua vida, será como Mathusalém sua successão.

Compara-se David o primeiro rei entre os ascendentes de Christo.

Começa a contar S. Mattheus a genealogia de Christo e descendencia da casa de Jacob e diz assim: Livro da geração de Jesus Christo, filho de David, filho de Abrahão. Abrahão foi primeiro que David não menos que quatorze gerações. Pois porque se não diz em primeiro logar, filho de Abrahão, senão, filho de David? Duas razões entre outras dão os expositores. Primeira; porque ainda que Abrahão foi o que fundou a casa, David foi o primeiro que metteu n'ella o titulo: *Jesse autem genuit David regem: David autem rex genuit Salomonem*. E por que foi o primeiro que metteu na casa o titulo, deu-lhe o evangelista o primeiro logar, ainda antes do mesmo fundador; por que esse é o que se lhe deve. E para que nem esta prerogativa lhe faltasse ao nosso conde, foi elle o primeiro que metteu na casa o titulo; e assim se chamará d'aqui por deante o primeiro de Unhão.

Perpetuam ambos a sua successão.

Esta razão é de Ruperto: mas a que a mim mais me serve e mais fundada na historia sagrada é esta. Antepõi-se David a Abrahão na genealogia de Christo, porque ainda que o merecimento de Abrahão a fundou, a virtude de David a estabeleceu: Abrahão deu-lhe o fundamento, David deu-lhe a perpetuidade. Mil vezes havia Deus de acabar com a casa de Jacob: no tempo de Salomão, no tempo de Jeroboão, no tempo dos outros descendentes d'ella, menos lembrados de seus avós e de suas obrigações: mas sempre teve mão n'ella a memoria de David: *Et propter David servum meum*. Os alicerces da casa de Jacob foram os ossos de David. Depois que assentou sobre elles sua successão, sempre esteve firme e o ha de estar até o fim do mundo. Ditosa casa a que hoje se vê fundada sobre os ossos de um David tão servo de Deus! Aquelle sepulchro são as bases de sua firmeza; e por esta prerogativa se lhe deve e se lhe deverá sempre o primeiro logar, não só sobre todos os que lhe succederem depois, mas acima de todos os que foram antes: *Filii David, Filii Abraham*.

Zelo que tinha o conde do culto divino.

Mas por que merecimentos? Todos os do conde não só podem fundar a esperança d'esta seguridade, mas teve alguns particulares a que singularmente é devida. Uma das obras em que luzia a christandade e piedade do conde era o zelo e cuidado que tinha do culto divino na fabrica e ornato dos templos. Nas suas commendas e logares de que era senhor reparou muitas egrejas que estavam arruinadas; ornou e proveu outras que estavam menos decentemente servidas; e algumas levantou e edificou desde seus fundamentos. A quem tão solicito era em edificar casas a Deus, como lhe póde faltar Deus em estabelecer sua casa? Cada pedra que poz na casa de Deus é uma columna que accrescentou á sua. Ninguem melhor edifica casa para si que quem levanta templos para Deus. Na mesma metaphora me parece que o quiz Deus mostrar n'esta vida ao conde. Não conto nem qualifico milagres: fallo no que agora direi, como em tudo o mais, pelos documentos que me foram dados.

Caso milagroso de uma sua jornada.

Indo o conde para Ourique no anno de 1638, sobreveio-lhe a noite no campo escura e chuvosa de maneira que elle e os que o acompanhavam perderam o caminho. No meio d'esta perplexidade descubriram ao longe uma luz: seguiram-na, chegaram, apearam-se: acharam uma casa com porta aberta; n'ella uma candeia accesa, lenha, pão, vinho e algumas d'aquellas verduras do Egypto, por que suspiravam os filhos de Israel, com tudo o que era necessario para se guizarem. Mas nem então, nem em todo o tempo que alli estiveram appareceu pessoa alguma. Comeram os criados e descançaram: o conde tambem comeu e descançou; porque passou toda a noite em oração, que era o seu manjar e o seu descanço. Amanheceu, reçonheceram a casa e acharam que era uma ermida de Sancto Antonio. Sairam, cerraram uma porta sobre a outra; pozeram-se a caminho; mas a ermida não appareceu mais até o dia de hoje. Voltou o conde a buscal-a pelos mesmos passos, fizeram-se diligencias pelos logares vizinhos; e ninguem houve que visse tal ermida, nem tivesse tido noticia d'ella. Eis aqui quão segura tem a correspondencia, quem tem cuidado das casas de Deus. David dizia: *In terra deserta et invia et inaquosa, sic in sancto apparui tibi:* eu, senhor, orava no deserto como no templo. O mesmo fazia o nosso David; mas experimentou maiores favores na correspondencia. David orava no deserto e no templo; mas Deus não lhe levava o templo ao deserto: esta fineza estava guardada para o nosso David. Vêde se lhe conservará a casa quem lhe dava a sua. Seguramente se póde prometter á casa e successão do conde os annos de Mathusalém: *Et genuit Mathusalam.*

O andar de um e outro Henoch com Deus.

IV. *Et ambulavit Henoch cum Deo:* andou Henoch com Deus. Se todos poderam comprehender o fundo d'estas palavras, eu me dera por muito contente com dizer que encheu o nosso Henoch o sentido d'ellas. Que quer dizer: *Ambulavit cum Deo;* andou com Deus? Não se póde isto explicar senão pelo seu contrario. Os que andais com o mundo que fazeis? Todos os vossos passos, todos os vossos cuidados, todos os vossos pensamentos, todas as vossas acções, todas as vossas diligencias são do mundo e para com o mundo. Trocae agora o mundo em Deus: tal era o nosso Henoch: *Ambulavit Henoch cum Deo.* Todo de Deus, todo para Deus, todo em Deus, todo com Deus. Quem buscou nunca o conde de Unhão que o não achasse com Deus? Que faz o conde? Está no oratorio. Em toda a sua casa esta era a sua casa: alli estava, porque alli estava Deus; e quando d'alli saía, ou quando d'alli o tiravam, que nunca era senão forçado, mudava o logar, mas não mudava a companhia: *Ambulavit cum Deo.* Se caminhava, andava com Deus; se conversava, fallava com Deus; se obrava, fazia-o por Deus; se padecia, referia-o a Deus; se alegre, com Deus se alegrava; se triste, com Deus se entristecia; se alliviado com Deus se consolava. Em todo o logar, em todo o tempo, em todo o estado com Deus. Com Deus de dia, com Deus de noite; com Deus em casa, com Deus na côrte e com Deus no monte. Com Deus no trabalho e com Deus na prosperidade, com Deus na saude e com Deus na infermidade; com Deus na vida e com Deus na morte; sempre com Deus e todo com Deus. A memoria com Deus, porque só de Deus eram as suas lembranças: o intendimento com Deus, porque só de Deus eram os seus pensamentos: a vontade com Deus, porque só de Deus eram os seus affectos. Henoch quer dizer *dedicado:* os outros homens emprestam-se a Deus; o conde dedicou-se a Deus: *Ambulavit Henoch cum Deo.*

Sua castidade.

D'este andar com Deus do nosso conde «se derivou aquella pureza tão exemplar de seus costumes». Foi tão casto o nosso conde em sua vida que casando de mais de quarenta e cinco annos de edade e morrendo a sessenta e cinco, nem antes das vodas manchou a castidade, nem depois d'ellas a continencia. Fique á consideração de outros qual foi maior victoria, se chegar casto ás vodas, se continente á sepultura. Eu só digo que entre os gloriosos tropheos com que tantos famosos varões d'esta illustrissima casa a engrandeceram, este é o que mais a illustrou e o de que mais se deve honrar.

Porque pendurou Judith no templo o pavilhão de Holoferne e não, como David, a espada?

Cortou Judith a cabeça a Holofernes com sua propria espada, e tirando o pavilhão da cama em que jazia, diz a Escriptura

Sagrada que o dedicou no templo: *Conopeum in anathema oblivionis*. Isto que fez Judith com Holofernes, fez David com o gigante, cortando-lhe com sua propria espada a cabeça: mas David dedicou a espada no templo. Pois se David dedicou a espada no templo, porque matou o gigante com suas proprias armas; Judith porque não dedica no templo a espada, senão o pavilhão? Porque o pavilhão era trophéo da pureza e a espada era tropheo do valor; e são muito mais gloriosos os tropheos da pureza que os da espada. Não houve mais gloriosa victoria no mundo que a de Judith: libertar uma cidade, pôr em fugida um exercito, uma só mulher, como um golpe de espada e espada do mesmo inimigo, é o mais a que póde chegar a imaginação; e no meio de todas estas circumstancias de valor e ventura, pendura no templo o pavilhão de Holofernes e não a espada; porque teve Judith por maior victoria o sair casta, que o sair vencedora. Considero eu esta illustrissima casa carregada de tropheos, como o templo de Jerusalem e como o de Babylonia: mas se lermos os nomes dos famosos heroes que os trouxeram a ella, acharemos que todos foram grandes, mas este maior que todos os outros: os outros penduraram as armas de Golias; este o pavilhão de Holofernes.

A castidade do conde devida á sua devoção á Eucharistia. Rarissimo exemplo d'esta devoção.

V. Mas esta victoria tão grande e tão rara mereceu o nosso Henoch «porque andou sempre com Deus: *Ambulavit Henoch cum Deo* e sobretudo porque o acompanhou escondido debaixo das especies da Eucharistia». Quando o Sacramento estava exposto testimunhas são os olhos de todo Portugal da ponctualidade com que o conde o acompanhava, não por uma hora, mas por muitas e por dias inteiros sempre de joelhos, sem se assentar jámais nem ainda no sermão. Grande exemplo de christandade; e muito mais na devassidão de nossos tempos. Mas alfim isto era acompanhar a Deus na presença. O que eu acho de muito n'esta materia é que não só acompanhou o nosso Henoch a Deus na presença, senão nas ausencias. Para prova d'esta fineza nos deixou o conde um exemplo tão raro e extraordinario, que poucos sanctos se acharão de que se leia maior nem ainda simillhante. Succedeu em Portugal no anno de 1614 o caso vulgarmente chamado do Porto; quando n'aquella cidade desappareceu de um sacrario o Sanctissimo Sacramento com circumstancias de violencia e rapto. Sentiu-se no reino a desgraça como era razão; e o conde que então era de vinte e septe annos (quem tal cuidara de tal edade!) desde aquelle dia se condemnou não a jejuar mas a não comer totalmente desde a sexta feira até o domingo; passando dous dias naturaes sexta e sabbado sem mantimento algum em todas as semanas; e as-

o guardou por todo o resto da vida, que foram trinta e nnos. Só este caso, quando a vida do conde não tivera bastara para o fazer immortal nos annaes da piedade

.ı propheta David em cujo espirito e o do nosso Henoch grande similhança, tambem se condemnava a jejum nas .sencias de Deus: *Fuerunt mihi lacrymae meae panes: dum dicitur mihi quotidie: Ubi est Deus tuus.* Quando me dizem: Onde está teu Deus? as minhas lagrimas são o meu pão e não como outro. Grandes palavras, e mais proprias no nosso caso que no de David! Pois porque se condemna o nosso David á fome, quando lhe desapparece Deus sacramentado? Porque d'esta maneira o podia acompanhar «melhor» na ausencia. Seguia a Deus sacramentado n'esta ausencia, como segue a fome ao pão: em quanto ausente, saudoso, em quanto manjar, faminto: *Fuerunt mihi lacrymae meae panes.*

Compara-se com David. *Ps.* 41

E por quanto tempo? «Por trinta e oito annos». Que o nosso David fizesse estas demonstrações em quanto estava fresca a memoria d'aquella desgraça, fizera o que fizeram as egrejas, o que fizeram as religiões, o que fizeram as almas mais piedosas d'este reino. Mas que continuasse em um rigor tão extraordinario trinta e oito annos inteiros? Grande resolução. Aperto ainda mais o caso. O corpo de Deus sacramentado não persevera debaixo das especies de pão, senão em quanto ellas se conservam incorruptas. D'aqui se segue, que ainda que o sacrilego póde fazer o roubo, não o póde conservar por muito tempo; porque segundo as experiencias da philosophia em menos de um anno se corrompem naturalmente as especies em quantidade tão subtil como a de uma hostia. Ora vêde quão ponctual foi o nosso Henoch em acompanhar a Deus na ausencia. A ausencia de Deus durou um anno; a companhia que lhe fez o conde durou trinta e oito. O tempo póde acabar a presença sacramental, porque dependia dos accidentes de pão que são corruptiveis; mas o sentimento do coração do conde não o póde acabar nem diminuir o tempo, porque dependia do seu amor que era immortal. No Sacramento acabou-se a offensa, porque se acabaram as especies: no coração do conde não se acabou a dôr, porque se não acabou a memoria da offensa: no Sacramento já o conde não tinha que acompanhar, porque já Deus não estava alli: mas o seu amor era tão fino, que depois de não ter que acompanhar, ainda fazia companhia. Como na lembrança do conde sempre estava Deus offendido, por isso em seu corpo nunca deixou de ser aquella offensa castigada.

Passa por 38 annos dous dias em jejum natural em desagravo do roubo sacrilego de 1614.

Diz o Espirito Sancto que conservou a Henoch para prégar pe-

A penitencia que ha de prégar Henoch e a que prégou o conde.

nitencia ao mundo: *Ut det gentibus poenitentiam:* assim intendo que quiz Deus dar em nossos tempos o conde para prégador da penitencia. Castiga um conde sancto um peccado alheio em si com trinta e oito annos de penitencia, jejuando dous dias em cada semana sem comer; que deve fazer cada um pelos peccados proprios! Aquelle roubo do Sanctissimo Sacramento ou se póde considerar como peccado ou como desgraça: se como peccado, era do sacrilego que o commetteu; se como desgraça era commum de todo o reino. E que pague um homem o peccado alheio como se fôra delicto proprio; que faça penitencia pela desgraça commum, como se fôra particular? Grande pensão! Dizia el-rei David a Deus: *Ab alienis parce servo tuo:* Senhor, perdoae-me os peccados alheios. E que razão póde haver para que uma alma peça perdão e faça penitencia pelos peccados alheios? A mais fina de todas. Porque o peccado alheio, ainda que não é culpa minha, é offensa de Deus; e para me doer muito o peccado não é necessario que seja eu o culpado: basta que seja Deus o offendido. Este era o motivo da penitencia do conde; puramente por ser offendido Deus. Os outros homens na penitencia que fazem, sempre levam o interesse do perdão; o conde tinha sentimentos de penitente sem os interesses de perdoado.

O verdadeiro amor de Deus paga tambem pelos peccados alheios.

Se tiveramos verdadeiro amor a Deus, qualquer peccado commum havia de ser para nos peccado original. O peccado original foi peccado de um e pagam-n'o todos. Assim o fez o conde n'este caso. Pagou o furto da arvore da vida, como pagamos o furto da arvore da sciencia. Adão furtou da arvore da sciencia, e paga-o todo o genero humano: o sacrilego furtou da arvore da vida, e pagou-o o conde, como se fosse para elle peccado original: *Quae non rapui tunc exsolvebam.* Quando Adão roubou a arvore da sciencia, quiz Deus que se lhe satisfizesse aquelle peccado; para isso escolheu seu Filho. Da mesma maneira, quando aquelle sacrilego roubou a arvore da vida, quiz Deus que se lhe satisfizesse o peccado; e para isso escolheu o conde. Parece que não achou em Portugal quem fosse mais filho seu. Apartemo-nos já d'aqui, que não sei sair d'este passo.

O andar com Deus de Henoch antes e depois de ser pae. S. Chrysostomo. Assim o Conde.

VI. *Et genuit filios et filias: ambulavitque cum Deo:* teve Henoch filhos e filhas e andou com Deus. Reparou advertidamente o cardeal Caetano (e já antigamente tinha feito o mesmo reparo S. João Chrysostomo) que repete o Texto duas vezes: Que andava Henoch com Deus: *Ambulavit Henoch cum Deo; et genuit filios et filias; ambulavitque cum Deo.* Pois não bastava dizer uma só vez: Que andava Henoch com Deus? Não, porque falla o Texto de Henoch em differentes estados: um an-

tes de ter filhos e filhas; outro depois de os ter; e como os homens ordinariamente ccm a mudança de estado mudam tambem os costumes, repete a Escriptura em grande louvor de Henoch. Que antes e depois andou com Deus, para que intendessemos que era tão egual e constante a virtude d'aquelle grande varão, que em todo o tempo e em todo o estado foi sempre o mesmo: antes com Deus e depois tambem com Deus. Das virtudes do conde de Unhão podemos dizer o que disse S. Jeronymo das de Nepociano no seu epitaphio: *Ita in singulis virtutibus eminebat, quasi caeteras non haberet*: cada uma era tão grande, como se não tivesse outra. Todas eram maiores: mas na minha opinião ainda era maior que as maiores uma que se compunha de todas ellas. E qual era ella? Aquelle theor de vida, aquella uniformidade de costumes, aquella consonancia e egualdade de acções em todo o tempo, em todo o estado e por tantos annos sempre a mesma. Esta era a maior excellencia do nosso segundo Henoch ou do nosso Henoch sem segundo.

A sua vida foi sempre da mesma côr. Seneca.

Dizia Seneca (que o soube muito bem dizer, mas não o soube obrar, porque è mais difficultoso), dizia, que as acções dos homens haviam de ter tal consonancia, que toda a sua vida fosse de uma côr: *Ut ipsa vita unius sine actionum dissensione coloris sit*. Os homens, como somos camaleões da vaidade, mudamos a côr a cada mudança de vento: quantos são os ventos de que nos sustentamos, tantas são as côres de que nos vestimos. A maior cousa que póde fazer um homem, é ser um: *Magnam rem puta unum hominem agere*. Cada homem ordinariamente é tantos homens, quantas são as differenças da edade ou as mudanças da fortuna a que o leva o tempo. Portae-vos de tal maneira, sendo o mesmo, que vos possam todos louvar, ao menos que vos posssam conhecer: *Effice ut possis laudari, sin minus agnosci*. Discretamente dicto e verdadeiramente: porque somos os homens tão pouco parecidos na vida, não já uns com os outros, senão cada um comsigo mesmo, que se nos houveram de conhecer pelas acções como pelas feições, de um dia para o outro não houvera quem nos conhecera. De um homem que vistes hontem podeis hoje perguntar com muita razão: Este quem é? Porque já hoje não é o que hontem era. Ainda as vidas dos que tractavam de sua salvação, bem se sabe os altibaixos que padeceram e as tempestades em que se viram. Umas vezes tão altos que parece estavam no céu; outros tão baixos que lhe faltava pouco para cairem no inferno. Não assim o nosso Henoch. Sancto na mocidade, sancto na edade maior e na velhice sancto.

Variedade que ha na vida de outros.

Homens ha e grandes homens, que se lhes cotejarmos a mocidade com a velhice, parecem duas ametades de vidas differentes. Saul na mocidade innocente e na velhice vicioso. Manassés na mocidade peccador e na velhice justo. Se da mocidade de Manassés e da velhice Saul se fizera um homem pessimo; da mocidade de Saul e de velhice de Manassés fizera-se um homem sancto. Mas estas ametades ajunctam-se difficultosamente em um Henoch.

Por isso salvou elle todas as suas edades.

D'aqui infiro eu uma não vulgar consequencia em honra da boa memoria do nosso conde; e é que não se salvou uma só vez, como os outros homens, mas muitas. Para intelligencia d'este pensamento supponho com os philosophos, que os homens principalmente de edades largas, morrem muitas vezes, porque uma edade é morte da outra. A adolescencia é morte da puericia; porque acabamos de ser meninos: a juventude é morte da adolescencia; porque acabamos de ser mancebos; e assim vamos morrendo a todas as edades. E quem ha n'este mundo que em todas estas mortes se salvasse? Esta é a grande excellencia do nosso conde que se salvou em todas. Não só salvou a alma na morte, salvou todas as edades na vida. Salvou a puericia; porque em menino foi um anjo. Salvou a adolescencia; porque eu moço não teve mocidade. Salvou a juventude; porque mancebo era velho na madureza. Salvou a edade varonil; porque varão, foi varão perfeito. Salvou finalmente a velhice; porque n'ella pôz a corôa a todas as edades. Nós contentamo-nos com uma salvação: o conde foi tão ambicioso de se salvar, que se não satisfez senão com muitas salvações; e alcançou de Deus tanta graça, que lhe concedeu todas.

Texto notavel de David. *Ps.* 27

«Considerando David os perigos de que Deus o salvara na perseguição de Saul, cantava: É o Senhor que com a sua protecção obrou as salvações do seu Ungido»: *Protector salvationum Christi sui est.* Notae que não diz Salvação se não Salvacões, *salvationum*; porquelles de quem Deus tem especial protecção, *protector*; aquelles a quem Deus fortalece com abundantes uncções de sua graça, *Christi sui;* não lhes concede uma só salvação senão muitas salvações: *Protector salvationum Christi sui.* Vêde o estylo que Deus guarda na salvação ordinaria dos homens. O officio de Deus é salvar: *Deus noster Deus salvos faciendi:* mas quando salva com privilegios particulares aos que muito ama, não lhes dá uma só salvação, senão muitas: não os salva só na morte, salva-os em toda a vida. Oh ditosos os que assim se salvam? Quem se contenta a se salvar uma só vez, muito se arrisca a não se salvar nenhuma. Querer salvar-se na morte, é temer o inferno: salvar-se em toda a vida, isso é amar a Deus. Quem

se salva só na morte, quando muito, foge para Deus: quem se salva em toda a vida, esse é só o que anda com Deus: *Ambulavitque cum Deo.*

Não sabemos onde se escondeu Henoch. Escondimento do Conde.

VII *Et non apparuit.* «Escondeu-se Henoch por obra sobrenatural e atégora não sabemos onde se escondeu: só sabemos que de novo ha de apparecer no fim do mundo para prégar a penitencia aos homens que serão todos seus descendentes por ter elle sido bisavô de Noé. Assim, pois, um varão de tão grandes merecimentos ha mais de cinco mil annos que vive e não apparece: *Non apparuit.*» N'estas palavras temos a acção do maior valor que o conde fez em sua vida: *Non apparuit.* Ninguem podera apparecer mais nem melhor no reino onde nasceu que o conde de Unhão, por qualidade, por «opulencia», por grandeza, por parentes, por valias, por tudo. E que tivesse animo para viver retirado, que tivesse valor para não querer apparecer? Bem sei que ha de ter o nosso Henoch mais invejosos depois da morte, que imitadores na vida: mas por isso Henoch se salva e tantos se perdem.

Como se salvou Henoch no tempo do diluvio e como se salvou o conde do diluvio dos vicios que alaga a terra.

Questão curiosa é e não tractada, onde se salvou Henoch no tempo do diluvio? O paraiso terreal estava no mundo e o diluvio o alagou todo; pois onde e como se salvou Henoch? Onde e como se salvou não se sabe: Só se sabe que desappareceu e que «por isso» se salvou. Que fizeram os homens quando se alagou o mundo com o diluvio? Nos primeiros dias passaram-se dos quartos baixos para os altos: iam crescendo mais as aguas; subiam-se dos altos aos telhados: alagavam-se tambem os telhados, subiam-se ás torres: alagavam-se as torres, passavam-se os que podiam ás montanhas: sossobravam finalmente as montanhas, subiam-se ás arvores e aqui não havia já para onde subir e aqui se afogavam. «Triste imagem do que acontece no diluvio de vicios que alaga a sociedade». Todos se querem salvar a subir, ninguem se quer salvar a desapparecer. «Todos se querem salvar a subir a maiores honras, a maiores riquezas, a maiores liberdades. Ninguem se quer salvar a desapparecer para esconder-se ou com Henoch no paraiso terreal da oração, ou com Noé na arca mystica da penitencia; e assim todos se afogam.» Por isso o conde se salvou como Henoch, porque desappareceu. Que pouco afogado se havia de achar na hora da morte! Que pouco embaraçada sua consciencia! Não lhe haviam de causar escrupulo, nem os creados a quem pagou com o serviço d'el-rei; nem os parentes que despachou só por serem parentes; nem os amigos que grangeou e a que aproveitou, só por serem amigos: nada d'isto. Tractou só de ser presidente de suas potencias, governador de sua alma, vice-rei de suas paixões, que

sempre teve sujeitas. O seu cuidado era segurar bem o ver a Deus e não tractar de ser bem visto dos reis. Mas nem isto lhe faltou: antes alcançou com o seu retiro o que ninguem com as suas negociações.

O mesmo rei chora a morte do Conde como Christo a de Lazaro. *Joan.* 11 *Luc.* 00

Quando deram a sua majestade a noticia da morte do conde, não só disse grandes cousas do muito que o estimava por seu sangue e virtudes, mas viram-se-lhe a sua majestade correr as lagrimas. Outros chegaram a ser bem vistos dos reis: mais é chegar a ser bem chorado. Os olhos teem dous officios, ver e chorar: mas nos reis teem pouco exercicio estes dous officios dos olhos: o ver a poucos, o chorar por ninguem. O nosso conde não procurou na vida a lisonja de ser bem visto, e alcançou na morte a fineza de ser bem chorado do rei. De ninguem julgaram os homens publicamente que era amado de Christo, senão Lazaro: *Ecce quomodo amabat eum.* Pedro foi bem visto: *Respexit Petrum*: mas Lazaro foi bem chorado: *Lacrymatus est Jesus*: que é o maior testimunho de amor. Muito foi ser bem visto Pedro, depois de caido da graça: mas nos olhos do principe vai muito de ver ao chorar. O ver em Christo foi piedade: o chorar não póde ser senão amor: *Ecce quomodo amabat eum.* Assim merece quem assim desapparece: *Et non apparuit.*

Morrendo um e outro Henoch ao mundo souberam acabar a vida antes de morrer. *Ps.* 77

VIII *Quia tulit eum Deus*: porque o levou Deus. Uma cousa singular teve Henoch, que não acontece aos outros homens; e foi que o levou Deus antes da morte. Aos outros homens leva-os Deus quando morrem: a Henoch levou Deus antes de morrer. As mais das cousas que atégora tenho dicto do nosso conde são dignas de admiração: o que agora direi é dignissima de imitação; e quizera que todas a imitaramos; e qual foi? Ser tão discreto, que soube acabar a vida antes de morrer. Henoch ainda não morreu e já acabou a vida. Assim foi o conde. Soube acabar a vida antes de morrer. Oito annos antes de morrer fez seu testamento, compoz todas suas cousas, confessou-se geralmente uma e muitas vezes, como se o tiveram avisado! Oh que grande discrição esta! Não se referem nas conversações os versos do conde, nem nas academias se allegam os seus discursos politicos: mas eu o tenho per um dos discretos juizos que deu Portugal na nossa edade. Os outros teem o intendimento na lingua; o conde teve o intendimento nas mãos: *In intellectibus manuum suarum deduxi eos*: levou-os pelo intendimento de suas mãos. Não se prezou o conde de ser discreto de lingua: mas tractou de ser intendido de mãos; e por isso foi mais discreto e mais intendido que todos.

Morrer d'este modo ao mundo seja o fructo do sermão.

Ora, christãos, seja o fructo d'este sermão passarmos o in-

tendimento ás mãos e acabar a vida antes de morrer. O morrer é apartar-se a alma do corpo; o acabar a vida é o preparar a alma em quanto está no corpo. Se agora nos tomara o pulso «uma mortal infermidade e nos tirara toda a esperança de vida» que haviamos de fazer? Não ha duvida que nos haviamos de confessar muito exactamente «e com grande arrependimento dos nossos peccados». Pois porque não faremos por prudencia o que haviamos de fazer por força? Porque ha de poder mais comnosco a infermidade que a razão? De maneira que, porque Deus nos faz mercê da vida, deixamos o que haviamos de fazer, se elle nol-a tirara? É possivel que não ha de poder nada comnosco a fé de duas eternidades, uma de bens e outra de males? É possivel que tanto nos hão de arrastar os corações as esperanças dos enganos d'este mundo, que só se sentem quando teem passado? Olhae para alli: vedes aquellas honras, grandezas, vaidades: tudo alli pára: *Tulit eum Deus;* e elle que levou comsigo? Nada: tudo cá ficou. Pois se tudo cá ha de ficar e tudo acaba; porque não acabaremos com o mundo, antes que elle acabe comnosco? Porque não iremos a Deus, antes que elle nos leve? Ora, christãos, seja assim: procuremos viver de maneira que todos os annos de que morrermos sejam de vida: *Vixit Henoch sexaginta quinque annis.* Procuremos andar com Deus de maneira que não percamos o passo no caminho de sua lei: *Ambulavit cum Deo.* Procuremos desapparecer dos olhos do mundo e de tudo o que a elle nos póde prender e arrastar: *Et non apparuit.* «Procuremos finalmente intender que resolução tão prudente é acabar a vida antes da morte e depois esperar por ella: *Et tulit eum Deus:* e assim imitando em tudo o Conde de Unhão, alcançaremos como elle a vida eterna. Amen.»

(Ed. ant. tom. 15, pag. 306; ed. mod. tom. 5, pag. 91.)

SERMÃO DAS EXEQUIAS DO PRINCIPE D. THEODOSIO

PRÉGADO NO COLLEGIO DA COMPANHIA DE JESUS DE S. LUIZ DO MARANHÃO

Observação do compilador:—A pathetica e eloquente sublimidade com que começa este sermão, é mais facil sentil-a que explical-a. Não sei se se póde achar mais perfeito modelo em tal genero oratorio. Ainda mal que o corpo do sermão está só em apontamentos. Trasladei-os, comtudo, por tres razões: primeira, para que se intenda que trabalho aturaria o auctor nos ultimos annos de sua vida para extender os outros sermões que achou no mesmo estado: segunda, para que os oradores tenham n'este sermão um modelo de como se devem preparar para fallar em publico, quando não podem escrever todo o sermão: terceira, porque este esboço dos louvores do principe D. Theodosio faz das suas virtudes um quadro tão encantador, que escusa qualquer outro elogio mais desenvolvido, que não fosse da penna do proprio Vieira. Da sua extensão confessa o mesmo auctor, escrevendo ao bispo do Japão, que se podiam fazer septe ou oito sermões.

Dominus, dedit, Dominus abstulit, sicut Domino placuit ita factum est: sit nomen Domini benedictum.
Job. 1.

Que cumprido foi o anno que correu depois da morte do principe.

Hoje principe Theodosio (não vos nomeio com apparatos de titulos majestosos, porque esse nome simplesmente pronunciado é para mim, e será sempre para todos os que vos conheceram, o maior titulo, o maior elogio, a maior veneração e grandeza). Um anno faz hoje que o céu que vos tinha dado ao mundo, vos tornou a levar, e que deixastes em tanta tristeza e desolação o reino e os vassallos para que nascestes. Digo que faz hoje um anno, porque assim o contam os que medem o tempo pelo tempo; mas para vós no céu, que medis os annos pela eternidade, e para nós na terra, que o medimos pela dôr, nem lá fazem numero, nem cá o tem. Oh que breve anno! Oh que dilatado anno! Que breve para a vossa gloria, que dilatado para as nossas saudades! Julgae se é bastante a causa da differença: vós com Deus, e nós sem vós!

Como haviam de sentir mais esta morte os que ouviram a sua noticia de longe.

Geraes são estas razões, senhor, em todos os vassallos que vos perderam; mas em nós que choramos vossa morte de tão longe, ainda tem mais fortes circumstancias a nossa dôr, porque levámos a perda sobre a distancia. Que mal philosophar

dôr e do amor, os que lhe deram por defensiva a ausencia! Quem armou o Amor com arco e não com espada, quiz dizer que na distancia seria mais; o amor não é união de logares, senão de corações; a dôr na presença reparte-se entre os sentidos, na ausencia recebe-se só na alma, e toda a alma; a dôr na presença tem o assistir, tem o servir, tem o vêr, tem a mesma presença por allivio; a dôr na ausencia toda é dôr. Os que estavam em Portugal á vista da vossa morte, principe meu, foram bebendo a sua parte a tragos; nós levamol-a d'um golpe toda: para os de lá em um dia lhes adoecestes, em outro lhes peiorastes, em outro os desconfiastes, em outro os deixastes; para nós não foi assim. A infermidade, a peioria, a desconfiança, a morte, tudo foi n'um momento.

E muito mais os religiosos da Companhia.

Mas se por todas estas causas teve maiores circumstancias de dôr a dos vassallos d'esta conquista, qual seria em particular a d'aquelles, cujo amor era egual ás obrigações, e cujas obrigações por tantos titulos eram tanto maiores que as de vassallos? A todas as religiões amava e estimava muito o nosso principe como tão pio; mas á Companhia de Jesus, sem fallar com encarecimento, mais que a todas. Se em alguma cousa se póde advertir excesso nos affectos d'aquelle animo tão egual e moderado em todos, era só este; e para que mais lhe devessemos, dizia que não era affecto, senão razão. Como o principe era tão favorecedor das lettras e da virtude, parecia-lhe que em ambas estas qualidades tinha muito que favorecer na Companhia. Muitos exemplos podera allegar, de que fui testemunha; mas como são exemplos de comparação, não quero offender com elles a modestia de uma religião, que por se não comparar com nenhuma outra, e por reconhecer vantagens em todas, desde seus principios se chamou a minima. Este foi o nome que lhe deu Sancto Ignacio: a minima Companhia de Jesus. Com os religiosos da Companhia se confessava sua alteza; aos religiosos da Companhia consultava; pelos livros dos religiosos da Companhia lia; e se entre os menores ou maiores cuidados do estado ou do governo, havia de tomar uma hora de recreação, com os religiosos da Companhia a tomava.

E mais ainda os missionarios da mesma no Maranhão e particularmente o orador.

Muito perderam os religiosos da Companhia no principe D. Theodosio; mas nós os d'esta missão do Maranhão muito mais que todos. Como eramos instrumento dedicado mais de perto á conversão das almas, que sua alteza tanto zelava, vinhamos a ter no coração do principe o logar que este mesmo zelo tinha n'elle. Eu em particular posso affirmar de mim, que ao zelo que sua alteza tinha das almas, devo todo o bem que tenho, e é todo o que podia ter, que é ser (posto que tão indi-

SERMÃO DAS EXEQUIAS DO PRINCIPE D. THEODOSIO

PRÉGADO NO COLLEGIO DA COMPANHIA DE JESUS DE S. LUIZ DO MARANHÃO

Observação do compilador:—A pathetica e eloquente sublimidade com que começa este sermão, é mais facil sentil-a que explical-a. Não sei se se póde achar mais perfeito modelo em tal genero oratorio. Ainda mal que o corpo do sermão está só em apontamentos. Trasladei-os, comtudo, por tres razões: primeira, para que se intenda que trabalho aturaria o auctor nos ultimos annos de sua vida para extender os outros sermões que achou no mesmo estado: segunda, para que os oradores tenham n'este sermão um modelo de como se devem preparar para fallar em publico, quando não podem escrever todo o sermão: terceira, porque este esboço dos louvores do principe D. Theodosio faz das suas virtudes um quadro tão encantador, que escusa qualquer outro elogio mais desenvolvido, que não fosse da penna do proprio Vieira. Da sua extensão confessa o mesmo auctor, escrevendo ao bispo do Japão, que se podiam fazer septe ou oito sermões.

Dominus, dedit, Dominus abstulit, sicut Domino placuit ita factum est: sit nomen Domini benedictum.
JOB. 1.

Que cumprido foi o anno que correu depois da morte do principe.

Hoje principe Theodosio (não vos nomeio com apparatos de titulos majestosos, porque esse nome simplesmente pronunciado é para mim, e será sempre para todos os que vos conheceram, o maior titulo, o maior elogio, a maior veneração e grandeza). Um anno faz hoje que o céu que vos tinha dado ao mundo, vos tornou a levar, e que deixastes em tanta tristeza e desolação o reino e os vassallos para que nascestes. Digo que faz hoje um anno, porque assim o contam os que medem o tempo pelo tempo; mas para vós no céu, que medis os annos pela eternidade, e para nós na terra, que o medimos pela dôr, nem lá fazem numero, nem cá o tem. Oh que breve anno! Oh que dilatado anno! Que breve para a vossa gloria, que dilatado para as nossas saudades! Julgae se é bastante a causa da differença: vós com Deus, e nós sem vós!

Como haviam de sentir mais esta morte os que ouviram a sua noticia de longe.

Geraes são estas razões, senhor, em todos os vassallos que vos perderam; mas em nós que choramos vossa morte de tão longe, ainda tem mais fortes circumstancias a nossa dôr, porque levámos a perda sobre a distancia. Que mal philosopharam da

sentença de Job ao nosso caso, acho que nem ao sentimento, nem á conformidade nos servem. Ao sentimento não, porque tem na morte do nosso principe maior causa a nossa dôr; á conformidade não, porque tem na vida do nosso principe maior exemplo a nossa paciencia. Oh grande infelicidade a nossa! Oh grande virtude a do nosso principe! Grande infelicidade a nossa, porque em materia de sentimento excedemos a Job nas causas; grande virtude a do nosso principe, pois em materia de conformidade excede a Job nos exemplos. Suppostas estas verdades, que o discurso nos irá mostrando, menos nos servirão as palavras de Job do que eu imaginava, quando as escolhi. Servir-nos-hão só de fundamento ao que havemos de dizer, e não de exemplo ao que havemos de ponderar. Até á vida e á morte do nosso principe era Job o maior exemplo da dôr e da conformidade com Deus; depois da sua vida será elle o maior exemplo da conformidade; depois da sua morte sería bem que nós fossemos o maior exemplo da dôr. *

§

A vida não se mede como os annos, senão com as obras. Por estas o principe na flôr dos annos morreu velho á imitação de Christo. (*Ps.* 87 *Dan.* 7) Provas d'este assumpto tiradas da mocidade do principe.

O certo é que Deus sabe as conjuncções, em que convem a cada um morrer. Os homens n'este mundo são como os pomos; colhe-os Deus, quando estão mais sazoados. O fructo quando está maduro, se se não colhe, cái e apodrece. Não está a felicidade em viver muito, senão em viver bem. Caso notavel é que não digam os evangelistas de que annos morreu Christo: todos se occuparam em dizer as suas obras, e nenhum em lhe contar os annos; porque não está a cousa em viver muito, senão em viver bem: viver pouco não importa nada; viver bem é o que importa. Se Deus a seu proprio Filho não deu larga vida, que muito ao nosso principe a não désse?

Mas não é este o meu pensamento. Digo que sim, teve-a o nosso principe, e que não o levou Deus moço, como cuidamos, senão muito bem logrado.

Para intelligencia d'esta verdade havemos de suppor primeiramente, que as edades do homem são septe. Infancia, etc.

A segunda cousa que havemos de suppor é que alguns homens não tomam estas edades pelo principio. Adão foi homem, sem nunca ser menino; não começou a vida pela edade da infancia, da puericia, da adolescencia, senão pela de varão per-

* *Nota do Compilador*. Não approvo estas nem outras exaggerações da presente synopsis. Comtudo não as eliminei do contexto, nem as emendei, porque n'este logar não tenho outro intento senão mostrar como o auctor compunha os seus sermões.

feito. O mesmo aconteceu a Christo: *In laboribus a juventute mea*. Como se Christo desde o presepio, ou quando menos, desde o desterro de Herodes, que era de edade de quarenta dias, começasse a ter trabalhos. Porque essa differença houve entre Christo e os outros homens; que os outros começam a vida pela edade de meninos, Christo pela edade de homem: para os outros a infancia é infancia; para Christo a infancia foi juventude: *In laboribus a juventute mea.* D'aqui se seguiu, que Christo morrendo de trinta annos, morreu muito velho: *Et antiquus dierum sedit... et capilli ejus quasi lana munda;* porque quem de quarenta dias é mancebo: *A juventute mea*, de trinta e tres annos é mui velho.

Isto mesmo digo do nosso principe. Muitas vezes lhe ouvi dizer, que dos dezoito até os vinte annos tinha a sua vida o perigo; mas não morreu por isso moço.

Demos a sua alteza, que a sua infancia fosse infancia; a sua puericia não foi puericia, a sua adolescencia não foi adolescencia: antecipou as edades de maneira, que na puericia foi homem, na adolescencia foi velho. Aconteceu-lhe ao principe nas edades, o que aos grandes engenhos nas escholas. Os grandes engenhos saltam tres e quatro classes; sua alteza saltou da infancia á edade de varão, e da puericia á edade de velho. Ora vêde quão homem e quão velho era o nosso principe n'esta edade.

Em doze annos. (A historia de D. Pedro) Deixae, não os quero conhecer pelas gerações; conhecel-os-hei pelas obras.

Era menino quem dizia isto? Se houvera um rei que só conhecesse os homens pelas obras, ditoso rei! Porque é ditoso o céu? Porque ninguem lá é avaliado, senão pelas obras. S. João e Sanct-Iago quizeram ter os logares pelo sangue, e sendo o sangue não menos que o de Christo, não os alcançaram.

Que cousa mais propria de moço, que a bizarria e a vaidade das galas? A modestia e moderação de sua alteza n'esta parte, quem o viu, que a não visse? Chegava-se o camareiro-mór á sua alteza, ainda antes de ter casa; perguntava-lhe de que seda e de que côr queria o vestido? Respondia, do que a vós vos parecer. Não era sua alteza dos principes que se governam pelo gosto e parecer alheio; mas na eleição d'estas cousas parecia-lhe que não eram dignas de subir a tribunal tão alto.

Que cousa mais de principes moços, que as festas, os saráos, os jogos? Nenhum jogo se viu jámais no quarto de sua alteza, que o das armas. Era o principe mui destro em todas, e particularmente com um montante nas duas mãos; como era tão alto de corpo, parecia um d'aquelles heróes da antiguidade, um Theseo, um Affonso o Bravo, emfim um principe, dos que ve-

mos pintados, e não como alguns dos que vemos vivos. Mas contra a gadanha da morte não ha destreza, nem armas, que defendam. Em agosto de 652 começou a lide, em 6 de fevereiro no dia dos seus annos o feriu, em 15 de maio o matou. Dez mezes durou a batalha.

Que cousa mais propria de um moço, e mais quando a edade se ajuncta com o grande poder, que a precipitação nas acções, a cholera, o agastamento, a ira? Tudo isto estava n'aquelles poucos annos, ou tão composto, ou tão vencido, que ninguem já mais viu ao principe D. Theodosio irado, ou ouviu da sua bocca uma palavra, não digo agastada, ou menos composta, mas nem ainda mais alta. Houve cortezão, que disse, que o principe era só composto de tres humores, porque lhe faltava a cholera.

Que cousa mais propria de principes moços, que a companhia e a conversação de outros da mesma edade, como os que teve Roboão, e esses não os mais modestos, nem os mais melancholicos? O nosso principe só dous generos de amigos teve, com quem ordinariamente conversava, e esses os mais fieis, e os mais verdadeiros que ha no mundo, que eram Deus e os livros. Os que entravam com liberdade no quarto de sua alteza, em o não achando, já sabiam, que ou estava no oratorio, ou na livraria. No oratorio gastava sua alteza n'estes ultimos tempos da vida tres horas todos os dias em tres tempos differentes.

De Daniel se diz, que em Babylonia adorava tres vezes cada dia a Deus, e se conta isto por grande maravilha. Quanto maior maravilha é, que na Babylonia de um paço de um principe que governava as armas, tivesse elle tres horas todos os dias para gastar com Deus! Algumas vezes estando o principe dando audiencia secreta, vi que á dissimulada mettia a mão na manga aberta, e corria por um cordão uma conta. Roguei a sua alteza me quizesse revelar o mysterio d'aquellas contas; e disse-me que tinha por devoção offerecer ao Eterno Pae seu Unigenito Filho um certo numero de vezes, e que para a noite se pedir conta, se o tinha feito entre dia, ia passando a cada acto d'estes aquellas contas. Podera fazer mais um noviço d'uma religião mui fervoroso? Vêde se daria boas contas a Deus, quem assim as trazia ajustadas. E vêde o que o nosso principe dava a Deus: os outros principes dão marmores nos templos que mandam edificar; dão brocados nos altares que mandam ornar; dão ouro e prata nas alampadas que mandam arder. Isto dão os outros; o principe que lhe dava? Dava a Deus o mesmo Deus. Oh amor, que te não contentavas senão com dadiva infinita! Que muito que não coubesses no coração, e que fizesses estalar em sangue o peito em que te dilatavas?!

Que cousa mais propria de um principe moço, que o saír a passear, o apparecer, o espairecer, o gostar de vêr e ser visto, o desempedrar as calçadas com os cavallos, com as carroças, o alvoroçar as ruas, e revolver as praças, o tirar todo o mundo ás portas, ás janellas, o ouvir os applausos, os vivas! E o principe que fazia? Ninguem o viu nunca fóra do paço, senão ou quando acompanhava a el-rei, ou agora ultimamente quando saía a desenhar as fortificações da cidade: o demais tempo estava recolhido no paço, como um capucho. Oh, senhor, que bem vos estaria o traje, quando mandastes, que depois de morto vos vestissem o habito de S. Francisco! Muitos ha que depois da morte folgam de ser capuchos no habito; vós o fostes depois da morte no habito, mas muito mais em vida nos habitos.

Finalmente para que vejais se era moço: em duas cousas se vê o maduro juizo, no casar e no morrer: no casar, porque é erro ou acerto que dura toda a vida; no morrer, porque é erro ou acerto que dura toda a eternidade.

Tractou-se por vezes no casamento do principe. E como se havia elle n'este poncto? O mais desinteressado voto de quantos entravam n'este conselho, era o seu. Porque os outros procuravam de lhe saber a inclinação, e elle nunca jámais a mostrou, e assim discorria, como se lhe não tocara. Os outros principes consultam os casamentos com os retratos, o nosso consultava-o com as conveniencias do reino; e entre as princezas que se propunham, aquella que estava melhor ao reino, essa lhe parecia melhor. Grande caso em um principe moço de dezoito annos, ou que não tivesse amor ou que o dissumulasse! Se não tinha amor, grande milagre; se o dissimulava, muito maior. Duas cousas podiam obrigar a sua alteza ao desejo das vodas: a inclinação e a consciencia. Mas que nem o affeiçoasse a inclinação, como moço, nem o obrigasse a consciencia christã, grande caso! Mas alfim, principe Theodosio, fez-vos para si, quem vos fez tão unico: as phenix não casam, porque não teem successão.

Mas como morreu esta phenix, que é o ultimo argumento do grande juizo?...

Não teve de que testar, porque todos os bens que possuia os levou comsigo. A sabedoria e a virtude não se deixam em testamento, porque se levam: e nós todos a matar-nos, pelo que se ha de deixar!

§

Os seus amigos eram aquelles dous que só acompanh[illegible] um homem a toda a parte a que vá, que são Deus e os l[illegible]

São os livros conselheiros sem respeito e sem adulação; mas d'estes mesmos não tomava senão os livros que são amigos, que tambem ha outros que são os maiores inimigos que tem a alma, que são os livros profanos. Nunca lia livros profanos, senão ou philosophicos ou sagrados; dos poetas um Homero e Virgilio, a este segundo chamava: *O meu Virgilio.*

§

Sua pureza.

Foi creado o principe no quarto da rainha nossa Senhora, como Achilles entre as damas: alli esteve até á edade de quinze annos com tal exemplo de pureza e compostura, que, quando sua majestade lhe poz casa, foi mais obrigado da decencia que do perigo. Na liberdade da casa propria mostrou sua alteza que deviamos este exemplo não á clausura, nem ao respeito d'aquelle logar, senão ao amor da virtude.

§

Sua discrição.

Com ser de tão grande engenho não tinha dictos agudos, senão assentados e judiciosos: não gostava de ironias, amphibologias, nem ainda de pinturas: tudo o que é fingimento, lhe abhorrecia. Só dos poetas gostava, porque quem mente por profissão, falla verdade e não engana. Não tinha repentes nem agudezas: senão o solido o verdadeiro. Os prégadores tinham em sua alteza o maior fiscal, e quando diziam essas subtilezas do nosso tempo, que ou encontram a Escriptura, ou torcem, ou... era grande o dissabor que tomava. O certo é que ninguem teve mais inteiro juiso nem discurso. Era grande admiração que n'um auditorio onde se ajuncta o bom de todo um reino, se temesse mais a censura de um menino de quatorze annos. O prégador ha de saber tudo, ou quando menos ha de saber de tudo, e todo este apparato de sciencias juncto só no principe de Portugal se achava.

§

Seu modo de viver e trajar.

O aposento em que sua alteza assistia, quando estava comsigo, pelo varão era como de um reformado religioso, pelo inverno tinha de mais os tapizes. Havia alli uma cama, uns livros, uma meza em que escrevia, e uma imagem de Nossa Senhora. Só parece que sobejava um cravo ou realejo, que sua alteza tocava com muita destreza e graça; mas a harmonia que mais enlevava, era a da sua vida. Dos trajes approvava o que

mais se accommodava com a mesma architectura do corpo humano, para cujo ornato foi feito. O vestido foi feito para cobrir o corpo, e não para lhe mudar a proporção, e não para lhe emendar a natureza. e não para lhe impedir as acções: e assim lhe parecia mais accommodado o que julgava mais livre — o que deixava mais livres as acções humanas. Vestidos para cobrirem os homens, e não para os prenderem. De cheiros, e de todos os outros regalos menos varonis, era inimigo. De ornar a alma era o de que tractava, e raro o dia em que lhe não vestisse alguma nova luz: *Amictus lumine, sicut vestimento:* vestido de luzes. Ditosa alma! Como vos estou vendo vestida de sol, coroada de estrellas, e com a lua debaixo dos pés! Estas são as galas de que vos vestistes: na terra cobrir o corpo; as galas para a alma.

§

Seu saber e quão demasiado. Foi este que o matou. *Rom.* 12

Aquelles animaes do carro de Ezechiel estavam cheios de olhos, e não levavam redeas: e quem ía no carro? Deus: onde ha muitos olhos sem redeas, só Deus póde governar o carro. Quaes foram os precipicios de Phaetonte? Pouco freio e muita luz. Sua alteza sabia a grammatica, a rhetorica, a poetica, a medicina: sabia as mathematicas, sabia a philosophia, a theologia, sabia a arte militar, sabia a nautica, sabia a cosmographia, sabia a optica, sabia a Escriptura, sabia as controversias, sabia a arte de fortificação, sabia a arithmetica, sabia a astrologia e astronomia: saber tudo isto, que o podesse reduzir a practica, era impossivel; conhecel-o era outro maior. *Non plus sapere, quam oportet sapere:* saber só quanto importa, porque muitas vezes importa saber menos. Porque se perdeu Adão e o mundo? Porque quiz saber mais do que lhe importava. Estava Adão no estado de innocencia; a sabedoria é a tentação dos justos: *Sed sapere ad sobrietatem.* Chamou o apostolo ao saber com moderação sobriedade, porque o saber com demasia, é como o beber com demasia, que nunca deixa o juizo em seu logar. Não ha quem mais mal soffra o ser emendado que os principes, e mais os que mais sabem. De que cuidais que morreu sua alteza? Eu o sei melhor que todos, porque lh'o adverti. Morreu sua alteza de se querer curar por si mesmo. Quiz curar-se de um estillicidio não só com abstinencia, mas com inedia, sustentando-se contra a fome e contra a sêde por mais de quarenta e oito horas: fazia sua alteza galanteria de não admittir os medicos, e de se curar por si mesmo, lendo por Hippocrates e Galeno; e como era de natural melancholico, alli teve as primeiras raizes

o mal que nol-o arrancou dos olhos. Não foi esta a primeira vez que os principes acabaram por querer curar as enfermidades com os seus remedios. Isto só lhe temia eu, se Deus o conservasse até sobre os annos de sua majestade: não lhe temia que não conhecesse as doenças, porque o seu juizo bem as alcançava; mas temia-lhe que as quizesse curar só com os seus remedios. Duas difficuldades tem o muito saber nos principes: a primeira parecer-lhe melhor a opinião que se conforma com a sua; a segunda conformarem-se com a sua opinião todos os que a podem ter nas materias: poucos ha que aconselhem com olhos na utilidade, e não no gosto do principe. Quem haverá tão constante que se ponha contra o intendimento do rei, a risco de cair de sua vontade? Onde o rei é lettrado, os conselhos são disputas: as batalhas do intendimento são perigosas aos reis quaes as de ferro: digam-no a terceira parte das estrellas, que morreram no céu em uma batalha d'estas.

§

Anecdota.

Saiu sua alteza a uma janella do seu quarto que cái sobre a ribeira; viu um d'aquelles forçados das galés que serviam nas obras do paço, atado á sua corrente, e com mais signaes de miseria que os outros. Chamou-me, e fez-me esta pergunta: Não me direis que differença faço eu d'aquelle? Aquelle nasceu, vive, e ha de morrer, aquelle póde merecer, e póde peccar; só na cadêa nos differençamos, e em que eu tenho mais que agradecer e dar conta a Deus.

§

Não tinha como outros principes, e como David, quem servisse a seus appetites e quem se atrevesse a tental-o: mais perfeito na pureza que José filho de Jacob e mais similhante ao Divino Mestre. 2 Reg. 23 1 Reg. 17

Os principes sempre teem quem sirva mais depressa aos seus appetites que á sua honra Estava el-rei Saul dentro das trincheiras á vista do exercito dos philisteus. Saía o gigante todos os dias a desafial-o, dizendo mil affrontas e injurias ao rei e aos esquadrões de Israel; e não havia um só homem que saisse por sua honra, até que veiu David. Succedeu David a Saul na coroa, estava tambem em campanha sitiando a cidade de Belem, teve grande sede e disse: *O siquis mihi daret potum aquae de cisterna, quae est in Betlehem!* As palavras não eram dictas, quando tres valentes soldados arremeçam os cavallos por entre as lanças dos inimigos, chegam á cisterna, e trazem agua ao rei. Bem vedes a differença. Para sair ao desafio do gigante apenas houve um pastor, e no cabo de tantos dias; para buscar a agua de Belem no mesmo poncto houve tres soldados que

foram por meio das lanças. Qual é a causa? Porque o desafio do gigante era honra de Saul; a agua da cisterna de Belem era appetite de David. Para servirem ao appetite do rei ha muitos: para servirem á sua honra mui poucos. E qual é a razão? Porque os que servem ao appettite do rei teem mais seguro o premio, do que os que servem á sua honra. Bem se viu no caso presente. David antes de sair ao gigante, perguntou: *Quid dabitur viro, qui percusserit philistaeum hunc, et tulerit opprobrium de Israel?:* e não foi, se não depois de contractado o premio; e os outros não tractaram d'isso, porque David, como servia á honra do rei, tinha o premio duvidoso; os tres soldados, como serviam ao appetite, tinham-no seguro. David arriscou-se a matar o gigante, mas os soldados arriscaram-se para matar a sede a David; e os reis premêam muito mais facilmente aos que lhes matam as sedes, que aos que lhes matam os gigantes; e a causa d'isto ser assim, e terem mais seguro o premio nos reis os que servem a seus appetites, que os que servem á sua honra, é, porque o que serve á honra do rei requere deante do rei, e o que serve ao appetite do rei, requere o rei deante d'elle.

Sendo isto assim, bem facil é de crer que não faltariam muitos que lhe quizessem servir ao appetite, e que quizessem alcançar o seu valimento á custa da sua castidade: mas direi agora uma cousa grande, e seja da melhor parte que se póde saber, que nenhum houve nunca dos que andavam juncto á pessoa do principe que se atrevesse ao tentar n'esta parte. Oh gloria e milagre de um principe de dezoito annos! Não que fosse casto, que outros houve, ainda que raros, que o foram; mas que fosse tão casto, e que se tivesse tal conceito da sua castidade, que ninguem se atrevesse ao tentar n'ella!

Tentações de Christo, gula, soberba, cubiça. Christo permittiu que o tentasse o demonio para nosso exemplo. Pois porque não permittiu que o tentasse na castidade, sendo que aqui era mais necessario o exemplo de Christo? Não permittiu Christo que o tentassem, não para não nos deixar exemplo, mas para nol-o dar maior. Na gula quiz-nos dar exemplo que fossemos tão sobrios, na soberba que fossemos tão modestos, na cubiça que fossemos tão desinteressados, que não nos deixassemos vencer da tentação; mas no vicio contrario á castidade, que fossemos tão castos que não só não nos vencesse a tentação, mas não se atrevesse ninguem a nos tentar n'elle. Na gula, na soberba, na cubiça soffreu Christo ser tentado, e contentou-se com não ser vencido; na castidade nem vencido nem tentado. E assim foi o nosso principe. Quem tenta presume vencer, e o verdadeiro casto não só o ha de ser nas obras, nas palavras, e nos

... senão ainda na presumpção, e no pensamento alheio. José foi casto, mas houve quem se lhe atreveu a lhe tirar pela capa; ao nosso principe não se lhe atreveram a lhe tirar pela capa nem aquelles que lh'a punham e tiraram dos hombros. José portou-se galhardamente na tentação, mas não se livrou de atrevimentos alheios; não o venceram, mas atreveram-se-lhe. A primeira victoria da castidade é que ninguem a vença; a ultima que ninguem se lhe atreva. Tal foi a castidade do nosso principe; mas estas victorias dá-as Deus a quem é dado por Deus: *Dominus dedit*. O que agora direi não sei se é ainda milagre maior n'outro egual ou maior tentação.

§

Não fez nenhum caso do dinheiro.

Quando lhe pozeram casa, ordenou sua majestade, que todos os mezes se lhe pozesse em uma gaveta quantidade de dobrões, para que sua alteza podesse gastar. Acabou-se o primeiro mez; veiu a pessoa a quem estava encommendado este provimento, e achou o dinheiro como o pozera. Passou o segundo mez, e o terceiro, e muitos, e sempre experimentou o mesmo: nem o guardava nem o dava; e tudo nascia da mesma causa; nem era avarento nem liberal. Parece que se podera dizer n'este caso de sua alteza o que disse Tacito do outro imperador: *Magis sine vitiis, quam cum virtutibus*, porque n'este caso parece que nem era sua alteza avarento, nem liberal; porque nem como avarento guardava o dinheiro, nem como liberal o dava. Mas quem conhecesse o animo de sua alteza, intenderia que ambas estas omissões nasciam da mesma causa: nem o guardava, nem o dava, porque o não estimava; e dar eu o que na minha estimação não tem preço, não sei como póde ser liberalidade. Deus é muito rico e muito liberal, e comtudo vemos que os seus maiores servos são ordinariamente os mais pobres do mundo: e porque? Porque não é acção de liberalidade dar aos que ama, o que não estima. Pois que dá Deus a esses? Uma só cousa estima Deus sobre todas as d'este mundo, que é a sua graça, e essa é a que dá Deus aos que ama, e só a elles; só essa deante de seus olhos tem preco: assim imitava a Deus o nosso principe. Aos que mais o serviam e o agradavam, pagava-lhe com a sua graça: era tão liberal sua alteza d'estes thesouros, que muitas vezes passava o favor a merecer nome de familiariedade. S. Pedro disse ao pobre do templo, que não lhe dava ouro nem prata, porque a não tinha; sua alteza tinha ouro e prata, e não a dava, porque a não tinha por dadiva digna de

um principe. Os reis offereceram a Christo os seus dons no presepio: que se fizesse d'este ouro, não se sabe; dizem que o não recebeu o Senhor. Os reis offereceram o ouro, porque o tinham por cousa digna de se dar; Christo não o aceitou porque o tinha por cousa indigna de se receber: cada um obrou conforme a estimação que fazia do ouro: assim intendo que seria cá, que muitos o receberiam; mas ainda que elles o julgavam por cousa digna de se receber, o principe não o julgava por cousa digna de elle o dar.

Dominus abstulit

Não nos queixamos, nem nos devemos queixar de que Deus nos levasse o principe, porque bem sabiamos que era mortal: de o levar tao depressa, parece deviamos ter a nossa queixa.

Ainda que todas as obras fossem de velho queixamo-nos, que Deus o levasse tão depressa.

Dum adhuc ordirer, succidit me: A urdidura da têa. Admiravel urdidura! Assim nas lettras, como nas armas, etc.

Os intentos de murar Lisboa.
Os intentos da Escriptura commentada.
Os intentos da historia universal.
Os intentos da cosmographia.
Os intentos da conversão da gentilidade.
Quão de principe foram estes intentos?

§

Quão necessario é ao principe a historia, etc.

§

Quão necessario é ao principe, e mais a um principe de Portugal, a cosmographia; porque tem reinos em todo o mundo, para saberem as terras, as monções, os ventos, os mares, as dependencias, etc.

§

Quão necessario é ao principe a licção da sagrada Escriptura; porque alli estão os verdadeiros exemplos: alli está o que agrada a Deus, e o que o desagrada; alli as batalhas; alli o confiar em Deus; alli as advertencias do sabio; alli os oraculos dos prophetas.

(*Vide Mendoça de Sacra Scriptura*. Cornelio, etc).

§

Para os muros de Lisboa *Pigmei*, etc. porque pigmeos sobre os muros são gigantes, etc.

In civitate munita, etc.

Ps. 50 Ib. 50

Benigne fac Domine in bona voluntate tua Sion, ut aedificentur muri Hierusalem. Tunc acceptabis sacrificium justitiae, oblationes, et holocausta: porque Deus quer orações, e sacrificios e muros, etc.

Gen. 11

Erat autem terra labii unius, etc. para a impossibilidade. Era impossivel; e se todos fallarem pela mesma linguagem, logo se fará.

Só para que não saiam os de dentro para fóra, são bons os muros.

§

Sicut Domino placuit, ita factum est.

Deus, porém, quiz a vida do principe como a de Isaac.

Gran'caso, que consentisse Deus a morte de um tal principe! Se a sua morte se pozera em votos, nenhum homem, ainda os inimigos, que o conhecessem, etc.

Mais: as orações, os sacrificios, as procissões, os votos de não peccar mortalmente, etc. Pois nada d'isto dobrou a Deus: apezar de tudo isto, etc.

Antes isto mesmo foi a causa de que o principe morresse, de que os decretos divinos se executassem. Sabeis de que doença morreu o nosso principe? De muito amado. Deus chama-se *Zelotes:* Deus dos ciumes; e nenhuma cousa sente mais Deus, que amarmos mais, ou poder-se cuidar, que amamos mais a *outrem* que a elle.

Tolle filium, quem diligis Isaac. Que culpas teve Isaac? Que culpas: *Quem diligis?* O ser muito amado. Se Abrahão o amara menos, não havia elle de ser sacrificado: e senão, veja-se em Ismael, que tambem era filho. Não por filho, senão por muito amado: teve ciumes Deus do muito amor que Abrahão tinha a Isaac; pois morra Isaac, e ame Abrahão a quem ha de amar.

Vêde-o claramente: *Non extendas manum super puerum.* Quando o manda sacrificar, chama-lhe amado; e quando diz que lhe perdoe, menino? Sim: porque o que Deus queria matar n'aquelle sacrificio, não era o menino, era o amado; não era a vida de Isaac, era o amor de Abrahão. Notae: em Isaac havia duas cousas: havia ser um menino como os outros, e havia ser o filho amado: tudo isto estava para ser sacrificado.

Em quanto menino, estava sobre a lenha do altar, em quanto filho amado, sobre o coração do Pae. Ora vêde: a espada de Abrahão tinha dous tempos; um em quanto se tirou da bainha por cima do peito; outro em que havia de descarregar o golpe em Isaac: no primeiro tempo cortou o filho amado, que estava no peito; e tanto que o amado esteve morto, não quiz Deus que se matasse o menino; porque elle não o havia pela vida de Isaac, havia-o pelo amor de Abrahão. Prova, sim, o texto? *Quia fecisti rem hanc, et non pepercisti unigenito tuo propter me:* por amor de mim: aqui estava o poncto; que queria Deus que o amasse Abrahão, mais que ao primogenito. Pois não lhe perdoou? Não. Perdoou ao menino que estava na fogueira: *Ne extendas manum tuam super puerum;* mas ao primogenito não lhe perdoou, porque o amado primogenito estava no peito, e esse cortou Abrahão no primeiro tempo da espada.

§

Sit nomen Domini benedictum.

Por isso devemos dar louvor á divina bondade: quanto mais que havia razão de temer que, sendo tão grande principe, não seria grande rei.

Finalmente, demos graças a Deus, não só por conformidade, senão ainda por razão.

El-rei D. João II na morte do principe D. Affonso consolava-se, porque ainda que era tão grande principe, intendia que não havia de ser grande rei. Quasi o mesmo vos digo, e o disse ainda em sua vida. Foi mui grande principe; não sei se sería tão grande rei. Pois que? Faltava-lhe alguma parte? Não, sobejavam-lhe duas: era muito sabio, e era demasiadamente bom. Os reis não hão de ter tanta sciencia, nem tanta bondade. Os maiores reis foram o primeiro, e segundo Adão: o primeiro perdeu o mundo por muito sciencia: *Eritis sicut dii, scientes bonum, et malum;* o segundo dando-lhe titulo de bondade, não o quiz consentir: *Nemo, bonus, nisi unus Deus.* Os porquês d'isto pedem mais tempo e outro logar.

(Ed. ant. tom. 15 pag. 239, ed. mod. tom. 2.º pag. 68).

Is. 30
Ib. 50

Ger

SERMÃO DAS EXEQUIAS DE EL-REI D. JOÃO IV **

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR:—No mesmo Maranhão onde prégara a oração funebre do principe D. Theodosio prégou tambem Vieira esta d'el-rei D. João; e parecia que, tendo elle sido tão entrado na confiança e benevolencia d'aquelle monarcha, havia de fallar da sua morte com o maior sentimento e com a mais pathetica linguagem que era possivel á sua grande eloquencia. Com tudo não é isto o que se vê no presente sermão; o porque é explicado no exordio: mas ha a meu vêr outra razão que alli não se aponta e que se deixa vêr em todo o discurso. Morrera D. João IV dezeseis annos depois da independencia de Portugal, deixando dous filhos em menoridade e ardendo todo o reino em guerra para se defender de Castella; e porque a morte do restaurador fazia temer grandes revezes em guerra tão difficultosa; por isso não podia haver sermão mais proprio para consolar e alentar os animos dos portuguezes, que o presente, em que o orador mostrando em D. João as bençãos de David, com a inducção do passado funda as esperanças do futuro.

Inveni David servum meum: oleo sancto meo unxi eum: manus enim mea auxiliabitur ei, et brachium meum confortabit eum.

Ps. 88.

Não póde o orador entristecer-se pela morte de D. João o IV.

Grande é a minha ingratidão (sagra e real e defuncta majestade), grande é a minha ingratidão; que a quero confessar assim, por não dizer que é grande a minha fé. Devo á memoria do senhor rei D. João o IV maiores obrigações que as de rei, porque lhe devi muitas vezes nos olhos de sua majestade todas as piedades de pae. Mas sou tão ingrato (sem estar nem poder estar esquecido) que nem a nova da não esperada morte de sua majestade me póde entristecer, nem esta mesma representação funeral, que ainda em casos ordinarios costuma entristecer os animos por sympathia da natureza, me póde causar sentimento.

Busca-o morto e sempre lhe apparece vivo.

Por mais que procuro encontrar com esta morte d'el-rei, sempre dou de rosto com a vida. A primeira vez que fallei em publico n'este caso, dispoz a forçosa occasião que fosse no mesmo dia e na mesma tarde do nascimento de sua majestade. A segunda vez, que é esta, por mais que a minha apprehensão a considerava e dispunha para outros dias, o dia assignalado e o mudado, ambos vieram a ser dia de resurreição. Oh rei ainda depois da morte prodigioso; que quando vos busco morto, sempre me appareceis vivo!

… meu rei e senhor D. João, se me *não* … senão vivo, préguem-lhe outros as exe- … que eu não quero nem posso. O que só fa- … narração panegyrica das reaes acções de sua … admiravelmente recopilada nas palavras que … do psalmo oitenta e oito. Vamol-as explicando, … cada uma de per si, que todas teem mysterio. … *David servum meum: oleo sancto meo unxi eum.* … *mea auxiliabitur ei et brachium meum confortabit* … *Inveni*: achei. Foi el-rei D. João um rei buscado e achado por Deus. Ha reis que parece que os fez a fortuna a olhos fechados, sem buscar nem achar, senão acaso. D'estes estão cheias as historias, como estiveram vazias as corôas. El-rei D. João não só foi buscado e achado, senão buscado e achado por Deus. Mas onde o buscou Deus e o achou? O que Deus buscou era um principe que podesse ser rei e restaurador de Portugal: buscou-o entre os principes pretensores do reino e achou-o na casa de Bragança: buscou-o entre os principes da casa de Bragança e achou o na pessoa d'el-rei D. João. Os principes pretensores á corôa de Portugal foram cinco: Hespanha, França, Saboya, Parma, Bragança; e assim como Deus buscou a David entre todos os tribus e o achou no real de Judá, assim buscando um rei restaurador de Portugal, entre todos os que tinham ou podiam ter algum direito a elle, só na real casa de Bragança o achou: *Inveni*. E porque o achou na real casa de Bragança e em nenhuma outra, nem das extranhas, nem ainda das naturaes do reino? Ora vêde.

…a é a casa …s restauradores do reino. Compara-se …a a dos Machabeus. 1 *Machab* 5

As acções de restaurar reinos, ainda que são gratuidas, porque as dá Deus a quem é servido, muitas vezes são hereditarias e vinculadas, porque as concedeu e vinculou Deus a certas familias, negando esta gloriosa prerogativa a outras. Quiz Deus libertar o reino de Judá do poder d'el-rei Antiocho que o tyrannizava; e encommendou esta impresa á geração dos Machabeos, os quaes n'esta restauração do reino se opposeram ás armas de Antiocho e as venceram com forças mais que humanas; porque muitas vezes foram ajudados das do céu com milagres manifestos. Quizeram outros principes tomar tambem por sua conta a mesma impresa; e perderam-se n'ella; como tambem se perdeu na de Portugal o prior do Crato o sr. D. Antonio, assistido das armas de Inglaterra. Dá o Texto a razão de se perderem e de não conseguirem a impresa e diz assim: *Ipsi autem non erant de semine virorum illorum, per quos salus facta est in Israel.* Não conseguiram a impresa estes principes, porque não eram da geração d'aquelles varões os quaes Deus escolheu para

restauradores de Israel. De maneira que, pretendendo Deus restaurar o reino de Israel, vinculou como em morgado esta prerogativa de restauradores do reino á famosa casa dos Machabeos, a Matathias e a seus descendentes. Tal foi em Portugal a real casa de Bragança.

Foi D. João IV como D Nuno Alvare[s]

Duzentos annos antes dos tempos em que hoje estamos esteve o reino de Portugal quasi todo debaixo do poder de Castella. Saíu á defensa d'elle o mestre de Aviz, el-rei D. João o I e o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que restauraram o reino e o conservaram na sua liberdade; e como Deus então tomou estas duas grandes cabeças e estes dous grandes braços «para» restauradores do reino de Portugal, quiz deixar n'elles como hereditaria e de juro para seus descendentes esta singular prerogativa de restauradores do reino; e assim foi. Fundou-se a casa de Bragança em um filho d'el-rei D. João o I e em uma filha do conde D. Nuno Alvares, que foram os primeiros duques; e n'elles e seus successores se foi conservando a geração dos restauradores: *De semine virorum illorum per quos salus facta est in Israel;* e por este singular privilegio d'aquella casa, buscando Deus restaurador para o reino de Portugal, não o achou senão nos duques de Bragança: *Inveni.*

E como Dav[id] escolhido d'e[n]tre seus irmã[os]

E que buscando-o entre todos os duques e descendentes d'aquella casa achasse a pessoa do duque D. João o II, não é pequena gloria sua. Quando Deus houve de ungir a David em rei mandou ao propheta Samuel que fosse á casa de Isai e de entre seus filhos ungiria o que elle lhe mostrasse. Veio primeiro Eliab, moço de alta estatura, gentil-homem e bizarro: perguntou Samuel a Deus se era aquelle, porque lhe pareceu que tinha bom talhe de rei; e respondeu-lhe Deus, que não, accrescentando que não se governasse pelas apparencias de fóra: porque os homens julgam pelos rostos e Deus pelos corações. Veio o filho segundo, Abinadab; veio o terceiro, Sama; vieram todos, a todos reprovou Deus; até que veio David a quem elegeu e mandou ungir: *Et unxit eum Samuel in medio fratrum eius;* e o ungiu Samuel em meio de seus irmãos. Pergunto: Não fôra mais corrente e mais facil dizer Deus a Samuel que fosse direitamente ungir a David? Para que esta roda ou esta ceremonia de virem primeiro todos os irmãos á presença de Samuel, e depois de rejeitar um por um a todos, escolher e eleger a David? Foi grande gloria de David esta, para que vendo Samuel quão grandes eram os homens que Deus deixava, intendesse quão grande devia ser o que Deus escolhia. Deus escolhe a David, deixando todos estes; grande cousa deve ser David! Quereis saber quão grande cousa foi el-rei D. João

o IV? Ponde-o *in medio fratrum suorum*, ponde-o no meio dos outros descendentes da casa de Bragança; a quem Deus deixou, quando a elle escolheu, e a quem Deus não quiz achar, quando a elle o achou, *Inveni;* e conhecereis pelos deixados quão grande devia ser o eleito. Os filhos de Isai, d'entre os quaes foi escolhido David, foram oito; e oito foram tambem os principes que a casa de Bragança teve depois da sujeição de Portugal a Castella: o duque D. João o I, avô de sua majestade; o duque Dom Theodosio II seu pae, o senhor D. Duarte e o senhor D. Alexandre seus tios, o infante D. Duarte e o senhor D. Alexandre seus irmãos; o principe D. Theodosio seu filho. E que deixe Deus o duque D. João tão valoroso, que deixe o duque D. Theodosio tão prudente, que deixe o senhor D. Duarte tão politico, que deixe o senhor D. Alexandre tão religioso, que deixe o infante D. Duarte tão soldado, que deixe o senhor D. Alexandre tão amado, que deixe o principe D. Theodosio tão sabio, tão sancto e tão digno de imperio; e que d'entre todos escolha para rei e restaurador de Portugal o duque D. João o II depois rei D. João o IV, grande gloria d'este rei e grande argumento da sua grandeza! Muito achou Deus n'elle, quando buscando rei entre tantos principes, deixando a todos só a elle elegeu e só a elle achou. *Inveni.*

1.° Compara-se com David principalmente na lucta com o gigante. É mais feliz na victorio, que Eleazar o machabeu.

III. *David.* David se chama el-rei D. João n'estas palavras que lhe applicamos: mas com que propriedade? Por ventura pela excellencia da musica a que ambos estes reis foram affeiçoados? Por ventura por serem domadores de feras? Por ventura por ter um e outro David um filho Salomão? Por ventura pela prudencia, pela vigilancia, pela piedade, pela justiça, pelo soffrimento de trabalhos em que ambos foram insignes? Por ventura, finalmente, por um e outro saberem ajunctar com a majestade a humildade, virtude rara nos reis, e pela qual David foi tão favorecido de Deus? Grande sentimento tenho de não poder fazer sobre todas estas propriedades um particular discurso. Em todas se pareceu o nosso bom rei com David: mas bastava-lhe para ser David por autonomasia o desafio e batalha com que elle só se atreveu a saír em campo com o gigante e vencel-o. Quem póde negar que a desproporção que se via entre David e o gigante era a mesma que se via entre a monarchia de Hespanha medida com o reino de Portugal? O natural desejo da honra e da liberdade solicitava os animos dos portuguezes para que emprehendessem esta grande façanha: mas era ella de qualidade, que não só a desaconselhava a desesperação, senão ainda a esperança: não só no máu successo, senão ainda na mesma victoria promettia ruina. Os pequenos, se pelejam com

os grandes, ainda quando vençam, ficam debaixo. Eleazaro, irmão de Judas Machabeu, foi tão valente e atrevido, que elle só investiu com um Elephante armado; metteu-lhe a espada pelo peito, caiu o elephante e ficou debaixo d'elle Eleazaro: d'onde disse Sancto Ambrosio: *Suo est sepultus triumpho:* que ficou sepultado debaixo do seu triumpho. Triumphante, mas morto; vencedor, mas sepultado: que quando os pequenos pelejam com os grandes, ou vençam ou sejam vencidos, sempre ficam debaixo.

O gigante com o qual luctou foi Castella.

Não desanimou esta consideração ao nosso valente David, não só menor contra maior, senão desarmado contra armado. O gigante Golias estava todo coberto de ferro e armado de poncto em branco, como o descreve a Escriptura; e David com um baculo e uma funda se poz em campo contra elle. Tal era o estado em que estava Portugal e Castella n'aquelle tempo. Castella com um florentissimo exercito de vinte mil infantes e cinco mil cavallos nos campos de Catalunha, que só com voltar as bandeiras podia entrar por Portugal. E Portugal sem armas, sem munições, sem artilheria, sem navios, sem alliados, sem conquistas, sem gente de guerra, mais que a dos presidios que todos eram castelhanos e accrescentavam mais a difficuldade da impresa, por tudo rompeu o nosso animoso David; e contra a esperança e opinião de todos saiu com a victoria. David deu uma pedrada na cabeça do gigante; e nós podemos dizer que Portugal a deu nas cabeças de todos os politicos: porque nenhum houve, assim dentro como fóra de Portugal, que não errasse no juizo d'esta impresa. O exemplo com que se animavam o de melhor esperança era o de Hollanda; mas esse antes accrescentava a desesperação, como accrescentou depois a gloria. Hollanda prevaleceu contra o mesmo gigante; mas foi de longe com França e Flandres em meio, e em distancia de quatrocentas leguas: mas Portugal, estando cercado de Hespanha por todas as partes, dentro em seus braços lhe resistiu e a venceu; que é muito maior victoria.

Venceu-o de perto mais gloriosamente do que Hollanda vencera de longe.

Notae. David fez tiro com a funda ao gigante e derribou-o: correu logo a elle e com a mesma espada lhe cortou a cabeça. Recolheu-se a Jerusalem e dedica a espada no templo Pergunto: Porque não pendurou David no templo a funda, senão a espada? A funda é a que derribou o gigante, á funda é que se deu a victoria. Cortar-lhe a cabeça depois de derribado, não foi grande façanha; chegar ao derribar, sendo uma torre armada, essa foi a acção famosa. Pois se tudo isto se deve á funda; porque não consagra David ao templo a funda senão a espada? Porque a funda é arma de longe e a espada é arma de perto;

e como o vencer de perto é muito mais glorioso que o vencer de longe, por isso David pendurou a espada e não a funda; porque se prezou mais do golpe que do tiro. Tal foi a victoria de Portugal, comparada com a de Hollanda: ambos prevaleceram contra o gigante: mas Hollanda de longe com a funda e Portugal de perto com a espada. Onde se deve muito notar que na batalha contra o gigante philisteu o tiro da funda deu a victoria á espada; mas na batalha contra o gigante castelhano o golpe da espada é o que deu a victoria á funda. Depois que Portugal prevaleceu contra a Hespanha, então se rendeu Hespanha aos partidos de Hollanda. Portugal armou-se contra Hespanha no anno de 40 e Hespanha fez pazes com Hollanda no anno de 48. Vêde se merece el-rei D. João o IV o nome de David: *Inveni David.*

3.º É D. João como David no espirito religioso.

IV. *Servum meum:* meu servo. O em que David principalmente se mostrou servo de Deus foi na pureza e augmento da fé, destruindo idolos, na reverencia e ordem do sacerdocio; na musica e ceremonias ecclesiasticas; no serviço e decoro do culto divino; e em elle deante da Majestade Divina se esquecer totalmente da sua. Em todas estas circumstancias de religião e piedade foi admiravel o zelo do senhor rei D. João. Quanto ao augmento da fé, elle foi o primeiro de todos os reis de Portugal, e ainda dos de Hespanha e de toda Europa, que em seu reino levantou tribunal e conselho proprio da propagação da fé: elle instituiu renda particular para viaticos de missionarios de todas as conquistas; e augmentou as missões da India, as da China, as da Guiné, as de Congo, as de Angola e esta do Maranhão; renovando as que estavam esquecidas, augmentando as que continuavam e fundando outras de novo. David tomou o ouro do idolo Melchon e desfel-o, e do ouro fez uma corou para si; porque desfazer idolos é fazer coroas. E porque fez o rei coroa d'este ouro e não de outro? Porque a coroa do ouro dava-lhe o titulo de rei de Israel; a coroa d'este ouro dava-lhe o titulo de propagador da fé; e este titulo é mais para desejar e estimar, que o outro: a outra coroa fazia-o rei, esta coroa sustentava-lhe o reino. Cada alma é uma pedra preciosa. Oh que rica coroa tem el-rei D. João de tantas almas! *Gaudium meum et corona mea.*

Resiste a uma grande tentação a respeito da obediencia devida ao summo Pontifice.

Na reverencia á Egreja e a suprema Cabeça d'ella, deu sua majestade o maior exemplo, porque teve as maiores occasiões. Viveu em tempo de tres pontifices, Urbano VIII, Innocencio X, Alexandre VII. A todos mandou embaixadores em seu nome, no do reino e no do clero; e posto que de nenhum d'elles foi recebido, sempre se portou como filho obedientissimo da Egreja:

titulo hereditario dos reis portuguezes depois que Pio V o deu a el-rei D. Sebastião. Teve sua majestade muitos doutores de todas as nações catholicas que lhe asseguravam e aconselhavam («com grande apparencia de verdade») que podia fazer bispos em Portugal sem recurso á Sé apostolica. Era o principal argumento este: o preceito de serem os bispos confirmados pela Sé apostolica, é ecclesiastico, como consta largamente das historias da mesma Egreja. Logo sendo a necessidade que as egrejas do reino e conquistas de Portugal padecem ou extrema ou quasi extrema, podem-se fazer os bispos sem confirmação do Summo Pontifice em quanto elle os não quer confirmar. Por este e por outros argumentos havia quem aconselhava a sua majestade que seguisse esta opinião ou quando menos mostrasse no exterior que a queria seguir: mas nem uma nem outra cousa se pôde acabar nunca com seu religiosissimo animo: «que bem intendia quão schismatica e por isso prejudicial ao reino era esta suggestão e quão contraria a primazia da Sé apostolica que não é de instituição ecclesiastica, mas divina.»

Compre escrupulosamente com os preceitos da Egreja. Sua devoção ao SS. Sacramento.

Aos preceitos da Egreja era obedientissimo. Para o achaque de que Deus o levou, lhe receitaram os medicos que comesse carne pela quaresma; mas nunca o poderam acabar com sua majestade. Eu lhe ouvi dizer que não sabia como se tinham por christãos os que na quaresma comiam carne. Nos jejuns da quaresma e em todos os do anno, era observantissimo; e jejuava as sextas feiras de quaresma a pão e agua e outros muitos dias. Nunca faltava á missa todos os dias; e por grandes occupações que tivesse, nunca perdeu sermão na capella, nem deixou de ouvir missa e vesperas cantadas em todos os dias sanctos. De quinta feira maior até á manhã da resurreição de dia e de noite estava sempre acompanhando o Senhor e não se assentava senão no chão. Em todas as procissões do Sanctissimo Sacramento a que se achava, levava sempre uma vara do palio; e na irmandade do Sanctissimo Sacramento de S. Julião, que é a freguezia do paço, acceitou sua majestade ser nomeado por juiz; e no dia da procissão levou a vara que costumam levar os juizes; parecendo melhor esta vara n'aquella mão real, que o mesmo sceptro. Não faltou quem aconselhasse a sua majestade que no maior aperto das guerras se valesse das pratas das egrejas: mas não admittiu tal pensamento; antes no mesmo tempo deu rendas a muitos conventos de religiosos e lhes restituiu outras que lhes estavam tiradas. Edificou a Egreja de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa: o convento magnifico de Sancta Clara de Coimbra; e ultimamente estava ideando de novo a ca-

pella real: mas não é cousa nova em David impedir-lhe Deus a edificação dos templos.

É inclinado á musica, mas não gosta de outra mais que da sagrada.

Na musica a que sua majestade era tão conhecidamente inclinado foi cousa muito advertida e reparada que toda era ordenada ao culto divino. Até hoje não houve no mundo livraria de musica, como a que sua majestade tinha ajunctado de todo elle e de todos os famosos mestres de todas as edades. Mas que continha toda esta livraria? Missas, vesperas, psalmos, poesias e versos divinos; emfim, musica ecclesiastica. A musica de David lançava os demonios fóra dos corpos: ha outra musica que mette os demonios na alma. Toda a musica de sua majestade era verdadeiramente musica de David, nem podia ouvir outra. Tendo tantos musicos e gastando tanto com elles, não tinha sua majestade musicos de camara, senão só de capella. Quando queria ouvir musica, não mandava cantar um tono, que é o gosto ordinario dos principes e dos que o não são; mandava cantar um psalmo ou uma *Magnificat* ou outra cousa sagrada com admiração de todos. Muitos dos psalmos de David teem por titulo *Ipsi David:* para o mesmo David. Lêde estes psalmos e achareis que todos continham louvores de Deus; de sorte que a musica que era para David, era junctamente para Deus; e a musica que era para Deus, era junctamente para David. Cá os reis do mundo teem musica de camara e musica de capella; musica para si e musica para Deus. David e el-rei D. João não eram assim: os seus ouvidos eram como o seu coração feitos pela medida dos ouvidos de Deus; e só o que nos ouvidos de Deus fazia consonancia tinha tambem harmonia nos seus ouvidos: *Inveni David servum meum.*

4.º É ungido com oleo sancto e não, como outros reis, com oleo peccador. Acceita a corôa só para agradar a Deus.

V. *Oleo sancto meo unxi eum:* ungi-o a elle com o meu sancto oleo. Foi el-rei D. João ungido com oleo sancto. Muitos reis são ungidos com oleo peccador: *Oleum autem peccatoris non impinguet caput meum,* dizia David: Senhor, livrae-me que o oleo peccador me unja a minha cabeça. São ungidos com oleo peccador aquelles reis que se introduzem nos reinos com peccados, com injustiça e com violencia. Tal foi o primeiro rei que houve no mundo, Nembroth e todos os imperios d'elle: o dos assyrios, o dos persas, o dos gregos, o dos romanos: todos se introduziram com peccado, seguindo todos aquella maxima infernal: *Si jus violandum est, propter regnum violandum est:* que se por alguma cousa se deve quebrar a justiça é por «motivo de» reinar. Vêde quão sancto foi o oleo com que Deus ungiu a el-rei D. João. Declarou el-rei em seu testamento, que por escrupulo acceitara a coroa muito contra o seu natural. E assim era: porque a nenhuma cousa tinha maior repugnancia

a inclinação natural d'el-rei D. João que a ser rei. Eu lhe ouvi dizer que Deus para o fazer rei, fôra necessario trabalhar com ambas as mãos: *Com uma tapou-me os olhos, com outra trouxe-me pelos cabellos.* Olhae a differença d'este rei aos outros reis. Os outros reis entram a reinar por appetite e sem escrupulo; el-rei entrou a reinar por escrupulo e contra o appetite. Os outros reis que faz Deus, ao menos concorrem para a coroa com o desejo; el-rei D. João foi tão puramente ungido por Deus, que nem com o desejo concorreu para a sua coroação: todo o oleo com que foi ungido em rei foi oleo sancto e todo foi de Deus: *Oleo sancto meo.* Nem concorreu para esse oleo com a ambição, nem com a negociação, nem com o desejo, nem com a inclinação: o mais que fez, foi não recusar: nos outros reis é a coroa materia de ambição; em el-rei foi materia de paciencia.

E para servir ao seu povo.

Pouco antes de sua majestade ser acclamado, teve uma doença de que esteve á morte; e n'ella disse sua majestade a Deus estas palavras, como eu lhe ouvi repetir: *Domine, si populo tuo sum necessarius, non recuso laborem:* Senhor, se sou necessario para o vosso povo, não recuso o trabalho. Notae: era sua majestade tão desinclinado a ser rei, que para Deus o reduzir a que não recusasse, foi necessario pôl-o ás portas da morte; e ainda n'esse passo tão apertado que disse? Que sería rei pela necessidade do povo e não por vontade propria. E que mais? Não disse que acceitava a dignidade, senão que não recusava o trabalho. No ser rei são duas cousas muito distinctas, a dignidade e o trabalho: a dignidade é muito para appetecer, o trabalho é muito para receiar: por isso os reis ordinariamente a dignidade tomam para si, o trabalho encommendam-no a outros. Não assim el-rei D. João: offereceu-se a Deus para o trabalho e não para a dignidade da coroa. Oh rei verdadeiramente ungido com o oleo de Deus! *Oleo sancto meo.*

Da realeza não teve só a dignidade. Mas tambem o peso. *1 Reg.* 9

Foi Samuel ungir Saul em rei, e porque Saul chegou tarde, mandou-lhe o propheta pôr a meza e n'ella o hombro direito de uma rez, dizendo: *Comede, quia de industria servatum est tibi:* tinha-lh'o guardado de industria, porque o vinha ungir em rei. Pois porque o vinha ungir em rei, parece que lhe havia pôr deante a cabeça e não o hombro. Não: porque Samuel vinha ungir a Saul com oleo de Deus; e os reis ungidos com o oleo de Deus coroam os hombros e não a cabeça; porque o hombro é o logar do trabalho e a cabeça o logar da dignidade. Tal foi sua majestade: não recusou a coroa: mas quando a não recusou, não offereceu a cabeça á dignidade, offereceu o hombro ao trabalho: *Non recuso laborem:* Isto foi ser oleo de Deus: *Oleo sancto meo unxi eum.*

Por isso foi elle o ungido e não algum valido.

Ungi-o a elle. Aos outros reis no dia da sua coroação não os ungem a elles, ungem aos seus creados e aos seus validos; porque elles teem a coroa e os validos teem o poder. Fallando da prosapia de David diz o propheta Jeremias: *Regnabit rex et sapiens erit:* reinará o rei e saberá. Ha reis que nem reinam nem sabem: elles são os reis e os seus validos são os que reinam: porque os validos são os que poem e os que dispoem e os que fazem o que querem; e assim como não reinam, tambem não sabem; porque nem sabem a quem se dão os premios, nem sabem por que merecimentos; nem sabem a quem se dão os castigos, nem sabem por que culpas. Não foi assim el-rei D. João: sabia tudo e reinava sobre todos.

Como o era em França e Hespanha.

Quando entrou sua majestade a reinar, reinava em França, Luiz XIII; mas quem tinha o governo era o cardeal Richelieu. Reinava em Hespanha Philippe IV; mas quem tinha o governo era o conde duque. Só em Portugal reinava el-rei: *Regnabit rex;* e assim como reinava sobre todos, tambem sabia tudo e assignava os papeis por sua mão; e em nenhum lançou a sua firma, como eu lhe vi e ouvi por muitas vezes que ou elle o não lêsse ou ouvisse ler por pessoa de quem se fiava; e para ter noticia de todos os negocios mandava despachar os de mais importancia em sua presença; e para isso repartiu os conselhos pelos dias: á segunda feira o conselho de estado, a terça o da fazenda, á quinta o despacho das mercês, á sexta a meza do paço, ao sabbado o da consciencia. Pelas manhãs dava audiencias publicas e secretas e despachava com os secretarios, não lhe ficando uma só hora de vago, nem havendo jámais rei que tanto trabalhasse. Diziam que gastava tempo com a musica; e assim era: mas as horas da musica tirava-as á pessoa e não á coroa: tirava-as a si em quanto homem e não a si em quanto rei: era uma á hora da sexta, outra á da madrugada que ainda aos jornaleiros são forras; elle era o ungido e elle o que luctava com os negocios: *Unxi eum.*

5.º Ajuda-o a mão de Deus e esforça-o seu braço.

VI. *Manus enim mea auxiliabitur ei; et brachium meum confortabit eum:* a minha mão o ajudará e o meu braço o esforçará. Este verso não ha mister commento, basta a memoria. Bem sabemos todos que no dia da acclamação de sua majestade, defronte da egreja de Sancto Antonio despregou a mão e extendeu o braço a imagem de Christo Crucificado: *Manus mea auxiliabitur ei.*

Por isso Castella não soube aproveitar-se do conselho do conde de Onhate.

O primeiro soccorro da mão de Deus que experimentou el-rei D. João não foi desbaratar Deus os exercitos de Castella, mas cegal-os para que não obrassem logo o que poderam: este foi o primeiro golpe d'aquella mão omnipotente, como pedia

Eliseu: *Percute gentem hanc caecitate.* Obrigados do grande exercito que estava n'aquelle tempo sobre Catalunha, offereciam os catalães sujeição. Votou o conde de Onhate, que se acceitasse o offerecimento de Catalunha e o exercito marchasse logo a Portugal em quanto estava desapercebido; e não ha duvida que este conselho era o que convinha a Castella e o que nos podia ser de ruina n'aquelles principios do reino: mas não é cousa nova em Deus que os conselhos de Achitophel não prevaleçam contra elle. Foi este soccorro da mão de Deus, como o da espada de S. Pedro na defensão do Horto. Mette S. Pedro mão á espada e investe com Malco. Pois, S. Pedro, com a lanterna o haveis? Não será melhor investir com as espadas e com as lanças? Não: em similhantes casos importa muito mais o deslumbrar, que o ferir. No golpe que atirou á cabeça, cortou a orelha a um: no golpe que tirou á lanterna, feriu os olhos a todos, porque os deixou cegos sem luz: assim se portou a mão de Deus em nosso favor. O Onhate allumiava bem: mas Deus, porque amava a David, infatuou o conselho de Achitophel. De S. João Baptista se diz: Que estava a mão de Deus com elle; e o mesmo se podia dizer d'el-rei D. João: *Etenim manus Domini erat cum illo.* Vistes já em um painel a S. João apontando com o dedo e a Deus Padre com a mão extendida? Se houvera de retratar os successos d'el-rei D. João não se podera buscar pintura mais propria. João apontando com o dedo e Deus assistindo com a mão: *Manus enim mea auxiliabitur ei.*

E todo o reino e monarchia se declarou logo em favor do duque de Bragança.

Primeiro que tudo apontou el-rei D. João para Lisboa; applicou Deus a mão e veio Lisboa sem haver quem tirasse uma espada, todos dizendo: *Viva.* Estava o castello presidiado de castelhanos e com os canhões sobre a cidade: apontou el-rei ao Castello; poz Deus a mão e rendeu-se o castello no mesmo dia. Apontou el-rei para os galeões de Castella, que estavam no rio de Lisboa com gente, mantimentos e vellas mettidas e se poderam, quando menos, sair pela barra, cujas forças ainda se sustentavam por Castella: poz Deus a mão e renderam-se os galeões. Apontou el-rei para fortaleza de S. Gião, da qual se dizia que se se perdesse Hespanha, por ella se podia restaurar: poz Deus a mão e veio a fortaleza de S. Gião. Apontou para todas as fortalezas do reino, presidiadas por sessenta annos de Castella: poz Deus a mão e renderam-se todas. Apontou el-rei para todas povoações e comarcas do reino: poz Deus a mão e vieram todas sem ficar uma aldeia, nem uma casa, nem uma «choupana» por Castella. Apontou el-rei ao Brazil e primeiro á cabeça, onde estavam dous terços de infanteria castelhana e um de napolitanos com um vice-rei tão beneficiado de Cas-

isso foi elle ungido e ... ... algum valido.

Ungi-o a elle. A ... cabeça do Brazil e após ella to- ungem a ell... el-rei para a India; e com estar tão porque elle ... e veio a India; e houve homens que da prosar ... ver rei portuguez. Aponctou el-rei para et sapien ...mé: poz Deus a mão, veio Sancto Thomé nem sa' ... para Tangere e Mazagão; veio Mazagão e nam: ... para todas as ilhas; vieram as ilhas todas. os q' ...issimo e inexpugnavel castello da Terceira, go- bem ...diado de castelhanos e quatro vezes soccorrido ne' ... applicou Deus a mão e rendeu-se o castello, não o' ... capitães e soldados pagos, senão ao que por mar e ... lhes fizeram os moradores e lavradores com assom- ...mundo. No principio do sitio não tinham mais que um ... e no cabo d'elle defendiam as entradas do mar com nove ... de guerra, tomados todos aos castelhanos. Isto fez Deus ... a mão: *Manus enim mea auxiliabitur ei.*

no o era em França e Hespanha.

Com o braço, como maior empenho, ainda fez Deus mais: *Et brachium meum confortabit eum.* O que fez o braço de Deus, foi fortalecer o coração d'el-rei; o qual coração verdadeiramente foi entre tantos milagres o maior milagre. Acclamado el-rei em Lisboa parte-se de Villa Viçosa em um coche, acompanhado só de dous fidalgos com a mesma segurança com que o podéra fazer el-rei D. Diniz ou el-rei D. Manuel na mais alta paz do reino. Costumam os principes em similhantes casos andarem armados; e o peito de prova que vestia el-rei era um gibão de tafetá singelo. Costumam os principes multiplicar guardas; e el-rei não accrescentou um soldado á guarda ordinaria do reino; nem ás portas do paço havia mais que os porteiros ordinarios da casa: podendo-se dizer d'el rei D. João o IV o que se cantou do terceiro: *Com duas canas diante his armado e his temido.* Costumam os principes recolher-se a alguma cidadella ou a logar forte: el-rei não só vivia nos paços da Ribeira, deixando os do Castello, senão que até de Lisboa se saía, passando os verões em Alcantara e os hynvernos em Almeirim. Estava o Tejo fervendo em navios e chalupas extrangeiras de todas as nações; e el-rei mettia-se em uma gondola só pelo rio abaixo, quando fôra muito facil saír dos navios quem o levasse pela barra fóra. Na caça, quantas vezes se apartava dos monteiros e dos fidalgos que o seguiam e andava só pelos bosques e pelos campos, como se com se levar a si, levasse toda a sua guarda comsigo. E assim era: porque levava o braço de Deus que o esforçava: *Et brachium meum confortabit eum.*

isto é mais ...miravel que David.

Todos estes excessos de valor destemido fazia aquelle grande coração, constando-lhe das grandes diligencias que Castella fa-

zia por lhe tirar a vida nas acções e nos logares mais sagrados. Ah que se me perde aqui a minha similhança de David! Mas eu a dou por bem perdida. David, vendo-se perseguido de Saul buscava os logares mais seguros: mas o nosso David mettia-se pelos logares mais arriscados, não desprezando os perigos, mas sabendo que não periga quem é defendido do braço de Deus. Parecia-lhe a todos os extrangeiros de Italia, França, Inglaterra, Allemanha, com muitos dos quaes fallei n'estes tempos, que seria grande o desvelo e continuo sobresalto de um principe, que dentro em sua propria terra tinha tomado um reino a um monarcha por sobrenome o Grande: cuidavam que não poderia dormir, nem aquietar, nem ter um momento de gosto ou de socego; e quando ouviam dizer que el-rei de Portugal tinha todas as semanas um dia de caça e todos os dias duas horas de musica, pasmavam e ficavam assombrados.

É admirado n'este socego por um fidalgo extrangeiro. Como se portou na celebre conjuração de seu tempo.

Das fronteiras de Badajoz veio prisioneiro um titulo de Flandres, general da cavallaria, o qual disse que sentia menos a sua prizão só por poder vêr um homem que tendo tomado um reino a el-rei de Hespanha, dentro em Hespanha tinha animo para caçar e cantar. N'aquelle fatal dia de 19 de agosto de 41 em que «por castigo da mais criminosa conjuração», no Rocio de Lisboa se cortaram junctas as maiores cabeças que em muitos seculos se viram cortar em Hespanha, estando ainda o reino em mantilhas e estando empenhadas na conjuração tantas casas grandes, por não dar audiencias e evitar rogativas «que as circumstancias do tempo não deixavam attender», deitou-se el-rei na cama. Tão desassustado estava o seu coração e tão sem cuidado nem receio. Isto foi muito advertido de todos. Mas eu notei muito mais, que dous dias antes tinha sua majestade mandado sair as duas armadas de França e Portugal em demanda de Cadiz; parecendo a el-rei e mostrando a todo o mundo que era e estava tão rei de Portugal, que para cortar as maiores cabeças d'elle, não tinha necessidade de soccorros de armas extranhas, nem ainda da assistencia das suas. Mas que muito, se estava assistido do braço de Deus? *Et brachium meum confortabit eum.*

6.° Sua morte digna de um rei verdadeiramente christão.

«VII. Um rei, pois, tão necessario ao reino parecia que nunca havia de morrer: tal era o engano do nosso coração. Mas o senhor D. João o IV já acabara a sua carreira; e chegara para elle o tempo de receber do supremo Remunerador muito melhor coroa que a de uma realeza caduca, a coroa de justiça que está reservada para os que esperam pela vinda do Senhor. Por isso avisado dos medicos que já não havia esperança de remedio para a sua saude, esta nova não lhe causou o sobresalto que

traz comsigo para os que vivem como se nunca houvessem de morrer. Confessou-se sua majestade e recebeu o Sanctissimo Viatico com a maior devoção: fez testamento; e depois mandando chamar todos os grandes da côrte, ministros, presidentes de tribunaes, magistrados, conegos de Lisboa e prelados das ordens religiosas, rogou a todos que tivessem grande zelo da propagação da fé e da defesa e conservação do reino, sobre tudo na menoridade do principe e regencia da rainha. A varios fidalgos que estavam nas prisões publicas por castigo de um conflicto sanguinoso com homicidio, mandou-os vir á sua presença, perdoou-lhes o castigo e congraçou-os entre si para que trabalhassem de mãos dadas em defesa da patria. Deu ordens para que na provincia do Alem-Tejo se vigiassem os movimentos que os inimigos fariam indubitavelmente logo que soubessem a nova da sua morte. Tractou com a rainha sobre o modo com que se devia haver em tempo da regencia: abraçou ternamente seus filhos e, chorando toda a côrte, lhes deixou por ultima lembrança do amor paterno que temessem a Deus e observassem a sua sancta lei. Emfim separando-se de todas as creaturas d'este mundo para unicamente tractar com o seu Creador, se abraçou com o crucifixo e chegada a sua hora, entregou a Deus a sua grande alma a 6 de novembro na edade de 52 annos e seis mezes, poucos ai! poucos para nós, demais para os inimigos do reino e só bastantes para elle.

N'esta tambem é similhante a David. Continúa a viver na rainha regente. Conclusão.

Assim morreu o senhor D. João o IV como rei verdadeiramente christão, e porque na vida e na morte sempre teve em vista primeiro o serviço e gloria de Deus e depois a conservação e felicidade do reino, por isso na vida e na morte foi assistido sempre do braço do Senhor: *Et brachium meum confortabit eum*. Assim morreu el-rei D. João e assim morreu David recommendando a seu filho Salomão a observancia da lei de Deus, o zelo da sua gloria e o bom governo do reino: *Confortare et esto vir et cbserva custodias Domine Dei tui*. Assim morreu D. João: mas não morreu totalmente (ouçam-no e cobrem animo os fieis vassallos que ficaram tão sobresaltados á dolorosa noticia de sua morte) não morreu totalmente, porque vive na parte de si mesmo mais esforçada e destemida, n'aquella heroina a quem devemos o ter elle acceitado a coroa de rei para a nossa restauração. Vive na rainha D. Luiza, senhora de espiritos mais que varonis; a qual sendo ainda duqueza com a mais rara habilidade o salvou dos laços que lhe armava o conde duque para o tirar de Portugal e perdel-o na guerra contra os catalães e soube inspirar-lhe o valor necessario para arrostar os perigos da coroa que lhe offerecia o reconhecimento

e obediencia da nação. Que não se deve esperar de tão valorosa heroina a quem destinou a Providencia não menos que ao rei seu esposo para gloria e felicidade de Portugal? Assim como na epocha da acclamação deixada por El-Rei em Villa-Viçosa para lhe guardar aquella provincia com a auctoridade de sua presença, o alcançou com tanta felicidade e satisfação de todo o reino, que chamada depois a Lisboa foi recebida com as maiores festas e transportes de jubilo, como quem salvara a patria; assim a salvará no tempo da sua regencia, se a nossa ingratidão ou desconfiança não nos desmerecer a sabedoria de seu governo e a assistencia da divina protecção». Emfim quem quizer saber segundo o estylo ordinario da divina justiça, se ha de chegar a ver as felicidades «do pleno triumpho da nossa patria», examine o seu coração e consulte a sua fé: do nosso proprio coração nos corta Deus a sentença e de nossas proprias palavras a fórma: *Ex ore tuo te judico.* É lei da liberalidade de Deus pagar a fé com a vista; por isso havemos de ver no céu os mysterios que cremos na terra. E esse estylo que Deus costuma guardar na gloria da outra vida guarda tambem nas felicidades d'esta, quando as tem promettido: os que as creem terão vida para as verem; os que as não crerem, morrerão para que as não vejam.

(Ed. ant., tom. 15, pag. 249; ed. mod., tom. 4, pag. 62.)

traz comsigo par
morrer. Con
Viatico cor
dando ch
tes de
das or
da pr
bre
var
u

SERMÃO DAS EXEQUIAS DA RAINHA D. MARIA FRANCISCA ISABEL DE SABOIA *

PRÉGADO NA MISERICORDIA DA BAHIA EM 11 DE SEPTEMBRO DE 1684

Observação do compilador. — As tres obrigações da oração funebre que são sentir, louvar e consolar, são desempenhadas n'este discurso com toda a força da eloquencia vieirense. Observo porém que as razões de consolação são tão efficazes que destroem todas as outras de sentimento. Podia o grande orador deixar de representar tão vivamente as grandes vantagens que se seguiam da morte da rainha, ou deixal-as para outra occasião. Mas parece que os annos e achaques o induziram a aproveitar-se d'esta para prognosticar do futuro o que depois foi materia da historia.

Mortua est ibi Maria et sepulta in eodem loco. Cumque indigeret aqua populus, cumque elevasset Moyses manum, percutiens virga bis silicem, egressae sunt aquae largissimae.
Num. 20.

O mesmo orador que prégou os primeiros annos do reinado da defuncta, lhe préga as exequias.

Eu fui aquelle (muito alta e muito poderosa rainha e senhora nossa, hoje tanto mais alta e tanto mais poderosa, quanto vai da terra ao céu; do corpo que se resolve em cinzas, ao espirito; d'este desterro á verdadeira patria; e do reino e coroa mortal á immortal e eterna): eu fui aquelle que préguei os primeiros annos do reinado de vossa majestade, não em voz, mas em papel, porque m'o não permittiu então a infermidade. Eu sou o mesmo (grande lastima é que vivam mais os vassallos que os reis) eu sou o mesmo que torno a prégar hoje o fim dos mesmos annos, mal ouvido tambem e quasi sem voz, porque a levou a edade. Em uma acção mudo, em outra pouco menos, dignas por certo ambas de se declararem melhor com o silencio; aquella pela grandeza da materia, esta pelo excesso da dôr. Supprirá, porém, ó alma por tantos titulos gloriosa, o muito que no céu cantam á vossa majestade os anjos, o pouco que eu na terra posso dizer aos homens.

Compara-se a rainha com Maria, irmã de Moysés.

Mortua est ibi Maria et sepulta in eodem loco. Falla este texto de Maria, irmã de Moysés, nome singular e unico desde o principio do mundo até á reparação d'elle: porque em espaço de quatro mil annos, nem nos dous mil da lei natural, nem nos dous mil da lei escripta houve outra que se chamasse Maria. Tal é com mais soberana antonomasia a serenissima Ma-

ria, rainha que foi e será sempre nossa. Tão unica entre as que coroou o merecimento ou fortuna, que nem o natural, nem o escripto, nem os dotes de que as enriqueceu a natureza, nem as cores com que as retrataram as historias, lhe poderam tirar jámais «para as ultimas circumstancias de Partugal,» a singularidade de phenix. Mas como não basta o ser phenix para escapar da morte, *Mortua est Maria.*

Onde uma e outrá morrem.

Mortua est ibi: morreu alli; e onde? *Ibi*: ás portas da terra de Promissão, que é o passo onde a morte espera e costuma tomar os predestinados; *Ibi*, no deserto de Sim, não na cidade, senão no campo[1]: *Ibi*, em um logar chamado Cadés, que quer dizer *mudada*. Estas foram as duas mudanças que fez primeiro a doença e depois a morte. A doença mudou a casa, a morte mudou tudo.

Onde uma e outra foi sepultada.

Et sepulta iu eodem loco; e foi sepultada Maria no mesmo logar. Um só logar bastou para dar sepultura á maior princeza de Israel: mas uma rainha da monarchia de Portugal não cabe em um só sepulchro. Já se lhe multiplicaram mausoleos na Europa; agora com o que temos presente se continuam na America; depois se seguirão os da Africa; e porque não tem mais partes o mundo, serão os da Asia os ultimos. Diga-se d'aquella Maria *sepulta est in eodem loco*; e nós digamos com verdade o que já se disse por lisonja: *Jacere uno non poterat tanta ruina loco.*

Merecimentos e orações de uma e outra.

Vai por deante o Texto e crescem as maravilhas. *Cumque indigeret aqua populus*: morta e sepultada Maria faltou a agua ao povo; porque no mesmo poncto se seccaram e sumiram as fontes, como se se sepultassem com ella. O maior milagre que se viu na peregrinação dos filhos de Israel, foi que os seguia uma penha, da qual manavam fontes perennes, de que todos bebiam: *Bibebant de consequente eos petra*; e estas foram as fontes que agora pararam e se sumiram. Mas porque não antes, nem depois, senão agora? Respondem os interpretes mais antigos, segundo as tradições d'aquelle tempo, que esta agua milagrosa foi concedida no deserto pelos merecimentos e orações de Maria; e quiz Deus que na sua morte faltasse a mesma agua e padecesse sede o povo, para que todos conhecessem a quem deviam tão singular beneficio. Oh se Deus revelasse a Portugal os beneficios que lhe fez e os males de que o livrou pelos merecimentos e orações de quem alli está sepultada! É certo que se foram grandes os sentimentos na sua morte, muito maiores seriam as saudades da sua vida. Notavel caso foi que

[1] Morreu a rainha n'uma casa de campo.

áquelles mesmos homens «que eram tão ingratos a Deus, a morte de Maria abrisse os olhos para conhecerem o que lhe deviam!» Mas esta é a ingrata condição do natural humano, sentir mais o que perde do que estimar o que logra. Por isso permittiu Deus que perdessemos o bem que tinhamos, para que o conhecessemos melhor na falta d'elle.

Os dous golpes que deu Moysés na penha comparados com outros dous golpes que deu a morte no coração de D. Pedro. Duas partes d'este sermão, uma triste outra alegre.

Esta falta, porém, e esta perda tão grande teve por ventura n'aquelle caso e poderá ter no nosso algum remedio ou reparo? Sim: muito prompto e egualmente milagroso: *Cumque elevasset Moyses manum, percutiens virga bis silicem, egressae sunt aquae largissimae.* Assim como a morte com o mesmo golpe com que tirou a vida a Maria, seccou as fontes; assim a vara de Moyses dando dous golpes em uma pedra, fez que brotassem outra vez com maior abundancia. De sorte que tão fóra esteve a perda de ser irreparavel, que antes se restaurou e melhorou com grandes vantagens. E para que fosse maior a maravilha e maior a propriedade do nosso caso, consistiu todo o remedio de uma e outra perda... em que? Em se dobrarem e repetirem os golpes: lá, como diz o texto em uma pedra; cá, como depois veremos «no coração d'el-rei.» Esta foi a grande falta que padeceu o povo com a morte de Maria; este foi o grande remedio com que se restaurou depois da sua morte; e esta será a grande materia do presente discurso, dividido tambem em duas partes: na primeira parte veremos as grandes cousas que tem a nossa dôr na morte de sua majestade para a chorar como devemos; na segunda os grandes effeitos que deixou a mesma morte á nossa consolação para enxugar as lagrimas. Lá primeiro se seccaram as fontes e depois se abriram; cá primeiro se abrirão e depois as seccaremos. Deus nosso Senhor, que permittindo a perda dispoz junctamente a consolação d'ella, se sirva de me dar a graça e alento necessario para poder ser ouvido em uma e outra: *Ave Maria.*

A parte triste. O luto de D. Pedro e o de Abrahão e David. *Jerem.* 95 *Gen.* 73

II. *Mortua est Maria et sepulta.* Querendo Jeremias chorar as perdas da sua patria, pediu á sua cabeça que désse lagrimas a seus olhos: *Quis dabit capiti meo aquam et oculis meis fontem lacrymarum?* E de que fonte melhor, pergunto eu, de que fonte melhor podem tomar a corrente as lagrimas, «da monarchia de Portugal» que começando tambem da sua cabeça? Só imitando a sua majestade, que muitos annos viva, póde chorar dignamente tamanha perda. O *mortua est Maria* pertence só á rainha que está no céu: o *sepulta,* tanto se póde applicar a uma majestade como a outra. Não ha sepultura mais cerrada, mais triste e mais escura que o aposento do paço a que el-rei se recolheu com a sua dôr, sem permittir nem um res-

quicio ao menor raio do sol. A rainha sepultada morta, o rei sepultado vivo. Quando Sára passou d'esta vida pediu Abrahão ao senhor da terra em que vivia peregrino, lhe quizesse dar uma sepultura com duas covas para enterrar a sua defuncta: *Ut det mihi speluncam ut sepeliam mortuum meum.* Porque pede Abrahão não uma, senão duas covas, não uma senão duas sepulturas? Porque Abrahão amou com grande extremo a Sára sua esposa; e como a viu morta, pediu uma sepultura para ella, outra para si. A morte era uma e as sepulturas haviam de ser duas, porque os sepultados tambem haviam de ser dous. Sára sepultada como morta: Abrahão sem Sára tambem sepultado como vivo; «agora sepultado por violencia do amor e depois elle tambem sepultado por necessidade da morte. Emfim a morte abriu a seu tempo a primeira cova, o amor ante tempo a segunda: esta para quem chorava, aquella para quem era chorada». Que pouco disse quem chamou ao amor tão forte como a morte: *Fortis ut mors dilectio!* A morte sepulta os que matou, o amor sepulta sem matar: que é genero de morrer mais forte, mais duro, mais triste.

Quão louvaveis foram as lagrimas d'el-rei.

N'esta forçosa e não forçada sepultura (a que o amor se é amor, sem respeitar sceptros nem coroas condemna os vivos) notaveis foram os extremos da dor de sua majestade, que Deus guarde e não só notaveis, mas notados. Quer o ceremonial dos politicos modernos que não sejam licitas aos reis em similhantes casos mais que as lagrimas surdas, sem que a dôr se ouça em voz, como excesso menos decoroso á majestade ou serenidade real. E como as paredes de palacio são de vidro, esta nota, por mais que fosse interior se viu lá e passou o mar em algumas cartas. Mas se a mesma censura viesse á Bahia por appellação, eu prometto que iria de cá mais bem sentenciada. Os textos são de tal auctoridade, que os não poderá negar nenhum jurista christão nem politico, se o fôr.

Assim Abrahão chorou Sara.

Seja o primeiro o do mesmo Abrahão cujo sentimento ou fineza não acabamos de ponderar. Sepultada Sára, diz a Historia Sagrada que Abrahão se foi metter na sua segunda cova para chorar e prantear de mais perto o vivo a morta e o sepultado a sepultada: *Venit Abraham ut plangeret et fleret eam.* Note-se muito a differença das palavras e a distincção dos affectos. O *plangeret* é prantear e significa vozes: o *fleret* é chorar e significa lagrimas; e primeiro foram as vozes que as lagrimas; porque a bocca está mais perto do coração que os olhos. Pela bocca começou a respirar a dor; depois subiu aos olhos a se desafogar.

Posto que fosse tão valoroso.

Era tão heroico o valor e tão valente o coração d'este grande

homem, que não duvidou tirar a vida com a propria espada e ao proprio filho com os olhos enxutos. E se a mesma Escriptura depois de contar esta prodigiosa façanha do amor natural achou que os dous affectos do prantear e chorar na morte de Sára nem enfraqueceram a fama do valor de Abrahão, nem fizeram dissonancia ás suas cãs; com que justiça, se não fôr deshumanidade, se podem notar ou extranhar os mesmos affectos, sendo a causa egual em menores annos?

Assim David posto que fosse rei, chorou Abner.

Dirão os politicos, que posto que Abrahão fosse tão grande homem, não era rei. Mas para confutar e confundir a vaidade d'esta resposta, ouçam outra vez (se creem n'ella) a mesma Escriptura. O rei mais valoroso que houve no mundo e o mais parecido ao nosso foi David. Não o podemos provar com os gigantes, porque já os não ha: prova-se, porém (como o mesmo David o provou) com o desprezo e arrojamento ás feras mais bravas ou no corro ou no bosque. E que fez David na morte de Abner? Não póde haver melhor texto: *Levavit rex David vocem suam et flevit:* levantou el-rei David a voz e chorou. O rei de maior coração foi David, porque «o teve» similhante ao coração de Deus: *Inveni David virum secundum cor meum.* Pois, se no rei de maior coração e de maior valor, foram decentes e decorosas as lagrimas, não só choradas, mas ouvidas: *Levavit rex vocem et flevit;* se isto fez o maior rei, sendo a causa tanto menor; que devia fazer o nosso na maior de todas? Quem lhe quizer buscar escusas á dôr, tome as medidas á causa.

A dor d'el-rei D. Pedro a digeriu os seus mezes da doença da rainha.

Uma só cousa foi muito para notar nos extremos d'esta dôr e é a que eu agora notarei. Noto, que durando seis mezes a doença da rainha, sempre com o desengano de que era mortal, não bastasse tanto tempo para que a dôr d'el-rei se fosse digerindo pouco a pouco, como costuma; antes no fim estivesse tão crua e tão viva que rompesse em tão notaveis extremos. Á primeira morte que houve no mundo, que foi a de Abel, chamou sentenciosamente S. Basilio de Selencia, *Indigestam mortem*, morte indigesta. E porque foi indigesta a morte de Abel? Porque no mesmo dia o viram seus paes são e morto. E nos taes casos não é muito que a dôr subita e não prevenida cause extraordinarios effeitos. Porém quando o tempo que é a hema de todas as dôres a não digere, não póde haver maior nem mais provado argumento, tanto da grandeza da dôr, como da grandeza do coração que a não digeriu. Grande dôr em grande coração a não digere o tempo. «Por isso se» não digeriu no grande coração do nosso monarcha; antes tão fóra esteve de se digerir ou diminuir com o tempo, que tendo andado tão fino

em todo o tempo da doença, na morte foi muito maior a sua fineza: *Venit Abraham ut plangeret et fleret eam. Levavit rex David vocem suam et flevit.*

A rainha apregoada por seu confessor como Sanctissima e prudentissima.

III. Temos posto deante dos olhos á nossa dôr o exemplar soberano que devemos imitar; n'elle egual á causa, em quanto esposa; em nós tambem sem egual em quanto rainha. E certo que para assumpto tão alto, tomara eu estar melhor instruido de noticias particulares, como quem se acha tão longe. Mas valer-me-hei do testimunho de quem só as podia ter mais certas, mais interiores e de mais perto. Muitas vezes ouvi ao confessor da rainha nossa senhora estas palavras formaes bem sabidas e repetidas em toda a côrte: Não sabe Portugal qual é a rainha que Deus lhe deu: deu-lhe uma rainha sanctissima, deu-lhe uma rainha prudentissima. O throno dos reis tem o seu assento entre Deus e os homens; acima dos homens, de quem são superiores, e abaixo de Deus de quem são subditos. Para servir e agradecer a Deus, o que mais lhe importa, é a sanctidade: para reger e governar os homens o que mais hão mister é a prudencia. E estas duas prerogativas tão singulares, uma natural, outra sobrenatural não só estavam junctas n'aquelle capacissimo espirito, mas sublimadas uma e outra a tal eminencia de perfeição que as não sabía declarar, quem só as podia conhecer, com menor encarecimento que o de «rainha» sanctissima, prudentissima.

O coração da rainha comparado ao *Sancta Sanctorum* do templo.

Começando pela sanctidade, o logar mais sancto e mais sagrado do templo de Salomão era o chamado *Sancta Sanctorum*. Alli estava a arca do testamento, alli as tabuas da lei, alli a vara de Moysés, alli a urna do manná, alli sobre as azas de cherubins o propiciatorio em que Deus assistia e fallava: tudo sancto, tudo angelico, tudo divino. E estas cousas tão mysteriosas e tão sagradas via-as o povo? Nem o povo, nem os mesmos ministros do templo as podiam vêr; porque o *Sancta Sanctorum* estava coberto e cerrado com um véu espesso, dentro do qual só podia entrar o summo sacerdote. No dia, porém, em quem morreu o Senhor do mesmo templo: *Velum templi scissum est in duas partes a summo usque deorsum:* rasgou-se o véu do templo de alto a baixo em duas partes; e todas aquellas cousas tão sanctas e tão secretas que ninguem via, então ficaram patentes e manifestas a todos. Tal foi ou tal succedeu á sanctidade da nossa rainha. Como o primeiro attributo da virtude é incobrir-se e occultar-se, na vida foram menos conhecidas as perfeições da sua sanctidade; porque só o sacerdote entrava no *Sancta Sanctorum*, só o confessor penetrava os segredos e sabía os interiores d'ella. Porém tanto que a morte rompeu o

véu e se viu o que não se via, todos a conheceram, todos a acclamaram, todos a canonizaram sancta.

Padecem as virtudes debaixo dos apparatos e resplandores da majestade o mesmo que as estrellas debaixo dos raios do sol: de dia estão encobertas e não se vêem: mas tanto que o sol se metteu em o occaso, então se vê e se observa com admiração e sem numero o que antes não se via, nem se contava. Estes são os effeitos da morte. Lá disse o poeta: *Mors sola fatetur quantula sint hominum corpuscula.* O que cobre a terra mostra quão pequenos são os corpos; a que descobre o céu, quão grandes são as almas. Assim o mostrou o prodigioso testamento de sua majestade, de que cá nos chegaram os echos, em que tantas são as virtudes que resplandecem, quantas as clausulas que se lêem. Escreveu alli a morte o que tinha historiado a vida; e o que recopilou o testamento no fim foi o indice de todas as suas obras. Os testamentos que são as ultimas vontades dos que morrem, ordinariamente são pios; mas nem por isso arguem grande virtude; porque são voluntarios por força. Nos que viveram mal e querem morrer bem são retractações da vida; nos que sempre viveram bem, são retratos d'ella. Os testamentos dos ricos mostram os thesouros que acquiriram; os dos justos as virtudes que exercitaram. Tal foi o testamento de sua majestade, cheio de religião, cheio de piedade, cheio de misericordia: o qual será eterno na memoria dos vindouros, como nas lagrimas de todos os que tal procuradora perderam. Choraram os pobres, choraram as viuvas, choraram os miseraveis e necessitados de todo o genero; e até os templos e os altares enriquecidos poderam chorar, se estas lamentações para elles não foram alleluias. Tudo isto exercitava em seus dias a sancta e piedosa rainha secretamente sem saber a mão esquerda o que fazia a direita, sendo o seu quarto de palacio em Lisboa a primeira casa de misericordia, e a que tem este nome a segunda.

A sua morte e seu testamento revelam a sua virtude.

D'esta maneira foi sancta para com Deus e para com o proximo aquella grande e heroica alma. Mas o que eu sobretudo admiro é quão superiormente foi sancta em si e para comsigo. Um dos maiores casos que tem visto o mundo em muitas edades, foi na nossa o successo de Saboya. Mas ainda foi maior e mais digna de admiração e assombro a constancia e egualdade de animo com que sua majestade se portou n'elle depois de tantos empenhos. Levanta o sol os vapores da terra, condensa-os em nuvens; e que é o que vemos? Tudo o que a imaginação de cada um póde fingir e ainda mais. Castellos, torres, cavalleiros, gigantes, navios, armadas, arcos de desmedida

Tambem a revelou o caso Saboya.

grandeza; e tudo isto não só relevado, mas dourado; porque o mesmo sol com seus raios de horizonte a horizonte, tudo cobre e veste de ouro. Mas assim como estas pertentosas e formosissimas machinas se desvanecem e resolvem em nada, assim se desvaneceram e desfizeram todos aquelles reparos e prevenções tão extraordinarios e tão custosos, com que se haviam de celebrar as esperadas vodas. Saíu do Tejo a armada querenada de ouro, matizando com assombro os mares: saíu do Tejo carregada de diamantes e perolas, como se saíra do Indo e Ganges: mas com o mesmo vento que a levou tão cheia e a trouxe tão vazia, tudo se desfez em vento. N'este vento, porém, e n'este nada em que se desfez tudo, assim como tinha ostentado os extremos da sua magnificencia, assim descobriu os quilates da sua virtude aquelle soberano espirito tão excelso no divino e no humano. Na grandeza de animo com que fez tudo mostrou a sua magnificencia como rainha; na egualdade de animo com que viu tudo desfeito, mostrou a sua virtude como sancta.

não empenhado estava n'elle o seu coração.

Mas se a virtude de sua majestade se qualificou de sancta no que aquelle successo desfez por fóra, muito mais a canonizou no que dezfez por dentro. Por fóra desbaratou as suas prevenções, por dentro os seus pensamentos. Quaes fossem os pensamentos de sua majestade sobre um negocio tão grande, concluido tanto a seu prazer e contentamento, mais se póde considerar que exprimir. Tinha empenhado o desejo, tinha empenhado o amor, tinha empenhado o sangue: na alliança dos parentes, na união dos estados, na presenca e communicação das pessoas, na coroação de uma casa real e successão de ambas; sobretudo nas consequencias e esperanças tão bem fundadas de grandes felicidades e no gosto e gostos de a ver e lograr longamente. E que desarmando em vão todas estas fabricas e apagando-se ou tingindo-se de negro todas estas pinturas de seus pensamentos; as fabricas as recebesse caidas com tanta egualdade de animo e as pinturas as visse despintadas com tanta serenidade de olhos; esta foi a maior, esta foi a mais fina, esta foi a mais alta prova da constantissima e inexpugnavel virtude d'aquelle soberano espirito, mais soberano «como» sancto, que «como» real.

eu espirito de oração,

E se buscarmos as raizes a um exemplo tão raro e tão heroico, acharemos que tinha sua majestade dentro do seu mesmo coração, outra officina, onde estas mesmas fabricas se tornavam a fundir e recebiam nova fórma que era a oração mental. No meio do ruido da côrte e dos concursos do paço recolhia-se sua majestade por muitas horas ao seu oratorio, como a um

deserto; e alli levantando o espirito sobre todas as cousas cá de baixo, ouvia da bocca de Deus no silencio da contemplação aquelles altissimos desenganos e via no espelho da eternidade aquellas clarissimas luzes em que o tudo e o nada são da mesma côr; em que o tudo e o nada tem a mesma conta; em que o todo e o nada tem o mosmo peso; em que o tudo e o nada tem as mesmas medidas; e por isso nenhuma mudança, ou variedade de cousas humanas, lhe alterou o coração, tendo-o sempre unido com a vontade divina. E como n'esta união da vontade humana com a divina consiste a summa da sanctidade, aqui se fundava o subidissimo conceito que da perfeição de sua majestade tinha seu confessor, venerando-a como rainha sanctissima.

Duas escholas onde appreudeu a prudencia.

IV. O outro elogio de prudentissima não necessita de prova nem ponderação; porque foi bem conhecido e admirado de todos. Mas como póde a rainha nossa senhora chegar a tão subido gráu de prudencia no curso de tão poucos annos? A prudencia é filha do tempo e da razão; da razão pelo discurso, do tempo pela experiencia. Na nossa rainha foi filha da razão sómente. Mas como podia ser?

A primeira a companhia d'el-rei.

Eu acho que teve a rainha nossa senhora duas escholas em que estudou a prudencia até se graduar de prudentissima: uma natural, outra sobrenatural. A primeira eschola, sobre seu subtilissimo ingenho, foi a companhia, o tracto e a communicação de el-rei, que Deus guarde. O proverbio antigo dizia, *Nube pari;* e não houve par tão similhante (sendo de França e Portugal), como este que ajunctou a vida e dividiu a morte. Na agudeza do intendimento, na presteza do discurso, na madureza do juizo, na comprehenção dos negocios, no acerto das resoluções, na eleição dos meios e fins e em todas as partes da perfeição e consummada prudencia, não pareciam el-rei e a rainha duas almas, senão uma só. Mais tinham. Sendo duas, como verdadeiramente eram, parece que talvez trocavam os sujeitos e por communicação reciproca se infundiam uma na outra. Aquella discrição, aquella elegancia, aquelle agrado e aquelle feitiço de palavras com que todos se levantavam dos reaes pés de sua majestade não só consolados, mas captivos, parecia em el-rei participado da alma da rainha. Pelo contrario, aquelle valor, aquella resolução, aquelles espiritos varonis e generosos para emprehender grandes acções e levar ao cabo quanto emprehendia, pareciam na rainha participados e infundidos da alma d'el-rei. E sendo tal em uma e outra majestade a similhança dos genios e a communicação reciproca de ambas as almas, ambas grandes, ambas excellentes, ambas de alto e vivissimo ingenho,

naturalmente cresceram de sorte e fizeram taes progressos no exercicio e practica de toda a prudencia real, que el-rei saiu prudentissimo como é, e a rainha prudentissima como foi.

A segunda o estudo dos mandamentos divinos. Ps. 128

Esta foi a primeira eschola. A segunda mais alta era a que frequentava David estudando pelos mandamentos divinos: *Prudentem me fecisti mandato tuo.* Da prudencia de David em tudo o que obrava, ainda sendo muito moço, estão cheias as Escripturas. E diz este grande rei que toda a sua prudencia a apprendeu pelos mandamentos. Mas de que modo? A observancia dos mandamentos é muito boa para não offender a Deus, para alcançar sua graça e para ir ao céu; mas para ser prudente nas cousas d'esta vida? Sim; e dá a razão o mesmo David a *priori* e formalissima. Porque eu (diz elle) estudando pelos mandamentos soube mais que os doutores e mais que os velhos. Mais que os doutores: *Super omnes docentes me intellexi, quia testimonia tua meditatio mea est*: mais que os velhos: *Super senes intellexi, quia mandata tua exquisivi.* Não se podera declarar, nem provar melhor. A prudencia compõi-se de sciencia e experiencia: a sciencia está nos doutores que a estudam pelos livros; a experiencia está nos velhos que a apprendem pelos annos. E porque eu diz David, sem annos e sem livros, estudando só pelos mandamentos soube mais que os doutores e mais que os velhos, esta foi a arte com que me fiz ou Deus me fez prudente: *Prudentem me fecit mandato tuo.* Assim e nada menos a nossa prudentissima rainha. Como toda a sua applicação, todo o seu estudo e todo o seu cuidado se empregava na observancia perfeitissima da lei divina, esta foi a segunda e melhor eschola em que sem annos e sem livros (sem annos, porque tinha tão poucos; e sem livros, porque só lia os espirituaes e não os politicos) pôde chegar a tão subido gráu de prudencia. Por isso sancta e por isso tambem prudentissima.

É similhante a Abigail.

Uma só mulher lemos em toda a Escriptura, laureada com o titulo de prudentissima, que foi Abigail: *Eratque mulier prudentissima.* E com que prova a Escriptura esta singular prudencia de Abigail? Parece que a prova foi feita mais para a prudencia da nossa rainha que para a sua. Prova a Escriptura ser Abigail prudentissima, só com dizer que David, cuja mulher foi, fazia tanto caso de seus conselhos que em certa occasião em que estava mui empenhado, só porque Abigail lhe aconselhou o contrario e lhe metteu a materia em escrupulo: *Non erit tibi hoc in singultum et in scrupulum cordis;* David cedera do seu intento e de todos os que o seguiam, e seguiu ao conselho de Abigail. E mulher, de cujo conselho fazia tanto caso um rei tão prudente como David, que o antepunha ao pa-

recer seu e de todos os seus, achou a Escriptura Divina que não eram necessarios outros exemplos, nem outros documentos para prova de ser prudentissima: *Eratque mulier illa prudentissima.*

Estimação que el-rei fazia dos dos seus conselhos.

Quanto el-rei nosso senhor estimasse os conselhos da rainha que está no céu e os antepozesse a todos, todos o sabemos. E certo que não sei qual é o maior argumento de prudencia n'este caso; se da prudencia do rei, que tanto estimava os conselhos da rainha: se da prudencia da rainha, que tão prudentes conselhos dava a el-rei. Mas deixando indeciso este grande problema; como não havia sua majestade de antepor a todos os outros conselhos o conselho de quem primeiro se aconselhava com Deus, examinando tão escrupulosamente deante d'elle o que havia de aconselhar? O imprudente aconselha-se comsigo, o prudente aconselha-se com os homens, o prudentissimo aconselha-se com Deus. Assim o fazia a prudentissima rainha: só boa conselheira, porque só bem aconselhada. Adão perdeu-se, porque se aconselhou com sua mulher, aconselhada pela serpente; e el-rei esteve sempre seguro de similhante perigo, porque se aconselhava com sua mulher, aconselhada por Deus. Por isso em todas as materias grandes tomava as ultimas resoluções com o seu conselho. Os dos outros conselheiros n'estes casos eram para as consultas, o da rainha para os decretos.

Nenhum rei de Portugal teve tal conselheiro de puridade.

Diz S. Paulo, que Deus não tem conselheiro: *Quis enim consiliarius ejus fuit?* É dicto notavel; porque consta da Escriptura, que Deus chamou muitas vezes a conselho os anjos. Pois se Deus admittia os anjos aos seus conselhos, como diz S. Paulo, que Deus não tem conselheiro? Porque falla o Apostolo dos conselhos de Deus, em que ultimamente se decreta o que ha de ser; e os conselhos de Deus em que se tomam as ultimas resoluções, só se fazem entre as Pessoas Divinas. Assim se compunha das pessoas soberanas sómente o supremo e secreto conselho dos nossos principes, em que as ultimas deliberações se assentavam, ambos conferindo; a rainha aconselhando, el-rei resolvendo. Nenhum rei de Portugal teve tal conselheiro de puridade.

É comparada com Esther, Bersabé, Abisaes

É famosa questão entre os politicos, se os reis devem ter validos ou não; e ambas as partes se defendem com fortissimos argumentos. Só sua majestade, que Deus guarde, com seu singular juizo soube compor e conciliar esta controversia. Seguiu a parte negativa, porque não teve valido; e seguiu junctamente a affirmativa, porque teve valida. Os validos chamam-se primeiros ministros; e porque são ministros, não devem ser validos.

A rainha sim: porque é a primeira e não é ministro. O ministro aconselha como inferior; a rainha como egual: o ministro, como quem serve; a rainha, como quem ama: o ministro, como quem depende; a rainha sem dependencia: o ministro, como quem póde ter interesses particulares; a rainha como quem tem um só interesse commum, que é o do rei e o do reino. Que havia de ser do reino e povo todo de Israel e da mesma monarchia dos persas e medos, se depois de firmados os decretos d'el-rei Assuero não acudisse a rainha Esther? Mas porque acudiu tão confiada e opportunamente, Aman, que era o traidor, foi crucificado; Mardocheo, que era o leal, foi exaltado; e o povo que estava innocente, ficou livre. Que seria outra vez do mesmo povo, quando Adonias por força das armas quiz invadir a coroa que ainda era dos doze tribus, se a rainha Bersabé na mesma hora da conjuração não atalhara aquella ruina! Mas foi tal a sua prudencia e industria, que excluido sem golpe de espada Adonias, foi coroado Salomão, o mais sabio de todos os reis e de mui feliz governo. Talvez póde faltar ao rei em melhor esphera o calor que faltou» a David nos seus ultimos annos; e talvez póde sobejar como ao mesmo David na vingança intentada de Nabal Carmelo; se falta o calor fomenta-o «outra» rainha Abisay; se sobeja, modera-o «outra» rainha Abigail. «E não haverá tambem necessidade de outra rainha Michol? Mais vezes ainda que ao mesmo David na occasião em que a filha de Saul» lhe salvou a vida das mãos de seu pae: quando ao rei lhe não podia valer seu grande valor, lhe valeu a prudencia da rainha. Finalmente, a prudencia pinta-se com um espelho na mão; e que espelho mais puro, mais claro e mais fiel, que aquelle em que o mesmo rei parece dous e é um? *Erunt duo in carne una.*

É comparada com a lua.

Como espelhos dos reis e das rainhas poz Deus no céu um rei que é o sol e uma rainha que é a lua. Assim o dizem todas as letras sagradas e profanas. E a que fim? Para que os reis na terra imitem aquelles exemplares no céu. E quando a rainha é tão prudente como a nossa, quer Deus que nas materias grandes e de importancia, nenhuma cousa resolva o rei (como não resolvia nem fazia o nosso) sem consenso e approvação da rainha. Declare-nos esta politica celestial quem melhor que todos a intende. Para Josué proseguir a victoria contra os gabaonitas não só pediu ao sol que parasse, senão tambem á lua: *Sol contra Gabaon ne movearis et luna contra vallem Aailon.* Mas se Josué para extender o dia lhe era só necessaria a luz do sol, para que fez a mesma petição e requerimento á lua? Porque intendeu o grande capitão dos exércitos de Deus, que uma

acção tão grande e tão nova como aquella, não a faria o rei dos planetas sem consenso e approvação da rainha. Ao sol pediu a luz para que lh'a désse, á lua para que a approvasse e não impedisse. E isto que só parece moralidade é fundada em razão muito verdadeira e solida. Porque se a lua tambem não parasse, confundir-se-ia totalmente a harmonia dos orbes celestes e a ordem e governo do universo pereceria. Tanto importa para o bem universal o consenso e união dos dous supremos planetas; e tanto intendeu Josué, que lhe não bastava ter só ao sol, se lhe faltasse a lua.

D'aqui se ded[uz] quão chorad[a] deve ser a su[a] morte. *Gen.* 1

Quem quizer (para que concluamos este discurso) quem quizer avaliar e pesar bem a perda de Portugal, na falta de sua tão prudente e tão sancta rainha, considere o que seria do mundo se a lua lhe faltasse: *Luminare maius ut praeesset diei, luminare minus, ut praeesset nocti.* O sol fel-o Deus para o dia, a lua para a noite; e se faltando a lua, a noite fosse totalmente escura, triste e medonha, como se havia de viver esta metade da vida? A lua é o lume das trevas, a lua é o allivio das tristezas, a lua o refugio das tristezas, a lua a consolação e remedio de tudo o que o sol divertido a outro hemispherio não póde remediar, nem supprir. Oh quantos trabalhos grandes, não só universaes mas particulares, não só publicos, mas secretos, tiveram allivio, consolação e remedio por meio da luz e benignas influencias d'aquelle segundo planeta eclipsado, que já nos não ha de allumiar. O mesmo Deus que fez o dia e a noite, ao tribunal de sua justiça accrescentou o da sua misericordia, para que as causas dos miseraveis e afflictos tivessem appellação e recurso. Assim o tiveram sempre todos (mas já o não podem ter) na misericordia, na piedade, na clemencia e na industria tão efficaz de quem alli está morta.

Foi para Port[u]gal e mais para o Brazi[l] uma verdadei[ra] Debora. *Judit.* 5

Vejam agora se teem bastantes causas de sentir e chorar os que tal rainha ou tal mãe perderam. Lá diz a Escriptura que em Debora deu Deus uma mãe ao seu povo: *Donec surgeret Debora, surgeret mater in Israel.* Os reis de Portugal por confissão do mundo, não são reis, mas paes dos seus vassallos. E posto que a Providencia divina nos deixou um tão bom pae, que por muitos annos nos conserve; quem haverá que não chore a falta de tão prudente e piedosa mãe, digna por tudo de eterna memoria, de eternas saudades e de eternas lagrimas? Chore, pois, Portugal, chore o Brazil, chore em ambos os mundos toda a monarchia. E quem haverá de nós, se tem uso de razão que não chore olhando para aquella sepultura; vendo cortada em flôr aquella vida que poderamos lograr muitos annos; vendo debaixo da terra aquella poderosa intercessora, que

nos alcançava os favores do céu; vendo aquelle augustissimo nome que traziamos gravado nos corações, escripto em epitaphios, vendo em fim a serenissima Maria de Portugal morta alli e sepultada; *Mortua est ibi Maria et sepulta?*

A parte alegre.

V. Temos visto na morte de sua majestade as grandes causas que tem a nossa dor de chorar, posto que não ponderadas com aquella efficacia de razões, nem com aquella energia de affectos, nem com a profundidade de sentimento que merecia tamanha perda. Segue-se n'este segundo discurso ou n'esta segunda parte d'elle vêr os effeitos, tambem grandes que deixou a mesma morte á nossa consolação para enxugar as lagrimas. Agora quizera eu que em todo esse theatro se voltara a scena; que os luctos trocassem as côres; que as caveiras se revestissem de vida; que os cyprestes se reproduzissem em palmas; que os epitaphios se convertessem em panegyricos; e que as luzes funestas d'essa pyramide se mudassem em luminarias de acção de graças; porque os que até aqui foram estragos e despojos, agora serão tropheos e triumphos, não de outra causa, senão da mesma morte. Corremos a cortina aos segredos da providencia divina; descubra-se o que estava encoberto; e vejamos no que vimos o que não viamos.

Razões d'esta alegria fundadas nas consolações que se seguiram a tres divorcios.

Desde o dia em que a rainha nossa senhora entrou em Portugal até o dia em que partiu para o céu as cousas de maior vulto que succederam em todo aquelle tempo foram tres matrimonios notaveis: um matrimonio declarado por nullo, um matrimonio contractado, um matrimonio consummado. O matrimonio nullo foi o do senhor rei D. Affonso que está em gloria: o matrimonio contractado foi o da alteza real de Saboya, que não teve effeito: o matrimonio consummado foi o d'el-rei nosso senhor, que muitos annos viva. No primeiro esteve o reino enganado, no segundo esteve arriscado, o terceiro esteve desconfiado. E Deus que tanto ama a Portugal, como desfez este engano, como acudiu a este perigo, e como confiou esta desconfiança? Bemdicta seja para sempre sua bondade. Assim como os matrimonios foram tres, assim os remediou com tres divorcios. O primeiro divorcio no matrimonio nullo fel-o o desengano; o segundo divorcio no matrimonio contractado fel-o a infermidade; o terceiro divorcio no matrimonio consummado fel-o a morte. E que bens ou utilidades para Portugal tirou a Providencia Divina d'estes tres divorcios? Os tres maiores bens e as tres maiores utilidades que podiamos desejar e as que mais haviamos mister e agora se conhecem. O primeiro divorcio deu-nos uma princeza herdeira do reino: o segundo divorcio livrou-nos de principes extrangeiros; o terceiro divorcio habilitou-nos para ter principes naturaes na baronia

dos reis portuguezes. Vejam agora a nossa dôr e as nossas lagrimas se teem grandes motivos para se enxugarem.

1.ª Consolaç[ão]. A rainha co[n]tinua á viver [na] princeza su[a] filha. *Eccli.* 30

VI. O fructo do primeiro divorcio «como» foi a princeza herdeira do reino e tal princeza; assim é tambem o primeiro e mais vivo motivo da nossa consolação. Porque? Porque em sua alteza temos outra vez viva a rainha nossa senhora, não como resuscitada, mas como não morta. A proposição parece paradoxa: mas não é menos que do mesmo Auctor da vida e da morte: *Mortuus est pater ejus et quasi non est mortuus; similem enim reliquit sibi post se:* morreu o pae e quasi não é morto, porque deixou depois de si outro similhante. Se quando a rainha nossa senhora se foi para o céu, não nos deixara ou se não deixara em sua alteza, verdadeiramente seria morta: mas como nos deixou e se deixou em um original tão vivo de si mesma, a sua morte quasi não foi morte, porque vive na filha similhante a si, que nos deixou depois de si.

Como Eva e[ra] similhante [a] Adão assim [a] princeza o é [á] sua mãe.

No principio do mundo antes de haver Eva, Adão não tinha similhantes a si: *Non inveniebatur similis ejus.* E que fez Deus para que Adão que não tinha similhante a si, tivesse similhante? Dividiu o mesmo Adão em duas partes ou em duas pessoas; e tirando-lhe do lado e de suas proprias entranhas a Eva, por este modo maravilhoso fez que o que não tinha similhante a si, tivesse similhante: *Faciamus ei similem sibi.* D'aqui se infere a singular excellencia de Eva. N'aquelle tempo já estavam creadas no mundo todas aquellas elegancias da natureza, que não só são as similhantes da formosura, senão os encarecimentos d'ella. Nos prados já havia as rosas e açucenas; nas minas já havia os rubins e os diamantes; nas conchas já havia as perolas e os aljofares; no céu já havia o sol e as estrellas. Não são estes os maiores encarecimentos da formosura? Sim. «Porém» entre todas estas bellissimas creaturas nem junctas nem divididas se achava similhante a Adão: só Eva se achava similhante. Tal é hoje em Portugal a filha unica d'aquella mãe. Olhe lá do céu a unica mãe e não achará em toda a terra outra similhante a si, senão a unica filha que deixou depois de si e por isso tão viva n'ella depois da morte, como se não morrera. Viva na unica Isabel a unica Maria: viva na pessoa, viva na gentileza, viva na majestade, viva no juizo, viva na discrição, viva na piedade para com Deus, viva no agrado para com os vassallos, viva, emfim, em todas as perfeições e virtudes verdadeiramente reaes. Havendo, pois, Deus feito tão grande mercê a Portugal, que nos deu a nossa mesma rainha em duas vidas, antes temos razão de nos alegrar, que de nos entristecer: «eis aqui o primeiro motivo da nossa consolação.»

2.ª Consolação. ¡Já não ha necessidade de chamar ao throno de Portugal um principe extrangeiro.

VII. O segundo fundado no segundo divorcio foi livrar-nos Deus por este meio de principes extrangeiros. Um principe extrangeiro de tão soberanas qualidades, como o desposado, bem podera ser nosso rei: mas vai grande differença de ser nosso rei ou ser rei nosso. Aquelle povo a quem Deus chamava seu e amava sobre todos, deu-lhe por lei que não podesse fazer rei homem que não fosse da sua nação: *Non poteris alterius gentis hominem regem facere qui non sit frater tuus*. E não só poz Deus esta lei ao povo, senão tambem a si mesmo, promettendo-lhe que não elegeria rei de outra nação, senão da sua: *Quem Dominus tuus elegerit de numero fratrum tuorum*. Assim o fez na eleição de Saul, de David, de Jehú e de todos os que mandou ungir «em» reis. É verdade que talvez o principe extranho póde ser dotado de melhores partes e de maiores virtudes que o proprio: mas ainda no tal caso antes querem os homens o proprio menos bom, que o extranho melhor. Tal é o impeto natural do desejo humano. Finalmente signalando Deus ao mesmo povo o tempo em que se havia de acabar o seu reino, o signal que lhe deu foi, que então se acabaria, quando o sceptro de Israel passasse ás mãos de principe extrangeiro. Pois se isto é assim e provado com tantos documentos humanos e divinos, como se resolveu Portugal a admittir principe extrangeiro? É certo que a resolução foi tomada com grande juizo e prudentissimo conselho; porque não foi voluntaria, senão forçosa. Não elegemos a sujeição de principe extrangeiro como melhor, nem como bem, senão como mal necessario. O bem e o melhor era ter principe herdeiro varão. Esses foram sempre os desejos e ancias da mesma rainha; e a esse fim se ordenavam tantas orações, tantos sacrificios, tantas esmolas, tantas romarias, tantas novenas e tantos votos seus e de todo o reino. Mas como Deus nos não ouvisse e a desesperação de filho se confirmasse, foi força acudir ao remedio da successão real, não como queriamos, senão como era possivel, muito ao nosso pezar.

Quão desagradavel fôra isso aos portuguezes. *Thr.* 5

Nem encontram a verdade d'este pezar as demonstrações de alegria tão extraordinarias que vimos; porque se por fóra eram alegres, por dentro eram tristes e lastimosas. Não havia coração verdadeiramente portuguez que no secreto não chorasse e no publico não engolisse as lagrimas, lamentando todos com Jeremias: *Haereditas nostra versa est ad alienos, domus nostra ad extraneos*. Aquellas festas, aquelles repiques, aquellas luminarias, aquellas procissões com que Portugal solemnizou os desposorios; aquellas galas, aquelles theatros, aquellas fabricas triumphaes que estavam prevenidas para o recebimento,

que cuidais os de perto e os de longe que eram? Considerada a soberana grandeza de um e outro desposado, apenas egualavam a dignidade das vodas; e para os extremos de amor com que Portugal estima, venera e quasi idolatra a sua princeza ainda lhe parecia muito menos. Considerado, porém isto mesmo, como reparo da coroa na substituição do principe extrangeiro, tudo era o contrario do que parecia. As galas eram luctos; as fabricas eram ruinas; os theatros eram tumulos; os repiques eram signaes, as procissões e as luminarias eram enterros; porque o tronco e a baronia dos reis portuguezes, continuada por tantos seculos, alli se sepultava para sempre.

Para os livr d'esto perig tirou Deus rainha do mundo.

Mas em quanto os conselhos da terra se accomodavam a este mal necessario, nos conselhos do céu se estava decretando, que não fosse necessario, nem fosse mal, senão o bem do reino. Como os annos da rainha promettiam larga vida e Deus tinha decretado de a cortar no meio d'elles; a supposição da sua vida por uma parte e a previsão da sua morte por outra, eram as duas causas encontradas, por que os conselhos do céu se não conformavam com os da terra. Os da terra insistiam em effeituar o casamento; os do céu só tractavam de estorvar e desfazer. E que seria de nós, se se não desfizera? Consideremos o que seria de Portugal no estado presente com um principe extrangeiro jurado e um rei natural coroado, ambos na mesma côrte, e como se haviam de conservar em paz um principe extrangeiro e um rei natural sogro, que são os parentescos mais perigosos e em que menos se conserva a união.

No parentes de Cesar co Pompeu rec nheça Lisb este perigo

Deixo os exemplos da Escriptura; porque são em sujeitos de inferior jerarchia: mas veja-se Lisboa em Roma como em espelho e no successo e parentesco de Cesar com Pompeu reconheça o seu perigo. Pompeu Magno era genro de Julio Cesar, e Cesar sogro de Pompeu, e quaes foram as dissenções d'estas duas grandes cabeças e por que causas? Lucano o disse e ponderou excellentemente: *Nec quemquam jam ferre potest Caesarve priorem Pompeiusve parem:* Cesar que affectava o imperio não podia soffrer ver-se menor que Pompeu: Pompeu que o sustentava não podia soffrer que Cesar lhe fosse egual. E d'esta mal soffrida desegualdade se originaram os desgostos, dos desgostos nasceram as discordias, das discordias as parcialidades, das parcialidades a divisão de Roma e da divisão as guerras mais que civis: *Bella per Emathios plusquam civilia campos.* Estes são os perigos de que Deus nos livrou por meio do divorcio do matrimonio contractado, dando junctamente justas causas ao mesmo divorcio por meio da infermidade não conhecida nem esperada. E bem se viu que a infermidade foi traçada

pela divina providencia só a fim de desfazer o matrimonio: porque tanto que esteve desfeito, logo o principe sarou e teve saude. Para que demos as graças e a gloria a Deus e digamos d'aquella infermidade o que Christo disse da de Lazaro: *Infirmitas haec non est ad mortem: sed pro gloria Dei ut glorificetur per eam.*

3.ª Consolação. A fecundidade do futuro matrimonio.

VIII. O terceiro e ultimo motivo da consolação de Portugal é a esperança dos principes naturaes, morta na vida e resuscitada na morte da rainha nossa senhora por meio do terceiro divorcio. No tempo antigo em que era licita a polygamia, bem podia o marido ter filhos legitimos, vivendo a legitima mulher infecunda. Assim os teve Abrahão em Agar, vivendo Sara; e assim os teve Jacob em Lia, vivendo Rachel. Mas depois que Christo nosso Senhor, como Supremo Legislador, revogou esta dispensação e reduziu o matrimonio á unidade primeva e natural, só a morte póde remediar este defeito, supprindo as segundas vodas a infecundidade das primeiras. E este é o logar que a desesperação passada deixou á esperança presente, passando-se do thalamo real ao tumulo.

A morte de D. Affonso e da rainha deram dous golpes no coração de D. Pedro.

N'aquella pedra que ferida da vara restaurou a esterilidade das fontes, deixamos allegorizado a el-rei D. Pedro, nosso senhor. E como os golpes foram dous, vejamos a propriedade e os effeitos com que os dobrou e repetiu a morte: *Percutiens virga bis silicem.* O primeiro golpe foi a morte d'el-rei D. Affonso: o segundo golpe foi a morte da rainha, nossa senhora, ambos tão sentidos de sua majestade e com tão particulares demonstrações, como o pedia o parentesco e o amor. Mas quaes foram os effeitos d'estes dous golpes da morte na mesma pedra ou no mesmo rei D. Pedro a quem feriram? O primeiro golpe que foi a morte d'el-rei, deu-lhe a coroa: o segundo golpe, que foi a morte da rainha ha de lhe dar a successão.

E lhe trouxeram duas consolações: o primeiro, a coroa para si e para a rainha.

Quanto ao primeiro golpe, quem imaginou nunca que a coroa gloriosissima d'el-rei D. João IV, tendo tres filhos varões, se viesse assentar na cabeça do ultimo? Mas os primogenitos não só os faz a geração, senão tambem a morte. A geração faz os primogenitos, dando-lhes o primeiro logar entre os vivos: a morte faz os primogenitos, matando os primeiros e deixando vivo os ultimos. «Assim» foi necessario que morresse o principe D. Theodosio e que morresse el-rei D. Affonso, para que sua majestade fosse o primogenito e herdeiro da coroa. Mas para elle herdar a coroa tanto importava que a morte d'el-rei D. Affonso fosse o primeiro golpe, como o segundo: tanto importava que morresse antes, como depois da rainha. E porque ordenou a Providencia Divina que el-rei (e tão inesperedamente)

morresse antes? Para que por este meio lhe fosse restituido á rainha, nossa senhora, o primeiro titulo, do qual por amor de nós com tão heroica generosidade se tinha privado. A maior fineza que fez por nós aquelle incomparavel espirito, para desengano e remedio do reino, foi descer-se da majestade á alteza e humanar-se ao segundo logar de princeza, a que no throno e na corca era rainha. Porém Deus que ainda n'esta vida quiz premiar condignamente uma acção tão heroica, ordenou que a morte d'el-rei se anticipasse á sua; para que reposta no solio da primitiva majestade, assim como tinha entrado em Portugal rainha, saisse do mundo rainha. Menos era que o golpe da morte désse a el-rei, nosso senhor, a coroa, se lh'a não déra tambem a tempo em que podesse coroar a quem tanto lh'o merecia.

O segundo, certa esperar dá prole ma culina para cumprirem a promessas fe tas a D. Affon Henriques.

Este foi o effeito do primeiro golpe na morte d'el-rei: o segundo golpe, que foi a morte da rainha o que fez? Fez que cortado este impedimento, possa e haja de ter sua majestade a feliz successão que havemos mister, e não successão de qualquer modo, senão de filhos varões. E para que nos alegremos com a certeza d'esta esperança, que ainda parece duvidosa, digo que é tão certa e infallivel, como fundada na palavra e promessa do mesmo Deus. No juramento d'el-rei D. Affonso Henriques lhe revelou Deus uma desgraça e lhe prometteu uma felicidade. A desgraça revelada foi, que na decima sexta geração se attenuaria a prole: *Usque ad decimam sextam generationem, in qua attenuabitur proles.* A felicidade promettida é, que n'essa mesma prole attenuada elle olhará e verá: *Et in ipsa sic attenuata ego respiciam et videbo.* A decima sexta geração d'el-rei D. Affonso o I, todos sabemos que foi el-rei D. João o IV. A prole d'el-rei D. João o IV attenuada, todos estamos vendo que é el-rei D. Pedro nosso senhor, depois de mortos seus irmãos: porque n'elle está a prole em um só filho e em um só fio. Logo agora é o tempo em que Deus ha de olhar e ver. E que é em Deus olhar e ver? Não digo que me agradeçais a explicação e a prova, mas que deis graças a Deus por ella. O olhar e ver em Deus, segundo a phrase do mesmo Deus e da Escriptura é dar successão, não só de um, senão de muitos filhos varões. Ora vede.

Cujo theor d esperança, n de um filho varão, mas d muitos.

Estava muito desconsolada Anna, que depois foi mãe de Samuel, por se ver esteril e sem filhos, e disse assim a Deus: (notae as palavras) *Si respiciens videris afflictionem famulae tuae, dederisque servae tuae sexum virilem:* se vós, Senhor, olhando virdes a esterilidade de vossa serva e me derdes filho varão. E que fez Deus? Olhou e viu como lhe pediu Anna; e

porque olhou e viu, não só lhe deu um filho varão, senão muitos: *Donec sterilis peperit plurimos*. De sorte que o olhar e ver de Deus é dar não só um, senão muitos filhos varões. E se Deus assim o fez, quando só ouviu a quem lhe disse, *Si respiciens videris;* muito maior razão e obrigação tem de fazer o mesmo, quando elle é o mesmo que diz: *Ego respiciam et videbo*. D'este modo remediará Deus a nossa necessidade e a nossa sede: *Cumque indigeret aqua populus*; e d'este modo supprirá a fecundidade da pedra a esterilidade das fontes: *Percutiens virga bis silicem, egressae sunt aquae largissimae*.

Conclusão. Imitar á rainha na pureza de consciencia Exemplo que deu na sua ultima infermidade.

IX. Tenho acabado o sermão e dou graças a Deus de o poder levar a cabo. A peroração dos prégadores em similhantes casos é exhortar aos desenganos da morte; eu á vista d'esta morte só quizera aconselhar as imitações da vida. Imitemos a vida e as virtudes de uma tão pia e sancta rainha; e imitemos sobre tudo o que sobre tudo importa, que é a pureza e resguardo da consciencia, em que foi vigilantissimamente insigne. Estando o coração de sua majestade muito anciado com a força das dores, rompeu uma vez em dous ais; e logo fez chamar o seu confessor para se confessar d'aquella que lhe pareceu menos paciencia. O gemer nas dores não é imperfeição: mas é maior perfeição não gemer. Assim o ensinou David, quando disse que os seus gemidos lhe davam grande trabalho: *Laboravi in gemitu meo*. Os gemidos e os ais fel-os a natureza para allivio: que trabalho era logo este que davam a David os seus gemidos? Era o trabalho que elle punha em os afogar no peito e os reprimir, commenta Sancto Ephrem. E uma consciencia tão delicada que d'isto fazia escrupulo e se confessava logo, um espirito tão puro e tão purificado com seis mezes de purgatorio, vêde se voaria direito ao céu.

Feliz circumstancia de tempo em que morreu.

As mesmas confianças nos deixou devotamente fundadas a ultima circumstancia da morte de sua majestade, morrendo quando Christo nasceu. Muito venturosa foi Rachel em morrer em Belem; porque era grande signal de salvação morrer n'aquelle logar, em que havia de nascer o Salvador. «Porém» como a morte de Rachel imitou o nascimento de Christo na circumstancia do logar, quizera «eu» que tambem o imitasse na circumstancia do tempo. Mas esta circumstancia ou prorogativa estava guardada para a nossa Rachel. Saiu a nossa Rachel do mundo, quando Christo entrou no mundo: Christo nasceu em dezembro; a nossa Rachel morreu em dezembro: Christo aos vinte e cinco; a nossa Rachel aos vinte e septe; dia em que foi recebida aquella ditosa alma e collocada no throno da gloria.

Como está ella gozando no céu e protegendo o reino e a monarchia.

Assim o cremos piamente, soberana rainha e senhora nossa;

e assim como vos obedecemos e servimos na terra, assim vos veneramos com a mesma piedade no céu. Gozae, gozae para sempre, não a coroa que deixastes, senão a que merecestes com as vossas tão esclarecidas virtudes: com a modestia nas grandezas, com a moderação nas riquezas, com a temperança nas delicias, com a constancia nas variedades do mundo, com a piedade e compaixão nos trabalhos alheios e com a paciencia nos proprios, de que até os reis se não livram n'esta miseravel vida. As vidas de sua majestade e alteza que são o nosso maior cuidado, pouca urbanidade sería a minha se eu as recommendasse, senhora, ao vosso amor, sendo duas ametades da mesma alma, que lá as levou junctamente e tem comsigo. O que vos pedimos, rainha e senhora nossa, é que vos lembreis do vosso reino de Portugal, d'aquelles leaes vassallos que tanto vos souberam merecer a memoria. Lembrae-vos das orações, dos sacrificios, das penitencias, dos votos, das procissões, das intercessões dos sanctos, trazidas até de reinos extranhos para vos impetrar a vida. Ouviu-nos Deus melhor, porque a commutou com a eterna. Este Brazil, parte tão consideravel da monarchia (tão carregada sempre como util e tão util como digna de ser lembrada e favorecida) depois que vos tem no céu, já começou a experimentar as assistencias do vosso patrocinio, na paz, na justiça e na suavidade efficaz do estado presente, com que se promette grandes felicidades. As que eu desejo (desejando-lhe todo o bem) não são aquellas a que o mundo dá este nome, que todas se mudam com o tempo, todas acabam com a vida e todas veem a parar no que estamos vendo. Alcançae-nos de Deus querer só ao mesmo Deus, querer só sua graça, querer só sua vista, querer só o que vós sobre tudo quizestes e procurastes. Porque d'este modo (e só por este modo) vos imitaremos na vida, vos seguiremos na morte e vos acompanharemos na eternidade. Amen.

(Ed. ant. tom. 13, pag, 1, ed. mod. tom. 12, pag. 5.)

APPENDICE PRIMEIRO

SERMÕES DE VARIO ARGUMENTO

SERMÃO DA TERCEIRA DOMINGA POST EPIPHANIAM *

PRÉGADO NA SÉ DE LISBOA

Observação do compilador. — Mais politico-economico que religioso é o assumpto d'este sermão ou conferencia, pois dá as regras de viver feliz ainda na vida presente, medindo o poder com o querer por isso teve logar no primeiro appendice d'este quarto volume. Funda o orador os seus argumentos na Escriptura para que o seu dizer seja prégar : no mais os principios que elle desenvolve se podem tractar em qualquer assemblea legislativa ou livro de economia. O sermão é um dos mais chistosos e mais eloquentes do genio vieirense.

Si vis potes.
S. Math. 8.

O querer e o poder, se divididos são nada, junctos e unidos são tudo. O querer sem o poder é fraco: o poder sem o querer é ocioso; e d'este modo divididos são nada. Pelo contrario o querer com o poder é efficaz, o poder com o querer é activo; e d'este modo junctos e unidos são tudo.

O que são o querer e o poder quando junctos e quando divididos.

Assim considerava o querer e poder de Christo, certo do seu poder e duvidoso do seu querer, um homem pobre e infermo; o qual na historia do presente evangelho prostrado a seus divinos pés lhe pediu que o remediasse, dizendo que se quizesse, podia: *Si vis, potes*. Grande miseria é, não digo já da incredulidade; mas da estreiteza do coração humano, que confessando os homens a Deus o poder, lhe duvidem a vontade. Mas ainda é maior miseria e cegueira, que não falte quem a até o poder lhe duvide. Outro necessitado tambem pediu a Christo a saude, não para si, mas para um filho e o que disse ao mesmo Senhor foi: *Si quid potes, adjuva nos*: se podeis alguma cousa, ajudae-nos. Ambos estes homens procuraram o remedio, ambos o pediram, ambos o duvidaram; e se bem considerarmos o que disseram, ambos offenderam a Christo. O primeiro fallou com pouca, o segundo com menos, e nenhum com inteira fé. E que faria o benignissimo Senhor assim rogado e offendido? Um lhe duvidou o

O necessitado que duvidou a Christo o querer e outro que lhe duvidou o poder.

querer: *Si vis*; outro lhe duvidou o poder: *Si quid potes*; e a ambos mostrou que podia e queria. Ao que lhe duvidou da vontade disse: Quero; ao que lhe duvidou do poder disse: Posso; e a ambos despediu satisfeitos com o remedio que desejavam.

As excellencias do poder e do querer foram em Christo no gráu mais heroico. Dito discreto de Marco Tullio.

Oh que grande ventura é requerer deante de um Principe que quer e póde! Assim seria tambem a maior de todas as desgraças esperar o remedio de algum tão pouco poderoso que não possa, ou de tão má vontade que não queira. A Augusto Cesar disse Marco Tullio, prudente e elegantemente, que a natureza e a fortuna lhe tinhem dado, uma a maior e outra a melhor cousa que podiam para fazer bem a muitos: *Nec fortuna tua majus quam ut possis, nec natura tua melius quam ut velis conservare quam plurimos*. A maior cousa que póde dar a fortuna a um principe é o poder; e a melhor que lhe póde dar a natureza é o querer, para poder e querer fazer bem a todos. Ambas estas excellencias de supremo Senhor concorreram em Christo no gráu mais heroico; e se n'ellas teve alguma parte a fortuna, não foi a sua, senão a nossa. O poder e o querer, tudo em Christo é natureza, como composto ineffavelmente de duas: como Deus todo poderoso, como Homem todo benevolo; e uma e outra cousa logrou hoje com inteira experiencia aquelle homem de meia fé, que disse: *Si vis, potes*. A estas duas palavras respondeu o Senhor com outras duas: ao *Si vis* disse: *Volo*; ao *Potes*, disse *Mundare*; e em ambas lhe ensinou, que não só podia, como a sua fé confessava; se não que tambem queria, como a sua esperança duvidava. D'esta maneira declarou em uma mesma acção Christo Senhor nosso quão alta e promptamente estão unidos para nosso remedio na sua omnipotencia o poder e na sua vontade o querer. E porque eu quizera que esta união tão maravilhosa não só nos servira de documento para a fé, senão tambem de exemplo para a imitação; de todo o largo Evangelho escolhi só aquellas duas palavras: *Si vis, potes*: se quereis podeis.

O poder e querer só em Deus são eguaes. Como se hão de ajustar no homem para viver feliz ainda n'este mesmo valle de miserias.

Mas como o poder e querer só n'aquelle Supremo Senhor que póde quanto quer são eguaes; e pelo contrario no homem o poder é pouco e limitado e o querer sempre insaciavel e sem limite; como se póderá na contrariedade d'esta discordia achar algum meio de união? Reconheço a difficuldade: mas por isso será ella todo o imprego do meu discurso. *Si vis, potes*: sobre estas duas palavras «referindo-as á vontade e poder humano,» veremos como se ha de ajustar o querer com o poder, e o poder com o querer. É uma das mais importantes materias que s deve ensinar ao mundo e de que depende toda a felicidade hu

da n'este mesmo valle de miseria.» Deus me assista
ça: *Ave Maria.*

mos com verdadeira consideração a causa de males do mundo, acharemos que não só a tal e a unica é não acabarem os homens de r com o seu poder. A raiz d'este veneno só na terra, senão tambem no céu, é a in- om que toda a creatura dotada de vontade li- petece sempre ser mais do que é, senão tambem do que póde. Que quiz o anjo no céu e que quiz no paraiso? Ambos quizeram ser como Deus. Menos miro das suas vontades, que dos seus intendimentos. Vem Lucifer; vem cá, Adão. Tu anjo e o mais sabio de todos os anjos; tu homem e o mais sabio de todos os homens; não intendeis e conheceis com evidencia que não podeis ser como Deus? Pois como appeteceis o que não podeis? Porque tal é a cegueira de um intendimento ambicioso e a ambição de uma vontade livre. Ha de querer mais do que póde, ainda que conheça que é impossivel. O poder ou poderes do homem eram sobre todos os peixes do mar, sobre todas as aves do ar e sobre todos os animaes da terra; o poder e poderes do anjo eram sobre a terra, sobre o mar, sobre o ar, sobre o fogo e não só sobre todos os elementos; mas tambem sobre todos os corpos celestes e sobre todos os astros e seus movimentos. E porque ainda havia no mundo outro poder maior, posto que esse fosse o de Deus, nem o anjo, nem o homem se contentaram com seu poder. E que se seguiu d'aqui? A ruina universal do mundo: a ruina da terceira parte dos anjos e a ruina de todos os homens. Mas deixados os anjos, que não são capazes de emenda, fallemos com os homens, que se podem emendar se quizerem. Começando pelos maiores corpos politicos, que são os reinos, qual é a causa de tantos se terem perdido, de que apenas se conserva a memoria; e outros se verem tão arruinados e enfraquecidos, senão o appetite desordenado e cego de quererem os reis mais do que podem? D'aqui se seguem as guerras e a ambição de novas e temerarias empresas, como as de Membroth: d'aqui as fabricas de edificios magnificos e insanos, como a Torre de Babel: d'aqui a prodigalidade de excessivas mercês, amontoando em um o que se tira a todos, como as de Assuero em Aman: d'aqui as festas e jogos publicos com apparatos mais monstruosos que extraordinarios, sem outro fim que a falsa ostentação e vaidade do que não ha, nem é. E quando as despezas de tudo isto deveram sair do que sobejasse nos erarios e thesouros reaes; que será onde se vêem

O não concordar o querer com o poder causa principal de todos os males do mundo.

tiradas e esprimidas todas do sangue, do suor e das lagrimas dos vassallos, carregados e consumidos com tributos sobre tributos, chorando os naturaes, para que se alegrem os extranhos e antecipando-se as exequias á patria, por onde se lhe devera procurar a saude?

Foi a ruina do reino de Salomão.

Salomão foi o rei que em todo o seu reinado gozou da mais alta e segura paz de quantos houve dentro e fóra de Israel: mas foi tal a guerra que elle fez á sua mesma côrte e reino com os prodigiosos espectaculos de grandeza e majestade, cuja fama trazia a Jerusalem todas as nações do mundo, que o mesmo Salomão foi o que destruiu o que tanto ennobreceu e exaltou; e não por outra razão ou defeito, senão porque sendo mais poderoso que todos, se não contentou com o que podia. A prata no seu tempo diz a sagrada Escriptura que era tanta em Jerusalem, como as pedras da rua; e n'este mesmo tempo eram tantos, tão multiplicados e tão excessivos os tributos com que o glorioso e miseravel povo sustentava a fama de ser chamado seu um tal rei, que não podendo supportar um peso tão intoleravel, com que em toda a vida os opprimiu e nem na morte os alliviou, a primeira cousa que pediram a seu successor Roboão, foi a suspensão e remedio d'estas oppressões. Mas como o filho, que se não contentava com menos que poder ainda mais que seu pae, não désse ouvidos a uma tão justificada queixa, rebellados os mesmos vassallos lhe negaram a obediencia; e de doze tribus de que constava o reino, perdeu em um dia as dez; as quaes nem nos dias de Reboão, nem nos de todos seus descendentes, se uniram ou sujeitaram jámais á mesma corôa.

É a ruina das familias.

E se este natural appetite de quererem os homens sempre mais do que podem, nem na soberania dos que podem tudo se farta; que será d'ahi abaixo desde os maiores entre os grandes até os minimos entre os pequenos? O official póde viver como official, e quer viver como escudeiro: o escudeiro póde viver como escudeiro, e quer viver como fidalgo: o fidalgo póde viver como fidalgo, e quer viver como titulo: o titulo póde viver como titulo, e quer viver como principe. E que se segue d'este tão desordenado querer? O menos é que por quererem o que não podem, venham a não poder o que podiam. Quanto sobe violentamente o querer para cima, tanto desce sem querer o poder para baixo. Ouvi agora o que direi como proverbio: Quem quer mais do que lhe convem, perde o que quer e o que tem.

Foi a de Simão Mago Observação de S. Maximo.

Simão Mago appellidou um dia todo o povo romano para o verem subir ao céu; e verdadeiramente á vista de todos come-

çou a voar. Orou, porém, S. Pedro sem se levantar da terra, e a sua oração derribou das nuvens ao Mago com tal queda, que, desconjuntados e quebrados todos os ossos desde os joelhos até os pés, totalmente ficou inhabil para dar um passo. Justo castigo; mas parece que desegual a tamanha maldade. Este Mago, para que o seguissem os judeus, fingia-se Messias; e para que o adorassem os gentios, fazia-se Jupiter; e um delicto composto de tantos delictos, tão enormes, tão impios, tão sacrilegos e tão blasphemos; porque o não castigou Deus com lhe tirar logo a vida, senão com o privar sómente do uso dos pés? Excellentemente S. Maximo: *Ut qui paulo ante volare tentaverat, subito ambulare non posset*; *et qui pennas assumpserat, plantas amitteret*. Não se contentou Simão com os pés que Deus e a natureza lhe tinham dado para andar e quiz azas para voar; pois fique privado não só das azas para que não voe, senão tambem dos pés para que não ande. E para que mais? Para que este exemplo e desengano seja um publico prégão a Roma e a todo o mundo, que quem quer poder mais do que lhe convem, perde o que quer e o que tem.

Quantos ao mesmo vicio imitam o Filho Prodigo.

O filho Prodigo, porque no gastar e alardear quiz o que não podia nem pedia o estado de filho, veio a pedir por misericordia a fortuna de creado: *Fac me sicut unum de mercenariis tuis*. Quantos vieram a servir, porque quizeram ser mais servidos ou servidos de mais do que podiam manter. Se apenas podeis sustentar um cavallo com uma muchila, porque haveis de ter uma carroça com oito lacaios? Um é affeiçoado á caça; e quando os cães andam luzidios e anafados, ver-lhe-heis os creados pallidos e mortos á fome. O outro é prezado ou picado de pinturas; e quando elle com falso testimunho ridiculo, chama os seus quadros originaes de Ticiano, os pagens e os lacaios são verdadeiramente copias de Lazaro. Que direi do que para sair um dia aos touros e ostentar cincoenta lacaios, vestidos de téla, empenhou o morgado e as commendas por muitos annos? As sortes seriam quaes quiz a ventura: mas a peior e mais certa foi a da pobre casa. Elle poderia ter um dia de paschoa: mas ella ha de jejuar dez annos de quaresma. Eis aqui o que veem a não poder os que querem mais do que podem. Com essa mal considerada vaidade que é o que adquiristes ou o que perdestes? Perdestes a felicidade de não pedir; perdestes a liberdade de não dever; perdestes o descanço de não pagar. E o que adquiristes com o que tinheis e com o que não tinheis, foram as invejas dos amigos, as murmurações dos sizudos, as perseguições dos acredores e a desgraça e máu conceito dos mesmos principes a quem quizestes lisongear e ser-

vir: porque como vos ha de fiar a sua fazenda quem assim vê que esperdiçais a vossa?

O luxo dos cidadãos arruina os estados.

III. Mas isto passe embora, porque é damno particular. O máu é que para restaurar estes desmanchos, que sempre se devem e nunca se pagam, quem os está continuamente pagando por varios modos é o commum. O official de penna, a cujos rasgos mede o regimento as regras e conta as lettras, se elle quer gastar sem conta e sem medida, que ha de fazer? Troca as suas pennas com as dos gaviões e minhotos; e não ha ave de rapina, que tanto leve nas unhas. O letrado ou julgador, cuja auctoridade constava antigamente de uma mula mal pensada com sua gualdrapa preta; se hoje fóra de casa ha de sustentar a liteira e dentro as alfaias que lhe respondem, não bastando os ordenados para a terceira parte do anno, quem ha de supprir a despeza das outras duas partes senão as partes e a justiça? O que entre fumos de nobreza e fidalguia vive a mercê da sua herdade, a qual, quando as novidades não mentiam, só dava para sarja no verão e baeta no inverno; agora que já ás lãs se não sabe o nome, de que se ha de vestir, sendo o gallo da sua aldeia, senão das pennas dos que podem menos? O mercante que tomou os assentos ou contractos reaes de publico, e se contractou de secreto com os zeladores da fazenda do mesmo rei, de que modo se ha de soldar quando se vê quebrado, senão com o soldo e fardos dos miseraveis soldados, tornando a comprar os já comprados ministros, para que lhe subam os preços e ajuste as quebras? Infinita cousa seria se houvessemos de discorrer por todos os estados assim de paz como de guerra, com que a fazem cruel á republica, os mesmos que tinham obrigação de a defender.

Apophthegmas de Seneca e de Solon.

Com razão disse Seneca que a riqueza se faz de muitas pobrezas: *Divitiae ex paupertatibus fiunt*; porque para enriquecer um homem, se empobrecem outros; e para se levantar ou resuscitar uma casa, se arruinam e sepultam muitas. Os empenhos do morgado tiral-os-ha o governo; o captiveiro das commendas remil-o-hão as pensões; e se a limitação dos ordenados não abrange a tanto, extendel-o-hão sem limite os desordenados. O que não póde pagar a gineta, pagal-o-ha a companhia; o que não póde pagar o bastão, pagal-o-ha o exercito: o que não póde pagar Portugal, pagal-o-ha o Brazil, pagal-o-ha a Africa, pagal-o-ha a India. E para que poucos, que querem mais do que podem sejam flagellos, assolação e ruina das quatro partes do mundo, se lhes dará licença por escripto para que possam quanto quizerem. Lembra-me a este proposito um apophthegma d'aquelle famoso legislador dos gregos, Solon:

Luxus erit in tyrannidem, dum foenum migrat in cornua. Quer dizer a primeira parte, que do luxo nascerá a tyrannia, pessima filha de máu pae. E segundo os gemidos dos tyrannizados, cujas serão estas tyrannias, senão dos que eu vou fallando? Todos querem mais do que podem; nenhum se contenta com o necessario; todos aspiram ao superfluo; e isto é o que se chama luxo. Luxo na pessoa, luxo no vestido, luxo na meza, luxo na casa, luxo no estrado, luxo nos filhos, luxo nos creados e creadas; e onde não basta o proprio, claro está que ou por arte ou por violencia se ha de roubar o alheio: que estas são mais ou menos descobertas as tyrannias: *Luxus erit in tyrannidem.* E porque não pareça difficultoso ou improprio que de uma causa tão branda e tão deleitavel como o luxo, nasça um effeito tão duro e tão cruel como a tyrannia; declara a primeira parte da sua sentença Solon com a comparação da segunda, que verdadeiramente é subtilissima: *Dum foenum migrat in cornua.* O pasto com que se regala e se engrossa o touro, não é o feno brando e para elle tão saboroso, que o come de dia e torna a recomer de noite? Pois esse feno na testa do mesmo bruto é o que se converte n'aquellas duas pontas duras, fortes e agudas que são o instrumento e as armas de toda a sua fereza. Lançae-o no corro; e vereis como a todos remette, a todos atropella; a uns bota para o ar, a outros pisa, a outros fere ou mata; e o que melhor se livrou da sua furia, foi deixando-lhe a capa nas pontas. Se o luxo é o feno, quanto mais se come d'elle, se gosta e se rumia, tanto mais serão as tyrannias e mais feros os estragos: *Dum foenum migrat in cornua.*

Tyrannia do luxo.

Boa materia se me offerecia agora para fallar das durezas tão crueis e das agudezas tão subtis e das armações tão bem armadas d'estas armas da tyrannia. Mas o dicto bastará para que se intenda a verdade do fundamento que puz ou suppuz, como primeira pedra d'este tão importante discurso; e que a causa e raiz de todos os damnos particulares e publicos que padecem as familias, as communidades e os reinos, e com que se está indo a pique o mundo, é não acabar o appetite, a ambição e a cegueira humana de tomar as medidas ao que póde, e ajustar o seu querer ao seu poder: *Si vis, potes.*

Como se ha de medir o poder. Regra que dá o divino Mestre, pouco intendida em Portugal.

IV. Para reduzirmos á practica este tão necessario ajustamento, a primeira diligencia que ha de fazer todo o homem prudente de si para comsigo e sem paixão nem amor proprio, é medir o seu poder. Que homem ha de vós (diz Christo) o qual, se quer edificar uma torre, não lance suas contas primeiro e considere muito de vagar, se tem cabedal bastante para levar a obra ao cabo? Porque do contrario se seguiria (accrescenta

o Senhor) que depois de ter lançado os alicerces, se não podesse continuar a fabrica e pol-a em perfeição, se ririam todos d'elle, dizendo: Este homem póde começar, mas não póde acabar. Se Christo n'estas palavras prophetizara da nossa côrte, não a podera descrever melhor. Raro é o edificio grande em Lisboa que esteja acabado nem pelos filhos e netos de seus primeiros fundadores. Assim o notam os extrangeiros; aos quaes eu ouvi inferir, não sei se em louvor, se em descredito da nossa nação, que sempre são maiores os nossos pensamentos, que o nosso poder. O certo é que de lhe não tomar as medidas antes de começar, incorremos a desapprovação e riso de todo o bom juizo humano. E porque não cuidem os reis, que pela estimação de todo poderosos ficam izentos d'esta regra, ajunctou logo o mesmo Mestre divino: Ou que rei ha, que havendo de pelejar em campanha com outro rei, não meça primeiro as forças de ambos os exercitos; e considere, se, sendo o seu meio por meio menor, se poderá defender com elle do inimigo. Mui alheia cousa é de toda a razão e prudencia, que estejam os reis tão mal informados do que podem e do que teem, que o mandem perguntar na occasião aos tribunaes da sua fazenda. Mas n'esta parte podem os antigos reis de Portugal ser exemplar a todos os reis do mundo. Tomara poder referir aqui todo o testamento d'el-rei D. Sancho o primeiro, do qual se vê com admiração não só o seu grande poder e riquezas n'aquelle tempo; mas a noticia presencial e exactissima de quanto possuia e em que generos e em que logares e em que mãos. Não deixarei comtudo de aponctar algumas verbas do mesmo testamento, pelo que toca á distribuição do dinheiro sómente, não faltando nas doações de villas, logares e outras rendas.

Como a intendia bem el-rei D. Sancho primeiro. Seu testamento.

Primeiramente diz, mando que meu filho D. Affonso succeda no meu reino e duzentos mil maravedis, que estão nas torres de Coimbra e seis mil nas de Evora, etc. Ao infante D. Pedro meu filho, quarenta mil maravedis dos quaes o mestre do templo tem em Tomar vinte mil, e os outros vinte o mestre do hospital em Belver. Ao infante D. Fernando, outros quarenta mil, dos quaes estão nas torres de Coimbra: outros tantos a meu neto D. Fernando. A minha filha a rainha D. Thereza, quarenta mil maravedis e duzentos e cincoenta marcos de prata, que estão em Leiria. E á infanta D. Dulce minha neta, quarenta mil maravedis e cento e cincoenta marcos de prata, que estão em Alcobaça.

Quão miuda noticia tinha da fazenda real.

Estes maravedis tinham tanto valor n'aquelle tempo que no mesmo testamento deixa el-rei dez mil maravedis para se edificar um convento da ordem de Cister; e outros dez mil para

a fundação de um hospital de leprosos. Varios vazos de ouro da casa e uso real manda que se desfaçam em cruzes e calices, applicados a differentes egrejas. A todas as cathedraes e outras de sua devoção e a todos os mosteiros de religiosos e a todas as ordens militares deixa grossos legados, aponctando na mesma fórma d'onde se hão de tirar. E finalmente no do Summo Pontifice, diz assim: De cento e noventa e cinco onças de ouro, que tenho nas torres de Coimbra, se deem ao senhor Papa cem marcos. Tão exacta e tão miuda noticia tinha aquelle bom rei dos seus thesouros, que nem meia onça de ouro lhe escapava da conta: sendo que aquellas onças tinham muito maior peso das que hoje entre nós teem o mesmo nome; pois em menos de duzentas onças, como consta da mesma verba, cabiam cem marcos. De sorte que no mesmo tempo estava o erario real juncto e dividido: dividido por occasião das guerras interiores com os mouros, em differentes torres do reino, e juncto na memoria e mente do rei, para saber por si mesmo quanto tinha e o que podia; e por isso não emprehendeu guerra ou acção militar, em que não fossem tantas as victorias como as emprezas. Oh quanto póde e sem oppressões dos vassallos o principe que se mede com o que póde! Não me posso abster, nem é justo n'este passo, de referir a ultima clausula do dicto testamento cujas palavras são estas: Dez mil e duzentos maravedis ficam nas minhas terras de Coimbra e na minha arca; e estes são para restituições do que indevidamente houver tomado; e o que sobejar, para captivos e pobres. De maneira que um reino novamente levantado e em tempo de tantas guerras, em que tanto se costuma tomar violentamente a todos, todas as restituições a que a consciencia d'este rei duvidava escrupulosamente de poder estar obrigado, se podiam satisfazer com dez mil e duzentos maravedis e sobejar ainda para captivos e pobres. Tanto póde, outra vez, só com o seu e sem o alheio, quem se sabe e quer medir com o que póde.

Quem não toma as medidas ao seu poder responde como os Filhos de Zebedeu. *Matth.* 20

Mas que dirão á vista d'este exemplo os que por não tomar as medidas ao que podem ou não podem, cuidam que podem tudo? Parece-me que os estou vendo retratados na precipitada «resposta» dos filhos de Zebedeu. Perguntou-lhes Christo se podiam beber o calix que elle havia de beber? E sem mais consideração ou exame do que eram perguntados, responderam: Podemos. Ora já que dizeis que podeis beber o calix, não me direis tambem, Qual é esse calix e qual essa bebida? É tal que o mesmo Christo receioso de o poder beber e tendo por mais possivel o contrario, appellou para os possiveis da Omnipotencia: *Pater si possibile est*. Pois se isto mesmo é o que vos perguntam se podeis e não

sabeis o que é; porque dizeis: Podemos? Porque assim cuidam que podem tudo os que não consideram, nem conhecem primeiro o que podem ou não podem.

Como se deve imitar David armado contra o gigante. 1 Reg. 17

Ainda depois de conhecidas as proprias forças póde um homem «ignorar o modo de poder e assim ficar inerte». Quando David se offereceu a sair ao desafio com o Philisteu, disse-lhe el-rei Saul que não podia; porque o Philisteu era gigante e elle menino; o philisteu soldado exercitado nas armas e elle não. Comtudo respondeu David que sim, podia, porque elle tinha experimentado as suas forças com os ursos e os leões, aos quaes despedaçava e matava e o mesmo faria ao gigante. Ouvida a resposta e provado o poder de David com tão abonadas experiencias, o mesmo Saul, o qual lhe dissera que não podia sair ao gigante, o vestiu de suas proprias armas para que saisse. Armado, porém, elle e fazendo experiencia das mesmas armas, disse que não podia assim andar: *Non possum sic incedere.* Não diz David que não póde; mas que não póde d'aquelle modo: medindo as forças do gigante com as dos ursos e dos leões, diz: Posso: mas medindo o exercicio das mesmas forças comsigo carregado de armas diz. Não posso. O poder e mais o modo de poder é o que ha de examinar e reconhecer primeiro quem quer saber se póde ou não póde.

Qual a eleição do querer. 1.º quem quer o que póde, imita a divina omnipotencia.

V. Feito assim o exame do poder e feito, como dizia, sem paixão, nem amor proprio, para ser bem feito, segue-se a eleição do querer, em que consiste todo o acerto e póde haver muitos erros. Ou eu quero sómente o que posso, ou quero mais ou quero menos do que posso. E como n'estes tres modos de ajustar o querer com o poder ou egualando, ou excedendo, ou diminuindo, se póde alterar muito a devida proporção, vejamos pela mesma ordem, qual será a mais acertada e por isso mesmo a mais conveniente. Quanto à primeira de querer sómente o que posso é tão excellente e adequada esta proporção, que por um modo admiravel se «conforma» o querer e poder humano com a vontade e omnipotencia divina. Qual é a excellencia e soberania da vontade e omnipotencia divina? É que Deus póde quanto quer. Pois se Deus póde quanto quer e eu quero só quanto posso, a proporção do querer com o poder tanto consiste em Deus em se medir o poder divino com a vontade divina, como no homem em se medir a vontade humana com o poder humano. D'aqui se segue que os muitos poderosos e os que pouco podem, todos são eguaes n'esta felicidade, em que se fazem tão similhantes a Deus. Porque se uns e outros se conformam e contentam com o que podem, todos dentro da medida do seu poder teem tudo quanto querem.

Oh que ditoso e bem ordenado viveria universalmente o mundo, se todos penetrassem o interior d'este segredo e não trespassassem o seu querer além das raias do poder!

Advirtam, porém, aqui principalmente os poderosos, que o que dizemos do poder, só se intende do que licita e justamente se póde. O illicito e injusto nunca se póde fazer, ainda que se faça. Mas é tal a jactancia dos poderosos e mais d'aquelles que cuidam que podem tudo, que teem por affronta do seu poder cuidar-se que tem limites o que podem. Assim como o juiz não póde exceder as leis do rei, assim o rei não póde exceder as da razão e justiça. A el-rei Creonte disse «aquella cruel que matou os filhos e o irmão»: *Si judicas, cognosce; si regnas, jube*: se obras como juiz, toma conhecimento da causa; mas se obras como rei, manda o que quizeres. A segunda parte d'este aphorismo é tirada dos archivos não só da tyrannia, mas do atheismo; e não só a seguem os reis, senão tambem os juizes. Pilatos era juiz com vezes de rei; porque era em Judéa loco-tenente de Cesar; e vede o soberbissimo conceito que tinha dos seus poderes. Como Christo Senhor nosso, accusado pelos judeus, não respondesse a uma pergunta que lhe fazia Pilatos, disse-lhe assim: A mim me não respondes? Não sabes que tenho poder para te crucificar e que tenho poder para te livrar? Não, Pilatos: não sabe isso Christo. Esse homem que tens em pé deante de ti é o mais sabio de todos os homens e junctamente Deus; e nem como Homem nem como Deus sabe o que dizes; porque dizes o que não é, nem póde ser. Se esse homem é reu, não tens poder para o livrar; e se é innocente não tens poder para o crucificar. E porque? Porque se é reu não o podes absolver da culpa; e se não tem culpa, não lhe podes condemnar a innocencia. Mas quantos innocentes vemos condemnados e quantos culpados absoltos, tudo pela falsa o arrogante offensa dos que cuidam que podem tudo!

Não se falla do poder que Medéa inculcou a Creonte e que Pilatos alardeou deante de Christo.

Ora eu vos quero conceder o que não tendes, e supponde comvosco que verdadeiramente podeis tudo; ouvi agora o que ignoraes e por ventura nunca ouvistes. Cuidais que o poder tudo consiste em não haver cousa alguma a que se não extenda o vosso poder; e é engano. O poder tudo consiste em poder o licito e justo e em não poder o illicito e injusto; e só quem póde e não póde d'esta maneira é todo poderoso. Não é paradoxo meu, senão verdade de fé, divinamente explicada por Sancto Agostinho: *Quam multa non potest Deus et omnipotens est?* Quantas cousas não póde Deus e comtudo é omnipotente? E senão dizei-me: Deus póde deixar de ser? Não: Deus póde mentir? Não: Deus póde enganar? Não. Pois se Deus não póde

Poder fazer o mal não é poder, é fraqueza. Por isso o Omnipotente não o pode fazer. Sancto Agostinho.

tantas cousas, como é todo poderoso? Por isso mesmo, diz Agostinho: *Imo omnipotens est, quia ista non potest*. E a razão é, porque o ser todo poderoso consiste em poder umas cousas e não poder outras: em poder todas as que são licitas e não póder nem uma só das que são illicitas e injustas. Tanto assim, diz animosamente a aguia dos douctores, que se Deus podesse essas cousas que temos dicto que não póde, seria indigno de ser omnipotente: *Nam si mori posset, si mentiri, si fallere, si falli, si inique agere, non fuisset dignus qui esset omnipotens*.

Declara-se o seu texto.

Mas porque esta palavra *dignus* parece que refere ou attribúi a omnipotencia a merecimento, sendo assim que Deus goza a soberania de todos seus attributos, não por merecimento, senão por natureza; o que Sancto Agostinho disse por estes termos, porque escrevia para os doutos, declararei eu mais, porque fallo para todos. A harmonia dos attributos divinos é tão concorde sem poder encontrar um ao outro, que esta reciproca conformidade não só passa a ser união, senão identidade entre si e com o mesmo Deus. E d'aqui vem que o attributo da omnipotencia não póde todas aquellas cousas que seriam contrarias aos outros attributos. Deus é summamente bom; e se podesse o máu, não seria summa bondade. Deus é summamente justo; e se podesse o injusto não seria summa justiça. Deus é summamente sabio; e se podesse o errado, não seria summa sabedoria. Deus é summamente verdadeiro; e se podesse o falso, não seria summa verdade. Logo para Deus ser digno de ser omnipotente e a mesma omnipotencia digna de ser sua, não só era decente, mas necessario que, podendo tudo o mais, não podesse cousa alguma que fosse indigna de Deus. E d'aqui se convence como argumenta em outro logar o mesmo Sancto Agostinho, que se Deus podesse taes cousas, seria menos poderoso «pois não seria nem poderia ser, summamente bom, nem summamente sabio, nem summa verdade;» e que por isso as não póde fazer, porque é omnipotente: *Sic hoc non potest Deus ut potius si posset, minoris esset potestatis*; *et propterea quaedam non potest, quia omnipotens est*.

Os omnipotentes como Deus e os omnipotentes como o demonio.

Que dirão agora a isto os todo poderosos do mundo? Se quereis ser omnipotentes, podei somente o justo e licito e não queirais poder o illicito e injusto. Se assim o fizerdes, sereis omnipotentes como Deus, e senão, serão os vossos poderes como os do demonio, que póde e faz muitas cousas que Deus não póde.

Deus só póde fazer o que póde querer.

Supposto, pois, que só se póde o que licita e justamente se póde; quem n'esta forma ajustar o seu querer com o seu po-

der, poderá quanto quizer; porque só quererá quanto póde. E para que acabeis de vêr quanto tem de divina esta proporção do querer ajustado com o poder, notae por fim que Deus só póde fazer o que póde querer: de sorte que só póde obrar a sua omnipotencia o que póde querer a sua vontade. E se estas são as medidas do poder e querer immenso, porque se não contentará a limitação humana com o querer só o que póde?

VI. Atéqui temos visto a grande conveniencia e excellencia mais que humana da primeira proporção do querer com o póder; que é querer cada um o que póde. A segunda é dos que excedem esta medida e querem mais do que podem, com os quaes agora fallaremos. E que lhes direi eu? Digo geralmente, senhores, (porque os senhores são os que mais ordinariamente se não querem medir, ainda que seja comsigo mesmos) que para desengano d'este desejo e emenda d'esta vaidade, bastava só a consideração d'este erro que lhe hão de achar no fim, e fôra melhor atalhar no principio. Considerae que querendo mais do que podeis, não só destruis o vosso poder, senão tambem o vosso querer. Porque se eu quero mais do que posso, claro esta que hei de perder o que posso e não hei de conseguir o que quero. Pois se no fim não haveis de poder conseguir o que quereis, para que trabalhar e cançar debalde? Mas tal é a cegueira da ambição humana!

2.º Quem quer mais do que póde, destroe o seu poder e querer.

Mais de duzentos annos depois do diluvio, caminhando todos os homens que então havia e ainda se conservavam junctos, diz a Escriptura Sagrada, que vieram dar em uma grande campina, a qual os convidou, para que? Não para a dividirem entre si e a lavrarem e cultivarem; mas para edificarem n'ella uma torre que chegasse até ao céu. Philo Hebreu diz que o intento d'esta fabrica foi para se livrarem n'ella de outro diluvio, se acaso succedesse: o certo, porém, é, como refere o mesmo Texto que quizeram levantar um tão soberbo e prodigioso edificio para celebrar e fazer famoso seu nome: *Celebremus nomen nostrum antequam dividamur*. Todas as familias de que se compunha este ajunctamento eram septenta e duas: mas as razões que difficultavam a obra, não tinham numero. Vivia ainda entre elles Noé, já experimentado em grandes fabricas; o qual como velho sizudo e pae de todos, não ha duvida que lhes proporia quantos impossiveis se involviam na temeridade d'aquelle pensamento. Se dizeis que os materiaes d'esta torre hão de ser tijolos cozidos, não vedes que nem toda a terra vos póde dar barro para os amassar, nem lenha para os cozer? Depois de crescer a obra, como póde haver maquinas tão fortes e tão altas com que guindar os mesmos materiaes

Assim aconteceu aos que quizeram fabricar a torre de Babel.

até ás nuvens? E dado que houvesse industria e braços para tudo isto, não sabeis que em chegando a terceira região do ar frigidissimo haveis de morrer todos? Pois se para vós levantais a vossa sepultura e para a mesma torre fabricais as suas ruinas, porque quereis o que não podeis e porque trabalhais inutilmente no que não haveis de levar ao cabo? A mesma Escriptura Sagrada nos diz altissimamente em uma palavra o porquê. Porque eram filhos de Adão: *Descenditque Dominus ut videret turrim quam aedificabant filii Adam.*

Os taes foram chamados na Escriptura filhos de Adão; com que mysterio?

Ora eu noto que mais perto parece estava chamarem-lhes filhos de Noé, que foi o segundo pae do genero humano; e o era mais propriamente de todos os que alli se achavam. Pois porque lhes chama o Oraculo divino filhos de Adão e não de Noé? Porque o nome de Adão tinha muito maior peso e energia no caso presente. Como filhos de Noé não se seguia bem o intento de edificar a torre. Porque se nosso pae fabricou de madeira um edificio que se levantou sobre as aguas, não era boa consequencia: Tambem nós poderemos de barro fabricar outro que se levante sobre as nuvens. Porém como filhos de Adão, sim: porque, se Adão foi um homem que cuidou que podia ser como Deus, não é muito que seus filhos cuidem que podem edificar uma torre que chegue até o céu.

Como é que Deus os confundiu.

Em fim Deus em pessoa desceu a ver a torre; e logo confundiu as linguas de todos; para que se não intendessem a si mesmos os que tinham sido auctores de uma fabrica tão mal intendida e assim cessou a obra. E que bem se leria n'aquellas vastissimas ruinas, relevada em letras de bronze, a sentença de David: *Cogitaverunt consilia quae non potuerunt stabilire.* Onde intentaram celebrar seu nome, fizeram celebre a sua loucura: e na mesma torre com que quizeram acquirir fama, fabricaram sua propria confusão: isto quer dizer Babel.

E como confundiu e vai confundindo muitos outros presumpçosos.

Com este exemplo desenganou Deus e ensinou a todos os homens junctos que pozessem freio á vaidade de seus pensamentos e não quizessem mais do que podiam. Elles, porém, intenderam tão mal aquella linguagem e se esqueceram tão brevemente d'aquella lição, que divididos pelo mundo, assim como deixavam nos campos de Sennaar aquelle fatal monumento da sua loucura, assim não houve monte ou valle na terra em que não levantassem outros «querendo o que elles, já por illicito, já por difficultoso não podiam». Ponde-vos entre Sodoma e Segor; e se perguntares que estatua é aquella que alli se vê em pé e que dura ainda hoje; ninguem vos dira o nome proprio, porque se não sabe: mas a Escriptura sagrada nos diz que é a mulher de Loth; a qual, porque quiz ver o que não podia con-

forme o preceito do anjo, no mesmo passo em que voltou os olhos para ver o incendio das cidades infames, alli ficou convertida em estatua de sal. Ponde-vos na cidade de Galgala, e vereis como um propheta está despojando do sceptro e da corôa e despindo a purpura a um rei de agigantada estatura: o mesmo propheta (o qual era Samuel) vos dirá que aquelle rei é Saul, privado para sempre do reino, por se querer aproveitar dos despojos de Amalec: o que não podia, porque Deus lhe tinha mandado que os queimasse todos. Ponde-vos juncto do bosque chamado Efraim; e alli vereis pendurado de um carvalho pelos cabellos e traspassado pelo peito com tres lanças o mais galhardo mancebo que para inveja da formosura creou a natureza. Tal foi o fim de Absalão, o qual, traidor a Deus, ao pae, á patria e a si mesmo, sendo terceiro filho de David, lhe quiz tirar a coroa da cabeça e pôl-a na sua, como não devera nem podia. Ponde-vos nos campos de Babylonia; e vereis com horror andar sobre quatro pés pascendo feno e bebendo do rio com os brutos um homem convertido na mesma figura; o qual pouco antes adorado no throno real se chamava Nabuchodonosor. Era o mais poderoso monarcha do mundo: mas porque quiz ser e poder mais do que podia, o fez Deus cursar n'aquella eschola septe annos; para elle apprender e nos ensinar o que podem vir a ser os que querem mais do que podem.

Texto notavel da Escriptura. Jerem. 47

Infinita materia seria se houvessemos de discorrer por todos os exemplos que lemos nas Escripturas sagradas, do muito que Deus se offende e do rigor com que castiga os homens que querem mais do que elle quiz que podessem. Mas para ultimo desengano nosso e testimunho estupendo d'esta mal intendida verdade, não me é licito passar em silencio o que agora referirei, sentenciado e declarado por bocca do mesmo Deus. Todo o capitulo quarenta e oito gasta o propheta Jeremias em prégar e annunciar a destruição de Moab, intendendo debaixo d'este nome toda a nação dos moabitas; e não ha genero de trabalho, de miseria, de affronta, até á ultima e total anniquilação que repetidamente e por varios modos lhe não ameace. Finalmente chega a dar as causas de tamanho castigo; e quaes vos parece que serão? Uma só; mas admiravel e pronunciada não menos que pelo mesmo Deus: *Ego scio, ait Dominus, jactantiam ejus; et quod non sit juxta eam virtus ejus, nec juxta quod poterat, conata sit facere*. Será destruido e assolado Moab sem ficar pedra sobre pedra em todas as cidades, diz Deus, porque sei que a sua arrogancia e presumpção é maior que as suas forças e quiz fazer mais do que podia. Pois porque a presumpção de Moab é maior que as suas forças e porque inten-

tou fazer o que não podia, tamanho delicto é este e tão abominavel deante de Deus que em castigo d'elle, ha de destruir, assolar e anniquilar uma nação inteira? Se o mesmo Deus o não dissera, quem podera crer tal excesso de divina justiça? Mas assim é sem duvida; pois Deus dá esta só causa por sua propria bocca. E por isso quero tornar a repetir as mesmas palavras: *Scio jactantiam ejus et quod non sit juxta eam virtus ejus*: porque conheço sua arrogancia; e porque sei que as suas forças e o seu poder não é egual a ella: *Nec juxta quod poterat conata sit facere*; e porque sei que o que intentou fazer era mais do que podia. Tão atrozmente sente Deus, tanto abhorrece, detesta e abomina o excesso dos que se atrevem a querer mais do que elle quiz que podessem.

O não contentar-se cada um com o que póde é contra a ordem da Providencia

E se me perguntardes em que consiste a atrocidade de um delicto que não parecia tão grande, respondo que a razão porque querem os homens poder mais do que Deus quiz que podessem, toca no vivo da sua propria Divindade, destruindo e desacreditando a recta disposição dos seus attributos. Deus reparte e mede cada um dos homens a maior ou menor porção do poder que é servido dar-lhe segundo o conselho secreto e recta disposição da sua sabedoria, da sua justiça, da sua providencia, da sua liberalidade; e contra todos estes attributos divinos são impios os que querem poder mais do que Deus quiz que podessem. Dei te pouco, contenta-te com pouco, que é o que eu sei que te convem e não queiras muito. Dei-te muito, contenta-te com esse muito e não queiras mais; porque n'esse mais que desejas, está escondida a tua perdição. Não queiras ensinar á minha sabedoria; não queiras condemnar a minha justiça; não queiras emendar a minha providencia; não queiras acanhar a minha liberalidade, porque tudo isto fazes, quando queres poder mais do que eu quiz.

Imitem-se n'isso as outras creaturas que não teem uso de razão.

Olhem os homens para as outras creaturas sem uso de razão; e não queiram ser ingratos e soberbos contra Deus, quando todas ellas, grandes e pequenas, a louvam e lhe dão graças pelo que d'elle receberam. Se o rato não quer ser leão, nem o pardal quer ser aguia, nem a formiga quer ser elephante, nem a rã quer ser baleia; porque se não contentará o homem com a medida do que Deus lhe quiz dar? E que seria, se nem os leões, nem as aguias, nem os elephantes nem as baleias se contentassem com a sua grandeza; e uns se quizessem comer aos outros, para poder mais e ser maiores? Isto é o que querem e fazem continuamente os homens; e por isso os altos caem, os grandes rebentam e todos se perdem. Os instrumentos que creou a natureza, ou fabricou a arte para ser-

viço do homem, todos teem certos termos de proporção, dentro dos quaes se podem conservar; e fóra dos quaes não podem. Com a carga demasiada cái o jumento, rebenta o canhão, e vái-se o navio a pique. Por isso se vêem tantas quedas, tantos desastres e tantos naufragios no mundo. Se a carga fôr proporcionada ao calibre da peça, ao bojo do navio e á força ou fraqueza do animal, no mar far-se-ha viagem, na terra far-se-ha caminho e na terra e no mar tudo andará concertado. Mas tudo se desconcerta e se perde, porque em tudo quer a ambição humana exceder a esphera e proporção do poder.

Esta regra não acovarda os animos, para que não emprehendam cousas grandes.
Ps. 130
1 Cor. 15
2 Cor. 10

Vejo que me estão dizendo os prezados de grande coração, que este discurso quebra os espiritos e acovarda os animos, para que não emprehendam, nem façam cousas grandes. Antes ás avessas. Emprehendei e fazei cousas grandes e as maiores e mais admiraveis; mas dentro da esphera e proporção do vosso poder; porque fóra d'ella não fareis nada. Quem emprehendeu e obrou maiores cousas na Lei Velha, que David e na Nova, que S. Paulo? Mas vede como ambos confessam que em todas se mediram com o seu poder e nunca o excederam. David diz: *Neque ambulavi in magnis, neque in mirabilibus super me*. Todos sabemos quão grandes e admiraveis foram as obras e victorias de David: como diz, logo, que não se exercitou em cousas grandes nem admiraveis? Na ultima palavra *super me* o declara. Foram grandes e admiraveis as minhas obras: mas não superiores a mim; porque nunca excederam a medida do meu poder e das minhas forças: *Neque ambulavi in magnis, neque in mirabilibus super me*, diz Carthusiano, *faciendo opera meam mensuram transcendentia*. Do mesmo modo S. Paulo. As suas tentações, as suas perseguições e as suas victorias; as suas peregrinações, as suas conversões e os seus trabalhos padecidos pela dilatação da fé, elle mesmo não póde negar que foram maiores que os de todos os apostolos: *Plus omnibus laboravi*; e comtudo affirma que nunca excedeu a regra e poder das forças que Deus lhe tinha dado, medindo-se sempre e em tudo comsigo mesmo: *Metientes et comparantes nosmetipsos nobis secundum mensuram regulae qua mensus est nobis Deus*. Meça-se, pois, cada um comsigo; e ajuste as suas acções com suas forças e com o seu poder; porque se para fazer maiores obras quizer poder mais, não serão maiores nem obras.

3.° Quem quer menos do que póde, é sempre poderoso, pois imita a Deus na creação.

VII. Depois de considerado n'estes dous modos de concordar o querer com o poder, no primeiro quão conveniente é querer cada um só o que póde e no segundo quão errado e arriscado querer mais do que póde; segue-se o terceiro, que consiste em querer menos do que póde; e este modo digo por

fim, que não só está livre dos perigos e damnos do segundo; mas excede com grandes vantagens e maior segurança as mesmas conveniencias do primeiro. Só quem quer menos do que póde é sempre poderoso; porque quem quiz quanto podia, encheu a medida do seu poder e não póde passar d'ahi; porém, quem quer menos do que póde, sempre póde mais do que quer. E se esta razão é altamente bem intendida, ainda é mais alta a prova. A omnipotencia divina obra *ad intra* e *ad extra*, como fallam os theologos; isto é, dentro em si e fóra de si: dentro em si no ser increado; e fóra de si no ser que dá a todas as creaturas. E que succede ao poder de Deus n'estes dous modos de obrar dentro e fóra de si? Dentro de si o Padre pelo intendimento produz o Filho, e o Padre e o Filho pela vontade produzem o Espirito Sancto; e fóra de si o Padre o Filho e o Espirito Sancto crearam este mundo e todas as creaturas espirituaes e corporaes que enchem o céu e a terra. Agora pergunto: E póde Deus com a sua omnipotencia obrar mais do que tem obrado? *Ad intra* não, *ad extra* sim; porque assim como crearam este mundo; assim podem crear infinitos outros com outras creaturas tão perfeitas e ainda mais que todas as que tem creado. Qual é logo a razão por que, sendo o poder de Deus dentro em si e fóra de si infinito, dentro em si não póde obrar mais do que obrou e fóra de si póde sempre mais e mais sem limite nem fim? A razão é clara e manifesta. Porque dentro em si obrou Deus quanto podia; fóra de si nem obrou, nem obrará jámais quanto póde. E se isto é em Deus, quanto mais d'ahi abaixo? Quem quer quanto póde, não póde mais; quem quer menos do que póde, sempre lhe sobeja poder.

O que ensina a natureza dando-nos duas mãos e um coração,

D'aqui se segue que o rico que quer mais do que póde, é pobre; porque lhe falta o mais que quer; e o pobre que quer menos do que póde, é rico, porque lhe sobeja o mais que póde. Assim nol-o ensinou a mesma natureza, mestra das nossas acções, quando nos proveu dos instrumentos, medindo-os com ellas. Porque dispoz a natureza que a mão fosse maior que o coração; e o coração um e as mãos duas? Porque o coração é o instrumento do querer, e as mãos do poder: no coração está a deliberação da vontade, e nas mãos a execução das obras; e ordenou que a mão fosse maior que o coração e o coração um e as mãos duas, para que sempre podessemos mais do que quizessemos, e nunca queiramos tanto quanto podemos. Oh se os homens intendessemos esta politica natural e domestica e nos persuadissimos a ella! Quão descançada seria esta vida, que nós pelo desgoverno da nossa vontade e pelos excessos das nossas vontades fazemos tão cançada e trabalhosa!

Faz grande differença o propheta Isaias entre os fracos e de baixos espiritos, que rasteiramente seguem os passos da natureza e os de alto e generoso coração, que confiados em Deus se levantam sobre ella. Aquelles, diz, por «vigorosos» que sejam na edade e nas forças, cancam e emfim caem; os outros, porém, tomarão azas de aguia e andarão e correrão sem jàmais cançar, nem desfallecer. Taes são como estes segundos os que querem menos do que podem e tal é o descanço e fortuna da sua vida; se fortuna se póde chamar o que depende da propria vontade e de seguir o dictame da boa razão.

Documento de Isaias c. 40.

Ponderemos as palavras, que são admiraveis. Diz que tomarão azas como de aguia; mas não diz que voarão. O que só diz, è que andarão e correrão sem cançar nem desfallecer: *Current et non laborabunt: ambulabunt et non deficient.* Pois se teem azas e azas de aguia, porque não voam? E se podem voar e voar tão alto como a rainha das aves, porque se contentam só com andar e correr? Porque querem e sabem viver descançadamente. Quem tem azas para voar e se contenta com andar e quando muito com correr, póde mais do que quer e quer menos do que póde; e só quem quer e se contenta com menos do que póde, passa a carreira d'esta vida sem cançar nem desfallecer. O mesmo Texto o diz expressamente: *Current et non laborabunt: ambulabunt et non deficient.* Se quizessem voar como podiam, pois tinham azas, é força que voando cançassem, ainda que as azas lhes fossem naturaes. Assim cançou a pomba de Noé; e por isso se tornou para a arca. Mas porque foram tão sizudos, que tendo azas não quizeram voar e se contentaram sómente com andar e quando muito com correr; por isso passaram a carreira d'esta vida tão cançada e trabalhosa sem nenhum trabalho e com seguro descanço.

Ponderam-se as suas palavras.

E ninguem me argumente em contrario com o exemplo dos seraphins que ao lado do throno de Deus viu Isaias; os quaes perpetuamente cantavam: *Sanctus, Sanctus, Sanctus,* e perpetuamente voavam. Assim era: mas vede o que diz o propheta. Diz que cada um tinha seis azas e que voavam com duas. E isto mesmo é o que eu digo: quem tem seis azas e voa só com duas, sempre voará e sempre cantará. Mas quem tendo sómente duas quer voar com seis, eu vos prometto que brevemente cance e que sempre chore. Bem o vemos na miseravel e triste vida de tantos loucos, que, despojados de quanto tinham e podiam ter, só lhes deixou a fortuna os olhos para tarde e sem remedio chorarem a sua cegueira. Que cego ha tão cego que não apalpe com as mãos que só dispendendo um homem menos do que póde «lhe será possivel conservar o seu poder?» Ponhamos o exem-

Commento de outro texto, c. 6

plo no militar, no politico, no economico e ainda no rustico; e em todos nos sairá certa a experiencia d'esta verdade. Empenhar todo o exercito sem deixar reserva, fal-o-ha o soldado arriscado, mas não o capitão prudente. O lavrador que comer toda a novidade do anno, não terá que semear no seguinte. Se o official gastar quanto ganha na saude, com que se ha de curar na infermidade? O mesmo rei que prodigo der tudo de quanto é senhor, não terá quem o sirva, porque não terá com que pague. Saber poupar o poder é certo genero de omnipotencia, com que nunca póde faltar á necessidade humana o que houver mister; sendo egualmente certo que nenhuma esperança de recuperar o despendido poderá egualar a providencia de o poupar e não despender.

Causa natural da morte.

Em nenhuma cousa se empregam os homens com maior diligencia e cuidado que em conservar a vida; e com tudo todos morrem. Qual é a razão? A razão natural é, porque a vida consiste no humido e calido radical, os quaes sempre a vão gastando e consumindo, gastando-se elles tambem e consumindo-se a si mesmos. E por mais que a natureza com o alimento e com o medicamento procure recuperar e restaurar o perdido, como elle gasta mais do que póde recuperar, é força que aquelles dous fundamentos da vida e a mesma vida se consuma e ninguem escape da morte. Se a natureza humana gastara menos do que póde recuperar, foramos immortaes: mas porque ella gasta mais, todos morremos.

Do mesmo modo morrem as familias e os reinos.

Passemos agora da vida natural á economica e politica. Não ha republica, nem familia tão desgovernada, nem ha homem tão prodigo e tão perdido, que nos mesmos excessos com que se empenha e endivida a mais do que póde, não faça conta de recuperar o que gasta e pagar o que deve. Mas este pensamento é tão enganoso e errado em todos, que assim como vivem empenhados, arrastados e perseguidos dos seus empenhos, assim acabam a triste, miseravel e abhorrecida vida, deixando as dividas em testamento, como em morgado, para que as satisfaçam os filhos e netos, que não pagam as suas, quanto mais as alheias. Para reparo da vida natural creou Deus no paraiso a arvore da vida, cuja virtude era recuperar no mesmo humido e calido radical, tudo o que elles em si e na mesma vida tivessem gastado e consumido: mas o beneficio d'esta restauração nenhum homem chegou a conseguir.

Como é que o sabio remedeia esta desordem. *Prov.* 3

Comtudo eu leio no capitulo terceiro dos Proverbios que aquelles que apprenderam a verdadeira sabedoria e a observam lograram os fructos da arvore da vida. Que sabios são logo estes que acharam a arvore da vida e logram na sua o que nenhum

homem alcançou? São aquelles que gastando sempre menos do que podem, conseguem sabiamente antes, o que a arvore da vida havia de fazer depois. A arvore da vida havia-lhes de restaurar o gastado depois de o gastarem; e elles por preservação antecipada conservam o que ella havia de restaurar, não o gastando. Se Adão comera «os fructos da arvore da vida» fôra immortal. E isto que Adão não fez na vida natural, fazem na vida economica e politica os que sabiamente conservam em si, não gastando o que a arvore da vida havia de recuperar, mas nunca recuperou depois de gastado.

Conclusão. O que não se faz por conveniencia, muito, menos se fará por consciencia.

VIII. Grandes escrupulos de consciencia podera eu apertar agora n'este poncto, pelo grande numero de almas que por estes empenhos sem restituição se condemnam. Mas ha muito que estou desenganado, que o que os homens não fizerem pelos escrupulos da conveniencia, muito menos o farão pelos da consciencia. Os escrupulos da conveniencia pertencem a esta vida, os da consciencia á outra, de que ha tão poucos que tractem. Para conclusão, pois, de toda esta materia, tão importante para o presente, como para o futuro, acabo com uma sentença que sendo do Espirito Sancto, até no mesmo Espirito Sancto é admiravel.

O fazer tudo como o faz Deus com conta, pezo e medida.

No capitulo onze da Sabedoria Divina, fallando a mesma Sabedoria com Deus diz assim: Vós, Senhor, tudo fazeis com conta. peso e medida; porque só a vós sobeja sempre o poder para quanto quizerdes. Notavel porque! Se dissera que Deus faz tudo com conta, peso e medida, porque lhe não falta o poder, boa consequencia era: mas porque lhe sobeja o mesmo poder? Sim: porque fazer tudo com conta, peso e medida é propriedade do poder que sempre ha de sobejar; e pelo contrario fazer as cousas sem conta, peso, nem medida é propriedade assim mesmo do poder que nem ha de sobejar nem bastar. E se Deus com todos os cabedaes da omnipotencia tudo faz com a vara, com a balança e com a penna na mão; com a vara para a medida, com a balança para o peso e com a penna para o numero; onde o poder é tão limitado como o das pobrezas humanas, que cabedal póde haver que se não consuma e acabe e que baste á prodigalidade, ao desconcerto, á desattenção e ao appetite dos que, querendo mais do que podem, tudo quanto teem e quanto não teem, desbaratam sem conta, sem peso e sem medida? Oh cegueira do lume da razão e da fé! Porque não medimos o tempo com a eternidade? Porque não pesemos o céu com o inferno? Porque não fazemos conta do que havemos de dar de nós a Deus e tambem aos homens? Se com esta conta, com este peso e com esta medida ajustar-

só as nossas acções, senão tambem os nossos dese-
to que o nosso querer se concordará facilmente com
oder; e contentando-nos não só com todo elle, mas
s do que podemos, por meio do maior descanço que
er n'esta vida, conseguiremos o verdadeiro e eterno

(Ed. ant. tom. 6.º pag. 290, ed. mod. tom. 4.º pag. 264.)

SERMÃO DE S. JOÃO BAPTISTA

PRÉGADO NO MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA QUIETAÇÃO DAS FLAMENGAS EM ALCANTARA, NO ANNO DE 1644 NA PROFISSÃO DA SENHORA MADRE SOROR MARIA DA CRUZ, FILHA DO EX.^mo^ DUQUE DE MEDINA SYDONIA, RELIGIOSA DE S. FRANCISCO. ESTEVE O SANCTISSIMO SACRAMENTO EXPOSTO.

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR. — **Faltava um modelo de homilia oratoria para profissão religiosa; e cá'o temos verdadeiramente digno do ingenho e eloquencia de Vieira. É um dos melhores.**

Elisabeth impletum est tempus pariendi et peperit filium. Et audierunt vicini et cognati ejus quia magnificavit Dominus misericordiam suam cum illa et congratulabantur ei. Et venerunt circumcidere puerum et vocabant eum nomine patris sui Zachariam. Et respondens mater ejus dixit : Nequaquam, sed vocabitur Joannes.

S. LUC. 1.

Dá Deus á alma do Baptista a mão de amigo e a outra alma a mão de esposo.

Senhor. No dia em que nasce a voz de Deus, justamente emmudecem as vozes dos homens. Admirações emmudecidas são a rhetorica d'este dia; pasmos e assombros são as eloquencias d'esta acção. É dia hoje de fallarem os corações e de calarem as linguas: «porque» se em qualquer dia do grande Baptista é perigoso o fallar e os discursos mais discretos são os que se remettem ao silencio; que será hoje no concurso de tantas obrigações, em que as causas do temor e os motivos da admiração se vêem tão crescidos? Se toda a razão dos assombros no nascimento do Baptista era verem que dava Deus a uma alma a mão de amigo; quanto mais deve assombrar hoje nossa admiração vêr que dá Deus a outra alma a mão d'esposo? Bem sei que disse Origenes, que dar Deus a mão ao Baptista foi desposar-se com sua alma. Mas muito vai de desposorio a desposorio; porque vai muito de logar a logar. Desposar-se Deus no deserto é cousa ordinaria: mas desposar-se Deus nos palacios; Deus desposado no paço! Maravilha grande! O mesmo Esposo que está presente, nos póde escusar a prova.

Estes desposorios celebram-se no SS. Sacramento e nos desertos. *Joan. 6* *Marc. 8, 5*

O mysterio em que Deus mais propriamente se desposa com

as almas é o sacramento soberano da Eucharistia; porque n'elle (como gravemente notou Sancto Agostinho) por meio da união do Corpo de Christo se verifica entre Deus e o homem o *Erunt duo in carne una.* E se buscarmos os logares em que Deus figurativamente celebrou estes desposorios, acharemos que os principaes, assim no Velho como no Novo Testamento, foram em desertos. A principal figura do Sacramento no Testamento Velho foi o manná: durou quarenta annos e todos foram no deserto: *Patres nostri manducaverunt manna in deserto.* A principal figura do Sacramento no Testamento Novo, foi o milagre dos cinco pães, e o milagre dos septe; e ambos succederam no deserto: *Desertus est locus et non habent quod manducent. Unde eos quis potest saturare panibus, in solitudine?* Pois qual é a razão (para que mais fundadamente nos admiremos); qual é a razão por que se desposa Deus nos desertos sempre? Não é o Monarcha universal do mundo? Não é o Principe eterno da gloria? Pois já que ha de desposar-se desegualmente na terra; porque não busca esposa com menos desegualdade nas côrtes e nos paços dos reis, senão nos desertos e nas soledades?

Onde Christo achou o amigo, acha tambem a esposa. *Luc. 1*

A razão é, porque esposa com as qualidades de que Deus se agrada, não se acha nos palacios, acha-se nos desertos. O Sacramento nos fundou a duvida; S. João nos fundará a resposta. Fez Christo um panegyrico do Baptista (que de tão grande sujeito só Deus póde ser bastante orador); as palavras foram poucas, a substancia muita; e começou assim: *Quid existis in desertum videre? Hominem mollibus vestitum? Ecce qui mollibus vestiuntur in domibus regum sunt.* Sabeis quem é João, esse a quem todos sais a vêr? (Diz Christo). É um homem que vive no deserto; não é dos homens que vivem no paço. Notavel dizer! Pois, Senhor, este é o thema que vós tomais para prégar do Baptista? Quando quereis concluir que é o maior dos nascidos, fundais o sermão em que vive no deserto e não vive no paço? Sim. Toda a perfeição resumida consiste, como dizem os theologos, *in prosecutione et fuga*; em seguir e em fugir; em seguir a virtude e em fugir ao vicio. Por isso os preceitos ecclesiasticos e divinos, uns são positivos outros negativos: os positivos, que nos mandam seguir o bem; os negativos que nos mandam fugir ao mal. Pois para Christo resumir a poucos fundamentos toda a perfeição do Baptista, que fez? Disse que era um homem que seguia todo o bem e que fugia de todo o mal. E para dizer que seguia todo o bem, disse que vivia no deserto; para dizer que fugia de todo o mal, disse que não vivia no paço. Explicou-lhe Christo a vida pelo logar; e para dizer quem era, disse onde morava. Ainda não digo bem. Para dizer quem era, disse onde morava

e onde não morava. Para dizer que era homem do céu, disse que morava no deserto; para dizer que não era homem da terra, disse que não morava no paço. E que estando os paços dos reis da terra tão mal reputados com Deus, que aquelle Senhor que só se desposava nos desertos, hoje o vejamos desposado em palacio! Maravilha grande!

O paço das rainhas de Portugal é paço com propriedades de deserto.

Mas qual será a razão d'esta maravilha? Qual será a razão por que Deus que só se desposava nos desertos, hoje se desposa no paço? A razão é; porque o paço das rainhas de Portugal é paço com propriedades de deserto. Deus commummente desposa-se no deserto, porque não acha no deserto as condições do paço: hoje desposa-se no paço, porque achou no paço as condições do deserto. Paço onde se serve a Deus e com o mundo só se contemporiza; onde a clausura compete com a das religiões; onde as galas são dissimulação do cilicio, onde a licença do galanteio, a liberdade dos saraós e outras mal intendidas grandezas, são exercicios de espirito; onde sair do paço para o noviciado mais é mudar de casa que de vida; este ermo cortezão não lhe chamem paço, chamem-lhe deserto. Lá disse Socrates do imperador Theodosio II que fôra tão religioso principe e tão reformador da casa real, que convertera o paço em mosteiro. Esta conto eu entre as grandes felicidades do nosso principe, que Deus guarde, e a tenho ainda por maior que a do outro Theodosio. Outro Theodosio fel-a, o nosso achou-a: o outro creou esta reformação, o nosso cria-se n'ella. Oh que grandes fundamentos para tão grandes esperanças! E como no paço de Portugal tem o céu tantas prerogativas de deserto; que muito que Deus costumado a se desposar nos desertos, o vejamos hoje desposado no paço! Cessem, pois, as admirações com as dos montanhezes «da Galiléa», rompa-se o silencio com o de Zacharias; e comecemos a fallar n'esta acção, pois nos dá licença o pasmo: *Mirati sunt universi et apertum est illico os ejus.*

Qual o concurso das obrigações de hoje: satisfaz-se a todas.

II. Verdadeiramente que me vi embaraçado no concurso das obrigações de hoje; porque são todas tão grandes que cada uma pedia o sermão todo. Para não errar aconselhei-me com o mesmo S. João Baptista, e seguirei sua doutrina: *Qui habet sponsam, sponsus est; amicus autem sponsi gaudio gaudet.* Eu sou amigo de Christo (diz S. João); a esposa é do esposo; a festa é do amigo. Assim seja. A festa será de S. João; o dia será da esposa; e o evangelho se accommoderá tanto a um e a outro, que pareça que é de ambos. Vamos com elle sem nos apartar um poncto.

Porque foi antecipado em S. João o uso da razão e não o nascimento.

III. *Elisabeth impletum est tempus pariendi et peperit filium:*

Isabel depois de cumprido o tempo dos nove mezes foi mãe de um filho. Aquella palavra *Impletum est*—depois de cumprido o tempo — pareceu superflua a alguns doutores antigos. Não estava claro que S. João havia de nascer como os outros homens, passado o tempo que a natureza limitou para o nascimento? Pois porque diz uma cousa superflua o evangelista, que nasceu S. João depois de cumprido o tempo? O cardeal Toledo e todos os litteraes dizem, que não foi superflua esta advertencia, senão muito necessaria, supposto que em S. João anticiparam tanto as leis da natureza, que aos seis mezes de concebido já tinha uso de razão; e quem antecipou o uso da razão tantos annos, podia-se cuidar que tambem anteciparia o nascimento alguns mezes. Pois para que se soubesse que não foi assim, diga o evangelista que nasceu S. João depois de cheio e cumprido o tempo: *Elisabeth impletum est tempus*. Esta é a verdadeira intelligencia d'este texto: mas quanto mais verdadeira, tanto mais funda a minha duvida. Que se diga que S. João nasceu cumprindo o tempo, porque não antecipou o nascimento, bem dicto está: mas porque o não antecipou? Porque não anticipou o tempo do nascimento, assim como anticipou o tempo do uso da razão? O uso da razão, segundo as leis da natureza havia de ser aos septe annos do nascimento, o nascimento aos nove mezes da conceição. Pois se antecipou o uso da razão tantos annos; porque não antecipou o nascimento alguns mezes? Porque o nascimento pertence a vida da natureza, o uso da razão á vida da graça; e nas materias temporaes o que costuma fazer o tempo, bem é que o faça o tempo; nas materias espirituaes o que costuma fezer o tempo, melhor é que o faça a razão. Para nascer ao mundo faça o tempo o que ha de fazer o tempo: para nascer a Deus o que ha de fazer o tempo, faça-o a razão.

Pela mesma razão porque Christo amaldiçoou a figueira do Evangelho.

Caminhava Christo de Bethania para Jerusalem; viu no campo uma figueira muito copada, chegou; e como não achasse mais que folhas, amaldiçoou-a. E nota o evangelista S. Marcos (cousa muito digna de se notar) que não era tempo d'aquella arvore ter fructos: *Non erat tempus ficorum*. Pois valha-me Deus! (pasmam aqui todos os doutores): se não era tempo de fructo para que o foi Christo buscar? E se o não achou, quando o não havia; porque castigou a arvore? Se a castigou, tinha ella obrigação de ter fructo; e se não era tempo, como tinha esta obrigação? Tinha esta obrigação (diz S. Chysostomo); porque ainda que por ser primavera não devia fructos ao tempo; por Deus se querer servir d'ella, devia-os á razão; e as dividas da razão não hão de esperar pelos vagares do tempo. Para dar fructos

ao mundo, faça o tempo o que ha de fazer o tempo: *Elisabeth impletum est tempus:* mas para dar fructos a Deus, o que ha de fazer o tempo, faça-o a razão: *Exultavit infans in utero ejus.* Esta é uma das excellencias que eu venero muito entre as grandes do Baptista: ser um homem em que fez a razão o que faz nos outros o tempo. Esperarem os annos pela razão, isso acontece a todos: mas adeantar-se a razão aos annos, fazer a razão a que havia de fazer o tempo, isso só se acha no Baptista, se bem gloriosamente imitado hoje.

No amigo e na esposa de Christo faz a razão o que havia de fazer o tempo. *Cant.* 2

Oh que gloriosamente equivocado temos hoje o anno: o abril mudado em septembro e os fructos que havia de amadurecer o tempo, sazonados na razão? Quem podia fazer outono dos fructos a primavera das flores, senão a esposa querida de Christo? *Flores apparuerunt in terra nostra: tempus putationis advenit.* Assim obedecem os tempos, onde assim domina a razão. Que já o mundo e a vida não saibam enganar!? Que vejamos tantos desenganos da vida em tão poucos annos de vida!? Que é isto? É que fez a razão o que havia de fazer o tempo. Seguirem-se aos annos os desenganos, é fazer o tempo o que faz o tempo: mas anticiparem-se os desenganos aos annos, é fazer a razão o que o tempo havia de fazer.

É n'elles o discurso da razão mais poderoso que o do tempo.

Queixava-se Marco Tullio, que sendo os homens racionaes, podesse mais com elles o discurso do tempo, que o discurso da razão. Mas hoje vemos o discurso da razão mais poderoso que o discurso do tempo. Que não bastassem noventa annos para dar sizo a Heli e que bastem dezoito annos para fazer sizudo a Samuel? Oh que grande victoria da razão contra a sem razão do tempo. Uma velhice enganada é a maior sem razão do tempo: uma mocidade desenganada é a maior victoria da razão. Que não corte os cabellos Sara depois de pentear desenganos; e que «outros cabellos não menos preciosos nem menos admirados que os» de Absalão na edade de ouro sintam os rigores do ferro? Que enxugue a Magdalena as lagrimas aos pés de Christo com cabellos, mas que os não corte; e que haja outra Maria que ponha aos pés de Christo os cabellos cortados, com os olhos enxutos! Que Jacob na primavera dos annos enterre a sua Rachel, é inconstancia da vida: mas que Rachel na primavera da vida se sepulte a si mesma! Grande valor da razão. Dar a vida a Deus quando elle a tira, é dissimular a violencia: entregar-lh'a quando elle a dá, é sacrificar a vontade. Quem dedica a Deus os ultimos annos, faz christão o temor da morte; quem lhe consagra os primeiros, faz religioso o amor da vida.

Nas batalhas da razão com os annos resistem mais os poucos, que os muitos. Requerimento de Bercellai. 2 *Reg.* 19

As batalhas da razão com os annos é uma guerra em que resistem mais os poucos que os muitos. Deixarem-se vencer da

razão os muitos annos, não é muito: mas deixarem-se vencer e convencer os poucos, grande poder da razão! E mais se considerarmos a resistencia favorecida do sitio. Poucos annos e nas montanhas (como eram os do Baptista) não é tanto que se não defendam á força da razão: mas poucos annos e em palacio convencidos e desenganados, grande victoria! Offereceu el-rei David a Bercellai um grande logar no paço; e elle, que já era de oitenta annos, que responderia? *Octogenarius sum hodie: non indigeo hac vicissitudine.* Respondeu que assás tinha apprendido em tantos annos a desenganar-se das côrtes: que o deixasse o rei viver retirado comsigo e tractar da sepultura: porém que acceitava o logar para um seu filho que tinha de pouca edade: *Est servus tuus Chamaam, ipse vadat tecum.* Parece que se implica n'esta acção o amor do pae: mas explica-se bem o engano do mundo. Desenganaram a Bercellai os muitos annos proprios para não querer o paço para si e enganaram-no os poucos annos alheios para querer o paço para seu filho. Não sei que tem o paço e os poucos annos, que ainda quando o conhecem os muitos, não se atrevem ao deixar os poucos. Teve conhecimento para o deixar um velho; não teve animo para o aconselhar a um moço. Sendo mais facil de dar o conselho que o exemplo, deu o exemplo Bercellai; mas não se atreveu a dar o conselho. Antes parece que se substituiu o pae nos annos do filho, para lograr na mocidade alheia o que na propria velhice não podia.

O mundo que crucifica e é crucificado. *Gal. 6*

E que não havendo valor na velhice para deixarem totalmente o mundo ainda aquelles a quem o mundo deixa, que haja resolução na mocidade para metter o mundo debaixo dos pés, quem o mundo trazia na cabeça! Oh que bem se desaffronta hoje a natureza humana! Lá dizia S. Paulo: *Mihi mundus crucifixus est et ego mundo:* o mundo está crucificado em mim e eu estou crucificado no mundo. Se o mundo estava crucificado em Paulo, tinha o mundo viradas as costas para Paulo: se Paulo estava crucificado no mundo, tinha Paulo viradas as costas para o mundo. E que dê eu as costas ao mundo, quando o mundo me vira as costas, não é muito. Mas que quando o mundo me mostra bom rosto, dê eu de rosto ao mundo; esta é a valentia maior. Que quando o mundo se ri de vós, vós choreis por elle, oh fraqueza! Mas que quando o mundo se ri para vós, vós vos riais d'elle, oh valentia!

Porque notou S. Paulo que Moysés deixou a côrte de Pharaó depois que foi maior edade.

É tão grande valentia esta, que sendo propria das forças da razão, não fiou S. Paulo credito d'ella, senão dos poderes do tempo. Fallou S. Paulo de Moysés e diz assim: *Moyses grandis factus negavit se esse filium filiae Pharaonis; magis eligens*

affligi cum populo Dei. Moyses depois que foi de maior edade, deixou o paço d'el-rei Pharaó, deixou a princeza, deixou quanto alli possuia e esperava, escolhendo o viver pobre e sem liberdade com o povo de Deus no captiveiro do Egypto. O em que reparo aqui é no *Grandis factus:* que fez isto Moysés depois de ser de maior edade. E a que vem agora aqui a edade? S. Paulo tractava da resolução e não dos annos de Moysés. Pois se a resolução estava no animo e não nos annos; porque diz que era de maior edade Moysés, quando deixou o paço e se captivou por Deus? Direi. Moysés creara-se no paço d'el-rei Pharaó desde menino: era todo o mimo e favor da princeza do Egypto que o adoptara por filho; e como tal era servido e venerado com auctoridade e magnificencia real. E deixar Moysés a grandeza e regalo do paço, deixar o amor de uma princeza, deixar a cercania de uma coroa, pareceu-lhe a S. Paulo que não era façanha crivel em poucos annos: por isso ajunctou a resolução com a edade, para que a edade désse credito á razão. *Moyses grandis factus:* como se dissera: Ninguem duvide esta galharda acção de Moysés: porque quando a fez era já de maior edade, bem cabia nos seus annos. Ora seja embora a resolução de Moysés victoria do tempo; que a grande acção que nós celebramos hoje, com ser parecida em tudo o mais, não se póde gloriar d'ella o tempo, senão a razão. Obrou aqui a força da razão o que lá fez o poder do tempo: *Elisabeth impletum est tempus.*

O nascimento do Baptista engrandece a misericordia divina.

IV. *Et audierunt vicini et cognati ejus, quia magnificavit Deus misericordiam suam.* Tanto que nasceu S. João (diz o evangelista) soou logo pelo logar, que engrandecera Deus sua misericordia com Sancta Isabel. Notavel dizer! Parece que não está boa a consequencia do Texto. O que soou pelo logar, havia de ser o que succedeu em casa de Zacharias. Succeder uma cousa e soar outra, isso acontece nas côrtes lisongeiras e maliciosas e não nas montanhas simples. O nosso evangelho diz: *Divulgabantur omnia verba haec*: que o que se divulgava era o mesmo que succedia. Pois se o que succedeu foi nascer o Baptista: *Elisabeth peperit filium;* como diz o evangelista que o que soou foi que engrandecera Deus a sua misericordia: *Et audierunt quia magnificavit Deus misericordiam suam?* Grande favor do Baptista! Quando as vozes diziam em casa de Zacharias que nascera João, repetiam os echos nas montanhas, que Deus engrandecera a sua misericordia: porque quando João nasce, Deus cresce. Não é arrojamento senão verdade muito chã. Disse-o o mesmo João, e mais fallava em seus louvores com grande modestia: *Illum oportet crescere, me autem minui*:

importa que elle cresça e que eu diminua. Aquelle *elle* não se refere menos que ao Verbo humanado. Pois como assim? Deus ainda em quanto humanado não póde crescer; como logo diz S. João: Importa que elle cresça? E dado que podesse crescer, que dependencia tinham os crescimentos de Deus, das diminuções do Baptista? Deus é grande sem depender de ninguem. Como diz logo: Importa crescer elle e diminuir eu? É possivel crescer Deus? E é possivel que o seu crescer dependa do Baptista? Sim: porque ainda que Deus, por ser infinito, não pode crescer em si mesmo, por ser limitado o conhecimento humano póde crescer na nossa estimação. E na estimação dos homens «não podia crescer a auctoridade de Christo sem diminuir e appagar-se a do Baptista, como a luz do luzeiro que annuncia o sol na madrugada, diminúi e appaga-se nascendo o sol. É o que se viu, quando os discipulos do Baptista deixaram ao seu mestre para seguir a Christo».

E a engrandeceram os desposorios de hoje.

D'esta maneira cresceu Deus n'aquelle tempo; e tambem eu hoje, se a consideração me não engana, o vejo muito crescido. Então cresceu nas minguantes de João, hoje cresce nas minguantes do mundo. Appareceu-lhe a Nabuchodonosor aquella tão repetida e tão prodigiosa estatua; e viu o rei que tocando-lhe uma pedra nos pés de barro, a estatua se diminuiu a poucas cinzas e a pedra cresceu a grandeza de um monte. Para intender esta figura, que é enigmatica, saibamos quem era a pedra e quem era a estatua. Em sentido de Sancto Ambrosio e Sancto Agostinho a estatua era o mundo, a pedra Deus. Pois se a pedra é Deus, como cresce a pedra? Deus póde crescer? E se a estatua é o mundo como diminúi a estatua? O mundo diminúi-se? Tudo são effeitos da estimação dos homens. Segundo a estimação que fazemos de Deus e do mundo, ou cresce a estatua e diminúi a pedra, ou cresce a pedra e diminúi a estatua. Se pomos a Deus aos pés do mundo, cresce o mundo e diminúi Deus; se pomos ao mundo aos pés de Deus, cresce Deus e diminúi o mundo. Deixar a Deus por amor dos nadas do mundo é fazer a Deus menor que nada; mas deixar o tudo do mundo por amor de Deus é fazer a Deus maior que tudo: *Accedet homo ad cor altum et exaltabitur Deus.*

Quanto mais que se fazem em uma côrte

Bemdicto seja elle que de quantas vezes vemos a Deus tão pequeno e tão apoucado nas côrtes dos reis, o vemos hoje tão grande e tão crescido! Tão crescido e tão accrescentado está hoje Deus em sua grandeza, quantas são as grandezas do mundo que vemos a seus pés arrojadas. A estatua de Nabuco, na estatua representava grandezas, na materia riquezas, na significação estados; e tudo isto abrasado em fogo do coração se

rende hoje em cinzas aos pés de Christo. Ninguem melhor sacrifica a Deus o mundo, que quem lh'o offerece em estatua: porque o mundo, em estatua é muito maior que em si mesmo.

A melhor parte dos bens d'esta vida é esperar por elles.

Para derribar com uma pedra a Golias bastou a funda de David: para derribar com outra pedra a estatua de Nabuco foram necessarios impulsos (posto que invisiveis) do braço de Deus. O Golias tinha de estatura seis covados, a estatua tinha sessenta; que nas grandezas mais pomposas do mundo, sempre são menores os gigantes, que as estatuas. Nunca as machinas vivas egualam a medida das sonhadas. Sonha a phantasia, promette a esperança, prophetiza o desejo, representa a imaginação; e ainda que a soltura d'estes sonhos, o cumprimento d'estas promessas, o praso d'estas prophecias, a verdade d'estas representações nunca chegam; mais triumpha o amor divino quando piza o phantastico, que o verdadeiro, o esperado, que o possuido. Deixar antes de possuir é usura de merecer; porque quem mais dá, mais merece; e quem dá os bens na esperança, dá-os onde são maiores. A melhor parte dos bens d'esta vida é o esperar por elles: logo mais faz quem se inhabilita para os esperar, que quem se priva dos possuir. Por isso Christo chamou os principes dos apostolos, quando lançavam as redes e não quando as recolhiam: *Mittentes rete in mare:* porque mais faz quem deixa as redes lançadas, que quem deixa os lanços recolhidos. As redes quando se lançam, levam em cada malha uma esperança; os lanços quando se recolhem, trazem muita rede vazia.

Os bens d'este mundo só são bens quando se deixam por amor de Christo.

Oh quantas e quão bem fundadas esperanças! oh quantas e quão bem intendidas grandezas honram hoje em piedoso sacrificio os altares de Christo! Oh quão liberal está com Deus quem dando-lhe as maiores grandezas, ainda busca artificios de lh'as dar accrescentadas! E que artificio póde haver para accrescentar os bens e grandezas do mundo? Eu o direi; que nos exemplos d'esta acção não se póde deixar de apprender muito. Os bens e grandezas do mundo falsamente se chamam bens, porque são males; e sem razão se chamam grandezas, porque são pouquidades. Pois que remedio para fazer das pouquidades grandezas e dos males bens? O remedio é deixal-os e deixal-os em esperanças; porque esses que o mundo chama grandes bens, só são bens quando se deixam, só são grandes quando se esperança. A esperança lhes dá a grandeza, o desprezo lhes dá a bondade: desprezados são bens, esperados grandes. E assim mais dá quem despreza o que espera, que quem dá o que possue. De umas e outras, de possuidas e esperadas grandezas são despojos as cinzas que hoje se rendem aos soberanos im-

importa que elle cresça e que eu di ... sappareceu a esta-
refere menos que ao Verbo hur ... minuições augmenta
Deus ainda em quanto humanado ... s sua majestade.
diz S. João: Importa que el ... quatro anciãos que ti-
crescer, que dependencia tir ... m aos pés do throno de
diminuções do Baptista? F ... onum. Tornou a olhar o
guem. Como diz logo: ... itas coroas na cabeça: *Et*
É possivel crescer Deu ... s se as coroas se lançavam
penda do Baptista? S ... us as coroas sobre a cabeça?
nito, não pode cresc ... sua grandeza, quanto desprezam
cimento humano ... As coroas na cabeça de Deus eram
mação dos home ... deza, as coroas aos pés de Deus eram
sem diminuir e ... os homens; e com as mesmas coroas que
que annuncia ... o humano se auctorizava a Majestade Divina.
o sol. É o ... e cresceu e se engrandeceu Deus hoje duplica-
xaram ao ... na vez medido com S. João, outra vez medido com

E a engrandeceram os desposorios de hoje.

D'esta ... Ser anteposto ao mundo e ser preferido a João, é
hoje, se ... muito Deus em sua estimação e engrandecer-se muito
Então ... us attributos: *Quia magnificavit Deus misericordiam*
guar ...
tar ... *Et venerunt circumcidere puerum*: vieram circumcidar o
m ... nino. Supposto que o menino era S. João, parece que o não
haviam de circumcidar. A circumcisão n'aquelle tempo era o
remedio do peccado original, como hoje o baptismo. Pois se
S. João estava já livre do peccado original, se estava em graça
de Deus e sanctificado nas entranhas de sua mãe; porque se
sujeita ao rigor da circumcisão? Porque ainda que a circumcisão
não lhe tirava o peccado original de que estava livre, accrescentava-lhe a graça da justificação com que nascera sanctificado.
E esta é nos servos de Deus a maior fineza da virtude: sujeitar-se a tomar para augmento da graça os rigores que Deus
deixou para remedio da culpa. A circumcisão nos outros homens era o remedio da culpa; em S. João era só augmento da
graça; e sujeitar-se S. João para maior graça nas isenções de
innocente aos remedios da culpa, grande acção! grande sacrificio!

O sacrificio da cruz é remedio do peccado e o da Eucharistia augmento da graça.
Zach. 9

Falla Zacharias á lettra do maior sacrificio da lei da graça, o
sanctissimo Sacramento da Eucharistia, e diz assim: *Quod bonum ejus et quod pulchrum ejus, nisi frumentum electorum et
vinum germinans virgines:* que cousa fez Deus boa, que cousa
fez Deus formosa n'este mundo, senão o pão dos escolhidos e
o vinho dos castos? Que seja bom e bonissimo o Sacrificio do
corpo e sangue de Christo sacramentado, não haverá quem o
negue. Mas porque o nota o propheta com preferencia de Sa-

'a cruz? A razão da preferencia é que o Sacrificio do
sangue de Christo na cruz foi sacrificio para remedio
o Sacrificio do corpo e sangue de Christo no sa-
crificio para augmento da graça. Ainda que em
peccados proprios, nem merecia graça para
tomado por sua conta a satisfação dos nos-
ios de nossa justificação. E que sacrifique
ristia para augmento da graça, quanto
remedio da culpa! Que empenhe corpo
mentar merecimentos á innocencia, como em-
o sangue para alcançar perdão ao peccado! É cir-
de sacrificio tão relevante esta, que da mesma iden-
ira differenças e da mesma egualdade vantagens.

Outro sacrificio do dia de hoje

...i foi o acto da circumcisão do Baptista, comparada com a ...os outros filhos de Adão. O sangue que os outros deram ao golpe da circumcisão para remedio da culpa deu-o S. João (que a não tinha) só para augmento da graça. E que se sacrifique um innocente, para crescer na graça, ao que está sujeito o peccador para remediar a culpa, grande acção do Baptista! Mas não foi sua só esta vez, nem sua sómente.

Duas innocencias sujeitas aos remedios da culpa.

Duas innocencias temos hoje sujeitas aos remedios da culpa: ambas condemnadas ao rigor e ambas ao habito da penitencia: que taes injustiças como estas sabe fazer o amor divino. Que façam grande penitencia os grandes peccadores, é muito justo: que a penitencia é o remedio do peccado. Mas que o Baptista se desterre ao deserto, se condemne ao cilicio, se castigue com o jejum! Menino, em que peccou vossa innocencia? Um corpo delicado condemnado a tanta aspereza! Uma alma innocente castigada com tanto rigor! Se o Baptista fôra o maior peccador, que havia de fazer senão isto? Mas isto fez, porque havia de ser o maior sancto.

Imitando a Christo que sendo a mesma innocencia tomou as penas dos nossos peccados. 2 Cor. 5

Não póde chegar a mais o mais fervoroso desejo da sanctidade, que sujeitar-se aos remedios do peccado, quem goza os privilegios da innocencia. Encarece S. Paulo o amor de Christo para com os homens e diz d'esta maneira aos corinthios: *Qui peccatum non noverat, pro nobis peccatum fecit:* amou o Filho tanto aos homens, que não tendo conhecimento do peccado, se fez peccador por amor d'elles. Extranha sentença! Christo não era innocentissimo, antes a mesma innocencia? Pela união ao Verbo sua alma não era impeccavel? As mesmas palavras o dizem: *Qui peccatum non noverat.* Pois como póde caber delicto na innocencia? Como pode ser que o impeccavel se fizesse peccador: *Pro nobis peccatum fecit?* Respondo: O impeccavel não se póde fazer peccador de culpas, mas pode-se fazer peccador

de penas. Não póde commetter peccado quanto á culpa; mas pode-se sujeitar á pena do peccado, como se o comettera. Isto é o que fez Christo por amor de nós; e isto é o que muito encareceu S. Paulo em seu amor: *Qui peccatum non noverat, pro nobis peccatum fecit*. Não póde o amor chegar a maior extremo: não se póde adelgaçar a maior fineza, que a fazer-se peccador nas penas quem é innocente nas culpas. Que o peccador de culpas se faça peccador de penas, busca na penitencia o remedio de seu peccado. Mas fazer-se peccador de penas o innocente de culpas, é buscar na penitencia o desafogo do seu amor. A penitencia no peccador paga, no innocente obriga: n'aquelle, pelo que offendeu; n'este, pelo que ama: vêde quaes agradarão mais a Deus, se as satisfações de offendido, se as obrigações de amado.

A esposa do dia de hoje descripta por S. Bernardo.

Oh egualmente amado que amante Senhor! (Consenti os termos de egualdade, quanto entre o divino e humano se permitte; pois vemos as finezas de vosso amor competidas, como as dividas de nossa obrigação desempenhadas). Uma alma innocente de culpas, mas peccadora de penas; uma innocencia em habito de penitencia vos offerece hoje a terra, Esposo do céu; que estas são as côres de vosso pensamento, estas as galas de vosso amor, estas as purpuras do vosso reino. *Filiae Babylonis induuntur purpura et bysso* (dizia S. Bernardo em similhante acção á virgem Sophia); *et subinde conscientia pannosa jacet: fulgent monilibus, moribus sordent. E contra tu foris pannosa, intus speciosa resplendes, sed divinis aspectibus non humanis: intus est quod delectat, quia intus est quem delectat.* Nem a romancear me atrevo estas palavras; porque em tanta differença de eleições, ou se ha de topar com o aggravo ou com a lisonja. *E contra tu* (só isto quero repetir) *foris pannosa, intus speciosa resplendes:* pelo contrario vós, ó esposa de Christo (diz Bernardo), como dentro tendes a quem quereis agradar, por dentro trazeis as galas: por fóra vestida de sayal, por dentro de resplandores. Verdadeiramente que não ha sacrificio mais formoso aos olhos de Deus que uma innocencia illustre em habito de penitencia. Aquellas pelles de que Deus vestiu aos primeiros senhores do mundo, estavam-lhe muito mal a Adão; mas estavam-lhe muito bem a Abel. A Adão estavam-lhe muito mal, porque eram habito de peccado com penitencia: a Abel estavam-lhe muito bem, porque eram habito de penitencia sem peccado: em Adão eram habitos de penitenciado; em Abel eram habitos de penitente. Esta grande differença ha entre a penitencia dos peccadores e a penitencia dos innocentes, que a penitencia dos peccadores é remedio, a penitencia dos innocentes é virtude. Não

quero dizer que os actos de penitencia no peccador e no innocente não sejam virtuosos sempre. Só digo que os peccadores tomam a virtude da penitencia pelo que tem de remedio; os innocentes tomam o remedio da penitencia pelo que tem de virtude. D'onde se segue que a penitencia honra os peccadores, porque lhes tira a affronta dos peccados; os innocentes honram a penitencia, porque lhe tiram a mistura do remedio.

Ella e o Baptista gozam prerogativa dos penitentes sem o dezar de arrependidos.

Oh ditoso Baptista! oh ditosa alma imitadora vossa! ambos em habito de penitentes e ambos honradores da penitencia. Ditosos vós, que fazeis trópheos de victoria os instrumentos do desaggravo; e gozais a prerogativa dos penitentes sem o dezar de arrependidos. Em vós é virtude o que nos outros é remedio: em vós eleição o que nos outros necessidade. Só em vós não é remedio do peccado a penitencia; sendo que só a vossa penitencia podera ser remedio do peccado; porque offensas não merecidas, quaes são as de Deus, só se pagam com castigos não merecidos, quaes são os dos innocentes. O merecimento offendido só o póde satisfazer a innocencia castigada. Oh que grande sacrificio para Deus! Oh que grande lisonja para o céu! Lá disse Christo que fez maior festa o céu ao peccador penitente, que ao justo «que não ha mister» penitencia. Pois se a innocencia do justo agrada muito e a penitencia do peccador aggrada mais; quanto aggradará aquelle excellente estado, que abraça a perfeição de ambos e ajuncta a penitencia de peccador com a innocencia de justo? Isto é o que «imitou no Baptista hoje quem sujeitou» isenções de innocencia a remedios de peccado: *Et venerunt circumcidere puerum.*

Ao Baptista não se dá o nome de seu pae.

VI. *Et vocabant nomine patris sui Zachariam.* Feito o acto da circumcisão, tracta-se de dar o nome ao menino; e queriam os circumstantes, que se lhe pozesse o nome de seu pae e que se chamasse Zacharias. Ouviu-o Sancta Isabel e disse: Por nenhum caso: não se ha de chamár assim: «chame-se João: *Et respondens mater ejus, dixit: Nequaquam sed vocabitur Joannes.*» E por que razão não se ha de chamar Zacharias? Não era nome sancto? Não era nome glorioso? Sim, mas era nome de pae: *Vocabant eum nomine Patris sui;* e o nome dos paes quanto mais illustre, quanto mais glorioso, tanto menos o ha de tomar quem professa servir a Deus como professava o Baptista. No nome perpetua-se a memoria dos paes: na religião professa-se o esquecimento d'elles: *Obliviscere populum tuum et domum patris tui.* E como o Baptista havia de ser, como foi, primeiro fundador e exemplar dos religiosos; não quiz prudente Sancta Isabel, que tomasse o nome de Zacharias; porque não era justo que conservasse a memoria dos paes no nome,

quem professava o esquecimento dos paes na vida. Quereis que se chame Zacharias, porque é o nome de seu pae? Allegais contra vós: antes, porque é nome de seu pae, se não ha de chamar assim.

Tambem a esposa deixa o gloriosissimo de seus paes.

Que grandemente imitado, se bem em parte excedido, vemos hoje o exemplo do grande Baptista. S. Lucas, porque escrevia para a memoria dos futuros, deteve-se n'este logar em contar a genealogia dos paes de S. João; eu que fallo aos olhos dos presentes, não me é necessario deter-me em tão sabido, como tambem não fôra possivel em tão grandioso assumpto. Muito fez quem deixou o nome de Zacharias, auctorizado alfim com uma tiara; mas muito mais fez quem deixa o gloriosissimo nome de Gusmão (glorioso no céu e na terra), cujo real e esclarecido sangue se teceu sempre nas purpuras de toda a Europa; e hoje com mais gloria que em nenhum outro reino (posto que com egual majestade em tantos) o vemos felizmente coroado; e veremos em immortal descendencia no nosso de Portugal. Este é o famosissimo em «tantas» edades, o assignaladissimo em «tantas» impressas, o celebradissimo em «tantas» historias, «como todos sabem» nome de Gusmão; e este é o que hoje vemos deixado pelo humilde da cruz. Não sei se admire n'esta eleição o virtuoso, se o discreto. Emfim, a virtude e o intendimento, tudo me parece angelico.

Propriedade dos nomes de ambos.

«Excluido o nome de Zacharias, deu-se ao Baptista o de João; e porque? Porque João significa *A graça do Senhor;* e queria dizer, que o Baptista trazia comsigo esta graça desde o ventre da mãe e havia de annuncial-a aos outros no officio de Precursor. Nem menos proprio é o nome que elegeu para a nova vida a gloriosa filha dos Gusmãos».

O estado religioso é chamado cruz. *Gal 2*

Todos os sanctos commummente chamam cruz ao estado religioso; porque professar religião é crucificar-se «na mesma cruz do Salvador. *Christo confixus sum cruci,* ha de repetir com o Apostolo todo o espirito generoso que segue o seraphico instituto d'aquelle grande patriarcha que foi sobre a terra a mais viva imagem de Christo crucificado e que deixou á sua ordem por brazão uma cruz entre dous braços». Oh discrição mais que humana? Oh eleição verdadeiramente angelica! «Vede se o nome da cruz quadra maravilhosamente á nova esposa.

Como este nome quadra á nova esposa. S. Basilio.

A cruz do Calvario leva a nossa imaginação á sepultura do Salvador onde a alma que foi crucificada com Christo, esconde-se com o mesmo Christo, morta ao mundo e só viva ao seu Esposo celestial. Nota-o o mesmo Apostolo: *Mortui estis et vita vestra abscondita est cum Christo in Deo.* A profissão religiosa consiste em morrer ao mundo e esconder-se com Christo na

mesma sepultura para viver com elle uma vida divina». Grande logar do protopatriarcha das religiões, S. Basilio. Falla o grande Basilio das cellas das religiões mais estreitas, e diz que a cella de uma alma religiosa é emula, é competidora da sepultura de Christo: *O cella dominicae sepulturae aemula!* Pois saibamos que qualidades tem uma cella para tão nobre competencia. Em que presumpções se funda esta emulação? Que se compare a cella a qualquer sepultura, justa similhança; porque onde o habito é uma mortalha, o leito um ataude, as paredes tão estreitas e com tão pouca luz como estas que vemos, muito ha de sepultura. Sepultura sim; mas sepultura não outra senão a de Christo e por que razão? Porque nas outras sepulturas mora só a morte; na sepultura de Christo morou a morte e mais a vida junctas. E taes são as vossas cellas, ó religiosos espiritos: *O cella dominicae sepulturae aemula, quae mortuos suscipis et reviviscere facis:* ó cella verdadeiramente imitadora da sepultura de Christo, pois está em ti a vida morta e a morte resuscitada: a vida morta, porque não tem usos a vida; a morte resuscitada, porque tem alento a morte. És uma suspensão gloriosa de morte e vida (se bem gloriosa com pena); onde posta a alma nas raias do viver e morrer, participa indecisamente o mais rigoroso de ambas; insensivel como morta para o gostoso da vida; sensitiva como viva vara o penoso da morte. Em ti se vê multiplicado o milagre «fabuloso» da phenix; sendo patria e sepulcro quotidiano, onde se morre á vida e se nasce á morte, faltando cinzas, mas não faltando incendios. Em ti (e com maior propriedade hoje) se vê verdadeira a metaphora dos horizontes; sendo oriente e occaso junctamente; onde o sol no mesmo instante morto e nascido resuscita a um hemispherio, quando se sepulta a outro. «Remate-se logo com uma cruz tão gloriosa sepultura; e a que hoje se abraça com ella com tanto affecto, chame-se (que o nome não póde ser mais proprio) Maria da cruz. Assim o Baptista, a quem ella imita, deixava o nome de seu pae pelo nome de João: *Et vocabant eum nomine patris sui Zachariam. Nequaquam, sed vocabitur Joannes*».

Os parentes os visinhos contentes n[o] nascimento d[o] Baptista, e d[a] esposa queixosos.

VII. Acabou-se-nos o thema; e se me não engano tenho ponderado todas as clausulas d'elle com alguma similhança ás obrigações d'este dia. Mas tambem vejo que reparariam os mais curiosos que passei em silencio aquellas palavras: *Audierunt vicini et cognati, et congratulabantur ei.* Confesso que não fallei n'estas palavras; e tambem confesso que as deixei; porque não achei n'ellas similhança, senão muita differença do nosso intento. Lá no nascimento do Baptista, diz o evangelho que os

parentes e os vizinhos estavam muito contentes e agradecidos; porém cá não é assim. Tão fóra estão de poderem estar contentes os vizinhos e parentes que antes o parentesco e visinhança teem razão de estar queixosos. Tem razão o parentesco de estar queixoso, porque se vê a si deixado: tem razão a vizinhança de estar queixosa, porque vê os extranhos preferidos. Quando o sangue se vê deixado, porque não ha de estar queixoso o parentesco? E quando as extrangeiras se vêem preferidas ás nacionaes, porque não ha de estar queixosa a vizinhança? Não se diga logo aqui: *Cognati et vicini congratulabantur ei.* Acudo a estas queixas e acabo.

Porém sem razão. Deixar os parentes por amor de Deus não é fazer offensa, é fazer lisonja ao parentesco.

Primeiramente digo que não tem razão o parentesco de estar queixoso; porque, quando as obrigações do sangue só deixam por amor de Deus, não é fazer offensa, é fazer lisonja ao parentesco. Da parte de quem é deixado, é sacrificio: mas da parte de quem deixa é lisonja, porque deixar os parentes não por amor de outrem, senão por estar com Christo é dizer-lhes claramente, que faz tão grande estimação de sua companhia, que só por Deus a póde deixar e só com Deus a póde supprir. Vendo os filhos de Israel que havia quarenta dias que faltava Moysés por estar fechado com Deus, determinaram abalar do pé do monte e ir-se. Foram-se ter com Arão e disseram assim: Arão, fazei-nos um Deus que nos acompanhe, porque não sabemos que é feito d'este homem Moysés. Linda consequencia por certo! Dae ca um Deus, porque falta Moysés. Moysés não era homem? Elles mesmos o diziam: *Moysi enim huic viro.* Pois se Moysés era homem; porque pediam um Deus na falta de Moysés? «A petição dos filhos de Israel era impia e sacrilega, como é sabido; mas na sua impiedade e sacrilegio continha um bom documento». Ha presenças que só por Deus e ha ausencias que só com Deus se podem supprir. Como os hebreus amavam tanto ao seu Moysés e se viam forçados a o deixar, faziam este discurso: Já que se ha de deixar Moysés, só por um Deus se ha de deixar; e já que se ha de supprir com outrem o seu logar, só com um Deus se ha de supprir. Por isso pediam a Arão um Deus e não outro substituto d'aquella ausencia. «Affrontosa foi a substituição de um deus falso pelo seu libertador; mas fôra sobremodo lisongeira se, como no nosso caso, o substituiram pelo Deus verdadeiro.» Não tem logo razão o parentesco hoje de se mostrar sentido ou queixoso, senão contente e agradecido: *Cognati congratulabantur ei.*

Para serem estes desposorios mais agradaveis a Deus unem a clausura com a peregrinação.

Et audierunt vicini. Tambem se não deve queixar a vizinhança, de ver as extrangeiras preferidas ás naturaes. E porque? Porque uma alma que por mais servir a Deus quiz ajunctar a

clausura com a peregrinação, necessariamente houve de deixar os naturaes e buscar os extrangeiros. Uma das cousas que muito agrada sempre a Deus em seus servos, foi a peregrinação. Por isso mandou a Abrahão que saisse peregrino de sua patria: por isso quiz que peregrinasse Jacob em Mesopotamia, José no Egypto; e ao mesmo povo querido de Israel, porque o escolheu para si, o fez peregrinar inteiro tantas vezes e por tantos annos. E como Deus se agrade tanto dos peregrinos (que tambem o quiz ser n'este mundo), que faria uma alma desejosa de agradar muito a Deus, vendo-se obrigada á clausura pelo seu estado e inclinada a peregrinação pelo gosto divino? Peregrinação e clausura não podem estar junctas: pois que remedio? O remedio foi, entrando em religião, escolher um mosteiro de extrangeiras; pára que viesse d'esta maneira a achar junctas a clausura e a peregrinação: a clausura no logar, a peregrinação na companhia. Quem cuidaria que era possivel estar junctamente em Portugal e peregrinar em Flandres? Pois isto é o que vemos hoje com nossos olhos. «Mais.»

A formalidade da peregrinação não consiste na mudança dos logares, quanto na differença das linguas.

Falla David da peregrinação dos filhos de Israel para Palestina e diz assim: Quando o povo saiu do Egypto ouviu a lingua que não intendia: *Linguam quam non noverat, audivit.* Particular modo de reparar! Se David pondera a peregrinação dos israelitas, parece que havia de dizer que passaram climas incognitos, que caminharam terras desconhecidas. Pois porque não repara nas terras, senão nas linguas? Porque não diz: Que andaram por terras extranhas, senão que ouviram linguas extrangeiras? Porque julgou discretamente o propheta que a formalidade da peregrinação não consistia tanto na mudança dos logares, quanto na differença das linguas. Não está o ser peregrino na extranheza das terras que se caminham, senão na extranheza da gente com que se tracta. Sair do Egypto para onde se ouve outra lingua, isso é peregrinar: *Linguam quam non noverat, audivit.* E se é verdadeiro peregrinar o viver entre gente de lingua extranha, bem digo eu que se viram aqui junctas milagrosamente a clausura e a peregrinação: a clausura no logar, a peregrinação na companhia. Não deve logo estar queixosa a vizinhança, postoque a queixa parecia justificada: antes teem obrigação as religiosas portuguezas de se edificarem e alegrarem muito de verem (sobre um tão grande exemplo) um tão novo e particular espirito na profissão de seu estado, trocando as apparencias do sentimento em motivos de parabens: *Vicini congratulabantur ei.*

Provaram-se n'este sermão seis impossiveis

VIII. Temos acabado o sermão; e com elle as victorias do impossivel, que assim se chama. Dou-lhe este nome, não só por

ser sermão do nascimento do Baptista, com o qual provou o anjo que nada era impossivel a Deus: *Quia non erit impossibile apud Deum omne verbum;* senão por ser sermão d'esta profissão solemnissima que celebramos; na qual sem haver reparado deixo provado seis impossiveis, que foram os que ordenadamente vimos em seis discursos. No primeiro ajunctar-se a côrte com o deserto. No segundo a mocidade com o desengano. No terceiro a grandeza com o desprezo. No quarto a innocencia com o castigo. No quinto a vida com a morte. No sexto a clausura com a peregrinação. E seis impossiveis vencidos na terra que devem esperar senão seis coroas ganhadas no céu?

E estes darão a esposa no céu seis coroas.

Dar-vos-ha no céu, esposa serenissima de Christo, a côrte com o desterro uma coroa de solitaria entre o coro dos eremitas. A mocidade com o desengano uma coroa de prudente entre o coro dos doutores. A grandeza com o desprezo uma coroa de humildade entre o coro dos apostolos. A innocencia com o castigo uma coroa de penitente entre o coro dos confessores. A vida com a morte uma coroa de mortificada entre o coro dos martyres. A clausura com a peregrinação uma coroa de peregrina entre o coro das virgens. Assim triumpha, quem assim vence: assim alcança, quem assim merece: assim goza, quem assim trabalha: assim reina, quem assim serve: n'esta vida a Deus por graça; na outra vida com Deus por gloria. *Quam mihi et vobis etc.*

(Ed. ant. tom. 5.ª, pag. 533; ed. mod. tom. 8.º, pag. 5.)

SERMÃO **
NA DEGOLAÇAO DE S. JOÃO BAPTISTA

PRÉGADO EM ODIVELLAS NO ANNO DE 1653

Observação do compilador. — O sermão não é encomiastico; mas nem por isso deixa de ser proprio do dia da Degolação do Sancto Precursor. Dá-lhe o orador o caracter de novidade que se deseja nos sermões de festa, propondo o assumpto em fórma de problema. Confesso porém, que acho esta argumentação pouco conveniente ao decoro do pulpito, não obstante que me esforcei por tornal-a mais clara e proveitosa, dispondo as duas duas partes do problema com outra ordem.

Misit Herodes ac tenuit Joannem et vinxit eum in carcere propter Herodiadem uxorem Philippi fratris sui, quia duxerat; eam et decollavit eum in carcere.

S. Marc. 6.

Propõi-se o se- gundo o us- dos antigos, occasião d- um banquet- um problem-

Uso foi dos antigos hebreus (de quem o tomaram os gentios mais sabios, gregos e romanos, e sem perigo da fé, antes com louvor dos costumes, deveram imitar os christãos) uso foi, digo, não só saborearem as mesas com pratos regalados e exquisitos, mas tambem com problemas discretos e proveitosos. Lembravam-se aquelles homens que eram racionaes; e parecia-lhes cousa indigna de uma natureza tão nobre, que ficassem em jejum as potencias da alma, quando tanto se estudava e despendia em dar pasto e delicias aos sentidos do corpo. Entre outros exemplos d'este celebre costume (muito antes de Salomão compôr para elle as suas parabolas) temos o das vodas de Samsão, o qual com nome de problema propoz na mesa aos convidados o enigma da sua victoria, dizendo: *Proponam vobis problema.* O mesmo digo eu, e farei hoje. Temos á mesa el-rei Herodes com os grandes da sua côrte; e assim como Herodias tomou por sua conta pôr n'ella o prato mais exquisito «para sua crueldade», eu quero que corra pela minha propôr o problema mais proveitoso «para nossa instrucção». O prato foi a cabeça do Baptista: o problema não será indigno de que o mesmo Baptista o prégasse. *Ave Maria.*

O banquete d- de Herodes. problema: quaes mulhe- são mais pe- niciosas ao homens.

II. N'esta grande tragedia do maior dos nascidos fazem o primeiro e segundo papel dous homens que tambem nasceram

grandes; um Herodes, outro Philippe; um rei, outro seu irmão; um sem honra, outro sem consciencia; um casado, mas sem mulher, outro com mulher, mas não casado. E de toda esta violencia, de todo este escandalo, de todo este vituperio de um e outro, não foram duas mulheres a causa, senão uma e a mesma, a infame Herodias. A tanto se atreve um amor poderoso: a tanto se delibera uma ambição impotente. Era Herodias no mesmo tempo mulher de Philippe propria e de Herodes alheia: ambos por ella infelizes, ambos por ella affrontados, ambos por ella em diverso modo perdidos. N'esta historia se funda o meu problema, como o de Sansão na sua, e será: Quaes mulheres são mais perniciosas aos homens, se as proprias «sendo perversas» ou as alheias «sendo seductoras»? Se as proprias, como Herodias era de Philippe ou as alheias como a mesma Herodias era de Herodes? Já sabeis que quem disputa problemas não tem obrigação de os resolver. E porque cada um deve seguir a parte que mais lhe contentar, todos devem attenção a ambas.

No banquete que refere Esdras a mulher foi comparada ao vinho e porque? Mostraram-no os exemplos de Adão, Noé e David.

Mas antes que entremos na disputa, vejamos brevemente primeiro quão problematica é a materia. Propoz-se em outro convite que refere Esdras aquella famosa questão: Qual era a cousa mais poderosa do mundo; e uns philosophos disseram que a mulher, outros que o vinho. Não me detenho nas razões de cada um: mas só reparo na discrepancia dos extremos e na concordia dos votos. Em que symbolizam o vinho e a mulher para se attribuir a ambos o maior poder? Simbolizam, disseram os mesmos philosophos, em que o vinho e a mulher ambos rendem o dominio de tal sorte aos homens, que lhes tiram o juizo. Adão o primeiro pae do genero humano e Noé o segundo, ambos perderam o juizo; e quem lh'o tirou? Ao primeiro a mulher, ao segundo o vinho. E assim como o vinho para tirar o juizo a um homem, não importa que seja da sua vinha ou da vinha do outro, assim tambem a mulher: tanto lhe pode tirar o juizo a alheia como a propria «se fôr seductora ou perversa». Demos a Adão outro companheiro. Perdeu Adão o juizo e perdeu o mundo; e por quem? Por amor de Eva. Perdeu David o juizo e perdeu o reino; e por quem? Por amor de Bethsabee. Bethsabee era mulher alheia: Eva era mulher propria. Mas que importa que uma fosse propria e outra alheia, se ambas perderam a ambos, «uma com seducção, outra com máu conselho»?

Confirmam-se os exemplos de Salomão e Sansão. *Eccles.* 19

O Espirito Sancto que não póde errar, diz que as mulheres fazem apostatar da fé e idolatrar aos sabios: *Mulieres apostatare faciunt sapientes*. Não diz aos homens, senão aos sabios, que são aquelles homens que até sobre as estrellas teem domi-

nio. Dictou este oraculo o Espirito Sancto por bocca de Salomão; e no mesmo Salomão, que foi o mais sabio de todos os homens, se viu provado. As mulheres gentias lhe depravaram o juizo de tal sorte, que o famoso edificador do templo de Jerusalem, não só adorou os seus idolos, mas tambem lhes edificou templos. E porque chegou a cair em tal cegueira um tal homem? Porque «o perverteram mulheres idolatras; e uma vez que foi pervertido por mulheres, pouco monta que fossem proprias ou alheias.» Finalmente o mesmo homem que nos deu o exemplo com o seu problema, sem o dividirmos em dous sujeitos e sem o declararmos por metaphoras é a maior prova do nosso. «Foi Samsão enganado e atraiçoado por» duas mulheres, uma propria outra alheia. A alheia se chamava Dalila; a propria não tem nome na Escriptura. A propria o rendeu com lagrimas e caricias a que lhe descobrisse o segredo do seu enigma, e o revelou a seus competidores e tomou por marido a um d'elles: a alheia, comprada por dinheiro, lhe roubou com as mesmas artes as chaves do thesouro de seus cabellos; os quaes cortados e enfraquecido Samsão, o entregou nas mãos dos philisteos. «Assim, pois,» ambas o enganaram, ambas lhe foram infieis, ambas ingratas. ambas traidoras, ambas crueis, ambas inimigas. Estes foram os favos que tirou da bocca d'aquelles dous leões o sabio e valente moço; o qual agora podia trocar o seu problema com o nosso; e perguntar com maior razão; Quaes mulheres são mais preniciosas ao homem se as proprias «sendo perversas» ou as alheias «sendo seductoras». Mas já é tempo que entremos na teia da disputa, e discorramos por uma e outra parte os fundamentos tão verdadeiros, como fortes com que ambas se combatem ou se defendem.

1.º Quão perniciosas são aos homens as mulheres proprias se são perversas. O que fez Eva

III. Começando pelas mulheres proprias, qual era Herodias em respeito de Philippe, sabemos que o matrimonio em sua primeira instituição, ainda antes de ser sacramento, o abendiçoou Deus, lançando a sua benção a Adão e Eva: *Masculum et foeminam creavit eos, benedixitque illis Deus*. Mas porque Eva correspondeu tão mal ás obrigações de seu estado, que em logar de ajudar o marido á conservação do morgado que ambos receberam em dote, não só o destruiu e perdeu a elle, mas com elle a todos nós, como herdeiros que haviamos de ser seus, posto que ainda não eramos, todos os trabalhos e calamidades que padecemos na vida, toda a corrupção e miserias a que estamos sujeitos na morte, todos os males, penas e tormentos, que depois da morte nos aguardam, ou em tempo ou em toda a eternidade, tiveram seu principio e trazem sua origem desde o peccado, por isso chamado original. De toda esta infelicidade

foi causa uma mulher; e que mulher? Não alheia mas propria «porque seduzida pelo demonio».

Os dous montes Garizim e Hebal um de benção, outro de maldição.

Lembra-me que quando se promulgou a Lei na terra de Promissão foi com tal ceremonia, que as maldições que na mesma Lei se fulminam contra os quebrantadores d'ella, se publicaram desde o monte Hebal, o qual por isso se chamou o monte das maldiçoes; e do mesmo modo as bençãos e felicidades que se prmettem aos que a guardarem, se publicaram d'esde o monte Garizim; ao qual pela mesma causa chamavam o monte das bençãos.

Parece que as mulheres proprias são o monte das benções mas as mais vezes são o contrario.

Supposto, pois, que nenhuma injuria faremos ás mulheres alheias, qual era Herodias a respeito de Herodes, em lhe chamarmos o monte das maldições, parece que as proprias e legitimas lhes é devido o nome de monte das bencãos, pois essas acompanham sempre o sacramento do matrimonio. «Assim havia de ser: porém não se póde negar que depois do peccado de Eva as mais vezes acontece o contrario.» Nota Theodoreto que todas as maldições ameaçadas e promettidas ao monte Hebal, se cumpriram e executaram no povo e gente hebrea; parte na destruição e excidio de Jerusalem por Tito e pelos romanos; parte por Nabuchodonosor no captiveiro de Babylonia; e parte multiplicadamente pelos assyrios na invasão de Sennacherib, na de Salmanasar e na dos outros reis inimigos. Mas que comparação ou similhança teem os trabalhos e vexações, posto que tantas e tão varias, padecidas pelos hebreus na sua historia, com as immensas e quasi infinitas que o genero humano tem padecido, padece e ha de padecer até o fim do mundo: effeitos tudo d'aquelle primeiro peccado e d'aquella primeira mulher nascida innocente e sem elle «mas pervertida pelo demonio?» Todas as dores, todas as infermidades, todos os desgostos e infortunios particulares e geraes, todas as fomes, pestes e guerras, toda a exaltação de umas nações e captiveiro de outras, todas as mudanças e transmigrações de gentes inteiras, das quaes ou só ficou a memoria nos nomes, ou tambem elles com ellas se perderam; todas as destruições de cidades e reinos, todas as tempestades, terremotos, raios do céu e incendios e todo o mesmo mundo affogado e sumido em um diluvio, que outro principio ou causa tiveram, senão a intemperança e castigo d'aquella mulher, não tomada ou roubada a outrem, senão propria e dada pelo mesmo Deus ao homem, «só porque o demonio a enganara, para por ella enganar o marido?» *Mulier quam dedisti mihi sociam. Serpens decepit me.*

Auctoridade de Tertuliano.

Dirá porem algum intendimento critico que a causadora de tantos males foi aquella mulher fatal, primeira e universal ori-

gem do genero humano e não alguma particular e do tempo presente, «postoque degenerada da sanctidade do seu estado». Mas ouça quem assim o imaginar ao antiquissimo e doutissimo Tertulliano. Falla ha mais de mil e quatrocentos annos com qualquer das mulheres casadas do seu tempo e diz assim: *Et Evam te esse nescis?* E cuidas tu, que por nasceres tão longe da primeira, mulher não és tão Eva como ella? *Vivit sententia Dei super sexum istum in hoc saeculo; vivat et reatus necesse est.* Posto que haja tantos seculos que morreu aquella Eva, vive comtudo em toda a mulher a sentença com que Deus a condemnou em todo o mesmo sexo; e assim viverá para sempre e será immortal n'elle, isto é em ti, o castigo da mesma culpa. *Tu es diaboli janua:* tu és a porta por onde entra o demonio ao homem: *Tu es arboris illius resignatrix:* tu és a que abriste a porta á morte, que n'aquella arvore estava encerrada e occulta: *Tu es divinae legis prima desertrix:* tu és a primeira que desprezaste e quebraste a lei divina: *Tu es quae eum suasisti, quem diabolus aggredi non valuit:* tu és a que te atreveste a persuadir ao homem, a quem o demonio não foi ousado a accommetter por si mesmo: *Tu imaginem Dei, hominem, tam facile elisisti:* tu a que tão facilmente não só apagaste, mas deformaste e afeaste a imagem soberana que Deus n'elle tinha impressa: *Propter tuum meritum, id est mortem, etiam Filius Dei mori habuit; et adornari tibi in mente est supra pelliceas tuas tunicas?* Finalmente pelo teu merecimento, isto é pela morte merecida por ti, houve de morrer o Filho de Deus; e tu com este triste e formidavel espelho deante dos olhos não te pejas nem envergonhas de buscar e inventar novas e preciosas galas com que ornar indecentissimamente as pelles ou sambenito da penitencia que este te vestiu? Tudo isto, que só na primeira Eva se podia verificar, applica Tertulliano ás de seu tempo, posto que menos vãs que as do nosso; não duvidando chamar a cada uma, não outra senão a mesma antiga Eva, «em quanto teem a mesma vaidade, e para tentar e perder os homens imitam os seus exemplos.»

Prova-se com a historia de Job. S. Gregorio.

IV. Uma das mais notaveis cousas da Escriptura é a vida da mulher de Job. Tinha Deus concedido ao demonio que n'aquella grande casa podesse fazer e desfazer contra elle tudo o que seu odio, sua astucia e maldade julgasse conveniente para o vencer, excepto sómente a vida do mesmo Job: *Verumtamen animam illius serva.* Começou, pois, o demonio, matando e degollando tudo quanto vivia na mesma familia; os bois, que eram quinhentas junctas e as jumentas outras tantas, pelos sabeos; os camelos que eram tres mil, pelos caldeos, divididos em tres

esquadras; as ovelhas que eram septe mil, pelos raios caidos do céu; mortos junctamente todos os pastores e criados que guardavam estes grandes rebanhos, excepto sómente um, que levasse as tristes novas, até que chegou o ultimo dizendo: que junctos todos os septe filhos e filhas do mesmo Job, convidados á mesa de seu primogenito, batidos os quatro cantos da casa por um fortissimo pé de vento e caindo sobre todos, junctamente ficaram mortos e sepultados nas suas ruinas. Mas o que é mais digno de nota em tão commum e universal estrago, é, que entre tantas mortes ficasse comtudo viva a senhora da casa, a mãe dos filhos, a mulher do pae! Que morram todos os gados tantos e de todo o genero; que morram os criados e guardas d'estas riquezas naturaes, que eram os thesouros de aquella edade, grande golpe foi da ira e astucia do demonio; mas todo contra a grandeza da casa e opulencia da mesma familia. Porém que morrendo todos os filhos e filhas, até o mesmo primogenito, que era o que de mais perto e mais interiormente tocava á pessoa do mesmo Job, o demonio comtudo lhe reservasse viva a mulher, cuja vida não estava exceptuada por Deus; não podendo ser para allivio e consolação do marido, qual sería a causa d'esta singular indulgencia na impiedade de tão cruel e empenhado inimigo? S. Basilio, S. Chrysostomo, os dous Gregorios e todos os Sanctos Padres commummente dizem, por uma parte, que a fortaleza e constancia de Job era uma columna, um muro e uma torre de diamante; e que assim como o demonio se não atreveu a accometter a Adão por si mesmo, senão pela primeira mulher, assim agora intendeu que para derribar aquella torre, para arrazar aquelle muro e para dobrar e torcer aquella columna de diamante (que seria mais que desfazel-a em pó) não poderia por si mesmo; e por esta razão deixara viva a Job a sua segunda Eva, para que por meio d'ella perseguido o quebrantasse ou persuadido o rendesse: que são dous modos, um duro, outro brando com que o demonio (diz o grande Gregorio) forte e suavemente costuma conseguir o que intenta: *Diabolus duobus modis impugnat, tribulatione ut frangat, persuasione ut molliat;* e como Job pelo pacto que tinha feito com seus olhos estava já livre e superior a todos os combates das mulheres alheias ou não suas: *Pepigi foedus cum oculis meis ut ne cogitarem quidem de virgine;* só lhe ficava esta da propria, que, como lhe chama Chrysostomo, é a lança mais forte do demonio e o tiro mais certo de todas as suas armas. Mas vejamos o que fez e o que disse.

E da sua mulher. Job. 2

Estava Job coberto de chagas, ou de uma só chaga que desde os pés até á cabeça o cobria e atormentava, não em sua casa

ou na cama, mas no desamparo e miseria quasi incrivel a que o demonio o tinha reduzido, de um muladar publico, ajudando a correr com uma telha o pestifero e hediondo humor, que das feridas manava; quando chega a propria mulher, e em logar das lagrimas e das lastimas com que se devia compadecer de um homem e tal homem, quando não fôra seu marido e rei, tendo-o conhecido em tão differente estado, quaes foram as palavras que lhe disse? *Adhuc tu permanes in simplicitate tua? Benedic Deo et morere.* É primor ou cortezia sagrada da lingua hebrea, não se atrevendo a pronunciar maldições de Deus, em logar da palavra *maledicere*, amaldiçoar, dizer totalmente a contraria, *benedicere*. É possivel, pois (diz a infame e cruelissima mulher, conservada viva pelo demonio, que dentro n'ella fallava), é possivel, que ainda posto em tal logar, que não tem nome a lingua para o pronunciar decentemente, n'esse eculeo de dôr, de affronta, de miseria, de desamparo, a que nunca reduziu a fortuna o mais vil escravo do mundo, é possivel que ainda ahi te não desenganas? Esta é a gratificação da tua innocencia, este o premio das que tu chamavas boas obras? Pois se tu com ellas offendeste a Deus e elle assim t'as paga; porque não acabas já de as conhecer? Porque não acabas de as amaldiçoar e ao mesmo Deus offendido? E porque não acabas a triste e miseravel vida, entregando o corpo n'esse mesmo sepulcro hediondo aos bichos e a alma sacrilega e obstinada sepultando-o no inferno? Este é o sentido, como discorre com todos os Padres Olympiodoro, d'aquellas breves palavras; e esta a segunda Eva, tanto mais injuriosa a seu marido do que a primeira a Adão, como dizia Tertulliano. Mas ainda nos textos sagrados temos outra comparação mais horrivel de uma mulher, não alheia mas propria, e de um homem não menos sancto e grato a Deus que Job.

E da mulher de Tobias. *Tob. 2*

V. Ouvindo Tobias, que era cégo, a voz de um animalinho balando, pouco usada na pobreza e abstinencia de sua casa, advertiu como pio e justo, que acaso não fosse furtado: *Videte ne furtivus sit.* Esta só palavra exasperou e feriu tanto o coração de Anna sua mulher, que irada não só contra Tobias, mas impia e injuriosa contra o mesmo Deus, respondeu d'esta sorte, diz o Texto, ao marido; *Manifeste vana est spes tua et eleemosynae tuae modo apparuerunt:* agora sim, que ja appareceram manifestamente quaes são as vossas esmolas e obras de piedade, e o que mais é, a vossa esperança em Deus. Oh ira de mulher, quão facilmente concebes fogo! Oh lingua de mulher, quão facilmente abrazas a terra e mais o céu! Em duas palavras condemnou Anna todas as virtudes de Tobias e todos os

de Deus. De Tobias, as esmolas, as sepulturas dos
...s e a todas as obras de misericordia; em que deixando
...rio á propria vida, acodia não só aos proximos vivos,
...tambem aos mortos. Em Deus, arguindo de falsa a espe-
... do marido, condemnou a justiça, a providencia e o pre-
...dos sanctos. E como Tobias o era, e o maior d'aquelles
..., sentiu tanto a injuria que sua mulher fazia a Deus e fi-
... envergonhado e corrido de ter uma mulher que debaixo
...ladeira fé assim affrontava as virtudes humanas e divi-
...nas levantando as mãos ao céu, porque os olhos não po-
... a Deus humilde e instantemente lhe tirasse a vida:
*Domine, secundum voluntatem tuam fac mecum, et
in pace recipi spiritum meum: expedit enim mihi ma-
..., quam vivere*. «E agora, Senhor, peço a vossa divina
...ade me faça mercê de receber em pace a minha alma;
... me faz mais conta a morte que a vida».
... foi a resposta de Tobias, da qual dá a razão o Texto,
...menos admiravel. Refere toda a causa que Tobias teve para
... a Deus uma petição tão extraordinaria, como a de lhe pe-
... morte; e diz que o intento da parte de Deus foi: *Ut pos-
daretur exemplum patientiae eius sicut et Sancti Job*: para
...s vindouros tivessem outro exemplo de paciencia em Tobias,
... como os passados o haviam tido no Sancto Job. Mas Job
... a riqueza dos gados de todo o genero, em que era mais
...e opulento que todos os orientaes: Job perdeu os filhos e
...nas, mortos e sepultados de um só golpe no mesmo dia: Job
sendo rei, perdeu a coroa, a obediencia dos vassallos e o uso
dos proprios membros, com tão excessivas dores; sem familia,
sem casa, sem cama, no ultimo desamparo, na immundicia, nos
ascos e na summa affronta de um muladar publico. «E se o
estado de pobreza e cegueira a que Tobias se reduziu por en-
terrar os seus irmãos no captiveiro de Salmanazar, esteve tão
longe de tão grandes» trabalhos; como foi a sua tentação e a
sua paciencia similhante e de egual exemplo á de Job? Porque
o fino da tentação de ambos e o que mais vivamente lhes pene-
trou os corações, foi a crueldade e impiedade de uma e outra
mulher propria, não só deshumanas contra seus maridos, mas
atrevidas e blasphemas contra o mesmo Deus. Não diga logo
Tertulliano nem cuide alguem que disse muito em chamar Evas
a todas as que «imitam» aquella primeira; porque «se a pri-
meira Eva» foi causa original de tantos trabalhos e miserias
em seus filhos, «as outras Evas, ainda que causas secunda-
rias, são mais activas accommettendo a constancia de seus ma-
ridos não uma vez como a primeira, mas tantas e tantas ve-

zes, quantas por suas boccas falla o demonio, o que é frequentemente.

Accresce que a mulher propria, quando não vive como deve viver, se torna ao homem um mal necessario e um captiveiro que só com a morte póde ter fim.» E um mal de que não nós póde livrar nenhuma industria humana, como o soffreremos? Bem o intenderam os apostolos. A todos os hebreus permittiu Moysés o libello do repudio, para que deixando uma mulher podessem tomar outra: permissão que Christo emendou, restituindo o matrimonio á sua antiga singularidade e pureza, como fôra instituido por Deus em Adão e Eva. D'este ultimo estado, que é hoje o sómente licito na lei christã, inferiram os apostolos, que, supposto elle, era melhor não casar: *Si ita est causa hominis cum uxore, expedit non nubere.* Respondeu Christo, approvando o sentimento dos discipulos; que nem todos o intendiam assim: *Non omnes capiunt verbum istud, sed quibus datum est:* palavras, que se todos se conformassem com ellas, se acabaria brevemente o mundo: mas não é elle tal que mereça tão honrado e sancto fim.

As mulheres proprias quando são más são mal necessario. *Matth.* 19

VI. Tendes attentamente ouvido as razões da primeira parte do problema? Ouvi agora com a mesma attenção as da segunda para dar a sentença. A razão, a experiencia, as leis de todas as nações ainda barbaras, os escandalos particulares e publicos, a ruina das casas, a infamia das pessoas, as mortes violentas na paz, o sangue correndo a rios nas guerras, a destruição das cidades, a assolação de reinos inteiros, em fim, a voz e consenso do genero humano, tudo isto é um testimunho universal e de maior auctoridade que a de todos os escriptores (tambem concordes na mesma opinião) o qual affirma, defende e sem contradicção pronuncia, que as mulheres mais perniciosas aos homens são as alheias. As proprias «ainda que más» são companheiras no matrimonio; as alheias são cumplices no adulterio; e sendo o adulterio peccado e o matrimonio sacramento, mais parece sacrilegio que aggravo a comparação por si só entre umas e outras; quanto mais o pôr em questão e em duvida quaes sejam mais damnosas ao homem. O matrimonio foi instituido por Deus no estado da innocencia: o adulterio foi machinado pelo demonio depois da natureza corrupta. O matrimonio ainda antes de ser sacramento sempre foi licito, honesto e sancto; o adulterio sempre illicito, sempre injusto, sempre abominavel; e sendo qualquer peccado o maior mal de todos os males; é este por sua malicia tão grave, que Job professor sómente da lei da natureza lhe chamou a maxima das maldades: *Quae est iniquitas maxima.* Quando as mulheres alheias não fo-

2.º Quão perniciosas são aos mesmos homens as mulheres alheias se são seductoras. Malicia do adulterio.

ram occasião e causa aos homens de outro mal, mais que o peccado, só por este, que sempre é inseparavel do adulterio, se lhes devia em gráu superlativo e sobre toda a comparação o nome de perniciosas.

O adulterio de David figurado por Natan com a parabola de um roubo. Observação de Sancto Ambrosio.

Para serem perniciosas e causadoras de gravissimos males as mulheres alheias, não basta serem mulheres, (como indiscretamente dizem muitos sem o respeito e reverencia devida ao sexo de que todos nascemos); mas o que eu digo é que basta serem alheias. Alheia era aquella mulher que David tomou occultamente a Urias, abusando do poder real; exemplo em que tem mais imitadores, que no de suas virtudes. Mandou Deus ao propheta Nathan que lhe fosse extranhar de sua parte um tão grande e n'elle tão novo excesso; e que fez o propheta? Para que o rei em terceira pessoa reconhecesse melhor a fealdade do seu peccado, representou-lh'o primeiro na parabola ou accusação de um poderoso, o qual tomara a um pobre uma só ovelha que tinha, para com ella agasalhar um peregrino que se viera hospedar em sua casa. O poderoso era David, o pobre, Urias, a ovelha, sua mulher Bethsabee, e o peregrino, o mau appetite, que casualmente e fóra do que David costumava, se lhe introduziu no coração; e elle o recebeu como não devera. Mas se o peccado era de adulterio, porque o apresentou o propheta em parabola e figura de furto? Porque o furto e o adulterio ambos tem o mesmo objecto, que é o alheio. É pensamento de Sancto Ambrosio em differente caso, mas muito proprio do presente. Chama o sancto Doutor elegantemente á cubiça luxuria do dinheiro, *aeris libido;* e proseguindo na mesma metaphora, diz que os furtos são adulterios da cubiça: *Aeris libido sic igne suo pascit animum, ut hoc solo a luxuria distet, quod haec formarum adultera sit, avaritia terrarum.* Assim como o torpe póde ser torpe sem ser adultero, assim o cubiçoso póde ser cubiçoso sem ser ladrão. Mas quando chega a ser ladrão, logo junctamente «se póde chamar» adultero; e porque? Porque assim o furto como o adulterio tem por objecto o alheio: o adulterio a mulher alheia, o furto a fazenda alheia; e assim como o tomar a mulher alheia é adulterio da torpeza, assim o tomar a fazenda alheia é adulterio da cubiça.

Roubar a fazenda ou mulher alheia é a ruina das familias! Historia de Acab, e mais de David. Chrysostomo. 1 Cor. 5

Vêde agora se se infere bem, que ainda que a mulher alheia não fôra mulher, só por ser alheia seria causa de grandes males ao homem. E para que o mesmo caso que nos deu a similhança de um e outro adulterio, nos dê tambem a prova de um e outro effeito, ponhamos em parallelo ao mesmo rei David com el-rei Acab; e veremos as calamidades e desventuras a que ambos se condemnaram, um porque tomou o alheio, outro

porque tomou a alheia. Tomou Acab a vinha de Naboth; e que se seguiu d'esta violencia? (Para que não percamos o decóro ao nome real com lhe chamar furto). Lá disse S. Paulo, que um pequeno fermento corrompe toda a massa: *Modicum formentum totam massam ccrrumpit;* e taes são os effeitos do alheio, ainda que a massa com que se ajuncta ou mistura seja uma monarchia inteira. Que comparação tinha a vinha de Naboth com o reino de Acab? Mas era alheia posto que tão pequena. E como se Naboth com as vides da sua vinha lhe pozera o fogo, assim ardeu em um momento a casa de Acab, a coroa, o reino, a vida sua e a de sua mulher, a honra, a fama, o estado, a successão e até os ossos de ambos. E se isto fez o alheio em materia de tão pouco preço, que faria na mais preciosa, na mais prezada, na mais estimada de todas, e que o homem não distingue de si mesmo, qual é a mulher? Diga-o Bethsabee (para que voltemos os olhos á outra parte do parellelo); diga-o Bethsabee, que foi a Helena de Israel; e chore-o a casa de David, que foi a Troya d'aquella Helena. De Troya fingiram os poetas, que fôra fundada pelos deuses. Mas depois que n'ella entrou Helena roubada a seu marido Menelau por Páris filho d'el-rei Priamo, não lhe valeu a divindade de seus fundadores para que não ardesse, deixando sepultada em suas cinzas a flôr de toda a Asia e Europa, consumida no sitio de dez annos. Tão perniciosa é aos homens e tão fatal póde ser aos reinos uma mulher alheia. A casa de David é certo que foi fundada pelo verdadeiro Deus; e com mais altos e solidos fundamentos de quantos houve nem haverá no mundo; como aquella de cuja prosapia havia de nascer feito homem o Filho do mesmo Deus. Mas tanto que n'ella entrou uma mulher tomada a seu marido, posto que não publica, senão occultamente, este fogo occulto foi o que a abrazou e destruiu, como notou S. Chrysostomo: *Nisi peccatorum scintillas occultasset, domus non conflagraret.* Que desgraças, que infortunios não succederam a David, áquelle grande heroe, entre todos os da fama famosissimo, depois d'este erro tão lamentavel e tão chorado por elle! Mas nem os rios de lagrimas, que continuamente corriam dos mesmos olhos com que vira a Bethsabee, bastaram a apagar o incendio, que com ella se ateou á sua; sendo a justiça do mesmo Deus que a fundara, a que a um homem tão amigo e tão do seu coração, castigou tão severamente.

Como acabaram os cinco filhos d'este rei. 2 *Reg.* 12

Quatro eram as columnas principaes sobre que se sustentava a casa real de David: Salomão, Adonias, Amnon, Absalão; e excepto o primeiro (que sómente se conservou na promessa e juramento de Deus) todos os outros acabaram desastrada e tra-

gicamente: porque Salomão matou a Adonias, Absalão matou a Amnon; e contra o preceito do mesmo David, Joab matou a Absalão. Deixo o primeiro filho, que lhe nasceu de Bethsabee, morto por sentença divina antes de ter nome. Nem fallo na desgraça de Thamar, viva para perpetua dôr do pae e epitaphio immortal de sua deshonra. Affrontou-a seu proprio irmão Amnon com maior crueldade que se a matara. Mas não pararam aqui as mortes violentas e lastimosas na casa de David; porque em quanto durasse no mundo a sua descendencia, sempre a espada da divina justiça se veria tincta no sangue, em castigo e pena posthuma d'aquelle peccado. É cousa que de nenhum modo se podera crer, se assim o não dissera a mesma sentença: *Quam obrem non recedet gladius de domo tua usque in sempiternum.* Ah rei propheta, que se assim como vieis outros futuros, antevireis os estragos que com aquella mulher, como nuvem prenhe de raios, trazieis á vossa casa e sobre a vossa pessoa, antes quererieis perder os olhos, que pol-os n'ella!

Como foi coberto de infamia por seu filho Absalão.

Era David ungido por Deus; mas onde está a corôa? Lá a leva tyrannicamente usurpada e posta sobre a cabeça o impio e rebelde Absalão, acclamado com trombetas e seguido de todo o reino. Era o valente de Israel, que matou leões e gigantes e vencia exercitos de philistheus; e agora vai fugindo pelos montes, de um moço mais conhecido das damas pelos cabellos, que dos soldados pela espada. Era venerado, applaudido e adorado das gentes; e agora apedrejado de Semei, ouve os opprobrios, as injurias, as calumnias e as maldições de uma lingua tão vil e infame, como o mesmo que se atrevia a dizel-as. Era o mais rico monarcha de quantos dentro e fóra de Palestina accumularam thesouros; e agora pobre, desterrado, faminto, vive das migalhas de Berzellai. Sobre tudo era aquelle sancto varão cuja alma por suas virtudes era louvada em Deus: *In Domino laudabitur anima mea;* e agora pelo seu peccado é Deus blasphemado n'elle: *Quoniam blasphemare fecisti inimicos Domini.* Ha ainda mais desgraças? Ha ainda mais affrontas? Ha ainda mais castigos sobre David? Ainda; e os que na opinião dos homens são mais affrontosos: *Ecce ego suscitabo super te malum de domo tua et tollam uxores tuas et dabo proximo tuo etc.* Se cuidas, David, (diz Deus) que com todos estes castigos tens purgado a tua culpa, enganas-te. Nem a morte dos filhos, nem a usurpação da corôa, nem a perda do reino, nem o desterro, nem a pobreza, nem a miseria, nem as injurias e infamias com que te vês, não só perseguido, mas abominado de teus vassallos, são bastante satisfação ao teu peccado: ainda te resta por padecer outro mal maior que todos esses males, que é a pena

de talião. Verdadeiramente que se não poderam pintar com cores de maior horror os damnos e calamidades de que são causa aos homens, aos reinos e ao mundo as mulheres alheias; ou uma só mulher alheia, que é mais.

VII. Mas ainda não está ponderada a maior circumstancia do caso. Não diz o relatorio da sentença de Deus notificada pelo propheta que foi condemnado David a todos estes castigos, porque tomou a mulher alheia; senão porque tendo sido alheia, a fez sua, casando-se com ella. Assim o pronuncia expressamente o Texto: *Uxorem illius accepisti in uxorem tibi;* e assim o torna a repetir outra vez com a mesma expressão: *Et tuleris uxorem Uriae Hethaei, ut esset uxor tua;* e assim o tinha já advertido na historia e narração do caso: *Misit David et introduxit eam in domum suam et facta est ei uxor; et displicuit verbum hoc coram Domino.* Onde se deve notar que este matrimonio, posto que nas leis christãs seria illicito e invalido, nas leis hebreas, porém, não tinha prohibição alguma; e por isso o mesmo David depois de reconciliado com Deus, teve sempre aquella mulher por legitima e a tractou como tal. Pois se Bethsabee, quando David a tomou a Urias, sendo elle vivo, era alheia; e depois da sua morte, quando se casou com ella, já era propria; porque se fulminam todos os castigos contra David, não tanto pelo adulterio quanto pelo casamento, e não tanto por tomar a mulher alheia, quanto pela fazer sua? Theodoreto, fundado nos textos que allegamos, diz que d'elles se colhe que mais sentiu Deus o matrimonio de David com Bethsabee, do que o adulterio; e do mesmo parecer é Procopio e a Glossa e outros graves auctores: com que mais se accrescenta a duvida ou admiração de tão extraordinarios castigos. A razão d'este caso foi, porque Bethsabee, ainda que já era livre pela morte do marido, tinha sido alheia no tempo do adulterio; e David foi culpado em continuar o amor de quem lhe fôra occasião do peccado. E estas circumstancias e considerações que no juizo dos homens parecem leves e veniaes, ao de Deus são tão graves e tão pesadas, como mostraram os açoites com que as castigou. Oh quantos reis e quantos reinos se arruinam, quantos exercitos e quantas armadas se perdem, quantas fomes, quantas pestes e quantos infortunios e calamidades geraes se padecem, não pelas causas imaginadas que vãmente descorrem os politicos, mas pelas injurias que commettem os maiores ou contra o proprio ou contra o alheio matrimonio; não sendo necessario que as mulheres sejam de outrem; mas bastando que não sejam proprias! Por amor de Dina se perdeu o principe Sichem e todo o seu estado. Por amor de Judith se perdeu o general Nabuchodono-

Sentiu muito Deus que elle depois do peccado casasse com Bethsabee.

potencia formidavel dos seus exercitos. E porque? Não em Dina ou Judith se violasse a fé devida ao thalamo ; porque Dina era donzella e Judith viuva, mas bastou fossem mulheres proprias, para que desarmadas de todo poder fossem ambas a occasião e cada uma só a causa nhos estragos.
de Nabuchodonosor era sujeitar todo o mundo a ; e o poder que ajunctou e expediu para esta vastis- presa era tão superior a todas as forças do mesmo que não houve cidade tão forte, nem reino tão pode- m nação tão bellicosa, que se atrevesse a o resistir, su- se tudo sem guerra nem batalha, ou de perto só com ou de longe só com a fama de tão insuperavel poten- porém Judith de Bethulia, e não violentada ou tomada força, mas sollicitada por amor e rogos, ella só e com a do mesmo general Holofernes lhe cortou a cabeça ; ella com um só golpe degolou todo o seu exercito, desarmou o poder, anniquilou todas as suas victorias, emmudeceu fama e a converteu em desprezo, confusão e affronta a monarchia de Nabuchodonosor.
era tão poderoso como Nabuco o principe Sichem ; mas lor titulo que Holofernes, com soberania de estado. Vivia as terras e á sua sombra como peregrino e extrangeiro pae de Dina ; pediu-lh'a por mulher Sichem, tendo-lhe feito primeiro um d'aquelles aggravos, que costuma desculpar o amor e sarar o matrimonio : offereceu-lhe por dote quanto pedisse ; veio em condições tão asperas e difficultosas, como o mudar de religião e circumcidar-se primeiro, não só elle, mas todos seus vassallos. E que se seguiu d'aqui? Um engano verdadeiramente injusto, mas um castigo, se merecido, atroz, e um exemplo por todas as suas circumstancias temeroso e horrendo. No mesmo tempo em que todos voluntariamente se tinham ferido, e no dia em que as dores da circumcisão são mais insupportaveis, como nota o Texto, dous irmãos de Dina, Simeão e Levi, moços que nenhum d'elles chegava a vinte e dous annos, entram armados pela cidade, matam ao principe e a seu pae e a todos os sichimitas miseravelmente presos e sem se poderem defender por causa das feridas e força das dores ; levam captivas todas as suas mulheres e filhos, assolam a cidade, despojam as casas, devastam os campos. Este foi o desastrado fim d'aquelle principe e de todo o seu estado e vassallos, não tanto por socegar da sua paixão, quanto por se apressar na mesma cegueira. Que mais podia desejar Jacob, que casar sua filha com o principe da terra em que vivia? Mas porque Sichem, como

poderoso, não quiz esperar pela benção do matrimonio, incorreu tão miseravelmente na maldição que leva comsigo toda a mulher que não é propria.

VIII. E para que todos acabem de conhecer quão grande maldição é e de todos os modos a temam, sobre os dous casos de uma só mulher acrescento outro de muitas.

Outro exemplo.

Desejou el-rei dos moabitas Balac amaldiçoar os arraiaes e exercitos do povo de Deus (os quaes ordinariamente se perdem e teem infelizes successos, porque vão carregados de maldições); e o meio que para isso tomou, foi rogar por seus embaixadores ao propheta Balaão (propheta e feticeiro junctamente) que os quizesse amaldiçoar. As instrucções d'estes embaixadores iam acompanhadas de outras de ouro e prata, que tambem são boa parte da maldição. Mas como Deus, uma, outra e tres vezes provocado com os sacrificios do mau propheta, lhe não permittisse amaldiçoar o seu povo, elle que tinha os olhos postos na propina, se desculpou com o rei de o não poder servir, como desejara: porém que em logar da maldição que lhe pedia, lhe daria um conselho tão effectivo como ella. Tambem não é cousa nova haver conselhos, que sejam maldições, e tão vendidos e comprados como se foram oraculos de prophetas. Qual foi, pois, o conselho de Balaão? Foi que o rei não saisse em campanha com exercito de homens armados e ordenados, senão com tropas de mulheres mandadas á desfilada: porque tanto que estas chegassem a se avistar com os capitães e soldados do exercito de Israel, logo elles se lhes renderiam sem duvida, debaixo das condições que quizessem. E commettido este grave peccado, (diz Balaão) o mesmo Deus que agora me não consentiu que eu amaldiçoasse o seu povo, fará n'elle tal estrago, que vós, o Balac, vos deis por muito satisfeito e não lhe desejeis maior maldição. Este foi o conselho do mau propheta; e se aconselhou como mau, tambem como propheta adivinhou o successo. Saem as moabitas em demanda dos arraiaes de Israel, chegam primeiro á vista e depois á falla; e não com outros feitiços que lhes désse Balaão, senão com os da sua presença, de tal maneira prenderam e sujeitaram os capitães e soldados israelitas, que se Deus não acudira com prompto e exemplarissimo castigo, o exercito, a jornada, a terra de Promissão, tudo se perdera. Foram degolados n'aquelle dia vinte e quatro mil: que a tantos tinha já corrupto a peste das moabitas. Fazia horror a immensa mortandade e corria o sangue a rios: não se guardou respeito á dignidade, nem fôro á qualidade, nem excepção a pessoa; e só houve de differença, que os que a Escriptura chama principes, os mandou Deus enforcar em forcas

A maldição que levaram as moabitas ao exercito de Israel.

com os rostos voltados ao sol, para que fossem mais
os e a sua infamia mais publica. Foi boa maldição esta?
esta é a que nos particulares arruina as casas e no com-
as republicas. Para que os principes e os que o não são
autelem e temam; e para que ninguem possa duvidar, e fi-
assentado por conclusão, que as mulheres mais perniciosas
mens são as alheias.

uz as razões da primeira e segunda parte: julgae agora
o mais poderosas. Entretanto, qualquer que seja a vossa
, bem podeis vêr quantos males causaram aos homens
heres quer proprias quer alheias, para que vos acaute-
todas.» Isto é o que na mesa de Herodes desde um
está prégando a grandes brados a cabeça e lingua do Ba-
promettendo a Philippe, posto que n'este mundo offendido
ontado, a facilidade da salvação com que o venturoso
se viu livre da mulher propria «tão indigna da sua com-
a»; e segurando a Herodes no infelicissimo logro da alheia
teza que hoje está experimentando nos tormentos eter-
«de que Deus nos livre pelos merecimentos do Sancto
ursor».

(Ed. tom. 12.º, pag. 78, ed. mod. tom. 1.º pag. 183.)

SERMÃO DO MANDATO ***

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1650

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR. — **Este sermão é quasi uma recapitulação e corôa dos outros sermões do mandato, que vão no primeiro volume, e como diz o mesmo auctor, mais que cada um d'elles merece este nome. Note-se a arte com que explica os maiores mysterios da vida do Salvador e os exalta com outros tantos panegyricos. Foi por inadvertencia que o sermão não se imprimiu com os mais solemnes.**

Et vos debetis alter alterius lavare pedes.
S. JOAN. 13.

O amor de Christo foi egual em toda a vida; mas deu maiores demonstrações na morte.

Como nas obras da creação acabou Deus no ultimo dia pelas maiores do seu poder; assim nas da redempção, de que este dia foi o ultimo, reservou tambem para o fim as maiores do seu amor. Isto foi «o que quiz ensinar o evangelista com aquellas palavras tantas vezes repetidas n'este dia: *Cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos*». O amor de Christo para com os homens, desde o primeiro instante de sua incarnação até o ultimo de sua vida, sempre foi egual e similhante a si mesmo: nunca Christo amou mais nem menos, A razão d'esta verdade theologica é muito clara: porque se consideramos o amor de Christo em quanto Homem, é amor perfeito; e o que é perfeito não póde melhorar: se o consideramos em quanto Deus, é amor infinito; e o que é infinito não pode crescer. Pois se o amor de Christo foi sempre egual sem excesso, sempre similhante a si mesmo sem augmento; se Christo tanto amou aos homens no fim «como no principio; porque diz o evangelista: *Cum dilexisset suos qui eram in mundo in finem dilexit eos?*» Não é esta a duvida que me dá cuidado. Respondem os sanctos em muitas palavras com o que eu já insinuei em poucas. Dizem que usou d'estes termos o evangelista, não porque Christo no fim amasse mais do que no principio amara, senão porque fez mais seu amor no fim do que no principio e em toda a vida

fizera. O amor póde-se considerar ou por dentro quanto aos afectos, ou por fóra quanto aos effeitos; e o omor de Cristo, quanto aos affectos de dentro, tão intenso foi no principio, como no fim: mas quanto aos effeitos de fóra, muito mais excessivo foi no fim, que em todo o tempo da vida. Então foram maiores as demonstrações, maiores os extremos, maiores os rendimentos, maiores as ternuras, maiores emfim todas as finezas que cabem em um amor humanamente divino e divinamente humano: *In finem dilexit eos.*

Qual d'ellas é a maior?

Esta é a verdadeira e litteral intelligencia do texto. Mas agora pergunta a minha curiosidade e póde perguntar tambem a vossa devoção: Supposto que do amor de Christo as finezas do fim foram maiores que as de todo o tempo da vida; entre as finezas do fim, qual foi a maior fineza? Esta comparação é muito differente da que faz o evangelho. O evangelista compara as finezas do fim com as finezas de toda a vida e resolve que as do fim foram maiores. Eu comparo as finezas do fim entre si mesmas, e pergunto: D'estas finezas maiores qual foi a maior? O evangelista diz quaes foram as maiores de todas; e eu pergunto qual foi a maior das maiores? Esta é a minha duvida; esta será a materia do sermão; e a «conclusão de tudo, o mais util commento das palavras que propuz: *Et vos debetis alter alterius lavare pedes.* Explico-me.»

Resposta que dão os Sanctos doutores e assumpto do sermão.

O estylo que guardarei n'este discurso, para que procedamos com muita clareza, será este: referirei primeiro «e declararei» as opiniões dos sanctos e depois «tirarei de todas ellas o mais forte argumento para a observancia do preceito da caridade e maior intelligencia do mandato que se ha de prégar n'este dia.»

Invoca-se a graça do Senhor Sacramentado e se lhe pede perdão

Ah, Senhor, que agora é o tempo de reparar que estais presente, todo poderoso e todo amoroso Jesus! Bem creio que no dia em que as fontes da vossa graça estão mais abertas, não m'a negareis, Senhor, para satisfazer ás promessas a que por parte de vosso divino amor me tenho empenhado. Mas para que os corações humanos, costumados a ouvir tibiezas com nome de encarecimentos, não se enganem na similhança das palavras, em descredito do vosso amor, protesto que tudo o que disser de suas finezas, por mais que eu lhes queira chamar as maiores das maiores, não são exaggerações, senão verdades muito desaffectadas «e mais aggravo que engrandecimento d'ellas». Todos os que hoje subimos a este logar (e o mesmo havia de acontecer aos anjos e seraphins, se a elle subiram) não vimos a louvar e engrandecer o amor de Christo, vimos a aggraval-o, «posto que muito contra a nossa vontade»; vimos a affrontal-o, vimos a apoucal-o, vimos a abatel-o com a rudeza de nossas

palavras, com a frieza de nossos affectos, com a limitação de nossos encarecimentos, com a humildade de nossos discursos: que aquelle que mais altamente fallou do amor de Christo, quando muito, o aggravou menos. Assim é, aggravado Senhor, assim é! Hoje é o dia da paixão do vosso amor: porque mais padece elle hoje na tibieza de nossas linguas, do que vós padecestes ámanhã na crueldade de nossas mãos. Mas estas são as pensões do amor divino, quando se applica ao humano; estes são os deveres do infinito e immenso, quando se deixa medir do finito e limitado. Vós, Senhor, que conheceis vosso amor, o engrandecei, vós que só o comprehendeis, o louvae; e pois é força e obrigação que nós tambem fallemos, passe por uma das maiores finezas suas soffrer que em vossa presença digamos tão pouco d'elle.

II. *Et vos debetis alter alterius lavare pedes*. Entrando, pois, na nossa questão, qual fineza de Christo é a maior das maiores; seja a primeira opinião de Sancto Agostinho, que a maior fineza do amor de Christo para com os homens foi o morrer por elles. E parece que o mesmo Christo quiz que o intendessemos assim, quando disse: *Majorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis:* que o maior acto de caridade, a maior valentia de amor, é chegar a dar elle a vida pelo que ama. «Nota Agostinho que Christo propoz a morte que havia de soffrer por nós, como argumento de maior amor; porque esta é a perfeição da caridade; e maior do que esta não ha nem póde haver: *Haec est perfectio charitatis, et maior omnino non potest inveniri*. Assim como dar a vida é o maior dos sacrificios, porque quem dá a vida, dá tudo o que póde dar; assim é tambem a maior das finezas.

1.ª Opinião de Sancto Agostinho. A maior demonstração foi morrer Christo pelos homens. *Joan.* 15

Tract. 9 *in ep.* 1 *Joan.*

Confirma-o S. Paulo.

Concorda a doutrina do Sancto com o que diz o Apostolo no cap. 5 aos Romanos: *Commendat autem charitatem suam Deus in nobis; quoniam cum adhuc peccatores essemus, secundum tempus Christus pro nobis mortuus est:* o modo mais brilhante com que Deus nos manifestou a sua caridade, foi, que sendo nós peccadores, em seu tempo morreu Christo por nós. Por isso diz Agostinho e com elle muitos outros sanctos doutores, que o morrer Christo pelos homens foi a maior fineza de seu amor. Mas onde está o maior encarecimento d'esta fineza? Isto é o que Agostinho não declarou.

A circumstancia mais dolorosa da morte do Salvador, foi apartar-se de seus amigos; e se na fragoa do padecer se acrysola o amor, bem se vê como por este apartamento subiam de poncto os quilates de sua caridade. Temol-o no mesmo evangelho da ultima ceia»: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat*

A circumstancia mais dolorosa da morte de Christo foi apartar-se dos amigos.

ex hoc mundo ad Patrem: sabendo que era chegada a hora de partir d'este mundo para o Padre. Reparo e com grande fundamento. O partir de que aqui falla o evangelista, era o morrer; porque o caminho por onde Christo passou d'este mundo para o Padre, foi a morte. Pois se o partir era o morrer; porque não diz o evangelista: Sabendo Jesus que era chegada a hora de morrer; senão: Sabendo Jesus que era chegada a hora de partir? Porque o intento do evangelista era encarecer e ponderar muito o amor de Christo: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos;* e muito mais encarecida e ponderada ficava a sua fineza em dizer que se partia, do que em dizer «simplesmente» que morrera; «porque na morte sentiu mais a alma de Christo o apartar-se dos homens, que o deixar o seu corpo». A morte de Christo foi tão circumstanciada de tormentos e affrontas padecidas por nosso amor, que cada circumstancia d'ella era uma nova fineza. Comtudo de nada d'isto fez menção o evangelista: tudo passa em silencio, porque achou que encarecia mais com dizer em uma só palavra que partira, que com fazer dilatadas narrações dos tormentos e affrontas, postoque tão excessivas, com que morrera.

Exemplo da Magdalena explicado por Origines.

Que «a circumstancia mais dolorosa da morte seja o ausentar-se do que se ama» não o podem dizer os que se vão, porque morrem; só o podem dizer os que ficam, porque vivem; e assim n'esta controversia da morte e ausencia de Christo havemos de buscar alguma testimunha viva. Seja a Magdalena, como quem tão bem o soube sentir. É muito de reparar que chorasse mais a Magdalena na madrugada da Resurreição ás portas do sepulchro, que no dia da paixão aos pés da cruz. D'estas lagrimas nada se diz no evangelho, das outras fazem grandes encarecimentos os evangelistas. Pois, porque chora mais a Magdalena no sepulcro que na cruz? Discretamente Origenes: *Prius dolebat defunctum, modo dolebat sublatum; et hic dolor major erat.* Quando a Magdalena viu morrer a Christo na cruz, chorava-o defuncto: quando achou menos a Christo na sepultura, chorava-o roubado; e eram aqui mais as lagrimas, porque era aqui maior a dôr. Mas parae como amante, Magdalena sancta; trocae as correntes ás lagrimas que não vão bem repartidas. O que vos matou a morte foi Christo vivo; o que vos roubou a ausencia, foi Christo morto: o bem que vos levou a cruz foi todo o bem, o que vos falta na sepultura, é só uma parte d'elle e a menor, o corpo: pois porque haveis de chorar mais a perda do morto, que a perda do vivo; a perda da parte que a perda do todo? «Porque agora intendo o que é a separação da morte. Quando tinha commigo o corpo sacratissimo

do meu Mestre, tinha na dôr da soledade alguma consolação. Mas agora, que nada me resta do meu Senhor, tudo para mim é desconforto e amargura: *Abstulerunt mihi Dominum meum et nescio ubi posuerunt eum.* Esta é a razão por que a Magdalena chorou mais ás portas do sepulcro, que ao pé da cruz: *Prius dolebat defunctum, modo dolebat ablatum et hic dolor maior erat.* E se o amor da Magdalena, que era menos fino, avaliava assim a causa da sua dôr, que faria o amor de Christo que era a mesma fineza?

Outra circumstancia dolorosa morrer na flor dos annos. *Hebr.* 5

Mais.» Padeceu Christo a morte n'aquella edade robusta em que os homens costumam morrer fazendo termos não só violentos, mas horriveis, agonizando anciosamente, como se a morte luctara com a vida, e arrancando-se a alma do corpo, como a pedaços, pela força com que a natureza resiste ao rompimento de uma união tão estreita. «Por isso nota S. Paulo que Christo deu morrendo um grande brado acompanhado de lagrimas: *Cum clamore valido et lacrymis.* E se a morte foi tão dolorosa por um e outro apartamento, quem não dirá com Sancto Agostinho que a fineza de morrer» não só foi maior entre as grandes, senão maior entre as maiores: *Majorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis?* Esta é a primeira opinião».

2.ª Opinião de S. Thomaz. A maior demonstração de amar foi ficar com os homens no Sacramento.

III. A segunda é de S. Thomás e de muitos que antes e depois do Doutor angelico tiveram a mesma. Diz S. Thomás que a maior fineza do amor de Christo hoje foi deixar-se comnosco, «no Sacramento, pois com a morte»' se ausentava de nós. E verdadeiramente que «a sua presença sacramental, invento de infinita sabedoria, para junctamente partir para o Pae e ficar com os homens», não ha duvida que foi grande fineza. Foi tão grande, que parece desfaz tudo quanto atégora temos dicto: porque a fineza de se deixar comnosco desfaz a fineza de morrer e ausentar-se de nós.

Prova-se com o mesmo mysterio da Eucharistia.

Das portas a dentro do mesmo sacramento temos grandes provas d'isto. O mysterio sagrado da Eucharistia é sacramento e é sacrificio; em quanto sacramento do corpo de Christo é presença; em quanto sacrificio do mesmo corpo é morte. D'aqui se segue que tantas vezes morre Christo n'aquelle sacrificio, quantas se faz presente n'aquelle sacramento. Ó excessiva fineza de amor! De sorte que cada presença que Christo alcança pelo sacramento, lhe custa uma morte pelo sacrificio. E quem compra cada presença a preço de uma morte, vede «quanto estima a presença, e se com ella dá maior prova de amor, do que com a mesma morte. Mais.» O sacramento do altar com ser um, tem estes dous mysterios: é continua representação da morte

de Christo e é continuo remedio da ausencia de Christo. Mas entre a morte e a ausencia (agora acabo de intender o poncto) ha esta differença, que a morte por um instante só, pareceu-lhe ao amor de Christo pouca morte; o ausentar-se, ainda que fosse por um só instante, pareceu-lhe muita ausencia. Pois que remedio buscaria o seu amor? Instituiu um sacramento que fosse junctamente morte continua e presença continua; morte continua, para morrer não só por um instante, mas por muito tempo; presença continua para se não ausentar, não por muito tempo, mas nem ainda por um instante. «Ha fineza de amor que se eguale com esta instituição? E notae muito a natureza da mesma presença, a qual assim como é causa de maior padecimento, assim é para nós prova de maior caridade».

Está n'elle escondido sem o uso dos sentidos.

Para intelligencia d'esta materia hemos de suppor com os theologos, que Christo Senhor nosso no sacramento do altar, ainda que está alli corporalmente, não tem uso nem exercicio dos sentidos. Assim como nós não vemos a Christo debaixo d'aquelles accidentes, assim Christo não nos vê a nós com os olhos corporaes «e só nos vê com os da alma e da divindade». Encobrindo-se, pois, Christo no sacramento, ainda que está presente com os homens a quem ama, está presente sem os vêr «corporalmente»; e a presença sem «esta» vista é maior pena que a ausencia.

Absalão condemnado a não ver o rosto a seu pae.

Sabendo Absalão que David fazia diligencia pelo prender, para que pagasse com a vida a morte que dera ao principe Amnon, diz o texto sagrado que se ausentou para as terras de Gessur, fóra das raias de Judéa. Passados alguns tempos, por industria de Joab deu David licença para que Absalão podesse vir viver na côrte; e dizia assim o decreto: Venha embora Absalão para a sua casa; mas não me veja o rosto. Veio Absalão; continuou na côrte sem vêr o rosto a seu pae; e chamando outra vez a Joab para que tornasse a interceder por elle, disse-lhe d'esta maneira: Para que vim de Gessur, onde estava desterrado? Melhor me era estar lá: pelo que fazei, Joab, que veja eu o rosto a meu pae; e se elle se não dá ainda por satisfeito, mate-me antes.

Diz que era menos mal estar longe d'elle. 2 Reg. 14

Duas cousas pondero n'este passo: primeira, dizer Absalão que melhor lhe era estar em Gessur que em Jerusalem. Parece que não tem razão. Em Gessur estava no desterro, em Jerusalem estava na patria: em Gessur estava longe de David, em Jerusalem estava perto: em Jerusalem não via nem communicava a seu pae; mas muito menos o podia vêr nem communicar em Gessur. Pois porque diz Absalão que melhor lhe era estar ausente em Gessur, que presente em Jerusalem? Direi. Ainda que

Absalão em Jerusalem estava presente, estava presente com lei de não vêr a seu pae a quem amava (ou a quem queria mostrar que amava), porque vedava o decreto que de nenhum modo o visse: *Et faciem meam nan videat.* E por isso diz que melhor lhe era estar ausente em Gessur, que presente em Jerusalem; porque presença com lei de não vêr é peior que ausencia. Tal é a de Christo no Sacramento. Pol-o assim o amor presente com lei de não poder vêr aos homens, por quem se deixou e a quem tanto amava. É verdade que Christo Senhor nosso no Sacramento vê-nos com os olhos da divindade e com os olhos d'alma; mas com os do corpo, que é o que immediatamente se sacramentou, não. E porque não? Não, porque o modo sacramental o não permitte; e não, por outros respeitos e conveniencias que o mesmo amor teve e tem para isso e pelas quaes se sujeitou a sua presença a tudo o de que Absalão se queixava na sua. Absalão tanto deixava de vêr a David, quando estava ausente em Gessur, como quando estava presente em Jerusalem: porém o não ver estando presente, ou não ver estando ausente, ainda que seja a mesma privação, não é a mesma dôr. Estar ausente e não ver, é padecer a ausencia na ausencia; mas não ver, estando presente, é padecer a ausencia na presença. E se isto nas palavras é contradicção; que violencia será na vontade?

E menos mal a mesma morte.

Vamos ao segundo reparo. Diz Absalão que lhe conceda el-rei licença para lhe ver o rosto; e se persiste em lhe negar a vista, que o mate antes: *Obsecro ergo ut videam faciem regis. Quod si memor est iniquitatis meae, interficiat me.* Vinde cá, Absalão. Quando David vos queria matar, não vos ausentastes vós por espaço de tres annos para escapar da morte? Sim. Pois se para vos livrar da morte tomastes a ausencia «como» remedio; agora que estais na presença, porque pedis a morte por partido? Porque ainda que David concedeu a presença a Absalão, concedeu-lhe a presença com prohibição da vista; e a presença com prohibição da vista é «para um coração apaixonado» um tormento «menos soffrivel que a morte».

Applicação a Christo sacramentado. *Marc.* 8 *Matth.* 28

E senão, ponhamo-nos com Christo no Cenacalo antes de dizer: *Hoc est corpus meum*; e façamos esta proposta aos seus humanissimos e amorosissimos olhos: E bem, Senhor, por parte dos vossos mesmos olhos vos requeiro, que antes de lhe correr essa cortina vejais bem o que quereis fazer. Não são esses mesmos os olhos que quando os levantastes no monte, se enterneceram de maneira, vendo aquella multidão de cinco mil homens famintos, que dissestes vós: *Misereor super turbam?* Pois se esses olhos se compadeceram tanto dos homens, como se não compadecem de si? N'este sacramento não haveis de estar em todas as par-

tes do mundo? N'este sacramento não haveis de estar até o fim do mundo: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem saeculi?* Pois é possivel que em todas as partes do mundo e até o fim do mundo se hão de atrever e sujeitar vossos olhos a perder para sempre a vista dos homens? Sim. Tudo isto estou vendo, diz o amoroso Jesus: mas como eu me quero dar aos homens todo em todo e todo em qualquer parte d'este sacramento; e como n'este modo sacramental não é possivel a extensão que requer o uso da vista, padeçam embora os meus olhos esta violencia sempre, com tanto que eu me dê aos homens por este modo todo e para sempre. Com esta deliberação tomou o Senhor o pão em suas sanctas e veneraveis mãos; e levantando os olhos ao céu... Tende mão, Senhor, e perdoaeme. Agora que estais com o pão nas mãos para o consagrar, agora levantais os olhos ao céu? Sim: agora e n'este acto «para que o Pae celestial me assista no padecimento sacrificio d'este meu estado sacramental, e para dar-lhe graças, porque cheguei finalmente a communicar aos homens todos os thesouros de meu amor». N'esta resolução e n'este só acto (bastante a remir mil mundos) padeceu Christo por juncto e de uma vez os tormentos da paixão; «porque se poz no estado em que alli o temos de soffrimento; e assim ficou invisivel» pelo impedimento d'aquellas paredes que nos vemos e pelas quaes elle nos não pode vêr.

As duas paredes do estado eucharistico.

Disse paredes e não parede, porque são duas: uma da humanidade que encobre a divindade e a Christo em quanto Deus; outra dos accidentes sacramentaes que encobrem a humanidade e a Christo em quanto homem. Da primeira parede dizia a Egreja antes de Christo ser homem: *En ipse stat post parietem nostrum respiciens per fenestras, prospiciens per cancellos.* Porque encoberto d'aquella primeira parede, que é a da humanidade, elle via-nos a nós em quanto Deus, postoque nós o não viamos a elle. Porem depois que sobre aquella parede se poz a segunda, que é a dos accidentes, nem nós em quanto homem o vemos a elle, nem elle nos vê a nós. E esta é a fineza cruel e terrivel do amor, pela qual deixando-se com os homens, se condemnou a não ver os mesmos por quem se deixou, com declaração e sentença final e sem embargos que «n'este seu estado sacramental deu maior demonstração de caridade que na mesma morte. Taes são os fundamentos da segunda opinião, que é do Doutor angelico».

3.ª Opinião de S. João Chrysostomo. A maior demonstração de amor foi lavar Christo os pés aos seus discipulos.

IV. A terceira opinião é de S. João Chrysostomo; o qual tem para si, que a maior fineza do amor de Christo hoje foi o lavar os pés aos seus discipulos. E parece que o mesmo evan-

gelista o intendeu e quiz que o intendessemos assim: pois acabando de dizer: *In finem dilexit eos;* entra logo a descrever a acção do lavatorio dos pés; ponderando uma por uma todas as circumstancias, como se foram ella e ellas a maior prova do que dizia. O mesmo confirmam os assombros e pasmos de S. Pedro, nunca similhantes em alguma outra acção de Christo: *Domine tu mihi lavas pedes?* E bem, Senhor, vós a mim lavar-me os pés? *Tu mihi?* Vós a mim? A differença que ha entre estas duas tão breves palavras, é infinita; e posto que Pedro a cria por fé, nem elle, nem outro intendimento humano a póde comprehender n'esta vida. Por isso lhe disse o mesmo Christo: *Quod ego facio tu nescis modo:* o que eu faço, tu agora não o sabes; mas sabel-o-has depois; isto é quando no céu conheceres a grandeza da gloria e majestade que agora vês prostrada a teus pés. Assim intendem o *postea* Sancto Agostinho, Beda e Ruperto.

Considera-se sobretudo que não foram excluidos os pés de Judas.

Tão fundada como isto é a opinião de S. Chrysostomo e dos outros doutores antigos e modernos que a encarecem e seguem «sobre tudo quando consideram o não se excluirem do mesmo lavatorio os pés de Judas». É advertencia e ponderação do mesmo evangelista. Notae a ordem e consequencias do texto. Depois de ter dicto: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos:* continúa logo em prova do que dizia: *Et coena facta, cum diabolus jam misisset in cor, ut traderet eum Judas; surgit a coena et caepit lavare pedes discipulorum;* e feita a ceia, tendo já o demonio persuadido o coração de Judas a que entregasse a seu Mestre, então se levantou da meza a lavar os pés dos discipulos. E porque advertiu e interpoz o evangelista aquella notavel clausula de que antes de lavar os pés a todos os discipulos, já um d'elles tinha consentido com o demonio e determinado a traição, e nomeadamente que este era Judas? Porque n'esta circumstancia consistia o mais profundo da humildade, o mais subido da acção e o mais fino do amor de Christo. Notae mais: *Cum dilexisset suos qui erant in mundo:* como amasse aos seus que deixava no mundo. E quem eram estes seus? Eram os doze da sua eschola, da sua familia e da sua meza d'onde se levantava. Todos estes eram os seus: mas com grande differença seus: os onze seus, porque eram os seus amigos; e o duodecimo tambem seu, porque era o seu traidor; mas sem embargo d'esta differença todos amados n'este fim: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos.* Mais ainda. Quando Christo disse a S. Pedro que os que estavam limpos do peccado ou maldade grave, bastava que lavassem os pés, acrescentou: E vós, discipulos meus, estais limpos, mas não todos: *Et vos mundi estis, sed*

non omnes. E porque fez o Senhor esta excepção: E não todos? O mesmo evangelista o declarou: *Sciebat enim quisnam esset qui traderet eum:* disse que não estavam limpos todos: porque elle sabia que um estava inficcionado do peccado da traição e quem era. Pois se Christo fez esta excepção entre todos, porque não exceptuou tambem ao mesmo traidor? E porque não sendo elle como todos, antes tão indigno, o admittiu com todos? Porque hoje não era o seu dia do juizo, senão o do seu amor. A fineza do amor mostra-se em egualar nos favores os que são desiguaes nos merecimentos; não em fazer dos indignos dignos; mas em os tractar como se o fossem.

O amor para ser fino, não repara na desegualdade dos merecimentos. Matth. 5

Ha de ter o amor alguns resabios de injusto para ser fino. Amae a quem vos tem odio e fazei bem a quem vos quer mal, diz Christo; para que sejais filhos do vosso Pae que está no céu. E que faz o Pae do céu? *Solem suum oriri facit super bonos et malos; et pluit super justos et injustos*. No céu nasce o sol; e faz que nasça sobre bons e máus: do céu desce a chuva; e faz que desça a chuva sobre justos e injustos. Verdadeiramente não póde haver maior egualdade com todos, mas egualdade que parece injustiça. Quando Deus castigou a dureza do coração de Pharaó, que não era mais duro que o de Judas, o sol alumiava os ebreus; e os egypcios estavam em trevas: nos campos dos hebreus as nuvens choviam agua; e no campo dos egypcios choviam raios. Pois se a mesma differença entre bons e máus podia agora fazer Deus com o seu sol e a sua chuva; porque tracta com a mesma egualdade a todos? Porque então obrava no Egypto como juiz severo, agora communica-se ao mundo como pae amoroso; e o amor fino (qual é sobre todos o amor de pae) quando é egual na benignidade para os que a merecem e desmerecem, n'estas mesmas apparencias de menos justiça realça mais os quilates da sua fineza. E se isto é o que ensina Christo aos que quizerem ser filhos de Deus por imitação; que faria elle que o é por natureza? Assim como os raios do sol e os da chuva, que tambem são raios, descem do céu, assim elle desceu n'este dia não *super bonos et malos et super justos et injustos*, mas até os pés de uns e outros discipulos. Os outros discipulos eram justos e bons, Judas era injusto e pessimo: e comtudo (antes por isso) com reflexão que era Filho de Deus, tractou egualmente a todos. Para todos lançou a agua na bacia, *Mittit aquam in pelvim*: a todos lavou os pés: *Coepit lavare pedes discipulorum:* a todos os enxugou com a toalha de que estava cingido: *Et extergere linteo quo erat praecinctus*. Tambem aqui tem logar o sol e a chuva; porque a chuva a todos molha e o sol a todos enxuga. E porque os outros discipulos

na grande differença de Judas se podiam queixar d'esta egualdade; não desistiu por isso o amor de Christo; antes se gloriou da mesma desegualdade; porque as queixas, quando as houvesse, da sua justiça, eram os maiores panegyricos da sua fineza.

Admiração que devia causar aos discipulos esta egualdade.

Christo Senhor nosso, antes de lavar os pés aos discipulos, tinha-lhes já revelado que um d'elles era o traidor e o havia de entregar a seus inimigos: mas não lhes descobrira quem era. Com esta noticia da traição e ignorancia da pessoa, quando o Senhor começou e continuou o lavatorio, estavam «(imagino eu)» todos suspensos, esperando que o traidor fosse excluido d'aquelle favor; mas quando viram que todos eram tractados com a mesma egualdade, sem nenhuma excepção; os onze a quem segurava a propria consciencia, como cada um só sabía de si, ficaram atonitos e pasmados. A todos dava a agua da bacia pelos artelhos; mas na profundidade do mysterio e do amor, nenhum tomava pé. Só S. João entre todos sabía que o traidor era Judas; porque o Senhor só a elle tinha descoberto este segredo; e por isso só o mesmo S. João parece que se podia queixar d'esta egualdade em nome de todos e muito mais no de seu amor.

Queixas que podia fazer João em nome de todos.

Em nome de todos podia dizer S. João com a confiança e familiaridade de valido: Basta, Senhor, que com a mesma egualdade haveis de tractar a um discipulo tão indigno e os que tanto vos servem e merecem? Com a mesma egualdade aos fieis e ao traidor? Aos maiores amigos e ao mais cruel inimigo? Aos que vos entregaram a sua liberdade e ao que ha de vender a vossa? Trinta e tres annos, Senhor, vos contentastes com exercitar só a condição de homem conforme a sentença do primeiro, comendo o vosso pão com o suor do vosso rosto, e para este ultimo acto da tragedia do vosso amor reservastes um exercicio de escravo lavando como escravo os pés dos homens. Mas reparae, amoroso Mestre, na differença com que acceitaram este extremo de humildade vossos discipulos. Chegastes aos pés de Pedro, e elle pasmado de horror e assombro com resolução egual á sua fé, Eternamente, disse, que não consentiria em tal cousa: *Non lavabis mihi pedes in aeternum.* Assim reconheceu e reverenciou Pedro vossa Majestade e assim a reconhecemos n'elle todos vossos servos fieis como na cabeça de todos. Chegastes emfim aos pés de Judas, assombradas e tremendo aquellas paredes de que a agua da bacia se não sumisse e o metal se não derretesse; e como se portou a dureza d'aquella pedra, a fereza d'aquelle bruto e a villania, que só assim se pode encarecer, sua? «Vós o sabeis». Quando

d'essas soberanas mãos se haviam de formar grilhões de ouro aos pés do cubiçoso traidor; tão fóra esteve de se enternecer com tal vista e se lhe abrandar o coração com taes abraços que «seu torvo olhar parecia dizer-vos»: Já que agora como escravo me estás lavando os pés, esta mesma noite te venderei como escravo. Ó insolencia! Ó descomedimento! Ó maldade mais que infernal! digna que no mesmo momento se abrisse a terra, rebentasse aquelle coração, e o tragassem os abysmos! E a este Judas e aquelle Pedro será justo Senhor que tracteis com a mesma egualdade?

Pagar odio com amor é mais propriamente fineza. Lavou Christo a Judas com agua assim como o lavou com sangue. *2 Cor. 5* *Apoc. 1* *Rom. 5*

«Assim podera fallar o discipulo mais amado, se não advertira a fineza do amor com que seu divino Mestre triumphava da ingratidão do traidor com demonstrações de maior affecto». Quanto era o amor de Pedro e dos outros discipulos, tanto e maior ainda, era o odio de Judas a Christo. Mas d'ahi que se seguia na egualdade dos mesmos favores? Seguia-se que Christo pagava a Pedro e aos outros discipulos amor com amor, que é o que se chama correspondencia; porém a Judas pagava-lhe odio com amor, em que propriamente consiste a fineza. Pergunto: Christo morreu por todos? Sim: *Pro omnibus mortuus est*. E morreu tambem por Judas? Tambem. Pergunto mais: E Christo lavou a todos no seu sangue? «Não ha duvida que os lavou»: *Lavit nos a peccatis nostris in sanguine suo*. E lavou tambem em seu sangue a Judas? Tambem. Pois se Christo não excluiu a Judas do lavatorio do seu sangue; porque o havia de excluir do seu lavatorio de agua? A mesma razão que depois teve no Calvario, teve agora no Cenaculo; e qual foi? A fineza do seu amor. S. Paulo: *Quid enim Christus pro impiis mortuus est? Vix enim pro justo quis moritur*. Porque morreu Christo pelos injustos e impios? Porque pelo justo apenas ha quem dê a vida. E quando apenas ha quem morra pelo justo, Christo para mostrar a fineza do seu amor morreu por justos e por injustos. Qual é mais, morrer por quem ha de morrer por mim, ou morrer por quem me mata? O primeiro fez o amor de Christo por Pedro, o segundo por Judas. Olhava Christo na cruz para seus inimigos, diz Sancto Agostinho; mas não como para aquelles que lhe tiravam a vida, senão como para aquelles por quem elle a dava: *Non a quibus, sed pro quibus moriebatur*. Disse bem Agostinho, mas disse pouco: para todos olhava seu amor e para tudo: para uns como mais effectivo, e para outros como mais fino. Parece que não quer o discipulo amado que seja fino para outrem o amor do seu Amante. Mas ouça-me agora (que folgo de fallar com quem me intende) e lhe direi o maior louvor e a maior fineza do amor de Christo.

Saiba que não achou Christo menos amabilidade em Judas, que no mesmo João. Provo.

O amor de David para com Jonathas e Saul, figura do amor de Christo. *Matth.* 26

Chorava David a morte de Saul e Jonathas; e que diz de ambos? *Saul et Jonathas amabiles.* Saul e Jonathas se pareciam como pae e filho; ambos eram amaveis. Não reparo na amabilidade do segundo; mas muito na do primeiro e mais em bocca de David. Assim como Jonathas era o maior não só amigo, mas amante de David; assim Saul era o seu maior e mais cruel inimigo. Pois se um era tão amigo e outro tão inimigo do mesmo David; como ambos para com elle podiam ser egualmente amaveis? E se o eram, em que consistia a amabilidade de um e de outro? A amabilidade de Jonathas consistia no amor, nos affectos, nas saudades, nas lagrimas que levavam após si o coração e a correspondencia de David: e a amabilidade de Saul consistia no odio, na ingratidão, na inveja, nas perseguições, tantas e tão obstinadas, com que por si mesmo e pelos seus lhe desejava beber o sangue e tirar a vida; e estas lhe provocavam as finezas do amor forte e heroico com que tantas vezes, tendo-o debaixo da lança, lhe perdoou a morte. Façamos distincção de amor a amor, como de raio a raio. O raio do sol derrete a cera: o raio da nuvem não se contenta com menos, que com escalar montanhas de diamante. Uma cousa é o amor affectuoso e brando, outra o forte e fino. Era a fortaleza do amor no coração de David, como nos seus braços a da sua valentia. Na montaria da campanha não competia com os cervos e gamos; desafiava os ursos e os leões. Para o amor affectuoso e brando eram as caricias de Jonathas, que elle agradecia e pagava com outras; mas para o amor forte e fino eram os odios, as ingratidões, os aggravos, as invejas, as vinganças, as traições e perseguições mortaes de Saul, as quaes elle vencia com armas eguaes, amando heroicamente a quem tanto lh'o desmerecia. Tal era a amabilidade de Saul, tal a amabilidade de Jonathas para com David: e as mesmas foram para com Christo a de Judas e a dos outros discipulos. Por isso lhe pagou o beijo de paz com o nome de amigo, derivado da mesma amabilidade: *Amice ad quid venisti?* « Vede se está provado que não achou Christo menos amabilidade em Judas que em João: *Saul et Jonathas amabiles.* »

O não lograr-se a obra de Christo em Judas deu mais quilates ao seu amor. *Joan.* 2

Acabemos com o mais fino de todas as finezas d'este acto, comprehendendo desde o principio até o fim d'elle todos os discipulos e todo o lavatorio: *Caepit lavare pedes discipulorum.* A fineza tanto maior quanto mais sentida de Christo n'esta ultima scena do seu amor foi, que começou lavando e acabou sem lavar. Os pés dos outros discipulos ficaram lavados, os de

Judas molhados sim, lavados não. Nos outros logrou o intento, em Judas perdeu a obra. Desgraça grande, se o Senhor não soubera o que havia de ser! Mas sabendo-o. como advertiu o evangelista, por isso maior fineza! Definindo S. Bernardo o amor fino diz: *Amor non quaerit causam nec fructum: amo quia amo, amo ut amem.* O amor fino é aquelle que não busca causa nem fructo: ama porque ama, ama por amar. Nos outros discipulos teve o amor de Christo causa e tão grande causa; como amar os que o amavam e haviam de amar até á morte. Em Judas não só não teve naturalmente causa para o amar, mas muitas para o abhorrecer e abominar; quaes eram a sua ingratidão, o seu odio, a sua traição e desatinada cubiça e a vontade por tantos modos obstinada de um coração entregue ao demonio. Dos apostolos, entrando tambem n'este numero Judas, esperou Christo fructo na sua eleição: *Elegi vos ut eatis et fructum afferatis.* Para este fructo regou hoje copiosamente aquellas plantas; e só Judas foi a esteril e maldicta que deu espinhos em logar de fructo. E como o Senhor sabia o máu grado que havia de colher d'este seu cuidado e diligencia; que quando a devia mandar cortar e lançar ao fogo, a regasse tão amorosamente como as demais, e perdesse o trabalho de suas mãos e tambem o regadio mais alto das suas lagrimas, esta foi a fineza sobre fineza do lavatorio dos pés; e «esta diz Chrysostomo» a maior fineza da ultima ceia: *In finem dilexit eos.*

4.ª Opinião de S. Bernardo. A maior demonstração do amor foi abrir-nos Christo o seu coração. *Serm. 3 Pass.*

V. «A quarta e ultima opinião é de S. Bernardo, o qual, indagando com a penetração da sua vista qual seria a primeira fonte de todas estas finezas, como achasse que fôra o coração do amorosissimo Redemptor e que por isso o deixara ferir com uma lança, concluiu que a maior demonstração de amor foi abrir-nos com esta ferida o seu coração: *Quomodo hic ardor melius ostendi potest, nisi quod non solum corpus, verum etiam ipsum cor lancea vulnerari permisit?*»

Como mereceu com a ferida da lança. *Joan. 19* *Ier. in ps. 90* *Is. 39* *Matth. 26*

Cousa admiravel é, que recebendo e padecendo Christo tantas feridas nos pés, nas mãos, na cabeça e em todos os outros membros do sacratissimo corpo, só o coração que é o principal e a fonte e principio da vida, tirando-lh'a os outros tormentos, ficasse inteiro, illeso e sem ferida «em quanto viveu»: morto porém o Senhor, então recebeu no peito a lançada que lh'o trespassou: *Ut viderunt eum jam mortuum, unus militum lancea latus eius aperuit.* Perguntam agora os theologos, se mereceu Christo na ferida da lança, como nas outras que padeceu vivo: porque os mortos já não estão em estado de merecer. E responde S. Bernardo com a sentença commum, não só que mereceu, mas com pensamento e agudeza particu-

lar, que tambem padeceu a mesma ferida: *Dominus meus Jesus post caetera inaestimabilis erga me beneficia pietatis, etiam dextrum propter me passus est latus perfodi.* Estas ultimas palavras parecem difficultosas: porque o corpo de Christo depois de morto estava impassivel. Pois se estava impassivel e incapaz de padecer, como padeceu a lançada: *Passus est latus perfodi?* Porque ainda que a recebeu impassivel depois da morte, acceitou-a vivo e passivel no principio da vida. Notae muito. No principio da vida de Christo e logo no primeiro instante da sua encarnação manifestou-lhe o Eterno Padre tudo o que queria que padecesse pela salvação dos homens e estava escripto nos prophetas. Isso quer dizer em sentença de todos os padres e theologos: *In capite libri scriptum est de me ut facerem voluntatem tuam.* (E a isso alludiu o mesmo Christo, quando, mandando embainhar a espada a S. Pedro, lhe disse: *Quomodo implebuntur scripturae?*) E que respondeu Christo á proposta do Eterno Padre? *Deus meus volui et legem tuam im medio cordis mei:* Eu quero e acceito tudo, não só como vontade vossa, Pae meu; mas como preceito e lei que eu agora ponho no meio do coração: *Et legem tuam in medio cordis mei;* e já d'aqui ficou o mesmo coração de Christo sujeito e obrigado á lançada. E como esta acceitação voluntaria antevendo a mesma lançada foi de Christo vivo e passivel, por isso a padeceu morto e impassivel, tanto por amor de nós como as outras feridas; «e com demonstração de maior caridade porque era ferida de coração: *Propter me passus est latus percdi! Quomodo hic ardor melius ostendi potest, nisi quod non solum corpus, verum etiam ipsum cor lancea vulnerari permisit?*»

Acceita-a Christo vivo para depois da morte, como acceitou o unguento da Magdalena. *Matth. 26*

E para que esta troca de morto e vivo e de se acceitar em um estado o que se recebe em outro, não pareça imaginada ou fingida, vêde-o no mesmo Christo. Ungiu a Magdalena a Christo, e respondendo o Senhor á murmuração de Judas, disse, que a Magdalena o ungira como morto para a sepultura: *Mittens haec unguentum in corpus meum, ad sepeliendum me fecit.* A Magdalena, quando foi á sepultura ungir a Christo, não o ungiu. Pois se o não ungiu na sepultura morto, como o ungiu para a mesma sepultura vivo? Porque o mesmo unguento que o Senhor recebeu vivo no Cenaculo, o acceitou como morto no sepulcro; e tanto valeu a acceitação anticipada de Christo vivo, como se a Magdalena o ungira depois de morto: *Ad sepeliendum me fecit.* Troquemos agora uma e outra acção. Assim como Christo recebeu o unguento como vivo e o acceitou como morto, assim recebeu a lançada como morto e a acceitou como vivo. «E porque a acceitou? Para mostrar aos homens até onde chegava o

sou amor diz Bernardo; e por isso foi o padecimento da lançada a sua maior demonstração.»

Os tormentos da Paixão recopilados n'esta ferida.
Aug. tract. 120 in Joan.

Duas paixões teve Christo executadas por differentes ministros: uma executaram os homens, outra executou o amor. E que fizeram os homens? Ajunctaram todos os tormentos que póde inventar a crueldade e tiraram a vida a Christo; e esta foi a paixão dos homens. E que fez o amor menos apparatoso, mas mais executivo? «Recopilou na ferida do coração todos estes tormentos da humana crueldade»; esta foi a paixão do amor. Mas qual mais rigorosa; a do amor ou a dos homens? Não ha duvida que a do amor. A paixão dos homens teve maiores apparatos e maiores instrumentos; a paixão do amor mais breve execução, mas maior tormento. E que na ferida do coração se recopilassem verdadeiramente todos os tormentos que póde inventar a crueldade humana, prova-se considerando que foi feita por homens e a um coração que morrera por amor dos mesmos homens. E se a ingratidão é o maior tormento de um coração amante; o excesso ou estillado de todas as ingratidões, que será? E comtudo pagando os homens todos os beneficios do Salvador com a monstruosa ingratidão d'esta lançada, pela mesma abriu-lhes o Salvador a porta do seu coração e lhes communicou todos os thesouros da sua graça. *Unus militum lancea latus eius aperuit:* diz o evangelista. Não diz que o lado do Senhor foi ferido; mas que foi aberto. E porque um insulto tão horroso é referido com termos tão comedidos? Para ensinar, responde Agostinho, que a lança do soldado na mão de amor foi chave que nos abriu no coração de Christo Senhor nosso a porta para a vida: *Latus eius aperuit; ut illic quodammodo vitae ostium panderetur.* O mesmo repetiu depois o doutor mellifluo, desafogando d'este modo com o amorosissimo Salvador dos homens o seu afervorado affecto: Bem intendo, Senhor, por que razão deixastes que um soldado vos abrisse o coração com uma lançada. Não é essa uma ferida, é uma porta por que me convidais a entrar no vosso peito e a estabelecer n'elle a minha morada fóra do torvelinho das inquietações do mundo: *Ad hoc vulneratum est cor tuum ut in illo et in te ab exterioribus perturbationibus absoluti habitare possimus.* E se é assim, concluo com o Sancto, qual maior fineza e demonstração de caridade, que o coração ferido e aberto do Redemptor? *Quomodo hic ardor melius ostendi potest, nisi quod non solum corpus, verum etiam ipsum cor lancea vulnerari permisit?*»

Relação das quatro opiniões.

VI. Referidas «e declaradas» as principaes opiniões dos doutores, segue-se «a conclusão que prometti. Todas estas finezas, como é sabido, foram por nós e para nós: a primeira, dar a

vida por amor dos homens: a segunda, deixar-se no sacramento com os homens: a terceira lavar os pés aos homens: a quarta finalmente abrir aos mesmos homens depois de morto o seu coração. E estas quem as deve e a quem se hão de pagar? Eis o poncto principal de todo o discurso. Dae-me attenção.

Exposição de preceito de caridade, dado na ultima ceia. *Matth.* 5

Acabado o lavatorio dos pés e sentado de novo á meza, advertiu o divino Mestre aos seus discipulos que lhes dera exemplo para ser imitado: *Si ego lavi pedes vestros et vos debetis alter alterius lavare pedes; exemplum enim dedi vobis, ut quemadmodum ego feci vobis, ita et vos faciatis.* Mas como o seu coração pedia em tal circumstancia maior desafogo e a nossa ignorancia e estupidez carecia de maior instrucção, começou a fazer a mais eloquente e pathetica exposição da nova lei que é toda de caridade:» Discipulos meus, diz o divino e amoroso Mestre, que vos darei n'esta hora em prendas do meu amor? Dou-vos por despedida um mandamento novo, e é que vos ameis uns aos outros. Reparam aqui todos os doutores: e a razão do reparo é chamar o Senhor a este mandamento, mandamento novo. Amarem-se os homens uns aos outros absolutamente era preceito da lei velha; e amarem-se uns a os outros, ainda que fossem inimigos, era preceito da lei nova que Christo já tinha dado «no principio da sua prégação»: *Audistis quia dictum est: Diliges proximum tuum et odio habebis inimicum tuum: ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros.* Pois se este mandamento de os homens se amarem uns aos outros era mandamento velho e antigo; como lhe chamou Christo mandamento novo; *Mandatum novum do vobis?* Para responder a esta difficuldade se dividem os doutores em quatorze opiniões differentes; mas com licença de todos eu cuido que «o texto se explica por si mesmo, e resolve a duvida».

Explicação do *mandatum novum etc.*

Não só diz Christo: *Mandatum novum de vobis ut diligatis invicem;* mas accrescenta: *Sicut dilexi vos, ut et vos diligatis invicem.* Dou-vos um novo mandamento: e este é, declara o divino Mestre, que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei a vós, para que vós vos ameis a vós. De sorte que a novidade do mandamento e do amor não está em os homens se amarem uns aos outros; está em que o amor com que se amarem seja paga do amor com que Christo os amou. Amarem-se os homens uns aos outros em satisfação do amor com que elles amam e ainda sem essa satisfação (como succede no amor dos inimigos) é mandamento velho com maior ou menor antiguidade: mas amarem-se, porque Christo os amou, e porque Christo quer que se amem uns aos outros, este é o amor novo e mandamento novo; porque nem Deus deu nunca tal preceito,

o ensinou nunca tal doutrina, nem os homens ima-
nca tal amor. «Amei-vos eu? Cheguei a lavar-vos os
deixar-me por vosso sustento na Eucharistia, a morrer
; e depois da morte a abrir-vos o caminho do meu co-
iz hoje Christo). Pois quero que me pagueis essas fi-
as dividas em vos amardes e em vos servirdes uns

mos bem os olhos, Christãos, vejamos a differença
mor a todo o que se usa e tem visto no mundo « e
os a nova e maior fineza que se acha na paga que
le». O amor dos homens diz: Amei-vos? Pois amae-
Amei-vos? Pois amae-vos.
s em qu s e em quanto homem; por
se segue que o amar a elle, nem elle nos
dispensar d'esta obrigação. Comtudo no seu novo pre-
não falla d'este amor; porque o preceito de tal corres-
ncia sendo antigo e não novo, não póde ser o caracter da
ei ». O amor e a correspondencia são dous actos recipro-
ue sempre olham um para o outro: donde se segue que
m ama, ha de ser o correspondido no amor e não outra
. Porém o Amante divino «aperfeiçoou» esta ordem das leis
r para ellas terem maior fineza: e sendo elle o amante dos
ns, quiz que os homens lhe correspondessem amando-se
os outros ». O amor dos homens é muito racional, diz:
Amei-vos, amae-me. O amor de Christo superior a toda a razão e só egual a si mesmo, « calando o que se lhe deve a elle », diz com maior fineza: Amei-vos, amae-vos. Os homens quando menos querem que o seu amor seja divida de os amarem a elles e obrigação de não amarem a outrem; e Christo quer que o seu amor seja divida de amarmos a todos e obrigação de todos nos amarem a nós. Mais. No amor dos homens em que o ciume se reputa por fineza, um amor leva sempre por condição dous abhorrecimentos: porque quando amam é com condição que nem vós haveis de amar a outrem, nem outrem vos ha de amar a vós. Pelo contrario o amor de Christo leva por obrigação dous amores: porque nos ama com preceito de que cada um de nós ame a todos, e de que todos amem a cada um de nós. E porque tal fineza de amor se não viu nunca no mundo; por isso o preceito d'esse amor se chama mandamento novo. *Mandatum novum do vobis.*

é o verdadeiro sermão do mandato.

D'aqui infiro eu que só hoje acertei a prégar o mandato, não no discurso, que não sou tão desvanecido, mas no intento. O assumpto dos prégadores « no sermão do mandato » é encarecermos o amor de Christo para com os homens; e isto « pro-

priamente » não é prégar o mandato. Diga-o o mesmo Christo: *Hoc est mandatum meum ut diligatis invicem.* O meu mandato ou o meu mandamento é que vos ameis uns aos outros. De maneira que o amor de Christo não é mandato, porque elle nos amou; é mandato para que nós nos amemos. E fallando propriamente, o mandato, compõi-se de dous amores: o amor de Christo para comnosco e o amor dos homens entre si. O amor com que Christo nos amou entra no mandato como meio e o amor com que nos devemos amar como fim. Isso quer dizer em sentido de Ruperto aquelle *in finem dilexit eos*, que nos amou a fim; e a que fim? A fim de nós nos amarmos. Os homens amam a fim de que os amem, Christo amou-nos a fim de que nos amemos.

Quantas vezes foi inculcado o mesmo amor.

« Póde-se dar maior fineza de amor? Não se póde, porque a fineza em amar está no desinteresse; e não ha maior desinteresse que amar-nos Christo para que nos amemos. Muito digno de notar é que no sermão da ultima ceia por uma parte insista tanto o divino Mestre em inculcar aos seus discipulos que se amem uns aos outros como elle os amou; e por outra não diga abertamente nem uma vez que o amem a elle. E na verdade depois das palavras com que concluiu o lavatorio, quando disse: Se eu, sendo vosso mestre e senhor, vos lavei os pés, deveis vós tambem lavar-vos os pés uns aos outros, porque dei-vos exemplo para vos fazerdes como eu vos fiz; e depois das outras palavras com que formulou a nova lei de amor: *Mandatum novum do vobis ut diligatis invicem sicut dilexi vos, ut et vos diligatis invicem:* continúa o amorosissimo Redemptor, dizendo: *In hoc coguoscent omnes quia discipuli mei estis si dilectionem habueritis ad invicem:* meus amados, quero que os homens vos reconheçam por meus discipulos, vendo que vos amais uns aos outros. Torna depois ao mesmo assumpto e diz: *Hoc est praeceptum meum ut diligatis iuvicem sicut dilexi vos; maiorem hac dilectione nemo habet ut animam suam ponat quis pro amicis suis:* Sim o meu preceito é que vos ameis uns aos outros e que vos ameis não só pela razão, senão tambem pelo modo, por que vos amei: pois não ha maior amor que dar a propria vida por seus amigos. E pouco depois torna a repetir o mesmo preceito: *Haec mando vobis ut diligatis invicem*: isto é o que vos mando, que vos ameis uns aos outros. Emfim, porque conhece a fraqueza do nosso coração, conclúi, implorando-nos a graça de seu Pae celestial com aquellas palavras que só podia pronunciar uma infinita caridade: Rogo, meu Pae, não só por estes meus discipulos, senão tambem por aquelles que hão de crer em mim por meio de suas palavras, e peço que estejam todos unidos entre si e comnosco,

como vós, ó Pae, e eu somos unidos. *Non pro eis rogo tantum sed et pro eis qui credituri sunt per verbum eorum in me; ut omnes unum sint sicut tu Pater in me et ego te ut et ipsi in nobis unum sint.* Ora vêde. A tão repetidas recommendações do amor do proximo, não accrescenta o amoroso Senhor nem uma vez que o amem a elle em paga de tantas finezas; e porque? Não porque os discipulos não lhe devessem este amor; mas porque não era o que sua infinita dignação tomava por novo mandato da sua lei, senão o amor do proximo: *Mandatum novum do vobis ut diligatis invicem. Si ego lavi pedes vestros et vos debetis alter alterius lavare pedes.*»

É impossivel que paguemos inteiramente aos homens quanto devemos a Christo. *Rom.* 13

VII. Este é, Christãos, o mandamento do amor; este é o mandamento de Christo, esta é a obrigação nossa e esta a divida em que hoje nos poz o amoroso Jesus. *Nemini quid quam debeatis nisi ut invicem diligatis:* diz S. Paulo. Não devais nada a ninguem senão o amor de uns aos outros. O amor em que se funda esta divida não é amor dos homens, senão amor de Christo. Se nós houveramos de pagar aos homens o amor que lhe devemos, muito facil era a paga; porque elles nunca se empenham muito. Mas como havemos de pagar aos homens o amor que devemos a Christo por tantos modos infinito; por mais e mais que paguemos, sempre é força ficar devendo: *Nisi ut invicem diligatis.*

Necessidade de amar aos inimigos.

Sendo, pois, as dividas d'este amor tão immensas e o nosso cabedal tão estreito, que faremos? Ponhamos os olhos na cruz, no Sacramento, no cenaculo « e na ferida da lança » na cruz a Christo morto por nós; no Sacramento a Christo sacrificado por nós; no cenaculo a Christo prostrado aos pés dos homens por nós; «na ferida da lança a Christo com o coração trespassado por nós», e logo ao mesmo Christo com a terceira taboa de seu mandamento novo nas mãos em que está escripto: *Mandatum novum do vobis ut diligatis invicem sicut dilexi vos ut diligatis invicem.* «*Si ego lavi pedes vestros et vos debetis alter alterius lavare pedes.* Vedes a que poncto chegou o meu amor? Pois amae-vos como vos amei.» E haverá homem christão que n'este passo deixe de amar a qualquer homem por mais que lh'o desmereça? Para se deixar de amar aos homens pelo que se lhes deve a elles, muitas razões póde haver: os odios, as ingratidões, os aggravos: mas para deixar de amar aos homens pelo que devemos a Christo, que razão póde haver, se não a de não sermos christãos? Será christão quem no dia de hoje se não conforme com o mandamento de Christo? Será christão quem no dia de hoje conserve ainda no coração algum odio, e não ame ao maior inimigo? Verdadeiramente (só isto peço que nos

fique) verdadeiramente que um dia como hoje o homem que se não faz amigo do maior inimigo, quasi póde desesperar de sua salvação e resolver-se que não é predestinado.

Reconciliam-se na morte de Christo Herodes e Pilatos.

Pilatos e Herodes eram inimigos e diz d'elles o evangelista que n'aquelle dia (em que ainda não eram passadas doze horas d'este em que estamos), n'aquelle dia Pilatos e Herodes que d'antes eram inimigos, se fizeram amigos. E quem era Pilatos e Herodes? Herodes era um homem que teve a Christo por louco, e Pilatos foi um homem que poz a Christo em uma cruz. Pois se homens que desprezam a Christo, se homens que crucificam a Christo, se fazem amigos em occasião tão solemne; que homens serão os que na mesma occasião ficarem inimigos?

Pede-se este amor ao mesmo Christo.

Ah Deus! Não permittais tão grande crueldade entre christãos. Pelo excessivo amor com que nos amastes, que nos communiqueis vossa graça, Senhor, para que todos nos amemos. Pela humildade com que vos abatestes a lavar os pés aos homens que nos deis um conhecimento do que somos, para que se humilhem nossas soberbas. Por aquelle assombro de rendimento com que estivestes prostrado aos pés de Judas, que nos deis um auxilio efficaz com que todos os que aqui estão em odio, vão logo pedir perdão a seus inimigos. Em fim pelo preço infinito d'esse sangue, pela ternura infinita d'essas lagrimas por nós derramadas, «pela caridade infinita que nos mostrastes na ferida do coração» que nos abrandeis estes durissimos corações para que só a vós amem e ao proximo por amor de vós; começando n'esta vida por um tão fino e tão firme amor, que se continue na outra por toda a eternidade, vendo-vos, amando-vos, adorando-vos, não já com os olhos cobertos, como n'esse divinissimo sacramento, mas face a face; e não nas duvidas da vossa graça, mas nas seguranças eternas da gloria que foi o fim para que nos amastes e nos «déstes o preceito de nos amarmos uns aos outros.»

(Ed. ant. tom. 7.°, pag. 333. ed. mod. tom. 8.°, pag. 97)

SERMÃO DE SANCTO ANTONIO *

PRÉGADO NA CIDADE DE S. LUIZ DO MARANHÃO NO ANNO DE 1651

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR. — No principio tive este sermão por muito extravagante e improprio do pulpito: mas finalmente cai na conta e conheci que fallar aos peixes foi um estratagema que o orador julgou necessario, como confessa no exordio, para prender a attenção de seus ouvintes, enfadados de ouvir a sua voz, porque não lhes prégava á vontade. A novidade de um sermão feito aos peixes no modo mais eloquente, chistoso e elegante, lhes devia suspender o animo e dar azo ao nosso Chrysostomo de lhes prégar as verdades mais duras e necessarias, e prégal-as com tal effeito que lhes ficassem indeleveis na memoria. Dei ao sermão logar n'este appendix e não o deixei para o volume dos sermões populares por ser extraordinariamente rico na linguagem.

Vos estis sal terrae.
S. MATTH. 5

Havendo no Maranhão prégadores que são sal da terra ou o sal não salga ou a terra se não deixe salgar.

Vós, diz Christo Senhor Nosso, fallando com os prégadores, sois o sal da terra; e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O effeito do sal é impedir a corrupção: mas quando a terra se vê tão corrupta, como está a nossa, havendo tantos n'ella que teem officio de sal, qual será ou qual póde ser a causa d'esta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga; e os prégadores não prégam a verdadeira doutrina: ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga; e os prégadores dizem uma cousa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar; e os ouvintes querem antes imitar o que elles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga; e os prégadores se pregam a si e não a Christo: ou porque a terra se não deixa salgar: e os ouvintes em vez de servir a Christo, servem a seus appetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal.

O que se ha de fazer se o sal não salga, dil-o o Evangelho.

Supposto, pois, que ou o sal não salga, ou a terra se não deixa salgar; que se ha de fazer a este sal e que se ha de fazer a esta terra? O que se ha de fazer ao sal que não salga, Christo o disse logo: se o sal perder a substancia e a virtude e o prégador faltar á doutrina e ao exemplo, o que se lhe ha

de fazer, é lançal-o fóra como inutil, para que seja pisado de todos. Quem se atrevera a dizer tal cousa, se o mesmo Christo a não pronunciara? Assim como não ha quem seja mais digno de reverencia e de ser posto sobre a cabeça, que o prégador que ensina e faz o que deve; assim é merecedor de todo o desprezo e de ser mettido debaixo dos pés o que com a palavra, ou com a vida préga o contrario.

E se a terra se não deixa salgar, imite-se Sancto Antonio prégando aos peixes.

Isto é o que se deve fazer ao sal que não salga. E á terra que se não deixa salgar que se lhe ha de fazer? Este poncto não resolveu Christo Senhor Nosso no evangelho; mas temos sobre elle a resolução do nosso grande portuguez Sancto Antonio que hoje celebramos, e a mais galharda e gloriosa resolução que nenhum sancto tomou. Prégava Sancto Antonio em Italia na cidade de Arimino contra os herejes que n'ella eram muitos; e como os erros do intendimento são difficultosos de arrancar, não só não fazia fructo o Sancto, mas chegou o povo a se levantar contra elle; e faltou pouco para que lhe não tirassem a vida. Que faria n'esse caso o animo generoso do grande Antonio? Retirar-se-hia? Calar-se-hia? Dissimularia? Daria tempo ao tempo? Isso ensinaria por ventura a prudencia ou a covardia humana; mas o zelo da gloria divina que ardia n'aquelle peito, não se rendeu a similhantes partidos. Pois que fez? Mudou sómente o pulpito e o auditorio, mas não desistiu da doutrina. Deixa as praças, vai-se ás praias; deixa a terra, vai-se ao mar, e começa a dizer a altas vozes: Já que me não querem ouvir os homens, ouçam-me os peixes. Oh maravilhas do Altissimo! Oh poderes do que creou o mar e a terra! Começam a ferver as ondas, começam a concorrer os peixes; os grandes, os maiores, os pequenos; e postos todos por sua ordem com as cabeças de fóra da agua, Antonio prégava e elles ouviam.

E o que se faz n'este sermão

Ha muito tempo que tenho mettido no pensamento que nas festas dos sanctos é melhor prégar como elles, que prégar d'elles. Quanto mais que o são da minha doutrina, qualquer que elle seja, tem tido n'esta terra uma fortuna tão parecida á de Sancto Antonio em Arimino, que é força seguil-a em tudo. Muitas vezes vos tenho prégado n'esta egreja e n'outras, de manhã e de tarde, de dia e de noite, sempre com doutrina muito clara, muito solida, muito verdadeira e a que mais necessaria e importante é a esta terra para emenda e reforma dos vicios que a corrompem. O fructo que tenho colhido d'essa doutrina e se a terra tem tomado o sal, ou se tem tomado d'elle, vós o sabeis e eu por vós o sinto.

Prega-se aos peixes.

Isto supposto «celebrando-se hoje a festa do nosso Sancto, eu tambem quero, á imitação do grande Taumaturgo», voltar-me da

terra ao mar; e já que os homens pouco se aproveitam da palavra de Deos, prégar aos peixes. O mar está tão perto que bem me ouvirão. Maria quer dizer *Senhora do mar;* e posto que o assumpto seja tão desusado, espero que me não falte com a costumada graça. *Ave Maria.*

Duas propriedades do sal conservar e preservar: assim os prégadores devem louvar o bem e reprehender o mal.

II. *Vos estis sal terrae.* Haveis de saber, irmãos peixes, que o sal filho do mar, como, vós tem duas propriedades, as quaes em vós mesmos se experimentam: conservar o são, e preserval-o para que se não corrompa. Estas mesmas propriedades tinham as prégações do vosso prégador Sancto Antonio; como tambem as devem ter as de todos os prégadores: uma é louvar o bem, outra reprehender o mal: louvar o bem para o conservar e reprehender o mal para preservar d'elle. Nem cuideis que isto pertence só aos homens, porque tambem nos peixes tem seu logar. Tambem nos peixes ha bons e máus; e onde ha bons e máus, ha que louvar e que reprehender. Supposto isto para que procedamos com clareza dividirei, peixes, o vosso sermão em dous ponctos: no primeiro louvar-vos-hei as vossas virtudes; no sesegundo reprehender-vos-hei os vossos vicios. E d'esta maneira satisfaremos ás obrigações do sal que melhor vos está ouvil-as vivos, que experimentál-as depois de mortos.

Louvores dos peixes.

III. Começando, pois, pelos vossos louvores, irmãos peixes; bem vos podera eu dizer que entre todas as creaturas viventes e sensitivas vós fostes as primeiras que Deos creou. A vós creou primeiro que as aves do ar, a vós primeiro que aos animaes da terra, a vós primeiro que ao mesmo homem. Entre todos os animaes do mundo os peixes são os mais e os peixes os maiores. Que comparação teem em numero as especies das aves e as dos animaes terrestres com as dos peixes? Que comparação na grandeza o Elephante com a Baleia? Estes e outros louvores, estas e outras excellencias de vossa geração e grandeza vos podera dizer, ó peixes; mas isto é lá para os homens, que se deixam levar d'essas vaidades e é tambem para os logares em que tem lugar a adulação e não para o pulpito.

1.° Como obedeceram a Sancto Antonio

Vindo, pois, irmãos, ás vossas virtudes, que são as que só podem dar o verdadeiro louvor; a primeira que se me offerece aos olhos hoje é aquella obediencia com que chamados acudistes todos pela honra do vosso Creador e Senhor, e aquella ordem, quietação e attenção com que ouvistes a palavra de Deos da bocca de seu servo Antonio. Oh grande louvor verdadeiramente para os peixes e grande affronta e confusão para os homens! Os homens perseguindo a Antonio, querendo-o lançar da terra e ainda do mundo, se podessem, porque lhes reprehendia seus vicios, porque lhes não queria fallar á vontade e

condescender com seus erros: e no mesmo tempo os peixes em innumeravel concurso acudindo á sua vóz, attentos e suspensos ás suas polavras, escutando com silencio e com signaes de admiração e assenso (como se tiveram intendimento) o que não intendião. Quem olhasse n'este passo para o mar e para a terra, e visse na terra os homens tão furiosos e obstinados e no mar os peixes tão quietos e tão devotos, que havia de dizer? Poderia cuidar que os peixes irracionaes se tinham convertido em homens e os homens não em peixes mas em feras. Aos homens deu Deus o uso da razão e não aos peixes: mas n'este caso os homens tinham a razão sem o uso, e os peixes o uso sem a razão. Muito louvor mereceis, peixes, por este respeito e devoção que tivestes ao vosso Prégador da palavra de Deus.

2.° Como estão longe dos máus exemplos dos homens. Aristoteles.

Mas porque n'esta acção teve maior parte a Omnipotencia que a natureza, passo ás virtudes naturaes e proprias vossas. Fallando dos peixes «um gran'philosopho» diz que só elles entre todos os animaes se não domam nem domesticam. Dos animaes terrestres o cão é tão domestico, o cavallo tão sujeito, o boi tão serviçal, o bugio tão amigo, ou tão lisongeiro; e até os leões e os tigres com arte e beneficios se amansam. Dos animaes do ar, afóra aquellas aves que se criam e vivem comnosco, o papagaio nos falla, o rouxinol nos canta, o açor nos ajuda e nos recrea; e até as grandes aves de rapina encolhendo as unhas reconhecem a mão de quem recebem o sustento. Os peixes pelo contrario lá se vivem nos seus mares e rios; lá se escondem nas suas grutas, e não ha nenhum tão grande que se fie do homem, nem tão pequeno que não fuja d'elle. Os autores commummente condemnam esta condição dos peixes e a deitam á pouca docilidade ou demasiada bruteza: mas eu sou de mui differente opinião. Não condemno, antes louvo muito aos peixes este seu retiro, e me parece que se não fôra natureza, era grande prudencia. Peixes, quanto mais longe dos homens, tanto melhor: trato e familiaridade com elles, Deus vos livre. Se os animaes da terra e do ar querem ser seus familiares, façam-no muito embora; que com suas pensões o fazem. Cante-lhe aos homens o rouxinol, mas na sua gaiola: diga-lhe dictos o papagaio, mas na sua cadeia: vá com elles á caça o açor, mas nas suas piozes: faça-lhe bufonerias o bugio, mas no seu cepo: contente-se o cão de lhe roer um osso, mas levado onde não quer pela trella: préze-se o boi de lhe chamarem formoso ou fidalgo, mas com o jugo sobre a cerviz, puxando pelo arado e pelo carro: glorie-se o cavallo de mastigar freios dourados, mas debaixo da vara e da espora; e se os tigres e os leões lhe comem a ração da carne que não caçaram no bosque, sejam

prezos e encerrados com grades de ferro. E entretanto vós, peixes, longe dos homens e fóra d'essas cortezanias, viveis só comvosco, sim, mas como peixes na agua. De casa e das portas a dentro tendes o exemplo de toda esta verdade; o qual vos quero lembrar, porque ha philosophos que dizem que não tendes memoria.

Por isso não teem parte nos seus castigos, como se viu no diluvio.

No tempo de Noé succedeu o diluvio que cobriu e alagou o mundo; e de todos os animaes quaes livraram melhor? Dos leões escaparam dous, leão e leôa; e assim dos outros animaes da terra: das aguias escaparam duas, femea e macho e assim das outras aves. E dos peixes? Todos escaparam: antes não só escaparam, mas ficaram muito mais largos que d'antes, porque a terra e o mar tudo era mar. Pois se morreram n'aquelle universal castigo todos os animaes da terra e todas as aves, porque não morreram tambem os peixes? Sabeis porque? diz Sancto Ambrosio, porque os outros animaes como mais domesticos ou mais vizinhos, tinham mais communicação com os homens; os peixes viviam longe e retirados d'elles. Vêde, peixes, quão grande bem é estar longe dos homens. Perguntado um grande philosopho qual era a melhor terra do mundo respondeu, que a mais deserta; porque tinha os homens mais longe.

Louvores particulares. 1.º o sancto peixe de Tobias quão parecido com Sancto Antonio.

IV. Este é, peixes, em commum o natural que em todos vós louvo e a felicidade de que vos dou o parabem não sem enveja. Descendo ao particular, infinita materia fôra se houvera de descorrer pelas virtudes de que o Auctor da natureza a dotou e fez admiravel em cada um de vós. De alguns sómente farei menção. E o que tem o primeiro logar entre todos, como tão celebrado na Escriptura, é aquelle sancto peixe de Tobias a quem o Texto Sagrado não dá outro nome que de grande. Ia Tobias caminhando com o anjo S. Raphael que o acompanhava, e descendo a lavar os pés do pó do caminho nas margens de um rio, eis que o investe um grande peixe com a bocca aberta em acção de que o queria tragar. Gritou Tobias assombrado; mas o anjo lhe disse que pegasse no peixe pela barbatana e o arrastasse para terra; que o abrisse e lhe tirasse as entranhas e as guardasse, porque lhe haviam de servir muito. Fel-o assim Tobias; e perguntando que virtude tinham as entranhas d'aquelle peixe que lhe mandava guardar, respondeu o anjo que o fel era bom para sarar da cegueira e o coração para lançar fóra os demonios. Assim o disse o anjo; e assim o mostrou logo a experiencia: porque sendo o pae de Tobias cego, applicando-lhe o filho aos olhos um pequeno do fel, cobrou inteiramente a vista; e tendo um demonio chamado Asmodeu morto septe maridos a Sara, casou com ella o mesmo Tobias; e queimando

na casa parte do coração, fugiu d'alli o demonio e nunca mais tornou. De sorte que o fel d'aquelle peixe tirou a cegueira a Tobias o velho, e o coração lançou os demonios da casa de Tobias o moço. Um peixe de tão bom coração e de tão proveitoso fel quem o não louvará muito? Certo que se a esse peixe o vestiram de burel e o ataram com uma corda, parecia um retrato maritimo de Sancto Antonio. Abria Sancto Antonio a bocca contra os herejes e enviava-se a elles levado do fervor e zelo da fé e gloria divina. E elles que faziam? Gritavam como Tobias e assombravam-se com aquelle homem e cuidavam que os queria comer. Ah homens, se houvesse um anjo que vos revelasse qual é o coração d'esse homem; e esse fel que tanto vos amarga quão proveitoso e quão necessario vos é! Se vós lhe abrisseis esse peito e lhe visseis as entranhas; como é certo que lhe havieis de achar e conhecer claramente n'ellas que só duas cousas pretende de vós e comvosco: uma é allumiar e curar vossas cegueiras e outra lançar-vos os demonios fóra de casa. Pois a quem vos quer tirar as cegueiras, a quem vos quer livrar dos demonios perseguis vós? Ah moradores do Maranhão quanto eu vos podera agora dizer n'este caso! Abri, abri estas entranhas: vêde, vêde este coração. Mas... ah... sim que me não lembrava! Eu não vos prégo a vós, prégo aos peixes.

2.º Como se parece com o mesmo Sancto a remora.

Passando dos da Escriptura aos da historia natural, quem haverá que não louve e admire muito a virtude tão celebrada da remora, «digo» d'aquelle peixesinho tão pequeno no corpo e tão grande na força e no poder, que não sendo maior de um palmo, se se pega ao leme de uma náu da India apezar das velas e dos ventos e de seu proprio peso e grandeza, «se é verdadeira a fama que corre d'elle» a prende e amarra mais que as mesmas anchoras sem se poder mover nem ir para deante? Oh se houvera uma remora na terra, que tivesse tanta força como a do mar, que menos perigos haveria na vida e que menos naufragios no mundo! Se alguma remora houve na terra, foi a lingua de Sancto Antonio. O leme da natureza humana é o alvedrio, o piloto é a razão: mas quão poucas vezes obedecem á razão os impetos precipitados do alvedrio! N'este leme, porém, tão desobediente e rebelde, mostrou a lingua de Antonio quanta força tinha, como remora, para domar e parar a furia das paixões humanas. Quantos correndo fortuna na nau «da» soberba com as velas inchadas do vento se iam desfazer nos baixos que já rebentavam por proa, se a lingua de Antonio como remora não tivesse mão no leme até que as velas se amainassem como mandava a razão e cessasse a tempestade de fóra e de dentro? Quantos embarcados na náu «da» vingança com a artilharia abocada e os botafogos

acesos, corriam infunados a dar-se batalha, onde se queimariam ou deitariam a pique, se a remora da lingua de Antonio lhe não detivesse a furia, até que composta a ira e o odio com bandeiras de paz se salvasse amigavelmente? Quantos navegando na nau «da» cubiça, sobrecarregada até as gaveas e aberta com o pezo por todas as costuras, incapaz de fugir nem se defender, dariam nas mãos dos cossarios com perda do que levavam e do que iam buscar, se a lingua de Antonio os não fizesse parar como remora, até que aliviados da carga injusta escapassem do perigo e tomassem porto? Quantos na nau «da» sensualidade, que sempre navega com cerração sem sol de dia, nem estrellas de noite, enganados do canto das sereas e deixando-se levar da corrente, se iriam perder cegamente ou em Scylla ou em Charybdes, onde não apparecesse navio nem navegante, se a remora da lingua de Antonio os não contivesse até que esclarecesse a luz e se pozessem em via. Esta é a lingua, peixes, do vosso grande prégador, que tambem foi remora vossa em quanto a ouvistes; e porque agora está muda, posto que ainda se conserva inteira, se vêem e choram na terrra tantos naufragios.

3.ª Virtude do peixe torpedo Uns pescadores tremem pescando, outros não. Virtude da pregação de Sancto Antonio.

Mas para que da admiração de uma tão grande virtude vossa, passemos ao louvor ou inveja de outra não menor, admiravel é egualmente a qualidade d'aquell'outro peixesinho a que os latinos chamaram torpedo. Ambos estes peixes conhecemos cá mais de fama que de vista: mas isto teem as virtudes grandes, que quanto são maiores, mais se escondem. Está o pescador com a canna na mão, o anzol no fundo e a boia sobre a agua, e em lhe picando na isca a torpedo, começa a lhe tremer o braço. Póde haver maior, mais breve e mais admiravel effeito? De maneira que n'um momento passa a virtude do peixesinho, da bocca ao anzol, do anzol á linha, da linha á cana e da cana ao braço do pescador. Com muita razão disse, que este vosso louvor o havia de referir com inveja. Quem dera aos pescadores do nosso elemento, ou quem lhe pozera esta qualidade tremente, em tudo o que pescam na terra! Muito pescam, mas não me espanto do muito; o que me espanta é que pesquem tanto e que tremam tão pouco. Tanto pescar e tão pouco tremer?! Podera-se fazer problema, onde ha mais pescadores e mais modos e traças de pescar, se no mar ou na terra? E é certo que na terra. Não quero discorrer por elles, ainda que fôra grande consolação para os peixes: baste fazer a comparação com a canna, pois é instrumento do nosso caso. No mar pescam as canas; na terra pescam as varas (e tanta sorte de varas), pescam as ginetas, pescam as bengalas, pescam os bastões; e até os septros

pescam, e pescam mais que todos, porque pescam cidades e reinos inteiros. Pois é possivel que pescando os homens cousas de tanto peso, lhes não trema a mão e o braço? Se eu pregára aos homens e tivera a lingua de Sancto Antonio, eu os fizera tremer. Vinte e dous pescadores d'estes («isto é, vinte e dous ladrões») se acharam acaso a um sermão de Sancto Antonio; e as palavras do Sancto os fizeram tremer a todos de sorte que todos tremendo se lançaram a seus pés; todos tremendo confessaram seus furtos, todos tremendo restituiram o que podiam (que isto é o que faz tremer mais n'este peccado que nos outros): todos, emfim, mudaram de vida e de officio e se emendaram.

4.° Peixesinhos com quatro olhos para se guardar de seus inimigos qual a doutrina que nos prégam.

Quero acabar este descurso dos louvores e virtudes dos peixes com um que não sei se foi ouvinte de Sancto Antonio e apprendeu d'elle a pregar. A verdade é que me pregou a mim; e se eu fôra outro, tambem me convertera. Navegando d'aqui para o Pará (que é bem não fiquem de fóra os peixes da nossa costa) vi correr pela tona da agua de quando em quando, a saltos, um cardume de peixinhos qne não conhecia; e como me dissessem que os portuguezes lhes chamavam quatro olhos, quiz averiguar ocularmente a razão d'este nome; e achei que verdadeiramente teem quatro olhos em tudo cabaes e perfeitos. Dá graças a Deus, lhe disse, e louva a liberalidade de sua divina providencia para comtigo; pois ás aguias, que são as linces do ar, deu sómente dous olhos, e aos linces, que são as aguias da terra, tambem dous; e a ti peixesinho, quatro. Mais me admirei ainda considerando n'esta maravilha a circumstancia do logar. Tantos instrumentos de vista a um bichinho do mar nas praias d'aquella mesmas terras vastissimas onde permitte Deos que estejam vivendo em cegueira tantos milhares de gentes ha tantos seculos? Oh quão altas e incomprehensiveis são as razões de Deos e quão profundo é o abysmo de seus juizos. Philosophando, pois, sobre a causa natural d'esta providencia, notei, que aquelles quatro olhos estão lançados um pouco fóra do lugar ordinario, e cada par d'elles unidos como os dous vidros de um relogio de areia, em tal forma que os da parte superior olham direitamente para cima e os da parte inferior direitamente para baixo. E a razão d'esta nova architectura é, porque estes peixesinhos, que sempre andam na superficie da agua, não só são perseguidos dos outros peixes maiores do mar, se não tambem de grande quantidade de aves maritimas que vivem n'aquellas praias: e como teem inimigos no mar e inimigos no ar, dobrou-lhes a natureza as sentinellas e deu-lhes dous olhos que direitamente olhassem para cima para se vigiarem das aves

e outros dous que direitamente olhassem para baixo para se vigiarem dos peixes. Oh que bem informara estes quatro olhos uma alma racional e que bem empregada fôra n'elles, melhor que em muitos homens. Esta é a prégação que me fez aquelle peixesinho, ensinando-me que se tenho fé e uso de razão, só devo olhar direitamente para cima e só direitamente para baixo: para cima considerando que ha céu e para baixo lembrando-me que ha inferno.

Parentesco que os peixes teem com a virtude.

Mas ainda que o céu e o inferno se não fez para vós, irmãos peixes, acabo e dou fim aos vossos louvores com vos dar graças do muito que ajudais a ir ao céu e não ao inferno os que se sustentam de vós. Vós sois os que sustentais as Cartuxas e os Buçacos e todas as sanctas familias que professam mais rigorosa austeridade: vós os que a todos os verdadeiros christãos ajudais a levar a penitencia das quaresmas: vós aquelles com que o mesmo Christo festejou a sua paschoa as duas vezes que comeu com seus discipulos depois de resuscitado. Prezem-se as aves e os animaes terrestres de fazer esplendidos e custosos os banquetes dos ricos; e vós gloriae-vos de ser companheiros do jejum e da abstinencia dos justos. Tendes todos quantos sois tanto parentesco e sympathia com a virtude, que prohibindo Deus no jejum a peior e mais grosseira carne, concede o melhor e mais delicado peixe. E posto que na semana só dous se chamam vossos, nenhum dia vos é vedado.

E sobre tudo a irmãs sardinhas.

Deutou-vos Deos a benção, que crescesseis e multiplicasseis: e para que o Senhor vos confirme essa benção, lembrai-vos de não faltar aos pobres com o seu remedio. Intendei que no sustento dos pobres tendes seguros os vossos argumentos. Tomae o exemplo das irmãs sardinhas. Porque cuidais que as multiplica o Creador em numero tão innumeravel? Porque são sustento dos pobres. Os solhos e os salmões são muito contados, porque servem á meza dos reis e dos poderosos: mas o peixe que sustenta a fome dos pobres de Christo, o mesmo Christo o multiplica e augmenta. Aquelles dous peixes companheiros dos cinco pães do deserto, multiplicarão tanto que derão de comer a cinco mil homens. Pois se peixes mortos, que sustentam pobres, multiplicam tanto, quanto mais e melhor o farão os vivos. Crescei, peixes, crescei e multiplicai, e Deus vos confirme a sua benção.

Reprehensões geraes dos peixes. 1.º Comem-se uns aos outros e os maiores aos pequenos. É o que fazem os homens.

V. Antes, porém, que vós vades assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi tambem agora as vossas reprehensões. Servir-vos-hão de confusão, já que não seja de emenda. A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escandalo é este, mas a circumstancia o faz

ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, se não que os grandes comem os pequenos. Se fôra pelo contrario, era menos mal: se os pequenos comeram os grandes, bastar um grande para muitos pequenos: mas como os grandes comem os pequenos, não bastará cem pequenos nem mil para um só grande. Olhae como extranha isto Sancto Agostinho: os homens, diz elle, com suas más e perversas cubiças veem a ser como os peixes que se comem uns aos outros. Tão alheia cousa é não só da razão mas da mesma natureza, que sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma patria e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer. Sancto Agostinho que prégava aos homens, para encarecer a fealdade d'esse escandalo, mostrou-o nos peixes; e eu que prégo aos peixes, para que vejais quão feio e abominavel é, quero que o vejais nos homens. Olhae, peixes, lá do mar para terra. Não, não: não he isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá, para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuyas se comem uns aos outros? Muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vêdes vós todo aquelle bolir, vêdes todo aquelle andar, vêdes aquelle concorrer ás praças e cruzar as ruas, vêdes aquelle subir e descer as calçadas, vêdes aquelle entrar e sair sem quietação nem socego? Pois tudo aquillo é andarem buscando os homens como hão de comer e como se hão de comer. Morreu alguns d'elles: vereis logo tantos sobre o miseravel a despedaçal-o e comel-o. Comem-no os herdeiros, comem-no os testamenteiros, comem-no os legatarios, comem-no os acredores, comem-no os officiaes dos orphãos e os dos defunctos e ausentes: come-o o medico que o curou ou ajudou a morrer; come-o o sangrador que lhe tirou o sangue: come-o a mesma mulher que de má vontade lhe dá para a mortalha o lençol mais velho da casa; come-o o que lhe abre a cova, o que lhe tange os sinos e os que cantando o levam a enterrar: em fim, ainda o pobre defuncto o não comeu a terra e já o tem comido «tanta gente.»

2.° Comem-se vivos. Queixa de Job.

Já se os homens se comeram sómente depois de mortos, parece que era menos horror e menos materia de sentimento. Mas para que conheçais a que chega a vossa crueldade, considerae, peixes, que tambem os homens se comem vivos assim como vós. Vivo estava Job quando dizia: Porque me perseguis tão deshumanamente, vós que me estais comendo vivo e fartando-vos da minha carne? Quereis vêr um Job d'estes? Vêde um homem d'esses que andam perseguidos de pleitos, ou occupados de crimes; e olhae quantos o estão comendo. Come-o o mei-

rinho, come-o o carcereiro, come-o o escrivão, come-o o sollicitador, come-o o advogado, come-o o inquiridor, come-o a testimunha, come-o o julgador, e ainda não está sentenciado, já está comido. São peiores os homens que os corvos. O triste que foi á forca não o comem os corvos senão depois de executado e morto; e o que anda em juizo, ainda não está executado nem sentenciado e já está comido.

Os homens não só se comem mutuamente senão que se devoram como pão.

E para que vejais como estes comidos na terra são os pequenos e pelos mesmos modos com que vós vos comeis no mar; ouvi a Deus queixando-se d'este peccado: Cuidais, diz Deus, que não ha-de vir tempo em que conheçam e paguem o seu merecido aquelles que commettem a maldade? E que maldade é esta á qual Deus singularmente chama a maldade, como se não houvera outra no mundo? E quem são aquelles que a commettem? A maldade é «Devorarem-se os homens como pão uns aos outros;» e os que a commettem são os maiores que comem os pequenos. — N'estas palavras, pelo que vos toca, importa peixes, que advirtais muito outras tantas cousas, quantas são as mesmas palavras. Não só diz Deus que os homens «se comem» de qualquer modo senão que se devoram; e diz que os mais pequenos, os que menos podem e os que menos avultam na republica, estes são os «devorados:» porque os grandes que teem o mando das cidades e das provincias não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um ou poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros. E de que modo os devoram e comem? Não como os outros comeres, senão como o pão. A differença que ha entre o pão e os outros comeres, é que para a carne ha dias de carne e para o peixe, dias de peixe; e para as fructas, differentes mezes no anno: porém o pão é comer de todos os dias; que sempre e continuadamente se come; e isto é o que padecem os pequenos. São o pão quotidiano dos grandes; e assim como o pão se come com tudo, assim com tudo e em tudo são comidos os miseraveis pequenos, não tendo nem fazendo officio em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem. Parece-vos bem isso peixes? Representa-se-me que com o movimento das cabeças estais todos dizendo que não; e com olhardes uns para os outros, vos estais admirando e pasmando de que entre os homens haja tal injustiça e maldade! Pois isto mesmo é o que vós fazeis. Os maiores comeis os pequenos, e os muito grandes não só os comem um por um senão os cardumes inteiros: e isto continuadamente sem differença de tempos, não só de dia, senão tambem de noite, ás claras e as escuras, como tambem fazem os homens.

3.º Por isso esta voracidade dos peixes é castigada como a dos homens.

Se cuidais por ventura que estas injustiças entre vós se toleram e passam sem castigo, enganais-vos. Assim como Deus as castiga nos homens assim tambem por seu modo as castiga em vós. Os mais velhos, que me ouvis e estais presentes, bem vistes n'este estado, e quando menos ouvirieis murmurar aos passageiros nas canôas e muito mais lamentar aos miseraveis remeiros d'ellas, que os maiores que cá foram mandados em vez de governar e augmentar o mesmo estado, o destruiram; porque toda a fome que de lá traziam, a fartavam em comer e devorar os pequenos. Assim foi. Mas se entre vós se acham acaso alguns dos que, seguindo a esteira dos navios, vão com elles a Portugal e tornam para os mares patrios, bem ouviram elles lá no Tejo, que esses mesmos maiores que cá comiam os pequenos, quando lá chegam, acham outros tanto maiores que os comam tambem a elles. Este é o estilo da divina justiça. Guarde-se o peixe que persegue o mais fraco para o comer, não se ache na bocca do mais forte que o engula a elle. Nós o vemos cada dia. Vai o xareo correndo atraz do bagre, como o cão após a lebre; e não vê o cego que lhe vem nas costas o tubarão com quatro ordens de dentes que o ha de engulir de um boccado. Não bastam peixes estes exemplos para que acabe de se persuadir a vossa gula, que a mesma crueldade que usou com os pequenos, tem já aparelhado o castigo da voracidade dos grandes? Já que assim o experimentais com tanto vosso damno, importa que d'aqui por deante sejais mais republicos e zelosos do bem commum e que este prevaleça contra o appetite particular de cada um, para que não succeda que assim como hoje vemos a muitos de vós tão diminuidos, vos venhais a consumir de todo. Não vos bastam tantos inimigos de fóra e tantos perseguidores tão astutos e pertinazes, quantos são os pescadores que nem de dia nem de noite deixam de vos pôr em cerco e fazer guerra por tantos modos? Não vêdes que contra vós se emmalham e entralham as rêdes, contra vós se tecem as nassas, contra vós se torcem as linhas, contra voz se dobram e farpam os anzóes, contra vós as fisgas e os arpões? Não vêdes que contra vós até as canas são lanças, e as cortiças armas offensivas? Não vos basta, pois, que tenhais tantos inimigos de fóra, senão que tambem vós de vossas portas a dentro o haveis de ser mais crueis, perseguindo-vos com uma guerra mais que civil e comendo-vos uns aos outros? Cesse, cesse já, irmãos peixes e tenha fim algum dia esta tão perniciosa discordia: e pois vos chamais e sois irmãos, lembrai-vos das obrigações d'este nome. Não estaveis vós muito quietos, muito pacificos e muito ami-

gos, todos, grandes e pequenos, quando vos prégava Sancto Antonio? Pois continuae assim e sereis felizes.

4.° Os peixes deixam-se enganar como os homens por um retalho de panno.

Outra cousa muito geral que não tanto me desedifica quanto me lastima de vós, é aquella tão notavel ignorancia e cegueira que em todas as viagens experimentam os que navegam para estas partes. Toma um homem do mar um anzol, ata-lhe um pedaço de panno cortado e aberto em dous ou tres ponctos; lança-o por um cabo delgado até tocar n'agua, e em o vendo o peixe, arremette cego a elle e fica preso e boqueando até que assim suspenso no ar, ou lançado no convéz acaba de morrer. Póde haver maior ignorancia e mais rematada cegueira que esta? Enganados por um retalho de panno perder a vida? Dir-me-heis que o mesmo fazem os homens. Não vol-o nego. Dá um exercito batalha contra outro exercito, mettem-se os homens pelas pontas dos piques, dos chuços e das espadas; e porque? Porque houve quem os engodou e lhes fez isca com dous retalhos de panno. A vaidade entre os vicios é o pescador mais astuto e que mais facilmente engana os homens. E que faz a vaidade? Põi por isca nas pontas d'esses piques, d'esses chuços, d'essas espádas dous retalhos de panno, ou branco que se chama *Habito de Malta*, ou verde que se chama *de Aviz*, ou vermelho que se chama *de Christo e de Sanct-Iago;* e os homens por chegarem a passar esse retalho de panno ao peito, não reparam em tragar e engulir o ferro. E depois d'isso que succede? O mesmo que a vós. O que enguliu o ferro ou alli ou n'outra occasião ficou morto; e os mesmos retalhos de panno tornaram outra vez ao anzol para pescar outros. Por este exemplo vos concedo, peixes, que os homens fazem o mesmo que vós; posto que me parece que não foi este o fundamento da vossa resposta ou escusa, porque cá no Maranhão, ainda que se derrame tanto sangue, não ha exercitos, nem esta ambição de habitos. Mas nem por isso vos negarei, que tambem cá se deixem pescar os homens pelo mesmo engano menos honrada e mais ignorantemente. Quem pesca as vidas a todos os homens do Maranhão e com que? Um homem do mar com uns retalhos de panno. Vem um méstre de navio de Portugal com quatro varreduras de logeas; com quatro pannos, que já se lhes passou a era, e não tem gasto: e que faz? Isca com aquelles trapos aos moradores da nossa terra: dá-lhes uma sacadela, e dá-lhes outra, com que cada vez lhes sóbe mais o preço e os bonitos ou os que o querem parecer, todos esfaimados aos trapos; e alli ficam engasgados e prezos com dividas de um anno para outro anno e de uma safra para outra safra e lá vai a vida. Isto não é encarecimento. Todos a trabalhar toda a vida, ou na

roça ou na cana ou no engenho ou no tabacal; e esse trabalho de toda a vida quem o leva? Não o levam os coches, nem as liteiras, nem os cavallos, nem os escudeiros, nem os pagens, nem os lacaios, nem as tapeçarias, nem as pinturas, nem as baixellas, nem as joias. Pois em que se vai e despende toda a vida? No triste farrapo com que saem á rua; e para isso se matam todo o anno. Não é isto, meus peixes, grande loucura dos homens com que vos escusais? Claro está que sim: nem vós o podeis negar. Pois se é grande loucura esperdiçar a vida por dous retalhos de panno quem tem obrigação de se vestir; vós a quem Deos vestiu do pé até á cabeça ou de pelles tão vistosas e apropriadas côres ou de escamas prateadas e douradas, vestidos que nunca se rompem nem gastam com o tempo, nem se variam ou podem variar com as modas; não é maior ignorancia e maior cegueira deixardes-vos enganar ou deixardes-vos tomar pelo beiço com duas tirinhas de panno? Vêde o vosso Sancto Antonio que pouco o pode enganar o mundo com essas vaidades. Sendo moço e nobre deixou as galas de que aquella edade tanto se preza: trocou-as por uma loba de sarja e uma correia de conego regrante; e depois que se viu assim vestido, parecendo-lhe que ainda era muito custosa aquella mortalha, trocou a sarja pelo burel e a correia pela corda. Com aquella corda e com aquelle panno pescou elle muitos; e só estes se não enganaram e foram sisudos.

Reprehensões particulares: 1.º contra os peixes roncadores que sendo tamaninos dão tamanho brado. O blasonar de S. Pedro e do gigante Goliat e seu castigo. Modestia de Sancto Antonio.

VI. Descendo ao particular, direi agora, peixes o que tenho contra alguns de vós. E começando aqui pela nossa costa, no mesmo dia em que cheguei a ella, ouvindo os roncadores e vendo o seu tamanho tanto me moveram a riso como a ira. É possivel que sendo vós uns peixinhos tão pequenos, haveis de ser as roncas do mar? Se com uma linha de coser e um alfinete torcido vos póde pescar um aleijado, porque haveis de roncar tanto? Mas por isso mesmo roncais. Dizei-me o espadarte porque não ronca? Porque ordinariamente quem tem muita espada, tem pouca lingua. Isto não é regra geral; mas é regra geral que Deus não quer roncadores e que tem particular cuidado de abater e humilhar aos que muito roncam. S. Pedro, a quem muito bem conheceram vossos antepassados, tinha tão boa espada, que elle só avançou contra um exercito inteiro de soldados romanos: e se Christo lh'a não mandara metter na bainha, eu vos prometto que havia cortar mais orelhas que a de Malco. Comtudo que lhe succedeu n'aquella mesma noite? Tinha roncado e barbateado Pedro, que se todos fraqueassem, só elle havia de ser constante até morrer se fosse necessario; e foi tanto pelo contrario que só elle fraqueou mais que todos e bastou a

voz de uma mulherzinha para o fazer tremer e negar. Pois que vos parece, irmãos roncadores? Se isto succedeu ao maior pescador, que póde acontecer ao menor peixe? Medi-vos, e logo vereis quão pouco fundamento tendes de blazonar nem roncar. Se as baleias roncaram, tinha mais desculpa a sua arrogancia na sua grandeza: mas ainda nas mesmas baleias não seria essa arrogancia segura. O que é a baleia entre os peixes, era o gigante Golias entre os homens. Se o rio Jordão e o mar de Tiberiades teem communicação com o Oceano, como devem ter, pois d'elle manam todos; bem deveis saber que este gigante era a ronca dos philisteus. Quarenta dias continuos esteve armado no campo, desafiando a todos os arraiaes de Israel, sem haver quem se lhe atrevesse; e no cabo que fim teve toda aquella arrogancia? Bastou um pastórzinho com um cajado e uma funda para dar com elle em terra. Os arrogantes e os soberbos tomam-se com Deos; e quem se toma com Deos sempre fica debaixo. Assim que, amigos roncadóres, o verdadeiro conselho é calar e imitar a Sancto Antonio. Duas cousas ha nos homens, que os costumam fazer roncadores, porque ambas incham, o saber e o poder. Mas o fiel servo de Christo, Antonio, tendo tanto saber, como já vos disse, e tanto poder, como vós mesmos experimentastes, ninguem houve jámais que o ouvisse fallar em saber ou poder, quanto mais blazonar d'isso; e porque tanto calou, por isso deu «depois» tamanho brado.

2.º Contra os peixes pegadores. Vivem ás custas d'aquelles em que vão pegados; mas tambem encontram os mesmos perigos. O mesmo se vê nos homens.

N'esta viagem de que fiz menção e em todas as que passei a linha equinoccial, vi debaixo d'ella o que muitas vezes tinha visto e notado nos homens, e me admirou que se houvesse extendido esta ronha e pegado tambem aos peixes. Pegadores se chamam estes de que agora fallo e com grande propriedade; porque sendo pequenos, não só se chegam a outros maiores, mas de tal sorte se lhes pegam aos costados que jámais os desafferram. De alguns animaes de menos força e industria se conta que vão seguindo de longe os leões na caça para se sustentarem do que a elles sobeja. O mesmo fazem estes pegadores, tão seguros ao perto, como aquelles ao longe; porque o peixe grande não pode dobrar a cabeça nem voltar a boca sobre os que traz ás costas e assim lhes sustenta o peso, e mais a fome. Este modo de vida mais astuto que generoso, se acaso se passou e pegou de um elemento a outro, sem duvida que aprenderam os peixes do alto depois que os nossos portuguezes o navegaram; porque não parte viso-rei ou governador para as conquistas, que não vá rodeado de pegadores, os quaes se arrimam a elles para que cá lhes matem a fome de que lá não tinham remedio. Os menos ignorantes desenganados da ex-

periencia, despegam-se e buscam a vida por outra via; mas os que se deixam estar pegados á mercê e fortuna dos maiores, vem-lhes a succeder no fim o que aos pegadores do mar. Rodeia a náu o tubarão nas calmarias da linha com os seus pegadores ás costas, tão cirzidos com a pelle, que mais parecem remendos ou manchas naturaes que hospedes ou companheiros. Lançam-lhe um anzol de cadeia com a ração de quatro soldados: arremeça-se furiosamente á preza, engole tudo de um bocado e fica preso. Corre meia companha a alál-o acima, bate fortemente o convéz com os ultimos arrancos, em fim morre o tubarão e morrem com elle os pegadores. Considerae, pegadores vivos, como morreram os outros que se pegaram áquelle peixe grande e porquê. O tubarão morreu, porque comeu, e elles morreram pelo que não comeram. Póde haver maior ignorancia que morrer pela fome e bocca alheia? Que morra o tubarão porque comeu, matou-o a sua gula; mas que morra o pegador pelo que não comeu, é a maior desgraça que se póde imaginar!

3.º Contra os peixes voadores. A sua presumpção os expõi aos perigos tambem do ar. Humildade de Sancto Antonio.

Com os voadores tenho tambem uma palavra; e não é pequena a queixa. Dizei-me, voadores, não vos fez Deus para peixes; pois porque vos metteis a ser aves? O mar fel-o Deus para vós, e o ar para ellas. Contentae-vos com o mar e com nadar e não queirais voar, pois sois peixes. Se acaso vos não conheceis, olhae para as vossas espinhas e para as vossas escamas, e conhecereis que não sois ave, senão peixe, e ainda entre os peixes não dos melhores. Dir-me-heis, voador, que vos deu Deos maiores barbatanas que aos outros do vosso tamanho. Pois porque tivestes maiores barbatanas, por isso haveis de fazer de barbatanas azas? Mas ainda mal, porque tantas vezes vos desengana o vosso castigo. Quizestes ser melhor que os outros peixes, e por isso sois mais mofino que todos. Aos outros peixes do alto, mata-os o anzol ou a fisga; a vós sem fisga nem anzol, mata-vos a vossa presumpção e o vosso capricho. Vai o navio navegando e o marinheiro dormindo e o voador toca na vela ou na corda e cái palpitando. Aos outros peixes mata-os a fome e engana-os a isca: ao voador mata-o a vaidade de voar, e a sua isca é o vento. Quanto melhor lhe fôra mergulhar por baixo da quilha e viver, que voar por cima das entenas e cair morto. Grande ambição é, que sendo o mar tão immenso, lhe não basta a um peixe tão pequeno todo o mar e queira ter outro elemento mais largo. Mas vêde, peixes, o castigo da ambição. O voador fêl-o Deos peixe e elle quiz ser ave e permitte o mesmo Deus que tenha os perigos de ave e mais os de peixe. Todas as velas para elle são redes como peixe e todas as cordas, laços como ave. Vê, voador, como correu pela

posta o teu castigo. Pouco ha nadavas vivo no mar com as barbatanas; e agora jazes em um convéz amortalhado nas azas. Não contente em ser peixe, quizeste ser ave; e já não és nem ave nem peixe; nem voar poderás já, nem nadar. A natureza deu-te a agua, tu não quizeste senão o ar e eu já te vejo posto no fogo. Peixes, contente-se cada um com o seu elemento. Bem seguro estava o voador do fogo, quando nadava na agua; mas porque quiz ser borboleta das ondas, vieram-se-lhe a queimar as azas. Á vista d'este exemplo, peixes, tomae todos na memoria esta sentença: quem quer mais do que lhe convem, perde o que quer e o que tem. Oh alma de Antonio que só vós tivestes azas e voastes sem perigos, porque soubestes voar para baixo e não para cima! Ha azas para subir e azas para descer. As azas para subir são muito perigosas; as azas para descer, muito seguras; e taes foram as de Sancto Antonio. Deram-se á alma de Sancto Antonio duas azas de aguia, que foi aquella duplicada sabedoria natural e sobrenatural tão sublime como sabemos. E elle que fez? Não extendeu as azas para subir; encolheu-as para descer; e tão encolhidas, que sendo a Arca do Testamento era reputado, como já vos disse, por leigo e sem sciencia. Voadores do mar (não fallo com os da terra) se vos parece que as vossas barbatanas vos podem servir de azas, não as extendais para subir, porque vos não succeda encontrar com alguma vela ou algum costado: encolhei-as para descer; ide-vos metter no fundo em alguma cova; e se ahi estiverdes mais escondidos, estareis mais seguros.

4.º Contra o polvo. Crueldade das suas hypocrisias. Sinceridade de Sancto Antonio

Mas já que estamos nas costas do mar, antes que saiamos d'ellas, temos lá o irmão polvo contra o qual tenho minhas queixas e grandes. O polvo com aquelle seu capello na cabeça, parece um monge, com aquelles seus raios extendidos parece uma estrella, com aquelle não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura e a mesma mansidão. E debaixo d'esta apparencia tão modesta ou d'esta hypocrisia tão sancta o dicto polvo é o maior traidor do mar. Consiste esta traição do polvo primeiramente em se vestir ou pintar das mesmas côres, de todas aquellas côres a que está pegado. As côres que no camaleão são gala, no polvo são malicia: as figuras que em Protheu são fabula, no polvo são verdade e artificio. Se está nos limos, faz-se verde; se está na areia, faz-se branco; se está no lodo faz-se pardo: e se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da côr da mesma pedra. E da qui que succede? Succede que o outro peixe, innocente da traição, vai passando desacautelado; e o salteador que está de emboscada dentro do seu proprio engano, lança-lhe os braços de repente

e fal-o presioneiro. Oh que excesso tão affrontoso e tão indigno de um elemento tão puro tão claro e tão cristallino como o da agua, espelho natural não só da terra, senão do mesmo céu. A agua em seu proprio elemento sempre é clara, diaphana e transparente, em que nada se póde occultar, encobrir nem dissimular. E que n'este elemento se crie, se conserve e se exercite com tanto damno do bem publico um monstro tão dissimulado, tão fingido, tão astuto, tão enganoso e tão conhecidamente traidor? Vejo, peixes, que pelo conhecimento que tendes das terras, em que batem os vossos mares me estais respondendo e convindo que tambem n'ellas ha falsidades, enganos, fingimentos, embustes, ciladas, e muito maiores e mais perniciosas traições. E sobre o mesmo sujeito que defendeis, tambem podereis applicar aos similhantes outra propriedade muito propria; mas pois vos a calais, eu tambem a calo. Com grande confusão porém vos confesso tudo e muito mais do que dizeis; pois o não posso negar. Mas ponde os olhos em Antonio vosso prégador; e vereis n'elle o mais puro exemplar da candura, da sinceridade e da verdade onde nunca houve dolo, fingimento ou engano. E sabei tambem que para haver tudo isto em cada um de nós bastava antigamente ser portuguez, não era necessario ser sancto.

Conclusão. O peixe de S. Pedro mostra que ainda no mar paga a excommunhão.

VII. Tenho acabado, irmãos peixes, os vossos louvores e reprehensões e satisfeito como vos prometti ás duas obrigações do sal, posto que do mar e não da terra. Só resta fazer-vos uma advertencia muito necessaria para os que viveis n'estes mares. Como elles são tão esparcelados e cheios de baixios, bem sabeis que se perdem e dão á costa muitos navios, com que se enriquece o mar e a terra se empobrece. Importa, pois, que advirtais que n'esta mesma riqueza tendes um grande perigo; porque todos os que se aproveitam dos bens dos naufragantes, ficam excommungados e maldictos. Esta pena de excommunhão, que é gravissima não se poz a vós senão aos homens: mas tem mostrado Deus por muitas vezes que quando os animaes commettem materialmente o que é prohibido por esta lei, tambem elles incorrem por seu modo nas penas d'ella e no mesmo poncto começam a definhar até que acabam miseravelmente. Mandou Christo a S. Pedro que fosse pescar e que na bocca do primeiro peixe que tomasse, acharia uma moeda com que pagar o tributo. Se Pedro havia de tomar mais peixe que este, supposto que elle era o primeiro, do preço d'elle e dos outros podia fazer o dinheiro com que pagar aquelle tributo, que era de uma só moeda de prata e de pouco peso. Com que mysterio manda, logo, o Senhor que se tire da bocca d'este peixe; e que

seja elle o que morra primeiro que os demais? Ora estae attentos. Os peixes não batem moeda no fundo do mar, nem teem contractos com os homens, d'onde lhes possa vir o dinheiro: logo a moeda que este peixe tinha engulido era de algum navio que fizera naufragio n'aquelles mares, e quiz mostrar o Senhor que as penas que S. Pedro, ou seus successores fulminam contra os homens que tomam os bens dos naufragantes, tambem os peixes por seu modo as incorrem, morrendo primeiro que os outros e com o mesmo dinheiro que enguliram atravessado na garganta. Oh que boa doutrina era esta para a terra, se eu não prégara para o mar. Para os homens não ha mais miseravel morte que morrer com o alheio atravessado na garganta: porque é peccado de que o mesmo S. Pedro e o mesmo summo Pontifice não póde absolver. E posto que os homens incorrem a morte eterna, de que não são capazes os peixes, elles comtudo apressam a sua temporal, como n'este caso, se materialmente, como tenho dicto, se não abstem dos bens dos naufragantes.

Os peixes f ram no Levit excluidos d sacrificio.

Com esta ultima advertencia vos despido, ou me despido de vós, meus peixes. E para que vades consolados do sermão, que não sei quando ouvireis outro, quero-vos alliviar de uma desconsolação mui antiga, com que todos ficastes desd'o tempo em que se publicou o Levitico. Na lei ecclesiastica ou ritual do Levitico, escolheu Deus certos animaes que lhe haviam de ser sacrificados; mas todos elles ou animaes terrestres ou aves, ficando os peixes totalmente excluidos dos sacrificios. E quem duvida que esta exclusão tão universal era digna de grande desconsolação e sentimento para todos os habitadores de um elemento tão nobre que mereceu dar a materia ao primeiro sacramento? O motivo principal de serem excluidos os peixes, foi porque os outros animaes podiam ir vivos ao sacrificio e os peixes geralmente não, senão mortos; e cousa morta não quer Deus que se lhe offereça, nem chegue aos seus altares.

O seu porqu um grande c cumento pa os que con mungam.

Tambem este poncto era mui importante e necessario aos homens, se eu lhes prégara a elles. Oh quantas almas chegam áquelle altar mortas, porque chegam e não teem horror de chegar, estando em peccado mortal! Peixes, dae muitas graças a Deus de vos livrar d'este perigo; porque melhor é não chegar ao sacrificio, que chegar morto. Os outros animaes offereçam a Deus o ser sacrificados; vós offerecei-lhe o não chegar ao sacrificio: os outros sacrifiquem a Deus o sangue e a vida; vós sacrificae-lhe o respeito e a reverencia.

E sobre tu para os sac dotes.

Oh peixes, quantas invejas vos tenho a essa natural irregularidade! Quanto melhor me fôra não tomar a Deus nas mãos,

que tomal-o tão indignamente! Em todo o que vos excedo, peixes, vos reconheço muitas vantagens. A vossa bruteza é melhor que a minha razão e o vosso instincto melhor que o meu alvedrio. Eu fallo, mas vós não offendeis a Deus com as palavras; eu lembro-me, mas vós não offendeis a Deus com o intendimento: eu quero, mas vós não offendeis a Deus com a vontade. Vós fostes creados por Deus, para servir ao homem e conseguis o fim para que fostes creados: a mim creou-me para o servir a elle; e eu não comsigo o fim para que me creou. Vós não haveis de ver a Deus, e podereis apparecer deante d'elle muito confiadamente, porque o não offendestes: eu espero que o hei de ver: mas com que rosto hei de apparecer deante do seu divino acatamento, se não cesso de o offender? Ah que quasi estou por dizer que me fôra melhor ser como vós, pois de um homem que tinha as minhas mesmas obrigações disse a Summa Verdade, que melhor lhe fôra não nascer homem.

Exhortam-se os peixes a louvar o seu Creador.

E pois os que nascemos homens respondemos tão mal ás obrigações de nosso nascimento, contentae-vos peixes e dae muitas graças a Deus pelo vosso. Louvae, peixes, a Deus, os grandes e os pequenos e repartidos em dous coros tão innumeraveis, louvae-os todos uniformemente. Louvae a Deus porque vos creou em tanto numero; louvae a Deus que vos distinguiu em tantas especies: louvae a Deus que vos vestiu de tanta variedade e formosura, louvae a Deus que vos habilitou de todos os instrumentos necessarios para a vida: louvae a Deus que vos deu um elemento tão largo e tão puro: louvae a Deus que vindo a este mundo viveu entre vós e chamou para si aquelles que comvosco e de vós viviam: louvae a Deus que vos sustenta, que vos conserva, que vos multiplica: louvae a Deus, emfim, servindo e sustentando ao homem, que é o fim para que vos creou; e assim como no principio vos deu a sua benção, vol-a dê tambem agora. Amen. Como não sois capazes de gloria nem de graça, não acabo o vosso sermão em graça e gloria.

(Ed. ant. tom. 2 pag. 309, ed. mod. tom. 1 pag. 30).

APPENDICE SEGUNDO

AS CINCO PEDRAS DA FUNDA DE DAVID

AS CINCO PEDRAS DA FUNDA DE DAVID

EM CINCO DISCURSOS MORAES
PRÉGADOS Á SERENISSIMA RAINHA DE SUECIA CHRISTINA ALEXANDRA
EM LINGUA ITALIANA NA CÔRTE DE ROMA
TRADUZIDOS NA PORTUGUEZA POR ORDEM E APPROVAÇÃO DO AUCTOR

Noticia previa feita pelo auctor, quando traduziu esta obra na lingua castelhana no anno de 1676.

Roma que em todos os tempos é cidade sancta, no tempo sancto da quaresma se excede a si mesma. Não só os dias, senão tambem as noites se sanctificam com continuos exercicios de piedade e devoção. A este fim para divertimento espiritual da côrte se instituiram os vulgarmente chamados oratorios; nos quaes por modo de dialogo se representam em excellente musica as historias mais celebres da Escriptura; como o sacrificio de Abrahão, as cadeias de José, a tragedia de Aman e outras de similhante doutrina; e no meio d'esta suavidade com que maravilhosamente se dispõem os corações, para sazonar o util com o doce, se ouve um breve sermão. Taes são, leitor catholico, os que se te offerecem n'esta estampa, prégados nas terças feiras da quaresma á serenissima rainha de Suecia na egreja de S. Salvador in Lauro, obra de seu grande protector, o eminentissimo cardeal Asolini. Assistiam a sua majestade no coro muitos dos senhores cardeaes e na egreja o mais illustre e escolhido d'aquelle primeiro theatro do mundo. O prégador só teve que admirar a paciencia e humanidade grande, com que, fallando em lingua extrangeira e mal limada, foram perdoados seus erros e ouvidos seus discursos, mais largos do que o permitte o costume. Eu só te digo por unico louvor d'elles, que mereceram a attenção do mais heroico e sublime juizo da nossa edade, do thesouro universal de todas as sciencias divinas e humanas e d'aquelle espirito soberano, mais que real, em que o menor da suas façanhas é, haver posto aos pés de Christo e seu Vigario a coroa de sua tão dilatada e poderosa monarchia, com a maior gloria da Egreja e triumpho da verdade catholica, que viram os seculos passados e celebrarão os futuros.

Observação do Compilador. — Acerca d'esta traducção é assim que ao auctor d'ella, Francisco Barreto, escreveu o nosso Vieira no anno de 1692, estando na Bahia. — Vindo a traducção das «Pedras de David», depois que li a de V. M. fiquei livre de um grande receio que tinha, não consentindo por isso que se traduzissem; e era que na lingua portugueza perdessem a graça e energia da castelhana: mas a elegancia do estylo de V. M. lhe deu tão novos espiritos e as passou de tal sorte a melhor vida, que ja parecem mais lizas e mais limpas em portuguez que em castelhano; devendo este novo ser ao heroico traductor .. Na forma em que agora tornam as mesmas «Pedras», que Deus seja servido levar a salvamento, verá V. M. algumas palavras mudadas, de que darei a razão ou razões. A primeira foi forçosa; porque o original castelhano estava errado na impressão, não se advertindo (como não adverti ao principio) as erradas no fim do livro... A segunda razão é, porque nas palavras da traducção portugueza me occorreram algumas que pareciam mais naturaes da nossa lingua e de maior expressão ou consonancia; as quaes me atrevi tambem a escrever, mas não a preferir, sujeitando todas á vista e correcção de V. M.; para que V. M. faça eleição das que julgar mais accomodadas, ao pé das quaes eu me assigno, approvando-as já d'aqui e tendo-as por mais acertadas... Em fim, senhor meu, essa traducção de V. M. é o mais agradavel e nobre supprimento do tomo com que faltei este anno.—Não póde haver maior elogio quanto ao merecimento da traducção, que verdadeiramente sabe tanto a Vieira, que parece sua. Quanto á materia dos sermões deve-se notar que embora os seus assumptos sejam moraes, comtudo as circumstancias notadas pelo mesmo auctor na «noticia previa» pediam que fossem tractados com estylo algum tanto academico e não inteiramente popular, como se faria em qualquer outro sermão de quaresma. Por isso, julgo eu, nas pregações ordinarias não aproveitaria muito o pregador que tractasse assumptos d'este genero com a mesma subtileza de argumentação.

DISCURSO PRIMEIRO **

Elegit quinque limpidissimos lapides de torrente; et percussit philisthaeum; et infixus est lapis in fronte ejus.
1. REG. 17

A funda e a harpa de David.

Admiravel foi David na harpa e admiravel na funda: com a harpa afugentava demonios, com a funda derribava gigantes. David quer dizer: *Manu fortis;* e as suas mãos sempre foram de David; sempre fortes, sempre guerreiras, sempre vencedoras; porém não sempre com o mesmo impulso. Umas vezes pelejava David com toda a mão e outras só com parte d'ella, isto é só com os dedos. Com os dedos tocava a harpa e fugia o demonio; com a mão disparava a funda e caía o gigante.

Symbolos do pulpito e do coro, do sermão e da musica. As cinco pedras da funda.

Taes são hoje as duas acções, ou verdadeiramente as duas scenas d'este grande theatro, harpa e funda, coro e pulpito, musica e sermão. A musica como harpa de David não é só para recrear ou divertir os sentidos, senão para lançar do corpo e alma de Saul o espirito máu, que como pae da discordia, ainda por antipathia natural é inimigo de toda a consonancia. O sermão como funda de David, não é para fazer tiro ao ar, ou espantar com o estalo; é para ferir, para derribar, para prostrar aos pés de Christo seus contrarios; e tanto mais quanto maiores. Dividindo, pois, estes dous instrumentos e dando a cada um o que lhe toca, aos cantores deixo a harpa e para mim tomarei a funda. A funda de David e as cinco pedras serão o argumento successivo d'estas cinco exhortações: *Elegit quinque limpidissimos lapides de torrente.* Quarenta dias esteve o soberbissimo gigante em campo, provocando a desafio os exercitos de Israel e affrontando a Deus em seu povo. Temiam e tremiam todos; quando chegou o pastorzinho David, e que fez? Desce a um ribeiro que lhe ficava vizinho, escolhe cinco pedras ou cinco seixos, os mais bem torneados e lizos; mette quatro no surrão e um na funda; planta-se animoso na estacada; e fazendo com duas voltas tiro á cabeça do gigante, de maneira respondeu o successo ao valor, que lhe cravou a pedra entre

as fontes: *Et infixus est lapis in fronte ejus*. Oh se Deus quizesse que as minhas palavras tivessem tanta sorte e tanta efficacia que fizessem uma tal ferida! O gigante é o mundo e contra este «gigante» se hão de apponctar os tiros das minhas pedras.

Pedras escolhidas. Estas tambem symbolizam cinco actos de verdadeira conversão. Hugo cardeal. Serão a materia dos cinco discursos.

As pedras de David foram tiradas e escolhidas por elle: *Elegit*. Eu não quero, nem devo querer que a eleição seja minha; porque sou pouco practico do paiz, e não sei bastantemente quaes poderão fazer brecha. Por isso seguirei um interprete eminentissimo e assás bem informado das «disposições» do gigante, o cardeal Hugo: *Quinque lapides* (diz elle) *sunt: cognitio sui, dolor amissi, pudor commissi, timor supplicii, spes aeterni gaudii*. E esses mesmos serão os cinco ponctos do meu argumento. Primeiro o conhecimento de si mesmo, *cognitio sui*. Segundo, a dor do bem perdido, *dolor amissi:* terceiro, o pejo do mal commettido, *pudor commissi:* o quarto, o temor do castigo futuro, *timor supplicii:* quinto e ultimo a esperança do gosto eterno, *spes futuri gaudii*. Cada uma d'estas cinco considerações, verdadeiramente christãs e proprias d'este tempo sancto, bastaria para lançar por terra o maior gigante, como bastou uma só pedra de David. Mas porque o braço não é o seu, nem sabemos qual das cinco pedras foi atiradas e a que ganhou a victoria, será necessario repetir o golpe e tentar e provar todas cinco. Mais ainda; e levantae um pouco o pensamento. Nota signaladamente o Texto, que as pedras que David tirou do rio eram limpas em summo gráu: *Limpidissimos lapides*. E porque uma tão particular advertencia não póde ser acaso e sem mysterio, não é bem que essa primorosa circumstancia falte ás nossas. Será, pois, o meu principal cuidado apurar os argumentos propostos de tal maneira, que tire de cada um d'elles o mais puro, o mais fino e o mais heroico. Finalmente, os discursos que hei de seguir, serão em tudo e por tudo aquillo, nem mais nem menos que dizem por si mesmas as palavras do thema: no numero cinco, no solido pedras, no fino e apurado purissimas: *Quinque lapides limpidissimos*.

Quaes hão de ser as disposições dos ouvintes.

Dos meus ouvintes só uma cousa desejo. David cravou a pedra na testa do gigante, porque trazendo todo o corpo armado e coberto de ferro, só a testa trazia desarmada e nua. Assim vos peço, me deis as vossas nuas de paixão, nuas de affecto e ainda de curiosidade nuas. Comecemos.

Primeira pedra o conhecimento de si mesmo Este conhecimento é o pae das obras de cada um.

II. *Elegit quinque lapides limpidissimos de torrente*. A primeira pedra da funda de David atirada á cabeça do gigante, diz o nosso purpurado interprete, que é o conhecimento de si mesmo: *Cognitio sui*. Grande pedra e com razão a primeira;

porque n'este mundo racional do homem o primeiro mobil de todas as nossas acções é o conhecimento de nós mesmos. As obras são filhas dos pensamentos; no pensamento se concebem, do pensamento nascem, com o pensamento se criam, se augmentam e se aperfeiçoam; e como os filhos recebem dos paes a natureza, o sangue e o appellido; assim se recebe do pensamento todo o bem grande e louvavel que resplandece nas obras. D'aqui é que querendo louvar David as obras maravilhosas de Deus fez o panegyrico aos seus pensamentos: *Multa fecisti tu, Domine Deus meus, mirabilia tua et cogitationibus tuis non est qui similis sit tibi.* Sendo, pois, os pensamentos e conceitos na mente do homem tantos e tão diversos, justamente se póde duvidar de qual ou quaes d'elles sejam filhas as obras. Todos commummente cuidam, que as obras são filhas do pensamento ou idéas com que se concebem e conhecem as mesmas obras: eu digo, que são filhas do pensamento e da idéa com que cada um se concebe e conhece a si mesmo.

Prova-se: 1.º com a geração eterna do Verbo.

A primeira cousa e a maior que jámais se obrou não no mundo, senão antes do mundo, foi a geração do Verbo; e como foi não feita, mas produzida uma obra tão grande, tão immensa, tão portentosa e incomprehensivel? Não de outra maneira que do conhecimento de si mesmo. Conheceu Deus o seu ser, a sua grandeza, a sua infinidade, a sua omnipotencia; e o parto que saiu d'este immenso conceito de si mesmo, foi outro Elle, outro Mesmo: foi e é o Verbo tão grande, tão immenso, tão infinito, tão omnipotente, tão Deus como o mesmo Páe. A imagem mais perfeita, a proporção mais ajustada, a medida mais egual da obra é o conhecimento de si mesmo em quem a faz. Quando Apelles pintava Alexandre, tinha na mente a Alexandre; quando Alexandre conquistava o mundo, tinha na mente a si mesmo. Na idéa de Apelles cabia Alexandre em um quadro: na idéa de si mesmo não cabia Alexandre no mundo: por isso o conquistou todo.

2.º Com a resposta que David deu a Saul a respeito do desafio de Goliath. 1 Reg. 17

Quando David se poz em campo contra Goliath, Saul desconfiava da victoria e David não; e porque? Porque Saul media a David com o gigante; e David media-se a si comsigo mesmo. Vêde o que respondeu a el-rei: *Leonem et ursum interfeci ego: erit igitur philisthaeus hic quasi unus ex eis.* Olha, moço (dizia Saul a David, aponctando para o gigante), olha que aquelle é mais que homem, e tu menino; aquelle armado, e tu sem armas; aquelle exercitado em batalhas, e tu sem exercicio de guerra: olha e vê o que fazes e o que emprendes. Já o tenho visto e considerado, responde David; porque eu não faço comparação de mim ao gigante, senão de mim a mim: *Leonem*

et ursum interfeci ego. Se Goliath é gigante, eu sou David; e quem tem desqueixado ursos e leões, tambem matará philisteus. Oh força do conhecimento de si mesmo! Considerae de uma parte todo o exercito de Israel; da outra só David e o gigante em meio. Alli teme o rei, temem os capitães, temem os soldados. Aqui não teme David, antes zomba do inimigo, e não por outro motivo, senão porque elles e elle se conheciam a si mesmos: elles attonitos e tremendo, porque se conheciam a si e a sua fraqueza; elle animoso e risonho, porque se conhecia a si e ao seu valor. No pensamento d'aquelles triumphava o gigante, no pensamento d'este triumphava David; e por isso triumphou com as mãos, porque já havia triumphado com os pensamentos.

3.° É allegorizado no carro carro de Ezechiel. *Ezech. 1 Vide corn. a Lap. h. 1*

Das obras grandes ou pequenas, das acções generosas ou vis, cada um traz na propria cabeça a verdadeira medida. Vêde-o em quatro cabeças unidas e differentes. Aquelles animaes do carro de Ezechiel, cada um tinha quatro cabeças em um só corpo; cabeça de homem, cabeça de aguia, cabeça de leão, cabeça de boi; e que farão o que fariam no mesmo corpo quatro cabeças com quatro phantasias tão diversas? Eu sou homem, eu sou aguia, eu sou leão, eu sou boi; e que posso eu fazer, ou que se póde esperar que eu faça? Que? Que cada qual d'aquellas cabeças, ainda que no mesmo corpo, produzam effeitos differentes; e que todas sáiam e se distinguam com acções propriamente suas e proporcionadas á phantasia de cada uma. Assim foi: a aguia saiu com azas: o homem com mãos: o boi com pés largos e fendidos: o leão saiu com um coração prompto e animoso, que não se via de fóra, mas movia-se por dentro. Assim foi, assim é e assim será sempre. O coração, os pés, as mãos, as azas, tudo vem da cabeça, que é o molde da propria phantasia. Se esta fôr de homem as acções serão racionaes; se de aguia, altivas; se de leão generosas; se de boi, vis.

Qual o mais util conhecimento do homem.

III. Sendo, pois, o conhecimento de si mesmo e o conceito que cada uma faz de si uma força tão poderosa sobre as proprias acções; e sendo tambem o homem um composto pouco menos que chimerico, formado de duas partes tão distantes, como lodo e divindade, ou quando menos um sopro d'ella; eu não sei na verdade como possa declarar ou definir ao homem o util conhecimento de si mesmo. Se lhe digo que se conheça pela parte inferior e terrena, temo que um conceito tão baixo produza acções vis, como em Adão. Se pela parte superior e tão alta, temo que a mesma alteza de seu conhecimento degenere em inchação e soberba como em Lucifer. Aquelle caiu, porque

não conheceu a sua nobreza: *Homo cum in honore esset non intellexit*: este caiu, porque a conheceu: *Perdidisti sapientiam tuam in decore tuo*. E entre um e outro perigo, não sei qual dos dous precipicios seja o maior.

Dir-me-hão que posso e ainda devo seguir como mais seguro o exemplo dos que foram deante; e que considerando bem as suas pizadas, acharei que todas (como as que mostrou Daniel ao rei idolatra) nos deixaram estampadas em pó e cinza. Abrahão: *Loquar ad Dominum meum cum sim pulvis et cinis*. O Ecclesiastico: *Quid superbis terra et cinis*? Job, tão ensinado em uma e outra fortuna: *Comparatus sum luto et assimilatus sum favillae et cineri*; e o que é mais, a mesma Egreja no primeiro dia d'este tempo sancto com palavras da bocca de Deus: *Pulvis es et in pulverem reverteris*.

Não é a consideração da parte inferior. Gen. 28. Eccli. 10. Job. 30. Gen. 1.

Confesso, senhores, que é o caminho real, batido e plano, por onde guiaram ao homem ao conhecimento de si mesmo os que melhor o conheceram e se conheceram, cujas pégadas eu beijo e venero quanto merecem. Não posso, porém, deixar de dizer hoje que este modo de conhecimento proprio, posto que tão louvavel e pio, não se accomoda quanto eu quizera com o meu argumento: porque o meu argumento confórme ao Texto é obrigado «a buscar o mais heroico e verdadeiro». O pó, o lodo, o corpo, não é eu: eu sou a minha alma[1]: este é o mais heroico e mais verdadeiro conhecimento de si mesmo: o mais heroico, porque o conhecer-se pela parte mais sublime é incentivo do valor e das obras heroicas e generosas; o mais verdadeiro, porque ainda que o homem verdadeiramente é composto de corpo e alma, quem se conhece pela parte do corpo, ignora-se e só quem se conhece pela parte da alma, se conhece.

Senão a da parte superior.

Não sei, se saberei declarar-me. Assim como um espelho se compõi de aço e crystal, assim o homem se compõi de corpo e alma; e que succederia a quem se visse ou por um ou por outro lado? Quem olha para o espelho pela parte do aço, vê o aço; mas não se vê a si; quem olha pela parte do crystal, vê ao crystal e no crystal ve-se a si mesmo. Assim n'este espelho da natureza humana, quem o olha pela parte terrea e

Explica-se com o exemplo do espelho.

[1] *Nota*. Este argumento andava em Italia muito valido no tempo de Vieira. O cardeal Pallavicino, grande theologo e litterato italiano, no drama de Sancto Ermenegildo introduz a esposa do mesmo Sancto, que diz: — Amando Ermenegildo, não o meu corpo, senão a minha alma me ama verdadeiramente a mim, porque eu sou a minha alma. — E o P. Paulo Segneri, principe dos oradores italianos, no primeiro sermão de quaresma diz: Tracta-se de uma alma que é vossa, antes é vós. — Estes luzeiros da litteratura italiana foram contemporaneos do grande orador portuguez.

opaca que é o corpo, vê o corpo, mas não vê o homem: quem o olha pela parte celeste e luminosa que é a alma, vê a alma e na alma vê e conhece ao homem; porque vê e conhece o que elle é; e o que o distingue e ennobrece sobre todas as creaturas da terra. Ha de servir o corpo ao proprio conhecimento, como o aço no espelho serve a vista. O aço serve á vista, porque rebate e lança de si as especies de quem se vê ao espelho; de maneira que o mesmo que impede o conhecimento directo, serve ao conhecimento reflexo. Assim é no homem o conhecimento de si mesmo: se pára no corpo, ignora-se; se reflecte sobre a alma, conhece-se.

E com um texto de S. Paulo. 3 Cor. 12

E se alguem me perguntar a razão d'esta philosophia, por que o homem visto pela parte do corpo se ignora e visto ou considerado pela parte da alma se conhece; a razão clara e facil (posto que pareça injuriosa) é, porque quem vê o corpo, vê um animal, quem vê a alma, vê ao homem. Seja a experiencia em uma das maiores almas e em um dos maiores homens que houve nem haverá, S. Paulo: *Scio hominem in Christo, sive in corpore, sive extra corpus, nescio, Deus scit: scio hujusmodi hominem, quoniam raptus est in paradisum.* Eu sei um homem (diz S. Paulo fallando de si mesmo) o qual foi arrebatado e levado ao céu: mas se este homem foi levado ao céu em corpo ou sem corpo, isso não sei eu, sabe-o Deus. Até aqui o Apostolo; e creio que ninguem haverá deixado de reparar muito no que diz e no modo com que o diz. Duas cousas diz. S. Paulo, uma que affirma, outra que duvida; uma que sabe, outra que não sabe. Diz que sabe que aquelle homem foi levado ao céu; e diz que não sabe se foi levado em corpo ou fóra do corpo: *Sive in corpore, sive extra corpus, nescio.* Pois se duvida e não sabe se o corpo foi, ou não foi levado ao céu; como diz e affirma que sabe que foi levado ao céu o homem: *Scio hujusmodi hominem, quoniam raptus est in paradisum?* Não sabe que fosse levado o corpo e sabe que foi levado o homem? Sim; porque sabia Paulo certissimamente e sem duvida nenhuma que a sua alma fôra levada ao céu, ainda que ignorava se fôra unida ou apartada do corpo; e uma vez que sabia que foi levada a alma, sabia que foi levado o homem: porque o homem é a alma: se a alma foi levada *in corpore*, era homem com corpo; se foi levada *extra corpus*, era homem sem corpo. Mas ou com corpo ou sem corpo, sempre homem e o mesmo homem: *Scio hujusmodi hominem.*

O homem natural e o homem moral. Este é a sua alma.

Provado assim o meu argumento e tão bem recebida a prova, ainda me parece ouço arguir algum escrupuloso douto, que esta doutrina de ser o homem a alma, quando menos sabe a

seita e erro de Platão; e que a sua mesma prova, se a interpretação é verdadeira, faz tambem platonico S. Paulo. Aqui vereis como as mesmas proposições catholicas e divinas pódem parecer erros se se interpretarem contra a mente de quem as diz ou por ignorancia ou por malicia. Quando S. Paulo (e eu com elle) chama homem á alma, não falla do homem physico e natural, senão do homem moral a quem elle queria instruir e formar; bem assim como em outro logar distingue no mesmo homem dous homens. A constituição do homem moral é mui diversa da composição do homem natural: o homem natural compõi-se de alma e corpo: o homem moral constitúi-se ou consiste só na alma. De maneira que para formar o homem natural, ha-se de unir a alma ao corpo; e para formar ou reformar o homem moral, ha se de separar a alma do corpo.

Quanto importa esta distincção. Jerem. 15 Gen. 3

Isto é o que eu digo e o que quizera persuadir, e não me creais a mim, senão a Deus por bocca de Jeremias: ouvi um grande texto. Falla Jeremias da differença da alma e corpo, como notou em muitos logares S. Chrysostomo; e instruindo o propheta ao bom prégador, lhe diz assim em nome e pessoa de Deus: *Si separaveris pretiosum a vili, quasi os meum eris*. Tu que tens officio de ensinar homens, se separares o precioso do vil, isto é a alma do corpo, será a tua bocca como a minha. Todos estais vendo a difficuldade d'esta sentença. Que fez a bocca de Deus com o corpo e alma do homem? Jazia no campo Damasceno aquella statua de barro, que depois se chamou corpo de Adão. Chegou Deus a ella, assoprou-a; e com a respiração de sua bocca lhe infundiu e uniu a alma e por meio d'esta união da alma ao corpo foi feito e formado o homem: *Inspiravit in faciem eius spiraculum vitae; et factus est homo in animam viventem*. Pois se a bocca de Deus fez e deu ser ao homem, unindo o precioso ao vil, isto é a alma ao corpo; como diz o mesmo Deus que será como a sua bocca, não o que unir, senão o que seperar a alma do corpo e o precioso do vil? A razão e differença é, porque fallava aqui Deus da formação não do homem natural, senão do homem moral: aquella é composta, esta é simples; aquella consiste na união do precioso com o vil e do corpo com a alma; esta na separação; aquella é alma e corpo, esta é só alma; e d'esta differença de ser a ser, e de homem a homem, nasce a similhança da bocca de Deus com a bocca do prégador; como instrumento forma ao homem separando a alma do corpo; por isso lhe diz Deus, que será como a sua bocca, se dividir o que elle uniu e separar o precioso do vil: *Si separaveris pretiosum a vili, quasi os meum eris*.

Viva-se como almas separadas. Assim vivia S. Paulo. Rom. 8 1. Cor 9 Rom. 7 2. Cor. 5 Ib. 4

IV. Senhores meus, separemos o precioso do vil. Entendamos

todos e diga-se cada um a si mesmo: Eu sou a minha alma: este é o nobre, o heroico e verdadeiro conhecimento de si mesmo. Se com verdade me dizem que sou pó, porque o meu corpo foi pó em Adão e ha de ser pó na sepultura, ainda que de presente o não seja; porque não direi eu com egual e maior verdade que sou alma, porque o fui, porque o hei de ser e porque o sou? Separemos logo o precioso do vil; e vivamos com almas separadas. As nossas almas todos sabem que teem dous estados; um n'esta vida de alma unida ao corpo; outro depois da morte; que é e se chama de alma separada. Este segundo estado é muito mais perfeito; porque, livre a alma dos embaraços e dependencias do corpo, obra com outras especies, com outra luz, com outra liberdade, com outra nobreza, em fim, como desatada e descarregada d'aquelle peso e d'aquella vil companhia que sempre a faz tirar ao baixo. Se a morte ha de fazer por força esta separação, porque a não faremos nós por vontade? Porque não fará a razão desde logo o que a morte ha de fazer depois? Oh que vida! Oh que obras seriam as nossas tão outras do que são! Porque nos parece que faziam os sanctos obras tão maravilhosas, senão porque viviam como almas separadas, unidas ao corpo, mas independentes do corpo? *In carnem non secundum carnem*, diz o Apostolo. Crer e entender que o corpo não é parte do homem, é erro de Platão; estimar o corpo e tractar o corpo, como se não fôra parte do homem, é theologia de S. Paulo e sabedoria do terceiro céu. Isto é o que elle disse e o que fez sempre: tractava S. Paulo o seu corpo como se não fôra parte sua, senão um escravo rebelde e como tal o castigava e domava a açoites: *Castigo corpus meum et in servitutem redigo:* estimava o seu corpo, não como parte sua, se não como um carcere penoso, escuro, hediondo, mais terrivel que a mesma morte e como tal suspirava por se desapegar e livrar-se d'elle: *Quis me liberabit de corpore mortis hujus?* Trazia o seu corpo ás costas, não como parte propria que não pesa, mas como uma carga insupportavel e uma casa portatil pesadissima; e como tal não morava n'ella; mas gemia debaixo d'ella: *In hoc tabernaculo ingemiscimus*. Andava cercado e coberto do seu corpo como de vestido, que não é parte nem carne propria, senão lã e fabrica alheia; e assim as affrontas e feridas que recebia n'elle, levava-as tão levemente, como se só lhe tocaram na roupa; reprehendendo aos que não querem despir-se do mesmo corpo e das suas paixões e appetites: *Nolumus expoliari, sed supervestiri*. Finalmente estimava só a alma como thesouro proprio e unico e do corpo, como se não fôra seu, fazia tão pouco caso como de um vaso de barro vil e fragil:

Habemus thesaurum in vasis fictilibus. Por isso eram n'elle tão heroicas, tão fidalgas e tão limpas as acções que em nós são tão cheias ou totalmente de lodo ou quando menos de pó. Separemos «logo» como S. Paulo ao homem do vestido, ao senhor do escravo, ao morador da casa, ao preso do carcere, ao thesouro do barro; em fim ao corpo da alma; «e triumpharemos á imitação de S. Paulo com acções dignas da nossa divina nobreza.»

Desperta Deu[s] os brios em Gedeão e Je[re]mias para a[s] obras de su[a] gloria. Qual Sancta alti[...] veza. *Jud.* 6 *Jer.* 1

Eu não pretendo negar ao pó a piedade e o util de seu conhecimento; só quero que nos estimemos pela parte mais nobre, para que tambem o sejam as nossas obras; pois são filhas (como dissemos) da estimação e conceito que cada um faz de si mesmo. Todas as vezes que Deus quiz que os homens fizessem cousas grandes, mudou-lhes os conceitos; o conceito baixo e humilde que tinham de si em conceitos altos e generosos. Quiz Deus que Gedeão triumphasse dos exercitos innumeraveis dos madianitas; e que fez? Quando elle tinha tão baixo conceito de si, que estava prevenido a fugida, mandou-lhe dizer Deus por um anjo que era o mais valente de todos os homens: *Dominus tecum, virorum fortissime.* Estime-se fortissimo o que se tem por fraco; e fará façanhas tão incriveis como as de Gedeão. Quiz Deus que Jeremias mudasse e tirasse coroas; fizesse e desfizesse reinos; derribasse monarchias; e que fez tambem? Quando elle tinha tão desegual opinião de si, que se estimava por um menino e como tal se escusava, reprehendeu-lhe o mesmo Deus o encolhimento e covardia d'aquelle conceito, e disse-lhe: *Noli dicere: Puer sum: quoniam ad omnia quae mittam te, ibis.* Não póde fazer nem emprehender obras grandes quem se conhece e se estima pequeno. Se isto parece humildade, é bastarda: se aquillo parece soberba, é sancta: *Humilis ad merita, superbus ad vitia,* disse Eusebio Emisseno, fallando de São Maximo: não é soberba estimar-se para não fazer baixezas; descuidar-se do pó para se lembrar de si e conhecer-se a alma para obrar como anjo.

Com qual co[n]hecimento o Filho de Deus as mai[o]res obras da [sua] missão. *Joan.* 13

Do corpo foi principio e é fim o pó; da alma foi principio e é fim Deus; e como as obras nascem de seus principios e caminham a seus fins, só obrará heroicamente quem trouxer deante dos olhos do seu conhecimento não o vil principio e fim de seu corpo, senão o principio e fim altissimo de sua alma. As maiores e mais heroicas obras que jámais se obraram no mundo, foram as de Christo; e entre todas as obras de Christo, as maiores e mais heroicas foram as do fim de sua vida. Poz-se em campo Christo n'aquella ultima batalha só e desarmado contra o mundo, contra a morte, contra o peccado, contra o inferno; e só e despido venceu em um dia e triumphou gloriosamente

de tudo. Mas com que conhecimento de si mesmo vos parece que entrou aquelle fortissimo Capitão em um tão extranho e difficultoso conflicto? Disse-o e notou-o com particular advertencia S. João: *Sciens quia a Deo exivit et ad Deum vadit*: sabendo, diz, que o seu principio e o seu fim era Deus. Notae. Em Christo, como verdadeiro filho de Adão não só concorria este principio e fim nobilissimo que é Deus pela parte da alma, senão tambem o outro principio e fim da extrema baixeza, que é o pó pela parte do corpo; e n'aquelle termo preciso em que ía a morrer, parece que devia levar mais deante dos olhos o principio e fim do pó, como em seu nome havia dicto David: *Et in pulverem mortis deduxisti me*. Pois, porque não entrou Christo na batalha com este pensamento e com este conhecimento, senão com o contrario? Porque as acções ultimas de sua vida convinha que fossem e haviam de ser as mais gloriosas e as mais heroicas; e para obrar gloriosa e heroicamente em quanto homem esqueceu-se totalmente o seu generoso espirito do principio e fim do mesmo corpo em que padecia; e só cuidava e tinha sempre firme na mente o principio e fim da sua alma, d'onde veio e para onde ía: *Sciens quia a Deo exivit et ad Deum vadit*.

Energia do *Sciens* da ultima ceia.

Este *sciens*, e este alto conhecimento de nós mesmos, ó senhores, é aquelle que eu vos prégo hoje: não o principio e fim do corpo que é terra; senão o principio e fim da alma que é Deus: o corpo saiu da terra e vai para a terra: a alma saiu de Deus e vai para Deus. É este o conhecimento que devemos trazer sempre no pensamento e revolver altamente na memoria «como o mais verdadeiro, e que serve de tanto maior incentivo a obras heroicas e generosas» quanto vai de principio a principio, de fim a fim e de conhecimento a conhecimento.

Conclusão. Na vida presente não conhecemos a nossa alma quidditative senão só pelos effeitos. [illegible]

V. Tenho acabado o meu discurso e só vejo me poderão dizer contra elle que puz o conhecimento de si mesmo em uma cousa que se não conhece. É verdade que nós n'esta vida não conhecemos a nossa alma, como é em si mesma ou *quidditative*, como fallam as escholas: mas porque a alma se não conhece a si, por isso mesmo se póde conhecer melhor. Não quiz Deus que o homem tivesse proprias especies de sua alma; porque pertencia á dignidade de uma creatura tão nobre e tão apparentada com Deus, que assim como Deus n'esta vida se conhece por fé, assim se conhecesse per fé tambem a alma. Não digo que alma se não conhece naturalmente n'esta vida: mas quando se conhece naturalmente é tambem como Deus pelos effeitos: conhecer a Deus e a alma em seu proprio ser e substancia, é felecidade e sciencia reservada para a outra vida. E a razão é,

porque como a alma é uma imagem perfeitissima de Deus, só á vista do original se póde conhecer perfeitamente a copia. Oh grande perfeição da alma, que não se haja de ver em outro espelho que no da face de Deus!

Andae agora a estimar o corpo, a servir ao corpo, a admirar ao corpo, a idolatrar o corpo! Mas o corpo se estima, se serve, se admira, se idolatra, porque devendo o homem ser alma, as almas hão degenerado a ser corpo. Não era todo corpo a alma d'aquelle que fallando com a sua lhe dizia: *Anima mea, habes multa bona posita in annos plurimos: requiesce, comede, bibe et epulare*: alma, tens muitos bens e para muitos annos: descança, come, bebe, regala-te? Mas não tardou muito Deus em vingar a nobreza da alma de uma injuria tão brutal. *Stulte, hac nocte animam tuam repetent a te*: na mesma noite lhe tirou Deus a alma vil e degenerada, para que só ficasse o corpo de quem todo era corpo.

Os nescios que só tractam do corpo. *Luc.* 12

Visitando uma noite Alexandre os seus arraiaes, achou uma sentinella dormindo e matou-a; e perguntado pela causa, respondeu: Qual a achei, tal a deixei. Assim faz Deus, quando acha homens que não são mais que corpo; para os deixar quaes os acha, tira-lhes a alma e a vida subitamente. Ah quanto se póde temer, que seja esta a causa de tantas mortes repentinas, quantas se veem n'estes dias, e não se choram quanto devem! E porque não se defenda alguem com dizer que aquelle exemplo foi singular; lembrae-vos do diluvio e da causa d'elle. Affogou Deus o mundo, tirando a vida a todo o genero humano de um golpe; e qual cuidais que foi a razão? O mesmo Deus que deu a sentenca, declarou a culpa: *Non permanebit spiritus meus in homine, quia caro est*. Porque não havia na corrupção d'aquelle tempo homem que tivesse alma, todos e tudo era corpo: *Quia caro est*. Mais diz ainda e peior soa *caro* que corpo. Queira Deus que não seja o nosso seculo hoje, como foi então o de Noé! Tem chegado o mundo a tão infeliz estado n'esta materia, que se a palavra de Deus e o arco do céu nos não segurara, se podia temer outro diluvio. Mas Deus póde fazer diluvios com todos os elementos: no ar ha pestes, no fogo incendios, na terra terramotos que já começam a sorver cidades inteiras; não fallando nos diluvios de sangue com que o inimigo commum e vizinho nos ameaça.

Os homens castigados com o diluvio porque viviam como se não tivessem alma.

Almas, almas, vivei como almas. Espiritos romanos e generosos, se conheceis que a alma é racional, governe a razão e não o appetite: se conheceis que é immortal, desprezae tudo aquillo que morre e acaba: se conheceis que é celeste, pizae e mettei debaixo dos pés tudo o que é terra. Finalmente, se co-

Viva-se como pede a alma.

ne é divina, amae, servi, louvae e aspirae só a Deus. verdadeiro conhecimento de si mesmo; e esta a pri- edra do nosso David. Mas se ella não bastar, ainda lhe o surrão outras quatro.

DISCURSO SEGUNDO **

Elegit quinque limpidissimos lapides de torrente.

S. Reg. 19.

A segunda pedra da funda de David é a dor dos bens perdidos. Esta dor é o remedio da perda.

A mão de David não perde tiro; e se a minha o perde na pedra que hoje tira, sem duvida se perderá um grande bem. Disse com alto sentimento Tertulliano, que n'esta vida não só se padecem os males, senão tambem os bens; e que assim como ha males que excedem a paciencia, assim ha bens intoleraveis: *Quorundam bonorum sicut et malorum intolerabilis patientia est.* E que bens, pergunto eu, são aquelles que se padecem? Que bens ha n'esta vida intoleraveis, senão os bens perdidos? Os bens que já foram e se acabaram e que não nos deixaram de si outra prenda, que a memoria e dor. Esta é a segunda pedra da funda de David; pedra em tudo proporcionada á cabeça vã do gigante; quero dizer «do mundo» tão perdido hoje mais que nunca pelos bens que se perdem. Os bens d'este mundo, isto é, os falsos bens adquirem-se com trabalhos, perdem-se com dor; porém a dor é castigo e não remedio. Os bens do céu, isto é, os verdadeiros bens, tambem se podem perder; porém se te lastima e dóe tel-os perdido, a mesma dor da perda é remedio d'ella. A ferida causa dor e a dor sara a ferida: tal é a virtude da pedra de hoje, se eu acerto a empregar bem o tiro; e tal é tambem a materia nobilissima que para o discurso ou meditação d'esta noite nos tem assignado o nosso grande interprete: *Dolor amissi:* a dor do bem perdido. Vós os que tendes perdido algum bem e aquelles principalmente que teem perdido o Summo Bem, se quereis saber o motivo e remedio de vossa dor e doer-vos heroica e ditosamente, dae-me attenção.

Estima-se mais o bem, quando se perde.

II. Toda a materia presente se resolve em tres palavras, dor, perda e bem: porém a complicação d'estes termos é tal que quando quero combinar a dor com a perda, a perda com o bem e o bem com a dor, me acho cercado por todas as partes e preso sem saída dentro de um circulo por uma parte inevitavel

e por outra incrivel. Todos crêem que a dor é a medida da perda e a perda a medida do bem; sendo porém certo, como é, que o bem possuido se estima menos e o mesmo bem perdido se estima mais; d'aqui se segue que a perda cresce e faz maior «a estimação» do bem; e que o bem perdido feito maior «na estimação», faz tambem a maior a dor. Já vêdes a força da difficuldade que não póde ser mais clara á experiencia, nem mais escura á razão. «Se o bem perdido é o mesmo, como se fez pela perda mais digno de estimação, que quando se possuia?» Oh se eu acertara a descobrir a verdadeira causa «de um effeito tão lastimoso!» Vamos á Escriptura.

Prova-se com a parabola da ovelha perdida. Tertuliano Lib. de poen. c. 8.

N'aquella famosa parabola que refere S. Lucas no cap. 15, diz Christo que um bom pastor tinha cem ovelhas, e que tendo perdido uma, deixou as noventa e nove no deserto e foi buscar a ovelha perdida: *Relictis nonaginta novem in deserto, vadit ad eam quae perierat.* Notavel resolução de pastor, clamam n'este caso dous grandes pastores, Chrysostomo e Agostinho. Não vê nem repara este pastor no muito que deixa e no pouco que busca: deixa noventa e nove ovelhas expostas á fome dos lobos, á cobiça dos ladrões, ao perigo de derramar-se e perder-se todo o rebanho; e isto por buscar e achar, em duvida, uma só? Sim. Não vedes que esta ovelha ainda que fosse uma só, era perdida? Logo não é muito que arrisque todas por ella; e que estime tanto esta só, como todo o rebanho: *Grex una carior non erat,* diz Tertulliano. Se antes de perder-se esta ovelha, perguntaramos ao pastor, quanto a estimava, responderia que como qualquer das outras. Porem depois de perdida, antepoz o preço e cuidado d'ella ao perigo e ao mesmo preço de todas. Antes de perder-se estimava aquella uma como uma: depois de perdida estimou aquella só como todas. Tão certo e tão natural é no homem dar maior valor ás cousas na perda que na posse; e estimal-as mais incomparavelmente depois de perdidas, que antes de perder-se.

[illegible]

Esta é a experiencia clara, confirmada com o exemplo de Christo. Porém a razão que a faz escura, ainda não apparece. Qual é logo, ou qual póde ser a razão por que a ovelhinha perdida e qualquer outro bem perdido, se estima tanto mais depois que se perdeu, que quando se possuia? Eu o direi. A maior estimação do bem perdido provem do maior e verdadeiro conhecimento do mesmo bem, o qual antes de perdido não se conhecia. Entre o conhecimento do bem e conhecimento do mal ha uma grande differença: o mal conhece-se quando se tem, e o bem quando se teve: o mal quando se padece, o bem quando se perde. Duas cousas prometteu o demonio a Adão: uma a divindade, outra a sciencia do bem e do mal: *Eritis sicut dii,*

scientes bonum et malum. Oh enganador, oh falso, oh embusteiro, oh mentiroso, oh traidor! clamam aqui todos contra o demonio. Eu lhe quero fazer justiça, a qual nem ao mesmo demonio se deve negar. Digo que em uma cousa mentiu o demonio «descaradamente», em outra «fallou em parte com verdade»: mentiu descaradamente em dizer que seriam como deuses: *Eritis sicut dii;* promessa e supposição não só falsa, mas heretica e blasphema e a primeira origem da idolatria, negando a Deus o caracter da unidade, introduzindo na divindade multidão. Porém em dizer que comendo da maçã conheceriam o bem e o mal, «fallou em parte com verdade» antes predisse o que havia de ser; e porque ou como? Porque comendo os primeiros paes do pomo vedado, haviam de perder todos os bens que possuiam e haviam de encorrer em todos os males que padeceram; e o bem não se conhece senão quando se perde, o mal quando se padece. Em quanto Adão estava no paraiso, não conhecia «claramente» nem o bem nem o mal: o bem não; porque possuia todos os bens: o mal tambem não, porque não padecia mal algum. Mas depois que foi lançado do paraiso, no mesmo poncto teve inteira sciencia do bem e do mal: do mal, porque o padecia; do bem, porque o tinha perdido.

Parabola do Prodigo. Palavras de Job. *Luc.* 15 *Job.* 29

Assim foi em Adão e assim foi em todos os seus filhos. Quão facilmente estraga o são a sua saude e quão prodigamente dissipa o vão as riquezas! Porém esperae um pouco: succederá á saude a infermidade, e vós conhecereis o bem que tendes na saude: succederá á riqueza a pobreza e necessidade; e vós conhecereis o bem que não soubestes estimar na riqueza: por isso ordenou a Providencia que fosse varia e mudavel a que vós chamais fortuna. Ella é inconstante, porque vós sois ingratos: troca Deus os bens em males, para que vós conheçais uns e outros: os bens que vos deu na privação, e na experiencia os males de que vos livrou. O filho Prodigo em quanto esteve em casa de seu pae não conhecia nem estimava os grandes bens que possuia e lograva n'ella. Porém depois de dissipados e perdidos os mesmos bens então os conheceu, dizendo: *Quanti mercenarii in domo patris mei abundant panibus, ego autem hic fame pereo!* Na abundancia não conhecia nem a felicidade, nem a miseria: na fome conheceu a miseria presente e a felicidade passada. Até Job, aquelle grande homem feito por Deus de proposito ou para triumpho ou para desprezo de uma e outra fortuna, na experiencia da adversa conheceu a differença da prospera. D'aqui é que voltando os olhos atraz dizia: *Quis mihi hoc tribuat, ut sim juxta menses pristinos, quibus Deus custodiebat me, quando splendebat lucerna ejus super caput meum?* Lêde

todo aquelle capitulo que é o vinte e nove; e vereis quanto mais via agora Job nos seus passados bens, do que havia visto e conhecido antes de os perder. As palavras em que mais reparo, são aquellas do verso quarto: *Quando secreto Deus erat in tabernaculo meo.* Faz comparação e differença Job entre o tempo presente das suas miserias e o passado das suas felicidades; e diz que n'aquelle tempo ditoso estava Deus em sua casa; porém occulta e secretamente. Chama estar Deus em sua casa e assistencias de Deus n'ella, aos bens que n'aquelle tempo gozava, porque de Deus e da sua presença veem todos os bens. Mas porque diz que esses bens e essas assistencias de Deus então eram secretas? Antes parece que então eram publicas; porque elle e todos viam os seus bens e as suas felicidades; e pelo contrario agora eram secretas, porque os bens o tinham deixado e Deus se tinha escondido. Porque diz, logo, que aquelles bens e assistencias de Deus então eram secretas e agora não? Porque então as lograva; e agora já as tinha perdido. A posse dos bens é um véu que os occulta para que se não conheçam: a perda dos mesmos bens corre o véu e então se descobre e vê claramente n'elles aquillo que se não estimava, nem conhecia.

Por isso mostrou Deus a sua gloria a Moysés por um resquicio depois de passar. *Exod.* 34

Esta é a maior desgraça dos bens, contraria em tudo á natureza dos males: os bens veem-se de longe; os males de perto; os males quando veem, os bens quando fogem; os males pelo direito, os bens pelo avesso; os males pelo rosto, os bens pelas espaldas; quando voltam as costas os bens, então se conhecem. Pediu Moysés a Deus que lhe mostrasse a sua gloria; e o Senhor lhe respondeu que lhe mostraria todos os bens: *Omne bonum ostendam tibi.* Mas como lh'os mostrou? É cousa verdadeiramente admiravel e que nem Moysés nem algum outro a podera cuidar ou imaginar. Chegando o dia em que Deus havia de cumprir a sua palavra ou a sua promessa, e Moysés havia de ver todos os bens, signalou-lhe Deus o modo da vista e disse-lhe assim: *Cum transibit gloria mea, ponam te in foramine petrae et protegam dextera mea, donec transeam; tollamque manum meam et posteriora mea videbis.* Eu te porei, diz Deus, de traz de uma pedra; e tu estarás vendo por um resquicio: quando passar a minha gloria, taparei o resquicio com a minha mão; e depois de passar, levantarei a mão e tu verás as minhas costas. Admiravel caso outra vez! De maneira que mostra Deus a Moysés todo o bem; e que este bem o não póde ver Moysés, senão depois de passado? Nem o póde ver pelo rosto, senão pelas costas? Sim; porque esta é a condição de todo o bem: n'esta vida não se póde ver nem conhecer, senão depois de passado

e pelas costas: *Transeam: posteriora mea videbis*. Quando os bens voltam as costas, quando fogem, quando se vão, quando nos deixam, quando finalmente passaram e se perderam, então se conhecem. Este é todo o mysterio da dor do bem perdido: da perda nasce o conhecimento, do conhecimento a estimação, da estimação a dor: *Dolor amissi*.

O maior conhecimento do bem lhe dá melhor logar no coração e por isso se sente mais a sua perda.

III. Sendo, pois, o motivo certo e proprio «da dor» do bem perdido a privação do mesmo bem, já verdadeiramente conhecido e como conhecido estimado; de todo este discurso se conclúi claramente que o bem em quanto possuido tinha pequeno e humilde logar no coração, porque não era conhecido; depois de perdido, porque já se conhece, dá-lhe o coração muito maior e melhor logar; isto é, egual ao seu merecimento, dignidade e grandeza. Não é mui diverso o logar e alojamento que se dá a um principe incognito ou conhecido? Pois assim tracta o coração ao bem; e d'aqui se segue, que é muito maior o logar que occupa a dor no coração, que aquelle que occupa o gosto. Em quanto possuido o bem, como a incognito, dava-lhe o coração dentro em si um humilde logar, pequeno e desegual ao seu merecimento; e este é o que occupava o gosto: depois de perdido como já se conhece a sua grandeza, compõi-lhe o mesmo coração outro alojamento e outro logar muito maior e mais largo, proporcionado a ella; e este é o que occupa a dor.

Quaes os bens mais ou menos perdidos.

Porém, tomadas assim e tão ao justo as verdadeiras medidas da dor do bem perdido, não imagine por isso alguem que fica tambem já conhecida a fineza e a limpeza da mesma dor, que é o poncto principal do nosso argumento. Toda a dor de um grande bem perdido é grande; porém não basta ser grande para ser fina. A fineza não é quantidade; nem é o mesmo doer-se muito que doer-se finamente. Qual será logo na perda a dor fina e heroica e em gráu superlativo limpa: *Limpidissimos lapides?* Para satisfazer á curiosidade utilissima d'este poncto, supponho primeiro que nas perdas do bem ha mais e menos: ha bens mais perdidos e bens menos perdidos. O bem perdido menos perdido é aquelle que depois de perdido se póde recuperar; o bem mais perdido e totalmente perdido é aquelle que perdido uma vez, não póde recuperar-se. Perde um homem a Deus e perde o tempo: qual a maior perda? Em razão de bem é Deus, em razão de perdido é o tempo: porque Deus perdido póde recuperár-se; o tempo perdido não se póde recuperar. Mais: ha bens perdidos que com a mesma dor de tel-os perdido se recuperam; e ha bens perdidos que com nenhuma dor se podem recuperar depois de perdidos. Morreu a um pae seu filho; doe-se, mas nem por isso resuscita o filho: perdeu a fazenda; doe-se,

mas nem por isso torna a fazenda para casa. Pelo contrario perde um homem a graça de Deus; doe-se, e no mesmo poncto recupera a graça: morre o merecimento pelo peccado; doe-se e no mesmo poncto resuscita e torna a reviver o merecimento.

A dor de um bem totalmente perdido é a mais fina.

Supposta, pois, esta distincção e differença de bens mais perdidos e mènos perdidos, e de perdas recuperaveis e que se não podem recuperar; vindo ao poncto, digo, aquella dor que chora a perda de um bem totalmente perdido, e que com nenhuma dor se póde recuperar, esta é a fina, a heroica e limpa dor do bem perdido: se quem o tem perdido o póde recuperar, ainda que a dor seja grande, não é fina; se não póde recuperar-se e comtudo chora a sua perda e se dóe inconsolavelmente quem o tem perdido, aqui está a fineza da dor.

Tal foi a dor da Magdalena na sepultura de Christo. Origenes.

Duas vezes se celebra no Evangelho o pranto da Magdalena, tão formosa pelas suas lagrimas, como pelo seu amor: a primeira, quando chorava seus peccados aos pès de Christo; a segunda, quando chorou a morte do mesmo Christo sobre a sua sepultura: em um e outro pranto foram copiosissimas as suas lagrimas, em um e outro nascidas de dor excessiva; porém que dor e que pranto vos parece que foi o mais heroico e mais fino? Dir-me-heis que o primeiro; porque este foi louvado pela bocca de Christo, não só como effeito da penitencia, mas como filho legitimo do amor, que é raiz de toda a fineza; e esse mesmo amor qualificado e canonizado por muito: *Quoniam dilexit multum.* Comtudo eu não duvido affirmar que o segundo pranto e a segunda dor foi muito mais heroica e muito mais fina: e porque? Porque a primeira dor chorava um bem perdido que se podia recuperar com a mesma dor e com as mesmas lagrimas; porém a segunda chorava outro bem perdido que com nenhuma dor, ainda que excessiva, com nenhumas lagrimas, ainda que mais copiosas, se podia recuperar. È reflexão de Origenes n'aquella homilia da Magdalena, entre todas as obras de seu grande engenho a mais excellente: *Fleverat prius et lacrymis suis pedes ejus rigaverat pro morte animae suae: venerat nunc ad monumentum lacrymis rigare pro morte Magistri sui.* Com o primeiro pranto, diz Origenes, chorava Maria a morte da sua alma: com o segundo chorava a morte de seu Mestre: a morte da alma póde resuscitar-se com a dor e com as lagrimas: a morte do corpo com nenhuma dor e com nenhumas lagrimas se póde resuscitar: logo este segundo pranto e esta segunda dor foi mais heroica e mais fina, porque chorava Maria e se doia de um bem perdido, que a sua dor e as suas lagrimas não podiam remediar. Doer-se de um bem perdido que se recupera com a dor,

é remedio; doer-se do bem perdido, que com nenhuma dor se pode recuperar, é dor.

Deixae-me dividir esta verdade, para que a vejam os olhos, em duas imagens. Infermou mortalmente em tenra edade o primeiro filho que David teve de Bersabé; e não se póde dizer facilmente o excesso da sua dor: vestido de sacco, coberto de cinza, prostrado por terra, com rogativas, com lagrimas, com jejuns e com todas as outras maquinas de penitencia, humildade e gemidos, com que elle sabia se rende o céu, batia o afflicto rei ás portas da Misericordia divina pela saude do filho. Morreu emfim o menino, e diz o Texto sagrado que nenhum dos creados de palacio se atrevia a dar a el-rei a triste nova. Se el-rei, diziam entre si, quando o infante estava ainda vivo, faltou pouco que não morresse de pena; se não fallava, nem comia, nem bebia, nem dormia, nem admittia consolação ou tregoa a sua dor; que será sabendo que é morto? Entendeu ultimamente David pelos olhos e silencio dos seus, aquillo que verdadeiramente era; e logo que soube de certo ser morto o filho, que vos parece que faria? Caso notavel! Levanta-se do chão, enxuga os olhos, lança fóra o cilicio; veste a purpura, senta-se á meza, começa a comer e a fallar com tanto desafogo, como se nada tivera succedido. Maravilhados os cortezãos de uma tão repentina mudança, disseram assim a el-rei: Senhor, quando ainda vivia o infante, fazia vossa majestade tantos extremos de dor e sentimento; e agora que morreu, vemos a vossa majestade tão alliviado, sem nenhum signal de tristeza ou desgosto? Que implicancia ou mysterio é este? Vós, respondeu David, fazeis-me uma pergunta; e eu quero fazer-vos outra: *Nunquid potero revocare eum?* Por ventura posso eu resuscitar a meu filho? Pois por isso se acabou a minha dor: em quanto vivia e eu esperava poder-lhe alcançar a vida com as minhas lagrimas, fazia todos aquelles excessos que vistes. Porém depois que morreu e não tem remedio, porque me hei de anciar e affligir? Oh razão indigna de um pae «(perdoe-me o sancto rei)» e muito mais indigna de um coração como o de David! Porque me hei de affligir, se já não tem remedio? Antes, porque não tem remedio, vos deveis affligir mais. Para as perdas que teem remedio, se fez a diligencia; para as que não teem remedio se fez a dor. Quem chora o bem perdido, que se póde remediar com a dor, ama a seu allivio: quem chora o bem perdido, que com nenhuma dor se póde remediar, ama a sua dor; e esta é a dor verdadeira e fina.

Mas não foi tal a de David pela morte do primeiro filho que teve de Bersabé. 2 *Reg.* 12

Ah Rachel, que só vós soubestes doer-vos com fineza verdadeiramente heroica! Morreram ás mãos de Herodes os filhos de

O pranto de Rachel na prophecia de Jeremias. *Matth.* 2

Rachel, isto é os innocentes de Belem, aonde ella tinha a sua sepultura. Introduz o propheta Jeremias a triste mãe lamentando a sua morte com prantos e clamores, a que respondiam com lastimosos echos os montes: *Vox in Rama audita est, ploratus et ululatus multus: Rachael plorans filios suos.* E que circumstancias ponderou n'este pranto de Rachel aquelle grande mestre de dores e prantos? Ouvi o que accrescenta: *Et noluit consolari quia non sunt.* Chorava, diz, incessantemente, e ainda que via que a causa da sua dor era sem remedio, como o não tem a morte; nem por isso admittiu jámais consolação, nem quiz consolar-se: *Et noluit consolari Quia non sunt.* Quem soubera ponderar dignamente a força d'este *Quia?* Comparae-me este *Quia* de Rachel com aquelle *Nunquid* de David. Pesae bem a differença e quanto vai de pranto a pranto, de dor a dor e de porquê a porquê. Porque se consola David? Porque não tem remedio a morte de seus filhos. Porque se não quer consolar Rachel? Porque não tem remedio a morte de seus filhos. De maneira que pela mesma razão David se consola e Rachel não quer admittir consolação? Pela mesma razão David enxuga as lagrimas e Rachel se condemna a perpetuo pranto? Sim, pela mesma razão: porque aquella dor era grosseira e vulgar; esta era fina e heroica: a dor que não é fina, morre com quem morre: a dor que professa fineza, com quem morre se faz immortal. David na mesma sepultura sepultou seu filho e a sua dor: antes quando sepultou o filho, já a dor estava sepultada. Pelo contrario Rachel quando sepultou aquelles ossos tenros das suas entranhas, na mesma sepultura entrou junctamente todo o seu contentamento, toda a sua alegria, toda a sua consolação, antes a esperança toda e ainda o pensamento de consolar-se jámais: *Et nolui consolari quia non sunt.* Oh palavras dignas de se gravarem em uma pyramide de bronze sobre o marmore d'aquella sepultura, para que fossem lidas de todos os seculos, como epitaphio eterno á immortalidade da dor.

A dor na impossibilidade do remedio é pura dor. Chrysologo.

Assim se dóe, quem vulgar ou finamente se dóe; e estas são as duas imagens, uma morta e outra sempre viva da vulgar e da heroica dor na perda do bem. A dor vulgar chora como David em quanto espera o remedio: a heroica chora como Rachel, porque o não espera: a vulgar com a impossibilidade do remedio se consola; a heroica com a mesma impossibilidade se afina mais. *Amor non suscipit de impossibilitate solatium, nec de difficultate remedium,* disse Chrysologo. E se quereis saber, porque a dor do bem perdido na impossibilidade do remedio se afina mais e totalmente se apura; a razão d'esta subtilissima philosophia é, porque na impossibilidade do remedio se puri-

fica e alimpa a dor da liga e mistura de toda a paixão ou affecto que não é dor. A dor do bem perdido, que suppõi o remedio possivel, vai misturada com a esperança e com o desejo do mesmo bem; e por isso não é dor pura. Porém a dor que conhece o remedio impossivel, como o impossivel se não póde esperar nem desejar, a mesma impossibilidade leva a esperança e o desejo; e tirado o desejo e a esperança fica só a dor pura e limpa. Quem se dóe do bem perdido que se não pode recuperar, não só perdeu o bem, mas junctamente com o bem perdeu tambem o desejo e a esperança; e quem, perdido o bem e perdido o desejo e a esperança do bem, não perde sua dor, este só se dóe pura e heroicamante. Aquillo é amar-se; isto é amar: aquillo é remediar-se; isto é doer-se.

Applica-se a theoria á per do Summo Bem.

IV. Havemos philosophado assás e por ventura demasiado: mas tudo é necessario ao fim e proveito do nosso discurso. O maior e o melhor bem perdido, senhores, é Deus e a graça de Deus, que se perde pelo peccado: mas como Deus perdido e a graça de Deus perdida se recupera pela dor, parece que sobre a perda d'este bem, sendo o maior e summo, não cabe nem tem logar a dor limpa e fina. A dor limpa e fina do bem perdido é doer-se de um tal bem que se não possa remediar com a dor: este póde remediar-se e se remedea com a mesma dor: logo não póde ter logar n'esta perda a dor fina e limpa. Digo que sim, póde e com maior fineza. Ora vede. No peccado ha uma cousa que se pode remediar, outra que não tem remedio. E que duas cousas são estas? Uma é o peccado, outra o haver peccado. O peccado póde remedial-o o peccador com a dor: o haver peccado não o póde remediar com nenhuma dor, nem ainda o justo: porque o peccado póde-o perdoar a Misericordia; o haver peccado não o póde desfazer a Omnipotencia. D'aqui vem que depois de remediado e perdoado o peccado e depois de recuperada pela dor a graça perdida; se comtudo o peccador se dóe não já do peccado, senão de haver peccado, esta dor é a fina, a heroica, a pura e limpa dor do summo Bem perdido. Tudo deixo já provado no meu discurso: o que resta é eleval-o a materia mais alta.

O arrependi- mento de Da vid pelo pecc do commettid com Bersab é modelo de f neza na dor. 1. Reg. 11 Ps. 6

Fallo agora comvosco, ó almas ditosas, que depois de terdes offendido e perdido a Deus, vos tendes reconciliado com elle e depois de perdida a sua graça por mercê e misericordia sua a tendes recuperado; doei-vos e chorae agora aquillo que se não póde remediar com a mesma dor, que é o haver peccado, e melhorae com mais nobre e mais sublime impossivel os exemplos da Magdalena e Rachel; e se não é digna de tão alta imitação aquella dor de David, pouco ha de mim tão mal reputada,

imitae outra do mesmo heroe, que para este poncto só reservou as finezas da sua dor. Peccou David e durou na cegueira de seu peccado quasi um anno inteiro. Convertido finalmente por um sermão do propheta Nathan, disse: *Peccavi;* e o propheta em nome de Deus lhe respondeu: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum.* Eis-aqui David peccador; eis-aqui David arrependido; eis-aqui David perdoado. E que fez depois de tudo isto David? Não se esquecendo jámais d'aquelle mesmo peccado, chorava-o todas as noites e propunha choral-os sempre com rios de lagrimas: *Lacrymis meis stratum meum rigabo.* Os dias, como rei, dava-os aos negocios publicos, as noites, como peccador, ao pranto occulto de seus peccados. Mas como assim, meu David? Que outros peccadores chorem e não cessem jámais de chorar, é muito justo; porque sabem que peccaram, e não sabem se lhes são ou não perdoados seus peccados. Porém vós que tivestes um oraculo divino e infallivel de vosso perdão; vós que sabeis de certo e sois obrigados a crer de fé que Deus vos tem restituido á sua graça; porque chorais tanto? Porque não chorava David o peccado, mas o haver peccado: o peccado não, porque já estava remediado com a dor, com o perdão e com a graça: o haver peccado, sim; porque nem com a dor, nem com o perdão, nem com a graça, nem de alguma outra maneira podia remediar-se. Não chorava a chaga, mas a cicatriz; não a mancha que se tirou, mas a que se não póde tirar: não aquillo que com o peccado perdoado passa, mas aquillo que fica sempre. Este *sempre* chorava elle nas suas lamentações alternadamente a dous córos (musica digna de imitar-se hoje e de que n'ella se trocassem outras): o primeiro coro fazia o «a memoria do» seu peccado: o segundo coro fazia-o «o sentimento» da sua dor. No peccador justificado uma cousa acaba, que é o peccado: outra não acaba jámais e dura sempre, que é o haver peccado: e como David não chorava o peccado, que já não era, senão o haver peccado, que durava sempre: *Peccatum meum contra me est semper;* por isso a este *sempre* do peccado respondia o outro *sempre* da dor: *Et dolor meus in conspectu meo semper.*

A dor ha de ser echo do peccado.

A dor é o echo do peccado: *Peccata nostra responderunt nobis;* disse Isaias. Se o peccador é impenitente, faz a dor o echo no inferno: se é contrito e arrependido, faz o echo no coração. Tal era o coração de David e tal foi sempre depois do seu peccado. Por isso á voz do peccado respondia sempre o echo da dor e a um *sempre* outro *sempre*. E se chorava e devia chorar sempre quem havia peccado uma só vez: que será d'aquel-

les que não choram (pode ser), nem se doem de coração uma só vez, tendo peccado e peccando sempre?

O maior abuso do seculo é o da dor. Chrysostomo. *Hom. 5 ad pop. ant.*

V. Senhóres meus, ou mais ou menos fina dôr ha para todos: já que por nossa desgraça temos feito os peccados, ao menos saibamos desfazel-os: aqui se deve empregar toda a dor e reduzir a esta só tantas outras dores, tão vãs como as suas causas. Entre tanta multidão de abusos, quantos padece hoje o nosso desgraçado seculo, o maior e mais lamentavel é o abuso da dor. As perdas dos bens eternos, que só são dignos de dor e para cujo remedio foi feita a dor, nem se estimam, nem se choram, nem doem: as lagrimas, as queixas, as lamentações sem fim, todas as leva a dor das perdas temporaes, que nem merecem dor, nem se remedeam com ella. Ouvi o maior prégador da Grecia e da Egreja, Chrysostomo: Chora, diz, ó christão, teus peccados, e doe-te só d'aquillo para cujo remedio foi feita a dor. Grande, verdadeira e fortissima razão! Nem a natureza, nem «a graça» fizeram n'este mundo cousa alguma ociosa, inutil e sem fim. E qual é o fim para que Deus fez a dor, que parece tão contraria e tão inimiga da mesma natureza? Pelos effeitos se vê. Nenhum mal se remedea com a dor, senão o peccado: nenhum bem se restaura pela dor senão a graça: logo só para remedio d'este mal e só para restauração d'este bem foi feita a dor. Oh dor! remedio unico do summo mal! Oh dor! preço unico do summo Bem! E que maior dor que vêr os abusos em que te desperdiçam os homens sem utilidade, nem proveito! Este se dóe da sua pobreza, e nem por isso deixa de ser pobre. Aquelle se dóe da sua infermidade, e nem por isso se vê são. Outro, e tantos outros, se doem da má correspondencia dos poderosos, e nem por isso os fazem mais justos ou menos ingratos. Doe-se o amor e o odio; doe-se o desejo e o temor; doe-se a esperança e a desesperação; doe-se a miseria, a fome e o fastio, e a abundancia tambem se doem; doe-se a soberba, doe-se a cubiça, doe-se sobre todas a inveja e não pelos males proprios, senão pelos bens alheios, porque o outro cresce, porque sobe, porque póde, porque manda, e ainda porque vive e porque tarda em lhe vir a morte, genero de dor, que não alcançou a imaginar o pensamento de Chrysostomo, prégando não em Roma, mas em Constantinopla. Estas são as dores do mundo; e não sei se tambem as da cabeça do mundo; menos miseravel por aquillo de que se dóe, que por aquillo de que não se dóe. Que miseria mais miseravel que vêr tantas almas que teem perdido a graça de Deus, doer-se e doer-se de outra cousa que não são os seus peccados?

Conclusão.

Senhores meus, desengano: livrar-se ou escapar-se da dor n'esta vida, é impossivel. Não ha fortuna tão alta ou estado tão feliz, nem ha purpura, nem ha corôa, nem ha tiara, que dentro ou fóra não pague tributo á dor. Que melhor conselho, logo, que reduzir todas as dores a uma só dor, e tantas dores inuteis e vãs e de maior tormento a uma só dor, que n'esta ou na outra vida me livra de todas? Levae este ultimo documento; e sejam epilogo de todo o meu discurso estas duas palavras: Conhecer que a dor é unico remedio do bem perdido, e que «a dor fina e heroica é que não deixeis de doer-vos ainda depois de o ter recuperado».

DISCURSO TERCEIRO *

Elegit quinque limpidissimos lapides de torrente.

1. REG. 17.

3.ª Pedra a vergonha do peccado commettido.

Aonde se recebe o golpe, alli se abre a ferida; e pela mesma porta que abriu a ferida, sái e se derrama o sangue. Não é assim o tiro prodigioso que faz hoje a terceira pedra de David. O golpe recebe-se na testa; a ferida abre-se no coração e o sangue sái ás faces: *Pudor commissi:* a vergonha do peccado commettido. Esta é a materia assignada para esta noite, digna de se prégar com menos luzes, e uma das mais importantes ao nosso miseravel seculo. Os peccados em outro tempo eram commettidos e envergonhavam-se de ser vistos: hoje é côrte e parte de fidalguia ser máu publicamente. Saem os vicios á praça e até se mettem pelos logares sagrados com a cara tão descuberta, como se na rua foram gala e no templo sacrificio. Oh tempos, oh costumes! Contra este monstro baptizado irão atiradas hoje com toda a força que eu poder as minhas razões e as suas affrontas; se umas não bastarem para que sáia convencido, bastarão as outras, para que fique envergonhado. Assim o espera da equidade dos vossos juizos, mais a justiça da causa, que o meu discurso. Ouvi-a.

É effeito natural do peccado. Viu-se nos primeiros paes. *Gen.* 3

II. É certo que a vergonha é effeito natural do peccado. O primeiro peccado do mundo foi o de Adão; e o primeiro effeito d'aquelle peccado foi a vergonha: *Abscondit se.* Comtudo eu não posso deixar de duvidar, se a vergonha é effeito só da natureza ou da natureza junctamente e da Providencia. Favorece este meu pensamento um exemplo não vulgar do mesmo paraiso. Quando Deus condemnou a serpente, disse assim: *Super pectus tuum gradieris, et terram comedes omnibus diebus vitae tuae:* andarás arrastando sobre o teu peito; e te sustentarás de terra todos os dias de tua vida. Maravilhosa e difficultosa sentença! A serpente antes de enganar a Eva não andava arrastando pela terra (que isso quer dizer serpente) e não se sustentava, como

depois, da mesma terra? Sim. Como logo lhe dá Deus por castigo aquillo mesmo que já tinha por natureza? Difficuldade é esta, que tem dado grande trabalho aos maiores expositores do sagrado Texto: porém eu não quero outra exposição, nem outros doutores mais que a experiencia e sentimento dos mesmos que me ouvem. Dizei-me, cortezãos de Roma: E não seria grande castigo a muitos uma sentença que dissesse: O que sois, sereis? Oh quantas esperanças, quantas pretenções e quantas cabeças com o collo mui levantado degolaria uma tal sentença! A Judas se disse por castigo: Faze o que fazes: á serpente se dá por castigo sê o que es... O maior beneficio que Deus fez aos apostolos foi confirmal-os em graça; e o maior castigo que deu aos demonios, foi confirmal-os na natureza. Todos os dons da natureza que tinha Lucifer como anjo, quiz Deus que tivesse como demonio e a que fim? Para que padecesse a sua mesma natureza, para que os seus dons naturaes fossem os seus verdugos, e para que o excesso da sua perfeição fosse maior materia ao seu tormento. Nos homens succede o mesmo. A quantos homens grandes se converteram em instrumento de castigo os dotes mais excellentes da natureza, os quaes como cabellos de Absalão serviam de laços dourados á sua desgraça? De sorte que com aquillo mesmo que Deus tem dado como Creador, póde castigar como Juiz; e o mesmo que é effeito commum da natureza, póde ser particular da Providencia. Assim se houve a Providencia com a serpente e com o homem: á serpente deu a justiça a natureza por castigo; ao homem deu a misericordia a natureza «em» remedio. A vergonha é effeito natural do peccado; e é remedio, como natureza, do peccado a mesma vergonha. Não será necessario ir buscar a prova mais longe, porque no mesmo paraiso a temos.

E[illegible] também que é seu remedio. Tertulliano Apolog. 6 Gen. 2

Quando Deus impoz aos primeiros paes o preceito do pomo vedado accrescentou á lei a pena, estabelecendo que no mesmo dia que comessem, morreriam. Comeu Eva, comeu Adão e não morreram: veio Deus em Pessoa a syndicar a culpa e executar a sentença e ambos ficaram vivos. Pois se a pena da lei não só era que morreriam, senão que morreriam no mesmo dia: *In quacunque die:* porque não morreram? Porque tinha feito antecipadamente a vergonha o que havia de fazer a morte. Ora vede. Os primeiros paes antes de peccar não se envergonhavam: *Erat uterque nudus et non erubescebant.* Logo que peccaram, conheceram a indecencia da sua desnudez e a culpa da sua desobediencia: envergonhados de si e de Deus cobriram-se de folhas e esconderam-se: e como o peccado estava já castigado com a vergonha, não quiz Deus «n'aquelle mesmo dia»

castigal-o com a morte. Alta e ingenhosamente Tertulliano! *Maluit, sanguinem suffundere, quam effundere.* A morte violenta e a vergonha, ambas tiram e derramam o sangue, cada uma ao seu modo: a morte tira sangue das veias e lança-o á terra; isso é *effundere*: a vergonha tira sangue do coração e fal-o sair á cara; isso é *suffundere*. E satisfaz-se Deus mais d'esta suffusão de sangue, que d'aquella effusão: *Maluit sanguinem suffundere, quam effundere.*

Qual a razão. A vergonha é um quasi baptismo da lei natural.

E se alguem me perguntar, porque antepõi Deus um castigo ao outro, e porque se agrada mais do sangue com que a vergonha tinge as faces, que do sangue que a morte tira das veias; a razão não póde ser outra, senão porque o sangue da vergonha é muito mais nobre e muito mais fidalgo: aquelle é sangue do corpo, este é espirito do sangue; aquelle é sangue animal, este é sangue racional; aquelle é execução da pena e este é confissão da culpa; aquelle é vingança da justiça, este é victima da consciencia; com aquelle castiga Deus ao peccador, com este o peccador se castiga a si mesmo. É verdade que a vergonha é paixão natural: mas como a agua elemental elevada tem virtude de tirar da alma o peccado; assim a vergonha, ainda que natural, elevada póde ter e tem a mesma virtude. Uniram-se ou competiram-se n'este poncto a graça e a natureza: a graça instituiu dous baptismos, um de agua, que é o sacramento, outro de sangue que é o martyrio; e a natureza do mesmo modo instituiu outros dous «quasi» baptismos, um de agua que são as lagrimas, outro de sangue, que é a vergonha. E se queremos comparar este martyrio com o outro, aquelle será mais seguro, este mais nobre; e porque? Porque a morte oppõi-se á vida e a vergonha á honra, mais preciosa e mais amavel que a mesma vida. O soldado antes quer morrer que fugir; porque teme mais a vergonha que a morte: a vergonha mais, porque lhe tira a honra; a morte menos, porque lhe tira a vida. Não é maravilha logo que estime Deus mais a suffusão do sangue, que a effusão: *Maluit suffundere sanguinem, quam effundere.*

A vergonha do peccador a respeito de Deus, dos homens e de si mesmo. Qual a mais heroica.

III. Esta é a efficacia maravilhosa da vergonha sobre o peccado commettido: *Pudor commissi.* O peccado é pae da vergonha; e a vergonha é filha e morte do mesmo pae. Mas qual será na mesma vergonha e sobre o mesmo peccado o poncto mais fino, mais heroico, e, como falla o nosso texto o mais limpo: *Limpidissimos lapides?* Eu o direi. A vergonha que toda é uma paixão ou um affecto respectivo, se divide ou se reduz a tres respeitos: envergonhar-se dos homens, envergonhar-se de Deus, envergonhar-se de si mesmo. A vergonha a respeito dos

homens attende á fama, a respeito de Deus á culpa, a respeito de si mesmo á dignidade propria. Isto supposto, digo que a vergonha mais heroica do christão em quanto christão é envergonhar-se de Deus; e a vergonha mais heroica do homem em quanto homem é envergonhar-se de si mesmo. A terceira parte da divisão que é envergonhar-se dos homens, tem necessidade de maior distincção: em seu logar veremos se póde ser heroica ou não e em que consiste. Começando por esta primeira parte parece que a vergonha do peccado commettido a respeito de Deus não é, nem póde ser heroica; porque o heroico é aquillo que pelo difficil e arduo se levanta sobre o obrar commum da natureza; e como a vergonha é filha natural do peccado e todo o peccado é offensa de Deus, envergonhar-se do mesmo Deus offendido parece que é cousa natural e ainda necessaria e de nenhuma maneira ardua nem heroica. Torno a dizer que sim; e a razão é, porque a vergonha natural nasce da vista reciproca e se forma entre olhos e olhos; entre os olhos do que vê e os olhos do que é visto. Nós não vemos a Deus; e ainda que Deus nos veja, comtudo não vemos que nos vê; e que um homem não vendo a Deus, nem vendo que é visto de Deus, ainda assim se envergonhe de Deus, como se a vista de uma e outra parte fosse reciproca, este é o acto mais heroico da vergonha christã.

Como se envergonhou S. Pedro. S. Lourenço Justiniano. *Luc.* 22

Negou Pedro a primeira vez, e não se envergonhou do seu peccado: nega a segunda, e não se envergonha: nega finalmente a terceira, e no mesmo poncto foi tal sua vergonha, que cobrindo o rosto com o manto (como diz o texto original de S. Marcos), corrido foi sepultar-se debaixo da terra em uma cova «desfeito em pranto». Notavel mudança de affectos, sem mudança nem differença na causa! Se Pedro não se tinha envergonhado de negar a seu Mestre uma e outra vez; porque agora se envergonha com uma demonstração tão subita e tão extranha? Por ventura por ser já a terceira negação? Não: antes ao contrario; porque o primeiro peccado vence a vergonha, o segundo a dissimula e ao terceiro já se perde de todo. Qual foi logo a occasião de envergonhar-se agora Pedro e não antes? O mesmo texto o diz: *Conversus Dominus respexit Petrum.* Passava n'aquelle tempo Christo para ser presentado deante do pontifice da synagoga; e voltando os olhos para o pontifice eleito da sua Egreja, olhou para Pedro; e viu Pedro que seu Mestre olhava para elle; e ao mesmo poncto que os olhos de Christo e os olhos de Pedro se encontraram, se seguiu a vergonha. *Exivit foras*, diz S. Lourenço Justiniano, *non valens mentis suae ferre pudorem.* A mente de Pedro foi a causa effi-

ciente da vergonha; a materia precedente, as negações; os instrumentos, os olhos de um e outro; e a ultima disposição, a vista reciproca. Em quanto Pedro não viu nem foi visto de Christo quem havia negado uma, duas e tres vezes, não se envergonhou; e que me envergonhe eu de offender a Deus que não vejo nem posso ver que me vê, esta é a vergonha mais heroica a que póde chegar um homem fiel. E senão vejamos o que fazem ou o que faziam os infieis.

Porque uns pagãos adoravam por Deus o sol e outros a lua. S. Cyrillo Jerosolymitano Ps. 138

Os primeiros deuses da gentilidade, isto é, os primeiros idolos do mundo, foram o sol e a lua. Porém andando o tempo, diz S. Cyrillo Jerosolymitano, que esta superstição se dividiu em duas seitas: uma que deixando a veneração da lua adorava somente o sol; outra que deixando o sol, adorava só a lua. E qual vos parece que póde ser o motivo d'esta divisão, supposto que aquelles homens faziam os deuses á sua vontade e cada um por sua eleição e a seu modo? O mesmo sancto o diz e foi uma politica notavel: Estes homens queriam ter Deus e queriam junctamente peccar; e como lhes parecia cousa durissima ver e ser vistos do seu Deus e offendel-o no mesmo tempo; que fizeram? Dividiram os tempos e os deuses; e aquelles que adoravam o sol, peccavam de noite; e os outros que adoravam a lua, peccavam de dia. De maneira que em quanto ao seu parecer viam e eram vistos do seu Deus, não se atreviam a offendel-o; porém depois que se punha e ausentava o sol ou a lua e já não viam nem eram vistos d'aquelle que estimavam e adoravam por Deus, então deposta totalmente a vergonha peccavam livremente ou de noite contra o sol, ou de dia contra a lua. Contra a cegueira d'estes homens argumentava o propheta quando disse: *Sicut tenebrae ejus, ita et lumen ejus*: que o verdadeiro Deus tanto se vê de dia como de noite. Porém ainda que nós o creamos assim, não o vemos assim: tão invisivel é aos nossos olhos Deus e a vista de Deus, como o sol de noite e a lua de dia. Privada, pois, e destituida a fé d'estes dous instrumentos naturaes da vergonha, assim como é facil e ordinario não se envergonharem os homens de offender a um Deus que não vem, e ainda que são vistos d'elle não vêem que são vistos, assim é acto mais heroico da mesma fé, que debaixo de uma e outra escuridade dos olhos humanos, comtudo se envergonhe o homem de offender a Deus ou tel-o affendido: aquillo é não peccar como gentio; isto é ter peccado como christão.

Confissão do Filho Prodigo.

Christão era ou em realidade ou em parabola, aquelle perdido mancebo, vulgarmente chamado o Filho prodigo; o qual envergonhado emfim do seu peccado, disse: *Pater, peccavi in coelum et coram te; jam non sum dignus vocari filius tuus*. Grande di-

zer, mas difficultoso! Que se envergonhe o prodigo de que sendo o seu nascimento tão illustre, tivesse chegado pelos caminhos da sensualidade a tão indigno e vil estado *Ut pasceret porcos*, razão tem e mais que razão de envergonhar-se. Porém que o mesmo prodigo assim envergonhado do seu peccado diga que peccou em presença de seu pae, *Coram te*, não o intendo. Se elle estava tão longe de seu pae como diz o Texto: *Profectus est in regionem longiquam;* se estava em um logar e em uma região tão remota, que nem elle podia ver a seu pae, nem seu pae o podia ver; como diz que tinha peccado em sua presença? Isto foi o mais fino e o mais heroico da vergonha do prodigo; não ver, nem ser visto de seu pae e comtudo envergonhar-se de tel-o offendido, como se o vira e fôra visto d'elle. Quem é o pae, quem é o prodigo e qual é a região remota? O pae é Deus, o prodigo é o peccador, a região remota é este mundo, em que não podemos ver a Deus, nem tambem vemos que elle nos vê. E que sendo invisivel Deus e a vista de Deus tambem invisivel, o peccador se envergonhe de offendel-o, como se a vista de uma e outra parte fôra reciproca; este é o poncto mais fino e mais heroico a que póde chegar a vergonha christã. Mas passemos de christão ao homem, isto é, de envergonhar-se de Deus a envergonhar-se de si mesmo.

Heroismo de quem se envergonha de si mesmo

IV. N'esta consideração ponha-se de parte a fé e o mundo todo; e fique o homem só. Pergunto: N'este estado e n'esta solidão poderá um homem envergonhar-se de si mesmo? Se for homem de espirito heroico, sim. Se não houvesse outro homem no mundo, nem por impossivel houvesse Deus, ainda o homem heroico se envergonharia de si mesmo. Mais claro. Se os atheus fossem homens, um atheu em um deserto se envergonharia de fazer um peccado. Este é o heroico envergonhar-se de si mesmo. E porque havemos posto de parte a fé, não quero para primeira prova d'este poncto auctoridade de fé, nem sentença de homem que tivesse fé. Ouvi um gentio.

Auctoridade de Seneca.

Escrevendo de Roma ao seu Lucilio o vosso e nosso Seneca, e ensinando-lhe a distinguir e conhecer em si mesmo o grau heroico da virtude, dá-lhe esta regra: *Cum tantum profeceris, ut sit etiam tibi tui reverentia, cum te effeceris eum, coram quo peccare non audeas.* Não se podia dizer nem mais nem melhor: Lucilio meu, se queres conhecer o teu aproveitamento na virtude, mede-a pela vergonha do vicio; porém não fóra, senão dentro de ti mesmo. Envergonhar-se dos homens e perder reputação com elles, é vergonha vulgar, o que não argúi virtude, senão ambição; envergonhar-se de si e perder reputação comsigo mesmo, esta é a vergonha heroica: assim que, então

terás chegado ao summo grau da generosidade humana, quando chegares a estado que te respeites e te reverenceies a ti mesmo; E quando te fizeres e fores tal que não te atrevas a peccar deante de ti: *Cum te effeceris eum, coram quo peccare non audeas*. Notae muito aquelle *coram*. David fallando com Deus, dizia: *Malum coram te feci*, o prodigo fallando com seu pae, dizia: *Peccavi coram te*. E este gentio, não respeitando a Deus, porque o não conhecia; nem aos homens, porque não fazia caso d'elles; quando houve de ensinar a um homem a heroica vergonha do peccado diz: *Coram quo peccare non audeas*. Oh grande façanha da dignidade e generosidade humana! A vergonha a respeito dos homens é filha da fama e da honra; a vergonha a respeito de Deus é filha da culpa e do temor; a vergonha a respeito de si mesmo é filha unica da razão.

E outra maior da eschola de Christo. *Luc.* 10

Eu não sei se por ventura Seneca n'aquelle tempo em que se communicava por cartas com S. Paulo, apprendeu este documento da eschola de Christo: porém sei que o mesmo Christo o practicou com seus discipulos com uma differença notavel. Fez o Divino mestre na sua eschola duas eleições ou duas classes, uma dos doze apostolos, outra dos septenta e dous discipulos; e enviou-os «em diversas epochas» todos a prégar: mas como? «Quando enviou os discipulos, enviou-os» de dous em dous: *Misit illos binos* «quando enviou os apostolos, enviou-os» um a um: um á Asia, um á America, um a Ethiopia, um á India e assim os demais. E porque aos apostolos sós e os discipulos não sós senão acompanhados? Porque os apostolos no tempo em que foram enviados, eram já homens de heroica e consummada virtude; os discipulos, em seu tempo não. Quem tem chegado a grau heroico e consummado de perfeição leva em si e comsigo mesmo o respeito, a reverencia e o seguro das suas acções. Quem não tem chegado áquelle grau, não leva este seguro em si e comsigo, senão nos olhos e ao testimunho do companheiro: é como cego, que para não cair se ajuda dos olhos alheios: aquelle faz obras dignas de si, porque se vê; este, porque é visto: aquelle, porque se respeita e reverencia a si mesmo; este, porque teme e se envergonha do outro.

Caso notavel da historia de Gedeão.

Tempo houve em que eu cuidava que Gedeão era «por disposição de natureza» um grande heroe: depois mudei em parte este conceito por um caso digno de particular reflexão. N'aquella noite tão celebrada na qual com tão pouco numero de homens e desarmados desfez Gedeão os exercitos innumeraveis dos madianitas, antes de se dar a batalha lhe fallou Deus e lhe disse estas palavras: Gedeão, é tempo de que tu em pessoa vás a reconhe-

cer os arraiaes do inimigo e tão de perto, que possas ouvir e intender o que practicam entre si os soldados: mas se tens medo, leva comtigo o teu creado Phara: *Sin autem ire formidas, descendat tecum Phara puer tuus.* E que importava levar Gedeão em sua companhia um creado para defendel-o? Não contra tanta multidão, antes para o segredo e silencio n'aquelle furto militar e para não fazer rumor, nem ser sentido era mais do caso que Jedeão fosse só. Porque, logo, lhe diz Deus, que leve comsigo aquelle creado? Porque a acção era difficultosa e de grande risco e que requeria um grande valor; e se Jedeão, como ia de noite, fosse tambem só, não tendo de quem envergonhar-se por ventura tornaria atraz e não chegaria ao posto. Leve logo comsigo uma testimunha que o possa ser ou do seu valor, ou da sua fraqueza; para que não falte, nem á obrigação do seu officio, nem ao decoro de sua pessoa. E que fez Gedeão? Reconheceu o perigo, confessou o temor, levou o creado e portou-se como devia. Quantas vezes, senhores, aquella fraqueza que se esconde do publico e ainda se occulta á familia (se é que se póde occultar nada a tantos Argos domesticos); quantas vezes, digo, se fia o segredo de um creado? Se vos não envergonhais de vós mesmos, envergonhae-vos ao menos, como Jedeão, de que saiba o creado a vossa fraqueza. Quem fia de um creado a sua honra ou perde a honra, ou se faz escravo do creado. Se Gedeão fiara o seu temor de Phara e elle o não callasse; que se diria ao outro dia nos corrilhos dos soldados? E se guardasse o segredo, quão sujeito lhe ficaria Gedeão sempre, porque callasse sempre? Grande prudencia foi logo vencer aquelle temor com este temor, aquelle perigo com este perigo; e temer antes os olhos do creado, e não commetter a fraqueza, que haver de temer a sua lingua depois de commettida.

Não se mostra o grande capitão heroe como podia ser. Theodoreto. *Epist. ad Rom.*

Porém ainda que a acção de Gedeão foi prudente e honrada, nem por isso, como dizia, teve nada de heroica; e porque? Porque envergonhar-se heroicamente de commetter uma fraqueza, ha de ser por «amor ou» reverencia de si mesmo e não por temor ou respeito de outro. Quem se envergonha do creado mais que de si, estima-se menos que ao creado. Então seria heroico o brio de Gedeão, quando não quizesse acceitar a companhia de Phara, nem de algum outro; e elle só e de noite fosse; só e de noite chegasse ao posto; só e de noite reconhecesse, examinasse tudo; e se temesse naturalmente, como confessou que temia, só e de noite vencesse o seu temor e o seu perigo, não por não perder a reputação com outro, senão por envergonhar-se de si. *Homo etiam in solitudine ac tenebris de*

suis malefactis erubescit, conscientia ipsum accusante, diz Theodoreto. Como a solidão não aparta ao homem de si, nem as trevas o encobrem ou escondem a si mesmo, solitario e ás escuras se envergonha de si quem é homem. O maior theatro da natureza racional não é o mundo, é a propria consciencia: não ha de fazer Gedeão o que não deve, porque vai acompanhado de Phara, senão porque é Gedeão. Levar-me a mim commigo, ha de ser mais seguro fiador das minhas obrigações; e não por outro respeito, senão porque são minhas. Valente, generoso, desprezador dos perigos, honrado emfim, não porque sou visto, senão porque sou eu, basta que eu me veja. N'isto consiste o fino e o heroico da vergonha de si mesmo; porque formando-se a vergonha, como temos mostrado, entre os olhos do que vê e os olhos do que é visto, que bastem os olhos proprios, sem concurso nem encontro dos alheios para formar em mim e de mim a mesma vergonha, não ha duvida que é fineza do pundonor humano verdadeiramente heroica.

A historia de David ensina de que modo póde um homem envergonhar-se heroicamente de si mesmo. 2 *Reg.* 11

E se me perguntar algum philosopho, como póde fazer-se tudo isto dentro dos mesmos olhos e de si para comsigo, digo que multiplicando-se o homem e dividindo-se de si mesmo. Não é imaginação senão Escriptura Sagrada: *Statuam te contra faciem tuam*. Para que te envergonhes de ti mesmo, diz Deus, eu te porei a ti defronte de ti. Tu de uma parte e tu de outra: tu dentro e tu fóra de ti; tu vendo e tu sendo visto; tu o juiz e tu o réo das tuas acções; e porque ellas são tão indignas de ti, tu te envergonharás de ti mesmo. Quiz Nathão que David se envergonhasse do seu peccado e que fez? Dividiu a David de si mesmo e poz a David deante de David. Contou-lhe o caso do poderoso, que havia roubado ao pobre a unica ovelhinha: accendeu-se o rei em zelo de justiça contra o auctor de tão enorme delicto: disse-lhe então o propheta: *Tu es ille vir:* vós sois este homem mau; e no mesmo instante David, confuso e envergonhado de si, reconheceu o seu peccado: *Peccavi Domino*. De maneira que o mesmo David, que primeiro não via, nem se envergonhava da deformidade e publicidade do seu peccado, dividido de si e posto deante de si, se viu e se envergonhou de si mesmo. Por isso dizia elle: *Verecundia mea contra me est:* não dentro, senão fóra: não em mim, senão defronte de mim, está a causa da minha confusão e vergonha; porque como estou «na consideração de mim mesmo» dividi de mim, de cá me vejo e de lá sou visto; e da parte onde sou visto, que é defronte de mim, d'alli vem e reflecte sobre mim a vergonha: *Verecundia mea contra me est*.

O envergonhar-se heroicamente do peccado a respeito dos homens, em Roma não é possivel; em outras cidades sim.

IV. Declarada já a vergonha heroica do peccado a respeito

de si mesmo, para complemento da materia e da divisão que temos proposto, resta saber, se a respeito dos homens póde haver tambem vergonha heroica. Respondo com distincção: em Roma, não; nas outras cidades e nas outras côrtes do mundo, sim. E por que razão? Porque em uma cidade toda sancta, como é Roma, aonde os exemplos de todo o genero de virtudes são tantos, tão excellentes e tão publicos, naturalmente se envergonha o vicio de apparecer. Porém em outras cidades e côrtes do seculo corrupto, aonde o costume dos vicios se fez lei e os mesmos vicios canonizados pela multidão (e tambem por aquelles que não são multidão) já não causam escandalo aos homens, antes lhes serve de regra e de exemplo; se ainda assim em taes logares e em tal gente um homem se envergonhasse de seus vicios, esta vergonha seria heroica.

Prova-se com a Escriptura. Os. 10 Job. 14

No dia de juizo será tal a vergonha e confusão dos condemnados, que pedirão por partido o inferno. Oseas em nome de todos: *Dicent montibus: Cadite super nos; et collibus: Operite nos*. E Job em nome de cada um: *Quis mihi hoc tribuat ut in inferno protegas me et abscondas, donec pertranseat furor tuus?* E por que causa vos parece que será tão intoleravel a vergonha e confusão dos condemnados n'aquelle dia? Não só porque se verão a si mesmos e os seus peccados, que sempre se vêem, mas porque se verão a si vendo junctamente e tendo deante dos seus olhos os justos e os sanctos. O mau em presença do bom, ainda que seja um condemnado, se envergonha; e assim será no valle de Josaphat. Porém no inferno aonde todos são maus, nenhum se envergonha dos outros. Porque ha de envergonhar-se um demonio, aonde todos são demonios, e um condemnado aonde todos são condemnados? O mesmo passa nas cidades, nas republicas, nas côrtes, de costumes e vida corrupta, que são os infernos cá de cima. Onde a ambição e a sêde insaciavel de crescer e subir, é instituto e profissão publica; quem se envergonhará de ser ambicioso? Aonde a cubiça, a avareza, e o acquirir sobre acquirir, seja licito ou illicito, se tem por fortuna e se inveja; quem se envergonhará de ser avaro? Aonde a maior arte é o engano, a dissimulação prudencia, a mentira e a lisonja merecimento; quem se envergonhará de mentir? Por isso em uma cidade e em um povo cheio de taes vicios, se comtudo houver alguem que se envergonhe de ser cumplice n'elles, esse homem não só será homem de vergonha, mas de vergonha heroica.

D'aqui se seguiu o temor de Isaias na côrte de Ozias. Isai. 6

Eu o busquei em toda a Escriptura e não achei outro senão Isaias: *Vae mihi quia tacui: quia vir pollutus labiis ego sum et in medio populi polluta labia habentis ego habito*. Ai de mim,

diz Isaias, que tenho a lingua impura e vivo no meio de um povo que tambem a tem impura. Notavel reflexão! N'aquelle tempo, como n'este, o vicio mais commum da côrte ecclesiastica do povo de Deus, era a adulação e lisonja: não só não se condemnavam os costumes corruptissimos dos grandes; mas como se fossem virtudes, eram louvados: compunham-se poemas á soberba, panegyricos á cubiça, hymnos á ambição; e ainda que Isaias em todo o mais era homem mui recto, tinha-se deixado levar um pouco da corrente; e que em particular (como nota S. Jeronymo) havia dissimulado com el-rei Osias, não o reprehendendo como devera por querer confundir a jurisdição temporal com a ecclesiastica, a tiara com a corôa. Esta era a causa por que se envergonhava Isaias de si mesmo, e lamentava dizendo: *Vae mihi, quia tacui, quia vir pollutus labiis ego sum*: Ai de mim, que calei e profanei a minha lingua e sou homem de bocca impura.

A grande corrupção da côrte o fazia envergonhar de ter dissimulado com ella. *Vide Corn. h. l.*

Mas porque accrescenta o propheta que este mesmo vicio de ter a bocca impura era commum a todo o povo de Jerusalem, aonde elle habitava: *Et in medio populi polluta labia habentis habito?* Por ventura para escusar o seu peccado com a multidão e com a corrupção do mesmo vicio universal então em toda côrte? Esta é nas côrtes a escusa ordinaria e o véo coroado com que se cobrem muitos vicios, ainda d'aquelles que teem o officio e obrigação de Isaias. Se perguntarmos ao cortezão e ainda ao ministro, porque calla o que deve dizer; porque falla contra o que intende; porque louva o que reprova; porque agradece o que offende; porque gasta o que não tem; porque sustenta o que não póde; porque paga o que não deve, e o que deve não paga; responde que faz e vive como os demais, e que na côrte não se póde viver de outra maneira. Diremos, pois, que Isaias se escusava do mesmo modo, como se dissera: Confesso que *vir pollutus labiis ego sum;* confesso que não fallei com a liberdade, com a verdade, com a pureza que devia: mas como podia eu dizer outra cousa, *si in medio populi polluta labia habentis ego habito?* E se este é o estylo e linguagem de Jerusalem; e se no povo, onde vivo, todos fallam ou callam d'esta sorte, não é culpa minha; é vicio do tempo e da côrte. Por certo assim o podia dizer Isaias, e este seria o seu pensamento, se não fôra Isaias. Porém elle dizia: *Vae mihi! Vae mihi!* não se escusava com a multidão, antes por isso se accusava mais; não allegava a corrupção da côrte por pretexto á escusa; mas por motivo á vergonha. Por que todos fazem assim, por isso não devia eu ser como todos: porque eu vivo no meio de um povo de bocca corrupta, por isso a minha devia

ser incorrupta e incorruptivel: não devia eu viver em Jerusalem como jerosolymitano; senão entre os jerosolymitanos como Isaias. Mas porque eu em Jerusalem e no meio dos jerosolymitanos me portei, não como excepção de todos, mas como um d'elles, por isso me envergonho e me lamento: *Vae mihi quia vir pollutus labiis ego sum et in medio populi polluta labia habentis ego habito*. Oh varão verdadeiramente heroico! Viver no meio de um povo de bocca corrupta, e envergonhar-se de ter o mesmo vicio, isto é o heroico da vergonha.

A vergonha se perde na similhança dos costumes, como se viu nos dous velhos de Susanna. *Dan.* 13

Assim se envergonhava dos homens do seu tempo e do seu povo, aquelle grande homem Isaias, verdadeiramente heroe da sua e de todas as edades; e a razão de ser heroico este raro modo de envergonhar-se é, porque a vergonha se conserva na differença dos costumes e se perde na similhança; e quando ella não se perde, antes se conserva e permanece no seu maior perigo, então se afina e levanta de poncto e sobe ao grau de heroica. Aquelles dous senadores de Babylonia, vulgarmente chamados velhos de Susanna, diz o Texto sagrado, que ambos andavam feridos da mesma dor; porém que se envergonhavam de declarar-se entre si, porque nenhum sabia a infermidade do outro: *Erant ambo vulnerati amore ejus; nec indicaverunt vicissim dolorem suum: erubescebant enim indicare sibi concupiscentiam suam*. De maneira que em quanto cada um d'elles julgava que o outro era qual devia ser, esta differença estimada conservava entre os dous a vergonha. E como vieram finalmente a perdel-a? O mesmo Texto o diz referindo o caso ou o enredo, mais para fingido em outros annos, que para imaginado n'aquelles. Saíam ambos os velhos do senado, que era em casa de Susanna: viram que ella á mesma hora tinha entrado no jardim: despede-se um do outro, com intenção cada qual de tornar logo só, para lograr a opportunidade da occasião; e que lhes succedeu? Que como se tinham encontrado com os pensamentos, assim se encontraram com as pessoas; acharam-se junctos sem o cuidar no mesmo posto; e logo tirada a mascara se declararam; e como eram cumplices no desejo, se uniram a sel-o no delicto. Pois se um e o outro eram tão maus antes como agora; porque antes se envergonhavam e agora não? Porque antes se julgavam differentes e agora se conheceram similhantes: antes, ainda que um e outro era máu, um ao outro se tinha por bom. Porém depois que pela correspondencia d'aquelle accidente se conheceram infermos da mesma loucura, a vergonha, que se conservava na opinião de cada um, se perdeu no conhecimento de ambos. Como a vergonha vulgar não é outra cousa que o temor de perder o credito ou a confusão de o ter perdido; e o

vicioso não perde o credito com o vicioso pela similhança, com o virtuoso sim pela differença, esta differença é a que sustenta a vergonha e aquella similhança a que a destroe: assim lhes aconteceu aos dous ministros de Babylonia, ao principio recatados e vergonhosos, porque se imaginavam differentes, e no fim tão sem vergonha, porque se conheceram similhantes. Logo se tanto póde a similhança do mesmo vicio de um homem a outro, que será de um homem a uma cidade inteira e mais a uma côrte? Perdido, pois, o descredito do vicio, antes accreditado o mesmo vicio pelo exemplo commum de todos os homens, que ainda assim se envergonhe um homem de ser vicioso com os demais; e que o mesmo vicio, que tem perdida a vergonha, cause vergonha; esta é a victoria mais illustre da formosura da virtude contra a fealdade do vicio; e a vergonha mais heroica de homem a homens.

Por isso é heroica a vergonha do vicio onde este tem credito
Gen. 6

Vós, pois, que por graça de Deus viveis n'esta sancta cidade, aonde o vicio deslumbrado de todas as partes com tantos resplendores de virtude, é força que naturalmente se envergonhe e se esconda e fuja como as trevas da luz, contentae-vos com a vergonha heroica a respeito de Deus e de si mesmo. A vergonha a respeito dos homens, que tambem póde ser heroica, fique toda para os extrangeiros: a estes rogo eu e protesto que quando voltarem para as suas patrias, se por desgraça acharem n'ellas o que se vê em tantas, isto é, a pureza dos costumes corrupta e os vicios pelo mesmo costume ou sem má reputação, ou, o que é peior, com credito e auctoridade, se lembrem que nem por isso devem compor ou descompor as suas vidas ao espelho e ao exemplo dos mais: mas antes envergonhar-se por isso mesmo de ser similhantes a elles. Se achardes que a vossa patria é como Hus, vivei como Job; se como Chaldéa, vivei como Abrahão; se como Egypto, vivei como José; e se finalmente passando pelo mundo, o virdes todo tão corrupto como em tempo do diluvio: *Quando omnis caro corruperat viam suam;* vivei com a singularidade constante e inexpugnavel de Noé: *Vir justus atque perfectus in generationibus suis.*

A vergonha, diz a Egreja, ha de *ter* a cor da aurora e não do crepusculo

V. E para acabar com algum documento universal e que sirva a todos, levae todos para casa este conselho breve, não meu, senão de nossa mãe a Sancta Egreja: *Pudor sit ut diluculum, crepusculum meus nesciat.* Duas vezes no dia se mostra corado o céu, uma de manhã á aurora, outra ao crepusculo da tarde; e porque o mostrar-se corado e phrase e metaphora propria de envergonhar-se, por isso o usa aqui a Egreja com maior propriedade e elegancia ainda na sua lingua, isto é, na latina, que na nossa. Diz, pois, a Egreja que a cor que a vergonha do pec-

cado pozer na cara, ha de ser como a da aurora, não como a do crepusculo: *Pudor sit ut diluculum, crepusculum mens nesciat.* Não sei se intendeis todos o mysterio. Tão bello, tão ardente, tão fino, tão filho do sol é o purpureo do crepusculo, como o da aurora. Porque, logo, ha de ser o corado da vergonha como o da aurora e não como o do crepusculo? Porque o purpureo ou vergonhoso da aurora vai das trevas á luz; o do crepusculo vai da luz ás trevas. Tal ha de ser a vergonha christã: que seja do mal para o bem e não do bem para o mal. Em tempo de Sancto Agostinho havia moços tão perdidos, e elle era um d'elles, que não só tinham vergonha da virtude, porém corriam-se e envergonhavam-se de não ser tão maus como os mais perversos e de que houvesse outros peiores. Oh prouvera ao céu que só n'aquelle tempo e na Africa fosse visto o horror d'estes crepusculos!

O não envergonhar-se do Evangelho. Rom. 1 Luc. 9 Eph. 5 Joan. 3

A Roma e aos romanos escrevia S. Paulo, quando disse: *Promptum est et vobis qui Romae estis evangelizare: non enim erubesco evangelium:* tambem estou, diz, apparelhado a ir prégar-vos a vós que estais em Roma: porque não me envergonho do Evangelho, que hoje é a gloria de Roma christã, então era vergonha na Roma gentia. Veja, porém, a mesma Roma, se se acharão ainda hoje n'ella alguns vestigios ou cores d'aquella vergonha e se póde dizer com o seu apostolo: *Non erubesco evangelium.* Que ensina o Evangelho? O Evangelho ensina pobreza; e quem ha que se não envergonhe de ser pobre? O Evangelho ensina perdão de aggravos e esquecimentos de injurias; e quem ha que se não envergonhe de se não vingar? O Evangelho ensina desprezo do mundo e total rinuncia de suas pompas e vaidades; e quem ha que se não envergonhe de não igualar á grandeza o luzimento do mais vão? Isto não é envergonhar-se do Evangelho? Não é envergonhar-se de ser christão? Não é envergonhar-se de Christo pobre, de Christo humilde, de Christo injuriado, affrontado, crucificado? O mesmo Christo o confessa e não sem vergonha: *Qui me erubuerit et meos sermones, hunc Filius hominis erubescet:* Vós vos envergonhais de mim; e eu me envergonharei de vós; porque quando o Evangelho é vergonha para o christão, o christão é vergonha para Christo. Como se não ha de envergonhar Christo de um christão, que professando a sua lei, se envergonha das virtudes que prégou e louvou, e não se envergonha dos vicios que elle condemnou e amaldiçoou? Por isso a Egreja nos ensina, como nos havemos e não havemos de envergonhar: envergonharmo-nos com a aurora para passar das trevas á luz: *Eratis aliquando tenebrae, nunc autem lux in Domino;* e não nos envergonhar-

mos como o crepusculo para passar da luz ás trevas: *Dilexerunt homines magis tenebras quam lucem.*

Quem se resolve a pecc. ao menos se em secreto

Mas porque a practica d'este conselho ou desejo da Egreja não tem facil execução; e da fraqueza humana se póde com maior certeza temer o contrario, em tal caso com licença sua me atrevo a aconselhar a todos que, já que não imitam a aurora em fugir as trevas e crescer sempre a maior luz, ao menos façam em parte como o crepusculo, que quando vira as costas á luz, se esconde e se sepulta nas trevas. Se te resolves a peccar, ó christão, seja ao menos em secreto; esconde e sepulta o teu peccado, para que ninguem o saiba: porque a mesma vergonha com que o escondes aos olhos dos homens te alcançará misericordia nos olhos de Deus. O confessar o peccado depois de commettido e escondel-o quando se commette, quasi correm parelhas em ordem ao remedio do peccado. É a vergonha como um oitavo sacramento, ou verdadeiramente uma ampliação maravilhosa do quarto; porque se o sacramento da penitencia tira a culpa, o quasi sacramento da vergonha suspende a pena. Vêde se é poncto de importancia para o tempo presente, e se o provo.

Textos notav de Jeremias Isaias. *Jerem.* 6 *Isai.* 3

Ameaça Deus pelo propheta Jeremias a ruina de Jerusalem e o desterro e o exterminio de todos os seus cidadãos: mas por que causa? Não só pelos gravissimos peccados d'aquella ingrata republica, senão porque peccando não se envergonhavam, diz o mesmo propheta: *Confusi sunt, quia abominationem fecerunt; quin imo non sunt confusi et erubescere nescierunt; idcirco cadent inter corruentes in tempore visitationis.* Chove Deus fogo sobre as cinco cidades da infame Sodoma; não ficando dos homens e das pedras mais que as cinzas; e ainda que não era necessaria mais causa, nem tanta, para tão extraordinario castigo, accrescenta Isaias, que não só foi, porque peccaram tão abominavelmente, senão porque não occultaram nem esconderam o seu peccado: *Peccatum suum sicut Sodoma praedicaverunt, nec absconderunt.* De maneira que quando Deus executa, ou quer executar castigos, attende a sua justiça a duas cousas: a primeira para a sentença á multidão e graveza dos peccados; a segunda para a execução á publicidade ou segredo com que foram commettidos: porque se os peccados são graves e publicos, executa o castigo; porém se são secretos, ainda que gravissimos, suspende a sentença. Por isso os dous prophetas sobre os dous peccados de Jerusalem e Sodoma accrescentam a publicidade com que se não envergonhavam d'elles nem os escondiam: supposto um e outro n'esta condição que se aquelles homens se envergonhassem de suas maldades e as escon-

dessem, ainda que Deus por isso não lhes perdoasse a culpa, ao menos suspenderia a pena. Parece que se envergonha Deus de executar o castigo quando o homem se envergonha de commetter o peccado; e se buscarmos a razão d'esta limitação da divina justiça ou d'esta ampliação da sua misericordia, que a mim me parece verdadeira e mui conforme ás suas mesmas leis, é porque Deus instituiu a confissão do peccado em remedio do peccado; e quem peccando se envergonha do seu peccado e o esconde, ainda que não confesse o peccado, confessa que é peccado; e basta esta meia confissão, para alcançar meia absolvição. A confissão inteira da penitencia tira a culpa, a meia confissão da vergonha suspende a pena; nem é grande maravilha que Deus pela vergonha do peccado sem confissão suspenda o castigo temporal, quando pela vergonha do peccado na confissão commuta a pena eterna.

Conclusão.

Senhores meus (fallo com toda Italia); quando são verdadeiros os discursos, não são necessarios prodigios. Mas quando os prodigios e tão formidaveis concordam com os discursos, não temer os avisos e ameaças do céu, não só é faltar á razão, senão tambem á fé. O primeiro remedio de evitar os castigos é tirar os peccados: o ultimo escondel-os. Se vos não envergonhais para não peccar, ao menos peccae com a vergonha.

Nota do Compilador. Este sermão é dos mais genuinos da Compilação e mui appropriado para servir de modelo em tudo e principalmente na arte com que acata o seu nobilissimo auditorio, em quanto lhe préga as mais duras verdades.

DISCURSO QUARTO **

Elegit quinque limpidissimos lapides de torrente.
1. Reg. 17.

O tiro mais terrivel da funda de David o temor do castigo.

Se alguma vez foi terrivel, se alguma vez formidavel e espantosa a funda de David, nunca de maior terror, nunca de maior horror e espanto que no tiro que faz hoje, e o estalo é um trovão, a pedra um raio. O estalo é tão horrendo e temeroso que só ouvido faz desmaiar e tremer ao maior gigante: a pedra é tão dura e tão forte, que ainda que a testa esteja armada de aço e de diamante, a romperá sem resistencia e a penetrará até o cerebro. E qual será a ferida tão profunda e tão extranha que em logar de tirar o sangue para fóra o retira e recolhe todo ao coração? Este é o effeito natural do temor; e este o argumento terrivel que haveis de ouvir n'esta hora: *Timor supplicii*: o temor do castigo.

Como é que o temor do inferno pode haver heroismo

Porém este argumento direis, senhores, como se póde concordar com o meu? O meu argumento, como prometti ao principio e tenho mostrado até agora, deve ser heroico; e se é «do temor do inferno como o será?» A pedra de hoje, direis, será dura e durissima; porém limpa e limpissima, *limpidissimos lapides*, d'esta vez não. Parece-vos que todo o inferno mettido em um lambique afogueado não poderá destillar uma quinta essencia de temor que seja heroico? Eu cuido que sim. Os theologos dividem as penas do inferno em pena de sentido, que é o fogo e em pena de damno, que é a privação da vista de Deus. Mas quando eu entro com o pensamento nas entranhas mais intimas do mesmo inferno, considero cá de fóra e a respeito de nós um tormento e uma materia de temor mais sensivel que toda a pena de sentido e mais ponderavel que toda a pena de damno. E que nova e inaudita pena é esta? Fogo e eterno, não ver a Deus e para sempre, podem admittir sobre si outro excesso de pena? Não são estas aquellas duas columnas de fogo e de nuvem, uma de fogo que eternamonte arde, outra de nu-

vem que eternamente cega? Como póde logo haver algum temor tão heroico, tão generoso, tão alto, que sobre estas duas columnas se atreva a escrever *Non plus ultra?* Isto é o que eu pretendo mostrar hoje. Ouvi o meu sentimento; e espero que ha de concordar com o vosso.

Ser Deus eternamente offendido no inferno. *Is.* 138

II. Senhores meus, eu temo como todos, as penas do inferno: porém o que me faz maior horror (deixae-me fallar assim) não é o que no inferno padecem os homens, é o que no inferno padece Deus. Que Deus por sua immensidade não só esteja no céu senão tambem no inferno, todos o sabeis e credes: *Si ascendero in coelum tu illic es: si descendero infernum ades.* Porém que no inferno tambem Deus padeça, de modo que Deus póde padecer? Sim. Deus não póde padecer como sujeito de penas; porém póde padecer, isto é, ser offendido como objecto de injurias. E que padece Deus por este modo no inferno? Cousa espantosa! Os condemnados padecem no inferno tudo aquillo a que Deus os condemna; e Deus padece no inferno aquillo a que não póde condemnar os condemnados. Deus manda ao meu coração que o ame, á minha lingua que o louve. Porém não póde mandar ao meu coração que o abhorreça, nem a minha lingua que o blaspheme; e este é o exercicio continuo de todos os condemnados, abhorrecer eternamente e blasphemar eternamente de Deus. E que eu, eu com este meu coração haja de abhorrecer eternamente a Deus! E que eu, com esta minha lingua haja de blasphemar eternamente de Deus! Deus eternamente abhorrecido! Deus eternamente blasphemado! Este é o maior horror do inferno; este é o objecto mais terrivel e mais tremendo que se deve temer n'aquelle supplicio.

Esta é a desordem do inferno. *Job.* 10

Tendo considerado Job os mais efficazes motivos do temor do inferno, conclúi, que o mais horrivel de todos é não haver alli nenhuma ordem: *Ubi nullus ordo, sed sempiternus horror.* Bella definição, se não padecera duas grandes difficuldades: a primeira, medir o horror do inferno não pelo fogo, nem pela privação de Deus, senão pela desordem: a segunda, suppor e dizer expressamente que no inferno não ha ordem: *Ubi nullus ordo.*

No mais ha no inferno summa ordem Santo Agostinho, Emisseno.

Começando por esta ultima, é theologia certa, que no inferno não só ha ordem, senão summa ordem: assim o diz Sancto Agostinho e o prova maravilhosamente: *Damnatus ibi est; et ita est ubi esse et quomodo esse, ordinatissimum est:* O condemnado alli está, e assim está, aonde e como é summa ordem que esteja. Aonde está o condemnado? No inferno. E como está no inferno? Ardendo em vivas chammas. Logo aquelle logar é ordenado e ordenadissimo; porque está o condemnado aonde e como deve estar. Assim discorre Sancto Agostinho; e ao

livro sexto da Musica; aonde mostra que esta ordem ordenadissima é uma grande harmonia do universo, concertada por Deus mesmo no inferno: porque assim como a culpa sem castigo é a maior dissonancia, assim o castigo juncto com a culpa é a maior harmonia. Boa doutrina para aquelles que fazem o compasso na republica. Logo se no inferno ha ordem e summa ordem, como diz Job, que no inferno não ha ordem: *Ubi nullus ordo?* Para apertar mais a duvida e mostrar mais claramente o modo e «disposição» d'esta ordem, ouçamos a Eusebio Emisseno, o qual com profundo juizo chamou ao fogo do inferno, fogo racional: Aquelle fogo, diz, não causal, senão racional das penas do inferno, porque é instituido para inquirir a culpa, não póde consumir a subsistencia. Grandes palavras! Imitem os principes a Deus em moderar o poder aos instrumentos de sua justiça. Os instrumentos da justiça punitiva hão de ser como o fogo do inferno, o qual póde inquirir a culpa e não póde consumir a subsistencia. Mas porque diz Emisseno que o fogo penal do inferno não é causal, senão racional? Porque esta é a admiravel differença d'aquelle fogo ao nosso. O nosso fogo é causal; porque como causa natural obra e queima sem distincção com toda a força e actividade da natureza. Porém o fogo do inferno é fogo racional, porque nem obra, nem queima segundo a actividade e força da sua natureza, senão como instrumento da suprema razão da divina justiça, medindo sempre a pena com a culpa, conforme a regra rectissima da mesma razão.

Por isso o fogo do inferno differe do terrestre.

O fogo da terra sem respeito ao merecimento ou á culpa tanto queima um martyr, como um hereje; tanto uma egreja, como uma mesquita; tanto o incenso consagrado a Deus, como o offerecido ao idolo. Porém o fogo do inferno primeiramente como o da fornalha de Babylonia respeita, reverencia, e não chega aos sanctos; e se queima e atormenta aos maus, é moderando ou extendendo a efficacia do seu ardor segundo o merecimento de cada um. Ao gentio menos, perdoando a ignorancia; ao christão mais, em consideração da fé; e ao ecclesiastico e religioso muito mais, pela obrigação do seu estado e profissão; e até entre os mesmos demonios tanto mais abraza aquelle fogo a Lucifer, quanto maior e mais culpavel foi o seu delicto, como de cabeça de rebellião e dogmatista de apostasia. Póde haver maior ordem? Prouvera a Deus que fosse tão bem governado e tão bem ordenado o mundo como o inferno. Como logo diz Job que no inferno não ha ordem: *Ubi nullus ordo?*

Quão grande é no inferno a desordem de offender a Deus. S Maximo.

Já é tempo de responder a esta grande duvida, não examinada nem resoluta bastantemente até agora; e a solução não é

outra, senão o que eu dizia. Tudo o que se obra e padece no inferno ou o faz Deus ou os condemnados: o que faz Deus é ordenadissimo: o que fazem os condemnados é summa desordem. Que faz Deus nos infernos? A sua justiça decreta as penas, a sua misericordia as modera, a sua sabedoria as distribúi e a sua omnipotencia as executa; e com tal ordem, proporção e medida, que de todas ellas junctas, ainda que tão horriveis e espantosas, resulta no mesmo inferno uma consonancia e harmonia pouco menos que celestial e verdadeiramente divina. *Consonam poenam gehennae ignis constituit Deus unicuique*, diz S. Maximo, e não era necessario que elle nem outro o dissesse. Pelo contrario que fazem os condemdados no mesmo inferno? Não se póde dizer nem imaginar a desordem, a confusão e dissonancia horrendissima d'aquelle chaos, concorde só no tumulto perturbadissimo dos affectos e paixões com o estrondo confusissimo dos bramidos e alaridos tremendos, com que d'aquella multidão immensa de linguas sacrilegas é incessantemente blasphemado o céu; arde o odio, morde-se a inveja, escuma a ira, raiva a dor, e desaffoga-se sem nunca desaffogar-se «bastantemente» a vingança em injurias, em opprobrios, em maldições contra o sempre mais e mais odiado Deus. De todos os attributos e de todos os beneficios divinos se ouve alli em desentoados clamores a sua affronta: a justiça se chama injusta, a bondade iniqua, a sabedoria ignorante e até a omnipotencia fraca e covarde, como empregada só contra maniatados e miseraveis. No Padre se blasphema a creação, no Filho a redempção, no Espirito Sancto a justificação e a graça, e na Humanidade sacrosancta a humildade, a pobreza, a paciencia, a obediencia, a cruz: e o mesmo sangue de infinito preço, derramado para apagar as chammas do mesmo inferno, as accende, atiça e assopra mais. Esta é a summa dissonancia, a summa confusão e summa desordem que considerava Job; e porque uma tal desordem é propria e natural do inferno e totalmente infernal, concebida e nascida não da justiça de Deus, mas da maldade e protervia dos mesmos condemnados: por isso com egual propriedade e verdade diz Job que no inferno não ha ordem: *Ubi nullus ordo.*

Por esta desordem Job mede o horror do inferno.

III. D'aqui fica já intendida e facil a outra difficuldade da mesma sentença e a proporção e profundo juizo com que Job mediu o horror pela desordem; e d'aquella summa ordem do inferno tirou o summo horror que o faz mais temeroso e horrivel: *Ubi nullus ordo, sempiternus horror.* A razão é manifesta; porque pesada bem a malicia, deformidade e atrocidade sacrilega d'aquella desordem em comparação de todas as outras pe-

nas, tormentos e horrores do inferno; que homem de são intendimento poderá duvidar que ella só é mais horrenda e formidavel e digna excessiva e incomparavelmente ou do maior ou de todo o horror? Que haja eu de arder eternamente no inferno e carecer eternamente da vista de Deus e blasphemar de Deus e maldizer a Deus; isto é o terribilissimo d'aquelle terrivel, e este o inferno do inferno. No coração da terra ha um inferno de fogo, aonde são atormentados eternamente os condemnados; e no coração dos mesmos condemnados ha outro inferno do odio de Deus, onde Deus é eternamente blasphemado e abhorrecido; e este é o inferno do inferno.

Ella é o maior mal do inferno.

E senão comparae entre si estes dous infernos e achareis tanta differença entre um e outro, quanto vai não de um mal a outro maior, senão do maior mal ao bem. O mal d'aquelle inferno é mal de pena, que sendo justo é bem: o mal d'este é mal de culpa e da maior culpa, que é o maior de todos os males. Aquelle inferno serve a Deus e está da parte de Deus; este é rebelde a Deus e faz guerra a Deus. Aquelle inferno é sancto, porque castiga o peccado; este é impio e sacrilego, porque está sempre commettendo o maior de todos os peccados. Aquelle louva e exalta a divina justiça; este infama a justiça e blasphema a misericordia. Aquelle faz mal a quem tem feito mal; este quer mal e diz mal do Auctor de todo o bem. Aquelle executa a pena nos condemnados; este condemna e accusa ao rectissimo Juiz que os condemna. Aquelle persegue a culpa, mas não destroe a natureza; este, sendo a natureza e essencia de Deus eterna e immutavel, a quizera destruir e acabar; e porque não póde, o blasphema. Finalmente, aquelle consiste na pena do sentido e na pena do damno; e este excede infinitamente quando se póde padecer ou perder, ainda que o que se padece seja fogo eterno e o que se perde, a vista de Deus para sempre.

Ouvir blasphemar de seu pae foi o inferno que Christo soffreu na cruz. *Ps.* 17

Ouçamos esta verdade da bocca do mesmo Christo na cruz, que foi a balança mais fiel de todas as penas: *Dolores inferni circumdederunt me, praeoccupaverunt me laquei mortis.* Os laços da morte, diz o Senhor, me prenderam e as dores do inferno me cercaram. Os laços da morte que prenderam a Christo na cruz, foram os cravos, que como laços o tinham pendente e atado de pés e mãos ao duro madeiro, e como laços de morte lhe abriram quatro feridas mortaes, por onde se lhe ia destillando a vida em fios de sangue. Isto é facil de intender. Mas quaes foram as dores e penas do inferno que na cruz cercaram a Christo? É sentimento de graves theologos, entre elles do cardeal Bellarmino, que como Christo padecia na

cruz para pagar pelas penas do inferno merecidas pelo genero humano, quiz tambem elle que alguns dos seus tormentos e dores fossem similhantes, quanto podia ser, ás que no inferno se padecem. Aquella sede ardentissima que interiormente o abrazava e de que se queixava, *sitio*, respondia ao fogo que é a pena do sentido; e aquella ausencia ou retiro do Pae, de quem se viu desamparado; *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* respondia á privação de Deus, que é pena de damno. Diremos, pois, que estas foram as dores do inferno de que falla Christo? A propriedade das palavras não lo permitte; porque expressamente dizem que aquellas dores não só affligiam ao Senhor por dentro, mas o rodeavam e cercavam por fóra: *Dolores inferni circumdederunt me.* Logo que penas e dores do inferno foram aquellas que o rodeavam e cercavam na cruz? O propheta que pronunciou as palavras não o diz: porém disseram-no os evangelistas, que são os melhores interpretes dos prophetas. Todos os evangelistas dizem que juncto da cruz no Calvario estavam os escribas, principes dos sacerdotes e phariseus, os quaes como crueis inimigos de Christo e como impios e sacrilegos blasphemavam sua divindade: *Blasphemabant eum*; e como o Senhor por todas as partes ao redor da cruz via odiado e blasphemado a Deus na sua pessoa, este odio e estas blasphemias eram as dores e penas do inferno que o cercavam e estas que o cercavam as que mais lhe doiam. É verdade que no mesmo tempo, como dissemos, padecia Christo na cruz outras duas penas similhantes ás duas em que se divide e comprehende todo o inferno vulgar, que nós somente estimamos e chamamos inferno. Porém como entre aquellas penas e estas fazia o seu amor e a sua dor a verdadeira estimação e juizo, a pena de ver blasphemado a Deus era tormento excessivamente maior e que mais altamente o affligia; e por isso, fazendo menos caso de todas as outras dores, só as blasphemias dos que o cercavam chamou por antonomasia dores do inferno: *Dolores inferni circumdederunt me.*

Confirma-se com a historia e parabola do rico avarento. *Luc. 16*

É tão certo e o deve ser para comnosco, este heroico juizo, que se as trevas escurissimas do inferno não cegaram totalmente os condemnados e elles tiveram o uso do intendimento e da vontade tão livre e inteira como nós temos, esta pena só de blasphemar a Deus entre todas e sobre todas havia de ser a sua maior dor e tormento. Vamos ao inferno. Sabida é de todos a famosa historia do rico avarento, a practica que teve com Abrahão e as petições que lhe fez sobre o remedio de seus irmãos e seu. Esta é uma das maiores difficuldades que se acham em todo o Testamento novo; porque no inferno, como

ensina a theologia, os miseraveis condemnados pela cegueira do seu intendimento e pela obstinação da sua vontade nem para si nem para outro podem pedir, nem desejar cousa que seja moralmente boa. Como logo se póde verificar que pedisse e desejasse o avarento o seu allivio e muito mais a salvação de seus irmãos? Entre os padres antigos Eutimio e entre os expositores modernos Maldonado dizem que a narração de Christo não foi toda historia, senão parte historia, parte parabola; e esta é a verdadeira intelligencia d'aquelle texto. Que aquelle homem rico e avarento estivesse no inferno, é historia: que desejasse ou dissesse aquillo que se refere, é parabola; e accrescentou Christo para a nossa doutrina ao verdadeiro da historia o verosimil da parabola (como se o mesmo condemnado no mesmo tempo estivesse dentro e fóra do inferno: dentro pelo que padecia e fóra pelo que desejava) não porque effectivamente desejasse ou pedisse taes cousas, senão porque assim o devia fazer se discorresse e obrasse como nós, com perfeita liberdade e uso de razão.

O que elle diz do tormento da lingua tem sentido parabolico.

Isto supposto, é cousa digna de grande reparo, que estando aquelle homem ardendo de pès á cabeça e padecendo não um, senão muitos tormentos, só da lingua se doesse mais e só para lingua desejasse remedio: *Ut refrigeret linguam meam*. Cresce mais esta admiração, porque os peccados de que o vemos accusado, nenhum é particular e proprio da lingua. Se era avarento, padeça mais nas mãos; se duro e sem misericordia, no coração; se demasiadamente delicado e vão em vestir purpuras e hollandas, no tacto e no cerebro. Porque logo se doe mais e se queixa só da sua lingua? «Direis que o introduziu o divino Mestre a queixar-se d'este modo para nos ensinar que no fogo do inferno não ha allivio de alguma sorte; nem sequer o levissimo e imperceptivel de uma gota de agua que da ponta de um dedo se deixasse cair na lingua do condemnado? Assim eu tambem o digo, porque assim é. Mas porque não se provou isto mesmo com outra pena do rico avarento, senão com a da lingua»? Porque com a lingua, como fazem todos os condemnados blasphemava de Deus «e este era o seu maior inferno». Cuspia chammas a sua lingua ao céu e fulminava raios de blasphemias contra Deus; e o ardor furioso e raivoso d'esta chamma era o que mais lhe abrazava e atormentava a mesma lingua: *Ut refrigeret linguam meam, qnia crucior in hac flamma. In hac* n'esta chamma, diz, para distincção das outras chammas do inferno: as outras chammas do inferno queimam e abrazam ao condemnado; as chammas da blasphemia, que saem da bocca do condemnado, intentam, se poderam abrazar e quei-

mar ao mesmo Duus. As outras chammas do inferno, como justas e racionaes, conteem-se nos limites do centro da terra; as chammas da blasphemia, como furiosas e sem freio de lei, nem razão, não só penetram e passam a terra, mas sobresaem e chegam até o céu: *Posuerunt in coelum os suum.*

Já se vê de que modo póde ser heroico o temor do inferno.
Ps. 10
Ibid. 73

IV. Este é, senhores, «segundo o ensino de Christo o inferno dô inferno» e isto o mais fino e heroico do temor das suas penas «e pela mesma razão» o theologo mais angelico e mais sublime das cousas eternas, David, as divide a respeito de nós não já em duas senão em tres partes: *Ignis et sulphur et spiritus procellarum pars calicis eorum.* Falla litteralmente das penas do inferno e diz que o calix dos condemnados é composto e temperado de tres ingredientes: fogo, enxofre e tempestades: o fogo é a pena do sentido; o enxofre, que o faz mais ardente e mais escuro, é a pena de damno, e as tempestades são as blasphemias, as injurias, as maldições que por summo furor, raiva e odio de Deus se fulminam e sobem perpetuamente do inferno ao céu: *Superbia eorum qui te oderunt, ascendit semper,* diz o mesmo David; e o não podia declarar com similhança ou metaphora mais propria que de tempestade. Não só os poetas, mas ainda os prophetas, quando querem descrever a tempestade mais horrivel, dizem que a braveza e furia dos ventos já levantam as ondas ao céu, já as precipitam ao inferno: *Ascendunt usque ad coelos, et descendunt usque ad abyssos.* E isto que nas tempestades do mar não passa de hyperbole, na tempestade do inferno não chega a dizer tudo o que verdadeiramente é: porque os trovões e os raios d'aquella tempestade de blasphemias, injurias e maldições, não só sobem e se levantam desde o inferno até o céu, senão sobre o céu do céu até o mesmo Deus.

Ordem que ha nas penas do inferno.

Comparando, pois, entre si estas tres partes do inferno e o horror com que se deve temer cada uma d'ellas, isto é, a pena do sentido, a pena de damno e a pena da tempestade ou odio e blasphemias contra Deus; assim como a segunda é muito mais terrivel que a primeira, porque sendo o fogo mal finito e Deus bem infinito, muito maior e mais terrivel pena é não ver a Deus que padecer o fogo; assim a terceira excede infinitamente a segunda, não por esta, mas por outra razão mais alta; porque não ver a Deus é pena minha, abhorrecer e blasphemar de Deus é injuria de Deus; e quanta differença ha de mim a Deus, tanta ha do horror de um tormento a outro. Temer o inferno por não ver a Deus, é temel-o por amor de mim: temer o inferno por não blasphemar de Deus, é temel-o por amor de

Deus; e por isso este temor é mais fino e heroico. Pelo seu contrario o vereis claramente.

O contrario do temor é o desejo; e o contrario do temor do inferno é o desejo do céu. Agora pergunto: O desejo fino e heroico do céu em que consiste? Por ventura em desejar ver a Deus? Consiste não em desejar vel-o, senão em desejar louval-o eternamente. E senão adverti o que fazem no mesmo céu os dous famosos seraphins que viu e ouviu Isaias: *Velabant faciem eius et clamabant alter ad alterum*: *Sanctus, Sanctus, Sanctus.* Assistiam sempre ao throno da majestade de Deus; com duas azas cubriam sua divina face e não cessavam jámais de cantar e repetir alternadamente: Sancto, Sancto, Sancto. Pois esta é a fineza dos mais elevados espiritos da suprema jerarchia? Sim, esta é: cubrir os olhos e dizer, Sancto: louvar a Deus sem cessar e cuidar mais dos seus louvores que da sua vista; e como o desejo fino e heroico do céu é desejal-o não para ver senão para louvar a Deus; assim o temor fino e heroico do inferno é temel-o não por não ver Deus, mas pelo não blasphemar. Não vel-o é damno meu; blasphemal-o é injuria sua. E isto é o que teme sobretudo quem limpa e heroicamente teme o inferno. A sua majestade infinitamente lesa, o seu respeito perdido, a sua honra desacatada, a sua bondade abhorrecida, os seus attributos divinos cheios de opprobrios e maldições eternamente, isto é o ultimo assombro e pasmo de horror.

O mais fino temor do inferno prova-se com o mais fino desejo do ceu. *Isai.* 6

Porque cuidais que encarnou e morreu o Filho de Deus? Porque a injuria infinita da honra divina lesa não se podia vingar senão com sangue divino; nem a condemnação do genero humano remir-se com menor preço. Estes foram os dous fins da encarnação do Verbo: mas o primario a vingança; o secundario a redempção. Isaias: *Ecce Dominus adducet ultionem retributionis, ipse veniet et salvabit nos.* Falla expressamente da vingança da honra divina e da redempção do mundo: porém notae a ordem: *Ecce Dominus adducet ultionem retributionis;* eis-aqui a vingança e o primeiro fim: *Ipse veniet et salvabit nos*: eis-aqui a redempção e o fim segundo: porque pesa mais a honra de Deus offendida e a sua vingança, que a condemnação e inferno de todos os homens. Logo se as blasphemias de Deus por si só são maior inferno que o mesmo inferno; que coração haverá com fé e juizo, que não trema de horror e não desmaie de assombro, considerando a Deus blasphemado eternamente? Não é christão nem humano o coração que o não sentir assim.

Fim principal da Encarnação. *Isai.* 6

Ao menos eu creio do meu (se me não engana) que não só se atreveria a padecer no enferno todas as penas dos peccados d'esta vida; mas que a harmonia de vel-os assim justamente

Quão digno é este temor de todo o christão. *Ps.* 18 *Gen.* 42

punidos seria bastante para suspender as mesmas penas. Diria em tal caso (que Deus não permitta): *Justus es, Domine, et rectum judicium tuum*; e prégaria a todas aquellas almas justissimamente condemnadas que ao som dos mesmos tormentos cantassemos junctos: *Merito haec patimur, quia peccavimus.* Até aqui me parece que se conformaria a paciencia com a razão. Porém passando á consequencia mais dura e verdadeiramente intoleravel d'aquelle infeliz estado, isto é, ás blasphemias contra Deus, então desmaiaria toda a força do valor e da constancia; e prostrado o animo e caido no profundo do mesmo inferno, pediria partido ao céu e diria assim: Senhor e Deus ainda meu, se o inferno é logar e instrumento rigoroso da vossa justiça, não vos peço misericordia, não, que a não mereço: o que desejo unicamente é que ao menos este inferno seja por todas as partes justo. Padecer eu no inferno é summa justiça: porque eu mereço ser eternamente atormentado e vós mereceis ser eternamente louvado. Commutae, pois, estas minhas blasphemias em dobradas chammas; de maneira que junctamente padeça e vos louve e assim de uma e outra parte seja justo o inferno: justo de vossa parte, porque eternamente me atormentais; e justo da minha, porque eternamente vos louve. Se este partido, christãos, é possivel, não deixando o inferno de ser inferno, eu o não sei: porém creio que não foi mui dissimilhante ao affecto de Moysés e de S. Paulo, quando parece se offereceram ás penas do inferno; isto é á do sentido e damno: porque a consequencia intrinsecamente má de blasphemar a Deus não a podiam desejar nem consentir, ainda que junctamente com a impunidade de outra pena.

Quem tiver este temor é predestinado.

V. Declarado assim (ainda que não tão bem como eu quizera) o heroico horror do castigo eterno, resta só persuadil-o; e para que a vossa paciencia m'o permitta, eu a quero subornar com uma grande e por ventura não esperada promessa. E qual é? Que um tal temor do inferno tão heroico e tão fino é um grande signal de predestinação e um seguro infallivel da vida eterna. O inferno fez-se para aquelles que o não temem, ou o temem só pelo horror das penas: porém aquelles que temem o inferno pelo horror do odio, das blasphemias e das injurias de Deus, estes espiritos fidalgos, generosos e verdadeiramente christãos, não foram creados para o inferno. Vêde se o provo com tanto fundamento quanto gosto meu.

Por este temor se salvou o summo Sacerdote Eli. 1 Reg. 4

Quem teme o inferno pelas penas do fogo, teme-o por amor de si; quem teme o inferno pelas injurias de Deus, teme-o por amor de Deus; e quem teme o inferno não por amor de Deus, senão por temor de si, vai para o inferno: porém quem teme o

inferno não por amor de si, senão por amor de Deus, não o póde Deus lançar no inferno. Esperava á porta do templo o summo sacerdote Eli o successo da batalha, em que n'aquella occasião se combatiam israelitas e philisteus; quando chegou a triste nova com tres circumstancias terriveis. A primeira, que o exercito de Israel era roto e perdido: a segunda que os dous filhos do mesmo Eli, Ophni e Phinees, ambos ficaram mortos; e até aqui esteve elle animoso e constante sem se turbar um poncto. A terceira, finalmente, que tambem a arca de Deus fôra tomada e estava captiva em poder dos inimigos; e em ouvindo isto Eli, caiu desmaiado e subitamente espirou: *Cumque ille nominasset arcam Dei, cecidit de sella retrorsum et mortuus est.* Tal foi a improvisa morte d'aquelle pontifice; e porque na sua vida nota a Escriptura alguns defeitos não leves a respeito do governo ecclesiastico, disputam os interpretes se se salvou ou não. Muitos teem para si que se condemnou, e fundam o seu parecer nas culpas do mesmo Eli, verdadeiramente graves; porém S. Jeronymo, S. Gregorio Magno, S. Chrysostomo, Ruperto Carthusiano, Caetano, Abulense e outros defendem que se salvou Eli, ainda que commetteu aquelles peccados e porque? Pelo que succedeu na sua morte. Não vêdes, dizem, que sabendo Eli a perda do exercito e morte de seus filhos não se turbou; e em ouvindo o captiveiro da arca, foi tão excessiva a dor, que caiu morto? Pois homem que sente mais a injuria de Deus, que os dous maiores golpes da natureza, não podia deixar Deus de salval-o: *Qui ergo sine arca Dei vivere non poterat, quomodo sine Deo ipsius arcae morèretur*? Assim conclùi com os padres e doutores allegados o mais diligente commentador dos livros dos Reis, Mendoça. O mesmo digo eu no nosso caso. Quem teme de tal maneira o inferno que lhe fazem mais horror as blasphemias e injurias de Deus, que todas as outras penas, que são tormentos proprios, não pode o mesmo Deus não o livrar do inferno. Temer assim é acto de contrição; e quem vive e morre assim contrito, não pode deixar de salvar-se.

E salvou-se o bom ladrão. *Luc. 24*

Ouvida já a razão; ouvi agora o effeito. A promessa do céu mais expressa e mais canonica de quantas Christo fez a nenhum homem particular foi aquella do bom Ladrão, o qual em toda a sua vida tinha tão merecido o inferno como o outro seu companheiro. Ainda assim lhe diz Christo: *Hodie mecum eris in paradiso:* hoje estarás commigo no paraiso. Pois a um ladrão, a um malfeitor, a um justiçado e enforcado por seus delictos, tão geral absolvição, tão plena indulgencia! Por que merecimento? Doutissimamente e com grande advertencia Origenes:

Orig. hom. 35 in Matth.

Ad eum qui increpaverat blasphemantem dixit: Hodie mecum eris in paradiso. Se quereis intender a consequencia reparae nas premissas. Que fez o bom Ladrão? Antes de dizer: *Domine, memento mei* e antes de tractar da sua salvação, ouvindo que o companheiro blasphemava, voltou-se contra elle, defendeu a honra de Christo: *Unus ex his qui pendebant latronibus blasphemabat; respondens autem alter increpabat eum.* E um homem que posto em uma cruz e em meio de seus tormentos e o que é mais, em perigo de sua condemnação eterna, o que mais sente, o que mais lhe doe e o que lhe faz maior horror, não são as penas que padece, nem as que póde padecer, senão o ouvir blasphemar de Deus, este homem é predestinado, este homem não se póde perder; e ainda que seja um grande peccador, alcançará sem duvida uma indulgencia plenaria: *Ad eum qui increpaverat blasphemantem dixit: Hodie mecum eris in paradiso.*

Conclusão.

VI. Isto, isto é, ó almas fieis, isto é, ó espiritos heroicos e generosos, o que deveis sentir e o que maior horror vos deve fazer em todo o inferno. Sintamos e temamos assim; e este mesmo sentimento e temor seja em nós uma firme esperança de nossa salvação. Firme; porque firmemente nos resolveremos a não offender a Deus n'esta vida, pelo não blasphemar na outra; e firme porque este é o mais firme e o mais forte escudo contra todas as tentações. Os padres antigos ensinaram por efficacissimo remedio contra as tentações, que todas as vezes que alguem se visse sentado, applicasse a mão ou um dedo ao fogo para que provando por experiencia que não podia soffrer um momento aquelle ardor, temesse a eternidade do fogo do inferno e se abstivesse de peccar. Bom conselho; mas eu «a espiritos heroicos» não digo assim. Christãos, quando o demonio, o mundo ou outro inimigo vos tentar, fareis a vossos corações esta pergunta: Atreves-te, «meu coração» a blasphemar eternamente da Sanctissima Trindade? a blasphemar do Padre, a blasphemar do Filho, a blasphemar do Espirito Sancto? atreves-te a blasphemar eternamente de Jesus e seu sangue e de sua Sanctissima Mãe? «Que respondes? «Causa-te esta pergunta o maior horror? Teme, logo, o peccado».

DISCURSO QUINTO **

Elegit quinque limpidissimos lapides de torrente.
1. REG. 17.

Resta já á funda uma só pedra: se esta não faz effeito e emprega o tiro, ficará a cabeça do gigante tão vãa e soberba como de antes; e assim o creio eu. A pedra verdadeiramente é de boa côr; não é esmeralda, mas verde. A primeira foi branca e transparente, qual a pedia o conhecimento de si mesmo: a segunda negra pela dôr do bem perdido: a terceira vermelha, da dôr da vergonha: a quarta da côr do temor, pallida ou amarella; e esta ultima, como dizia, verde da côr da esperança: *Spes aeterni gaudii.* A maior façanha que fizeram os argonautas da minha nação, foi descobrir o Cabo da Boa Esperança. Muito maior e muito mais difficil empresa é hoje a minha; porque é de descobrir o cabo não da boa, nem da melhor esperança da terra, senão da mais fina e da mais heroica do céu; e se foi demasiada a ousadia d'aquelles descobridores em levar as anchoras do Tejo com tão novo e formidavel accomettimento, confesso que maior temeridade tem sido a minha em ter navegado por mar para mim tão novo e tão extranho até lançar a anchora da esperança no Tibre e no logar aonde é mais alto e mais profundo. Esta confissão me servirá de desculpa: dae-me a ultima attenção.

A ultima pedra da funda e o ultimo discurso

II. *Spes aeterni gaudii.* A esperança do gosto e premio eterno; esta é a materia de hoje. Para ser proporcionado o premio ao merecimento e o servir ao gozar, convinha que havendo de ser eterno o gozar fosse «de algum modo» eterno tambem o servir. «Mas qual póde ser esta eternidade? Ora vêde».

A esperança do premio eterno.

O gosto eterno, isto é, a bemaventurança do céu consiste em ver e amar a Deus eternamente: o vêr responde á fé, o amar á caridade e o eternamente digo eu que á esperança. Ouçamos ao nosso David que até o fim nos hão de ajudar os seus impulsos e nunca mais galhardos que hoje: *Inclinavi cor meum*

Por ella o premio proporciona-se com o merecimento. Ps. 113

ad faciendas justificationes tuas in aeternum propter retributionem. Eu, diz o grande rei, inclinei e affeiçoei o meu coração a servir a Deus eternamente pela esperança do premio. Parece que estão trocados os termos e que diz ou suppõi David um impossivel. Nos serviços que fazemos a Deus o premio é eterno e não o servir, que não passa d'esta vida: parece logo que havia de dizer o propheta: Inclinei-me a servir a Deus pelo premio eterno; e não: Inclinei-me a servil-o eternamente pelo premio. Mas se o servir n'esta vida podera ser eterno, era mui boa a proporção do merecimento ao premio: porque ao merecimento de servir eternamente responderia o premio de gozar eternamente. Mas isto é impossivel: porque não póde haver uma eternidade antes e outra depois. Que eternidade era logo esta, em que David havia de servir a Deus eternamente?

Relação que ha entre o servir e o esperar. Gen. 29

«A da fidelidade e firmeza de proposito com que servia a Deus pela esperança dos bens eternos. Era tão firme esta esperança no coração de David e animava-se com ella a servir a Deus com tanta fidelidade, que se foram possiveis duas eternidades, uma de esperança, outra de gozo, servira elle a Deus por toda a eternidade da esperança para lograr a eternidade do gozo. Esta é a energia da palavra *Inclinavi.* Como se dissera o sancto propheta: Bem sei que a minha esperança não se póde extender mais que esta vida mortal, que é um momento comparada com a eternidade; mas quando fôra possivel que se extendesse por seculos sem fim, estaria eu firme, Senhor, na observancia dos vossos mandamentos pela recompensa de estar comvosco: *Inclinavi cor meum ad faciendas justificationes tuas in aeternum propter retributionem.* Este é o verdadeiro sentido das palavras do rei propheta. Ellas, porém, se me não engano, podem ter tambem outro menos hypothetico e não menos verdadeiro.» Quem serve pela esperança do premio serve e espera junctamente, e a mesma duração que no servir é tempo, no esperar é eternidade. Para que vos não pareça impossivel esta philosophia «notae que», a duração, qualquer que seja, tem duas medidas: uma que se mede pela realidade, outra que se mede pela aprehensão. Assim media Jacob o tempo que servia por amor de Rachel, em que o trabalho contava muitos annos e o amor poucos dias: *Videbantur illi pauci dies prae amoris magnitudine.* Se a duração se mede pela realidade é sempre egual e a mesma; porém, se se mede pela apprehensão, n'ella se varía e deseguala de tal sorte, que se é de gosto, o gosto a estreita e faz breve; e se de pena, a pena a dilata e faz larga e tanto mais breve ou mais larga, quanto é maior o gosto ou a pena. Ponde uma ponta do compasso no centro e outra na circumferencia; e ve-

reis que movendo-se ambas no espaço da mesma duração, uma ponta faz um circulo mui breve e quasi imperceptivel, e a outra mui largo e se quizerdes immenso. O mesmo succede na apprehensão, ou do gosto do que se possue, ou do tormento do que se espera. O circulo do gosto, porque se move dentro e com dileite, é brevissimo: o circulo da esperança, porque se move fóra e com tormento, é immenso. Não é logo maravilha incrivel nem que a bemaventurança pelo excesso de gosto abrevie os espaços immensos da eternidade, nem que a esperança pelo excesso da pena extenda immensamente os termos breves do tempo, e que aquelles na apprehensão passem como temporaes e estes durem como eternos. Sendo pois o tormento da esperança tal que do tempo faz «de algum modo, já pela firmeza do proposito, já pela apprehensão, eternidade» justamente se mede e se corresponde o gozar da outra vida com o esperar d'esta, e se paga com o eterno do gosto o eterno da esperança; *Spes aeterni gaudii.*

Qual é a esperança mais perfeita. Jeremias commentado por S. Bernardo. *Serm.* 9 *in ps. Qui habitat.*

III. Composta assim a esperança do eterno gosto e reduzida a proporção a mesma esperança com o gosto e com o eterno «para que o eterno do gosto se possa chamar como o chama o Apostolo, verdadeira coroa de justiça a respeito do servir», a necessidade do nosso argumento nos chama a outra difficuldade maior: porque sendo o objecto d'esta esperança todo celestial e todo eterno; limpo pelo celestial de tudo o que é terra e limpo outra vez pelo eterno de tudo o que é tempo, parece que não pode limpar-se mais. As esperanças do mundo todas teem muito que purificar e limpar; porque como todas são terrenas e temporaes, por mais que remontem o vôo, sempre vão misturadas com os vapores da terra e turvas com as mudanças do tempo. Porém nós, para não faltarmos ao nosso argumento não havemos de comparar as esperanças da terra entre si, nem a esperança da terra com a esperança do céu; senão que dentro da esperança do céu somos obrigados a buscar o mais puro e o mais limpo; antes do puro acrysolar e tirar o purissimo e do limpo o limpissimo: *Limpidissimos lapides.* Esta é a difficuldade presente e a maior que até agora tivemos, quanto vai da terra ao céu. Comtudo no mesmo céu e a respeito dos mesmos bens celestiaes e eternos, digo que póde haver duas esperanças, ambas puras e limpas; porém uma mais pura, mais limpa ou fina e mais heroica que a outra; isto é uma limpa e outra limpissima. E que duas esperanças são ou podem ser estas? Vamos ao céu. Na bemaventurança do céu (que é o objecto da esperança e como definem os theologos, um aggregado perfeitissimo de todos os bens) não só ha um summo bem in-

finito e increado, que é Deus, senão outros muitos bens creados e sobrenaturaes e quasi divinos, dignissimos por si mesmos de ser desejados e estimados sobre tudo o que não é Deus. E que faz á vista de todos estes bens a esperança? Se ella é só pura e limpa, espera a Deus e junctamente com Deus espera tambem todos aquelles bens: mas se ella é purissima e limpissima aparta e fecha os olhos a todos os outros bens, ainda que celestiaes, sobrenaturaes e quasi divinos e olha e espera só a Deus. Esta é a esperança do céu fina e heroica: na mesma bemaventurança não querer nem esperar de Deus mais que a Deus. O propheta Jeremias fallando da esperança em Deus, diz assim: *Bonus est Dominus sperantibus in eum, animae quaerenti illum*: bom é Deus para os que esperam n'elle e para a alma que o busca. N'estas palavras distingue o propheta dous modos ou gráus de esperança e faz grande differença de esperar em Deus e buscar Deus. Quem esperando em Deus quer ou deseja mais que a Deus, espera em Deus, mas não busca a Deus. Porém quem esperando em Deus não quer nem deseja de Deus outro bem mais que a Deus, este só busca Deus. E para que vejais que este modo de esperar é o fino, o heroico e o singular da esperança, ouvi o reparo de S. Bernardo. Nota elle e manda notar, que quando o propheta propõi o primeiro modo de esperança, falla em plural e de muitos: *Sperantibus in eum*: mas quando distingue o segundo modo, falla em singular de uma alma só: *Animae quaerenti illum. Ipsam numeri discretionem prudenter adverte. Sperantes pluraliter: Quaerentem eum singulariter.* E porque varia o propheta o numero e passa da multidão á unidade, quando distingue uma esperança da outra? Porque esperar em Deus e querer de Deus outra cousa que não seja Deus, esperar em Deus e buscar em Deus não só a Deus senão a si mesmo, esta esperança é vulgar e de muitos. Mas esperar em Deus e não querer de Deus mais que a Deus; esperar em Deus e não se buscar a si nem outro bem, senão ao mesmo Deus, essa é a esperança fina e heroica e por isso tão rara e singular, que apenas se acha no mundo uma alma que espere tão pura e limpamente. Excellentemente Bernardo: *Quod singularis sit puritatis, singularis perfectionis non solum nil sperare nisi ab eo, sed nil quaerere nisi eum.* Disse o propheta Alma e não Almas, disse Uma e não Muitas, callou o plural e poz o singular; porque não buscar em Deus mais que a Deus, nem esperar do Summo Bem outro bem que o Summo é a graça singular, a perfeição singular, a pureza e limpeza singular da esperança; e a alma que assim esperar, será singular e unica como phenix: *Animae quarenti illum.* E porque não seja sin-

gular este testimunho, ainda que maior que toda a excepção, qualifiquemos o *singulariter* de Bernardo com outro *singulariter* de David: *Singulariter in spe constituisti me.* Eu, diz o mais allumiado e mais humilde de todos os prophetas, em outros dons de Deus serei inferior a muitos e ainda a todos; porém na virtude da esperanca, o Senhor me tem levantado e constituido em gráu tão alto e tão sublime, que entre todos me faz singular.

Ps. 4

E qual foi? saibamos a singularidade da esperança de David. Por ventura foi singular David na esperança, porque sendo tão valente capitão, não punha a esperanca na sua lança, nem na sua espada, senão em Deus: *Non enim in arcu meo sperabo, et gladius meus salvabit me?* Por ventura, porque sendo tão sancto e conhecendo que o era, não se promettia a salvação pela sua innocencia, senão pela sua esperança: *Custodi animam meam quia sanctus sum, salvum fac servum tuum, Deus meus, sperantem in te?* Por ventura, porque sendo perseguido de dous reis, um, grande inimigo, porque era competidor, o outro, maior inimigo, porque era filho, já mais temeu o seu odio, nem o seu poder; porque esperava em Deus mais poderoso: *In Deo speravi, non timebo quid faciat mihi homo?* Por ventura, porque fundando-se a esperança na palavra e promessas divinas, a sua esperança passava adeante e sobre o que Deus lhe tinha promettido, ainda esperava mais: *In verba tua supersperavi?* Por ventura finalmente, porque começando a esperança em Deus, quando começou a viver: *Tu es spes mea ab uberibus matris meae*; ainda depois da morte e da sepultura esperava: *Insuper et caro mea requiescet in spe?* Grandes actos de esperança e verdadeiramente heroicos foram estes de David: mas nem por isso singulares; porque ainda que junctos se não achem em ninguem, divididos se acham em outros. O primeiro em Judas Machabeo, o segundo em Ezechias, o terceiro em Daniel, o quarto em Moysés, o ultimo em Job. Qual é logo essa singularidade pela qual diz David que foi singularmente sublime na esperança: *Singulariter in spe constituisti me?* Antes que elle o diga, o direi eu. Foi sublimado singularmente na esperança David, porque depois de subir por todos os gráus da esperança que temos visto, chegou a esperar tão pura e limpamente, que nem na terra, nem no céu esperava de Deus mais que a Deus. Agora diga-o elle mesmo: *Quid mihi est in coelo et a te quid volui super terram, Deus cordis mei et pars mea Deus in aeternum?* A terra, diz David, para mim é nada, o céu outro nada: a terra um nada baixo, o céu um nada alto: porém um e outro, nada. Tudo quanto póde dar ou negar a terra, tudo quanto póde dar

David e outr do velho Testamento assi gualados na esperança

Ps. 48, 85, 5 118, 21, 15, 7

promettee o céu, que é isso para mim? *Quid mihi?* Que ha David por nada a terra e não queira nada da terra, seja em- ; porém não só da terra, senão tambem do céu? Sim. Agora ndereis porque disse Deus d'este grande heroe: *Inveni virum ndum cor meum:* tenho achado um homem feito á medida neu coração. Notae. No principio creou Deus o céu e a terra; ntes do principio houve céu e terra? Não; e antes de ha- céu e terra estava o coração de Deus tão contente e era o mo Deus tão feliz como depois de haver céu e terra? Sim: contente e tão feliz Deus com céu e terra, como sem céu terra. Pois eis-aqui porque o coração de David era como o ação de Deus: *Quid mihi est in coelo et a te quid volui super am?* Ao meu contentamento e á minha felicidade, nenhuma sa póde tirar ou accrescentar, nem toda a terra nem todo o ; e porque? Pela mesma razão em Deus e em David: em s, porque Deus tinha toda a sua felicidade em si mesmo; m David, porque David tinha toda a sua felicidade em Deus. é razão minha, senão sua: *Deus cordis mei et pars mea Deus aeternum.* Nem para o tempo na terra, nem para a eternidade no céu, quer o meu coração outra cousa senão a Deus; e não a Deus em quanto Deus da terra e céu, senão em quanto Deus do meu coração: *Deus cordis mei:* porque se o meu coração é similhante ao seu, assim como Deus sem terra nem céu tem toda a sua felicidade; assim eu sem nada da terra nem do céu, tenho toda a minha; elle, porque eternamente tem tudo em si, eu, porque eternamente terei tudo n'elle: *Et pars mea Deus in aeternum.*

Qual ha de ser a nossa.

Eis-aqui, senhores, como ha de ser o nosso coração, se queremos esperar fina e heroicamente: ha de ser o nosso coração para com Deus, como o coração de Deus para comnosco. Que quer ou espera Deus de nós? Nenhuma cousa, senão a nós mesmos: *Te et non tua*, diz Sancto Agostinho: *Te et non tua*, diz S. Gregorio: logo se Deus não quer de mim mais que a mim, eu não devo querer de Deus mais que a elle. Assim como os que se combatem ou desafiam, medem as espadas; assim nós, se queremos obrar generosamente, havemos de medir com Deus os corações; elle de uma parte com a sua soberania e eu da outra com a minha esperança: este sim, que foi o maior duello de David e não o outro do gigante. Entraram como em estacada de uma parte a esperança de David e da outra a soberania de Deus; combatendo-se como de corpo a corpo, de generosidade a generosidade e de independencia a independencia. O cartel d'este desafio é o principio do psalmo decimo quinto: *Conserva me Domine, quoniam speravi in te*; eis-aqui a esperança de

David: *Dixi Domino: Deus meus es tu*; *quoniam bonorum meorum non eges*; eis-aqui a soberania e independencia de Deus. E porque oppõi ou contrapõi David a sua esperança á soberania de Deus e a sua independencia á independencia divina? Porque isto era o singular e heroico, o limpo e o limpissimo da sua esperança. A soberania de Deus, independente dos bens de David, porque os não ha mister: *Quoniam bonorum meorum non eges:* a esperança de David independente dos bens de Deus, porque espera n'elles: *Quoniam speravi in te*. Como se dissera David: Se Deus não quer os meus bens, porque os não ha mister, eu não hei mister os seus, porque os não quero: a sua soberania é independente dos meus bens, porque tem tudo em si; e a minha esperança é independente dos seus, porque tenho tudo n'elle: aquella é a maior felicidade da sua natureza; esta e a maior fineza da minha esperança.

Qual é a dos romanos.

Bem creio que a esperança romana não fia tão delgado. Mas é necessario que advirta e considere a mesma Roma que este homem chamado David não era ermitão, nem monje, nem ecclesiastico. Era um rei com o sceptro na mão, era um soldado com a espada na cinta, era um mestre de politica tão destro na esgrima, que na sua edade podera pôr eschola á nossa; e sendo um homem que parecia tanto do mundo, tinha debaixo de um pé todo o globo da terra, debaixo do outro toda a esphera do céu: *Quid mihi est in coelo et a te quid volui super terram?* E os olhos da sua esperança fitos sem pestanejar só em Deus: *Deus cordis mei et pars mea Deus in aeternum.*

Responde-se a uma objecção.

III. Porém vejo que me estão dizendo: E que mal fará querer ou ter a Deus e junctamente com Deus tambem as outras cousas, não cousas más, senão boas? A Escriptura está cheia d'estes exemplos. Que mal fará ter a Deus, não digo com cem mil cruzados de renda, senão com todas as minas de Ophir, como tinha Salomão? Que mal ter a Deus e quarenta milhas de terra cobertas de gados e lavouras, e mais de trezentos criados como tinha Abrahão? Que mal ter a Deus no coração e na cabeça uma tiara com o dominio esperitual e uma coroa com o temporal, como tinha Melchisedech? Que mal, finalmente ter a Deus e uma vara omnipotente na mão com que confundir e revolver o mundo, como tinha Moysés? Tudo isto ou parte d'isto (se vos contentais com parte) que mal fará junctamente com Deus?

A esperança não é affecto interesseiro?

Primeiramente, senhores, eu não acho estes exemplos no evangelho que nós professamos: todos são da lei velha, quando Deus pagava de contado com os bens da terra, porque estavam fechadas as portas do céu. Mas ainda que todos estes bens e

quaesquer outros fossem do céu e nós os desejassemos não por si sós, senão junctamente com Deus, ainda assim faziam grande damno á fineza da esperança, e arguiriam menos estimação da sua pureza. Prova-se esta verdade pela mesma razão que parece a contradiz: «allegando que» toda a esperança de sua natureza é affecto interesseiro; e tanto mais interesseiro, quanto mais fina; porque attende ao maior interesse. Logo, maior, mais interesseira e mais fina esperança é a que aspira junctamente a Deus e aos outros bens do céu, que a que se contenta só com Deus. Porque ainda que Deus seja o summo bem e incomparavelmente maior que todos, os outros bens do céu tambem são bens e grandes bens e mui dignos de ser appetecidos e estimados. Logo mais interesseira e maior esperança é a que deseja todos estes bens junctamente com Deus, que a que deseja só a Deus sem elles.

Posto que o seja, buscar só a Deus é maior interesse que buscar a Deus junctamente com outros bens

Torno a dizer que não e pela mesma razão. Mais interesseira é e maior interesse busca a esperança que não quer mais que a Deus, que a que aspirava a Deus e junctamente a todos os outros bens, ainda que sejam do céu; e porque? Porque a respeito de nós e de nossos affectos, quem não deseja mais que a Deus, deseja mais; e quem deseja mais que a Deus, deseja menos. Perguntam os theologos qual é maior bem, se Deus só, ou Deus junctamente com todos os bens creados. Ponde de uma parte a Deus só e da outra todos os bens da terra e do céu junctamente com o mesmo Deus; qual é maior bem? Resolve Sancto Thomás, que tão grande bem é Deus só, como Deus junctamente com todos os bens creados; e assim é, absolutamente fallando. Porém a respeito de nós e do nosso affecto, maior bem é Deus só que Deus junctamente com todos os bens creados. Antes digo que basta qualquer bem da terra ou do céu, se o ajunctamos com Deus, para que Deus a respeito de nós seja menor bem.

Razão d'esta verdade.

Sancto Agostinho disse que quem ama outra cousa com Deus, ama menos a Deus: *Minus te amat, qui tecum aliquid amat;* e podera accrescentar o mesmo Agostinho que quem ama outra cousa com Deus, não só ama menos a Deus, senão que ama menos de Deus: porque quanto a nossa vontade ama e deseja de outros bens, tanto se tira de Deus, e tanto se diminúi e tira de Deus, e tanto se diminúi e perde do summo Bem. Notae. Todos estes bens creados, ainda que sejam sobrenaturaes e do céu, são inferiores a Deus; e se nós os amamos por si mesmos, são superiores a nós; e quanto estes bens se mettem entre Deus e nós, tanto nos eclipsam e tiram do summo Bem. A terra porque se mette entre nós e a lua, eclipsa á lua: a

lua, porque se mette entre nós e o sol, eclipsa ao sol: assim passa na esperança. Os bens da terra eclipsam ao Summo Bem, como a terra á lua: os bens do céu eclipsam ao Summo Bem, como a lua ao sol; e assim como o sol não fica eclipsado ou diminuto em si, senão a respeito de nós, assim o Summo Bem não padece eclipse ou falta alguma em si mesmo, senão a respeito dos olhos da nossa esperança e vontade; a qual tanto perde de Deus e do Summo Bem, quanto attende a outros bens, ainda que sejam do céu. Ouçamos ao maior doutor da eschola do mesmo céu.

Exemplo de S. Paulo. Rom. 8

S. Paulo, como tão ardente amante ou namorado de Deus quiz uma vèz sustentar em publico as suas finezas e escreveu aquelle breve e bravo cartel: *Quis nos separabit a charitate Christi?* E aonde o fixou? No meio da terra, nas portas do inferno e nas do céu. Assim o diz elle mesmo em muitas palavras e o resumiu em poucas o seu grande commentador Chrysostomo: *In coelo, in terra, sub terra.* No inferno, que isto quer dizer *profundum*, desafiou os demonios com todo o seu poder, tentações, astucias e ciladas: na terra a todos os homens armados de ferro, de odio, de crueldade, de tormentos, de morte, e ainda da mesma vida, talvez mais insofrivel que a morte: *Neque mors, neque vita:* no céu aos anjos, os principados, as podestades e todo o alto e sublime que lá se goza e de cá se espera: *Certus sum, quia neque angeli, neque principatus, neque virtudes, neque altitudo, neque creatura aliqua poterit nos separare a charitate Dei.* Aqui é o meu reparo. Que supponha Paulo que o inferno e os demonios com suas suggestões e astucias possam quebrar as lanças com elle e contrariar as finezas de seu amor, bem está. Que supponha o mesmo da terra e dos homens ou com as vaidades e delicias da vida, ou com os tormentos e horrores da morte, tambem. Porém os anjos, os archanjos, os principados, as virtudes e os mesmos bens do céu que elle tinha visto e provado? Aquelles bens purissimos e gloriosissimos: *Quae praeparavit Deus iis qui diligunt illum?* Aquelles bens sobre todos os sentidos e sobre toda a imaginação: *Quod non oculus vidit, nec auris audivit, nec in cor hominum ascendit?* Aquelles bens altissimos e ineffaveis: *Quae non licet homini loqui?* Sim: porque não ha creatura no céu tão celestial, tão angelica, tão seraphica; não ha no céu bem tão sobrenatural, tão espiritual e tão puro, que se se mette entre Deus e nós não separe de Deus alguma cousa do nosso coração, ou não separe o nosso coração alguma cousa de Deus. Os bens do céu por mais celestiaes e sobrenaturaes que sejam, todos são creados: isso quiz advertir o Apostolo quando accres-

centou: *Neque creatura aliqua;* e quantas são as creaturas que amamos junctamente com Deus, tantos são os eclipses que oppomos ao nosso amor e ao mesmo Deus amado; porque tanto nos rouba o nosso affecto e nos tira do summo Bem, quanto se applica e diverte em outros bens.

Como devemos imitar a cautela a prudencia de Josué.

Por isso é necessario que para evitar estes eclipses nos recatemos tambem do mesmo céu; e se me perguntais de que modo; digo que imitando a nossa fineza, a prudencia e cautela de Josué em caso similhante. Mandou Josué ao sol que parasse: obedeceu o sol e parou no mesmo poncto. Porém elle não se contentou com isso: volta-se para a parte opposta e manda junctamente á lua que não se mova: *Sol contra Gabaon ne movearis et luna contra vallem Aialon.* Notavel caso! Que Josué para dar ao céu parte da sua victoria mande fazer alto ao sol, como se fôra um dos seus soldados, bem se intende; porque o sol já então se precipitava ao occaso, e faltando o dia e a luz, debaixo da capa da noite lhe podiam escapar os inimigos e elle não acabar com elles nem proseguir a victoria. Porém se a luz e o dia dependia do sol e ao sol tinha parado e immovel; porque manda tambem á lua que não se mova? Porque temia, como sabio capitão, que lhe podia tirar a lua o mesmo que lhe dava o sol. Se estando parado o sol não parasse junctamente a lua, movendo-se esta podia eclipsal-o: pare pois a lua e fique detrás das costas de Josué para que não haja causa no céu que mettendo-se entre Josué e o sol, lhe possa tirar ou diminuir a luz. Assim deve fazer a nossa vontade, se quer esperar heroicamente em Deus; recatar-se até do céu, voltar as costas a todos aquelles bens do mesmo céu que lhe possam fazer eclipse ao Summo Bem; e querer só a Deus e esperar só a Deus, e nem de Deus nem com Deus outra cousa que Deus.

Documento de S. Bernardo.

IV. Mas porque esta esperança heroica e limpissima é tão singular, como David confessava de si, e tão rara, como Jeremias dizia de todos; passando da esperança ás esperanças e da unidade á multidão, seja o ultimo documento e para todos a primeira parte da sentença de S. Bernardo. Dizia elle: *Non solum nil sperare nisi ab eo, sed nil quaerere nisi eum.* Eu digo que se a nossa esperança não chegar á perfeição de *Nil quaerere nisi eum.* ao menos contenha-se e contente-se com *Nil sperare nisi ab eo.* Se quereis esperar outra cousa que não seja Deus, não a espereis de outro, senão de Deus. Pintae uma nau com as anchoras no céu e uma letra que diga: *Nil sperare nisi ab eo;* e esta seja a empresa das nossas esperanças.

A côrte de Roma excede todas outras nas tentações da esperança.

A vossa côrte, senhores, assim como excede a todas as do

mundo na dignidade, assim as excede incomparavelmente nas tentações da esperança. Nas outras côrtes póde a esperança particular prometter-se um grande logar: o supremo só em Roma. Entre as obras famosas de Jerusalem fabricou Salomão um throno, ao qual subia por degraus cobertos de purpura; no alto estava uma cadeira ou reclinatorio de ouro e ao pé da subida uma imagem da caridade: *Ferculum fecit sibi rex Salomon, reclinatorium aureum, ascensum purpureum media charitate constravit.* Esta mesma fabrica, que desenhou em figuras Salomão, passou em realidade Christo da Jerusalem velha para a nova; senão é que a phantasia dos pintores lhe tem mudado a imagem: via-se lá a da caridade, aqui ha da esperança. Como a purpura é a escada do reclinatorio, ningnem desconfia tanto da sua esperança, que não lhe pareça póde aspirar e subir ao reclinatorio. Nas outras côrtes não é assim: em Babylonia, côrte da Assiria poderá prometter a esperança a purpura de Daniel, mas não a cadeira de Balthasar: em Susa, côrte da Persia, poderá prometter o poder e auctoridade de Aman, mas não o throno de Assuero; em Memphis, côrte do Egypto, póde prometter o grau e agrado de José, mas não o solio de Pharaó. Porém em Roma póde prometter a esperança sem engano e dar a fortuna sem milagre, o solio, o throno, a cadeira, isto é o mesmo reclinatorio, o qual por isso se chama assim, porque n'elle descança a esperança, não havendo mais a que esperar nem subir. Julgae agora se em outra parte ou côrte do mundo póde ser tão fortemente tentada ou tão fortemente tentadora a esperança, a qual tantas vezes resuscita a morte, quantas n'este grande theatro muda brevemente de scena. As duas maiores tentações com que o demonio tentou o primeiro Adão e o segundo são as mesmas com que póde tentar e tenta a esperança em Roma. Como tentou o demonio a Adão? Promettendo-lhe que seria como Deus: *Eritis sicut dii.* Como tentou o demonio a Christo? Promettendo-lhe que lhe daria todos os reinos do mundo: *Haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.* E as promessas d'estas tentações não falsas, senão verdadeiras, não impias, senão religiosas, são as mesmas com que tenta a esperança em Roma: ser como Deus e o imperio universal sobre todos os reinos do mundo. São tão fortes estas duas tentações que nem ao primeiro Adão nem ao segundo tentou o demonio com ambas junctas, senão divididas: com a primeira caiu Adão do estado da innocencia: com a segunda imaginou o demonio que podia cair a mesma Innocencia. Tentando, pois, a esperança com ambas junctas e não uma, senão muitas vezes; e não a um, senão a qualquer; e não com ambição declarada, senão

com piedade e devoção e com zelo do bem universal, quem poderá escapar da tentação, se pôi a sua esperança em outro, ou em outros, senão só em Deus?

Como se podem repellir estas tentações. *Ps.* 145.

Deixada á parte a esperança que não quer de Deus mais que a Deus, ainda ha tres modos de esperar: esperar em Deus, esperar de Deus e esperar n'aquelles e d'aquelles que não são Deus. Esto ultima esperança é a que apprendem na eschola do mundo os filhos d'este seculo, tanto mais ignorantes, quanto mais sabios n'ella: tantas artes, tantas astucias, tantas politicas, tantas invenções para ganhar as vontades falsas e fracas dos homens; sendo tanto mais facil e certo pôr a esperança em uma só vontade que tudo póde e só não póde faltar ou enganar. Ouvi ao Mestre singular da esperança: *Bonum est sperare in Domino, quam sperare in principibus:* melhor é esperar em Deus, que esperar nos principes. Porque? Nem eu o digo nem vós o direis; porque é lei dos que esperam n'elles, esperar, desesperar e callar. Por isso o disse e declarou o mesmo David: *Nolite confidere in principibus, in filiis hominum, in quibus non est salus.* Ha de se esperar em Deus e não nos principes; não porque são principes, senão porque são homens e filhos de homens: *In filiis hominum.* Esperar no Filho do homem, sim; nos filhos dos homens, de nenhum modo: porque o Filho do homem é Deus, como seu Pae; os filhos dos homens, são homens como os seus; e isto basta para não esperar n'elles nem fiar d'elles.

Roma é um hospital cheio de infermos por demasiado esperar.

Porém não nos passe sem reparo o appendix da mesma razão do propheta: *In filiis hominum, in quibus non est salus.* Não espereis, diz, nos homens; porque não ha n'elles saude. E que tem que ver a saude com a esperança? Eu diria antes: Não espereis nos homens, porque não ha n'elles justiça para o merecimento «nem gratidão» para o beneficio, nem fidelidade para as promessas, nem constancia na amizade, nem respeito ou attenção a outras esperanças que as suas. Mas porque não ha n'elles saude? Sim; e não sabeis que a esperança é infermidade e todos os que esperam infermos? Assim o disse o Espirito Sancto no texto hebraico: por isso poderá ser o não intendam os latinos: *Spes quae differtur, aegritudo cordis.* Que cousa é Roma, senhores cortezãos, senão um hospital commum de todas as nações, cheio de infermos, uns incuraveis, outros mal curados, todos sem quietação, sem socego, sem respiração; sempre queixosos, sempre melancholicos, sempre gemendo, sempre agonizando e não de outra infermidade, que d'aquelle engano habitual que chamais esperança? Esta é aquella piscina universal de Jerusalem onde havia: *Multitudo languentium co-*

pectantium aquae motum. A multidão grande, todos infermos e todos esperando. Quando se moviam as aguas, corriam todos atropellando-se uns aos outros; porém não sarava mais que um; e a saude que levava este, era nova infermidade para os outros. Não é isto o que succede aqui a todos os pretendentes? Passam os dez, os vinte e mais annos; e as queixas e lamentações de todos são como as d'aquelle que havia trinta e oito annos que esperava: *Hominem non habeo*. Todos dizem: Não tenho homem; e porque poem a sua esperança nos homens, *in quibus non est salus*, por isso não acham remedio esperando e desesperados.

Este esperar é para elles um martyrio.

Verdadeiramente eu não admiro tanto a vossa esperança, quanto a vossa paciencia. Aquella piscina se chamava Probatica, porque n'ella se purificavam as victimas que iam ao sacrificio; e esta se podera chamar Probatica, porque n'ella se prova a paciencia. N'este mesmo logar se fizeram em outro tempo as maiores provas de paciencia christã; e quando eu considero a Roma presente, não posso esquecer-me da antiga. Em tempo de Nero e Diocleciano eram muitos os martyres em Roma; hoje são muito mais: aquelles eram os martyres da fé; estes são os martyres da esperança. Vede se são muito mais, porque são todos. Cada casa é uma catacumba, cada ante-camara uma catasta, cada carroça um equuleo, cada cortejo um satellicio, cada palacio um amphitheatro; e porque não quero fallar das feras, cada esperança um martyrio. Só uma differença acho d'aquelle tempo a este. N'aquelle tempo o que incensava, alcançava a vida e honras; vós estais incensando de dia e de noite e a honra se invilece, a vida se consome, o incenso pede-se como divida e paga-se como fumo; e se talvez do idolo adorado se ouve um oraculo, sempre é equivoco e nunca verdadeiro.

Mas não terão saude se não esperarem unicamente os bens do céu.

Senhores meus, infermos por vontade e martyres por força, se para a vossa infermidade não ha saude, nem para o vosso martyrio coroa; se a vossa esperança é cheia de tantos desgostos, de tantos trabalhos, de tantos tormentos, de tantas desesperações; trocae esta esperança infeliz com a esperança felicissima do gosto eterno; e se quereis ver a usura d'esta commutação, considerae a differença de uma esperança á outra. Aqui a esperança é eterna e o gosto nunca chega; lá o gosto é eterno e a esperança não póde durar muito. A esperança aqui sempre é eterna ou porque não tem fim, não alcançando o fim desejado; ou porque o fim de uma esperança quando chega a alcançar-se é principio de outra esperança maior e por isso mais difficil. D'aqui se segue que o gosto do que se esperava nunca chega; porque encadeada uma esperança com outra, o trabalho e tormento da segunda suspende o gosto da primeira. Pelo

contrario na esperança do gosto eterno, o gosto é verdadeiramente eterno, porque ha de durar por toda a eternidade da bemaventurança; e a esperança ainda que dure toda a vida, dura pouco; porém nem esse pouco tarda o gosto á esperança; porque como o bem esperado não depende dos homens, senão de Deus, e é esperança certa e não contigente, o mesmo principio de esperar é já principio de gozar: *Spe gaudentes* diz S. Paulo: a esperança do gosto eterno não é esperança sem gosto, é gosto com esperança junctamente. Quem assim espera não aguarda: espera, porque o gosto ha de ser sem fim na eternidade, e não aguarda, porque já o mesmo gosto tem o seu principio na esperança: *Spes aeterni gaudii*.

Conclusão. O gigante Goliat ferido, e os ouvintes do orador.

VI. Tenho acabado com a ultima pedra e como disse no principio, creio que a cabeça do gigante ficará como de antes. Se culpais a fraqueza do braço e a pouca força e efficacia da funda, eu o confesso; mas não poderei negar, sem fazer aggravo, senhores, ao vosso juizo, que o não haver respondido o successo ao desejo, mais tem sido desattenção vossa, que negligencia minha. A funda atirou á testa do gigante: a que lhe cortou a cabeça foi a sua propria espada: por isso David dedicou a espada ao templo e da funda não fez caso. Queixae-vos dos fios embotados da vossa propria espada, e não da minha funda. Que importam os golpes de fóra, se prevalecem as paixões de dentro? Nota o Texto que o gigante aturdido com o golpe caiu para de ante e com a bocca para a terra: *Cecidit in faciem suam*. Parece que não havia de ser assim, senão ao contrario; porque a força e impulso da pedra na testa, havia de empuxar-lhe a cabeça para traz e com a cabeça o corpo. Porque logo com movimento contrario ao impulso, não caiu de costas e para traz, senão de peitos e para deante? A razão natural foi, porque estava deante o seu inimigo e elle irado: e póde mais a colera e paixão que tinha dentro, que o golpe que recebeu de fóra. Estava o gigante n'aquelle poncto cheio de raiva e de odio contra David, promettendo-lhe fazel-o pedaços e dal-os a comer ás aves e ás feras pelo despreso com que havia saido ao desafio, sem outra arma na mão que um páu, como se saira a um cão; e como tinha deante a causa da sua paixão e a ira, ainda que a força do golpe o empuxasse para traz, póde mais o impeto da propria paixão que o impulso da pedra. Por isso se bem vos lembra vos pedi no principio que me desseis as testas nuas de affectos e paixões. Estas são as que teem resistido e impedido o effeito, e não a fraqueza do impulso.

Recapitulação dos cinco sermões.

Comtudo, como o dia é da esperança, ainda não desespero. David não tirou a pedra da cabeça do gigante; mas deixou-lh'a

dentro do cerebro. Assim faço eu: levae na memoria a pedra do conhecimento proprio e lembrai-vos que sois almas e almas immortaes: levae a pedra da dor do bem perdido, e doe-vos do peccado e de haver peccado: levae a pedra da vergonha do mal commettido, e envergonhae-vos de Deus e dos homens e de vós mesmos: levae a pedra do temor do castigo eterno; e temei mais que todas as penas do inferno o odio e blasphemias contra Deus: levae finalmente a pedra da esperança do céu e vivei como quem espera salvar-se e gozar o Summo Bem eternamente. Se levardes na memoria estes cinco ponctos e particularmente n'estes dias tão sagrados os meditardes com a devida attenção, eu espero da sua virtude e efficacia, que ainda façam o que não teem feito atéagora. Quantas vezes a garça ferida da setta, ainda que não cáia logo e continue o vôo, como leva dentro em si o ferro, emfim se rende e cái? Levae na memoria o que tendes ouvido; dae-lhe uma e outra volta no intendimento e fará a vossa consideração o que não póde a minha funda.

Cómo se deve imitar o tiro de David.

Na narração do caso de David troca a Escriptura os termos e falla com uma mysteriosa impropriedade, propriissima do que vou dizendo: *Tulit unum lapidem et funda jecit* (notae) *et circumducens percussit philisthaeum.* Tomou, diz uma pedra, atirou com ella e revolvendo-a feriu o philistheo. Primeiro diz que atirou com a pedra; e depois accrescenta que a revolveu e que revolvendo-a feriu. As pedras já estão atiradas; se quereis que firam e que derribem o gigante, a vos toca e não a mim o revolvel-as. Dae-lhe uma e outra volta na consideração; e digo uma e outra, porque não basta uma. Porque diz Jeremias que está perdido o mundo? *Quia nullus est qui recogitet corde.* Não basta cuidar para a victoria dos vicios; é necessario cuidar e recuidar; considerar e tornar a considerar: *Recogitet.* Finalmente, para que a vossa consideração e meditação, ajudada da divina graça, tenha maior efficacia, applicae devotamente estas cinco pedras ás outras cinco mais fortes, que n'estas foram representadas. Christo crucificado foi o verdadeiro David, que com o baculo da cruz e com as cinco pedras de suas sanctissimas chagas venceu o mundo, o peccado e o inferno. Applicae e mettei estas cinco pedras n'aquellas cinco fontes de misericordia: tingi-as e banhae-as muitas vezes na torrente d'aquelle preciosissimo e potentissimo sangue: porque banhadas n'aquella torrente e sanctificadas n'aquella torrente e n'aquella torrente purificadas, supprirão abundantissimamente os meus defeitos e sarão: *Limpidissimos lapides de torrente.*

FIM

INDICE

PROLOGO

PRIMEIRA PARTE

SERMÕES DE CIRCUMSTANCIAS POLITICAS

SERMÃO DE SANCTO ANTONIO *

Protegam urbem hanc et salvabo eam propter me et propter David servum meum.
4. Reg. 18.

SERMÃO DA VISITAÇÃO DE NOSSA SENHORA A SANCTA ISABEL **

Et unde hoc mihi.
2. Luc. 1.

SERMÃO PELO BOM SUCCESSO DAS ARMAS DE PORTUGAL CONTRA AS DE HOLLANDA **

Exurge, quare obdormis, Domine? Exurge et ne repellas in finem. Quare faciem tuam avertis, oblivisceris inopiae nostrae et tribulationis nostrae? Exurge, Domine, adjuva nos et redime nos propter nomen tuum.
Ps. 43.

SERMÃO DA VISITAÇÃO DE NOSSA SENHORA.

Procidentes adoraverunt eum et apertis thesauris suis obtulerunt ei munera aurum thus et myrrham,
S. Matth. 2.

SERMÃO DO DIA DE REIS.

Procidentes adoraverunt eum et apertis thesauris suis obtulerunt ei munera aurum thus et myrrham
S. Matth. 2.

SERMÃO DOS BONS ANNOS *

Postquam consummati sunt dies octo ut circumcideretur Puer, vocatum est nomen ejus Jesus: quod vocatum est ab Angelo, priusquam in utero conciperetur.

S. Luc. 2.

PRIMEIRO SERMÃO DE S. JOSÉ ..

Cum esset desponsat Mater Jesu Maria Joseph.

S. Matth. 1.

SEGUNDO SERMÃO DO ESPOSO DA MÃE DE DEUS, S. JOSÉ **

Joseph, fili David, noli timere.
S. Matth. 1.

SERMÃO DE S. ROQUE *

Ut cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei.
S. Luc. 1.

SERMÃO DE SANCTO ANTONIO **

Vos estis sal terrae.
S. Matth. 5.

SERMÃO DE S. ROQUE *

Sint lumbi vestri praecincti et lucernae ardentes in manibus vestris.
S. Luc. 12.

SERMÃO PELO BOM SUCCESSO DE NOSSAS ARMAS CONTRA CASTELLA

Erige brachium tuum sicut ab initio, et allide virtutem eorum virtute tua; cadat virtus eorum in iracundia tua. Non enim in multitudine est virtus tua, Domine, neque in equorum viribus voluntas tua est. Deus coelorum, creator aquarum et Dominus totius creaturae, exaude me miseram deprecantem et de tua misericordia praesumentem. Memento, Domine, testamenti tui.

JUDITH. 9.

SERMÃO DE SANCTA CATHARINA VIRGEM MARTYR **

Ne forte.
S. Matth. 25.

SERMÃO HISTORICO E PANEGYRICO **

Paraclitus autem Spiritus Sanctus quem mittet Pater in nomine meo ille vos docebit omnia.
S. Joan. 14.

SERMÃO GRATULATORIO E PANEGYRICO **

Te Deus laudamus, te Dominum confitemur: te aeternum Patrem omnis terra veneratur.

SERMÃO DE ACÇÃO DE GRAÇAS **

Respexit et vidit.

SERMÃO DE ACÇÃO DE GRAÇAS *

Ecce haereditas Domini, filii, merces fructus ventris.

Ps. 126.

SERMÃO GRATULATORIO A S. FRANCISCO XAVIER **

Quartus frater.
ROM. 16.

SERMÃO DO FELICISSIMO NASCIMENTO DA SERENISSIMA INFANTA THEREZA FRANCISCA JOSEPHA *

Genuit filios et filias
Gen. 5.

SEGUNDA PARTE

ORAÇÕES FUNEBRES

SERMÃO DAS EXEQUIAS DO SERENISSIMO INFANTE DE PORTUGAL DOM DUARTE DE DOLOROSA MEMORIA, MORTO NO CASTELLO DE MILÃO

Frater ejus mortuus est et ipse remansit solus.

GEN. 42.

SERMÃO NAS EXEQUIAS DE D. MARIA DE ATHAIDE, FILHA DOS CONDES DE ATOUGUIA, DAMA DE PALACIO *

Maria optimam partem elegit.
S. Luc. 10.

SERMÃO DAS EXEQUIAS DO CONDE DE UNHÃO D. FERNANDO TELLES DE MENEZES **

Henoch vixit sexaginta quinque annis et genuit Mathusalam; et ambulavit Henoch cum Deo et genuit filios et filias: ambulavitque cum Deo et non apparuit, quia tulit eum Deus.

SERMÃO DAS EXEQUIAS DO PRINCIPE D. THEODOSIO

Dominus, dedit, Dominus abstulit, sicut Domino placuit ita factum est: sit nomen Domini benedictum.

Job. 1.

SERMÃO DAS EXEQUIAS DE EL-REI D. JOÃO IV **

In veni David servum meum: oleo sancto meo unxi eum: manus enim mea auxiliabitur ei, et brachium meum confortabit eum.
Ps. 88.

SERMÃO DAS EXEQUIAS DA RAINHA D. MARIA FRANCISCA ISABEL DE SABOIA

Mortua est ibi Maria et sepulta in eodem loco. Cumque indigeret aqua populus, cumque elevasset Moysés manum, percutiens virga bis silicem, egressae sunt aquae largissimae.
Num. 20.

APPENDICE PRIMEIRO

SERMÕES DE VARIO ARGUMENTO

SERMÃO DA TERCEIRA DOMINGA POST EPIPHANIAM *

Si vis potes.
S. Matth. 8.

SERMÃO DE S. JOÃO BAPTISTA

Elisabeth impletum est tempus pariendi et peperit filium. Et audierunt vicini et cognati ejus quia magnificavit Dominus misericordiam suam cum illa et congratulabantur ei. Et venerunt circumcidere puerum et vocabant eum nomine patris sui Zachariam. Et respondens mater ejus dixit: Nequaquam, sed vocabitur Joannes.
S. Luc. 1.

SERMÃO NA DEGOLAÇÃO DE S. JOÃO BAPTISTA **

Misit Herodes ac tenuit Joannem et vinxit eum in carcere propter Herodiadem uxorem Philippi fratris sui, quia duxerat; eam et decollavit eum in carcere.
S MARC. 5:

SERMÃO DO MANDATO ***

Et vos debetis alter alterius lavare pedes.
S. JOAN. 13.

SERMÃO DE SANCTO ANTONIO ·

Vos estis sal terrae.

S. Matth. 5.

APPENDICE SEGUNDO

AS CINCO PEDRAS DA FUNDA DE DAVID

DISCURSO PRIMEIRO **

Elegit quinque limpidissimos lapides de torrente; et percussit philisthaeum; et infixus est lapis in fronte ejus.

1. Reg. 17.

DISCURSO SEGUNDO

Elegit quinque limpidissimos lapides de torrente.

S. Reg. 17.

DISCURSO TERCEIRO

Elegit quinque limpidissimos lapides de torrente.

1. Reg. 17.

DISCURSO QUARTO **

Elegit quinque limpidissimos lapides de torrente.

1. Reg. 17.

DISCURSO QUINTO ..

Elegit quinque limpidissimos lapides de torrente.

1. Reg. 17.